



II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

V. 2, 2018

ISSN: 2525-5630



UNIVERSIDADE
FEEVALE



II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo – ASPEUR

Universidade Feevale

**II CIDI - Congresso Internacional de Diálogos
Interdisciplinares: desafios para o
desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos
nas sociedades contemporâneas**

v. 2, 2018



Novo Hamburgo | Rio Grande do Sul | Brasil

2018





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA ASPEUR

Roberto Cardoso

REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE

Prof. Dr. Cleber Cristiano Prodanov

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Profa. Me. Angelita Renck Gerhardt

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Dr. João Alcione Sganderla Figueiredo

EDITORA FEEVALE

Adriana Christ Kuczynski (Design editorial)

Mauricio Barth (Coordenação)

Tiago de Souza Bergenthal (Revisão textual)

A REVISÃO TEXTUAL, FORMATAÇÃO E ADEQUAÇÃO ÀS NORMAS ABNT SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES E ORIENTADORES.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Universidade Feevale, RS, Brasil

Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348

Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares (2. : 2018 : Novo Hamburgo, RS)

[Anais do] II Congresso Internacional de Diálogos Interdisciplinares [recurso eletrônico] : desafios para o desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos nas sociedades contemporâneas / [coordenação Gustavo Roese Sanfelice] ; [comissão organizadora Débora Nice Ferrari Barbosa] ... [et al]. – Novo Hamburgo : Editora Feevale, 2018.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de Acesso: <http://www.feevale.br/cidi>

ISSN 2525-5630

I. Extensões universitárias - Congressos e convenções. 2. Ações comunitárias - Ensino superior. I. Sanfelice, Gustavo Roese. II. Araujo, Denise Castilhos de.
II. Título.

CDU 378:001.2(061.3)(100)

Universidade Feevale

Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 – CEP 93510-235 – B. Hamburgo Velho – Novo Hamburgo/RS

Câmpus II: ERS 239, 2755 – CEP 93352-000 – B. Vila Nova – Novo Hamburgo/RS

Fone: (51) 3586.8800 – Homepage: www.feevale.br

© **Editora Feevale** – Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem como ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da Universidade Feevale. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONSELHO

COORDENAÇÃO

Gustavo Roesse Sanfelice

COMISSÃO ORGANIZADORA

Marta Rosecler Bez

Maria Cristina Bohnenberger

Patricia Brandalise Scherer Bassani

Norberto Kuhn Junior

Rosi Ana Grégis

Roswithia Weber

Claudia Schemes

Sandra Portella Montardo

COMISSÃO CIENTÍFICA

Débora Nice Ferrari Barbosa – Coordenadora Científica

Alexandre Fortes

Marta Kohl de Oliveira

Paul Dixon

Joaquin Marin Montin

Francisco Manuel de Jesus Pinheiro

María Rosa Carbonari

Rudimar Baldissera

Juremir Machado da Silva

Dusan Schreiber

Ernani Cesar de Freitas

Jacinta Sidegum Renner

Juracy Ignez Assmann Saraiva

Rosemari Lorenz Martins

Mara Cristina de Matos Rodrigues

Leandro Valiati

Luis Miguel Moital Rodrigues

Jaqueline Pinheiro

Raimundo Lopez Diniz

Julio Batle

Nestor Dario Duque

Demétrio Ovalle Carranza

Julian Moreno Cadavid

Franco Simini





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

APRESENTAÇÃO

O propósito central do congresso é promover um espaço de diálogo e reflexão acerca dos desafios para o desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos nas sociedades contemporâneas, caracterizadas pela diversidade cultural de seus processos e manifestações. Ancorada na tradição multi e interdisciplinar da Pesquisa e da Pós-graduação na Universidade Feevale, reflete-se como oportunidade qualificada e fecunda para o diagnóstico e, principalmente, à busca por respostas às problemáticas contemporâneas no entorno da cultura, sua diversidade e suas manifestações.





SUMÁRIO

ENTRECRUZAMENTOS ENTRE IDENTIDADE, TERRITÓRIO E MEMÓRIA NA OBRA <i>O VENDEDOR DE PASSADOS</i> DE EDUARDO AGUALUSA.....	14
A ODISSEIA DA IMAGEM: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS SOBRE MÉTODOS DE ANÁLISE APLICADOS À PUBLICIDADE	22
HOMOSSEXUALIDADE E DIREITO MILITAR: UMA ABORDAGEM A PARTIR DOS ATOS DISCRICIONÁRIOS PRATICADOS CONTRA HOMOSSEXUAIS NO EXÉRCITO BRASILEIRO	29
IDENTIDADE E RELAÇÕES DE CONSUMO NO COTIDIANO DAS JUVENTUDES	38
PUBLICIDADE E CULTURA: ANÁLISE DA IDENTIDADE DO GAÚCHO NO TEXTO PUBLICITÁRIO DA POLAR PARA A COPA DE 2014	46
DOSES DE ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIÊNCIA DE PARTILHA COM MÚLTIPLOS DE ARTE.....	56
A INCLUSÃO SOCIAL DOS CATADORES: PODE UMA ATIVIDADE OCUPACIONAL SOCIAL E CULTURALMENTE EXCLUDENTE GERAR INCLUSÃO SOCIAL?	61
PET-SAÚDE REDES DE ATENÇÃO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO CONTEXTO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA: REFLEXÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA E FUNCIONALIDADE.....	70
A INOVAÇÃO NA UNIVERSIDADE CORPORATIVA BANRISUL.....	76
MONETIZAÇÃO NO CROWDSOURCING: A PLATAFORMA DIGITAL HITRECORD.....	83
AS POESIAS DAS PAISAGENS CULTURAIS DE OSÓRIO (RS): O PATRIMÔNIO CULTURAL DA COMUNIDADE ATRAVÉS DOS DISCURSOS DE ESTUDANTES	92
O LUGAR DO APRENDER NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA.....	100
A IMPORTÂNCIA DA INTERFERÊNCIA DOS PAIS NA AUTONOMIA DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA	106
O MULTILETRAMENTO COM TEXTOS DIGITAIS MULTIMODAIS DE FORMA COLABORATIVA ENTRE OS ALUNOS	115
INTERATIVIDADE NO JORNALISMO: A VOZ DO INTERAGENTE.....	122
A CRIAÇÃO DE VALOR COMPARTILHADO (CVC): UMA FORMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DO TRABALHO?	132
VIOLÊNCIA DE GÊNERO E EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DE UMA EQUIPE DIRETIVA.....	141
TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA INCLUSÃO SOCIAL E DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA.....	150





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DIÁSPORA	158
A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL: A INCLUSÃO EXCLUDENTE DA INTERNET AOS SEGURADOS PREVIDENCIÁRIOS	166
INCENTIVO À LEITURA DA PESSOA SURDA ATRAVÉS DO TURISMO CULTURAL-LITERÁRIO	176
DOR CRÔNICA E IDOSOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	184
“PROFESSORA, EU POSSO TOCAR ESSA MÚSICA PARA VOCÊ!”: DISSEMINANDO DIFERENÇAS.....	195
PLANEJAMENTO PARA AVALIAÇÃO DE UM JOGO DIGITAL EM DISPOSITIVOS MÓVEIS VOLTADO À ESTIMULAÇÃO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS	204
IMPLICAÇÕES DO <i>BULLYING</i> EM ESCOLARES.....	216
ESCRITA E AUTORIA EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: UMA REFLEXÃO ACERCA DA REDE SOCIAL FACEBOOK	224
CORPO DISSENSO: ESTRATÉGIAS DE CURADORIA DO COMUM NO SÉCULO XXI.....	234
INCLUSÃO SOCIAL E QUALIDADE DE VIDA DA CRIANÇA CADEIRANTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOB A PERSPECTIVA DA MODA.....	240
ENSINO JURÍDICO NO BRASIL SOB A PERSPECTIVA DA CULTURA.....	251
CUECAS: O PORTA JOIA DA MASCULINIDADE.....	258
POLÍTICA E MASCULINIDADE NAS REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS DA PERSONAGEM CAPITÃO AMÉRICA.....	268
IRACEMA DA BEIJA-FLOR: A ÍNDIA DE JOSÉ DE ALENCAR NO SAMBA	275
LITERATURA DE CORDEL: O ELO PARA O TRABALHO INTERDISCIPLINAR	282
CAPACIDADE ABSORTIVA E APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL NO PROCESSO CRIATIVO.....	290
#SOUDONNADEMIM E A DIVERSIDADE EM PAUTA: UMA ANÁLISE DA CAMPANHA DE REPOSICIONAMENTO EDITORIAL DA REVISTA DONNA	299
GRAFIA DO OLHAR: FOTOGRAFIA COMO VEÍCULO DE SENSIBILIDADES	309
RELAÇÃO ENTRE POPULAÇÃO BRASILEIRA COM DEFICIÊNCIA E CENTROS ESPECIALIZADOS EM REABILITAÇÃO POR REGIÃO BRASILEIRA	317
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLA DA REDE PRIVADA DE DOIS IRMÃOS/RS	327





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PELOS CAMINHOS DA PESQUISA: ANÁLISE NOS ANAIS DO II CONGRESSO BRASILEIRO DE GERONTECNOLOGIA.....	336
O ENSINO SUPERIOR NA ERA DA PLATAFORMA.....	345
ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIA ORAL: A MANUTENÇÃO DA PRÁTICA DA COBERTA D'ALMA NA CIDADE DE OSÓRIO/RS.....	353
"GENTILEZA": UM OLHAR A PARTIR DOS CONSTRUTOS DE REPRESENTAÇÃO, SENTIDO E LINGUAGEM, NA LETRA MUSICAL DE MARISA MONTE.....	364
<i>COM AMOR, ALEJANDRO</i> : COMO UMA PERDA TRANSFORMOU UM PROCESSO CRIATIVO.....	371
VIVÊNCIAS CULTURAIS NA ITÁLIA: ESTUDO SOBRE EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DE BRASILEIROS NA ITÁLIA E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA CIDADANIA ITALIANA.....	378
A EDUCAÇÃO NO JORNAL DA GLOBO: UM OLHAR COMPLEXO.....	387
A IMPORTÂNCIA DO DIREITO À MEMÓRIA NO BRASIL: PERSPECTIVAS PARA UMA MEMÓRIA POLÍTICA INCLUSIVA.....	396
RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA ARTE.....	407
REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E IDENTITÁRIAS BRASILEIRAS NO MAXIXE "AS LARANJAS DA SABINA".....	413
OS RETORNADOS, UM FENÔMENO MARCANTE NA HISTÓRIA DE PORTUGAL.....	422
<i>CITIZEN SCIENCE</i> : TECNOLOGIAS DIGITAIS E ENGAJAMENTO POPULAR CONTRIBUINDO COM A CULTURA INVESTIGATIVA E A CIÊNCIA AMBIENTAL.....	429
ENTRE O ERUDITO E O POPULAR: UMA ANÁLISE DA <i>SERESTA Nº 5 – MODINHA</i> , DE VILLA-LOBOS.....	437
PERFIL NUTRICIONAL DE ESCOLARES PARTICIPANTES DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO.....	445
A LINGUAGEM CERTA PARA O PÚBLICO CERTO: O JORNALISMO INFANTIL NA REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS (CHC).....	454
<i>AS IMAGENS DO ROCK</i> : O MOVIMENTO CONTRACULTURAL BRASILEIRO E AS CAPAS DE DISCOS DA DÉCADA DE 1970.....	464
O SUPORTE AO DESENGAJAMENTO DE CARREIRA DE ATLETAS: UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO.....	471
MULHERES EMPREENDEDORAS E IMAGENS DE SI EM CONTEXTOS SOCIOPROFISSIONAIS.....	478
REFLEXÕES SOBRE A ETNOGRAFIA DE NARRATIVAS NO CONTEXTO URBANO.....	485





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

AUDIOVISUALIDADES E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS NA FRONTEIRA SÃO BORJA-BRASIL / SANTO TOMÉ-ARGENTINA.....	494
COMUNICAÇÃO PÚBLICA E MÍDIAS SOCIAIS: ANÁLISE DO PERFIL INSTITUCIONAL DA UNIPAMPA NO FACEBOOK	501
IMPORTÂNCIA DA LEITURA E SUA FINALIDADE	509
TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS NO TRATAMENTO BRASILEIRO DA LOUCURA: UMA REVISÃO DA LITERATURA	517
O PROCESSO INTERDISCIPLINAR NO DESENVOLVIMENTO DE UM APLICATIVO ESTATÍSTICO PARA VOLEIBOL	526
UM SUJEITO HISTÓRICO DURANTE O ESTADO NOVO EM SÃO LEOPOLDO/RS	534
ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DO PROGRAMA <i>LAST WEEK TONIGHT WITH JOHN OLIVER</i>	542
COMUNICAÇÃO, EMOÇÕES E O INCONSCIENTE: UM ESTUDO EM INTERFACES	551
COMUNICAÇÃO PARA A INDÚSTRIA CRIATIVA: AS MULTIPLATAFORMAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PAMPA PARA A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA.....	559
A RELAÇÃO ENTRE A QUALIDADE DE VIDA DOS JOVENS BRASILEIROS E A SUA SITUAÇÃO NA SOCIEDADE	569
A SOCIOLOGIA AMBIENTAL E SEU ESPAÇO POLÍTICO E EPISTEMOLÓGICO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTIDISCIPLINARES EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS.....	578
QUALIDADE DE VIDA DE ESCOLARES EM VULNERABILIDADE SOCIAL PARTICIPANTES DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO	587
MULTIMODALIDADE EM INFOGRÁFICOS NO PINTEREST	598
SÃO BORJA CONECTADA: UMA WEBSÉRIE SOBRE O AMBIENTE URBANO	607
APRENDIZAGEM PROFISSIONAL NO CENÁRIO BRASILEIRO ATUAL.....	616
ANÁLISE TEXTUAL DA MÚSICA QUEIXA	628
A CRÔNICA MACHADIANA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO MUNDO.....	639
EXERCÍCIO FÍSICO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: PERCEPÇÕES DE IDOSOS DE UMA CIDADE DO VALE DOS SINOS, RS.....	648
A EXPERIÊNCIA DENTRO DA EXPERIÊNCIA	657





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

QUALIDADE DE VIDA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: REVISÃO INTEGRATIVA	666
A ARTE COMO REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA CULTURA OCIDENTAL.....	674
MERGULHANDO EM <i>WESTEROS</i> : O ALCANCE CULTURAL DE "AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO"	685
O CIBERESPAÇO: QUESTÕES DE LEITURA EM UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA	692
DA SALA DE AULA AO BAR: TRAJETOS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS	702
A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA E OS BENEFÍCIOS DO FAZER MUSICAL COLETIVO	711
NAVEGANDO NA INDETERMINAÇÃO, O CORPO EM FLUXO NA PUBLICIDADE NO YOUTUBE.....	718
LOGÍSTICA REVERSA E A ÉTICA NA GESTÃO SUSTENTÁVEL FRENTE AO HUMANO E À SANIDADE AMBIENTAL	726
TEORIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DE RONALD INGLEHART :UMA ANÁLISE COMPARATIVA COM A TEORIA DE MASLOW	736
INTEGRAÇÃO CULTURAL DOS REFUGIADOS REASSENTADOS NOS MUNICÍPIOS PARCEIROS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	745
TABULEIRO DA GEOGRAFIA: PROTÓTIPO DE JOGO PARA CRIANÇAS DEFICIENTES VISUAIS.....	752
CONCEITOS DA EDUCAÇÃO POPULAR FREIRIANA NA SAÚDE COLETIVA E AS RELAÇÕES COM A SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA.....	760
"EU FUI NA ITÁLIA, FRANÇA, ALEMANHA" - RELATOS DA ASCENSÃO DE UM NEGRO NA INDÚSTRIA DO CALÇADO	768
SMARTPHONES, CULTURAS JUVENIS E AS PRINCIPAIS BARREIRAS À INCLUSÃO DIGITAL	775
JUVENTUDES, POLÍTICAS PÚBLICAS DE TRABALHO E EDUCAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA: MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS.....	785
O ESTILO DE VIDA REPRESENTADO NO <i>SITE</i> DE REDE SOCIAL <i>INSTAGRAM</i>	797
O ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA ESTADUAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE/RS.....	805
LESÕES POR PRESSÃO EM PESSOA IDOSA: UMA VISÃO INTERDISCIPLINAR DA PREVENÇÃO E CUIDADO.....	810
O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA: UMA EXPERIÊNCIA DIALÓGICA.....	819





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE SEXUAL: PERSPECTIVAS E ENTENDIMENTOS DE RESPONSÁVEIS DE ALUNOS/AS DE UMA ESCOLA DE NOVO HAMBURGO, RS	826
INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA NO IDOSO ACIMA DE 80 ANOS	834
IDENTIDADE NERD E CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS.....	842
A INTERDISCIPLINARIDADE NA EQUOTERAPIA.....	850
TRANSFORMAÇÕES CONFSSIONAIS EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS.....	858
O PERFIL VOCACIONAL DE ALUNOS CONCLUINTEs DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS	868
UM OLHAR SOBRE OS CONTRIBUTOS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO.....	875
INTERLOCUÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E MOTRICIDADE: PESQUISA-AÇÃO EM SUJEITO COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO	885
DIREITO A OUTROS TEMPOS, A OUTROS ESPAÇOS E O CAMINHO A SER PERCORRIDO	896
MIDIATIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO ACERCA DA INFLUÊNCIA DO FACEBOOK NO COTIDIANO DOS INDIVÍDUOS PÓS-MODERNOS.....	902
PERCEPÇÃO DO IDOSO ATENDIDO NO PROGRAMA MELHOR EM CASA	909
A FOTOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE CONTEXTUALIZAÇÃO NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	917
A MIDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO: UM ESTUDO DAS MÍDIAS ONLINE DA IGREJA ONDA DURA DE JOINVILLE/SC	924
TRABALHO E INCLUSÃO SOCIAL: O CASO DOS USUÁRIOS DE CADEIRA DE RODAS.....	932
ADOLESCÊNCIA, ESCOLARIZAÇÃO E TRABALHO PRECOCE: UM ESTUDO DE CASO	941
PARMA CIDADE CRIATIVA DA REDE MUNDIAL UNESCO	949
TRABALHO NAS REDES: O QUE O TWITTER REVELA?.....	960
LEGO SERIOUS PLAY: UMA METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO	969
A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DA CULTURA DO CONSUMO PARA INOVAR.....	979
FEIRAS E BAZARES COLABORATIVOS NO CONTEXTO DAS CIDADES CRIATIVAS	986
MOCHILAS ESCOLARES: UM MODO DE CONSTITUIR AS IDENTIDADES DE GÊNERO.....	993





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

OS EFEITOS DA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA E AS IDENTIFICAÇÕES DOS SUJEITOS COM O TEMA DA VIOLÊNCIA INFANTIL.....	999
LIMITES E POSSIBILIDADES: PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNO COM NECESSIDADES ESPECIAIS NA EDUCAÇÃO REGULAR.....	1006
VELHA GUARDA: UM OLHAR FOTOETNOGRÁFICO.....	1013
INCLUSÃO SOCIAL UMA INTEGRAÇÃO POSSIVEL ATRAVÉS DO DESENVOLVIMENTO DO APLICATIVO <i>HIPERCROSS</i>	1020
TEMPO E ESPAÇO: ELEMENTOS DETERMINANTES DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA.....	1030
LITERATURA DIGITAL: O TEXTO NA ERA DIGITAL.....	1040
GESTÃO ESCOLAR E INCLUSÃO: POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL MAIS JUSTA.....	1048
AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS SOB O EFEITO DO <i>PATHOS</i> NO DISCURSO POLÍTICO.....	1055
A CONTRIBUIÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO NA INCLUSÃO SOCIAL DOS MORADORES DE ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL.....	1062
AS AMIGAS DE MINHA MÃE: UMA RELAÇÃO ENTRE O OBJETO DE PESQUISA, ARTISTAS BRASILEIRAS E MULHERES DA FICÇÃO.....	1069
EDUCAÇÃO ALÉM DAS FORMALIDADES: DIVERSIDADE DE GÊNERO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	1077
ELEMENTOS DO CINEMA NO YOUTUBE: A CULTURA DA CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS NO CANAL DE DANIELLE NOCE.....	1084
EDUCAÇÃO LITERÁRIA: PROPOSTAS DE LEITURA DE <i>DOM CASMURRO</i>	1091
PCD E PROCEDIMENTO MÉDICO: UM ESTUDO DE CASO.....	1100
AS MANIFESTAÇÕES DA QUESTÃO SOCIAL NO ACESSO A MORADIA NA CIDADE DE PELOTAS.....	1107
DIÁLOGO ENTRE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA:O PASSADO PRÉ-COLONIAL DE BROCHIER/RS.....	1116
AMORES TÔXICOS: O SUICÍDIO DE MULHERES COMO CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	1128
A TRADUÇÃO COMO ATO DE AUTORIA.....	1137
LEITURA: COMPETÊNCIA DE QUEM?.....	1147
MULTIMODALIDADE APLICADA À LEITURA E COMPREENSÃO TEXTUAL EM LÍNGUA INGLESA.....	1156





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE.....	1166
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES COMO ESTRATÉGIA PARA O SUCESSO ESCOLAR: AS EXPERIÊNCIAS DE SUCESSO DE NOVA PETRÓPOLIS E PICADA CAFÉ.....	1174
CHAPEUZINHO AMARELO: ALFABETIZAR LETRANDO COM CURRÍCULO ADAPTADO.....	1182
O JOGO EM SALA DE AULA: INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM.....	1189
LITERATURA DE CORDEL: ESTRUTURA E CAPAS EM HARMONIA.....	1197





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ENTRECRUZAMENTOS ENTRE IDENTIDADE,

TERRITÓRIO E MEMÓRIA NA OBRA

O VENDEDOR DE PASSADOS DE EDUARDO AGUALUSA

INTERSECTIONS BETWEEN IDENTITY, TERRITORIALITY, AND MEMORY IN

EDUARDO AGUALUSA'S *O VENDEDOR DE PASSADOS*

Adriane Ester Hoffmann (UPF)¹

Rita de Cássia Fumagalli (UPF)²

Resumo: Analisam-se, neste trabalho, as relações entre identidade, territorialidade e memória em *O Vendedor de Passados* (2004) de José Eduardo Agualusa, uma narrativa que une a história do protagonista Félix Ventura, um negro albino, mercador de memórias, e do narrador Eulálio, uma osga em sua terceira encarnação. Questões identitárias são estudadas com base na distinção entre identidade x, y, e z, proposta por Castells (2002), e nas reflexões acerca dos vínculos sociais da memória de Hall (2003). Enfatiza-se, ainda, acerca da memória, a construção, no presente, a partir de vivências/experiências ocorridas no passado, e como essa rememoração influencia a vida dos personagens. Por fim, estuda-se o papel desempenhado pelo território no romance, entendido não apenas como meio físico, mas como resultado das relações sociais. A metodologia a ser utilizada é a pesquisa bibliográfica, e o método de análise é o reflexivo. As reflexões sinalizam que é pela memória que se pode acompanhar a constante procura de Félix Ventura pela construção de sua identidade nacional e cultural.

Palavras-chave: Identidade. Memória. Territorialidade. *O Vendedor de Passados*.

Abstract: It is analyzed, in this paper, the relations between identity, territoriality and memory in José Eduardo Agualusa's *O Vendedor de Passados* (2004). It is a narrative that links the history of Félix Ventura, an albino black person and memories salesman, to Eulálio's, the narrator, and an osga in its third embodiment. Identity issues are studied based on the difference between x, y, and z identity types proposed by Castells (2002), and Hall's (2003) thinking about memory while social links. It is emphasized, also, the memory's construction nowadays while living/experienced facts that happened in the past, and how its remembering influences the characters' lives. Finally, it is studied the role played by the territory in the novel, which is not only physical, but also a result of social relations. The methodology that is going to be used in this research is the bibliographic and the analysis method is the reflexive. The results point that is through memory that it is possible to follow Félix Ventura's constant pursuit of national and cultural identity.

Keywords: Identity. Memory. Territoriality. *O Vendedor de Passados*.

¹ Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS); Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Professora titular da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW). E-mail: adriane@uri.edu.br.

² Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW); Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista Institucional. E-mail: ritacassiafumagalli@gmail.com.





CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A narrativa da obra *O Vendedor de Passados*, de José Eduardo Agualusa, escrito em 2004, gira em torno de Félix Ventura, negro, albino e filho adotivo de um alfarrabista, a saber: que ou aquele que compra e vende alfarrábios e livros usados; ou, que ou quem coleciona, lê ou consulta alfarrábios com frequência. É ele o vendedor de passados, um prestador de serviços memorialísticos. O trabalho do protagonista consiste em criar um passado digno e importante para aqueles que possuem um futuro em meio a tanta pobreza, faltando-lhes apenas uma boa árvore genealógica, ou uma memória criada capaz de impressionar. A ocupação incide não só em criar lembranças, mas prová-las e comprová-las com fatos e fotos, documentos, e tudo o mais que for preciso para assegurar que aquele novo passado seja, de fato, o verdadeiro.

Diante das questões apresentadas, este trabalho se justifica pela importância que a narrativa de Agualusa possui em relação à representatividade de uma identidade nacional angolana, como também às questões relacionadas à memória política e social de Angola, que perpassam todo romance.

A delimitação do trabalho consiste em estudar os conceitos de identidade, território e memória. A partir da explanação dessas noções, o objetivo do estudo volta-se para a análise da influência do território e da memória na tomada de decisões do protagonista na narrativa, influências que o tornam apto a construir passados para outras pessoas que, conseqüentemente, passam a experienciar um novo futuro, baseando-se apenas em memórias herdadas e adquiridas, não necessariamente vividas.

Para fundamentar as questões identitárias, os pressupostos teóricos de Castells (2002) e Hall (2003) serão mobilizados, com base na distinção entre identidade x, y, e z e nas reflexões acerca dos vínculos sociais da memória.

Em um primeiro momento, apresenta-se uma revisão teórica sobre os conceitos de identidade cultural, identidade territorial e memória. Posteriormente, inicia-se a análise da narrativa de Agualusa, evidenciando os vínculos sociais da formação da identidade que aparecem de maneira mais significativa na obra. A seguir, analisa-se a memória, enfatizando sua construção, a partir de vivências e experiências ocorridas no passado. Na última parte, estuda-se o território, uma vertente da sociedade, expressa não apenas no meio físico, mas como resultado das relações travadas entre os seres humanos. Por fim, as considerações finais ilustram os resultados alcançados.





IDENTIDADE CULTURAL, IDENTIDADE TERRITORIAL E MEMÓRIA

A identidade cultural caracteriza as pessoas pelo modo de agir, de falar, a partir dos modos específicos de sua cultura. É um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou seja, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado.

Por isso, Castells (2002) enfatiza o fato de que toda identidade é socialmente construída. Essa construção social sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder. O autor propõe ainda, uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: 1) a identidade legitimadora: introduzida pelas instituições da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; 2) a Identidade de resistência (tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade), criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação; e 3) a Identidade de projeto, que é a nova identidade a ser conquistada. Nas palavras do teórico: “cada tipo de processo de construção de identidade leva a um resultado distinto no que tange à constituição da sociedade”. (CASTELLS, 2002, p. 24).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Hall (2003) argumenta que existem “coisas” que agora estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. Sobre isso, Castells (2002) corrobora que os processos fundamentais para a construção da identidade coletiva centram-se no nacionalismo, identidade étnica, e/ou identidade territorial; apresentam linhas de questionamento resultantes de processos contemporâneos de (re)construção da identidade com base na resistência comunal.

Também, há a identidade territorial, que é extremamente relevante na obra em análise, o que permite, desde já, um primeiro cruzamento entre identidade e territorialidade. Raffestin (1993) considera que o espaço de uma comunidade não representa apenas local de sua morada, mas também referência de sua identidade. O território é uma vertente da sociedade, expressa não apenas no meio físico, mas como resultado das relações travadas entre os seres humanos.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Diante disso, uma das mais importantes características da identidade territorial, e que também se constitui como uma característica geral de conceito de identidade, é que ela se vincula necessariamente a uma dimensão histórica, o que pode ser entendido como imaginário social. Assim, o espaço, que é referência para a construção da identidade, passa a ser concebido como “condensamento” da memória coletiva. De acordo com Memmi (1997 *apud* HAESBAERT, 1999), a construção do imaginário de identidade envolve, portanto, uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade.

ENTRECRUZAMENTOS ENTRE IDENTIDADE, TERRITÓRIO E MEMÓRIA NA OBRA *O VENDEDOR DE PASSADOS* DE EDUARDO AGUALUSA

No romance *O Vendedor de Passados*, percebe-se que o personagem central, em um enredo que mistura "antigamentos" fictícios com realidades não menos verossímeis, faz com que o leitor acompanhe o drama de uma osga que convive dramaticamente com as lembranças da sua encarnação humana, a insistência de um homem em perseguir e validar o passado comprado, e a agitação constante, mas sutil de uma Luanda habitada por valas de lixo, por loucos e por elites que o são por engano.

Numa das biografias forjadas, Félix se destaca ao criar para um de seus clientes um livro de memórias de um Ministro (A vida verdadeira de um combatente), que credita a este cliente, homem público, um conjunto de fatos notáveis para confirmar o personagem idealizado e contextualizado com as suas pretensões futuras. Nota-se nesse caso os vínculos sociais da memória, salientando-se as ligações entre a memória individual e a social criando a identidade do sujeito.

Memória

A memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado. Não há memória desvinculada do espaço. Halbwachs (2004) comenta que a memória tem caráter primordial para elevação de uma nação ou de um grupo étnico, pois aporta elementos para sua transformação.

Os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva são, em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer: há pessoas que não pertenceram





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

necessariamente ao espaço-tempo da pessoa, como por exemplo, antepassados, que fazem parte de sua história pessoal, muito embora jamais os tenha encontrado. A memória é, pois, em parte, herdada, não se referindo apenas à vida física da pessoa.

A memória herdada e criada do texto vem através de uma osga, espécie de lagartixa, que vai contar histórias para um negro albino, Félix Ventura, e este fabrica histórias de vida para seus clientes, ou seja, cria uma genealogia de luxo para quem o contrata. Dois seres, um albino e uma osga (lagartixa), vivem à sombra e compartilham vivências, sonhos e criações. A osga busca na sua pretérita vida humana, vestígios de outra reencarnação, a fim de compreender suas emoções e reconhecer os vestígios literários e a sua aguçada percepção.

A Osga tem um nome. É chamada de Eulálio por Félix, o homem que vende os passados. E ela quem vai narrando a história. O albino, Félix Ventura, busca a realização de um presente para si alicerçado nos alfarrábios que lhe serviram de berço. Sua mãe, de Eulálio, aparece em seus sonhos (memórias da vida humana), fala sobre a realidade e o sonho e aconselha: Nos livros está tudo o que existe, muitas vezes em cores mais autênticas, e sem a dor verídica de tudo que realmente existe. Entre a vida e os livros, meu filho, escolha os livros.

Entre uma venda de passado e suas implicações, são apresentados os problemas de uma osga (fugir de lacraus, e refrescar-se do calor) e seus sonhos. E temos ainda que contornar o problema de um narrador animal que age como um ser humano sem uma nítida compreensão animal do mundo. A lucidez da osga é admirável: “A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável. Está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre”.

Territorialidade

Ao se falar sobre territorialidade, é necessário distinguir entre dois conceitos intimamente relacionados, espaço e território. O espaço é, conforme Santos (2006, p. 51): “conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas a como quadro único no qual a história se dá”. Assim, espaço vem a existir pela ação do homem sobre o lugar. Já o território, “é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, incluindo-se tanto o poder mais material das relações econômico-políticas, como a mais simbólica das relações de ordem cultural”. (HAESBAERT, 2009, p. 68). O espaço primeiro se faz necessário para demarcar a existência do território; este último, por sua vez, é a condição para que o espaço se humanize.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Com referência à territorialidade, o romance traz a história de Angola, sua herança de Portugal e as relações existentes entre todos os países ligados por esse idioma comum, a língua portuguesa. Na história de *O Vendedor de Passados*, um albino morador de Luanda, capital de Angola, elabora árvores genealógicas em troca de pagamento. Uma atividade um tanto quanto estranha exercida por um esquisito personagem principal - o vendedor de passados falsos, chamado Félix Ventura e uma lagartixa (osga) que, na verdade comanda toda a narrativa. Os prováveis clientes são empresários, políticos e generais da emergente burguesia angolana que têm um presente e um futuro próspero, mas falta-lhes um passado que não seja comprometedor. E arquitetar esse passado é uma empreitada no qual, o personagem principal Felix se encarrega.

A relação da osga (Eulálio) com a sua casa é visceral. A osga percebe sua respiração, penetra-a em busca do útero "O corredor é um túnel fundo, úmido e escuro, que permite o acesso ao quarto de dormir..." A casa é o seu universo possível e seguro, distante dos campos minados de Angola, onde são revelados os segredos e fantasias que criam o presente para os que buscam novos passados. Também é o ambiente protegido para o resgate da vida de Eulálio, um ser comum que viveu quase um século na pele de homem sem se sentir inteiramente humano e que agora se lamenta desses quinze anos com a alma presa ao corpo de lagartixa.

Felix está muito bem nessa empreitada, leva uma vida razoavelmente confortável até que uma noite essa rotina é rompida com a chegada de um estrangeiro, fotógrafo de guerra, que quer um passado completamente novo. De preferência que seja uma identidade angolana. Com o nome recente, José Buchmann, e uma fajuta e fabulosa árvore genealógica, passa a buscar os personagens a fim de confirmar sua existência fictícia.

José Buchmann procura o seu passado e, à medida que vai sendo criado por Félix Ventura, o encontro com algumas situações surpreendem com a possibilidade da coincidência com o absurdo. A busca de sua suposta mãe, a aquarelista norte-americana Eva Mullher, a narrativa do corredor cheio de espelhos e de sua povoada solidão no apartamento em Nova Iorque, a aquarela encontrada e o anúncio de sua morte na Cidade do Cabo, tudo vai colorindo e recheando essa nova identidade formada com base em um novo território e em novas memórias.

Evidencia-se, ao final da análise, que a identidade está profundamente relacionada ao contexto histórico, social e econômico no qual o indivíduo vive. Baseando-se nessa premissa, pode-se averiguar que a obra *O Vendedor de Passados* possui um tema caro à literatura universal: a meta-literatura, que nesse caso pode ser subentendida em como contar a história de um escritor. O ofício de criar histórias e personagens de Félix Ventura para seus clientes é em





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

muito similar ao de um escritor. Além disso, o que chama a atenção no romance são os inúmeros seres que precisam de uma trajetória para legitimar as máscaras que vestem o que demonstra como os personagens históricos são imortalizados com passados maquiados, enfeitados de fatos falsos, numa ficção memorialista, mas, criadora da identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pela memória que a narrativa se constrói: acontecimentos do presente, que de alguma forma lembram o passado, desencadeiam devaneios rememorativos. Também é pelas memórias que se pode acompanhar a constante procura pela sua identidade cultural. É pelas relações sociais e culturais que se constroem os processos de identificação, conscientes ou inconscientes. Recupera-se, também, através da memória, a territorialidade e espaço.

O contexto dessa narrativa não raro ilumina a complexa natureza da representação, bem como leva à reflexão sobre as práticas excludentes tanto de parte do colonizador (exclusão da história e da capacidade de autoria) como das originárias de violência doméstica, sentidas na vivência do dia a dia, tanto no contexto doméstico propriamente dito, como nos contextos sociais e culturais que evidenciam tensões e interseções entre sexo, raça e nação. Nesses contextos, as relações entre personagem e lugar, especialmente entre homem negro albino e lugar, fazem com que o vocabulário se abra em sua riqueza polissêmica. Muito mais do que espaço, lugar refere-se, frequentemente, também a posicionalidade, como Sue Kossew observa a propósito do contexto da literatura escrita por mulheres na Austrália e na África do Sul (2004).

Assim, tal obra colaborou na compreensão, não só dos complexos mecanismos que envolvem o conceito de territorialidade, mas a forma como esse conceito tem sido representado na literatura, e ajudado a formar a própria identidade cultural dos povos. Também, descobriu o papel que memória (e ou esquecimento/apagamento) tem na formação da identidade territorial de um povo.

REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BERND, Zilé. **Literatura e Identidade Nacional**. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. Território, cultura e des-territorialização. In: OSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro. Imago. 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas, SP. Editora da \unicamp. 2003.

RAFFESTIN, Claude. **A produção das estruturas territoriais e sua representação**. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savériio. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. São Paulo: Unicamp. 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A ODISSEIA DA IMAGEM: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS SOBRE MÉTODOS DE ANÁLISE APLICADOS À PUBLICIDADE

THE ODYSSEY OF IMAGE: THEORETICAL CONTRIBUTIONS ON METHODS OF
ANALYSIS APPLIED TO ADVERTISING

Mauricio Barth (Universidade Feevale)¹
Gustavo Roes Sanfelice (Universidade Feevale)²

Resumo: Em uma sociedade cada vez mais conduzida pelas imagens, analisá-las torna-se um importante elemento para a compreensão dos atuais artefatos midiáticos/mercadológicos. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo expor teorias que propõem análises imagéticas aplicadas à Publicidade, elencando, para isso, textos de alguns pesquisadores da corrente francesa de estudo: Roland Barthes (1964), Georges Péninou (1973) e Martine Joly (1996). Entende-se, ao fim do estudo, que, embora sejam perceptíveis semelhanças e disparidades entre as teorias abordadas, ambas podem ser empregadas em diferentes produtos de análise, cabendo ao pesquisador elencar aquela que mais atende aos seus objetivos de pesquisa.

Palavras-chave: Denotação. Conotação. Morfologia visual. Signos.

Abstract: In a society increasingly driven by images, analyzing them becomes an important element for understanding current media/marketing artifacts. This paper aims at exposing and analyzing theories that propose image analysis applied to advertising, and to this end, the texts of some French researchers: Roland Barthes (1964), Georges Péninou (1973) and Martine Joly (1996). It is understood at the end of the study that, although similarities and disparities between the theories addressed are perceivable, both can be used in different analysis products, it is up to the researcher to list the one that most suits their research objectives.

Palavras-chave: Denotation. Connotation. Visual morphology. Signs.

INTRODUÇÃO

Em um mundo de informações em exorbitância – onde um acontecimento é midiaticizado por uma quantidade infindável de veículos – e tempo escasso – em que cada minuto é hipervalorizado –, as imagens tem papel essencial. É delas a missão de contar histórias, desde o rosto do presidente recém-eleito estampado em todos os jornais, até as fotografias de influenciadores digitais que buscam engajamento nas redes sociais. Nesse contexto, Rancière (2012) propõe o conceito de *imagéité*, ou seja, a capacidade que as imagens dispõem de, a partir delas, gerar linhas de representação, desenvolvendo roteiros e enredos interpretativos.

Há, entretanto, uma espécie de imagens que merece ser destacada ou, como expressa Barthes (1964), é franca, enfática e com signos plenos: a imagem publicitária. Acentuamos este

¹ Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social, mestre em Indústria Criativa e graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Feevale. E-mail: mauricio@feevale.br

² Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos), mestre em Ciência do Movimento Humano (UFSM) e graduado em Educação Física (UFSM). E-mail: sanfeliceg@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

formato por entendermos que ele é – assim como boa parte da Publicidade – puramente intencional em todos os seus aspectos, ou seja, os elementos presentes na composição são meticulosamente pensados, visando, desse modo, persuadir e/ou manipular seu público-alvo.

Sendo assim, buscando ampliar o debate, este trabalho tem como objetivo expor teorias que propõem análises imagéticas aplicadas à Publicidade. Elencou-se, como critério de seleção, textos de pesquisadores da corrente francesa de estudo: Roland Barthes (1964), Georges Péninou (1973) e Martine Joly (1996). Compreende-se, por obviedade, que diversos outros autores propuseram teorias acerca da análise da imagem. No entanto, os teóricos citados foram selecionados por entendermos que os mesmos apresentaram teorias e conceitos mais sólidos e, ainda, com ampla utilização em estudos de diferentes mídias, dando a este trabalho, portanto, um caráter essencialmente qualitativo.

A motivação para a proposta do estudo origina-se na vontade de estabelecer uma paisagem teórica sobre o assunto, partindo do pressuposto que o presente trabalho pode contribuir a interessados no tema, proporcionando aos mesmos um atalho teórico. Isso, por que, embora inúmeros artigos usem modelos de análise de imagem publicitária em suas discussões, são raros aqueles que se propõem a unir e confrontar diferentes construções teóricas.

ROLAND BARTHES: MENSAGENS DENOTADAS E MENSAGENS CONOTADAS

O texto *A retórica da imagem*, escrito por Barthes em 1964 e publicado, originalmente, na revista *Communications*, é considerado o marco-zero da análise da imagem. É a partir dele que as discussões se iniciam e uma análise mais aprofundada a respeito das imagens presentes na Publicidade é iniciada. Para o autor, faz-se necessário submeter a imagem a uma análise espectral das mensagens, subdividindo-a em: *denotada* e *conotada*.

Inicialmente, o autor reflete sobre a junção entre textos e imagens, argumentando que ambos são necessários e complementares. Na sociedade atual, ao falarmos de comunicação de massa, “[...] quer-nos parecer que a mensagem linguística está presente em todas as imagens” (1964, p. 32), como legendas, títulos, chamadas e *slogans*. Há, ainda, a possibilidade de estabelecermos funções diferentes nesses textos: fixação (encontrada, principalmente, no Jornalismo e na Publicidade) e *relais* (presente nas charges e histórias em quadrinhos).

Barthes (1964, p. 34) menciona que, em Publicidade, a imagem jamais é acidental: “nunca se encontra uma imagem literal em estado puro”, ou seja, ela sempre é cuidadosamente pensada, tanto em seus aspectos de pré-produção (cenário, equipamentos, iluminação) e pós-produção





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

(tratamento digital em *softwares* como Photoshop, Affinity, Illustrator, Corel Draw). O autor usa como exemplo um anúncio das massas Panzani³ para explicitar seu conceito de *denotação*, arguindo que, neste tipo de mensagem, os elementos são o que, de fato, estamos vendo. As cores verde e vermelho presentes no anúncio, além de harmonizar esteticamente a peça, representam as cores presentes na bandeira italiana. No entanto, é necessário que tenhamos conhecimento prévio e saibamos que tais elementos compõem a bandeira desse país que, justamente, é a origem da marca anunciante.

Por outro lado, ao contrário da *denotação* (com mensagens icônicas), a *conotação* (com mensagens simbólicas) busca expor aspectos da representação dos objetos presentes na imagem. Tomando como base o mesmo exemplo anterior, percebemos que, na mensagem conotada, as mesmas cores que ilustram a peça e identificam a bandeira italiana buscam, ainda, demonstrar que o produto vem de um país conhecido mundialmente por produzir massas de excelência: a Itália é lembrada em todo o mundo pelas suas massas, tanto massas curtas (*conchiglione, fusili, tortiglioni*), quanto massas longas (*espaguete, fidelini, fettucine, talharim, pappardelle*). Isso, de muitas formas, busca adicionar valor ao produto, subentendendo-se que o mesmo deve ser de qualidade, afinal, traz características de um país referência na produção de massas.

GEORGES PÉNINOU: INFORMAÇÃO SIGNIFICADA, IMPLICATIVA, PREDICATIVA E SIGNIFICANTE

Física e metafísica da imagem publicitária é o texto de Georges Péninou presente no livro *A análise das imagens* que, além do autor, conta com teóricos como Christian Metz, Jacques Durand, Louis Marin e Jean-Louis Schefer. A obra, inclusive, predispõe-se a ser uma espécie de “Manual da imagem”, recebendo fortes influências da teoria semiótica, permanecendo, até hoje, como um material rico àqueles que se interessam pelo tema. Nota-se, que os textos presentes buscam complementaridade, cada um à sua maneira: “[...] poderíamos dizer que essa revista, enquanto tal, atingiu de algum modo seu objetivo, e que ela foi além da mera adição de vários textos, cada um do quais devesse ser lido segundo seu próprio fio” (METZ, 1973, p. 18).

Partindo dessa premissa, é o texto de Péninou que nos interessa. O autor menciona que as ocorrências imagéticas presentes em um anúncio publicitário podem ser manifestadas através

³ Disponível em: <<https://www.decodedscience.org/wp-content/uploads/2012/12/Barthes-Panzini.jpg>>. Acesso em: 15 mar. 2018.





de códigos. Esses elementos fazem parte de uma *informação significada*, onde há a obrigação de comunicar e, por consequência, se fazer notar: *esse est percipi*⁴. Esses códigos, essenciais à leitura da imagem, podem ser subdivididos em: cromático (refere-se à psicodinâmica das cores como impacto visual), tipográfico (diz respeito à tipografia como elemento marcante, seja através de isolamento espacial, modificação da dimensão dos caracteres ou aposição de traços distintivos), fotográfico (alude-se às técnicas seletivas e enfáticas dos planos) e morfológico (explicita a geografia da imagem publicitária onde, em um anúncio, o olhar seleciona as superfícies portadores das informações-chave).

Segundo Péninou, há, ainda, outros tipos de mensagem presentes na lógica publicitária, como a *informação implicativa*. Nesta, percebe-se o objetivo claro de atingir um destinatário, ou seja, não se trata de uma imagem idealizada para consumo ou satisfação próprio – como na Arte, por exemplo (RANCIÈRE, 2012; JOLY, 1996). Aqui, a intenção é produzir para nocautear visualmente um público-alvo, um nicho de mercado. Em um anúncio, sua forma mais característica está ligada a situação frontal dos personagens, onde, normalmente, seus olhos estão fixos, encarando um expectador: “[...] esta situação sempre põe o personagem do anúncio em posição de superioridade em relação ao leitor a que se dirige” (PÉNINO, 1973, p. 69).

A *informação predicativa*, por outro lado, menciona que a publicidade sempre possui conteúdos referenciais e, em muitos casos, enigmáticos. A marca anunciante não precisa, necessariamente, estar explícita na peça gráfica: permite-se a ela apenas insinuar-se. Famosas redes em todo o mundo adotaram essa estratégia, preferindo formatar suas campanhas sob moldes menos comerciais e mais humanos, principalmente em datas comemorativas, como Natal, Dia das mães e Dia dos namorados. Sampaio (2003), ao abordar essa decisão estratégica, argumenta que, embora arriscada, costuma funcionar quando bem fundamentada, e a chama de *Publicidade institucional*.

Por fim, Péninou traz a ideia de *informação significante*, voltada, essencialmente, ao prisma imaginário que permeia a Publicidade. Ao público-alvo, proporciona-se a sensação de sonhar com determinado produto, atribuindo-lhe parâmetros de *status* e prestígio, mesmo que, na maioria dos casos, o valor financeiro a ser empregado para tal conquista seja o dobro ou o triplo de um produto similar com as mesmas características sem, no entanto, o mesmo valor agregado. Trata-se, assim, de “[...] uma imagem instituinte, que se propõe transformar um

⁴ Do latim *Ser é ser percebido*, frase do filósofo irlandês George Berkeley (1685-1753).





produto, tomado em seu estado natural, – coisa manufaturada, utensílio inexpressivo – em signo” (1973, p. 78).

MARTINE JOLY: MENSAGENS PLÁSTICAS, ICÔNICAS E LINGUÍSTICAS

Em *Introdução à análise da imagem*, Martine Joly, em 1996, discute os conceitos que permeiam a polissêmica definição de imagem e debate os desafios de sua análise. Propõe, ainda, seu método, que, após a descrição da peça, busca a leitura da imagem observando-a sob três mensagens: plásticas, icônicas e linguísticas. A autora tem forte influência da semiótica e, principalmente, dos conceitos propostos por Roland Barthes em *A retórica da imagem*.

Inicialmente, a etapa da descrição prevê que o analista detalhe aspectos como tamanho da peça, disposição dos elementos e textos que a compõem, apenas descrevendo-a, sem nenhum tipo de interpretação. É como se houvesse a necessidade de contar a alguém como determinado anúncio é e este não pudesse ser revelado. A etapa descritiva tem como função, portanto, ser os olhos de quem não teve acesso àqueles elementos.

Após, iniciam-se as interpretações das mensagens. Joly (1996, p. 89) assevera que a “análise de cada uma delas e o estudo de sua interação deverão permitir-nos detectar a mensagem implícita global”, ou seja, o somatório das três mensagens – plástica, icônica e linguística – viabilizará a compreensão do objeto de estudo.

Na abordagem plástica, a autora destaca, de forma explícita, aspectos aderentes ao Design. Os itens são relatados de forma mais técnica, e não, tanto, interpretativa. O anúncio usado como exemplo é da marca Marlboro Classics⁵ e são propostas observações nos seguintes campos: *suporte, quadro, enquadramento, ângulo de tomada e escolha da objetiva, composição, diagramação, formas, cores e iluminação e textura*.

Ao trazer questões icônicas, Joly ressalta que tudo que está em um anúncio está por algum motivo; nada, ali, foi posto por acaso. Essa é, portanto, a iconicidade da imagem publicitária: mostrar além do que os olhos podem ver. Uma marca que aposta em uma fotografia de um atleta rodeado por troféus e medalhas não quer apenas expor o quão vencedor aquele indivíduo é. Na essência, a ideia é demonstrar que esse esportista só é vitorioso por, justamente, vestir a marca; e o consumidor, através da compra dos produtos em questão, tem a oportunidade de, também, ser um campeão, um medalhista triunfante, um atleta herói. Joly denomina esses

⁵ Disponível em: <<http://www.pearltrees.com/fredkapala/etudes-cas/id14677942#item154628715/1866>>. Acesso em: 15 mar. 2018.





aspectos como *motivos*, isto é, a busca por desencadear no receptor interpretações que ocorrem por meio do processo de conotação advinda de diversas ordens: “usos socioculturais dos objetos, dos lugares ou das posturas, citação e auto-referência, figuras de retórica” (p. 108).

Por fim, discutem-se as mensagens linguísticas, “[...] determinantes na interpretação de uma ‘imagem’” (JOLY, 1996, p. 108). Inicialmente, são resgatadas as definições propostas por Barthes, observando-se, apenas, as diferenças nas nomenclaturas. O que para Barthes é definido como *fixação e relais*, é compreendido por Joly como *ancoragem* (um reforço textual àquilo que a imagem demonstra) e *revezamento* (manifesta-se quando a mensagem linguística vem suprir carências expressivas da imagem). São levantadas, ainda, questões pertinentes a “imagem das palavras”, destacando que a escolha da tipografia (se *com* ou *sem* serifa), da cor (somada a sua espessura) e da diagramação na página (hierarquia visual) contribuem para uma maior assimilação do conteúdo por parte do leitor. A autora reforça, no entanto, que além das questões técnicas, o analista deve preocupar-se com o conteúdo linguístico, observando seus significados e sua relação com os elementos visuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Barthes (1964), em sua análise, entende que o termo pode ser considerado sob duas óticas: *denotada* (icônica) e *conotada* (simbólica). É inegável que seu texto, mesmo tendo sido elaborado há décadas, ainda influencia diversos estudiosos nos dias atuais e serve como norteador para que novos estudos na área sejam desenvolvidos. Percebe-se que as teorias de outros pesquisadores que, obviamente, são subsequentes a sua mostram, mesmo que sutilmente, traços da ideia proposta no artigo *A retórica da imagem*.

Por outro lado, Péninou (1973) apresenta uma abordagem mais extensa, alicerçando sua proposta em *informações significadas, implicativas, predicativas e significantes*. Dessas, destacam-se as *significadas*, justamente por possuírem subdivisões, permitindo, dessa forma, uma análise ainda mais detalhada. As abordagens *cromática, tipográfica, fotográfica e morfológica* consentem um aprofundamento minucioso, dando certa tecnicidade à proposta desenvolvida pelo autor francês.

Por fim, Martine Joly (1996), ao tratar das mensagens *plásticas, icônicas e linguísticas* une, de alguma forma, as abordagens de Barthes e Péninou. A autora nunca escondeu a forte influência que recebeu de Barthes através dos enfoques *denotado e conotado*; no entanto, nota-se em seu modelo traços da teoria proposta por Péninou, principalmente no que diz respeito às





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

informações significadas. Enquanto o autor trabalha com os vieses *cromático, tipográfico, fotográfico e morfológico*, Joly utiliza uma abordagem semelhante, mas, ainda mais particularizada, utilizando itens como *suporte, enquadramento, composição, formas, cores e textura*.

Julga-se importante, contudo, mencionar que, embora sejam perceptíveis semelhanças e disparidades entre as teorias abordadas, ambas podem ser empregadas em diferentes produtos de análise, cabendo ao pesquisador elencar aquela que mais atende aos seus objetivos de pesquisa. Se a intenção é, por exemplo, analisar peças gráficas (*folders, flyers, cartazes, etc*), recomenda-se a utilização dos autores Péninou (1973) ou Joly (1996). Contudo, mesmo tendo sido idealizada para análise de imagens fixas, a teoria de Barthes pode ser utilizada em filmes publicitários (comerciais de TV, trailers, *teasers* de campanha). Não há, contudo, uma rigidez teórica: o pesquisador tem a liberdade da escolha, basta, apenas, encontrar o modelo mais pertinente e oportuno.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Rhétorique de l'image. **Communications**, 4, 1964, p. 40-51. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1964_num_4_1_1027>. Acesso em: 03 mar. 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

PÉNINOU, Georges. Física e metafísica da imagem publicitária. In: MENTZ, Cristina; DURAND, Jacques; PÉNINOU, Georges; MARIN, Louis. **A análise das imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2012.

SAMPAIO, Rafael. **Propaganda de A a Z: como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso**. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2003.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

HOMOSSEXUALIDADE E DIREITO MILITAR: UMA ABORDAGEM A PARTIR DOS ATOS DISCRICIONÁRIOS PRATICADOS CONTRA HOMOSSEXUAIS NO EXÉRCITO BRASILEIRO

HOMOSEXUALITY AND MILITARY LAW: NA APPROACH DISCIPLINARY ACTS
PRACTICED AGAINST HOMOSEXUALS IN THE BRAZILIAN ARMY

Alberto Barreto Goerch (Feevale)¹
Thaís Zanetti de Mello Moretto (Feevale)²
Denise Regina Quaresma da Silva (Feevale)³

Resumo: O presente artigo objetiva analisar o direito militar e a homossexualidade, ao molde da lei militar brasileira submissa à constituição atual, especificadamente em casos de assédio moral: hierarquia e subordinação em virtude de atos discricionários contra homossexuais. Inicialmente, ligados à homossexualidade serão apresentados, o princípio da dignidade humana, da igualdade e suas concepções perante a sociedade. Em seguida, o direito militar e suas características, tendo como principal, preceitos rígidos de hierarquia e subordinação. Para finalizar, é exposto a discricionariedade em atos de preconceito, discriminação e assédio moral contra homossexuais dentro do exército. O método de abordagem aplicado foi o dedutivo, pois o artigo se originou de uma abordagem ampla de identificação e conceitualização do exército brasileiro dentro de um novo paradigma de tempo, que é aceitar homossexuais neste local para, a partir dessa análise geral, verificar especificamente sua compatibilidade com a Constituição de 1988, nos casos discricionários de assédio moral contra homossexuais dentro do exército. E método de procedimento utilizado o histórico, pois serão investigados características e conceitos do Exército Brasileiro e da homossexualidade, analisando a constituição militar que é anterior à brasileira de 1988.

Palavras-chave: Assédio Moral. Discricionariedade. Exército. Homossexualidade. Preconceito.

Abstract: The present article aims to analyze military law and homosexuality, to the Brazilian military law model submissive to the current constitution, specifically in cases of moral harassment: hierarchy and subordination by virtue of discretionary acts against homosexuals. Initially, linked to homosexuality will be presented, the principle of human dignity, equality and their conceptions before society. Then the military law and its characteristics, having as main, rigid precepts of hierarchy and subordination. To conclude, he is exposed to discretion in acts of prejudice, discrimination and moral harassment against homosexuals within the army. The applied method was the deductive one, since the article originated from a broad approach of identification and conceptualization of the Brazilian army within a new paradigm of time, that is to accept homosexuals in this place to, from this general analysis, verify specifically its compatibility with the 1988 Constitution, in discretionary cases of moral harassment against homosexuals within the army. And method of procedure used the historical, because will be

1 Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Professor do Curso de Direito da UFN e FADISMA (Santa Maria/RS). E-mail: betogoerch@gmail.com

2 Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Professora do Curso de Direito da UniRitter – FAPA (Porto Alegre/RS). E-mail: mzm.thais@gmail.com

3 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (Porto Alegre/RS). Professora da Feevale (Novo Hamburgo/RS) e UNILASALLE (Canoas/RS). E-mail: denisequaresmadasilva@gmail.com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

investigated characteristics and concepts of the Brazilian Army and homosexuality, analyzing the military constitution that is prior to the Brazilian of 1988.

Keywords: Moral Harassment. Discretionary. Army. Homosexuality. Preconception.

INTRODUÇÃO

A homossexualidade não apenas no exército brasileiro como também na sociedade em geral, é um tema muito delicado e polêmico. Em diversas situações os direitos e garantias individuais defendidos pela Constituição Brasileira de 1988 acabam sendo violados dentro do exército, levando em conta que os direitos e garantias de militares são menores que os de civis. A busca por igualdade, liberdade e mudança é cada vez maior.

O preconceito ainda permanece vivo, como se a homossexualidade fosse indigna e desonrosa, porém indigno e desonroso é perseguir pessoas por sua orientação sexual. O Exército, caracterizado por sua estrutura verticalizada e baseado nos princípios de disciplina e hierarquia, deve manter a observância aos princípios morais e éticos estabelecidos no Estatuto dos Militares. Todavia, a condição de militar não é o bastante para livrar os indivíduos de suas mazelas, os quais por dispor de autoridade ou sentimento de superioridade, se acham no direito de tratar de forma preconceituosa e discriminatória indivíduos com orientação sexual diferente, dando-lhes tarefas desumanas, os fazendo passar por constrangimentos e humilhações, afetando diretamente a dignidade da pessoa humana.

O assédio moral, sofrido por homossexuais, pode vir a causar muitos problemas, como, comprometer a identidade da pessoa, lesar sua personalidade e influenciar em suas relações.

1 O PRINCÍPIO DA IGUALDADE COMO JURÍDICO FUNDAMENTAL E A PROTEÇÃO CONSTITUCIONAL DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

A homossexualidade sempre foi tratada como um tabu pela sociedade, muitos a tomam como uma questão de escolha, de opção sexual, no entanto ela apenas se impõe a cada um de nós. Há diversos estudos que procuram respostas a respeito da homossexualidade, mas nenhum chegou a alguma conclusão científica para tal. Convivemos todos os dias com o preconceito e a discriminação, os quais afetam diretamente a dignidade da pessoa humana, protegida pelo artigo 1º, inciso III da Constituição Federal de 1988.

Para iniciar o presente estudo, o qual trata sobre a homossexualidade e o direito militar, é essencial esclarecer alguns pontos relevantes, sendo eles, a igualdade como princípio





constitucional, a defesa do princípio da dignidade humana e as concepções de homossexualidade, os quais serão utilizados ao longo deste artigo.

À luz do princípio constitucional da Igualdade, existe uma ligação direta entre homossexualidade e dignidade da pessoa humana. A individualidade de cada ser humano deve ser respeitada, fundamentando-se no Artigo 1º da Constituição Federal, inciso III, em complementação com o artigo 5º, inciso I disponibiliza que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes”.

Diante disso, para estudar o tema homossexualidade, deve-se destacar dos artigos, o princípio da igualdade, reconhecido como direito fundamental para todos os cidadãos. (RIOS, 2001, pag.63). Segundo o antropólogo Osvaldo Fernandez:

Sendo o Brasil um país profundamente desigual e com uma cultura altamente hierárquica, a ausência explícita do homossexual como um sujeito de direitos, somada às discriminações e violências sofridas, acabam ratificando um quadro de desigualdade estrutural. Não é por outra razão que os homossexuais necessitam urgentemente da proteção de seus direitos, como uma forma de assegurar e promover a igualdade social entre sujeitos socialmente desiguais e com posições sociais desfavoráveis na estrutura social. (FERNANDEZ, 2011)

Com as reflexões acima, é importante, acima de tudo, a proteção da dignidade da pessoa humana, do direito a igualdade, de liberdade e de diferença, pois segundo a Constituição todos seres humanos são iguais perante a lei, sendo vedada a discriminação. A orientação sexual, a religião, o sexo, a idade são fatores que não podem servir de exclusão dos indivíduos na sociedade.

1.1 HOMOSSEXUALIDADE E SUAS CONCEPÇÕES

Segundo uma pesquisa realizada pela Universidade de Harvard, é viável fornecer quatro visões sobre a homossexualidade, sendo elas: 1) a homossexualidade como pecado, 2) a homossexualidade como doença, 3) a homossexualidade como critério neutro de diferenciação e 4) a homossexualidade como construção social. (RIOS, 2002, pag.99).

A primeira visão considera a relação entre pessoas do mesmo sexo um ato reprovável, de pecado, julgando a prática sexual não-reprodutiva como algo errado, negativo. Antes vista como algo imoral, a segunda visão, traz a homossexualidade como doença, assim como vícios





com cigarro e bebidas alcoólicas. A terceira visão surge com mudanças econômicas e sociais nas quais permite-se a construção de uma consciência coletiva por parte dos homossexuais enquanto exclusivo grupo social. E a quarta e última visão apresenta que, para impor a identificação por orientação sexual seria necessário a criação de práticas e papéis para cada um dos sexos, onde a orientação sexual pudesse caracterizar tratamento diferentes entre as pessoas. (RIOS, 2002, p.120).

Norberto Bobbio, em seu Livro “elogio da serenidade” expõe:

Apenas posso dizer que os preconceitos nascem na cabeça dos homens. Por isso, é preciso combatê-los na cabeça dos homens, isto é, com o desenvolvimento das consciências e, portanto, com a educação, mediante a luta incessante contra toda forma de sectarismo. [...] mas creio que a democracia pode servir também para isto: a democracia, vale dizer, uma sociedade em que as opiniões são livres e, portanto, são forçadas a se chocar e, ao se chocarem, acabam por se depurar. Para se libertarem dos preconceitos, os homens precisam antes de tudo viver numa sociedade livre.

É preciso uma sociedade livre e democrática, na qual opiniões são obrigadas a se chocarem, se desconstruindo e conseqüentemente extinguindo preconceitos. O ideal é o incentivo à tolerância das diferenças, sendo o Direito e as leis as melhores maneiras de contribuir para isso. Através das regras construídas pela legislação pode-se propor um caminho de reeducação no sentido de aceitar mais as diferenças entre pessoas e como consequência, também tratar o homossexual de forma respeitosa, inclusive dentro do exército.

2 DIREITO MILITAR NO EXÉRCITO BRASILEIRO E SUAS CARACTERÍSTICAS DE HIERARQUIA E SUBORDINAÇÃO

Dentre as três forças armadas que defendem no Brasil, uma delas é o exército. Dentre as características do direito militar, estão a dedicação exclusiva, vigor físico, formação específica, aperfeiçoamento constante, restrições a direitos trabalhistas, sujeição a preceitos rígidos de hierarquia e disciplina e entre outros. (Ministério da Defesa – Exército Brasileiro)

A carreira militar não é uma atividade inespecífica e descartável, um simples emprego, uma ocupação, mas um ofício absorvente e exclusivista, que nos condiciona e autolimita até o fim. Ela não nos exige as horas de trabalho da lei, mas todas as horas da vida, nos impondo também nossos destinos. A farda não é uma veste, que se despe com facilidade e até com indiferença, mas uma outra pele, que adere à própria alma, irreversivelmente para sempre". (COSTA)

A característica de maior relevância do presente artigo é a “sujeição a preceitos rígidos de hierarquia e disciplina” presente no art.14 do Estatuto dos militares, na lei nº 6.880/1980. Ao adentrar no exército, toda a vida profissional e pessoal do militar será adaptada a princípios





hierárquicos e de obediência das normas. Ser militar, impõe muitas renúncias, uma delas é da própria vida em benefício do país. (Ministério da Defesa – Exército Brasileiro).

Disposto no Estatuto dos Militares, está o caput do art. 14 “A hierarquia e a disciplina são a base institucional das Forças Armadas. A autoridade e a responsabilidade crescem com o grau hierárquico”. E em seu parágrafo 2º ressalta a importância da disciplina:

§ 2º Disciplina é a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o organismo militar e coordenam seu funcionamento regular e harmônico, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes desse organismo. (Estatuto dos Militares, 1980)

Tendo como apoio a breve análise feita anteriormente, sobre a homossexualidade e o direito militar, é chegada a hora de relacionar os dois.

3 HOMOSSEXUALIDADE E DIREITO MILITAR: ANÁLISE À LUZ DA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Devido às restrições dentro do contexto militar aos direitos e garantias individuais, uma das maiores exigências da Justiça Militar da União junto ao congresso, é a atualização jurídica, para que se tenha uma maior harmonia com a Constituição, pois muitos direitos e garantias individuais disponíveis na constituição, não se aplicam ao direito militar. (ROCHA, 2014)

A batalha contra a discriminação vem crescendo e sendo apoiada por vários setores da sociedade, inclusive o Congresso Nacional, mas já no contexto militar, a homossexualidade não é um tema discutido abertamente. Nas polícias militares e forças armadas este impasse se realça. (ASSIS, 2005, pag. 216)

Dispõe o código penal militar, em seu artigo 235 o seguinte:

Pederastia ou outro ato de libidinagem
Praticar, ou permitir, o militar que com ele se pratique ato libidinoso, homossexual ou não, em lugar sujeito à administração militar. Pena- detenção, de seis meses a um ano.

Percebe-se que no próprio código penal, há um preconceito na letra lei, pois além do artigo 235 ser chamado de “pederastia”, a qual no dicionário Aurélio significa “relação sexual mantida entre um menor e um adulto” ou “relação sexual entre indivíduos do sexo masculino”, ainda é colocado entre vírgulas, “homossexual ou não”, estampando uma clara discriminação. (Rocha, 2014). A ideia de ser proibidas relações sexuais dentro da instituição (exército), proibindo atos libertinos, é correta, no entanto, não discriminando os homossexuais.





3.1 ATOS DISCRICIONÁRIOS: PRECONCEITO E ASSÉDIO MORAL DE HOMOSSEXUAIS NO EXÉRCITO BRASILEIRO

O juiz federal Roger Raupp Rios (2014), que julgou e defendeu o caso de um homossexual que entrou com um pedido de dispensa do serviço militar, com receio de sofrer assédio moral dentro do exército, pois tinha uma relação homoafetiva pública, afirma que não é certo inserir um indivíduo em uma instituição na qual uma série de direitos podem ser violados, como direito a diferença, honra, etc. Segundo o STF o exército é uma instituição na qual existe muita homofobia.

É inexigível que uma pessoa seja obrigatoriamente colocada numa situação onde o ambiente, no caso homofóbico, represente uma ameaça real, concreta e evidente de lesão a direitos fundamentais e direitos humanos dela. (RIOS, 2014)

Conforme o entendimento da advogada e vice-presidente da Comissão Especial da diversidade sexual do conselho federal da OAB, Chyntia Barcellos (2014), todos estão expostos a sofrer assédio, porém, os mais afetados são os homossexuais, os quais em muitas situações de constrangimento ou vexames sofrem calados, por terem medo. A humilhação e constrangimento afetam a vida do indivíduo, comprometendo suas relações, sua identidade e sua dignidade como pessoa.

Como exemplo de discriminação e assédio, é apresentado o caso do soldado DPK, que teve grande repercussão na cidade de Santa Maria, jovem de 19 anos, que disputou contra o exército na Justiça militar. O garoto afirmou ter sido violentado por 4 colegas de pelotão, enquanto os outros colegas apenas olhavam e não faziam nada para ajudar. Ele também expôs que já sofria discriminação por vestir calças coloridas usadas pelos integrantes da banda restart, a qual era fã, e pelos colegas era rotulado como gay, mas o garoto não imaginava chegar ao ponto a qual chegou. Entretanto o Ministério Público Militar revidou a acusação, alegando o crime de “pederastia e outros atos libidinosos”, pois na versão militar, o jovem queria indenização por isso inventou a violação, e sim, era a palavra de um contra a de quatro. O jovem passou de vítima à réu, pois para os militares este caso foi visto “brincadeira” entre companheiros. (Oliveira, 2011).

Segundo discurso do general do Exército brasileiro, Raymundo Nonato de Cerqueira (2011), o exército não é lugar para homossexuais e estes não teriam capacidade de comandar,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

pois os soldados não obedeceriam, ainda ressalta que deve haver outras atividades destinadas a “indivíduos deste tipo”, os gays.

Não é que eu seja contra o homossexual, cada um tem que viver sua vida. Entretanto, a vida militar se reveste de determinadas características que, em meu entender, tipos de atividades que, inclusive em combate, pode não se ajustar ao comportamento desse tipo de indivíduo. (CERQUEIRA, 2011).

Para o presidente da Associação Brasileira LGBT, Toni Reis, a posição do general Raymundo Nonato de Cerqueira é apenas um espelho do que é visto dentro do direito militar. E este ponto de vista também, foi reprovado por organizações que defendem os direitos humanos e os direitos LBGT. “É lamentável que este tipo de discriminação ainda exista nas Forças Armadas. A defesa do país tem que ser feita por homens e mulheres preparados, independentemente da opção sexual de cada um” (CAVALCANTE, 2011).

A questão sobre o tema Direito militar e homossexualidade é complexa e não termina com as considerações deste artigo. Todavia, não se pode negar que, atos discricionários de assédio moral e preconceitos sofridos por homossexuais dentro exército é uma realidade com a qual enfrentamos e mesmo não sendo explícito, o preconceito, é mascarado, produzindo um choque com a Constituição Brasileira atual, que defende os direitos e garantias individuais.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, é reconhecido o exército, como uma instituição na qual existe muita homofobia. Toda questão cultural dentro das forças armadas e sua estrutura verticalizada, fazem com que a homossexualidade não seja um tema discutido abertamente, mas sim, colocado em “panos quentes”. O código penal militar, no qual militares se espelham e possuem como fundamentador de princípios, foi criado em 1969, no período da ditadura, em que muitas leis autoritárias criadas naquela época por militares ainda vigoram, violando princípios protegidos pela constituição atual.

É indispensável cogitar a ideia de uma atualização jurídica, para que haja uma maior harmonia entre o Código Penal Militar e a Constituição Brasileira de 1988. Pois, como visto no decorrer do artigo, o código militar no qual militares se espelham e possuem como fundamentador de princípios morais e éticos, foi originado em 1969, no período da ditadura, em que muitas leis criadas naquela época por militares e que ainda vigoram, contrariam os princípios defendidos pela constituição atual.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Sem uma previsão jurídica para tais atos, os militares por serem militares e possuírem esses status acabam saindo impunes, se achando no direito de fazer o que quiser com os outros, sendo eles colegas de serviço ou não, por possuírem uma orientação sexual diferente da sua, afetando diretamente a dignidade da pessoa humana.

Logo, outra medida que deve ser adotada, é a positivação de normas que coíbam o preconceito e assédio dentro do exército, pois é através destas, que a vítima teria uma maneira legal para recorrer e se sentir mais segura e amparada pela lei. E os militares praticantes desses atos saberiam que, sim, é vedada a discriminação e o assédio moral, não só pela orientação sexual, mas como outros problemas que a sociedade enfrenta nos dias de hoje, existindo uma sanção para quem infringir as regras.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Chyntia. **Assediados**. Disponível em:

<http://www.assediados.com/2014/02/homossexuais-vitimas-de-assedio-moral.html>. Acesso: 20/09/2016.

BOBBIO, Norberto. **Elogio da Serenidade**. São Paulo, Ed.Unesp, 2002. Capítulo "A natureza do preconceito", pag.117.

CAVALCANTE, Ophir. **Gazeta do Povo**. Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/general-recusa-gays-no-exercito-e-sofre-criticas-erwkwh1aneojhy5vm2ogtc9a>. Acesso: 20/11/2016.

COSTA, Gen Octávio. **Secretaria geral do exército – valores, deveres e éticas militares**.

Disponível em : <http://www.sgex.eb.mil.br/index.php/vadem-mercum/86-cerimonial/vadem-mercum/120-valores-deveres-e-etica-militares>. Acesso: 16/09/2016

DA SILVA, Robson Augusto. **Revista Sociedade Militar**. Disponível em:

<http://www.sociedademilitar.com.br/wp/2015/03/assedio-sexual-em-organizacoes-militares-voce-ja-sofreu.html>. Acesso: 21/09/2016.

DE ASSIS, Jorge César. **Comentários ao código penal militar- parte especial**. 2005, Juruá editora, Curitiba.

DE CERQUEIRA, Raymundo Nonato. **Gazeta do povo**. Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/general-recusa-gays-no-exercito-e-sofre-criticas-erwkwh1aneojhy5vm2ogtc9a>. Acesso: 20/11/2016.

DE OLIVEIRA, Renan Antunes. **Jornal Sul21**. Disponível em:

<http://www.sul21.com.br/jornal/soldado-estuprado-no-quartel-em-santa-maria-farda-nunca-mais/>. Acesso:20/11/2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Estatuto dos Militares. **LEI Nº 6.880, DE 9 DE DEZEMBRO DE 1980.**

FERNANDEZ, Osvaldo. **Revista Espaço Acadêmico.** Disponível em:
<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14332/7590>.
Acesso: 15/09/2016.

Ministério da Defesa – **Exército Brasileiro.** Disponível em:
<http://www.eb.mil.br/caracteristicas-da-profissao-militar>. Acesso: 16/09/2016

RIOS, Roger Raupp. **Homossexualidade no direito.** Porto Alegre: Livraria do advogado; Esmafe, 2001.

RIOS, Roger Raupp. **Jornal Sul 21.** 2014, disponível em:
<http://www.sul21.com.br/jornal/gays-no-exercito-passam-por-vexame-humilhacao-e-ofensas-diz-juiz-roger-raupp-rios/>. Acesso: 20/09/2016.

RIOS, Roger Raupp. **O princípio da igualdade e a discriminação por orientação sexual: a homossexualidade no direito brasileiro e norte-americano.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

ROCHA, Maria Elizabeth, Presidente do STM. **Jornal Zero Hora.** Disponível em:
<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/economia/noticia/2014/07/maria-elizabeth-rocha-nao-ha-dispositivo-que-impeca-um-militar-de-ser-homossexual-4549237.html>. Acesso: 18/09/2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

IDENTIDADE E RELAÇÕES DE CONSUMO NO COTIDIANO DAS JUVENTUDES

IDENTITY AND CONSUMER RELATIONS IN THE DAILY LIFE OF YOUTHS

Alessandra Fernandes Feltes (Universidade Feevale)¹

Gustavo Roese Sanfelice (Universidade Feevale)²

Resumo: Esse ensaio é uma revisão teórica no qual propõe refletir o conceito de identidade nas relações sociais desses jovens permeadas pelas práticas de consumo. Como consideração, percebe-se que ao tratar de juventudes e suas identidades, encontramos uma complexa teia de representações sociais que vão se construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas. A partir do destaque que essa categoria assume na cultura de consumo compreende-se que suas construções de identidade são atravessadas pela disponibilidade de opções do capitalismo, sobretudo, diante da luta de sobrevivência, que se desenvolve a cada dia perante os seus desejos. Assim, os indivíduos querem se mostrar ao outro de forma espetacularizada e, para tanto, trocam uma identidade considerada “ultrapassada” por outra que o legitime na medida em que consomem determinados itens atrativos.

Palavras-chave: Juventudes. Identidade. Consumo. Mídia.

Abstract: This essay is a theoretical revision in which it proposes discuss the concept of identity in the social relations of these young people permeated by consumer practices. As a consideration, it is noticed that in dealing with youths and their identities, we find a complex web of social representations that are being constructed and modified in the course of time and historical circumstances. From the standpoint that this categorie assume in the consumer culture, it is understood that their constructions of identity are crossed by the availability of capitalism's options, especially in the face of the struggle for survival, which develops each day in the face of their desires. Thus, individuals want to show themselves to the other in a spectacular way and, for this, they exchange an identity considered "outdated" by another that legitimizes them in the measure in which they consume certain attractive items.

Keywords: Youth. Identity. Consumption. Media.

INTRODUÇÃO

É a partir de meados do século XX, em especial no pós-guerra, que o protagonismo juvenil se consolidou solidificando suas relações com a mídia. Foi a partir da mudança da “sociedade industrial voltada para o consumo” para uma “cultura do consumo” que se destaca a “cultura jovem” (HOBBSAWM, 1995). Esses indivíduos tornam-se atores fundamentais, se não os principais, para o crescimento e a acelerada diversificação das formas midiáticas.

Por representar uma fase de transição, as juventudes se adequam perfeitamente às demandas fluídas valorizadas na pós-modernidade, nas quais, se analisam de outra forma os bens materiais e simbólicos como capazes de significarem e produzirem sentido. No início do

¹ Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS), Doutoranda do mesmo PPG, bolsista CAPES/PROSUC, contato: alessandrafeltes@gmail.com.

² Doutor em Ciências da Comunicação/Univerisade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos (São Leopoldo/RS). Professor da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS), contato: sanfeliceg@feevale.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

século XX, por exemplo, a publicidade começa a mudar consideravelmente de formato, e a presença de figuras e valores jovens nos anúncios é explorada por seu potencial de consumo (ENNE, 2010).

Em meio a esses fatores, a autora Enne (2010) aponta que o jogo de constituição identitária se dá a partir do manto universal do dinheiro e esses jovens quantitativamente próximos dos demais (embora não tanto pelas desigualdades de classe, gênero, raça etc.) terão que buscar qualitativamente se diferenciar dos outros. Isto é, as práticas de consumo serão marcadas pela singularidade e separação e, como também em outros momentos, instrumento decisivo para construção de pertencimentos e aceitação. Adensando de forma definitiva o que já vinha fazendo desde a sua constituição, a cultura midiática será central no fornecimento de imagens e diretrizes para esses indivíduos vivenciarem essa experiência de personalizar-se sem perder.

Uma vez que as juventudes estão alocadas em um âmbito socialmente midiaticizado estão profundamente envolvidos e conexos ao mercado global. Ao mesmo tempo, estão sujeitos a uma condição cultural na qual prepondera a transitoriedade e é com base nessa linguagem temporária e passageira de consumo que os indivíduos se identificam e se reconhecem para os outros (FELTES; SANFELICE; 2017).

Assim, as representações, os sentidos e a posição social desses indivíduos na sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos e suas identidades juvenis se constituem a partir das práticas coletivas de interesses em comum. Por sua vez, essas darão sentido ao “estar junto” e ao “ser parte”, suprimindo a necessidade das juventudes em pertencer e constituindo o “nós” que se diferencia dos “outros” (DAYRELL, 2003).

Portanto, a cultura consumista é uma busca interminável de opções de identidades engrenada pela sensação de insatisfação com as identidades adquiridas motivadas por uma “série infindável de novos começos” (BAUMAN, 2008). A partir disso, esse ensaio é uma revisão teórica no qual propõe refletir o conceito de identidade nas relações sociais desses jovens permeadas pelas práticas de consumo. Em outras palavras, aborda uma visão geral da temática acerca das relações entre as juventudes e consumo; e como isso permeia as questões de identidades desses indivíduos.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

QUESTÕES DE IDENTIDADE, JUVENTUDES E A CULTURA DO CONSUMO

A questão da identidade é vista como parte de um processo mais extenso de mudança, que desloca as estruturas e processos centrais das sociedades modernas. Por conveniência, este movimento de modificação pode ser sintetizado como parte da “globalização”, e decorre abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma fixação estável no mundo social (HALL, 2011).

Segundo esse autor, a questão das identidades tem sido cada vez mais discutida nas teorias sociais, pois o mundo que era povoado por identidades fixas está em declínio. Para Hall (2011), essas mudanças se devem ao que é descrito por ele como uma “crise de identidade”, que abalou, deslocou estruturas, desestabilizando posições consideradas estáveis. Como nota-se na citação a seguir:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX [e início do século XXI]. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, [...] Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (...) esse deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2011, p. 9).

Assim, entende-se que as identidades tornam-se cada vez menos fixas, essenciais ou permanentes, e passam a ser, nas palavras do autor citado acima, “uma celebração móvel transformada continuamente e relacionadas às formas como somos interpelados ou representados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2011, p. 13). Isso é, os sistemas de representação são articulados por e conforme os interesses dos grupos de poder, atribuindo significados aos grupos identitários.

Bauman (2005) reforça que o conceito de identidade, nasceu da crise do pertencimento e do empenho que esta desencadeou no sentido de atravessar a lacuna entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade a altura dos padrões estabelecidos pela ideia. De acordo com o autor, na pós-modernidade “as identidades são para usar, exibir, não para armazenar e manter” (p. 96). Nesse sentido, mesmo que você assuma uma identidade, muitas outras, ainda não testadas, estão ao teu lado esperando ser sua próxima escolha (BAUMAN, 2008).

Eliseo Verón (1997), um dos principais autores sobre medias, considera a midiaticização como um processo originado da evolução tecnológica, mas que se amplia pelas demandas sociais e é utilizada como uma ferramenta social para ofertar o consumo – de mercadorias, de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

valores, etc -. Ressalta também que ela possui capacidade para controlar como as relações serão construídas e para qual finalidade social as ações comunicativas servirão.

Esse autor afirma que a midiaticização produz *efeitos radiais*³ em todas as direções, afetando de diferentes formas e com distintas intensidades todos os níveis da sociedade. Como processo social, ela é incitada tanto pelo desenvolvimento da mídia como pelas dinâmicas de abundância de outras instituições, nas quais os atores sociais tentam fazer uso dos recursos da mídia para seus próprios desígnios. Ao mesmo tempo em que os meios de comunicação adquiriram impulso como uma instituição em si mesma, a mídia se tornou onipresente em quase todas as esferas da sociedade (VERÓN, 2014).

Ou seja, o mercado, assim como cria estas necessidades de produtos e marcas, oferece estratégias para, aparentemente, satisfazê-las. Segundo Bauman (2013, p. 52) “pensa-se em juventude e logo se presta atenção a ela como um “novo mercado” a ser “comodificado” e explorado”.

Em vista disso, os autores Nascimento, Próchno e Silva (2012) citam que, no capitalismo, tudo pode se transformar em valor de bens, passível de ser consumido. Enfatizam que a publicidade usa a subjetividade do consumidor e a lógica do seu desejo, a fim de gerar representações com os produtos oferecidos no mercado, comercializando anseios, atitudes etc. Por isso, destacam que a mídia deve ser tratada como uma manifestação cultural, pois interfere propositalmente na organização da subjetividade, no modo de existir e no processo de construção de identidade do indivíduo.

Em suma, esses autores, destacam que a publicidade utiliza a subjetividade do consumidor e a lógica do seu desejo – de acordo com a Psicanálise de que “algo falta” para cultivar o sistema capitalista. Isto é, ela se constrói diante dos sonhos e das fantasias para que o indivíduo, ao se deparar com as imagens e discursos, identifique-se com eles e com o produto anunciado por meio deles, e possa se reconhecer enquanto ser faltante. Dessa maneira, terá ilusão de que a aquisição daquela mercadoria, e de tudo que se associa a ele (valores, posições sociais, ideais, etc.) será também adquirido e fará parte de seu repertório no modo de ser e estar no mundo (NASCIMENTO; PRÓCHNO; SILVA, 2012).

A recorrente convocação ao “desejo de ter”, independente do que venha a representar materialmente esta ânsia, captura e atinge as juventudes. Sarlo (2000) chama a atenção para o

³ Grifo realizado pelo autor.





que ela chama de “coleccionador às avessas”, mostrando que os indivíduos não mais colecionam objetos, mas sim atos de compra associados aos seus desejos.

Além disto, é o objeto – mais atual - que garante a posição de um local pertencente, já que não os colocam à margem da exposição. Logo, os jovens mostram em seus cotidianos que vivem conectados e sabem sempre o que e quem está mais em alta na mídia. O que evidencia a permanente conexão entre os “eus” e a cultura midiática, mostrando que há uma análise mental desses indivíduos no que podem usar para serem mais populares (SILVA, 2014).

Pode-se dizer então, a partir das palavras de Bauman (2008), que:

o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros (...). De maneira distinta do consumo, que é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o consumismo é um atributo da sociedade. (...) novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos (BAUMAN, 2008, p. 44 e 45).

Ao relacionar esse processo de identidade com a mídia, percebe-se que o público jovem está continuamente em um sentimento insaciável instituído pelo mercado. Fica constantemente com sede de mais, no andar em círculo na procura de um novo objeto que garanta a construção da sua identidade, que descreva a que grupo ele pertence (ou não) (SCHMIDT, 2010).

Na definição desses aspectos, Melo e Assis (2014) ao refletir sobre o consumo, pensam na possibilidade do surgimento de ações criminosas nas juventudes como meio de acesso aos bens desejáveis a eles, oferecendo a alguns indivíduos a chave de entrada a grupos sociais dos quais unicamente é possível pertencer por meio da posse de elementos característicos. O objetivo do seu estudo é discutir conceitos que sejam capazes de relacionar a comunicação, o consumo e o crime na adolescência.

Portanto, evidenciam que a exposição à mídia tem um proeminente papel de intervir nas formas de ver e pensar acerca das coisas do mundo, atuando tanto a respeito da dimensão objetiva quanto subjetiva do indivíduo. De um modo geral, os jovens são vulneráveis à ação persuasiva das narrativas midiáticas já que suas posições são de espectadores lenientes de uma persistente publicidade que determina comportamentos aceitáveis, condições de distinção social e elementos que se incorporam aos indivíduos, dando significado às suas identidades na estrutura social (MELO; ASSIS, 2014).

Além disso, as representações midiáticas assumem papel ativo de controle social, estabilidade e alteração, mostrando - na narrativa jornalística, nas peças publicitárias, nas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

revistas - as várias versões do ser indivíduo-em-busca-de-distinção seja por um carro, roupas ou pelo seu corpo. Assim, independentemente de sua classe econômica, o indivíduo é estimulado ao consumo para aparentar uma posição social. Isto é, o estilo de vida, os objetos ostentados em seu corpo são expostos na vitrine da sociedade (MELO; ASSIS, 2014).

Por fim, Melo e Assis (2014) finalizam seu estudo afirmando que no processo de socialização os jovens aprendem o que é a publicidade e qual o seu desígnio em seus cotidianos, mas nem por isso deixam de ser influenciados por ela. Determinados à posse pelo impacto recorrente do discurso midiático, as juventudes partem para a ação: comprar aquilo de que necessitam, pedir para que o comprem ou se apropriar dele, cometendo um ato de criminalidade. Pela repetição constante, a propaganda persuade o indivíduo, cada vez mais dissuadido de seus mecanismos de defesa.

Nessa concepção, a identidade torna-se uma superfície de projeção, em que constam todos os fragmentos vividos pelos ritmos sociais. Na busca de atribuir sentidos a sua vida, os jovens, por meio das necessidades de pertencimento e reconhecimento, se apropriam através daquilo que é visto midiaticamente (FELTES, SANFELICE, 2017).

Deste modo, o comportamento desses indivíduos pode ser fortemente influenciado pela experiência transmitida pela mídia, na qual cada um poderia (em princípio) ser esmagado por ansiedades sobre os riscos implícitos por meio de seus discursos. Esse sentido de "invulnerabilidade" presente em seu cotidiano bloqueia as possibilidades negativas em favor de uma atitude generalizada de esperança, derivada da confiança básica (BAUMAN, 2009).

Portanto, a pós-modernidade se apresenta, assim, como a máscara para ser vista, sempre à procura do moderno e do novo, reprendendo o usado e o reutilizado, tornando a máscara da identidade superficial e própria desse procedimento. O indivíduo, ao se produzir nas relações sociais é, de fato, envolvido nesse processo, no qual o homem na vida cotidiana se sonha como outro, alguém a se alcançar, como seu próprio eu irreconhecível (MARTINS, 2008).

É a partir do consumismo, mercadorias ou nas mudanças de atitudes e ações que os jovens constituem suas identidades. É nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como indivíduo: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações às relações que mantém.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa percebe-se que ao tratar de juventudes e suas identidades, encontramos uma complexa teia de representações sociais que vão se construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas. A partir do destaque que essa categoria assume na cultura de consumo compreende-se que os jovens tornam-se objeto de espetacularização e exploração.

Sua construção de identidade é atravessada pela disponibilidade de opções do capitalismo, sobretudo, diante da luta de sobrevivência, que se desenvolve a cada dia perante os seus desejos. Assim, os indivíduos querem se mostrar ao outro de forma espetacularizada e, para tanto, trocam uma identidade considerada “ultrapassada” por outra que o legitime na medida em que consomem determinados itens atrativos. Por fim, a identidade tornou-se mutável e líquida perante as possibilidades de mercadorias que reforçam para as juventudes que devem se destacar tanto quanto o outro, ou definir pertencer.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre Educação e Juventude**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, (24): 40-52, set./out./nov./dez. 2003.

ENNE, Ana Lucia. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v.7, n.20, p. 13-35, nov. 2010.

FELTES, Alessandra Fernandes; SANFELICE, Gustavo Roes. As juventudes e seus processos de construção de identidades em relação ao olímpico Neymar. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Espanha, v. 3, p. 1, jul./set. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 103-133.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX–1914–1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELO, Patricia Bandeira de; ASSIS, Rodrigo Vieira de. Mídia, consumo e crime na juventude: a construção de um traçado teórico. **Caderno CRH**, Brasília, v.27, n.70, p.151-164. 2014.

NASCIMENTO, Christiane Moura; PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. O corpo da mulher contemporânea em revista. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.24, n.2, p.385- 403, 2012.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SCHMIDT, Saraí Patrícia. Quando “ter atitude” é ser diferente para ser igual: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, 7 (19): 195-210, jul. 2010.

SILVA, Samanta Demétrio da. **Modos de vestir-se e identidades de jovens escolares contemporâneos**. 2014. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2014.

VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización**. Lima: Felafacs, 1997.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. In: **Revista MATRIZES**, São Paulo, v.8, n.1, p.13-19, jan./jun. 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PUBLICIDADE E CULTURA: ANÁLISE DA IDENTIDADE DO GAÚCHO NO TEXTO PUBLICITÁRIO DA POLAR PARA A COPA DE 2014

ADVERTISING AND CULTURE: ANALYSIS OF THE IDENTITY OF THE GAUCHO IN
THE ADVERTISING TEXT OF POLAR FOR THE 2014 CUP

Alessandro Luchini Zadinello (Feevale)¹

Resumo: O presente texto tem como objetivo compreender como se dá a construção identitária do gaúcho em anúncios publicitários, veiculados na televisão no estado do Rio Grande do Sul, e reconhecer quais são as estratégias que presidem essas produções e sua incluência na cultura do estado. Valendo-se de base da identidade do gaúcho, criou-se na propaganda um nicho de mercado no qual se explora a condição de ser gaúcho, seu estilo de vida, seu cotidiano, tradições e particularidades. Assim, a publicidade utiliza-se destas facetas estrategicamente, com a intenção de se aproximar, gerar empatia e interesse no público, buscando mais atenção e espaço no mercado de consumo. Para tal se fará a análise do anúncio da Cerveja Polar destinado à Copa do Mundo de 2014.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Publicidade e Propaganda. Discurso Publicitário.

Abstract: This work aims to understand how the identity construction of the gauchito on advertising commercials is, aired on television in the state of Rio Grande do Sul, and recognize what the strategies that govern these productions are in the state culture. Drawing on the basis of the identity of the gauchito, a niche market in advertising has been created in which the condition of being gauchito is explored, their lifestyle, their daily life, traditions and peculiarities. So, advertising has used these facets strategically, with the intention of approaching generate empathy and interest in the public, seeking more attention and space in the consumer market. For this the analysis of the Polar Beer ad for the 2014 World Cup will be made.

Keywords: Culture. Identity. Advertising. Advertising discourse.

INTRODUÇÃO

Na mensagem publicitária o sentido produzido é fundamental. Este sentido presente no texto publicitário pode interferir, se apropriar ou mesmo construir manifestações culturais em um determinado segmento da sociedade. Sendo assim, as condições de produção dos textos audiovisuais, utilizados nos anúncios publicitários, são de extrema importância para que se possa tentar compreender os sentidos pretendidos pela publicidade na construção dos seus discursos e os efeitos gerados por estes na cultura de uma determinada sociedade.

¹ Doutorando em Processos e Manifestações Culturais na Feevale e mestre em Comunicação Social pela PUCRS. E-mail: ale@zadinello.com.br.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Desta forma, este texto se refere ao estudo construção do discurso publicitário por Charadeau, e seus possíveis efeitos de sentidos gerados, buscando respostas da relação destes sentidos gerados pela publicidade e suas possíveis influências nos processos culturais.

Para isso analisei elementos identitários e discursivos presentes no texto publicitário da Cerveja Polar, com ênfase à Copa do Mundo de 2014 e através da análise procurei mostrar como a publicidade se utiliza da apropriação de símbolos, elementos culturais e históricos próprios do estado do Rio Grande do Sul, e particulares ao cotidiano e tradições e identidade do gaúcho, na construção discursiva do texto do anúncio publicitário audiovisual em questão.

ANÁLISE DO ANÚNCIO DA CERVEJA POLAR PARA A COPA DO MUNDO DE 2014

Nos últimos anos, houve uma retomada do interesse da cultura e identidade local nos textos publicitários. Não só pelas marcas locais, mas também de marcas nacionais e globais. Atualmente com a ampliação dos *players* de mercado, e a oferta de novos produtos ao consumidor, houve um aumento significativo na discussão, criação e veiculação nas mídias e internet de anúncios publicitários, estes com conteúdo midiático de cunho histórico e regionalista. Desta forma muitas marcas e profissionais do mercado publicitário têm se apropriado desta linha criativa para, estrategicamente elaborar os textos de seus anúncios e, assim, buscar criar um vínculo emocional e identitário explícito entre a marca e o produto com o seu consumidor.

Valendo-se de base da identidade do gaúcho, criou-se na propaganda um nicho de mercado que explora a condição de ser gaúcho, seu estilo de vida, seu cotidiano, tradições, história e particularidades. De tal modo, a publicidade utiliza-se destas facetas estrategicamente, com a intenção de se aproximar, gerar empatia e interesse no público, assim, ganhando mais espaço e respeito no mercado de consumo. Muitos anúncios publicitários têm surgido e são veiculados, aproveitando este grau de engajamento com a postura de ser gaúcho, para emplacar marcas ou produtos.

Seguindo esta premissa, faz-se necessário entender de que elementos discursivos se apropria o publicitário para a construção identitária do gaúcho nos anúncios publicitários regionais, identificando as estratégias subjacentes ao discurso publicitário em questão, bem como os possíveis efeitos de sentido gerados e seu impacto na identidade e cultura regional.

Sob a perspectiva de Charadeau (2007), comunicar, informar, tudo é escolha. Estas escolhas podem ser referentes aos conteúdos, as formas de transmitir e a outros elementos, mas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

principalmente a escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, o que não deixa de ser, em outras palavras, a escolha das estratégias discursivas.

É através do reconhecimento destas estratégias discursivas que é possível perceber as condições de produção do texto publicitário. Estas estratégias são baseadas em elementos já conhecidos, oriundos da vivência do profissional, da formação histórica e social do gaúcho, da sua identidade e cultura, e das teorias e estudos do campo da publicidade, que juntos constituem os textos dos anúncios analisados da forma em que os vemos veiculados na televisão.

A publicidade, tal qual a conhecemos, é pautada pela cultura e pela sociedade, e por isso ela se ajusta a questões oriundas da formação cultural, histórica, e identitária do meio para o qual ela é transmitida.

Símbolos e elementos culturais são amplamente utilizados pela publicidade na construção dos anúncios que esta apresenta para o seu público-alvo. Por muitas vezes estes anúncios são de caráter e veiculação regional, e se apropriam de linguagem e símbolos típicos de determinada região, a fim de gerar sentidos comuns e relacionarem-se de forma mais assertiva com seus possíveis consumidores.

Para que seja possível entender a construção de sentidos gerados pela publicidade em determinada sociedade, deve-se compreender a formação cultural e identitária dos indivíduos que fazem parte dela.

A publicidade emprega elementos comuns ao indivíduo e à sociedade, com a intenção de gerar novos significados para o consumidor, significados estes que são utilizados com fins mercadológicos. Desta forma, entendemos que a publicidade se apropria da cultura de um determinado grupo ou região e, ao mesmo tempo, gera novas vertentes culturais e novos costumes para este grupo ou região.

Pode-se observar que a publicidade, quando tratada como elemento social, também possui os aspectos definidos por Willians (1958) como cultura. Ela se utiliza de significados já existentes na sociedade, a fim de se inserir neste meio e, ao mesmo tempo, apresenta novas direções e observações para a mesma sociedade. Sendo assim, deve-se entender que a identidade de uma sociedade serve de argumento para a publicidade que será transmitida e destinada a ela.

Sendo elemento presente na construção da identidade de uma sociedade, a publicidade faz uso de símbolos a fim de se inserir de forma mais eficiente no meio social em que se apresenta.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O ponto de partida para a análise do anúncio da cerveja Polar intitulado “Latas Comemorativas da Copa do Mundo” é o contexto sócio-histórico-cultural em que este discurso foi produzido.

Hoje, no Rio Grande do Sul é praticamente impossível pronunciar juntas as palavras “cerveja” e “gaúcha” e não pensar em uma garrafa com o rótulo da Polar.

Desde 2004 a Polar vêm veiculando peças com enfoque regional e focadas no gauchismo. Hoje atendida pela agência de propaganda Paim de Porto Alegre, a marca foca em ações de marketing regionais e veiculação de filmes na internet, sempre utilizando discurso regional como mote. O anúncio que faz parte desta análise, foi veiculado na televisão durante o ano de 2014, e faz alusão à Copa do Mundo no Brasil.

Neste audiovisual em análise, a agência utiliza como interlocutores da marca, a dupla de atores que vem estrelando os comerciais da marca desde 2006, Diego Medina e Ricardo Kudla Neto, conhecidos como “magrões”. Este termo, de acordo com o Dicionário de porto-alegrês, de Luís Augusto Fischer (2007), significa o mesmo que os verbetes: rapaz, jovem e amigo. A presença dos atores há quase 10 anos nas campanhas da cerveja Polar, somado a empatia dos espectadores com a dupla, contribuem para criar um forte vínculo destes e da marca com os consumidores, gaúchos urbanos do sexo masculino.

Neste anúncio, o ato de transmissão desta mensagem se passa em um ambiente onde pessoas de nacionalidades diferentes, as mesmas que das seleções que jogarão em Porto Alegre durante a Copa do Mundo de 2014, estão reunidas em uma confraternização. O ato de comunicação conforme prevê Charadeau (2007), que se inscreve neste local, é ocupado fisicamente pela dupla de garotos propaganda da marca e os figurantes representando os cidadãos dos outros países. O receptor desta mensagem é o consumidor, que faz o papel de espectador e está em sua casa, ou em outro local, assistindo a televisão.

A situação de comunicação do anúncio se passa entre os personagens, desta forma pode-se entender que eles não interagem diretamente com o espectador, e sim, participam de uma encenação em que a cerveja Polar é o objeto de culto. Finalizando o texto, ouvimos a voz do locutor, que faz a assinatura do anúncio, citando o slogan da cerveja e reforçando a ideia fictícia de culto ao produto: “Polar, a melhor do mundo é daqui”.

As falas evidenciam a qualidade da cerveja e os símbolos e tradições dos gaúchos. Sendo assim, todos os gaúchos podem confiar, a cerveja Polar é a melhor, por que é deste estado, e





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ninguém pode tirá-la daqui. Os personagens utilizam-se da sua situação de gaúchos natos, para impor as condições de consumo da Polar.

Os códigos verbais utilizados no decorrer da ação, remetem à linguagem típica dos habitantes do Rio Grande do Sul, mais propriamente da cidade de Porto Alegre, local específico da origem do sotaque dos “magrões”. Pode-se dizer que esta forma de falar, é típica de pessoas consideradas como magrões pelos gaúchos. Isto se torna evidente através das falas dos personagens, que utilizam-se deste sotaque gaúcho e de palavras comuns à linguagem regional típica do estado.

Quanto aos símbolos e códigos visuais relacionados com o gaúcho, estes estão presentes no decorrer de todo o audiovisual. Os personagens não utilizam indumentária típica do gaúcho, e sim roupas condizentes com jovens urbanos das suas idades. Porém o cenário está repleto de elementos que remetem às tradições gaúchas. Além dos presentes que os personagens oferecem para os outros atores, associados a símbolos e cidades do estado.

Os magrões são uma paródia aos gaúchos jovens e urbanos, principalmente originários de Porto Alegre, e ao seu jeito de ser e agir. Eles se utilizam do orgulho de ser gaúcho para comunicar aos telespectadores o motivo pelo qual consideram esta cerveja a melhor e porque não deve sair do estado.

O tom adotado pelos personagens é um tom lúdico de essência caricatural, representando um típico gaúcho jovem da capital. Este tom permite que o personagem se dirija de forma mais agradável ao público, mostrando ao mesmo tempo humor e o produto, desta forma se identificando com este. O tom utilizado propõe um alto grau de intimidade com o consumidor, desta forma criando um vínculo quase pessoal com ele. A busca pela identidade com o perfil alvo por meio do linguajar e do tom leve e humorado dos jovens também se revela uma estratégia discursiva empregada na construção deste anúncio.

O anúncio começa com os personagens entrando em cena em carregando um *cooler* da cerveja Polar. A câmera inicia focando nas pernas deles. Em seguida entram cenas mostrando o ambiente e as pessoas que estão nele, e depois focando os dois personagens, no momento em que eles começam a falar. Eles baixam o *cooler* e a câmera foca as latas no gelo. Depois, um dos personagens joga a lata para um outro ator, e a câmera foca na lata que está na mão dele. O restante do audiovisual intercala cenas entre os personagens principais e os outros participantes, todas em planos fechados. O anúncio encerra com as latas aparecendo no final da cena em primeiro plano e ao fundo os participantes comemorando.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A disposição do conteúdo do anúncio segue uma ordem cronológica e pré-estabelecida pela agência de propaganda. O anúncio começa com os personagens entrando em cena, a ação se desenrola e o audiovisual acaba com a assinatura da cerveja através das imagens das latas comemorativas.

Podemos definir a dupla de atores como os sujeitos da ação, como propõem Charaudeau (2006). Estes assumem seus personagens e, através destes, se dirigem ao consumidor. Desta forma, a cerveja Polar, se dirige ao público através da figura já conhecida dos personagens e os utiliza representando a imagem da marca.

Entende-se que a empresa fala diretamente com o consumidor através dos personagens e que, as trocas entre a marca de cerveja e o espectador são feitas por intermédio dos “magrões”, que representam o consumidor jovem de cerveja, especificamente o gaúcho urbano do sexo masculino.

A Polar, através deste texto publicitário propõe um contrato entre ela e o gaúcho. Este contrato é explorado no anúncio através do posicionamento e identidade dos personagens. Assim, o contrato propõe ao público que a cerveja Polar é a melhor cerveja do mundo, assumindo esta posição por ser originária do Rio Grande do Sul, que é tratado como “o melhor lugar do mundo” pela linha discursiva proposta pela marca. Desta maneira, a Polar só pode ser consumida dentro do estado, não podendo sair daqui, pois é a cerveja dos gaúchos, que também assumem esta postura de serem os melhores. A frase: “*no export*” e o fato de não poder sair do Rio Grande do Sul já foi explorado em outros anúncios da marca.

Também fazem parte deste texto publicitário tanto referências verbais quanto visuais à cultura do gaúcho. Estas expressões estão presentes nas falas, sotaque e nos objetos de cena presentes no audiovisual.

Expressões tradicionais como o: “bah” e “baita”, somadas às expressões utilizadas por gaúchos urbanos e mais jovens, como: “olha que preza”, “bem capaz” e “véio”, fazem parte do diálogo proposto pelos personagens. As expressões bah, baita, olha que preza são utilizadas para enaltecer as qualidades do produto anunciado. Bah e baita são conhecidas nacionalmente como parte da cultura e do linguajar típico do Rio Grande do Sul. Enquanto “bem capaz”, representa uma forte negação, algo impossível de acontecer; e véio é uma maneira carinhosa de se referir a um amigo, muito utilizada no estado. O sotaque “cantado”, dos dois personagens principais é típico dos jovens gaúchos da capital do estado.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Nota-se, logo que os personagens entram no ambiente, o reflexo de um espelho, que mostra um quadro representando a bandeira do Rio Grande do Sul pendurado em uma parede e abaixo dele um rapaz sentado em uma poltrona, com um computador no colo e envolto em um pano com as cores do estado. Muitos figurantes que se encontram em cena seguram latas tradicionais de cerveja Polar, nas cores verde, vermelho e amarelo, as mesmas da bandeira do Rio Grande do Sul.

Quando um dos personagens pega uma sacola, onde estão as lembranças que ele vai dar aos personagens estrangeiros, esta sacola tem a inscrição: “I [ilustração de uma cuia de chimarrão] RS”, fazendo alusão à mundialmente famosa e difundida expressão americana que está presente em muitos brindes e lembranças da cidade de Nova Iorque, em que está o texto: “I [ilustração de um coração] NY”. Ou seja, “eu amo Nova Iorque”. Como a cuia se assemelha ao formato do desenho de um coração, neste caso deseja dizer “eu amo o Rio Grande do Sul” de uma forma ainda mais local, substituindo o coração pela cuia, instrumento utilizado para preparar e consumir a tradicional bebida gaúcha, o chimarrão.

Os brindes retirados da sacola são: um imã de geladeira, em formato de cuia de chimarrão, encontrado em muitos locais de vendas de lembranças no estado; um boneco de pano de um gaúcho em roupas típicas; e um pano para secar louça onde está escrito: lembrança de Erechim, cidade situada ao norte do Rio Grande do Sul. Estes brindes são analogias a elementos e símbolos típicos do estado e presentes no dia-a-dia dos gaúchos, desta forma inseridos no que definimos como gauchismo.

O texto do anúncio da cerveja Polar em questão tem sua ênfase marcada na ação dos sujeitos que conduzem a narrativa, no caso os dois gaúchos, que carregados de estereótipos e traquejos regionais típicos da identidade do habitante da capital do Rio Grande do Sul, constroem proposições para os outros personagens do anúncio, mediante regras e mecanismos linguísticos para alcançar o objetivo maior da narrativa, a afirmação de que a cerveja Polar “é a melhor do mundo”, “é do Rio Grande do Sul”, “e daqui não pode sair”. Os mecanismos linguísticos se tornam claros quando eles utilizam expressões regionais típicas, que constituem uma relação com as expressões utilizadas pelo consumidor desta cerveja e que já estão no inconsciente coletivo do mesmo.

O fazer-crer, de que esta cerveja realmente é a melhor, tem seus pilares nas características e no discurso constituído pelos sujeitos da ação. Bem como descrito nas referências de análise do discurso de Charaudeau utilizadas para análise deste anúncio, a conversação entre os





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

personagens é resultante da atividade interpessoal de dois ou mais indivíduos face a face, neste caso os dois sujeitos e o restante dos personagens.

Está implícita, neste texto, a memória discursiva de anúncios anteriores da mesma marca, que vêm sendo veiculados desde 2004, e vem povoando o inconsciente coletivo do consumidor desta cerveja. Também estão implícitos no texto do anúncio os pilares da formação sócio-histórica-cultural do gaúcho, já discutidos anteriormente neste texto e que em conjunto com as referências a anúncios anteriores da marca, possibilitam ao consumidor fazer a inter-relação entre a marca e o estado do Rio Grande do Sul.

O implícito, neste caso, exprime esta formação/contexto em questão, sem arriscar ser considerado como responsável por tê-la dito, mas também adiantar uma ideia, subtraindo-a a eventuais objeções, como acontece no decorrer da ação desta narrativa. A ideia de que as latas comemorativas são uma novidade, a forma como são apresentadas aos estrangeiros, o modo como é dito pra eles que não podem levá-las embora, mesmo sendo “a melhor cerveja do mundo”, e o tom de humor com o qual os sujeitos substituem estas latas por outros elementos regionais, como o imã em forma de cuia, constitui uma ideia, trazida pelos sujeitos, que implicitamente utilizam a premissa de que a Polar é a melhor cerveja do mundo e por isso é só para os gaúchos, assim, está subjacente um projeto de fala que coloca o gaúcho também como melhor sujeito do país e do mundo, além de colocar a sul cultura no mesmo patamar.

Pressupõe-se, desta forma, que o que é bom, o que temos de melhor no Rio Grande do Sul, não pode sair daqui, da mesma forma que a cerveja também não pode sair do estado. A pressuposição seria uma forma do implícito, permitindo dizer algo como se não estivesse sendo dito. Tudo o que já se disse sobre um tema e seus correlatos está, de certo modo, significando ali, interpelando os sujeitos. Todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito sobre o que é dito em algum lugar e trazem diferentes “pressupostos”.

Os sujeitos do anúncio se apropriam destes pressupostos e da linguagem para construir ações. Estas ações constituem a linha cronológica do anúncio e fazem com que o discurso tenha sentido e desperte a atenção do público a que será exposto. Todas as ações deste anúncio são simbólicas, remetendo aos pressupostos implícitos relativos a cultura e história de quem vai receber a informação e, ao mesmo tempo, sociais, pois geram discussão entre os espectadores.

Os sujeitos apropriam-se da linguagem e identidade regional para criar uma sequência lógica e ordenar a compreensão do anúncio. Apropriam-se de informações e de elementos





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

conhecidos do espectador para aproximá-lo do texto. De certa forma utilizam esses artifícios linguísticos para convencer o receptor da informação que esta cerveja é a melhor por ser gaúcha, e desta forma não pode sair do Rio Grande do Sul.

CONCLUSÃO

Este anúncio tem como função criar um vínculo emocional com o consumidor da cerveja Polar e desta forma gerar desejo de consumo pela cerveja. Isso se faz através da manipulação dos elementos da formação cultural da identidade do gaúcho e sua inserção em uma situação cotidiana, como no caso do anúncio, uma reunião em função da copa do mundo de futebol.

Partindo do pressuposto de que esses elementos estão implícitos no inconsciente coletivo do gaúcho, faz-se uso deles para gerar vínculo com o produto em questão, que utiliza como mote o fato de pertencer aos gaúchos, como qualquer outro símbolo da cultura regional do estado. Pode-se interpretar que a cerveja Polar é um símbolo do estado, tanto quanto o chimarrão ou a música nativista. É desta forma que a publicidade da cerveja Polar utiliza-se de linguagem discursiva regional e da identidade do gaúcho para construir a narrativa de seu anúncio.

Podemos notar que os sentidos construídos pelo anúncio aqui analisado estão fortemente vinculados ao “ser gaúcho”. Esta intenção naturalmente une o texto do anúncio com a carga identitária e o espaço cultural ao qual ele se insere. Torna-se impossível falar de cerveja e Polar, sem resgatar elementos do gauchismo, afinal, esta marca de cerveja já faz parte da cultura do estado e da construção identitária do gaúcho.

Pode-se concluir que a marca utiliza-se da identidade do gaúcho e, assim, cria uma forte relação de caráter emocional com o público local. Como, se este anunciante, fizesse parte da cultura do estado e desta forma se tornasse parte do cotidiano do consumidor da mesma forma que outras manifestões culturais fazem.

REFERÊNCIAS

CERVEJA POLAR. **Site**. Disponível em: < www.polar.rs>. Acesso em: 08/04/2018.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade, in Mendes E. & Machado I.L. (org.), *As emoções no discurso*, Mercado Letras, Campinas (SP), 2007.

_____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FISCHER, Augusto Luís. **Dicionário de porto-alegrês**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Culture is Ordinary**. Londres: 1958.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DOSES DE ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIÊNCIA DE PARTILHA COM MÚLTIPLOS DE ARTE

DOSES OF CONTEMPORARY ART: EXPERIENCE OF SHARING
WITH MULTIPLE ART

Edson Rodrigo Possamai (Feevale)¹
Juliana Cristina Feyh (Feevale)²
Caroline Bertani da Silva (Feevale)³
Alexandra Kloeckner Eckert Nunes (Feevale)⁴

Resumo: Este artigo apresenta o processo e os resultados da ação de distribuição de múltiplos em arte criados pelo coletivo Nós das Poéticas. O grupo, composto pelos acadêmicos do Curso de Especialização em Poéticas Visuais da Universidade Feevale, realizou esta ação a partir das propostas desenvolvidas na disciplina de Intersecções da Imagem nas Artes e foi orientado pela Prof^{ra}. Alexandra Eckert. Como provocação para pesquisas em aula a questão apresentada foi “O que me alimenta?”, resultando em produções visuais com os conceitos de múltiplos em arte definidos segundo Ricardo Resende e dádiva da partilha segundo Marcel Mauss.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Múltiplo. Partilha. Dádiva. Coletivo de Arte.

Abstract: This article presents the process and results of the distribution of art multiples action created by the collective *The Poetics Us*⁵. The group, composed by the scholars of the Specialization Course in Visual Poetics of Feevale University, carried out this action based on the proposals developed in the discipline *Intersections of the Image in the Arts* and was guided by the teacher Alexandra Eckert. As a provocation for classroom research, the question was: *What feeds me?*, resulting in visual productions with the concepts of multiples in art defined by Ricardo Resende and the gift of sharing according to Marcel Mauss.

Keywords: Contemporary art. Multiple. Sharing. Gift. Art Collective.

DOS CONCEITOS

O múltiplo, segundo Ricardo Resende, curador e Mestre em História da Arte pela USP, é "(...) uma das formas híbridas de editar uma obra, ocupando um espaço não definido entre a gravura e a escultura" (2000, p. 243). Segundo ele, a ideia remonta aos ready-mades de Marcel

¹ Cursando Especialização em Poéticas Visuais pela Universidade Feevale. Graduado em Design de Interiores/FTSG Faculdade de Tecnologia da Serra Gaúcha.

² Cursando Especialização em Poéticas Visuais pela Universidade Feevale. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Feevale.

³ Mestre em Educação e Graduada em Desenho e Plástica pela UPF. Coordenadora da Especialização em Poéticas Visuais.

⁴ Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Mestre em Poéticas Visuais (2000), Licenciada em Educação Artística (1993) e Bacharel em Cerâmica (1995) pela UFRGS.

⁵ This is a pun as, in Portuguese, the word *nós* means *we*, *us* and *knots*.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Duchamp na década de 20, sendo sua obra mais relevante *Boîte en Valise*, de 1941, por ter sido editada várias vezes sem numeração.

Mais tarde, nos anos 60, o artista alemão Joseph Beuys, é quem dá a definição de múltiplo, a partir de uma caixa de madeira que continha em seu interior uma linha desenhada a lápis e uma inscrição da palavra *Intuition*. Editada milhares de vezes, e vendida por um preço irrisório, a caixa sintetizava o interesse que o artista tinha pelo múltiplo, que era a sua possibilidade de distribuição física de espalhar uma ideia política ou filosófica para um contingente maior de pessoas, e que de alguma forma esta ideia no futuro, pensava ele, viesse a servir como mensagem para alguém.

Também utilizaram os múltiplos em sua produção os artistas da Pop Art, do minimalismo, do grupo Fluxus e da arte conceitual. Mais tarde, depois de cair em certo desuso na sua produção, dando lugar a outras experimentações nos anos 80, principalmente, com a retomada da pintura, o múltiplo nos anos 90 retoma a sua força e reaparece na produção de vários artistas contemporâneos.

O sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss, trata do elementar das sociedades: a partilha e o intercâmbio. Com foco no âmbito das prestações totais, onde grupos sociais intercambiam importâncias como riquezas, festas, saberes, etc. Para Mauss (2013), a tríplice da obrigação, que consiste nos atos de dar, receber e retribuir, são distinções fundamentais para constituição e manutenção de relações sociais, onde o bem devolvido nunca tem valor igual àquele bem recebido, importando somente o qualitativo e não o quantitativo, contrapondo sistemas bipartidos de mercado que se constituem na equivalência dar-pagar. A dádiva move-se entre amizade e conflito, interesse e desinteresse, obrigação e liberdade, homogeneizando pessoas na troca, coisas e pessoas, coisas e espíritos.

METODOLOGIA

A partir do estudo dos autores acima citados, o coletivo de artistas, aqui representados pelos autores, debruçou-se sobre a proposta lançada em aula como trabalho final da disciplina, que consistiu em produzir obras de caráter múltiplo em trabalho coletivo que envolvesse todas as pesquisas desenvolvidas a partir do tema “O que me alimenta?”.

A abordagem individual do tema dada por cada artista resultou em obras 11 obras carimbo em papel 10x10cm, acondicionadas em 120 garrafas iguais de vidro, advindas de doações. A nomeação de Doses de Arte Contemporânea é uma conotação direta ao receptáculo que





armazena as obras. Inicialmente tratado como suporte, a garrafa passa a adquirir caráter artístico, pois passou a abrigar também etiquetas e rótulos desenvolvidos especialmente para a ação deixando de ser assim apenas suporte de obras e tornando-se parte integrante dela.

Em sua primeira edição, denominada de 1º envase, a “Doses de Arte Contemporânea” culminou na partilha das garrafas no evento *Noitada Cultural*, na cidade do interior gaúcho de Bento Gonçalves, evento que visou fortalecer a arte na cidade, com o propósito de dar visibilidade para a produção artística do município e o intercâmbio de artistas de fora da cidade, instigar a produção e a utilização de bens culturais, além de incentivar o seu consumo. Como proposta, o evento promoveu doze horas de arte e cultura com apresentações artísticas, que foram desde espetáculos de dança, teatro e música, até exposições de artes visuais e apresentações folclóricas.

Para a partilha o coletivo de artistas mobilizou-se para distribuição das obras, acondicionadas e transportadas em carrinhos de sorvete identificados (Figuras 1 e 2), abordando os transeuntes (por vezes sendo os artistas abordados) promovendo assim a fruição do bem artístico de forma gratuita.



Figuras 1 e 2. Detalhe da garrafa e carrinho e da distribuição em Bento Gonçalves.

Cabe destacar que o grupo Nós das Poéticas é composto pelos artistas Bya de Paula, Margela Arnold, Charmeni Vargas, Cibele Selbach, Cristânia Kramatschek, Deise Marques, Edson Possamai, Juliana Feyh, Juliana Schenckel e Mona Locks.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado, o coletivo de arte constatou que mesmo em se tratando de uma partilha em local informal, ou seja, em um espaço não consagrado de arte, pois ocorreu em uma Rua





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Coberta da Cidade, anexa à “Fundação Casa das Artes”, instituição de renome e relevante contribuição para a arte no Estado, a recepção do público bem como a fruição das obras foi bastante significativa, pois à medida que os trabalhos iam sendo distribuídos, as pessoas passaram também a abordar os artistas, motivadas pela curiosidade suscitada, buscando receber a sua própria “dose de arte contemporânea”.

Embora a ação pretendida pelos artistas não envolvesse especificamente uma troca por parte do público, além da fruição da obra oferecida, foram surpreendidos ao serem agraciados com a presença de uma composição gráfica representando a obra que estava sendo compartilhada, ou seja, a garrafa, por uma das pessoas que a havia recebido anteriormente (Figura 3). Da mesma forma a reação de crianças presentes no evento foi surpreendente, pois muitos foram os momentos em que elas conduziram seus responsáveis até os artistas solicitando sua “dose de arte contemporânea”.



Figura 3. Detalhe de desenho recebido no dia da ação em Bento Gonçalves.

Ainda assim, aos dias que se seguiram à ação, o coletivo permaneceu recebendo manifestações de fruição das obras por adultos e crianças por meio de vídeos, depoimentos e em convites a novas ações.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos este trabalho ainda em processo, pois verificou-se a diversidade e a amplitude prática dos múltiplos e as possibilidades através do carimbo, material que imprime um gesto simples, porém potente de disseminação da arte.

Verificamos, sobretudo, que, assim como os autores que fundamentam esse resumo, uma ação coletiva de partilhar pode-se constituir como um ato social onde pode-se interromper o processo de dar-pagar e se instituir uma nova percepção da relação de fruição e consumo da arte. O que nos remete a própria origem do conceito de múltiplo como forma de tornar a arte mais acessível fora do âmbito de galerias e espaços institucionais.

REFERÊNCIAS

MARTINS, Paulo Henrique. **A Sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação**. Revista Crítica de Ciências Sociais. Disponível em <https://rccs.revues.org/954>. Acesso em 10/11/2017.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2013. (Portátil, 25).

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2003.

MÚLTIPLO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3806/multiplo>>. Acesso em: 10 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A INCLUSÃO SOCIAL DOS CATADORES: PODE UMA ATIVIDADE OCUPACIONAL SOCIAL E CULTURALMENTE EXCLUDENTE GERAR INCLUSÃO SOCIAL?

LA INCLUSIÓN SOCIAL DE LOS CATADORES: ¿ PUEDE UNA ACTIVIDAD
OCUPACIONAL SOCIAL Y CULTURALMENTE EXCLUDIENTE GENERAR
INCLUSIÓN SOCIAL?

Alexandre Coser (Universidade Feevale)¹

Resumo: O presente artigo propõe uma análise de questões culturais relativas à inclusão social dos catadores de materiais recicláveis, para tanto apresenta-se o seguinte questionamento: “diante do contexto cultural brasileiro, quais as possibilidades de uma atividade ocupacional socialmente excludente gerar inclusão social?”. Para tentar responder a pergunta sobre a função integradora que o trabalho deve cumprir na sociedade, a metodologia do presente estudo é pautada em revisão bibliográfica, como objetivo pretende realizar um diálogo reflexivo e aproximativo sobre a temática do culturalismo, do reconhecimento social e do estigma, com base nos autores Jessé Souza, Charles Taylor, Erving Goffman e Zigmunt Baumann.

Palavras-chave: Catadores. Inclusão/exclusão social. Estigma.

Resumen: El presente artículo propone un análisis de cuestiones culturales relativas a la inclusión social de los recicladores, para lo cual se presenta el siguiente cuestionamiento: "ante el contexto cultural brasileño, cuáles son las posibilidades de una actividad ocupacional socialmente excluyente generar inclusión social? ". Para tratar de responder a la pregunta sobre la función integradora que el trabajo debe cumplir en la sociedad, la metodología del presente estudio es pautada en revisión bibliográfica, como objetivo pretende realizar un diálogo reflexivo y aproximado sobre la temática del culturalismo, del reconocimiento social y del estigma, con base en los autores Jessé Souza, Charles Taylor, Erving Goffman y Zigmunt Baumann.

Palabras clave: Catadores. Inclusión/exclusión social. Estigma.

INTRODUÇÃO

Os catadores em sua grande maioria possuem um histórico de trabalho precário no toca os direitos laborais e garantias sociais, circunstância que para ser enfrentada torna imprescindível além do reconhecimento social, o fortalecimento de instituições que garantam suportes sociais em termos de proporcionar inclusão social e melhorar a qualidade nas condições de trabalho, acesso à educação, garantias previdenciárias, assistência à saúde, qualificação profissional, etc.

¹Aluno do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. Advogado, e-mail: alexandrecoser83@gmail.com.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O trabalho, assalariado conforme aponta Castel (2009), figura como eixo estruturador das relações sociais em termos de configuração da identidade social e de integração comunitária dos indivíduos. No que toca os catadores, o escopo do estudo é apreciar os aspectos culturais (reconhecimento social e estigma) dado que a atividade realizada pelo catador remete à reflexão sobre a função integradora do trabalho na sociedade.

Mesmo havendo diferenças entre os catadores que encontram-se associados em cooperativas e os que atuam desvinculados, a inclusão social destes trabalhadores reporta ao questionamento sobre quais as possibilidades de uma atividade ocupacional socialmente e culturalmente excludente gerar inclusão social? A metodologia de pesquisa é pautada em revisão bibliográfica, com o diálogo reflexivo entre diversos teóricos, em destaque os autores Jessé Souza, Charles Taylor, Erving Goffman e Zigmunt Baumann.

AS TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

As modificações tecnológicas em que o conhecimento/qualificação torna-se um componente essencial na produção de bens e serviços, segundo aponta Antunes (2002), fizeram expandir com uma intensidade jamais vista na sociedade o universo do não trabalho - desemprego. Segundo o autor os dados da Organização Internacional do Trabalho assinalam quase um terço da força humana mundial disponível para o ato laborativo, ou se encontra exercendo trabalhos parciais, precários, temporários, ou já vivencia os dissabores do desemprego estrutural.

Corroborando tal entendimento, Silva e Oliveira (2009) apontam que as transformações ocorridas no mundo do trabalho nas décadas de 1970 e 1980 afetaram negativamente diversos trabalhadores, as modificações compreendem aspectos como a crise do antigo modelo fordista de produção, com o surgimento de novas formas de gestão da produção que reduzem a necessidade de mão-de-obra e/ou possibilitaram a transferência das unidades produtivas para locais que apresentassem custos produtivos menores. As implicações dessas transformações vieram sob a forma de crescente desemprego, aumento das desigualdades sociais, avanço da pobreza e enfraquecimento de instituições representativas de trabalhadores.

Denota-se inteligível que a evolução tecnológica vem estabelecendo mudanças na economia e em toda a sociedade, estas modificações exigem uma maior necessidade de adaptação dos indivíduos ao mercado de trabalho. Duas categorias de indivíduos se expõem na lógica econômica atual conforme Rodríguez (2002), os capazes e os incapazes de enfrentar o





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

mundo competitivo da contemporaneidade: os primeiros com alta qualificação profissional obtêm êxito ao alocar-se nos setores modernos da economia; os segundos que possuem pouca ou nenhuma qualificação figuram como aqueles que encontram-se em trabalhos precários, dificilmente conseguem garantir sua subsistência, descritos por Bauman (2005), como os excluídos “resíduos humanos” enquanto resultados inevitáveis da modernização.

Em tal aspecto, o Relatório do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas - IPEA acerca das condições sociais dos catadores, aponta que muitos deles exercem a esta atividade em tempo integral por vários anos, alguns desde a infância. O mencionado relatório aponta que em diversas famílias essa atividade passa a ser seguida de pai para filho, geralmente por falta de melhores opções.

No que tange à escolaridade, os dados do IPEA acerca dos catadores apontam que 66,7% iniciaram os estudos, porém não chegaram a concluir a quarta série do ensino fundamental, 16,7% declaram-se analfabetas e apenas 16,7% chegaram a concluir o ensino médio. A baixa escolaridade pode ser considerado um nítido fator da exclusão social dos catadores de materiais recicláveis, trata-se, por conseguinte, de uma questão importante para o enfrentamento da pobreza e desigualdade, o que evidencia a dificuldade que estas pessoas encontram para se enquadrarem aos requisitos exigidos pelo mercado de trabalho contemporâneo.

Dada tal configuração de baixo nível de escolaridade, é possível reconhecer a questão social dos catadores de materiais recicláveis, como uma das facetas oriunda do sistema econômico atual, visto que a maior parte destes trabalhadores em poucas ocasiões consegue ingressar no mercado de trabalho ou ficou desempregada em face das paulatinas mudanças tecnológicas que transcorreram sistema produtivo.

A nova matriz, em se tratando das configurações do trabalho exigem novas habilidades e, para além disso exige uma economia emocional, sobretudo, segundo aponta Souza (2015), novas atitudes dos indivíduos que devem estar aptos a incorporar conhecimentos, especialmente para o mercado cada vez mais competitivo do trabalho.

QUESTÕES AMBIENTAIS E SOCIAIS SOBRE A RECICLAGEM

Apesar de a problemática ambiental estar evidenciada desde a metade do século XX, em se tratando do adequado manejo dos resíduos no Brasil o problema ainda é pouco enfrentado em termos de efetividade. Em um estudo realizado pelo IPEA, publicado no ano de 2012, é





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

apontado que apenas 18% do total de municípios possuem algum sistema de coleta seletiva de resíduos.

Em que pese possa ser verificada no ordenamento jurídico brasileiro a proteção ambiental com previsão nas Leis 6.938/81, 7.347/85, na Constituição Federal de 1988 e na Lei 9605/98, de modo específico somente em 2010, com a Lei 12.305/10, foi instituída a Política Nacional de Resíduos Sólidos, sendo o marco inicial para a normatização dos serviços a serem realizados pelos municípios, obrigando-os a formalizar planos de gestão dos resíduos urbanos para a disposição final adequada.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos, além do objetivo de regular questões ambientais pertinentes ao descarte e a correta destinação dos resíduos, determina o Plano Nacional de Resíduos Sólidos, tendo metas associadas à inclusão social e à emancipação econômica dos catadores de materiais recicláveis (segundo enunciado disposto no artigo 15, inciso V). A Lei 12.305/2010 reconhece ser preciso integrar os catadores na cadeia da reciclagem para promover a cidadania com a inclusão social pela geração de emprego e renda.

No Brasil, os dados estimativos do Ministério do Meio Ambiente apontam que um total aproximado de 400 a 600 mil pessoas realizam a atividade de catadores, deste total, cerca de 10% atuam associados à cooperativas. Apesar do considerável número de trabalhadores, trata-se de uma classe com articulação incipiente e frágil, que muito recentemente começa a adquirir notoriedade ante a sociedade e ao poder público, dada a emergência das questões de cunho ambiental.

De acordo os dados apresentados pelo IPEA, em termos de remuneração auferida, a renda média destes trabalhadores no ano de 2010, era de aproximadamente pouco mais de um salário mínimo. Uma superficial análise da população de catadores de materiais recicláveis que avalia estes indivíduos como socialmente incluídos por estarem alocados no processo produtivo, induz a uma conclusão equivocada: a de que estas pessoas se encontrariam incluídas por estarem trabalhando.

A apreciação da inclusão social dos catadores de materiais recicláveis somente sob o ponto de vista econômico/renda, apresenta profundas inconsistências, pois não considera todos os aspectos materiais e culturais que se apresentam no tecido social. Alguns pontos na rotina dos catadores são expostos por Martins e Faccenda (2016), a saber: (a) baixo valor pago pelos materiais; (b) rentabilidade insignificante em coletar determinados tipos de materiais; (c) péssimas condições da disponibilização dos materiais por parte da população urbana; (d)





dificuldade de transitar pelo município devido ao trânsito nas ruas com alto fluxo de carros (e) divergências e atritos entre os catadores, como no caso de alguns dispersarem resíduos nas vias, denegrindo a imagem da classe; (f) baixa aceitação social da classe; (g) baixa escolaridade - máximo encontrado foi 6º ano; (h) presença de crianças e mulheres gestantes auxiliando nos trabalhos; (i) jornadas médias de 8h em 6 dias por semana; e (j) longos trajetos carregando peso, com distâncias diárias percorridas de até 12 km.

ASPECTOS CULTURAIS DA EXCLUSÃO/INCLUSÃO SOCIAL DOS CATADORES

A inclusão dos catadores demanda em diversos níveis o reconhecimento da importância destes para o sistema social, sobretudo no modo como estes são considerados em termos do direcionamento das políticas públicas e de subjetividade social para com o catador. O reconhecimento, conforme leciona Taylor (1994), é fator importante para o enfrentamento da invisibilidade social - obstáculo à igualdade de direitos e construção da cidadania.

De acordo com Sousa (2015) existe uma racionalidade que opõe e destaca qualitativa e substancialmente as pessoas ditas como “dignas”, ou seja, aquelas disciplinadas para o trabalho – com capacidade de autocontrole, prospecção e capacidade de concentração, separadas das pessoas desprovidas de dignidade – que em seu oposto não apresentam estas características. Por efeito, aqueles indivíduos que não incorporam tais preceitos valorativos – capital cultural, são desprovidos de importância social, segundo a racionalidade dominante capitalista.

De tal modo, Souza (2015) chama a atenção para a formação de uma *ralé*: seres humanos dispensáveis ao sistema, nesta lógica se encontram os catadores de materiais recicláveis. Além disso, Souza (2015) refere que uma das principais causas da exclusão social apresenta-se sobretudo na falácia da meritocracia, que se confirma através do que o autor refere ser a “*violência simbólica*” explicada como a exclusão social subjetivamente compartilhada, em razão da consideração da ausência de disciplina para o trabalho.

Segundo leciona Souza (2015), a sociedade é configurada em grupos sociais com acesso não igualitário às disposições dentre elas o aparelhamento familiar, o capital econômico, o capital social, para incorporar e assimilar o comportamento prático através da educação implícita e explícita. Segundo o mencionado autor, as pessoas que integram as classes sociais mais elevadas possuem maiores chances de adquirir os requisitos necessários para competir no mercado de trabalho, nessa feição, é possível perceber como as principais instituições da





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

sociedade se encontram revestidos de valores avaliativos, que influenciam na significação de dignidade e no reconhecimento.

A subjetividade contida no modelo meritocrático de pensamento compreende que todos os indivíduos partem do mesmo ponto situacional, este posicionamento interpretativo desconsidera os demais aspectos que impedem a competição social em termos de equidade. Nessa lógica o excluído é percebido como se fosse alguém que possui igualdade de condições, e que se socialmente se desloca do mesmo ponto de partida, com idênticas possibilidades materiais, sendo o sucesso ou fracasso avaliado em relação exclusivamente à sua capacidade.

Tal feição no que toca a consideração de mérito e dignidade é equivocado, pois não avalia, por exemplo a situação econômica ou familiar da pessoa como fator de aparelhamento em adquirir maior qualificação profissional, visto que maior capital econômico resultará em maior possibilidade de adquirir qualificação, nesse aspecto, a sociedade em seu senso comum tende considerar os catadores como indolentes e desprovidos de dignidade.

Aos excluídos, desprovidos de capital econômico, capital cultural e de dignidade, aqui nos termos de Souza (2015), como amplitudes de capitais conexas às oportunidades de trabalho melhor remunerado, são expostas duas possibilidades: (a) ter de se sujeitar aos ditames do mercado, na condição de pobres honestos, reduzidos à energia muscular, vendendo sua força de trabalho muitas vezes por insignificante contraprestação, ou; (b) rebelar-se contra a estrutura que os coloca em tal categoria social, na condição de delinquentes, nas atividades do crime, no tráfico de drogas, prostituição entre outras.

Essas representações não são resultados apenas de construções individuais, mas são também construções culturais originam os estereótipos do desprovido de dignidade na sociedade meritocrática. Pode-se supor que, mesmo com o referido marco normativo da Política Nacional de Resíduos Sólidos - Lei 12.305/10, o catador de material reciclável continua estigmatizado, por não se enquadrar ao padrão profissional pré-estabelecido pela sociedade, nos contornos teóricos descritos por Goffman (1988) e Rodrigues (1999).

A interpretação cultural estigmatizante segundo Goffman (1988), concebe tais pessoas como se elas tivessem sido incapazes de aproveitar as oportunidades disponíveis para o progresso nos diversos caminhos consagrados pela sociedade. Os catadores de materiais recicláveis, conforme aponta Rodrigues (1999), têm suas identidades traçadas a partir de representações estigmatizantes ligadas à pobreza, exclusão e a violência, o que fomenta as discriminações e diminui suas possibilidades e oportunidades na vida.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

No Brasil, estes aspectos em termos de subjetividade social para Souza (2015), reflete na descontinuidade ou inconsistência de políticas públicas redistributivas que visam equidade, eis o discurso culturalmente predominante aponta que “são os novos preguiçosos, que, por culpa própria, escolheram a humilhação e a vida indigna.” (Souza 2015, p. 214).

O senso comum proclama que a atividade de catação de resíduos recicláveis constitui uma possibilidade de inclusão social. Diante de tais perspectivas, cabe questionar sobre qual modo e qualidade se dá este tipo de inclusão social? Eis que para estes indivíduos e suas famílias, as possibilidades de obter a qualificação e os capitais exigidos pelo mercado de trabalho é praticamente insignificante, o que torna a melhoria das condições sociais dos catadores uma tarefa pouco simples e demandam o enfrentamento das variadas facetas da exclusão social.

CONTRIBUIÇÕES PARA O AVANÇO DO CONHECIMENTO

Os indivíduos excedentes nas palavras de Bauman (2005), ou aqueles que não possuem o capital cultural exigido pelo mercado, se encontram em processo de vulnerabilidade, podem de certa forma integrar-se no plano econômico, porém nos demais aspectos sociais, permanecem presentes inúmeras barreiras materiais e culturais.

Importante destacar também o aspecto estrutural no sentido de que a subjetividade da meritocracia provoca baixa aceitação das políticas públicas redistributivas e de equidade. De tal forma, pode ser equivocado considerar que o catador encontra-se incluído socialmente por estar exercendo uma atividade ocupacional.

Diante do que aqui foi apresentado, insta questionar quais as possibilidades de uma atividade ocupacional socialmente e culturalmente excludente gerar inclusão social? Uma vez que acima das configurações aparentes de inclusão social, podem coexistir demais formas exclusão. O presente trabalho não esgota o assunto, procura evidenciar a complexidade do tema que trata da inclusão social do catador de materiais recicláveis diante do contexto cultural.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 06. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2005.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 15 de out. 2017.

BRASIL. Lei no 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a política nacional de resíduos sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Coletânea de legislação e jurisprudência, Brasília. Legislação Federal e marginalia. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm>. Acesso em: 15 out. 2017.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. CADERNO DE DIAGNÓSTICO CATADORES- Sistema Nacional de informação sobre a gestão dos resíduos sólidos. Disponível em: <http://www.cnrh.gov.br/projetos/pnrs/documentos/cadernos/04_CADDIAG_Catadores.pdf>. Acesso em 03 out. 2017.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social:** uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução:

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Diagnóstico dos Resíduos Sólidos Urbanos.** Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/121009_relatorio_residuos_solidos_urbanos.pdf>. Acesso em 25 de out. 2017.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Situação Social dos Catadores e Catadoras de Material Reciclável e Reutilizável.** Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacao_social_mat_reciclavel_brasil.pdf>. Acesso em 25 de out. 2017.

MARTINS, Ricardo Rodrigo de Oliveira. FACCENDA, Henrique Baldi. Forum Internacional de Resíduos Sólidos. Comparação dos agentes Seleccionadores de Materiais Recicláveis em Santa Maria – RS. **Anais do 7º Forum Internacional de Resíduos Sólidos.** Jun. 2016. Disponível em: <<http://www.institutoventuri.org.br/ojs/index.php/firs/article/view/16/12>>. Acesso em 04 de out 2017.

Mathias Lambert. 4ª ed. São Paulo: LTC, 1988

RODÍGUEZ, César. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In: SINGER, Paul; SETHI, Harsh; KLUG, Heinz; NAVARRO, Zander. **Produzir para viver:** os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história.** Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 1999.

SILVA, Marcelo Kunrath. OLIVEIRA, Gerson de Lima. Solidariedade assimétrica: capital social, hierarquia e êxito em um empreendimento de “economia solidária”. Rev. katálysis, Florianópolis, v. 12, n. 1, jun. 2009. Disponível em:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802009000100008>.
Acesso em: 29 dez. 2017.

SOUZA, Jesse. **A tolice da inteligência brasileira:** ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo, SP: Leya, .2015.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo:** examinando a política de reconhecimento. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1994.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PET-SAÚDE REDES DE ATENÇÃO A PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO CONTEXTO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA: REFLEXÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA E FUNCIONALIDADE

PET-HEALTH CARE NETWORKS A DISABLED PERSON IN THE CONTEXT OF
PRIMARY CARE: REFLECTIONS ON DISABILITY AND FUNCTIONALITY

Aline Bonini Reis Pedroso Diehl (Universidade Feevale)¹

Emily Schuch Martins (Universidade Feevale)²

Camila Cristina de Oliveira (Universidade Feevale)³

Jorge Luis de Andrade Trindade (Universidade Feevale)⁴

Marcus Levi Lopes Barbosa (Universidade Feevale)⁵

Eduarda Hoffmaister Ribeiro (Universidade Feevale)⁶

Sara Keinschmitt (Universidade Feevale)⁷

Resumo: A atenção primária é um vasto e importante campo para o desenvolvimento de práticas de atenção à saúde da pessoa com deficiência, pois, se bem estruturada e preparada, permite auxiliar esses sujeitos em relação à participação social, com informações a respeito de grupos educativos, reflexivos e terapêuticos ou atividades comunitárias. Porém, ainda há desafios, exigindo reflexões sobre as práticas atuais e as construções futuras. Sendo assim, este trabalho refere-se a um estudo exploratório realizado na Unidade de Saúde da Família (USF) localizada em um bairro da cidade de Novo Hamburgo/RS. O objetivo deste estudo é investigar o nível de funcionalidade das pessoas diagnosticadas com deficiência (PCD'S), atendidos na USF do bairro em estudo. A amostra é composta por 86 (41 feminino, 45 masculino) PCD's. Os instrumentos utilizados foram a "Ficha A" e o índice de Barthel. Quanto aos procedimentos, todos os cuidados éticos foram observados (CAAE: 44567515.8.0000.5348). Os resultados encontrados demonstram que as pessoas com deficiência auditiva possuem maior nível de funcionalidade (m=100/dp=0), seguido pela deficiência mental (m=81/dp=28,97), deficiência visual (m=83,33/dp=11,54) deficiência física (m=74,51/dp=29,30) e por fim deficiências múltiplas (m=30/dp=40,49). Sugere-se a aplicação do estudo em uma amostra maior.

Palavras-chave: Autonomia. Deficiência. PCD. PET Saúde.

Abstract: Primary care is a vast and important field for the development of health care practices for people with disabilities, since, if well structured and prepared, it allows them to help with social participation, with information about educational, reflexive groups and therapeutic or community activities. However, there are still challenges, requiring reflection on current practices and future constructs. Therefore, this study refers to an exploratory study conducted at the Family Health Unit (USF) located in a neighborhood of the city of Novo Hamburgo / RS. The objective of this study is to investigate the level of functionality of people diagnosed with disability (PCD'S), attended at the USF of the neighborhood under study. The sample is composed of 86 (41 female, 45 male) PCD's. The instruments used were "Ficha A" and the Barthel index. Regarding the procedures, all ethical care was observed (CAAE: 44567515.8.0000.5348). The results show that people with hearing impairment have a higher functional level (m = 100 / dp = 0), followed by mental deficiency (m = 81 / dp = 28,97), visual





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

impairment ($m = 83,33 / dp = 11,54$) physical disability ($m = 74,51 / dp = 29,30$) and finally multiple disabilities ($m = 30 / dp = 40,49$). It is suggested that the study be applied in a larger sample.

Keywords: Autonomy. Deficiency. PCD. Pet Health.1. Palavra 2. Mot 3. Keyword 4.

INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se a um estudo exploratório realizado na Unidade de Saúde da Família (USF) localizada em um bairro da cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul (RS). O objetivo deste estudo é investigar o nível de funcionalidade das pessoas diagnosticadas com deficiência (PCD'S), atendidos na USF do bairro em estudo. Através desta investigação busca-se realizar uma reflexão entre funcionalidade e a autonomia e a patologia dos sujeitos, assim como auxiliar na estruturação da rede de atenção as pessoas com deficiência, incipiente até então.

É sabido que a atenção primária é um vasto e importante campo para o desenvolvimento de práticas de atenção à saúde da pessoa com deficiência, pois, se bem estruturada e preparada, permite auxiliar esses sujeitos em relação à participação social, com informações a respeito de grupos educativos, reflexivos e terapêuticos ou atividades comunitárias. É na relação da pessoa com seu meio sociocultural que se percebe a existência das grandes barreiras a serem enfrentadas. Reitera-se a relevância do papel da atenção básica no cuidado integral à saúde da pessoa com deficiência. Porém, ainda há desafios, exigindo reflexões sobre as práticas atuais e as construções futuras. (OTHERO; DALMASO, 2009).

A Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência apresenta como principal objetivo a reabilitação da pessoa com deficiência na sua capacidade funcional e de desempenho humano, de modo a contribuir para a sua inclusão social, bem como prevenir os agravos que determinem o aparecimento de deficiências. (BRASIL, 2006). O manual, com base no Decreto nº 5.296/04, considera a pessoa com deficiência aquela que se enquadra nas seguintes categorias: Deficiência Física, Deficiência Auditiva, Deficiência Visual, Deficiência Mental e Deficiência Múltipla. Os diferentes tipos de deficiência resultam em diferentes níveis de limitação funcional. A Organização Mundial de Saúde (OMS) possui uma classificação internacional de referência para descrição da funcionalidade: que é a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). Na CIF, são classificadas as questões referentes à funcionalidade e incapacidade associadas aos estados de saúde. (DI NUBILA; BUCHALLA, 2008).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Esta classificação de saúde e de domínios relacionados à saúde, possui agrupamentos de acordo com suas características comuns (origem, tipo ou similaridade), ordenados de um modo significativo. A informação coletada é organizada em três componentes: “Corpo”, “atividade e participação” e “contexto”. Assim, ao avaliar as condições das pessoas com problemas, deficiências, doenças, quando estas interferem (ou não) na execução de atividades, os qualificadores permitem mensurar, tanto a interferência negativa, gerando uma limitação, como a positiva, melhorando a execução destas atividades. Através desta avaliação é possível perceber como os fatores ambientais, externos ao indivíduo, podem ter influência positiva ou negativa sobre a participação do sujeito como um membro da sociedade, no seu desempenho em atividades ou sobre uma função ou estrutura corporal. (DI NUBILA; BUCHALLA, 2008).

As descrições trazidas pela CIF permitem auxiliar o profissional de saúde a obter uma visão mais aprofundada da dinâmica ambiental e social da pessoa. Possibilita analisar não somente a deficiência ou a questão orgânica, mas pensar na possibilidade de mudança, de adaptação e enfrentamento após um evento que produz uma determinada condição de saúde, uma vez que permite a codificação e o uso de qualificadores para medidas de capacidade, fatores ambientais e fatores pessoais. As informações sobre a funcionalidade fornecem uma imagem mais ampla e mais significativa para descrever a saúde das pessoas ou de populações, que pode ser utilizada, entre outros, para propósitos de tomada de decisão e de soluções de enfrentamento perante a situação, auxiliando também para desenvolver as habilidades dos sujeitos (FARIAS; BUCHALLA, 2005).

Na CIF, a terminologia “deficiência” corresponde a alterações apenas na função ou estrutura corporal, ao passo que “incapacidade” seria bem mais abrangente, indicando os aspectos negativos da interação entre o indivíduo (com uma determinada condição de saúde) e seus fatores contextuais (fatores ambientais e pessoais), envolvendo uma relação dinâmica. O indivíduo pode apresentar uma deficiência (no nível do corpo) e não necessariamente viver qualquer tipo de incapacidade. De modo oposto, uma pessoa pode viver a incapacidade sem ter nenhuma deficiência, apenas em razão de estigma ou preconceito (barreira de atitude). (DI NUBILA; BUCHALLA, 2008).

METODOLOGIA

A amostra deste estudo foi composta de 86 PCD's, de ambos os sexos (39 do sexo feminino e 45 do sexo masculino), sendo 41 com deficiência física, 25 com deficiência mental,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

15 com múltiplas deficiências, 3 com deficiência visual e 2 com auditiva. O contexto no qual esta amostra está inserida é um bairro, na cidade de Novo Hamburgo RS, com cerca de 12 mil habitantes. A população total atendida na USF é de 10.979. Os instrumentos utilizados foram as fichas de cadastro das famílias atendidas pelos agentes comunitários de saúde (ACS), a “Ficha A”. Esta ficha compreende aspectos, como: número de pessoas que residem na casa, ocupação, condições de moradia, doenças e deficiências, medicamentos. Esta ficha foi elaborada pela preceptora, enfermeira da USF.

O outro instrumento foi o Índice de Barthel que pertence ao campo de avaliação das atividades da vida diária (AVDs) e mede a independência funcional no cuidado pessoal, mobilidade, locomoção e eliminações (MINOSSO et al., 2010). Trata-se de um instrumento composto de 10 itens relativos a aspectos fisiológicos e cuidados pessoais, sendo que a soma dos escores dos itens resulta em valores de 0 a 100 (0-15= Dependência total, 100 = Independente).

Os procedimentos e processos de identificação foram feitos da seguinte forma: primeiramente as bolsistas do Projeto executaram um treinamento com os 15 ACS da USF, com o intuito de esclarecer os tipos de deficiências englobadas nas futuras atuações do Projeto, com base na classificação do manual do Ministério da Saúde, “A Pessoa com Deficiência e o Sistema Único de Saúde”, de 2007. Após apropriação dos conceitos e instrumentos, as acadêmicas, juntamente com os ACS, realizaram visitas domiciliares nas casas dos PCD’s, para aplicação da ficha A e Barthel. Após feitos os cadastros, foram discutidos os casos e tabulados os dados no Excel. Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Feevale, sob o número: CAAE: 44567515.8.0000.5348

RESULTADOS

Os resultados obtidos indicam que as pessoas com deficiência auditiva possuem um maior nível médio de funcionalidade (média = 100, dp = 0), seguido pela deficiência mental (média = 81, dp = 28,97), deficiência visual (média = 83,33, dp = 11,54), deficiência física (média = 74,51, dp = 29,30) e, por fim, as múltiplas deficiências (média = 30, dp = 40,49). Estes resultados devem ser observados com certo cuidado, visto que a amostra de pessoas com deficiência auditiva e visual foi bastante reduzida. Outro ponto a ser destacado é que a funcionalidade avaliada pelo Barthel é focada em aspectos físicos e motores. Esta característica da medida pode ter contribuído para um bom desempenho das pessoas com deficiência mental.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Embora estes resultados não possam ser generalizados, trazem importantes indícios sobre as deficiências mais predominantes na localidade, assim como o nível de funcionalidade dos usuários da USF.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou investigar o nível de funcionalidade das pessoas diagnosticadas com deficiência, atendidos na USF de um bairro da cidade de Novo Hamburgo/RS. Os resultados encontrados demonstram que os pacientes portadores de deficiência auditiva apresentam um maior nível médio de funcionalidade. Este resultado pode ser explicado pelo fato de esta deficiência apresentar um reflexo menos incapacitante na vida de seus portadores quando comparada a outras deficiências. Sabemos que a deficiência auditiva interfere na vida de seus portadores mas não o impossibilita totalmente de realizar suas atividades de vida diária. Um dos aspectos, já mencionados, que necessitam uma maior atenção é o fato de que a amostra analisada, de deficientes auditivos, é relativamente pequena. O que pode interferir nos resultados. Já as deficiências múltiplas apresentaram uma média consideravelmente baixa. O que pode ser explicado pela alta incapacidade que esta deficiência provoca. Influenciando negativamente na execução de tarefas, no convívio social e na capacidade funcional dos seus portadores.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados nos possibilitaram quantificar as pessoas e os tipos de deficiência dos usuários da USF, refletir a respeito das patologias e o nível de independência que cada PCD possui. Auxiliou a pensar em estratégias para torná-los mais independentes dentro das suas capacidades e subjetividades. Percebemos que a ajuda do cuidador pode “interferir” na realidade situacional do paciente, no sentido de privá-lo de uma independência nas atividades cotidianas que ele poderia ter, mas que o cuidador por medo ou precaução não permite. Por fim, este trabalho permitiu investigar os tipos de deficiência das pessoas com deficiência (PCD’S) atendidos na USF e realizar uma reflexão entre funcionalidade e a autonomia e a patologia dos sujeitos, auxiliando na estruturação da rede de atenção as pessoas com deficiência, incipiente até então.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **A pessoa com deficiência e o Sistema Único de Saúde.**





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. 16p. Disponível em:
<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0327_M.pdf>.

DI NUBILA, Heloisa Brunow Ventura; BUCHALLA, Cassia Maria. O papel das Classificações da OMS - CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.11, n.2, São Paulo, jul. 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2008000200014&script=sci_arttext>.

MINOSSO, Jéssica Sponton Moura, et. al. Validação, no Brasil, do Índice de Barthel em idosos atendidos em ambulatórios. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3070/307023858011/>>.

OTHERO, Marília Bense; DALMASO, Ana Sílvia Whitaker. Pessoas com deficiência na atenção primária: discurso e prática de profissionais em um centro de saúde-escola. **Comunicação Saúde Educação**. v.13, n.28, p. 177-88, jan/mar. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v13n28/v13n28a15.pdf>>.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A INOVAÇÃO NA UNIVERSIDADE CORPORATIVA BANRISUL

The innovation in Banrisul Corporative University

Aline Narciza Souza Rezende (Feevale)¹

Mary Sandra Guerra Ashton (Feevale)²

Dusan Schreiber (Feevale)³

Resumo: A inovação está entre os termos mais presentes no cenário contemporâneo. A busca de atualização mantém as organizações em contínuo alerta ao risco de serem superadas pela concorrência. Assim, o Banco do Rio Grande do Sul investiu na qualificação padronizada no seu quadro funcional criando sua própria universidade corporativa. Nesse contexto, o presente estudo teve o objetivo de analisar a inovação na Universidade Corporativa Banrisul. Para tanto, adotou o método exploratório descritivo, numa pesquisa de cunho qualitativo. Ao realizar o cruzamento com a teoria pode-se observar a inovação na Universidade Corporativa Banrisul, sendo esta uma proposta nova para gerenciar o conhecimento, como solução e oportunidade de padronizar a qualificação do robusto quadro funcional do referido banco, agregando questões tecnológicas em suas operações como a plataforma *moodle* de aprendizagem a distância.

Palavras-chave: Inovação. Universidade Corporativa. Banrisul

Abstract: Innovation is among the most present terms in the contemporary scenario. The update search keeps organizations in continuous alert the risk of being surpassed by the competition. Thus, the Bank of Rio Grande do Sul invested in the standardized qualification in its staff creating its own corporate university. In this context, the present study aims to analyze an innovation at the Banrisul Corporate University. To do so, I have adopted the exploratory descriptive method, in qualitative research. When crossing the theory the innovation can be observed in the Banrisul Corporate University, this being a new proposal to manage knowledge, as a solution and opportunity to standardize the qualification of the robust functional framework of said, using information technology in its operations as the moodle platform of distance learning.

Keywords: Innovation. Corporate University. Banrisul.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema a inovação e é fruto de um dos construtos da dissertação em andamento no Mestrado em Indústria Criativa, da Universidade Feevale. Refletindo-se sobre este termo tão usado na atualidade, observa-se a adaptação do comportamento de empresas e instituições corporativas, entre estas, vale ressaltar o caso do Banco do Estado do Rio Grande do Sul – Banrisul, instituição escolhida para este estudo. A instituição fundada em 1928 está presente em todo estado gaúcho, bem como possui atendimento em outros estados e

¹ Mestranda em Indústria Criativa (Feevale). Pós-graduada em Prática Docente no Ensino Universitário, MBA em Gestão Bancária, Graduada em Comunicação Social- RP. (aline.rezende@feevale.br).

² Doutora em Comunicação Social -PUCRS. Professora Titular e pesquisadora na Universidade Feevale. Docente no Mestrado em Indústria Criativa. (marysga@feevale.br).

³ Doutor em Administração -UFRGS. Pesquisador, docente e Coordenador do Mestrado em Indústria Criativa pela Universidade Feevale. (dusan@feevale.br).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

no exterior. Assim, para manter as demandas administrativas e operacionais fluindo, o banco conta com 10.585 funcionários (BANRISUL, 2018). O setor bancário é altamente competitivo, sendo essencial a inovação e a adaptação ao atual cenário onde se destacam-se as novas mídias, a valorização do conhecimento e da criatividade como ativos econômicos.

Para acompanhar e se manter no mercado, o Banrisul investiu como diferencial a busca pela maior excelência possível no seu segmento, através da qualificação acessível a sua rede de funcionários. Aliando, nesse novo modelo educativo, estratégia de comunicação como as mídias virtuais. Assim surge em 2013 a Universidade Corporativa Banrisul, contando com a plataforma *Moodle* de aprendizagem a distância. Iniciativa que surge em sequência ao novo posicionamento de imagem, vivenciado pela instituição financeira em 2012.

Nesse contexto estudo teve o objetivo de analisar a inovação na Universidade Corporativa Banrisul. Para tanto, adotou o método exploratório descritivo, numa pesquisa de cunho qualitativo. Utilizou amparo teórico de autores tais como: Tidd, Bessant e Pavit (2008), Takahashi e Takahashi (2007), Florida (2011), Reis (2012) entre outros. Tendo como objetivo-fim analisar o tema proposto comparando com a teoria.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inovação, termo tão usado no cenário contemporâneo. Mas afinal o que é inovação?

De forma simples, inovação é algo novo que agregue valor social ou riqueza. Muito mais do que um novo produto, algo de inovador pode estar por trás de tecnologias novas, novos processos operacionais, novas práticas mercadológicas, pequenas mudanças, adaptações, enfim, novidades que, de algum modo ou de outro gerem um ganho para quem põs em prática. Em termos econômicos [...] que gere lucro. (ZAWISLAK, 2008, Introdução in TIDD; BESSANT; PAVIT, 2008).

Observa-se que a inovação está ligada a questão econômica, e segundo Schumpeter é isso o que a diferencia do conceito de invenção, termos muitas vezes usados como sinônimos. Para o economista austríaco Schumpeter o que diferencia a inovação da invenção é o fato de a primeira estar vinculada a um ganho econômico. Para o referido autor, a inovação tem o papel fundamental de impulsionar o progresso econômico por meio do progresso técnico (SCHERER E CARLOMAGNO, 2009).

Para Takahashi e Takahashi (2007) a inovação, inevitavelmente, diz respeito as mudanças que podem ser relativas ao objeto que a empresa oferece, o produto, ou pode estar relacionada





ao processo, que é o modo como a organização cria, produz ou entrega estes produtos. Para estes autores a inovação também diz respeito a novidade:

Assim, podemos caracterizar graus de novidade em relação as mudanças. A inovação incremental trata de melhoramentos em produtos já desenvolvidos; portanto, possui um baixo grau de novidade. A inovação radical possui uma base tecnológica, proporciona desempenhos superiores e diferenciados e transforma o modo como pensamos e utilizamos as soluções existentes; possui um alto grau de novidade. (TAKAHASHI E TAKAHASHI, 2007, P.5).

Como visto a inovação apresenta ligações com a questão da novidade e subentende alguns pilares básicos como: conhecimento, informação e criatividade. (TIDD, BESSANT E PAVIT, 2008). De forma convergente, Florida (2011) entende a criatividade como a principal força propulsora, contando com ferramentas como: o conhecimento e a informação.

Na visão de Reis (2012) inovações compreendem a capacidade de solucionar problemas e antecipar oportunidades, das mais diversas ordens. Desde inovações propostas por polos tecnológicos ou acadêmicos, por exemplo, ou soluções simples para problemas mais básicos.

Para Bessant e Tidd (2009), pelo reconhecimento de sua relevância, a inovação não pode ser entendida e/ou esperada que aconteça de forma natural, é preciso gerenciar o processo ativamente. Estando a inovação centrada em três fatores principais: geração de novas ideias, seleção das melhores e implementação. Os quais também chamam a atenção sobre um ponto importante da inovação, no qual normalmente somos propensos a compreendê-la como a produção quanto o próprio processo para obtê-la. Os autores complementam estimulando a reflexão sobre esses dois aspectos: o que será mudado e o processo de mudança em si mesmo. A inovação assume formas diferentes, resumidas em quatro diferentes dimensões de mudanças (os “4 Ps” da inovação) por Bessant e Tidd (2009), sendo:

Quadro 1: Os “4 Ps” da Inovação

Inovação de:	Características
Produto	mudanças nos produtos/serviços que a empresa oferece;
Processo	mudanças nas formas em que os produtos/serviços são criados e ofertados ou apresentados ao consumidor;
Posição	mudanças no contexto em que produtos/serviços são introduzidos;
Paradigma	mudança nos modelos mentais básicos que norteiam o que a empresa faz.

Fonte: A autora, com base na proposta de Bessant e Tidd (2009).





De acordo com o Manual de Oslo, documento de referência mundial que consolida conceitos e definições sobre as atividades de inovação, apresenta-se quatro formas de inovação, sendo elas: produto, processo, organizacional e marketing. Para esclarecimento, o termo produto abrange tanto bens como serviços, conforme quadro a seguir:

Quadro 2: Tipos de Inovação Manual de Oslo

Inovação em:	Características
Produto	é a introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente melhorado no que concerne a suas características ou usos previstos. Incluem-se melhoramentos significativos em especificações técnicas, componentes e materiais, softwares incorporados, facilidade de uso ou outras características funcionais.
Processo	é a implementação de um método de produção ou distribuição novo ou significativamente melhorado. Incluem-se mudanças significativas em técnicas, equipamentos e/ou softwares.
Marketing	é a implementação de um novo método de marketing com mudanças significativas na concepção do produto ou em sua embalagem, no posicionamento do produto, em sua promoção ou na fixação de preços.
Organizacional	é a implementação de um novo método organizacional nas práticas de negócios da empresa, na organização do seu local de trabalho ou em suas relações externas.

Fonte: A autora, com base no Manual de Oslo, 3. ed.

Observa-se a expansão do conceito de inovação pelo Manual de Oslo, visto que em sua 2ª edição tratava especificamente de inovação tecnológica de produto (bens e serviços) e processo. Já na 3ª edição, expande o conceito de inovação adicionando a inovação organizacional e de marketing.

Sendo a instituição escolhida para esta pesquisa o agente econômico oficial do Estado do Rio Grande do Sul, ainda que este seja de economia mista, também considera-se válidas as ponderações de Bessant e Tidd (2009, p. 24) para os quais “a inovação impõe grandes desafios – e possibilita grandes oportunidades – ao setor público”.

METODOLOGIA

A metodologia foi amparada teoricamente por Prodanov e Freitas (2013). Sendo que este estudo se classifica como exploratório pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele. Como procedimento





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

metodológico, o trabalho utilizou-se da pesquisa bibliográfica, a partir de estudos já publicados sobre o conceito de inovação, para respaldar essa discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O investimento na Universidade Corporativa Banrisul propõe a inovação ligada com a questão da novidade e subentende alguns pilares básicos como: conhecimento, informação e criatividade, como proposto por Tidd, Bessant e Pavit (2008). Isso ponderando, a operação da referida universidade enquanto marco de inserção de uma nova matriz de qualificação técnica e gestão do conhecimento na instituição financeira.

Ao refletir, no âmbito da Universidade Corporativa Banrisul, sobre as quatro dimensões de mudança propostas pelo Manual de Oslo e pelos autores Bessant e Tidd, evidencia-se principalmente a inovação de processo. Inovação esta que refere-se à implementação de um método de produção ou distribuição novo ou significativamente melhorado, incluindo mudanças significativas em técnicas, equipamentos e/ou softwares. Bem como mudanças nas formas em que os produtos/serviços são criados e ofertados ou apresentados ao consumidor. Linha esta também partilhada por Takahashi e Takahashi (2007).

Neste estudo, mais especificamente observa a inovação no processo de treinamento através da qualificação padronizada e acessível ao quadro técnico funcional do Banrisul. Esta operação é complexa visto seu robusto quadro com mais de dez mil funcionários, quadro necessários para dar suporte a estruturada rede de atendimento do Banrisul, atuante no estado gaúcho, bem como em outros estados e fora do país. Aqui se pode observar as contribuições de Reis (2012) que compreende inovação como a capacidade de solucionar problemas e antecipar oportunidades, das mais diversas ordens. Nesse contexto, a Universidade corporativa Banrisul, que conta com a plataforma *moodle* de aprendizagem a distância, torna viável o acesso dos funcionários aos cursos, sem que os mesmos tenham que se deslocar de seus locais de trabalho, reduzindo inclusive custos. De forma complementar, oportuniza ao colaborador autonomia para administrar o programa de aprendizagem conforme sua área de interesse e/ou disponibilidade de tempo.

A análise e implementação de uma estrutura com a finalidade de qualificar o quadro funcional converge a linha proposta por Bessant e Tidd (2009), na qual a inovação precisa de gerenciamento ativo estando centrada em três fatores principais: geração de novas ideias, seleção das melhores e implementação. Os autores também estimulando a reflexão sobre esses





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**

**DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

dois aspectos: o que será mudado e o processo de mudança em si mesmo. Assim pode-se também refletir que se há disponibilidade de treinamento padronizado, através da universidade corporativa, logo o discurso e a gestão do conhecimento também deveriam ser comuns entre os funcionários da referida instituição bancária.

Assim, a inovação na Universidade Corporativa Banrisul pode ser observada na análise de sua relevância e na implementação propriamente dita de suas operações. Destaca-se a inovação no processo de qualificação técnica dos bancários do Banco do estado do Rio Grande do Sul, utilizando como recurso a Universidade Corporativa Banrisul e as questões tecnológicas compreendidas nesta.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões citadas no texto observa-se que a inovação pode fazer uma grande diferença nas empresas, independente do segmento ou tamanho destas. O processo de inovação instiga constante movimento em busca de atualização no que se está ofertando no mercado, mantendo a organização em continuo estado de alerta ao risco de ser superada pela concorrência.

A inovação, retomando o referencial, está ligada a questão econômica (SCHUMPETER) e a novidade (TAKAHASHI E TAKAHASHI, 2007). Também subentende fatores como: conhecimento, informação e criatividade (TIDD, BESSANT E PAVIT, 2008). Compreende ainda a capacidade de solucionar problemas e antecipar oportunidades (REIS, 2012). A inovação é complementada pela compreensão de sua relevância, a qual precisa de gerenciamento ativo no processo da inovação e requer gerenciamento ativo do seu processo (BESSANT E TIDD, 2009). Assim a inovação em termos conceituais não apresenta divergências entre os teóricos citados, alguns mais abrangentes apenas, talvez até complementares.

Ao realizar o cruzamento com a teoria pode-se observar a inovação na Universidade Corporativa Banrisul, sendo uma nova proposta para gerenciar o conhecimento técnico, como solução e oportunidade de padronizar a qualificação do robusto quadro funcional do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, agregando questões tecnológicas em suas operações como ambientes de aprendizagem a distância. Nesta perspectiva, estaria compreendido o conhecimento do indivíduo e sua gestão como essencial no desempenho e inovação empresarial, convergente a proposta da indústria criativa, voltada à atividade econômicas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

baseadas na criatividade como matéria-prima, a qual reconhece e valoriza o conhecimento e o capital intelectual humano.

Em decorrência, este estudo pode vir a contribuir com novos conhecimentos e reflexões sobre o assunto, ou mesmo instigar estudos sobre o tema sob outras perspectivas, como por exemplo: quais contribuições de fato foram geradas na qualificação técnica dos funcionários; se a rotina operacional permite a dedicação dos funcionários a aprendizagem de qualidade dos cursos ofertados e de que forma isso chega até o cliente final.

REFERÊNCIAS

BANRISUL: Disponível em: <http://www.banrisul.com.br/> Acesso em: 22/04/2018.

BESSANT, John; TIDD, Joe. **Inovação e Empreendedorismo**. Tradução Elizamari Rodrigues Becker, Gabriela Perizzolo, Patrícia Lessa Flores da Cunha. – Porto Alegre: Bookmann, 2009.

FLÓRIDA, Richard. L. **A ascensão da Classe Criativa**: e seu papel na transformação do trabalho, lazer, comunidade e cotidiano. Porto Alegre, RS: L&MP, 2011.

OSLO Manual, Diretrizes para coleta e interpretações de dados sobre inovação. 3 ed. OECD, 1997.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo : Feevale, 2013.

REIS, Ana. C. F. **Cidades Criativas**: da teoria à prática. São Paulo: SESI-SP, 2012.

SCHERER, Felipe Ost; CARLOMAGNO, Maximiliano Selistre. **Gestão da inovação na prática: como aplicar conceitos e ferramentas para alavancar a inovação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1982. Apud: SCHERER, Felipe Ost; CARLOMAGNO, Maximiliano Selistre. **Gestão da inovação na prática: como aplicar conceitos e ferramentas para alavancar a inovação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

TAKAHASHI, Sérgio; TAKAHASHI, Vania Passarini. **Gestão de Inovação de Produtos**: estratégias, processos, organização e conhecimento. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

TIDD, Joe; BESSANT, John; PAVITT; Keith. **Gestão da inovação**. Porto Alegre: Bookman, 2008.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MONETIZAÇÃO NO CROWDSOURCING: A PLATAFORMA DIGITAL HITRECORD

MONETIZATION IN CROWDSOURCING: THE DIGITAL PLATFORM HITRECORD

Aline Streck Donato (Universidade Feevale)¹
Sandra Portella Montardo (Universidade Feevale)²

Resumo: O presente estudo visa analisar plataformas digitais que orientam e incentivam a produção de conteúdo cultural e midiático de forma plural e sem barreiras geográficas. Dessa forma, intenta-se compreender o processo de monetização dessas plataformas digitais que utilizam o crowdsourcing como meio de produção de conteúdos. Como objeto de pesquisa foi selecionada a plataforma digital HitRECORD, que atua nesse campo desde o ano de 2010. Como referencial teórico, são apresentadas conceituações acerca do crowdsourcing. Como metodologia, propõe-se uma investigação a partir da Teoria Fundamentada proposta por Glaser e Strauss (1967) e sua aplicação em objetos oriundos da internet, de Fragoso, Recuero e Amaral (2011).

Palavras-chave: Monetização. HitRECORD. Crowdsourcing. Plataformas Digitais.

Abstract: This study aims to explore the technologies that guide and encourage the cultural production and media content in a pluralistic way and without geographic barriers. So, we pretend to discover the process of monetization of the digital bases that use crowdsourcing as means of content production. The digital platform HitRECORD was selected for study. As a theoretical reference, the concepts about crowdsourcing. As a methodology, we propose an investigation of the Grounded Theory proposed by Glaser and Strauss (1967) and its application in Internet objects, by Fragoso, Recuero and Amaral (2011).

Keywords: Monetization. HitRECORD. Crowdsourcing. Digital Platforms.

INTRODUÇÃO

As mídias digitais com suas formas de multimídia interativa estão sendo celebradas por sua capacidade de gerar sentidos voláteis e polissêmicos que envolvem a participação ativa do usuário. As duas bases principais para isso estão na convergência de mídias anteriormente separadas e na relação interativa entre o usuário e o texto híbrido que este ajuda a construir.

É no ambiente digital que o receptor tem a possibilidade de participar, embora em níveis de diferentes graus de influência, do processo de produção de conteúdo. Jenkins (2009, p. 189) corrobora que “[...] o momento atual de transformação midiática está reafirmando o direito que as pessoas têm de contribuir ativamente com sua cultura”.

¹ Mestre e Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS), bolsista CAPES/Prosc. Professora no Centro Universitário Uniftec (Caxias do Sul/RS). E-mail: alline.donato@hotmail.com.

² Doutora e Mestre em Comunicação pela Pucrs (Porto Alegre/RS). Professora do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: sandramontado@feevale.br.





A partir de tal assertiva, entende-se que as transformações de cunho social a partir das interações realizadas através de aparatos tecnológicos dão ao receptor – e agora também produtor de conteúdo – a opção de participar ativamente na construção da informação. São os usuários dos produtos midiáticos que sedimentam as mídias em decorrência do consumo.

Assim, esse estudo objetiva estudar o crowdsourcing sob o viés da monetização dos trabalhos executados por agentes dissociados mas que fazem parte e trabalham para um mesmo projeto, oriundo de um centralizador, no caso, a plataforma digital colaborativa HitRECORD.

Serão utilizados autores como Howe (2009), Jenkins, Ford e Green (2014) e Shirky (2011). Como metodologia de análise foi selecionada a Teoria Fundamentada, proposta e Glauser e Strauss (1967) e, posteriormente, revisitada por Fragoso, Recuero e Amaral (2011).

CROWDSOURCING

O termo *crowdsourcing* surgiu, pela primeira vez, em um artigo publicado pelo jornalista Jeff Howe para a revista Wired, no ano de 2006³. Nele, Howe apresenta a até então nova onda de colaboração oriunda das pessoas comuns da sociedade para empresas de grande porte, como fabricantes de produtos de higiene e beleza até grandes conglomerados midiáticos. Na época, ainda permeado por uma visão mais simplista e menos complexa do que era o crowdsourcing, Howe enumerou iniciativas que deram certo fazendo uso da diversidade intelectual da comunidade na solução de problemáticas empresariais, com um custo bem inferior do que aquele pago a profissionais do mercado⁴.

O que Howe deixava claro desde aquele período é que o crowdsourcing necessita de ferramentas capazes de converter demandas existentes em colaborações efetivas e, para isso, é necessário que haja um meio de transformar tais ações em realizáveis. Assim, nasce a oportunidade para a comunidade fazer parte da resolução de problemas e proposição de ideias, o que até então se limitava a um pequeno grupo de profissionais assalariados.

Uma das motivações para os produtores criarem conteúdos com pouca remuneração justifica-se naquilo que Howe (2009, p.3) chama de “economia da reputação”. Segundo ele, “pessoas trabalham noite adentro em uma empreitada criativa ou na esperança de sua comunidade de colegas reconheça sua contribuição na forma de elogio e, quem sabe, alguma

³ HOWE, Jeff. The Rise of Crowdsourcing. Wired Magazine, 2006. Disponível em: <www.wired.com/2006/06/crowds>. Acesso em 15 de jul 2017.

⁴ Por exemplo, uma fotografia que custaria entre U\$100 a U\$150 no mercado tradicional, poderia ter o custo de U\$1 em sites colaborativos.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

fama”. O crowdsourcing, assim, é uma antítese da mentalidade convencional que afirma que o ser humano trabalha apenas quando há recompensa financeira.

Nesse mesmo contexto, Jenkins, Ford e Green (2014, p.93) sustentam a tese de que os motivos que dão forma à produção cultural dentro de uma economia comercial são múltiplos e variados e não podem ser reduzidos a recompensas econômicas. Conforme os autores supracitados, os artistas procuram ganhar, além da remuneração, a possibilidade de expressar ideias pessoais e, de alguma maneira, influenciar a cultura. De acordo com eles, “dentro de muitas trocas ponto a ponto, status, “prestígio”, “estima” e “construção de relacionamento” tomam o lugar da remuneração em dinheiro como os principais motivadores de produção cultural e transação social” (JENKINS, FORD E GREEN, 2014, p. 93).

Sobre isso, Howe (2009) ainda colabora que nas comunidades de crowdsourcing, o dinheiro geralmente aparece no fim da lista de motivações, abaixo da reputação da comunidade e da oportunidade de aprender e ensinar. Para ele, o crowdsourcing possui formas diferentes de compensação do mercado tradicional, pois é um ambiente social que dá à produção criativa um contexto onde a mão-de obra, em si, é importante. Nesse ambiente descrito pelo autor, são as melhores ideias que resultam em status para seus autores e com, isso, estabelece-se um padrão onde os outros usuários buscam espelhar suas produções naqueles cujo conteúdo possui um reconhecimento maior pelos pares.

Sobre o assunto, Jenkins, Ford e Green (2014) complementam que é importante ter a noção de que o público e produtores seguem lógicas distintas e operam em economias diferentes. Para eles, em maneira geral, esses dois mundos podem ser divididos em “cultura de commodity” e “a economia do dom”. Enquanto o primeiro coloca maior ênfase nos motivos econômicos, o segundo preocupa-se com os motivos sociais.

O que se pode compreender, a partir das conceitualizações apresentadas, é que o facilitado acesso à internet, presente nas últimas décadas, possibilitou a propagação de um novo comportamento social: a capacidade das pessoas criarem os mais variados conteúdos de mídia. Hoje, desde que se tenham equipamentos mínimos de captação e uma conexão com a internet, indivíduos de qualquer parte do mundo, gênero, raça, classe social e grau de instrução conseguem distribuir conteúdos e produções pessoais de forma gratuita. Além disso, os mais variados tipos de produtores (amadores e profissionais) estão unindo suas forças e capacidades criativas em prol de produções conjuntas.





Shirky (2011) vai mais além ao confirmar que além de consumir e produzir, as pessoas gostam de compartilhar. Até então, os meios de comunicação tradicionais só haviam possibilitado uma dessas ações: o consumo. Ele ainda complementa que expandir o foco do usuário para a realização das outras duas ações (produzir e compartilhar) nem sempre vai requerer grandes alterações no comportamento individual, visto que o excedente cognitivo do mundo é tão vasto que pequenas mudanças podem ter enormes ramificações no total.

Para o autor, o excedente cognitivo deve ser orientado a partir de talentos coletivos, o que reflete em uma questão social. De acordo com ele, os indivíduos não devem entender o excedente cognitivo como acúmulo de preferências individuais, mas sim, precisam coordenar-se mutuamente para extrair algo válido do tempo e talentos compartilhados, posto que a cultura dos diversos grupos de usuários tem grande importância para a forma como trabalham juntos e o que esperam uns dos outros.

Ainda para Shirky (2011), estamos em uma era onde o compartilhamento do pensamento não se limita mais a grupos pequenos e fechados, como anteriormente. Agora, o aumento do tamanho da população conectada permite que se façam coisas de valor duradouro a partir de “agregações maciças e pequenas contribuições” (SHIRKY, 2011, p. 89).

Assim, o crowdsourcing, que nasceu de forma orgânica (quando milhares de pessoas com hobbies em comum iniciaram um movimento em conjunto), utiliza a internet como uma ferramenta capaz de unir seus membros em prol da criação de informação. Howe (2009) afirma, nesse sentido, que o crowdsourcing funciona sob uma premissa otimista, pois cada um de nós possui uma infinidade de talentos que podem ser exteriorizados dentro das atuais estruturas econômicas.

Howe (2009) ainda destaca que nas comunidades de crowdsourcing o dinheiro geralmente aparece no fim da lista de motivações, abaixo da reputação da comunidade e da oportunidade de aprender e ensinar. Para ele, o crowdsourcing possui formas diferentes de compensação do mercado tradicional, pois é um ambiente social que dá à produção criativa um contexto onde a mão-de obra, em si, é importante. Nesse ambiente descrito pelo autor, são as melhores ideias que resultam em status para seus autores e com, isso, estabelece-se um padrão onde os outros usuários buscam espelhar suas produções naqueles cujo conteúdo possui um reconhecimento maior pelos pares.

Dessa forma, assimila-se aqui, a partir das exposições dos autores citados, que o usuário que se dispõe e prontifica a participar de ações e desenvolvimentos de produções colaborativas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

esperam que o reconhecimento e a percepção de posse pelo produto oriundo dessa prática tenham mais valia do que o retorno financeiro. Trata-se mais de uma motivação social do que dinheiro.

TEORIA FUNDAMENTADA: COLETA DE DADOS E ANÁLISE

A plataforma HitRECORD teve seu início no ano de 2005, quando o ator Joseph Gordon-Levitt criou um website com o intuito de postar seus vídeos autorais e receber o feedback de seu público por meio de fóruns online. Ao comprar o domínio do site, em 20 de junho de 2004⁵, ele escreveu⁶: “[...] Quando dito em voz alta, este nome de domínio deve se referir ao que você diz a alguém quando começa a gravar. É, também, naturalmente, uma gravação de áudio bem sucedida. O site também deve ser um registro da próxima grande moeda para atingir o nível de ouro e dólares: hits”.

Desde aquela época, quando a internet não era tão presente nos lares e a noção de colaborativismo por meio dela ainda era incipiente, Gordon-Levitt teve a noção da importância de uma plataforma como a que estava a ser desenvolvida para a pluralização de vozes e capacidade de gerar receita por meio de colaboradores. Cerca de um ano depois, em 7 de maio de 2005, o website estava no ar⁷: “HITRECORD.ORG está on-line. [...] Um website. Que eu controlo. Eu tenho uma presença mais forte no mundo. O mundo tem uma presença mais forte em mim”.

Registrar coisas: essa era, a princípio, a grande sacada de Gordon-Levitt. Para ele, a possibilidade de gravar sons, imagens, textos e vídeos era fundamental para a comunicação tecnológica e, acima de tudo, a disponibilização de tais materiais para apreciação e utilização do público na criação de outras produções foi o grande mote da plataforma em seu período inicial. Ele acreditava, inclusive, que a noção de propriedade sobre o conteúdo criado deveria ser diferente dos moldes encontrados no mercado: “Uns e zeros em uma teia interconectada de computadores não podem ser encurralados, contidos ou controlados. Se eles estão se movendo de um computador para outro, eles vão passar de todos os computadores para todos os outros. [...] Por que não vamos todos concordar agora que os registros são gratuitos? Aqueles de nós que fazem o dinheiro com os registros encontrarão uma outra maneira fazer o dinheiro”⁸.

⁵ Todos os dados de datas anteriores ao ano de 2016 foram captados por meio do site WayBack Machine.

⁶ Retirado de <http://web.archive.org/web/20070711040853/http://hitrecord.org:80/journal-2004-06-20.html>

⁷ Retirado de <http://web.archive.org/web/20070711041443/http://hitrecord.org:80/journal-2005-05-07.html>

⁸ Retirado de <http://web.archive.org/web/20070711041443/http://hitrecord.org:80/journal-2005-11-22.html>





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Até março de 2007⁹, entretanto, era apenas Joseph Gordon-Levitt e um seleto grupo de co-criadores que tinham a permissão de postar suas criações no site. Questionado pelo usuário “Jimbo Peltaire” se o HitRECORD era um sistema fechado, o ator afirmou que sim, porém, na época, usuários tinham a possibilidade de entrar em contato com ele via e-mail e enviar suas produções. Caso Levitt aprovasse, postaria o link do conteúdo para os outros internautas.

A diferenciação do HitRECORD de outras plataformas como Youtube e MySpace já era bem clara e delineada por seu criador em 2007¹⁰. Segundo ele, enquanto os sites acima citados não se preocupam com o interesse das pessoas que criam conteúdo e, sim, com a receita gerada pelos vídeos, HitRECORD permite que o usuário baixe as produções postadas e que as utilize da forma que desejar.

A comprovação de tal posicionamento veio em 2010, quando a plataforma tornou-se profissional. Em um vídeo introdutório¹¹ publicado em seu perfil no HitRECORD, Levitt ressalta que a plataforma é um local para se trabalhar projetos colaborativos juntos, ao invés de apenas admirar o trabalho uns dos outros como indivíduos isolados. Ele ainda aponta que criou a plataforma com o intuito de trabalhar com artistas de todo o mundo e não apenas com pessoas da indústria de entretenimento hollywoodiana.

Levitt ainda faz um comparativo¹² com as gravações do século 20 e as atuais: para ele, antigamente, tudo era físico e demandava um custo para ser reproduzido; já hoje, som, luz e texto podem ser gravados digitalmente em linguagem binária, sem custo algum. Isso permite, conforme ele, a remixagem de conteúdos de uma forma antes não imaginada. Inclusive, a abordagem do remix é fortemente ratificada por ele: “Não se preocupe em roubar coisas dos outros, remixar não faz de você um ladrão¹³”. Levitt afirma também que tal fato pode parecer uma má notícia para aqueles comprometidos com a permissão e posse, mas que ele acredita que, em um futuro não muito distante, todas as pessoas possam contribuir a partir de sua autoexpressão.

Até o presente momento, a plataforma colaborativa HitRECORD conta com mais de 80 mil membros e, conforme o próprio website, já pagou mais de US\$2.155.413,20 dólares aos seus usuários que tiveram participação em produções vendidas na indústria.

⁹ Retirado de <http://web.archive.org/web/20070711041443/http://hitrecord.org:80/journal-2007-03-21.html>

¹⁰ Idem ao anterior.

¹¹ Disponível em: <https://hitrecord.org/records/101039>

¹² Disponível em <https://hitrecord.org/records/419738>

¹³ Disponível em: <https://hitrecord.org/records/101039>





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Como metodologia de análise elegeu-se a Teoria Fundamentada, proposta por Glaser e Strauss (1967). Entende-se que a metodologia da Teoria Fundamentada aplica-se com mais eficiência no objeto de estudo, a plataforma digital colaborativa HitRECORD, porque se trata de um fenômeno novo, ainda não explorado a partir do ponto de vista que se pretende pesquisar. Assim, acredita-se que os resultados a partir da Teoria Fundamentada sejam mais abrangentes e satisfatórios do que se fosse utilizada outra metodologia, que poderia não dar conta de todos os aspectos que se pretende investigar.

Conforme Glaser e Strauss (1967), a Teoria Fundamentada baseia-se em um método de análise comparativa cujos procedimentos são capazes de gerar uma teoria embasada em dados. Assim, entende-se que a TF faz emergir das informações que analisa elementos capazes de gerar uma teoria capaz de explicar fenômenos observados pelo pesquisador.

Partindo para o âmbito dos fenômenos que ocorrem no ambiente digital, Frago, Recuero e Amaral (2011), afirmam que internet é um campo em constante mutação, onde a metodologia a ser aplicada a esse campo deve ser compreendida dentro de um contexto histórico que dialogue com os estudos de comunicação, cultura, mídia e tecnologia.

A ideia central da Teoria Fundamentada, de acordo com Frago, Recuero e Amaral (2011), é aquela em que a teoria deve emergir dos dados, a partir de uma sistemática observação, comparação, classificação e análise das similaridades e dissimilaridades. Tal metodologia prevê uma inversão no método tradicional, pois é ele quem deve elaborar as hipóteses e os preceitos teóricos. Para isso, coletaram-se dados no período de junho a outubro de 2017. Fazendo uso da Teoria Fundamentada, foi realizada a codificação em três etapas: codificação aberta (criação das categorias), axial (relação entre as categorias) e seletiva (onde a teoria emerge). A coleta de dados diz respeito aos pagamentos realizados por meio da plataforma. Desde o início fica evidente ao usuário da plataforma HitRECORD que o lucro financeiro ocorrerá apenas se suas contribuições fizerem parte de um projeto que foi financiado ou vendido ao mercado tradicional. Após a realização dessa transação, 50% do valor obtido será destinado para a HitRECORD e os outros 50% serão divididos entre os colaboradores. O valor que cada colaborador receberá será definido pela própria plataforma, não sendo igualitário, pois é atrelado ao tipo de esforço e trabalho de cada usuário. No entanto, são abertos fóruns de discussões acerca do rateamento do valor arrecadado, onde cada colaborador pode, pelo período de duas semanas, pedir revisão do valor a ser recebido.





No período de coleta de dados, estavam disponíveis para visualização vinte distribuições de pagamentos de projetos, cujos valores variam de U\$186 (dividido entre 782 usuários) a U\$71.000 (dividido em 39 participantes).

A partir da observação da coleta de dados, criaram-se duas categorias para melhor compreensão acerca dos pagamentos: projetos financiados por empresas e projetos vendidos no mercado tradicional.

Oito foram os projetos financiados por empresas ou organizações, entre elas a LG¹⁴ e a ACLU¹⁵. Ao total, foram arrecadados U\$160.999,00 que foram divididos entre 896 usuários.

Sobre os projetos vendidos no mercado tradicional, foram considerados os lucros obtidos por meio de royalties em exposições de televisão e a venda de produtos na loja da HitRECORD, como camisetas, coletâneas, livros, enciclopédias, etc.. O valor total arrecadado foi de U\$9.343,00, compartilhado entre 2.739 colaboradores.

Evidencia-se por meio dessas duas categorias que o lucro obtido pela plataforma provém ainda de uma lógica tradicional e corporativa, por meio de patrocínio e financiamento de grandes marcas e organizações. Mesmo que existam tentativas da venda de produtos próprios, elas representam um valor pequeno comparado à primeira categoria.

CONCLUSÃO

A divisão dos lucros entre os participantes demonstra o vínculo com o mercado tradicional de mídia. O valor arrecadado pelos produtos vendidos por meio da loja online e royalties de produções é muito inferior aquele oriundo de financiamento e parcerias com empresas consolidadas no mercado tradicional.

Primeiramente, sobre o papel da plataforma HitRECORD, pode-se identificar que mesmo ambientada na web, segue a lógica do mercado tradicional, valorizando produções voltadas à venda e ao lucro, realizando parcerias com grandes conglomerados empresariais. Assim, colaborações de cunho mais amador dificilmente serão utilizadas em projetos propostos pela equipe. O lugar do usuário amador ainda está condicionado à margem das grandes produções realizadas pela plataforma.

O pagamento realizado por meio da plataforma abrange um número limitado de usuários e não corresponde aos os valores pagos para as mesmas funções no mercado audiovisual

¹⁴ <http://www.lg.com/br>

¹⁵ <https://www.aclu.org/>





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

tradicional, sendo inferior. Percebe-se, aqui, que a plataforma exige dos colaboradores produções elaboradas, mas não retribui com um valor financeiro justo.

REFERÊNCIAS

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre, RS: Sulina, c2011. 239 p.

GLASER, B; STRAUSS, A. **The Discovery of Grounded Theory**. Hawthorne: Aldine Publishing Company, 1967.

HITRECORD. Site da plataforma. Disponível em: <www.hitrecord.org>. Acesso em 23 de jul 2017

HOWE, J. The Rise of Crowdsourcing. **Wired**, 2006. Disponível em: <<https://www.wired.com/2006/06/crowds/>>. Acesso em 10 de nov 2017.

_____. **O Poder das Multidões** - 2ª Edição. Editora Campus/Elsevier, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Editora ALEPH, 2014.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

AS POESIAS DAS PAISAGENS CULTURAIS DE OSÓRIO (RS): O PATRIMÔNIO CULTURAL DA COMUNIDADE ATRAVÉS DOS DISCURSOS DE ESTUDANTES

LAS POESIAS DE LOS PAISAJES CULTURALES DE OSÓRIO (RS): EL PATRIMONIO
CULTURAL DE LA COMUNIDAD A TRAVÉS DE LOS ESCRITOS DE ESTUDIANTES

Amanda da Silveira Duarte Gomes¹

FACCAT

Daniel Luciano Gevehr²

FACCAT

Resumo: Com base nas produções poéticas dos estudantes da educação básica de Osório, apresentadas na 20ª Quadra da Sesmária da Poesia estudantil, este trabalho pretende analisar o processo de identificação destes com a paisagem cultural do município. Objetiva-se ainda clarificar o conceito de paisagem cultural, além de verificar se o evento atingiu seus objetivos, de preservação e valorização da cultura local e regional. Concluiu-se, até o momento, que uma parcela significativa dos discursos poéticos fizeram referências aos elementos constituintes da paisagem - natural, climática ou construída pelo homem -, o que evidencia a identificação desses estudantes com essa paisagem, considerando-a mais que apenas um aspecto geográfico, mas como parte constituinte da identidade do osoriense, o que demonstra que a paisagem é, sim, um elemento também cultural, tanto no aspecto material quanto imaterial. Observou-se que o evento proporciona um interessante espaço de partilha de memórias discursivas, constituindo um instrumento público de valorização da identidade cultural dos participantes.
Palavras-chave: Paisagem cultural. Identidade. Lugares de memória. Análise do discurso. Sesmária da Poesia.

Resumen: Con base en las producciones poeticas de los estudiantes de la educación básica y media de Osório, presentadas en la 20ª Cuadra de la Poesía Estudiantil, este trabajo há buscado analizar la manera de identificación de estes con el paisaje cultural del municipio. Es objetivo aun aclarar el concepto de paisaje cultural, además de verificar se el acontecimiento hay alcanzado sus miras, que son la preservación y valorización de la cultural local y regional. Se há concluido, hasta ahora, que una parte significativa de los discursos poeticos han hecho alusión a los elementos que constituyen el paisaje - natural, climático o hecho por el hombre -, lo que pone en evidencia la identificación de estes estudiantes con esse paisaje, lo considerando más que solo un aspecto de la geografía, pero como parte que constituye la identidad de lo osoriense. Eso prueba que el paisaje és, sin embargo, un elemento también cultural, considerando los aspectos material y inmaterial. Puede se observar que el acontecimiento es un medio interesante de proporcionar un espacio de compartición de memorias discursivas, lo que constituye una herramienta publica de valorización de la identidad cultural de sus participantes.
Palabras-clave: Paisaje cultural. Identidad. Lugares de la memoria. Analisis del discurso. Sesmária de la poesía.

¹Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara. Bolsista Capes. Graduada em Letras. E-mail: amandasduartegomes@gmail.com.

² Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). E-mail: danielgevehr@hotmail.com.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

Recentemente, a paisagem cultural adquiriu um lugar de destaque nos debates sobre o Patrimônio Cultural, sendo entendidas como representação material das relações sociais, onde as memórias coletivas são construídas. Partindo do problema das identidades descentradas na pós-modernidade, o presente trabalho pretende analisar as relações de identificação de estudantes participantes da 20ª Quadra da Sesmaria da Poesia Estudantil de Osório com a paisagem cultural desse município.

A análise baseia-se nos estudos de Hall (2000, 2011), Ribeiro (2010); Gevehr (2016), Woodward (2000), Silva (2000) e Schneider e Fialho (2015) para situar a problemática da identidade em nossa época, bem como clarificar seus aspectos constituintes. Relacionados ao conceito de paisagem cultural, valer-se-á do aporte de Suertegaray (2001), Santos (1988), Ribeiro et al.(2013), Castriota (2010) e Torres e Kozel (2010), embasando-se ainda na Portaria nº 127/2009 (BRASIL, 2009). Para caracterizar o município, serão utilizados dados do IBGE ([201-]), FEE (2015), Duarte (2016) e Bier (2016). O embasamento teórico sobre o discurso se dá a partir das teorias apresentadas por Fiorin (2009) e Barbosa (1988).

Trata-se de uma análise exploratória, que parte de uma revisão bibliográfica, para apropriação e conceituação de termos, bem como a caracterização do município em questão. Num segundo momento, foi realizada uma pesquisa documental, nos arquivos da Prefeitura de Osório, onde obtivemos acesso às obras poéticas dos alunos, para realizarmos a análise dos discursos contidos nas poesias.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: a primeira parte posiciona a crise de identidade em nossa época e apresenta as relações da identidade com as memórias e lugares onde estas se constroem; após, trazemos à luz o conceito de paisagem cultural e sua contribuição para a unificação da compreensão de patrimônio cultural; depois disso, apresentamos a importância da análise do discurso e sua relação com os processos de identificação e as memórias coletivas; em seguida, caracterizamos o município em estudo e o evento em questão; a etapa seguinte destina-se à apresentação dos dados obtidos até o momento, visto que trata-se de um projeto de dissertação de mestrado, que ainda está em fase de coleta e análise.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PAISAGEM E DISCURSO NAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

Identidade e lugares de memória

A pós-modernidade trouxe consigo crises de identidade, nas quais ocorre a descentração do sujeito. As identidades da modernidade tardia podem ser vistas como colchas de retalhos, nas quais há fragmentos de diversas interferências culturais (HALL, 2011). Dessa forma, pode-se compreender a identidade como mutável, cambiável, e que se permite trocar com outras identidades (SILVA, 2000).

As identidades são construídas a partir da identificação com as diferenças, em um processo produzido através dos discursos e representações simbólicas (HALL, 2000), e esse processo se dá por meio das memórias, que se constroem em lugares. Ribeiro (2010) afirma que “lugares de memória são espaços físicos construtores de cenários que ilustram momentos cotidianos vivenciados pelos indivíduos que marcaram a criação de sua memória”. Estes lugares não são neutros, ao contrário, são o palco da batalha social, que determina o que é memória e o que é esquecimento, influenciando as construções das identidades (GEVEHR, 2016; WOODWARD, 2000).

Em uma grande aldeia global, em que a virtualidade derruba barreiras, algumas representações permanecem como pontos de referência para os sujeitos, mantendo o sentimento de pertencimento a um determinado lugar. Entendemos aqui o lugar como a porção do espaço geográfico onde ocorre a existência e coexistência, onde há a corporeidade (SUERTEGARAY, 2001).

Nesse contexto, concebe-se a paisagem como um lugar de memória, a qual exprime as heranças representativas das relações entre o homem e a natureza, mesmo quando já transfigurada, sendo assim envolta em traços culturais (SANTOS, 1988). Compreende-se, dessa forma, que a paisagem, natural ou artificial, também faz parte do espaço formador das memórias, constituintes das identidades, afinal, a paisagem só é entendida como tal, segundo Schneider e Fialho (2015), a partir dos encontros ali realizados, nos quais os sujeitos atribuem valor aos elementos nela contidos.

Em 2009 o IPHAN oficializou no Brasil a chancela da paisagem cultural, reconhecendo esta como patrimônio cultural, explicando que paisagem cultural brasileira é uma “porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem como meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”, o que,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

conforme Ribeiro et al. (2013), facilita a convergência de órgãos públicos e sociedade civil para a valorização e preservação dessas paisagens. Sobre o termo paisagem cultural, ainda é importante ressaltar que não deve ser compreendido como uma categoria separada de patrimônio cultural, mas como um ponto de convergência entre materialidade e imaterialidade, o que auxilia na integração das ideias de preservação patrimonial (CASTRIOTA, 2010).

A memória discursiva

Neste trabalho, não daremos enfoque aos processos envolvidos no tombamento e chancela de paisagem cultural. Deter-nos-emos no papel que ela exerce no imaginário coletivo, como elemento de referência da memória e, conseqüentemente, da identidade cultural de determinado grupo, representada em seus discursos.

De acordo com Fiorin (2009), os discursos são constituídos socialmente, nas relações com o outro e portam diversas vozes, algumas como vozes de autoridade, que terão maior destaque, sem deixar de carregar as características pessoais do falante, que tem sua própria história de vida. Compreende-se, assim, que os discursos portam as memórias coletivas e individuais, sendo marcados pelo sentimento de pertencimento, sendo o sujeito do discurso, segundo Barbosa (1988), produto e produtor deste.

Pode-se concluir que as identidades se formam a partir de memórias, construídas em lugares, os quais envolvem paisagens significativas, e essas memórias são recontadas a partir da prática discursiva. Portanto, a discursividade carrega traços identitários dos sujeitos que a produzem e dela são produtos.

A Sesmaria

Analisaremos a paisagem cultural nas poesias selecionadas para a 20ª quadra da Sesmaria da Poesia Estudantil, realizada no ano de 2017, no município de Osório, compreendendo que os discursos são portadores de memórias, de identificações, e são carregados de significados e propósitos. O evento voltado aos estudantes das escolas de Osório e municípios vizinhos, em formato de concurso, é realizado anualmente, na época dos festejos Farroupilhas, com organização da prefeitura municipal de Osório, associações culturais, 11ª Coordenadoria Regional de Educação e representantes da rede privada de ensino. Sua primeira edição foi





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

realizada em 1997, e entre seus objetivos está a preservação, divulgação e valorização da cultura Rio-grandense e litorânea (OSÓRIO, 2017).

O nome do evento remonta a época da concessão de Sesmarias, grandes extensões de terras destinadas à produção agrícola e pecuária, quando o que hoje é Osório pertencia à Sesmaria concedida a Manuel Pereira Franco, e compreendia a área que abrange os 21 municípios que atualmente formam o Litoral Norte do Rio Grande do Sul, conforme o recorte regional estabelecido pelo COREDE Litoral (FEE, 2015). O município situado entre Porto Alegre e Torres, entre a serra e mar, levou consigo o nome de Conceição do Arroio, após virar município, em meados do século XIX, e foi batizada em homenagem ao munícipe Manoel Luiz Osório, Marechal Osório, já no início do século XX. Por contar com um grande complexo lacustre, Osório teve seu desenvolvimento a partir da navegação e foi de grande importância para o desenvolvimento econômico da região. Atualmente, as lagoas e o morro representam os principais atrativos e potenciais turísticos do município, além de sua pequena faixa de praia (DUARTE, 2016).

Bier (2016) apresenta dados coletados em entrevistas a pessoas de diversos segmentos do município de Osório e também turistas que apontam os elementos da paisagem do município mais lembrados por eles, sendo, respectivamente: morro da Borússia; lagoas; praias; cascata; planícies e campos; Parque de Rodeios; Praça das Carretas; Patrimônio Histórico, materializado no casarão dos Bastos (demolido recentemente pelos proprietários); Largo dos Estudantes; Biblioteca Pública Municipal.

Não podemos ignorar as figuras dos aerogeradores instalados em 2006 no município, alterando a paisagem e os discursos da população, que hoje enxerga nos cataventos uma parte constituinte de sua identidade. O forte e constante vento de Osório sempre esteve presente, modificando a paisagem, bagunçando os cabelos, agitando as águas das lagoas, soando nos ouvidos da população, e, mais recentemente, sendo elemento fundamental à instalação das 150 turbinas do complexo eólico município. Compreende-se dessa forma que o vento constitui um elemento da paisagem cultural dessa localidade.

ANÁLISE DAS POESIAS

Conforme Barbosa (1988), é na superfície textual que o sujeito discursivo vai mostrar-se, em uma relação dialética entre diversas vozes, entre diversas inscrições ideológicas, portanto, entre diversas memórias constituintes de identidades múltiplas. Portanto, buscaremos nas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

poesias a paisagem cultural do município como lugares de memória em que esses sujeitos discursivos encontram um ao outro e encontram-se a si mesmos.

O evento contou com a apresentação de 58 poesias, distribuídas em quatro categorias, de acordo com a faixa etária dos estudantes. Para este estudo, selecionamos 21 poesias, as que fazem referência direta e clara à paisagem cultural do município. Com a leitura prévia das poesias, percebemos que algumas trazem o espaço urbano em contraposição ao espaço rural, nelas os autores expressam as diferenças das relações instituídas nesses espaços.

Grande parte das poesias faz referência aos elementos destacados pelo estudo de Bier (2016), algumas abordando ainda as relações nesses espaços, como a produção agrícola. Observamos a presença da natureza nas construções discursivas, assim como relações culturais, como as memórias citadas por meio das lendas do município e dos prédios históricos. Além dos elementos observáveis, há poemas que citam o barulho do mar, o que leva-nos a concluir que os autores têm sensibilidade aos elementos da paisagem sonora também, reforçando que paisagem não é apenas aquilo que os olhos alcançam, mas o que compõe as relações e sensações de determinado lugar (TORRES e KOZEL,2010). Dessa maneira, pelas referências ao vento, presentes em muitos poemas analisados, podemos ainda afirmar que este faz parte dessa paisagem, que apesar de não ser visto, mostra seus efeitos e é sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ainda ser um estudo inicial, os resultados parciais obtidos levam-nos a perceber que em meio à globalização e às múltiplas identidades construídas por ela, por meio do contato com diversas culturas, muitas vezes dado pelo espaço virtual, alguns elementos são marcantes para a identidade local. Percebemos que a paisagem, em seu aspecto natural e construído, faz parte dessa identidade, sendo o lugar onde se constroem as memórias, retratadas através das práticas discursivas.

Concluimos que o evento tem grande relevância ao permitir aos alunos o contato com outros discursos e a identificação dos elementos comuns a grande parte deles. É uma iniciativa importante, ao valorizar a cultura, principalmente local, abrangendo município e região. Pelas frequentes referências ao vento, pretendemos analisar ainda se houve alguma mudança na discursividade referente a ele após a instalação do complexo eólico, visto que antes dele, Osório era conhecida como “a cidade que o vento levou” e hoje é chamada de “Terra dos bons ventos”. Pretendemos verificar os elementos que se mantêm presentes nos discursos ao longo desses





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

vinte anos de realização do evento e o que se transformou na paisagem e é retratado através da discursividade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Benta de Lima. Uma análise enunciativo-discursiva de “Devaneio e embriaguez duma rapariga”. In.: **Revista Semina**, vol. 9 (2), p. 94 – 100. 1988. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/.index.php/seminasoc/article/viewFile/8942/7859>. Acesso em: 08/05/2018.

BIER, Lucile Lopes. **Estudo da paisagem: percepções sobre o complexo eólico de Osório / RS**. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158110/001020922.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28/04/2018.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Portaria no 127, de 30 de abril de 2009**. Paisagem cultural. Disponível em: http://sigep.cprm.gov.br/destaques/IPHAN_portaria127_2009PaisagemCultural.pdf. Acesso em: 02/04/2018.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Paisagem Cultural e Patrimônio: Desafios e Perspectivas. In.: Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. 2010, Belo Horizonte. **Anais...1º Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto**. Brasília. 2017: IPHAN. p. 17 – 28. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/anaispaisagemculturalweb_2.pdf. Acesso em: 31/03/2018.

DUARTE, Vítor André da Silveira. **Potencialidades para o desenvolvimento do município de Osório: levantamento e análise das cadeias produtivas locais à luz dos quocientes locacionais**. 2016. 82f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Faculdades Integradas de Taquara, Taquara. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/V%C3%ADtor%20Andr%C3%A9%20da%20Silveira%20Duarte.pdf>. Acesso em: 10/11/2017.

FEE. **Corede Litoral**. 2015. Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Litoral>. Acesso em: 05/05/2018.

FIORIN, José. Língua, discurso e política. **Revista Alea**, v. 11, n. 1, jan./jun. 2009. p. 148-165. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000100012. Acesso em: 10/04/2018.

GEVEHR, Daniel Luciano. A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 67, out./dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n67/1413-2478-rbedu-21-67-0945.pdf>. Acesso em: 10/04/2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In.: SILVA, Tadeu Tomaz da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103 – 133.

IBGE. **História e fotos (município de Osório)**. [201-]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/osorio/historico>. Acesso em: 10/05/2018.

OSÓRIO. **Relatório dos Festejos Farroupilhas 2017**. Osório, RS. 2017.

RIBEIRO, Leonardo. Memória e identidade social no discurso de Antonio Carlos Marino. In.: VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, São Paulo. 2010. **Anais...** São Paulo. 2010:UAM. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/96.pdf>. Acesso em: 10/04/2018.

RIBEIRO, Maurício A. et al. Gestão da água e Paisagem Cultural. Revista **UFMG**, v. 20, n.2, jul./dez. 2013. p. 44-67. Disponível em: <https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20-2/02-gestao-da-agua-e-paisagem-cultural.pdf>. Acesso em: 30/04/2018.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Hucitec, São Paulo. 1988. Disponível em: <https://yadi.sk/i/iF0e1Lo9qBiTF>. Acesso em: 20/03/2018.

SCHNEIDER, Luiz Carlos; FIALHO, Daniela Marzola. Identidade, território e paisagem no contexto do ordenamento territorial. In.: VII Seminário Internacional Sobre Desenvolvimento Regional. 2015, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul. 2015: UNISC. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/13374/2540>. Acesso em: 02/05/2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, Tadeu Tomaz da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73 – 102.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. ESPAÇO GEOGRÁFICO UNO E MÚLTIPLO. In.: **Scripta Nova : revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. n. 93, 2001. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>. Acesso em: 07/05/2018.

TORRES, Carlos Alberto; KOZEL, Saete. Paisagens Sonoras: possíveis caminhos aos Estudos Culturais em Geografia. **Revista RA'E GA**, n. 20, p. 123-132, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20616/13762>. Acesso em: 02/05/2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tadeu Tomaz da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7 – 72.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O LUGAR DO APRENDER NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

THE PLACE OF LEARNING IN THE POST-MODERN SOCIETY

Ana Cristina Winter (Feevale)¹

Tatiane Dumerqui Kuczkowski (Feevale)²

Resumo: O texto aborda a questão da exclusão/inclusão no contexto escolar das crianças em processo de alfabetização e vulnerabilidade social, em que lugar está este aprender? Ainda traz reflexões sobre a sociedade pós-moderna e o capitalismo que geram a pobreza e a exclusão e que podem estar intrincados com o insucesso escolar. A escola por sua vez, também não contempla o ensinar e por vezes não reconhecendo suas falhas, transformando a exclusão e o aprender em categorias de análise da pós-modernidade. O texto estrutura-se em três chaves de leitura: 1) da composição conceitual de exclusão; 2) aprender formal; 3) e a vulnerabilidade social. Diante de uma visão crítica de mundo e de realidade, o texto apresenta de forma sucinta relações entre teoria e prática, tecendo uma teia de hipóteses de forma fluída.

Palavras-chave: Crianças. Aprender formal. Escola. Vulnerabilidade social. Sociedade pós-moderna.

Abstract: The text addresses the issue of inclusion / exclusion in the school context of children in the process of literacy and social vulnerability, where is this learning? It still brings reflections on postmodern society and capitalism that generate poverty and exclusion, and which may be intricate with school failure. The school, in turn, also does not contemplate teaching and sometimes not recognizing its failures, transforming exclusion and learning into categories of analysis of postmodernity. The text is structured in three keys of reading: 1) the conceptual composition of exclusion; 2) formal learning; 3) and social vulnerability. Faced with a critical view of the world and of reality, the text succinctly presents relations between theory and practice, weaving a web of hypotheses in a fluid way.

Keywords: Children. Formal learning. School. Social Vulnerability. Postmodern society.

INTRODUÇÃO

De acordo com a compreensão de Paulo Freire sobre a humanização do ser humano como algo inacabado e em constante e necessidade de sentido para a vida, pois sem esta, o ser humano caminha na direção de um processo de autodestruição, perdendo suas referências e desumanizando-se. Esta é uma das características marcantes da pós-modernidade que com seus avanços tecnológicos, também trouxe em sua bagagem o aumento da desigualdade social marcando cada vez mais este abismo da exclusão.

Neste cenário apresentado a escola não fica alheia, pois a educação encontra-se positivada nos preceitos da Constituição Federal, Título VIII, art.5º “a educação é um direito de todos”, mas em meio a tantos desafios como atender crianças em vulnerabilidade social e em período

¹Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional; estudante do Curso de Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Feevale. E-mail anawinter8@gmail.com; orientadora Lisiane De Oliveira Menegotto.

² Pós-Graduada em Gestão do Trabalho Pedagógico: Orientação Escolar; estudante do curso de Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Feevale; orientador: Dr. Norberto Kuhn Junior.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

de alfabetização (6 a 9 anos), este aprendizado é concreto ou gerador de exclusão e de cidadãos a margem da sociedade?

Em torno deste contexto, o presente artigo tem a perspectiva de buscar um sentido na relação entre crianças, aprender formal, escola, vulnerabilidade social e sociedade pós-moderna. Assim lançou-se indagações com alguns elementos que proporcionou uma discussão, ainda inicial desta realidade, com o seguinte questionamento: Em que lugar está este aprender? A instituição escolar, portanto, tem como desafio enfrentar questões que imergem com a pós-modernidade como a exclusão/inclusão de meninas e meninos da educação formal.

DA COMPOSIÇÃO CONCEITUAL

Revisitando o “Mito de Tântalo” que fala de uma felicidade abençoada e despreocupada enquanto mantiver sua inocência; ignorar a natureza das coisas, sem mexer com elas, muito menos tomá-las em suas próprias mãos (BAUMAN, 2003, p. 14), leva a pensar que enquanto acomodados não há incomodados. Mas quando o incômodo é a realidade e o questionamento dela, a não aceitação das coisas como elas se apresentam, o querer entender o porquê das intenções e não se satisfazer com falácias de senso comum, arranca do lugar onde a despreocupação com a natureza das coisas é ignorada, fazendo inconformados irem além do que enxergam e sentem.

Sendo a exclusão um sintoma grave de transformação social (MARTINS, 2002, p. 20) e produzida pelo capitalismo, é a ela que permeia a temática principal abordada, numa perspectiva de escola e crianças em situação de vulnerabilidade social. A escola e seu ensino formal/acadêmico têm um grande desafio que tange questões da pós-modernidade, sua fluidez e desengajamento. A ela se postula o crédito de excludente, uma vez que não dá conta de abarcar todas as ansiedades e descartes da sociedade (BAUMAN, 2004), onde nada é necessário de fato, nada é insubstituível: tudo é produzido com o prazo de validade estabelecido. Nenhuma decisão é para sempre, irrevogável, num mundo de transição e superfluidez, do que não serve mais e de sua remoção. Assim a escola, e seu ensino acadêmico competem com esta realidade em constante transformação e fluidez.

A instituição escolar com seus princípios de laicidade e gratuidade, tem o dever de contemplar todas as crianças e adolescentes durante a Educação Básica. Todos têm direito à Educação formal, mas nem todos dão conta dos ensinamentos acadêmicos que a escola oferece, particularmente crianças em situação de vulnerabilidade social, e em processo de alfabetização.





APRENDER FORMAL

As crianças vão à escola para aprender ler, escrever, compreender as coisas do mundo, desenvolver o raciocínio lógico, porém este aprendizado não acontece, pois não há espaço para estes conhecimentos que competem com o estado de vulnerabilidade social em que elas encontram-se. Nesta perspectiva a escola passa a ser um espaço que exclui, já que não dá conta de alfabetizá-las, uma vez não alfabetizadas, passam a ficar à margem dela.

A estas crianças restam somas de insucessos, pois o aprender acadêmico não se consolida. Diante disto, qual o lugar do aprender formal (acadêmico) para as crianças dos 6 aos 9 anos em situação de vulnerabilidade social? São crianças que supostamente não apresentam deficiências cognitivas ou transtornos, portanto não se encaixam em políticas públicas que garantem a promoção e a adaptação curricular e auxílio de um monitor de sala. Estão à margem da escola, que nem sempre sabe o que ou como fazer para dar conta destes aprendizados. Estas crianças, na maioria das vezes, apresentam dificuldade de retenção dos códigos da escrita e dos numerais, bem como raciocínio lógico.

A grande maioria destas crianças vive em condições de pobreza, gerada, segundo (MARTINS,2002), pelo modelo de desenvolvimento econômico, que leva simultaneamente a extremos de progresso tecnológico e de bem-estar para setores limitados da sociedade e a extremos de privação, pobreza e marginalização social para parte maior da população. Pobreza que traz horríveis condições de vida e moradia, doença, analfabetismo, agressão, famílias destruídas, enfraquecidas dos laços sociais, ausência de futuro e de produtividade (BAUMAN, 1999, p. 81).

Nesta ótica da exclusão/inclusão e do mesmo ponto em que a elite e a classe média, encontram-se através do consumo da sociedade contemporânea, uma maneira de afirmação social e de construção de uma identidade. Corroborando autores que estudam a exclusão/inclusão (MARTINS, 2002), estes assinalam que as pessoas vivem prontas para o consumo imediato e inteiramente descartável depois de usados. Esta ideia também vale para o mercado de trabalho e talvez para a escola, um círculo vicioso que desvaloriza tudo que possa ser desejado ou desejável hoje, assinalando-se como o lixo amanhã (BAUMAN, 2003).

Diante desta realidade, indaga-se aonde está o lugar do aprender formal para estes pequenos em vulnerabilidade social, desvalidos de condições de vida “saudável” e se a eles é destinado um futuro de mais incertezas e fracassos já instalados, restando-lhes apenas uma





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

educação informal, ou ainda, os “sobrantes” (CASTEL, 2011), aquelas pessoas que não têm lugar na sociedade, que não são integrados, vivem a sua própria sorte. Descartáveis, refugados (BAUMAN, 2003).

VULNERABILIDADE SOCIAL

A vulnerabilidade social não indica ser sinônimo de pobreza, e sim uma fragilidade socioeconômica de grupos ou indivíduos, porém é um fenômeno de múltiplas dimensões e que coloca como tema central a relação entre escola / família e o contexto onde encontra-se inserida. A escola talvez não supra as reais necessidades destas crianças, pois não identifica suas falhas e desta forma exclui quem, por direito, teria oportunidade de aprender a ler e escrever conquistando um espaço na sociedade, pois ler e escrever vai muito além do que apenas um aprendizado isolado, mas também tem função social indiscutível.

Em seus escritos Freire, reitera em seus escritos que “na verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado”, construindo o entender de que a Educação é libertadora (PAULO FREIRE, 1996, p. 26). Ao emancipar-se o ser humano visualiza-se como cidadão de dimensão sociológica e de resgate da dialética, pois passa a entender o seu lugar na sociedade. Uma vez consciente da sua conjuntura, buscará melhores condições (MARTINS, 2002).

Em busca de resposta para entender o lugar do aprender formal (acadêmico) para as crianças dos 6 aos 9 anos em situação de vulnerabilidade social, buscou-se usar como método a pesquisa análise bibliográfica, experiências vivenciadas durante a docência. Em estudos qualitativos podem ser caracterizados como uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais, visto que terá, no ambiente natural, sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (THIOLLENT, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da atual conjuntura que perpassa pelo imaginário social, que compreende a escola como um lugar de aprender a ler e escrever, e que estes sempre serão contemplados. Intui-se que a instituição escola é falha, pois não percebe na vulnerabilidade social um desafio, e que ao não contemplar está função torna-se formadora de exclusão e perde o seu fator social.

A educação deve mostrar-se mais ampla e formadora de pessoas com capacidade de ver e interagir com a realidade do mundo de hoje, e não apenas reprodutores de capital, onde as





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

relações estejam mediadas por telas, pessoas sejam descartadas como objetos tornando-se “refugos” da humanidade.

Assim, procurou-se mostrar o imperativo da educação ser de fato transformadora social, onde auxilia os atores sociais (crianças entre 6 e 9 anos) a deixarem de ser coadjuvantes para ser protagonistas das oportunidades, desnaturalizando a exclusão pois esta é um conceito da pós-modernidade e do capitalismo gerador do abismo social. A escola deve colocar em prática o verdadeiro significado da palavra educação: horizonte de plenitude, amor pelo saber, liberdade e construção de tijolos de autonomia.

Entender o lugar do aprender para estas crianças e desta forma, em estudos posteriores, poder criar situações que as ajudem a serem protagonistas das virtualidades de transformação da sociedade, de realização daquilo que é historicamente possível construindo seu próprio destino a partir da sua própria vivência privilegiada. Um sonho... Um inconformismo... Uma utopia... “ O utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico” (FREIRE, 1980, p. 27). Talvez seja acreditar que a Educação é a porta de entrada para entender que a exclusão não pode ser considerada como normal, natural e irremediável e, portanto, não aceitá-la e sim buscar maneiras de diminuí-la.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Desenhando a nova morfologia do trabalho:** as múltiplas formas de degradação do trabalho. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 83, p.19-34, dez 2008.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Ed Zahar, 2003

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: as consequências humanas.** Tradução Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor. RJ, 1999.

BRASIL. Constituição Federal (1988). Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1988.

CASTEL, Robert. **Desigualdade e a questão social.** Et all. São Paulo: Educ. 2011.

FREIRE, J. S. E. **Conceito de Democracia:** retificação e historicidade. SIMPÓSIO DE ESTUDOS E PESQUISAS, 19. 2010, Goiânia. Anais... Goiânia: UFG, 2010. Disponível em: <http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/uploads/248/original_1.2.__31_.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 434 p.

IASBECK, L. C. A. **Espaços comunicativos do imaginário: fofocas e boatos no cenário organizacional**. Revista Faro. Facultad de Ciencias Sociales – Universidad Playa Ancha, Valparaíso, Chile. Jun./ 2005. Online. Disponível em: http://web.upla.cl/revistafaro/n2/02_assis.htm. Acesso em: 14 out. 2013.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDONÇA, Nelino Azevedo de. **Pedagogia da Humanização – A pedagogia humanista de Paulo Freire**. São Paulo: Paulus, 2008.

THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu Tomaz (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 7-72.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A IMPORTÂNCIA DA INTERFERÊNCIA DOS PAIS NA AUTONOMIA DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA

THE IMPORTANCE OF THE INTERFERENCE OF PARENTS IN THE AUTONOMY OF
CHILDREN WITH DISABILITIES

Ana Letícia Gerhardt (Universidade Feevale)¹
Camila Dalsin (Universidade Feevale)²
Regina Heidrich (Universidade Feevale)³
Jacinta Sidegum Renner (Universidade Feevale)⁴

Resumo: O presente estudo aborda a interferência dos pais na autonomia da criança com deficiência, posto que a estimulação da independência ainda nos primeiros meses de vida é essencial para a sua inclusão social. Entretanto, alguns pais tendem a internalizar e reproduzir o preconceito instintivamente, desfavorecendo as possíveis relações da criança com deficiência com o corpo social. O objetivo geral está focado em compreender a importância dos pais na construção da independência da criança com deficiência, no que tange à interferência no processo de inclusão e exclusão social. Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, elaborado através do levantamento de materiais já publicados. Os resultados indicaram que os pais são fundamentais na construção e estimulação da independência na criança, e quanto mais cedo os mesmos estimulam a significação da autonomia nela, mais fácil será para a mesma incluir-se no corpo social e beneficiar-se do instrumento da acessibilidade.

Palavras-chave: Autonomia. Criança com deficiência. Pais.

Abstract: The present study addresses the relevance of parents in the autonomy of children with disabilities, since the stimulation of independence in the first months of life is essential for their social inclusion. However, some parents tend to internalize and reproduce the prejudice instinctively, disfavoring the possible relationships of the disabled child with the social body. The general objective is to understand the importance of parents in building the independence of children with disabilities in relation to the process of inclusion and social exclusion. To do so, this is a basic research, with technical bibliographical procedure, elaborated through the survey of materials already published. At the end of this study, it was understood that parents are fundamental in the construction and stimulation of independence in the child, and the sooner they inscribe the meaning of autonomy in the child, the easier it will be for the child to include himself in the social body and benefit- the instrument of accessibility.

Keywords: Autonomy. Children with disabilities. Parents.

¹ Psicóloga pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (São Leopoldo/BR). Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/BR). E-mail: anagerhardt@outlook.com

² Bacharela em Moda e Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/BR). E-mail: cadalsin@hotmail.com

³ Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre/BR). Docente no Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Novo Hamburgo/BR). E-mail: rheidrich@feevale.br

⁴ Doutora em Engenharia de Produção com ênfase em Ergonomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre / BR). Docente no PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/BR). E-mail: jacinta@feevale.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

Segundo estimativas divulgadas pela Cartilha do Censo de 2010, verificou-se elevação do índice da população brasileira com pelo menos uma deficiência em comparação à de 2000. Em uma década, esse segmento passou de 14,5% para 23,9% (OLIVEIRA, 2012). Tal qual, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010) estimou que 7,5% das crianças entre 0 a 14 anos apresentam pelo menos uma deficiência (visual, auditiva, física ou intelectual) (OLIVEIRA, 2012).

Para o bebê com deficiência, a assistência, o incentivo e a estimulação dada pelos pais ainda nos primeiros meses de vida torna-se essencial para a obtenção de melhor qualidade de vida e autoestima mais elevada. Entretanto, alguns pais tendem a internalizar e reproduzir o preconceito instintivamente, aceitando a estigmatização, que vem para desfavorecer as possíveis relações da criança com deficiência através das restrições sociais, potencializando o estranhamento com o corpo social (CAMPOS, A., 2006). Mediante a problemática ‘Qual a importância da interferência dos pais no processo da construção da autonomia na criança com deficiência?’, têm-se como objetivo geral a compreensão da interferência dos pais na construção da independência da criança com deficiência, no que tange à interferência no processo de inclusão e exclusão social.

A viabilização da inclusão social dá-se através da acessibilidade, uma ferramenta que proporciona às pessoas com deficiência viverem de forma independente, atingindo autonomia em todos os aspectos da vida, participando do corpo social e tendo equiparação de oportunidades perante os demais, incluindo parâmetros de identificação e eliminação de obstáculos, afinal, “não é o limite individual que determina a deficiência, mas sim as barreiras existentes nos espaços, no meio físico, no transporte, na informação, na comunicação e nos serviços.” (SDH, 2012, p. 9).

Para que um indivíduo possa usufruí-la, precisa-se proporcionar autonomia enquanto independência ao mesmo. Neste âmbito, buscar-se-á verificar a representatividade da deficiência no Brasil e compreender através da psicologia com base na psicanálise, dialogando com a sociologia no que se refere aos movimentos de inclusão/exclusão social, a formação do sujeito simbólico e suas significações através da família, no qual, pode ser que haja a tendência da interferência dos pais na autonomia das crianças.





METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura, no qual, é “sempre recomendada para o levantamento da produção científica disponível e para a (re)construção de redes de pensamentos e conceitos, que articulam saberes de diversas fontes na tentativa de trilhar caminhos na direção daquilo que se deseja conhecer” (GOMES; CAMINHA, 2014, p. 396). Neste caso, utilizou-se obras literárias que versam sobre deficiência, estigma, exclusão social e psicologia na família.

A REPRESENTATIVIDADE DA DEFICIÊNCIA NO BRASIL

A Secretaria de Direitos Humanos (2012, p. 26) descreve uma pessoa com deficiência como sendo aquela tem “impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas”. Embora a sociedade tenda a categorizar todas as pessoas com deficiência como sendo iguais, cada qual possui suas características, diferindo uma das outras (CAMPOS, A., 2006). Goffman (1988, p. 23) comenta que “uma categoria pode funcionar no sentido de favorecer entre seus membros as relações e formação de grupo, mas sem que seu conjunto total de membros constitua um grupo”.

Também, considerar a deficiência como o oposto de eficiência é um equívoco, afinal, o antagonismo da mesma é ineficiência (CAMPOS, A., 2006). Outro engano é confundi-la como sendo uma doença. Goffman (2006) expõe que a concepção de ‘ser humano normal’ pode ter tido sua origem na área da medicina. Porém, com o passar dos anos, o conceito de deficiência sofreu alteração devido o surgimento de inovações na área da saúde e a forma como a sociedade passou a portar-se diante daqueles que apresentam algum tipo de deficiência. Portanto,

[...] a abordagem da deficiência evoluiu do modelo médico – que considerava somente a patologia física e o sintoma associado que dava origem a uma incapacidade – para um sistema como a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde - CIF, divulgada pela Organização Mundial da Saúde - OMS (World Health Organization - WHO) em 2001, que entende a incapacidade como um resultado tanto da limitação das funções e estruturas do corpo quanto da influência de fatores sociais e ambientais sobre essa limitação (IBGE, 2010, p. 71).

O aumento da sobrevivência de recém-nascidos com distúrbios graves, a elevação da expectativa de vida da população e a maior incidência de doenças crônicas são as causas básicas responsáveis pelo aumento do índice de deficiência no país (LARANJEIRA; ALMEIDA,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

2008). Segundo a Organização Mundial da Saúde (2011), 1 bilhão de pessoas no mundo possuem algum tipo de deficiência, seja ela auditiva, física, mental ou visual, acometendo um em cada sete indivíduos. No Brasil, esse número corresponde a 45,6 milhões de pessoas, representando 23,9% da população, dentre os quais, 25.800.681 são mulheres (26,5%) e 19.805.367 são homens (21,2%) (OLIVEIRA, 2010).

Apesar da proporção de pessoas com pelo menos uma deficiência ser maior entre adultos e idosos, refere-se porcentagem relevante do público infantil na faixa etária de 0 a 14 anos, totalizando 3.459.401 indivíduos (7,5%) (IBGE, 2010), sendo que, 2,39% relatam apresentar alguma deficiência severa (OLIVEIRA, 2010). Em alguns casos, as crianças podem apresentar deficiências múltiplas, onde se incluem as motoras e de linguagem, ocasionando maior dificuldade para se expressar através da fala e/ou da escrita, acarretando prejuízos na sua comunicação e na sua interação com o mundo, necessitando de outro meio de auxílio para a sua integração com a sociedade no processo de inclusão social, tal qual, como a Tecnologia Assistiva (TA). Esta, por sua vez, segundo Laranjeira e Almeida (2008, p. 141), é um instrumento fundamental para a reabilitação das pessoas com deficiências, elevando as chances de participação na sociedade e melhorando a qualidade de vida, “contribuindo para uma maior inclusão social, integração nas tarefas escolares e retorno ao trabalho”.

A inclusão social, segundo Sasaki (2010, p. 39), é “o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiência (além de outras) e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”. Portanto, a sociedade só será inclusiva se nela possibilitar-se a inclusão social. Por vezes, a mesma anula o direito do deficiente físico de escolher o seu próprio destino (CASTEL, 2011), retirando a sua autonomia e conseqüentemente, a acessibilidade.

É consensual que a inclusão social tem o ponto de partida e praticabilidade através acessibilidade. O portal do Governo do Brasil (2013, s/p) conceitua a acessibilidade como a inclusão da “a pessoa com deficiência na participação de atividades com o uso de produtos, serviços e informações”. Como exemplos, têm-se as os prédios com rampas de acesso para cadeira de rodas e banheiros adaptados para deficientes.

Após esta contextualização, torna-se mais compreensível a abordagem da subjetividade da criança com deficiência. O pós-modernismo é marcado por inúmeros processos de exclusão social àquelas que não pertencem aos padrões impostos pela sociedade consumista. Porém, é preciso uma nova visão de que não existe uma única padronização, sendo necessário o trabalho





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

conjunto da adoção de novas tecnologias e da conscientização das famílias e do corpo social sobre as possibilidades destas crianças irem muito além de suas limitações. É preciso olhá-las através de suas eficiências pessoais e potencialidades e não pelo que a deficiência representa simbolicamente na subjetividade familiar e social, incluindo-as ao meio.

AS SUBJETIVIDADES DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA

A capacidade inata do bebê relaciona-se com os pais e com a sociedade a qual pertence ainda nos primeiros dias de vida e estas ligações acabam por desenvolver este sujeito, constituindo a criança enquanto singularidade em sua subjetividade. A forma como os adultos respondem às necessidades dos bebês são através de inscrições que, por sua vez, são marcas gravadas pela família e pelo social no sujeito que está em desenvolvimento, podendo ser símbolos, significados, palavras ou frases, que vão sendo gravados no inconsciente da criança, permanecendo no pano de fundo da estrutura psíquica por toda a vida. Segundo Bernardino (2006, p. 270),

[...] para que se constitua esse sujeito, um bebê receberá dos pais inscrições psíquicas transmitidas a partir de uma referência ou de um organizador, a que Freud chamou 'Lei do Pai'. Essas inscrições presidirão a uma longa e indefinida série de novas inscrições, desdobrando-se no tempo, em conexão com a primeira. Tais marcas manifestam-se vez por outra nas fraturas dos enunciados. O sujeito é a emergência dessas marcas postas em linguagem, dessas inscrições, dessa escritura originária, no discurso originário do Eu.

Conforme Winnicott (2001), o bebê terá uma capacidade instintiva à integração desde que o mesmo tenha condições adequadas e favoráveis em suas relações com a mãe e o pai, e estes venham inscrevendo no seu processo de desenvolvimento aspectos que o auxiliem no fortalecimento da autonomia enquanto independência, como a confiança.

Para que o bebê se desenvolva de forma saudável é imprescindível que se conheça o mesmo na sua singularidade, que seja atendido conforme suas demandas e necessidades, de forma a não interferir no seu fluxo natural de pulsões projetadas à sociedade, sendo, portanto, fundamental que os pais tenham este olhar sensível e afetivo com cada bebê de maneira exclusiva, procurando potencializar a independência. De acordo Winnicott (1982), a criança requer sentir o prazer da mãe ao responder as suas necessidades, promovendo significações positivas, caso contrário, será apenas um ato mecânico, sem sentido, inútil ao desenvolvimento do bebê.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Na medida em que a mãe e o pai forem inscrevendo a confiança na criança, ela vai desenvolvendo a autonomia, bem como, a capacidade de autogovernar-se, tomando decisões e praticando ações independentes. Campos e Campos (2006, p. 2) definem a autonomia como um processo de constituição “de uma maior capacidade dos sujeitos compreenderem e agirem sobre si mesmo e sobre o contexto conforme objetivos democraticamente estabelecidos”. Portanto, os pais possuem influência sob o contato entre as “forças que operam na sociedade. O protótipo desta interação é encontrado na relação original entre criança e mãe, relação essa em que, [...] o mundo representado pela mãe pode vir a auxiliar ou impedir a tendência inata da criança ao crescimento” (WINNICOTT, 2011, p. 29).

Os processos familiares variam dentro de cada contexto, pois na complexidade da vida dos indivíduos adultos, sua subjetividade social possui vários papéis além de pais de crianças com deficiência – são filhos, profissionais, maridos e esposas. Desta forma, “haverá aqueles que darão conta de imediato de que nada pode ser feito a respeito do problema, que esse é real e está ali, presente. Aceitarão a dificuldade como algo inevitável e, de uma maneira realista e equilibrada, a encararão de frente, como fizeram em situações anteriores” (BUSCAGLIA, 2002, p. 105). Em contrapartida, existem pais que não aceitarão a deficiência e sentirão-se incompreendidos e excluídos através dos próprios sentimentos de isolamento autoimposto pela falta de conhecimento sobre o assunto. Castel (2008, p. 14) chama este processo de discriminação negativa, no qual, “ser discriminado negativamente significa ser associado a um destino embasado numa característica que não se escolhe, mas que os outros no-la devolvem como uma espécie de estigma. [...] é a instrumentalização da alteridade, constituída em fator de exclusão”. Goffman (1988, p. 5) acrescenta que o termo estigma é “amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém, é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. Além disso, houve alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação”.

A exclusão causada pela falta de conhecimento e compreensão sobre a deficiência infantil pode vir a impedir o desenvolvimento da autonomia da criança, na medida em que os pais sentem-se envergonhados ou culpados pela deficiência, desconhecendo os direitos da mesma. A Secretaria de Direitos Humanos (2012) assegura ao público infantil com deficiência direitos humanos, liberdade e equidade de oportunidades perante os demais, tendo a sua crença respeitada e valorizada. O mesmo precisa ser visto em suas potencialidades e valorizado por elas.





Os pais, substanciais na construção da autonomia na criança com deficiência, devem ter cuidado para não processar a discriminação negativa ou negligenciar aspectos essenciais que possam promover a saúde psíquica destes indivíduos. Antes de mais nada, essas crianças são pessoas, protagonistas da sua própria vida e possuidoras de direitos inscritos na Constituição e substanciais para o funcionamento da cidadania (CASTEL, 2008), evidenciando que a deficiência é apenas mais uma característica da condição humana.

Somente quando os pais conseguirem distinguir os seus sentimentos - podendo estes serem acolhidos através de processos terapêuticos que os auxiliem – ter-se-á a possibilidade de um começo de novas subjetivações em torno das crianças com deficiências. Tanto a mãe como o pai precisam estudar estes processos para conseguirem produzir possibilidades e estímulos de independência na singularização do filho deficiente, sempre se levando em consideração que “a visão que a criança tem do mundo exterior ao *self* baseia-se em grande medida no padrão da realidade pessoal interna” (WINNICOTT, 2011, p.12).

A criança com deficiência tem muito a contribuir socialmente através das suas competências, porém, isso somente ocorrerá se a sociedade permitir a sua inclusão e a forma como fizer as inscrições nela durante a infância, buscando validar as suas capacidades de aprendizagem através da acessibilidade, e permitindo-lhe a autonomia, afinal, as potencialidades da mesma não se limitam pela deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, entende-se que os pais são fundamentais na construção e na estimulação da autonomia enquanto independência na criança com deficiência. Para tanto, a autonomia deve ser instigada ainda nos primeiros anos de vida da mesma, visando maiores chances de resultados satisfatórios, pois quanto mais cedo inscrever-se a significação da autonomia nela, mais fácil será para a criança incluir-se no corpo social e beneficiar-se do instrumento da acessibilidade. A falta de autonomia em realizar tarefas simples do dia a dia pode não se tratar de impossibilidade, mas sim, de ausência de prática.

Em se tratando da criança com deficiência, deve-se aprender constantemente com a mesma sobre suas potencialidades, valorizando as suas virtudes, afinal, ela vai além do que a subjetividade social visualiza, geralmente de forma escassa em função da sua limitação. Ambientes que permitam com naturalidade a interação contribuirão de forma positiva para a sua inclusão, autoestima e/ou qualidade de vida. A criança com deficiência que receber





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

inscrições na sua autonomia terá maior possibilidade de convívio com a sociedade e contribuirá para com ela muito além do esperado. Portanto, o corpo social tende a ganhar na medida em que se disponibilizar a aprender com ela, afinal, ao incluir a criança socialmente, promove-se a dignidade humana.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, Leda M. F. **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição.** São Paulo: Escuta, 2006.

BUSCÁGLIA, Léo F. **Os deficientes e seus pais.** 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CAMPOS, Adriana Marques. **A família no processo de construção da autonomia da pessoa com deficiência.** Disponível em:
<<http://www.avm.edu.br/monopdf/3/ADRIANA%20MARQUES%20CAMPOS.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

CAMPOS, Rosana T. O.; CAMPOS, Gastão W. S. **Co-construção de Autonomia:** o sujeito em questão. In: Campos, G., Minayo, M, Akerman, M., Drumond Junior M, Carvalho, Y. (Org.). Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec-Fiocruz; 2006.

CASTEL, Robert. **A discriminação negativa:** cidadãos ou autóctones? Petrópolis: Vozes, 2008.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4ª Ed., rev. e atual. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010. Disponível em:
<<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencaopessoacomdeficiencia.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988. Disponível em:
<<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. **Guia para estudos de revisão sistemática:** uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/41542/28358>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

GOVERNO DO BRASIL. **Acessibilidade.** Disponível:
<<https://www.brasil.gov.br/acessibilidade>>. Acesso em: 27 fev. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LARANJEIRA, Fernanda de O.; ALMEIDA, Rosimary T. **Utilização de órteses e meios auxiliares de locomoção no sistema único de saúde.** In: OLIVEIRA, Ana I. A.; LOURENÇO, Maciel Q.; LOURENÇO, Manoel Gionovaldo Freire (Org.). **Perspectiva da Tecnologia Assistiva no Brasil: pesquisa e prática.** Belém: EDUEPA, 2008.

MARTINS, José de Souza. **A Sociedade vista do Abismo: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, L. M. B. **Cartilha do Censo 2010: Pessoas com Deficiência.** Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. A ONU e as pessoas com deficiência. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>>. Acesso em: 13 set. 2017.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento individual.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, Donald W. **A família e o desenvolvimento individual.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, Donald. W. **A criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro: LTC, 6. ed. 1982.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O MULTILETRAMENTO COM TEXTOS DIGITAIS MULTIMODAIS DE FORMA COLABORATIVA ENTRE OS ALUNOS

MULTIMODAL DIGITAL TEXTS IN A COLLABORATIVE WAY BETWEEN
STUDENTS

Ana Teresinha Elicker (Universidade Feevale)¹

Viviane Cristina de Mattos Battistello (Universidade Feevale)²

Rosemari Lorenz Martins (Universidade Feevale)³

Resumo: Multiletramento são textos interativos e colaborativos apresentados no formato das redes por hipertextos e hiperlinks. Entretanto, para compreender esses textos e para se comunicar nesse contexto, é imprescindível que a escola participe desses processos de ensino-aprendizagem, reconfigurando a realidade social (GOMES, 2017). Nesse sentido, o presente artigo visa produzir textos digitais multimodais de forma colaborativa com alunos do nono ano, do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal, de Rolante/RS. O projeto de pesquisa-ação iniciou a partir de uma conversa com os alunos, no qual percebeu-se o interesse pela escrita em redes sociais, então a professora trouxe para discussão ferramentas e textos digitais, utilizando assuntos fora do alcance de muitos alunos, já que a maioria utiliza apenas celulares. Dessa forma, o grupo utilizou as ferramentas do *google drive*, criando textos de forma colaborativa, além de serem coautores do projeto e autores de seu processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Multiletramento. Multimodal. Textos Digitais. Colaborativo. Processo Ensino-Aprendizagem.

Abstract: Multiliteracy are interactive and collaborative texts presented in the format of the networks by Hypertexts and Hypermedias. However, in order to understand these texts and to communicate in this context, it is essential that the school participate in these teaching-learning processes, reconfiguring the social reality (GOMES, 2017). This article aims to produce multimodal digital texts collaboratively in a collaborative way with ninth graders, Elementary Schools, at municipal public school, from Rolando/RS. The research-action project started from a conversation with the students, in which it was perceived the interest in writing in social networks, then the teacher brought to discussion tools and digital texts, using subjects outside the reach of many pupils, already That most use only cell phones. In this way, the group used the tools of Google Drive, creating texts collaboratively, besides being co-authoring the project and authors of its teaching-learning process.

Palavras-chave: Multiliteracy. Multimodal Digital Texts. Collaborative. Teaching-Learning.

INTRODUÇÃO

Todos os textos, conforme Kress e Van Leuween (1998, p. 186), são multimodais. Isso por que “a língua sempre tem de ser realizada por meio de, e vem acompanhada de, outros modos semióticos”. Afirmar isso significa admitir uma abordagem do texto em camadas, isto

¹Mestranda em Letras e Graduada em Letras-Português/Inglês (Feevale). Esp. em Gestão Escolar (UFGRS) e em Esp. EJA (PUC). Professora da rede pública de ensino. E-mail: anaelicker@hotmail.com.

²Mestranda em Letras e Graduada em Letras-Português/Inglês (Feevale), Especialista em Psicopedagogia (UNILASALLE), Professora e Psicopedagoga. E-mail: vivimattos@feevale.br.

³ Doutora em Letras (PUC-RS). Professora do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Feevale. rosel@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

é, significa admitir que existe uma “ligação inextricável entre o texto e sua materialidade, que precisa ser considerada” (RIBEIRO, 2013, p.22). De acordo com Chartier (2001, p. 219),

em contraste com a representação do texto ideal e abstrato – que é estável por ser desvinculado de toda materialidade, uma representação elaborada pela própria literatura – é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor.

A multimodalidade não se deve, contudo, somente ao desenvolvimento das TICs, mas também à grande variedade de culturas em que estamos inseridos. Sendo assim, para compreender esses textos e para se comunicar nesse contexto, são necessários novos letramentos ou multiletramentos. O conceito de multiletramentos, conforme Rojo (2003, p.13),

aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Os multiletramentos, conforme a mesma pesquisadora,

são interativos; [...] são colaborativos; eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos (verbais ou não)); eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas). Assim sendo, o melhor lugar para eles existirem é “nas nuvens” e a melhor maneira de se apresentarem é na estrutura ou formato de redes (hipertextos, hiper mídias).

A escola não pode ignorar tudo isso. Ela precisa, de acordo com Rojo (2008), reconfigurar seus processos de ensino-aprendizagem “às novas configurações que se apresentam no mundo contemporâneo e globalizado e [...] tomar para si a tarefa de trabalhar com esses novos modos de ver/sentir/agir e de significar o mundo e a realidade social” (GOMES, 2017). Nessa perspectiva foi desenvolvido este trabalho, que visa produzir textos digitais multimodais de forma colaborativa com alunos do nono ano, do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal, da cidade de Rolante/RS, nos primeiros dois meses do ano letivo de 2018.

O projeto surgiu após a primeira conversa com os alunos, no início do ano letivo, em que ficou evidente, por meio da fala de um aluno (“oh: eu não gosto, eu não sei escrever”) que eles não gostam de escrever na aula de língua portuguesa, que preferem escrever no celular, conversar no “*whatsapp*” e no “*face*”. Detectado o interesse dos alunos pela escrita em redes sociais a professora trouxe para discussão ferramentas e textos digitais, assuntos fora do alcance de muitos alunos, porque a maioria deles só tem celular, não tem *notes* ou *desktops* em casa.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Dessa forma, o grupo chegou ao texto docx dos documentos do google drive”. Utilizando essa ferramenta, os alunos poderiam ser coautores do projeto da professora e de autores de seu processo de aprendizagem.

Assim, este projeto foi construído a partir de uma discussão em sala orientada pela professora de português, que vai mediar a produção dos alunos, considerando os diferentes gêneros textuais do plano de estudos do ano escolar do grupo. O assunto do projeto também foi definido pelo grupo por meio de uma conversa. Definido o tema, iniciou-se a construção conjunta do projeto que respeita o calendário escolar. Os textos já produzidos pelos alunos inter-relacionam-se e percorrem diferentes disciplinas do nono ano, do Ensino fundamental, mesclando conteúdos programáticos de disciplinas como Português, Matemática e Ciências, por exemplo, que são ministradas por professores diferentes, apresentando-se como uma forma concreta de atividade interdisciplinar. Isto é, os textos produzidos transitam por diversas disciplinas e abrangem diferentes conteúdos previstos para serem desenvolvidos neste ano escolar. Mas não foram propostos, necessariamente pelos professores, emergiram de discussões conjuntas entre os alunos e a professora mediadora do projeto.

Nessa perspectiva, chega-se a um texto que pode ser definido, conforme Sobral (2014, p.35), como “objeto da atividade autoral de mobilização e de recursos para a realização de um projeto enunciativo a partir da relação locutor-interlocutor”. Desse modo, o texto deixa de ser um objeto apenas teórico, embora respeite a materialidade de sequências organizadas, com sinais convencionais, elementos linguísticos e estruturas sintáticas devidamente organizadas, produzindo sentido, em um todo coerente e coeso, e passa a ser um discurso autoral do grupo de alunos, o que se acredita que pode ser visto como uma prática que transcende a uma proposta tradicional de escola e proponha ensinar aos alunos, conforme sugere Rojo (2013, p.13-36), “novas formas de competências nesses tempos”.

O trabalho com este projeto promoverá a produção de textos multimodais, o que significa uma ruptura do modelo clássico de ensino de língua, de ensino da gramática normativa, e o uso de um novo ambiente de aprendizagem, mais interativo e dinâmico, com novos textos multimodais, com novas mídias, ampliando a capacidade de produção de texto e de leitura crítica, considerando que letramento é sempre letramento em algum gênero, definido por um sistema de signo de valores linguísticos. Fato é que a leitura e a escrita e as práticas pedagógicas delas decorrentes precisam ser revisitadas, o que se compreende que se dá através do multiletramento.





CONTEÚDOS CURRICULARES E METODOLOGIA

Para a produção de textos de forma colaborativa ou individualmente, utilizando o *docx* no *google drive*, nos celulares ou nos *notebooks* da escola, os alunos precisam ter conhecimentos sobre gêneros textuais, eles precisam saber qual é a finalidade de cada gênero e como ele se caracteriza. Só assim poderão elaborar entrevistas, relatórios e textos explicativos a partir das pesquisas realizadas sobre alimentos, assunto que o grupo escolheu para investigar. Os conteúdos gramaticais específicos previstos para o ano, tais como: orações (e suas formas), pronomes, verbos, formação e estrutura das palavras, concordância, semântica e sintaxe, podem ser abordados a partir dos textos produzidos pelos alunos, considerando suas dificuldades, por meio de atividades constantes de escrita, de leitura, de revisão dos textos e de reescrita. Assim, promove-se o desenvolvimento da competência discursiva e uma maior autonomia em relação ao uso do idioma materno.

Para avaliar o progresso dos alunos neste projeto, optou-se pelo uso de um diário das atividades. Esse é um instrumento adequado para tal, na medida em que se trata de uma pesquisa-ação na qual todos os sujeitos devem estar envolvidos para que o projeto se desenvolva e traga resultados positivos. Embora o foco do projeto seja a produção textual com autonomia, nas aulas de português, foi dispensado tempo também para a leitura e interpretação textos. O livro didático não foi totalmente abandonado, ele continua sendo usado para a realização de exercícios e para revisar alguns conteúdos específicos.

FORMA DE TRABALHO COM ALUNOS E DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS

Para dar início ao projeto, os alunos criaram grupos (por afinidade) e nomearam o grupo (todos optaram por usar nomes de animais). Depois disso, organizou-se uma pasta no drive e criaram-se documentos com o nome dos alunos. Cada grupo criou também um e-mail e uma senha para acessar o ambiente e construir sua página. Os textos e as informações postados nessas páginas são abertos aos componentes do grupo, de modo que qualquer integrante pode interferir no texto do colega e auxiliá-lo em sua produção escrita, tornando os textos colaborativos.

Concluídas as etapas de organização, passou-se para as produções, divididas em tarefas: Tarefa 1. Depois de criar o grupo e de nomeá-lo relatar os critérios de escolha dos participantes e do nome do grupo e colocar uma foto. Tarefa 2. Escrever sobre a escola e colocar uma foto da escola. Tarefa 3. Escrever **um texto informativo** sobre o município de Rolante com, no





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

mínimo, 2 fotos (1 atual e 1 antiga). Tarefa 4. Incluir uma foto individual com a camisa da escola, escrever um **texto biográfico**. Conversa com alunos a respeito da metodologia de projeto. Levantar questões e temas - após conversas individuais e em grupos, os alunos apontaram, assuntos que gostariam que fossem estudados por eles. Entre os temas: como viver da roça, como são os produtos orgânicos; quem são e como vivem os colonos; a horta como segundo turno de trabalho; o que é agricultura familiar; o que Rolante produz... Selecionar o tema - através de votação, escolheu-se o tema agricultura familiar e produtos orgânicos. Delimitar o tema: pensou-se em fazer duas saídas de campo, uma na localidade da Boa Esperança e outra em um bairro próximo à escola, locais onde a maioria dos alunos vive. Diagnóstico do projeto – este levantamento foi feito oralmente – o que se sabe sobre o assunto - O que sabemos e o que queremos saber? Onde pesquisar? Tarefa: Produzir relatório por etapas. Tarefa 5: Saída de campo para a localidade da areia (escolha dos alunos) para visitar uma família e se inteirar da rotina familiar, para verificar como a família retira da terra seu sustento. Tarefa 6: Pesquisa – O que podemos pesquisar? Cada grupo faz sua escolha. - registrar e após apresentar a pesquisa à turma. Pesquisa 1. O piretro - plantio, colheita - e como é feito o boa noite (o grupo responsável deverá trazer uma muda da planta, para nosso cultivo); **Grupo Pandas**; Pesquisa 2. fumo - tabaco (o grupo responsável deverá trazer uma muda da planta, para nosso cultivo); **Grupo Pantera negra**; Pesquisa 3. Precisamos conhecer/saber - como se faz o “veneno” não químico (trazer amostras das plantas) - **Grupo Guaxinin**; Pesquisa 4. plantas comuns e outras exóticas (cultivo em hortas) **Grupo Koalas**; Pesquisa 5. plantas comuns e outras exóticas (cultivo em roça) - **Grupo Corujas**.

AVALIAÇÃO E RESULTADOS

Para avaliar os alunos, tomaram-se como critérios a autonomia e o comprometimento. Avaliar um aluno, em qualquer situação de aprendizagem, não é uma tarefa fácil, mas, poder acompanhar diretamente seu processo de escrita, página a página, ou seja, no momento em que o aluno está digitando e, ainda, poder auxiliá-lo em seu percurso, é, com certeza, uma forma mais fácil e coerente de avaliar. Além disso, com essa experiência de produzir textos em um ambiente digital, coletivamente e, ainda, com o apoio da professora, os alunos aprenderam muito mais do que usar uma ferramenta nova, eles aprenderam novas formas de ler e de escrever.





A experiência também os tornou mais autônomos. Quando não obtinham respostas para suas dúvidas imediatamente, com um colega ou com a professora, eles buscavam as respostas com outras pessoas, com outros professores, com a diretora da escola, com a servente, nas saídas de campo em grupo ou por meio de pesquisas individuais através de entrevistas ou na internet. Todo esse processo foi levado em conta na avaliação. A professora surpreendeu-se com as produções dos alunos, que foram bastante significativas, porque eles buscaram temas concretos para as produções e, dessa forma, todos alcançaram boas notas, tanto na avaliação do texto escrito, considerando as especificidades dos gêneros produzidos, a adequação do discurso e a correção linguística, quanto na participação colaborativa.

Aos poucos, os alunos foram se responsabilizando pelo trabalho e passaram a gostar mais das aulas de português. No final, os alunos, além de terem contato com os textos dos colegas de seu grupo, estavam em contato com a produção de todos os colegas, compartilhando ideias e conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson S. (Orgs.). *Dialogismo: teoria e(m) prática*. São Paulo: Terracota Editora, 2014. p. 19-36.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-173.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Front Pages: (The critical) analysis of newspaper layout. In: BELL, A, GARRETT, P. (Eds.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 186 - 219
- MELO, Rosineide; ROJO, Roxane. A arquitetura bakhtiniana e os multiletramentos. In: NASCIMENTO, Elvira L.; ROJO, Roxane H. R. (Orgs.). *Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.
- OLDONI, Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. Textos e imagens em cena: o sentido nos gêneros multimodais. *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, Universidade Mackenzie (SP), v. 17, n.3, p. 182-195, 2015.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Multimodalidade e produção de textos: questões para o letramento na atualidade. *Signo* [ISSN 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 21-34.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ROJO, Roxane et al. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

_____, Roxane. Textos multimodais. *Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP / Instituto de Estudos da Linguagem-IEL*

<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>

SOBRAL, Adail. “Ver o mundo com os olhos do gênero”. In: _____. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 115-133.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INTERATIVIDADE NO JORNALISMO: A VOZ DO INTERAGENTE

INTERACTIVITY IN JORNALISM: THE VOICE OF INTERACT

André Antonio Varnieri Haar¹ (Universidade Feevale)
Anelise Silveira Rubleski² (Universidade Feevale)

Resumo: A pesquisa investiga o processo de *interatividade* entre empresas de comunicação de massa e interagentes, tendo como delimitação o olhar do interagente, ou seja, do telespectador, do ouvinte, do leitor, do internauta. O avanço tecnológico e a Internet potencializaram essa relação. Associam-se ao avanço tecnológico as inquietações das pessoas frente às possibilidades de participação nos noticiosos jornalísticos e, com isso, um novo caminho começa a ser construído em uma sociedade que tem a necessidade de se comunicar, de contar histórias, de compartilhar, de se sentir parte do seu contexto social.

Palavras-chave: Interagente. Interatividade. Jornalismo. Participação.

Abstract: The research explores the process of interactivity between mass communication companies and interagents, having as a delimitation the interagent's perspective, that is, the viewer, the listener, the reader, the internet user. The technological advances and the internet intensified this relation. The study associates the technological advances and people's concerns with the possibilities of participating in journalistic news and, with that, a new way starts to be built in a society that has the need to communicate, to tell stories, to share, and to feel part of the social context.

Keywords: Interagent. Interactivity. Journalism. Participation.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, com o crescimento da Internet e das redes sociais que esta abriga, com uma nova configuração social se alterando a todo instante, a sociedade se transformou no que alguns autores denominam *aldeia global* (MCLUHAN, 1996), *sociedade em rede* e *galáxia da Internet* (CASTELLS, 1999; 2003) ou *tempos de cibercultura* (LEVY, 1999). Somam-se a esses autores e abordagens a *cultura da participação*, de Clay Shirky (2011), a *sociedade da informação*, de Marco Silva (2012), a *cultura da convergência* (2009) e a *cultura da conexão*, de Henry Jenkins (2014).

Em meio aos avanços tecnológicos e à mudança de comportamento do consumidor de notícias, o Jornalismo vive um momento em que estimula cada vez mais a presença deste consumidor, que ora se apresenta como consumidor de informação e ora como colaborador, participante, interagente. Hoje, este consumidor também produz e transmite informação,

¹ Doutorando em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale, mestre em Processos e Manifestações Culturais, jornalista, apresentador da Record TV-RS. E-mail: andre.haar@yahoo.com.br.

² Pós-doutora em Comunicação Midiática, doutora em Comunicação e Informação, mestre em Comunicação/Ciência da Informação, jornalista. Professora na Feevale. E-mail: anelise_sr@hotmail.com.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

compartilha, espalha, está unido em grupos, exigindo, conseqüentemente, uma nova maneira de lidar com o público, com a divulgação e o trato da informação.

A interação dos leitores com as redações jornalísticas não é nova: ela sempre existiu na forma de cartas, telefonemas ou visitas. A grande novidade é a multiplicidade de canais e plataformas que o interagente dispõe para falar, publicar e interagir com os veículos de comunicação e a visibilidade desta interação. A interatividade, espécie de palavra-chave repetida exaustivamente, em maior ou menor grau, aparece como uma tentativa e/ou uma estratégia mercadológica dos veículos de comunicação para aproximação e fidelização do seu público (leitor, ouvinte, telespectador, internauta).

Pesquisadores parecem concordar que há diferenças nos tipos de interatividade, sendo que, para alguns, a interatividade plena, de fato, só ocorrerá quando o interagente receber, instantaneamente, respostas para suas indagações ou sugestões. Mas, mesmo que já sejam comuns as práticas interativas reais e em exercício entre as empresas jornalísticas e o público, será que, de fato, os interagentes se sentem “parte”? O que anima um telespectador, por exemplo, a enviar comentários durante um telejornal ou programa de rádio? Por que os leitores enviam, gratuitamente, fotos para os jornais? O que leva um ouvinte a telefonar para a emissora e comentar uma notícia ou pedir para mandar um abraço de aniversário a um amigo? Ter esses canais disponíveis – que abrem espaço para a interatividade – influencia na seleção do meio informativo que os interagentes utilizam? Quais são as opções ou meios que o interagente gostaria de ter para participar?

Na tentativa de encontrar respostas para esses e outros questionamentos é que foi realizado o estudo, cujo eixo consiste, justamente, em investigar a opinião, as dúvidas, o conhecimento, a frequência de uso e a motivação das ferramentas e demais percepções dos interagentes sobre a interatividade com (dos) veículos de comunicação de massa tradicionais.

O artigo, de cunho teórico-empírico, está estruturado em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, apresenta-se uma revisão conceitual sobre colaboração, interatividade e participação no âmbito do Jornalismo. Na segunda, compartilham-se os resultados e os tensionamentos que emergiram na pesquisa empírica online.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

2 COLABORAÇÃO, INTERATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO NAS CULTURAS DA PARTICIPAÇÃO E DA CONEXÃO

Para a elaboração deste, utilizamos os termos *interatividade*, *interação*, *participação* e *colaboração*, estratégias utilizadas pelo Jornalismo (no rádio, na TV, no impresso) em uma nova relação que se estabelece entre as redações e os interagentes, ao menos, como tentativa ou protocolo de boas intenções.

Os termos *participação* e *colaboração* associados ao webjornalismo não são novos, embora tampouco contenham um rigor conceitual definidor. Neste artigo, entende-se por jornalismo participativo, por exemplo, os comentários em notícias e a participação nos fóruns ou, como afirma Brambilla (2007), espaços nos quais as discussões acontecem de modo paralelo ao noticiário, sem que ganhem status de notícias. Já o jornalismo colaborativo ocorre quando mais de uma pessoa contribuiu para o resultado final do que é publicado. Pode ser um texto escrito por duas ou mais pessoas ou seções compostas por fotos, vídeos de vários autores.

No âmbito da interatividade é consenso que, no processo, há um conjunto de comportamentos que acompanham o avanço cultural do consumidor de notícias, que a situa na cultura da participação, de Shirky (2011), e na cultura da conexão, de Jenkins (2014). Todo comportamento está associado à formação de um povo, seus hábitos, costumes e sua cultura, evidenciados, assim, pelas suas manifestações culturais.

Uma das maiores referências da convergência digital, o norte-americano Henry Jenkins (2009), em *Cultura da Convergência*, considera essencial a diferenciação entre *interatividade* e *participação*. A interatividade estaria ligada a mecanismos executados por produtores de mídia para oferecer respostas aos consumidores de informação. Sendo assim, as diferentes formas de comunicação teriam diferentes graus de interatividade, proporcionais às respostas enviadas aos interagentes. Segundo Jenkins (2009), a interatividade está proporcionalmente associada ao fato de reação do interagente ao conteúdo. O autor define interatividade como o potencial de uma nova tecnologia de mídia (ou de textos produzidos nesta mídia) para responder ao *feedback* do consumidor. Os fatores determinantes da interatividade se contrapõem aos fatores sociais e culturais da participação (que é ilimitada e, de maneira geral, moldada pelas escolhas do consumidor). Esse *feedback*, ou retorno imediato, é também o foco das grandes empresas midiáticas, tendo em vista o poder econômico que está por trás dos meios de comunicação, aliado ao desafio de conquistar cada vez mais clientes. Nesse sentido,

Clay Shirky (2011, p. 29) afirma que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

[...] há outra noção, herdada dos padrões de consumo de mídia ao longo das últimas décadas, de que mídia se refere a um conjunto de negócios, de jornais e revistas até rádio e televisão, com maneiras específicas de produzir material e formas específicas de fazer dinheiro. E, enquanto usarmos “mídia” para nos referirmos apenas a esses negócios e a esse material, a palavra será um anacronismo, inadequada ao que acontece hoje em dia. Nossa capacidade de equilibrar consumo, produção e compartilhamento, nossa habilidade de nos conectarmos uns aos outros, está transformando o conceito de mídia, de um determinado setor da economia em mecanismo barato e globalmente disponível para o compartilhamento organizado.

Para o autor, a era do compartilhamento está transformando o comportamento das empresas de comunicação uma vez que a participação do público consumidor é cada vez maior, influenciando as decisões. Shirky (2011) salienta que a palavra *mídia* está erroneamente associada a conglomerado, poder, máquina de produzir dinheiro, quando no momento atual deveríamos repensar esse sentido, assim como as empresas de Jornalismo estão repensando seu comportamento e revisando o produto oferecido aos consumidores – e a interatividade, ou tentativa de interação, é um deles, talvez o principal. As empresas precisam se modernizar e acompanhar a evolução das comunicações e, principalmente, das novas relações e forças estabelecidas a partir da Internet. Por exemplo, quando analisamos a circulação de informações em tempos de conexão, são criados valores e significados “[...] nas múltiplas economias que constituem o panorama da mídia que vem se configurando. Nossa mensagem é simples e direta: se algo não se propaga, está morto” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 23). Marco Silva (2012), um dos autores mais críticos sobre o uso do termo interatividade atualmente, apresenta os vários sentidos que deveriam ser contemplados:

Parto do seguinte princípio: um produto, uma comunicação, um equipamento, uma obra de arte são de fato interativos quando estão imbuídos de uma concepção que contemple complexidade, multiplicidade, não linearidade, bidirecionalidade etc., permitindo ao usuário-interlocutor-fruidor a liberdade de participação, de intervenção, de criação (SILVA, 2012, p. 122).

Silva (2012, p. 11) apresenta as reações imediatas que o termo provoca nas pessoas e propõe também uma profunda reflexão sobre o que considera um termo muito complexo. Diz – como um recado aos pesquisadores que fazem diversas menções conceituais – que “[...] não estão de todo equivocados, mas que há muito mais a dizer sobre interatividade”. A respeito das reações, explica que a





[...] primeira é aquela que vê mera aplicação oportunista de um termo “da moda” para significar velhas coisas como diálogo e comunicação. Para a segunda reação, interatividade tem a ver com ideologia, com publicidade, estratégia de marketing, fabricação de adesão, produção de opinião pública, aquilo que legitima a expansão globalizada do novo poderio technoindustrial baseado na informática. E fazem parte da terceira reação os que dizem jamais se iludir com a interatividade homem-computador, porque, por trás de uma aparente inocência da tecnologia “amigável”, “soft”, haveria rivalidade e dominação da técnica promovendo a regressão do homem à condição da máquina (SILVA, 2012, p. 11).

O autor cita a constante aplicação da palavra, como se tudo fosse interativo e de fato permitisse a interação entre homem-objeto. Como ele mesmo escreve, o uso da palavra interatividade “[...] legitima a expansão globalizada do novo poderio technoindustrial” (SILVA, 2012, p. 11). Além disso, enquanto os conceitos de interatividade e as tentativas de interação são discutidas, o consumidor de informação está interferindo nesse processo de

[...] maneira muito mais participativa (e desorganizada). As decisões que cada um de nós toma quanto a passar adiante ou não textos de mídia – quanto a tuitar ou não a última gafe de um candidato a presidente [...], compartilhar um vídeo de uma gaiivota roubando uma loja – estão remodelando o próprio cenário da mídia (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 23).

Os autores se referem à mudança de distribuição para circulação, sinalizando um “[...] modelo mais participativo de cultura [...] pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 24).

Para Shirky (2011, p. 25), a mídia do século XX

[...] voltava-se para um único enfoque: consumo. [...] Mas a mídia é na verdade como um triatlo, com três enfoques diferentes: as pessoas gostam de consumir, mas gostam também de produzir e de compartilhar. Sempre gostamos dessas três atividades, mas até há pouco tempo a mídia tradicional premiava apenas uma delas.

O autor destaca o perfil cultural que vem se moldando a um novo comportamento promovido pela comunicação facilitada pela Internet. Todos querem estar presentes em algo, fazer parte de algo. Estimulados por estes conceitos sobre a colaboração, a interatividade e a participação, na cultura participativa e na cultura da conexão, vamos analisar, a seguir, algumas das respostas já tabuladas da pesquisa online sobre as percepções dos interagentes.

3 A VOZ DO INTERAGENTE: QUESTIONÁRIO ONLINE

Por meio de questionários aplicados aos interagentes, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório, online, contendo perguntas sobre a rotina e as percepções do consumidor de informação acerca da interatividade, da participação e da colaboração com (dos) veículos de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

comunicação de massa. Foi publicada em três plataformas digitais de redes sociais no dia 12 de maio de 2015. Junto com o convite para que respondessem ao questionário, foi disponibilizado um link de acesso às perguntas – 37 ao todo. Um texto inicial comunicava os objetivos do levantamento e a importância da participação. O objetivo da pesquisa foi mapear as motivações e percepções do interagente frente às estratégias de interatividade dos meios jornalísticos.

A pesquisa foi disponibilizada para quase 15 mil pessoas: no Facebook (6.082 seguidores), no Instagram (1.838 pessoas) e no Twitter (6.741 seguidores), nos perfis do pesquisador. Muitos seguidores estão presentes em mais de uma das plataformas que serviram de suporte para a pesquisa, mas o questionário não permitia duplicidade por parte dos respondentes. O questionário ficou à disposição por 20 dias, até o dia 2 de junho de 2015. Os dados foram coletados pelo Centro de Pesquisa e Planejamento (CPP) da Universidade Feevale e repassados aos autores.

Os registros mostram que os participantes moram em locais variados: 35% (175 pessoas) em Porto Alegre; 52,4% (262 pessoas) em outras cidades do Rio Grande do Sul; 7,6% (38 pessoas) em outras cidades do Brasil; 1,6% (6 pessoas) no exterior. A pesquisa contou com 383 respondentes do sexo feminino (76,65%) e 117 (23,4%) do masculino. Dos 500 respondentes, 36,2% (181 pessoas) disseram ter nível superior.

No questionário, indagamos o interagente sobre a sua intenção quando colabora com algum veículo de comunicação. Por que o faz? Ao todo, das 500 respostas, 351 apontaram para o sentido de colaborar para que as pessoas tenham conhecimento de algo.

O certo é que o homem, para viver, necessita da interação pessoal, da convivência entre grupos e ter uma história de vida, histórias para contar e compartilhar. “Talvez nada seja mais humano do que dividir histórias” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 25). Nesse aspecto, identificamos, ao compararmos e cruzarmos as respostas dos interagentes no questionário online com a bibliografia escolhida para este estudo, a afirmação de Clay Shirky (2011, p. 25) ao dizer que “[...] as pessoas gostam de consumir, mas também gostam de produzir e de compartilhar”. Para o autor, “[...] participar é agir como se sua presença importasse, como se, quando você vê ou ouve algo, sua resposta fizesse parte do evento” (SHIRKY, 2011, p. 25).

A pergunta seguinte foi sobre a prática da interatividade. Queríamos saber, o quê as pessoas – os interagentes – pensam sobre ela. O questionamento foi: Os veículos de comunicação falam muito em interatividade. Pelo seu conhecimento sobre interação, você acha que os veículos, de fato, exercem a interatividade com o público? Para 72% dos entrevistados





– 359 pessoas –, a resposta escolhida foi mais ou menos. Para 17% a resposta foi a mais positiva: Sim, muito. Para 3% dos entrevistados – apenas 14 pessoas –, a interatividade não tem a menor importância. Eles optaram pela resposta “Não tenho tempo para colaborar, quero é receber a informação e está ótimo”. Apenas 19 pessoas (4%) não responderam a esta pergunta.

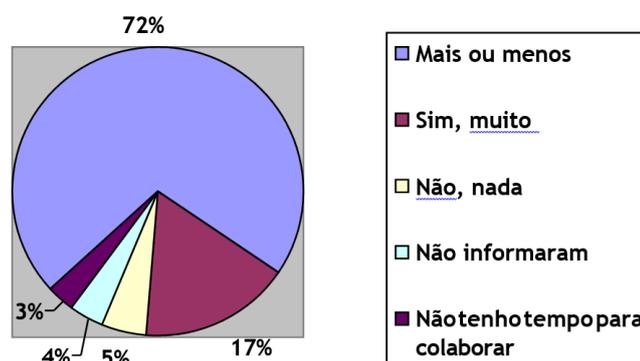
Para Jenkins, Green e Ford (2014), as pessoas ainda estão vivendo em um mundo de adaptações, de transformações e mudanças. A análise social em tempos de cultura da conexão

[...] não supõe que as novas plataformas liberem as pessoas de velhas limitações, mas, em vez disso, sugere que as facilidades da mídia digital funcionam como catalisadoras para a reconceituação de outros aspectos de cultura, exigindo que sejam repensadas as relações sociais (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 25).

Ainda vivemos, segundo os autores, ligados a velhas limitações. Também nesse sentido seria compreensível a reação dos entrevistados ao revelarem que os veículos de comunicação exercem mais ou menos a interatividade. Se a academia ainda não tem um conceito definido em relação ao termo no Jornalismo, imaginamos que os interagentes, de um modo geral, também não têm conhecimento aprofundado sobre o tema, o que reforça a importância da discussão. A reconceituação será necessária para repensar as novas relações sociais.

A seguir, algumas respostas, de maneira mais detalhada e didática da pesquisa realizada sobre a questão: Os veículos de comunicação falam muito em interatividade. Pelo seu conhecimento sobre interação, você acha que os veículos, de fato, exercem a interatividade com o público?

Figura 1 - Interatividade com o público



Fonte: elaborada pelos autores

A pergunta seguinte diz respeito à importância da participação no Jornalismo. Queríamos saber qual é o interesse pelo tema da interatividade, da participação e da colaboração. Facilitar a participação das pessoas é positivo? Aumenta o interesse pela escolha de alguma empresa de

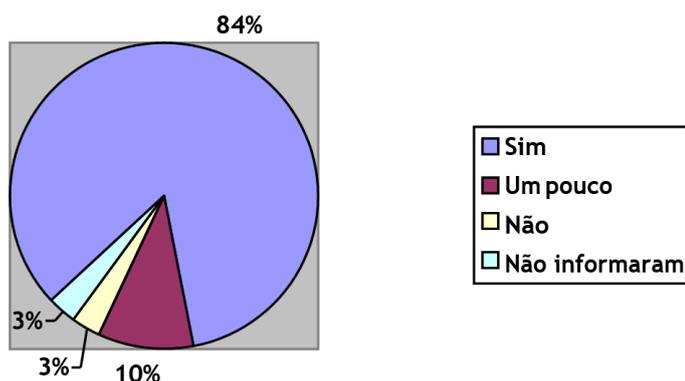




comunicação, de alguma emissora ou de um programa? O número de pessoas que responderam positivamente, sim, foi de 83,8% – ou seja, 419 reconhecem a importância de os veículos de comunicação permitirem a participação. Isso nos mostra o interesse que os interagentes têm de fazer parte da produção de conteúdo.

Se somarmos as respostas sim e um pouco, chegamos ao número de 94% dos entrevistados (467 pessoas) que reconhecem a importância dos veículos de comunicação ao facilitarem e promoverem a participação. Estudos das redes sociais digitais e de seus efeitos são recentes. Portanto, é importante que se acompanhe com atenção este assunto. Abaixo, mais um gráfico para a compreensão das respostas. A pergunta, dessa vez é a seguinte: É importante para você algum veículo de comunicação possibilitar a participação das pessoas?

Figura 2 – Importância de participação



Fonte: elaborada pelos autores

Na sequência, os respondentes foram questionados sobre o interesse do interagente em escrever, em expor a sua opinião. A pergunta foi: Qual frequência que você costuma escrever comentários ao ler notícias em sites de jornalismo online? Num total de 484 respostas, a participação e o interesse em escrever estiveram presentes em 83% dos retornos. Em números absolutos, 402 respondentes têm o hábito, mesmo que em frequências variadas, de escrever algum tipo de comentário ao acessarem notícias em sites de Jornalismo.

A grande maioria, portanto, tem o costume de se manifestar nos sites com opiniões e comentários. Jenkins, Green e Ford (2014, p. 37) escrevem que “[...] não podemos identificar uma causa isolada que leve as pessoas a propagar informações”. As pessoas analisam uma série

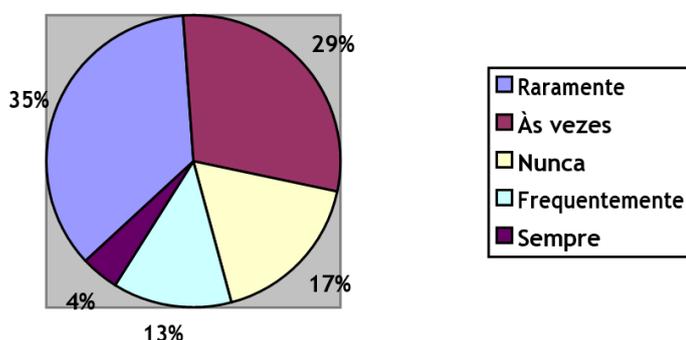




de situações antes de escreverem algo ou mesmo compartilhar, como, por exemplo, se é de interesse, qual repercussão terá, se vale a pena se expor...

Abaixo podemos analisar detalhadamente as respostas das pessoas questionadas a respeito de participar ou não, escrevendo comentários. Eis as respostas para: Qual a frequência que você costuma escrever comentários ao ler notícias em sites de jornalismo online?

Figura 3 – Frequência



Fonte: elaborada pelos autores

O consumidor está a cada dia mais exigente. Não basta apenas que as empresas utilizem o termo interatividade para divulgação, para marketing, elas precisam dar respostas a esta oferta a telespectadores, ouvintes e leitores, conforme afirmam Kotler, Kartajaya e Setiawan (2010, p. 11), ao dizerem que a “[...] crescente tendência à existência de consumidores colaborativos afetou os negócios”. Os conglomerados midiáticos precisam reavaliar seu público, porque, ora consumidor ora um produtor de conteúdo, o interagente agora tem/quer voz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os interagentes ainda confundem os conceitos de *interatividade*, *participação* e *colaboração*, embora seja visível que as pessoas têm utilizado muito a Internet para participar dos espaços noticiosos. Na análise das respostas do questionário online, percebe-se o desejo das pessoas em produzir informação, seja participando, colaborando, interagindo. Observa-se, sobretudo, o desejo de poder ser ouvido e compartilhar informações. O fato é que sites, tele e radiojornalismo e mesmo os próprios jornais impressos – além das plataformas de relacionamento (*fanpages* no Facebook ou Twitter, por exemplo) – têm buscado a comunicação entre/para/com o interagente. A palavra *interatividade* tem sido usada constantemente,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

tornando-se uma significativa ferramenta de marketing das empresas jornalísticas como um diferencial para a participação do interagente.

REFERÊNCIAS

BRAMBILLA, Ana Maria. (2007). Jornalismo colaborativo funciona. **Jornalistas da Web**. Online. Disponível em: <ag=displayConteudo&idCon-teudoTipo=2&id Conteudo=2121 >. Acesso em: 4 set. 2015.

JENKINS, Henry. (2009). **Cultura da convergência**. São Paulo: 2. ed. Aleph.

JENKINS, Henry; FORD, Sam & GREEN, Joshua. (2014). **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia programável. Tradução: Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph.

SHIRKY, Clay. (2011). **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução: Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar.

SILVA, Marco. (1998). O que é interatividade. **Boletim Técnico do SENAC**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 27-35, maio/ago.

SILVA, Marco. (2012). **Sala de aula interativa**: educação, comunicação, mídia clássica. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A CRIAÇÃO DE VALOR COMPARTILHADO (CVC): UMA FORMA DE RESSIGNIFICAÇÃO DO TRABALHO?

THE CREATING SHARED VALUE (CSV): A MEANING OF WORK?

André Luciano Viana (Universidade Feevale)¹
Acacia Zeneida Kuenzer (Universidade Feevale)²

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar as características que abrangem o conceito de Criação de Valor Compartilhado - CVC a partir da prática de produção e comercialização de um coletivo que trabalha mediante os princípios do *Slow Fashion* na Região Metropolitana de Porto Alegre. Em relação à metodologia, o tipo de pesquisa selecionado para este estudo classifica-se como descritiva, por meio de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa a partir de referencial teórico pautado em estudiosos da área de Criação de Valor Compartilhado - CVC e relações de trabalho. Como técnica de coleta de dados, utilizou-se a observação *on-line* e também utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2004). Como resultados parciais, considera-se que o papel desempenhado pelo coletivo estudado é relevante em razão das preocupações com os impactos socioambientais, pois ao passo que muitas grandes empresas pouco ou nada o fazem, ele desempenha uma atividade importante.

Palavras-chave: Criação De Valor Compartilhado. Trabalho. *Slow Fashion*.

Abstract: Creation - CVC from the practice of production and commercialization of a collective that works through the principles of Slow Fashion in the Metropolitan Region of Porto Alegre. Regarding the methodology, the type of research selected for this study is classified as descriptive, through a bibliographical research, with a qualitative approach based on a theoretical framework based on scholars of the area of Shared Value Creation (CVC) and labor relations. The data collection technique, the on-line observation was used and the content analysis of Bardin (2004) was also used. The partial results, it is considered that the role played by the collective studied is relevant because of concerns about socio-environmental impacts, because while many large companies of little or nothing, it plays an important role.

Keywords: Creating Shared Value (CSV). Work. Slow Fashion.

1 INTRODUÇÃO

Nas mais variadas discussões, pode-se afirmar que o trabalho é inserido na trama de relações sociais capitalistas e seja a partir do “*animal laborans*” ou o “*homo faber*” na obra de Hannah Arendt³ ou discorrendo mais recentemente pelo “artífice”, revelado na obra de Richard Sennett⁴, há inúmeras mudanças nesta relação do trabalhador com a transformação da natureza,

¹ Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale e docente na mesma instituição. E-mail: viana-andre@hotmail.com.

² Professora orientadora. Doutora em Educação: História, Política e Sociedade pela PUC/SP. Docente na Universidade Feevale. E-mail: acaciak4@gmail.com.

³ Hannah Arendt apresenta na obra “A condição humana”, publicada originalmente em 1958, os termos “*animal laborans*”, ao referir-se ao homem que busca incansavelmente a sobrevivência e também “*homo faber*”, ao referir-se aquele que cria, fabrica e produz, com o intuito de diminuir o sofrimento.

⁴ Na obra “O artífice”, cuja primeira edição é de 2008, Sennett apresenta dados históricos a respeito do trabalho manual de artífices de diferentes ordens, na busca da compreensão sobre seus processos de criação e produção.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

mediada por diversos instrumentos para produzir um bem que satisfaça uma necessidade, que inevitavelmente será composto de uma ação de compra e venda da força de trabalho. A partir dessa afirmação, inicia-se uma reflexão a respeito de novas estratégias para compor essa relação homem-trabalho e a ideia de Criação de Valor Compartilhado - CVC, enseja uma mudança na relação com os mercados, no qual não se trata apenas de dinheiro, mas sim, do aumento da competitividade, através de novas formas de adequar recursos às mãos daqueles que podem usá-los da melhor maneira possível.

O termo começa a ser desenhado a partir dos professores da área de administração e economia, Michael E. Porter e Mark R. Kramer quando em 2006, iniciaram um estudo que em 2011, ganharia mais espaço de discussão em um artigo publicado pelos autores na Revista Harvard Business Review. O estudo proposto pelos autores, revela que tendo em vista que governos, ativistas e meios de comunicação tornaram-se mais rápidos e aptos para responsabilizar as empresas pelas consequências sociais de suas ações, a ideia de responsabilidade social corporativa emergiu como uma prioridade para os líderes empresariais em todos os países (PORTER; KRAMER, 2006, tradução nossa). Abordam uma estrutura possível para que as empresas possam identificar as consequências sociais de suas ações e descobrir oportunidades para beneficiar a sociedade e a si mesmos, fortalecendo o contexto competitivo em que operam.

Sendo assim, considera-se que há uma grande aproximação entre o conceito de Criação de Valor Compartilhado - CVC e ressignificação do trabalho na contemporaneidade, pois novas formas das organizações relacionam-se com os mercados são necessárias e, ao mesmo tempo, os trabalhadores buscam outras maneiras de cumprir com suas obrigações laborais de modo com que seja possível construir um propósito maior que a simples relação trabalho e emprego. Por isso, esse artigo tem como objetivo: analisar as características que abrangem o conceito de Criação de Valor Compartilhado - CVC a partir da prática de produção e comercialização de um coletivo que trabalha mediante os princípios do *Slow Fashion*⁵ na Região Metropolitana de Porto Alegre.

⁵ O conceito, inspirado pelas ações de Carlos Petrini, foi cunhado pela pesquisadora inglesa Kate Fletcher em 2007 e busca traçar um paralelo entre a produção de moda sustentável, na busca de uma visão diferenciada, quando o prazer de se vestir é atrelado à responsabilidade socioambiental com a cadeia produtiva (FLETCHER, 2014, tradução nossa).





Em relação à metodologia, o tipo de pesquisa selecionado para este estudo classifica-se como descritiva, por meio de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa (PRODANOV e FREITAS, 2013), a partir de referencial teórico pautado em estudiosos da área de Criação de Valor Compartilhado - CVC e relações de trabalho. Como técnica de coleta de dados, utilizou-se a observação *on-line*, que como uma técnica de observação – presencial ou *on-line* – constitui um modo relevante, desde a formulação do problema à interpretação dos dados produzidos no processo de investigação qualitativa (SANTOS E COSTA, 2015 apud GIL, 2008). Foi também utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2004), sendo definida para esse artigo a categoria de análise.

O artigo inicia com a introdução, que contém os marcos principais da abordagem e o objetivo do trabalho, seguido da seção que aborda dos conceitos sobre CVC e na sequência, apresenta o estudo realizado no coletivo que abarca o conceito de Slow Fashion. Por fim, apresentam-se as considerações parciais do estudo, e as referências utilizadas.

2 A CRIAÇÃO DE VALOR COMPARTILHADO - CVC

O termo Criação de Valor Compartilhado - CVC, foi citado pela primeira vez em 2006, mas somente foi efetivamente teorizado com profundidade no artigo *The Big Idea: Creating Shared Value*⁶ [A grande ideia: criando valor compartilhado], também na revista HBR, publicado no ano de 2011. A capa da Revista, da edição de janeiro-fevereiro de 2011, tinha o artigo central dos autores Porter e Kramer, com a otimista legenda “*How do fix Capitalism*” [Como consertar o capitalismo]. No texto, Porter e Kramer (2011), indicam que a Criação de Valor Compartilhado - CVC não é o mesmo que responsabilidade social corporativa, mas sim se trata de um compromisso socioambiental das organizações em atenção às necessidades que giram em torno dos *stakeholders* [parceiros]. Visto que o sistema capitalista dá sinais de esgotamento e há um reforço de que os negócios das grandes corporações são a causa de problemas sociais, ambientais e econômicos, a CVC busca transformar problemas sociais em oportunidades de negócios, contribuindo assim, para a resolução de problemas sociais e ao mesmo tempo, possibilita às empresas uma oportunidade em meio ao mercado cada vez mais competitivo.

⁶ Disponível em < <https://hbr.org/2011/01/the-big-idea-creating-shared-value> > Acesso em: 1 Set. 2016.





Os autores alegam que muitas organizações, até então, basicamente excluíram considerações sociais e ambientais de seu raciocínio econômico e passaram a enfrentar padrões regulamentares como invariavelmente contrários a seus interesses, pois a resolução de solução de problemas sociais foi entregue a governos e a ONGs, enquanto os programas de responsabilidade empresarial — uma reação a pressões externas — surgiram basicamente para melhorar a reputação da empresa, tratados como um gasto necessário (PORTER; KRAMER, 2011). Pouco tempo depois, grandes organizações passaram a utilizar a estratégia de Criação de Valor Compartilhado – CVC, proposta por Porter e Kramer em suas redes de negócios, tendo em vista, a melhoria de sua relação com o mercado, como, por exemplo, estas quatro corporações citadas no Quadro 1:

Quadro 1. Empresas que utilizam a estratégia de Criação de Valor Compartilhado

EMPRESA	RAMO	CONCEITO
NESTLÉ	Alimentos e Bebidas.	Em 2016, a Nestlé, de forma global, atualizou um conjunto de 42 compromissos socioambientais, alinhando-os com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e busca cumpri-los até 2030.
COCA-COLA	Alimentos e Bebidas	A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável tem 17 objetivos e 169 metas, proposta pelas Nações Unidas e acordada pelos 193 estados-membros da ONU.
BASF	Empresa química.	O ano de 2016 também foi marcado pela implantação de uma nova estratégia de engajamento social.
NATURA	Higiene e Beleza.	Lançado em 2006, o Natura Campus é um Programa de Relacionamento com a comunidade científica com foco em ciência, tecnologia e inovação.

Fonte: elaborado pelo pesquisador (2017) a partir de Nestlé (2017); Coca-Cola (2017); Basf (2017) e Natura (2017).

Ou seja, conforme se percebe no Quadro 1, esta amostragem de quatro grandes corporações globais (entre muitas outras empresas), que utilizam a CVC em suas estratégias, demonstram grande preocupação com sua participação no mercado e, inevitavelmente, pelo próprio ramo de atuação. São empresas que apresentam problemas na sua relação entre produção e consumo nos locais de suas unidades fabris e que talvez, por isso, justificaria a estratégia.

Essa discussão, como pode ser percebida, indica a necessidade de repensar a relação com o consumo e são, antes de mais nada, estratégias empresariais que buscam rever as mazelas já criadas anteriormente pelo capitalismo. Todavia são estratégias que possibilitam uma maior





aproximação com os mercados locais e podem, a certa medida, colaborar com um conceito ampliado do comportamento organizacional, se aplicado de modo adequado. Para tanto, não se pode esquecer que o “são inúmeras as formas de produção e distribuição resultantes do confronto cotidiano do homem com a natureza e com os seus pares que lhe apresenta questões que o obriga a desenvolver formas próprias de pensar e fazer experimentando, discutindo, analisando, descobrindo” (KUENZER, 1985, p. 21-22).

Essa perspectiva abordada até o momento tangencia o objeto de pesquisa deste artigo, apresentado na seção seguinte.

3 UM ESTUDO SOBRE UM NOVO PROPÓSITO NO TRABALHO A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS CONCEITOS DA CRIAÇÃO DE VALOR COMPARTILHADO

O coletivo utilizado nesta pesquisa chama-se Revoada, e logo na seção “Quem Somos” do site institucional inicia com a expressão “*Uma andorinha só não faz verão*”, em referência ao grupo de cinco integrantes com formações profissionais diversificadas (Comunicação, Moda, Biomedicina; Relações Internacionais e *Design*) e a declaração de um objetivo em comum: “Somos um coletivo de pássaros voando juntos, criamos alternativas para os desafios do nosso tempo. Queremos reinventar! Valorizamos a sabedoria das pessoas e da natureza para co-criar nossos projetos” (REVOADA, 2017).

O coletivo está situado em um espaço chamado TransLAB⁷, um modelo de local trabalho que se baseia no compartilhamento de espaços e recursos (*coworking*), em uma rua residencial do bairro Rio Branco, em Porto Alegre.

A empresa iniciou com o nome Vuelo, em abril de 2013, ao lançarem uma *startup*⁸ com o objetivo de criar produtos que fossem reconhecidos pelo seu *design* e por sua produção sustentável, utilizando câmaras de pneu e náilon de guarda-chuva como matéria-prima para bolsas, mochilas e carteiras. Buscam a conscientização através da logística reversa, por meio da colaboração de seus clientes (chamados de *vuelistas*) e informam que já desenvolveram novos produtos com oito toneladas de câmaras de pneu e dez mil unidades de guarda-chuva. Ainda em 2015, a Vuelo tornou-se uma empresa social integrada à rede mundial *Yunus Social*

⁷ O TransLab localiza-se na Rua Professor Duplan, 146, Porto Alegre/RS e denomina-se como um laboratório para experimentar, planejar e desenvolver projetos de inovação social (TRANSLAB, 2017).

⁸ As empresas chamadas de “*startup*” são empreendimentos jovens que buscam a inovação em diversos ramos ou áreas do conhecimento.





*Business*⁹ quando a partir dessas experiências criou o coletivo chamado Revoada (REVOADA, 2017).

Já no dia 21 de setembro de 2016, foi realizada a postagem em razão da comemoração do lançamento do novo nome: Revoada, com a publicação de 101 fotos, fazendo um agradecimento a todos os parceiros que puderam compartilhar deste momento. No decorrer da pesquisa, identificou-se que em 20 de outubro de 2016, uma das *designers* participou de um projeto, com orientação de Alexandre Herchcovitch, um dos maiores estilistas do Brasil na atualidade, como meio de qualificação.

Outra postagem na rede social, foi realizada em 09 de novembro de 2016, alcançou 210 curtidas e 26 comentários, todos com elogios à criação de uma nova peça, incluindo menções às possíveis solicitações de compra, da novidade desenvolvida a partir do náilon de guarda-chuva, transformado em uma jaqueta. A postagem referia-se a uma velistista [cliente], que teria um guarda-chuva e “adorava a estampa”, e que o coletivo o transformou em uma jaqueta, cuja identificação do produto é “Jaqueta Garoa”, conforme Figura 1:

Figura 1. Coletivo Revoada (transformação de guarda-chuva em jaqueta).



Fonte: Postagens 61 e 61b da pesquisa on-line (2017).

⁹ A Yunus Negócios Sociais Brasil é uma organização com o objetivo de desenvolver negócios sociais pelo país através de seu fundo de investimentos e aceleradora para negócios sociais, oferecendo serviços de consultoria para empresas, governos, fundações e ONGs (YUNUS NEGÓCIOS GLOBAIS, 2017). Criada pelo economista bengalês Muhammad Yunus, que fundou, em 1976, o Grameen Bank, uma instituição especializada em microcrédito em Bangladesh, o que lhe rendeu o prêmio Nobel da Paz em 2006. Trouxe ao Brasil em 2013 um fundo para fomentar negócios de impacto social e a incubadora Yunus Negócios Sociais, que atua também no Haiti, na Albânia, na Alemanha, no Togo e na Tunísia (ÉPOCA NEGÓCIOS ON-LINE, 2013).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O coletivo trabalha com a comercialização apenas pela *internet*, com venda de lotes exclusivos, ou seja, não possuem estoque, tendo em vista que na economia circular, um dos princípios é relacionado à possibilidade de gerar a menor quantidade possível de resíduos. A publicidade também é evidente na rede social, pois é o principal canal de negociação com o consumidor (mercado) em que atuam, conforme se verifica em postagens de agosto e setembro de 2017.

A partir dos pressupostos na pesquisa exploratória, foi possível identificar nestes poucos fragmentos separados, de que há uma intencionalidade, por parte do coletivo Revoada, na Criação de Valor Compartilhado - CVC junto aos seus parceiros, sejam fornecedores ou clientes, assim como fundamentam seus processos também amparados aos mesmos princípios do Movimento *Slow Fashion*, pois há uma preocupação com sustentabilidade, com a região em que atuam e uma necessidade de qualificação profissional. Sobretudo, um interesse em manter-se atento a um novo mercado, a partir da perspectiva proposta por McMillan (2005), quando o autor relata que se há pessoas interessadas em vender e comprar, há um mercado sendo criado, de fato.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel desempenhado pelo coletivo Revoada é importante a partir da reflexão sobre a relação entre a cadeia produtiva voltada às preocupações com os impactos socioambientais, pois ao passo que muitas grandes empresas pouco ou nada o fazem, ele desempenha uma atividade muito importante. Mas, além disso, é importante nesse contexto, sem dúvidas, a criação (ou reinvenção) de um mercado, a partir desse novo contexto relacionado aos produtos oriundos dessa nova estratégia, mas que trarão a possibilidade de compra somente daqueles que puderam pagar por ela, em uma cadeia contínua de apropriação do capital, sob novos formatos.

Embora não sendo o enfoque principal desse artigo, percebe-se que são alternativas como essas, provocadas pelo coletivo Revoada que podem motivar novas ressignificações do trabalho, pois interferem diretamente na relação de empresas e sociedade, fator primordial na Criação de Valor Compartilhado.

Contempla-se, também, que este estudo integra uma pesquisa mais ampla que tem o intuito de problematizar a temática das relações de trabalho do Brasil na contemporaneidade, e ambiciona contribuir na discussão a respeito dos processos de inclusão e exclusão pelo trabalho





e ressalta a diversidade existente em práticas de enfrentamento ao capital e seu impacto nos modos de vida dos sujeitos que buscam a autonomia a partir de perspectivas associativas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004. 223p.

BASF. **BASF lança Relatório América do Sul 2016**. Disponível em: <<https://www.basf.com/br/pt/company/news-and-media/news-releases/2017/05/basf-lanca-relatorio-america-do-sul-2016.html>>. Acesso em: 1 Nov. 2017

COCA-COLA. **Relatório de sustentabilidade 2016**: valor compartilhado. Disponível em: <<https://www.cocacolabrazil.com.br/historias/relatorio-de-sustentabilidade-2016--valor-compartilhado>>. Acesso em: 1 Set. 2017.

ÉPOCA NEGÓCIOS ON-LINE. **Muhammad Yunus: "Esqueça o emprego, empreenda"**. 29/05/2013. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Empresa/noticia/2013/05/eu-faco-o-que-amo-fiz-o-que-amo-minha-vida-inteira-diz-nobel-da-paz-muhammad-yunus.html>>. Acesso em: 11 Set. 2017.

FLETCHER, K. **Sustainable Fashions & Textiles - Design Journeys**. Ed. Earthscan. Londres, Inglaterra, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008

KUENZER, A.Z. **Pedagogia da fábrica**: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo, Cortez, Autores Associados. 1985.

McMILLAN, J.. **A reinvenção do bazar**: uma história dos mercados; tradução: Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro, RJ :Jorge Zahar, 2005.

NATURA. **Natura Campus**: Mais relações, mais inovações. Disponível em: <<https://www.natura.com.br/a-natura/inovacao/natura-campus>>. Acesso em: 30 Out. 2017

NESTLÉ. **Na Sociedade**. Disponível em: <<https://www.nestle.com.br/na-sociedade>>. Acesso em: 1 nov. 2017

PORTER, M. E.; KRAMER, M. R. Criação de valor compartilhado. **Harvard Business Review**. Jan, 2011a. Disponível em: <<http://hbrbr.uol.com.br/criacao-de-valor-compartilhado/>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

PORTER, M. E.; KRAMER, M. R. *The Big Idea: Creating Shared Value*. **Harvard Business Review**, Vol. 89, No. 1-2, January/February, 2011b. Disponível em: <<https://hbr.org/2011/01/the-big-idea-creating-shared-value>>. Acesso em: 11 Set. 2016.

PORTER, M. E.; KRAMER, M. R. *Strategy and Society: The Link Between Competitive Advantage and Corporate Social Responsibility*. **Harvard Business Review**. 2006.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Disponível em: < <https://hbr.org/2006/12/strategy-and-society-the-link-between-competitive-advantage-and-corporate-social-responsibility> >. Acesso em: 15 dez. 2016.

PRODANOV; C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico /. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: < <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf> >. Acesso em: 11 jun. 2017.

REVOADA. **Quem somos**. Disponível em: <<http://revoada.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 10 Set. 2017.

TRANSLAB. **Translab**. Disponível em:<<http://www.translab.cc/>>. Acesso em: 15 Set. 2017.

YUNUS NEGÓCIOS GLOBAIS. **O que fazemos**. Disponível em:
<<https://www.yunusnegociossociais.com/o-que-fazemos>>. Acesso em: 17 Set. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

VIOLÊNCIA DE GÊNERO E EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DE UMA EQUIPE DIRETIVA

GENDER VIOLENCE AND EDUCATION: UNDERSTANDINGS FROM A PEDAGOGIC
TEAM

Priscila Renata Martins (Feevale)¹

André Luiz dos Santos Silva (Feevale)²

Resumo: A violência de gênero configura-se como um grande problema social, e a educação escolarizada exerce importante papel neste quadro uma vez que pode reproduzir tanto o discurso da igualdade quanto o do preconceito, os quais refletem diretamente na desconstrução ou no reforço de normas que permitem que esta violência aconteça. Portanto, o presente estudo objetivou analisar as concepções da Equipe Diretiva de uma escola localizada na região com maior índice denúncias de ameaça no município de Novo Hamburgo sobra violência de gênero e sobre as relações de gênero. Através de entrevista semiestruturada foram coletados os relatos da equipe diretiva, analisados por meio da Análise de Conteúdo e na articulação com o conceito de gênero (LOURO, 1997; SCOTT, 1989; MEYER, 2016) que deram origem às categorias de análise “Gênero... Masculino e feminino? O gênero como lugar neutro” que discorre sobre como o desconhecimento sobre as questões de gênero invisibiliza as relações de poder que delas fazem parte e “A religião como salvação” que faz considerações sobre a religiosidade presente no local do estudo versus os índices de violência encontrados no mesmo.

Palavras-chave: Gênero. Violência contra a mulher. Educação.

Abstract: Gender violence is a major social problem, and schooling plays an important role in this context since it can reproduce both the discourse of equality and prejudice, which directly reflect the deconstruction or reinforcement of norms that allow that this violence happens. Therefore, the present study aimed to analyze the conceptions of the Management Team of a school located in the region with the highest number of reports of threats in the municipality of Novo Hamburgo on gender violence and on gender relations. Through a semi-structured interview, the reports of the management team were analyzed, analyzed through Content Analysis and in the articulation with the concept of gender (LOURO, 1997; SCOTT, 1989; MEYER, 2016) that gave rise to the categories of analysis "Gender ... Male and female? Gender as a neutral place ", which discusses how ignorance about gender issues makes invisible the power relations that are part of them and " Religion as salvation "that makes considerations about the religiosity present at the study site versus the rates of violence found the same.

Palavras-chave: Gender, Violence against women, Education

NOVO HAMBURGO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência contra as mulheres tem se apresentado de modos diferentes em diferentes comunidades, cujos arranjos impactam na atenção à saúde, nas políticas sociais e nas dinâmicas das escolas. No Estado do Rio Grande do Sul o aumento da taxa de homicídio de mulheres teve

¹ Pedagoga formada pela Universidade Feevale, professora do município de Campo Bom. Atualmente participa do Aperfeiçoamento Científico na Feevale discutindo as relações entre Gênero e Violência.

² Doutor em Ciências do Movimento Humano. Docente dos Cursos de Educação Física e Pedagógica da Universidade Feevale.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

um acréscimo de 30.6% entre 2006 e 2013 (Mapa da Violência, 2015). O município de Novo Hamburgo é uma das cidades com maior taxa de feminicídio da região do vale dos Sinos, atingindo uma média de 5.6 homicídios para cada 100 mil habitantes. Estando consideravelmente acima da média de todo o Vale do Rio dos Sinos (5.0 por 100 mil habitantes), os números de Novo Hamburgo são superiores à média do Estado do Rio Grande do Sul (3.9 para cada 100 mil habitantes) e da média Nacional (4.6 para cada 100 mil habitantes). Cabe ressaltar, entretanto, que a violência contra as mulheres manifestada em uma média de quase 6 mortes por 100 mil habitantes, não atinge a todos os bairros do município do mesmo modo.

Acessando os dados provenientes da “Delegacia para as Mulheres” de Novo Hamburgo, foi possível perceber que a violência de gênero atinge índices muito superiores em determinadas comunidades, enquanto em outras, o número de denúncias é muito baixo. Consultando os dados do mapa da violência do município de Novo Hamburgo, produzido pelo grupo de pesquisa do qual este trabalho emergiu (GERGEV-Feevale), pudemos identificar a escola mais próxima de onde concentravam-se mais casos de denúncia de ameaça, localizada no bairro Canudos. Nessa escola, entrevistamos a equipe diretiva, composta pela diretora, licenciada em letras, que tem 52 anos e há 22 trabalha na escola, e a coordenadora, de 30 anos, formada em Pedagogia, que está na escola há um ano. Através de entrevista semiestruturada, suas concepções deram origem as categorias de análise que seguem.

“GÊNERO... MASCULINO E FEMININO?” – O GÊNERO COMO LUGAR NEUTRO

Questionou-se a equipe diretiva sobre se as questões de gênero fizeram parte de sua formação inicial ou continuada, o que se pôde perceber nos semblantes das entrevistadas foi dúvida e confusão: “Gênero... masculino e feminino? Neste sentido? Não... nunca discuti sobre isso na universidade” (diretora) “é... na minha bem pouco.” (Orientadora)

Estas afirmações vão ao encontro da teoria de Vianna e Unbehau (2004), que afirmam que “nas escolas, as relações de gênero ganham pouca relevância entre educadores e educadoras, assim como no conteúdo dos cursos de formação docente.” Segundo os autores, ainda temos os olhos pouco treinados para ver as dimensões de gênero no dia-a-dia escolar, talvez pela dificuldade de trazer para o centro das reflexões não apenas as desigualdades entre os sexos, mas também os significados de gênero subjacentes a essas desigualdades e pouco contemplados pelas políticas públicas que ordenam o sistema educacional.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A falta de ênfase na discussão sobre gênero na formação dos professores faz com que os mesmos não percebam as relações de poder estabelecidas entre os sexos, pois para eles as mesmas ainda estão naturalizadas, ‘dadas’ como fixas, imutáveis. Segundo Seffner:

Professores não podem se dar ao luxo de desconhecer as questões de gênero, sexualidade e heteronormatividade, seja lá qual disciplina lecionem. É uma verdadeira questão de sobrevivência. E é assunto inserido em dinâmica mais ampla que envolve a própria função da escola, objetivo da educação e tarefa do exercício docente. (SEFFNER, 2017, p.23)

Ao se questionar sobre como as relações de gênero se dão naquela realidade, a resposta foi:

“Tranquilo... assim... na normalidade da faixa etária de cada um deles... a gente percebe na educação infantil eles brincarem muito de casinha, papai, mamãe.. e os maiores assim, tem uma relação saudável, no recreio eles brincam bastante... as meninas de chute ao gol, elas são as goleiras. Assim... bem tranquilo, gostam muito de brincar de pega pega.” (Diretora)

Através dessa fala pode-se perceber que a equipe diretiva parece não ter um entendimento claro a respeito das relações de gênero e aparentemente não as percebem como sendo presentes e vivas nas interações dos alunos daquela escola, nem como importante discussão, que está em foco na construção das leis que regem a educação básica. Para elas, são apenas brincadeiras, pura e simplesmente, despidas de qualquer atravessamento. Dessa maneira, falar sobre gênero se torna desnecessário, pois se não há um problema, não há o que discutir.

É importante pensar que essas formas de conceber as escolhas desses meninos e dessas meninas são datadas e remetem a determinado lugar. A leitura que fazemos das marcas em suas brincadeiras se funda numa construção cultural e histórica, concebidas como elementos possíveis devido a uma construção de gênero.

Para além disso, os depoimentos a equipe diretiva sugerem que as relações de gênero estariam num lugar neutro, esvaziado de tensões políticas. No momento em que não se fala, não se conhece, não se discute sobre gênero, não se constitui um olhar sensível para seus atravessamentos, seus significados, suas relações e as relações de poder ali presentes.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadriñar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados — portanto, não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas. (LOURO, 1997, P.59)

No momento em que se admite que não há um problema de gênero, admite-se conseqüentemente que não se precisa abordar tal questão, assim a escola “evita” tratar do assunto, sabendo que o mesmo é polêmico e traz preocupações aos pais. Apoiando-se no desconhecimento, a escola pode evitar possíveis problemas, tendo sua responsabilidade atenuada. Louro (1997) enfatiza que a "posição afastada, distanciada, isenta, em relação ao mundo social e político" [...] é, agora, "insustentável"; (p.123)

Mesmo percebendo as relações de gênero como um campo neutro, por meio das falas das entrevistadas foi possível perceber que são diversas as relações de poder que as permeiam. Deste modo, ao não trabalhar sobre gênero na escola, elas de alguma forma estão reiterando a norma de uma forma que invisibiliza os embates e as desigualdades, colaborando para que se perpetuem e se naturalizem as assimetrias que permitem que uma cultura violenta de gênero se estabeleça.

A RELIGIÃO COMO SALVAÇÃO

Enquanto se buscava a escola mais próxima da região com maior índice de violência, um fato nos chamou a atenção: a quantidade de igrejas que rodeava aquela região e suas escolas. Pôde-se observar uma proporção de cerca de 5 igrejas para uma escola nesta região.

Há indícios de que historicamente a religião tem colocado as mulheres em posições inferiorizadas, designando a elas, através de suas escrituras, o papel da obediência ao marido, procriação, e cuidados com o lar, reforçando as posições hierárquicas ocupadas pelos sexos e colocando as mulheres em posição subalterna perante o homem. A partir desse entendimento e ciente do número de templos religiosos nas imediações da escola, a equipe diretiva foi questionada sobre possíveis atravessamentos religiosos no quadro de violência instaurado naquela região.

No entanto, a resposta da orientadora encaminhou-se em outro sentido:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“[...]falta muito essa questão de religiosidade nas famílias, né. Acreditar em algo... a gente percebe que isso, pelo menos aqui na escola morreu muito. Antigamente [...] a gente via aquele monte de criança que iam pra catequese, que iam pra igreja... não se percebe mais tanto isso.” (Orientadora)

E a diretora completa: “Acabou se perdendo, a gente percebe. As famílias perderam os valores...”

Não sem espanto, a resposta da orientadora pedagógica parece ir na contramão de concepções sobre a influência da igreja e da religião sobre a violência contra as mulheres daquela região. Diretora e coordenadora daquela escola acreditam que a religião poderia ser a salvação daquela situação, daquelas pessoas, daquela comunidade. Cabe ressaltar, no entanto, que não se trata de qualquer religião, e sim da religião católica, informação que fica evidente a seguir.

Ao questionadas sobre se os professores trabalhavam a religiosidade na sala de aula, afirmaram que “é mais essa questão de valores, né... na época da páscoa se trabalhou o significado da páscoa... mas não assim, a questão da religião católica.” Porém, em outro momento, a diretora afirmou que:

“Nós enquanto escola... a gente até propõe assim alguns momentos. Trouxemos o padre Pacheco que é aqui da comunidade católica. Ele veio na nossa primeira reunião de pais [...] quando a escola completou ano passado 55 anos ele também veio dar uma bênção, né, e os que estavam presentes gostaram muito do que ele falou... [...] ele até usou aquela parte da bíblia “educar seus filhos usando uma vara” [...] a gente procura fazer porque sabe que é importante... tem que ter esse lado. Então se a escola não trazer isso né... não dar essa oportunidade pra eles...” (Diretora)

“O Catolicismo foi a religião oficial do Brasil desde a sua primeira Constituição, em 1824, até 1890, quando a liberdade religiosa foi instituída por decreto. Atualmente, o Brasil é considerado o maior país católico do mundo em número absoluto de fiéis.” (BUSIN, 2011, p.2)

De encontro às concepções da equipe, que acredita que a igreja pode melhorar o quadro de desigualdade de gênero, Fernandes (2005) diz que na Igreja Católica os homens “são os responsáveis pelas narrativas oficiais que naturalizaram os padrões sociais que regulam o que é próprio do masculino e do feminino.”

Operando nesta mesma lógica, Busin (2011) analisa uma passagem bíblica do livro de Gênesis, que conta como a humanidade foi expulsa do Paraíso. A passagem conta que deus ordenou a Adão e Eva que não comessem o fruto proibido, o fruto da Árvore do Conhecimento. Eva, que havia sido criada por Deus a partir de uma costela de Adão e para fazer companhia a ele, não resiste à tentação da serpente, desobedece à ordem dada por Deus e induz Adão a pecar





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

com ela. A ira de Deus se expressou em maldições para ambos e todos os seus descendentes: a partir de então, a mulher pariria com dor e sofrimento, e seria dominada pelo homem que, por sua vez, teria de trabalhar arduamente para obter o alimento que o sustentaria.

Ao colocar a mulher como responsável pela Queda original e, a partir daí, submetida ao homem, essa passagem demonstra que não há equidade entre os gêneros desde a criação do mundo, define que a submissão da mulher se deu por culpa dela – é, portanto, merecida – e coloca as mulheres como responsáveis por todos os sofrimentos e males da humanidade. (BUSIN, 2011, p.13)

Textos como esse justificam e “respaldam” a exclusão das mulheres na igreja católica, somados ao fato alegado de que Jesus escolheu doze apóstolos homens – e nenhuma mulher – para levar sua palavra a todo o mundo. (BUSIN, 2011)

Segundo VALERIO apud BUSIN (2011), “a leitura distorcida de tais textos excluiu o sexo feminino da visibilidade institucional, relegando-o tão-somente ao exercício de papéis subordinados”.

Não se pode afirmar que a inferiorização da mulher e o patriarcado tenham sido criados pela religião. Os autores do texto bíblico certamente estavam expressando algo que já era presente em sua cultura. Ao registrá-la no contexto de um livro sagrado, o que ocorreu foi a reificação e uma legitimação da discriminação das mulheres que já ocorria naquela sociedade, naquela época e naquele contexto, tornando-a uma expressão da vontade divina. (BUSIN, 2011, P.13)

No Catolicismo, mulheres não podem ser “padres”, servir ao sacerdócio, fato que mostra que ainda hoje a hierarquia mantém viva a ideia de desigualdade entre os sexos: “mulheres não podem ser ordenadas e, portanto, não podem celebrar missa, nem participar das instâncias de poder e decisão”.

Concebendo a religião como modeladora de subjetividades, o padrão feminino apresentado como exemplar pela igreja e pela Bíblia, como por exemplo a Virgem Maria,

[...] reporta à submissão, à fragilidade, à maternidade como destino, ao servir, à dessexualização e à desvitalização das mulheres como um ideal a ser perseguido. Já o modelo a ser negado e recusado por ser causador das desgraças da humanidade – Eva – reporta à liberdade de escolha, à sexualidade com liberdade, à tomada de iniciativa, à curiosidade, à vontade de saber. Esses modelos são antagônicos e funcionam de forma importante para o controle dos corpos e da vida das mulheres. Por fim, é importante lembrar que as rígidas posições da hierarquia católica – que determinam para seus fiéis que o sexo deve ser praticado dentro do casamento, com finalidade de reprodução e, portanto, sem o uso de preservativos – incidem mais direta e fortemente sobre as mulheres, sendo um poderoso meio de controlar seus desejos e comportamentos. (BUSIN, 2011, p.14)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Tudo isto corrobora com as evidências de que, ao invés de agir como uma salvadora do quadro de violência, como sugerido pela equipe, a igreja perpetua, através de suas crenças, as desigualdades de gênero e as relações de poder desiguais que as permitem.

É importante, também, ressaltar que a educação pública brasileira, bem como seu Estado, é laica, segundo a constituição federal. Segundo o OLE, Observatório da Laicidade do Ensino, “A religião pode ser tema de análise da filosofia, da sociologia e da história, mas não é referência para sustentação de valores, visões de mundo, comportamentos ou atitudes.” Também ressaltam que “na escola pública laica, não são feitas orações antes da entrada em sala ou do início das aulas”. Orientações que servem para os princípios cristãos não podem, segundo a organização, ser transferidas para a educação que o estado laico mantém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o maior índice de violência contra a mulher do município de Novo Hamburgo, o Bairro Canudos abriga a escola cuja Equipe Diretiva cedeu os depoimentos que serviram de base para as análises deste estudo.

Buscou-se compreender as concepções da equipe diretiva desta escola sobre as relações de gênero, ao que se percebeu uma possível falta de compreensão da equipe sobre as mesmas, provavelmente proveniente da ausência deste assunto em seus cursos de graduação e mesmo na formação continuada, conforme relataram. Acerca da violência de gênero, a equipe diretiva acredita que a salvação seria o aumento da religiosidade, concepção que opera na contramão de estudos que classificam a religião como instituição que reforça a inferiorização da mulher e de sujeitos que desviem da norma padrão.

Percebe-se a necessidade urgente de que mais estudos como esses sejam realizados, principalmente no curso de Pedagogia e nas demais licenciaturas, pois as/os professoras/es são as/os principais mediadoras/es das relações estabelecidas no ambiente escolar, e estarão, na maioria das vezes, lidando diretamente com os alunos em sala de aula ou em espaços não-escolares.

Antes de pensar em qualquer intervenção pedagógica, é preciso que as/os próprias/os docentes reflitam sobre as relações de poder e as desigualdades que se instauram no ambiente escolar entre meninos e meninas. É preciso, também, repensar o seu papel como professores/as: é de simplesmente transmitir conhecimento, ou de interferir nos jogos de poder existentes na sociedade, que geram as desigualdades? A sensibilidade para tal tarefa é importante, mas as





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

teorizações, as pesquisas e os ensaios provenientes dos Estudos Feministas podem se tornar elementos muito importantes para afinar o olhar, estimular inquietações, provocar reflexões.

As questões de gênero ainda parecem, para o professor, um campo oculto, que gera insegurança e que está intrinsecamente ligada aos valores morais de cada um. Mesmo que tenham a intenção de diminuir a desigualdade entre os sexos, de colaborar para a extinção do preconceito e das violências, mesmo que procurem se apropriar do conhecimento, quando a teoria chega na prática, na sala de aula, muitas vezes não se sabe o que fazer. Segundo Louro, “são práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança.” (1997, p.63)

Não podemos ser ingênuas/os de achar que toda essa situação pode ser mudada apenas pela escola, ou de que iremos extinguir qualquer desigualdade de gênero existente na sociedade, porém podemos adotar uma atitude vigilante e contínua, procurando desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade com o que é dado como "natural".

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP. Edições 70, 2010. 280p.

BUSIN, Valéria Melki. RELIGIÃO, SEXUALIDADES E GÊNERO. **REVER**, ANO 11, Nº1, JAN/JUN 2011. DISPONÍVEL EM: [HTTP://DOCPLAYER.COM.BR/47118494-RELIGIAO-SEXUALIDADES-E-GENERO.HTML](http://docplayer.com.br/47118494-religiao-sexualidades-e-genero.html) ACESSO EM 17 MAI 2017.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **A não ordenação feminina**: delimitando as assimetrias de gênero na Igreja Católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as. In: Revista de Estudos Feministas, 2005. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2005000200016&lng=pt&nrm=iso Acesso em 28 abr 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997. 283p.

MEYER, Dagmar Estermann. **Teorias e políticas de gênero**: fragmentos históricos e desafios atuais. Rev. bras. enferm. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672004000100003&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 30 mai 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. 276 p. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 10/10/2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e realidade 16, p 15-22, 1989. Disponível em:

<https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 10/11/2016.

SEFFNER, Fernando. **Tem nexos não falar sobre sexo na escola?** Revista Textual v.1, nº 25, mai 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA INCLUSÃO SOCIAL E DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

TRABAJO ESCLAVO CONTEMPORÁNEO: UNA ANÁLISIS DESDE LA INCLUSIÓN
SOCIAL Y DE LA DIGNIDAD DE LA PERSONA HUMANA.

Angela Kirschner (Universidade Feevale)¹

José Antonio Ribeiro de Moura (Universidade Feevale)²

Resumo: A contemporânea escravidão é marcada pelo trabalho forçado e pela submissão do trabalhador a condições degradantes. Trata-se de um repugnante abuso da dignidade humana, causado pela vulnerabilidade da condição social e econômica do trabalhador. Tendo em vista que esse cenário faz parte há anos da realidade brasileira, não basta a sua erradicação de forma rasteira. São prementes a adoção de políticas públicas com uma intervenção mais efetiva do Poder Público e a atuação das entidades mais representativas da sociedade civil, para restituir ao trabalhador a sua dignidade plena e capacidade de inserir-se, de fato, na comunidade a que pertence. Para manter-se num trabalho digno e de valor social, o trabalhador deve ter efetivamente o respeito contratual do seu empregador, forma única de impedir a reincidência e a disseminação de conduta tão nefasta no cenário nacional.

Palavras-chave: trabalho escravo contemporâneo. inclusão social. dignidade humana

Resumen: La contemporánea esclavitud es marcada por el trabajo forzado y por la sumisión del trabajador a condiciones degradantes. Trata de un repugnante abuso de la dignidad humana, causada por la vulnerabilidad de condiciones social y económica del trabajador. Tomando en cuenta que este escenario existe hace años en la realidad brasileña, no es suficiente su erradicación de forma superficial. Es urgente la adopción de políticas públicas con una intervención mas efectiva del Poder Público y la actuación de entidades más representativas de la sociedad civil, para restituir al trabajador su dignidad plena y capacidad de insertar-se, de hecho, en la comunidad a la cual pertenece. Para la mantención en un trabajo digno y con valor social, el trabajador debe tener efectivamente el respeto contractual de su empleador, único modo de impedir la reincidencia y la difusión de conducta destructiva en el escenario nacional.

Palabras-clave: trabajo esclavo. inclusión social. dignidad humana.

INTRODUÇÃO

O trabalho escravo, ou pela expressão contemporânea: trabalho em condição análoga a de escravo, representa a forma mais cruel de exploração da atividade humana, uma vez que compromete não somente os princípios basilares de proteção ao trabalho, como também atinge os direitos de personalidade da pessoa vitimada. Esta condição fere a dignidade da pessoa humana e a liberdade do trabalhador, ao convertê-lo em um mero objeto de produção e de

¹ Mestre em Direito Público pela UNISINOS. Especialista em Direito Processual Civil e Direito das Coisas pela UNISINOS. Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Feevale. E-mail: angelak.prof@gmail.com.

² Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. Professor de Ensino Superior na Universidade Feevale/e-mail: josemoura@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

lucro³. Mais do que isso, o trabalho desenvolvido nestas condições constitui “violação direta aos direitos humanos em sua definição mais evidente”⁴.

A questão envolvendo o trabalho análogo à condição de escravo reflete realidade histórica perpetuada em um cenário de descaso com a condição do trabalhador. Em que pese até o final do século XIX a escravidão ter sido abolida em praticamente todo o mundo, a prática mostra que o trabalho escravo nunca deixou de ser uma constante. Desde o período mencionado, o que passou a preocupar a comunidade internacional foi o trabalho forçado remanescente em populações nativas durante o período colonial. Posteriormente, na década de 1950, verificam-se novas situações de imposição massiva de trabalho degradante, especialmente com fins políticos, o que gerou a necessidade de atuação de organismos internacionais⁵, com o propósito de impedir a prática da escravidão e da servidão⁶.

No Brasil, a realidade não diverge, tendo sido a extinção da escravidão legalmente formalizada. No entanto, as mudanças sociais imaginadas pelos teóricos abolicionistas não foram efetivadas até os dias de hoje, ao menos em grande parte. Embora o trabalho escravo não possua mais o mesmo modelo da escravidão clássica, são muitas e frequentes as denúncias envolvendo trabalho em condição análoga à de escravo no país, cuja mão-de-obra se perpetua silenciosamente nas regiões mais pobres. Esse cenário mostra que, em que pese tenham havido importantes evoluções quanto ao tema, o trabalho escravo vivenciado na atualidade pouco se distingue em sua essência do trabalho escravo clássico estudado na parte da história. A principal diferença que se pode apontar entre a escravidão clássica e contemporânea reside no fato de que, naquele, o escravo era considerado um item patrimonial, enquanto o escravo contemporâneo ou *neoescravo* é tratado também como objeto, porém como item *descartável*, como bem de consumo do capital.

O grande desafio contemporâneo a este respeito, é a busca incessante de um modelo de direitos humanos comprometido com o trabalho decente, visando a justiça social, a inclusão no meio ambiente de trabalho saudável e no qual as questões relativas à pobreza e desigualdades são incontornáveis². E neste contexto desejado afirma-se uma responsabilidade do Estado em

³ CORTEZ. Julpiano Chaves. Trabalho escravo no contrato de emprego e os direitos fundamentais. - São Paulo: LTr, 2013, p. 14-17.

⁴ PAIXÃO, Cristiano; CAVALCANTI, Tiago Muniz (Org.). Combate ao Trabalho Escravo: Conquistas, estratégias e desafios. São Paulo: LTr, 2017. p. 13.

⁵ Organização Internacional do Trabalho (OIT) e Assembléia Geral das Nações Unidas (AGNU)

⁶ SWARTZ. Rodrigo Garcia. Trabalho escravo: a abolição necessária: uma análise da efetividade e da eficácia das políticas de combate à escravidão contemporânea no Brasil. – São Paulo: LTr, 2008, p. 107.





prestigiar o combate ao trabalho escravo contemporâneo com adoção políticas públicas eficientes e a efetividades das mesmas. Por outro lado, é dever do empregador estabelecer diretrizes organizacionais mínimas de bem-estar físico, mental e social no meio ambiente de trabalho.

Assim, a partir do método fenomenológico-hermenêutico, em que o pesquisador está inserido na realidade que combate o trabalho escravo contemporâneo, objetiva-se (a) aferir as características dessa prática nociva; (b) avaliar os responsáveis no seu combate efetivo e as ações realizadas no Brasil, ressaltando a necessidade de utrapassar fronteiras de ordem estatal; e, por fim, (c) propor a responsabilidade social e cidadã da empresa, consubstanciada na ética da relação com o trabalhador e no respeito à sua dignidade humana. O referencial teórico a ser utilizado perpassa a pesquisa bibliográfica de textos normativos, bem como advindos da área da sociologia, envolvendo a matéria e, principalmente, de documentação indireta de diversas searas do conhecimento.

CONCEPÇÃO DE TRABALHO ANÁLOGO À CONDIÇÃO DE ESCRAVIDÃO

A desigualdade e a falta de políticas públicas tornam o Brasil propício a escravidão no trabalho. Por um lado, os exploradores se aproveitam da pobreza e da falta de trabalho para submeter as pessoas a essas condições. Por outro, as pessoas em condições de miserabilidade se sujeitam à esta situação de menos valia da sua mão-de-obra, sendo esta sua única possibilidade de subsistência.

Contemporaneamente, são quatro os elementos que definem o trabalho análogo à escravidão: trabalho forçado, servidão de dívida; condições degradantes (labor que nega a dignidade humana, colocando em risco a saúde e a vida do trabalhador) e a jornada exaustiva (leva-se o trabalhador ao completo esgotamento dado à intensidade da exploração, também colocando em risco sua saúde e a própria vida). Noutras palavras, a prática de trabalho escravo representa uma limitação à vontade e liberdade do trabalhador de forma mais sutil em relação a maneira como era a escravidão clássica, com prestação de serviços sem remuneração, mas com aproveitamento da condição de hipossuficiência da vítima e imposição de formas de trabalho e alojamentos considerados cruéis⁸.

⁷ MORAES. Maria Celina Bodin de. Na medida da pessoa humana: estudos de direito civil. – Rio de Janeiro: Renovar, 2010, p. 129





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

As condições são degradantes⁹ e envolvem natureza de total risco à saúde dos escravizados. Mais do que isso: as vítimas da escravidão contemporânea apresentam-se em condição de vulnerabilidade. Os exemplos são vastos, como os cidadãos que vivem em situação de miséria no meio rural, as pessoas de baixa formação e qualificação profissional, os imigrantes ilegais, os indígenas. Ou seja, tratam-se de pessoas desempregadas, que, por consequência da falta de oportunidades de trabalho que permitam a sua sobrevivência, acabam por tentar a sorte em um local que promete trabalho e comida.

Os números alarmantes divulgados na pesquisa da Organização Internacional do Trabalho (OIT) mostram que o trabalho movimenta US\$ 150 bilhões no mundo e é duas vezes mais lucrativo do que o tráfico de drogas, que segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU) movimenta US\$ 65 bilhões ao ano. O estudo considerou o que os empregadores lucram mais ao deixar de pagar os salários.¹⁰

Estatísticas do próprio sítio do Ministério do Trabalho e Emprego, fornecidos pela fiscalização, dão conta disso, sendo o combate ao trabalho escravo uma política em enfrentamento. Uma recente pesquisa da Organização Internacional do Trabalho – OIT³, revela verdadeira escalada da escravidão moderna em todo o mundo. Os dados lançados durante a Assembleia Geral das Nações Unidas mostram mais de 40 milhões de pessoas que foram vítimas da escravidão contemporânea em 2016 globalmente.

Os principais fatores a serem considerado a partir dos dados apresentados envolvem a pobreza em que estão inseridas as vítimas, já que 90% dos resgatados são provenientes de

⁸ D'AMBROSO, Marcelo José Ferlin. Características do trabalho escravo contemporâneo. In: COLINAGO, Lorena de Mello Rezende; ALVARENGA, Rúbia Zanotelli de (Org.). Direitos humanos e o direito do trabalho. – São Paulo: LTr, 2013, p. 269.

⁹ Os casos enquadrados como condições degradantes envolvem trabalhadores obrigados a dormir sob barracos de lona, em chiqueiros, currais, sobre esterco de animais, consumindo água contaminada por agrotóxicos, alimentos em putrefação, ou mesmo mantidos em condições famélicas, dentre outras situações, que em suma, são análogas, às vividas na antiga escravidão.

¹⁰ ROSA, Antonio C. Mello. **Trabalho escravo é duas vezes mais lucrativo que as drogas**. 2018. Disponível em: <http://www.tst.jus.br/en/web/trabalho-infantil/programa/-/asset_publisher/y23X/content/trabalho-escravo-e-duas-vezes-mais-lucrativo-que-as-drogas?inheritRedirect=false&redirect=http://www.tst.jus.br/web/trabalho-infantil/programa?p_p_id=101_INSTANCE_y23X&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-3&p_p_col_count=1>. Acesso em: 21 abr. 2018.

¹¹ BRASÍLIA. OIT. **Mundo tem 40 milhões de pessoas na escravidão moderna e 152 milhões de crianças no trabalho infantil**. 2017. Disponível em: <http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_575482/lang-pt/index.htm>. Acesso em: 22 out. 2017.

¹² Código Penal Brasileiro. Artigo 149: “Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-a a trabalhos forçados ou jornada exaustiva, quer sujeitando-se a condições degradantes de trabalho, quer restringindo por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto.”





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Estados com os menores índices de desenvolvimento humano. É o caso do Pará, Maranhão e do Piauí, em âmbito nacional. Ademais, pode-se apontar os altos índices de desemprego, a ausência de políticas públicas específicas, voltadas aos resgatados e para a proteção em face da escravização e a desregulamentação do mercado de trabalho, que tende a precarizar as ofertas de emprego e acentua a vulnerabilidade desses trabalhadores.

Recentes mudanças na legislação envolvem o trabalho análogo à escravidão no Brasil. Para agravar a situação já existente, o governo brasileiro atendeu a um pleito antigo da bancada ruralista e criou regras que, na prática, dificultam a fiscalização e a punição de empregadores e/ou empresas flagrados cometendo trabalho em forma de escravidão. A Portaria nº 1.129 noticiada em 16 de outubro de 2017 pelo Governo Federal reduz o conceito de trabalho escravo às situações de restrição de liberdade e de escolta armada e simplifica as condições e a jornada exaustiva envolvidas nessa atividade ilegal. O Ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira, determinou que a “lista suja”, que traz nomes dos empregadores autuados pela prática do crime, somente será divulgada “por determinação expressa” dele ou de quem estiver como titular da pasta. Antes essa determinação era da área técnica.

A nominada Portaria Ministerial trouxe ainda novos conceitos de práticas ligadas ao trabalho análogo à escravidão. Para que sejam caracterizadas a jornada excessiva ou a condição degradante, agora somente terá que haver a restrição de liberdade do trabalhador. Tal enunciado contraria entendimento firmado no Brasil há mais de 10 anos no sentido de que o cerceamento ostensivo do direito de ir e vir não está obrigatoriamente vinculado à jornada exaustiva e ao trabalho degradante, mas apenas ao trabalhador forçado e à servidão por dívidas, outras condições ligadas ao delito de redução à condição análoga à de escravo previsto no Código Penal¹². Uma série de procedimentos criados na nova Portaria retiram a autonomia dos auditores fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego nas inspeções no local de trabalho escravizado. Eles terão que atuar sempre com um policial, que deverá lavrar o boletim de ocorrência do flagrante, sem o qual a fiscalização será considerada inválida.

Todavia, em tempo, o Supremo Tribunal Federal em 24 de outubro de 2017, por entender que a mencionada Portaria que mudou os conceitos de trabalho escravo fere a Constituição Federal, além dos acordos internacionais celebrados pelo Brasil, suspendeu liminarmente os efeitos da norma, com fundamentação jurídica no sentido da definição conceitual proposta na referida Portaria prejudica as ações afirmativas e as políticas públicas do Estado, que vêm sendo praticadas no tocante ao combate do trabalho escravo no país.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Diante dessa nova realidade, tem-se uma perspectiva preocupante, principalmente na medida que os números de trabalho escravo no Brasil ainda são alarmantes. As políticas públicas neste aspecto precisam ser fortalecidas e não eliminadas, de modo que a Portaria publicada em 16.10.2017 é um retrocesso democrático no país. Impossibilitar e dificultar a fiscalização de uma forma que ainda trata pessoas trabalhadoras como escravos é uma afronta a dignidade e aos direitos humanos e sociais no Brasil.

CAMINHOS PARA ERRADICAÇÃO DO TRABALHO DEGRADANTE E A INCLUSÃO SOCIAL DOS TRABALHADORES

Diante da realidade acima exposta, necessita-se encontrar caminhos de atuação que devem visar à erradicação do trabalho a condição análoga a de escravo e resguardar a dignidade nas relações de trabalho. A possibilidade de atuação perpassa a implantação de políticas públicas e a atribuição de responsabilidade ética e social do empregador para evitar esta forma de tomar serviços. Nesse sentido, foi a constatação dessa violação aos direitos humanos em sua definição mais evidente que surgiu um movimento – social, político e institucional – de combate ao trabalho escravo. Todavia, não é suficiente, na medida que a este tipo de trabalho degradante ainda permanece em nosso meio. Ademais, organizações não governamentais, igrejas, coletivos de defesa de direitos, Ministério Público do Trabalho, Poder Judiciário, Ministério do Trabalho e Emprego e outros órgãos públicos unem forças em torno de um objetivo de erradicar a visão da escravidão contemporânea como prática aceitável na sociedade brasileira.

Duas são as principais ações afirmativas que continuamente devem envolver a busca da erradicação do trabalho análogo a condição de escravo no Brasil: a primeira impõe uma efetivação pelo Estado em criar legislação específica e pertinente para fiscalizar o meio ambiente do trabalho mantendo-o saudável para qualquer pessoa, além de impor severas punições para os que tomam mão-de-obra desta natureza. Já segunda ação deve vir do cuidado por toda a sociedade, principalmente, pelo empregador. Em relação a esta segunda hipótese, salienta-se que deve haver um comprometimento coletivo pelo bem-estar comum, em que cada empresa tem uma realidade específica para a qual precisa encontrar formas próprias e eficazes de atuar em parceria com a comunidade de um trabalho valorizado. Assim, busca-se uma noção de trabalho não mais como uma obrigação e uma possibilidade de destruição da pessoa humana e sim de complementação para cidadania, com cultura, educação, saúde, segurança e bem-estar de qualquer trabalhador.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONCLUSÃO

Combater o trabalho escravo é minimizar a pobreza e criar um meio ambiente de trabalho saudável para que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades de inclusão neste meio. Para que isso aconteça se faz necessária uma intervenção efetiva do Poder Público, por todas as suas instâncias e organismos, e ao mesmo tempo, a permanência das principais entidades representativas da sociedade civil agindo e vigiando, como ONGs, Sindicatos, Pastoral, e até mesmo entidades internacionais, como a OIT – Organização Internacional do Trabalho, são fundamentais em um processo de intervenção articulada.

Pela construção de um conceito de trabalho decente e a inclusão social dos trabalhadores num meio de trabalho, é incontestável a importância da responsabilidade cidadã do empregador com a vida saudável do seu trabalhador, como contribuição para o desenvolvimento social no mundo e no Brasil. Se, no passado, o papel das organizações empresariais era apenas gerar lucros para os seus sócios ou acionistas, discutindo-se seu impacto no aumento da oferta de bens e no nível de emprego da economia, no presente, as discussões que envolvem as empresas vão além. A virada do milênio tem significado uma transição no modo de as empresas pensarem suas estratégias e suas missões dentro da comunidade em que atuam. Hoje, a empresa, além de produzir bens e serviços, possui a função social que se realiza em nome dos trabalhadores e do bem-estar da comunidade. Significa mudança de atitude, numa perspectiva de gestão empresarial com foco na qualidade das relações e na geração do valor de todos.

Assim deveria ser, se ainda não o é⁴, o papel social da empresa numa postura responsável, a partir da conscientização empresarial. É fato que este novo paradigma de responsabilidade social (a empresa socialmente sensível) traz consigo um novo comportamento organizacional, envolvendo, no resultado, toda a sociedade. Na medida em que o empregador for sensível no tratamento com seu empregado, mantiver um sadio ambiente de trabalho, auxiliá-lo como pessoa, respeitando a sua cidadania, a dignidade e valorizando o trabalho, pode-se vislumbrar uma comunidade local melhor e em nível macro, uma sociedade melhor. É o que se propõe: a inclusão social deve fazer-se, precipuamente, a partir de uma conscientização responsável do empregador.

⁴ O capitalismo atual destrói a subjetividade da legislação rígida trabalhista e constrói uma legislação flexível laboral, dando-se o emprego para as pessoas apenas pelo trabalho “precário”. O desenvolvimento é desequilibrado e desigual, combinando diferentes formas de contratos de trabalho, para assim obter o lucro. A Lei n. 13.467/17, denominada Reforma Trabalhista, espelha esta situação na modernidade.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFERÊNCIAS

BAUMAN. Zygmund. *Globalização: as consequências humanas*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN. Zygmund. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

BRAVERMANN. Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

CORTEZ. Julpiano Chaves. *Trabalho escravo no contrato de emprego e os direitos fundamentais*. – São Paulo: LTr, 2013.

D'AMBROSO. Marcelo José Ferlin. *Características do trabalho escravo contemporâneo*. In: COLINAGO, Lorena de Mello Rezende; ALVARENGA, Rúbia Zanotelli de (Org.). *Direitos humanos e o direito do trabalho*. – São Paulo: LTr, 2013.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MACIEL. Joelson de Campos. *O direito à saúde e a um meio ambiente favorável ao trabalho e aos trabalhadores*. São Paulo: LTr, 2013.

MARTINS. José de Souza. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA. A. *Marx e a exclusão*. - Pelotas: Seiva, 2004.

PAIXÃO, Cristiano; CAVALCANTI, Tiago Muniz (Org.). *Combate ao Trabalho Escravo: Conquistas, estratégias e desafios*. São Paulo: Ltr, 2017, p. 13.

SARLET. Ingo Wolfgang. *Dignidade da pessoa humana e direitos constitucionais na Constituição Federal de 1988*. 2ª. ed. ver. e ampl. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002.

SCHWARTZ. Rodrigo Garcia. *Trabalho escravo - a abolição necessária: uma análise da efetividade e da eficácia das políticas de combate à escravidão contemporânea no Brasil*. São Paulo: LTr, 2008.





DIÁSPORA

DIÁSPORA

Angela Muskopf (Feevale e Instituto Ivoti)¹

Resumo: O objetivo deste artigo é conceituar termos como enunciação, texto e interdiscursividade sob a visão de teóricos como Bakhtin e Barthes, e aplicar estes conceitos na análise do objeto denominado ‘Diáspora’. Este texto é composto por signos verbais, podendo ser especificado como verbo-sonoro, visto que foi transformado em uma música.

Palavras chave: Texto. ‘Diáspora’. Análise

Abstract: The aim of this article is to define terms such as enunciation, text and interdiscursivity from the point of view of Bakhtin and Barthes, and to apply these concepts in an analysis of an object called ‘Diaspora’. This one is composed by verbal signs, more specifically verbal-sounded as it became a song.

Palavras-chave: Text. ‘Diaspora’. Analysis.

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste artigo é o texto ‘Diáspora’, dos Tribalistas, sob a luz de teóricos como Bakhtin, Halliday, Barthes, Eco, Iser que discutem os conceitos de enunciação, texto, interdiscursividade e jogo manifestados através desta música. O objetivo é investigar recursos técnicos, linguísticos e retóricos que respondem pela instalação do modelo de mundo ao qual esta produção está ligada. O papel do leitor como agente ativo na interpretação do texto, a intertextualidade, o dialogismo são alguns dos temas abordados nesta análise.

2 CONCEITOS

Para Bakhtin (2000, p. 277), “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciado (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”. Assim, enunciação é o ato de manifestar-se e o produto deste é o enunciado. O contexto é representado por valores e estes afetam o leitor, o submetem a marca dos outros, assim, há uma marca pessoal influenciada pelo conjunto de característica do cenário no qual o sujeito está inserido. A construção da palavra é o resultado de interações entre duas pessoas ou entre um grupo. Portanto, a enunciação é um ato social e a avaliação dos signos ocorre de acordo com este ambiente.

Sempre que há uma enunciação, o enunciador coloca-se no discurso e já prevê quem vai receber o mesmo. A natureza social do enunciado é expressa por palavras que são dialógicas:

¹ Professora no Instituto Ivoti Ensino Superior e Mestranda em Letras pela Feevale/NH.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

estão povoadas de múltiplas vozes. A palavra procede de alguém e se dirige a outrem. A escolha das palavras que compõem o enunciado, o gênero do discurso que o autor utiliza, a estrutura sintagmática, todo o processo de construção ocorre a partir do objetivo que o autor tem. Desta forma, o enunciado sempre é ideológico. Neste artigo, o termo ideologia é entendido como um conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas que expressam a visão de mundo.

Então, o que é texto? É uma representação que tem significado para alguém. O texto é um conjunto de signos constituídos de significante e significados. Ele é dotado de sensibilidade e demonstra a posição ideológica adotada. Halliday (apud BARBISAN, 1995, p.51) conceitua o texto sob três aspectos: semiótico, social e funcional. O primeiro é o estudo dos sistemas de signos em uma rede de relações que conduz ao estudo do significado de modo amplo. O segundo indica as relações entre a linguagem e a estrutura social, considerado como um aspecto do contexto social. E o terceiro considera o texto e o contexto, concebendo o texto como produto e processo, fruto da interação, da troca social de significados; já o contexto vai além do que não é dito, inclui o não-verbal, o que está expresso nas entrelinhas.

Já para Barthes (2004), texto é um tecido de palavras organizadas, que aparece, acontece, se expõe e atinge os receptores, tocando-os. Para ele, o signo não é fechado nem canônico, não é possível reencontrar o que o autor quis expressar quando criou seu texto. Ele traz marcas do sujeito que o criou, mas não pode ser recomposto na sua totalidade exatamente como esteve presente na ideia do seu autor. Assim, o leitor assume o papel de trabalhador, envolvendo-se no processo de produção da atribuição de significância. O texto é um espaço de produção de enunciação, de polissemia, de significação plural, de simbolização, e por meio deste processo em construção o receptor coloca novos significados, atribui significância ao objeto, portanto, o texto está sempre em construção.

Eco (1986) concorda com Barthes neste sentido. Para ele, o texto é preguiçoso, tem lacunas que o leitor precisa preencher, e estas foram deixadas de propósito pelo autor para provocar e permitir a interação do receptor. Eco faz uma distinção entre textos fechados e abertos. Os fechados são aqueles que o autor leva o leitor por um caminho pré-determinado, exibindo cuidadosamente seus efeitos. São estruturados como um projeto inflexível e que não primam pela criatividade, como uma receita de bolo, por exemplo. Os abertos possibilitam múltiplas interpretações. As referências são hipertextuais e até mesmo metatextuais e metalinguísticas.





Corroborando com estes autores, Iser (2002) expressa sua concepção de texto comparando suas características às de um jogo. Quais são, então, os principais elementos deste? Há uma disputa, gerando tensão, conflito em busca de um resultado, que tem uma significação para os que o pleiteiam. Todas as situações geradas estão sob o comando de regras pré-estabelecidas e conhecidas dos participantes e, para alcançar a conquista, é necessário movimentar-se. Contudo este movimento não pode ser aleatório, desorganizado, torna-se necessário traçar uma estratégia. Para Iser, estes aspectos também estão presentes na relação do leitor com a linguagem. O texto é uma representação, uma encenação, não é real, podendo ser comparado ao ato de brincar das crianças e de seu imaginário, o chamado faz-de-conta. O texto provoca, incita a imaginação do leitor, assim o mesmo jogará e transgredirá o real; ele obriga o receptor a criar um espaço de fantasia e joga com o irreal.

Outro conceito a ser abordado são as relações textuais. Genette (2010) classificou cinco tipos diferentes de relações transtextuais:

- (1) Intertextualidade – quando há uma relação de co-presença entre dois ou mais textos;
- (2) Paratexto – quando a relação é mais distante e menos explícita;
- (3) Meta-textualidade – é também chamada de comentário;
- (4) Hipertextualidade – é toda relação de união entre um texto A e B;
- (5) Arquitextualidade – é uma relação silenciosa entre os textos.

A intertextualidade é uma das lacunas que deve ser preenchida pelo leitor, perguntando-se ‘o que aquele trecho faz ali? O que ele representa?’. Esta é a função interpretativa na qual o leitor vai construindo inferências, testando-as à medida que ele avança na leitura. Todo enunciado vai conversar com o que veio antes e este diálogo pode estar explícito ou implícito. Pode-se relacionar aqui o conceito de texto preguiçoso de Eco à necessidade de preenchimento das lacunas por parte do leitor e o conceito de texto de Barthes, que considera que o texto é inacabado e vai assumindo significância à medida que o leitor vai interagindo com ele. Neste processo de construção, o explícito e o implícito vão sendo interpretados pelo leitor, que é resultado de um determinado contexto.

3 ANÁLISE

A análise começa com o título da música, ‘Diáspora’, que se refere à dispersão de um povo pelo mundo. Um dos exemplos é a diáspora do povo judeu, especialmente após o exílio babilônico. Percebe-se que há pessoas que se movimentam, atravessam o Mar Egeu em barcos,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

logo, há dispersão de povos e os mencionados são fariseus, cubanos, sírios e ciganos. Estes são referidos como retirantes refugiados, ou seja, pessoas que saem do seu local por causa de algum tipo de perseguição, de perigo e está em busca de segurança, proteção. Este deslocamento é perigoso, as pessoas se arriscaram, há tormenta e perecimento, mas há também aqueles que sobrevivem. Dentre estes há os cautelosos, pois tremeram por um amor e esperaram o seu destino.

A rota utilizada pelos refugiados é atravessar o Mar Egeu. O Egeu é um mar que faz parte do mar Mediterrâneo. O mar Egeu banha, a oeste, o litoral da Grécia. A leste, banha o litoral da Turquia. Ou seja, ele está entre o continente Europeu e Asiático e foi muito importante na Grécia Antiga sendo utilizado para o comércio entre as cidades localizadas às suas margens.

Neste percurso, a diáspora deixa marcas profundas nos sobreviventes que acabaram perdendo pessoas de suas relações: irmãos, irmãs, pais, avós e ao mesmo tempo não tem um teto, uma moradia para se abrigar. E, a partir desta situação desesperadora, a paz se esvai, as atribulações tomam conta da mente, do espírito e da alma, a tal ponto que a sensação de desamparo é total, colocando em cheque inclusive a fé, pois surge o questionamento quanto a Deus, a Sua ausência, Sua falta de resposta, Seu esconderijo. Essa não presença é descrita como ‘embuçado nos céus’, o que significa dissimulado, que esconde o rosto, ou seja, Deus não está vendo a situação crítica dos Seus filhos. A menção temporal refere-se ao nascimento de Cristo, há dois mil anos atrás, e desde este ponto na linha de tempo o grito de socorro ecoa, contudo, ele é inútil, sem serventia, ao léu, ou seja, em balde.

A mencionar, ainda, a citação na música feita ao povo Romano sem o Coliseu, que também é conhecido como Anfiteatro Flaviano, uma menção ao rei que começou a sua construção. Seu propósito era entreter o povo, tornando-se o símbolo da política ‘Pão e Circo’ do governo da época, que distribuía trigo a preços irrisórios e buscava dar entretenimento ao povo de forma que ele não se organizasse em manifestações públicas.

Este era o local onde aconteciam as lutas dos gladiadores e os cristãos eram lançados aos leões. Ele acomodava muitas pessoas e era a válvula de escape de um povo sofrido, oprimido, e que perecia.

Continuando a análise, a problemática levantada pelo objeto de estudo refere-se à diáspora que ainda assola diferentes povos por variadas situações. Um dos caminhos utilizados é exatamente o Mar Egeu, quando o objetivo dos refugiados é chegar à Grécia. Conforme a reportagem Refugiados na Europa: a crise em mapas e gráficos (2015), 2.643 retirantes





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

morreram no Mediterrâneo. O Yahoo Notícia informa que o Mar Mediterrâneo é o local onde mais óbitos ocorreram, alcançando o número de 4.600 mortes em 2016. Logo, a ambientação que a música retrata é perfeita. Este é um local de perecimento, de tragédia familiar, de tormenta, de perda de familiares, de destinos alterados.

Os povos citados são os fariseus, cubanos, sírios e ciganos. Por quê? Como primeiro passo, uma definição de cada um. Denominava-se fariseu o membro de um grupo de judeus que obedecia a leis religiosas rígidas. Os fariseus não mantinham relações com os não-crentes ou com os judeus estranhos ao seu próprio grupo. Eles consideravam-se mais justos e santos do que os outros em geral. Os cubanos são os habitantes da ilha de Cuba, localizada na América Central e que, depois da revolução socialista, sofre com o rompimento das relações diplomáticas por parte dos Estados Unidos e, anos depois, com a dissolução da União Soviética, seu principal parceiro comercial. Esta perda se dá em 1991 e, a partir disto, Cuba entra em profunda crise econômica, momento em que habitantes da ilha começam a fugir do regime, tornando-se refugiados. O terceiro povo citado são os sírios, que sofrem com uma guerra civil iniciada em 2011 quando protestos populares mais violentos se tornaram rebeliões armadas. Segundo Barrucho (2015), o Brasil é o país que mais abriga refugiados sírios no mundo. O último povo citado são os ciganos. O dicionário Aurélio de Português online (2018) define como 'diz-se de ou indivíduo pertencente aos ciganos, povo nômade, de origem asiática, que se espalhou pelo mundo'.

Então, quais são as semelhanças e as diferenças entre estes povos? Uma das semelhanças é o fato de todos terem se dispersado por alguma razão, ou seja, a diáspora faz parte da sua história. Estão marcados por situações descritas no poema em análise, portando, passaram por sofrimento, perdas, desespero. Outra característica em comum possibilita separar os povos citados em dois grupos: fariseus e ciganos são povos muito antigos, enquanto cubanos e sírios são bem mais contemporâneos, o que consolida a ideia de mais de dois mil anos desta situação de refugiados, deste clamor pelo auxílio em um acontecimento que vem se repetindo ao longo dos séculos. O que difere estes povos entre si é a cultura, com diferentes valores, hábitos, crenças, religiosidade, a localização geográfica, a língua e, ainda assim, são vítimas da mesma trágica e infeliz experiência.

Outro registro da música é a referência ao 'Rio vermelho do mar sagrado'. Ao que ela se refere? O Mar Vermelho é importantíssimo na fuga dos hebreus do Egito, onde viviam como escravos. Segundo a Bíblia, Moisés foi o encarregado de liderar a saída do povo hebreu do





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Egito para a Terra Prometida. Durante a fuga, eles chegam ao Mar Vermelho, que era intransponível naquela situação. Porém, o profeta Moisés abriu o Mar ao meio, permitindo que o povo cruzasse para o outro lado e escapasse da perseguição do faraó. Desta forma, o povo pode continuar a sua jornada pela liberdade.

No que se refere às relações textuais, a intertextualidade está presente em pelo menos duas citações: o início e o final da música. Estas citações são feitas utilizando as exatas palavras dos autores, o que pode parecer um plágio; contudo, o que se configura aqui é exatamente a relação excertos de outros textos literais agregados a letra da música. A primeira estrofe é um excerto do início do Canto 11 de *O Guesa* de Joaquim de Sousa Andrade e a última estrofe é de *Vozes d'África*, de Castro Alves. Qual a razão para estas passagens aqui estarem?

Inicialmente, o protagonista de *O Guesa* é um ser em movimento que busca atravessar as Américas. O signo utilizado como título desta obra expressa alguém sem lar, um errante, uma pessoa semelhante a um refugiado. Castro Alves foi um dos importantes poetas de sua época, tendo alcançado o sucesso muito jovem. Ele ficou conhecido como o 'Poeta dos Escravos', pois sua produção deixava clara a sua oposição contrária à situação de escravidão da sua época. Também este trecho foi originalmente escrito em relação à situação de dificuldade, tormenta, perecimento à qual estavam subjugados os escravos no Brasil.

Certamente também não é uma simples coincidência o fato de que estas duas obras datam do século XIX; a primeira obra é de 1877 e a segunda, de 1868, respectivamente. Isto comprova que o grito de socorro não é um ato nem inédito nem recente, mas um pedido de socorro que se perde, que se esvai no infinito e que, aparentemente, é inútil, pois a existência de refugiados acompanha a história da humanidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Signo é a representação de algo para alguém e é constituído de significante e significado. O signo é duplo, a marca dele é a ausência de algo; todo o signo é social, precisa ser recebido e entendido por um grupo. Esta interpretação, dentro de um cenário, terá significação, e quando relacionado ao nosso contexto de vida, passar a ser linguagem. O signo posiciona o indivíduo no mundo, expressando sua ideologia.

A análise da música 'Diáspora' feita comprova os conceitos dos teóricos citados: o texto é significativo, é expressão do contexto no qual o objeto surge, é a conversa com outros textos anteriores e apresenta a visão do(s) autor(es). Por outro lado, também permite a interação com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

o leitor para interpretar, pois a análise demonstrou aspectos além dos que foram registrados em palavras. E é neste jogo, neste vai-e-vem, nesta relação que os diferentes sistemas semióticos constituem a linguagem, posicionando o indivíduo no mundo.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA de Cuba em 15 momentos. **Gaúcha ZH Geral**, 18 dez. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/12/A-historia-de-Cuba-em-15-momentos-4665871.html>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

ARAÚJO, Felipe. Guerra Civil Síria. **InfoEscola**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/guerra-civil-siria/>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

BAKHTIN, M. Os Gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Martins Fontes: São Paulo: 2000. p. 277-287.

BARBISAN, Leci. Texto e Contexto. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995.

BARRUCHO, Luis Guilherme; COSTA, Camila. Brasil acolhe mais sírios que países na rota europeia de refugiados. **BBC Brasil**, 09 set. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_brasil_refugiados_sirios_comparacao_internacional_lgb>. Acesso em: 14 dez. 2017.

BARTHES, Roland. Texto (teoria do). In: _____. **Inéditos**. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 261-289.

DICIO: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

DICIONÁRIO Aurélio de Português Online. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

ECO, Umberto. O leitor modelo. In: _____. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (Org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Editora Contexto, 2012.

GENETTE, Gérard. Palimpsestos – a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

ISER, W. O jogo do texto. In: JAUSS, H. R. et al. (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAR Egeu. **Sua Pesquisa**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/geografia/mar_egeu.htm>. Acesso em: 12 dez. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PIRES, Francisco Quinteiro. O Guesa, um livro criado para os leitores do futuro. **O Estadão de São Paulo**, 22 set. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-guesa-um-livro-criado-para-os-leitores-do-futuro,438823>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

REFUGIADOS na Europa: a crise em mapas e gráficos. **BBC Brasil**, 06 set. 2015.

Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_graficos_imigracao_europa_rm>.

Acesso em: 14 dez. 2017.

THE ROMAN Colosseum. **The Colosseum.net**. Disponível em: <<http://www.the-colosseum.net/idx-en.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO ÂMBITO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL: A INCLUSÃO EXCLUDENTE DA INTERNET AOS SEGURADOS PREVIDENCIÁRIOS

LA UTILIZACIÓN DE LAS TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN EN EL MARCO
DE LA PREVISIÓN SOCIAL: LA INCLUSIÓN EXCLUÍDA DE INTERNET A LOS
ASEGURADOS PREVIDENCIARIOS.

Angelica Denise Klein (Feevale)¹
Everton Rodrigo Santos (Feevale)²

Resumo: a incorporação das tecnologias no âmbito da Previdência Social mostra-se adequada às necessidades de celeridade do processo administrativo. No entanto, a implantação do INSS Digital como ferramenta isolada, sem relacionar com as demais políticas públicas e sociais, mostra-se inadequada, frente aos dados qualitativos apurados pelo PNAD-Contínua do IGBE. Assim, no presente artigo, analisou-se o papel da tecnologia no âmbito da Previdência Social, sob o viés do espaço de informação e de relação social, com a justificativa da necessidade de promover discussões políticas concentradas em questões sociais que afetam (in)diretamente toda sociedade. O objetivo foi analisar a dinâmica social criada com a verticalização do INSS Digital na estrutura relacional com os segurados, tendo como referencial teórico Manuel Castells no processo relacional de poder. A metodologia utilizada foi a pesquisa quantitativa PNAD-Contínua do quarto trimestre de 2016 e os apontamentos acerca da inclusão da ferramenta do INSS Digital, como componentes de avaliação empírica, os quais evidenciaram variáveis importante, sob o ponto de vista social, sobretudo no tocante a acessibilidade, ao desconhecimento digital e da deficiência e igualdade da cobertura da Rede Mundial de Internet.

Palavras-chave: Acessibilidade. Previdência Social. Relação de Poder.

Resumen: la incorporación de las tecnologías en el ámbito de la Previsión Social se muestra adecuada a las necesidades de celeridad del proceso administrativo. Sin embargo, la implantación del INSS Digital como herramienta aislada, sin relacionarse con las demás políticas públicas y sociales, se muestra inadecuada, frente a los datos cualitativos constatados por el PNAD-Continua del IGBE. Así, en el presente artículo, se analizó el papel de la tecnología en el ámbito de la Previsión Social, bajo el sesgo del espacio de información y de relación social, con la justificación de la necesidad de promover discusiones políticas concentradas en cuestiones sociales que afectan directamente toda sociedad. El objetivo fue analizar la dinámica social creada con la verticalización del INSS Digital en la estructura relacional con los asegurados, teniendo como referencial teórico Manuel Castells en el proceso relacional de poder. La metodología utilizada fue la encuesta cuantitativa PNAD-Continua del cuarto trimestre de 2016 y los apuntes acerca de la inclusión de la herramienta del INSS Digital, como componentes de evaluación empírica, los cuales evidenciaron variables importante, desde el punto de vista social, sobre todo en lo que se refiere accesibilidad, desconocimiento digital y discapacidad e igualdad de cobertura de la Red Mundial de Internet.

Palabras clave: Accesibilidad. Seguridad Social. Relación de poder.

¹ Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Mestre em Direito. Advogada E-mail: angelica.dk@hotmail.com.

² Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Professor da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: evertons@feevale.br.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

O poder é o processo mais fundamental na sociedade (CASTELLS, 2015, p.57) e as relações de poder são o campo por excelência onde se mostram as disputas políticas. Para o autor, as novas tecnologias de informação podem operar como uma espécie de “contra poder” a medida em que fornecem autonomia, visibilidade, fluidez entre outras a seus usuários. A incorporação destas tecnologias nas instituições tem importante papel nesse campo do poder, possibilitando mudanças por meio de ferramentas de persuasão, espaços das mídias e outras operações que culminam em alterações nestas interações sociais. Sob este escopo, pretende-se analisar o papel da tecnologia no âmbito da Previdência Social, sob o viés de espaço de informação e de relação social, com a justificativa da necessidade de promover discussões políticas concentradas em questões sociais que afetam (in)diretamente toda sociedade.

O objetivo deste artigo é analisar a dinâmica social criada com a verticalização do INSS Digital na estrutura relacional com os segurados, tendo como referencial teórico os estudos de Manuel Castells no processo relacional do poder. A metodologia utiliza os resultados da pesquisa quantitativa PNAD-Contínua do quarto trimestre de 2016 e os apontamentos acerca da inclusão da ferramenta do Meu Digital, como componentes de avaliação empírica.

A INCORPORAÇÃO DA TECNOLOGIA NO ÂMBITO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

As inovações tecnológicas se encontram em plena expansão. Dentro do cenário brasileiro, os atos e procedimentos judiciais sofreram alterações tecnológicas, desde o advento da Lei nº 11.419/2006 (BRASIL, 2006), que impôs a digitalização dos processos físicos, transformando-o em digitais e determinando que as intimações passassem a ser eletrônicas. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça editou a Resolução nº 185/2013 (BRASIL, 2013) estabelecendo prazo para implantação do Processo Judicial Eletrônico (PJe) no território nacional. O prazo sofreu dilatações, de modo que foi estendido até dezembro do corrente ano. Concomitantemente, foram virtualizados alguns procedimentos que, até então, eram físicos: audiência por videoconferência, intimações, citações, entre outros procedimentos, que acabaram sendo regulamentados pelo Código de Processo Civil em vigência³.

³ Prática dos autos processuais (artigo 236, §3º, CPC/2015); coleta do depoimento pessoal da parte que residir em comarca ou subseção judiciária distante (artigo, 385, §º, CPC/2015) e, bem como das testemunhas (artigo 453, §1º, CPC/2015); para fazer acareação (artigo 461, §2º, CPC/2015); e para sustentação oral, mecanismo possibilitado ao advogado com domicílio profissional em cidade diversa da sede do tribunal (artigo 937, §4º, CPC/2015).





Em processo gradual, a comunidade jurídica foi se familiarizando à virtualização da era digital no âmbito do Judiciário, embora, ainda exista uma parcela de resistência às inovações tecnológicas, mantendo a cultura do papel e do físico.

Para normatizar e regulamentar o uso da internet no território nacional foi promulgada a Lei nº 12.965/2014 (BRASIL, 2014) denominada como Marco Civil da Internet, estabelecendo direitos e deveres dos usuários e das empresas que oferecem o acesso à rede mundial de computadores, bem como ao conteúdo publicado, prevendo medida legal de sanções aos crimes virtuais, às informações falsas veiculadas na mídia e ao limite quanto à trafegabilidade.

No âmbito administrativo, as inovações tecnológicas ainda são recentes e foram iniciadas sem análise preliminar quanto ao entendimento digital dos envolvidos diretamente e indiretamente. Por tal motivo, no presente artigo, pretende-se discorrer acerca do INSS Digital, um protótipo que, embora ainda esteja numa fase embrionária, já se encontra presente nas Agências da Previdência Social, atingindo, principalmente, os segurados e dependentes.

INSS DIGITAL: RESOLUÇÃO Nº 627, DE 21 DE FEVEREIRO DE 2018.

Durante o segundo semestre de 2017, ocorreu à implantação do Projeto INSS Digital; uma fase piloto implantada em vinte e sete (27) polos de análise, a fim de balizar o projeto experimental.⁴ A pretensão era transformar as trezentas (300) Agências de Previdência Social em *modo digital*. Segundo informações do sítio do Ministério da Previdência Social, a ferramenta está em processo de implantação e treinamento aos servidores competentes para o atendimento das demandas. Após a fase experimental, em 21.02.2018, foi publicada a Resolução nº 627, dispondo sobre os procedimentos para expansão do novo modelo de atendimento do INSS, preconizando a otimização da força de trabalho, a celeridade e economicidade no atendimento prestado ao cidadão.

De acordo com os dados colhidos, trata-se de uma *ferramenta que permite fazer agendamento e realizar consultas*, por meio do cadastro no sítio (<https://www.inss.gov.br/servicos-do-inss/meu-inss/>), permitindo-se, assim, o acesso à vida laboral progressa, bem como aos dados dos salários-de-contribuições, e demais informações

⁴ No sítio há informação do processo de implantação, na fase experimental. Disponível em: <https://www.inss.gov.br/inss-digital-nova-forma-de-atender-aos-segurados/#nity_custom_galleria/
<https://www.inss.gov.br/inss-inaugura-primeiro-polo-de-analise-do-inss-digital-em-mato-grosso/>. Acesso em: 10 abril 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

sociais. Trata-se de um instrumento de consulta e de agendamento aos benefícios previdenciários, inclusive auxílio-doença, salário maternidade e pensão por morte.

Gradualmente, todos os serviços sociais e benefícios previdenciários tornar-se-ão virtuais, estabelecendo a mesma lógica procedida no Judiciário. Contudo, alguns critérios devem ser sopesados, uma vez que para o ingresso de medidas judiciais, a regra geral é a previsão de capacidade postulatória, reservada aos advogados inscritos na Ordem dos Advogados do Brasil (CPC/2015, art. 103 c/c art. 1º, inc. I c/c art. 3º, do EOAB), os quais representarão os autores, que, caso não estejam incluídos à era digital, ainda assim, não serão excluídos, porquanto os profissionais outorgados os representarão. Entretanto, considerando que os pedidos à Previdência Social prescindem de capacidade postulatória, pois os segurados e dependentes são legitimados para requerer os serviços e benefícios listados na Lei nº 8.213/1991, acredita-se que estes acabarão sendo prejudicados, em razão da inacessibilidade às tecnologias de informação, em especial, ao computador e a internet.

ACESSIBILIDADE: O ACESSO AOS BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS PELOS SEGURADOS E DEPENDENTES

A acessibilidade é uma temática que transita há longa data, tendo um caráter de norma fundamental que visa regulamentar o acesso de todos, numa lógica universal (CONTIJO, 2015). O acesso à Justiça, bem como às Políticas Públicas, tem como principal vetor assegurar o exercício da cidadania, o qual é imprescindível para a materialização dos demais direitos fundamentais (ANNONI, 2002, p. 35).

Neste compasso, a proposta é analisar o hiato entre a acessibilidade aos benefícios previdenciários e a inclusão digital, verificando-se assim, se o acesso inclui ou exclui os segurados e dependentes.

No território nacional, a maioria dos indicadores sociais é informada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual, bienalmente, coleta dados para compor a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e, trimestralmente, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-Contínua). Em 2016, a temática versava sobre o *Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*, e a posse de telefone móvel (celular) das pessoas com idade superior a 10 anos.

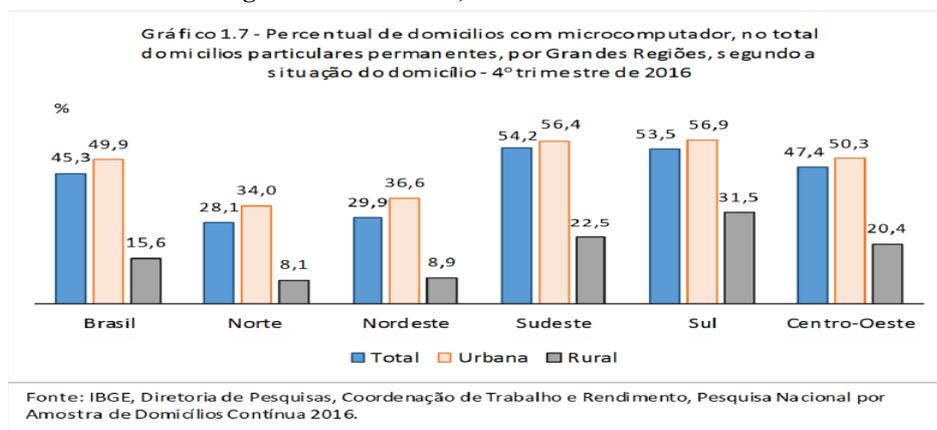
Apesar do decurso temporal, verifica-se que os dados coletados são importantes e, em certa medida, preocupantes, vez que demonstram que o acesso à internet ainda é mínimo, sendo que, de 31.377 mil domicílios visitados, cerca de 45,3% possuíam computador no domicílio, com maior percentual na área urbana (49,9%)





desses, em comparação ao rural (15,6%). Em âmbito regional, as regiões Sul e Sudeste alcançaram 50% em detrimento às regiões Norte e Nordeste que não chegaram a ter 30% de domicílios com computadores.

Figura 1. Gráfico 1.7, PNAD-Contínua/IBGE.



A tecnologia avança no espaço, de forma incomensurável, ligando e interligando as pessoas através de uma “simples tecla no computador” (ALMEIDA, FILHO, 2015, p. 50) ou, por meio de outros equipamentos de informática⁵. Para Pierre Lévy a rede é o espaço desterritorializado, não se permitindo tão-somente o que o autor define como “informática contemporânea - *soft e hardware*”, mas sim a desconstrução do computador, cedendo lugar a um ambiente de “comunicação navegável e transparente centrado nos fluxos de informação” (LÉVY, 1996, p. 27). Segundo Castells (2005), o sistema de comunicação possui linguagem universal e digital, pois,

Na era digital, a globalização expandiu a economia, afetando toda sociedade, diretamente ou indiretamente. No âmbito da tecnologia, a internet representa uma ferramenta que permite a conexão com o local e o global, possibilitando-se acessar, alcançando o mundo em centésimos/milésimos de segundos (CASTELLS, 2005).

A possibilidade de conectar, através de um sistema de informação, ultrapassando as “barreiras geofísicas e comunicações velozes, quase que imediatas. Um território sem ideia de poder central, mas com hierarquia sem sua estrutura que, estranhamente, foi aceita pelo mundo inteiro” (ALMEIDA FILHO, 2015, p. 43), demonstra, *a priori*, que a temática necessita ser (re)discutida, a fim de promover melhoramento, visando alcançar, sobretudo, a minoria, que são chamados de *infoexcluídos*⁶ ou *analfabetos digitais*.

⁵ Smartphones, notebooks, tablets, modems e roteadores.

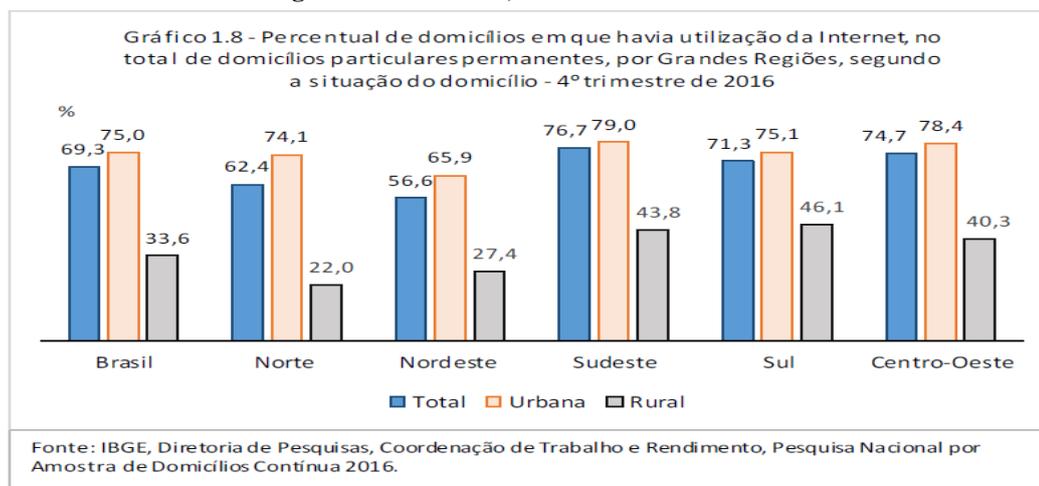
⁶ Ana Mafalda Falcão Silva assinala que “As duas principais razões pelas quais se dá a info-exclusão são a falta de instrução e conhecimento, que têm a consequência de não permitirem que as pessoas se adaptem aos meios de comunicação, pessoas sem instrução não conseguem dominar a forma de utilização da internet, por exemplo. Outro *factor* a ter em conta é a pobreza” (SILVA, 2007, p. 12).





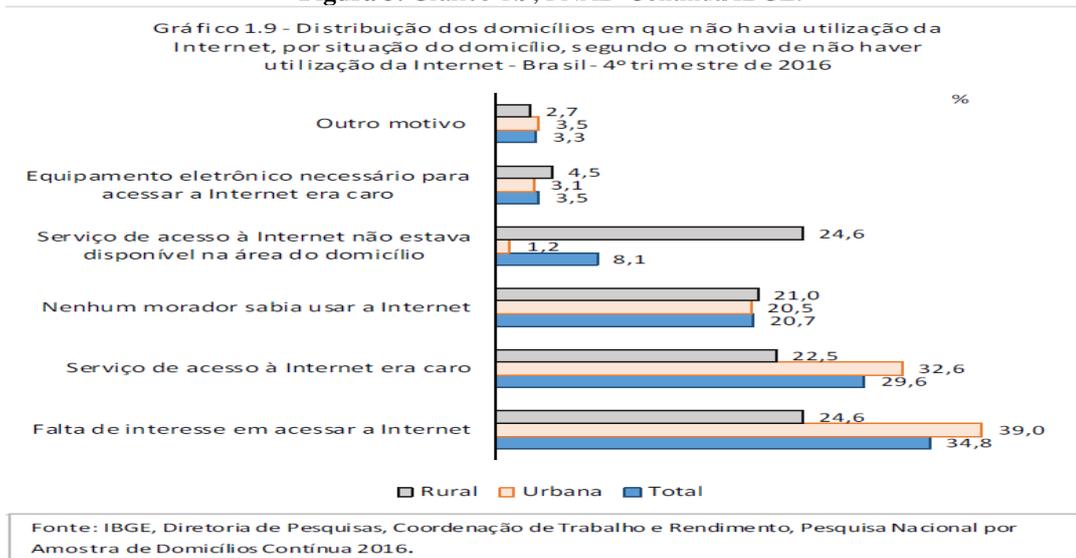
Os indicadores do PNAD-Contínua para a utilização de internet, em âmbito domiciliar, demonstraram que cerca de 70% dos domicílios avaliados possuem esta ferramenta tecnológica, sendo usada pela região Sudeste (76.7%) em detrimento ao Nordeste (56,6%). Assim como o baixo número de computadores, a área rural representa o menor índice de internet, tendo cerca de 30% nas regiões Norte e Nordeste.

Figura 2. Gráfico 1.8, PNAD-Contínua/IBGE.



Apesar dos dados apurados no 4º trimestre de 2016 representarem uma estimativa razoável, verifica-se que o acesso ainda é limitado, principalmente no perímetro rural, onde se concentra os segurados especiais (agricultores e produtores) que demandarão acesso para requerer os benefícios previdenciários do INSS Digital.

Figura 3. Gráfico 1.9, PNAD-Contínua/IBGE.





O gráfico 1.9 apresenta dados que evidenciam que, dos domicílios pertencentes aos indicadores, 34,8%, informaram falta de interesse em acessar a Internet e 20,7% desconhecimento com o uso da ferramenta, com maior ênfase à área rural.

Atualmente, a população aproximada do Brasil é 208.913,673 pessoas⁷, número que aumenta a cada segundo. Assim, considerando-se que os dados referem-se a 21.247 domicílios, a probabilidade da estatística de infoexcluídos ser mais expressiva é considerável, ainda mais nas áreas rurais e nas regiões Norte e Nordeste.

Além do caráter educativo, haja vista que a pesquisa demonstrou uma significativa parcela de pretensos usuários que não conseguem utilizá-la por desconhecimento, verifica-se que a cobertura da Rede Mundial de Internet concentra-se com melhor qualidade nas regiões Sul e Sudeste, com desassistência nos Estados do Amazonas, Pará e Roraima, localizações cuja concentração fica restrita à Capital.⁸

Neste compasso, embora as inovações tecnológicas incorporadas pela administração pública direta e indireta, em especial a Previdência Social, sejam importantes para promover celeridade no processo administrativo, acompanhando as orientações do inciso LXXVIII, artigo 5º da Constituição Federal (BRASIL, 1988), a implantação em prazo ínfimo do INSS Digital, sem avaliar a relação de poder estrutural entre os atores envolvidos, poderá gerar efeitos negativos e delatórios à minoria, concentrada nas zonas rurais e nas regiões Norte e Nordeste que, apesar do contexto, ainda carece de políticas públicas capazes de promover o acesso ao mínimo existencial e aos meios de sobrevivência.

O impasse demanda discussão. Assim, vale recordar os ensinamentos de Pierre Lévy que registrou a importância do debate e da política na era da informática.

Alguém talvez até objete que a evolução da informática não é muito adequada a qualquer tipo de debate democrático ou a decisões “políticas”. Parece-nos, entretanto, que a informatização das empresas, a criação da telemática ou a “introdução” dos computadores nas escolas podem muito bem prestar-se a debates de orientação, dar margem a múltiplos conflitos e negociações onde técnica, políticas e projetos culturais misturam-se de forma inextricável. (LÉVY, 2004, p. 4).

A virtualização na administração pública é algo fundamental, uma vez que a tecnologia está no presente e no futuro, assim como a máquina de escrever estava no passado. A transição

⁷ O IBGE informa o número de nascimentos no Brasil e também por Estados. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em 23 abril 2018.

⁸ O mapa permite visualizar a concentração de cobertura à internet, a partir de pesquisa local ou ainda, global. Disponível em: <<https://simet-publico.ceptro.br/mapas7/#>>. Acesso em 23 abril 2018.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

do papel (físico) para documento virtual (digitalizado) é um processo pertencente a uma parcela significativa da sociedade, habituada com a cultura do papel, da fotocópia e do atendimento presencial.

A mudança cultural realizada de forma vertical, sem a promoção de capacitações direcionadas a todos os envolvidos, poderá transformar o INSS Digital em uma ferramenta inacessível, vez que o acesso ficará limitado àqueles que fazem uso e conhecem a tecnologia.

Assim, o arcabouço tecnológico carece de políticas públicas de inclusão digital destinadas ao público minoritário e carentes de recursos sociais, para balizar a distribuição de internet às regiões e garantir espaços de discussão, minimizando o desconhecimento digital, pois, não é suficiente ter o computador e a internet se a variável conhecimento ainda mostra-se indisponível, evidenciando-se assim, a categoria dos excluídos digitalmente, que além de não ter acesso à informática, também está desprovida de instrumento capaz de efetivar a cidadania (ALMEIDA FILHO, 2015).

A relação entre a Previdência Social e o segurado é assimétrica, devido à relação de poder inerente. Contudo, transformar o atendimento presencial em virtual, de forma instantânea, sem se preocupar com o entendimento dos seguradores que representam um “nó” da relação de poder, resultará numa medida ineficaz à administração pública indireta e, excludente ao segurado, que apesar de estar inserido no sistema, é excluído por desconhecimento digital e ausência de políticas públicas inclusivas.

CONCLUSÃO

A estrutura relacional, norteadas pela dominação e a coerção representa o pano de fundo da relação de poder, sendo assimétrica por excelência e determinante para incidir no local e no global. A assimetria possibilita à administração pública direta ou indireta definir as regras do jogo, prazos e mecanismos que são articulados.

Neste cenário, o artigo se inseriu, tangenciando a relação de poder da Previdência Social sob os segurados e dependentes, no processo de implantação do INSS Digital. O objetivo pretendido era a análise da dinâmica social envolvida na acessibilidade, utilizando-se como dados a estatística do PNAD-Contínua do IBGE, que tem caráter qualitativo.

Os dados demonstraram que a inclusão digital ainda é ínfima, sobretudo nas zonas rurais e regiões Norte e Nordeste. As variáveis incidentes são a falta de interesse, a cobertura deficitária e a desigualdade na distribuição da rede de internet.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O caso se concentrou no INSS Digital que encontra-se em fase embrionária e, afeta todos os trabalhadores formais, informais e seus dependentes, que, na grande maioria pertencem a classe desassistida pelas políticas públicas e sociais, os quais se inserem na ferramenta criada e, acabam sendo excluídos, instantaneamente, pelas mesmas variáveis apuradas pelo PNAD-Contínua do IBGE.

Garantir acesso aos direitos sociais de forma adequada e inclusiva é necessário e demanda do Estado, que exerce o Poder com dominação e coerção, adequar às políticas públicas, possibilitando às minorias o pleno acesso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos de. **Processo eletrônico e teoria geral do processo eletrônico**. A informatização judicial no Brasil. 5. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

ANNONI, Danielle. **Direitos humanos & acesso à Justiça no direito internacional**. Curitiba: Juruá, 2005.

BRASIL. **Lei nº 11.419, de 19 de dezembro de 2006**. Dispõe sobre a informatização do processo judicial; altera a Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973 – Código de Processo Civil; e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11419.htm >. Acesso: 12 abril 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça **Resolução nº 185, de 18/12/2013**. Institui o Sistema Processo Judicial Eletrônico - PJe como sistema de processamento de informações e prática de atos processuais e estabelece os parâmetros para sua implementação e funcionamento. Disponível em: < <http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=2492> >. Acesso: 12 abril 2018.

_____. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12965.htm >. Acesso em: 12 abril 2018.

_____. **Lei 13.105, de 16 de março de 2015**. Código de Processo Civil. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113105.htm > Acesso em: 12 abril 2018.

_____. Previdência Social. Resolução **INSS/PRES nº 627, de 21 de fevereiro de 2018**. Dispõe sobre os procedimentos para expansão do novo modelo de atendimento do INSS. Disponível em: < <http://sislex.previdencia.gov.br/paginas/72/INSS-PRES/2018/627.htm> >. Acesso em: 13 abril 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. vol. 1. 8. ed. rev. ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **O Poder da Comunicação**. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelybe. Revisão de tradução Isabela Machado de Oliveira Fraga. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CONTIJO, Danielly Cristina Araújo. **O direito fundamental de acesso à Justiça, em especial, as ações previdenciárias sem prévio requerimento administrativo no contexto brasileiro**. São Paulo: LTr, 2015.

IBGE. **PNAD-Contínua**. Disponível em: <
[https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=acesso%20a%20internet&searchphrase=all
&Itemid=6830](https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=acesso%20a%20internet&searchphrase=all&Itemid=6830)> .Acesso em: 13 abril 2018.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. 13.ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. **O que é virtual**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INCENTIVO À LEITURA DA PESSOA SURDA ATRAVÉS DO TURISMO CULTURAL-LITERÁRIO

INCENTIVE TO THE READING OF DEAF PEOPLE THROUGH CULTURAL-
LITERARY TOURISM

Angelica Oliveira dos Santos (Uniritter)¹

Mariana Giacomini Botta (Uniritter)²

Resumo: este artigo trata sobre incentivo à leitura para pessoas surdas através do turismo cultural-literário. Portanto, o texto traz contribuições para a academia e para a sociedade em geral, perfazendo o eixo temático Língua e literatura: linguagens em contexto. Como metodologia, destaca-se a revisão de literatura em textos sobre Turismo (BENI, 2017), sobre letramento literário (SOARES, 2010) e, também, sobre libras e língua portuguesa como segunda língua para surdos (QUADROS, 2006; GESSEL, 2009). Como objetivos, destacam-se a investigação nas teorias dos níveis de leitura do sujeito surdo; a análise se o turismo é agente de leitura; o incentivo à leitura para pessoas surdas através do turismo e a verificação da viabilidade do projeto de turismo e literatura como incentivador de leitura do sujeito surdo. E, em relação aos resultados, constata-se que é possível a criação desses roteiros e que eles podem ser incentivadores de leitura para a comunidade surda através de mapas interativos com dicas e instruções desses pontos turísticos através da literatura.

Palavras-chave: Libras. Turismo. Literatura. Incentivo à leitura.

Abstract: This article treats the incentive to reading of deaf people through cultural-literary tourism. Therefore, the text brings contributions for the academy and for the society in general, making the thematic axis Language and Literature: languages in context. As methodology, stands out the revision of literature in texts about Tourism (BENI, 2017), about literary literacy (SOARES, 2010) and, also, about libras (brazilian sign language) and portuguese language as a second language for deaf people (QUADROS, 2006; GESSEL, 2009). As objectives, stand out the investigation in theories of a deaf person's levels of reading; the analyse if tourism is a reading agent; the incentive for reading to deaf people through tourism and the verification of the tourism and literature project viability as motivator of deaf people's reading. And, related to the results, we found out that the creation of these itineraries is possible and they can be stimulators of reading to the deaf community by interactive maps with tips of these tourist spots through literature.

Keywords: Libras (brazilian sign language). Tourism. Literature. Reading incentive.

INTRODUÇÃO

Turismo, segundo alguns dicionários, significa uma atividade econômica relacionada com viagens organizadas, geralmente para lazer. Além disso, o turismo movimenta e difunde informações de regiões e localidades, expressando valores naturais, culturais e sociais (BENI,

¹ Mestranda em Letras (Uniritter). Especialista em Teoria e Prática da Formação do Leitor (UERGS) e em Educação Especial: Deficiência Auditiva (Uniasselvi). Graduada em Letras-Inglês (Uniritter). E-mail: angelica_grv@yahoo.com.br

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP) e em Ciências da Linguagem (Université Sorbonne Nouvelle Paris 3); Mestra em Linguística e Língua Portuguesa. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (FCL). E-mail: mariana_botta@uniritter.edu.br





2017). Convém salientar que os turismos culturais são “os produtos diretos das manifestações culturais” (BENI, 2017, p.90), e, por isso, se desdobram em muitos gêneros: religioso, arquitetônico, artístico, e literário, por exemplo. Sobre esse último, destacam-se roteiros que relatam a história de uma região através de gêneros literários e de personalidades desse âmbito.

Ronice Müller de Quadros (2006) indica que as línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, externalizam culturas, valores e os padrões sociais. Os surdos brasileiros utilizam a Língua de Sinais Brasileira (Libras) e essa possui todas as propriedades específicas das línguas humanas. Portanto, “para o ensino bilíngue é necessário que a base linguística seja a Libras para o ensino-aprendizagem da linguagem escrita, que passa a ser concebida como segunda língua para os sujeitos surdos.” (LODI; 2009, p.145). Já para a pesquisadora, Lodenir Karnopp (2006), os Estudos Surdos se lançam na luta contra a interpretação da surdez como deficiência, contra a visão da pessoa surda enquanto indivíduo deficiente e contra a definição de surdez como uma falta. Ou seja, ela destaca as potencialidades dessa comunidade.

Em relação à Libras, destacam-se considerações necessárias a fazer: sua modalidade é viso-espacial, ou seja, necessita de um local no espaço num campo de visão. Para um sinal ser reconhecido em Libras, ele precisa possuir os parâmetros mínimos na sua formação, que são: configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, expressão facial ou corporal e orientação. Isso quer dizer que não basta fazer qualquer movimento ou mímica para caracterizar-se como Língua de Sinais (GESSER, 2009). Ressalta-se também que a Libras é uma língua, não linguagem, pois ela tem todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, semântica, sintaxe e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumentalmente linguística com poder e força. Além disso, destaca-se que libras não é mímica, pois a mímica quer que você veja o ‘objeto’, e os sinais querem que você veja o símbolo convencionado para o objeto (GESSER, 2009). E esses sinais são icônicos ou arbitrários. Por fim, em 2002 a língua foi reconhecida pela Lei 10.436 e pelo Decreto 5.626/2005 como segunda língua oficial do Brasil.

Ainda tratando sobre as diferenças e diversidades surdas, Skliar (2010) afirma que “a escrita do surdo não vai se aproximar da escrita ouvinte. Portanto, não há como exigir do surdo a construção simbólica tão natural como a do ouvinte” (p.57). Vigotski (1998) por sua vez, afirma que a “dificuldade que as crianças frequentemente apresentam de aprender uma palavra nova é devida ao conceito a que a palavra se refere, e não ao seu som. Uma vez que o conceito





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

esteja amadurecido, haverá quase sempre uma palavra disponível” (1998, p.8). Como os surdos brasileiros utilizam a libras como língua materna, e o português escrito como segunda língua, e, por essa língua ser oral-auditiva, é praticamente impossível o surdo ler e escrever o português da mesma maneira que os ouvintes, gerando um afastamento e desinteresse pela língua portuguesa, muitas vezes. Por isso que a seguinte pergunta foi lançada: como que o turismo pode ser agente de formação de leitores surdos? Surdos esses com níveis de leituras distintos, com vivências e experiências diversas, mas que têm potencialidades para desenvolver o interesse pela leitura por meio de roteiros turísticos.

O TURISMO CULTURAL-LITERÁRIO COMO INCENTIVO À LEITURA DA PESSOA SURDA

Obras literárias têm o poder de ressignificação do homem no mundo. Turismo também tem força de ressignificar valores e culturas. Portanto, ambos têm poder de reflexão do mundo e, para o sujeito surdo, esses novos significados contribuem para o seu desenvolvimento linguístico e social. Com o advento da tecnologia, a comunicação entre sinalizantes (surdos e ouvintes que utilizam libras) se propagou rapidamente, bem como o acesso à informação digital, e, por isso a proposta desse projeto é difundir a literatura através do turismo com o suporte de mapas digitais, com informações com vídeos em Libras. Para isso, pode ser utilizado o sistema de *QR code*, além de outros suportes tecnológicos, onde os surdos acessarão as informações por imagens e vídeos dos locais visitados, deixando o percurso mais interativo e aproximando-os ao local, à cultura e à literatura. As propostas de sensibilização da leitura literária através do turismo cultural serão melhores detalhadas durante a comunicação oral, onde serão expostos exemplos de roteiros interativos e/ou guiados.

Diante do panorama social em que a pessoa surda está envolvida, faz-se necessário levar todo e qualquer tipo de conhecimento a elas também, contudo, como a língua portuguesa é a sua segunda língua, muitas vezes, essas pessoas não têm o mesmo grau de alfabetismo que as pessoas ouvintes. Ainda sobre alfabetismo, Magda Soares reflete que

o alfabetismo não é apenas, nem essencialmente, um estado ou condição pessoal; é, sobretudo, uma prática social: o alfabetismo é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita, em determinado contexto, e é a relação estabelecida entre essas habilidades e conhecimentos e as necessidades, os valores e as práticas sociais. (SOARES, 2010, p.33)





Ou seja, toda a comunidade está envolvida nesse processo. Além disso, destaca-se que, cada pessoa possui um nível de leitura diferente, pois está inserida em culturas e em regiões diferentes, pois a leitura exerce diversos papéis na vida de cada uma dessas pessoas. Por isso que, ao tentar levar literatura a essas pessoas, deve-se traçar um panorama sobre quem ela é e a que grupo social ela está inserida. Normalmente, a escola se torna o primeiro espaço linguístico fundamental dos surdos, pois é lá que

a criança surda entra em contato com a língua brasileira de sinais. Por meio da língua de sinais, a criança vai adquirir a linguagem. Isso significa que ela estará concebendo um mundo novo usando uma língua que é percebida e significada ao longo do seu processo. Todo esse processo possibilita a significação por meio da escrita que pode ser na própria língua de sinais, bem como, no português. Como diz Karnopp (2002), as pessoas não constroem significados em vácuo. (QUADROS, 2006, p. 22-23)

Esse contato com a escola salienta a importância da manutenção das escolas de surdos. Quando se fala em educação de surdos não se refere apenas à interação com alunos com ou sem deficiência, mas sim com a língua, cultura e identidade. Esses são campos que precisam ser apropriados em contatos com outros surdos atuantes nas comunidades surdas.

Para Thoma (2010), viver com cultura surda nos faz compreender melhor seus valores, lutas, e vida.

Entendemos que para se falar da cultura surda é necessário estar lá, viver entre os surdos, para os quais a experiência é visual e espacial, compartilhando de seus costumes e modos de se relacionar uns com os outros, com o mundo e com a vida. (THOMA, 2010, p.08)

Para essa autora, a forma do surdo se relacionar com o mundo está conectada a sua experiência de vida e principalmente pela sua forma visual e espacial de se comunicar. Quando não se conhece as características do surdo, se torna difícil compreendê-lo, principalmente se julgarmos pelo ponto de vista do ouvinte, que usa a oralidade para se comunicar.

Ao incentivar a leitura através da literatura, estamos decidindo por investir em arte para garantir a permanência do leitor. Soares (2010) afirma que “o elo entre a língua escrita, sociedade e cultura podem ser objeto de análise sob diferentes pontos de vista” (p. 27). Ou seja, existem conexões entre cultura e escrita e, com isso, podemos incluir o turismo. Ao falar de turismo, fala-se sobre o sistema de turismo, pois essa área vem se firmando como ciência social e humana. Além disso, esse sistema engloba os meios sociais, ou seja, envolve o ecológico, o social, o econômico e o cultural. Destacando esse último, o turismo cultural preserva os valores culturais e valores específicos para cada turista. Levando em consideração esses aspectos,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

destaca-se, a partir de agora, uma sugestão de roteiro cultural que integra turismo e literatura para pessoas surdas: o caminho do Negro em Porto Alegre.

Antes disso, porém, apresentamos a cidade de Porto Alegre: a capital dos Gaúchos. Situada no Rio Grande do Sul, Porto Alegre se destaca por seus atrativos culturais, misturando natureza, arquitetura, história e modernidade. Essa cidade, berço da Revolução Farroupilha, possui um público diversificado, recebendo diariamente muitos turistas, estudantes do interior e trabalhadores da região metropolitana.

O ponto de partida no trajeto cultural-literário é na Perimetral, na Ilhota, antigo bar Luanda (Restaurante Copacabana), em memória a Lupicínio Rodrigues. Alguns gaúchos o conhecem mais, pois ele foi um cantor e compositor brasileiro, e suas composições são estudados por todos os públicos, inclusive com surdos. Nesse ponto, destacamos a composição feita por ele do Hino time do Grêmio. O segundo ponto turístico que destacamos é o Teatro São Pedro, a Praça da Matriz e a Assembleia Legislativa, no centro da Capital. Em 2012, no Dia da Consciência Negra, a Câmara Municipal de Porto Alegre entregou o Troféu “Deputado Carlos Santos” a pessoas que se destacam em diversos segmentos da sociedade e na luta em favor dos direitos dos afrodescendentes.

Seguindo pelo centro, destaco a Esquina Democrática, antiga esquina Zaire, em homenagem ao gaúcho Oliveira Silveira. Durante sua vida inteira lutou e desenvolveu um trabalho de valorização do povo negro no Brasil inteiro. Como destaque de suas produções literárias, pode ser feito nesse local a leitura sinalizada do poema “Encontrei minhas origens”, pois esse texto evidencia e destaca o seu ativismo social e cultural. Na outra esquina temos a Igreja do Rosário, onde na sua primeira sede, no século 19, foi um dos meios escolhidos para o ensino da religião aos escravos. Mais além, na década de 1950 ela foi demolida e reconstruída, mudando sua arquitetura. Seguindo adiante, deparamo-nos com o Cais do Porto, fazendo homenagem a João Cândido Felisberto, também conhecido como "Almirante negro", líder da Revolta da Chibata.

O Caminho do Negro em Porto Alegre destaca o personagem, o protagonismo cultural e social dos africanos na Capital, fazendo um resgate de sua memória. Seguindo o roteiro, destacamos mais adiante, a Pegada Africana, na Praça da Alfândega, até chegar à Igreja das Dores. Na frente dela temos o Largo da Forca, também conhecido como Pelourinho. Essa Igreja tem uma grande lenda por trás de sua construção envolvendo o escravo Josino. Seguindo o percurso, já no bairro Rio Branco, temos a antiga Colônia Africana, chegando até o tradicional





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Parque Farroupilha, ou Parque Redenção. Atualmente, nesse local podemos andar de pedalinho, passear e visitar os diferentes espaços que o parque oferece. Por fim, destaco o Areal da Baronesa, antigo território negro na capital gaúcha. O local é de resistência, luta e tradição da cultura de matriz africana.

Estima-se que, aproximadamente 45% da população brasileira são formadas por negros e pardos (IBGE, 2007). Com isso, o Brasil tornou-se o segundo país com a maior população de origem africana. Os africanos trouxeram sua bagagem cultural, contudo, com toda a riqueza da influência das matrizes africanas em nossa cultura, nós pouco sabemos sobre esse continente. A força e a influência da cultura que os africanos reconstruíram em terras brasileiras são inegáveis. No entanto, até pouco tempo atrás essas contribuições culturais não eram reconhecidas ou valorizadas. Quando eram valorizadas, remetiam a uma situação de diferenças entre negros e brancos, isso porque ela era pensada em termos raciais. Os livros didáticos, os noticiários dos jornais e outros meios de informação, na sua maioria, apresentam um conhecimento simplificado da África. Conhecimento este, que, muitas vezes, não oportuniza estabelecer relações com a real importância deste continente na construção de nosso país.

As competências leitoras para o entendimento da palavra e o contato com a literatura pode levar a crianças e jovens a lerem outras modalidades discursivas e a percepção de outros significados literários, utilizando-se, para isso, de várias formas de comunicação, como: visual, textual, auditivo e sinestésico, buscando desenvolver o multiletramento e a diversidade de linguagens. A reflexão sobre a leitura pressupõe como ponto de partida as cinco dimensões: dimensão enquanto processo neurofisiológico, desenvolvida por um conjunto de funções cerebrais e visuais. É importante perceber como cada cultura conta suas histórias, como vê o mundo do outro e como interpreta as visões pré-concebidas para que sejam revistas e questionadas; A leitura enquanto processo cognitivo envolve o conhecimento prévio, a bagagem cultural e a construção de significados pelo leitor, para que leitura realizada seja realmente fonte de transformação; A leitura enquanto dimensão afetiva suscita emoções decorrentes da capacidade reflexiva de cada um. Atitudes de repulsa, ódio, encantamento, admiração, respeito, etc, decorrem das relações de poder criadas no ambiente sociocultural, que podem ser de superioridade, de igualdade ou de inferioridade; A dimensão argumentativa leva o leitor a analisar o texto e interpretá-lo através da comunicação escrita ou oral, levando assim a revisão dos conhecimentos sobre o qual o texto foi apresentado; A dimensão simbólica é o





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

sentido que se tira da leitura feita. Essa dimensão leva em conta os pontos de vista de cada um e seu contexto cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais deste artigo, destacam-se estratégias de incentivo à leitura literária para surdos, através do turismo cultural. Mesmo com foco específico envolvendo questões locais, essa prática pode ser expandida a outras áreas, como, por exemplo, em salas de aula, do Ensino Básico até o Ensino Superior. Os procedimentos metodológicos orientadores desse estudo de mestrado, da área da Letras, estima a discussão do turismo como incentivo de leitura e eleva a perspectiva de que outras pesquisas sejam elaboradas, aprimorando a primeira. Diante da análise da pesquisa, pode-se evidenciar a comprovação de que o turismo cultural é sim um agente de promoção de leitura literária para o sujeito surdo e que, portanto, convém a apresentação dos resultados em eventos interdisciplinares.

Por fim, almejamos uma educação crítica com políticas que acompanhem as mudanças sociais e tecnológicas, garantindo a liberdade de expressão e a realização pessoal. Para isso, a academia tem que ser um espaço linguístico crítico e sólido, pois é um dos principais espaços onde a pessoa surda entrará em contato com a diversidade de pensamento e de comportamento. Toda a leitura tem sua fundamentação no contexto sócio-político-cultural de cada leitor, o qual constrói os sentidos baseado na sua visão de mundo e na sua identidade de grupo. Assim, a leitura de obras literárias para um leitor surdo pode levar a reflexão sobre a conduta de seu grupo perante outros grupos e culturas. As narrativas dos inúmeros grupos culturais/etnias nunca são neutras, todas possuem uma carga ideológica baseada em suas relações com outros grupos e com o poder dominante.

REFERÊNCIAS

BENI, M.C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora Senac, 2017.

GESSER, A. **LIBRAS?: que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KARNOPP: L.B. **Literatura, letramento e práticas educacionais**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun.2006.

LODI, A.C.B. (Org.); LACERDA, C.B.F (Org.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

QUADROS, R.M; SCHMIEDT, M.L.P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC/SEESP, 2006.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar para as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

THOMA, A.; KLEIN, M. **Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil.** | Pelotas [36]: 107 - 131 maio/agosto 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DOR CRÔNICA E IDOSOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

CHRONIC AND ELDERLY PAIN: AN INTEGRATING REVIEW

Anna Regina Grings Barcelos (Universidade Feevale)¹

Clair Bergmann Warmling (Universidade Feevale)²

Diego da Silva Souza (Universidade Feevale)³

Caroline Fagundes (Universidade Feevale)⁴

Yasmin Daniele Garcia (Universidade Feevale)⁵

Claudir Lopes da Silva (Universidade Feevale)⁶

Geraldine Alves dos Santos (Universidade Feevale)⁷

Resumo: O envelhecimento populacional é uma realidade contemporânea e a atenção aos idosos acometidos por disfunções musculoesqueléticas com ocorrência de dor crônica é uma necessidade. O objetivo dessa revisão integrativa é analisar a produção científica brasileira dos descritores dor crônica e idosos, disponível na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), a qual integrava, no momento da pesquisa, duas bases (LILACS, MEDLINE) e na base de dados SciELO. A busca nas bases de dados gerou 8 artigos. Após a avaliação dos estudos incluídos na revisão, foram agrupadas 3 categorias de análise de acordo com os principais objetivos abordados em cada artigo: prevalência de dor crônica; repercussão na saúde e qualidade de vida; associação com a situação sociodemográfica, capacidade funcional, quedas e atividade física. Os estudos destacam as especificidades dos idosos evidenciando que a dor está entre os principais fatores que podem impactar negativamente na qualidade de vida, pois limita suas atividades, numa perspectiva biopsicossocial.

Palavras-chave: 1. Idosos 2. Dor crônica 3. Qualidade de vida.

Abstract: The aging process is a contemporary reality. The attention to the elderly affected by musculoskeletal disorders with chronic pain is a necessity. The objective of this integrative review is to analyze the Brazilian scientific production of the descriptors chronic pain and elderly in the Virtual Health Library (VHL), which at the time of the research included two bases (LILACS, MEDLINE) and in the SciELO. The search has generated 8 articles. After evaluating the studies included in the review, 3 categories of analysis were grouped according to the main objectives addressed in each article: prevalence of chronic pain; repercussions on health and quality of life; association with the socio-demographic situation, functional capacity, falls and physical activity. The studies highlight the specificities of the elderly evidenced that pain is among the main factors that can negatively impact the quality of life, since it limits their activities, from a biopsychosocial perspective.

Palavras-chave: 1. Elderly 2. Chronic pain 3. Quality of life.

¹ Graduada em Educação Física e Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Bolsista FAPERGS/CAPES. annagrings@gmail.com

² Psicóloga, Pós-graduada e Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão social. clairb@feevale.br

³ Psicólogo, Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social. diegosouza@hotmail.com

⁴ Especialista em Cinesiologia pela UFRGS. Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Bolsista PROSUP/CAPES. e-mail: caroline@espacotao.net.br

⁵ Graduada em Psicologia. yaasdgarcia@gmail.com

⁶ Enfermeiro. Mestre em Enfermagem. Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Professor do curso de Enfermagem. claudir@feevale.br

⁷ Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia. Professora Titular do Curso de Psicologia e do Programa de Pós graduação em Diversidade Cultural Inclusão Social. geraldinesantos@feevale.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

Uma das maiores conquistas culturais de um povo, em seu processo de humanização, é o envelhecimento de sua população, refletindo uma melhoria das condições de vida. É um fenômeno mundial que ocorre de forma acelerada, principalmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Embora o aumento da expectativa de vida seja uma conquista da sociedade, os idosos apresentam uma alta prevalência de agravos que podem comprometer a sua qualidade de vida (PIMENTELA et al., 2015).

O envelhecimento é um processo universal que caracteriza uma etapa da vida permeada por mudanças sociais, psíquicas, ambientais e biológicas, que compõem o desenvolvimento normal e integral do homem. Já o envelhecimento da população idosa brasileira é um fenômeno recente e está fortemente atrelado à melhoria da qualidade de vida, à tendência de diminuição do crescimento populacional, ao melhor controle dos agravos à saúde e à intensa urbanização desse grupo etário (IBGE, 2016).

Essa mudança na estrutura etária brasileira está diretamente relacionada à transição epidemiológica, pois, à medida que a população envelhece, maior é a prevalência de problemas crônicos de saúde. Entre as consequências que a transição demográfica e a longevidade trazem para a sociedade, a dor é uma das mais significativas; em muitos casos, a dor crônica é a principal queixa dos indivíduos, interferindo consideravelmente na qualidade de vida dos idosos (DELLAROZA; PIMENTA; MATSUO, 2007).

O processo de envelhecimento é acompanhado por alterações que acometem os componentes da função musculoesquelética e osteoarticular, acarretando declínios que causam impacto direto na capacidade de realizar atividades rotineiras, com reflexos na saúde e funcionalidade física, associada a independência e autonomia da pessoa idosa (DIAS, 2009). Muitos desses quadros são acompanhados por dor e, em significativa parcela deles, a dor crônica é a principal queixa, fato que pode interferir de modo acentuado na qualidade de vida dos idosos. No âmbito das afecções do aparelho locomotor, a dor é o sintoma mais frequente e uma das principais causas de procura por assistência médica (KAYSER et al., 2014).

As repercussões da dor crônica na qualidade de vida da população idosa estão normalmente associadas à depressão, incapacidade física e funcional, alterações na dinâmica familiar, afastamento social, maior prevalência de quedas, disfunções cognitivas, distúrbios emocionais e do sono e outros. A alta prevalência de dor crônica demanda a utilização de





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

maiores recursos financeiros e de saúde, o que reflete negativamente nos sistemas de saúde, no indivíduo e na sociedade (CUNHA; MAYRINK, 2011; ARAUJO et al., 2010).

Diante desta perspectiva, este estudo tem por objetivo realizar uma revisão integrativa e analisar a produção científica brasileira dos descritores dor crônica e idosos disponível na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e na base de dados SciELO.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma revisão integrativa, cuja finalidade é reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um tema delimitado ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Para a elaboração da presente revisão foram utilizadas as seguintes etapas: estabelecimento da questão norteadora; seleção dos artigos e estabelecimento dos critérios de inclusão; obtenção dos artigos que constituíram a amostra; avaliação dos artigos; interpretação dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

Para o desenvolvimento do estudo, foram seguidas as etapas metodológicas propostas por Ganong (1987): identificação do tema, elaboração da questão de pesquisa, estabelecimentos dos critérios de inclusão e exclusão, seleção da amostra, definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados, organização dos estudos em formato de quadro, avaliação dos estudos incluídos na revisão com categorização para análise e discussão dos resultados.

A pesquisa dos artigos foi realizada por dois autores entre os dias 16 a 30 do mês de abril de 2018 de forma online, utilizando as produções científicas selecionadas nas bases de dados da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), a qual integrava, no momento da pesquisa, duas bases (LILACS, MEDLINE) e na base de dados SciELO os cruzamentos dos descritores no título dos artigos: dor crônica e idosos.

Os critérios para a inclusão dos artigos foram: trabalhos publicados no formato de artigos científicos que tivessem os descritores no título, disponíveis online na forma completa, com a limitação de período de 2010 a 2018 e no idioma português. Foram excluídos os estudos duplicados e aqueles em que as informações contidas no resumo demonstraram não ter relação com a temática. A busca na base de dados gerou 35 artigos, disponíveis na forma online (1 MEDLINE, 4 LILACS e 30 SciELO). Aplicados os critérios de inclusão e exclusão, 2 foram excluídos por duplicidade (MEDLINE e SciELO; LILACS e SciELO) e 25 por não ter





aproximação com o tema, totalizando, assim, 8 artigos de interesse da base de dados SciELO para análise final.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os artigos selecionados foram analisados na íntegra, com o intuito de responder ao objetivo deste estudo e agrupados por temas na Matriz de execução (Quadro 1).

Quadro 1 - Matriz de execução

Título/Autor/Ano/Rev	Objetivos	Principais Resultados
1 Fatores preditores de dor em idosos do Município de São Paulo, Brasil: Estudo SABE 2006 e 2010 BETTIOL, C. H. O. et al. (2017) Cadernos de Saúde Pública	Identificar os fatores preditores da dor em idosos. Estudo longitudinal de base populacional, realizado por meio de entrevista domiciliar com idosos residentes no Município de São Paulo, Brasil, participantes do Estudo SABE, nos anos de 2006 e de 2010.	O número de idosos que fizeram parte desta pesquisa foi de 494. A incidência acumulada de dor foi de 27,9% (IC95%: 22,9-33,5). Em relação às características da dor que mais incomodavam, os idosos relataram tempo de dor superior a dois anos (59,4%), com episódios diários (44,9%), de intensidade moderada (39,4%), e a região de dor mais frequente foi representada pelos membros superiores e cervical (24,8%). Após ajustes, permaneceram como fatores preditores de dor no idoso, ter entre 0 e 3 anos de estudo, hipertensão, Apgar familiar insatisfatório e autorrelato de saúde ruim/regular
2 Prevalência de doenças musculoesqueléticas autorreferidas segundo variáveis demográficas e de saúde: estudo transversal de idosos de Goiânia/GO. MELO, A. C. F. et al. (2017) Cadernos Saúde Coletiva	Estimar a prevalência de doenças musculoesqueléticas autorreferidas por idosos segundo variáveis demográficas, dor, autoavaliação de saúde e quedas.	Dos 934 idosos, 62,2% eram mulheres, com média de 71,4 anos ($\pm 8,3$). A prevalência de doenças musculoesqueléticas foi de 39,1% (IC95% 35,9-42,3), sendo as mais frequentes: osteoporose (24,6%), artrose (2,9%), reumatismo (1,2%) e artrite (0,6%). A prevalência foi superior nas mulheres (44,7%); faixa etária ≥ 80 anos (44,7%); autoavaliação de saúde ruim (55,9%); relato de dor (43,4%). Não houve associação entre doenças musculoesqueléticas e quedas ($p=0,671$) e sedentarismo ($p=0,167$).
3 Prevalência de dor crônica autorreferida e intercorrências na saúde dos idosos. LINI, E. V. et al. (2016) Revista Dor	Identificar a prevalência de dor crônica e a repercussão na saúde dos idosos.	Estudo transversal de base populacional com 416 idosos residentes em município no Sul do Brasil. A prevalência de dor crônica foi de 54,7%, em sua maioria mulheres (64,8%). Entre os idosos com dor crônica, 58,6% classificaram sua saúde como regular, ruim ou muito ruim, 53,3% não praticavam atividade física, 19,8% apontaram dificuldades para atividades básicas de vida diária e 82,5% referiram dor nos membros inferiores e 74,8% na região lombar ($p<0,001$).
4 Prevalência de dor crônica e sua associação com a situação sociodemográfica e	Estimar a prevalência de dor crônica e sua associação com a situação socioeconômica,	Este estudo é parte do inquérito epidemiológico e transversal de base populacional e domiciliar EpiFloripa Idoso 2009-2010 realizado com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

<p>atividade física no lazer em idosos de Florianópolis, Santa Catarina: estudo de base populacional. SANTOS, F. A. A. et al (2015) Rev Bras de Epidem</p>	<p>demográfica e atividade física no lazer em idosos.</p>	<p>1.705 idosos (≥ 60 anos), residentes em Florianópolis, Santa Catarina. Dentre os idosos investigados, 29,3% (IC95% 26,5 - 32,2) relataram dor crônica. Na análise ajustada, observou-se que as variáveis sexo feminino, menor escolaridade e pior situação econômica ficaram associadas significativamente com maior prevalência de dor crônica; ser fisicamente ativo no lazer ficou associado significativamente com menor prevalência do desfecho.</p>
<p>5 Associação entre dor crônica e autorrelato de quedas: estudo populacional - SABE. DELLAROZA, M. S. G. et al. (2014) Cadernos de Saúde Pública</p>	<p>Identificar a prevalência de relato de queda e avaliar a associação do relato de queda em idosos com dor crônica com as características da dor, a interferência da dor no trabalho, variáveis sociodemográficas, morbidade autorreferida, funcionalidade e alterações da mobilidade.</p>	<p>A amostra resultou em 1.269 idosos, sendo 340 com dor há pelo menos um ano e 829 sem dor, o que corresponde ao desenho amostral de 895,762 idosos. A prevalência de dor crônica foi 29,7% (IC95%); a prevalência de queda, no último ano, entre idosos com dor foi 31,6% (IC95%) e não diferiu da prevalência entre idosos sem dor (26,4%). No entanto, quando havia dor e osteoporose ou dor e incontinência urinária, o risco de quedas foi 50% ($p = 0,019$) e 48% maior, respectivamente. A associação dor crônica e osteoporose ou incontinência urinária elevou a chance de quedas em idosos.</p>
<p>6 A dor dificulta a prática de atividade física regular na percepção de idosas longevas. KRUG, R. R. et al. (2013) Revista Dor</p>	<p>Analisar as percepções da dor como uma barreira para a prática de atividades físicas regulares por idosas longevas inativas fisicamente.</p>	<p>As idosas longevas tinham média de idade de $84,9 \pm 4,12$ anos, eram em sua maioria viúvas (86,7%), com ensino fundamental incompleto (80,1%), moravam acompanhadas (63,3%), católicas (96,7%), caucasianas (96,7%), aposentadas e/ou pensionistas (96,7%), possuíam pelo menos uma doença diagnosticada pelo médico (90%) e faziam uso regular de fármacos (90%). Além disso, 20% recebiam de um a três salários mínimos e 46,7% consideravam sua saúde regular. As idosas inativas evidenciaram dores nos membros inferiores, superiores, na região lombar e ou cervical e no corpo em geral como fatores que as impedem de praticarem atividades físicas regularmente.</p>
<p>7 Programa de autogerenciamento da dor crônica no idoso: estudo piloto. SANTOS, F. C. et al. (2011) Revista Dor</p>	<p>O objetivo primário: avaliar a viabilidade do desenho metodológico escolhido e possibilitar a melhor estruturação de estudos de maiores proporções para posteriormente estudar a eficácia do programa de AGD em idosos, ou seja, observar se a técnica de AGD, comparada a um programa educacional passivo, é efetiva em reduzir a dor, e melhorar a funcionalidade e a qualidade de vida de idosos com dor persistente.</p>	<p>Foram incluídos 20 indivíduos (12 no G1/intervenção e 8 no G2/controle), todos do gênero feminino, com idade média 73,7 no G1 e 78,2 no G2. A intensidade média de dor ao início do estudo foi 18,6mm no G1, e 16,6mm no G2, quando utilizada a EAV e pontuação média de 21,8 no G1 e 19,7 no G2, utilizando-se o GPM. Ao final do estudo a intensidade média de dor segundo a EAV foi 16,7 mm no G1 ($p = 0,342$) e 41,2 mm no G2 ($p = 0,006$). A pontuação com o GPM foi 19,7 no G1 ($p = 0,400$) e 25,8 no G2 ($p = 0,346$). As pontuações pela escala Katz foi 5,8 no início e 5,9 no final do estudo no G1 com 5,4 no início e 5,6 no final no G2 ($p = 0,198$). Pela escala de Lawton houve melhora funcional estaticamente significante</p>





	O objetivo secundário: avaliar a eficácia do método AGD nesta pequena população do estudo.	no G1 ($p = 0,040$), o mesmo não ocorrendo no G2 ($p = 0,148$) e a diferença entre os grupos foi significativa ($p = 0,032$). Os valores médios obtidos com os tratamentos propostos pela SF-36 não diferiram significativamente entre os grupos.
8 Influência da dor crônica na qualidade de vida em idosos. CUNHA, L. L.; MAYRINK, W. C. (2011) Revista Dor	Avaliar as condições de vida dos idosos num âmbito multidisciplinar, para avaliar a influência da dor crônica na QV dos idosos.	Foram estudados 50 pacientes sendo 76% mulheres, com média de idade de $72 \pm 7,36$ anos, sendo 38% casados, 28% viúvos, 22% solteiros e 12% separados. Quanto ao nível educacional 42% frequentaram apenas o ensino fundamental, 28% o ensino médio, 24% analfabetos e 6% fizeram o ensino superior. Foram identificados 34% com distúrbios da coluna; 22% com artrite reumatoide, 18% com osteoporose, 14% com artrose e 12% com tendinopatias. Pela EAV foi identificado padrão de dor moderada. Houve uma influência negativa da dor crônica na QV dos idosos no domínio físico e nas relações sociais em relação aos voluntários controles.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os artigos selecionados foram publicados a partir do ano de 2011 em diferentes periódicos. Após a avaliação dos estudos incluídos na revisão foram agrupadas 3 categorias de análise de acordo com os principais objetivos abordados em cada artigo: prevalência de dor crônica; repercussão na saúde e qualidade de vida; associação com a situação sociodemográfica, capacidade funcional, quedas e atividade física.

PREVALÊNCIA DE DOR CRÔNICA

Cinco estudos abordaram sobre prevalência da dor crônica, que em média era de 36,14% (BETTIOL et al., 2017; MELO et al., 2017; LINI et al., 2016; SANTOS, et al., 2015; DELLAROZA et al., 2014). As doenças associadas com dores crônicas mais frequentes foram: artrite ou reumatismo. Foram identificados distúrbios da coluna, artrite reumatoide, osteoporose, artrose e tendinopatias (CUNHA; MAYRINK, 2011). No estudo de Melo et al (2017) as principais doenças autorreferidas foram osteoporose, artrose, reumatismo e artrite.

No que se refere ao tempo em que percebiam a dor, 59% dos idosos relataram senti-la a mais de dois anos (BETTIOL et al., 2017). Os resultados de Dellaroza et al. (2014) apontaram o tempo com dor de 1-2 anos, percebido por 28% da amostra, e acima de 2 anos em 32%. O estudo de Lini et al. (2017) mostrou expressiva proporção de idosos com dor autorreferida com duração maior que três meses.





Quanto ao local da dor crônica, os resultados do estudo de Lini et al. (2017) indicaram maior prevalência nos membros inferiores, seguidos da região lombar e membros superiores. A presença de dor nessas regiões parece presumível considerando que se trata de sintoma comum às doenças crônicas relacionadas ao sistema locomotor, condição comum na população idosa.

REPERCUSSÃO NA SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA

As incapacidades física, psicológica e social são as principais repercussões que acometem a qualidade de vida dos idosos com dor crônica, sendo importante a sua identificação. Neste contexto, o estudo de Cunha e Mayrink (2011) evidenciou a presença de dor moderada avaliada pela escala unidimensional, com influências negativas na qualidade de vida dos idosos. Os resultados mostraram fraca correlação nos domínios físico e psicológico e ausência de correlação nos domínios relações sociais, meio ambiente e intensidade da dor. Argumentando a ocorrência ao fato do instrumento avaliativo ser unidimensional e avaliar apenas a intensidade de dor, que foi moderada.

O estudo de Lini et al. (2016) demonstrou que a presença da queixa afeta direta e negativamente a auto avaliação de saúde, e compromete a funcionalidade para a realização das atividades de vida diária. A maioria dos idosos com dor considerou sua saúde como regular, ruim ou muito ruim. A presença de quadro algico crônico direciona para uma pior percepção de saúde. Há indícios de que as pessoas costumam definir sua saúde como ruim ou muito ruim quando existe a presença de comorbidades ou agravos, o que ocorre também na presença da dor. A dor crônica interfere ainda no bem estar e na qualidade de vida do idoso.

A auto percepção de saúde ruim/regular foi identificada como importante preditor de dor crônica nos idosos no estudo de Bettiol et al. (2017). No estudo de Melo et al. (2017) o autorrelato de dor e a auto avaliação negativa da saúde foram associadas à ocorrência de doenças musculoesqueléticas e sinalizam a necessidade de monitoramento dessas condições, uma vez que podem interferir na limitação funcional do idoso devido à diminuição da mobilidade. Nesta pesquisa, a autopercepção de saúde se relacionou à dor, mesmo depois dos ajustes para algumas doenças e condições econômicas, o que reforça a ideia que auto percepção ruim, independentemente de suas causas, é um fator preditor de dor e merece atenção dos profissionais quando verbalizada pelos idosos. A presença de doenças musculoesqueléticas foi associada a uma auto avaliação de saúde ruim/muito ruim. A autoavaliação do estado de saúde





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

é um indicador subjetivo da percepção do indivíduo sobre a própria saúde, que expressa aspectos físicos, emocionais, de bem-estar e de satisfação com a própria vida.

ASSOCIAÇÃO COM A SITUAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA, CAPACIDADE FUNCIONAL, QUEDAS E ATIVIDADE FÍSICA

Os principais achados do estudo de Santos et al. (2015) mostraram importantes associações entre a prevalência de dor crônica e a situação socioeconômica e demográfica, a maior prevalência de dor crônica ficou associada significativamente com ser do sexo feminino, ter menor escolaridade e pior situação econômica. Lini et al. (2016) identificaram que a prevalência de dor crônica entre os idosos foi elevada, destacando o gênero feminino.

Estudo de Bertiol et al. (2017) identificou os seguintes fatores como preditores de dor em idosos: baixa escolaridade, ser portador de hipertensão arterial, apresentar Apgar familiar insatisfatório e perceber sua saúde como ruim/regular. Uma hipótese explicativa para esse achado se refere ao fato de os indivíduos com menor escolaridade poderem apresentar piores condições socioeconômicas e de vida, o que os predispõe a maior ocorrência de dor.

A relação entre dor e quedas, na pesquisa de Dellarozza et al. (2014) identificou a prevalência de queda em 28% entre os idosos incluídos nas análises, 26,4% para aqueles sem dor crônica e 31,6% para os com dor crônica, sem diferença estatística. Diante dos resultados aqui apresentados há que se reforçar a importância de ações de prevenção de quedas em idosos. As consequências das quedas na qualidade de vida e sobrevida de idosos são comprovadas.

Os resultados do estudo de Lini et al. (2016) mostraram associação entre dor crônica e prática de atividades físicas. A dor crônica atrapalhava e servia de empecilho para a prática de atividades físicas (KRUG et al., 2013; LINI et al., 2016). O fator preponderante na dificuldade em realizar atividades físicas é justamente a localização da dor, visto que atinge primariamente os membros inferiores, superiores, coluna lombar e cervical. A dor crônica dificulta a movimentação, restringe a amplitude de movimento e conseqüentemente torna-se uma barreira à prática de atividade física.

Referindo-se aos desfechos no estudo de Santos et al. (2011) houve uma eficácia superior do programa de autogerenciamento da dor (AGD) nos idosos com dor crônica (em comparação com o programa educativo controle) no controle da dor, evidenciando uma tendência à diminuição da dor com o programa, e piora da mesma com o programa controle, sendo que em relação a essa piora, a diferença foi estatisticamente significativa. Isto poderia sugerir uma





tendência à melhora da dor com o programa (AGD), e talvez, uma superioridade na eficácia fosse demonstrada numa amostra adequada.

Já no estudo de Santos et al. (2015) idosos que praticavam atividade física apresentaram menor prevalência de dor crônica. No presente estudo, constatou-se que ser fisicamente ativo no lazer ficou significativamente associada a menor prevalência de dor crônica. A prática de atividades físicas pelos idosos, principalmente no lazer, proporciona oportunidades para uma vida mais ativa, saudável e independente, contribuindo para a manutenção da autonomia e melhora da qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta revisão integrativa foi possível verificar a prevalência de distúrbios osteoarticulares que acometem a qualidade de vida dos idosos. Ficou evidenciado que a dor está entre os principais fatores que podem impactar negativamente a qualidade de vida do indivíduo idoso, pois limita suas atividades, numa perspectiva biopsicossocial.

A constatação de que as mulheres, a baixa escolaridade e a pior situação econômica apresentam maior prevalência de dor crônica entre os idosos representa um importante achado, que poderá subsidiar políticas de saúde pública focadas na atenção ao idoso. Da mesma forma, a associação entre ocorrência de dor crônica e percepção de saúde ruim ou muito ruim, aliada à associação entre escores de qualidade de vida, quedas e prática de atividade física apontam a importância de se incluir, na avaliação global do idoso, a mensuração da experiência dolorosa, buscando adequada manutenção e maior impacto na redução da morbimortalidade nessa população.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Louise G. et al. Escala de Locus de controle da dor: adaptação e confiabilidade para idosos. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 14, n. 5, p. 438-445, Oct. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552010000500014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-35552010000500014>.

BETTIOL, Camila Helen de Oliveira et al. Fatores preditores de dor em idosos do Município de São Paulo, Brasil: Estudo SABE 2006 e 2010. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 9, e00098416, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017000905012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 mai. 2018. Epub Sep 28, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00098416>.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CUNHA, Lorena Lourenço; MAYRINK, Wildete Carvalho. Influência da dor crônica na qualidade de vida em idosos. **Rev. dor**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 120-124, June 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132011000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-00132011000200008>.

DELLAROZA, Mara Solange Gomes et al. Associação entre dor crônica e autorrelato de quedas: estudo populacional ? SABE. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 522-532, Mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014000300522&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00165412>.

DELLAROZA, Mara Solange Gomes; PIMENTA, Cibele Andrucio de Mattos; MATSUO, Tiemi. Prevalência e caracterização da dor crônica em idosos não institucionalizados. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 5, p. 1151-1160, May 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000500017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000500017>.

DIAS, Joao Marcos Domingues. Tratamento dos distúrbios osteoarticulares no idoso. In: PERRACINI, Monica Rodrigues; FLÓ, Claudia Marina (Orgs.). **Funcionalidade e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 146 p. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

LINI, Ezequiel Vitorio et al. Prevalência de dor crônica autorreferida e intercorrências na saúde dos idosos. **Rev. dor**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 279-282, Dec. 2016. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132016000400279&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mai, 2018. <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20160089>.

MELO, Anna Cássia Fernandes et al. Prevalência de doenças musculoesqueléticas autorreferidas segundo variáveis demográficas e de saúde: estudo transversal de idosos de Goiânia/GO. **Cad. saúde colet.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 138-143, Apr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2017000200138&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201700010274>.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVAO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

KAYSER, Bárbara et al. Influência da dor crônica na capacidade funcional do idoso. **Rev. dor**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 48-50, Mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132014000100048&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20140011>.

KRUG, Rodrigo de Rosso et al. A dor dificulta a prática de atividade física regular na percepção de idosas longevas. **Rev. dor**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 192-195, Sept. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132013000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-00132013000300008>.

PIMENTELA Wendel Rodrigo Teixeira et al. Quedas e qualidade de vida: associação com aspectos emocionais em idosos comunitários. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 9, n. 2, p. 42-8, Abr/Jun 2015. Disponível em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/1443207095_GG_v9n2.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2018.

SANTOS, Fania Cristina et al. Programa de autogerenciamento da dor crônica no idoso: estudo piloto. **Rev. dor**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 209-214, Sept. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132011000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-00132011000300003>.

SANTOS, Franco Andrius Ache dos et al. Prevalência de dor crônica e sua associação com a situação sociodemográfica e atividade física no lazer em idosos de Florianópolis, Santa Catarina: estudo de base populacional. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 234-247, Mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2015000100234&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 mai. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-5497201500010018>.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“PROFESSORA, EU POSSO TOCAR ESSA MÚSICA PARA VOCÊ!”: DISSEMINANDO DIFERENÇAS¹

"TEACHER, I CAN PLAY THAT MUSIC FOR YOU!": DISSEMINATING
DIFFERENCES

Benicio Backes (UCDB/MS)²

Resumo: Estudo sobre estratégias e iniciativas de infiltração da história e cultura afro nas escolas municipais de Novo Hamburgo, demandadas pela Lei Nacional 10639/2003, por professoras militantes da causa negra, num contexto de colonialidade germânica. Centra-se sobre a afirmação identitária negra e de reconhecimento de sua participação ativa na vida social, econômica e cultural da cidade desde seus inícios de formação. Sinaliza para a perspectiva de práticas pedagógicas interculturais críticas como fomento de dispositivos de saber/poder nos espaços escolares e de sala de aula, com ênfase numa compreensão de culturas no plural. Dessa forma, favorece ressignificações e/ou redimensionamentos do vivido como experiência concreta além de promover a desnaturalização de inferiorizações/subalternizações produzidas/reiteradas pela modernidade/colonialidade em torno de diferenças raciais e culturais.

Palavras-chave: Lei 10639/2003. Colonialidade. Interculturalidade crítica.

Abstract: Study on strategies and initiatives to infiltrate Afro history and culture in the municipal schools of Novo Hamburgo, demanded by National Law 10639/2003, by militant teachers of the black cause, in a context of Germanic coloniality. It focuses on the black identity affirmation and recognition of its active participation in the social, economic and cultural life of the city from its beginnings of formation. It points to the perspective of critical intercultural pedagogical practices such as the promotion of knowledge/power devices in school and classroom spaces, with an emphasis on an understanding of plural cultures. In this way, it favors redeterminations and/or resizing of the lived as a concrete experience, besides promoting the denaturalization of inferiorizations/subalternizations produced/reiterated by the modernity/ coloniality around racial and cultural differences.

Keywords: Law 10639/2003. Coloniality. Critical interculturality.

INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo mostrar estratégias/iniciativas de infiltração da História e Cultura Afro nas escolas municipais de Novo Hamburgo, como demandadas pela Lei Nacional 10639/2003 (BRASIL, 2003), por professoras militantes da causa negra, num contexto de colonialidade germânica. Centra-se sobre uma destas possibilidades de infiltração: a de afirmação identitária negra e de reconhecimento de sua participação ativa na vida social, econômica e cultural da cidade desde seus inícios de formação.

¹ O estudo, fruto da pesquisa em andamento, insere-se na linha de pesquisa “Diversidade Cultural e Educação Indígena” do PPG Doutorado em Educação - UCDB/MS.

² Doutorando em Educação - UCDB/MS. Mestre em Educação/ UNISINOS. Professor da Universidade Feevale. <benicio@feevale.br>





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Para a produção de dados foram utilizadas partes de falas de seis professoras³, militantes da causa negra, que atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental em escolas municipais de Novo Hamburgo, entrevistadas no segundo semestre de 2016. E, na perspectiva de compreensão de diferentes forças em relações de articulação (HAL, 2013) e negociação (BHABHA, 2014) quanto à inserção de atividades que contemplem a História e a Cultura Afro-brasileira em sala de aula, recorreremos ao campo dos estudos culturais em diálogo com os estudos pós-coloniais e com estudos do grupo modernidade/colonialidade.

Nesses contextos, a discussão aproxima-se da noção de "entre-lugares" (BHABHA, 2014), lugares de enunciação propensos à produção e disseminação de novas diferenças. Diferenças produzidas, transformadas, ressignificadas no encontro de culturas. Um encontro de culturas que se produz como "trabalho fronteiriço" (BHABHA, 2014), levando em conta que a fronteira comporta ambivalência: o que pode sugerir limites é, também, espaço de possibilidades, ou ainda, o que pode sugerir separação é, também, espaço de encontro com a diferença. É essa ambivalência que marca o trabalho fronteiriço tecido nos encontros de cultura, disseminando diferenças, a partir das relações de poder/saber que entram em negociação ou são estabelecidas em estados de articulação. Aproxima-se, ainda, da interculturalidade como possibilidade de promover uma prática intercultural crítica (WALSH, 2009; 2013; CANDAU, 2012; 2014a) em que a mesma se assume como projeto político de proposição de outros conceitos, outros conhecimentos e outros modelos de sociedade.

POTENCIALIDADES DE PRÁTICAS INTERCULTURAIS CRÍTICAS

A produção de relações da cultura e da estética corporal afro, produzida como diferença no trabalho com música, dança, composição e artes visuais (desenho do corpo), pelas professoras da Escola Municipal de Arte em que atua a professora Flor, configura-se como encontro de culturas aberto à produção do novo. Embora a África seja uma das referências nos trabalhos com a arte, não é a busca originária e/ou de uma essência de africanidade que está em jogo, senão a produção da diferença, engendrada nas fronteiras entendidas, principalmente, em suas possibilidades de encontro ao longo das trajetórias das populações negras no Brasil.

³ Os nomes das participantes da pesquisa foram trocados por pseudônimos sugeridos pelas mesmas e, na ausência de sugestão foram trocados por nomes de flores – opção já feita por duas das participantes.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Fizemos um espetáculo no mês passado que foi muito bonito: trabalhamos sons e ritmos da nossa afro-identidade, então muitas coisas que foram trazidas pelos negros da África e que, depois, foram sendo misturadas com a cultura do Brasil, chegando até hoje (Profª Flor).

O espetáculo que resulta desse tipo de encontro, não tem como ser reduzido à manifestação do exótico como é próprio da colonialidade de poder (QUIJANO, 2005; GROSGOUEL, 2008) que procura desautorizar as diferenças no que elas têm de potencial de luta e de resistência. Antes é expressão de uma identidade experienciada e tecida como “entre-lugar”, como “trabalho fronteiriço” (BHABHA, 2014), uma identidade traduzida como “afro-identidade” (Profª Flor). Uma afro-identidade que se assume como um compromisso pela sua construção o que implica o conhecimento da história de luta do povo negro, como experiência de diáspora (HALL, 2013). Enfim, uma afro-identidade construída com base na historicidade da diferença racial, tecida como resistência e luta contra a escravização de pessoas negras e, também, como luta pela afirmação cidadã em seu sentido mais amplo.

Próximo deste mesmo contexto de afro-identidade, produzido em torno de atividades que propiciam identificações com a cultura afro-brasileira, tem-se o relato da professora Rosa:

No ano passado nós tivemos [...] uma feira [...]. Foi uma oficina de Abayomi a manhã inteira e muito legal porque muitos adultos que vinham à feira - pais e jovens do EJA - participaram. Aí tu consegues ver a entrega: - Opa, isso aqui é da minha cultura; eu vou me deixar participar. Outra professora, que hoje está no Centro Ambiental, trabalhou com os alunos dela de 7ºs e 8º anos, as vestimentas afro e aí nesse enrolar meus alunos do 5º ano trabalharam uma música afro. E essa música era em Iorubá, numa língua africana e depois ela é traduzida para o português. Então entendiam o que estava sendo dito e falava muito de deus e aí eu consegui introduzir isso porque ela falava de deus. E quando chegou nesse dia do sábado letivo tinha um menino que é tamboreiro de uma terreira e ele falou para mim: - Professora, eu posso tocar essa música para você!

A forma como a professora Rosa descreve o envolvimento dos participantes - estudantes e adultos - numa feira alusiva às comemorações da Semana da Consciência Negra, numa escola da Rede, em 2015, ao marcar a identificação de um menino negro com algo de sua cultura como expressão de uma cultura que o constitui, mostra a potência de uma prática intercultural crítica (WALSH, 2009; 2013; CANDAU, 2012; 2014a). Uma prática em que o acesso ao conhecimento e a experimentação de diferentes práticas/saberes alça-se à condição de empoderar o menino no sentido de deixar-se participar, isto é, deixar-se envolver pela experiência do vivido.

O deixar-se participar assume-se aqui como um mergulho numa cultura que até então parecia apenas reconhecida em espaços restritos, marcados, talvez, pela especificidade que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

parece ser própria de práticas mais circunscritas a determinadas circunstâncias, atividades e/ou eventos. Ou ainda, talvez relegados a lugares secundários, inferiorizados pelas culturas em disputa hegemônica. O deixar-se participar, mostra-se assim, a possibilidade de se afirmar a partir dos traços de uma cultura que o constituem e que, mediante a confrontação dos atravessamentos de relações de poder/saber, instituintes de diferenças, cria/produz as condições de sua visibilidade.

Nessa mesma atividade, uma feira em que se trabalha com a confecção da boneca Abayomi - uma boneca símbolo da diáspora africana, carregada de memória, história, ancestralidade e resistência – trabalha-se também com a vestimenta afro e a música afro. É interessante notar que a professora Rosa ao trabalhar a música afro, em Iorubá, escolhe uma música que tem em sua letra a palavra deus, uma palavra muito presente na cultura religiosa cristã/evangélica da região – uma presença que todas as participantes da pesquisa trazem como uma dificuldade para a inserção de temáticas da história e da cultura afro nas escolas e em sala de aula. É a palavra deus que parece sugerir uma "relação de equivalência" (LACLAU, 2011), transformando-a em adesão à música. "Um lugar vazio" (LACLAU, 2011), sem conteúdo próprio, mas capaz de produzir uma identificação, mesmo que transitória. E ao produzir essa identificação, não sugere apenas a adesão do grupo, mas sobretudo empodera um menino, tamboreiro de uma terreira, a tocá-la no tambor.

Nessa mesma perspectiva de se pensar algumas equivalências, tem-se a fala da professora Ísis Angela que aponta para algumas similitudes, embora marcadas pela diferença, que se encontram em diferentes manifestações religiosas:

E aí estou no meio de uma aula substituindo e alguém diz: - Para aí com tuas macumbas! Parei tudo. - Querem saber sobre macumba mesmo? Então está aí a professora macumbeira que vai dizer para vocês. Primeiro vou dizer que macumba é um instrumento musical parecido com reco-reco que é um pedaço de tronco de árvore que a gente esfrega com graveto e faz som. Então macumba não é religião. Alguns se apelidam carinhosamente como macumbeiros como eu, mas macumba não é religião. Então é a primeira coisa que vocês têm que saber. E outra, que existem várias formas da gente glorificar a Deus. Vocês não têm os louvores que escutam? Eu canto ponto. Vocês não têm a oferta que é feita lá na igreja? Eu faço oferenda e o nome é até parecido. É a única diferença, gente! E uso roupas diferentes. Algumas mulheres, geralmente as evangélicas, não usam saias compridas? A minha também é comprida, só é mais rodada. E de vez em quando, em trabalho, dou uns giros, mas nada diferente (Profª Ísis Angela).

A afirmação de macumbeira nasce do encontro com a diferença que se confronta e, também, tem na palavra deus um início de uma relação de equivalência: a diversidade de formas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

de glorificação de deus (profª Ísis Angela). A aposta na apresentação de similitudes quanto às diferenças religiosas aponta para um jogo de relações de saber/poder que se dão na tentativa de buscar uma aproximação que é também distanciamento (GOMES, 2002) e, dessa forma, numa perspectiva intercultural crítica, procura favorecer o questionamento de representações negativas e estereotipadas, produzidas ao longo da história, entre grupos socioculturais e raciais diferentes.

A forma como a professora Ísis Angela conduz o questionamento, confrontando práticas similares de culturas diferentes, estilhaça práticas que se pensavam até então monoculturais, sejam elas na ordem do religioso, na ordem do conhecimento, na ordem de ser/estar no mundo. É um questionamento que se lança como um convite ao conhecimento da multiculturalidade, um termo que devido à polissemia que o mesmo carrega, aqui se assume como crítica a qualquer prática que se pretenda monocultural (VEIGA-NETO, 2003), reconhecendo e afirmando diferenças como práticas/discursos forjados nas relações de saber/poder, em interação, nos encontros de cultura que se dão em processos de negociação. Logo, nesses processos de negociação não estão em jogo possibilidades de superação dessa ou daquela prática, como se houvessem práticas a serem discriminadas e/ou negadas. Antes, o que se tem desses processos, é a possibilidade do (re)conhecimento, da afirmação e da disseminação de diferenças.

Esse é, também, o pensamento que toma conta da professora Lyntia ao articular a montagem de um teatro com as crianças, junto a uma colega, contando um pouco da história do povo negro que perpassa a história daquela comunidade na qual se encontravam inseridos:

A gente era ali da comunidade. A gente cresceu juntas e se deu conta de que aquelas crianças eram os filhos dos nossos colegas que haviam estudado junto conosco na infância. - Bah, vamos contar para eles um pouco dessa história? Como foi que perpassou nossos antepassados? Os povos que contribuíram? [...] e a gente montou um teatro. Esse teatro a gente apresentou para toda a escola. [...] as crianças se envolveram de uma forma tal que elas começavam a nos cobrar mais ensaios. Ficou uma coisa muito bacana (Profª Lyntia).

O pensar sobre as crianças da escola mergulha a professora Lyntia em sua própria história. Ao revivê-la, é capaz de enxergar a sua história e a história dessas crianças compondo a historicidade de toda uma comunidade que se tece como luta, resistência, afirmação e que condiciona sua vida, sua inserção na cidade, no mundo do trabalho, da cultura e do lazer, sua representação e representatividade. A percepção que resulta desse tipo de experiência com a própria infância, traduz-se em inspiração artística, mobilizadora de produção e disseminação de conhecimento. Articular a história da própria comunidade em forma de teatro, envolvendo





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

corpo, movimento, música, palavra, ritmo (re)atualiza experiências, mobiliza o pensamento, potencializa a criação e produz conhecimento de si que é, também, conhecimento da (sobre a) comunidade e do (sobre o) mundo.

A menção – “os povos que contribuíram” – marca a necessidade de (re)conhecimento de uma história que ainda tem pouco espaço de legitimação no currículo escolar. E contar essa história, (re)montando-a em cenas de “dramatização”, envolvendo os alunos a ponto de “cobrarem mais ensaios” (Prof^a Lyntia), de certa forma, rompe com uma lógica monocultural de reconhecimento de/da história como aquilo que se encontra por escrito e que se procura (im)por, nessa perspectiva, como única forma de produção de conhecimento válido. Nesse sentido, os dois movimentos tensionados pela professora Lyntia – trazer a história dos que contribuíram e (re)vivê-la, experienciá-la e contá-la em forma de teatro – constituem-se uma prática pedagógica intercultural inundada pelo local e pela experiência vivida, sem significar fechamento sobre si mesmo. Antes, mostra-se como possibilidade de tensionamento das relações de poder que produzem determinadas representações e posições de sujeito em determinadas comunidades/sociedades/culturas (SILVA, 2000a).

Dentro desses contextos de tensionamento situa-se também a referência que a professora Violeta faz ao Programa Mais Educação, transformado pelas escolas municipais de Novo Hamburgo, em estratégia de inserção da cultura afro nas escolas:

Nós temos, hoje, a totalidade das escolas municipais que têm o Programa Mais Educação, e uma das oficinas mais trabalhadas e que tem uma inserção muito forte é a Capoeira. [...] Então isso ganhou outra visibilidade. [...] eu vejo que só o fato da escola em algum momento, mesmo que seja em momentos diferenciados, trazer isso para discussão, alcançar material, oportunizar momentos, oportunizar projetos e ver os alunos jogando capoeira [...] todos ali envolvidos numa mesma atividade. Quando se vê os alunos com a questão do Hip Hop; quando se vê os alunos com a questão do Funk no sentido que é uma questão cultural e sabendo que é aquilo, de onde vem, qual a origem; quando se vê o aluno participando de uma oficina de máscaras africanas; quando se vê um aluno olhando quais são realmente os países da África; identificando quais são as palavras que são do português e quais são as palavras do nosso dia a dia que são de origem africana; quando a gente vê os nossos alunos visitarem espaços aqui próximos, um bairro próximo aqui, onde foi uma antiga senzala, de pessoas que tinham escravos e que muitos não sabiam. - Mas a gente nem sabia que tinha em Novo Hamburgo - e que é um museu hoje, uma casa cultural aberta. Então essas coisas vão abrindo (Prof^a Violeta).

As diferentes atividades, cada qual com uma especificidade, dentro de um determinado contexto, produzem outras leituras, outros olhares, outros movimentos, outras discussões, outros encontros, outras artes, outras danças. Enfim, produzem outras relações acenando para as diferenças como uma expressão identitária em encontro com outras expressões identitárias





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

e, também, como possibilidade de manutenção de sua matriz cultural (CANDAU, 2014b). A força do dizer – “essas coisas vão abrindo” (Prof^a Violeta) – carrega consigo a potência de uma luta que se dá em diferentes direções e se mostra como prática intercultural que se tece no encontro da diferença cultural, (re)afirmando-se e (re)potencializando-se como tal ao direito à existência, marcada por relações de saber e poder, fragilizando velhas práticas preconceituosas, discriminatórias e racistas, baseadas em diferenças transformadas em desigualdades.

Diferentes momentos de sensibilização, de contato, de manuseio, de discussão de questões que envolvem a história e a cultura afro-brasileira, “mesmo que seja em momentos diferenciados” (Prof^a Violeta) podem propiciar novas possibilidades de empoderamento diante das dificuldades em reconhecer-se negro, numa sociedade em que a colonialidade, marca muito viva do pensamento colonial, é (re) atualizada por uma colonialidade germânica que ainda se pretende hegemônica em termos de desenvolvimento cultural e econômico, na cidade de Novo Hamburgo, traduzida como “resguardo de origem” (prof^a Violeta). Uma tendência conservadora que tende a assumir novos contornos diante das várias ações de visualização, empreendidas pela Coordenadoria da Igualdade Racial e pelos professores e professoras em suas aulas, trazendo diferentes contribuições do povo afrodescendente à construção da cidade.

CONCLUSÃO

Debruçando-se sobre cada uma das iniciativas/estratégias de infiltração da história e cultura afro nas escolas municipais de Novo Hamburgo, como descritas e analisadas na presente discussão, entende-se que há, por parte das professoras negras, militantes da causa negra, a opção pelo desenvolvimento de práticas pedagógicas interculturais críticas, apoiadas na afirmação de uma afro-identidade e de busca de reconhecimento da participação ativa da população negra na vida social, econômica e cultural da cidade.

São práticas pedagógicas que, ao mesmo tempo em que tensionam as relações de saber/poder, questionando-as em sua historicidade, procurando desconstruí-las em suas pretensões hegemônicas, fomentam/viabilizam outros dispositivos de saber/poder com ênfase numa compreensão de culturas no plural, favorecendo ressignificações e/ou redimensionamentos do vivido como experiência concreta, além de desnaturalizar inferiorizações/subalternizações produzidas pela modernidade/colonialidade em torno de diferenças raciais e culturais. E, dessa forma, são capazes de despertar o “orgulho da sua cultura, da sua história” (Prof^a Jurema) e transformá-lo em empoderamento tensionando o apagamento





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

histórico de suas lutas, resistências e criações, conferindo-lhes nova visibilidade. Uma visibilidade empoderada. Uma visibilidade orientadora e potencializadora de afirmação cidadã, cultural, religiosa, social, econômica e política.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.678, de 23 de maio de 2003**. Cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República, e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/2003/L10.678.htm>. Acesso em: 26 out. 2017.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, mar. 2012.

_____. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014a.

_____. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014b. p. 23-41.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria**, Belo Horizonte: UFMG, p. 38-47, 2002.

GROSGOUEL, RAMÓN. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-14, mar. 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-130.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, ago. 2003.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 12-42.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonilidade: perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**. Joaçaba. v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PLANEJAMENTO PARA AVALIAÇÃO DE UM JOGO DIGITAL EM DISPOSITIVOS MÓVEIS VOLTADO À ESTIMULAÇÃO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS

PLANNING FOR THE EVALUATION OF AN ELECTRONIC GAME FOR MOBILE
DEVICES AIMED FOR THE EXECUTIVE FUNCTION'S STIMULATION

Bernardo Benites de Cerqueira (Universidade Feevale)¹

Débora Nice Ferrari Barbosa (Universidade Feevale)²

João Batista Mossmann (Universidade Feevale)³

Resumo: Este trabalho apresenta o planejamento para a avaliação e validação de um jogo digital em dispositivos móveis, especificamente *tablets* Android, voltado para a estimulação cognitiva em crianças de 6 a 10 anos de idade no ensino fundamental I. Este planejamento é o resultado de uma adaptação entre plataformas, apresentado em um trabalho anteriormente, do jogo “As Incríveis Aventuras de Apollo & Rosetta no Espaço”. A metodologia proposta para a validação do jogo digital em dispositivos móveis é separada em duas partes: análise de juízes especialistas com experiência na área de funções executivas, através de questionários; e testes de usabilidade e jogabilidade com crianças do público-alvo, através de observação não-participante, questionário SUS e entrevista semiestruturada. As avaliações serão realizadas individualmente em sessões únicas, com acompanhamento de um pesquisador. Espera-se que o planejamento desta avaliação para validar o jogo digital traga contribuições pertinentes de diferentes perspectivas para as alterações necessárias identificadas através das aplicações. Além disso, esta metodologia é voltada para possíveis melhorias e aperfeiçoamento do jogo através do *feedback* dos avaliadores, de modo a permitir uma adaptação efetiva de um jogo entre plataformas.

Palavras-chave: Avaliação de jogos digitais. Funções executivas. Validação de jogos digitais. Planejamento de avaliação.

Abstract: This work presents a planning for the evaluation and validation of an electronic game for mobile devices, specifically Android Tablets, aimed for the stimulation of the executive functions for children from 6 to 10 years old in the elementary school. This planning is the result of an adaptation of a game called “The Incredible Adventures of Apollo and Rosetta in the Space” between platforms, presented in previous work. The proposed methodology for the validation of the electronic game for mobile devices is splitted in two parts: first the judges with experience in the executive functions field will analyze and evaluate the mobile game through questionnaires; second through game tests done with the target audience aiming for usability and playability evaluation through non-participant observation, SUS questionnaire and semi structured interview. The evaluations will be done individually in single sessions, accompanied by a researcher. It is expected that this evaluation planning for electronic game’s validation will bring relevant contribution from different perspectives for necessary modifications identified through the applications. Besides, this methodology aims for the improvement of the game through the evaluator’s feedback, allowing an effective adaptation of the game between platforms.

Keywords: Electronic games evaluation. Executive functions. Electronic games validation. Evaluation planning.

¹ Graduado em Tecnologia em Jogos Digitais pela Universidade Feevale. Bolsista (CAPES) e mestrando em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. bcerqueira@feevale.br

² Doutora e Mestre em Ciência da Computação pela UFRGS. Professora e pesquisadora do PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. deboranice@feevale.br

³ Mestre em Ciência da Computação pela PUCRS. Coordenador e docente do Curso Superior de Tecnologia em Jogos Digitais da Universidade Feevale. mossmann@feevale.br





INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre o planejamento de uma avaliação para a validação de um jogo digital, o qual foi adaptado de uma plataforma (computadores) para outra (tablets). O jogo em questão intitula-se “As Incríveis Aventuras de Apollo & Rosetta no Espaço” (*Apollo e Rosetta*) (MOSSMANN, no prelo), e é voltado para estimulação cognitiva em crianças do ensino fundamental I, de 6 a 10 anos de idade. As atividades (minijogos) para a estimulação cognitiva presentes no jogo *Apollo & Rosetta* foram concebidas por uma equipe multidisciplinar, e foram planejados pela equipe e posteriormente avaliados por especialistas da área da neuropsicologia (MOSSMANN, 2017). De maneira a melhorar a mobilidade e a avaliação do jogo por parte da equipe de desenvolvimento, a equipe de pesquisa decidiu desenvolver estas 7 atividades para plataformas móveis, especificamente para tablets Android (CERQUEIRA et al., no prelo).

É no contexto dos desafios oriundos da adaptação do Exergame⁴ para dispositivos móveis que este trabalho se insere. Além do processo de desenvolvimento do jogo ativo para dispositivos móveis, é preciso planejar a avaliação e validação do jogo adaptado, garantindo que o mesmo mantenha os elementos de estimulação das funções executivas propostos no jogo ativo (Exergame), visto que os elementos de movimento corporal não estão presentes no jogo para dispositivos móveis.

Assim, o objetivo deste trabalho é propor o planejamento para a avaliação e validação do jogo digital voltado para estimulação cognitiva em dispositivos móveis, utilizando olhares de especialistas com experiência na área das funções executivas, assim como do público-alvo em aplicações para a avaliação do jogo digital.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: a próxima seção irá descrever as funções executivas e pesquisas na área, com uma contextualização de adaptação e validação de jogos digitais. Na seção 3, é apresentada a metodologia e o planejamento das avaliações, seguido de duas subseções que irão detalhar os instrumentos de avaliação e uma subseção com detalhamento da análise dos dados das ferramentas voltada para o público-alvo. Por conseguinte, a seção 4 expõe resultados esperados das aplicações e as considerações finais.

⁴ Exergames (ou Jogos ativos) - São uma classe dos jogos digitais no qual o jogador utiliza algum aparelho de detecção de movimentos para realizar os comandos dentro do jogo, ao invés de utilizar um controle (joystick) para tal. O termo deriva das palavras “exercise” e “game”, uma vez que o movimento corporal do jogador é necessário para que possa jogar.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

FUNDAMENTAÇÃO

Atualmente é pesquisado na área da neuropsicologia os processos cognitivos pelos quais o cérebro humano se baseia para a realização de tarefas cotidianas. A pesquisadora Adele Diamond (2013) afirma que as bases dos processos cognitivos, as Funções Executivas (FE), podem ser divididas em três grandes grupos, inter-relacionados: Memória de Trabalho, responsável por relacionar e gerenciar informações, crítica para o raciocínio e resolução de problemas; Controle Inibitório, responsável por refrear e inibir impulsos ou comportamentos inapropriados; e a Flexibilidade Cognitiva, que é a capacidade de alternar o foco atencional entre diferentes tarefas para adaptar-se ao ambiente.

Sabe-se também que é possível ajudar as crianças a desenvolver e aperfeiçoar as habilidades executivas por meio de tarefas lúdicas que trabalham raciocínio, planejamento e controle inibitório. Recentemente, estudos tem demonstrado que níveis elevados de Funções Executivas (FE) no período da infância estão diretamente relacionados a maior capacidade de autocontrole, criatividade e flexibilidade entre tarefas. Além disso, essas habilidades são vistas como essenciais em diversos aspectos da vida dos indivíduos, que vão desde questões fisiológicas de saúde e desenvolvimento cognitivo, até os efeitos delas na vida profissional desses sujeitos (CARLSON, MOSES, & CLAXTON, 2004; DIAMOND, 2013; HUGHES & ENSOR, 2007). O conjunto de processos mentais abordados pela estimulação das FEs auxilia na concentração, atenção e no planejamento de ações dos sujeitos. Assim como a habilidade de não realizar ações impulsivamente e de não efetivar atos instintivos, fatores que também podem ser desenvolvidos através destas estimulações (DIAMOND, 2013). Quando trabalhados com sujeitos como as crianças, esses estímulos podem propiciar melhoras nas ações diante diferentes situações cotidianas, inclusive no contexto escolar. Neste contexto, exercitar as FE para melhorar essas habilidades pode servir como um forte impulso em direção ao sucesso relacionado à leitura, à escrita e à matemática (DIAMOND, 2016; WELSH et al., 2010). Um estudo realizado por Diamond e Lee (2011) traz, nesse sentido, seis aproximações possíveis para a realização de intervenções direcionadas à estimulação das FE em crianças de 4 a 12 anos. Entre estas ferramentas para intervenção estão os programas computadorizados, nos quais se inserem os jogos digitais, voltados a um contexto de estimulação cognitiva ao invés de unicamente o entretenimento. Entretanto, os autores indicam na literatura a existência de contradições nas evidências apresentadas acerca da eficácia da abordagem das FEs através de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

programas computadorizados (Diamond, 2016), demonstrando dessa forma a necessidade de se investir em pesquisas na área destinadas à estimulação das FE.

No contexto deste trabalho, é importante destacar aspectos relacionados a adaptação, avaliação e validação de jogos digitais voltados para a estimulação das FEs. De acordo com Núñez-Valdez et al. (2016) a produção de um jogo é uma tarefa complexa, tendo em vista, entre outras coisas, o grande número de plataformas existentes para se desenvolver e lançar estes jogos. Para Tschang (2005), a combinação de tecnologia, game design e conteúdo artístico, podendo levar à complexidade e incertezas durante o processo de desenvolvimento. Entre os jogadores, é relativamente comum encontrar jogos que após terem sido lançados, passam por um processo de portabilidade (*porting*⁵) de uma plataforma para outra, e se transformam em jogos que, além de serem difíceis de interagir pela falta de controles adequados em relação à plataforma anterior, tornam-se exaustivos e desinteressantes na nova versão, levando ao fracasso como produto para a nova plataforma. Nesse contexto, Kanode & Haddad (2009) trazem para a discussão os desafios enfrentados nos processos de engenharia de software (ES) voltado para jogos digitais, de modo que se possa alcançar uma jogabilidade envolvente. Portanto, a adaptação deve levar em consideração questões de engenharia de software e interações com o usuário (KANODE & HADDAD, 2009), assim como aspectos de jogabilidade, balanceamento e design voltado para uma experiência divertida (KOSTER, 2013). Os jogos digitais são um produto criativo, resultante de um esforço multidisciplinar aplicado no seu desenvolvimento. A indústria de jogos conta com profissionais de distintas habilidades e formações como profissionais vindos de áreas como Ciência da Computação, Design, Comunicação, Música, Jogos digitais, entre outros, por exemplo, especialistas do domínio, presentes principalmente no processo de desenvolvimento de jogos educativos ou de estimulação cognitiva.

Existe atualmente uma vasta literatura acerca do conceito de validade, mas esta grande quantidade é principalmente voltada à validade de situações experimentais, tais quais os conceitos de validade interna e validade externa que se referem ao método de pesquisa específico – o experimento – ou no caso da validade de instrumentos de medição para dados coletados, como conceitos de conteúdo dos instrumentos e a validade do construto – os resultados do ato de pesquisar e o sistema de referências que faz parte da investigação do

⁵ “Porting” (Portabilidade – em tradução livre) – termo da indústria de jogos digitais que se refere a migração do mesmo jogo para diferentes plataformas.





pesquisador (PETERS et al., 1998). Entretanto, de acordo com Peters et al. (1998), a validação tradicional de jogos digitais ou de simulações é mais difícil de se aplicar. Nesse contexto, Vissers et al (2001) argumentam, no que diz respeito a jogos de simulação, que a validação não é meramente a atividade de se testar os jogos diante de um ou mais critérios de validação padronizados, e sim o resultado da motivação e objetivo para se desenhar e justificar os diversos passos tomados na pesquisa do projeto. Nesse ponto de vista mais interativo e de verificação contínua durante o processo de design de um jogo, esta aproximação construtivista se afasta da validação padronizada e entra na seara de que a validação tende a ser uma linha de raciocínio que dá base ao design, seleção e uso de instrumentos de pesquisa e de outros métodos (VISSERS et al. 2001). Nesse contexto de validação, Ribeiro (2017) observa que, no que se trata de jogos educacionais em pesquisas brasileiras, cerca de 59% das investigações não se utilizam de instrumentos de validação.

UMA PROPOSTA DE TÉCNICAS PARA AVALIAÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM JOGO DIGITAL

A investigação na qual este trabalho se insere, do ponto de vista de sua natureza, caracteriza-se como aplicada, uma vez que é voltada para a validação do jogo digital com especialistas de domínio e com o público alvo. Do ponto de vista do método, utiliza-se de uma abordagem mista, qualitativa e quantitativa, e de categoria descritiva com características de levantamento por questionários com juízes especialistas de domínio e observação não-participante, com entrevista semi-estruturada e questionários com o público alvo (PRODANOV & FREITAS, 2013). A versão para dispositivos móveis do *Apollo e Rosetta* será submetida à análise de juízes especialistas com experiência clínica na área das funções executivas e, após as possíveis mudanças identificadas por esta avaliação, será realizada uma avaliação de jogabilidade e usabilidade com o público-alvo, que consiste na aplicação do jogo com crianças de 6 a 10 anos com posterior avaliação. Neste sentido, é preciso organizar os instrumentos de coleta de dados, que envolvem a análise por especialistas, assim como os de jogabilidade e usabilidade através do público alvo, que são abordados a seguir.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS – ESPECIALISTAS COM EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE FUNÇÕES EXECUTIVAS

A avaliação com especialistas na área de funções executivas utilizada nesse planejamento é mista qualitativa-quantitativa, e dividida em duas fases com questionários distintos, conforme





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

proposta por Mossmann (no prelo), ao utilizá-la para a avaliação da versão Exergame de *Apollo & Rosetta*. No contexto deste trabalho, esta parte de avaliação deverá contar com 5 participantes, onde o critério de inclusão dos juízes nesta etapa está baseado na sua experiência na área, devendo ter no mínimo 2 anos de atuação na área das Funções Executivas. Os juízes avaliadores deverão assinar na avaliação um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) do uso dos dados coletados a partir dos questionários para os fins desta pesquisa. No contexto de aplicação, na primeira fase, os especialistas irão analisar, julgar e avaliar acerca de qual a Função Executiva predominante em cada uma das atividades (mini-jogos) dentro do jogo digital para dispositivos móveis. Esta etapa visa validar a FE predominante em cada atividade do jogo digital.

Já na segunda fase, será realizado outro questionário cujo objetivo é avaliar a três questões relativas à clareza, adequação ao público e coerência das atividades com seus objetivos através de Escala Lickert (LIKERT, 1932). Este tipo de escala de resposta psicométrica é usada habitualmente em questionários, e é a escala mais usada em pesquisas de opinião. Ao responderem a um questionário baseado nesta escala, os participantes especificam seu nível de concordância com uma afirmação, de acordo com a análise adotada, responde-se a uma escala de 0 a 5 pontos (0 – discordo totalmente; 1 – discordo; 2 – discordo parcialmente; 3 – concordo parcialmente; 4 - concordo; 5 - concordo totalmente).

Posteriormente, os dados obtidos com os questionários serão cruzados através de medição estatística para avaliar a fiabilidade entre avaliadores utilizando o coeficiente *Kappa* (FONSECA et al, 2007), por ser este o coeficiente mais utilizado para classificação de dados em categorias nominais (CHEN & KRAUSS, 2004). Em situações envolvendo mais de dois juízes para o coeficiente de acordo, diferentes abordagens podem ser adotadas, dependendo da quantidade de participantes (POSNER et al., 1990). O resultado da concordância entre os juízes referente às questões levantadas em cada etapa poderá indicar pontos que deverão ser trabalhados no jogo. Caso a concordância seja considerada satisfatória de acordo com os parâmetros do índice *Kappa*, isso indicará a validação por parte dos especialistas em relação aos pontos abordados.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS – AVALIAÇÃO DE USABILIDADE E JOGABILIDADE COM O PÚBLICO ALVO

A segunda avaliação é qualitativa e aborda 5 participantes voluntários do público-alvo do jogo digital, crianças de 6 a 10 anos de idade, realizada em testes com estes usuários ao jogarem o jogo digital para aplicativos móveis, realizada em sessões únicas e individuais. As técnicas utilizadas nesta avaliação com o público-alvo derivam da metodologia apresentada por Schneider (2015), a qual realiza a avaliação de um jogo educativo ao triangular questões de usabilidade e jogabilidade através de observação não-participante, questionário e entrevista semi-estruturada, enquanto as aplicações são gravadas em vídeo para posterior análise. As crianças participantes deste estudo deverão assinar um Termo de Assentimento e seus responsáveis um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para possibilitar a participação nesta pesquisa. A seguir, uma breve descrição dos instrumentos que serão utilizados para a avaliação de jogabilidade e usabilidade na aplicação do jogo digital para dispositivos móveis:

Observação não participante – Devido à comum recorrência de que o pesquisador que faz a coleta de dados seja integrante da pesquisa ou do grupo de pesquisa que realiza o estudo, esta estratégia garante que “o pesquisador permanecerá em contato com o objeto do estudo, porém não estará integrado a ele, atuando assim, como observador” (MARCONI e LAKATOS, 1999, p.92). Esta ferramenta irá analisar tanto jogabilidade quanto usabilidade, e foi proposta com a finalidade da triangulação das ferramentas.

Questionário SUS – Conforme Prodanov e Freitas (2013), o questionário é uma série orientada de perguntas que deve ser respondida pelo informante. O tipo de questionário utilizado será o System Usability Scale (SUS) (BROOKE, 1996), e será voltado principalmente para a avaliação da usabilidade do jogo, descrito na subseção seguinte.

Entrevista semiestruturada, de acordo com Gil (2002), possibilita retratar na realidade estudada um maior número de elementos devido ao contato direto com o público do estudo. Ademais, a possibilidade de explorar um tema de amplo espectro, como é o caso da experiência individual de jogo, esta técnica permite que se adentre nas opiniões do entrevistado, uma vez que não há rigidez de roteiro (PRODANOV & FREITAS, 2013), Esta ferramenta tem por foco a jogabilidade, embora não seja exclusiva para esse fim.





ANÁLISE DE DADOS DA AVALIAÇÃO DE JOGABILIDADE E USABILIDADE COM CRIANÇAS:

As avaliações de jogabilidade e usabilidade serão analisadas conforme os elementos a seguir. É importante ressaltar que os instrumentos propostos por Schneider (2015) foram construídos visando a análise através dos elementos aqui presentes. Portanto, por exemplo, mesmo que o questionário SUS seja voltado principalmente para avaliação de usabilidade, alguns elementos de jogabilidade também podem ser analisados através desta ferramenta, como é o caso do elemento Regras (1º elemento de Jogabilidade) e Consistência e Padrões (1º elemento de Usabilidade). O mesmo ocorre na entrevista semiestruturada, que é voltada para a jogabilidade, porém elementos da usabilidade também podem ser encontrados em algumas questões. Enquanto isso, a observação não-participante é ubíqua, ou seja, foi construída sobre os elementos tanto de jogabilidade quanto de usabilidade, logo, é voltado para a sustentação, assim como a triangulação, dos achados na análise de um ou de outro.

A seguir, estão dispostos os elementos utilizados na avaliação de jogabilidade:

1. **Regras:** clareza e entendimento sobre o que o jogador pode ou não fazer no jogo;
2. **Mecânicas:** soma de elementos de interação disponíveis no jogo e suas contribuições para o estado de jogo;
3. **Objetivos:** clareza do objetivo no jogo, e a possibilidade do jogador de adotar diferentes posturas para efetuar os objetivos;
4. **Arena:** abrangência e complexidade do espaço onde ocorre o jogo, com base nas regras estabelecidas, contribuindo para a imersão do jogador;
5. **Voluntário:** opção do jogador de ter a opção de jogar o jogo de uma ou outra forma, garantindo que a atividade seja voluntária, prazerosa e divertida, assim como o prazer e a motivação em jogar;
6. **Fator incerteza:** fatores que fazem do jogo uma atividade interessante, pois garante a incerteza sobre como o jogo irá acabar, ou como serão as próximas atividades;
7. **Gameplay:** é a união das interações, regras, mecânicas do jogo e o lúdico, onde o jogador compreende e desenvolve estratégias de jogo;
8. **Resultados:** parte fundamental dos jogos, determinante do sucesso ou fracasso sobre os objetivos, podendo ser finais ou parciais;





9. **Competição:** ocorre quando há a possibilidade de o jogador criar um desafio para si mesmo, tais quais vencer o jogo ou outros jogadores;
10. **Faz de conta:** é o fator que torna as ações do jogador significativas dentro do ambiente do jogo, no contexto da relação do jogador com o jogo ao jogar.

Por conseguinte, os elementos utilizados para análise da usabilidade são detalhados:

1. **Consistência e padrões:** avalia o risco de o usuário conferir diferentes significados para elementos desenvolvidos com as mesmas finalidades.
2. **Controle do usuário e liberdade:** avalia se o sistema possibilita ao usuário fazer, desfazer ou refazer ações;
3. **Visibilidade de status, flexibilidade e eficiência de uso:** avalia se o sistema informa ao usuário o estágio em que se encontra e o que está acontecendo, e se atende a esse quesito tanto aos usuários com maior quanto de menor experiência.
4. **Prevenção de erros:** avalia se não há propensão ao erro por parte do sistema, como situações ou ações propícias ao engano para o usuário.
5. **Equivalência entre o sistema e o mundo real:** avalia se a linguagem utilizada pelo sistema como um todo é compreensível para o usuário;
6. **Reconhecimento:** avalia a exigência do sistema pela lembrança de instruções por parte do usuário, sem ter condições de acessá-las quando necessário;
7. **Estética e design mínimo:** avalia se o sistema apresenta apenas o que é relevante para a realização dos objetivos, sem excessos;
8. **Ajuda e documentação:** avalia se as instruções são de fácil compreensão pelo usuário;
9. **Eficácia:** avalia o desempenho do usuário diante das tarefas propostas, com foco na análise da velocidade de execução e quantidade e erros;
10. **Aprendizagem:** avalia o desempenho do jogador desde o início do uso do produto, incluindo avaliação do tempo de treinamento/instrução, seu uso e a necessidade de revisão das instruções;
11. **Flexibilidade:** avalia a capacidade de adaptação dos usuários a novas tarefas, além das especificadas pelo sistema;
12. **Atitude:** avalia o desempenho relacionado ao conforto e satisfação do usuário ao utilizar o sistema.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi de propor um planejamento para a avaliação e validação de um jogo digital voltado para a estimulação cognitiva através de dispositivos móveis com crianças do ensino fundamental I. Para este fim, foi desenhada uma proposta que é capaz de abordar tanto os especialistas de domínio com experiência na área de funções executivas quanto os próprios usuários do jogo digital ao manusearem e jogar o jogo através de aplicações individuais. A proposta metodológica é fundamentada em duas propostas distintas de autores que utilizaram as técnicas aqui descritas para as finalidades do presente trabalho.

Espera-se que com a aplicação desta proposta, possíveis falhas, na ótica dos públicos abordados, possam ser identificadas e corrigidas para aperfeiçoar este jogo educacional voltado para a estimulação cognitiva.

Como futuros trabalhos, após a aplicação desta metodologia para avaliação e validação, e com o jogo resultante desta etapa de pesquisa já validado, este possa ser utilizado em um estudo-piloto em âmbito escolar com crianças de 6 a 10 anos de idade. Nesse sentido, o jogo para dispositivos móveis poderá atingir um número maior de usuários devido à sua mobilidade, e terá como finalidade identificar as possíveis contribuições para a estimulação cognitiva dentro da área de programas de estimulação computadorizados, especificamente os jogos digitais, através da nova versão mobile.

REFERÊNCIAS

BROOKE, J; "SUS: A "quick and dirty" usability scale". In: P.W. Jordan, B. Thomas, B.A. Weerdmeester & I.L. McClelland, **Usability Evaluation in Industry**, (pp.189-194), London, Taylor and Francis, 1996.

CARLSON, S.; MOSES, L.; & CLAXTON, L; Individual differences in executive functioning and theory of mind: An investigation of inhibitory control and planning ability. **Journal of experimental child psychology**, v. 87, n. 4, p. 299-319, 2004.

CERQUEIRA, B. et al; Adaptation of an educational Exergame to mobile platforms: A development process. **The 7th LTEC**, no prelo.

CHEN, P.; KRAUSS, A.; Interrater agreement. **The sage encyclopedia of social science research methods**, v. 2, p. 511-513, 2004.

DIAMOND, A.; Executive functions. **Annual review of psychology**, v. 64, p. 135-168, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DIAMOND, A.; Why improving and assessing executive functions early in life is critical. **Executive function in preschool-age children: Integrating measurement, neurodevelopment, and translational research**, p. 11-43, 2016.

DIAMOND, A., & LEE, K; Interventions shown to aid Executive Function development in children 4 to 12 years old. **Science**, v.333, n. 6045, p. 959-964, 2011.

FONSECA, R. et al; Acordo inter-juízes: O caso do coeficiente kappa. **Laboratório de Psicologia**, p. 81-90, 2007.

GIL, A; **Como elaborar projetos de pesquisa**. São paulo: Ed. Atlas, 2002.

HUGHES, C. & ENSOR, R.; Executive function and theory of mind: Predictive relations from ages 2 to 4. **Developmental psychology**, v. 43, n. 6, p. 1447, 2007.

KANODE, C.; HADDAD, H; Software engineering challenges in game development. In: **Information Technology: New Generations**. Sixth International Conference on ITNG'09. IEEE, p. 260-265, 2009.

KOSTER, R; **Theory of fun for game design**. O'Reilly Media, Inc., 2013.

Likert, R. A technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**. New York: Columbia University Press, 1932.

MARCONI, M.; LAKATOS, E; **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MOSSMANN, J. et al; Evaluation of the Usability and Playability of an Exergame for Executive Functions Stimulation and Its Development Process. **International Conference on Engineering Psychology and Cognitive Ergonomics**. Springer, Cham, 2017.

MOSSMANN, J; Exergames Como Mediadores Da Estimulação De Componentes Das Funções Executivas Em Crianças Do Ensino Fundamental I. Tese (Doutorado em Informática na Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação – PPGIE**, UFRGS. Brasil (no prelo)

NÚÑEZ-VALDEZ, E. et al; A model-driven approach to generate and deploy videogames on multiple platforms. **Journal of Ambient Intelligence and Humanized Computing**, v. 8, n. 3, p. 435-447, 2017.

PETERS, V. et al; The validity of games. **Simulation & Gaming**, v. 29, n. 1, p. 20-30, 1998.

POSNER, K. et al; Measuring interrater reliability among multiple raters: an example of methods for nominal data. **Statistics in medicine**, v. 9, n. 9, p. 1103-1115, 1990.

PRODANOV, C.; FREITAS, E; **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SCHNEIDER, G.; **Avaliação de jogabilidade e usabilidade do jogo corrida gramatical na instituição AMO de Novo Hamburgo**. Dissertação. Editora Feevale, Novo Hamburgo, 2015.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

THORELL, L. et al.; Training and transfer effects of executive functions in preschool children. **Developmental science**, v. 12, n. 1, p. 106-113, 2009.

TSCHANG, T; Videogames as interactive experiential products and their manner of development. **International Journal of Innovation Management**, v. 9, n. 01, p. 103-131, 2005.

VISSERS, G. et al; The validity of laboratory research in social and behavioral science. **Quality and Quantity**, v. 35, n. 2, p. 129-145, 2001.

WELSH et al.; The development of cognitive skills and gains in academic school readiness for children from low-income families. **Journal of Educational Psychology**, 102(1), 43-53, 2010.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

IMPLICAÇÕES DO *BULLYING* EM ESCOLARES

IMPLICATIONS OF *BULLYING* IN SCHOOLCHILDREN

Bianca Moraes Ludvig¹

Denise Bolzan Berlese²

Resumo: A presente pesquisa descritiva, quantitativa, transversal, teve por objetivo investigar as implicações do bullying em escolares. Participaram do estudo 60 escolares na faixa de idade dos 10 aos 12. Como instrumento utilizou-se o questionário KIDSCAPE. A análise foi realizada com auxílio do software SPSS 24.0. Como resultado evidenciou-se que 52 (90%) dos alunos sofreram *bullying* no contexto escolar, 42 (81%) sofrem dos 5 aos 11 anos; 23 (44,2%) sofreram *bullying* a mais de um ano e 34 (65,4 %) sofreram essa agressão diversas vezes ao dia. O local de maior ocorrência é no pátio da escola (67,3%) e 16 (30,8%) abordam que o *bullying* causa consequências ruins. Em relação aos culpados 22 (55,8%) relatam que são os agressores e 51 (98,1%) são do sexo masculino. Quanto as formas de agressão, evidenciou-se que 21 (40,4%) são agredidos verbalmente. Quando questionados sobre o que pode ser realizado para minimizar as agressões 15 (28,8%) referem que deve-se chamar os pais e 30 (57,7%) relatam já terem agredido alguém. Por fim, entende-se que a escola deve ficar atenta as mudanças de padrões comportamentais dos alunos, e criar estratégias capazes de minimizar a ocorrência e a frequência desse tipo de agressão.

Palavras chaves: Crianças, Adolescentes, *Bullying*, Contexto escolar.

Abstract: This descriptive, quantitative, cross - sectional study aimed to investigate the implications of bullying in schoolchildren. Sixty students in the 10 to 12 age group participated in the study. As a tool, the KIDSCAPE questionnaire was used. The analysis was performed using SPSS 24.0 software. As a result it was evidenced that 52 (90%) of the students suffered bullying in the school context, 42 (81%) suffer from 5 to 11 years; 23 (44.2%) suffered bullying for more than one year and 34 (65.4%) suffered this aggression several times a day. The most frequent place is in the school yard (67.3%) and 16 (30.8%) report that bullying causes bad consequences. Concerning the culprits, 22 (55.8%) report that they are aggressors and 51 (98.1%) are male. As for the forms of aggression, it was evidenced that 21 (40.4%) are verbally assaulted. When questioned about what can be done to minimize aggression, 15 (28.8%) reported that parents should be called and 30 (57.7%) reported having assaulted someone. Finally, it is understood that the school must be attentive to the changes of the behavioral patterns of the students, and to create strategies capable of minimizing the occurrence and the frequency of this type of aggression.

Keywords: Children, Adolescents, Bullying, School context.

INTRODUÇÃO

Atualmente, utiliza-se o termo *bullying*, de origem inglesa e que, tem no vocábulo *bull*, o significado de “touro”, ou ainda, “bravo, valente”, para caracterizar a violência física ou moral muito comum em crianças e adolescentes. Essas agressões físicas e/ou psicológicas ocorrem, geralmente, nas escolas ou em suas proximidades, intencionadas a causar dor ou desconforto,

¹ Acadêmica do curso de Educação Física da Universidade Feevale Biancaludvig@feevale.br.

² Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Professora do Curso de Educação Física da Universidade Feevale.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

repetidas ao longo do tempo e com nítido desequilíbrio de poder, real ou percebido, entre o agressor e a vítima (ALMEIDA et al., 2008).

Nesse sentido, o *bullying* afeta o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes em idade escolar. Suas principais características são: repetitividade das agressões ao longo do tempo, intencionalidade em causar sofrimento ao outro e desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Esse tipo de violência é considerado fenômeno social e de grupo, no qual todos os comportamentos dos estudantes envolvidos (vítimas, agressores e testemunhas) exercem efeito sobre sua continuidade ou interrupção. Independentemente das taxas de prevalência, as consequências do *bullying* para os estudantes, a comunidade escolar e a sociedade são preocupantes (COELHO, 2016).

Sendo assim, o estudo das temáticas *bullying* e agressividade torna-se relevante, uma vez que ambas impactam na autoestima e na qualidade de vida das crianças. Por isso, deve-se estar atento à ocorrência de *bullying* nas escolas, uma vez que isso pode acarretar desequilíbrios no desenvolvimento social e influenciar as vidas dos acometidos. Contudo, ressalta-se a importância de investigar as temáticas no ambiente escolar, tentando melhorar a socialização, a convivência com todos, para que as relações e os impactos negativos sejam minimizados, melhorando a saúde física e mental dos estudantes, como a ansiedade, a baixa autoestima, depressão, solidão e até suicídio (FREITAS; MARBACK, 2016).

A escola é um espaço que reflete a violência presente na sociedade em geral e na comunidade onde se situa, mas a escola também favorece o aparecimento da violência. No espaço escolar, podem ocorrer diversas manifestações, como a violência física, a simbólica ou institucional, e as microviolências, caracterizadas por atos de incivilidade, humilhações, falta de respeito e discriminação. Esses fenômenos se combinam e se reforçam mutuamente (SILVA, 2015).

Outro fator importante refere-se aos estigmas causados pelo *bullying* que impactam diretamente no sujeito sócio-histórico-cultural, podendo causar danos que perdurarão durante todo o ciclo vital. É muito comum perceber, no ambiente escolar, no contexto educacional. Muitos escolares são discriminados por sua condição corporal: o gordinho, o estrábico, o deficiente, o magricela, os menos aptos fisicamente frente a uma habilidade motora ou performance esportiva, bem como os que apresentam dificuldade de aprendizagem (DE MOARES; HUTZ, 2012).





Sendo assim, o estigma social do *bullying* para os escolares é uma barreira complexa a ser ultrapassada, principalmente quando se trata do período da infância e adolescência, pois essa é uma fase em que o indivíduo deseja encontrar-se como sujeito e consolidar-se como cidadão. Ao considerar o referido acima cabe salientar a importância de investigar as implicações do *bullying* em escolares de uma escola da região do Vale dos Sinos.

MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva, quantitativa e transversal. A amostra não probabilística contemplou 60 escolares dos 10 anos completos aos 12 anos na data da coleta, de ambos os sexos, regularmente matriculadas em uma escola municipal da região do Vale do Sinos. Entende-se por 12 anos escolares com 12 anos 11 meses e 30 dias. Foram incluídos os escolares cujos pais consentiram com a participação no estudo, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menor. Foram excluídos os escolares que apresentaram comprometimento neurológico problemas de audição ou visão, alterações sensoriais ou outra intercorrência/alteração que pudesse comprometer as respostas do instrumento de pesquisa.

Para verificar a ocorrência de *bullying*, os escolares responderam ao KIDSCAPE utilizado pela instituição inglesa de mesmo nome para identificação de *bullying*. O questionário KIDSCAPE contempla 14 questões referentes à ocorrência ou não de *bullying*, quantas vezes o sujeito sofreu algum tipo de intimidação, qual o local onde esse tipo de intimidação ocorreu, quais as consequências dessa intimidação, como classificam essa intimidação e se a criança vitimada já intimidou, agrediu ou assediou alguém. Para análise dos dados foram aplicados procedimentos da estatística descritiva, medidas de dispersão e frequências, com tabulação dos dados no *software SPSS 24.0*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme aludimos, o *bullying* implica o uso sistemático de poder que se traduz em formas distintas. Nesse sentido, apresenta-se na tabela 1 a ocorrência e a frequência desse fenômeno no contexto escolar específico deste estudo.





Tabela 1- Ocorrência e frequência de *bullying* em escolares

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total
	N (%)	N (%)	N (%)
Você já sofreu <i>bullying</i>			
Sim	32 (55,2)	20 (34,5)	52(90)
Não	2 (3,4)	4 (6,9)	6 (10)
Qual idade aconteceu			
Menos de 5	1 (1,9)	0 (0,0)	1(1,9)
De 5 a 11 anos	27 (51,9)	15 (28,8)	42 (81)
11 a 14 anos mais	4 (7,7)	5 (9,6)	9 (17,3)
Última vez que sofreu <i>bullying</i>			
Hoje	5(9,6)	4 (7,7)	9(17,3)
Últimos 30 dias	5(9,6)	3(5,8)	8(14,4)
Último 6 meses	7(13,5)	5(9,6)	12(23,1)
Mais de um ano	15(28,8)	8(15,4)	23(44,2)
Quantas vezes sofreu intimidação			
Uma vez	6(11,5)	10(19,2)	16(30,8)
Diversas vezes	24(46,2)	10(19,2)	34(65,4)
Quase todos os dias/diversas vezes	2(3,8)	0(0,0)	2 (3,8)

Observa-se na tabela 1 que 52 (90%) dos alunos sofreram *bullying* no contexto escolar. Em relação à idade de ocorrência observa-se que 42 (81%) dos investigados sofrem dos 5 aos 11 anos; 23 (44,2%) sofreram *bullying* a mais de um ano e 34 (65,4 %) sofreram essa agressão diversas vezes ao dia.

Num estudo realizado por Cruz et al (2011) com 1.119 crianças observou-se que a maioria das agressões aconteceu no pátio da escola (55,1%). Quanto ao tipo de intimidação, 75,1% foram verbais, 62,4% físicas, 23,8% emocionais, 6,3% racistas e 1,1% sexuais.

Vieira et al (2016) ao questionar crianças e adolescentes se já haviam sofrido algum tipo de agressão na escola, observaram que 29,8% dos meninos e 40,5% das meninas relataram terem sido vítimas de violência na escola pelo menos uma vez. Sobre a experiência de ter cometido alguma agressão contra os colegas, os meninos relataram maior participação, com 32,3% tendo agredido pelo menos uma vez, contra 24,6% das meninas.

Sampaio et al (2015) ao investigarem a frequência do *bullying* no contexto escolar mediante questionário com 232 alunos, observou que 39,6% dos estudantes investigados estão envolvidos com a violência *bullying*, dos quais 22,2% eram vítimas e 17,4% agressores.

Malta *et al.* (2010), em seu estudo que objetivou identificar a ocorrência de *bullying* entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental de 1.453 escolas públicas e privadas das 26 capitais





dos estados brasileiros e do Distrito Federal, observaram que, quando analisada a idade, referente ao não sofrer *bullying*, é mais frequente entre adolescentes mais velhos: 15 anos (73,8%) 16 anos ou mais (74,8); comparados com estudantes de 13 anos (65,3%).

Tabela 2 – Locais de ocorrência, consequência, culpados e forma de agressão de bullying em escolares da região do vale dos Sinos

Locais de ocorrência, consequência, culpados e forma de agressão de <i>bullying</i>	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total
	N (%)	N (%)	N (%)
Onde isso aconteceu			
Indo ou vindo da escola	1 (1,9)	0 (0,0)	1 (1,9)
No pátio da escola	25 (48,11)	10 (19,2)	35 (67,3)
Locais diversos na escola	2 (3,8)	6 (11,5)	9 (15,3)
Em outro local	4 (7,7)	5 (9,6)	9 (17,6)
Como você se sentiu			
Não me incomodou	13 (25,0)	6 (11,5)	19 (36,5)
Me senti assustado	5 (9,6)	3 (5,8)	8 (15,4)
Me senti mal	12 (23,1)	11 (21,2)	23 (44,2)
Não queria mais ir pra escola	2 (3,8)	0 (0,0)	2 (3,8)
Consequências do bullying			
Não teve consequências	15 (28,8)	8 (15,4)	23 (44,2)
Algumas consequências ruins	9 (17,3)	7 (13,5)	16 (30,8)
Consequências terríveis	7 (13,5)	5 (9,6)	12 (23,1)
Me fez você mudar de escola	1 (1,9)	0 (0,0)	1 (1,9)
O que você pensa de quem pratica bullying			
Não penso nada	9 (17,3)	1 (1,9)	10 (19,2)
Tenho pena deles	11 (21,2)	10 (19,2)	21 (40,4)
Não gosto deles	12 (23,1)	9 (17,3)	21 (40,4)
Quem é o culpado pelo fato de você sofrer bullying			
De quem agride	21 (40,4)	8 (15,4)	29 (55,8)
Dos pais deles	4 (7,7)	7 (13,5)	11 (21,2)
Dos professores/direção da escola	3 (5,8)	3 (5,8)	6 (11,5)
De quem é agredido	3 (5,8)	1 (1,9)	4 (7,7)
Dos outros alunos que só assistem e não fazem nada	1 (1,9)	1 (1,9)	2 (3,8)
Você é menino ou menina			
Menino	32 (61,2)	1 (1,9)	33 (63,5)
Menina	0 (0,0)	19 (36,5)	19 (36,5)
Quem intimidou assediou ou agrediu você.			
Menino	32 (61,5)	19 (36,5)	51 (98,1)
Menina	0 (0,0)	1 (1,9)	1 (1,9)
Principais formas de agressão			
Físico/ racista	3 (5,8)	5 (9,6)	8 (15,4)
Verbal	10 (19,2)	11 (21,2)	21 (40,4)
Emocional/ sexual	5 (9,6)	0 (0,0)	5 (9,6)
Racista	0 (0,0)	2 (3,8)	2 (3,8)
Físico/verbal	14 (26,9)	4 (7,7)	18 (34,6)
O que pode ser feito para minimizar as agressões			
Conversar	2 (3,8)	3 (5,8)	5 (9,6)
Chamar os pais	11 (21,2)	4 (7,7)	15 (28,8)
Não sei	3 (5,8)	2 (3,8)	5 (9,6)
Chamar a direção	10 (19,2)	3 (5,8)	13 (25,0)
Ignorar	4 (7,7)	6 (11,5)	10 (19,2)
Agredir	2 (3,8)	2 (3,8)	4 (7,7)
Você já agrediu alguém			
Sim	20 (38,5)	10 (19,2)	30 (57,7)
Não	12 (23,1)	10 (19,2)	22 (42,3)





Observa-se na tabela 2 em relação aos locais de ocorrência que 35 (67,3%) dos investigados são agredidos no pátio da escola. Em relação as consequências do *bullying* 23 (44,2%) sentem-se mal, 23(44,2%) relatam que as agressões não resultaram consequências, 16 (30,8%) abordam que houve consequências ruins e 12 (23,1%) comentam que as consequências foram terríveis. Em relação aos culpados 22 (55,8%) relatam que os culpados são os agressores, 51 (98,1%) são do sexo masculino. Quanto as formas de agressão, evidenciou-se que 21 (40,45) são agredidos verbalmente. Quando questionados sobre o que pode ser realizado para minimizar as agressões 15 (28,8%) referem que é necessário chamar os pais e 30 (57,7%) relatam já terem agredido alguém.

Num estudo realizado por Vieira, et al (2016) participaram 753 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 13 e 20 anos. Ao analisar os locais em que os alunos mais observam atos violentos, os alunos declaram ser a sala de aula como local de maior ocorrência de *bullying* (8,31%). Dentre o total dos estudantes pesquisados, 30,8% foram vítimas e 25,6% dos alunos atuaram como agressores, as formas de agressão mais observadas foi a verbal (55,60%), seguido da agressão física (29%). Comparativamente ao sexo masculino (31%), as meninas (47%) tiveram mais comportamentos violentos. Analisando a vitimização no contexto escolar, foi verificado que, 106 (27,4%) foram vítimas de agressão física, sendo relatado que a forma mais frequente de vitimização o insulto verbal.

Sampaio et al (2015) ao analisar à natureza das agressões sofridas pelas vítimas, observou-se uma prevalência daquelas de natureza verbal (68,2%), com destaque para insultos, xingamentos e apelidos, corroborando com nossos achados.

Linhares et al (2013) ao investigar 141 estudantes observou que a forma mais comum de *bullying* usado contra 58,3% das meninas e 55,6% dos meninos é do tipo verbal por meio da alternativa que apresentava as palavras: coloquei apelido, xinguei ou ri deles”. Sobre o sexo dos agressores, as meninas afirmam ser agredidas tanto por meninos como por meninas (39,1%) e os meninos (55,6%) somente por meninos. Ao comparar os grupos as meninas tendem a ser agredidas principalmente por meninos (66,7%) e os meninos (55,6%) somente por meninos. Dessa maneira, o sexo do agressor tende a ser o mesmo da vítima.

CONCLUSÃO

A partir do exposto até então, podemos perceber que o *bullying* é um fator frequente no contexto escolar. As agressões geram desconforto, sendo os meninos os maiores responsáveis.





A escola parece negligenciar a ocorrência uma vez que grande parte dos investigados são agredidos no pátio. Os escolares entendem que os culpados pela ocorrência do *bullying* são os agressores e a forma mais comum é a verbal. Por fim, entende-se que a escola deve ficar atenta as mudanças de padrões comportamentais dos alunos, e criar estratégias metodológicas capazes de minimizar a ocorrência e a frequência desse tipo de agressão. A prevalência de *bullying* identificada neste estudo constitui como subsídio para a elaboração de programas destinados à prevenção ou enfrentamento deste fenômeno contextualizados na realidade investigada. Além disso, a identificação das emoções associadas à ocorrência de *bullying* entre pares no contexto escolar colaborou para a compreensão de uma relação ainda pouco explorada pelas investigações desenvolvidas acerca desta temática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Kathanne Lopes; CAVALCANTE, Anamaria. Silva; CAMPOS, Jocileide Sales. Importância da identificação precoce da ocorrência do *bullying*: uma revisão de literatura. **Revista da Pediatria**, v. 9, n. 1, p. 8-16, 2008. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/download/BULLYING/LEITURA%2011.pdf>>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2018.
- COELHO, Maria Teresa Barros Falcão. *Bullying* escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. **Revista Psicopedagogia**. v. 33, n. 102, p. 319-330, 2016.
- CRUZ, Ana Catarina Nova., et al. Prevalência e características de escolares vítimas de *bullying*. **Jornal de Pediatria**. v. 87, n 1, p.19-23, 2011.
- DE MORAES. Bandeira, Cláudia; HUTZ Claudio Simon. As implicações do *bullying* na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a14>>. Acesso em: 03 março de 2018.
- FREITAS, Paula Lemos; MARBACK, Roberta Ferrari. Depressão infantil e impactos no desenvolvimento do indivíduo. In: Seminário Estudantil de Produção Acadêmica. Salvador/BA. **Anais Salvador/BA, UNIFACS/ Universidade Salvador**, v.15, p. 374-386, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/4347/3048>>. Acesso em: 5 de março de 2018.
- LINHARES, Riana Duarte; FARIA, João Paulo Oliveira; LINS, Raquel Guimarães. O *bullying* na educação física escolar e sua diferença entre meninos e meninas. **Pensar a Prática**. v. 16, n. 2, 2013.
- MALTA Deborah Carvalho., et al. *Bullying* in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 3065-3076, 2010.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SAMPAIO, Julliane Messias Cordeiro., et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis. v.24, n.2, p. 344-52, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Globo Livros, 2015.

VIEIRA, Igor Soares et al. Atitudes de alunos espectadores de práticas de bullying na Escola. **Cienc. Cuid. Saúde**, v. 15, n. 1, p. 163-170, 2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ESCRITA E AUTORIA EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: UMA REFLEXÃO ACERCA DA REDE SOCIAL FACEBOOK

WRITING AND AUTHORSHIP IN TIMES OF POST-TRUTH: A REFLECTION ON
FACEBOOK SOCIAL NETWORK

Bruna Helena Rech Rocha (UniRitter)¹
Valéria Brisolará (UFRGS)²

Resumo: A internet, em especial após o surgimento das redes sociais, propiciou que informações estejam disponíveis a quem quiser acessá-las. Também propiciou que todos escrevam e sejam, de certa forma, não só leitores, mas também autores. Se, nos tempos de Platão, a preocupação era com a circulação dos discursos escritos sem um autor, com a divisão entre discursos falsos e discursos verdadeiros, na contemporaneidade existe um movimento que se preocupa com a chamada pós-verdade: a conquista da opinião pública com menos influência de fatos objetivos. Diante disso, esse artigo tem como objetivo promover uma reflexão acerca da rede social Facebook como um espaço de escrita de si, estabelecendo relações entre a noção de (pós)verdade nesse ambiente virtual de interação social.

Palavras-chave: Pós-verdade. Autoria. Escrita. Redes Sociais.

Abstract: The internet, mainly after the emergence of social networks, made information available to anyone who wants to access it. It also made it possible for anyone to write and be, in a way, not only readers, but also authors. If at Plato's time, the main concern was the circulation of discourses without their authors, with the division between fake and true discourses, nowadays there is a movement concerned about the called post-truth: the shaping of public opinion less influenced by facts. In face of this, this article aims to provide a reflection on Facebook social network as a site of writing of the self, making connection with the notion of post-truth in this social interaction virtual environment.

Palavras-chave: Post-truth. Authorship. Writing. Social Networks.

INTRODUÇÃO

A internet é um espaço de interação social. Das muitas esferas nas quais é possível observar essas relações, destacam-se as redes sociais por seu caráter de divisor de águas em termos de interação. A esse respeito, Santaella (2011, p. 111) afirma que “A banda larga, aliada aos dispositivos móveis, que começou a se disseminar de forma cada vez mais ampla a partir do ano 2000 até alcançar o cenário atual de hiperconexão, transformou o “estar conectado” em “ser conectado””. Dessa forma, a internet propiciou acesso a um extraordinário montante de informações que, antes do seu surgimento, estava restrito por barreiras geográficas ou meios de comunicação, entre outras razões. Com o surgimento das redes sociais online, surge também uma nova forma de concessão de poder midiático, que antes estava concentrado nos canais de

¹ Mestre em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis. E-mail: brunahelenarr@yahoo.com

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tradutora Juramentada. E-mail: valeriabrisolará@yahoo.com.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

informação jornalísticos, tais como rádio, televisão e jornais impressos. Agora, todos nós podemos ter sites e criar e compartilhar conteúdo, tornando esse conteúdo acessível a um enorme número de pessoas.

Se nos tempos de Platão a preocupação era com a circulação dos discursos escritos sem um autor, com a divisão entre discursos falsos e discursos verdadeiros, na contemporaneidade existe um movimento que se preocupa com a chamada pós-verdade: a conquista da opinião pública com menos influência de fatos objetivos. Esse tipo de discurso tem implicações não só no meio jornalístico, mas também na vida diária de todos nós. Diante disso, este artigo tem como objetivo promover uma reflexão acerca da rede social *Facebook* como um espaço de escrita de si, estabelecendo relações com a noção de (pós)verdade nesse espaço virtual de interação social, passando também por questões de autoria e escrita.

Para isso, a seção “De Platão ao Facebook” aborda a divisão platônica a cerca dos discursos verdadeiros e dos discursos falsos como ponto de partida para entender o(s) conceito(s) de verdade e discute algumas práticas do *Facebook* a partir das considerações do texto de Platão (2016). Já a seção “Facebook e Pós-verdade”, retoma a divisão platônica, relacionando essa divisão à produção e circulação discursiva e também aborda a questão da escrita como prática social para remeter à noção de autoria. Na seção reservada às considerações finais, são retomados os conceitos abordados ao longo do texto na tentativa de retomar a reflexão acerca da rede social *Facebook*. Conclui-se que o *Facebook* é um espaço de relações complexas na quais estão inseridas práticas semióticas autorais.

DE PLATÃO AO FACEBOOK

As redes sociais são ambientes de circulação discursiva. A rede social *Facebook*, por sua vez, é um ambiente virtual de circulação discursiva no qual as pessoas, após criarem um perfil, estabelecem relações entre si, interagindo por meio de *posts* que podem conter texto, imagem, vídeo ou diferentes combinações desses elementos.

Nos tempos de Platão, longe do mundo digital que hoje nos abarca, as interações sociais se davam por meio do discurso oral. No texto *Fedro*, de Platão, existe uma problematização com relação à verdade, aos discursos e à noção de autoria. Fedro é um jovem que, ao escutar o discurso de Lísias, um retórico, encanta-se. Ele pede a opinião de Sócrates que, no entanto, é crítico em relação ao discurso de Lísias, afirmando que ele é repetitivo, e que a repetição é





reveladora de que o autor do discurso não tem muitos argumentos, ou que ele esteja falando por falar, ou que o tema não lhe interessa o suficiente (PLATÃO, 2016, p.84).

Voltando ao *Facebook*, essa cena é bastante ilustrativa do modo como algumas pessoas se expressam: por meio do recurso de compartilhar. Embora Fedro não soubesse exatamente o que o discurso de Lísias quisesse dizer, ele havia achado bonito e havia resolvido reproduzi-lo para Sócrates. Assim também o fazem alguns sujeitos nas redes sociais: compartilham postagens em línguas que desconhecem, mas cuja aparência parece bonita; compartilham citações (por vezes com falsa atribuição de autoria) em uma ânsia por (re)produzir um discurso.

Outra aproximação do texto de Platão ao *Facebook* é a questão de convencer o outro de sua verdade. Quando Fedro pede a Sócrates que ele venha a proferir um discurso tão belo quanto o de Lísias, Sócrates o faz com um saco na cabeça, por ter vergonha de proferir um discurso belo, mas vazio. Sócrates então invoca as musas a fim de que o discurso que irá proferir possa convencer Fedro de que Lísias é muito sábio, o que é uma grande ironia, pois ele traz argumentos para a refutação do discurso de Lísias.

Um dos primeiros relatos de preocupação com a escrita e autoria é proveniente do justamente do texto de Platão. Sócrates fala sobre “a preguiça de pensar” (PLATÃO, 2016, p.114), o que reforça a ideia de que o discurso lido não provoca o pensar porque não promove a discussão oral com o pai do discurso, sendo mais um argumento seu de refutação os sofistas. Sócrates relata algo que ele considera terrível na escrita que, semelhante à pintura, os produtos parecem vivos, mas, se questionados, permanecem em silêncio (PLATÃO, 2016, p.137). Ele afirma que o mesmo acontece com os discursos escritos: não se pode questionar, interrogar, pois sempre se obterá a mesma resposta. Essa noção, com o avanço dos estudos de autoria, pode ser questionada, já que sabemos que a leitura não é única e nem unívoca. Por isso, como postula Barthes (2003) acerca da morte do autor, o texto pertenceria ao leitor, e não ao autor.

Com relação à investigação da escrita, Sócrates trata da conveniência ou da inconveniência da escrita (PLATÃO, 2016). Conta, então, a história dada no Egito com a divindade Theuth, que teria procurado o rei de Tamos para mostrar-lhe suas artes, dentre elas a escrita, que o deus afirma que poderia tornar os egípcios mais sábios e com a memória melhor. O rei menciona que a divindade havia descoberto uma droga não para a memória, mas para as recordações. Aos que a escrita fosse concedida, não seriam verdadeiros sábios, pois o seriam em aparência e não em sabedoria. Essa história reafirma a importância do conhecimento como algo inscrito nas almas, que é o postulado de Platão (2016). Se o sujeito escreve, esse





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

conhecimento estaria externo a ele, e não constituiria um verdadeiro conhecimento, o que tornaria o sujeito um sábio de aparências. Quando Fedro se admira com o discurso de Sócrates sobre o Egito, ele faz uma nova crítica a Fedro, que se importa mais com os sujeitos e os lugares, do que com a verdade, afirmando que os discursos podem vir de carvalhos, contanto que sejam verdadeiros.

Opondo-se aos sofistas, os quais dão importância ao discurso no método retórico, os socráticos dão importância à verdade, à razão, valendo-se do método dialético. Desta forma, com base em Platão (2016), a verdade não estaria contida na maioria dos discursos retóricos sofistas, pois esses têm preocupação com o convencimento e não têm argumentos sólidos para comprovar suas teses, não são bem tramados. A verdade também não estaria na escrita, porque não se pode interagir com o texto, fazer-lhe perguntas, o que reforçaria o posicionamento de que a dialética é a melhor maneira de se chegar à verdade. Nesse sentido, Sócrates se vê como um amante do discurso, da busca pela verdade. Mas o que é a verdade? Ela realmente existe? E o que seria a pós-verdade? O momento político brasileiro e também o cenário internacional vem se caracterizando pela polaridade: os eleitores de Dilma em oposição aos de Temer; os eleitores de Hillary em oposição aos de Trump. Esses grupos parecem ter suas posições bem marcadas, com crenças definidas, e não parecem estar abertos a conhecer as crenças dos outros, mas sim fazer crer nas suas próprias crenças, reproduzindo sempre a sua verdade, que é uma verdade relativa, independente do grupo ao qual se pertença. Essa polarização estende-se a outras esferas da vida cotidiana e fica ainda mais visível em redes sociais como o *Facebook*.

Isso demonstra que os sujeitos adotam posições discursivas mais marcadas ao invés de transitar por diferentes ideias, o que está mais inclinado a um monólogo do que ao diálogo. O reflexo disso está nas práticas discursivas, as quais parecem cada vez menos ter como objetivo a discussão de ideias de forma saudável e sim uma refutação de ideias de forma pouco respeitosa. Quando essa circulação discursiva se dá em uma rede social *online*, a repercussão é muito grande, devido a uma cultura instaurada na qual “(...) seus membros creem que suas contribuições importam e desenvolvem determinado grau de conexão social com o outro, de modo que tem grande relevo aquilo que os outros pensam ou se supõe que pensam sobre o que cada um cria (...)” (SANTAELLA, 2011, p.117). Assim, embasamento de muitas crenças dos usuários das redes se dá mais em função do que se apreende superficialmente dos discursos circulantes do que por uma investigação profunda.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A ideia da preguiça de pensar sobre a qual Platão (2016) falava não está se realizando em função do discurso escrito (como seria o temor de Sócrates), mas exatamente na falta de diálogo entre os sujeitos, e isso independe do meio pelo qual o discurso se materializa. A noção de pós-verdade busca dar nome a esse processo de fazer crer, esse fenômeno de pouco aprofundamento e/ou investigação de um tema, da não necessidade de fatos. De certa forma, também é preciso avaliar o papel do *Facebook* para que esse tipo de comportamento se instaure. Por trás da apresentação do chamado “Feed de notícias”, há um processo no qual, baseado na navegação do usuário, algoritmos atuam, e o usuário é incentivado a ver ainda mais conteúdo relacionado ao conteúdo que já está vendo. Inclusive, o sistema oferece a possibilidade de o usuário habilitar a função de “deixar de ver isso” para qualquer conteúdo que o usuário não quer receber. Com base nessas marcações, o algoritmo vai lapidando as escolhas de conteúdo, pois “Cada usuário desenvolve uma maneira de uso e de apropriação das redes que lhe é própria. Cada um decide o que ver, consumir ou com quem quer conviver. Hábitos e usos funcionam como pistas de silhuetas subjetivas de cada usuário”. (SANTAELLA, 2011, p.115). Santaella (2011) faz reflexões acerca dos pontos positivos das conexões em rede online. Para a autora,

Na sua arquitetura, o Facebook incentiva o usuário a ver e prestar atenção no que seus amigos fazem, pensam, dizem, querem e sentem. É possível, inclusive, compartilhar e disseminar essas informações. Nesse ambiente, o usuário nunca está só. (SANTAELLA, 2011, p.319).

A partir dessa afirmação, é possível que o objetivo inicial do Facebook fosse um compartilhamento social com vistas à diversidade social e cultural, pois “Tudo indica que essas redes apresentam o potencial para o desenvolvimento de processos colaborativos” (SANTAELLA, 2011, p.321). No entanto, Santaella (2011), assim como outros autores investigados por ela, apontam para a noção de bolha dentro da rede social, como uma espécie de campo (im)permeável em que os sujeitos se instalam, pois:

Ao mesmo tempo em que a bolha tem de se isolar das outras, sua extensão interior depende da produção pelas outras bolhas de um espaço que lhe é próprio. Portanto, a identidade de cada bolha se forma por relação e isolamento. Isso identifica a relação do indivíduo sociedade do mundo contemporâneo: coisolamento e cofragilidade. (SANTAELLA, 2011, p.315).

Essa instalação do sujeito em bolhas reforça o isolamento diante de outras bolhas (que podemos entender como posições discursivas e ideológicas distintas), mas de relação com bolhas semelhantes. Nesse sentido, há uma relação de coisolamento pela falta de diálogo com





o diferente e pela manutenção de diálogo com os iguais. Esse fenômeno por ser facilmente exemplificado pela opção “deixar de seguir” no *Facebook* em que podemos deixar de seguir pessoas ou grupos e assim não receber suas novas postagens. No entanto, essa situação poder reforçar essa sensação de cofragilidade, pois quando não se toma conhecimento das crenças do outro, menos argumentos se tem sobre suas próprias crenças.

FACEBOOK E PÓS-VERDADE

Além da preocupação com a escrita e a autoria, Platão (2016) também problematizou a noção de verdade. Esse movimento de pensar sobre a escrita também tece relações com a memória e a verdade na concepção de Platão (2016). Sócrates fala do recurso da recapitulação dos discursos, que tem uma ligação com a questão da reminiscência, que é a recordação das verdades que já foram contempladas pela alma. Portanto, nessa concepção, a verdade estaria no mundo das ideias.

Foucault (2014) ampara-se nessa noção de que a vontade de verdade é a vontade de saber, reafirmando o seu surgimento justamente a partir dessa divisão platônica entre discursos falsos e discursos verdadeiros. Para Foucault (2014), o conceito de verdade é o de um construto social e historicamente situado. Isso remete à noção de escrita de si, pois:

Nesse aspecto, o tema da verdade como sinceridade, como ponto de vista e de vivência do autor do documento, foi situado e discutido de maneira contundente. Isso porque a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu” é entendida como marcada por uma busca de verdade. (GOMES, 2004, p.14, grifos da autora).

A verdade também está atrelada à noção de discurso que “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2014, p.10). As lutas por poder ocorrem dentro de uma estrutura que acaba por moldar os discursos. A esse respeito, Foucault afirma que:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p.8-9).

Voltando ao *Facebook*, uma postagem enquanto texto é do leitor, pois como postulou Barthes (2003), está morto o autor como controlador e dono do texto. Isso significa que o leitor





irá fazer a sua leitura, pois o texto não produz um sentido único: os leitores leem de acordo com as suas possibilidades de leitura. Essas possibilidades são influenciadas por aspectos sociais, culturais e simbólicos (BOURDIEU, 2007). Portanto, o que leva o leitor a fazer um compartilhamento pode ser o sentimento de filiação ideológica ou pertencimento, tendo em vista que “O leitor encontra na obra que lê e pela qual se sente atraído, um pouco de si, fragmentos do outro que se engancham em seu inconsciente, capturando-o.” (CORACINI, 2010, p.34). Essa captura se mostra nessa rede social.

O que seria então plágio em uma rede social se o compartilhar está posto? Isso irá depender do ponto de vista escolhido para responder a essa questão. Sobre isso, Schneider (1990) afirma que “Admitindo que tudo seja citação, resta saber por que a mantemos entre aspas ou apagamos as aspas, e como fazemos para apagá-las: por meio de uma repetição inibida (o plágio) ou de uma transmutação criadora (estilo)” (SCHNEIDER, 1990, p.38). Dessa forma, é possível pensar que o movimento de compartilhar uma postagem não é postar o que o outro já postou, mas sim (re)produzir, ou seja, produzir novamente aquele texto ou conteúdo. No entanto, “Assim como não produzimos os mesmos sentidos a cada leitura de um mesmo texto, também não escrevemos exatamente o mesmo a cada vez que produzimos um texto escrito sobre o mesmo assunto, pois cada situação de enunciação só se presentifica uma vez.” (CORACINI, 2010, p.36). Isso significa que existe um processo de ressignificação nessa (re)produção proposta pelo compartilhamento, o que Brisolara (2013, p.8) afirma ser uma “re-enunciação”. Isso significa que cada compartilhamento adquire nova significação, sendo o ato enunciativo irrepetível.

Assim como Foucault, Chartier (2014) também concorda com a existência de uma função autor. Na sua concepção, “A ‘função autor’ resulta, portanto, de operações específicas, complexas, que relacionam a unidade e a coerência de alguns discursos a um dado sujeito” (CHARTIER, 2014, p.28). No *Facebook*, a função autor está ligada à produção de um perfil do qual se espera que os discursos tenham coerência e unidade. No entanto, vale lembrar que para Schneider (2014), a produção desses discursos vai além da função autor, pois “A função autor não é somente uma função, mas também uma ficção” (SCHNEIDER, 2014, p.29). Ao citar Borges, Chartier (2014) fala sobre ator e autor. Ele afirma que “esse jogo é também uma referência à construção pública de uma figura de autor que se torna, de algum modo, ator dele mesmo, em função de uma necessidade, de uma exigência de identificação ao papel” (CHARTIER, 2014, p. 32).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Todavia, existe no *Facebook* também questionamento quanto à veracidade dos perfis. Santaella (2011) afirma que os usuários de redes sociais falam sobre si por meio de narrativa multimídia que é uma construção do eu. Com relação aos perfis falsos, são chamados de diferentes modalidades de escrita de si, pois, a afinal, “A participação nessas redes reforça também a criação de uma identidade digital, inclusive estimula a possibilidade de assumir várias identidades ou papéis para o exercício da fantasia, imaginação e de novos tipos de narrativas ou ficção.” (SANTAELLA, 2011, p.115).

Há uma necessidade de escrita, um desejo de escrita. Schneider (1990) refere-se a esse desejo como a insônia de escrever e pondera sobre como escrever é algo que pode arrebatá-lo o sujeito. Podemos dizer que no *Facebook* há uma insônia da postagem, de logar-se no mundo virtual e alimentar a sua própria ficção de eu. Ainda sobre a escrita, Schneider (1990) afirma que “De todos os bichos que se abrigam em mim, o mais tenso é o bicho escrevedor que enegrece o papel na esperança de ser ouvido e no pavor que ouçam demais. Paciente, também, ele róí de dentro a vida de que tira sustento” (SCHNEIDER, 1990, p.21). Essa esperança de ser ouvido (pelos outros) e ter um bicho dentro de si são alegorias da necessidade de significação que se inscrevem na escrita, além de outros atos de expressão. Nessa “insônia de escrever” o comentar, o postar e o compartilhar tornam-se o mais importante, muitas vezes deixando de lado considerações sobre o impacto desses atos. No momento, a noção de *Fake News* e as discussões sobre o perigo de seu compartilhamento assumem grande importância. Essa discussão ganha importância quando se pensa no que é *fake* e no que não é *fake* já que visivelmente o caráter de verdade das postagens nem sempre é o ponto principal.

Esse reconhecimento é uma busca dos usuários da rede social, tendo em vista de que é uma espécie de retorno da recepção de sua escrita, de sua contribuição semiótica. Essa recepção encontra indícios nos recursos de “curtir” uma postagem e suas demais variações de expressão de sentimentos (“amei”, “triste”, “haha”, “uau”, “grr”). A esse respeito, salientamos que tanto o ato de escrever uma postagem quando o de compartilhar ou curtir uma postagem são atos de autoria, pois significam se autorizar a circulação de um dado discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordado na Introdução, a internet foi um recurso que revolucionou as interações sociais. Com o objetivo promover uma reflexão acerca da rede social *Facebook* como um espaço de escrita de si, estabelecendo relações com a noção de (pós)verdade nesse espaço





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

virtual de interação social, passando também por questões de autoria e escrita, foram desenvolvidas algumas seções temáticas que, de forma analítica, tinham a pretensão de promover uma reflexão sobre o tema.

Dessa forma, iniciou-se pela divisão platônica dos discursos verdadeiros e dos discursos falsos para que se pudesse compreender o(s) conceito(s) de verdade e discutir algumas práticas do *Facebook*, tecendo comparações com o texto de Platão. Também se relacionou a divisão platônica à produção e circulação discursiva, abordando a escrita como prática social e relacionando-a à noção de autoria.

Com base nas costuras teóricas feitas nesse artigo, é possível concluir que o *Facebook* é um espaço de relações complexas na quais estão inseridas práticas semióticas autorais. Essas relações complexas e dialógicas envolvem a noção de verdade, que pode ser entendida de várias posições: como um ponto de chegada, como um percurso de busca, ou como um efeito. O grande ponto de divergência parece ser o não compartilhamento da noção de verdade para todos e as consequências dessa diferença. Nesse contexto, são relevantes as considerações de Foucault a respeito da necessidade de abandonarmos em alguns momentos a vontade de verdade que foi construída na nossa sociedade e ir além de somente tentar saber se certos discursos são verdadeiros ou falsos. Na visão do autor, devemos pensar no porque são tomados como verdades. Assim, devemos refletir sobre as condições de instauração de tal sistema que criam condições de recepção e validação para tais discursos no nosso cenário contemporâneo brasileiro. E cada um de nós é responsável pela inserção no real desses discursos que devem ser vistos como “conjuntos de acontecimentos discursivos” (FOUCAULT, 2014).

Do ponto de vista da verdade como ponto de chegada, temos o ideário platônico de uma busca constante pela verdade, na qual o método dialógico de Sócrates era o modo de busca. Tomando as considerações de Foucault, pensar a verdade no contexto atual é mesclar esse ideário platônico de se querer chegar à verdade, mas chegar a uma verdade que é mais um efeito de verdade, do que uma verdade em si. A noção de verdade estaria atrelada aos fatos, ao passo que a (pós)verdade opera nessa instância da superação da necessidade dos fatos e apoia-se no efeito que uma boa narrativa pode causar. Fazer parte de uma rede social é também uma tentativa de inserir-se na luta por poder, poder esse que simplesmente pode ser o poder fazer crer em uma (suposta) verdade. É chegada a hora de refletirmos sobre as verdades que são criadas e os efeitos dessas verdades com a relativização de uma verdade única.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 10ª ed.
Tradução de Fernando Tomaz.

BRISOLARA, Valéria. **Autoria e falsa atribuição**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1.
Uberlândia: EDUFU, 2013.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar,
2014.

CORACINI, Maria José. Discurso e Escrit(ur)a: entre a necessidade e a impossibilidade de
ensinar. In: ECKERT-HOFF, Beatriz. CORACINI, Maria José. (Org.) **Escrit(ur)a de Si e
alteridade no espaço papel-tela**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France,
pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora
FGV, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação Ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São
Paulo: Paulus, 2013.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de Palavras**: Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o
pensamento. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CORPO DISSENSO: ESTRATÉGIAS DE CURADORIA DO COMUM NO SÉCULO XXI

DISSENSUS BODY: COMMON CURATORSHIP STRATEGIES IN THE 21ST CENTURY

Bruno Parisoto (Universidade Federal da Bahia)¹
Gilsamara Moura (Universidade Federal da Bahia)²

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar um fragmento de pesquisa de mestrado em andamento – Corpo Dissenso: um olhar sobre a dança no século XXI – com intuito de traçar algumas possibilidades de entendimento para o corpo na contemporaneidade, compreendendo-o enquanto um acontecimento em contínua transformação e de caráter predominantemente dissensual. Partindo do pressuposto de que o corpo e ambiente co-evoluem e que esta dinâmica, necessariamente, modifica a cultura, busca-se neste artigo apresentar alguns tópicos que permitam revisitar, de forma crítica, o corpo e suas ações na sociedade. Este artigo, portanto, instaura-se em quatro blocos: 1. Dissenso. 2. Política e Desejo. 3. Corpo e Divíduo. 4. Profanação.

Palavras-chave: Dissenso. Corpo. Política. Profanação.

Abstract: This article seek to present a fragment of a master's research in progress – Dissensus Body: a view of dance in the 21st century - with the aim of drawing some possibilities of understanding for the body in the contemporary world, comprehending it as an event in continuous transformation and of predominantly dissensual character. Based on the assumption that the body and environment co-evolve and that this dynamic necessarily modifies the culture, it is sought in this article to present some topics that allow us to critically revise the body and its actions in society. This article, therefore, is established in four blocks: 1. Dissensus. 2. Politics and Desire. 3. Body and *Divíduo*. 4. Profanation.

Palavras-chave: Dissensus. Body. Politics. Profanation.

BLOCO 01 | DISSENSO

Partindo do pressuposto de que o corpo na contemporaneidade apresenta-se enquanto um plano de composição (LEPECKI, 2010) heterogêneo e múltiplo no qual convivem conceitos completamente diversos, consideramos, necessariamente, parte de seu caráter ser dissensual. A sociedade do século XXI empenha-se na estruturação de dispositivos de eliminação do dissenso, que pode ser tratado aqui como sinônimo de diferença. Através da produção de corpos dóceis (FOUCAULT, 2014), por exemplo, a dissenso é em certa medida inibido e invizibilizado, instaurando um estado de ordenação do caos através de processos de passividade camuflada, em outras palavras, de submissão. O consenso, portanto, busca eliminar, por intermédio de dispositivos de controle, o caráter, eminentemente, dissensual do ser humano.

¹ Mestrando em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Licenciado em Dança pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Integrante do Grupo de Pesquisa Ágora: Modos de Ser em Dança (UFBA / CNPq). E-mail: bruno.parisoto1@gmail.com

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do PPGDança e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Ágora: Modos de Ser em Dança (UFBA / CNPq). E-mail: gilsamaramoura@gmail.com





Esta relação é muito bem exemplificada por Byung-Chul Han (2017) em sua análise imunológica da sociedade do cansaço, onde esta

Caracteriza-se pelo desaparecimento da *alteridade e da estranheza*. A alteridade é a categoria fundamental da imunologia. Toda e qualquer reação imunológica é uma reação de alteridade. [...] a estranheza se neutraliza numa fórmula de consumo. O estanho cede lugar ao exótico. O *tourist* viaja para visitá-lo (HAN, 2017, p. 10-11).

Este compartilhamento visa, portanto, revisitar o espaço do dissenso do/no corpo na busca de estratégias de curadoria do comum³ no século XXI, compreendendo este enquanto a característica determinante do que vem a ser chamado de política.

BLOCO 2 | POLÍTICA E DESEJO

O ser humano é desejante e busca realizar seus desejos, logo, o ser humano é sempre inclinado para mundos que não estão em suas mãos. Esta característica de busca transcendente da completude é uma constante nos sistemas de pensamento ocidentais, dos quais destacamos o platonismo, o aristotelismo, o cristianismo, o marxismo e outros. Trata-se de sistemas cuja função está aplicada a um tempo futuro e é mediada por uma espécie de transcendência. No caso do cristianismo, o paraíso e Deus, já no marxismo, a igualdade e a luta de classes. Essa sociedade, na qual convivem pessoas na busca de realizar seus desejos, abriga pessoas que desejarão coisas também desejadas por outras e os desejos são infinitamente mais abundantes do que as condições de satisfazê-los, sejam elas legislativas ou ambientais, por exemplo, duas pessoas não ocupam o mesmo posto em uma empresa na qual é ofertada apenas uma vaga para este. A lógica da economia capitalista segue este sistema de demandas, a lei de oferta e procura, que não é nada mais que os mesmos desejos que constituem uma característica fundante do ser humano. O capitalismo tornou, nesta perspectiva, o desejo em moeda.

A política é uma maneira de resolver o impasse dos desejos sem que hajam conflitos que ponham em risco a vida humana. A primeira função da política seria, portanto, gestar a guerra. É evidente que isto se trata de mais uma transcendência, tendo em vista que esta tem sido administradora de alguns poucos. Isto é, a política, ao invés de ser uma iniciativa coletiva de tornar a convivência vivível e, logo, possível, tem sido uma iniciativa praticamente privada de

³ “[...] se “Comuna” é o nome do autogoverno político local e “comuns” é o nome dos objetos de natureza muito diversa pelos quais a atividade coletiva dos indivíduos se responsabiliza, “comum” é o nome propriamente dito do princípio que anima essa atividade e ao mesmo tempo preside a construção dessa forma de autogoverno” (DARDOT & LAVAL, 2017, p. 20).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

definição dos limites de satisfação e insatisfação dos desejos. Existe em política, portanto, uma espécie de regime de visibilidade dos desejos, que poderíamos chamar de dominantes e que inauguram também o possível, mas não mais a vida e sim a sobrevida.

A lógica da hegemonia é, portanto, a seguinte: fazer com que determinados desejos pareçam universais. E, destes universais, estipulam-se os regimes de validação de valores e verdades. A hegemonia é um grande sistema intersistêmico, isto é, ela configura-se enquanto um reagente em diversos sistemas ao longo da história e nada pode ser lido, ou pelo menos não deveria sê-lo, sem considerar a lógica da hegemonia, ou seja, o caráter político rizomático⁴ (DELEUZE & GUATTARI, 2011) de constituição da coisa, que neste artigo trata-se do corpo.

Este regime pode ser analisado a partir da ideia de meme (DAWKINS, 2007), um replicador cultural correlato à ideia de DNA ou replicador genético. O meme, enquanto uma partícula do processo evolutivo, nos permite analisar a constância de determinadas informações que se replicam nos diferentes contextos.

Exemplos de memes são melodias, ideias, *slogans*, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Tal como os genes se propagam no *pool* gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no *pool* de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação (DAWKINS, 2007, p. 330).

Poderíamos pensar a lógica da hegemonia enquanto um conjunto memético parasitário, isto é, um conjunto de informações com alta capacidade de ação intrasistêmica e que, por muito tempo, esteve camuflada nas narrativas universitárias, por exemplo, ao permanecer afirmando lógicas e estruturas de pensamento misóginas, racistas, homofóbicas, em detrimento do homem, branco e europeu. Reafirma-se, neste contexto, um dispositivo de eliminação do dissenso.

BLOCO 3 | CORPO E DIVÍDUO

O corpo pode ser analisado enquanto um conjunto de informações que são constantemente selecionadas, transformadas, esquecidas, redimensionadas, mas nunca deletadas. O corpo não deleta informação. E estas não são sempre escolhidas “conscientemente”, isto é, não existe um “coador” entre àquilo que quero no corpo e não quero,

⁴ “[...] o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; [...] Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 43).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

precisamente por não se tratar de uma relação de “entra e sai”, isto é, de “*input* e *output*”, como problematizado pela teoria corpomídia (KATZ & GREINER, 2005). O que existe e se põe em relação, informa e transforma. Não podemos tratar o corpo, portanto, na lógica do processador, isto é, de tradução de informações externas a partir de um mecanismo interno imutável e apático. Pelo contrário, a dinâmica corpo e ambiente instaura-se de modo co-evolutivo.

O corpo é e esta imerso à uma relação de forças de dimensões institucionais, das pessoas, das coisas, das informações, do ambiente, etc. Ou seja, está em constante processo de adaptação e, portanto, de transformação. Este corpo, neste contexto, fragmentário, múltiplo, não pressupõe apenas a crise de uma identidade como costuma-se tratar (crise do sujeito moderno, por exemplo), mas a crise do conceito de identidade, como bem apresentado por Suely Rolnik (2005). Este processo co-evolutivo instaurado pelas dinâmicas de desejo e afetação vão dando dimensões a determinados modos de subjetivação. E supondo que

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório [...] (FOUCAULT, 2014, p.8-9).

É muito tênue falar sobre uma ação do indivíduo enquanto unicidade, tendo em vista, justamente, este aspecto múltiplo da subjetividade, que não se limita ao sujeito. “Os indivíduos tornaram-se “*dividuais*”, divisíveis [...]” (DELEUZE, 2013, p.226). Partindo desta lógica fragmentária e de controle, cabe se questionar se àquilo que percebemos e o modo como agimos não estariam também respaldadas, em certa medida, naquilo que se coloca enquanto regime de visibilidade, estruturado enquanto um sistema de desejos dominantes, na presença de memes hegemônicos parasitários não acusados pelo nosso sistema imunológico.

Nessa perspectiva, enquanto o estranho não chama a atenção, não é tocado pela defesa imunológica. De acordo com a ideia de Matzinger, o sistema imunológico biológico é mais hospitaleiro do que se admitiu até o presente. Não conhece nenhuma xenofobia. É mais inteligente, portanto, que a sociedade humana com xenofobia (HAN, 2017, p. 10).

BLOCO 4 | PROFANAÇÃO

O corpo dividual instaurado em relações de poder, que exerce dinâmicas de modulação da subjetividade por intermédio de regimes de visibilidade, isto é, de desejos impostos como verdades, que foram aqui relacionados aos memes, nos colocam em uma espécie de desamparo e medo, afetos cuja reação é a imediata imobilidade. Não haveria uma linha de fuga? Por sorte,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“à primeira vista, os memes não são, de forma alguma, replicadores de alta-fidelidade. Cada vez que um cientista ouve uma ideia e a transmite a outra pessoa, provavelmente a modifica em algum grau” (DAWKINS, 2007, p. 334). Este aspecto torna este sistema, em certa medida, mais profanável (AGAMBEN, 2007). A ideia de profanação, proposta por Giorgio Agamben (2007), parte do pressuposto que a religião, a partir de um dispositivo, separa as coisas do uso comum para a dimensão do sagrado e o que restituiria o lugar do comum seria, então, a profanação.

Como ensina o filósofo Giorgio Agamben, profanação significa atribuir às coisas um uso diferente, um uso livre, um uso com objetivos estranhos, para além de suas conexões funcionais originárias (HAN, 2017, p. 121).

Trata-se, portanto, de um contra-dispositivo. É função dos atos de profanação friccionar estes regimes de visibilidade, permitindo dar-se a ver o invisível ou, como chamou Didi-Huberman (2011) em relação aos vagalumes, as existências no limiar da visibilidade.

São as produções de artistas da dança, de críticos de arte e cultura, psicanalistas, e de todos os profissionais engajados criticamente na busca de uma modificação política, que trarão a partir de ações profanadoras, de fricção a uma sociedade de controle, novas lógicas de percepção e novos regimes de visibilidade, rompendo com memes parasitas colonizadores. Promovendo, assim, novas possibilidades de mundo mais dialógicas e de possível convivência em uma comunidade, por hora, anestesiada. Estamos fragmentados e esta se reafirma nas variações epistêmicas, de gêneros, linguísticas, de valores, etc. Cabe se perguntar: até quando suportaremos se dividir?

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAWKINS, Richard. **O relojoeiro cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KATZ, Helena & GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia. In: GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

KATZ, Helena. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica. In: GREINER, Christine. **O corpo em crise**: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INCLUSÃO SOCIAL E QUALIDADE DE VIDA DA CRIANÇA CADEIRANTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA SOB A PERSPECTIVA DA MODA

SOCIAL INCLUSION AND CHILD IN WHEELCHAIR LIFE QUALITY: AN
INTEGRATING REVIEW OF LITERATURE UNDER THE FASHION PERSPECTIVE

Camila Dalsin (Universidade Feevale)¹
Jacinta Sidegum Renner (Universidade Feevale)²
Claudia Schemes (Universidade Feevale)³

Resumo: O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa com abordagem qualitativa através da identificação e análise de produções científicas disponíveis no período de 2007 a 2017 na literatura brasileira sobre os fatores relevantes na interação entre a criança usuária de cadeira de rodas e o vestuário, visando a promoção da qualidade de vida e a inclusão social da mesma. O objetivo geral é a análise dos elementos que influenciam na relação entre o público infantil usuário de cadeira de rodas e o vestuário. Segundo estimativas divulgadas na Cartilha do Censo de 2010, 23,9% da população brasileira total têm algum tipo de deficiência, dentre as quais, 7,53% representam crianças de 0 a 14 anos, percentual significativo de indivíduos que necessitam vestir-se em meio a tantos obstáculos. Ao final deste estudo, entendeu-se que seria pertinente avançar em pesquisas minuciosas que venham a contemplar este usuário e o vestuário, visto que o mesmo é a extensão do seu corpo. Para tanto, deve-se levar em consideração os parâmetros ergonômicos, dado que o conforto é primordial para a promoção da saúde e manutenção da qualidade de vida, e os aspectos estéticos, favorecendo a interação com a sociedade e a condição de pertencimento nela.

Palavras-chave: Cadeira de rodas. Criança. Moda Inclusiva. Qualidade de vida.

Abstract: The present study is an integrative review with a qualitative approach through the identification and analysis of scientific productions available in the period 2007 to 2017 in the Brazilian literature on the relevant factors in the interaction between a child using wheelchair and clothing, aiming at the promotion of the quality of life and social inclusion of the same. The general objective is the analysis of the elements that influence the relationship between the child user wheelchair user and the clothing. According to estimates published in the 2010 Census, 23.9% of the total Brazilian population of the type of disability, among which, 7.53% represent children from 0 to 14 years old, a significant percentage of clue that they need to dress in medium to so many obstacles. At the end of this study, it was understood that it would be pertinent in research in meticulous research that will contemplate this user and the clothing, since it is even an extension of his body. Therefore, ergonomic parameters must be taken into account, since comfort is paramount for health promotion and maintenance of quality of life, and aesthetic aspects, favoring an interaction with a society and a condition of belonging in it.

Keywords: Wheelchair. Child. Inclusive Fashion. Quality of life.

¹ Bacharela em Moda e Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo / BR). E-mail: cadalsin@hotmail.com

² Doutora em Engenharia de Produção com ênfase em Ergonomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre / BR). Docente no PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/BR). E-mail: jacinta@feevale.br

³ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC. Docente no PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/BR). E-mail: claudias@feevale.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010, p. 71), o conceito de deficiência precisou evoluir para poder acompanhar as inovações na área da saúde e as transformações do corpo social, passando a ser definida como a “limitação das funções e estruturas do corpo quanto da influência de fatores sociais e ambientais sobre essa limitação”. Apesar da proporção de pessoas com pelo menos uma deficiência ser maior entre adultos e idosos, refere-se uma percentagem significativa de crianças brasileiras na faixa etária de 0 a 14 anos, totalizando aproximadamente 7,53%, sendo que 2,39% declararam-se possuidoras de alguma deficiência severa (OLIVEIRA, 2010). O aumento da sobrevivência de recém-nascidos com distúrbios graves, a elevação da expectativa de vida da população e a maior incidência de doenças crônicas são as causas básicas responsáveis pelo aumento do índice de deficiência no Brasil (LARANJEIRA; ALMEIDA, 2008).

Em se tratando da deficiência motora, esta ocupa o terceiro lugar de maior prevalência neste público, abrangendo cerca de 1% (OLIVEIRA, 2012). Em alguns casos, as crianças podem apresentar deficiências múltiplas, onde se incluem as motoras e de linguagem, ocasionando maior dificuldade para se expressar através da fala e/ou da escrita, acarretando prejuízos na sua comunicação e na sua interação com o mundo, necessitando de outro meio de auxílio para a sua integração com a sociedade no processo de inclusão social, tal como a Tecnologia Assistiva (TA). Esta, por sua vez, segundo Laranjeiras e Almeida (2008, p. 141), é um instrumento fundamental para a reabilitação das pessoas com deficiências, elevando as suas chances de participação na sociedade, além de melhorar a sua qualidade de vida, “contribuindo para uma maior inclusão social, integração nas tarefas escolares e retorno ao trabalho”. Sasaki (2010, p. 39) conceitua o termo inclusão social como “o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiência (além de outras) e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”.

A cadeira de rodas, instrumento de TA, permite ao indivíduo mobilidade, atividade essencial para a manutenção da qualidade de vida e autonomia. Segundo Mello (1999, p. 416),





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

[...] a adaptação da cadeira de rodas ou outro sistema de assento no sentido de oferecer conforto, estabilidade corpórea, suporte, postura aprumada e distribuição equilibrada da pressão na superfície da pele são os principais objetivos da adequação da postura sentada. Para todos os clientes, um sentar apropriado prevê os seguintes benefícios: normalizar ou diminuir as influências neurológicas anormais; manter o alinhamento corpóreo o mais próximo do neutro possível e controlar ou prevenir deformidades e/ou contraturas; distribuir a pressão, diminuindo ou eliminando o risco de úlceras de pressão; aumentar a estabilidade e, assim, incrementar a função; aumentar o tempo de tolerância na postura sentada (conforto); diminuir a fadiga e facilitar componentes dos movimentos normais”.

Equipamento utilizado diariamente na posição sentada pelo usuário, a maioria das cadeiras de rodas ainda são carentes da qualidade de conforto. Broega e Silva (2007, p. 3) definem o conforto como sendo a “ausência de dor e de desconforto em estado neutro”. Entre a cadeira de rodas e o sujeito que a utiliza, tem-se o vestuário que o cobre e que, por sua vez, deve ser o mais adequado possível, respeitando as suas medidas antropométricas. Para Grave (2007, p. 113), deve-se cuidar do “conforto e da qualidade de vida acima da tendência da moda ou mesmo moda. Porém, esse vestuário tem por obrigação fazer a conexão entre ambos, pois é ele que proporcionará [...] a sensação de atualidade e de inclusão e participação em seu meio”.

Braga (2005) faz referência ao conforto no vestuário dividindo-o em quatro tópicos: Conforto Termofisiológico (estado térmico e de umidade confortável à superfície da pele que envolve a transferência de calor e de vapor de água através dos materiais têxteis ou do vestuário); Conforto Sensorial de Toque (conjunto de várias sensações neurais, quando um têxtil entra em contato direto com a pele); Conforto Ergonômico (capacidade que uma peça de vestuário tem de vestir bem e permitir a liberdade dos movimentos do corpo) e o Conforto Psicoestético (percepção subjetiva da avaliação estética, com base na visão, toque, audição e olfato, que contribuem para o bem-estar total do portador).

Perante a sociedade, a diferenciação de um indivíduo só é possível através de um elemento: o corpo. Componente que integra a imagem corporal, a roupa que reveste o sujeito é uma extensão do corpo em relação aos desejos, gostos e hábitos do indivíduo, funcionando como “um agente e, ao mesmo tempo, intensificando a maneira pela qual nos relacionamos com aquilo que está ao nosso redor, aquilo de que fazemos parte” (FUGEL, 1966 apud AVELAR, 2011, p. 4). Cobrir o corpo é uma necessidade, seja por uma questão de adorno, proteção e pudor, no qual as roupas são formas de comunicação não verbal, transparecendo “quem somos, o que fazemos, do que gostamos, o que desejamos, de onde viemos, qual o nosso papel social, entre outras coisas” (AGUIAR, 2003 apud BRAGA, 2005, p. 27).





Sendo assim, a questão que norteia este estudo é: ‘Quais os fatores relevantes na interação entre a criança usuária de cadeira de rodas e o vestuário para a manutenção da qualidade de vida no processo da inclusão social?’. O objetivo geral deste estudo é analisar os elementos que contribuem para a interação entre o público infantil usuário de cadeira de rodas e o vestuário, visando a qualidade de vida e a inclusão social.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma abordagem qualitativa para a identificação de produções científicas com a temática da importância do vestuário no desenvolvimento da qualidade de vida do público infantil usuário de cadeira de rodas, entre o período de 2007 e 2017. Elegeu-se a revisão integrativa da literatura relativo à produção de conhecimento sobre Saúde e Inclusão Social, a qual tem por finalidade “localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia [...] relacionada com a sua área de estudo; é, então, uma análise bibliográfica pormenorizada, referente aos trabalhos já publicados sobre o tema” (BENTO, 2012, p. 42).

A coleta dos artigos foi realizada por meio da Biblioteca Virtual da CAPES – Catálogo de Teses e Dissertações. Os descritores utilizados foram “cadeirante”, “criança”, “inclusão”, “moda”, “moda inclusiva” e “qualidade de vida”. A busca foi realizada em três etapas: inicialmente, realizou-se a busca pelos descritores “moda inclusiva” AND “cadeirante” AND “criança”, totalizando 13547 resultados. Após, “moda inclusiva”, apresentando 2896 resultados. E por último, “moda” AND “inclusão” AND “qualidade de vida” AND “criança”, apontando 419970.

Estabeleceram-se como critérios de inclusão para a seleção dos estudos: somente dissertações, publicadas no período de 2007 a 2017, na língua portuguesa, disponibilizadas na íntegra. Critérios de exclusão: estudos indisponíveis na íntegra, escritos em língua estrangeira e que não pertencem ao período selecionado.

Procedeu-se a seleção respectivamente pela leitura dos títulos, resumos e dissertações, conforme a Figura 1. Foram selecionadas 11 dissertações. As publicações repetidas em mais de uma base de descritores (5 dissertações no total), foram analisadas uma única vez. Após a aplicação dos critérios citados de inclusão, a amostra limitou-se a 6 dissertações. Ressalta-se que não se encontrou dissertação com todos os descritores desejados.





Figura 1. Seleção de artigos nos bancos de dados



Fonte: Elaborado pelas autoras (2017)

Para a realização desta revisão, seguiu-se as respectivas etapas: identificação do tema; seleção da questão de pesquisa; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem na literatura; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; avaliação dos estudos incluídos e apresentação da revisão integrativa (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS:

No processo de busca eletrônica aos bancos de dados foram identificadas 11 pesquisas. Entretanto, para a presente revisão integrativa, analisou-se 6 artigos que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos. Considerando a proporção de dissertações publicadas por ano, 2010 e 2016 apresentaram maior número de publicações, com 2 estudos cada. Contudo, em 2008, 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014 não houveram publicações que pudessem ser incluídas neste estudo.

A Tabela 1 apresenta os artigos selecionados, com o título, ano e natureza de estudo, respectivamente.

Tabela 1. Síntese dos resultados quanto às variáveis: título, ano, natureza do estudo e autor(a)

Nº	Ano	Título da Dissertação	Natureza do Estudo	Autor(a)
1	2007	A moda-vestuário e a ergonomia do hemiplégico	Qualitativa	Maria de Fátima Grave
2	2010	O produto de moda para o portador de deficiência física: análise de desconforto	Qualitativa	Simone Maffei
3	2010	Possibilidades de aprendizagem no vestuário infantil: um estudo exploratório	Qualitativa / Quantitativa	Livia Marsari Pereira
4	2015	Gestão de design para moda inclusiva: diretrizes de projeto para experiência do usuário com deficiência motora	Qualitativa	Bruna Brogin
5	2016	Vestuário infantil: possibilidade de estímulo para crianças portadoras de deficiência visual	Qualitativa	Juliana Bonini





DISCUSSÃO

Comumente, as definições de qualidade de vida (QV) resumem-se ao campo médico. Segundo Minayo, Hartz e Buss (2000), a área médica utiliza o termo qualidade de vida dentro do referencial da clínica para designar a dinâmica que possibilita ao enfermo técnicas de melhoria na sua condição de vida após situações de lesão física ou biológica, propiciando ao mesmo o desenvolvimento de suas potencialidades.

Auquier et al. (1997 apud MINAYO, HARTZ E BUSS, 2000, p. 8) definem especificamente a qualidade de vida ligada à saúde (QVLS) como sendo o “valor atribuído à vida, ponderado pelas deteriorações funcionais; as percepções e condições sociais que são induzidas pela doença, agravos, tratamentos; e a organização política e econômica do sistema assistencial”.

Mediante os 6 estudos selecionados, observa-se que todos têm como foco principal a moda voltada para pessoas com deficiência (PcD), no qual, o 1, 2, 5 e 6 são direcionados para o gênero adulto, e o 3 e 4 para o infantil. Com exceção do estudo 5 que remete à deficiência visual, os demais tratam sobre a física/motora. No decorrer da análise, examinou-se em categorias temáticas os fatores relevantes na interação entre o usuário de cadeira de rodas e o vestuário para a manutenção da qualidade de vida no processo da inclusão social.

ASPECTOS ERGONÔMICOS

A International Ergonomics Association (IEA) (2000, s/p) define a ergonomia como sendo “a disciplina científica que se ocupa em compreender a interação entre os seres humanos e outros elementos de um sistema [...] a fim de otimizar o bem-estar humano e o desempenho global”. Partindo desse pressuposto, entende-se a ergonomia como sendo a prática que permite a transformação para que haja melhor adaptação, contribuindo para a obtenção de técnicas que favorecem a promoção da qualidade de vida.

Com exceção do estudo 3, os demais abordaram sobre este aspecto. O estudo 5 relaciona a ergonomia com a antropometria e a usabilidade, afinal, respectivamente, a primeira visa o conforto; a segunda é a ciência que trata das dimensões corporais dos seres humanos e a terceira





testifica o grau de eficácia, eficiência e satisfação. Também, o mesmo estudo comenta sobre a agradabilidade e o conforto, visto que a roupa, extensão do corpo, precisa possuir elementos que contribuam para o conforto térmico, mobilidade, segurança, dinamismo e higiene do indivíduo, numa relação que acima de tudo, envolve a saúde e o bem-estar.

Segundo o estudo 4, para que haja uma experiência positiva entre o usuário e o produto, é necessário que haja interação entre ambos, sanando as necessidades, satisfazendo os desejos e superando as expectativas do indivíduo que o usufrui. Também, espera-se que o mesmo não lhe cause estresse durante o consumo e possa propiciar-lhe um engajamento social. Portanto, segundo o estudo 1, para que haja resultado satisfatório ergonômico, é preciso que haja uma leitura simultânea entre o corpo e o design da peça do vestuário, matéria-prima e seu objetivo específico, afinal, as roupas devem ajustar-se aos contornos anatômicos do corpo e não o inverso.

ASPECTOS ESTÉTICOS

Conforme os estudos 1, 2 e 4, além de considerar o corpo através das suas dimensões e articulações, é necessário que a vestimenta apresente qualidades estéticas, ou seja, também atenda às necessidades psicológicas humanas. Segundo Iida e Guimarães (2016), o psicológico está ligado aos processos mentais (percepção, memória, raciocínio e resposta motora), interação entre as pessoas e outros elementos do sistema, incluindo a carga mental, tomada de decisões, estresse e treinamento.

Os requisitos estéticos, ou seja, valores agregados, são um dos responsáveis pela satisfação emocional do cliente. Para Ann Bowling (1991 apud MINAYO, HARTZ E BUSS, 2000), a qualidade de vida relacionada com a saúde pode ser mensurada através do bem-estar psicológico, de satisfação e estado de ânimo do paciente. Norman (2008, p. 82) comenta que “objetos atraentes, de fato, funcionam melhor – sua atratividade produz emoções positivas, fazendo com que os processos mentais sejam mais criativos, mais tolerantes diante de pequenas dificuldades”. Porém, quando o vestuário não estiver adequado ao tipo corporal e não houver a sensação de conforto, comprometer-se-á também a qualidade da estética do produto. O estudo 1 adverte que o vestir não é apenas agasalhar, embelezar, proteger ou resguardar as partes pudicas, mas visa preservar a saúde, facilitando as funções motoras e sensitivas, auxiliando o indivíduo em seus aspectos psicológicos e mecânicos.





ASPECTOS LÚDICOS

O vestuário é um produto que está presente na maior parte do tempo no indivíduo, funcionando como uma extensão do corpo, interagindo de forma difusa e direta, contribuindo para a formação e o desenvolvimento da infância da criança. Conforme o estudo 3, partindo desta perspectiva, tem-se o vestuário pedagógico, que objetiva utilizar a vestimenta infantil como uma ferramenta de ensino, estimulando a linguagem, a evolução motora, o raciocínio e a criatividade, bem como, auxiliando na constituição e desenvolvimento da criança com deficiência, seja pelo ato de vestir-se e/ou pela interação que essa relação oportuniza com o corpo social em que está inserida.

Este instrumento permite ao público infantil um processo de aprendizagem através da experiência gerada pelos sentidos visual, tátil, olfativa e auditiva, favorecendo para que o mesmo venha a se desenvolver nas etapas iniciais da sua vida de forma lúdica, fator relevante no processo de educação e socialização da criança, promovendo o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor. Para tal, materiais e técnicas diferenciados são empregados nas roupas, tais como acessórios, aviamentos, bordados, estampas e/ou texturas, além de elementos que produzam sons e cheiros.

Este aspecto promovedor de um processo de ensino incentiva a autonomia e o fortalecimento das potencialidades deste indivíduo, contribuindo de forma significativa e positiva na sua qualidade de vida. Assim, Rufino Netto (1994 apud MINAYO, HARTZ E BUSS, 2000, p. 1) salienta que considerar a qualidade de vida boa ou excelente será aquela que venha a permitir o desenvolvimento das competências do ser, sejam elas: “viver, sentir ou amar, trabalhar, produzindo bens e serviços, fazendo ciências ou artes”.

TECIDOS

É impreterível ter cautela na seleção do tecido, verificando a estrutura, elasticidade e temperatura desejada a finalidade para qual anseia-se utilizar o mesmo, além da escolha de locais, tamanhos e profundidade das pences, costuras limpas e aviamentos pertinentes. Através da indicação adequada de tecidos apropriados ao usuário ao qual se destina determinado modelo de roupa, tornar-se-á as vestes mais saudáveis, permitindo movimentos mais harmônicos e melhor desempenho ao usuário, conforme relata o estudo 1.

O estudo 2 e 4 apontam problemas corriqueiros no vestuário para PcD: dificuldade em lidar com aviamentos; dificuldade para puxar zíperes; incômodo das costuras grossas e excesso





de pano dos bolsos. Entretanto, sugerem possíveis soluções para tais questões: substituição de botões e zíperes por velcro para facilitar aberturas e a colocação de botões magnéticos por serem de fácil manipulação. Também, relatam outras adversidades: obstáculos para encontrar vestuário do tamanho adequado ao corpo; peças com manuseio complexo; cós que não se adapta ao corpo; gancho da peça inferior que machuca; necessidade de ajustar a barra de calças e bermudas e excesso de costuras internas que machucam a pele. Sugerem, igualmente, modelagens com recortes e formas ajustados ao corpo; contraindicam a compra de tamanhos maiores - posto que haverá tecido em excesso em outras regiões do corpo, podendo causar lesões provocadas por pontos de pressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que o vestuário é um marco da evolução humana, revelador da identidade do sujeito sem que para isto haja uma linguagem verbal. A moda inclusiva vem propagando-se no âmbito acadêmico e no mercado nacional, no entanto, ainda não é possível observar resultados satisfatórios. Apesar das indústrias têxteis apresentarem no mercado tecidos de última geração, até o presente momento há carência de uma nova visão global que atenda às necessidades da criança usuária de cadeira de rodas, bem como, de mão-de-obra qualificada.

A manutenção da qualidade de vida é primordial para a saúde deste público, afinal, é através da sua promoção que técnicas de melhoria na condição de vida são aplicadas, propiciando ao mesmo o desenvolvimento da sua autonomia, potencialidades e satisfação. Entretanto, constatou-se a escassez de estudos acerca desta temática na literatura observada, seja na contemplação da aplicação da ergonomia no vestuário, visto que a criança usuária de cadeira de rodas tende a desenvolver limitações de movimentos e/ou lesões por pressão no local comprometido, seja na aplicação de aspectos estéticos que sigam as tendências de moda, proporcionando estímulos que os auxiliem a superar suas dificuldades, fator que tende a gerar a possibilidade de inclusão social, integrando a criança usuária ao meio social.

O vestuário destinado ao público infantil usuário de cadeira de rodas apresenta múltiplas oportunidades para ser explorado. Portanto, entende-se que seria pertinente avançar em estudos que contemplem uma vestimenta que venha a ser adequada à anatomia da criança usuária de cadeira de rodas, levando-se em consideração os parâmetros ergonômicos, visto que, o conforto é primordial para a promoção e manutenção da qualidade de vida e da saúde, e os aspectos estéticos, favorecendo a interação com o corpo social e a condição de pertencimento nele.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFERÊNCIAS

AVELAR, Suzana. **Moda, globalização e novas tecnologias**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

BENTO, A. **Como fazer uma revisão da literatura**: Considerações teóricas e práticas. Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), nº 65, ano VII, p. 42-44. 2012. Disponível em: < <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

BONINI, J. **Vestuário infantil**: Possibilidade de estímulo para crianças portadoras de deficiência visual. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2016.

BRAGA, João. **Reflexões sobre moda**. São Paulo, SP: Anhembi Morumbi, 2005.

BROEGA, Ana Cristina; SILVA, Maria Elisabete Cabeço. **O Conforto Total do Vestuário**: Design para os Cinco Sentidos. In: Anais do Encuentro Latinoamericano de Diseño, 2007. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseño/articulos_pdf/A6012.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2017.

BROGIN, B. **Gestão de design para moda inclusiva**: Diretrizes de projeto para experiência do usuário com deficiência motora. 2015. 222 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.

DALSIN, Camila. **Moda e obesidade**: um estudo sobre a satisfação do público feminino residente na cidade de Carlos Barbosa em relação ao vestuário. 2014. 154 f. Monografia (Conclusão do Curso de Moda) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2014 Disponível em: <<http://biblioteca.feevale.br/Monografia/MonografiaCamilaDalsin.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Aurélio**: o dicionário de língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2008.

GRAVE, Maria de F. **A moda-vestuário e a ergonomia do hemiplégico**. 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado, Moda, Cultura e Arte, Centro Universitário Senac, Campus Santo Amaro, São Paulo, 2007.

IIDA, Itiro; GUIMARÃES, Lia Buarque de Macedo. **Ergonomia**: projeto e produção. 3. ed., rev. São Paulo: Edgard Blücher, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. IBGE: Rio de Janeiro, 2010.

INTERNATIONAL ERGONOMICS ASSOCIATION. **Definition and Domains of Ergonomics**. Disponível em: < <http://www.iea.cc/whats/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MAFFEI, Simone T. A. **O produto de moda para o portador de deficiência física: Análise de desconforto.** 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2010.

MELLO, Maria Aparecida F. **Tecnologia assistiva.** In: GREVE, Júlia Maria D'Andréa; AMATUZZI, Marco Martins. **Medicina de reabilitação aplicada à ortopedia e traumatologia.** [1. ed.] São Paulo: Roca, 1999.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018>.
Acesso em: 05 dez. 2017.

MINAYO, Maria C.; HARTZ, Zulmira M. A.; BUSS, Paulo M. **Qualidade de vida e saúde: um debate necessário.** Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 07 dez. 2017.

NORMAN, Donald A. **Design emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

OLIVEIRA, L. M. B. **Cartilha do Censo 2010: Pessoas com Deficiência.** Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD), Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.

PEREIRA, Livia M. **Possibilidades de aprendizagem no vestuário infantil: Um estudo exploratório.** 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 8. ed., ampl. e rev. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SOUZA, L. N. **Proposta de metodologia para adaptação de vestuário para pessoas com deficiência física (cadeirante).** 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ENSINO JURÍDICO NO BRASIL SOB A PERSPECTIVA DA CULTURA

LEGAL TEACHING IN BRAZIL UNDER CULTURE'S PERSPECTIVE

Candisse Schirmer (Feevale)¹
Dinora Tereza Zucchetti (Feevale)²

Resumo: O Direito possui suas imbricações relacionadas à dinâmica social e, por essa razão, por vezes faz-se necessário buscar a compreensão desse fenômeno em autores como Bronislaw Malinowski (1970), Fraz Boas (2005) e Clifford Geertz (2011), pois traduzem as concepções de cultura, necessária para o entendimento dos ditames do ensino jurídico no Brasil, uma vez que deve ser realizado o estudo da realidade social para qual a lei foi elaborada. Para tanto, o olhar se volta às universidades, aos projetos pedagógicos e a previsão da estrutura curricular, para então, verificar os reflexos na formação dos acadêmicos dos cursos de Direito. Assim, em um primeiro momento, a título de diálogo, torna-se condescendente realizar abordagem sobre cultura e ensino jurídico. Posteriormente, analisar os aspectos metodológicos da construção da pesquisa em tela.

Palavras-chave: 1. Dinâmica Social 2. Ensino Jurídico 3. Extensão universitária.

Abstract: The law has its implications related to social dynamics and, for this reason, it is sometimes necessary to seek the understanding of this phenomenon in authors such as Bronislaw Malinowski (1970), Fraz Boas (2005) and Clifford Geertz (2011), since they translate the conceptions of culture, necessary for the understanding of the dictates of legal education in Brazil, once the study of the social reality for which the law has been elaborated must be carried out. In order to do so, we look at the universities, the pedagogical projects and the forecast of the curricular structure, and then, to verify the reflexes in the formation of the academics of the Law courses. Thus, at first, as a dialogue, it becomes patronizing to undertake approach to culture and legal education. Later, to analyze the methodological aspects of the construction of the screen research.

Keywords: 1. Social Dynamics 2. Legal Teaching 3. University Extension.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio se traduz pelo recorte oriundo do ensino jurídico de maneira geral e, da extensão universitária, de maneira específica, constituindo o ensejo do saber científico desenvolver-se com sua abertura para a sabedoria criada e posta em prática na dinâmica social, a partir das concepções de cultura abordadas por Bronislaw Malinowski (1970), Fraz Boas (2005) e Clifford Geertz (2011).

Ao trazer à baila os liames do conceito de cultura, utiliza-se o aporte teórico de Bronislaw Malinowski (1970, p. 46) ao elucidar que a cultura se integra a princípios elementares, quais

¹ Mestre em Direito pela UNISC. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da FEEVALE. Coordenadora e docente do Curso de Direito da FADISMA. Endereço eletrônico: candisseschirmer@gmail.com

² Doutora em Educação pela UFRGS. Professora titular da Feevale no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. É bolsista produtividade em pesquisa (CNPq). Endereço eletrônico: dinora@feevale.br





sejam: “a comunidade de sangue, por meio da procriação; a contiguidade espacial, relacionada à cooperação; a especialização de atividades; e, por fim, mas não menos importante, o uso do poder na organização política” (MALINOWSKI, 1970, p.46). Para Clifford Geertz (2011, p. 10) a cultura “não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade”.

Já a concepção boasiana de cultura (2005, p. 18) tem como fundamento “um relativismo de fundo metodológico, baseado no reconhecimento de que cada ser humano vê o mundo sob a perspectiva da cultura em que cresceu - em uma expressão que se tornou famosa, ele disse que estamos acorrentados aos "grilhões da tradição"”. Tais concepções que põem em relevo a dinâmica da cultura, no seu sentido de coesão social, nos permite pensar a função da extensão universitária como elemento fundamental na formação do acadêmico do Curso de Direito.

DISCUSSÃO

Para Malinowski (1970) e Boas (2005) a relativização é o ponto de convergência. Para este, a cultura tem uma origem histórica, ou seja, a cultura se relaciona a história da sociedade. De outro lado, para aquele está imbricado como a cultura faz a sociedade funcionar. Já Geertz (2011, p. 20) assinala que “as formas da sociedade são a substância da cultura”.

Não se pode olvidar que a finalidade ou valor social, manifestações de conjunto ordenadas e poder social são os elementos necessários para o reconhecimento de uma sociedade (DALLARI, 2012). Nesse contexto, a respeito da sociedade, pode-se indicar que o seu crescimento e desenvolvimento se disseminou por toda parte, ao passo que suas formas, ações e opiniões elucidam traços fundamentais em comum. Ademais, “essa importante descoberta implica a existência de leis que governam o desenvolvimento da sociedade e que são aplicáveis tanto à nossa quanto às sociedades de tempos passados e de terras distantes” (BOAS, 2005, p. 25).

Sob esse viés, constata-se que a prática do direito como prática cultural tem sua história no mundo moderno, assim como o conhecimento das leis “será um meio de compreender as causas que favorecem e retardam a civilização” (BOAS, 2005, p. 25).

Nessa senda, os reflexos ocasionados pelo direito que está posto, positivado, atrelado à função legiferante do Estado, restando tão somente ser aplicado, possui implicações culturais.





Esse mecanismo artificial do sistema e, por conseguinte, das instituições, ocasiona o desencanto oriundo do formalismo exacerbado do juridiquês. Para contribuir, Malinowski (1970, p. 46) assinala que a “cultura é um conjunto integral de instituições em parte autônomas, em parte coordenadas”.

Nesse limiar, considera-se que os textos legais e códigos não são os únicos elementos que sistematizam o Direito, uma vez que este se traduz como fenômeno social que deve ser buscado no interior da sociedade. Entrementes, relaciona-se o direito e sua prática a um sistema cultural, leia-se, da cultura escrita, ancorada a um conjunto de leis acordadas entre todos os membros de uma sociedade.

Aqui, sobressai a posição de Geertz (2011, p. 10) que encontra convergência com Max Weber, inserindo a cultura “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Destarte, além de priorizar o estudo das leis, o Curso de Direito deve realizar o estudo da realidade social para qual a lei foi elaborada.

A título de diálogo, torna-se condescendente traçar um paralelo do Brasil Imperial para o Brasil Contemporâneo. Não se identificam mudanças atinentes ao tempo de integralização do Curso de Direito, qual seja, 5 (cinco) anos. A diferença pode ser encontrada nas disciplinas que perfazem a estrutura curricular, uma vez que os cursos originários continham em sua grade curricular tão somente 9 (nove) disciplinas, enquanto atualmente há mais de 50 (cinquenta). Nesse sentido,

Quando esclarecemos a história de uma única cultura e compreendemos os efeitos do meio e das condições psicológicas que nela se refletem, damos um passo adiante, pois podemos então investigar o quanto essas ou outras causas contribuíram para o desenvolvimento de outras culturas. Assim, quando comparamos histórias de desenvolvimento, podemos descobrir leis gerais. Esse método é muito mais seguro do que o comparativo, tal como ele é usualmente praticado, porque, em lugar de uma hipótese sobre o modo de desenvolvimento, a história real forma a base de nossas deduções (BOAS, 2005, p. 37).

Assim, rompe-se a barreira da generalidade, trazendo disciplinas propedêuticas, de direito material e também de direito processual. Contudo, mantém-se a disciplinaridade, independentemente do tempo que separa a primeira estrutura curricular daquelas que versam os Cursos de Direito hoje. Insta constar que é traçado um paralelo nas universidades, com personificações e vitrines exuberantes, que denotam o conhecimento atrelado a caixas e gavetas, norteados por um sistema disciplinar.





Nesse viés, adere-se a concepção de Geertz (2011, p. 32) quando aduz a necessidade de “integrar diferentes tipos de teorias e conceitos de tal forma que se possa formular proposições significativas incorporando descobertas que hoje estão separadas em áreas estanques de estudo”.

Outrossim, ainda com Geertz (2011, p. 32) “precisamos procurar relações sistemáticas entre fenômenos diversos, não identidades substantivas entre fenômenos similares”. Nesse aparato, faz-se necessário analisar a universidade e os projetos pedagógicos dos cursos, bem como os acadêmicos dos Cursos de Direito, haja vista que a partir dos instrumentos de avaliação, se identifica (ou não) uma estrutura curricular cartesiana, que, por conseguinte influenciará no perfil do egresso, seja tecnicista ou humanista, dogmática ou holística.

Ao mesmo passo, com base nos eixos de formação (específica, geral, complementar e prática) da estrutura curricular dos Cursos de Direito, há o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem que reúne elementos capazes de perscrutar o desenvolvimento de habilidades e competências e, por conseguinte, analisar a formação do acadêmico.

Deste modo, os contornos delineados pelo ensino jurídico e os reflexos oriundos na formação do bacharel em Direito remetem ao conhecimento que se faz necessário para ser um bom julgador, atrelando a realidade brasileira, bem como a concretização de experiências que, acontece quando da imersão na comunidade.

Nesse sentido, o entendimento do direito enquanto prática social, e o compromisso com maneiras alternativas do direito formal, pensados a partir de propostas da construção social do conhecimento jurídico e da prática do Direito se encontra intrinsecamente imbricado no viés da extensão universitária. Esta supera a dicotomia teoria-prática para lançar mão de uma prática pedagógica interdisciplinar.

Nessa seara, acentua-se que Malinowski foi propagador de uma revolução que detinha três propósitos: 1) substituir a antropologia de gabinete pela experiência de campo; 2) no campo da religião e da magia, substituir a atenção de Frazer às crenças pelo estudo da ação social (o rito); e 3) substituir as falsas sequências evolutivas por um entendimento da sociedade contemporânea (STHARTEN, 2014. p. 167-168). Diante das elucidações realizadas até o presente momento, indica-se que uma analogia da revolução pensada por Malinowski pode ser idealizada para o ensino jurídico.

Além disso, assinala-se que o conceito de cultura está imbricado com a história da antropologia e com a prática da etnografia. Assim, é pouco científico não ir até o local estudado





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

para conferir como as coisas são. A partir disso, reflexões em torno do compromisso do antropólogo a partir dos dados angariados, bem como o significado desses dados para o grupo que está sendo estudado necessitam ser pensados, haja vista a responsabilidade com o grupo e com a ciência.

Nessa vertente, tem-se a hipótese desenhada: os discentes do Curso de Direito, tendo provido durante o percurso acadêmico de participação em projetos de extensão com imersão em relações sociais concretas, atrelam conhecimento e prática com viés ao desenvolvimento de habilidades e competências necessárias às vivências sociais para dar efetividade ao conhecimento teórico que, isoladamente se mostra limitado para sua formação.

METODOLOGIA

Nesses meandros, é preciso pensar a empiria a partir da teoria. Com quais fundamentos teóricos irei trabalhar? Boaventura de Souza Santos denota valoração ao tema da extensão universitária, assim como Paulo Freire traz elementares para a extensão e Silvio Paulo Botomé desconstrói o arquétipo da terminologia. Como os autores vinculados ao funcionalismo e interpretativismo podem auxiliar no desenvolvimento da tese? Que tipo de impacto Bronislaw Malinowski, Fraz Boas e Clifford Geertz terão na pesquisa?

Movimentos não lineares da teoria ao empirismo, processos permanentes e cíclicos, em que se realiza a visita aos fundamentos e os ressignifica, sem deixar de lado os fundamentos basilares da pesquisa proposta são necessários para desenvolvimento almejado. Dentro do universo proposto, com relação à prática, será feita inserções etnográficas que embasará a fundamentação teórica e as análises dos relatos, das vivências e das realidades vividas pelos discentes dos Cursos de Direito. Posteriormente, serão analisadas e fundamentadas nas teorias, gerando conclusões. Aqui, a empiria dará o critério para a busca da teoria. Trata-se de uma investigação empírica que concebem a extensão no conjunto das práticas formativas, a partir da análise dos projetos envolvendo o Curso de Direito nas instituições UFSM (pública); FADISMA (privada com fins lucrativos); Feevale (sem fins lucrativos - comunitária); IPA-METODISTA (sem fins lucrativos – confessionais).

Ademais, de que maneira os programas de extensão universitária contribuem para contextualização prático-profissional no campo do Direito na perspectiva da materialização dos direitos fundamentais? Na medida em que a extensão é vislumbrada como oportunidade posta para o desenvolvimento da dinâmica social, sobretudo voltado para os direitos fundamentais, o





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**

**DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

aprendizado supera a dicotomia teoria-prática dando ensejo a uma prática pedagógica interdisciplinar, horizontal, dialética, ou seja, desprendido de caixas ou gavetas. A respeito dos métodos, Boas (2005, p. 38-39) assinala:

O método comparativo e o método histórico, se posso usar esses termos, têm lutado pela supremacia há muito tempo, mas podemos esperar que cada um deles logo encontre sua função e seu lugar apropriados. O método histórico atingiu uma base mais sólida ao abandonar o princípio enganoso de supor conexões onde quer que se encontrem similaridades culturais. O método comparativo, não obstante tudo o que se vem escrevendo e dizendo em seu louvor, tem sido notavelmente estéril com relação a resultados definitivos. Acredito que ele não produzirá frutos enquanto não renunciarmos ao vão propósito de construir uma história sistemática uniforme da evolução da cultura, e enquanto não começarmos a fazer nossas comparações sobre bases mais amplas e sólidas, que me aventurei a esboçar. Até agora temos nos divertido demais com devaneios mais ou menos engenhosos.

Os instrumentos de pesquisa idealizados relacionam-se a análise documental (projetos pedagógicos dos Cursos de Direito da UFSM, FADISMA, Feevale e IPA-METODISTA, fichas socioeconômicas da comunidade envolvida, legislações, políticas de extensão, relatórios e imagens dos projetos de extensão); a entrevista semi-estruturada com Pró-reitores de Extensão, bem como com Coordenadores dos Curso de Direito das instituições supramencionadas; a entrevista/questionário para ser aplicado aos acadêmicos dos Cursos de Direito; o questionário etnográfico procurando entender a compreensão dos acadêmicos dos Cursos de Direito em relação aos conhecimentos construídos no enfrentamento das dificuldades do dia-a-dia pelas populações socialmente desfavorecidas somados aos produzidos na universidade; a observação participante junto às comunidades onde os projetos de extensão são realizados; a grupos de discussão com acadêmicos dos Cursos de Direito e comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer a prática da etnografia para o Curso de Direito, estabelecendo relações, transcrevendo textos, selecionando informantes, mapeando campos, mantendo um diário, levantando genealogias, e assim por diante, proporcionaria o alinhamento das traduções da realidade social (GEERTZ, 2011, p. 10).

Por fim, é interessante observar que o diário de campo e a descrição etnográfica são considerados instrumentos e técnicas de pesquisa empregados para dominar o dado empírico, sendo a escrita elemento de resgate da interação social vivida pelo antropólogo com a comunidade investigada.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Acredita-se que a extensão universitária possui papel singular, emergindo como vertente balizadora na formação do acadêmico do Curso de Direito contemplando que a participação de docentes, discentes e comunidade seja repleta de significados. É como se, a partir da extensão, houvesse a desnaturalização da compreensão do mundo humano, voltando o olhar para construção da coesão social.

REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. As limitações do método comparativo em Antropologia. In: CASTRO, Celso (Org.). Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de Teoria Geral do Estado. São Paulo: Saraiva, 2012.

GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

STHARTEN, Marilyn. *O efeito etnográfico*. São Paulo, Cosac Naify, 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CUECAS: O PORTA JOIA DA MASCULINIDADE

BRIEFS: THE JEWELRY BOX OF MASCULINITY

Me. Carlos Reinke (Universidade Feevale)¹
Dr^a. Claudia Schemes (Universidade Feevale)²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão teórica relativa a uma compreensão relativa a crise da masculinidade contemporânea que se torna um tema crescente nos estudos das ciências sociais e humanas. No entanto, este estudo amplia o seu foco de observação, no momento que se utiliza de três variáveis distintas: a identidade, o consumo e o corpo. É neste sentido que emerge aqui a possibilidade de utilizar o universo da moda como fonte de pesquisa, uma vez que a moda será um retrato de um período, através do qual é possível identificar a evolução da humanidade e suas transposições ao longo da história.

Palavras-chave: Masculinidade. Identidade. Consumo. Corpo.

Abstract: The present work has as objective to realize a theoretical reflection regarding an understanding relative to the crisis of the contemporary masculinity that becomes a growing subject in the studies of the social and human sciences. However, this study expands its focus of observation, when three distinct variables are used: identity, consumption and the body. It is in this sense that the possibility of using the universe of fashion as a source of research emerges here, since fashion will be a portrait of a period through which it is possible to identify the evolution of humanity and its transpositions throughout history.

Palavras-chave: Masculinity. Identity. Consumption. Body.

UM OLHAR DIFERENTE SOBRE A MASCULINIDADE

O estudo busca refletir sobre o conceito da masculinidade como um processo cultural, alicerçado em aspectos físicos e simbólicos, presentes em uma confluência entre espaços coletivos e particulares. Dentro deste desta reflexão, acabam se consolidando recortes específicos, centralizados em determinadas noções identitárias e elementos estéticos, que corporificam uma estética masculina e que irá nortear comportamentos, hábitos e compreensão do mundo contemporâneo. Tornando possível assim, uma reflexão específica sobre as dinâmicas dos valores da masculinidade contemporânea por meio de referenciais mais amplos da sociedade, ou seja, torna possível avaliar a crise no modelo hegemônico masculino heteronormativo por uma ótica dos processos e manifestações culturais contemporâneos.

Diante desta perspectiva, por meio de uma pesquisa básica explicativa, que se vale um procedimento metodológico bibliográfico documental, torna-se possível também, estruturar

¹ Me. em Processos e Manifestações Culturais, Esp. em Modelagem de Vestuário, Bel. Moda pela Universidade Feevale, professor na FSG (Caxias do Sul/RS) e tutor EAD da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: carlosar@feevale.br.

² Doutora em História pela USP. Mestre em História pela PUCRS. Professora e pesquisadora no PPG Processos e Manifestações Culturais no curso de História da Universidade Feevale (Novo Hamburgo – RS). E-mail: claudias@feevale.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

uma relação entre a masculinidade e os conceitos atuais de identidade; do consumo, em uma perspectiva cultural; e do corpo como meio de representação cultural das masculinas contemporâneas.

Neste sentido, emerge a problemática do estudo, como refletir sobre a crise da masculinidade com base em aspectos como identidade, consumo e corpo? Dentre as hipóteses plausíveis, identificou-se uma possibilidade que pareceu inusitada, no entanto, se mostrou apta devido a sua relação íntima com o homem e que tange os três aspectos da reflexão do estudo. Sendo assim, este estudo utilizará as campanhas publicitárias de cuecas, como meio de afirmação das reflexões obtidas à partir de teóricos como Stuart Hall (2002), Bauman (2005), Grant Mccracken (2003) e autores pertinentes ao tema abordado neste texto.

IDENTIDADE MASCULINA: UM ESPELHO EM PEDAÇOS

Partindo da concepção que o sufixo *dade*, que expressa o sentido denotativo de determinado estado de comportamento (HERNANDES, 2008); e de que a cultura consiste em um sistema de regras alicerçadas em informações simbólicas que são transmitidas, assimiladas, ressignificadas e retransmitida em um processo de experimentações infinitas que moldam e guiam o comportamento de uma determinada sociedade (GEERTZ, 1989; HALL, 2002; LARAIA (1968) e McCRAKEN (2003)). Estas premissas concedem uma abordagem da masculinidade a partir dos conceitos da formação identitária do sujeito, uma vez que a masculinidade estruturará regras baseadas em um sistema cultural para guiar o que seria o comportamento de um sujeito biologicamente visto como homem.

Assim, a identidade, pode ser dita como o processo de auto reconhecimento e de reconhecimento pelos outros, uma vez que concede a possibilidade de identificar o que é diferente e ao mesmo tempo o que é idêntico de si mesmo (HABERMAS, 1988). Outros autores que evidenciam esta complexidade do processo identitário é Ricoeur (1991) e Silva (2007), que mencionam que a identidade seria uma dualidade entre o idêntico de si mesmo e alteridade, possibilitando reconhecer o diferente através da capacidade de se colocar no lugar do outro. É neste sentido, que a identidade será um processo em constante construção, pois dependerá de um processamento de elementos simbólicos e subjetivos pelo indivíduo em uma relação com o outro.

Castells (2008), em seus trabalhos torna clara esta percepção quando o autor menciona que:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. [...] A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela [...] memória coletiva e por fantasias pessoais, [...]. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço.” (Castells, 2008, p.23)

As colocações de Castells (2008) esboçam que as identidades serão passíveis de determinadas interferências do contexto sociocultural em que elas emergem, uma vez que o indivíduo não assume apenas uma posição passiva de produto das relações sociais, mas também uma posição ativa de produtor dentro do sistema em que está imerso e que é regido por regras normativas da cultura (ZANELLI, 2013).

Outro aspecto a ser considerado em relação as colocações de Castells (2008), é a possibilidade de reconhecer possíveis desdobramentos identitários quando estes são comparadas dentro de diferentes contextos históricos, uma vez que o tempo e o espaço também serão variáveis na construção identitária. Essas considerações ficam evidentes quando se realiza um comparativo entre as identidades do sujeito iluminista e pós-moderno, proposto por Hall (2003).

O homem iluminista, segundo Hall (2003), possui como características fundamentais a centralidade, a racionalidade e a unificação, que confere a sua identidade um caráter de rigidez, pois a identidade que emerge no nascimento deste sujeito o acompanhava ao longo da vida. Já o homem pós-moderno, se distingue do anterior, uma vez que a sua identidade perde a sua rigidez, uma vez que elas são construídas no decorrer da sua história e das suas interações ao longo da vida e que como consequência, permite ao homem assumir múltiplas identidades em diferentes ocasiões.

Esta fragilidade se acentua ainda mais ao adentrarmos na modernidade, o autor Bauman (2005), menciona por exemplo, que a globalização remove os referenciais e valores locais, possibilitando ao homem um acesso a um espaço difuso e descentrado de múltiplos referenciais e valores que emergem tão rápido quanto se esvaem. Como consequência desta pluralidade e da efemeridade, com que os referenciais emergem, são assimilados e depois esquecidos dentro de um sistema sócio-cultural, Bauman (2005) menciona que a sociedade, na atualidade, se caracteriza como fluída e conseqüentemente as identidades irão refletir esta instabilidade no formato de um processo denominado crise identitária, uma vez que a legitimação de uma identidade, onde citamos como exemplo, a masculinidade, se torna impossível uma vez que





seus referenciais e valores irão se modificar constantemente, deixando evidente a crise da masculinidade.

Ao traçar um paralelo entre os conceitos destes autores, pode se perceber duas características, a primeira de que a identidade poderá ser uma resultante política e cultural, que emerge dos processos de interações sociais e experiências simbólicas de nosso cotidiano, onde o indivíduo não assume apenas uma posição passiva de produto das relações sociais, mas também uma posição ativa de produtor dentro do sistema em que se encontra imerso e que é orquestrado pelas regras normativas da cultura (ZANELLI, 2013). Diante desta reflexão e do elemento norteador do estudo – masculinidade – percebe-se que as transformações nos referenciais de gênero e sexualidade irão influenciar nas transformações das identidades contemporâneas. Assim, a masculinidade poderá ser vista como uma das mais significativas formas de reconhecimento social dentro de diferentes estruturas culturais. (HALL, 2002).

Já a segunda característica, é a de que toda e qualquer modificação dentro do sistema sociocultural poderá modificar a percepção da realidade pelo sujeito e conseqüentemente mudar a sua identidade. Indo de encontro aos conceitos de Vigotski (2000, p.73) que menciona que “a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem”.

Ao transpormos estas colocações para o universo da sexualidade, surge a justificativa de que a masculinidade deixa de ser um papel identitário hegemônico e necessita estar ciente da existência não apenas de outros gêneros, mas também de uma diversidade de masculinidades. Este processo é percebido, no momento em que a masculinidade perde sua posição monolítica na pirâmide social e passa a necessitar de uma constante luta por sua reafirmação e reconhecimento dentro de um determinado sistema cultural.

Este pensamento se aproxima das colocações de Souza (2004), que menciona que a identidade é um processo em constante formação e que determinados hábitos comportamentais associado as masculinidades, inclusive o de consumo, seja ele, estético, cultural ou material. Oportunizando assim, uma abordagem de elementos subjetivos, tais como, o corpo e a estética.

CONSUMO COMO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E CORPORAL

O conceito universal do de consumo, não abrange toda a amplitude que esta forma de comportamento possui na sociedade ocidental moderna. Abordar este assunto, não é se restringir apenas ao sentido etimológico primário do termo, que segundo Merengué (2012), se





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

origina do “latim *consumere* (esgotar) e é formada por mais *suemere* (apoderar-se, gastar, agarrar).

No entanto, autores como McCracken (2003) e Slater (2002), transpõem o consumo para um patamar que transcende os aspectos puramente material e econômico, afirmando que o “consumo moderno é, acima de tudo, um artefato histórico” (MCCRACKEN, 2003, p.21). Com isto, os autores convergem para um mesmo ponto, o de que nas sociedades modernas, o consumo passou a ser moldado por aspectos culturais, que McCracken (2003, p.21) define como as “ideias e atividades através das quais fabricamos e construímos nosso mundo.”

Em decorrência deste enfoque, os valores antes associados ao termo se modificam e hoje possibilitam uma abordagem do consumo por um viés sociológico, ou seja, uma avaliação deste tipo de comportamento poderá ser baseada em aspectos culturais, tais como, faixa etária, escolaridade e, principalmente, gênero.

Portanto, os bens de consumo se tornam portadores de significação e com isto meios de reafirmação e diferenciação social que possibilitam um processo de identificação social (SOLOMON (1983), BELK (1984)), indo de encontro a estas colocações, Bourdieu (2007, p.09) menciona que “à hierarquia socialmente reconhecida [...] corresponde a hierarquia social dos consumidores.” e Canclini (1995) apoia estas colocações, quando fala que o “[...] reconhecimento e a aceitação social dependem cada vez mais do consumo ou daquilo que se possua ou seja capaz de possuir.”

Se poderia então pensar, que dentro do universo da masculinidade moderna, o consumo poderá ser trabalhado como uma forma de reconhecimento e reafirmação do homem, onde a aquisição de diferentes bens poderá conferir um sentimento de pertencimento a esfera da masculinidade. Este pensamento se ampara no fato de que se antes, a masculinidade se perpetuava através da essência da história de uma sociedade, hoje, ela dependerá mais daquilo que o homem possui ou poderá possuir (CANCLINI, 2001).

É a partir desta dinâmica, entre o consumo e o reconhecimento identitário da masculinidade, que o corpo passa a ter grande importância na formação identitária dos sujeitos. No tocante a este ponto, o antropólogo David Le Breton, menciona que:

“Por muito tempo o corpo foi negado ou, mesmo, excluído, da história humana. Porém, em virtude das transformações decorrentes da maneira do homem lidar consigo mesmo e com o mundo, o corpo se tornou um objeto de estudo da Sociologia dedicada à compreensão do homem como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representação e imaginário” (SOARES, 2009)





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Fica evidente então, o papel do corpo, pois é através dele que as identidades poderão ser materializadas, percebidas e até mesmo vivenciadas. A própria sexualidade é um exemplo disto, conforme já mencionado, nossa sociedade parte de uma relação binária entre masculino e feminino, mas que devido a modernidade fluída (BAUMAN, 2005), os valores socioculturais se mostram fragilizados devido a pluralidade de referenciais e como consequência, emergem inúmeras sexualidades.

Neste sentido, o corpo será o meio pelo qual corporificamos nossas identidades e que será percebida por meio da imagem estética construída pelo indivíduo. No que diz respeito desta construção, os conceitos de Schilder (1977) norteiam esta reflexão, pois o autor menciona que a imagem estética corporal, seria uma resultante de três variáveis, a primeira seria a fisiológica, que estaria intimamente relacionada aos aspectos anatomofisiológicos, identificando assim o homem e a mulher dentro de um viés puramente biológico.

A segunda variável, que Schilder (1977) menciona é a libidinosa, que seria a resultante das experiências vividas ao longo da vida do indivíduo. Em outras palavras, o autor reafirma as colocações de Beauvoir (1980), de que ser mulher ou ser homem é o resultado de nossas experiências ao longo da vida. Já a terceira variável, seria a sociológica, que engloba os valores socioculturais no qual as relações entre o eu e o outro ocorre.

Ao pensarmos profundamente sobre esta terceira variável, ela reafirma a relação entre corpo, consumo e identidade. Pois nela estariam latentes os comportamentos de elementos materiais, que irão compor a imagem estética do sujeito, mas que cujas escolhas partem de um processo simbolicamente construído. Em outras palavras, as roupas, os adornos e todos os produtos, passíveis de serem consumidos para a obtenção de uma imagem estética, estariam dentro desta terceira variável. Sendo assim, o vestuário poderá ser um elemento passível de fornecer informações a respeito de uma data identidade dentro de determinados contextos históricos.

CUECA POR CIMA DO CALÇÃO NÃO É INVENÇÃO DO SUPER-HOMEM

Assim como o próprio título desta seção menciona, a “cueca por cima do calção não é invenção do super-homem” (SOALHEIRO, 2006, p.35). A autora também menciona que a cueca é um item que remonta a pré-história, havendo vestígios destas peças em um formato mais rudimentar desde o tempo das cavernas. Isto torna inviável uma abordagem tão ampla sobre a história deste traje, sendo assim, reduz-se o recorte histórico a partir 1910, que segundo





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Soalheiro (2006), a moda na época era o uso de ceroulas ou macacões como roupa íntima pelos homens brasileiros.



Figura 1- Campanhas de cuecas das décadas de 1910, 20, 30, 40 e 50.

Fonte: Construção do autor.

Ao avaliar as campanhas de cuecas a partir de 1910, o que se percebe é que até a década de 1950 as campanhas retratavam homens comuns, ainda era muito comum o uso de ilustrações nas campanhas. No entanto, indiferente da forma de representação, foto ou ilustração, o homem retratado é um homem formal. Assim como no vestuário, as campanhas de cuecas não exaltam a virilidade masculina através dos corpos, apenas exibem um apelo funcional para o produto através de uma associação com os fazeres do dia a dia do homem deste período. Na figura 01 é possível ver campanhas de cuecas de cuecas da década de 10, 20, 30, 40 e 50 respectivamente.

Após a década de 1950, marcada pela aura de dualidade no universo masculino. Ao mesmo tempo em que a representação masculina estava centrada em aspectos como a corporalidade, o caráter e a personalidade, muitas vezes representado por galãs de cinema, havia o anti-herói, representado por ícones da juventude transviada, eles retomavam um aspecto da masculinidade por sua característica viril.

Já nas décadas de 1960 e 70, as inovações em matéria prima viabilizaram o desenvolvimento em larga escala de cuecas. Outro aspecto foi a possibilidade do desenvolvimento de cuecas coloridas, cuja aceitação, pode ser estar relacionada ao contexto histórico da época. Neste sentido, no momento em que o homem passa a expor seu corpo, a preocupação em utilizar cuecas que afirmem o apelo estético masculino se torna necessária. É neste sentido, que a virilidade desta época era representada pelo vigor, força e pelos corporais, às vezes em excesso. Na figura 2, é apresentada a campanha publicitária da cueca Mash de 1979. A representação masculina da época não possui um apelo estético relativo ao tono muscular, mas se apoia na figura do *homem machão*, que fuma, bebe e possui pelos corporais.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS



Figura 2 - Campanha de cuecas da marca Pocker de 1970.
Fonte: site propagandas históricas.

Da década de 70 em diante, a masculinidade passou a ser associada a uma exacerbada exposição viril, de sensualidade e beleza. Este comportamento se reafirma, uma vez que é na década de 1980 que os cuidados estéticos corporais, tanto masculinos quanto femininos, ganham espaço e também adeptos. As propagandas de marcas como a Calvin Klein, figura 3, se tornam ícones da representação da masculinidade do período, apresentando homens com tons muscular muito bem delineado em posições sensuais e virilizadas.



Figura 3 - Campanha da marca Calvin Klein do ano de 1982.
Fonte: site Dicas pra ele.

Já na década de 90, o homem passa cada vez mais a ser representado por força, virilidade e agora por sua erotização, aspecto este que se seguiu em um processo, mesmo que lento, de empoderamento feminino. Neste sentido, as marcas apostam no uso de modelos com corpos modelados em academias e utilizam elementos sutis que incitam a erotização do corpo masculino, conforme a figura 4.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS



Figura 4 - Campanha de cueca da marca Maju de 1994.
Fonte: site Propagandas Históricas.

APONTAMENTOS FINAIS

A partir das considerações teóricas apresentadas e das correlações entre as imagens apresentadas e dos conhecimentos relativos ao contexto sociocultural de cada época, pode ser identificado neste primeiro momento uma íntima relação entre masculinidade, que é vista como um processo identitário; e o corpo, meio físico de corporificação dos aspectos identitários, uma vez que ao traçar um paralelo com as questões como, movimentos de liberdade sexual e o empoderamento da mulher, é possível reconhecer como estas se relacionam com a forma como o homem é representado nas campanhas de cuecas. O corpo se modifica, como que em uma tentativa de reafirma sua posição patriarcal dentro de uma sociedade que se encontra em um processo de mutação cada vez mais rápido, podendo este aspecto ser percebido no momento em que a virilidade, força e erotização masculina passa a ser elemento integrante da estruturação da imagem do homem nas campanhas publicitárias deste produto.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

construção organizacional. Rio de Janeiro: Editorial LAB. 2013.

ed., 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, c1989. 323

HABERMAS, Jürgen 1988 – **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid, Taurus, Vol II

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MCCRACKEN, Grant. **Cultura & Consumo**. Trad. Fernanda Eugenio. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MERENGUE, Devanir. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 7-8, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 mar. 2018.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

SCHILDER, P. (1977). **A imagem do corpo**. Buenos Aires: Paidós.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz. **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SOALHEIRO, Bárbara. **Como fazíamos sem --**. São Paulo, SP: Panda Books, 2006. 144 p.

ZANELLI, J. C. **Interação humana e gestão: uma compreensão introdutória da**





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

POLÍTICA E MASCULINIDADE NAS REPRESENTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS DA PERSONAGEM CAPITÃO AMÉRICA

POLITICS AND MASCULINITY IN THE MOVIE REPRESENTATIONS OF CAPTAIN AMERICA'S CHARACTER

Carlos Bões de Oliveira (Feevale)¹
Marino Albrecht Junior (Feevale)²

Resumo: Este artigo apresenta uma análise da personagem do Capitão América nas representações do universo cinematográfico Marvel, problematizando os aspectos políticos, sociais e as representações da masculinidade nas películas. Os estudos sobre masculinidades no cinema têm surtido muito interesse, e os filmes de super-heróis revelam-se material exemplar para a análise das masculinidades hegemônicas, bem como o estudo e problematização das ideologias defendidas por estas masculinidades. A personagem do Capitão América é material rico para análise, já que ela representa a ideologia estadunidense, e é problematizada em seis filmes durante o século XXI. Como suporte teórico, esta pesquisa está centrada em teorias de gênero e masculinidade, bem como estudos culturais e teorias fílmicas.

Palavras-chave: Capitão América. Masculinidade. Cinema. Política.

Abstract: This paper presents an analysis of the Captain America character in Marvel's cinematic universe representations, focusing our problems in the political, social and masculinity aspects of representation in these films. The studies concerning masculinities on movies have come to bring light to many aspects of our social life, and superhero movies have revealed themselves as an exemplary material to the analysis of hegemonic masculinities, as well as the study regarding the ideologies defended by these masculinities. The character of Captain America is a rich material for study, since it represents the United States' ideology, and it is brought to discussion in six different films during the 21st century. As a theoretical support, this paper relies on theoreticians of gender and masculinity studies, as well as cultural studies and film theory.

Keywords: Captain America. Masculinity. Cinema. Politics.

MASCULINIDADES E O CINEMA DE HOLLYWOOD

Falar de gênero não é limitar-se a uma característica ligada aos corpos e suas diferenças: é, em primeiro lugar, refletir sobre o complexo âmbito da prática social e suas relações de poder. As definições e explicações sobre gênero perpassam diferentes abordagens, as quais podem assumir um tratamento linguístico ou cultural, analisando os aspectos materiais e econômicos, como também o universo do simbólico, da representação e dos sentidos.

A masculinidade tem diferentes significados, em diferentes épocas, para um número heterogêneo de pessoas. Mais do que isso, a masculinidade é diferente para cada classe, etnia,

¹ Bolsista PROSUC/CAPES no curso de Doutorado em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale e University of New Mexico. E-mail: caio.boes@gmail.com.br

² Mestre em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale). Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação em Negócios Internacionais (Feevale). E-mail: vaderbr@hotmail.com





raça, idade, sexualidade e o local de moradia. Portanto, embora haja uma enorme gama de entendimentos acerca das masculinidades, é necessário haver um certo modelo de masculinidade, uma definição singular, para que, então, cada homem seja capaz de confrontar, medir e entender a sua própria masculinidade e sua posição no universo do masculino.

Entender como a masculinidade se estabelece nas relações de poder exige uma leitura sobre a influência da ideologia. De forma geral, ideologias são formas de ver o mundo, de modo que são sempre parciais, mesmo que a própria ideologia crie mecanismos para ‘apagar’ essa parcialidade, que sempre traz vantagens a alguns grupos específicos. Nesse sentido, a questão que deve ser levantada é: como um grupo específico habita posições de poder e riqueza e como atesta e reitera as relações sociais que geram tal dominância? Para realizar essa análise, Connell utiliza tipos ideais de masculinidade que geram uma hierarquia nas relações e, como ponto de partida, o teórico utiliza o termo ‘masculinidade hegemônica’.

O conceito de *masculinidade hegemônica* vem diretamente dos trabalhos de Antonio Gramsci. Gramsci desenvolveu o conceito de *hegemonia* para exemplificar como a classe dominante mantém uma posição ascendente na sociedade. Um ponto chave em sua discussão é que a classe dominante mantinha a sua posição ao conquistar o *consentimento* do outro, ao invés de exercer a força bruta. Ele também assumia que o poder hegemônico nunca é absoluto, e que as ideologias dominantes existem em uma batalha constante ou “guerra de posições” com outras formas alternativas de entender o mundo.³ (EDLEY, 2017, p. 44).

A masculinidade hegemônica pode ser interpretada como a configuração das práticas de gênero que incorporam a resposta atualmente aceita para o problema da legitimação do patriarcado, que garante (ou pretende garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres (CONNELL, 1995). A masculinidade hegemônica está relacionada a uma posição social culturalmente privilegiada em que uma(s) maneira(s) de pensar e agir define(m) o que é o homem.

Para reconhecer o gênero como um padrão social, é preciso entendê-lo não apenas como um produto da história mas, também, como um produtor da história (CONNELL, 1995). A mesma lógica se aplica ao cinema e ao seu papel de reflexo da história nas representações de gênero mas, mais importante, ele serve como uma autenticação do patriarcado e de uma

³ The concept of *hegemonic masculinity*, which drew directly upon the work of Antonio Gramsci. Gramsci developed the concept of *hegemony* in order to make sense of how the ruling classes maintain their ascendant position in society. Key to his argument was the claim that it worked by gaining others’ *consent*, rather than through the exercise of brutal force. He also claimed that hegemonic power is never absolute, that ruling ideologies exist in a constant battle or ‘war of positions’ with other, alternative, ways of understanding the world.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

masculinidade hegemônica. No que concerne à masculinidade no cinema de Hollywood, é possível afirmar que ela não é uma representação estável e que a representação de uma posição hegemônica de um modelo particular de masculinidade é sempre contestável. Adicionalmente, também é possível afirmar que um tipo de masculinidade, em determinado momento histórico, sempre será mais exaltado do que o outro.

Quando um corpo se transforma em fato social graças aos poderes do cinema, ele se torna experiência de todos e de cada um, intensificando sua percepção, e adquire a potência de cristalizar e de dizer as expectativas, os medos ou os valores de uma sociedade. Um corpo se faz *punctum* de um tempo histórico e de um espaço social, trazendo em sua força (viril) ou em sua fraqueza (a “desvirilização”) o poder de engendrar uma representação de si coletiva. (BAECQUE, 2013, p. 519).

Os mecanismos representacionais do cinema são profundamente patriarcais. Entretanto, o sistema complexo e cultural no qual Hollywood tem investido historicamente na construção do masculino e nas transformações de uma masculinidade hegemônica tem sido minimamente estudado. “É, portanto, muito raro encontrar análises que procurem especificar em detalhes, em relação a filmes em particular ou a grupos de filmes, como a masculinidade heterossexual é inscrita e quais são os mecanismos, pressões e contradições dessa inscrição” (NEALE, 1993, p. 9).

CAPITÃO AMÉRICA E MASCULINIDADE

O início do século XXI é marcado pela presença marcante dos filmes de super-heróis como maiores expoentes da cultura do *blockbuster* no cinema de Hollywood. Esta frequência não está apenas relacionada ao desenvolvimento de tecnologias que permitem todo e qualquer efeito especial brotar na tela, ela está relacionada também ao trauma pós 11 de setembro, e oferece algumas respostas aos problemas que surgem com essa catástrofe, além de problematizar as masculinidades multifacetadas desta geração (ROBLOU, 2012).

Sob esse aspecto, filmes de ação e aventura são a matéria prima aonde as masculinidades hegemônicas são retratadas no cinema (JEFFORDS, 1994) e, no século XXI, são os filmes de super-heróis os responsáveis por lidar com este tema de maneira central. A personagem do Capitão América é emblemática para problematizar não apenas a masculinidade mas, também, a ideologia hegemônica dos Estados Unidos, visto que a personagem incorpora a voz de um estado e, também, os desejos latentes do povo estadunidense como se fosse a sua própria voz. Em suma, trata-se de uma personagem que, cumprindo seu papel de participante em um





blockbuster, possui uma função de entretenimento mas, concomitantemente, também exerce uma função social na figura de uma personagem imbuída de ideais de uma nação.

Entretanto, a personagem não é, da mesma forma que as masculinidades hegemônicas não são, um constructo estático, uma vez que essas oscilam ideologicamente e socialmente. Isso é retratado nas adaptações cinematográficas da personagem através de uma evolução que decorre em seis filmes daquilo que ficou conhecido no meio cinematográfico por MCU (do inglês *Marvel Cinematic Universe*).

O Capitão América nasce na década de 1940 como um reflexo do patriotismo exacerbado e da propaganda do poderio militar estadunidense. A personagem foi criada por Jack Kirby e Joe Simon com o ímpeto de suprir a demanda do frenesi patriótico gerado pela Segunda Guerra Mundial, e a necessidade de elaborar uma persona que fosse incrivelmente nobre e super patriótica (HAYTON; ALBRIGHT, 2009). No cinema, dentro do MCU, o primeiro filme onde a personagem aparece é *Capitão América: O Primeiro Vingador* (JOHNSTON, 2011). Nessa película, Steve Rogers é um nova-iorquino do Brooklyn cujo alistamento no exército lhe foi negado por cinco vezes, devido ao seu físico frágil e sua saúde debilitada. Rogers é um homem comum, mas que através dos “verdadeiros ideais norte-americanos”, os quais ele segue cegamente, e do soro do super-soldado, acaba por tornar-se o Capitão América (figura 1).

Figura 1.



O musculoso Steve Rogers transformado em Capitão América.

Fonte: *Capitão América: O Primeiro Vingador* (JOHNSTON, 2011)

A metáfora nesse caso é clara: um norte-americano comum que tenha e defenda os ideais do país ganha força e corpo. Capitão América é a encarnação imaginada do poderio militar estadunidense: um corpo exageradamente forte, combinado com um idealismo e patriotismo que equivalham à mesma robustez. A masculinidade dos super-heróis está ligada aos seus corpos avantajados, os quais personificam um poderio hegemônico, e, neste sentido, o corpo do Capitão América representa a “musculatura” militar do país.





O corpo, como um significante externo, veio a representar todas as convenções tradicionalmente ligadas ao poderio masculino e a masculinidade. E, como um signo pesadamente inscrito, o corpo musculoso claramente marca um indivíduo como portador de uma força e superioridade masculina [...] O super-herói faz o que faz, porque, fisicamente ele pode fazê-lo.⁴ (ROBLOU, 2012, p.78)

O primeiro filme solo do Capitão América o coloca em plena Segunda Guerra Mundial lutando contra as forças nazistas. Nessa película, a personagem assemelha-se também aos heróis do cinema das décadas de 1940 e 1950: personagens moralmente lineares, castos, justos e defensores dos “ideais” norte-americanos. Estas, habitavam mundos completamente dicotômicos aonde o bem enfrenta o mal e, no caso do Capitão América, essa dicotomia é posta entre EUA vs. Nazismo e regimes totalitários. Esse fator também se torna evidente no primeiro filme do herói através de seu uniforme (figura 2).

Figura 2.



O uniforme é a bandeira.

Fonte: *Capitão América: O Primeiro Vingador* (JOHNSTON, 2011)

As cores vibrantes em azul, vermelho e branco, retratadas no uniforme do herói no filme de 2011, são uma analogia direta à bandeira dos Estados Unidos e a máscara com a letra “A” encravada na testa da personagem pode indicar que a ideologia é ditada por parâmetros nacionais. A grande estrela branca no peito também é marca de pertencimento, já que, na bandeira estadunidense, cada estrela representa um Estado dentro do território nacional. Ou seja, o Capitão *pertence* aos Estados Unidos, para os Estados Unidos. A arma utilizada pelo herói é ainda mais emblemática, já que é apenas um escudo. E, esse escudo, é também um

⁴ The body, as an external signifier, has then come to represent all the conventions traditionally linked to assumptions of male power and masculinity. And, as a heavily inscribed sign, the muscular body clearly marks an individual as a bearer of masculine strength and superiority [...] The superhero does what he does because he physically can.





reflexo da bandeira. Em outras palavras, o herói se defende através de seus ideais inquebráveis, já que o escudo é feito de *vibranium*⁵ (o material mais raro encontrado no universo cinematográfico da Marvel).

Nos outros cinco filmes aonde o Capitão América aparece, ele acaba por distanciar-se desta identidade nacionalista e patriota, ou, ao menos, de uma identidade institucional. Em seu segundo e terceiro filme solo, respectivamente, *Capitão América: O Soldado Invernal* (RUSSO; RUSSO, 2014) e *Capitão América: Guerra Civil* (RUSSO; RUSSO, 2016), o herói se torna um fora-da-lei, contrariando o governo e suas ordens militares. A nova ideologia seguida por Steve Rogers se alinha a uma filosofia libertária, na qual o governo não deve ter tanta influência sobre a vida do indivíduo. Essa filosofia neoliberal torna-se mais evidente no primeiro filme com o Capitão América feito na era Trump: *Os Vingadores: Guerra Infinita* (RUSSO; RUSSO, 2018) (figura 3)

Figura 3.



Um capitão América que não é mais América

Fonte: *Os Vingadores: Guerra Infinita* (RUSSO; RUSSO, 2018)

Nesse último filme, o Capitão abandona o manto de Capitão América onde, desiludido com o governo e seus ideais, Steve Rogers torna-se um renegado. Sob esse aspecto, alguns elementos evidenciam essa mudança: o uniforme é tingido de preto e a estrela branca no peito é retirada, deixando um vazio e apenas a memória da estrela que outrora fora estampada; a máscara com a letra “A” no fronte não é mais utilizada, revelando uma identidade particular, ou seja, aonde havia o Capitão América, um símbolo da nação, agora há Steve Rogers, um indivíduo; o escudo com a bandeira encravada é abandonado ao término de *Guerra Civil* (2016), denotando que mesmo feito de vibranium (material supostamente inquebrável), os ideais que o sustentam na verdade eram quebráveis. Assim, agora, seu escudo são seus próprios braços, em uma evidente analogia a força e ao trabalho, empiricamente ligados à ideia de masculinidade.

⁵ Matéria-prima fictícia criada pela Marvel Comics.





Percebe-se, através da evolução da personagem de Steve Rogers, que ele passa de uma masculinidade hegemônica representada pela voz do Estado, para uma masculinidade hegemônica representada pelo poder do indivíduo, ou seja, a voz do povo. Nesse sentido, a personagem de Steve Rogers dialoga com a realidade dos nossos dias, não sendo uma mera coincidência o fato de Donald Trump ter sido eleito defendendo um Estado mínimo e maior poder sobre a capacidade de decisões do indivíduo. Estes são os valores que estão guiando o povo estadunidense, desconfiados com o governo, insatisfeitos com suas condições sociais e, inequivocamente, assustados com o futuro.

REFERÊNCIAS

BAECQUE, Antoine de. Projeções: A Virilidade na tela. In: **História da Virilidade**. Vol 3 A Virilidade em Crise? Séculos XX e XXI. Org: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

CONNELL, Robert W. **Masculinities**. Berkley, California: University of California Press, 1995.

EDLEY, Nigel. **Men and Masculinity**. New York: Routledge, 2017.

HAYTON, Christopher J; ALBRIGHT, David L. O Captain! My Captain! In: **Captain America and the Struggle of the Superhero**. Org. WEINER, Robert G. North Carolina, USA: McFarland & Company, 2009.

JEFFORDS, Susan. **Hard Bodies: Hollywood Masculinities in the Reagan Era**. New Jersey: Rutgers University Press, 2000.

JOHNSTON, Joe. **Capitão América: O Primeiro Vingador**. Marvel Studios, USA, 2011.

RABLOU, Yann. Complex Masculinities: The Superhero in Modern American Movies. In: **Culture, Society & Masculinities**, volume 4 issue 1, 2012, pp. 76–91.

RUSSO, Anthony; RUSSO, Joe. **Capitão América: O Soldado Invernal**. Marvel Studios, USA, 2014.

_____. **Capitão América: Guerra Civil**. Marvel Studios, USA, 2016.

_____. **Vingadores: Guerra Infinita**. Marvel Studios, USA, 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

IRACEMA DA BEIJA-FLOR: A ÍNDIA DE JOSÉ DE ALENCAR NO SAMBA

IRACEMA BY BEIJA-FLOR: JOSÉ DE ALENCAR'S INDIAN IN THE SAMBA

Carlos Vinicius Baraldi (Feevale)¹

Resumo: A festa mais popular brasileira é o carnaval, cuja melhor representatividade são os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, as quais produzem um grande espetáculo para seus apreciadores. A cada ano, as escolas de samba escolhem um tema que as guiará no processo de produção das fantasias e alegorias, sendo o samba o item de maior destaque por englobar a escolha do tema. Por vezes a literatura brasileira ganhou espaço nesse evento, e isso volta a acontecer em 2017, pela Escola de Samba Beija-Flor que se inspirou no romance *Iracema*, de José de Alencar, para realizar seu desfile carnavalesco. Assim foi criado o samba **A virgem dos lábios de mel – Iracema**, cuja letra será analisada neste artigo através de teorias acerca do conceito de texto e o jogo que há com o leitor, assim como serão feitas conexões com o texto literário.

Palavras-chave: Iracema. Samba. O texto e o jogo

Abstract: The most popular Brazilian festival is the carnival, whose best representation is the parades of the samba schools of Rio de Janeiro, which present a great spectacle for their audience. Every year, the samba schools choose a theme that will guide them in the process of producing costumes and allegories, with the samba being the most prominent item because it involves the choice of the theme. On some occasions, Brazilian literature gained space in this event, and it happens again in 2017 through Beija-Flor School of Samba that was inspired by the novel *Iracema*, by José de Alencar to perform its carnival parade. So the samba **A virgem dos lábios de mel – Iracema** was created, whose lyrics will be analyzed in this article through theories about the concept of text and the game that there is with the reader, as well as connections with the literary text will be made.

Keywords: Iracema. Samba. The text and the game.

INTRODUÇÃO

As escolas de samba do grupo especial do carnaval carioca escolhem, todo ano, um tema para ser apresentado no desfile carnavalesco, sendo que, eventualmente, a literatura é um dos temas escolhidos, o que volta a acontecer em 2017 através da Escola de Samba Beija-flor que contará na avenida o enredo do texto literário *Iracema*, consagrado romance de José de Alencar, que trata do envolvimento amoroso entre a índia tabajara Iracema com o português Martim, inimigo da tribo da jovem. Para tanto, consideraremos como objeto de análise deste artigo não

¹ Mestrando em Letras pela Feevale (Novo Hamburgo/RS); Graduado em Letras pela UNIJUÍ (Ijuí/RS), Professor de Língua Portuguesa na Prefeitura de Gramado/RS. Contato: viniciusbaraldi@gmail.com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

o desfile em si, enquanto ato realizado, mas sim a letra do samba-enredo, **A virgem dos lábios de mel – Iracema**, criada por compositores da agremiação carnavalesca.

A letra do samba-enredo será analisada pelo viés do porquê ele é considerado *texto*, qual o *jogo* que ele exerce com o leitor, assim como as referências nele identificadas que fazem conexão com o romance alencariano. Para dissertar sobre esses aspectos, é necessária a contribuição dos teóricos Roland Barthes, Wolfgang Iser, Umberto Eco e John Thompson que abordam aspectos relevantes para o desenvolvimento da análise a que se propõe este artigo.

POR QUE O SAMBA-ENREDO A VIRGEM DOS LÁBIOS DE MEL – IRACEMA É TEXTO?

“O texto é uma produtividade”, não no sentido de produto resultado de um trabalho realizado, mas no sentido de “teatro de uma produção em que se reúnem o produtor do texto e seu leitor; [...] ele [*o texto*] não para de trabalhar, de manter um processo de produção”, ou seja, o tempo todo o texto está produzindo significado através da relação com o leitor (BARTHES, 2004, p. 271). O texto por si só, sem a interferência de outrem, não se garante como texto. É necessária a participação do leitor para que aquele conjunto de palavras resulte numa interpretação, num significado e que, através desse significado, se construa um novo texto.

A letra do samba escolhido pela Beija-flor para o carnaval 2017 traz em sua construção uma síntese do romance escrito por José de Alencar em 1865, e escolhe levar à avenida a narrativa do envolvimento entre a índia tabajara Iracema e o europeu português Martin, além de contar, conseqüentemente, o surgimento do estado do Ceará e o início da miscigenação brasileira através do nascimento do filho do casal de protagonistas. Dessa forma, quando se lê o texto, o leitor precisa ter pelo menos noção de que a letra é inspirada num dos romances mais importantes do período do Romantismo no Brasil. A bagagem de conhecimento que o leitor traz para essa nova leitura ajuda-o a entender o que está sendo contado e permite que faça ligações com a prosa de Alencar. Nesse sentido, o samba-enredo é texto, porque permite ao leitor preencher as lacunas que lhe são dadas, o que significa que o texto está em processo de produtividade, conforme Barthes (2004).

Como todo texto pode ser comparado a um jogo, segundo Iser (2002), pelo fato de que os autores jogam com os leitores, o texto transforma-se no campo desse jogo, o que faz com que a inter-relação entre as três partes elementares – autor / texto / leitor – se dirija a um resultado final, tal qual um jogo, que apresenta disputa, táticas, movimento, regras. Nesse jogo, o leitor





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

investirá no texto as táticas que melhor o ajudarem a compreender o significado daquilo que o autor intencionou, uma vez que todo texto é escrito com uma determinada intencionalidade. Assim, cabe ao leitor descobri-la e ampliá-la, fazendo as correlações necessárias para que sua leitura interpretativa produza bons resultados, e o texto passe a ser o que intencionou o autor, que mostra que o mundo textual, de acordo com Iser (2002), por ser ficcional, não deve ser concebido como realidade, porém, há o propósito de que o leitor o reconheça como se fosse a realidade.

O texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. Essa dupla operação, de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. (BARTHES, 2002, p. 107).

A imaginação do leitor, ao ler o texto da Beija-Flor, se manifesta no acompanhamento das ações propostas pela narrativa. Logo nos primeiros versos, é possível fazer toda uma construção imagética da cena descrita. “Araquém bateu no chão / a aldeia toda estremeceu / o ódio de Irapuã / quando a virgem de Tupã / se encantou com o europeu”, ou seja, as personagens que fazem parte do texto de Alencar estão presentes nesses versos e através delas mostra-se claramente a crise que o romance entre Iracema e Martim causara na tribo. Através desse processo de imaginação feito pelo leitor, o *mundo* a que Iser se refere, começa a se concretizar e a se modificar. Sem a inter-relação com o leitor, o texto não cumpre seu papel, que é o de fazer-se significar.

Nesses primeiros versos, Araquém, pai de Iracema e pajé da tribo Tabajara, mostra seu descontentamento com o envolvimento amoroso da filha e o guerreiro branco europeu Martim, que também é amigo dos índios da tribo Pitiguara, rival dos tabajaras. Também fica-se sabendo da fúria de Irapuã, índio que nutria um grande amor pela virgem dos lábios de mel.

– O coração aqui no peito de Irapuã ficou tigre. Pulou de raiva. Veio farejando a presa. O estrangeiro está no bosque e Iracema o acompanhava. Quero beber-lhe o sangue todo: quando o sangue do guerreiro branco correr nas veias do chefe tabajara, talvez o ame a filha de Araquém. (ALENCAR, 1998, p. 38)

Há entre o romance alencariano e o samba carioca relações extratextuais que se ligar um ao outro com as devidas referências. Sobre essas relações, Iser (2002) diz que podem ocorrer entre o texto e outros textos, o que, no caso do objeto desta análise é visível, pois é construído amparado na narrativa de Alencar. Através desse nível extratextual, infere-se o propósito de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

que todo texto sofre interferência de outros no processo de sua construção. Considerando isso, o autor sempre traz, para o novo texto, elementos que foram abstraídos de outras leituras, de outro mundo textual, o que facilmente se identifica no samba escrito pela Beija-Flor.

Para melhor exemplificar a presença de elementos extratextuais que um texto traz do outro para si, podem ser mencionados os versos – no samba – “bem no coração dessa nossa terra / a menina-moça e o homem de guerra / ele sente a flecha, ela acerta o alvo / índia na floresta, branco apaixonado”, os quais fazem alusão ao momento em que Iracema e Martim se veem pela primeira vez e sobre o sentimento que nasce entre eles. Na narrativa do romance, essa mesma passagem é descrita pelo narrador ao dizer que Iracema está na mata quando um “rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta” (ALENCAR, 1998, p. 23). E ao levantar-se, percebe um guerreiro a contemplá-la. Imediatamente, ela age e dispara a flecha. “Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido” (ALENCAR, 1998, p. 24).

Além dos referenciais com a diegese de Alencar, encontram-se, no samba, também, vários termos indígenas, como os citados no verso “Pega no amerê, areté, anama”. Segundo o dicionário da língua indígena tupi-guarani, *amerê* significa fumaça, *areté* significa dia festivo e *anama* significa família/raça/nação, o que muito remete ao sentido do carnaval: festa, fogos de artifício (daí o sentido da fumaça) e claro, envolve toda a família carnavalesca e público. Dessa forma, a escolha desses três termos da língua indígena, além de dar mais significação ao texto, faz jus à festa carnavalesca.

Com a referência dos termos indígenas na letra do samba, o texto faz com que o leitor busque preencher os espaços que todo texto tem, o que Eco muito bem especifica ao dizer que

O texto está, pois, entremeado, de espaços brancos de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões: [...] porque o texto é um mecanismo preguiçoso e [...] à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa [...]. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar. (ECO, 2008, p. 37).

O leitor não pode ficar no posto de mero *ledor*, ele precisa romper as barreiras da leitura e praticá-la de maneira intensa. O texto não corresponderá às expectativas do leitor se este não mostrar esforços para transformar o que leu em algum significado. O jogo que o texto propõe ao leitor pode ser comparado a uma partida de futebol, em que cada jogador tem uma função específica dentro de campo, e essa função, normalmente, tem o objetivo de gerar gols para





chegar à vitória. O jogo entre texto e leitor não permite a não movimentação deste, ou seja, ele é, também, um jogador, ao qual compete a tarefa de movimentar-se, porém essa movimentação é no processo de leitura. No entanto, esse movimentar-se não está atrelado a apenas virar a página, mas sim a avançar e retornar entre os parágrafos para se fazer as ligações que o autor estabelece.

Ainda fazendo referência ao leitor modelo, diz Eco (2008, p. 40) que “prever o próprio Leitor-Modelo não significa somente ‘esperar’ que exista, mas significa também mover o texto de modo a construí-lo”. Dessa forma, o texto auxilia no processo de construção do leitor. Uma troca ocorre entre leitor e texto, em que um ajuda o outro a se construir, a se fazer significar. O leitor está sempre se modificando a partir da interpretação das formas simbólicas – termo cunhado por Thompson (2000) nos estudos sobre hermenêutica de profundidade, ao se referir a tudo que possa gerar um significado, uma interpretação, e nessa classificação, inclui-se perfeitamente o texto. Formas simbólicas consistem em ser “produtos contextualizados e algo mais, pois elas são produtos que, em virtude de suas características estruturais, têm capacidade, e têm por objetivo, dizer alguma coisa sobre algo” (THOMPSON, 2000, p. 369).

O texto *A virgem dos lábios de mel – Iracema*, faz parte do contexto social carnaval. Por esse viés, percebe-se que foi construído pensando-se num único propósito, ou seja, os autores pensaram numa situação específica para um momento específico, cuja intenção era a de produzir uma letra para um samba que encantasse e surpreendesse, e aqui vemos a intenção que se pretende ter no momento do desfile, no momento de mostrar ao grande público a transformação do texto em arte na avenida.

Os versos “Uma história de amor, meu amor / é o carnaval da Beija-Flor” (grifo nosso) mencionam o contexto a que o texto faz parte, o carnaval de uma agremiação específica, seguidos desses outros que ao fazerem referência à *Iracema*, também deixam claro que se trata de um texto que tem como objetivo a festa momesca: “Um raio de sol, a luz do meu dia / iluminada nessa minha fantasia” (grifo nosso). O termo fantasia refere-se a toda a vestimenta que os foliões usam durante o desfile da escola de samba e que mostram todo o luxo que traduz o tema do samba.

Ainda considerando a teoria de Thompson (2000), ao mesmo tempo em que o texto é produzido num momento sócio-histórico específico, ele é recebido num momento específico. O leitor que acompanha, porventura, o desfile da escola *Beija-Flor* vai se deixar envolver pelo samba, assim como pela evolução das alas na passagem pela avenida. Ler a letra do samba,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ouvi-lo e assistir ao desfile faz com que todo o contexto social se amplie, porque todo o conjunto está voltado para a mesma direção (o carnaval) e se conecta. Também há que se considerar que a referência maior, que é o romance de José de Alencar, se faz presente, o que proporciona um momento de exaltação, um sentimento intenso de alegria, prazer e admiração. É como se visse, em tempo real, toda a narrativa de Alencar cantada e contada no curto período em que ocorre o desfile da agremiação.

O samba escrito pelos compositores da escola de samba Beija-Flor faz forte exaltação à Iracema, e isso já se percebe através do título que lhe foi dado e pode ser complementado com outros versos do texto, tais como os já citados “Um raio de sol, a luz do meu dia / iluminada nessa minha fantasia”, além de fazer elogio à garra da mulher brasileira através da força que a índia tabajara tinha, como se vê neste verso: “Mulher brasileira de tanta coragem”. Tal referência ocorre em razão de tudo o que a indígena fez para viver seu amor com Martim: afastou-se da tribo, especialmente do pai – Araquém – em prol do amor ao guerreiro branco europeu, com ele teve um filho, cujo nome dado foi *Moacir*. “ – Tu és Moacir, o nascido do meu sofrimento.” (ALENCAR, 1998, p. 112).

O sofrimento ao qual a agora mãe, Iracema, se refere é por todas as dificuldades pelas quais passou ao ter ficado sozinha quando o esposo foi para o combate, acompanhado de Poti. Entre as dificuldades, há também a tristeza e a fome. “Como a estrela que só brilha de noite, vive Iracema em sua tristeza. Só os olhos do esposo podem apagar a sombra em seu rosto.” (ALENCAR, 1998, p. 115). Diante de tamanha tristeza, morre nossa protagonista, conseguindo no último instante de vida, ver o marido e entregar-lhe o filho.

Na letra de A virgem dos lábios de mel – Iracema, a menção ao sofrimento da índia tabajara é feita logo em seguida aos versos que tratam do nascimento de Moacir. “Bate o coração de Moacir / o milagre da vida / me faz um mameluco na Sapucaí / Oh, linda Iracema, morreu de saudade / Mulher brasileira de tanta coragem.” Vê-se também nesse mesmo trecho o termo mameluco, que se refere ao menino Moacir, que por ser filho de uma mistura de raças – a branca e a indígena – tem essa nomenclatura e que marca o início da miscigenação do povo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O samba que a escola Beija-Flor defendeu no Carnaval 2017 apresenta uma estrutura textual que joga com o romance consagrado de Alencar. As correlações feitas são bem





construídas e faz aquilo a que Iser (2002) chama de *dualidade do jogo*, ou seja, o fato de remover e manter a diferença. Diferença essa que se refere ao mundo que é repetido no texto que não é o mundo existencial, real, mas é como se o fosse.

Assim, a maneira como o leitor se movimenta no jogo, no processo de interpretação, revela aspectos diferentes, os quais contribuem para a transformação do texto. Para finalizar, Iser (2002, p. 109) diz que “o jogo do texto só pode ser avaliado em termos de suas possibilidades, por meio das estratégias empregadas no jogo e pelos jogos de fato realizados no texto”, o que significa que todo texto é um jogo e como tal precisa ser jogado a fim de revelar seus significados.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. v.74. Coleção L&PM Pocket, Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.

BARTHES, Roland. Texto (teoria do). In: _____. **Inéditos**. V.1. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 261-289.

DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. Disponível em: <<https://maniadehistoria.wordpress.com/mini-dicionario-tupi-guarani/>>. Acesso em: 15 dez. 2017

ECO, Umberto. O leitor modelo. In: _____. **Lector in fabula**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 35-49.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: JAUSS, H. R. et. al. **A literatura e o leitor**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002, p. 105-118

THOMPSON, John. A metodologia da interpretação. In: _____. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis/RJ: Vozes. 2000, p. 353-427

REVISTA ROTEIRO DOS DESFILES – grupo especial Carnaval do Rio de Janeiro – 8.ed. Rio de Janeiro, 27 fev. 2017, p. 54-61

SAMBA ENREDO DA ESCOLA DE SAMBA BEIJA-FLOR. Disponível em: <<http://www.listasliterarias.com/2011/02/10-sambas-enredos-literarios-que-ja.html>> Acesso em: 11 dez. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LITERATURA DE CORDEL: O ELO PARA O TRABALHO INTERDISCIPLINAR

CORDEL LITERATURE: THE ELO FOR INTERDISCIPLINARY WORK

Carolina Müller (IENH)¹
Janaína Menezes (IENH)²

Resumo: este artigo apresenta um estudo de caso cujo objetivo é relatar o projeto interdisciplinar desenvolvido no segundo semestre de 2016 com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental: o projeto Cordel na caixa. O projeto parte da leitura do livro *Sonho de uma noite de Verão* em Cordel inspirado no clássico de William Shakespeare e escrito por Arievaldo Viana. Esta proposta consiste em um trabalho interdisciplinar que envolveu Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Música e Artes. As atividades desenvolvidas sustentam-se teoricamente em Kleiman e Moraes (1999) que apontam a leitura como principal elemento para a interdisciplinaridade. Como principal resultado do projeto, temos a autoria e o desenvolvimento da competência leitora e escritora dos alunos através de uma produção escrita e teatral que envolveu as áreas supracitadas.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Literatura de cordel. Leitura. Autoria.

Abstract: this paper presents a case study whose objective is to report the interdisciplinary project developed in the second semester of 2016 with 5th grade elementary school students: the “Cordel in the box” project. The project begins with the reading of the book “A Midsummer Night's Dream” in Cordel literature inspired by William Shakespeare's classic and written by Arievaldo Viana. This proposal consists of an interdisciplinary work that involved Portuguese Language, English Language, Music and Arts. The activities developed are theoretically based on Kleiman and Moraes (1999) who point to reading as the main element for interdisciplinarity. As the main result of the project, we have the authorship and development of students' reading and writing skills through a written and theatrical production that involved the aforementioned areas.

Palavras-chave: Interdisciplinarity. Cordel Literature . Reading. Authorship.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema interdisciplinaridade é fomentado em diferentes âmbitos e, na nossa concepção, a leitura pode ser o elo para atividades interligadas que propiciem aos alunos uma aprendizagem efetiva e significativa. Diante dessa perspectiva, elaboramos o projeto “Cordel na caixa” que foi desenvolvido com alunos de 5º ano de uma escola particular de Novo Hamburgo. Trata-se de um projeto interdisciplinar, pois envolveu as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Artes e Música.

No contexto deste artigo, compreendemos interdisciplinaridade a partir da concepção de Luck (2001, p. 64). Para o autor, interdisciplinaridade pressupõe um trabalho conjunto,

¹ Doutora em Linguística Aplicada. Professora de Língua Portuguesa e pesquisadora nas áreas de Linguística Cognitiva e Tecnologias digitais na Educação. E-mail: muller.carolina@gmail.com

² Mestre em Educação. Professora de Língua Inglesa e doutoranda na área de Educação Digital e gamificação. E-mail janamenezes73@gmail.com





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

imbricado em um processo integrado nos quais educadores estejam engajados visando à integração de suas disciplinas. Tal conexão tem por finalidade suplantar a fragmentação do ensino e proporcionar uma formação integral propiciando aos educandos o exercício da cidadania através de uma experiência global e permitindo o desenvolvimento de diferentes competências, tais como a capacidade de enfrentar e ou resolver problemas. Assim, uma proposta interdisciplinar constitui-se em um processo articulador do ensino e da aprendizagem.

Este artigo tem como objetivo apresentar o estudo de caso relacionado ao projeto “Cordel na caixa” visando promover a reflexão acerca da leitura do gênero cordel como elemento integrador de propostas interdisciplinares.

A fim de apresentar o estudo de caso e oferecer reflexões teóricas acerca da leitura e suas implicações interdisciplinares, organizamos o artigo em 5 seções. Esta, cujo objetivo é tecer breves considerações iniciais sobre o assunto abordado. A seção 2 que versa sobre a leitura e suas imbricações com a interdisciplinaridade. A seção 3 que apresenta sucintamente o gênero cordel e a literatura de Shakespeare. O estudo de caso e as atividades desenvolvidas no projeto “Cordel na caixa” são apresentados na seção 4. E, por fim, tecemos considerações finais acerca da viabilidade e resultados da proposta realizada.

LEITURA E INTERDISCIPLINARIDADE

Nos estudos linguísticos recentes, a leitura constitui-se em um processo de produção de sentidos que se dá na e pela interação entre os sujeitos e o texto. Ou seja, leitor e autor são sujeitos sociais ativos que co-constroem diferentes sentidos para o texto através da mediação (MÜLLER, 2017).

Seguindo tal premissa, Kleiman e Moraes (1999) sustentam que “a leitura pode ser objeto e instrumento de aprendizagem” (KLEIMAN e MORAES, 1999, p. 44). De acordo com as autoras, a leitura como instrumento compete a todas as disciplinas uma vez que é o fundamento de grande parte dos processos de aprendizagem. E, ao ser vista como objeto, tem função primordial no que se refere à formação de atitudes e desenvolvimento e formação de valores e pensamentos, ou seja, tem uma função social (KLEIMAN e MORAES, 1999).

Assim, considerando a função social da leitura, segue-se a perspectiva do letramento, pois trata-se de uma competência a ser desenvolvida levando em conta os fatores sociais e culturais dos sujeitos e, por conseguinte, corresponde a uma tarefa necessária e importante a todos os





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

envolvidos no processo educacional, ou seja, não cabe somente ao professor de Língua Portuguesa.

Os projetos interdisciplinares centrados na leitura permitem que os sujeitos se desenvolvam a partir do contato com diferentes tipos e gêneros de textos, estando expostos a variadas formas de ler e compreender o mesmo texto através da vivência de práticas colaborativas e mediadas que propiciam a co-construção de sentidos. Tornam-se, pois, projetos que ampliam efetivamente as competências leitoras dos alunos possibilitando a inserção social e a ampliação do pensamento.

A interdisciplinaridade pode ser vista sob a metáfora da rede, na qual diferentes cenários estão interligados através de um processo mental dinâmico e ativo. Seguindo a perspectiva que defendemos neste artigo, é a leitura, em diferentes situações, que permeia essa rede possibilitando as ligações e tornando significativos cada um dos cenários. Logo, a leitura é interdisciplinar por natureza e constitui-se um poderoso meio para o desenvolvimento de projetos que envolvam diferentes componentes curriculares.

A rede que interliga todas as atividades também integra temas transversais. O prefixo “trans” conforme Nicolescu (1999), diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. Temáticas culturais e sociais também são implicadas pelos cordéis. Essas questões foram abordadas em todas as disciplinas envolvidas no projeto e não se caracterizaram como um conteúdo específico.

LITERATURA DE CORDEL E LITERATURA DE WILLIAM SHAKESPEARE

A Literatura de Cordel é um gênero popular de origem nordestina, cujas fundações advém dos romances portugueses em versos surgidos da expressão oral que, com o passar do tempo, migraram também para a forma escrita. Trata-se de uma literatura de cunho popular que carrega a expressividade, a cultura e a história de um povo. Portanto, ao abordar esse tipo de literatura na escola, é necessário fazê-lo tomando como base uma abordagem sócio-discursiva (BAKHTIN, 2000) que permita a ampla reflexão acerca do texto e suas condições de produção. Levando em conta os aspectos sócio-discursivos, o cordel pode ser visto como um “espaço de vivências coletivas” (ALVES, 2008).





Considerando-se a leitura como uma abordagem sócio-discursiva (BAKHTIN, 2000) e genuinamente interdisciplinar (KLEIMAN e MORAES, 1999) a escolha pela Literatura de Cordel proporciona o desenvolvimento de um projeto capaz de abordar a leitura amplamente, discutindo aspectos sócio-históricos culturalmente situados e ampliando o repertório dos alunos, além de desenvolver suas competências leitoras. Ou seja, a Literatura de Cordel é naturalmente interdisciplinar, pois aborda diversos aspectos culturais e permite inúmeras possibilidades pedagógicas.

Considerado o maior escritor da Língua Inglesa, William Shakespeare (1564-1616) continua dando sentido atemporal a sua obra. Seus clássicos como Romeu e Julieta, Hamlet, entre outros, influenciaram a obra de outros escritores, do cinema, do teatro e reverberam em diversos contextos políticos, sociais e culturais, pois as tensões vividas pelos elisabetanos à época de Shakespeare ainda são vividas pela sociedade atual. O autor representou uma forte influência no desenvolvimento de uma linguagem literária. Além disso, verifica-se o quanto sua obra caracteriza-se pelo uso criativo de vocabulário então existente, bem como pela criação de palavras novas.

Mas como aproximar a literatura do contexto de alunos de 5º ano do Ensino Fundamental? Para Miller (2013), entre todos os públicos da literatura de Shakespeare, as crianças e jovens são os mais abertos e entusiasmados como também os mais prováveis de desapontamento nos primeiros encontros iniciais com o Bardo³. Ainda para esta autora, nenhum público é muito jovem para apreciar a mágica das palavras e mundos de Shakespeare. Restava-nos como educadoras, encontrar as abordagens e estratégias que instigariam os alunos a descobrir e se envolver na literatura de Shakespeare. O gênero Cordel, pela sua interdisciplinaridade, como já mencionado anteriormente, serviu para esta apropriação.

O ESTUDO DE CASO

Conforme já mencionado nas considerações iniciais, este artigo compreende o relato referente a um estudo de caso prospectivo que tem como principal objetivo trabalhar a Literatura de Cordel com alunos do quinto ano do Ensino Fundamental: o projeto “Cordel na caixa”. Para a realização do estudo de caso, partimos do princípio genuinamente interdisciplinar que a leitura proporciona e das possibilidades de exploração advindas do gênero cordel.

³ Bardo na Europa antiga era uma pessoa encarregada de transmitir histórias.





Por se tratar de um projeto de leitura, nosso planejamento segue a sequência proposta por Graves e Graves (1995): pré-leitura, leitura e pós-leitura. Para os autores, cada uma destas etapas é fundamental para o desenvolvimento de um bom projeto de leitura.

As atividades de pré-leitura são muito importantes, pois, não só situam os elementos sociais e culturais envolvidos no texto, como também motivam para a leitura do texto. No caso deste trabalho, as atividades de pré-leitura foram realizadas nas aulas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa com enfoques diferentes. Inicialmente os alunos conheceram o autor William Shakespeare e tiveram a oportunidade de explorar sua vida e obra bem como as características desta literatura nas aulas de Língua Inglesa. A obra escolhida foi “Sonho de uma noite de Verão”. A história se passa na Grécia antiga e Shakespeare mistura elementos da mitologia grega com a anglo saxã. Primeiramente os alunos entraram em contato com este universo mitológico através de pesquisas e debates.

Os alunos pesquisaram informações sobre o gênero literário cordel e criaram um mural digital com a plataforma *Padlet*.⁴ No mural deveriam colocar informações sobre o gênero, tais como: estrutura, origem, características, principais cordelistas e outras curiosidades. Foi um momento de muita interação e cooperação entre os alunos que, em duplas, trabalharam em um mesmo documento tendo como regra principal não colocar informações repetidas⁵.

Diferentes cordéis foram lidos para os alunos. Durante as leituras os alunos começaram a perceber as rimas nos versos e a estrutura do cordel, conforme haviam pesquisado. Além disso, buscamos situar esse tipo de literatura em seu contexto sócio-histórico, analisando aspectos relacionados à Região Nordeste e suas características culturais.

Para estimular a criatividade os alunos participaram de uma “caça às rimas”. A professora espalhou pela escola diversos QrCodes com palavras e os alunos deveriam encontrá-los para completar a folha buscando as palavras para cada rima. Foi uma atividade muito divertida e que estimulou os alunos a criarem pequenas rimas.

Na aula seguinte, os alunos participaram de uma caça ao tesouro. Receberam algumas pistas espalhadas pela escola até encontrarem o tesouro: o livro “Sonho de uma noite de verão em cordel”. Cada dupla encontrou um livro. Ficaram muito animados com o “tesouro” e logo começaram a ler. Como já conheciam a história que havia sido narrada em inglês nas aulas de

⁴ Plataforma que permite elaboração de murais colaborativos: <https://pt-br.padlet.com/>

⁵ O mural criado pelos alunos pode ser acessado em https://padlet.com/carolina_m/8w5w0z1nz2sm.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Artes, fizeram comparações e comentários entre as duas obras. Neste momento, aproveitamos para conversar sobre o conteúdo do texto e a sequência da história.

Após as atividades iniciais, foram desenvolvidas as atividades de leitura, conforme a divisão proposta por Graves e Graves (1995). Nas aulas de Língua Portuguesa iniciamos a leitura do livro “Sonho de uma noite de verão em cordel” escrito pelo cordelista Arievaldo Viana. Cada dupla de alunos tinha o seu livro e realizamos a leitura conjuntamente. A mediação deu-se durante toda a leitura através de questionamentos realizados pela professora e pelos alunos.

Durante a leitura, buscávamos refletir sobre as rimas e as métricas do cordel bem como a relação com a história original que haviam ouvido nas aulas de Língua Inglesa. Os alunos analisaram as características das personagens, os acontecimentos de cada parte da história e pensaram sobre o modo como a cultura nordestina estava refletida naquela história recontada de um clássico da literatura. Novamente em duplas, os alunos registraram suas impressões acerca da obra e das reflexões realizadas durante a leitura.

A estrutura do cordel foi trabalhada nas aulas seguintes, quando os alunos tiveram a oportunidade de observar as sextilhas e a organização das rimas nos versos do cordel.

Após a leitura do livro, foram realizadas as atividades descritas por Graves e Graves (1995) como atividades de pós-leitura. Nas aulas de Língua Inglesa os alunos foram desafiados a criarem falas para as personagens. Estas falas foram inseridas no cordel e compuseram o texto de uma peça teatral encenada por diferentes espaços da escola; poderíamos chamar de uma peça teatral itinerante.

A trilha sonora da peça foi desenvolvida nas aulas de Música. A professora estudou com os alunos o “repente”, característico do Nordeste e que segue os padrões do cordel. Os alunos criaram letras e músicas referentes à peça baseada no cordel.

Além disso, os alunos foram incentivados a criarem seus próprios cordéis contando sobre as personagens da história que encenaram. Em Língua Portuguesa, criaram um cordel que contasse sobre todas as personagens. Os cordéis foram ilustrados com xilogravuras feitas nas aulas de Artes.

A peça itinerante foi apresentada para turmas de colegas da escola e também para as famílias em um momento especial. No momento com os pais os alunos entregaram a produção impressa dos cordéis de toda a turma em uma caixa – “Cordel na Caixa”.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo apresentamos um projeto de leitura sob a perspectiva de Kleiman e Moraes (1999), na qual considera-se a atividade de leitura efetivamente interdisciplinar por perpassar diferentes disciplinas e conteúdos escolares.

O estudo de caso apresentado no artigo revela que as atividades desenvolvidas no decorrer do projeto proporcionaram aos alunos uma aprendizagem significativa colocando-os no papel de protagonistas e, acima de tudo, tornando-os autores.

Ao adotar uma proposta interdisciplinar calcada na leitura de cordéis, os alunos tiveram a oportunidade de construir e co-construir diferentes sentidos ampliando seu universo cultural e aprendendo de forma integrada, lúdica e significativa. Agregar a leitura às artes, dramatizando, escrevendo, criando, compondo e conhecendo outra cultura fez com que os alunos desenvolvessem diferentes competências, dentre elas, a capacidade de compreender o mundo e co-construir sentidos a partir de diferentes perspectivas.

As vivências e atividades oportunizadas, não só integraram as disciplinas, quebrando as compartimentalizações, como também permitiram aos sujeitos uma forma diferenciada de interagir com o conhecimento através de temas transversais e sócio-historicamente situados.

O projeto interdisciplinar resultou em duas obras autorais: os cordéis criados e a peça itinerante apresentada aos colegas e pais. Resultado esse, que comprova a eficácia de propostas interdisciplinares para a aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de Cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. In: **Revista Fórum Identidades**, Sergipe, ano 2, v. 4, p. 103-109, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GRAVES, Michel; GRAVES, Bonnie. The scaffolded Reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text. **Reading**. V. 29, n1, p. 29-34. Apr. 1995.

KLEIMAN, Angela B. MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade**. Mercado das Letras, 1999.

LINHARES, Thelma R. S. **Reflexões**. Disponível em:
<http://www.camarabrasileira.com/cordel90.htm>. Acesso em: 16 set. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LUCK, H. **Pedagogia da interdisciplinaridade. Fundamentos teórico - metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MILLER, Naomi. **Reimagining Shakespeare for children and young adults.** Routledge, 2013.

MÜLLER, Carolina. Leitura Literária: uma experiência gamificada. In: **Informática na educação: teoria & prática**, v. 20, n. 3 set/nov. 2017.

NICOLESCU, Basarab et al. **O manifesto da transdisciplinaridade.** 1999.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CAPACIDADE ABSORTIVA E APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL NO PROCESSO CRIATIVO

ABSORPTIVE CAPACITY AND ORGANIZATIONAL LEARNING IN THE CREATIVE PROCESS

Caroline Esther Buss (Universidade Feevale)¹

Dusan Schreiber (Universidade Feevale)²

Resumo: O presente estudo visa suscitar a reflexão acerca da relação entre capacidade absorptiva e aprendizagem organizacional no processo criativo. Abordar um tema relacionado à inovação e diferencial competitivo deve ser considerado no contexto atual, especialmente para empresas que operam nos setores econômicos vinculados a indústria criativa. Desta forma, o objetivo proposto para esta pesquisa é analisar como a capacidade absorptiva e a aprendizagem organizacional podem favorecer o processo criativo no ambiente de trabalho. O texto se caracteriza metodologicamente como um ensaio teórico. A discussão após análise dos autores, teorias e conceitos e permite concluir que a capacidade absorptiva e a aprendizagem organizacional favorecem o processo criativo, ao propiciarem um ambiente com predomínio de flexibilidade e com foco para a resolução de problemas.

Palavras-chave: Aprendizagem Organizacional. Capacidade Absortiva. Processo Criativo.

Abstract: The present study aims to stimulate reflection about the relationship between absorptive capacity and organizational learning in the creative process. Addressing a theme related to innovation and competitive differential should be considered in the current context, especially for companies operating in the economic sectors linked to the creative industry. In this way, the proposed goal of this research is to analyze how the absorptive capacity and the organizational learning can favor the creative process in the work environment. The text is characterized methodologically as a theoretical essay. The discussion after the analysis of the authors, theories and concepts and allows to conclude that the absorptive capacity and the organizational learning favor the creative process, by providing an environment with predominance of flexibility and with focus for problem solving.

Keywords: Organizational Learning. Absorptive Capacity. Creative Process.

1 INTRODUÇÃO

Em um contexto caracterizado pela globalização, rápidas mudanças, avanços tecnológicos e acirrada competição de mercado, as empresas buscam maneiras de se destacar e renovar-se constantemente. Ao mesmo tempo em que são confrontadas com o desafio de inovar, as organizações se deparam com as limitações internas referentes ao conhecimento necessário para se destacar. Devido a isso, a necessidade de incorporar conhecimentos externos aos seus processos torna-se muito importante.

¹Graduada em Administração pela Universidade Feevale. Acadêmica do Mestrado Indústria Criativa na Universidade Feevale. E-mail: carolinebuss@gmail.com.

² Doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como professor na Universidade Feevale. E mail: dusan@feevale.br.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Esse deslocamento de conhecimento do ambiente externo para a organização exige desta, capacidades para que esta transferência ocorra com êxito. Um dos principais elementos do processo de criação de conhecimento e inovação dentro das empresas refere-se à capacidade de absorver conhecimento externo, conceituada como Capacidade Absortiva. A capacidade absorptiva pode ser definida como a habilidade de uma firma para valorizar, assimilar e aplicar um novo conhecimento (COHEN; LEVINTHAL, 1990).

Diante deste cenário, o problema formulado para discussão no estudo foi “Como a capacidade absorptiva e a aprendizagem organizacional podem favorecer o processo criativo?”, portanto, o objetivo geral do presente estudo é analisar como a capacidade absorptiva e a aprendizagem organizacional podem favorecer o processo criativo. O interesse contínuo e generalizado na questão de saber se o pensamento criativo e a resolução de problemas podem ser treinados é claramente devido ao fato de que na maioria das configurações organizacionais exigem-se soluções inovadoras de desenvolvimento de produtos e problemas, e espera-se que os trabalhadores se tornem cada vez mais criativos à medida que colaboram em equipes de projetos (HENNESSEY; AMABILE, 2010).

Abordar um tema relacionado à inovação e diferencial competitivo deve ser considerado no contexto atual, especialmente para as empresas que operam em qualquer um dos setores econômicos vinculados a indústria criativa. O surgimento do termo indústrias criativas está associado a movimentos ocorridos a partir dos anos 1990 em alguns países industrializados, e seu advento decorre de mudanças econômicas e sociais que fizeram com que o foco se deslocasse das atividades industriais para as atividades intensivas em conhecimento, localizadas no setor de serviços (BENDASSOLLI ET. AL., 2009).

O texto se caracteriza metodologicamente como um ensaio teórico, a orientação é dada pelas perguntas que conduzem os sujeitos para as reflexões mais profundas, e não pela busca por respostas absolutas. Destaca-se que apesar de não estar atrelada ao rigor metodológico, como acontece na produção científica, seu ponto forte está na capacidade reflexiva para compreender a realidade. No ensaio, os procedimentos de coleta e evidênciação do mundo empírico não são o centro de sustentação, entretanto, não se nega a importância da evidência empírica como proposição elementar da produção de conhecimento (MENEGETTI, 2011).





2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conhecimento está entre os mais valiosos de recursos intangíveis, uma vez que determina a oferta de produtos de uma empresa, a capacidade de conceber novas ideias, a capacidade de configurar recursos de maneira diferente e a habilidade de desenvolver e implantar estratégias inovadoras. Como resultado, a capacidade de adquirir e usar novos conhecimentos torna-se de vital importância para a empresa avançar.

2.1 CAPACIDADE ABSORTIVA

Introduzida por Wesley Cohen e Daniel Levinthal em um artigo de 1989 no *Economic Journal*, a capacidade absorptiva refere-se a um dos processos fundamentais de aprendizagem de uma empresa: sua capacidade de identificar, assimilar e explorar o conhecimento do ambiente e é formada por uma combinação de dimensões, por meio das quais as empresas produzem uma capacidade organizacional dinâmica (COHEN; LEVINTHAL, 1990; ZAHRA; GEORGE, 2002; LANE ET AL., 2006). Estas dimensões são a aquisição do conhecimento, a assimilação do conhecimento, a transformação do conhecimento e a exploração do conhecimento.

As quatro capacidades são diferentes e complementares, ao mesmo tempo, no que se refere a influenciar os resultados da organização para criação de vantagens competitivas sustentáveis e constroem a capacidade dinâmica de influenciar a capacidade da organização de criar e aproveitar o conhecimento necessário para desenvolver outras capacidades, como marketing e produção (ZAHRA; GEORGE, 2002). A capacidade de absorção permite que a empresa efetivamente adquira e utilize conhecimento externo e interno, o que afeta a capacidade desta de inovar e adaptar-se a seu ambiente em mudança e ser competitiva e fornece à empresa a capacidade de ser proativa e construir várias competências, ao invés de apenas reagir ao dinamismo da indústria (DAGHFOUS, 2004).

Adquirir capacidade de absorção consiste em a empresa construir maneiras de acessar conhecimento externo e a capacidade de transformar e implantar esse conhecimento adquirido para aprimorar suas competências essenciais, o que requer uma cultura de compartilhamento de conhecimentos, uma vez que os processos de gerenciamento do conhecimento afetam como esse conhecimento é compartilhado e transferido para diferentes partes da organização. O resultado desejado de tais processos é uma transformação do esquema coletivo de diferentes unidades organizacionais decorrentes da assimilação do novo conhecimento (DAGHFOUS, 2004; LANE ET AL., 2006).





A capacidade de absorção, portanto, depende da fonte de conhecimento e do conhecimento prévio, está condicionada aos regimes de apropriabilidade e influencia o desempenho inovador da empresa. Cohen e Levinthal (1990) discutem as características das estruturas cognitivas de indivíduos e organizações e fornecem evidências de que, sem conhecimento prévio, as organizações não são capazes de avaliar as novas informações e, portanto, não conseguem absorvê-las (ZAHRA; GEORGE, 2002; LANE ET AL., 2006; TODOROVA; DURISIN, 2007).

O ambiente de conhecimento externo é crucial para a capacidade de absorção. A empresa não existe sozinha, mas sim, relaciona-se com diversos atores do ambiente em que coexiste. Uma empresa criadora de conhecimento opera em um sistema aberto, no qual interage constantemente com seu ambiente externo. Não apenas a assimilação do conhecimento, mas também os outros componentes da capacidade absorptiva, como a capacidade de identificar novos conhecimentos externos, requerem investimentos em redes sociais e iniciativas de integração social. Os mecanismos de integração social, que constroem conectividade e significados compartilhados, influenciam todos os processos de absorção do conhecimento (DAGHFOUS, 2004; TODOROVA; DURISIN, 2007; ZAHRA ET. AL., 2009).

2.2 APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL

As empresas muitas vezes não conseguem distinguir claramente entre as peças de conhecimento que podem ser alteradas com sucesso para se adequarem às estruturas de conhecimento anteriores. As restrições à capacidade de julgar o potencial do novo conhecimento podem se originar não apenas dos limites cognitivos e de capacidade da formação em busca e expectativa, mas também do uso dos valores das principais partes interessadas como critérios de avaliação (TODOROVA; DURISIN, 2007).

As organizações que aprendem são orientadas à criação de valor adicional aos clientes, uma vez que continuamente adquirem e disseminam para toda estrutura conhecimentos sobre mercados, produtos, tecnologias e processos organizacionais, conhecimentos estes baseados em experiência, experimentação e informações de diversas fontes, como clientes, fornecedores e concorrentes (CRAVENS; PIERCY, 2007, p. 126).

A aprendizagem organizacional desempenha, portanto, um papel importante no desenvolvimento da capacidade de absorção. Para desenvolver uma capacidade efetiva de absorção, seja para conhecimentos gerais ou habilidades de resolução de problemas ou de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

aprendizado, é insuficiente apenas para expor um indivíduo de forma breve ao conhecimento prévio relevante (COHEN; LEVINTHAL, 1990). Intensidade de esforço é fundamental. As empresas precisam de um compromisso verdadeiro da alta administração para criar uma organização de aprendizagem (DAGHFOUS, 2004).

A aprendizagem organizacional é o processo contínuo de detectar e corrigir erros. Errar significa aprender, envolvendo a autocrítica, a avaliação de riscos, a tolerância ao fracasso e a correção de rumo, até se alcançar os objetivos organizacionais almejados (LUCHESE, 2012; MCKEOWN, 2013). As organizações com estratégias voltadas ao aprendizado possuem uma cultura organizacional caracterizada pelo predomínio de flexibilidade, criatividade e com foco para a resolução de problemas (BITENCOURT, 2010).

As empresas devem estar comprometidas com o objetivo de aprimorar e alavancar seus conhecimentos, investindo recursos financeiros, humanos e de tempo, em programas de aprendizado e aprimorando o nível de conhecimento de seus funcionários. As empresas devem, no entanto, entender que os retornos desses investimentos podem levar muito tempo para se materializar, ou seja, não devem desistir de tal investimento apenas porque os aumentos imediatos nos lucros não são aparentes (DAGHFOUS, 2004).

Grande parte do conhecimento detalhado de rotinas organizacionais e objetivos que permitem que uma empresa funcione é tácito, proveniente da experiência obtida dentro da empresa (COHEN; LEVINTHAL, 1990). As organizações devem promover uma cultura que esteja aberta a mudanças e permitir tempo e espaço adequados para a criação e compartilhamento de conhecimentos adquiridos. O compartilhamento deste conhecimento pode ser favorecido pela adoção de práticas de gestão de recursos humanos que incluem grupos de trabalho interdisciplinares, círculos de qualidade, sistemas para a coleta de propostas de funcionários, rotatividade de trabalho planejada, delegação de responsabilidade, integração de funções e remuneração e recompensas relacionadas ao desempenho, que podem melhorar a capacidade de absorção motivando a aprendizagem contínua (DAGHFOUS, 2004).

Mckeown (2013) defende que as fraquezas percebidas pela empresa podem ser sanadas em um processo de aprendizagem. O autor ressalta que aprender no âmbito organizacional leva tempo e exige mais que dedicação, pois o desafio estará no alterar a forma de pensar de todos dentro da organização (MCKEOWN, 2013). Morgan (1996) sugere que as organizações devem usar a investigação como principal força orientadora, ao invés do planejamento prévio, o que





ajudará a manter a flexibilidade e diversidade ao mesmo tempo em que se criam estruturas apropriadas para lidar com contingências.

O processo de codificação do seu conhecimento afeta, entretanto, a qualidade do trabalho criativo. Assim que está inserido em protocolos padronizados, padrões de qualidade específicos e indicadores de desempenho, o trabalho começa a perder sua espontaneidade, e os colaboradores perdem a sua autonomia. As questões que os atraíram para o trabalho criativo em primeiro lugar começam a se dissipar, muitas vezes, em rotinas que envolvem controles operacionais, para garantir que as demandas sejam realizadas e as etapas do trabalho documentadas (HUWS, 2015).

2.3 PROCESSO CRIATIVO

A criatividade de um grupo depende da propensão à criatividade de cada um dos seus membros e nas organizações as ideias vêm por intuição, por aprendizagem no modelo tentativa e erro, ajustamentos progressivos motivados por oportunidades de mercado, conflitos, cooperação, entre outros (DE MASI, 2005). A mente criativa gera os comerciais e demais conteúdos visuais, músicas das mais diversas, tecnologias e as artes expostas nos museus, desde as antiguidades de civilizações primitivas até a arte contemporânea (SIMONTON, 2000). A criatividade humana é a habilidade de propor ideias novas, que surpreendem (fogem da familiaridade), são viáveis e valiosas. Presente na vida cotidiana, na memória, percepção e capacidade crítica. Todo o indivíduo é criativo (BODEN, 2004).

O processo criativo pode ser descritos e fases, sendo a primeira delas a *saissement* (surpresa). O insight ocorre quando a dúvida e a reflexão são reduzidas, e predispõem o criativo a ter acesso a ideias, projetos e empreendimentos que de outra forma não teria pensado. A redução destas barreiras pode ser facilitada quando o criativo é estimulado. A segunda etapa é a tomada de consciência. Nesta fase, a ideia deve abrir caminho através do medo e inibições, e durante a fase de embrião, a ideia toma corpo e torna-se verbo, portanto, é colocada em prática. Seguidamente, vem a fase do licenciamento, quando o produto do criador é divulgado, lançado, colocado à venda, etc. Por fim, há a fase do dissabor, quando o artista ou grupo criativo vivencia a insatisfação com a obra licenciada, onde se percebem erros claros antes não vistos. Essa fase gera estímulo à criação e superação em criar uma obra seguinte melhor (DE MASI, 2005).

Segundo Simonton (2000), evidências mostram que a criatividade requer treinamento e práticas sistemáticas para se desenvolver, gerando ao longo do tempo conhecimento, e até





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

mesmo o gênio mais criativo não escapa das etapas de aprendizagem. Para Sternberg (2006) a criatividade pode ser desenvolvida, mas para tal é necessário: redefinir problemas, analisando hipóteses, encorajar a geração de ideias e a colaboração, reconhecer que o conhecimento facilita e dificulta a criatividade, superar a resistência, ser sensível ao risco e assumir a responsabilidade por sucessos e fracassos, tolerar ambiguidades, ter amor pelo que faz, compensar a criatividade, aprender com os erros, ver as coisas sob outros pontos de vista e seguir sempre em busca do crescimento intelectual. Independente do propósito ou importância, as contribuições criativas sempre serão definidas com base no contexto em que estão inseridas (STERNBERG, 2006).

Hennessey e Amabile (2010) destacam que restrições e pressões no ambiente de trabalho são prejudiciais para a criatividade, enquanto os apoios de toda a organização, segurança psicológica, tempo suficiente, autonomia, feedback de desenvolvimento e objetivos de criatividade são facilitadores.

3 CONCLUSÃO

As vantagens competitivas são fundamentais para a formulação de estratégias de sucesso em negócios, e aspectos relacionados às capacidades organizacionais de aprendizado e reconfiguração dos recursos da organização visando a geração de inovações têm sido recorrentes.

Uma vez que a capacidade de absorção consiste em criar formas de acessar conhecimento externo e de transformar esse conhecimento internamente para aprimorar as competências organizacionais, requerendo para tanto uma cultura favorável ao compartilhamento de conhecimentos, pode-se concluir com base no exposto pelos autores analisados que há íntima relação entre a capacidade absorptiva e a aprendizagem organizacional.

Da mesma forma, os estudos evidenciam que a criatividade requer treinamento e práticas sistemáticas para se desenvolver, gerando ao longo do tempo conhecimento, proveniente de processos de aprendizagem. Para que a criatividade e a aprendizagem organizacional sejam estimuladas, é necessário um ambiente com predomínio de flexibilidade e com foco para a resolução de problemas.

Esta pesquisa atingiu o objetivo proposto, pois foi possível identificar que a capacidade absorptiva e a aprendizagem organizacional favorecem o processo criativo, pela afinidade dos conceitos e estudos, e justifica-se pelas contribuições teóricas e práticas que pretende aportar para as áreas de aprendizado organizacional, capacidade absorptiva e processo criativo.





Cabe destacar que a criatividade deve ser estudada de forma mais profunda, pois possui diversas aplicações ainda não exploradas, e há claramente pouco consenso entre os estudiosos que analisam esse fenômeno psicológico, cujo comportamento considera-se cada vez mais valioso. Da mesma forma, segue-se uma compreensão muito mais detalhada do processo criativo, dos fatores inibidores e que o potencializam.

REFERÊNCIAS

- BENDASSOLLI, Pedro F. et al. **Indústrias criativas**: definições, limites e possibilidades. RAE-Revista de Administração de empresas. Fundação Getúlio Vargas – Escola de Administração de Empresas, São Paulo, SP, v. 49, n. 1, p. 10-18, jan./mar. 2009. Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n1/v49n1a03.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2018.
- BITENCOURT, Claudia. **Aprendizagem organizacional**: uma estratégia para mudança? In: BITENCOURT, Claudia; e colaboradores. *Gestão contemporânea de pessoas: novas práticas, conceitos tradicionais*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- BODEN, Margareth A. **The creative mind**: myths and mechanisms. Routledge: London, 2004.
- COHEN, W. M.; LEVINTHAL, D. A. **Absorptive Capacity**: A New Perspective on Learning and Innovation. *Administrative Science Quarterly*, v. 35, n. 1, p. 128-152, 1990.
- CRAVENS, David W.; PIERCY, Nigel F. **Marketing estratégico**. São Paulo : McGraw-Hill, 2007.
- DAGHFOUS, A. **Absorptive Capacity and the Implementation of knowledge**. *Intensive Best Practices*., SAM Advanced Management Journal (1984) 69 (2), 21-27, 2004.
- DE MASI, Domenico. **Criatividade e Grupos Criativos** - Vol. 1: Descoberta e Invenção. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- HENESSEY, Beth A., AMABILE, Teresa M. Creativity. **The Annual Review of Psychology** is online at psych.annualreviews.org, 2010.
- HUWS, Ursula. **A ignição no motor**: trabalhadores criativos na economia global. Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM. São Paulo, SP, v.1, n. 3, p.85-92, 2015. Online. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/298/305>. Acesso em: 03 de abril de 2018.
- LANE, P., KOKA, B.; PATHAK, S. 2006. **The reification of absorptive capacity**: A critical review and rejuvenation of the construct. *Academy of Management*, 31(4):833–863. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5465/amr.2006.22527456>. Acesso em: 02 de abril de 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LUCHESI, Franco. **Gestão do Conhecimento nas Organizações**. Disponível em: <http://cetsp.com.br/media/117897/nota%20tecnica%20221.pdf>, 2012. Acesso em: 23 de novembro de 2017.

MCKEOWN, Max. **Estratégia do planejamento à execução**. São Paulo: HSM Editora, 2013.

MENEGHETTI, Francis K. **O que é um Ensaio-Teórico?** Revista de administração contemporânea, vol. 15, no. 2, p. 320-332, 2011a.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo, SP: Atlas, 1996.

SIMONTON, Dean Keith. **Creative**. Cognitive, Personal, Developmental, and Social Aspects. University of California. 2000.

STERNBERG, R. J. **The Nature of Creativity**. Creativity Research Journal, Vol. 18, No. 1, 87-98, 2006.

TODOROVA, G.; DURISIN, B. 2007. **Absorptive capacity**: Valuing a reconceptualization. Academy Management Review, 32(3):774-786. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5465/AMR.2007.25275513>. Acesso em: 24 de abril de 2018.

ZAHRA, S.; GEORGE, G. **Absorptive capacity**: A review, reconceptualization, and extension. Academy of Management Review, 27(2):185-203, 2002.

ZAHRA, Shaker A., FILATOTCHEV, Igor, WRIGHT Mike. **How do threshold firms sustain corporate entrepreneurship? The role of boards and absorptive capacity**. Journal of Business Venturing 24, 248-260, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

#SOUDONNADEMIM E A DIVERSIDADE EM PAUTA: UMA ANÁLISE DA CAMPANHA DE REPOSICIONAMENTO EDITORIAL DA REVISTA DONNA

#SOUDONNADEMIM AND THE DIVERSITY ON THE AGENDA: AN ANALYSIS OF
DONNA MAGAZINE'S EDITORIAL REPOSITIONING CAMPAIGN

Caroline Roveda Pilger (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ UFRGS)¹

Resumo: O foco de análise desse artigo está no discurso do lançamento do novo posicionamento da revista Donna, do Grupo RBS, com a campanha publicitária “#SouDonnademim”, lançada no dia 13 de maio de 2017. É objetivo compreender quais discursos o reposicionamento da revista aciona quando se direciona às leitoras e que ethos (MAINGUENEAU, 2008) esses discursos constroem para a revista. O foco de análise recairá nos cinco anúncios impressos da campanha e na Carta da Editora da edição de lançamento. Além disso, é intuito problematizar uma espécie de mercantilização e espetacularização da diversidade e tensionar o novo discurso editorial/comercial da revista com o conteúdo publicitário da mesma.

Palavras-chave: Revista Donna. Diversidade. Discurso. #SouDonnadeMim.

Abstract: The focus of analysis of this article is the discourse of the launch the new positioning of the Donna`s magazine, RBS Group, with the advertising campaign “#SouDonnademim”, launched on May 13, 2017. It is the purpose to understand which discourses of the repositioning of the magazine it activates when it is directed to the readers and that ethos (MAINGUENEAU, 2008) these speeches construct for the magazine. The focus of analysis will fall on the five print ads in the campaign and the Publisher's Charter for the release edition. In addition, it is intended to problematize a kind of commodification and spectacularization of diversity and stress the new editorial/commercial discourse of the magazine with the advertising content.

Keywords: Donna`s magazine. Diversity. Discourse. #SouDonnadeMim.

INTRODUÇÃO

“Uma amiga minha quer ser mãe. Não quero. Outra amiga não sai da academia. Nem entro. Outra amiga não tem tatuagem. Eu tenho. Uma amiga é lésbica. Não sou. Você pode estar se perguntando: Por que a gente se dá tão bem? Eu é que pergunto: por que a gente não se daria?”²

A epígrafe escolhida para iniciar as reflexões deste artigo poderia ser o depoimento de qualquer mulher. Poderia ser um desabafo. Uma reflexão sobre o tempo em que vivemos. O

¹ Mestre em Processos e Manifestações Culturais e Jornalista pela Universidade Feevale, Doutoranda do PPG em Comunicação e Informação da UFRGS e bolsista Capes. E-mail: carolpilger@gmail.com.

² Texto de uma das peças publicitárias da campanha “#SouDonnademim” e também do spot de rádio.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

texto acima poderia ser tudo isso, mas é, além disso, uma parte da campanha publicitária do novo posicionamento da revista *Donna*³, do Grupo RBS, lançada no dia 13 de maio de 2017.

Diversidade é a palavra de ordem do novo discurso. É um imperativo. Em uma tentativa de aproximação do movimento feminista, a revista lançou a campanha *#SouDonnademim*, que tem o propósito de, segundo matéria de lançamento divulgada no site do Grupo RBS, levantar a “bandeira reforçando a liberdade de a mulher ser quem ela quiser, instigando a aceitação e as individualidades”. Conforme o texto, a reformulação editorial e ideológica da revista se deu com o objetivo principal de valorizar a liberdade de escolha e a diversidade, bem como promover a aceitação e o desenvolvimento de diferentes perfis de mulheres. O mote do novo posicionamento, conforme a revista, é “inspirar a mulher do Rio Grande do Sul a ser a melhor versão de si mesma, provocando reflexões e traduzindo tendências e caminhos do universo feminino”.

Apresentando um discurso que promete estar “em sintonia com esse momento em que as mulheres se fazem ouvir e provocam o debate”, a revista promete promover discussões e reflexões que caminhem para o “empoderamento feminino”, se colocando como uma “cúmplice da mulher contemporânea, *Donna* quer instigar a sororidade”. Em um claro discurso que se aproxima de movimentos sociais de resistência, como o feminismo, a revista se utiliza de termos reconhecidos e legitimamente utilizados pelos mesmos, como “sororidade” e “empoderamento”.

Portanto, o objetivo deste artigo está em analisar o lançamento do novo posicionamento de *Donna* com a campanha publicitária “*#SouDonnademim*”. É objetivo deste texto compreender quais discursos o reposicionamento da revista aciona quando se direciona às leitoras e que *ethos*⁴ esses discursos constroem para a revista. Neste texto, o foco de análise recairá nos cinco anúncios impressos e na Carta da Editora da edição do dia 13 de maio da revista. Além disso, é intuito desse texto problematizar uma espécie de mercantilização e espetacularização da diversidade e tensionar o novo discurso editorial da revista com o conteúdo publicitário.

³ A revista *Donna* tem 24 anos de existência, completados no dia 9 de maio de 2017. Ela estreou como suplemento do jornal Zero Hora em maio de 1993. Em maio de 2012, a Zero Hora apresentou a transformação do caderno *Donna* em revista.

⁴ De uma forma geral, segundo Maingueneau (2008), podemos definir o *ethos* como a imagem de si que o enunciador constrói através de seu discurso, ou seja, o *ethos* só é construído e percebido discursivamente.





DIVERSIDADE NA MÍDIA: RELAÇÃO COMPLEXA

“Os novos horizontes que parecem hoje inspirar a imaginação e a ação humana são os da liberdade, diversidade e tolerância”. (Bauman, 1999, p. 289).

Assim como Bauman, Fürsich (2016, p. 57) também problematiza a intensa inserção do discurso na diversidade na contemporaneidade e alerta sobre o perigo da estereotipização silenciosa da diversidade na mídia, quando diz que em uma cultura saturada pelo discurso midiático, esta espécie de “falta de atenção” em representar o Outro, significa também silenciá-lo, desenvolvendo uma séria “aniquilação simbólica” das identidades. A autora aponta para o fato de que hoje as representações dos Outros (minorias raciais, étnicas, de gênero e sexualidade) se tornaram centrais para as pesquisas que desenvolvem um olhar crítico-cultural da mídia.

Por outro lado, ressalta Fürsich (2016, p. 57), tem-se percebido outro movimento no espaço da mídia, que pretende desenvolver e apresentar conteúdos midiáticos que representem as “minorias” de uma forma positiva, como no caso do reposicionamento da revista *Donna*, objeto de análise desse estudo. Denominado de “contra-estereótipo”, o movimento tem servido para a busca de uma superação dos estereótipos hegemônicos atuando, por exemplo, na representação das identidades ditas periféricas de uma maneira que fuja do habitual, ofertando pluralidade e outras perspectivas. Porém, muitas vezes as abordagens são vistas como limitadas e a ainda ligadas às versões problemáticas de antes, “Além disso, algumas dessas coberturas podem se colocar como muito didáticas ou inautênticas” (Fürsich, 2016, p. 57).

Fürsich (2016) diz que na área da mídia e cultura, em programas de entretenimento e mídias noticiosas, recorrentemente “retratam minorias como diferentes, exóticas, especiais, essencializadas ou até anormais” (Fürsich, 2016 P. 53). Louro (2003, p. 44) ressalta que na lógica das posições-de-sujeito, a posição central⁵ é considerada a “posição não-problemática” e todas as outras estão ligadas e subordinadas a ela. Ou seja, nesta lógica se estabelece o “centro e o excêntrico” ou o “centro e suas margens”, onde todos os sujeitos e práticas culturais que não fazem parte desta camada são considerados sob as marcas da “particularidade, da diversidade e da instabilidade” (ibidem).

Parece que estamos “incluindo” um discurso do diverso como uma forma de tentar exercer uma tolerância e acreditar que estamos respeitando os denominados “diferentes”. Louro

⁵ Louro estabelece como posição central a identidade do homem branco, classe média e heterossexual.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

alerta para que tenhamos um olhar mais crítico a respeito de uma tolerância que mascara a superioridade de quem a pratica, deste outro que possui a “identidade central”. Neste sentido, comumente associada ao diálogo e ao respeito, é preciso que abandonemos uma posição “ingênua” sobre a ideia de tolerância e enxergar as assimetrias que estão implícitas nesta relação. Além disso, a ideia de exercer uma tolerância é facilmente (e perigosamente) associada a uma “condescendência, à permissão, à indulgência — atitudes que são exercidas, quase sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior” (Louro, 2003, p. 48).

No tocante a este ponto, Bauman (1999, p. 270) lembra que uma tolerância como “mera tolerância” é moribunda. É preciso que se transforme a tolerância em solidariedade. Para o autor, “A tolerância é egocêntrica e contemplativa; a solidariedade é socialmente orientada e militante” (Bauman, 1999, p. 270).

A CAMPANHA #SOUDONNADEMIM: REFLETINDO SOBRE A “NOVA CARA” DA REVISTA DONNA

Conforme explicitado no início deste texto, o novo posicionamento da revista *Donna* veio acompanhado do lançamento de uma campanha publicitária para divulgar a marca, intitulada: #SouDonnademim. A hashtag e a frase “inspirar você a ser a melhor versão de si mesma”, são o norte da campanha e da marca *Donna* em todas as suas plataformas e foi o discurso difundido no rádio, na TV, no jornal, site e nas redes sociais (imagens das postagens nas diferentes plataformas da revista podem ser vistas no Apêndice). A campanha, que foi coordenada por Cristina Francioni, tem cinco anúncios impressos, que são as peças principais, além de spots de rádio e vídeos para a TV e internet.

Iniciamos a análise com a Carta da Editora da revista *Donna* no dia de lançamento do novo posicionamento do periódico. Na edição do final de semana do dia 13 de maio, a editora Patrícia Rocha inicia o seu texto da seguinte forma: “Eu sou uma leitora serial e uma workaholic em recuperação que decidi abraçar a cozinhatapia em 2017”. A escolha por utilizar um texto em primeira pessoa, em um tom de “desabafo”, “confessional”, como se ela estivesse escrevendo em seu diário ou para uma amiga íntima, é uma estratégia discursiva que aproxima as leitoras e humaniza a editora e, por consequência, a revista. Esse discurso que se utiliza desse tom amigável e de desabafo continua quando a editora apresenta o grupo de colunistas trazendo aspectos da vida pessoal e qualidades de fora da área profissional, o que também humaniza as profissionais da revista e as traz para perto do leitor.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A editora-assistente Camila Saccomori é mãe da linda Pietra e um fenômeno do networking que recentemente descobriu a meditação. A repórter e colunista Tamires Tancredi é porta-voz do orgulho plus size, faz o estilo gótica suave e ama música pop. A designer Melina Gallo ama gatos, é adepta do faça você mesma (já colocou azulejos!) e fã da cultura nerd[...]. (Rocha, 2017, p. 3).

A editora fala de cada uma das mulheres da própria equipe para “comprovar” que todas são diferentes nos gostos e escolhas, mas que todas se entendem e, o principal, que se respeitam e que crescem na diferença. Esse discurso oferece um *ethos* de uma empresa que se coloca no lugar da mulher contemporânea, de igual para igual, dizendo que todas as jornalistas e escritoras que escrevem na revista são como elas, ou seja, são “mulheres reais”. Dessa maneira, a revista *Donna* constrói um *ethos* discursivo de responsabilidade social para com essas mulheres, um *ethos* de empresa “companheira, amiga”, se apoderando claramente de discursos feministas, quando os mesmos também se utilizam recorrentemente de um discurso que incentiva a sororidade entre as mulheres, ou seja, a união e aliança entre as mulheres baseada na empatia e companheirismo na diversidade, para atingir objetivos em comum.

Na própria divulgação da campanha, a revista já havia deixado claro que foi por causa das mulheres leitoras do periódico que o mesmo havia mudado seu posicionamento, que foi para “acompanhar” essas mulheres e as mudanças sociais. “Nesta edição, vamos nos apresentar a você: mostrar que somos mais do que uma revista, contar novidades (teremos um novo canto para chamar de nosso!), lançar novas colunistas e reafirmar nossa busca para dar voz a mulheres reais”. Assim, ao falar de si, a revista *Donna* mostra ao seu público que está atenta ao contexto de transformações do campo, buscando atender suas necessidades e expectativas. Ao afirmar que é “mais do que uma revista” a editora está querendo dizer que a revista é como uma amiga para a mulher contemporânea e que a entende muito bem. Essa linha discursiva, enaltecendo a diversidade, também aparece nos cinco anúncios impressos da campanha.



Figura 1. Cinco anúncios principais da campanha #SouDonnadeMim

Fonte: elaborada pela autora.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

As cinco peças publicitárias principais da campanha apresentam, conforme visto acima na Figura 1, cinco diferentes tipos de mulheres: Loiras, morenas, ruivas, brancas, negras, de diferentes idades e cortes de cabelo, com *piercings* e tatuagens. Em cada uma das peças, da esquerda para a direita, temos as seguintes frases: Peça 1: “*As mulheres davam, os caras pegavam. Teve época em que mulher estava ali só para dar prazer. Hoje o prazer é para nós: para mim e para ele. E sem o “pra mim” não tem jogo*”; Peça 2: “*Adonar-se. Assumir comando, tomar posse de algo. Adonar-se de seu próprio destino, de sua vida. Do mercado de trabalho, de novos estilos, de modas, de causas, do seu corpo, ou até do coração de alguém. Adonar-se dos espaços da vida, das redes sociais. Adonar-se de você mesma*”; Peça 3: “*Uma amiga minha quer ser mãe. Não quero. Outra amiga não sai da academia. Nem entro. Outra amiga não tem tatuagem. Eu tenho. Uma amiga é lésbica. Não sou. Você pode estar se perguntando: Por que a gente se dá tão bem? Eu é que pergunto: por que a gente não se daria?*”; Peça 4: “*A gente não tem tempo para perder tempo. Você é adulta? Você faz as suas escolhas? Não abra mão do amor em nome de gênero, classe, nacionalidade, religião ou idade. Amor é amor. É bem-vindo. O que não é bem-vindo: preconceito*”; e, por fim, peça 5: “*Do meu nariz. De uma grande empresa. De um cachorro (ou de uma gata). De um blog. De uma bicicleta. De uma tatuagem. De um novo par de óculos. De nada disso, ou de tudo isso ao mesmo tempo. Eu decido do que vou ser donna*”.

Nesses cinco anúncios, assim como fez no discurso da Carta da Editora, a revista tenta evidenciar a diversidade do que é “ser mulher” na contemporaneidade através de cinco perfis diferentes, com algumas coisas em comum, como o uso da tatuagem e do *piercing*, por exemplo, que discursivamente pode, talvez, representar o poder e atitude dessas mulheres. Além disso, é importante notar o uso das cores dos cinco anúncios que também demonstram o apoderamento de um discurso de outro grupo identitário importante da contemporaneidade, de resistência social e cultural: o LGBTQ⁶, quando os anúncios são extremamente coloridos e remetem, claramente, às cores do arco-íris, usado, há décadas, como símbolo principal da bandeira do movimento. Nas frases dispostas nos anúncios percebe-se também, novamente, o apoderamento de características de outro movimento social e cultural de resistência, o feminismo, pois os discursos utilizam-se de temáticas, apesar de históricas para o movimento, que estão agora efetivamente “ferendo” nas discussões sociais como: libertação sexual das mulheres, atitude

⁶ Coletivo que abrange Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Transgêneros e Queer.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

de ser dona das suas escolhas, a escolha ou não pela maternidade, a decisão pelo corpo, sexualidade, gênero, classe, nacionalidade, religião, idade, mercado de trabalho, enfim, tudo visando o protagonismo feminino.

Ao aproximar-se e utilizar-se desses recursos discursivos a revista está, mais uma vez, tentando construir uma imagem de si, ou seja, um *ethos* (Maingueneau, 2008) que demonstra ser um veículo de comunicação, acima de tudo, preocupado com questões sociais, como o preconceito, por exemplo, e que está acompanhando as mudanças sociais que ocorrem, apresentando um *ethos* discursivo de não-alienação, de politização e, até mesmo, de militância. Também mostra-se com um *ethos* de um veículo que não tem medo de expor sua opinião, assim como devem ser as mulheres contemporâneas.

Porém, mesmo que essa diversidade esteja presente como uma espécie de fio condutor de todo o reposicionamento editorial e da campanha publicitária #SouDonnademim, a mesma não parece estar tão em voga quando o assunto é o conteúdo publicitário da revista. Essa voz da “mulher real” pretendida pela revista e a variedade de assuntos e perspectivas, pode estar presente nas páginas das novas colunistas do time *Donna*, assim como nas matérias cuja a temática é a diversidade, porém no restante do conteúdo essa pretensão ainda parece estar longe de ser atingida. Diferentemente das camisetas lançadas pela campanha da revista com os dizeres, entre outros, “*Minha beleza não tem padrão*”, o conteúdo publicitário com os anúncios, assim como as seções de indicação de produtos parecem ter um padrão hegemônico bem definido de mulher (velho conhecido das revistas femininas!): branca, magra, alta, loira ou morena, cabelo liso, jovem.

Outro fator que merece atenção e deve ser problematizado é que, apesar da revista parecer se esforçar para chegar “mais perto” da mulher real e dar voz a ela, mesmo com a apresentação desta diversidade e o presente discurso da mesma como forma de afirmação de uma espécie de posicionamento político a favor da aceitação da diferença, tanto estética quanto cultural, étnica e social, analisando de uma forma geral as 13 edições que foram publicadas após o seu novo posicionamento, recorrentemente podemos observar que a maneira com que estas diversidades são expostas na revista *Donna* parecem seguir um limite. O que nos parece é que as reportagens que se propõe a evidenciar essa “mulher real” são sempre muito bem demarcadas e enquadradas na categoria diversidade, como algo diferente, fora do “padrão”, ou seja, para que a mulher gorda apareça, deve ser em um editorial ou em uma matéria sobre a moda e tendência “plus size”, aliás, o próprio termo “plus size” já estabelece uma demarcação estigmatizante para essas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

mulheres. Assim como a mulher negra que tem seu espaço bem definido e limitado nas publicidades, mas também nas pautas da revista. A diversidade parece ter um “cercadinho” para ela. A liberdade da diversidade encontra limites nas bordas da página da colunista Thamires Tancredi, por exemplo, que se propõe a fazer algo genuíno. Quando se propõe a abordar a diversidade quase como uma obrigação de pauta, ou como um sistema de cotas, e a incluir outras identidades, historicamente periféricas, a revista parece fazê-lo de uma forma não natural, não autêntica.

Deixamos claro que não encaramos negativamente a proposta da revista, nem as cotas no país, porém, é triste que precisemos de cotas para que sujeitos historicamente marginalizados e discriminados, como os negros, possam ter lugar em diversos espaços. O mesmo acontece na revista, que precisou ser reformulada e criar um discurso para que pautas sobre gordas, transgêneros, lésbicas, tatuadas, idosas pudessem ser contempladas sem (ou pelo menos com a tentativa de diminuir) o choque ou estranhamento inicial. A revista teve que preparar o campo, avisar as leitoras de que ia mudar. O grande avanço editorial da revista, que ainda precisa de mudanças, com certeza, não parece ter sido acompanhado pelo conteúdo mercadológico, não somente dos anunciantes, como também dos espaços de marketing e branding da revista, ou nos editoriais de moda, que, salvo alguma exceção, ainda continuam bem longe das curvas da mulher real, e reproduzem somente fotos de modelos extremamente magras, altas e jovens.

Outro fator importante é que a forma de incluir (e marcar) a diversidade acaba por, paradoxalmente, a excluir. A própria inclusão demarca o lugar daquela identidade como diferente, excêntrica e fora da “normalidade”, como a “plus size”, por exemplo. Ou seja, pratica-se neste processo uma inclusão excludente (KUENZER, 2005), pois mesmo que inclua na narrativa da revista o faz de uma maneira que demarca sua “anormalidade” e, dessa forma, legitima sua exclusão.

CONCLUSÕES

“A diversidade prospera e o mercado prospera com ela. Mais precisamente, só se permite prosperar a diversidade que beneficia o mercado”. (Bauman, 1999, p. 290).

Assim como anunciado por Bauman, o discurso da diversidade e sua valorização prosperam porque estão inseridas dentro de uma lógica mercantil. Neste cenário a diversidade serve para uma pluralidade de ofertas do mercado, como uma “variedade de vidas negociáveis”, ou como uma possibilidade de identidades vendáveis. Como quando é utilizada como conteúdo





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

nos novos produtos de *Donna*, com o lançamento da coleção de camisetas que se apropriam de discursos de movimentos legítimos de resistência como o feminismo.

As diversidades aparecem, mas são segmentadas, parece não haver um diálogo. É paradoxal, por um lado, que a presença da diversidade possa ser um demarcador estigmatizante. Quando refletimos sobre a relação do diverso com o espaço midiático e seus artefatos culturais, Fursich (2016, p. 60) afirma que somente o “conserto” da mídia não irá resolver o problema do silenciamento da diversidade cultural, precisamos, antes, estabelecer relações sociais, culturais e econômicas mais justas entres os grupos dentro e entre as sociedades. Segundo Bauman (1999, p. 292) a “diversidade” e a “tolerância” promovida pelo mercado não nos leva para um caminho da solidariedade, pois ela “*fragmenta*, em vez de unir”. É preciso deixar claro que acreditamos que a inclusão da diversidade, principalmente no universo feminino, é uma maneira relevante de contribuir com uma luta social importante no caminho para a reivindicação de espaço dessas identidades marginalizadas na sociedade e sua conquista de políticas públicas e direitos, por exemplo. A visibilidade, neste cenário, torna-se imprescindível. Porém, por outro lado, o que devemos e desejamos problematizar, não é a simples inclusão da diversidade, ou de um discurso da diversidade na mídia, mas sim a maneira como ela é feita e com que propósito.

Concluimos com o pensamento de Louro (2003, p. 46), que afirma que devemos, acima de tudo, sair de uma perspectiva da simples “contemplação, reconhecimento ou aceitação das diferenças” para a prática de um exercício que nos permita ampliar o foco e analisar as formas por meio das quais essas diferenças são produzidas, identificadas e nomeadas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FÜRSICH, Elfriede. **O problema em representar o Outro**: mídia e diversidade cultural. Revista *Parágrafo*, v.4, n. 1 – jan/jun, p. 51-61, 2016.

KUENZER, Acácia. **Exclusão includente e inclusão excludente**: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L.; LOMBARDI, J.C. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 77-96.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade** – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, R.J: Vozes, 2003. p.41 -52.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MAINGUENEAU, Dominique. **Ethos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, Ruth (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2008.

ROCHA, Patricia. **Seja Donna da Revista Donna**. Carta da Editora. *Revista Donna*, ed. 13 e 14 de maio. Grupo RBS, 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

GRAFIA DO OLHAR: FOTOGRAFIA COMO VEÍCULO DE SENSIBILIDADES

GRAFÍA DE LA MIRADA: FOTOGRAFÍA COMO VEHÍCULO DE SENSIBILIDADES

Célia Margela Arnold (Universidade Feevale)¹

Resumo: A Grafia do Olhar: fotografia com veículo de sensibilidades foi resultado de pesquisa para o Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, teve como objeto de estudo a fotografia das pichações nas paredes e no mobiliário do Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini, construído em estilo Art Déco, de 1929 a 1931. Localizado no bairro histórico de Hamburgo Velho/NH, tendo em seu entorno vilas que ainda estão em formação e cuja população é oriunda, inclusive, de outras cidades. Portanto, inteiramente, desconectadas com a história da imigração alemã e de suas manifestações culturais. O Colégio é integrante do patrimônio do Estado do Rio Grande do Sul e encontra-se em processo de deterioração, devido ao tempo e outras condições naturais e humanas. Portanto, são imprescindíveis a valorização e a conservação desse patrimônio, bem como de outros bens como referências de memória, patrimônio e de pertencimento na região.

Palavras-chave: Lugares de memória. Educação patrimonial. Fotografia. Pichações.

Resumen: La Grafía de la Mirada: fotografía con vehículo de sensibilidades fue resultado de investigación para el Máster Profesional en Memoria Social y Bienes Culturales, tuvo como objeto de estudio la fotografía de las pintadas en las paredes y en el mobiliario del Colegio Estadual Senador Alberto Pasqualini, construido en estilo Art Déco, de 1929 a 1931. Situado en el barrio histórico de Hamburgo Viejo/NH, teniendo en su entorno pueblos que aún están en formación y cuya población es oriunda, incluso, de otras ciudades. Por lo tanto, enteramente, desconectadas con la historia de la inmigración alemana y de sus manifestaciones culturales. El Colegio es integrante del patrimonio del Estado de Rio Grande do Sul y se encuentra en proceso de deterioro, debido al tiempo y otras condiciones naturales y humanas. Por lo tanto, son imprescindibles la valorización y la conservación de ese patrimonio, así como de otros bienes como referencias de memoria, patrimonio y de pertenencia en la región.

Palavras-chave: Lugares de memoria. Educación patrimonial. Fotografía. Graffiti.

GRAFIA DO OLHAR:

Partiu-se das pichações nas paredes dessa instituição para questionar as maneiras como a comunidade escolar se relaciona com os espaços e com as memórias do Colégio Pasqualini. Constatou-se que a linguagem das pichações nas paredes revela uma maneira muito particular de envolvimento dos alunos com o prédio. Nesse sentido a pesquisa teve como *problema*: de que forma a fotografia das pichações do Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini, no período de 2000 a 2014, pode sensibilizar a comunidade escolar para a educação patrimonial, tornando visível o prédio enquanto patrimônio? Como *objetivo geral* sensibilizar a comunidade escolar, principalmente os alunos, por meio da fotografia das pichações grafadas nas paredes e

¹Ma. Memória Soc. e Bens Culturais, UNILASALLE - Canoas/RS. Presta serviços de consultoria teatral. Artista visual reside e trabalha em Novo Hamburgo. E-mail: margelaarnold@gmail.com.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

no mobiliário dessa instituição, visando à conscientização para a preservação desse patrimônio, através de uma educação patrimonial. Quanto aos *objetivos específicos*, buscou-se a conscientização sobre alguns aspectos da história do colégio e suas memórias; promoveu-se o registro fotográfico das pichações existentes como ato de sensibilização; estimulou-se a criação de um sentimento de pertencimento a esse espaço, que contribuiu para a preservação do mesmo e que essa educação patrimonial permaneça nas vivências posteriores.

Como *metodologia*, foi adotada a pesquisa documental em livros, fotografias e documentos da escola, seguida de entrevistas semiestruturadas, para realizar um inventário dos lugares de memória. Ainda integrando a metodologia, foi ministrada uma oficina intitulada, *Grafia do Olhar: fotografia como veículo de sensibilidades*, com uma turma de alunos da disciplina de Artes Visuais. O produto final, uma das exigências do mestrado, resultou em uma exposição das fotografias produzidas pelos alunos e pela mestranda no espaço da Pinacoteca Municipal Albano Hartz, NH/RS (2015); duas das imagens foram selecionadas para Iª Bienal C, Porto Alegre/RS (2015) e para Paratíssima Lisboa/Portugal (2016) ocupando os bairros históricos de Alfama, Castelo e Mouraria. Esse mesmo projeto, ou similar a ele, teve aprovação no Edital Sedac nº 14/2016 (Pró-cultura RS/FAC Memória e Patrimônio) e está sendo realizado nesse mesmo espaço, tendo início em março de 2018, sendo concluído em junho desse ano.

Para falar da fotografia das pichações no prédio do Colégio Pasqualini, é preciso entender, primeiro, o que está sendo fotografado. Para tanto, partiu-se de considerações sobre o conceito de pichação e grafite, RAMOS (1994). Através desses conceitos foi possível perceber elementos que se referem às manifestações dos estudantes, que exprimem por essas formas de expressão suas inquietações.

Um dos aspectos importantes da metodologia e da estratégia da ação educativa é o protagonismo, entendido como a participação efetiva do indivíduo, no processo de apropriação da cultura e do patrimônio, a partir do estabelecimento de uma relação afetiva, que segundo Nadja Hermann (2011), é uma interação entre a razão e o sensível. A ação educativa, portanto, deve focar esses dois aspectos: o conhecimento intelectual do objeto, Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini, e o conhecimento afetivo que o transforma num bem e se volta para o seu reconhecimento e a valorização como traço identificador comum. É precisamente aí que se torna importante a interação entre os diversos sujeitos sociais, dando sentido e pertinência ao patrimônio cultural. Buscamos desta forma referências em Evelina Grunberg (2007), Aída Ferrari (2002) e Mário Chagas (2005) para embasar tais questões.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Para pensar o conceito de memória, a essa dissertação, tornou-se fundamental o retorno às ideias de Maurice Halbwachs (2004) resignificadas por Piere Nora (1993).

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento, pois não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários [...], estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais [...]. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos [...] (NORA 1993, p. 13).

Quanto aos demais referenciais teóricos, abordou-se principalmente os estudos de Roland Barthes (1984; 1990), André Bazin (1991), Rosa Dias (2011), Philippe Dubois (1994), Celso Favaretto (1999; 2010), Paulo Freire (1982; 2001; 2004), Boris Kossoy (1972; 1980; 2001; 2007); 1993), Sandra Pesavento (2003; 2005; 2007), entre outros.

A metodologia teve como base a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Tendo como principal característica o fato de que o campo pesquisado são as pichações da Escola Estadual Senador Alberto Pasqualini e a fotografia como meio para descortinar o prédio e significá-lo. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com um ex-funcionário e professor atuante, para descortinarmos tempos diferentes. Optamos por alunos do ensino médio, com idade aproximada entre 14 a 16 anos, totalizando no máximo trinta pessoas. A oficina teve 05 encontros: de dois períodos cada, onde foram realizadas atividades lúdicas, saídas a campo, bate-papos com os entrevistados, produção fotográfica, leituras de imagem e exposição fotográfica. As fotografias foram realizadas com os mais diversos equipamentos fotográficos, como celulares e máquinas digitais, disponibilizados pelos próprios alunos.

A FOTOGRAFIA DAS PICHAÇÕES NO PATRIMÔNIO COMO VEÍCULO DE SENSIBILIDADES:

Visando uma abordagem de educação patrimonial voltada ao mundo da vida, ao mundo da experiência foi necessário resgatar, tanto uma consciência crítica do contemporâneo, quanto à formação de um olhar estético. Olhar não apenas com os olhos, mas com os ouvidos, com as mãos, com todos os sentidos.

O caráter pragmático do uso da fotografia visa promover uma discussão sobre a necessidade de preservação patrimonial e o significado de percorrer esse caminho é a busca de uma interação efetiva com a sociedade. A fotografia significa muito mais do que mera ferramenta de registro da atualidade. Significa um caminho para uma educação patrimonial





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

comprometida com o momento histórico que estamos vivenciando, portanto, trata-se de privilegiar a atitude, a perspectiva, em suma: o olhar estético como elemento de percepção de um dado patrimônio. Quando se fala de estética, fala-se exatamente disto: da forma como olhamos para o mundo, um olhar necessariamente diferenciado.

Compreender a estética por esse viés implica que não basta trabalhar com os conceitos, mas é necessária uma prática para mudar a forma de olhar. Sem uma prática é tão difícil quanto conhecer o sabor de um bolo a partir das informações contidas na receita, a respeito dos seus ingredientes e da forma de misturá-los. De nenhuma maneira isso significa que o mundo da teoria não seja importante, ao contrário: significa que ele é importante demais para contentar-se somente em compreendê-lo e descrevê-lo. É necessário praticá-lo.

Esta proposta de trabalhar a educação patrimonial objetiva, também, recuperar o sentido de afetividade e a dimensão ética da vida. Nessas experiências, vivenciadas pelos alunos, vem primeiro o mundo da vida, o mundo espaço-temporal, que serve de horizonte para todas as nossas vivências. Logo, é o mundo da vida que dá sentido à própria teoria.

A proposta através da fotografia é reaprender a ver o mundo. *Como?* Desenvolvendo uma atitude estética do olhar, revelando aquilo que se mostra a partir de si mesmo. Logo, ver e observar atentamente as pichações nas paredes do prédio do Colégio Pasqualini é o melhor modo de acessar a realidade das coisas. Sendo esse o caminho para desenvolver uma educação patrimonial.

A virtude de que é preciso aprender a exercitar, acima de tudo, é a educação da atenção, num mundo regido por inúmeros meios midiáticos que tolhem a atenção e, inclusive, o silêncio. É preciso que todos os sentidos se mobilizem atentamente para intuir a totalidade da experiência vivida, isso não exclui o intelecto. No contexto da sociedade contemporânea, é preciso buscar insaciavelmente a informação, mas essa só terá sentido se realmente transformar-se em conhecimento. Gradualmente corre-se o risco de dedicar-se mais a pensar e a falar sobre a vida, do que vivê-la.

Baseado em Paulo Freire (1982; 2001; 2004) pode-se afirmar que a educação não deve ser realizada *mecanicamente*, tendo como referências somente os livros didáticos, mas também práticas cotidianas capazes de provocar uma consciência do contexto imediato para possíveis mudanças de atitudes. A fotografia, aqui, tem papel decisivo para a educação do olhar do aluno, criando a possibilidade do mesmo se perceber naquilo que até então estava hibernado, ou seja, o prédio enquanto patrimônio.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

A fotografia, nesse caso, representa os rastros, entendidos como vestígios incorporados no prédio do colégio. As paredes pichadas são uma clara representação dos entrelaçamentos da história do colégio e das histórias dos alunos. Portanto, cria-se uma narrativa, através da qual serviu para um estudo de memória e de patrimônio.

Começou-se perguntando: *Que colégio é esse? Que lugar é esse?* Para em seguida questionar sobre as pichações. Na medida em que as provocações foram feitas descortinaram-se tempos históricos diferentes. Então, foi possível retomar aspectos da construção do prédio, fotos do início da década de 1930. A seguir, foi enfocada a questão do crescente processo de urbanização e a consequente invisibilidade do prédio como patrimônio.

Essa invisibilidade também ocorre na vida desses alunos, em que as suas inquietações praticamente não são respondidas pelo sistema educacional vigente. Por isso, eles buscam formas de visibilidade. No contexto contemporâneo, os alunos mal sabem o nome do colega que circula ao seu redor. O Outro é invisível, assim como Ele também é. Por tudo isso, os espaços (paredes) do colégio tornam-se propícios para as pichações. Através das pichações eles encontram uma forma de manifestação, construindo narrativas que vão revelando o invisível de suas existências. Essas evidências não devem ser vistas com olhares moralizadores.

Sendo assim, a escola se constitui em um lugar de memória, documento e poder. A pichação então se torna uma extensão da memória, um exercício e um marco de poder. Finalmente, vale sublinhar que a palavra pichação não designa apenas à escrita, mas a uma narrativa das sensibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As fotografias atçaram as possibilidades de revelar o que se encontrava escondido: o prédio e suas memórias. Percebeu-se que o prédio guarda as muitas histórias desses alunos passantes, bem como verdadeiras camadas de história. Pela fotografia e pelas pichações ocorreu a possibilidade de revelar o que ninguém vê, o próprio prédio e, conseqüentemente, a atmosfera do lugar. É como se pudéssemos engarrar o tempo. Com isso, a fotografia serviu de mecanismo para reter as memórias. Percebeu-se que a memória do lugar tem papel decisivo para a valorização de um determinado espaço. Interagir com ele, vivenciá-lo, respirá-lo, absorvê-lo ao máximo, só assim será possível entendê-lo como patrimônio e com esse sentimento, respeitá-lo.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Percebe-se que essa mudança de percepção do patrimônio nos alunos que participaram da oficina, determinou uma mudança comportamental ainda que muito sutil. Por assim dizer, a educação patrimonial, através do olhar estético, favorece um espírito livre, capaz de conviver com a ideia de diversidade e, por isso, é capaz de abandonar determinadas convicções e fazer novas interpretações. A partir dessas considerações, concluiu-se que as pichações e os grafites não estão na contramão da história, eles fazem parte das manifestações do tempo, como se pode constatar na forma como as paredes do colégio foram pichadas. Expressam subjetividades que estão em conflito com o mundo cotidiano e com formas de atuação de um governo que pouco favorece seu desenvolvimento.

Procurou-se, neste trabalho, uma abordagem de educação patrimonial e de memória que colocasse constantemente as relações entre vida (vivências) e os objetos patrimoniais. Essa relação de proximidade envolveu os alunos no processo de uma consciência que se formou a partir de suas experiências fotográficas em relação às pichações, que por sua vez, tinham como suporte as paredes da escola. Na medida em que tomavam consciência das pichações, automaticamente, em contraposição, tomavam consciência do prédio como patrimônio cultural. Por isso, buscou-se uma educação patrimonial que possibilite a compreensão e um agir diferenciado no mundo contemporâneo, uma consciência de tempo que não despreze a memória e que faça dela um elemento crucial na formação de um sujeito capaz de ser protagonista de sua própria história, através de uma relação dialética, vivida na sua inserção na natureza e na cultura.

O que é ser professor nesse início de terceiro milênio? Responderia Freire (2001): consiste num agente propositivo. Sendo assim, ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, como não se pode pensar num futuro sem artistas e filósofos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAZIN, André. "Ontologia da imagem fotográfica". In: **A experiência do Cinema**. Ismail Xavier (org). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DUBOIS, Philippe. **O ato Fotográfico**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, Papirus, 1994.

FERRARI, Aída Lúcia. Educação Patrimonial. In: GRUPO GESTOR (org.). **Reflexões e Contribuições para a Educação Patrimonial**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Coleção O Mundo, Hoje, v.21). 1982.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 148p. (Coleção leitura) 2004.

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial – utilização dos bens culturais como recursos educacionais. In: **Encontro de Museus do Mercosul**, São Miguel, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HERMANN, Nadja. **O outro na intersubjetividade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

_____. **Ética e Estética**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.

KOSSOY, Boris. A fotografia: um documento estético-social. **Cultura, Brasília**, v.2, n.8, p.26-39, out.-dez. 1972 (HF).

_____. **A fotografia como fonte histórica: introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado**. São Paulo: Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia, 1980 (TM).

_____. **Fotografia e História**. 2. ed. rev. São Paulo: ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: a teliê Editorial, 2007.

NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In: **A Nova História**. Coleção Lugar de História. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. IN: PESAVENTO e LANGUE, Frédéric (Orgs.). **Sensibilidades na História: memórias, singularidades e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-21.

_____. Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). In: **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

_____. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades.** Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 04 ago. 2013.

RAMOS, Célia M. A. **Grafite, Pichação & Cia.** São Paulo: Annablume, 1994.

Artigo de periódico online:

CHAGAS, Mário. **Cultura, Patrimônio e Memória.** Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

FAVARETTO, Celso F.- **Revista Iberoamericana de Educación.** N.º 53, 2010, Pp. 225-235. Disponível em: <<http://www.rioei.org/rie53a10.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

_____. **É isso Arte? 12'43''/ Itaú Cultural. 1999.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KqZgBIBFs70>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial.** – Brasília, DF: IPHAN, 2007. Disponível em: <<http://educacaopatrimonial.files.wordpress.com/2010/08/maualatividadespraticasevelina03mar08web.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2013.

NORA, Pierre. **Pierre Nora, ou o Historiador da Memória.** Entrevista realizada por Ana Cláudia Fonseca Brefe. UNICAMP, 1999. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/363/314>>. Acesso em: 04 nov. 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

RELAÇÃO ENTRE POPULAÇÃO BRASILEIRA COM DEFICIÊNCIA E CENTROS ESPECIALIZADOS EM REABILITAÇÃO POR REGIÃO BRASILEIRA

RELATIONSHIP BETWEEN BRAZILIAN POPULATION WITH DEFICIENCY AND
SPECIALIZED CENTERS IN REHABILITATION BY BRAZILIAN REGION

Christian Caldeira Santos (Unipampa e Universidade Feevale)¹
Jacinta Sidegum Renner (Universidade Feevale)²

Resumo: Desde 2010 a população brasileira com deficiência ultrapassou 45,5 milhões de pessoas. Para garantir atenção integral às pessoas com deficiência no âmbito do Sistema Único de Saúde, em nível da Atenção Especializada em Reabilitação foram criados e ampliados os Centros Especializados em Reabilitação em todo país. Assim, objetiva-se apresentar e correlacionar o número de pessoas com deficiência das Regiões Brasileiras com o total de Centros Especializados em Reabilitação atuantes nas mesmas Regiões até 2017. E verificar se existe diferença entre a distribuição destes Centros entre as Regiões. Optou-se, em termos metodológicos pela técnica de pesquisa do tipo exploratória, classificada como bibliográfica com leitura, análise e interpretação de periódicos, artigos científicos e documentos de órgãos públicos federais. Os resultados demonstraram a Região Nordeste como detentora da maior população relativa com deficiência do país; houve correlação forte positiva ($r = 0,92$) e significativa ($p = 0,02$) entre o número de pessoas com deficiência e o número de Centros Especializados em Reabilitação por Região Brasileira; e houve diferença significativa ($p < 0,05$) na distribuição dos Centros Especializados em Reabilitação entre a Região Sudeste e Norte do país. Implementar a política de atenção à saúde das pessoas com deficiência continua a ser um desafio.

Palavras-chave: Pessoa com Deficiência. Saúde. Política Pública.

Abstract: Since 2010, the Brazilian population with disabilities has surpassed 45.5 million people. In order to guarantee integral attention to people with disabilities within the scope of the Unified Health System, in the Specialized Care in Rehabilitation, the Specialized Centers in Rehabilitation were created and expanded in every country. Thus, the objective is to present and correlate the number of people with disabilities in the Brazilian Regions with the total number of Specialized Rehabilitation Centers operating in the same Regions until 2017. And verify if there is a difference between the distribution of these Centers between Regions. Methodologically, the research technique of the exploratory type was classified as bibliographical with reading, analysis and interpretation of periodicals, scientific articles and documents of federal public agencies. The results showed the Northeast Region as having the largest relative population with disabilities in the country; there was a strong positive ($r = 0.92$) and significant ($p = 0.02$) correlation between the number of people with disabilities and the number of Specialized Centers in Rehabilitation by Brazilian Region; and there was a significant difference ($p < 0.05$) in the distribution of Specialized Rehabilitation Centers between the Southeast and North of the country. Implementing health care policy for people with disabilities remains a challenge.

Keywords: Person with Disability. Health. Public Policy.

¹ Doutorando do PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. Docente do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Pampa. christiansantos@unipampa.edu.br.

² Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. jacinta@feevale.br.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

O Censo Demográfico Brasileiro de 2010 demonstrou haver mais de 45,5 milhões de pessoas possuidoras de pelo menos uma das deficiências (visual, auditiva, motora e intelectual) por ele investigado, ou seja, em proporção ela quase atinge $\frac{1}{4}$ da população brasileira. A deficiência visual foi a mais relatada pelo estudo censitário, seguida pela motora, auditiva e intelectual respectivamente (IBGE, 2010a).

Segundo a Lei nº 13.146 de 2015 que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), o conceito de pessoas com deficiência é retratado como “aquelas que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2015a). Ao mesmo instante, esta distinta Lei assegurou a atenção integral à saúde aos cidadãos brasileiros com deficiência, em todos os níveis de complexidade por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo assim o acesso universal e igualitário.

Nesta corrente, o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite em 2011 trouxe em uma de suas diretrizes a “ampliação e qualificação da Rede de Atenção à Saúde da Pessoa com Deficiência, em especial para com os serviços de habilitação e reabilitação” (BRASIL, 2011). Diante disto, em 2012 foi criada a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência (RCPD) que se encontra estruturada e articulada no SUS pela Atenção Básica; Atenção Especializada em Reabilitação Auditiva, Física, Intelectual, Visual, Ostomias e em Múltiplas Deficiências; e Atenção Hospitalar em Urgência e Emergência (BRASIL, 2012a). A partir da criação da RCPD estimulou o planejamento de várias ações, dentre as quais se destacaram:

A qualificação das equipes de Atenção Básica; criação de Centros Especializados em Reabilitação (CER) e qualificação dos serviços já existentes; criação de oficinas ortopédicas e ampliação da oferta de órteses, próteses e meios auxiliares de locomoção, vinculados aos serviços de reabilitação física do SUS; qualificação da atenção odontológica, tanto na Atenção Básica quanto na especializada e cirúrgica (SÚMULA DO PROGRAMA “VIVER SEM LIMITE”, 2014, p. 266).

Especificamente na Atenção Especializada em Reabilitação, o CER é caracterizado como um ambulatório especializado em reabilitação que realiza procedimentos para o diagnóstico, tratamento, concessão, adaptação e manutenção de tecnologia assistivas, sendo base de referência para a Atenção a Saúde da área correlacionada (BRASIL, 2012a). Cada CER possui





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

equipe multiprofissional composta por fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, fonoaudiólogos, entre outros. Segundo Mendes (2014) o CER é classificado a partir das modalidades de reabilitação (auditiva, visual, física, intelectual, ostomia e múltiplas deficiências) destinadas à população com deficiências. Nesta tendência sua classificação inicia na denominação CER II (duas modalidades habilitadas de reabilitação), evoluindo para CER III (três modalidades habilitadas em reabilitação), onde chega a CER IV (quatro modalidades habilitadas em reabilitação).

Assim, sob a luz da prerrogativa da Lei 13.146 de 2015, na qual discorre que:

O processo de habilitação e de reabilitação é um direito da pessoa com deficiência. E que o processo de habilitação e de reabilitação tem por objetivo o desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades e aptidões físicas, cognitivas, sensoriais, psicossociais, atitudinais, profissionais e artísticas que contribuam para a conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2015a).

E associado à ideia em que o CER propõe e realiza “ações de habilitação e reabilitação com vistas a melhorar a funcionalidade e promover a inclusão social das pessoas com deficiência” (MENDES, 2014, p. 150), pode-se formular as seguintes perguntas: há associação entre a distribuição dos CER pelas Regiões Brasileiras com as suas populações com deficiências? Há diferenças entre a distribuição dos CER entre as Regiões Brasileiras? Mediante a estes problemas apresentados, este estudo objetiva-se apresentar e correlacionar o número de pessoas com deficiência das Regiões Brasileiras com o número de CER presentes nas mesmas Regiões. E verificar se existe diferença entre a distribuição de CER entre as Regiões Brasileiras.

Para tanto, o percurso metodológico escolhido para este estudo foi a técnica de pesquisa do tipo pesquisa exploratória, classificada como bibliográfica, que trata de leitura, análise e interpretação de periódicos, artigos científicos e documentos de órgãos públicos federais. Os dados referentes à população com deficiência foram extraídos do Censo Brasileiro de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010b). Os dados sobre a quantidade de CER construídos pelo Plano Nacional Viver sem Limite foram obtidos a partir do site do Ministério da Saúde, Relatório de Gestão, Relatório da Secretária de Atenção à Saúde (BRASIL, 2018a). E os dados³ sobre a distribuição espacial de CER por Estado foram obtidos a partir do site do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018b). Os dados referentes à quantidade de pessoas com deficiência e quantidade de CER por Região Brasileira serão apresentados por

³ Dados não atualizados pelo Relatório de Gestão 2018. Total de 187 CER.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

meio de análise estatística descritiva. Na análise da correlação utilizou a Correlação Linear de Pearson, por ter tido uma distribuição paramétrica dos dados. Foi considerada correlação perfeita quando $r = 0$; forte $r > 0,75$, média $r > 0,5$, fraca $r < 0,5$ e inexistente $r = 0$ (DORIA FILHO, 1999). Na análise da diferença da distribuição espacial dos CER por estados brasileiros, utilizou o Teste de Kruskal – Wallis, por ter tido uma distribuição não-paramétrica dos dados. O programa BioEstat 5.3 foi usado para a análise estatística dos dados, com nível de significância de 5%.

NORTE, SUL, LESTE, OESTE: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO COM DEFICIÊNCIA E DOS CENTROS ESPECIALIZADOS EM REABILITAÇÃO NAS REGIÕES BRASILEIRAS

O cenário nacional da distribuição espacial da população com pelo menos uma das deficiências pesquisadas pelo Censo de 2010, retratou que os Estados da Região Nordeste apresentaram as maiores prevalências de pessoas com deficiências do país. Intrinsecamente a ela, o Estado do Rio Grande do Norte despontou com a maior prevalência neste quesito, com uma diferença de 2,89% para o Estado de Sergipe, o qual se caracterizou com a menor prevalência na Região (BRASIL, 2012b). Para melhor visualização, os valores absolutos da quantidade de pessoas com deficiência e a prevalência da deficiência de cada Estado Brasileiro estão demonstrados na Figura 1.





Figura 1. Prevalência da população com deficiência nos Estados da Federação com pelo menos uma das deficiências investigadas no Censo de 2010.

Brasil	45 623 910	23,92%
Rondônia	345 411	22,11%
Acre	165 823	22,61%
Amazonas	791 162	22,71%
Roraima	95 774	21,26%
Pará	1 791 299	23,63%
Amapá	158 749	23,71%
Tocantins	307 350	22,22%
Maranhão	1 641 404	24,97%
Piauí	860 430	27,59%
Ceará	2 340 150	27,69%
Rio Grande do Norte	882 681	27,86%
Paraíba	1 045 631	27,76%
Pernambuco	2 426 106	27,58%
Alagoas	859 515	27,54%
Sergipe	518 901	25,09%
Bahia	3 558 895	25,39%
Minas Gerais	4 432 456	22,62%
Espirito Santo	824 095	23,45%
Rio de Janeiro	3 900 870	24,40%
São Paulo	9 349 553	22,66%
Paraná	2 283 022	21,86%
Santa Catarina	1 331 445	21,31%
Rio Grande do Sul	2 549 691	23,84%
Mato Grosso do Sul	526 672	21,51%
Mato Grosso	669 010	22,04%
Goiás	1 393 540	23,21%
Distrito Federal	574 275	22,34%

Fonte: BRASIL (2012b)

Quanto a atenção à saúde das pessoas com deficiência, a RCPD objetivou melhorar a qualidade de vida desta população e para tanto, demonstrou ao final do ano de 2017 um crescimento favorável para sua implementação em todo país, embora Mendes (2014) relate que este processo já apresentou ser mais intenso e acelerado em anos anteriores. Tal afirmação é confirmada por meio dos Relatórios do Ministério da Saúde (2013 – 2017), onde neles constam que ao final do ano de 2013 a RCPD continha 102 CER habilitados e monitorados em todo país. No final de 2014 passou para 124 unidades e no término de 2015, a rede disponibilizou à população com deficiência 136 unidades. Ao final de 2016, o número cresceu para 186 CER e para o ano de 2017 foram previstas 57 novas habilitações de CER no país, porém municípios e estados, por questões gerenciais e técnicas não conseguiram esta meta, totalizando 196 CER em todo território nacional (BRASIL, 2014; BRASIL, 2015b; BRASIL, 2016; BRASIL 2017a; BRASIL, 2018a). O quantitativo da expansão das unidades dos CER em seis anos da RCDP ultrapassou 90%. O objetivo para 2019 é alcançar habilitação de 222 unidades (BRASIL, 2018a)

Este crescimento se dá pelo CER configurar como porto estratégico para a qualificação, regulação e criação de padrões mínimos para a assistência às pessoas com deficiência, inclusive,





nos critérios de acolhimento de diferenças e de humanização dos cuidados, ou seja, o CER é a interseção de toda Rede, o núcleo (CAMPOS et al., 2015). No percurso de todo o ciclo de habilitação ou reabilitação da pessoa com deficiência, a equipe de profissionais do CER almeja e trabalha para que o processo de inclusão social ocorra satisfatoriamente com vistas ao desenvolvimento da independência, da autonomia, e das relações sociais para além do âmbito domiciliar, seja através do início ou retorno das atividades de lazer, esportes, escolares e laborais da pessoa com deficiência. Assim, a distribuição da população brasileira com deficiência e dos CER habilitados por Regiões Brasileiras estão representadas na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição da população brasileira com deficiência e o número de Centros Especializados em Reabilitação por Regiões Brasileiras

	Região Norte	Região Nordeste	Região Centro-Oeste	Região Sudeste	Região Sul	Brasil Total
População com deficiência em 2010	3.654.137	14.130.717	3.161.616	18.499.908	6.159.670	45.606.048
CER em 2017	15	72	25	73	11	196

Fonte: Censo IBGE (2010a); BRASIL (2018a)

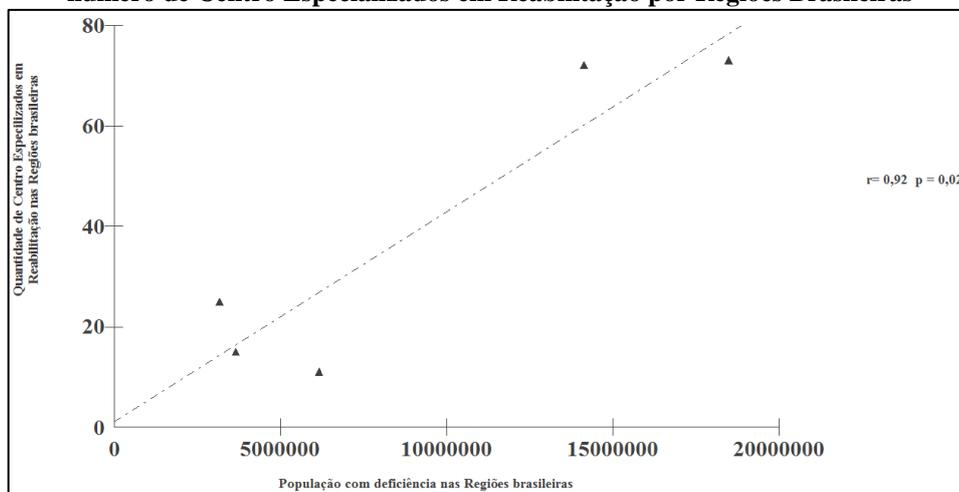
Embora a Região Nordeste possua população absoluta com deficiência inferior à da Região Sudeste, ela deteve praticamente o mesmo total de unidades de CER que a Região Sudeste. Uma sustentação deste retrato seria o fato da Região Nordeste possuir maior prevalência (26,63%) de pessoas com deficiência entre as demais Regiões do país (BRASIL, 2012b) e nela concentrar os municípios com os maiores percentuais da população (entre 23,9 a 30%) com pelo menos uma das deficiências investigadas pelo Censo de 2010 (IBGE, 2010a). Outra hipótese seria a RCPC ter exercido um dos princípios do SUS: a Equidade, para justificar a instalação desta quantidade de CER nesta Região, visto que este princípio considera que o direito à saúde é canalizado pelas diferenciações sociais e deve atender à diversidade (BRASIL, 2017b). Assim, dá necessidade de ofertar melhores condições de saúde à população Nordestina com deficiência, o Ministério da Saúde analisou as propostas apresentadas pelo Planos de Ação Regionais, nas quais foram observados os critérios de priorização pelos gestores locais, bem como, o cenário nacional e disponibilidade orçamentária, aceitou as propostas dos municípios e Estados e liberou as verbas orçamentárias para as construções e habilitações de 72 CER nos diversos municípios do Nordeste praticamente igualando ao da Região Sudeste.

No estudo de correlação entre a distribuição da população brasileira com deficiência por Região e o número de CER por Regiões Brasileiras apresentou resultado para uma correlação forte positiva ($r = 0,92$) e significativa ($p = 0,02$) como está demonstrado na figura 2.





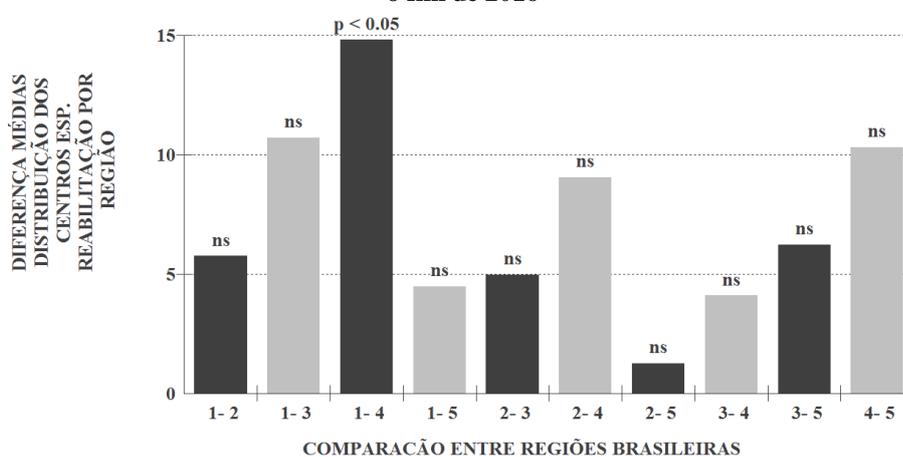
Figura 2. Correlação entre a distribuição população brasileira com deficiência por Regiões Brasileiras e o número de Centro Especializados em Reabilitação por Regiões Brasileiras



Fonte: Censo IBGE (2010b) e BRASIL (2018)

Na medida em que aumenta a população com deficiência nas Regiões Brasileiras, aumenta também o número de CER nas Regiões. Entretanto, ao analisar a distribuição espacial dos CER por Regiões Brasileiras, o resultado demonstrou diferença significativa entre as médias ($p < 0,05$) apenas entre as Regiões Sudeste e Norte do país, conforme está apresentada na figura 3.

Figura 3. Diferença da distribuição de Centros Especializados em Reabilitação por Regiões Brasileiras até o fim de 2016



Legenda: 1 – Região Sudeste; 2 – Região Centro-Oeste; 3 – Região Sul; 4 – Região Norte; 5 – Região Nordeste; ns – não significativo

Fonte BRASIL (2018b)

Na Região Norte, a presença dos CER está concentrada nas capitais dos Estados, exceto em Rondônia e no Pará que possuem unidades habilitadas no interior de seus Estados. Ressalva-se que a peculiaridade geográfica da Região Norte seja favorável ao surgimento e perpetuação de vazios assistências de saúde, o que pode gerar barreiras entre as articulações das ações e





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

estratégias realizadas pela Atenção Básica, Atenção Especializada em Reabilitação e Atenção Hospitalar de Urgência e Emergência da RCPC.

Entende-se então, que em um país com características tão diversas como o Brasil, a superação dos problemas específicos de cada Região, deva ocorrer por meio de um desempenho eficiente para a resolução das necessidades locais expandindo para todo estado, abarcando assim o todo da população que está integrada à RCPC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo torna-se possível inferir que a Região Nordeste possui maior quantidade relativa de pessoas com deficiência do Brasil e equidade na distribuição de CER entre as outras Regiões. A Região Norte apresenta a segunda maior quantidade relativa de pessoas com deficiência e a menor quantidade de CER do país. No cenário brasileiro geral houve correlação entre a distribuição da população brasileira com deficiência e a quantidade de CER habilitados entre as cinco Regiões Brasileiras, entretanto existiu uma diferença na distribuição de unidades de CER entre os Estados pertencentes a Região Sudeste e Norte do país.

Após seis anos do início da implementação da RCPC, os desafios para sua plenitude ainda são enormes e requerem maior integração e dinamismo entre as ações e estratégias, desde a Atenção Básica, aportando na Atenção Especializada em Reabilitação e seguindo, em alguns casos para a Atenção Hospitalar de Urgência e Emergência.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. **Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília 2017b. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em 28 de abril de 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde da Pessoa com Deficiência. Reabilitação. Centros Especializados em Reabilitação. Veja Centros Especializados em Reabilitação**. Brasília 2018b. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-da-pessoa-com-deficiencia/reabilitacao>. Acesso em 28 de abril de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011. **Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite**.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Brasília, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm. Acesso em 28 de abril de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 793, de 24 de abril de 2012. **Institui a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência no âmbito do Sistema Único de Saúde.** Brasília, 2012a. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0793_24_04_2012.html. Acesso em: 28 de abril de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Relatório de Gestão 2017.** Brasília, março de 2018a. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/relatorio-de-gestao>. Acesso em 28 de abril de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Relatório de Gestão 2016.** Brasília, março de 2017a. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/relatorio-de-gestao>. Acesso em 28 de abril de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Relatório de Gestão 2015.** Brasília, março de 2016. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/relatorio-de-gestao>. Acesso em 28 de abril de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Relatório de Gestão 2014.** Brasília, março de 2015b. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/relatorio-de-gestao>. Acesso em 28 de abril de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Relatório de Gestão 2013.** Brasília, março de 2014. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/relatorio-de-gestao>. Acesso em 28 de abril de 2018.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Brasília 2015a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em 28 de abril de 2018.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência. **Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência.** Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012b.

CAMPOS, Maria Fernandes; SOUZA, Luiz Augusto de Paula; MENDES, Vera Lúcia Ferreira. A rede de cuidados do Sistema Único de Saúde à saúde das pessoas com deficiência. **Interface Comunicação Saúde Educação.** 19(52): 207-10, 2015.

DORIA FILHO, Ulysses. **Introdução à bioestatística: para simples mortais.** São Paulo: Elsevier, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro, 2010b. Disponível em:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm. Acesso em 28 de abril de 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Censo Demográfico 2010. Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência.** Rio de Janeiro, 2010a.

MENDES, Vera Lucia Ferreira. Saúde Sem Limite: implantação da Rede de Cuidados à Saúde da Pessoa com Deficiência. **Divulgação em saúde para debate.** Rio de Janeiro, n. 52, p. 146-152, out. 2014.

SÚMULA DO PROGRAMA “VIVER SEM LIMITES”: PLANO NACIONAL DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. **Cad. Cedes.** Campinas, v. 34, n. 93, p. 263-266, maio-ago. 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLA DA REDE PRIVADA DE DOIS IRMÃOS/RS

LITERACY AND LETTERING: CONCEPTIONS OF CHILDREN EDUCATION
TEACHERS' IN A PRIVATE SCHOOL FROM DOIS IRMÃOS/RS

Rosemari Lorenz Martins¹
Cíntia de Moura Pinto²
Rejane Frank³
Ita Liane Klein⁴

Resumo: Este estudo tem o objetivo de refletir sobre as concepções de alfabetização e de letramento que professoras de Educação Infantil, de uma escola da rede privada do município de Dois Irmãos/RS, têm sobre esse tema. Iniciou-se o estudo pela conceitualização da alfabetização e do letramento na Educação Infantil, visto que são dois processos significativos na vida e na formação do aluno, uma vez que o papel que o professor exerce é de significativa relevância para o sucesso da aprendizagem. A pesquisa, de caráter qualitativo, buscou analisar os conceitos e as práticas pedagógicas desenvolvidas na instituição e aplicou-se um questionário com perguntas semiestruturadas para as 14 professoras do quadro docente da escola. Concluiu-se que a concepção das profissionais sobre letramento e alfabetização divergiu em dois grupos distintos, o que acredita ser importante e o que não acredita ser importante o processo de letramento e alfabetização na Educação Infantil. Sendo assim, este estudo apresenta sua pertinência ao evidenciar a necessidade de (i) proporcionar ao aluno práticas sociais de leitura e de escrita para ampliar suas possibilidades de refletir e se inserir no mundo e (ii) qualificar os profissionais de Educação Infantil para que tenham as mesmas concepções balizadoras de sua prática.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Práticas Pedagógicas.

Abstract: This study aims to reflect on the conceptions of literacy and lettering that teachers of Children Education, from a private school in Dois Irmãos/RS, have about this theme. The study initiated by the conceptualization of literacy and lettering in Children Education, since both are significant processes in life and in formation of the student, since the role that the teacher exercises is quite significant for the success of the learning. The qualitative research analyzed the concepts and pedagogical practices developed in the institution and a questionnaire with semi-structured questions was applied to the 14 teachers of the school's teaching staff. It was concluded that the conception of the professionals about literacy and lettering diverged in two distinct groups, one group that believe is important and other does not believe the literacy and lettering process in Children Education is important. Thus, this study shows its relevance by highlighting the need to (i) provide the student with social reading and writing practices to expand their possibilities of reflecting and being inserted in the world and (ii) to qualify Children Education professionals to have the same conceptions of their practice.

¹ Doutora em Letras, professora e coordenadora do Mestrado profissional em Letras na Universidade Feevale. E-mail: rosel@feevale.br.

² Mestranda em Letras na Universidade Feevale, professora na Educação Básica. E-mail: cintiademourap@feevale.br.

³ Graduada em Pedagogia. E-mail: janefrank2012@hotmail.com.

⁴ Mestranda em Letras na Universidade Feevale, professora na Educação Básica. E-mail: itaeklein@yahoo.com.br.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Keywords: Literacy. Lettering. Pedagogical practices.

1 INTRODUÇÃO

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96, em seu artigo 29, consta que a Educação Infantil, denominada EI, é a primeira fase da Educação Básica, cujo objetivo é o desenvolvimento integral das crianças de zero a cinco anos de idade, no que toca aos aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, em uma ação complementar às da família e da comunidade. Desse modo, este estudo tem como objetivo identificar a compreensão sobre alfabetização e letramento que as professoras de EI de uma escola privada da cidade Dois Irmãos/RS têm a respeito desses dois temas.

A alfabetização na EI, neste artigo, encontra dois grupos de professoras com visões e conceitos diferenciados. Um deles julga que a EI deve respaldar o trabalho pedagógico na socialização, na ludicidade, nas brincadeiras, no desenvolvimento socioafetivo, enfatizando que a alfabetização se dá de maneira sistematizada, por meio da cópia e da memorização de letras e sílabas. O outro grupo de professoras considera que a alfabetização desde cedo, em um contexto de letramento, é de fundamental relevância para aprendizagem, pois desde o nascimento a criança tem contato com o mundo da leitura e da escrita, por meio de suportes de leitura, por imagens, pela decodificação, pelas histórias que ouve etc.

Tanto no âmbito familiar quanto social e escolar a criança está rodeada pela leitura e pela escrita, de modo que ela está inserida em um contexto letrado. No contexto escolar, a presença de materiais escritos é mais expressiva, uma vez que os alunos possuem maior proximidade e contato com o livro, sendo este, em tese, indicado e apropriado para cada faixa etária. Atividades nas quais são contadas histórias também contribuem para a formação do aluno, uma vez que elas apresentam as possibilidades do uso da escrita e da leitura em diferentes contextos.

2 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

A história da alfabetização teve início quando o homem se viu diante da necessidade de registrar seus pensamentos e de se comunicar. Para tanto, criou símbolos e signos, os quais tinham como finalidade a comunicação e a troca de informações. Desde a antiguidade até meados do século XVIII, o método de alfabetização utilizado, na escolarização de crianças, era exclusivamente o sintético, o qual se caracteriza pelo estabelecimento da correspondência entre





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

os fonemas e a grafia das letras. A aprendizagem, nesse método, consiste na apropriação das letras, posteriormente, das sílabas e, após, das palavras.

O método sintético subdivide-se em alfabético, que visa à memorização das letras do alfabeto e à repetição de atividades, fônico, método em que a aprendizagem consiste na apropriação do fonema e do grafema, ou melhor, dos sons e das letras que representam os sons, e silábico, no qual a apropriação do saber decore da leitura mecanizada de textos e da decifração de palavras.

A partir do século XVIII, os métodos sintéticos começaram a ser questionados por teóricos da área, os quais vinham discutindo o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido até então. Dessa forma, passou-se a considerar o contexto em que a criança estava inserida, para que sua aprendizagem fosse mais significativa. Assim, o ensino devia partir da compreensão das palavras até chegar à representação dos fonemas e dos grafemas, o que foi denominado método analítico.

Soares (2004) aponta que, em meados dos anos de 1940, alfabetizado era quem soubesse escrever seu próprio nome; nos anos 50, esse conceito ampliou-se, passando a ser considerada alfabetizada a pessoa capaz de ler e escrever um bilhete simples, e, nos anos 90, era considerado alfabetizado quem tinha concluído as quatro primeiras séries do ensino fundamental.

Com base no paradigma cognitivista e nas ideias da educadora e pesquisadora Emília Ferreiro, foi introduzido, no Brasil, nos anos 1980, o construtivismo. Esse novo paradigma contestou os métodos de alfabetização até então desenvolvidos e usados nas escolas brasileiras.

O paradigma construtivista aponta que a construção da aprendizagem da língua escrita e falada ocorre de maneira gradativa, na medida em que o aluno tem a sua disposição materiais reais de leitura e de escrita, entre eles, livros, revistas, jornais. O construtivismo não parte da ideia de ser um método de alfabetização, mas parte da fundamentação e da conceitualização da alfabetização, da construção da língua escrita.

Após os anos 1980, o processo de ensino-aprendizagem foi ampliado devido ao desenvolvimento social, cultural, econômico e político do nosso país. Por causa disso, novas demandas de leitura e de escrita foram surgindo (Soares, 2016) e, dessa vez, a escola teve que se apropriar de conhecimentos reais e trabalhar com os alunos na perspectiva do letramento, abordando diferentes gêneros textuais.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao propor os questionários às professoras da educação infantil, objetivou-se, de uma forma mais geral, identificar o que elas entendem por alfabetização e letramento, bem como sua compreensão sobre os benefícios de alfabetizar e letrar desde cedo.

Ao analisar a compreensão das professoras no que se toca aos conceitos de alfabetização e letramento, constatou-se que a maioria tem clareza sobre o que significa a alfabetização, ou seja, denominam esta como o processo de aquisição da leitura e da escrita.

A alfabetização é definida como o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever de maneira adequada e a utilizar esta habilidade como um código de comunicação com seu meio (Professora A).

[...] a alfabetização atribui na aprendizagem que se desenvolve a habilidade de ler e escrever. Esta aprendizagem requer mais atenção das professoras nas atividades onde os alunos necessitam de maior compreensão onde cada um desenvolve ao seu tempo (Professora M).

A concepção das professoras A e M vem ao encontro do que Tfouni (1988) denomina a alfabetização, como uma aprendizagem de habilidades para a leitura, escrita e práticas de linguagem. Essas habilidades são desenvolvidas por meio do processo de escolarização, da instrução formal, desse modo, a alfabetização pertence ao âmbito individual.

Quando questionadas sobre o que consideram o que seja letramento, variadas respostas surgiram, sendo assim, as opiniões se dividem em dois grupos, os quais denominam letramento como sendo:

[...] ato de ensinar uma criança a ler e escrever, ajudar a formar sílabas ou até mesmo frases (Professora F).

Letramento para mim é o ato de ensinar ou aprender a ler e escrever. Apresentando aos alunos primeiro as letras, depois as sílabas, as palavras e as frases (Professora C).

Partindo das opiniões a respeito do tema, observa-se que ainda há certa inconsistência quanto a compreensão do que significa letramento, ou seja, letramento e alfabetização ainda são considerados pelas professoras como dois processos iguais, não como dois encadeamentos distintos e interdependentes. Soares (2006, p. 47) ressalta que o ideal seria alfabetizar e letrar simultaneamente, “ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”.

O segundo grupo considera letramento como:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Letramento é a interpretação de imagens, placas, propagandas etc. uma pessoa letrada, pode não ser alfabetizada, porém, quando vê uma placa com imagem de um ônibus, sabe que ali é uma parada de ônibus, por exemplo (Professora E).

Letramento é um conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito. É, além de saber ler e escrever, entender o que se lê e se escreve, relacionando dessa forma com o contexto social, sua experiência cotidiana (Professora B).

Segundo Tfouni (1995), não existe nenhuma pessoa com grau zero de letramento, pelo contrário, existem diferentes níveis de letramento, isso significa que um sujeito pode ser analfabeto, mas saber ler e identificar inúmeras situações de seu cotidiano e participar efetivamente de práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita.

Para Soares (2004), letrar significa levar a criança ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita, dessa forma, letrada é a pessoa que tem o hábito, as habilidades e o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros textuais, em diferentes suportes e ou portadores de leitura e escrita, em diferentes contextos e circunstâncias.

Quando questionadas se creem ser relevante o processo de alfabetização e do letramento na EI, novamente o grupo de professoras dividiu suas opiniões.

Acredito que sim. É de pequenos que as crianças começam a desenvolver a linguagem e é de suma importância que elas aprendam na Educação Infantil a linguagem falada, escrita e visual, até mesmo no simples ato de brincar (Professora C).

A criança já está inserida em um mundo letrado, o contato com cartazes, músicas, com rimas, livros, embalagens e tecnologias, faz com que esteja familiarizada com o processo de alfabetização. Após a criança aprender símbolos, números, o interesse pelas letras é natural. Acredito ser importante ir em busca do interesse das crianças (Professora B).

Com base nos depoimentos das professoras é possível verificar que o processo de alfabetização e de letramento é fundamental para a criança, pois essas aprendizagens já ocorrem antes da frequência escolar. Desse modo, as práticas sociais de leitura e de escrita vão sendo aprimoradas pelas interações com outros sujeitos e intervenções lúdicas, como a brincadeira, a música, etc.

A professora B acredita que o contato que a criança possui com materiais impressos e escritos e a tecnologia são favoráveis para o processo de alfabetização e, então, o desenvolvimento da linguagem oral e escrita ocorrerá de maneira mais regular.

Enquanto isso, o outro grupo de professoras crê que o processo de alfabetização e letramento não é relevante na EI, pois,

na educação infantil a criança não deve ter conteúdo. A Educação Infantil propõe às crianças descobertas, vivências e preza o brincar como prioridade (Professora E).





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Não, porque acho muito cedo querer forçar uma criança a ler e escrever já na Educação Infantil, acho que isso deve partir de cada criança, e eles têm muita vida pela frente para fazer isso (Professora G).

As professoras E e G levantam o questionamento de não ser relevante o processo da alfabetização e do letramento na EI. Elas acreditam que as crianças não necessitam conteúdos, mas práticas que devem estar pautadas nas descobertas e nas brincadeiras, pois como ainda são pequenas, terão tempo suficiente para o letramento e a alfabetização.

Porém, o RCNEI (1998, p.128) salienta que “desde muito pequenas, as crianças podem usar o lápis e o papel para imprimir marcas, imitando a escrita dos mais velhos, assim como utilizam-se de livros, revistas, jornais, gibis, rótulos etc. para ‘ler’ o que está escrito”.

Quanto às práticas pedagógicas desenvolvidas com as crianças, as professoras foram unânimes em afirmar que trabalham com a hora do conto, músicas rimadas, releituras de obras, jogos pedagógicos (quebra-cabeça e memória), massa de modelar, jogos de encaixe e a realização de trabalhos com giz de cera, lápis de cor e tinta guache.

Nesse contexto, observa-se certa inconsciência no discurso de algumas professoras diante dos processos de alfabetização e de letramento, pois, mesmo envolvendo as crianças em todas essas práticas pedagógicas, as docentes ainda as desvinculam de atividades que podem promover o desenvolvimento integral da criança.

Logo em seguida, as docentes foram questionadas quanto ao seu papel diante dos alunos no processo de ensino aprendizagem. Elas ressaltaram:

devo facilitar a aprendizagem utilizando atividades, brincadeiras lúdicas que criem um ambiente alfabetizador, a fim de favorecer a sua autonomia, constituindo sua individualidade [...] (Professora N).

[...] é oferecer-lhes, auxiliar e procurar desenvolver neles o processo de curiosidade, experiências e desenvolvimentos, para que cada criança de sua maneira consiga desenvolver, tanto no aspecto cognitivo, afetivo e pessoal. Desenvolvendo de forma criativa suas capacidades (Professora L).

Meu papel é criar possibilidades para a construção do conhecimento fazendo com que o aluno seja participativo, ativo nas atividades durante esse processo (Professora A).

Diante das respostas apresentadas pelas professoras e de acordo com o RCNEI (1998), é dever do educador oferecer um espaço favorável à aprendizagem do aluno, em que ele possa se desenvolver de uma maneira tranquila e autônoma, levando em consideração os aspectos cognitivos, afetivos e pessoais de cada criança. Através das atividades propostas, os professores e os alunos devem assumir-se como sujeitos de aprendizagens. Para tanto, é fundamental o





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

aluno ser participativo, cooperativo, ser curioso e querer experimentar novas possibilidades de aprendizagens.

Quando questionadas se há um período ideal para dar início ao processo de alfabetização na EI, a professora N aponta que “*depende da realidade da criança, cada criança é única e tem seu tempo*”. A professora J salienta que “*o início da alfabetização e letramento começa nos primeiros dias de vida do bebê ou até mesmo no útero da mãe, quando os pais conversam com seu filho*”, de modo que o diálogo que os pais estabelecem com o filho recém-nascido, as cantigas de ninar e as histórias contadas antes de dormir são ações que visam o processo de inserção da criança ao mundo letrado.

Enquanto isso, a professora E acredita que “*não se deve iniciar o processo de alfabetização e letramento na Educação Infantil, pois nessa etapa o principal são as descobertas que o brincar proporciona*”. Além dela, a professora A também partilha da mesma opinião. Revisando as práticas pedagógicas que elas desenvolvem com as turmas, elas afirmam que realizam atividades que envolvem a exploração do corpo, desenhos com giz de cera, lápis de cor, massa de modelar e, além disso, brincam, cantam e dançam com as crianças.

Segundo as concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e de escrita, ao ingressar no mundo da escrita, a criança passa por dois processos simultâneos – a apropriação do código alfabético – a alfabetização – e as práticas sociais em que a leitura e a escrita ocorrem de fato – o letramento. No entanto, a alfabetização ocorre por meio da aprendizagem da relação fonema/grafema, já o letramento se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2004).

Sendo assim, o ambiente alfabetizador configura-se a partir das práticas de letramento que ocorrem dentro do espaço educativo, com a participação das crianças, no preparo de convites para as reuniões de pais, na escrita de uma carta para uma criança que está se ausentando, na leitura de um bilhete deixado pelo professor de outro período, por exemplo, que são ações que “podem ser compartilhadas com as crianças ou integrarem atividades de exploração dos diversos usos da escrita e da leitura” (RCNEI, 1998, p.151). Dessa maneira, a educação infantil amplia o acesso ao mundo letrado, buscando a igualdade de oportunidades para todas as crianças.





4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos questionários respondidos pelas professoras, tem-se a oportunidade de conhecer as concepções e as propostas pedagógicas que elas desenvolvem com as crianças.

Desse modo, constatou-se que a maioria delas concebe a alfabetização como uma prática que visa a aquisição da leitura e da escrita, uma ação que tem como prioridade o espaço escolar. Quanto ao letramento na EI, o grupo dividiu suas opiniões, de modo que algumas acreditam ser necessário o processo de letramento desde o nascimento da criança e outras, que ele não é necessário tão cedo, e que as crianças terão tempo, futuramente, para se apropriar de tais aprendizagens.

Em vista disso, percebe-se que o termo letramento, para as professoras, ainda se apresenta como um fenômeno multifacetado e complexo, por isso ainda é difícil, para a grande maioria delas, atribuir um significado e uma definição única, porque trata-se de um termo usado recentemente na área da educação, por isso muitas lacunas precisam ser preenchidas e estudos e leituras devem ser realizadas por elas.

Além disso, observou-se que as atividades realizadas pelas professoras, as quais creem não ser necessário o letramento e alfabetização na EI, não está em consonância com as novas concepções e metodologias sobre esse tema, ou seja, há discrepância entre conceito e prática.

Diante das variadas respostas e opiniões, é de máxima importância a formação profissional continuada dessas educadoras, de modo a se alinharem os discursos, as concepções e, conseqüentemente, as práticas pedagógicas aplicadas naquele espaço de aprendizagem, pois não é suficiente para o profissional da educação obter conhecimentos e dominar as metodologias, é fundamental que, através de observações, de interações e de discussões com seus colegas, possa ampliar seus conhecimentos quanto às práticas de alfabetização e de letramento, tão necessárias nos dias atuais.

O trabalho pedagógico não precisa necessariamente estar pautado na linguagem escrita, mas deve abordar outras linguagens presentes no nosso meio, mas, além de tudo, o processo de ensino-aprendizagem deve ser prazeroso e divertido para a criança. Desse modo, alfabetizar e letrar não se resume a tarefa simples e corriqueira, exige do docente planejamento e aprimoramento de suas práticas pedagógicas, em um processo contínuo no qual ele seja capaz de mostrar ao aluno os caminhos viáveis para o protagonismo na construção do conhecimento.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFERÊNCIAS

BATISTA, Antônio A. G. Alfabetização, leitura e escrita. In: Carvalho, Maria A. F. & Mendonça, Rosa H. (org.) **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Lei n. 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: MEC, 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, brasil, 1998.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GÓES, Maria Cecília R. Critérios para avaliação de noções sobre a linguagem escrita em crianças não alfabetizadas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.49, p.3-14, mai. 1984.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo. Editora Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. Jan./fev./mar./abr. 2004, nº25. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n25/n25a01.pdf>> Acesso em: 30 mar. 2018.

_____. **Letramento**: Um tema em três gêneros. 2ª Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

_____. O que funciona na alfabetização? In. **Revista Pátio**, ano XII, nº17 ago./out. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. **Alfabetização**: a questão do método. São Paulo. Editora Contexto, 2016.

TFOUNI, Leda V. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.

_____. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

VAL, Maria G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? In: Carvalho, Maria A. F. & Mendonça, Rosa H. (org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 13-17.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo. Martins Fontes, 1998.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PELOS CAMINHOS DA PESQUISA: ANÁLISE NOS ANAIS DO II CONGRESSO BRASILEIRO DE GERONTECNOLOGIA

AN ANALYSIS IN THE ANNALS OF THE II BRAZILIAN CONGRESS OF
GERONTECHNOLOGY

Clair Bergmann Warmling (Universidade Feevale)¹
Andrea Varisco Dani (Universidade Feevale)²
Anna Regina Grings Barcelos (Universidade Feevale)³
Caroline Fagundes (Universidade Feevale)⁴
Claudir Lopes da Silva (Universidade Feevale)⁵
Paulo Roberto Pasqualotti (Universidade Feevale)⁶
Geraldine Alves dos Santos (Universidade Feevale)⁷

Resumo: O envelhecimento populacional tem impulsionado inúmeros estudos, pesquisas e debates. Esses têm alto impacto nas formas de organização e funcionamento da sociedade e da economia. O envelhecimento populacional ao mesmo tempo que apresenta grandes desafios também apresenta grandes oportunidades. Nesse sentido, no ano de 2017, foi realizado no Brasil o II congresso sobre gerontologia e tecnologia, chamado de Gerontec. Os congressos realizados respondem à preocupação de pesquisadores e profissionais da área em relação ao envelhecimento da população e a organização para as demandas decorrentes deste processo. A proposta deste artigo é realizar a análise, com base nos anais, do perfil das palestras e trabalhos acadêmicos apresentados neste congresso, que foi promovido pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. O tema principal foi “Pesquisa em tecnologia e inovação para uma sociedade sustentável”, tendo como foco as tecnologias para as pessoas que envelhecem. Como resultado da pesquisa observou-se o desenvolvimento das tecnologias assistivas, de intervenções na aprendizagem e estimulação cognitiva para o idoso. Existe um campo promissor, com o aumento da expectativa de vida e a busca por um envelhecimento bem-sucedido, onde a união da gerontologia e a tecnologia possibilitam o acréscimo de qualidade a vida nesta para esta população.

Palavras-chave: Gerontologia, tecnologia, envelhecimento, envelhecimento bem-sucedido.

Abstract: Population aging has driven many studies, research and debates. These have a high impact on the organization and functioning of society and the economy. Population aging while posing great challenges also presents great opportunities. In this sense, in 2017, the II congress on gerontology and technology, called Gerontec, was held in Brazil. The congresses held respond to the concern of researchers and professionals in the area regarding the aging of the population and the organization for the demands arising from this process. The purpose of this article is to analyze, based on the annals, the profile of the lectures and academic papers presented at this congress, which was promoted by the Medical School of Ribeirão Preto. The main theme was "Research into technology and innovation for a

¹ Psicóloga, Pós-graduada e Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social. clairb@feevale.br

² Psicóloga, Pós-graduada em Neuropsicologia e Reabilitação Neuropsicológica. Bolsista de aperfeiçoamento científico. andreavarisco5@gmail.com

³ Graduada em Educação Física e Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social. annagrings@gmail.com

⁴ Quiropraxista. Especialista em Cinesiologia pela UFRGS. Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Bolsista PROSUP/CAPEs. caroline@espacotao.net.br

⁵ Enfermeiro. Mestre em Enfermagem. Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Professor do curso de Enfermagem. claudir@feevale.br

⁶ Graduação em Ciência da Computação. Espec. em Informática p/ Aplicações Empresariais e na Educação. Mestre em Computação Aplicada. Professor da Universidade Feevale. ppasqualotti@feevale.br

⁷ Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia; Professora titular do Programa de PósGraduação de Diversidade Cultural e Inclusão Social. geraldinesantos@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

sustainable society" focusing on technologies for aging people. As a result of the research, we observed the development of assistive technologies, interventions in learning and cognitive stimulation for the elderly. There is a promising field, with an increase in life expectancy and the search for a successful aging, where the union of gerontology and technology make it possible to increase quality of life for this population.

Keywords: Gerontology, technology, aging, successful aging.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo pelo qual todos passam, e representa um contínuo. A velhice faz parte do ciclo da vida e representa a fase final deste ciclo. De acordo com Gonçalves (2015) além de ser multidimensional é também multidirecional, gradual e irreversível e é mais do que a soma do tempo que passa. O estudo sobre o envelhecimento é multidisciplinar, temos uma grande quantidade de teorias e significados sobre o envelhecimento e o envelhecimento bem-sucedido, e que variam de acordo com a área do conhecimento em que está sendo abordado. O desafio para o estudo sobre o envelhecimento, em todas essas áreas é conciliar os conceitos de desenvolvimento e envelhecimento, tradicionalmente tratados como contrários. O estudo científico do envelhecimento vem sendo estudado com mais profundidade, impulsionado pelo aumento do número de idosos em toda população mundial.

A gerontologia é uma área interdisciplinar e mantém interfaces com várias outras áreas como a psicologia, biologia, sociologia e antropologia. Estando inserida em várias áreas de aplicação, como a geriatria, a psicologia clínica e o serviço social que fazem dela um campo bastante complexo. As teorias do envelhecimento apresentam um histórico que tem grande influência, ao longo de séculos, sobre a percepção da sociedade em relação ao envelhecimento. A década de 50, em especial, constitui um marco para a gerontologia, porque neste período houve um rápido aumento do número de pessoas idosas, e com este crescimento também se observa a demanda e aumento do trabalho científico sobre o tema, tanto na área das ciências naturais quanto nas áreas humanas (NERI, 2012).

As teorias psicológicas do envelhecimento estão entre as primeiras áreas científicas a empreender estudos para compreender melhor esta fase do desenvolvimento humano que é o envelhecimento. O objetivo da Psicologia do Envelhecimento, conhecida como Psicogerontologia, é dedicar-se à investigação das alterações psicológicas e comportamentais nos idosos. Segundo Wernher e Lipsky (2015) as teorias psicológicas do envelhecimento referem-se às mudanças psicológicas como resultado do envelhecimento e mecanismos psicológicos adaptativos, ou a falta deles, para neutralizar as perdas associadas ao declínio





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

físico. A psicologia cognitiva, por exemplo, aborda mudanças relacionadas entre a idade e o desempenho cognitivo, bem como ao uso de estratégias para compensar essas mudanças. A psicogerontologia tem o desafio de conciliar os conceitos de desenvolvimento e envelhecimento, conceitos estes muitas vezes tratados como antagônicos.

As limitações acompanham o envelhecimento. Mesmo no envelhecimento considerado normal há o declínio de algumas funções, que não há como impedir, mas pode-se minimizar e retardar. Assim como o número de idosos aumentou exponencialmente a tecnologia também evoluiu nas últimas décadas, e todas as perspectivas mostram que continuará assim em pleno crescimento. E a partir dessa interação entre a tecnologia e a gerontologia que foi criada a Gerontecnologia, que estuda os desafios e necessidades das pessoas idosas e a tecnologia que pode auxiliar neste processo (DAVISON; HAGEDORN, 2011).

A Gerontecnologia é interdisciplinar, envolve áreas como a medicina, a tecnologia, a psicologia, a enfermagem e a engenharia. Ela emerge num campo desenvolvido nos últimos anos a partir de uma junção de três fatores: o aumento da expectativa de vida com relativa boa saúde e pessoas com busca de uma qualidade de vida nesta nova fase do ciclo vital, a disponibilidade de novas tecnologias que podem auxiliar em vidas mais longas e de maior qualidade. Nos últimos anos várias tecnologias foram empregadas para os cuidados com o idoso, sua família, cuidadores e prestadores de serviços na busca para melhorar a qualidade e a acessibilidade dos mesmos. Áreas como a comunicação, habitação, transporte, trabalho, saúde e lazer são um exemplo do que a tecnologia pode auxiliar para que o envelhecimento bem-sucedido tenha sucesso. As inovações são voltadas para casas inteligentes, robôs sociais, tecnologia assistiva, telemedicina, m-saúde (monitoramento baseado em telefone celular), telessaúde, grande variedade de softwares que podem operar em smartphones, tablets e computadores (DAVISON; HAGEDORN, 2011).

A tecnologia pode auxiliar o idoso a viver com mais autonomia e compensar declínios físicos e mentais que estão associados ao envelhecimento. Temos como exemplos, a automatização, a comunicação com cuidadores e a família e o monitoramento remoto que pode minimizar, e muito, o risco dos idosos que vivem sozinhos. Através de redes sociais e grupos de apoio social o idoso, que geralmente ficava sozinho em casa, pode se comunicar com a família, amigos e vizinhos. Muitas vezes não ter a necessidade de deslocamento para seus tratamentos e poder fazê-lo em sua própria casa, acrescenta qualidade de vida na velhice. Outro uso bastante importante das ferramentas digitais tem sido o grande sucesso da estimulação das





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

funções cognitivas na velhice, pois o declínio das mesmas é um dos problemas que comprometem o envelhecimento bem-sucedido (SANTOS, 2015).

Neste sentido surge o I Congresso Brasileiro de Gerontotecnologia e na sequência o II Congresso Brasileiro de Gerontotecnologia, promovido pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP e o Instituto de Estudos Avançados Polo Ribeirão Preto (IEA-RP) da Universidade de São Paulo (USP). Este é um evento multidisciplinar importante para diferentes áreas de estudos e pesquisas, que tem como foco a pesquisa e o desenvolvimento de produtos, serviços e estratégias que possibilitam apoiar os idosos em todas as suas dimensões de vida. Estas objetivam o desenvolvimento e aplicação de produtos para a saúde, habitação, mobilidade, educação, comunicação, lazer e trabalho dos idosos. Para tanto, são reunidos no evento, pesquisadores das áreas da saúde, humanas e exatas cujo o foco, nas pesquisas, está voltado para diferentes produtos e serviços tecnológicos, direcionado para o sujeito que envelhece, isto é, para a Gerontotecnologia. Na sequência, durante este segundo congresso, é concretizada a Sociedade Brasileira de Gerontotecnologia.

Este evento foi composto por *masterclass*, momento este, em que os pesquisadores e estudantes puderam discutir com os especialistas do assunto, sobre as pesquisas desenvolvidas nas áreas relacionadas. Este foi o primeiro *masterclass* sobre a gerontotecnologia realizado no Brasil e que teve como tema “*Design for ageing*”. Também foram realizados simpósios e palestras com pesquisadores internacionais e nacionais sobre Educação e Pesquisa em Gerontotecnologia. Os Simpósios foram desenvolvidos nas temáticas sobre Robótica, Tecnologia Assistiva, Tecnologias de Cuidado, Tecnologias Móveis, Gerontotecnologia e Reabilitação. As palestras e os trabalhos científicos foram publicados na Revista online da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, e do Hospital das Clínicas da FMRP-USP e no site do evento.

O objetivo desse encontro é socializar e compartilhar pesquisas, e práticas de desenvolvimento e aplicação com foco no tema da Gerontotecnologia. A expectativa deste evento é aproximar profissionais, pesquisadores e empresas em torno de estudos de inovação e desenvolvimento, fomentando cada vez mais a pesquisa e a troca de experiências com foco nas demandas, oportunidades e desafios da tecnologia para o bem-estar da pessoa que envelhece.

A partir desta introdução desenvolveu-se o objetivo deste estudo que foi analisar os trabalhos completos, publicados nos anais do II Congresso Brasileiro de Gerontotecnologia (Gerontec), realizado em 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo (AC) de acordo com o método desenvolvido por Bardin (2011). Conforme os procedimentos da AC, o universo de estudo deste artigo compreende a leitura e o levantamento de dados dos materiais publicados (palestras e masterclass) nos anais do evento. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, documental e bibliográfico foram consultados os anais do evento para análise de conteúdo, levou-se em conta a quantidade de artigos publicados e apresentados no congresso, bem como a produção científica por área de aplicação da Gerontecnologia.

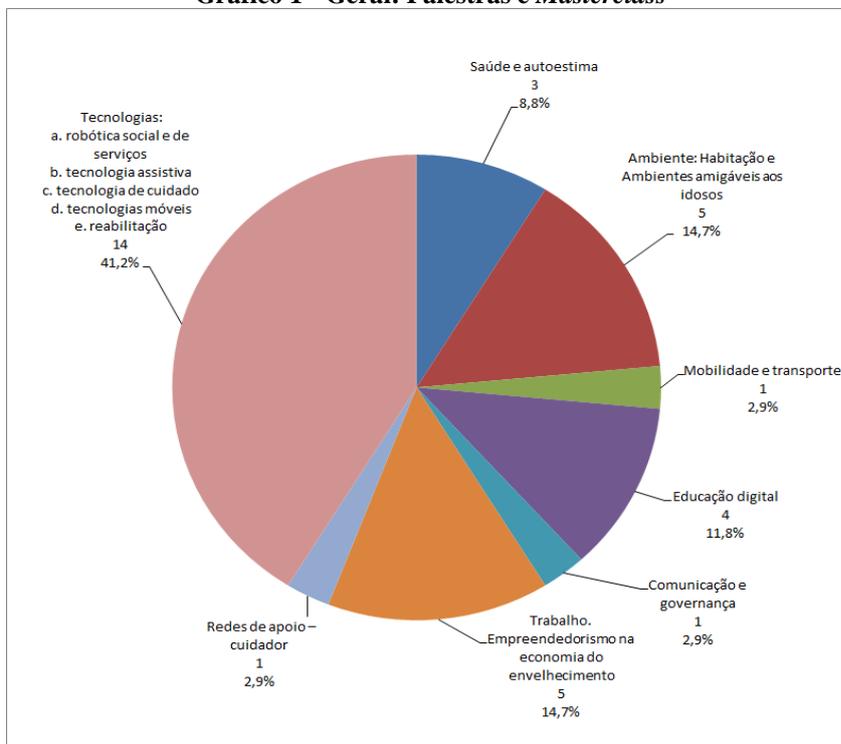
Foram identificadas as seguintes áreas de aplicação da gerontecnologia nos anais do congresso: Saúde e autoestima; Ambiente: Habitação e Ambientes amigáveis aos idosos; Mobilidade e transporte; Educação digital; Comunicação e governança; Trabalho e empreendedorismo na economia do envelhecimento; Redes de apoio – cuidador; Gerontecnologia e tecnologias. A área das tecnologias, pela sua abrangência e forma como foi abordada nas apresentações, foi subdividida em outras áreas: robótica social e de serviços; tecnologia assistiva; tecnologia de cuidado; tecnologias móveis; reabilitação. Esse destaque dado à tecnologia, e da mesma forma à gerontologia, demonstra a relevância de ambas as áreas para a promoção do envelhecimento bem sucedido.

Foram apresentadas 22 palestras e 07 *masterclass*. O histórico das publicações dos trabalhos apresentados no II Gerontec está apresentado através de três gráficos, sendo dividido em número total de Palestras e *Masterclass*, somente Palestras e somente *Masterclass*.





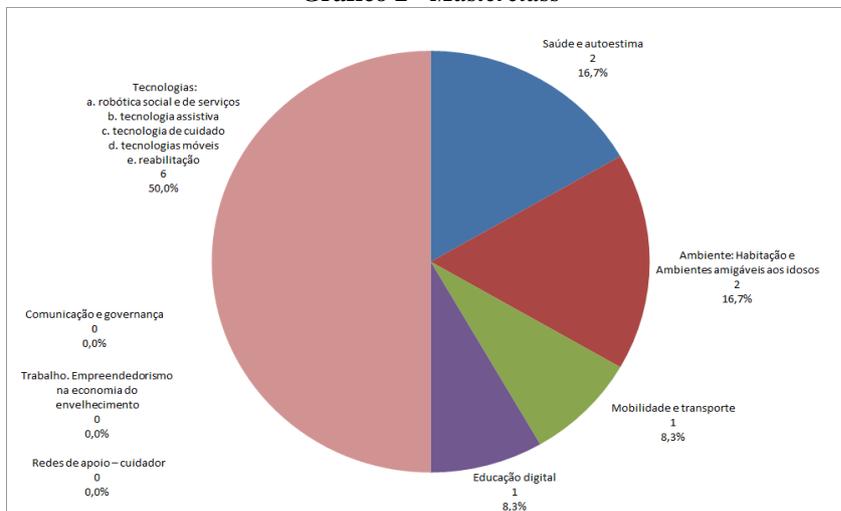
Gráfico 1 - Geral: Palestras e *Masterclass*



Fonte: Anais do II Congresso Brasileiro de Gerontecologia

Ressaltamos que foram 29 entre palestras e *masterclass*, sendo que alguns temas aparecem em mais de uma apresentação, totalizando 34 abordagens dos temas identificados. Observando o gráfico 1 percebe-se que as áreas predominantes nas apresentações foram: Tecnologias, entre suas várias subáreas, com 14 abordagens, seguida dos temas Ambiente e Trabalho, com 5 abordagens cada. Esses totalizam 70% das abordagens, com destaque para as tecnologias, demonstrando um grande volume de pesquisa e estudo nessa área.

Gráfico 2 - *Masterclass*



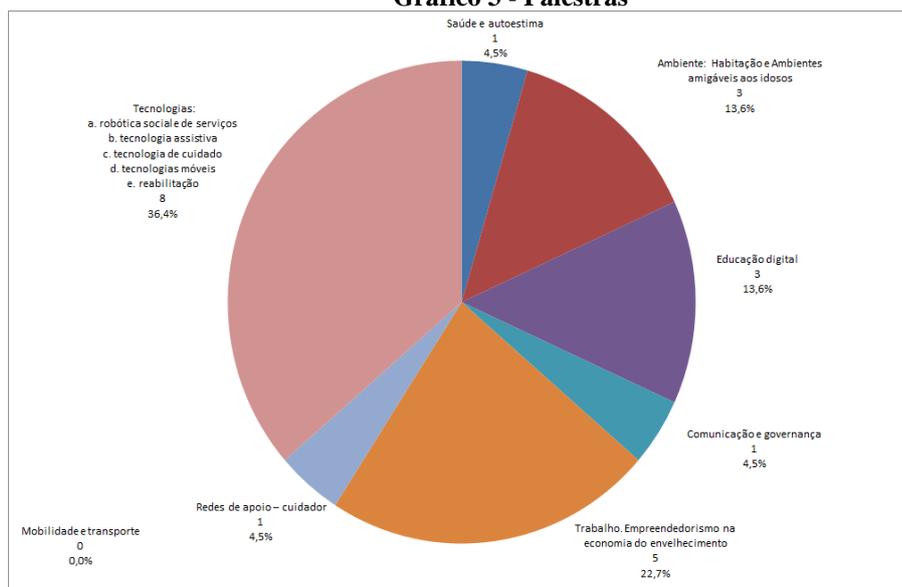
Fonte: Anais do II Congresso Brasileiro de Gerontecologia





Observando-se o gráfico 2 percebe-se que do total das 07 apresentações das *masterclass*, alguns temas aparecem em mais de uma apresentação, totalizando 12. Desses, o que se destaca é o das tecnologias, com 50%.

Gráfico 3 - Palestras



Fonte: Anais do II Congresso Brasileiro de Gerontecnologia

Observando o gráfico 3 acima do total de 22 palestras apresentadas, com o mesmo número de abordagens dos temas estudados. Destacaram-se com 36,4% a área das Tecnologias e com 22,7% a área do Trabalho e empreendedorismo. Podemos citar ainda as áreas do Ambiente: habitação e ambientes amigáveis aos idosos e Educação Digital, ambos com 13,6%.

Estes dados demonstram que cada vez mais a tecnologia pode auxiliar o idoso para que possa manter sua independência com qualidade de vida. Por esses motivos o estudo cada vez mais aprofundado sobre o uso de tecnologias para auxílio nas dificuldades encontradas na velhice se mostra muito importante. Um exemplo bastante importante é o aumento das doenças relacionadas ao desempenho cognitivo, e o quanto as ferramentas digitais desenvolvidas ajudam a tornar possível a reabilitação cognitiva que vem a promover a qualidade de vida e em consequência o envelhecimento bem sucedido (SANTOS, 2015).

CONCLUSÕES

Ao buscar entendimento sobre o que pesquisadores e profissionais das áreas implicadas na Gerontecnologia apresentaram, observou-se o amplo desenvolvimento das tecnologias assistivas, tecnologias de intervenções na aprendizagem e estimulação cognitiva para o idoso.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A Gerontecnologia é recente em nosso país, havendo um campo promissor com o aumento da expectativa de vida e a busca por um envelhecimento bem-sucedido, sendo também observado o aumento dos trabalhos científicos sobre o tema. A população de idosos em todo o mundo mostra a importância das pesquisas, estudos e estratégias de intervenção para compreender o envelhecimento em todas suas perspectivas em busca da qualidade de vida e do envelhecimento bem-sucedido. Na ocasião do evento aconteceu a reunião para a fundação da Sociedade Brasileira de Gerontecnologia (SBGTec). A partir da análise de conteúdos realizada evidenciou-se que a maior concentração de pesquisas atualmente, dentro da área de Gerontecnologia, está concentrada no desenvolvimento e uso das tecnologias para assistência e desenvolvimento, que visa não só o aumento dos anos na velhice, mas a qualidade de vida nestes anos.

REFERÊNCIAS

BALTES, P. B.; BALTES, M. M. **Successful aging: Perspectives from the behavioral sciences**. Cambridge, Inglaterra: Ed. Cambridge University Press, 1990.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira: uma análise demográfica**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2002.

CAMARANO, A. A.; PASINATO M. T. Population Ageing in the Public Policy Agenda. In: CAMARANO, A. (Org.). **The Elderly Brazilians and their New Social Roles**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2005.

CONGRESSO BRASILEIRO DE GERONTECNOLOGIA, 2., 2017, Ribeirão Preto SP. Anais eletrônicos da Revista da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e do Hospital das Clínicas da FMRP USP. Revista 50, Suplemento 3, 2017. Disponível em: <<http://www.fmrp.usp.br/revista>>. Acesso em 02 dez 2017.

DAVISON, G. C.; HAGEDORN, A. Technology and Ageing. In: BEARD, J.; BIGGS, S.; BLOOM, D.; et al. (Orgs.). **Global Population Ageing: Peril or Promise**. Geneva: World Economic Forum, p. 107 – 111, 2011.

GONÇALVES, C. D. Envelhecimento bem-sucedido, envelhecimento produtivo e envelhecimento ativo: reflexões. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2. p. 645-657, 2015.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas psicologia**. Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 17-34, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

NERI, A. L. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas SP: Papirus, v. 2, p. 11-37, 2001.

SANTOS, G. A.; CUNHA, G. L.; SANERMA, P. Successful aging and digital services, In: MUSTONEN, L. (Ed.). **International collaboration – Towards joint research activities in the strategic partnership**. Finlândia: HAMK Publications, 2015. p. 33 – 42.

TEIXEIRA, I. N. D.O; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicologia USP**, v.19, n.1, p.81-94, 2008. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642008000100010>>. Acesso em: 26 out.2017.

WERNHER, I.; LIPSKY, M. S. Psychological theories of aging. **Disease-a-Month**, v. 61, p. 480-488, Nov. 2015. Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0011502915001455>>. Acesso em: 19 set. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O ENSINO SUPERIOR NA ERA DA PLATAFORMA

HIGHER EDUCATION IN THE PLATFORM AGE

Claudini Fabrícia Maurer Pedruzzi (Feevale)¹

Rosemari Lorenz Martins (Feevale)²

Débora Nice Ferrari Barbora (Feevale)³

Resumo: A internet proporciona inúmeras formas de obter conhecimento. Mas qual é a diferença entre estudar on-line ou on-line via uma instituição de ensino? Essa e outras questões são discutidas ao longo deste artigo que tem como objetivo analisar o DECRETO 9057, PORTARIA NORMATIVA Nº 11, de 20 de junho de 2017, o qual afeta a organização da Educação Superior no Brasil via Educação a Distância (EaD). Para alcançar esse objetivo, a metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica sobre: i) a Era da Plataforma, segundo Parker, Van Alstyne, Paul e Sangeet (2016); ii) a descrição do cenário histórico e atual da EaD, para identificar os caminhos possíveis do Ensino Superior da Era da Plataforma no Brasil.

Palavras-chave: EAD. Ensino Superior. Plataforma.

Abstract: The internet provides numerous ways to gain knowledge. But what is the difference between studying online or online via an educational institution? This and other questions motivated this article production that aims to analyze how DECREE 9057; NORMATIVE PORTFOLIO No. 11, of June 20, 2017, which affects the organization of Higher Education in Brazil via Distance Education (EaD). To reach this goal, the methodology used is the bibliographical research on: i) the Platform Age, according to authors Parker, Van Alstyne, Paul and Sangeet (2016); ii) the analyse of the current scenario of the EaD, so that we can identify the possible paths of Higher Education of the Platform Age in Brazil.

Keywords: EAD. Higher education. Platform.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema a Educação Superior no Brasil na Era da Plataforma, Era que, para Parker, Van Alstyne, Paul e Sangeet (2016), é aquela em que toda empresa pode ser uma plataforma digital, porque, a partir da tecnologia, seu alcance, sua velocidade, sua eficiência e conveniência aumentam.

Neste trabalho, a Era da Plataforma é compreendida como sinônimo da Era Digital, da Conectividade e da Informação em que a tecnologia assume papéis cada vez mais importantes na vida das pessoas. Na educação superior, a tecnologia vem alterando o jeito de ensinar e de aprender, a ponto de ela não ser mais somente um suporte para as aulas presenciais, mas uma

¹ Mestre em Linguística Aplicada – Unisinos. Professora do Curso de Letras e assessora do núcleo de planejamento didático do Setor de EaD- Universidade Feevale. claudini@feevale.br

² Doutora em Letras – PUC/RS. Coordenadora do Metrado em Letras e assessora de Pós-graduação Stricto Sensu da Universidade Feevale. rosel@feevale.br

³ Doutora em Computação – UFRGS. Professora do Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. deboranice@feevale.br





nova modalidade de ensino, a Educação a Distância (EaD). É através da EaD que muitas instituições de Ensino Superior atendem seu público hoje, grande parte do qual está conectado a diferentes mídias sociais digitais.

De acordo com Bates (2017), quanto às tecnologias e o que elas podem proporcionar à educação, é pertinente a seguinte colocação: esses rápidos desenvolvimentos das tecnologias educacionais significam que professores e instrutores precisam de um modelo sólido para avaliar o valor de diferentes tecnologias, novas ou existentes, e para decidir como ou quando faz sentido para eles e para seus alunos as utilizarem. Aprendizagem híbrida e on-line, mídias sociais e ensino aberto são todos desenvolvimentos necessários para o ensino eficaz em uma era digital (BATES, 2017, p. 71).

Manuel Castells, em seu livro “A sociedade em Rede” (1999), já dizia que o valor do modo produtivo informacional que tem sua fonte de produtividade na tecnologia de geração de conhecimentos, do processamento da informação e da comunicação de símbolos, é a informação. De modo semelhante, Parker, Van Alstyne, Paul e Sangeet (2016) dizem que a moeda na Era da Revolução da Plataforma é a informação. É nesse cenário que o governo brasileiro, entre 2016 e 2017, flexibilizou a oferta de Ensino Superior a partir de quatro documentos oficiais, entre eles o mais recente o DECRETO 9057; PORTARIA NORMATIVA Nº 11, de 20 de junho de 2017.

Foi nesse cenário que o governo brasileiro, entre 2016 e 2017, flexibilizou a oferta de Ensino Superior a partir de quatro documentos oficiais, entre eles, o mais recente, o DECRETO 9057; PORTARIA NORMATIVA Nº 11, de 20 de junho de 2017. Por isso, a questão norteadora do presente artigo é como o DECRETO 9057; PORTARIA NORMATIVA Nº 11, de 20 de junho de 2017, contribui para a Educação na Era da Plataforma?

A fim de responder à questão norteadora, o objetivo geral é analisar como o decreto afeta a organização da Educação Superior no Brasil.

Para responder a questão norteadora e atingir os objetivos propostos, em um primeiro momento, apresenta-se um breve histórico da EaD e, em seguida, faz-se um levantamento bibliográfico sobre a Era da Plataforma para, então, estabelecer uma síntese das leis, de notícias e de artigos sobre a oferta de EaD, buscando entender qual é, de fato, o objetivo do mais recente decreto para, finalmente, analisar seus impactos na oferta de cursos superiores na Era da Plataforma no Brasil a partir de algumas considerações.





Como procedimentos metodológicos, em um primeiro momento, fez-se um levantamento bibliográfico sobre a Era da Plataforma para, então, estabelecer uma síntese de leis, notícias e artigos sobre a oferta EaD, buscando entender qual é, de fato, o objetivo do mais recente decreto para, finalmente, analisar seus impactos na oferta de cursos superiores na Era da Plataforma no Brasil a partir de algumas considerações.

ERA DA PLATAFORMA, DIGITAL, A QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Hoje, o setor educacional, bem como todos os demais, é atingido pelo sistema de plataforma que, conforme Parker, Van Alstyne, Paul e Sangeet (2016, p. 11), está modificando radicalmente os negócios, a economia e a sociedade. Conforme ZHU e FURR (2016), em 2015, as empresas mais bem avaliadas do mundo em capitalização de mercado, como Apple, Microsoft, Google, Amazon e Facebook foram empresas-plataforma. Nem todas começaram como plataformas, começaram com produtos: a Amazon, por exemplo, foi lançada em 1994, como varejista e, seis anos depois, apresentou a Amazon Marketplace. A Google surgiu em meados da década de 1990 como uma máquina de busca e, depois, em 2000, introduziu a publicidade associada à busca. E a Apple criou o iPod em 2001, mas só passou para plataforma em 2003, quando desenvolveu a iTunes Store e a App Store em 2008.

A educação, para os autores, está entre as “empresas” cujo “produto” é constituído de informação. Todas as profissões, segundo eles, podem ser transformadas pela revolução da plataforma e uma plataforma atual é também digital, isso faz com que ela ultrapasse o tempo e o espaço sem dificuldade e com ótimos resultados.

Analisar tendências, portanto, é necessário, como Faith Popcorn fez há alguns anos, quando lançou 16 tendências na década de 80 e, depois de 20 anos, no segundo milênio, viu-as se concretizarem. Segundo Popcorn, uma tendência vem da sedimentação do conhecimento de diferentes especialistas que estudam comportamentos do passado e do futuro para então conjecturar possíveis acontecimentos. A Era da Plataforma é, no presente texto, sinônima da Era digital, da Conectividade ou da Informação, mas também se associa ao conceito de quarta revolução industrial, termo criado pelo governo alemão, por universidades e por empresários, com a finalidade de aumentar a produtividade nas fábricas, ou seja, a Era de hoje.

Segundo Castells (1999), são consideradas revoluções, momentos que transformam os processos de produção e de distribuição, que criam novos produtos, aumentam a produtividade e incidem sobre uma reorganização social do trabalho e das relações sociais. Ou seja, mudam





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

as sociedades, mudam a forma e a visão de vida e de mundo. Para o pesquisador Klaus Schwab, a quarta Revolução Industrial é algo fabricado por nós mesmos e está sob nosso controle. E, se aceitarmos a responsabilidade coletiva, criaremos um futuro em que a inovação e a tecnologia nos sirvam. A quarta revolução, pode, ainda, conforme Castells (1999), criar uma sociedade da informação, cujas características são: – tecnologias que agem sobre a informação e não apenas informações para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores; – penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias – o novo meio tecnológico incide na existência individual e coletiva das pessoas; – a lógica das redes – a possibilidade de estruturar o não estruturado, de criar interação; – a flexibilidade – as novas tecnologias permitirão a reestruturação das organizações sociais; – convergência das tecnologias para um sistema altamente integrado.

Assim, diferentes empresas tornam-se uma só (eletrônica/telecomunicações/engenharia genética). Tais características geram o que Castells chamava de reestruturação do capitalismo na sociedade. É nesse cenário que as instituições de Ensino Superior do Brasil e no mundo, que, no mundo dos negócios, são tidas como empresas, veem seus alunos ingressarem cada vez mais conectados, o que exige delas mudanças a fim de atender as expectativas deles e também do mercado de trabalho atual.

ERA DA PLATAFORMA: MÍDIAS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO

Desde 2005, várias ferramentas da web foram incorporadas ao uso geral das pessoas, criando uma cultura diferente do uso da internet, que, até o momento, era principalmente baseada em sites institucionais.

Conforme Bates (2017), hoje a internet é um ambiente no qual os usuários podem acessar, criar, difundir e compartilhar informações de maneira amigável e aberta, ou seja, o usuário gerencia dados e forma redes sociais. Pode-se dizer, então, que tais mídias permitem que a web possa ser considerada uma forma de democratização. Os aplicativos (“apps”) contribuem bastante para que as mídias sejam ainda mais utilizadas nas mais variadas áreas, entre elas, a educação.

Percebe-se, portanto, que o controle sobre a aprendizagem é a principal diferença entre o uso educacional e a aprendizagem baseada em computadores ou aprendizagem colaborativa online.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A PLATAFORMA COMO SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DO DECRETO 9057

Quando os autores do livro “Plataforma - a Revolução da Estratégia” (2016) se questionam se a educação é um setor que está maduro para a revolução estratégica proporcionada pela plataforma, se de fato, as instituições de ensino vendem informação, se pais e alunos querem processos de ensino menos seletivos, temos uma afirmativa como resposta para todas as questões.

Assim, no Brasil, o documento mais recente, publicado no Diário Oficial da União de 21 de junho de 2017, a Portaria Normativa MEC Nº 11, de 20 de junho de 2017, que regulamenta o Decreto 9.057, de 25 de maio de 2017, é conhecido como novo marco regulatório para a EaD porque flexibiliza a oferta de cursos na modalidade a distância de ensino superior.

Tal documento deixa claro como o credenciamento de IES exclusivo para a modalidade EaD deve ocorrer, pois, mesmo que esta queira oferecer somente cursos *Lato sensu*, precisa manter um curso de graduação na área. O decreto trata também da autorização de cursos que não preveem atividades presenciais, os quais precisam receber visita *in loco*. Essa visita, contudo, pode ser dispensada dependendo do conceito institucional. Além disso, o documento especifica como deve ocorrer a criação de polos EaD e como devem ser os ambientes profissionais para a realização de atividades presenciais ou estágio supervisionado.

Segue um recorte do referido decreto, que deixa claro que vivemos um marco, ou seja, todas as instituições/empresas podem oferecer cursos com mais autonomia, o que gera mais oportunidades aos alunos e aumenta a concorrência entre as instituições.

Art. 21. Para fins desta Portaria, são considerados ambientes profissionais: empresas públicas ou privadas, indústrias, estabelecimentos comerciais ou de serviços, agências públicas e organismos governamentais, destinados a integrarem os processos formativos de cursos superiores a distância, como a realização de atividades presenciais ou estágios supervisionados, com justificada relevância descrita no PPC.

§ 1º. A utilização de um ambiente profissional como forma de organização de atividades presenciais ou estágio supervisionado de cursos a distância depende, além do disposto no caput, de parceria formalizada em documento próprio, o qual conterà as obrigações da entidade parceira e estabelecerá as responsabilidades exclusivas da IES credenciada para educação a distância referentes ao objeto da parceria, a ser inserido no Cadastro e-MEC, campo de comprovantes do endereço sede ou dos polos de EaD com os quais esteja articulado.

§ 2º. A infraestrutura e a natureza do ambiente profissional escolhido deverão ser justificadas no PDI, em consonância com as formas de aprendizado previstas.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

§ 3º. Os ambientes profissionais poderão ser organizados de forma exclusiva para atendimento de estágios supervisionados e de atividades presenciais dos cursos a distância, ou em articulação com os Polos de EaD. A partir disso, pode-se dizer que a flexibilização passa a existir e assim, não só instituições já reconhecidas podem oferecer cursos, mas a permissão de utilizar ambientes profissionais como “polos” interfere diretamente na oferta de cursos superiores Brasil a fora.

Porém, a criação anual de polos será conforme o conceito institucional, ou seja, as instituições cujos cursos já têm boas notas têm direito de implantar um número maior de polos, quando for de seu desejo.

A Portaria apresenta ainda uma tabela com a correlação entre os conceitos Institucionais e a quantidade de polos que uma instituição pode ter. Define também as instalações adequadas do polo, cuja documentação e cujas evidências devem ser apresentadas na Unidade Sede nos Processos de Credenciamento e Recredenciamento e cujos elementos serão avaliados nas ações de monitoramento e de supervisão empreendidas pela SERES: I – salas de aula ou auditório; II - laboratório de informática; III - laboratórios específicos presenciais ou virtuais; IV - sala de tutoria; V - ambiente para apoio técnico-administrativo; VI - acervo físico ou digital de bibliografias básica e complementar; VII - recursos de Tecnologias de Informação e Comunicação -TIC; e VIII - organização dos conteúdos digitais.

Tais informações demonstram que tal decreto, em um primeiro momento, pode ter sido considerado algo negativo, mas cabe, portanto, a cada instituição decidir como vai usufruir das vantagens que o documento apresenta na Era da Plataforma.

CONSIDERAÇÕES: ADAPTANDO LEIS AOS BENEFÍCIOS DA ERA DA PLATAFORMA

Os impactos tanto da Era da Plataforma quanto da legislação vigente para EaD já movem o setor educacional. Sabe-se, contudo, que nem todas as alterações propostas no documento são positivas. O setor educacional de caráter empresarial mercantil do ensino superior, ou seja, os grandes grupos educacionais de EaD, por exemplo, ofertam cursos baratos e em grande escala aos estudantes, mesmo desde antes do marco regulamentário de 2017, o que afeta o setor educacional mais tradicional e regional, mas, por outro lado, inclui estudantes que, de outra forma, não poderiam estudar em um momento em que o país passa por uma grande crise econômica.

Todavia, de acordo com Parker, Van Alstyne, Paul e Sangeet (2016), todas as construções humanas deveriam ter o propósito de liberar o potencial individual e construir uma sociedade





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

em que todos tenham as mesmas oportunidades. Mas, na prática, muitos são os desafios dos professores em universidades e faculdades quanto à diversidade. Conforme Bates (2017 p.), entre elas estão: a) ensinar de forma a ajudar a desenvolver o conhecimento e as habilidades necessários na sociedade de hoje; b) trabalhar com turmas cada vez maiores; c) desenvolver métodos de ensino apropriados para um corpo discente cada vez mais diversificado; d) trabalhar com uma variedade de modalidades de oferta.

Além da diversidade, outros desafios fazem parte da revolução que a Era da Plataforma proporciona, mas a florescente internet moldará cada vez mais as transformações dos nossos ambientes profissionais, educacionais, pessoais, entre outros.

Diante do exposto, cabe perguntar se estamos prontos para usufruir o potencial das Plataformas, pois elas já estão presentes em diferentes setores e, independentemente da nossa área de atuação, a Plataforma ideal para ela está surgindo para atender todos os tipos de usuários, criando diferentes tipos de valores. Cabe, portanto, pensar na melhor maneira que uma Plataforma que atenda as instituições de Ensino pode acolher o maior número de pessoas no país, respeitando os alunos “clientes”, mas também os profissionais atuantes na área da Educação, uma vez que transformar a informação que hoje chega com mais facilidade a um maior número de pessoas continua sendo um desafio, pois nem sempre ela é sinônimo de conhecimento. Assim, pode-se dizer que ainda existe a necessidade de construir e manter uma Plataforma educacional ideal.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução nº 1, de 11 de março de 2016. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=35541-res-cne-ces-001-14032016-pdf&category_slug=marco-2016-pdf&Itemid=30192 acesso em 06/12/2017.

_____. **Portaria nº 1.134, de 10 de outubro de 2016.** Disponível em <http://www.faal.com.br/arquivos/portariaAVA.pdf> acesso em 06/12/2017.

_____. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9057.htm acesso em 06/12/2017.

_____. **Portaria normativa nº 11, de 20 junho de 2017.** Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=66431-portaria-normativa-11-pdf&category_slug=maio-2017-pdf&Itemid=30192 acesso em 06/12/2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BATES, Tony. **Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem** / A. W. (Tony) Bates; [tradução João Mattar]. -- 1. ed. -- São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

CASTELLS, Manuel. "A sociedade em rede" – Volume 1. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1999.

Censo EAD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2016 Censo EAD.BR: Curitiba: InterSaberes, 2017.

GRABOWSKI, Gabriel. **Novo Decreto de EaD: flexibilização irresponsável**. Disponível em <http://www.extraclasse.org.br/exclusivoweb/2017/06/novo-decreto-de-ead-flexibilizacao-irresponsavel/> acesso em 06/12/2017.

MILL Daniel. **Gestão estratégica de sistemas de educação a distância no Brasil e em Portugal: a propósito da flexibilidade educacional**. disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v36n131/1678-4626-es-36-131-00407.pdf> acesso em 06/12/2017.

MAYER Richard E. **Multimedia learning**. New York: Cambridge University Press. 2009.

PARKER, Geoffrey G., VAN, ALSTYNE Marshall W. Van, SANGEET, Paul Choudary **Platform Revolution: How Networked Markets Are Transforming the Economy and How to Make Them Work for You**. 2016.

PARKER, Geoffrey / ALSTYNE, Marshall W. Van, SANGEET, Paul Choudary. **Plataforma - A Revolução da Estratégia**. Hsm Editora, 2016.

ZHU Feng e FURR Nathan. **Saltando de produtos para plataformas**. Abril de 2016. Disponível em <http://hbrbr.uol.com.br/saltando-de-produtos-para-plataformas/> acesso em 13/12/2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIA ORAL: A MANUTENÇÃO DA PRÁTICA DA COBERTA D'ALMA NA CIDADE DE OSÓRIO/RS

AMONG MEMORIES AND ORAL HISTORY: THE MAINTENANCE OF THE
PRACTICE OF THE COBERTA D'ALMA IN THE CITY OF OSÓRIO/RS

Cristian Leandro Metz (Universidade Feevale)¹

Ana Luiza Carvalho da Rocha (Universidade Feevale)²

Resumo: Ao situarmos a memória como um campo de pesquisa, buscamos estabelecer um diálogo entre Maurice Halbwachs (1990), Jacques Le Goff (2003) e Michael Pollak (1989) quando estes tratam do caráter social da memória, seja ela individual ou coletiva e a memória das pessoas velhas (BOSI, 1994). Para tanto, abordamos, por meio de uma revisão bibliográfica, os pontos de vista de cada autor, fazendo uma interlocução com o estudo das memórias do ritual funerário da Coberta d'Alma na cidade de Osório/RS utilizando, para esse fim, o documentário *A Coberta d'Alma – Um ritual para os mortos de Osório*, produção audiovisual brevemente apresentada e analisada pelas vias da análise fílmica (PENAFRIA, 2009) e que serve de instrumento para este diálogo.

Palavras-chave: Memória. Coberta d'Alma. Análise Fílmica. Documentário.

Abstract: By locating memory as a research field, we seek to establish a dialogue among Maurice Halbwachs (1990), Jacques Le Goff (2003) and Michael Pollak (1989) when they deal with the social character of memory, whether individual or collective, and memory of old people (BOSI, 1994). For this, through a bibliographical review, we approach the views of each author, making an interlocution with the study of the memories of the funeral ritual Coberta d'Alma in the city of Osório (Rio Grande do Sul state/Brazil) using, for this purpose, the documentary “A Coberta d'Alma - A ritual for the dead of Osório”, an audiovisual production briefly presented and analyzed by means of film analysis (PENAFRIA, 2009) and which serves as an instrument for this dialogue.

Keywords: Memory. Coberta d'Alma. Film Analysis. Documentary

REVISÃO DO DOCUMENTÁRIO “A COBERTA D'ALMA – UM RITUAL PARA OS MORTOS DE OSÓRIO” PELAS VIAS DA ANÁLISE FÍLMICA

O gênero documentário apresenta uma maneira de realização muito singular: a questão autoral e de veracidade. Segundo Penafria (2009), analisar um filme é sinônimo de decompor esse mesmo filme. Embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise de um filme, é comum aceitar que analisar implica em descrever o filme.

Para Nichols (2005), o documentário é uma representação do mundo e não uma reprodução da realidade. Essa representação é sempre um ponto de vista exclusivo de quem

¹ Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Feevale, 2018), Mestrado em Processos e Manifestações Culturais (Feevale, 2016), Bacharelado em Moda (Feevale, 2013) – crismetz@feevale.br

² Pós-doutorado em Antropologia Sonora e Visual (Universidade Denis Diderot – Paris II), Doutorado em Antropologia (Paris V – Sorbone), Mestrado em Antropologia (UFRGS), Bacharelado em Ciências Sociais (UFRGS) – analuiza2@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

produz o documentário, de modo que os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro de algum aspecto do mundo, de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente.

Na medida em que representa o mundo, o documentário assume um ponto de vista sempre singular, já que se constitui conforme a visão do cineasta/diretor. Penafria (2009, p. 24) defende a ideia de que “[...] o documentarista não deve mostrar o óbvio, mas revelar nosso próprio mundo, fazer com que nosso olhar ascenda a outro ponto de vista em relação ao tema abordado”. Nichols (2005, p. 76) nomina “voz do documentário” a forma como esse ponto de vista é expresso. De acordo com o autor, a “voz” fala a partir da forma como os elementos de imagem e som são dispostos no filme, o que envolve escolhas de linguagem, qual enquadramento será usado, como um plano será composto, quando cortar a sequência, de que forma será montado, se a captação do áudio será direta, se haverá *voz em off*³, a localização da trilha sonora em determinados pontos e se os acontecimentos seguirão uma sequência lógica ou serão reorganizados, se serão utilizadas imagens em movimento e fotografias de arquivo e, por fim, qual o modo de representação que o documentário irá usar para realizar suas asserções sobre o mundo (NICHOLS, 2005).

Um documentário é composto de várias vozes que se manifestam por meio das entrevistas, das fotografias e imagens de arquivo, das imagens contemporâneas, da *voz em off*. No entanto, ele sempre irá constituir uma voz própria, a partir da conjunção dessas vozes, que irá produzir um significado que traduz o ponto de vista, apresentando o argumento ou defendendo uma causa do diretor. Percebemos, no documentário em questão, grande evidência de um modo performático⁴ na composição da narrativa e, pela escolha deste modo de realização documental, estas questões justificam as escolhas de enquadramento, trilha sonora e elementos visuais estéticos que compõem o documentário *A Coberta d’Alma – Um ritual para os mortos de Osório*.

A localização de depoentes na cidade de Osório/RS é de fundamental importância para a reconstrução da memória da prática deste rito de passagem que mostra a personificação da identidade do recém-falecido num parente ou amigo próximo por meio da utilização de uma

³ Recurso sonoro no qual o locutor não aparece em cena (nota do autor).

⁴ Segundo Nichols (2005, p. 170), no modo performático, os documentários “dão ainda mais ênfase às características subjetivas da experiência e da memória, que se afastam do relato objetivo”. Há uma combinação livre do real e do imaginado, em que o direcionamento ao espectador dá-se emocionalmente, sem a pretensão de apontar o mundo objetivo.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

muda completa de veste por este vivo que, vestindo aquela roupa, libera a alma do corpo. Os praticantes do rito acreditam que aquela veste com a qual o morto é enterrado apodrece junto com a matéria e, dessa forma, a alma se desprende nua do corpo. Para que a alma não se apresente nua perante Deus, é realizado o ritual da Coberta d'Alma. Desse modo, além de vestir a alma do falecido e liberá-la do corpo, a prática do ritual mantém viva a memória daquele falecido no seu seio familiar e social, por meio daquela pessoa que vestiu a Coberta d'Alma. A pessoa escolhida para vestir a Coberta d'Alma, além do já mencionado, passa a contar também com o carinho e o cuidado dispensado ao falecido, enquanto vivo, pela sua família.

Nas falas das personagens, percebe-se que a memória da prática da Coberta d'Alma encontra-se muito presente. Porém, essa memória remete a outro tempo: não é raro que comecem suas frases dizendo “naquela época” ou “os antigos diziam/faziam”. Essa forma de se expressar faz com que se perceba que a prática da Coberta d'Alma já não é tão frequente e que está se perdendo, à medida que as formas de vida urbana, de socialização e as próprias transformações ocorridas no contexto das práticas dos ritos funerários se modificam com o passar dos tempos. Desse modo, classificamos o documentário *A Coberta d'Alma – Um ritual para os mortos de Osório* como uma tentativa de reconstrução histórica da memória da prática deste rito funerário entre os moradores da cidade de Osório/RS e localidades adjacentes. Memórias estas que falam de um tempo não muito distante, de relações de afeto ou de parentela muito significativas e que buscam a lembrança afetiva dessas pessoas que, por meio da sua crença na perenização da memória do seu ente falecido, realizam o ritual da Coberta d'Alma.

O DIÁLOGO ENTRE HALBWACHS, LE GOFF, POLLAK E BOSI PARA O ESTUDO DAS MEMÓRIAS

A memória, segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2015), é a “faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as adquire sem grande esforço; são lembranças, recordações”. Desta forma, ela pode ser traduzida como reminiscências do passado, que vêm à tona no pensamento de cada pessoa no momento presente ou como uma capacidade de armazenar informações referentes a momentos vividos e surge como um processo de fixação de informações nas quais nossas experiências são vistas e revistas quando as solicitamos; é uma função simbólica que está relacionada às experiências.

Neste momento do texto, buscamos relacionar os conceitos de memória (HALBWACHS, 1990, LE GOFF, 2003) e de esquecimento (POLLAK, 1989) associando tais conceitos às falas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

das personagens do documentário *A Coberta d'Alma – Um ritual para os mortos de Osório*. Essas falas aparecem transcritas, na forma de citações diretas (longas ou curtas), entremeadas nas definições de Halbwachs (1990), Le Goff (2003) e Bosi (1994) sobre os conceitos de memória e a memória das pessoas velhas. Importante ressaltar que, em sua totalidade, os depoentes do referido documentário são pessoas idosas e, por isso, cabe conceder espaço à memória delas.

O termo memória coletiva é original do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877 – 1945) e é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial de uma sociedade. A memória coletiva geralmente se manifesta naquilo que chamamos de lugares de memória e que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.

O autor define memória coletiva como

[...] o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém (HALBWACHS, 1990, p. 2).

Para Halbwachs (1990), a memória está estruturada em marcos, denominados por ele como *marcos sociais da memória*. Em se tratando de memória coletiva, esses marcos podem estar divididos em temporais (que são fatos considerados socialmente significativos, como, por exemplo, o nascimento de alguém, uma festa, um falecimento na comunidade). Neste marco, a recordação do fato é reconstruída por aqueles que vivenciaram/viveram o fato social. Percebe-se, na fala do Sr. José Messília da Silva, a presença deste marco temporal na memória.

Nós éramos amigos, bem vizinhos. E faleceu este gurizão quando tinha 18 anos e eu mais ou menos essa idade. Então os pais perguntaram pra mim, para os meus pais, se eu aceitava vestir aquela roupa, ir à missa e ao terço de sétimo dia com a roupa. E eu aceitei. Eu me senti bem, ele era meu amigo, as nossas roupas eram iguais, os números da roupa (A COBERTA D'ALMA, 2004, 4'13").

Halbwachs (1991) complementa a ideia de espaços da memória ao informar que

[...] não é certo que para poder recordar é necessário se transportar com o pensamento fora do espaço. Pelo contrário, é a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar através do tempo, e de encontrar o passado dentro do presente, que é precisamente a forma em que pode definir-se a memória. Somente o espaço é tão estável que pode durar sem envelhecer nem perder alguma de suas partes (HALBWACHS, 1991, p. 167, tradução nossa)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Ancorada na memória social de pessoas velhas e na mesma linha dos estudos da memória propostos por Halbwachs (1990), Bosi (1994) reitera a ideia das memórias individuais presentes nos grupos sociais (família, escola, igreja) das pessoas velhas, trazendo a lembrança desses sujeitos a partir da sua vida cotidiana. A autora “colhe” as memórias dos velhos e mostra que a função social exercida durante a vida dos seus interlocutores, principalmente no campo do trabalho, ocupa uma parte significativa de suas memórias. Deste modo, essas lembranças são a reconstrução de narrativas de homens e mulheres que já não atuam mais como membros ativos da sociedade, mas que foram, na sua juventude, propulsores do trabalho e da economia nos seus lugares. Isso significa que os velhos têm uma nova função social: a de lembrar e transmitir para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam e é na velhice que as pessoas se tornam a memória da família, do grupo, da sociedade.

A relação estreita entre memória e trabalho mostrada por Bosi em seu livro, feita pela análise das vidas de seus personagens, e a constatação de que a função social da velhice, nem sempre reconhecida, não deveria ser perdida. A autora vê e mostra os velhos com afeto e compreensão e, ao final do livro, já não separa as suas próprias memórias das memórias de seus personagens. Ao contrário de outras publicações do tipo, não coloca os velhos em uma situação passiva, pois enquanto eles lembram, eles ainda “fazem” (SCHOBER, 2004, p. 1).

O outro marco da memória coletiva apontado por Halbwachs (1990) faz menção aos marcos espaciais da memória coletiva onde as lembranças ou recordações partem de lugares específicos (um prédio, uma igreja, a casa da avó).

A memória individual é, portanto, aquela guardada pelo indivíduo e se refere às suas vivências e experiências. Porém, não há como dissociar a memória individual dos aspectos da memória do grupo social onde esse indivíduo se formou, onde foi socializado. Assim, de acordo com Maurice Halbwachs (1990, p. 69), “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”. Nota-se, então, este processo da formação da memória individual abarcada pela memória coletiva nas falas de Dona Odete e de Dona Severina, especialmente nas falas a seguir.

Desde o tempo dos meus pais, meus avós, desde o tempo dos meus avós. Minha avó faleceu com 96 anos e foi dada a Coberta d’Alma dela, ela pediu para a minha mãe dar. Até foi uma senhora bem de idade que ganhou. E quando meus pais faleceram, também nós demos a Coberta d’Alma pra eles todos, para o casal (A COBERTA D’ALMA, 2004, 5’27”).





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Eu me criei com a minha avó, minha avó morreu com 125 anos. E quando ela morreu já deixou a roupa que era pra vestir ela. Então nós continuamos naquele ritmo: morreram os tios, morreu pai, morreu mãe e nós continuamos igual (A COBERTA D'ALMA, 2004, 6'57").

Ao permitir a fala e dar voz para este grupo de pessoas, Bosi (1994) recupera um tempo e reconstrói um momento social coletivo destes velhos e velhas contrapondo essas memórias às memórias dos mais jovens “[...] ainda absorvidos nas lutas e contradições de um presente que os solicita intensamente” (BOSI, 1994, p. 22), o que implica numa falta de experiência em lidar com as lembranças.

Esta relação estreita entre memória e trabalho, apontada pela autora e feita a partir da análise das vidas dos seus interlocutores, eleva esses sujeitos a uma condição ativa de conservadores destas memórias para a sociedade. Para a autora, “[...] a lembrança é a sobrevivência do passado” (BOSI, 1994, p. 53) e esse passado conserva o espírito de cada ser humano. A constatação de que a função social da velhice, nem sempre reconhecida, segundo a autora, é o pilar que sustenta a reconstrução das memórias sociais de um povo. A memória neste caso, torna-se a memória do grupo ao qual esses interlocutores pertencem.

É a partir da memória das pessoas velhas que se promove a continuidade da cultura e da educação, nas gerações futuras, pois ela permite que a experiência vivida (o reviver o que já passou) permaneça no momento atual, já que “[...] deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias” (BOSI, 2004, p. 74).

Para Halbwachs (1990), a memória individual pode ser entendida como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas. A memória social, por sua vez, é o trabalho realizado por determinado grupo social, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. O conteúdo da memória social é, portanto, uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas (HALBWACHS, 1990). Quando Dona Iracema informa que “[...] o que eles diziam é que aquela pessoa morria, a gente tinha que dar uma roupa deles, pra uma pessoa bem amiga, um parente, que era para aquela pessoa se salvar, senão aquela pessoa não se salvaria” (A COBERTA D'ALMA, 2004, 10'13"), percebe-se sua memória individual sobreposta de outras informações sobre a prática da Coberta d'Alma.

De acordo com Bosi (1994), as pessoas velhas, ao lembrarem das suas vivências do passado, não fogem da realidade do presente; neste momento de rememoração, ocupam-se





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

consciente e atentamente do próprio passado, daquilo que outrora serviu de alicerce para a sua formação enquanto indivíduo.

O velho não se contenta, em geral, em aguardar passivamente que as lembranças o despertem; ele procura precisa-las, ele interroga outros velhos, compulsua seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto, mas daí não se segue que esteja em condições de evocar mais lembranças desse passado do que quando era adulto, nem, sobretudo, que imagens antigas sepultadas no inconsciente desde sua infância, ‘recobrem a força de transpor o limiar da consciência’ só então (HALBWACHS, 1991 apud BOSI, 2004, p. 60).

Ao estudar os quadros sociais da memória, Halbwachs (1990) defende a ideia de que as memórias dos indivíduos dependem dos seus relacionamentos familiares, de classes sociais, escolares, com a igreja e com a profissão. Desta forma, a memória se forma a partir dos grupos de convívio e dos grupos de referência que são peculiares a cada indivíduo.

Para Le Goff (apud Delgrano, 2006), a memória é um processo social e ativo e, como tal, os estímulos exteriores são fundamentais para a ação de reordenamento e releitura desses sinais, trazendo para o presente, sentimentos que mobilizavam indivíduos e grupos. A memória, segundo Delgrano (2006, p. 55), “[...] é uma das bases que atuam na construção de identidades e da imortalidade, pois tanto o rememorar induzido quanto o espontâneo são elementos constitutivos das identificações sociais e da produção do próprio conhecimento histórico”.

O historiador Jacques Le Goff (2003) designa o termo memória coletiva para os povos sem escrita, enquanto aplica o termo memória social para as sociedades onde a escrita já teria se instalado. E complementa informando que,

[...] nas sociedades sem escrita, a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo, que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem; o prestígio das famílias dominantes, que se exprime pelas genealogias; e o saber técnico, que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa (LE GOFF, 2003, p. 427).

Para Leroi-Gourhan (apud Le Goff, 2003, p. 429), “[...] a evolução da memória, ligada ao aparecimento e à difusão da escrita, depende essencialmente da evolução social e, especialmente, do desenvolvimento urbano”. O autor completa essa informação afirmando que

[...] memória coletiva, no início da escrita, não deve romper o seu movimento tradicional a não ser pelo interesse que tem em se fixar de modo excepcional num sistema social nascente. Não é, pois, pura coincidência o fato de a escrita anotar o que não se fabrica nem se vive cotidianamente, mas sim o que constitui a ossatura duma sociedade urbanizada [...] (LEROI-GOURHAN, 1964/65 apud LE GOFF, 2003, p. 429).





Desta forma, a possibilidade de construir uma história permitiria distinguir memória coletiva e social: esta última teria como testemunhas os documentos escritos, inexistentes entre os povos de cultura exclusivamente oral (GONDAR, 2008).

O ritual da Coberta d'Alma pauta-se, principalmente, pela transmissão oral, tendo como processo ritual (TURNER, 1974) a fala, o canto e a experiência vivida transmitida por meio da oralidade. A memória é, portanto, “[...] uma das bases que atuam na construção de identidades e da imortalidade, pois tanto o recordar induzido quanto o espontâneo são elementos constitutivos das identificações sociais e da produção do próprio conhecimento histórico” (DELGRANO, 2006, p. 55). Le Goff (2003, p. 419) complementa, informando-nos de que

[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Ainda no campo da história, a sobreposição entre a memória social e coletiva será também valorizada por Pierre Nora (1978 apud GONDAR, 2008). Definindo a memória coletiva como “[...] o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fizeram do passado” (NORA apud GONDAR, 2008, p. 3), o historiador francês observa que os traços reconhecidos e difundidos da memória histórica, veiculados pela mídia, são elaborados por diversos grupos, constituindo memórias coletivas que, por sua vez, pressionam a história.

E Bosi (1994) complementa informando que as pessoas velhas, nas tribos antigas, ocupam lugar de honra como guardiães da memória daquele povo, mantendo viva a tradição. A prática de lembrar e recordar o passado ressuscita detalhes, promove a discussão sobre práticas e conserva o passado dos indivíduos na forma que melhor lhe convém: “[...] o material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo” (HALBWACHS, 1991 apud BOSI, 2004, p. 68), fazendo com que a função da memória (e das lembranças, atualmente) sejam a do conhecimento do passado que se organiza e ordena o tempo.

Já para Pollak (1989), para que haja memória, são necessários acontecimentos, pessoas/personagens e lugares. Os acontecimentos podem ter sido vivenciados pelo indivíduo ou pelo grupo no qual este indivíduo se sente inserido; as pessoas (e/ou personagens), indiferentemente de terem ou não participado dos acontecimentos, contribuem fortemente para a preservação da memória. E os lugares são aqueles espaços ligados a uma lembrança e que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

favorecem o sentimento de pertença do indivíduo àquele grupo ou lugar. Assim sendo, são necessários os três elementos (acontecimentos, personagens e lugares) para que haja a construção da memória, seja consciente ou inconsciente.

Segundo Pollak (1989, p. 16), a memória é, portanto,

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

O autor garante, ainda, que a memória caminha ao lado do esquecimento. Pollak (1989) chama a atenção para os processos de dominação e submissão das memórias, trazendo questões sobre memória oficial e dominante e *memórias subterrâneas*, marcadas pelo silêncio, pelo não dito, pelo ressentimento.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade” (POLLAK, 1989, p. 3).

A questão do esquecimento está intimamente relacionada ao processo seletivo para produção da memória: esquecemos algumas coisas em detrimento de tantas outras justamente porque a memória se apropria da seleção de eventos e experiências que devem permanecer na memória. E, principalmente nos casos de memória subterrânea, o esquecimento pode deixar de ser apenas uma escolha e ser visto também como uma dádiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória atua como principal agente na preservação da prática do rito funerário da Coberta d’Alma na cidade de Osório/RS. A partir dos conceitos de memória trazidos por Halbwachs (1990), Pollak (1992), Le Goff (2003) e Bosi (1994), identificaram-se pontos de convergência das diferentes influências sociais vivenciados pelos interlocutores do documentário “A Coberta d’Alma – Um ritual para os mortos de Osório” e notou-se, também, que esses pontos se articulam entre si. Essas articulações localizam as lembranças em quadros sociais comuns de modo que essas memórias compartilhadas transformam suas vozes em importante fonte de conhecimento. As informações dos interlocutores não transitam em





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

paralelo umas às outras: elas se entrecruzam e se complementam a partir das suas formas de sociabilidade e trajetórias sociais.

Por meio das memórias destas pessoas remontou-se, também, as etapas do ritual da Coberta d'Alma no referido documentário. No momento em que participam desta prática ritual, abordam com detalhes cada um dos momentos que compõem o ritual. Relembrar o ritual da Coberta d'Alma realizado em seu seio familiar, fez transparecer uma emoção singular em cada um deles. Assim, percebeu-se que esta prática ritual ameniza a dor da perda do ente falecido, fortalecendo as relações entre elas e aquele que vestiu a roupa ritual.

A memória, enquanto campo de representações e sensibilidades que busca para si a imaginação e uma imagem do passado, reconstrói, no presente, as lembranças vividas. Não se faz necessário encontrar provas que validem ou não as memórias e histórias narradas por esses interlocutores ao testemunharem a prática da Coberta d'Alma. Antes de testemunharem sobre a prática deste rito, falam de si, da sua formação, da sua trajetória de vida e dos seus percursos enquanto moradores da cidade de Osório/RS; falam, também, de deslocamentos e reencontros, de tradição e modernidade, de memória e de esquecimento mas, sobretudo, falam de lembrar e (muito intimamente) desejam manter viva a memória daquele ente falecido, por meio da prática da Coberta d'Alma.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 488p.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica: Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 315p.

COBERTA D'ALMA – Um ritual para os mortos de Osório. Direção: Hique Montanari. Fotografia: Jorge Henrique Boca. Casanova Filmes, 2004. 1 DVD (52 min+créditos), NTSC, color.

DELGRANO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. In. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13, 2008**.

HALBWACHS, Maurice. **Fragmentos da la Memoria Colectiva**. Seleção e tradução. Miguel Angel Aguilar D. (texto em espanhol). Universidad Autónoma Meropolitana-Iztapalapa. Publicado originalmente em Revista de Cultura Psicológica, Año 1, Número 1, México, UNAM- Faculdade de psicologia, 1991.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

_____. **A Memória Coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter do original *La Mémoire Collective*. Presses Universitaires de France, Paris, p. 25 – 47. 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s) In. **VI Congresso SOPCOM**, Abril de 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SCHOBER, Juliana. **Memória & sociedade: lembrança de velhos** - Ecléa Bosi (resenha), disponível em <http://www.comciencia.br/resenhas/memoria/velhos.htm>, acesso em 02/01/2016.

SILVA, Claudinei Fernandes Paulino da. **A Teoria da Memória Coletiva de Maurice Halbwachs em Diálogo com Dostoevski : Uma Análise Sociológica Religiosa a partir da Literatura.** Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 6ª Edição, V.5 - Nº2 – Dezembro de 2009.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. MICHELAT, Guy; MAÎTRE, Jacques; KANDEL, Liliane; BOURDIEU, Pierre. **Crítica metodológica, investigação social & enquête operária.** 2. ed. São Paulo, SP: Polis, 1981. 270 p.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. **Metodologia da pesquisa-ação.** 8. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1998. 108 p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“GENTILEZA”: UM OLHAR A PARTIR DOS CONSTRUTOS DE REPRESENTAÇÃO, SENTIDO E LINGUAGEM, NA LETRA MUSICAL DE MARISA MONTE

"GENTILEZA" (KINDNESS): A LOOK FROM THE CONSTRUCTIONS OF
REPRESENTATION, SENSE AND LANGUAGE, IN THE MUSICAL LETTER OF
MARISA MONTE

Cristiane Penning Pauli de Menezes (Feevale)¹
Candisse Schirmer (Feevale)²

Resumo: O presente estudo objetivou, a partir de uma abordagem sistêmica, apresentar a letra da música “Gentileza”, de Marisa Monte, imbricando sua análise aos conceitos de representação, sentido e linguagem. O estudo possibilitou compreender que a música, por ser uma representação cultural, denota diversas possibilidades de análise e, dentre tais possibilidades, é possível assinalar que a representação por meio da linguagem se torna primordial para os processos pelos quais é produzido o significado, haja vista que tais processos regulam as práticas sociais.

Palavras-chave: 1. Linguagem 2. Representação 3. Sentido.

Abstract: The present study with a systemic approach, the lyrics of the song "Gentileza", by Marisa Monte, imbricating its analysis to the concepts of representation, meaning and language. The study made it possible to understand that music, because it is a cultural representation, denotes several possibilities of analysis and, among these possibilities, it is possible to point out that the representation through language becomes paramount for the processes by which the meaning is produced, that these processes regulate social practices.

Keywords: 1. Language 2. Representation 3. Meaning.

INTRODUÇÃO

A análise da letra da música Gentileza, de Marisa Monte norteia o presente estudo. Em um primeiro momento, abordar-se-á o aspecto da cultura, haja vista que canção é uma forma de manifestação cultural, e, por essa razão, busca-se a compreensão desse fenômeno em alguns conceitos e recortes teóricos oriundos de autores como Roque de Barros Laraia (1986), Fraz Boas (2005) e Clifford Geertz (2011).

Em momento posterior, tem-se como referencial teórico os autores Stuart Hall (1997) e Patrick Charaudeau (2008) que embasam a fundamentação acerca da linguagem. Nesse viés,

¹ Autora. Mestre em Direito (UFSM). Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais (Feevale). Graduada em Direito (FADISMA) e no Programa Especial de Graduação para Professores (UFSM). E-mail: cristianepaulidemenezes@gmail.com

² Co-autora. Mestre em Direito (UNISC). Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Feevale). Graduada em Direito (UNISC). E-mail: candisseschirmer@gmail.com





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

analisar-se-á a linguagem, os signos e as imagens, uma vez que dão significado para a representação de coisas. Por conseguinte, os signos não só constituem, mas representam.

Nesse contexto, a representação por meio da linguagem se torna primordial para os processos pelos quais é produzido o significado, haja vista que tais processos regulam as práticas sociais. Sob tais meandros é que os aspectos da letra musical *Gentileza*, de Marisa Monte será desvelado.

REPRESENTAÇÃO, SENTIDO E LINGUAGEM

O vocábulo cultura representa um conceito não uníssono e, diante de suas múltiplas possibilidades de análise, pode-se afirmar que a música é uma manifestação cultural. No que tange ao conceito de cultura, oportuno trazer as construções teóricas de Roque Laraia, que em sua obra “*Cultura, um conceito antropológico*”, defendeu que os antropólogos não acreditam que aspectos culturais possam nascer com o ser humano. Logo, desmistificam o determinismo biológico e defendem que qualquer criança recém-nascida desenvolve a cultura do povo que a rodeia, não interferindo em nada fatores genéticos e sanguíneos (2001).

Ainda, segundo o mesmo autor, muitos autores desmistificam da mesma forma o determinismo geográfico, em que pese muitas culturas poderem desenvolver-se em um mesmo ambiente físico (LARAIA, 2001). Em outras palavras, o conceito é interligado ao desenvolvimento do ser humano pensado a partir de suas experiências e vivências e, portanto, dissociado de questões genéticas e biológicas tão somente, por mais que ambas contribuições podem auxiliar no referido conceito.

Tem-se que o conceito de cultura deve ser pensado de forma aberta, englobando todos os aspectos que podem interferir neste contexto. Não se pode excluir o determinismo biológico, muito menos o geográfico. Mas sim, deve-se pensar em ambos de forma a construir junto de outros fatores um conceito para a cultura em sentido amplo.

A concepção boasiana de cultura (2005, p. 18) tem como fundamento “um relativismo de fundo metodológico, baseado no reconhecimento de que cada ser humano vê o mundo sob a perspectiva da cultura em que cresceu - em uma expressão que se tornou famosa, ele disse que estamos acorrentados aos “grilhões da tradição””.

Geertz, na obra “*A Interpretação das Culturas*”, de 1989, afirma que a cultura nada mais é do que uma identidade oculta e que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

o debate interminável, porque não terminável, dentro da antropologia, sobre se a cultura é “subjativa” ou “objetiva”, ao lado da troca mútua de insultos intelectuais (“idealista!” — “materialista!”, “mentalista!” — “behaviorista!”, “impressionista!” — “positivista!”) que o acompanha, é concebido de forma totalmente errônea. Uma vez que o comportamento humano é visto como ação simbólica (na maioria das vezes; há duas contrações) — uma ação que significa, como a fonação na fala, o pigmento na pintura, a linha na escrita ou a ressonância na música, — o problema se a cultura é uma conduta padronizada ou um estado da mente ou mesmo as duas coisas juntas, de alguma forma perde o sentido. O que se deve perguntar a respeito de uma piscadela burlesca ou de uma incursão fracassada aos carneiros não é qual o seu status ontológico. Representa o mesmo que pedras de um lado e sonhos do outro — são coisas deste mundo. O que devemos indagar é qual é a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho (GEERTZ, 2013, p.08).

Assim, o que resume o conceito antropológico contemporâneo, que é difundido pela maioria dos autores da antropologia moderna, é o conceito que reduz a cultura àquela que se encontra na “mente” dos indivíduos, sendo assim a cultura composta por estruturas psicológicas que guiam o comportamento dos indivíduos (GEERTZ, 2013).

Boas (2005, p. 37) assinala que “quando esclarecemos a história de uma única cultura e compreendemos os efeitos do meio e das condições psicológicas que nela se refletem, damos um passo adiante, pois podemos então investigar o quanto essas ou outras causas contribuíram para o desenvolvimento de outras culturas”.

Por sua vez, na sociologia, o referencial parte da premissa de que o homem nasce incompleto e adquire sua personalidade a partir da convivência com pessoas e lugares, em razão da capacidade que o ser humano tem de racionalidade, formando assim sua identidade social.

Independentemente do conceito de cultura eleito para sua análise, o que se pode afirmar é que se trata de um conceito amplo e aberto e, invariavelmente, em seu bojo devem encontrar abrigo as diversas formas de manifestações culturais, a exemplo do folclore, da pintura, da dança, da literatura, da música e da canção.

Nesta seara, o conjunto de valores ou significados partilhados se relacionam com a cultura. Nesse viés, pode-se indicar que o ser humano aprende por meio das experiências que vivencia através dos sentidos e dos conceitos que se apropria. Esse processo acontece mais especificamente por meio da visão, da audição, do olfato, do tato e do paladar. Ao lado disso, a partir do modo como as pessoas dizem, pensam, fazem, sentem, como representam, dá-se o significado. Do mesmo modo, os objetos, as pessoas e os fatos ganham significado por intermédio da estrutura de interpretação, ressaltando-se que o significado é, portanto, construído/produzido.





Por intermédio da canção "Gentileza", de Marisa Monte, objeto de estudo deste trabalho, é possível identificar a utilização da linguagem para a tradução de "coisa significativa sobre ou para representar um mundo significativo para outras pessoas" (HALL, 1997).

De acordo com Patrick Charaudeau (2008), diante da linguagem há duas distintas atitudes: a de objeto transparente e a de objeto não-transparente. A primeira apresenta simetria no processo de comunicação entre o emissor e o receptor, enquanto a segunda apresenta uma assimetria, ou seja, o emissor e o receptor não se encontram no mesmo nível.

Assinala-se que reconhecer o significado faz parte da própria identidade de um povo, uma vez que pelos processos de representação é que se expressam as mais diversas identidades sociais. Nesse ínterim, a teoria de representação, portanto, elucidada por Stuart Hall (1997) indica que os discursos constroem as posições do sujeito a partir das quais se tornam significativos e efetivos. Desse modo, os indivíduos se distinguem por características, sejam étnicas, raciais, classe, gênero e, assim, assumem determinadas identidades construídas através de suas experiências, escolhas e *habitus*. Neste sentido:

En el corazón del proceso de sentido dentro de la cultura hay, por tanto, dos sistemas relacionados de representación. El primero nos permite dar sentido al mundo mediante la construcción de un conjunto de correspondencias o una cadena de equivalencias entre las cosas - gente, objetos, eventos, ideas abstractas, etc. - y nuestro sistema de conceptos, o mapas conceptuales. El segundo depende de la construcción de un conjunto de correspondencias entre nuestro mapa conceptual y un conjunto de signos, organizados o arreglados en varios lenguajes que están por, o representan esos conceptos (HALL, 1997, p. 6).

Neste ponto, já é possível refletir sobre a canção "Gentileza". Há que ressaltar que o receptor, ao ler e ouvir a canção, consegue dela extrair diversas mensagens, tendo em vista que o cerne principal dela se reveste na necessidade de mais "gentileza" entre as pessoas. Isso porque, contemporaneamente, o que se percebe no âmbito social é a predominância de uma cultura de violência e, uma das formas que para a compositora poderia amenizar tal problemática seria o uso de mais "gentileza", "sabedoria" e "amor".

Porém, não se pode deixar de mencionar que a compositora ao escrever a letra da canção, tinha em mente a história do "Profeta Gentileza"³, mas esse fato não faz com que a letra perca o sentido para quem não conheça sua trajetória.

³ Gentileza nasceu em 11/04/1917 no bairro de Cafelândia (São Paulo) onde vivia com seus pais e onze irmãos. Durante sua infância era "obrigado" a trabalhar nas terras locais cuidando dos animais e em determinados momentos havia a necessidade de trabalhar puxando carroças vendendo lenha para ajudar sua família. O campo ensinou a José Dadrino a amansar burros para o transporte de carga. Tempos depois, como profeta Gentileza, se





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O profeta, trazido na referida letra de música, em meados da década de 70 e 80 coloriu com frases a cidade do Rio Janeiro. A referência que a compositora faz é evidente. Para elucidar tal fato veja-se o refrão da canção: "O mundo é uma escola, a vida é um circo. Amor palavra que liberta, já dizia o profeta."

Nessa senda, são diversas as interpretações que podem derivar da presente canção, a depender do conhecimento do receptor: ou o receptor irá vincular a mensagem ao Profeta Gentileza, ou irá pressupor que se trata de um profeta qualquer, que passa pelas ruas desejando palavras gentis. Uma vez que para o dicionário, a palavra "profeta" significa:

Profeta, como é empregado na Bíblia, significa aquele que fala como acreditado mensageiro do Altíssimo Deus. Deve-se observar que no termo, de que se trata, não há coisa alguma que implique previsão de acontecimentos. Pode um profeta prever, ou não, o futuro segundo a mensagem que Deus lhe der. Por isso é provável que o nome termo, de que se trata, não há coisa alguma que implique previsão de acontecimentos. Deste modo a palavra grega prophetes, significa aquele que 'expõe, fala sobre certo assunto'. O substantivo abstrato propheteie ('profecia') têm uma significação correspondente. ii. o estado dos profetas ao receberem a sua mensagem.⁴

Tendo em vista que a palavra "profeta" não remete necessariamente à figura do "Profeta Gentileza" tem-se que a música traz consigo um termo não-transparente, que, através da utilização da linguagem, cria novo contexto para a palavra "profeta" dentro da música.

Vislumbra-se que na palavra "profeta" o ato da linguagem é implícito e, portanto, em nenhum momento da música Marisa Monte precisa explicar quem é o "Profeta" pois faz

dizia "amansador dos burros homens da cidade que não tinham esclarecimento". Quando José completou 13 anos começou a ter algumas premonições sobre suas missões na Terra e isso acabou gerando certo desconforto em sua família que começou a desconfiar que ele estava tendo algum problema mental. Em 1961, exatamente no dia 17 de Dezembro, ocorreu uma verdadeira tragédia em Niterói no Circo "Gran Circus Norte-Americano" que infelizmente gerou a morte de 500 pessoas causada por um incêndio. Essa foi uma das maiores fatalidades no Brasil e teve repercussão em todo o mundo. Dois dias antes do Natal de 1961 (6 dias após o incêndio) José Dadrino acordou durante a madrugada alegando ter ouvido "vozes astrais" que pediam para que ele abandonasse o mundo material e se dedicasse exclusivamente ao mundo espiritual. A partir desse dia o Profeta pegou seu caminhão e se dirigiu ao local do incêndio, plantou jardim e horta sobre as cinzas do circo que um dia levou tantas alegrias as pessoas. Lá permaneceu durante 4 anos de sua vida. José durante esse período levou conforto e carinho a muitas famílias das vítimas do incêndio. Daquele dia em diante passou a ser chamado de "**Profeta Gentileza**". Depois de deixar o local, "Gentileza" começou sua jornada pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro na década de 1970. Fazia suas pregações em trens, ônibus e praças públicas, sempre levando palavras de conforto e bondade as pessoas. Gentileza pregava também o respeito ao próximo e pela natureza. Alguns o chamavam de louco e ele sempre respondia: - "*Sou maluco para te amar e louco para te salvar*". A partir da década de 1980 começou a escrever diversas frases e poemas em 56 pilastras do viaduto do Caju, que vai do Cemitério do Caju até a Rodoviária Novo Rio. Ali deixou sua marca eterna para que todos pudessem ler. Gentileza faleceu em 28 de maio de 1996 deixando seu legado de bondade e amor, dedicando sua vida ao próximo e a Deus. Disponível em: (<http://jorge-menteaberta.blogspot.com/2013/02/a-historia-do-profeta-gentileza.html#ixzz4fBpv02Wp>). Acesso em 24/04/2017.

⁴ Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/profeta/>. Acesso em: 24.abr.2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

presumir a quem refere-se ao trazer a letra da música. Ao ligar as circunstâncias de seu discurso faz com o que receptor saiba da real mensagem que traz a canção.

CONCLUSÃO

Em que pese muitos sejam os conceitos e recortes teóricos possíveis para conceitualização do vocábulo “cultura”, é possível afirmar que em seu bojo devem encontrar abrigo as diversas formas de manifestações culturais. Por este motivo, a música apresenta-se como um importante objeto de análise acerca de seu significado.

Nesta seara, o conjunto de valores ou significados partilhados se relacionam com a cultura. A partir do modo como as pessoas dizem, pensam, fazem, sentem, como representam, dá-se o significado. Desta forma, o trabalho buscou destacar que os objetos, as pessoas e os fatos ganham significado por intermédio da estrutura de interpretação, ressaltando-se que o significado é, portanto, produzido.

Com a canção "Gentileza", de Marisa Monte, foi possível identificar que a linguagem, os signos e as imagens deram significado para a representação de coisas. Os signos não só constituem, mas representam.

Concluiu-se, a partir da teoria de representação, que os discursos constroem as posições do sujeito a partir das quais se tornam significativos e efetivos. Desse modo, os indivíduos se distinguem por características, sejam étnicas, raciais, classe, gênero e, assim, assumem determinadas identidades construídas através de suas experiências, escolhas e *habitus*.

Em que pese na letra da música analisada a compositora soubesse da história por detrás do "Profeta Gentileza", tal fato não fez com que a letra perdesse o sentido para quem não conhecesse sua trajetória.

Como já referido, portanto, são diversas as interpretações que podem derivar da presente canção, a depender do conhecimento do receptor: ou o receptor irá vincular a mensagem ao Profeta Gentileza, ou irá pressupor que se trata de um profeta qualquer, que passa pelas ruas desejando palavras gentis.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA DO PROFETA GENTILEZA. Disponível em: <http://jorge-menteaberta.blogspot.com.br/2013/02/a-historia-do-profeta-gentileza.html#ixzz4fBpv02Wp>. Acesso em 26.abr.2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BOAS, Franz. As limitações do método comparativo em Antropologia. In: CASTRO, Celso (Org.). Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. Problemas de abordagem na análise do discurso. In: Linguagem e discurso: Modos de organização. São Paulo. 2008. Contexto, p.07- 64.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/profeta/>. Acesso. 26.abr.2017.

HALL, Stuart. The work of representation. In: _____. Representation: cultural representations and signifying practices. London/TheLondon/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997. (Trad. Ricardo Uebel).

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.





COM AMOR, ALEJANDRO: COMO UMA PERDA TRANSFORMOU UM PROCESSO CRIATIVO

WITH LOVE, ALEJANDRO: HOW A LOSS TRANSFORMED A CREATIVE PROCESS

Cristiane Weber (Universidade Feevale)¹

Daniel Conte (Universidade Feevale)²

Resumo: este artigo é parte da tese em desenvolvimento que tem o objetivo de analisar como o processo criativo do artista argentino Alejandro Pasquale foi afetado pela perda precoce de um sobrinho, tendo como característica uma mudança técnica e processual e como resultado uma obra poética e carregada de memórias e afetos. Pontualmente neste artigo trazemos uma breve análise sobre a transformação não só da perspectiva do olhar criativo de Alejandro como também das memórias implícitas em seu trabalho que carregam o afeto pelo menino e reflexos de sua própria infância. Há um recorte efetuado pelos métodos da crítica genética de Salles (2008) e da fenomenologia microscópica de Bachelard (1993). Como resultado, ainda que incipiente, tem-se uma pintura marcada pelas memórias afetivas, construídas a partir de um processo criativo tão afetivo quanto.

Palavras-chave: Alejandro Pasquale. Processo criativo. Poética. Arte. Memórias

Abstract: this paper is part of the developing thesis that aims to analyze how the creative process of the Argentine artist Alejandro Pasquale was affected by the early loss of a nephew, having as characteristic a technical and procedural change and as a result a poetic work and loaded with memories and affections. Punctually in this paper we bring a brief analysis of the transformation not only of the perspective of Alejandro's creative vision but also of the memories implicit in his work that carry the affection for the boy and the reflexes of his own childhood. There is a cut made by the methods of genetic criticism of Salles (2008) and microscopic phenomenology of Bachelard (1993). As a result, although incipient, one has a painting marked by the affective memories, constructed from a creative process as affective as.

Keywords: Alejandro Pasquale. Creative Process. Poetical. Art. Memories

INTRODUÇÃO

A produção das imagens com as crianças mascaradas, que nasce de gatilho emocional do artista argentino Alejandro Pasquale após a perda do sobrinho, se fundamenta como um espaço de imaginário e memórias de sua própria vida. O trágico episódio mudou de forma significativa os traços, a abordagem técnica e os símbolos do fazer artístico do artista, que transformou a perda em um processo artístico intrigante e ao mesmo tempo dotado de inúmeros significados quando materializado. A tese que será defendida em alguns meses se propõe a analisar essa mudança de curso na produção artística de Alejandro, bem como o resultado desse processo a partir de uma ordem fenomenológica dos signos ali expostos. O presente artigo traz um recorte sobre essa mudança, que levou à produção de pinturas que carregam afeto, memórias e

¹ Mestre e doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Professora nos cursos de comunicação na mesma universidade. cristianeweber@feevale.br

² Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Doutor em Literatura Brasileira; Universidade Feevale; Universidade Feevale; Novo Hamburgo; Rio Grande do Sul; Brasil; danielconte@feevale.br..





autoconhecimento. Especificamente aqui, iremos trazer uma breve análise a partir da pintura *Equilibrio*, óleo sobre tela, parte de *Universo Paralelo*³.

A PERDA E A MUDANÇA NO ESTILO ARTÍSTICO

No repositório *Bola de Nieve*⁴, espaço para divulgar *portfolio* de artistas argentinos, Alejandro possui um perfil desde 2012. Ao acessar sua página, há uma linha bastante marcada de estilo de suas obras, com uma mudança nas características de seu trabalho entre os anos de 2013 e 2014, justamente o período marcado pela perda do sobrinho no acidente que lhe tirou a vida. Na obra *Polaroid*, datada de 2013, por exemplo, a técnica utilizada é a de caneta sobre papel. Trata-se de um menino (ou menina) com cabelos loiros acessando um escorregador no que parece ser um parque ou local semelhante. Após duas obras parecidas, sempre com a mesma técnica, surge o primeiro menino mascarado da nova série, na obra *Un Otoño Luz*, de 2014, na técnica lápis sobre papel. Nela, uma criança de cabelos castanhos tem o rosto escondido por uma máscara, em meio a um bosque fechado.

Figura 1 - Montagem com as obras Polaroid e Un Otoño Luz, de Alejandro Pasquale



Fonte – imagens extraídas do portal Bola de Nieve

Percebe-se no comparativo uma mudança de expressão, marcada não só pela figura principal em evidência, mas por uma manifestação pessoal bastante marcada: o artista ali estava expondo um estado de espírito.

A arte de externar os sentimentos através da criação está proposta no modelo teórico de Abraham (2016). Esta autora afirma que a imaginação tem um papel fundante em nossa

³ Exposição marcada por obras com crianças mascaradas e em situações que remetem a um realismo mágico.

⁴ Repositório de obras artísticas argentinas, onde os artistas divulgam seus trabalhos. Disponível em <http://www.boladenieve.org.ar>





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

experiência sensorial. É através dela que damos sentido ao que vemos, seja através de uma perspectiva mais convencional ou dando novos olhares ao que está a nossa frente, de modo novo e original. Nos modelos mentais de imaginação propostos por essa autora, em combinação a questões filosóficas e neurocientíficas sobre os processos envolvidos no nosso cérebro, a criatividade está englobada no modelo denominado por ela *Nova Combinação Baseada no Combinatório*, marcado pela abertura, pela novidade e pela descoberta.

Neste, a imaginação retira o foco de questões como “o que era” e “o que é” para dar lugar ao “e se” e “o que poderia ser”. Este modelo nos parece perfeitamente cabível dentro do contexto do gatilho das obras incluídas no contexto da exposição *Universo Paralelo*, pois retratam, de certa forma, um imaginário a respeito de um cenário onde o sobrinho do artista não está morto, mas vivo de alguma forma nas imagens retratadas. Abraham (2016) acrescenta que este modelo envolve “a jornada dentro do espaço de possibilidade para ir além do status quo e exigem a combinação ou avaliação do conhecimento existente de novas maneiras”. Sendo assim, estão envolvidos nessa perspectiva a evolução de um problema (estado inicial) para a solução (estado objetivo) por meio de um curso de ação específico (estado de operações).

Instigado pela imaginação e tendo diante de si uma motivação de cura pela perda do sobrinho, Alejandro se coloca no chamado processo de *flow*, um conceito de Csikszentmihalyi (2008). Trata-se de um estado completo de fruição, de devaneios. Está inserido em um contexto de situações que exigem um determinado grau de habilidades diante dos desafios, e que nessa posição temos escalas de sensações que dizem respeito à magnitude deste desafio e a nossas habilidades diante dele. No processo de imersão ou *flow* de Csikszentmihalyi (2008) é preciso compreender também que o tamanho desse desafio depende das habilidades que se possuem.

Para Csikszentmihalyi (2008), os desafios são necessários para oferecer uma espécie de catarse a quem produz (neste caso, o artista), um momento que poderia ser classificado como o estado transcendente de nossa alma. A transcendência ocorre quando as altas habilidades do artista encontram seu grau de inspiração e se transformam em imagens poéticas e carregadas de significados. Assim temos dois conceitos em destaque: a catarse promovida pela criação e o processo de imaginação concebido pelos modelos mentais ligados a este processo.

MEMÓRIAS, AFETOS, INSPIRAÇÕES

Dentro desse estado de *flow* e munido da imaginação para criar, Alejandro busca traduzir em suas obras as memórias e os afetos de sua existência. Antes de estar óleo sobre tela, moldura,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

linho e cores, *Equilibrio* e outras pinturas eram morada da mente do artista. Morada em um terreno fértil e poético, que busca em si mesmo, em suas experiências com o sobrinho, a inspiração para sua construção pictórica. E esse terreno situa-se em seu mais profundo inconsciente, no espaço da primeira casa. Não a casa física da qual nos lembramos por ter sido morada da infância, seja esta casa de madeira, de tijolos, de qualquer outro material. A primeira casa como primeira morada, inteira de primeiras histórias bastante fragmentadas. Segundo Bachelard (1993, p. 35), “por essa infância permanente, preservamos a poesia do passado. Habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança; é viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia”.

Nesta casa citada por Bachelard (1993) estão nossas experiências e o que guardamos delas. Esse vasto universo de experiências que vivenciamos inclui múltiplas memórias. Tudo pode se moldar nessa vivência a respeito da infância, umas mais felizes, outras nem tanto, ainda assim presentes. Izquierdo (2002, p. 16) ratifica essa categorização quando diz que as memórias são diferentes umas das outras, com “umas são mais visuais (a casa da infância), outras, só olfativas (a do perfume da flor), outras ainda quase completamente motoras ou musculares (nadar, andar de bicicletas)”. Para Izquierdo (2002), todos nós somos únicos em nossa construção de memórias. Essa vivência de pouco mais de um ano com o sobrinho é um universo puro e particular do artista: somente ele, como indivíduo, carrega em sua alma e seu coração (e em sua mente) o que essa criança significou em sua vida.

METODOLOGIA

Para este artigo, trazemos duas referências a métodos utilizados na pesquisa, de ordem fenomenológica: o da crítica genética, exposto em Salles (2008) e o da fenomenologia microscópica postulado em Bachelard (1993). A crítica genética se propõe a observar o percurso da criação. De acordo com Salles (2008, p. 25), diante dessa perspectiva, “a obra não é, mas vai se tornando, ao longo de um processo que envolve uma rede complexa de acontecimentos”. Já a fenomenologia microscópica de Bachelard (1993). Considera os mais profundos detalhes das pinturas, onde se descobrem as menores e importantes significações da obra poética. É na união da imagem e de sua subjetividade com a realidade não completamente constituída que o fenomenólogo encontra um campo de inesgotáveis experiências (BACHELARD, 1993). Segundo Bachelard (1993, p. 7), para que seja percebida a ação psicológica de um poema (neste caso, de uma manifestação pictórica poética), “teremos, pois,





de seguir dois eixos de análise fenomenológica: um que leve às exuberâncias do espírito, outro que conduza às profundezas da alma”.

O QUE REVELAM AS MÁSCARAS DE ALEJANDRO?

Observemos a pintura Equilibrio (2016) (figura 2), óleo sobre tela, separada para esta análise. Iniciaremos com uma abordagem sobre o processo criativo do artista pela ordem da crítica genética.

Figura 2 – Equilibrio (2016), por Alejandro Pasquale



Fonte - Extraída do portal Bola de Nieve

Alejandro pinta suas imagens em seu atelier, localizado em Buenos Aires. Conforme entrevista concedida em março de 2018 em seu estúdio, o artista afirmou que, antes da perda do sobrinho, trabalhava observando crianças e adultos, muito baseado no processo de observação externa. Quando ocorreu a morte da criança, com apenas um ano de idade, ele disse que passou a se observar internamente. No trecho da entrevista⁵ a seguir, Alejandro fala sobre a linha que separa seu processo criativo de forma mais contundente.

Quando aconteceu isso houve um giro muito grande, um giro de imagem, um giro de muitas coisas. Você pode se autoflagelar por coisas que passaram ou transformar isso em algo positivo. Não sei. O corpinho de D* foi enterrado em um parque, em um caixão. São formas de ver a vida, o mundo, as coisas que nos passam. Eu posso encarar isso como algo horrível que me passou, ou posso aprender com isso. Eu trato de aprender. Nem sempre posso aprender, não sou um “iluminado”.

⁵ Entrevista concedida em 26 de março de 2018 no atelier do artista em Buenos Aires.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Em relação ao processo de *flow*, diante de um desafio de uma sequência de imagens tão imponentes, aplicando altas habilidades para a técnica, o argentino chega ao estado de fruição, de catarse. Isso é capaz de lhe provocar satisfação e até mesmo de se desconectar do restante das coisas que me rodeiam para ter esse momento de imersão, de puro deleite, quando constrói sua série a partir de um estado criativo transcendente. Sobre a imaginação na mente criativa, entendemos que estão envolvidos nessa perspectiva a evolução de um problema (dor pela perda do sobrinho) para a solução (externar em forma de arte poética) por meio de um curso de ação específico (processo criativo afetado).

Pouco antes dessa entrevista, todo o atelier foi fotografado. Nas categorias propostas por Salles (2008), um dossiê sobre o fazer artístico do argentino foi montado. No ambiente foram encontradas muitas referências afetivas. Especialmente dois itens chamam a atenção: um livro que Alejandro ganhou da bisavó, com plantas exóticas ou nem tanto; e outro livro que traz moldes para ensinar crianças a fazer máscaras de papel, as mesmas que aparecem em suas pinturas. Essas duas obras já demonstram o quanto suas memórias afetivas estão presentes em suas pinturas, referenciando as plantas usadas e as máscaras representadas.

É possível também, pela fenomenologia microscópica de Bachelard (1993), compreender que os signos ali expostos carregam muito do momento passado pela perda da criança. Se compararmos inicialmente as duas obras que marcam o período de transição de técnicas, é possível perceber a mudança das cores entre as duas obras (*Polaroid e Um Otoño Luz*), a técnica (mais apurada e realista na segunda), além do céu azul na primeira e a mata fechada na segunda. Estas são apenas algumas das características que marcam um fazer artístico mais sombrio e introspectivo em relação à antiga técnica.

Na análise de *Equilibrio*, a fenomenologia microscópica também aponta índices interessantes. Apesar de cercado por plantas, o menino parece estar em uma clareira que lhe deixa tranquilo. Sua pele branca, no entanto, é translúcida. A pintura demonstra uma tristeza naquele olhar. Uma tristeza que ao mesmo tempo traz uma carga de proteção e de um poder dado ao artista: o de manter vivo aquele que amou. Os pássaros são ao mesmo tempo guardados e guardiões: espécies de espírito livre, pousam nos galhos em jornadas intermináveis e não é preciso ser um especialista em botânica para compreender que ali permanecem caso estejam em seus ninhos, protegendo seus filhotes. Nessa análise, compreendo que aqueles pássaros estão protegendo esse menino nesse ninho que é mundo, o mundo onde está agora, não o mundo físico, mas o mundo de onde emerge sua existência, sua permanência poética.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Em outras pinturas do mesmo gênero, cerca de 12 imagens, Alejandro faz um remonte ao que nos é colocado diante dos dias e das horas de nossa existência. Através de sua arte, ativa os mais diversos signos para significados que ecoam em nosso próprio íntimo, quando buscamos em nossas experiências individuais e coletivas as mesmas sensações: o medo de nos sentirmos sós, a resignação, as inocentes brincadeiras que marcaram a nossa infância enquanto o mundo corria freneticamente em seus problemas. Os índices das imagens, por si sós, são constructos simbólicos bem distribuídos aos olhos e à mente. E resultam desse processo criativo afetado pela perda, poeticamente transformado e ao mesmo tempo transformador.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, A. **The imaginative mind**. Hum Brain Mapp. 2016 Nov;37(11):4197-4211. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27453527>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Flow: the psychology of optimal experience**. New York, EUA: Harper Perennial, 2008

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. São Paulo: EDUC (2008).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

VIVÊNCIAS CULTURAIS NA ITÁLIA: ESTUDO SOBRE EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DE BRASILEIROS NA ITÁLIA E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA CIDADANIA ITALIANA

CULTURAL EXPERIENCES IN ITALY: STUDY ABOUT THE CULTURAL
EXPERIENCES OF BRAZILIANS IN ITALY AND THE ITALIAN CITIZENSHIP
ACQUISITION PROCESS

Cristiano Dalpiaz (Universidade Feevale) ¹

Luiz Antônio Gloger Maroneze (Universidade Feevale) ²

Rosi Souza Fritz (Universidade Feevale) ³

Resumo: Este estudo tem como objetivo Investigar as contribuições geradas pelas vivências culturais de brasileiros junto à comunidade italiana. Os objetivos específicos são contextualizar turismo cultural; descrever o processo de aquisição da cidadania italiana, descrever as características culturais e turísticas da comunidade italiana. Quanto à metodologia, o estudo se define pela pesquisa exploratória e descritiva e, nos procedimentos técnicos, são utilizadas a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica apresenta estudiosos do Turismo e da Cultura, as características históricas e turísticas da Itália e um relato do processo de aquisição da cidadania italiana pelo pesquisador. Com os dados obtidos, verificou-se que as contribuições geradas pelas vivências culturais de brasileiros junto à comunidade italiana são de grande importância para ter conhecimento e assim valorizar a história e memória dos antepassados italianos.

Palavras-chave: Turismo Cultural. Itália. Cidadania italiana. Brasileiros.

Abstract: This study aims to investigate the contributions from the cultural experiences of Brazilians inside the Italian community. The research specific objectives are to contextualize cultural tourism, to describe the Italian citizenship acquisition process, to describe cultural and touristic characteristics of Italian community. About the methodology, the study is defined by the exploratory and descriptive research and, about the technical procedures, are used literature-based and field research. The literature-based research presents culture and tourism authors, historical and touristic Italian characteristics and a personal report about the Italian citizenship acquisition process made by the researcher. The obtained data ascertains the importance of the contributions from the cultural experiences of Brazilians inside the Italian community to the knowledge and to value the history and the memory about the Italian ancestry.

Keywords: cultural tourism. Italy. Italian citizenship. Brazilians.

INTRODUÇÃO

A Itália é composta por 20 regiões e as características de cada região são inúmeras, começando pela sua historicidade. Desde os tempos primórdio os povos e antecedentes que ali

¹ Autor – Mestrando em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Email: dalpiazcristiano@gmail.com

² Orientador – Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS). Professor na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). luizmaroneze@feevale.br

³ Co-orientadora – Mestre em Inclusão Social e Acessibilidade pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Professor na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: rosifritz@feevale.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

habitaram deixaram um grande legado de construções gigantescas e arquitetônicas. No período da idade média, pode-se dizer que a Itália influenciou toda a Europa.

A Itália tem turismo para todas as estações do ano e por isso é um dos destinos mais procurados pelos turistas brasileiros e descendentes italianos.

O fato de a cultura ser bastante evidenciada na Itália permite aos brasileiros obterem mais conhecimentos sobre a história e os processos culturais dos seus antepassados.

O estudo tem por objetivo investigar as contribuições geradas pelas vivências culturais de brasileiros em território italiano bem como a percepção dos mesmos com relação à valorização das tradições pelos italianos, por sua família e antepassados passando seus costumes para as gerações futuras.

As vivências culturais são de fundamental importância para o enriquecimento cultural dos turistas brasileiros que passam a ter um contato maior com os costumes e tradições das quais são oriundos e essas experiências serão compartilhadas no seu país natal ocorrendo assim uma multiplicidade cultural.

Atualmente tem crescido a procura de brasileiros que são descendentes de italianos para aquisição da cidadania italiana. Isso deve-se ao fato de quem adquire esse direito possui mais facilidade para entrar na Europa como um todo, seja para estudar, trabalhar e inclusive residir nos países europeus. O estudo também procura desmitificar o processo de aquisição da cidadania italiana e servir como norte para os brasileiros descendentes de italianos que possuem o interesse em adquirir o direito.

JUSTIFICATIVA

O Brasil possui uma grande influência trazida da Itália através de seus milhares de imigrantes que se abrigaram no solo brasileiro em busca de condições melhores de vida. Esse elo criado entre os países citados proporcionou uma bagagem cultural em grandes proporções para o nosso país.

Atualmente tem ocorrido o inverso, já que os brasileiros estão interessados em aprofundar suas experiências na própria Itália.

O estudo apresenta relevância acadêmica pelo fato de levantar as contribuições culturais adquiridas pelos brasileiros por meio de suas vivências em território italiano. Também apresenta importância social visto que ocorre uma troca de experiências e conhecimentos entre indivíduos que estão em busca do direito da cidadania italiana.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

A escolha do tema se deve ao fato do pesquisador ter residido por um período de dois meses na Itália em busca da cidadania italiana, bem como, sempre ter tido curiosidade sobre o país de onde vieram as antigas gerações da família.

OBJETIVO GERAL

Investigar as contribuições geradas pelas vivências culturais de brasileiros junto à comunidade italiana.

REFERENCIAL TEÓRICO

TURISMO CULTURAL

Atualmente, a cultura já não é algo privado das classes sociais mais altas, está se tornando mais acessível às classes economicamente menos favorecidas. Isso pode ser observado pela oferta variada de peças teatrais, novos espaços de cinema nas cidades, eventos públicos gratuitos e até mesmo a instituição do vale cultura⁴ no Brasil, que oferece um benefício para os trabalhadores brasileiros. Pode-se também observar um maior acesso às viagens, que vêm se tornando mais acessíveis à população e oferecem, por meio do segmento de Turismo Cultural, opções de conhecimento e contato com a cultura local e fora do Brasil.

Para Moletta e Goidanich (2000, p. 9):

Turismo cultural é o acesso a esse patrimônio cultural, ou seja, à história, à cultura e o modo de viver de uma comunidade. Sendo assim, o turismo cultural não busca somente lazer, repouso e boa vida. Caracteriza-se, também, pela motivação do turista em conhecer regiões onde o seu alicerce está baseado na história de um determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas.

De acordo com o Ministério do Turismo, o Turismo Cultural está vinculado às vivências que os turistas possam ter em diversos locais.

Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. (MTUR, MARCOS CONCEITUAIS, 2010).

⁴ O vale cultura consiste em um cartão pré-pago válido em todo território nacional no valor de 50 reais mensais. Com ele, os trabalhadores de baixa renda terão mais acesso aos espetáculos culturais. (CULTURA. GOV., 2014).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Barretto (2007, p. 87) destaca o fato do “turismo cultural não ter como principal atrativo a natureza, mas sim “aspectos da cultura humana”. A autora acrescenta “pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer dos aspectos abrangidos pelo conceito de cultura”.

Para Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) o turismo cultural engloba todos os aspectos pelas quais as pessoas aprendem sobre as formas de vida e pensamento uma das outras. Desta forma, o turismo é um importante meio para promover relações culturais e cooperação intercultural. Além disso, o desenvolvimento de fatores culturais dentro de uma nação é um meio de aprimorar os recursos para atrair visitantes.

Ignarra (1999, p. 119) diz que “os canais pelos quais uma localidade turística se apresenta são os fatores culturais: artesanato, folclore, gastronomia típica, arquitetura histórica, arquitetura típica, etc.”

De acordo com Dias (2008) o turismo é responsável por produzir diversos impactos culturais nas localidades receptoras, gerando consequências positivas e negativas para a comunidade. Entre os mais importantes aspectos positivos, do ponto de vista cultural, a serem considerados, encontram-se: a conservação da herança cultural, fortalecimento da identidade cultural e intercambio cultural.

Por sua vez, Beni (2003, p. 88), acrescenta que o turismo cultural se apresenta também em áreas diversas: “ecológico, antropológico, religioso, arqueológico, artístico, arqueo-teosófico e muitos outros”.

“A atividade turística promove a observação e a interação cultural, já que as viagens oferecem condições de experiências, aventura e o contato com o diferente, o exótico, o original.” (Ashton, 2001, p. 60),

Devido às inúmeras experiências que o turista pode vivenciar, pode-se dizer que o turismo produz uma satisfação, envolvendo aspectos emocionais, quando sente prazer pelo novo conhecimento e financeiros, quando, pela visita, atrai investimentos. Moletta e Goidanich (2000, p. 13), destacam esse aspecto quando dizem que “sendo assim, o produto turístico cultural, quando bem planejado, pode atrair um fluxo bom e contínuo de visitantes, fazendo com que vários investidores também sejam atraídos para a região”.

Contudo o turismo cultural pode trazer vários outros benefícios e vantagens para o local ou região como: “preservação do patrimônio cultural, valorização da cultura local, intercambio cultural, melhorias na infraestrutura local, geração de empregos, efeito multiplicador e pólos turísticos.” (MOLETTA; GOIDANICH, 2000, p. 13).





O turismo cultural procura fazer com que o indivíduo tenha a percepção de que ele não está sozinho e que sua cultura não é a única presente, mas que existem modos de viver diferenciados. Para Ignarra (1999, p. 119):

O turismo cultural engloba todos os aspectos das viagens pelos quais o turista conhece a vida e o pensamento da comunidade receptiva. Por isso o turismo se apresenta como uma ferramenta importante para promover as relações culturais e a cooperação internacional.

Conclui-se que, o turismo serve de vínculo, e até mesmo uma ponte de ligação do visitante com a cultura. Ao mesmo tempo, o visitante faz o papel de interlocutor e promotor daquela cultura, instigando o desejo de conhecer e vivenciar o novo e o desconhecido.

MATERIAIS E MÉTODOS

O objetivo da pesquisa se define pela pesquisa exploratória e pela pesquisa descritiva. Quanto à abordagem metodológica, apresenta característica de pesquisa qualitativa.

Quanto aos procedimentos técnicos, são utilizados a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

A pesquisa de campo deste estudo consiste em analisar as vivências e experiências culturais de brasileiros que moraram, no mínimo, por um mês junto à comunidade italiana. A pesquisa foi realizada no período 15/10/2014 a 22/10/2014

A amostra se caracteriza como não probabilística intencional, onde qualquer tipo de amostragem em que a possibilidade de escolher um determinado elemento do universo não pode ser conhecida.

Junto à pesquisa de campo, apresenta-se o processo de aquisição da cidadania italiana, por meio de relato feito pelo pesquisador, visto que é um dos objetivos específicos desse estudo e auxilia na elucidação do objetivo principal, que é investigar as contribuições geradas pelas vivências culturais de brasileiros junto à comunidade italiana.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir são apresentadas as análises finais deste estudo, por meio das respostas obtidas nas pesquisas de campo e com base no referencial teórico utilizado.

A maioria dos entrevistados é do gênero masculino com 67% e feminino 33%, com o estado civil de 44% solteiros e 56% casados. A faixa etária que predomina pode ser considerada





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

jovem, com 34% de 18 anos a 29 anos, seguida de 33% de 40 anos a 49 anos, 22% de 30 anos a 39 anos e 11% de 50 anos a 65 anos.

Nota-se que o nível de escolaridade na maioria dos entrevistados é o superior com 56% seguido de Ensino Médio com 44%. As profissões dos pesquisados são diversificadas como: enólogo, educador físico, estudante, cuidadora de idosos, vigilante, arquiteto, vendedor, enfermeira e esteticista. Destaca-se que cada entrevistado exerce uma profissão diferente.

Em relação ao número de vezes que já viajaram para a Itália, 22% dos entrevistados viajaram uma vez, 34% duas vezes, 11% três vezes e 33% mais vezes. Quanto ao tempo de permanência na Itália, obteve-se 22% um mês, 11% três meses e 67% mais de um ano. Na questão da cidade onde residiram, os pesquisados apontaram as cidades de Gorizia, San Canzian D'Isonzo, Soverato, Vercelli, Milão, e Pavia com 9% cada uma e Santo Stino di Livenza com 46%.

Quanto ao objetivo da viagem para a Itália, os motivos foram 8% a trabalho, 15% para estudo, 54% foram em busca da obtenção da cidadania italiana e 23% apontaram outros motivos, dentre estes irem residir na Itália e visitar familiares que moram naquele país.

O tempo de permanência e o objetivo da viagem se relacionam com o que aparece no relato da busca pela cidadania por parte do pesquisador, ou seja, é uma série de documentos que precisam ser comprovados na própria Itália, fazendo aumentar o número de vezes que se vai para o país, bem como o tempo de permanência.

Quanto aos entrevistados que possuem a cidadania italiana obteve-se a maioria, com 78%, e os que não possuem em 22%. Coincidentemente, de acordo com a pesquisa com os

pesquisados, sobre se pensam em retornar a Itália, 22% não pretende voltar e 78% pretende voltar ao país. Aqueles que possuem cidadania tendem a retornar.

Nas questões abertas foi possível coletar mais informações dos entrevistados e suas percepções. No que diz respeito à pergunta sobre o que mais chamou a atenção no modo de vida dos italianos, percebe-se que a maioria das respostas indicaram a gastronomia como um ponto de destaque. (EUROPA. EU, 2014).

Outros comentários também indicaram a preocupação com a saúde, as lojas com especificidades, a cultura, e a moda. Esses aspectos são apresentados nas principais características da Itália, quando trata do design, da moda e das manifestações culturais dos italianos. (ITÁLIA, 1998).





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Ao se investigar se há algo que os pesquisados aprenderam na sua vivência na Itália e que trouxeram para o Brasil, notou-se um forte apelo cultural, quando os respondentes indicam que aprenderam a valorizar a educação, procurar relacionamentos saudáveis, cultivar e repassar as tradições. O fato de identificar as diferenças culturais, entendê-las e aceitá-las, a fim de possibilitar a comunicação e valorizar a cultura local por meio da língua representam o que é o Turismo Cultural, que Dias e Aguiar (2002) trazem como uma contribuição da atividade turística no sentido de que proporciona a comunicação de ideias e pessoas por todo o mundo.

Já, quanto à gastronomia, percebe-se que os entrevistados exploraram a culinária mediterrânea, tão famosa no mundo e trouxeram essa cultura gastronômica para o Brasil. De acordo com Beni (2003), o Turismo está conectado a vários segmentos da sociedade, no caso da gastronomia pode ser considerada mais uma manifestação cultural que os brasileiros trazem da Itália.

Outra resposta que chamou a atenção foi o fato de alguns pesquisados terem mencionado que sua convivência na Itália melhorou sua relação com o trabalho. Para uma entrevistada, inclusive, isso influenciou na sua atual profissão, outros comentaram sobre o fato de se tornarem pontuais. Essa característica da pontualidade é conhecida como ser uma marca do povo europeu. No decorrer do estudo pode-se perceber isso claramente por meio do relato do pesquisador, na narrativa das etapas de seu processo de aquisição da cidadania italiana.

Por fim, a última questão buscou identificar quais as contribuições geradas pela vivência cultural junto à comunidade italiana. As respostas a essa pergunta apareceram de forma mais generalizada, como o aprendizado e aprimoramento do idioma italiano, o fato de crescerem com o conhecimento e convívio com outra cultura, a descoberta de novos locais, a melhoria na sua qualidade de vida atual, o prazer em degustar um bom vinho, o respeito pelas tradições, pela natureza e as boas amizades estabelecidas. Tylor (1871 apud DIAS; AGUIAR, 2002) já enfatizava que a soma de diversos aspectos formam a identidade de um local, incluindo o conhecimento, a crença, a arte, a moral, os costumes, entre outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem.

Portanto, com os resultados obtidos, responde-se ao problema da pesquisa, ao mesmo tempo em que se confirma a hipótese do estudo indicando que as contribuições geradas pelas vivências culturais de brasileiros junto à comunidade italiana, advém da oportunidade das vivências culturais que envolvem diversos aspectos observados no dia-a-dia do povo italiano.





CONCLUSÃO

Com o tema as viagens de vivências culturais na Itália realizou-se este estudo. O fato de o pesquisador ter ido para a Itália em busca da sua cidadania, incentivou a realização desta pesquisa, pois como o mesmo sempre teve a curiosidade e interesse em conhecer o país de onde vieram as antigas gerações de sua família.

O motivo de ir em busca da cidadania italiana, oportunizou que o pesquisador apreciasse mais aquele país. O mesmo observou que a Itália é um país organizado, pelos serviços públicos oferecidos a população, o modo de vida tranquilo e simples, sem a preocupação com a violência, do respeito pelo próximo, da educação, de como lidar e se comunicar com as pessoas, do custo dos produtos, que são acessíveis a toda população e da preocupação em se preservar e danificar o menos possível o meio ambiente.

Todas essas características levaram o pesquisador a buscar, com o estudo, investigar as contribuições geradas pelas vivências culturais de brasileiros junto à comunidade italiana. Percebeu-se que todos que viajaram para a Itália tiveram percepções positivas e também em diversos aspectos semelhantes, como a valorização das tradições pelos italianos, por sua família e antepassados e que se orgulham de sua história e assim passam as gerações futuras.

O fato de a cultura ser muito destacada naquele país seja por meio da preservação de monumentos, sítios históricos, religiosidade, gastronomia, músicas bem como também suas belas paisagens, faz da Itália um destino turístico muito procurado tanto pelos turistas de outros continentes, como pelos próprios europeus.

A partir das análises da pesquisa concluiu-se que a importância das vivências culturais na Itália pelos brasileiros se dá na percepção da valorização das tradições, da história e do legado que os antepassados deixaram e que, nos dias de hoje, conforme observado pelos respondentes, ainda deixam.

REFERÊNCIAS

ASHTON, Mary Sandra Guerra. **Turismo Sinais de Cultura**. Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale, 2001.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e Turismo: Discussões Contemporâneas**. São Paulo, SP: Papirus, 2007.

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 8º ed. Atual. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Maria Rodrigues. **Fundamentos do Turismo**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2002.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert Woodrow. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8ª ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2002.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo, SP: Pioneira, 1999.

MOLETTA, Vania Florentino; GOIDANICH, Karin Leyer. **Turismo Cultural**. 2º Edição. Porto Alegre, RS: SEBRAE, 2000.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A EDUCAÇÃO NO JORNAL DA GLOBO: UM OLHAR COMPLEXO¹

The education on the Jornal da Globo: a complex view

Cristiele Magalhães Ribeiro (PUC/RS e Unilasalle)²

Resumo: Este artigo tem como objeto de estudo o discurso do comentarista Arnaldo Jabor, que foi ao ar no Jornal da Globo, da Rede Globo de Televisão, intitulado *Miséria da educação no Brasil não é um acidente, mas sim uma obra de séculos*. O método utilizado foi o paradigma da complexidade, de Edgar Morin, a técnica foi a semiologia, de Roland Barthes, e o tipo de pesquisa foi a semiológica, também de Roland Barthes. Dentre as considerações provisórias, identificamos que estão presentes no discurso diferentes estratégias para afirmar que a educação brasileira é ruim devido ao interesse dos governantes de que a população não tenha conhecimentos complexos; o discurso realiza generalizações contestáveis e carece de uma melhor contextualização histórica, ao passo que são reconhecidos intertextos presentes nas questões culturais.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Paradigma da complexidade. Jornal da Globo.

Abstract: This article has as object of study the discourse of the commentator Arnaldo Jabor, disclosed on the Jornal da Globo, of Rede Globo de Televisão, entitled *Misery of education in Brazil is not an accident, but a work of centuries*. The method used was Edgar Morin's paradigm of complexity, the technique was Roland Barthes's semiology, and the type of research was semiological, also by Roland Barthes. Among the provisional considerations, we identify that different strategies are present in the discourse to affirm that Brazilian education is bad due to the interest of the political rulers that the population does not have complex knowledge; the discourse makes contentious generalizations and lacks a better historical context, while recognizing intertexts present in cultural issues.

Palavras-chave: Communication. Education. Paradigm of complexity. Jornal da Globo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa sob o olhar do paradigma da complexidade e da semiologia, o comentário de Arnaldo Jabor, intitulado (e disponível) no site da Rede Globo como *Miséria da educação no Brasil não é um acidente, mas sim uma obra de séculos*. O comentário foi exibido no Jornal da Globo na noite de 07 de dezembro de 2010 (MEMÓRIA GLOBO, 2018) e informa que a educação brasileira é ruim porque a Coroa Portuguesa não queria que os colonizados crescessem intelectualmente, instituindo o “bacharelismo” e não incentivando o ensino das ciências exatas.

A intenção do presente estudo é, ao analisarmos este discurso do comentarista Arnaldo Jabor, apreendermos a produção de sentido provocada por ele que, estando em um veículo de grande audiência, contribui para a construção de uma identidade para o setor educacional

¹ Trabalho estendido publicado em: RIBEIRO, C. M. A educação no Jornal da Globo: um olhar complexo. In: Eliana Nagamini. (Org.). **Processos educativos na interface Comunicação e Educação**. 1ed. Ilhéus, Bahia: Editus, 2016, v. 2, p. 111-125.

² Doutoranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora na Universidade La Salle. E-mail: rcristiele_@hotmail.com.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

brasileiro. Segundo Bourdieu (1997), os temas abordados pela televisão são impostos, existe censura e uma imposição com relação ao tempo destinado para cada assunto, a ponto impedir que algo seja efetivamente comunicado. A censura pode ser política, econômica, mas há, também, a censura que o jornalista ou apresentador de televisão impõe-se para estar de acordo com a linha editorial da televisão e, assim, manter o emprego.

Segundo Ferrés (1998, p. 13), a televisão é “um fenômeno social e cultural, instrumento de socialização e ocupa muitas horas na vida cotidiana dos cidadãos”, ela compõe uma espécie de “comunidade imaginária”, pois insere “todos numa mesma dimensão espaço-temporal (a da transmissão), coloca destinadores e destinatários em contato (...) no decorrer da emissão (na duração)” (FECHINE, 2008, p. 110). A televisão consiste em um espaço simbólico (não material), “um espaço ‘vivido’ tão somente através da transmissão. É nesse tempo e nesse ‘lugar’, criados por esse nosso próprio contato com a televisão, que se estabelecem os encontros entre sujeitos enunciantes” (FECHINE, 2008, p. 109). Assim como os demais meios de comunicação de massa, deveria ser utilizada em benefício do interesse público, porém, as estruturas de poder presentes nas televisões, nem sempre facilitam este processo (HOINEFF, 1991).

Ao utilizar imagens, sons, mensagens que representam a opinião dos seus dirigentes, a televisão influencia nos sentidos de quem a está assistindo. Sinônimo de lazer, encontro, descanso ou “momento de não pensar em nada”, ela encontra indivíduos que nem sempre codificam racionalmente o conteúdo transmitido, sendo meio fértil para a transmissão de ideologias, opiniões, conceitos. “A televisão incentiva a passividade e a inação, e desestimula a autoconsciência e a capacidade de enfrentar as situações pessoalmente” (BLÁZQUEZ, 1999, p. 495). A televisão tem o papel de laço social, seja ele entre os indivíduos que a assistem e entre diferentes comunidades, “a televisão desempenha um papel nessa reafirmação cotidiana dos laços que juntam os cidadãos numa mesma comunidade” (WOLTON, 1996, p. 135).

Seus principais efeitos são inconscientes, despercebidos/inadvertidos, e atuam na esfera da emotividade. Segundo Ferrés (1998, p. 16), a televisão exerce coação psicológica ao “incidir sobre a vontade mediante a modificação ou a canalização interessada das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos temores”. O mesmo afirma Blázquez (1999, p. 493), ao informar que imagem transmitida pela televisão é essencialmente emocional e não racional, sendo que “nela predomina o visual, o culto à personalidade e o caráter espetacular de tudo que se diz ou representa, até quando se trata de temas informativos ou supostamente científicos ou culturais”.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Já Fechine (2008), afirma que em muitos momentos (no caso dos atentados de 11 de setembro, por exemplo), o telespectador fica em frente à TV menos para saber, mas mais para sentir.

A televisão noticia variedades, notícias que distraem, oculta algumas informações e muda o sentido de outras, sendo que, para muitos indivíduos, ela consiste em fonte única de informação “O tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas” (BOURDIEU, 1997, p. 23).

Matérias de gênero opinativo, como o comentário de Arnado Jabor, realizado em uma rede de televisão com alto nível de telespectadores tem a intenção de, por meio até mesmo da entonação das palavras e dos gestos, reafirmar de forma emocionada e enfática a verdade que se quer transmitir com o discurso.

UM OLHAR COMPLEXO

Morin (2003b) acredita que a cultura alimenta a sua vida, que alimenta a cultura; geramos a sociedade e por ela somos gerados. Acredita também nas necessidades: do repensar político, da transmissibilidade da experiência para que não se repitam experiências, da reforma do pensamento, de salvaguardar a vontade ética e de enfrentar contradições éticas. Segundo ele, a política é a ligação com a sociedade e a humanidade e o conhecimento desenvolve-se por meio do erro e da ilusão e a educação deve enfrentar este problema (MORIN, 2011b).

Para Morin (2003a, p. 8), a complexidade é uma palavra problema e não uma palavra solução”, “ela não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, o pensamento complexo não é o que envia ou suprime o desafio, mas o que ajuda a relevá-lo e, por vezes, mesmo a ultrapassá-lo” (MORIN, 2003a, p. 11). A complexidade não elimina a simplicidade e não significa o mesmo que completude (MORIN, 2003b).

A *auto-eco-organização* é um dos sete princípios do paradigma da complexidade, nele Morin (1996) considera que a identidade do ser humano, apesar de sua autonomia, é construída de acordo com a cultura em que vive, dependendo de aspectos ecológicos e geográficos. No comentário intitulado *Miséria da educação no Brasil não é um acidente, mas sim uma obra de séculos*, Arnaldo Jabor explana sobre a educação brasileira relacionando-a à questões temporais (é uma *obra de séculos*, até o *século XIX* não era possível publicar livros no Brasil, a primeira universidade brasileira foi fundada em 1920 enquanto que a primeira universidade argentina foi inaugurada em 1613), à geografia e às questões culturais (a *colônia portuguesa* não tinha





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

interesse que os brasileiros crescessem intelectualmente, ao contrário dos *americanos* que puniam aqueles que não educavam seus filhos, o *mapa brasileiro* aponta que a educação é pior onde haviam oligarquias coloniais – norte e nordeste).

O *anel recursivo* estabelece-se quando fazemos algo e este algo também nos faz. O produto é produtor do que o produz, o efeito causador do que o causa (MORIN, 2003b). No comentário que analisamos, a educação é fruto da sociedade e a sociedade é fruto da educação, ambas estão altamente relacionadas, uma influencia a outra na medida em que os indivíduos estudam e constroem a sociedade em que vivem, transformando e influenciando (inclusive culturalmente) na forma com que a educação é transmitida nas escolas.

No princípio *anel retroativo*, as causas determinam os efeitos e os efeitos determinam as causas. Transforma processos desordenados em uma organização ativa, tornando circulares (forma organizacional) os processos irreversíveis (MORIN, 2005). Uma educação de qualidade transforma uma sociedade inteira ao passo que uma sociedade que não possui educação, não a valoriza, desmerece seus professores, a pesquisa e o aprendizado formal. Arnaldo Jabor alega que a educação é ruim no Brasil devido aos colonizadores portugueses, que esta é uma questão secular, ao passo que hoje o brasileiro (segundo ele, 50% são analfabetos funcionais) elege (também segundo ele), representantes políticos que são seus semelhantes, ou seja, sem a necessidade de uma formação de qualidade e/ou de uma postura séria, citando a eleição do palhaço Tiririca como deputado federal que, mesmo sem saber escrever, foi o mais votado nas eleições de 2010.

No princípio *hologramático*, a parte está no todo, assim como o todo está contido na parte (MORIN, 2003b). O todo revela a parte e a parte revela o todo. O indivíduo (parte) faz parte da sociedade (todo), na medida em que ela (todo) faz parte dele (parte) (MORIN, 1996). Assim como não há a possibilidade de estudar a sociedade sem estudar o indivíduo, não há a possibilidade de estudar a educação sem considerar a sociedade em que ela está inserida. A educação é parte da sociedade, assim como esta sociedade é parte da educação.

No princípio *sistêmico*, para conhecermos as partes, precisamos conhecer o todo, e para conhecermos o todo, precisamos conhecer as partes. O sistema, em substituição aos objetos, prima pela organização e pelas unidades complexas (MORIN, 2005). Transpondo este princípio para o presente estudo, podemos interpretar que educação não é resultado de uma construção solitária sobre si mesma, apenas do trabalho dos professores, alunos e dos demais que estão diretamente envolvidos; ela resulta de um contexto social, econômico, tecnológico, cultural,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

político e histórico. Para entendê-la é necessário, sim, em especial, conhecer a sua história, a cultura da sociedade em que está inserida (contexto social). A educação é parte do todo (instituições educacionais, públicos envolvidos, comunidade, poder público) e o todo é parte da educação e não é possível analisá-los separadamente.

No princípio da *reintrodução*, o conhecimento é um processo onde há diálogos entre o sujeito e o objeto. É provisório. Abriga certezas e incertezas (MORIN, 2011a). Pode-se considerar o princípio da reintrodução quando analisamos o processo de diálogo entre a educação e a sociedade. A educação está inserida na educação e vice-versa. As modificações nas leis que se aplicam à educação influenciarão nas instituições educacionais, mas, também, na sociedade. A educação cria a sociedade e a sociedade cria a educação.

No princípio *dialógico*, os contraditórios possuem possibilidades de diálogos. O princípio dialógico funda-se na associação complexa – complementar, concorrente e antagônica - de instâncias necessárias junto à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado (MORIN, 2003b). No comentário analisado, Arnaldo Jabor apresenta as seguintes dualidades: os pais americanos que eram punidos por não educarem os filhos como contraposto da Coroa Portuguesa que considerava perigoso que os brasileiros tivessem educação. A primeira universidade brasileira foi fundada em 1920 (segundo Schwartzman - 2006, foi apenas em 1934), ao passo que no país vizinho Argentina a primeira universidade foi fundada em 1613. Portugal incentivou o bacharelismo e a dedicação à “literatices”, ao invés de estimular as ciências exatas, como outros países desenvolvidos fizeram (e fazem); o deputado federal mais votado nas eleições de 2010 foi o Tiririca, palhaço por profissão, considerado analfabeto funcional como 50% dos brasileiros; para Arnaldo Jabor e, segundo a história da educação brasileira, ela não é um acidente e, sim, uma obra de séculos.

No discurso encontramos um conceito intencional (BARTHES, 1993), contempla ideologia, mas não contempla uma linguagem dialética (BARTHES, 1975), a verdade está em outro lugar (BARTHES, 2008) e não no discurso proferido. No comentário analisado, conota-se a ideia de que a educação brasileira é ruim de forma generalizada; Arnaldo Jabor não cita dados comprobatórios dessa afirmação e, quando cita (o ano de fundação da primeira universidade brasileira e o índice de analfabetos funcionais), não cita a fonte.

O discurso de Jabor utiliza-se da terceira pessoa do singular, estabelecendo “a separação desejada entre o objeto e o sujeito. O primeiro se converte em protagonista. Humaniza-se. O segundo é reprimido” (RAMOS, 2012, p. 140). Indiretamente, o problema apresentado pelo





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

discurso é a colonização portuguesa. Não envolve outras questões e não contextualiza a afirmação na tentativa de conferir verdade ao comentário, não cita as avaliações realizadas sobre as universidades e escolas, o desempenho dos alunos em sala de aula e no mercado de trabalho e não entrevista lideranças da área educacional. É um discurso jornalístico, de gênero opinativo, permeado por ideologia em um jornal que ocorre durante todos os dias da semana em uma rede de televisão aberta e de grande audiência no Brasil.

Se cultura é o intertexto e o sentido é o produto da cultura (1975), podemos dizer que os aspectos culturais encontrados no comentário analisado conferem ao governo a reponsabilidade de fornecer uma educação de qualidade aos brasileiros; afirmam que apenas as ciências exatas fornecem conhecimento suficiente para que o indivíduo exerça atividades de alta complexidade na vida profissional; e que há diferenças entre os estados brasileiros no ensino que se é ministrado. Afirma que o palhaço (ou deputado federal) Tiririca representa milhões de brasileiros e termina o comentário sem mais explicações, deixando em aberto o questionamento: o comentarista referiu-se ao analfabetismo funcional do político e dos cidadãos brasileiros ou estava chamando de “palhaço” os milhões de brasileiros que aceitam tal situação educacional e votam em alguém que não tem preparo técnico suficiente para exercer um cargo de poder.

Para Barthes (2004), o poder parte de todos os discursos, independente se vêm de instituições fora do lugar do poder. Podemos dizer que a Rede Globo de Televisão, fundada em 1965, única brasileira que configura no ranking das trinta redes de televisão com maior receita de publicidade no mundo (GRUPO GLOBO, 2018), e o seu respectivo telejornal, Jornal da Globo, exibido desde 1979, são lugares de poder (MEMÓRIA GLOBO, 2017). A programação da Rede Globo de Televisão influencia na formação de opiniões e não está isenta de ideologia. Ao desmerecer a educação brasileira, Arnaldo Jabor defende sua opinião, sendo que esta se encontra reproduzida e discutida em outros lugares em que o assunto é comentado (a exemplo de sites sobre educação e publicações na internet). Barthes (1997) ressalta ainda que tudo o que é dito, é provisoriamente verdadeiro. Ou seja, a opinião de Jabor é verdadeira, ela foi divulgada, está exposta para ser ouvida novamente, discutida e argumentada. O simples fato de ser um comentarista famoso em uma rede de televisão com alto índice de telespectadores demonstra o alcance e o poder do seu discurso que será naturalizado ao ser repetido várias vezes.





CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

À educação é conferido o dever de provocar as grandes mudanças sociais ou econômicas e, ao longo da sua história vemos a influência do poder no que tange a sua disseminação e qualidade. A educação precisa apoiar a formação de um ser humano completo, que tenha capacidade de refletir sobre questões complexas e não seja meramente um repetidor ou alguém preparado para assumir uma função no mercado de trabalho. Ao observarmos a história da educação, sabemos que são diversos (nem sempre expressos) os interesses do governo em permanecer com o seu controle, indo além da preocupação em desenvolver uma sociedade mais independente, reflexiva e preparada para os desafios de seu tempo.

É necessária a preocupação com as metodologias desenvolvidas em sala de aula, que atraiam o aluno e incentivem-no ao pensar reflexivo, à prática da ética, evitando que a formação seja estritamente técnica e profissional, voltada à conquista rápida de um lugar prestigiado no mercado de trabalho. Também é necessário que sejam criadas ferramentas que avaliem e certifiquem a qualidade das formações ofertadas.

O comentário de Arnaldo Jabor representa a sua própria opinião e, sendo este um colaborador de uma das maiores redes de televisão do mundo, subentendemos que sua opinião também represente a dos proprietários desta rede de televisão e esteja de acordo com as premissas ditadas pelo conselho editorial. Ao realizar suas reflexões, ele critica a educação, o governo e a própria sociedade; não apontando soluções para os problemas que exprime, mas promovendo sentidos para aqueles que o assistem.

Não podemos afirmar se o comentário analisado possui representatividade frente a todas as matérias já publicadas sobre este assunto na Rede Globo de Televisão, mas é um indicativo de que é possível, por meio de análises realizadas sobre as matérias publicadas neste veículo de comunicação, conhecer como se construiu e se constrói a imagem da educação brasileira.

Em estudos futuros, sugerimos que sejam analisadas também reportagens sobre o assunto, entrevistas, imagens que foram utilizadas para ilustrarem estas matérias; possibilitando, assim, constatar se o discurso presente no comentário estudado representa a opinião do conselho editorial e do que foi publicado nas demais matérias.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

_____. **Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios.** Lisboa: Editorial Presença, 1975.

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso.** 14. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

_____. **Mitologias.** 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1993.

_____. **O prazer do texto.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BLÁZQUEZ, Niceto. **Ética e meios de comunicação.** São Paulo: Paulinas, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FECHINE, YVANA. **Televisão e presença:** uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar.** Socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GRUPO GLOBO. **Grupo Globo entre os maiores da mídia mundial.** Disponível em: <http://grupoglobo.globo.com/noticias/grupo_globo_entre_os_maiores_da_midia_mundial.php> Acesso em 08 de maio de 2018.

HOINEFF, Nelson. **TV em expansão.** Rio de Janeiro: Record, 1991.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal da Globo. 1979/no ar.** Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-da-globo-1979/no-ar/evolucao.htm>> Acesso em 12 de dezembro de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Miséria da educação no Brasil não é um acidente mas sim uma obra de séculos.** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1389217/>> Acesso em 07 de maio de 2018.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 274-287).

_____. **O método 1: a natureza da natureza.** 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** 4. ed. Instituto Piaget: 2003a.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

_____. **Meus demônios.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003b.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2011b.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

RAMOS, Roberto. **Os sensacionalismos do sensacionalismo:** uma leitura dos Discursos midiáticos. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SCHWARTZMAN, SIMON. A universidade primeira do Brasil: entre *intelligentsia*, padrão internacional e inclusão social. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 20, n.56, p. 160-189, jan./abr. 2006.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**. São Paulo: Ática, 1996.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A IMPORTÂNCIA DO DIREITO À MEMÓRIA NO BRASIL: PERSPECTIVAS PARA UMA MEMÓRIA POLÍTICA INCLUSIVA

THE IMPORTANCE OF THE RIGHT TO MEMORY IN BRAZIL: PERSPECTIVES FOR
AN INCLUSIVE POLITICAL MEMORY

Dailor dos Santos (Universidade Feevale)¹

Resumo: O presente estudo aponta as dificuldades do Direito em compreender a construção política da memória e o seu vínculo com o pertencimento social. Refere que todas as violências ocorridas durante a ditadura militar brasileira devem se submeter ao processo de rememoração. Critica o modo de análise da Lei de Anistia pelo Supremo Tribunal Federal e defende que a criação da Comissão Nacional da Verdade não objetivou uma construção inclusiva da memória política. Examina de que modo pode ser compreendida a seletividade da memória política e sustenta que para o Direito à Memória, que somente pode ser afirmado a partir de uma construção conjunta do passado, todas as violências cometidas possuem importância, apontando para uma memória política inclusiva como nova perspectiva de afirmação dos Direitos Humanos.

Palavras-chave: Direito à Memória. Memória Política Inclusiva. Violência. Direitos Humanos.

Abstract: The present study points the difficulties of the Law to understand the political construction of memory and its connection with social belonging. It asserts that all violence that occurred during the Brazilian military dictatorship must undergo the process of remembrance. It criticizes the Brazilian Supreme Court analysis of Amnesty Law and argues that the creation of the National Truth Commission did not aim at an inclusive construction of political memory. It examines how the selectivity of political memory can be understood, and asserts that for the Right to Memory, which can only be affirmed from a joint construction of the past, all the violence committed is important, pointing towards an inclusive political memory as a new perspective of the affirmation of Human Rights.

Keywords: Right to Memory. Inclusive Political Memory. Violence. Human Rights.

1 INTRODUÇÃO

O ideário de cidadania da Constituição brasileira de 1988 defronta-se com a repetição da violência e com contínuos riscos impostos à democracia. Retomar o passado constitui um alerta ético ao tempo presente, como possibilidade de superação da barbárie e afirmação da memória como processo de pertencimento social e, portanto, de uma identidade comum. Todavia, se a memória política passa a refletir um novo paradigma para a proteção dos Direitos Humanos, respondendo à aspiração constitucional brasileira, o que torna tão custosa a sua afirmação no Brasil?

A busca de uma resposta para esse questionamento demanda duas apropriações complementares, que indicam a divisão do presente estudo e o objetivo da abordagem proposta:

¹ Doutorando em Direito Público pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (São Leopoldo/RS). Professor na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: dailor@feevale.br.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

compreender como o Direito pode contribuir na afirmação e defesa de uma memória política inclusiva. Em um primeiro momento busca-se examinar de que modo o Direito enfrentou, ou deixou de enfrentar, as violências praticadas pelo Estado durante o regime ditatorial militar; após almeja-se explicitar como a memória política deve ser (re)construída pelo Direito a partir da aceitação da totalidade dos relatos e testemunhos do passado, o que indicaria a assunção de uma *memória política inclusiva*.

Diante dessas perspectivas, a pesquisa utiliza-se de análises bibliográficas e documentais e se desenvolve com base no método hipotético-dedutivo, a partir de uma abordagem qualitativa, destinada a ponderar criticamente a afirmação do Direito à Memória como ação jus-política. Os referenciais teóricos utilizados assentam-se, fundamentalmente, nas concepções de Walter Benjamin (2008), Hannah Arendt (2007) e Tzvetan Todorov (2000).

2 A VIOLÊNCIA DO ESTADO NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA E AS INSUFICIÊNCIAS DO DIREITO

A ditadura militar que governou o Brasil entre 1964 e 1985 é o último episódio antidemocrático da recente história brasileira. Esse período rompeu de modo completo com todas as garantias e direitos fundamentais dos cidadãos, utilizando a violência como um expediente de sua própria rotina burocrática (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2009). Além disso, a esse período foram dirigidas as mais contundentes e ainda atuais denúncias e produzido o maior número de relatos e documentos dando conta dos desaparecimentos políticos, assassinatos e abusos do poder (MEZAROBBA, 2006).

Somente com o fim do regime ditatorial instaurado em 1964 o cenário jurídico brasileiro passou a admitir a categorização de um direito à memória e à verdade, vinculado à rememoração das vítimas que a ditadura militar produziu e preocupado com a recuperação do real sentido a ser dado a uma anistia política (BRASIL-SEDH, 2007). A dinâmica de governo aceita pela ditadura contenta-se com o exercício do poder em um âmbito, territorial e mesmo temporal, mais restrito (ARENDRT, 2007), embora igualmente violento e excludente (GASPARI, 2002a, 2002b, 2003, 2004).

No caso brasileiro, o Comando Supremo da Revolução, como se autointitula no Ato Institucional inaugural do novo governo (AI-1), apresentado em 9 de abril de 1964, anuncia a que veio: “a revolução vitoriosa se investe no exercício do Poder Constituinte [...] como Poder Constituinte, se legitima por si mesma. Ela destitui o governo anterior e tem a capacidade de





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

constituir o novo governo” (BRASIL, 1964). Percebe-se claramente que o regime de exceção, autoritário em sua origem, atribui ao “poder constituinte”, à necessidade imperiosa do “novo governo” e à própria emergência da “revolução vitoriosa” os fundamentos normativos de sua pretensa autoridade. O Direito, portanto, mais do que calar diante da aspiração ditatorial, serviu de instrumento à sua aparente legitimação. Após o advento da Constituição de 1967 o Brasil submete-se ao mais violento Ato Institucional que a sua história política testemunhou (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2009), o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que veio à tona em 13 de dezembro de 1968.

A partir dele, a violência institucionalizada – que até então obtinha crédito em manifestações fantasiadas de legalidade – resta escancarada, sem qualquer escrúpulo, sob o conveniente pretexto de servir como resposta às reações populares contrárias ao regime ditatorial. Mesmo os tímidos acenos das garantias individuais da Constituição de 1967 são completamente suprimidos com o AI-5 (BRASIL, 1968).

O saldo do período ditatorial ainda é inconcluso. Sobre os desaparecidos políticos, as estatísticas da violência dão conta de que durante a ditadura militar no mínimo 125 pessoas desapareceram ou foram mortas por agentes do Estado (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2009). Esse número não é preciso, e o próprio Estado Brasileiro, por meio da Lei nº 9.140, de 4 de dezembro de 1995, expressamente reconheceu 136 pessoas como mortas em virtude de participação em atividades políticas entre 1961 e 1969 (BRASIL, 1995). Esse número restou ampliado graças à atuação da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), instituída pela mesma lei de 1995. Por ela foram apuradas 339 denúncias de mortes e desaparecimentos políticos do regime ditatorial (BRASIL, 2007).

Há, além disso, relatos de tortura imposta contra crianças, menores de idade, mulheres e mesmo gestantes (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2009). O próprio Estado brasileiro admite (BRASIL, 2007) que durante a ditadura 50.000 pessoas foram detidas já nos primeiros meses da repressão militar, 10.000 cidadãos viveram no exílio, 130 pessoas foram banidas do Brasil, 4.862 submeteram-se à cassação ou restrição de seus direitos políticos, 6.592 militares, contrários à ideologia ditatorial, foram punidos e 245 estudantes foram expulsos de suas universidades.

Em face do crescente apelo social pelo retorno à democracia, indicativo da crise do regime ditatorial militar, uma resposta encontrada pela ditadura residiu na concessão de anistia aos perseguidos políticos. Essa medida permitiu, do mesmo modo, que todas as violências





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

cometidas, sob suas mais variadas formas, fossem deixadas para trás. Assim, em 28 de agosto de 1979 veio à tona a lei nº 6.683, concedendo anistia “[...] a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes [...]” (BRASIL, 1979). Tratou-se de um esquecimento construído, novamente, pelo próprio regime militar, destinado a superar a barbárie.

Todavia, após a Constituição Federal de 1988 passa a ser discutida a amplitude da Lei da Anistia de 1979 e, fundamentalmente, se a conciliação pretendida pelo regime ditatorial poderia abarcar crimes comuns (torturas, estupros, assassinatos e desaparecimentos forçados cometidos por agentes do estado). O cenário final dessa discussão pode ser descrito em dois momentos distintos, que em conjunto indicam a incapacidade do Direito em dar resposta à memória construída politicamente.

Em um primeiro instante situa-se o julgamento da ADPF – Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 153, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em 28 de abril de 2010. Essa ação possibilitou ao STF o exame da compatibilidade do texto da Lei da Anistia com a Constituição Federal de 1988, vale dizer, se o esquecimento desenhado em 1979 resistiria a uma análise pautada pelo ideário democratizante da Constituição de 1988. Buscava-se, assim, a punição dos agentes estatais que, durante a ditadura, menosprezaram direitos humanos. A resposta do STF (BRASIL, 2010) foi inequívoca, no sentido de que a tentativa de reversão do sentido da Lei da Anistia implicaria a desqualificação dos fatos históricos a partir dos quais ela foi pensada. Assim, a Lei da Anistia de 1979 teria sido recepcionada pela Constituição Federal de 1988 e não se admitiria, agora, a responsabilização dos agentes estatais que atacaram direitos humanos.

Outro momento situa-se em 24 de novembro de 2010, quando a Corte Interamericana de Direitos Humanos reconheceu, em sentido oposto àquele preconizado pelo STF, os abusos praticados por agentes de Estado durante o regime ditatorial militar e impôs ao estado brasileiro a investigação penal dos fatos a fim de esclarecê-los e punir os seus responsáveis, com a superação da Lei da Anistia de 1979. A decisão da Corte Interamericana examinou o caso *Gomes Lund*, em que foi levado ao conhecimento do órgão internacional em razão da inércia do Brasil em proceder às investigações do desaparecimento de setenta pessoas no caso da Guerrilha do Araguaia, bem como porque de a Lei da Anistia de 1979 vedaria a responsabilização dos agentes estatais, apontando para a indisposição do estado brasileiro em permitir o acesso à verdade, à justiça e à informação (CORTEIDH, 2010).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

As duas decisões, contraditórias em suas conclusões, debruçaram-se sobre o mesmo fato histórico. O que pode explicar a divergência de entendimentos a respeito do mesmo tema? Considerando que a Constituição Federal de 1988 (re)inaugura a ordem democrática brasileira e aloca os Direitos Humanos como princípio republicano, verifica-se, na intransigente defesa da Anistia de 1979, um déficit na compreensão da memória política como prática necessária à afirmação da dignidade humana. Detecta-se, portanto, a incapacidade do Direito, em seu dogmatismo, para dar resposta à rememoração política. Os tímidos avanços na afirmação do Direito à Memória esbarram na diversidade de entendimentos sobre o tema e na polarização dos debates, entre *favoráveis* ou *contrários*, sobre a retomada do passado. É nesse cenário politicamente fragmentado que o Brasil, somente em 2011, concebe a sua Comissão Nacional da Verdade (BRASIL, 2011). A falta de coesão política em torno da criação da Comissão vedou a retomada plural e conjunta do passado, que foi (re)construído sem a abertura a todos os relatos que o compõem, o que igualmente explica a dificuldade do estado brasileiro em assumir, sem dicotomias, a sua memória política.

3 MEMÓRIA E PERTENCIMENTO: A SUPERACÃO DA BARBÁRIE E A IMPORTÂNCIA DA TOTALIDADE DOS RELATOS

O Direito foi incapaz de vedar a instauração de um estado ditatorial militar e também não se revelou apto a superar o passado de violências, demonstrando dificuldades no trato de sua memória política. O anúncio de um Direito à Memória esbarra na deficitária compreensão do tempo pelo Direito e na dificuldade em assimilar a totalidade das narrativas que dão significado ao passado. Resta saber, portanto, de que modo pode ser retomado o passado e sob quais parâmetros é possível afirmar a existência de um Direito à Memória.

Os processos de rememoração originam-se da inter-relação entre indivíduos e sociedade, respondendo a essa problemática de modo peculiar, como uma das poucas vias que perambulam, na mesma intensidade, tanto no imaginário individual como nas representações coletivas (TODOROV, 2000). O pertencimento a um grupo social, portanto, apresenta-se como condição necessária para a fuga do esquecimento.

É a isso, portanto, que responde a memória. Não a certas pessoas ou a determinadas apropriações políticas do poder. Responde apenas aos efeitos perenes e traumáticos da violência e da negação do luto (violência que excede a própria vítima e a faz nova vítima), atrocidades





que, incorporadas às práticas de Estado, objetivam justamente eleger a eliminação de *inimigos* e o subsequente esquecimento das vítimas como projeto de autossobrevivência.

O grupo social, assim, invariavelmente será refém da partilha dessa identidade entre-indivíduos, inclusive como forma intransponível de constituição da sua identidade (RICOEUR, 2007) e, por via reflexa, de sua própria manutenção, perspectiva de ímpar importância na afirmação democrática. A relação entre-indivíduos, portanto, desempenha uma típica função social, e “[...] dá a cada indivíduo um passado que se estende muito além de seu passado pessoal e permite que alguma coisa das pessoas de outrora continue a viver no presente” (ELIAS, 1994, p. 182). A sobrevida outorgada ao indivíduo ultrapassará a sua existência física e ganhará espaço na cadeia geracional. Isso, por via reflexa, importará na sucessiva manutenção do grupo, revelando a necessidade de construção de mecanismos de memória coletiva (ELIAS, 1994).

Essa conjugação do tempo, portanto, não pode se contentar com a exclusão de possíveis relatos. Ainda que a memória seja seletiva, ao Direito – na reconstrução do tempo presente a partir da retomada do passado – devem importar todos os relatos. Em outras palavras: a totalidade das práticas violentas deve importar ao Direito e, na mesma medida, definir a abrangência do Direito à Memória. Trata-se de um imperativo ético.

Quando a violência, sob qualquer de suas modalidades, ditatorial ou insurrecional, atinge indivíduos que não compõem as forças políticas em disputa e mesmo quando justifica a sua prática na pretendida apropriação ou justificação do poder, daquele então constituído ou de um poder vindouro, destinado a superar a ditadura, alicerçado nos ditames ideológicos que conduziram os grupos insurrecionais – também essa violência, ainda que insurrecional, estará sujeita à rememoração. Afinal, segundo Arendt (2009), a violência jamais poderia aspirar à criação do poder. Pode, apenas, destruí-lo; jamais poderá concebê-lo.

Isso não significa que todas as memórias necessariamente integrarão todos os discursos políticos a qualquer momento. A política trabalha com filtros próprios, típicas possibilidades de escolha (BAUMAN, 2000), que oscilam de acordo “com a mudança das condições históricas, ou seja, dos carecimentos e dos interesses, das classes no poder, dos meios disponíveis para a realização dos mesmos, das transformações técnicas [...]” (BOBBIO, 2004, p. 38). Desse modo, as violências que passam incólumes a um determinado momento político permanecem latentes e não serão simplesmente apagadas do curso da história. O fato de não serem rememoradas neste instante não significa que serão esquecidas.





A violência, em toda a sua extensão e independentemente de quem a causou e de quem ela atingiu, é que se submete à lembrança possível no tempo presente (em contínua repetição). Não é o poder ou a resistência àqueles que dele se apropriam o que está em jogo; é a violência, em si, com as suas vítimas e os seus excessos, o que interessa à lembrança. Esta não se presta para a distinção (a mesma que, em sentido contrário, a história dos *vencedores* construiu) entre as vítimas que *importam* e as que *não interessam*. Do contrário, a memória não será seletiva, mas excludente e, assim, igualmente violenta.

Essa afirmação, reportando-se à importância da totalidade dos relatos, funda-se no entendimento de Hannah Arendt e em sua concepção da violência enquanto sintoma da falência do poder. O poder, para Arendt (2009), repousa no apoio coletivo às instituições. Trata-se do consentimento com as práticas políticas. Assim, segundo ela (2009, p. 57), “Todas as instituições políticas são manifestações e materializações do poder; elas se petrificam e decaem tão logo o poder vivo do povo deixa de sustentá-las”. Daí porque o poder não é um reflexo necessário da violência, nem esta invariavelmente prestar-se-á para legitimar aquele. A dinâmica é justamente oposta, e igualmente desafiadora: onde a violência anuncia-se como prática de governo já não há poder.

Como esclarece Arendt (2007, p. 129), a “[...] autoridade exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesmo fracassou”. Daí a perspicaz observação de Albornoz (2000, p. 18): “A violência intervém na sombra do poder, no vazio deixado por ele, quando a institucionalização política legítima vem a faltar; é um meio caprichoso, uma armadilha, com resultado imprevisível porque não serve bem ao fim que persegue”. Neste jogo, a violência é, apenas, uma prática instrumental – utilizada pelo Estado ou por quem agiu na tentativa de superação da ditadura – e, por isso mesmo, nada justifica, tampouco jamais poderá ser qualificada como legítima (ARENDR, 2009). A totalidade dessa violência exige lembrança.

A memória, portanto, deve ser concebida como a resistência a todas as formas de violência; trata-se do alerta de que qualquer ofensa à dignidade humana poderá ser retomada no tempo presente e ensejar a devida responsabilização. A totalidade das violências importa à memória política, pois do contrário a seletividade da memória implicará na exclusão de relatos, justificando uma narrativa fragmentada do passado e admitindo em sua concepção unicamente discursos *aceitos* e, por via reflexa, rejeitando relatos *inadmissíveis*, inclusive memórias subterrâneas (POLLACK, 1989).





Essa perspectiva acaba por repetir – problemática verificada na constituição da Comissão Nacional da Verdade no Brasil e no entendimento do Supremo Tribunal Federal a respeito da Lei da Anistia – o mesmo ciclo do *progresso* que permitiu, no passado, a disseminação de práticas violentas.

Emerge, aqui, o mérito da análise de Walter Benjamin (2008) – o que impõe ao Direito uma autocrítica de sua dinâmica – tanto na fissura que Benjamin impõe às linearidades intrínsecas ao positivismo histórico e jurídico como no modo ímpar de compreensão da própria história. A evolução histórica, para Benjamin, não se atrela a qualquer ideia de um progresso vindouro; ao revés, um anunciado progresso apenas mascara a continuidade ininterrupta das catástrofes, permitindo que sejam repetidas. A suspensão dessa marcha caracteriza o instante da revolução, momento de emancipação que igualmente define o próprio tempo messiânico (LÖWY, 2005). O erro da história, para Benjamin (2008), é o anúncio de que traz consigo a própria verdade, sempre tomada como sinônimo de um imaginado progresso: “O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” é o que diz Benjamin (2008, p. 223) em sua *Tese II*, para, então, concluir que “Alguém está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente”. A redenção proposta repousa justamente no indivíduo e é impossível que este afirme qualquer felicidade pessoal dissociada da “redenção de seu próprio passado, a realização do que poderia ter sido mas não foi” (LÖWY, 2005, p. 48).

Vedar a retomada do passado é impedir a justiça. A memória, portanto, surge como apelo ético, anterior ao Direito e que por ele não pode ser coibido; ao revés, deve por ele ser instrumentalizado. À memória importam todos os relatos e a totalidade das visões do passado; somente essa construção conjunta permite recuperar a completude do passado. Trata-se, pois, de o Direito possibilitar – e reinventar-se – para (e a partir de) uma *memória política inclusiva*, perspectiva necessária para enfrentar e superar o passado de violências que segue desafiando as práticas democráticas no tempo presente.

4 CONCLUSÃO

A (re)avaliação das políticas de memória adotadas no Brasil conduz à constatação da insuficiência e inexatidão dos significados do Direito à Memória e à Verdade. Persistem as





ofensas a Direitos Humanos e a atuação estatal, ainda que avanços tenham sido obtidos, resta enfraquecida, não se tornando claro o papel que o Estado ocupa na superação de períodos de violência. A indefinição de conteúdos suscetíveis de rememoração impede uma superação do passado e uma (re)construção dialógica do presente. As políticas de memória, difusas em sua formação, revelam-se contraditórias nos objetivos que efetivamente almejaram e na realidade que buscaram confrontar, pois dicotômicas em sua concepção: escolheram relatos, filiaram-se a correntes político-partidárias, negaram a totalidade dos testemunhos, impediram a participação conjunta na definição dos fatos passados e obstaram, assim, que os abusos do passado servissem de alerta ao tempo presente.

A deficiência da rememoração política e a dificuldade de superar conjuntamente a barbárie do passado contribuem para manter o estado de violência presente no Brasil. O déficit de rememoração política enfraquece a noção de pertencimento e de identidade e impede uma construção conjunta do tempo. A dinâmica inclusiva da memória, ignorada pelo Direito em seu viés dogmático, mitiga a credibilidade nas próprias instituições jurídicas e fragmenta valores constitucionais, entre os quais a Democracia e os Direitos Humanos.

A redefinição da relação entre o Direito e a memória política impõe que o passado de violências seja enfrentado a partir de uma ética da memória aberta à totalidade dos relatos, o que se traduz em uma memória política inclusiva. A ausência dessa abertura à pluralidade dos testemunhos e experiências, amplificando em demasia a seletividade da memória, foi a razão que enfraqueceu a atuação, no Brasil, da Comissão Nacional da Verdade. A mesma incompreensão, pelo Supremo Tribunal Federal, da importância de uma memória política inclusiva obstou a redefinição da amplitude da anistia concebida em 1979.

A memória política – e o Direito à Memória – somente podem alcançar a sua máxima efetividade quando construídos conjuntamente. O passado a ser superado é comum e não excludente (sob pena de ser novamente violento). Se a totalidade do passado importa, e esse desafio segue imposto ao Direito, uma *memória política inclusiva* anuncia-se como um novo paradigma para a redefinição do âmbito de proteção dos Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. Violência ou não-violência: um estudo em torno de Ernst Bloch. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. 192p.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 348p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

____, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 562p.

____, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 167p.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil: nunca mais*. 37. ed. Prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 312p.

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 213p.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. 253p.

BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 232p.

BRASIL, Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011. Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm>. Acesso em: 12 maio 2018.

____, Secretaria Especial dos Direitos Humanos - SEDH. *Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Direito à verdade e à memória*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

____. Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964. Dispõe sobre a manutenção da Constituição Federal de 1946 e as Constituições Estaduais e respectivas Emendas, com as modificações introduzidas pelo Poder Constituinte originário da revolução Vitoriosa. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/atoin/1960-1969/atoinstitucional-1-9-abril-1964-364977-publicacaooriginal-1-csr.html>>. Acesso em: 12 maio 2018.

____. Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/atoin/1960-1969/atoinstitucional-5-13-dezembro-1968-363600-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 maio 2018.

____. Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. Concede anistia e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6683.htm>. Acesso em: 12 maio 2018.

____. Lei nº 9.140, de 4 de dezembro de 1995. Reconhece como mortas pessoas desaparecidas em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9140.htm>. Acesso em: 12 maio 2018.

____. STF – Supremo Tribunal Federal. Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 153. Argte.: Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Argdos.: Presidente da República e Congresso Nacional. Relator: Min. Eros Grau. Brasília, 24 de abril de 2010. Disponível em:

<<http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=612960>>. Acesso em: 12 maio 2018.

Corte Interamericana de Direitos Humanos - CORTEIDH. Gomes Lund e Outros (“Guerrilha do Araguaia”) vs. Brasil – Sentença de 24.11.2010. Disponível em:

<http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_219_por.pdf>. Acesso em: 12 maio 2018.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 201p.

GASPARI, Elio. A ditadura derrotada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 580p.

_____, Elio. A ditadura encurralada. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 560p.

_____, Elio. A ditadura envergonhada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 464p.

_____, Elio. A ditadura escancarada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 560p.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005. 159p.

MEZAROBBA, Glenda. Um acerto de contas com o futuro: a anistia e suas conseqüências: um estudo do caso brasileiro. São Paulo: FAPESP, 2006. 271p.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007. 535p.

TODOROV, Tzevetan. Los abusos de la memoria. Barcelona: Paidós, 2000. 61p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA ARTE

GENDER AND POWER RELATIONS: A STUDY OF FEMININE FIGURE
REPRESENTATION IN ART

Daniela Cristina Menti (Universidade Feevale)¹
Anelise Rublescki (Universidade Feevale)²

Resumo: A pesquisa tem como objetivo refletir sobre os arquétipos femininos nas artes plásticas, através da análise imagética de alguns cânones da pintura ocidental. Questões como a construção da idealização do corpo feminino, relações de gênero e de poder são discutidas ao longo do texto. Foram analisados os contextos históricos e sociais de duas obras importantes para as artes plásticas, a *Vênus de Urbino*, de Ticiano, (1538), e *Les demoiselles d'Avignon*, de Pablo Picasso (1907), para o questionamento sobre a consolidação dos padrões estéticos e comportamentais das mulheres na sociedade de cada época. Evidencia que as representações decorrem como parte do imaginário masculino.

Palavras-chave: Arte. Gênero. Cultura. Figura feminina.

Abstract: The research aims to reflect on the female archetypes in the plastic arts, through the imaginary analysis of some canons of Western painting. Issues such as the construction of the idealization of the female body, gender relations and power are discussed throughout the text. The historical and social contexts of two important works for the plastic arts, *Venus of Urbino*, by Ticiano (1538), and *Les demoiselles d'Avignon* by Pablo Picasso (1907), were analyzed for the questioning on the consolidation of aesthetic and behavioral patterns of women in the society of each period. It shows that representations derive from the masculine imaginary.

Keywords: Art. Gender. Culture. Female figure.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Gênero e sexualidade são construídos e modelados através de práticas discursivas. Uma destas práticas é o campo das artes visuais, visto que arte é conhecimento, sendo uma das primeiras manifestações culturais da humanidade.

Estudar as relações de gênero na história da arte é uma proposta desafiadora. A história da humanidade, desde a pré-história, teve seus registros de figuras femininas idealizadas, como é o exemplo da *Vênus de Willendorf*, que data de 25.000 a 28000 antes de Cristo, que foi a primeira figura feminina que se tem notícias a ser retratada com curvas voluptuosas, seios fartos e quadris largos numa forte alusão à fertilidade. A problemática do artigo pode ser sintetizada na questão: de que modo o estudo da figura feminina na arte reflete possíveis relações de poder

¹ Mestranda em Processos em Manifestações Culturais (Feevale). E-mail: danielamenti@gmail.com

² Pós-doutora em Comunicação Midiática (UFSM). Prof. adjunta do PPG Processos e Manifestações Culturais (Feevale). E-mail: aneliserublescki@feevale.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

e gênero? Trata-se, metodologicamente de uma pesquisa teórico-empírica, desenvolvida por revisão de literatura (LOPONTE, 2002; ECO, 2001; CARR-GOMM, 2010; LEVI-STRAUSS, 1982; LOURO, 1999) e estudo de caso. A representação feminina e seus arquétipos ganham materialidade na análise de duas obras, de diferentes períodos históricos, que constituem a corpora do estudo: Vênus de Urbino, de Ticiano (1534) e Les demoiselles d' Avignon, por Picasso (1907).

Quando se busca a representação da figura feminina ao longo da História da Arte, percebem-se as implicações ideológicas enfrentadas por elas em cada época. A mulher aparece de acordo com idealizações, elaboradas segundo os valores de cada momento histórico. Em qualquer sociedade ou período artístico que se recorte para estudar, sempre haverá uma representação feminina que é o reflexo do pensamento social da época. Geralmente elas aparecem como arquétipos, ou seja, imagens formadas no inconsciente coletivo da humanidade, que transmitem diversas informações ao longo dos anos.

O modo de ver particularmente masculino de uma sociedade ocidental na arte fez com que estas imagens sejam estruturadas com uma forte base nas relações de poder e de gênero.

Através das imagens pictóricas da arte ocidental, as mulheres constituíram-se como objetos de um discurso que produz a sexualidade feminina a partir de um olhar masculino, um olhar daqueles autorizados em uma determinada prática discursiva a ver e representar. Um olhar que, congelado na definição de 'arte universal', subjetiva e molda nossas concepções do que é arte e artista, e (...) 'inventa' sexualidades, feminidades e também masculinidades. Há uma rede de saberes e verdades legitimada através das imagens canônicas da arte ocidental (LOPONTE, 2002, p. 290).

As relações de poder de acordo com a visão masculina na normatividade ocidental através das artes plásticas são reforçadas por Louro (1999) na qual a sexualidade envolve processos culturais e plurais, e como uma invenção social se constitui historicamente a partir de inúmeros discursos que a regulam e a normatizam, produzindo saberes e verdades.

A REPRESENTAÇÃO FEMININA E SEUS ARQUÉTIPOS

John Berger (1999) argumenta que a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que somos ou pelo que acreditamos, ou seja, o ser humano é carregado de referências e pré-conceitos, que são o reflexo de um determinado contexto social. Segundo Berger (1999, p.11) " Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a nossa relação entre as coisas e nós mesmo. Nossa visão está continuamente ativa, em movimento , captando coisas num círculo a sua própria volta."





A sexualidade e o gênero são fatores que passam a ser modelados por processos culturais e plurais. Discursos que "inventam sexualidades femininas e masculinas circulam em torno das imagens produzidas por artistas" (LOPONTE, 2002 p.286). No campo das artes é comum notar-se um número expressivamente grande de representação de nus femininos, principalmente no Renascimento.

Durante a Idade Média, o corpo desnudo das mulheres não era retratado em obras pelo fato do pudor na sociedade ter se intensificado, e o corpo ter passado a ser um objeto secundário. A pintura da Idade Média representava a figura de Deus como o centro do universo, e o corpo humano não seguia suas devidas proporções na arte.

Com o fim desta moral ideológica que deixava o corpo em segundo plano e a alma em lugar de protagonismo característica da idade Média e a chegada do Renascimento, o pensamento social tomou rumos diferentes. Este foi o período de ascensão da burguesia e de valorização do homem no sentido individualista. Esta mudança trouxe conceitos clássicos de volta para a arte, e corpos nus voltam a ser vistos em quadros. A beleza, a sensualidade e o erotismo passam a ser retratados sem embaraço por artistas. Abaixo, a representação do corpo feminino, *Vênus de Urbino*. A imagem reflete o espírito do Renascimento, destacando a perfeição das formas e a beleza do corpo feminino.

Figura 5: Vênus de Urbino, por Ticiano 1534



Fonte: Gallerie degli Uffì

O corpo da jovem desnuda representa o ideal de beleza e gostos eróticos do Renascimento pleno³, a mulher está totalmente nua, ornada com brincos e uma pulseira, sua mão levemente cobrindo suas partes íntimas. Sua cintura e quadris são largos, características que remetiam a

³O Renascimento Pleno (1495-1520), no qual as conquistas artísticas foram elevadas a sua máxima expressão.





uma mulher fértil e de uma família abastada. Os seios pequenos, redondos e rígidos também constituem parte de um ideal da beleza feminina, significando que eles ainda não haviam atingido a maturidade.⁴ Por fim, ela carrega flores em sua mão, possivelmente são rosas vermelhas que possivelmente eram símbolo da feminilidade atribuídas à Vênus.

De acordo com Carr-Gomm (2010) a nudez no ponto de vista da religião pode significar vergonha e uma luxúria a ser conquistada, ou mesmo simbolizar a inocência, uma falta de pudor e também uma negação do corpo. Na esfera política pode significar força bruta e autoridade, ou vulnerabilidade e escravização. Segundo Eco (2001), a evolução e as mudanças do modo de pensar fossem representadas na arte através da figura feminina.

Entre os séculos XVI e XVII, a imagem feminina transformou-se, sendo retratada pelos artistas de maneira mais recatada, assumindo papéis como de dona de casa, educadora, administradora. No século XVIII, observa-se a presença das mulheres em salões femininos, bem como sua afirmação como sujeito, nas pinturas, essas mulheres eram retratadas de maneira mais solta, sem o uso do corpete e com os cabelos flutuantes (ECO, 2001, p.72).

Neste exemplo da representação dos nus femininos, nota-se que é a sexualidade masculina que está como a suas projeções de arquétipos da feminilidade, tendo assim muito pouco a ver com a própria sexualidade feminina. No século XX, Levi-Strauss(1982) afirmou que a "mulher é um bem que os homens trocam entre si", esta afirmação pode ser vinculada com a representação da figura feminina, que durante a arte moderna tomou uma forma boêmia, tratando a sexualidade como uma moeda de troca.

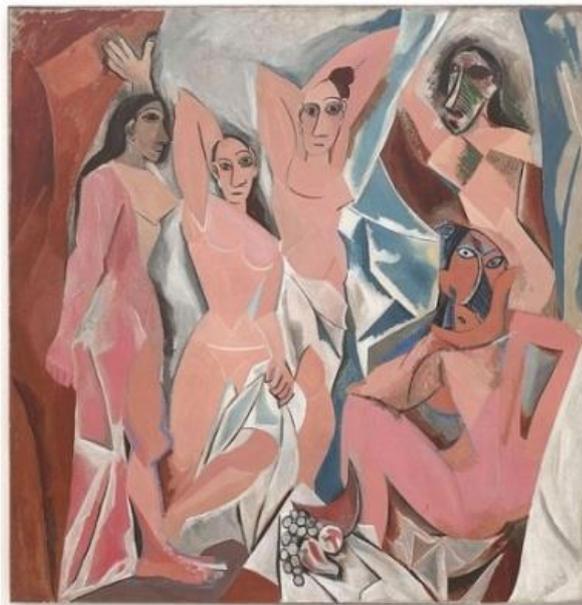
Mulheres em bordéis, bares ou no divã do artista são cenas comuns na pintura francesa do final do século XIX. As representações de corpos femininos, como signos da sexualidade masculina, afirmavam a modernidade dos homens artistas e sua posição de vanguarda (LOPONTE, 2002. p. 288)

Uma das pinturas mais importantes do século XX, com autoria do cânone cubista Pablo Picasso, *Les demoiselles d'Avignon*, traz um questionamento similar sobre a relação da sexualidade masculina com o corpo nu feminino na arte.





Figura 2: Les demoiselles d'Avignon, por Picasso. 1907



Fonte: MoMA - The Museum of Modern Art

Les demoiselles d'Avignon, retratam o conjunto de Picasso, onde a mulher era o tema central de suas obras, as *demoiselles*, são prostitutas de algum bordel de calle Avinyó, rua em Barcelona, onde foram retratadas nuas, carregando panos que remetem a lençóis sujos e exibem uma feição de cansaço. Os blocos desconjuntados de carne das figuras, sem seguir uma regra de representação deram início ao Cubismo. Duas das mulheres estão ocultas por máscaras africanas. Nota-se que estão expostas de maneira sugestiva, exibindo seus corpos a ponto que algum cliente a escolha.

Os corpos das mulheres são apenas objetos lapidados pela inventividade e criatividade de Picasso. Se na época em que foi produzida a obra chocou também por ser a representação de prostitutas, os discursos enciclopédicos que chegam a nosso tempo, em livros de história da arte de mais fácil acesso, minimizam essa questão. Há uma 'naturalidade' da mulher como objeto do olhar na arte' (...). A nova 'concepção estética' de Picasso traduz-se na supremacia de valores masculinos, brancos e europeus. (LOPONTE 2002. p. 296)

Tanto as Les demoiselles d'Avignon como a Vênus de Urbino, obras importantes de seus períodos, refletem o olhar masculino sobre o corpo da mulher. Esta rede de verdades sobre as relações de gênero e violência simbólica vistas através das artes plásticas é legitimada através do estudo destas diversas obras.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As artes visuais são um campo desafiador para o estudo do gênero e da sexualidade feminina, bem como a formação dos arquétipos de feminilidade através do olhar masculino. A ideia da sexualidade é percebida através da análise de diversos cânones da História de Arte e tem-se o reflexo dos valores sociais de cada época estudada, refletindo na representação da figura feminina.

Ao fazer esta pequena análise em períodos distintos da História da Arte, entende-se que tais imagens não são neutras, existe por trás delas um discurso, no qual a sexualidade e o poder tornam-se articulados.

A articulação do gênero com as relações de poder, não são temas que possam ser afastados na hora de analisar as imagens, pois estes são construtos culturais. As produções destes artistas podem ser entendidas como metáforas para a compreensão da representação feminina de seu tempo histórico.

REFERÊNCIAS

BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999.

CARR-GOM, Phillip. **A Brief Story of Nakedness**. Reaktion Books, 2010. p.99.

ECO, Umberto. **A história da beleza**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 283-300, jul. 2002. Disponível em <<https://goo.gl/SHgaqk>>. Acesso em 04 mar 2018

LEVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 11-12.

SMELIK, Anneke. What Meets the Eye: Feminist Film Studies. In: BUIKEMA, Rosemarie, and SMELIK, Anneke (eds.). **Women's Studies and Culture: a Feminist Introduction**. London: Zed Books, 1993. p. 66-81.

TICIANO. **Vênus de Urbino**. 1538. Original de arte, óleo sobre tela, 119 cm × 165 cm. Disponível em: <<https://goo.gl/pH1avi>>. Acesso em: 19 mar 2018.

PICASSO. **Les demoiselles d'Avignon**. 1907. Original de arte, óleo sobre tela, 243.9 cm × 233.7 cm. Disponível em: <<https://goo.gl/omFms6>>. Acesso em: 19 mar 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E IDENTITÁRIAS BRASILEIRAS NO MAXIXE “AS LARANJAS DA SABINA”

BRAZILIAN CULTURAL AND IDENTITY REPRESENTATIONS IN THE MAXIXE "AS
LARANJAS DA SABINA"

Débora Bender (Universidade Feevale)¹
Juracy Assmann Saraiva (Universidade Feevale)²

Resumo: A teoria das três raças, que surgiu na virada do século XIX para o século XX, foi uma tentativa de compreender e de explicar a cultura brasileira e deixou resquícios no imaginário nacional e estrangeiro, que se estende até os dias atuais. Ela pressupunha a miscigenação como reflexo da convivência harmônica de três etnias – a branca, a indígena e a negra – e como marca fundamental da identidade brasileira. Sob esse ângulo, pode-se considerar o maxixe como reflexo desse processo, uma vez que ele se configura na síncope de ritmos europeus e afro-brasileiros. Este trabalho investiga representações culturais e identitárias, presentes na letra do maxixe “As laranjas da Sabina”, que alcançou sucesso no Brasil no final do século XIX.

Palavras-chave: Maxixe. Representações culturais e identitárias. Teoria das três raças. “As laranjas da Sabina”.

Abstract: The theory of the three races, which emerged at the turn of the nineteenth century to the twentieth century, was an attempt to understand and explain the Brazilian culture and left traces in the national and foreign imagery until the present days. It presupposed the miscegenation as a reflection of the harmonious coexistence of three ethnicities – the white, the indigenous and the black – and as a fundamental mark of the Brazilian identity. From this point of view, one can consider the maxixe as a reflex of this process, since it is configured in the syncopation of European and Afro-Brazilian rhythms. This essay investigates the Brazilian cultural and identity representations present in the lyric of the maxixe "As laranjas da Sabina", which was successful in Brazil in the late nineteenth century.

Palavras-chave: Maxixe. Cultural and identity representations. Theory of the three races. “As laranjas da Sabina”.

INTRODUÇÃO

Compreender a formação de um povo é uma tarefa complexa, que exige análises minuciosas para que não se corra o risco de atribuir a uma nação representações unívocas, estendidas a todos os seus habitantes, que formam estereótipos. Para compreender alguns arquétipos referentes à identidade brasileira, é necessário recorrer ao mito das três raças, que tentou explicar, na virada do século XIX para o século XX, a composição do povo brasileiro e

¹ Doutoranda e mestre do PPG em Processos e Manifestações Culturais, da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Bolsista Capes. Professora da rede pública e privada. E-mail: deborabender@yahoo.com.br.

² Pós-Doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Professora e pesquisadora da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS), Coordenadora do PPG em Processos e Manifestações e bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: juracy@feevale.br.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

que deixou resquícios no imaginário nacional e estrangeiro a respeito do Brasil, que se estendem até os dias atuais.

De acordo com Ortiz (2006), essa teoria tornou-se plausível por meio do desenvolvimento dos grandes centros urbanos, em que surgiu a classe proletária, formada, em sua maioria por mestiços e negros libertos, que, ao trabalhar na indústria, adquiriu uma representatividade maior na vida social do Brasil.

Alguns anos antes do surgimento da “teoria das três raças”, nasceu o maxixe, que pode ser considerado, de acordo com os estudiosos da música, “o primeiro ritmo brasileiro”, justamente por ser fruto da síncope de cadências europeias e africanas, ou seja, decorrente das influências recíprocas de raças diferentes. Ele também pode ser considerado resultado da formação das cidades, em que as camadas mais populares começam a se integrar, de certa forma, à sociedade brasileira.

Sob esse ângulo, este trabalho investiga as representações culturais e identitárias brasileiras presentes na letra do maxixe “As laranjas da Sabina” que alcançou grande sucesso no Brasil no final do século XIX. A análise está calcada nos seguintes procedimentos metodológicos: exposição e discussão da influência do mito das três raças na formação da identidade nacional; breve relato do surgimento do maxixe; análise da letra do maxixe citado para verificar como ele se refere ao cenário cultural brasileiro da época em que foi lançado.

O “MITO DAS TRÊS RAÇAS” E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Várias foram as tentativas de compreender e conceber a complexa cultura brasileira, dilema que ainda persiste entre os estudiosos contemporâneos. As representações acerca do Brasil foram e continuam tão diversas quanto os estudos que se propõem a investigá-las.

A busca por uma identidade nacional brasileira surgiu, de maneira significativa, no século XIX, por meio de vários estudos sobre a nação, considerando que, nos primeiros três séculos após o descobrimento do Brasil, nosso país foi avaliado e “engendrado” pelos colonizadores europeus a partir concepções pré-estabelecidas sobre o Novo Mundo, que se restringiam à caracterização da natureza exuberante e dos curiosos e exóticos costumes indígenas, como o de andarem nus “sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas”, conforme o relato de Pero Vaz de Caminha, escrivão-mor da frota do capitão Pedro Álvares Cabral, responsável pelo “descobrimento” do Brasil.





Nos séculos seguintes, o Brasil foi projetado pelos europeus como colônia de Portugal, que absorvia práticas culturais europeias, consideradas superiores, buscando imitá-las³. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda (1995), o Brasil, obviamente, não ficou imune às manifestações dos seus colonizadores, visto que recebeu uma vasta herança dos portugueses, cujos traços impregnam cultura brasileira.

Também foram os portugueses os responsáveis por implantar o sistema escravagista, que, por muito tempo, sustentou a exploração latifundiária e a monocultura no Brasil. De acordo com Buarque de Holanda (1995), o uso da mão de obra escrava estava relacionado à pouca disposição para o trabalho por parte dos lusitanos, característica inerente de sua formação cultural: “uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p. 38).

Apesar de destinar ao negro um lugar inferior na sociedade, a “ausência de qualquer orgulho de raça” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p. 53) por parte dos portugueses, possibilitou a miscigenação no país, a qual deu origem ao povo brasileiro. O cruzamento de raças já era característico dos portugueses antes mesmo da sua chegada ao Brasil, uma vez que as grandes navegações já haviam levado outras etnias à metrópole portuguesa.

A fim de minimizar a injustiça social contra negros, índios e mulatos, a classe pensante usou um argumento de natureza biológica para encobrir esse problema. Roberto Damatta (1996) denomina essa concepção de “fábula das três raças”: o Brasil seria supostamente formado por um triângulo de raças, o que conduziria o país ao mito da democracia racial. Entretanto, o que estava implícito nessa narrativa era a sociedade hierarquizada, em que alguns indivíduos eram superiores aos outros. Por meio desse discurso, criou-se a falsa ideia de que, no Brasil, não havia preconceito racial. Esse preconceito racial velado leva o autor a usar o termo “racismo à brasileira”.

O mito da igualdade racial não era plausível, uma vez que “fatos concretos” o desmentiam, mostrando que o negro ocupa um lugar inferior na escala social da população brasileira: “o mito das três raças não consegue ainda se ritualizar, visto que as condições

³ De acordo com Sergio Buarque de Holanda (1995), os portugueses também incorporaram alguns hábitos indígenas que eles consideraram “dignos” de serem introduzidos na sua cultura, como o banho, o descanso na rede, a inclusão da farinha de mandioca na culinária, entre outros.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

materiais para a sua existência são puramente simbólicas. Ele é linguagem e, não, celebração”⁴ (ORTIZ, 2006, p. 39). No entanto, no início do século XX, o processo de urbanização e de industrialização favoreceu o surgimento de uma classe média, de um proletariado urbano, revelando significativas mudanças na sociedade brasileira.

Nesse contexto de mudanças, a teoria das três raças sofreu uma transformação: a mestiçagem, que antes era considerada a responsável pelo atraso no desenvolvimento brasileiro, passou a ser vista de forma positiva e se tornou indispensável para a compreensão da formação identitária brasileira, uma vez que “permite completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada” (ORTIZ, 2006, p. 41).

Ortiz (2006) destaca que Gilberto Freyre, em sua obra *Casa Grande Senzala*, publicada em 1933, aborda essa temática não mais em termos raciais, mas como aspecto cultural. Segundo o estudioso,

O mito das três raças torna-se então plausível e pode se atualizar como ritual. A ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaborada pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional (ORTIZ, 2006, p. 41).

Dessa forma, na virada do século XIX para o século XX, a temática da miscigenação passou a ser importante para a criação de uma identidade nacional para o Brasil e vigorou durante todo o século XX, sendo enfatizada e reforçada na década de 1920, pelo movimento modernista, que tentava inserir o Brasil no contexto das transformações mundiais e valorizar as manifestações autóctones da cultura brasileira, visto que, até então, ela era muito influenciada pela europeia.

Na música, o aspecto positivo da miscigenação pode ser observado no samba, que é considerado genuinamente brasileiro e pressupõe um momento de harmonização e celebração das etnias que compõem o nosso país⁵. Entretanto, o samba, tal qual é hoje conhecido, descende do maxixe, um ritmo que acompanhou a mudança de concepção relativa à mestiçagem brasileira, uma vez que ele próprio pode ser considerado resultado dela.

⁴ Segundo Ortiz (2006), exemplo da dificuldade de “concretização do mito das três raças” e da interpretação do brasileiro pode ser encontrado na obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, lançado em 1890, uma vez que não há efetivamente “uma mistura” das características europeias e “brasileiras” na composição das personagens e, sim, personagens que se transformam e mantêm os traços característicos de uma raça.

⁵ Embora o povo brasileiro seja reconhecido por meio desse ritmo e do rito do carnaval, essa celebração aparente harmônica encobre conflitos raciais muito sérios ainda presentes na nossa sociedade.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O MAXIXE COMO REFLEXO DA MISCIGENAÇÃO BRASILEIRA

Na década de 1870, após um período de predominância da música erudita e da dança de origem europeia⁶, surgiu o maxixe, evento que, segundo Tinhorão (2013), “marca o advento da primeira grande contribuição das camadas populares do Rio de Janeiro à música no Brasil” (TINHORÃO, 2013, p. 71). Esse gênero, como também o tango brasileiro e o choro, resultou de uma nacionalização que as danças importadas sofreram ao serem fundidas a formas de origem africana, as quais eram denominadas de “batuque” (SEVERIANO, 2008, p. 28): “o maxixe resultou do esforço dos músicos de choro em adaptar o ritmo das músicas à tendência aos volteios e requebros de corpo com que os mestiços, negros e brancos do povo teimavam em complicar os passos da dança de salão” (TINHORÃO, 2013, p. 71).

Além dessa adaptação dos ritmos europeus a características da cultura africana, o uso dos instrumentos também foi “abrasileirado”, uma vez que houve modificações na “técnica de execução do violão, do cavaquinho e do próprio piano”. Dessa modificação, resultaram, principalmente, três gêneros: o choro, o maxixe e o tango brasileiro, que têm como traço em comum “o ritmo binário e a utilização da síncope afro-brasileira, além da presença da polca na sua gênese” (SEVERIANO, 2008, p. 28).

O maxixe descende do choro carioca, sendo resultado da associação de um ritmo europeu com manifestações musicais das camadas mais baixas da população do Rio de Janeiro. A origem do maxixe está, pois, relacionada à “descida das polcas dos pianos dos salões para a música dos choros, à base de flauta, violão e oficlíde” (TINHORÃO, 2013, p. 74).

O aparecimento do maxixe ocorreu, portanto, para atender ao gosto das camadas mais populares, que requeriam um ritmo que combinasse com movimentos mais sensuais e livres. Esse gênero não ficou restrito à periferia carioca: as demais classes sociais conheceram a nova composição musical nos “bailes das sociedades carnavalescas e nos quadros de canto e dança do teatro de revista” (TINHORÃO, 2013, p. 78). Os clubes carnavalescos eram associações criadas por indivíduos do comércio com o intuito de promover eventos para dançarem e se divertirem. Eles surgiram em decorrência da “ampliação da vida urbana carioca”, o que compeliu o afrouxamento do “rígido esquema de vida patriarcal”, permitindo que os homens se divertissem “fora do âmbito familiar”. (TINHORÃO, 2013, p. 79).

⁶ De acordo com estudiosos da música, como José Ramos Tinhorão (2013) e Jairo Severiano (2008), o maxixe é a primeira manifestação musical que conta, efetivamente, com a colaboração do povo brasileiro.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Em função dos preconceitos vigentes da época, “as moças e mulheres de família”, não podiam frequentar esses clubes. Dessa maneira, “senhores respeitáveis do comércio” saíam à noite sob o pretexto de frequentar reuniões para tratar de carnaval e de política, fazendo-as terminarem “sempre em jantares, danças e bebedeiras com as amantes, francesas e mulheres livres em geral” (TINHORÃO, 2013, p. 79).

Ao tomar conhecimento de que, no bairro Cidade Nova, havia uma dança que permitia aos homens “empernar as mulheres com toda a liberdade”, os “respeitáveis senhores do comércio” passaram a frequentar esses animados bailes da periferia. O ritmo que embalava esses movimentos sensuais ficou conhecido como “maxixe”, um “estilo de dança livre e exótica”, o que interessou a “primeira geração de revistógrafos do teatro carioca, como número de atração e comicidade para o público de classe média” (TINHORÃO, 2013, p. 79).

O problema inicial foi que o maxixe estava tão intimamente ligado às suas origens negras e mestiças da Cidade Nova e ao seu cultivo suspeito por homens do comércio e mulheres de vida airada, nos clubes carnavalescos, que a simples enunciação do nome maxixe feria a sensibilidade feminina como um desrespeito (TINHORÃO, 2013, p. 80).

Portanto, o termo “maxixe” remetia a uma dança despudorada e a certo desrespeito em relação às mulheres, relacionando-se também com um fruto com o mesmo nome, que provinha de uma planta rasteira, muito comum no bairro Cidade Nova, local de antigos mangues. Assim como seu local de origem, o próprio nome da dança tinha uma conotação negativa, sendo a expressão também usada para se referir a coisas de última categoria. Essa dança fez muito sucesso até 1930, período em que foi sendo substituída pelo samba.

REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E IDENTITÁRIAS EM “AS LARANJAS DA SABINA”

Um dos primeiros e maiores sucessos do maxixe do final do século XIX foi “As laranjas da Sabina”, apresentada por Arthur Azevedo na revista musical *A República*. A peça destaca o caso da quitandeira Sabina, que ocorreu em 1889: alguns estudantes de Medicina organizaram uma passeata a favor de Sabina, que vendia suas frutas em frente ao prédio da faculdade. Ela fora proibida pelo subdelegado da Freguesia de São José de manter seu posto de venda, fato que causou indignação entre os estudantes⁷.

⁷SEIGEL, Micol; GOMES, Tiago de Melo. Sabina das Laranjas: gênero, raça e nação na trajetória de um símbolo popular, 1889-1930. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n° 43, pp. 171-193, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10916.pdf>>. Acesso em 30 dez. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Na época, a irreverência da manifestação chamou a atenção da sociedade carioca:

Rompia a marcha uma espécie de estandarte, tendo à lança, uma coroa feita com bananas, chuchus e outros legumes, pendendo da bandeira duas largas fitas, nas quais foram gravadas as seguintes inscrições, em uma: “Ao subdelegado do 1º distrito da freguesia de S. José oferece a Escola de Medicina”; e em outra: “Ao eliminador das laranjas” (SEIGEL; GOMES, 2002, p.172).

A letra da música faz referência explícita ao fato ocorrido, sendo transcrita abaixo:

As laranjas da Sabina⁸

Sou a Sabina, sou encontrada

todos os dias lá na calçada

lá na calçada da Academia

da Academia de Medicina

Um senhor subdelegado

moço muito rezingueiro

Ai, mandou, por dois soldados

retirar meu tabuleiro, ai...

Sem banana macaco se arranja

Mas não passa o Monarca sem canja

Mas estudante de Medicina

nunca pode

passar sem a laranja

a laranja

a laranja da Sabina.

Os rapazes arranjaram

uma grande passeata

Deste modo provaram

como gostam da mulata.

⁸ Disponível em: <http://espanca.com/real/2015/07/11/teatro-de-revista_cap2-as-laranjas-da-sabina/>. Acesso em: 01 jan. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Na primeira estrofe, a situação da quitandeira é apresentada: todos os dias, ela vai até a Faculdade de Medicina vender suas laranjas na calçada do prédio. Pelas condições em que se encontra e por meio do último verso da canção, que faz referência à mulata, pode-se compreender de que se trata de uma mestiça, que precisa conquistar freguesia para conseguir sobreviver. De acordo com Seigel e Gomes (2002), Sabina era descendente de escravos, possivelmente uma escrava liberta, que, com seu carisma e personalidade forte, alcançou a simpatia dos jovens estudantes.

Na segunda estrofe, observa-se uma forte oposição entre as condições sociais dos estudantes e da mulata Sabina: os jovens da elite, brancos, que têm acesso à instrução, restrita na época às classes dominantes, compram as frutas da pobre quitandeira, que precisa trabalhar arduamente para conseguir sobreviver.

Apesar de sugerir uma forte oposição social entre os jovens estudantes e a mulata, percebe-se que a letra insinua certa simpatia dos rapazes em relação à quitandeira, reforçando a ideia de harmonia entre as raças, fato que pode ser relacionado ao início do reconhecimento do negro e do mestiço como parte integrante do cenário cultural nacional, mencionado por Ortiz (2006).

Além de menções a marcas identitárias brasileiras, na música, há referência ao Monarca. Segundo Seigel e Gomes (2002), o Imperador costumava comer canja entre os intervalos dos espetáculos dramáticos. O texto ironiza esse aspecto, relacionando-o ao caráter republicano implícito que a manifestação tinha, apesar de não fazer uma crítica direta ao regime monárquico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a letra de “As laranjas da Sabina”, percebe-se que há referência à miscigenação brasileira, a qual pode ser avaliada por dois ângulos: por um lado, a mestiça é apoiada e defendida pelos estudantes, fato que demonstra a empatia de alguns membros da elite em relação à quitandeira, que foi considerada digna de ser representada por eles em um protesto. Por outro, o texto retrata o contraste da condição social do negro em relação ao à do branco: o primeiro, recém-liberto da escravidão, pouco acesso tem a privilégios e precisa elaborar estratégias de sobrevivência, sendo obrigado a trabalhar em condições precárias, constituindo-se, também, em mão de obra barata; ao segundo, são garantidos privilégios, como o acesso aos estudos e a melhores condições de vida.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Pode-se afirmar, portanto, que o maxixe em questão expõe a desigualdade social e a inviabilidade da concretização plena do mito da harmonia entre as três raças, embora reafirme o hibridismo da cultura. Em relação ao primeiro aspecto, destaca-se o próprio ritmo do maxixe que é considerado inadequado e indigno das classes sociais mais abastadas; a letra expõe, ainda que de forma implícita, a posição de subalternidade do negro na sociedade brasileira daquele período. Entretanto, ao assumir a defesa da mulata, os estudantes de medicina, provavelmente oriundos de famílias de cor branca e com boa situação financeira, presentificam a mescla cultural própria da sociedade brasileira, em que o preconceito também está presente.

REFERÊNCIAS

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Caminha**. Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

SEIGEL, Micol; GOMES, Tiago de Melo. Sabina das Laranjas: gênero, raça e nação na trajetória de um símbolo popular, 1889-1930. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 43, pp. 171-193, 2002. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10916.pdf>>. Acesso em 30 dez. 2017.

SEVERIANO, Jairo. **Uma história da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da música popular**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

_____. **Pequena história da música popular**. São Paulo: Editora 34, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

OS RETORNADOS, UM FENÔMENO MARCANTE NA HISTÓRIA DE PORTUGAL

THE RETURNED, A PHENOMENON MARCHING IN THE HISTORY OF PORTUGAL

Debora Gaspar Falkemback Oliboni (Universidade de Passo Fundo)¹

Maria Inês Varela Paim (Universidade de Passo Fundo)²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir questões complexas sobre os acontecimentos históricos que marcaram a trajetória política, econômica e cultural de Portugal, tendo como foco de análise o fenômeno dos *Retornados*, relacionado aos portugueses que retornaram da África em 1975. A pesquisa busca compreender como o sentimento da nostalgia repercutiu na vida dos portugueses e que até hoje algumas diferenças não foram superadas. O trabalho tem como corpus uma fotografia que mostra a imagem problemática deste momento com o intuito de compreender como um país de elevada autonomia em meados do século XVII se fragmentou e sofreu declínios em rápido percurso. Para tratar do tema, nesse contexto de pesquisa, será realizado um estudo bibliográfico (SANTOS, 2003; FRENCHETTI, 2001; JESUS, 2014) e qualitativo, de cunho exploratório. Procura-se entender o percurso vivido pelo país em seus aspectos gerais, mostrando a possibilidade de um vínculo solidário entre Portugal e os povos ibero-afro-americanos.

Palavras-chave: Portugal. Nostalgia. Retornados.

Abstract: This paper aims to discuss complex issues about the historical events that marked the political, economic and cultural trajectory of Portugal, focusing on the phenomenon of "Retornados", related to the Portuguese who returned from Africa in 1975. The research seeks to understand as the feeling of nostalgia reverberated in the life of the Portuguese and that even today some differences have not been overcome. The work has as corpus a photograph that shows the problematic image of this moment with the intention of understanding how a country of high autonomy in the middle of the seventeenth century fragmented and suffered declines in rapid trajectory. In order to deal with the theme, in this context of research, a bibliographic study (SANTOS, 2003; FRENCHETTI, 2001; JESUS, 2014) will be carried out and a qualitative, exploratory study. It seeks to understand the course of the country in its general aspects, showing the possibility of a solidarity bond between Portugal and the Ibero-African American peoples

Palavras-chave: Portugal. Nostalgia. Returned.

INTRODUÇÃO

País pequeno de imaginação grande, Portugal, ao longo do tempo, tem-se revelado resistente em meio aos problemas políticos e sociais que marcaram sua história. No século XVI, o país era uma nação soberana e obtinha inúmeras riquezas que vinham de suas colônias e com o passar do tempo, em meio aos conflitos por territórios e domínio de poder, esta realidade foi mudando levando esta nação ao declínio, perdendo importantes conquistas, o que ocasionou grande trauma econômico e social que até hoje é sentido por quem vive lá.

¹Mestranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Bolsista CAPES. E-mail: deborafalkembackoliboni@gmail.com

²Mestranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Bolsista CAPES. E-mail: inesvarela7@hotmail.com





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

O declínio dessa metrópole colonial se deu ao longo do tempo principalmente através de três notórias perdas: iniciando com a unificação com a Espanha no século XVII, que suprimiu sua autonomia cultural e política, seguida da emancipação do Brasil em 1822 e, posteriormente, a independência das colônias africanas em 1975. Diante deste contexto, o país é marcado por muitas lutas políticas baseadas em uma forma colonial violenta ainda não superada que permeia entre o centro e a periferia.

Mediante sua história, de avanços e regressos, há necessidade do país reconstruir sua identidade, de se reestabelecer política e culturalmente, principalmente, devido aos acontecimentos ocorridos na guerra colonial que durou aproximadamente quatorze anos.

Com a independência dos países africanos no ano de 1975, Portugal sofreu uma ruptura de valores políticos e humanitários que atingiu drasticamente grande parte das famílias portuguesas que residiam na África, pois um intenso fluxo de pessoas tiveram que regressar ao seu país de origem, ocasionando um fenômeno conhecido como *Retornados*.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é apontar e discutir questões sobre a história de Portugal, abrangendo o conceito da nostalgia muito presente na experiência do retorno vivenciada pelos portugueses que moravam na África.

O corpus de análise é uma fotografia que marca a descolonização portuguesa nos anos de 1974/75, em que milhares de famílias deixam as antigas colônias de forma trágica em busca de condições de vida incertas, marcadas por um profundo sentimentalismo de dor, desapego e saudade.

A pesquisa é qualitativa de cunho exploratório que levanta como marco teórico as contribuições de Santos (2003) sobre a o movimento colonialista e pós-colonialista; Frenchetti (2001) abordando considerações sobre o sentimento nostálgico; Jesus (2014) enfatizando a fotografia como marca da memória portuguesa acentuando a dimensão cultural memorável no processo identitário de Portugal.

2.0 O COLONIALISMO, PÓS- COLONIALISMO E O SENTIMENTO DA NOSTALGIA, QUESTÕES MARCANTES NA HISTÓRIA DE PORTUGAL.

Entende-se por colonialismo, a política de um país que exerce autoridade ou controle em um território ocupado por seus moradores, contra sua vontade, que normalmente são despossados de parte de bens e direitos políticos que detinham. De forma específica, Portugal foi o primeiro país da Europa a se unificar como Estado Nacional e por intermédio desta precoce





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

ligação, o país teve avanços em relações comerciais que impulsionaram seu desenvolvimento em busca de novos mercados.

Desse modo, ao passar por vários pontos do litoral africano através dos comerciantes, o país conquistou produtos, territórios e escravos e assim a sua economia foi mantida por meio da exploração da metrópole nas colônias. Porém, no século XIX, Portugal passou por ataques de outros países europeus na tentativa de sustentar suas colônias da Ásia e África antes conquistadas, e com isso, começou a fragmentar-se, sensibilizando sua hegemonia política através da perda desses territórios.

Neste contexto, trata-se “de um colonialismo subalterno, ele próprio colonizado e subordinado em sua condição semiperiférica no sistema mundial capitalista.” (SANTOS, 2003, p.24). Dentro deste domínio, ocupa uma posição intermediária entre o centro e a periferia da economia do mundo, não assumindo plenamente as características do Estado moderno devido aos danos e perdas sofridos pelo enfraquecimento de sua estrutura política e econômica.

Entretanto, o movimento pós-colonialista deve ser entendido visando duas concepções: a primeira “é a de um período histórico que sucede a independência das colônias; e a segunda, de um aglomerado de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial escrita pelo colonizador e que procuram substituí-la do ponto de vista do colonizado.” (SANTOS, 2003, p.26). Desse modo, a descolonização acarretou inúmeros conflitos de origem étnica, política e econômica, pois as diferenças sociais eram nítidas entre quem colonizou e quem era colonizado.

Segundo Santos (2003), a descolonização aponta para uma nova história pós-colonial dizendo que “trata-se de um pós-colonialismo desterritorializado, porque é dirigido contra uma engenharia de injustiça social, de dominação e de opressão que assentou até agora no local, global, interno/externo, nacional/transnacional”. (SANTOS, 2003, p. 51). Assim, o novo pós-colonialismo só faz sentido como luta por uma globalização contra hegemônica, como busca de novas alianças locais/globais entre os grupos sociais oprimidos pelos diferentes colonialismos.

Há uma nova proposta positiva do autor em estabelecer vinculações supranacionais entre os países mais explorados economicamente, que contemple as nações ibero-afro-americanas visando uma outra globalização, pautada pela solidariedade comunitária, um mundo sem fronteiras que dinamize a rede hegemônica, respeitando as experiências históricas de cada país, o que contribui de forma significativa para que os conflitos políticos étnicos raciais possam ser superados.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Neste contexto, os *Retornados* é a população que abrange principalmente os colonos de Angola e Moçambique, que foram obrigados a regressar ao país de origem (Portugal) devido à singularidade histórica e as lutas políticas desencadeadas pela independência das colônias africanas. Diante disso, foram submetidos a perdas econômicas e sociais, que ocasionou um sentimento de nostalgia, isto é, a dor do regresso, uma ilusão impossível do retorno.

A nostalgia remete a uma irreversibilidade do tempo, há uma resistência de caráter fortemente regressivo, pois as pessoas que retornam deixam tudo para trás, veem no passado o seu presente que não deve ser mudado, ocorrendo assim uma idealização do passado sem regresso. Como bem esclarece Frenchetti (2001): “a nostalgia que potencializa a sensação de deslocamento e o desejo do retorno. É em função da nostalgia que devemos observar o apego inesperado dos lugares é a percepção do afastamento”. (FRENCHETTI, 2001, p. 17).

Sendo assim, quem retorna sente saudades inexplicáveis do que deixou, o trabalho e a forma de vida estável, dentre outras coisas. O sujeito nostálgico alimenta uma ilusão de um passado possível de retorno, esse fenômeno é muito marcante na história de Portugal. A saudade também pode estar relacionada a objetos, “pressupõe uma capacidade de abstração ou sublimação mais elevada que é somente possível pelo intermédio de certas intuições nossas advindas daquilo que é fonte de saudade, tal como a perda ou a ausência”. (JESUS, 2014, p.50). Portanto, o sentimento da nostalgia traz a esperança de um retorno impossível, uma ilusão presente na memória dos portugueses.





4.0 MEMÓRIA COMO HERANÇA: FOTOGRAFIA E TESTEMUNHO DO RETORNO DE ÁFRICA



Fonte: <http://retornadosdafrica.blogspot.com.br/2010/04/descolonizacao-de-mocambique-estorias.html>

A fotografia remete os anos 1974/75, meses após a mudança de regime em Portugal, quando as lutas pelo poder entre os diferentes movimentos armados em Angola criam uma situação de colapso da ordem pública e de violência arbitrária pela independência das colônias africanas, obrigando as famílias portuguesas que lá residiam a voltarem à sua antiga metrópole de origem.

Chegaram em barcos e aviões num movimento que durou poucos meses. Ficaram conhecidos como os *Retornados*, essas pessoas eram deixadas em aeroportos, em situação deprimente, sem um destino a seguir. Na foto acima, é possível perceber pessoas com a fisionomia cansada, abalados física e emocionalmente, olhares tensos de um futuro incerto.

Observa-se ainda, que os olhares de adultos e crianças estão mergulhados em um desânimo, frente a uma infelicidade impossível de deter; há um recolhimento interior do corpo, os gestos das mãos exprimem tristeza; a posição em que se encontram, uns deitados, outros sentados é significativa, pois demonstram uma forma própria da melancolia, pois “não importa qual seja a obra de arte, a fotografia implica uma relação particular, quanto uma relação por sua possibilidade reprodutiva e infinita do real”. (JESUS, 2014, p.53)





Sendo assim, essa imagem revela uma população heterogênea, de diferentes classes, fenótipos, gêneros e idades, com ligações mais fortes à realidade portuguesa e com diferentes graus de participação no sistema colonial. Como bem comenta Santos (2003): “Muitas das características atribuídas aos portugueses tem semelhanças surpreendentes com aquelas conferidas ao negro africano e ao índio americano pelas narrativas colonialistas, inclusive as portuguesas.” (SANTOS, 2003, p. 34). Pode-se afirmar então, que existe um multiculturalismo presente na população portuguesa que reflete na cultura brasileira, africana e americana que precisa ser mais respeitada e integrada por cada nação.

Apesar da experiência traumática, uma memória representada pela fotografia traz um fragmento real e alimenta um complexo nostálgico, pois é feita de fontes históricas, testemunhos pessoais, identidades e experiências vividas, com ilusões, presente na memória. Como destaca Franchetti: “ter memória das experiências, é possuir ao mesmo tempo o desejo pela vida e a consciência do desfazimento gradual implícito em toda experiência sensível afetiva”. (FRANCHETTI, 2001, p. 16). É possível perceber que há um contraste entre o que é a memória do sofrimento pessoal e a afetividade com o reconhecimento histórico do sucesso global da integração dos retornados. A preocupação de cada um foi cultural e emocional, uma tristeza que alimenta até hoje a nostalgia, a ilusão do possível retorno.

Portanto, a imagem fotográfica vivencia uma história, é uma forma de ler o mundo e os acontecimentos, ela existe na memória e dela se faz uso sempre que a nostalgia opera, é significativa e através dela o homem traz lembranças, produz sentidos que só ele sabe valorizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho propôs tecer reflexões sobre os acontecimentos vividos por Portugal em sua história que até hoje causam consideráveis lembranças. Para os portugueses, o regresso a Portugal era nostálgico porque construía uma imagem de um passado já muito distante ou nem sequer vivenciado e por isso se tratava de um regresso imperfeito. Assim, o fenômeno dos *Retornados* de Portugal revela que passado e presente dialogam, a imagem-saudade alcança finalmente um resultado a partir do emprego do ato fotográfico: registrar um objeto, fixá-lo e perpetuar na lembrança.

Fica clara a proposta destacada por Santos (2003) da importância de estabelecer vínculos entre os países mais explorados economicamente com os que mantêm a hegemonia, promover ações que contemplem as nações ibero-afro-americanas visando uma outra globalização que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

seja pautada pela solidariedade comunitária, um mundo sem fronteiras que dinamize a rede hegemônica, isso aponta uma nova alternativa para que os conflitos políticos étnicos raciais possam ser superados.

Portanto, ao observar os aspectos do contexto histórico dos *Retornados*, identificados no cenário retratado pela fotografia, é possível perceber que, se havia um sentimento nostálgico pelo retorno à terra de origem, considerando-se a trajetória histórica e os motivos já relatados, para uma grande parte dos retornados, também prevalecia uma relação saudosista em relação às terras africanas, pois não se reconheciam como pertencentes a nenhum dos lugares, um duplo exílio que provocava um misto de sentimentos, tristeza e principalmente, incertezas sobre o futuro.

REFERÊNCIAS

FRENCHETTI, Paulo. **Nostalgia, exílio e melancolia**. Leituras de Camilo Pestanha. São Paulo. Ed Edusp, 2001.

https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2014-eixo1_4_a_imagem_saudade.pdf. Acesso em: 20 nov.2017

JESUS, Samuel José Gilbert. A imagem saudade: Iconografia fotográfica contemporânea de um sentimento ambíguo. CHAUD, E e SANT'ANNA, T. F. (Orgs.). **Anais** do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual Goiânia-GO: UFG, FAV, 2014. Disponível em:

SANTOS, Boaventura de Souza. Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade. **Revista Novos Estudos** CEBRAP. n.º66, pág. 23-52. Julho/ 2003

VECCHI, Roberto. **Práticas e políticas da nostalgia colonial**. Passo Fundo-RS, UPF, 04 a 06 out. 2017. Aulas ministradas na disciplina Seminários Especiais do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CITIZEN SCIENCE: TECNOLOGIAS DIGITAIS E ENGAJAMENTO POPULAR CONTRIBUINDO COM A CULTURA INVESTIGATIVA E A CIÊNCIA AMBIENTAL

CITIZEN SCIENCE: DIGITAL TECHNOLOGIES AND PEOPLE ENGAGEMENT
CONTRIBUTING TO THE RESEARCH CULTURE AND ENVIRONMENTAL SCIENCE

Débora Schuck Knauth (Universidade Feevale)¹
Yohana Marx (Universidade Feevale)²
Patrícia B. Scherer Bassani (Universidade Feevale)³

Resumo: Pessoas ao redor do mundo estão se engajando a projetos como voluntários, coletando dados e contribuindo para pesquisas científicas, um processo conhecido como *Citizen Science* (CS). Esta prática pode contribuir para a cultura investigativa no contexto social e educacional. Além disso, pode trazer avanços para a Ciência ambiental, pois proporciona a coleta de metadados utilizados em diversos projetos de biologia, ecologia, conservação, entre outros. Entretanto, esta abordagem ainda é pouco desenvolvida no Brasil. Dessa forma, este trabalho busca identificar as potencialidades e limitações do CS na área das Ciências ambientais, consistindo em uma pesquisa exploratória, de carácter qualitativo. Os resultados mostraram que as práticas de CS promovem grandes benefícios para a ciência e sociedade, e o seu aprimoramento, juntamente com o desenvolvimento das tecnologias digitais, faz desta uma importante metodologia a ser considerada em projetos científicos.

Palavras-chave: Cidadão cientista. Projetos científicos. Educação científica. Ciências biológicas.

Abstract: People around the world are joining to projects as volunteers, collecting data and contributing to scientific research, a process known as Citizen Science (CS). This practice can contribute to the research culture in social and educational contexts. In addition, it can bring advances to environmental science, as it provides the collection of metadata used in biology, ecology, conservation, and other projects. However, this approach is underdeveloped in Brazil. Thus, this work aims to identify the potentialities and limitations of CS in the area of environmental sciences, consisting of a qualitative and exploratory research. The results showed that CS practices foster great benefits for science and society, and its improvement, along with the development of digital technologies, make it an important methodology which can be considered in scientific projects.

Keywords: Citizen science. Scientific projects. Scientific education. Biological sciences.

INTRODUÇÃO

O papel da Ciência vai muito além das descobertas que ela proporciona. O desenvolvimento científico atinge todas as esferas da sociedade e contribui para que o cidadão tenha um pensamento crítico e reflexivo em relação aos problemas e questões que o rodeiam

¹ Mestra em Biologia, graduada em Ciências Biológicas pela UNISINOS. Participante de aperfeiçoamento científico no grupo de pesquisa Informática na Educação (Feevale). E-mail: deboraknauth@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Feevale; bolsista de iniciação científica CNPq/Feevale. E-mail: yohanamarx@outlook.com

³ Doutora em Informática na Educação (UFRGS), Professora titular do PPG Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. Professora orientadora. E-mail: patriciab@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

(CNPq, 2018). Nesse sentido, a cultura investigativa contribui para a formação da sociedade e para o desenvolvimento dos países que nela investem.

O desenvolvimento de capacidades investigativas é necessário para a mudança e progresso da sociedade (CHUNGA, 2010). A pesquisa é uma prática sistemática para o conhecimento de fatos e processos da natureza e da sociedade. Atualmente, cresce a tendência de descentralização da pesquisa (e.g. em universidades), fomentando-a também entre as bases educacionais e a sociedade (CHUNGA, 2010). Assim, a cultura investigativa mostra-se importante no contexto educativo e social.

A cultura investigativa pode ser fomentada por meio da cultura da participação. O conceito de cultura da participação, proposto por Shirky (2011), descreve como os indivíduos podem se envolver em atividades colaborativas a partir de novas mídias, gerando contribuições e grandes avanços por meio de tecnologias. A Cultura da Participação explora as mudanças na forma como as pessoas colaboram, sendo estimuladas pelas tecnologias (SHIRKY, 2011). O potencial de interação e comunicação proporcionado pelas tecnologias digitais possibilitaram uma mudança no perfil dos sujeitos: de consumidores de conteúdo, os sujeitos podem agora contribuir e criar esses conteúdos. Segundo Shirky (2011), a partir destas colaborações é possível gerar uma fonte inesgotável de recursos para melhorar o mundo.

O conceito de *Citizen Science* (CS) articula o interesse na cultura investigativa e a possibilidade de envolvimento dos indivíduos no processo de pesquisa a partir do uso de tecnologias digitais, na perspectiva da Cultura da Participação. Definido em 1990, por colaboradores, nos Estados Unidos e Reino Unido, CS é uma ciência baseada na participação voluntária de cidadãos que dispõem de seu tempo e recursos tecnológicos para auxiliarem em diferentes etapas de pesquisas científicas (IRWIN, 1995). A motivação para isto vem da intenção da ciência responder às preocupações e necessidades dos cidadãos e os próprios cidadãos produzirem e participarem da construção do conhecimento científico (CAVALIER; KENNEDY, 2016).

É possível encontrar projetos de CS em áreas como Artes, História, Linguagem, Literatura, Medicina, Biologia, Clima, entre outras. Contudo, pesquisas indicam que o maior impacto da CS está vinculado às pesquisas em biologia, conservação e ecologia, onde as metodologias de coleta e classificação de dados geram uma grande contribuição para a ciência (KULLENBERG; KASPEROWSKI, 2016).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O Brasil é o país com maior biodiversidade do mundo (MMA, 2018). Devido à grande extensão de território e diferentes biomas, a integração do monitoramento voluntário dos recursos naturais e biodiversidade pode ser um meio econômico e efetivo para gestão ambiental e conservação biológica (CUNHA et al., 2017). Entretanto, a utilização da CS no Brasil é pouco explorada, sendo raros os projetos que utilizam esta metodologia (CUNHA et al., 2017). Muito provavelmente, um dos fatores que contribui para isto é a falta de conhecimento nesta prática. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o conceito de *Citizen Science* e identificar as potencialidades e limitações desta prática colaborativa em projetos ligados à área das Ciências ambientais. Este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória, de carácter qualitativo, no qual utilizou-se a metodologia de revisão narrativa (ROTHER, 2007). Esta metodologia consiste na análise de bibliografias publicadas, selecionadas conforme o interesse e objetivo do trabalho.

O QUE É CITIZEN SCIENCE?

Os termos “ciência cidadã”, ou “cientistas cidadãos” foram publicados no *Oxford English Dictionary* em 2014, como o trabalho científico realizado por membros do público em geral, em colaboração com, ou sob direção de cientistas profissionais e instituições científicas (OXFORD ENGLISH DICTIONARY, 2014). Apesar da popularização recente deste conceito, ele não é novo, pois historicamente pesquisadores renomados contavam com o auxílio de colaboradores não cientistas em suas descobertas (SILVERTOWN, 2009). A novidade agora é a utilização das práticas de CS associadas a recursos tecnológicos, possibilitando a rápida coleta, análise e disseminação dos dados em questão (SILVERTOWN, 2009; PREECE, 2017). A tecnologia é um dos principais impulsionadores da recente explosão da atividade em CS (SILVERTOWN, 2009). Atualmente, existem cerca de 2,5 bilhões *smartphones* no mundo, com rápido e constante aumento deste número, possibilitando o engajamento de cidadãos por meio de *apps* e *websites*. Fotos, vídeos, áudios, comentários, juntamente com metadados (i.e. hora, data, local), possibilitam uma ampla gama de informações que podem ser utilizadas em projetos científicos (PREECE, 2017).

A Unidade de Ciências Digitais da Comissão Europeia incluiu uma definição para CS, na criação de um documento chamado “Livro Verde sobre Ciência dos Cidadãos para a Europa”. O Livro Verde visa fomentar a interação entre as partes interessadas em CS e os responsáveis políticos da União Europeia. Neste documento CS é definido como:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

o engajamento do público em geral em atividades de pesquisa científica, quando os cidadãos contribuem ativamente para a ciência, seja com seu esforço intelectual ou com o conhecimento que os cerca ou com suas ferramentas e recursos. Os participantes fornecem dados experimentais e facilidades para pesquisadores, levantam novas questões e co-criam uma nova cultura científica. Ao agregar valor, os voluntários adquirem novas habilidades e aprendizagens e uma compreensão mais profunda do trabalho científico de maneira atraente. Como resultado desse cenário aberto, em rede e transdisciplinar, as interações ciência-sociedade-política são melhoradas, levando a uma pesquisa mais democrática baseada na tomada de decisão baseada em evidências (GREEN PAPER ON CITIZEN SCIENCE, 2014).

Devido a transdisciplinaridade associada a CS e as inovações tecnológicas que proporcionam uma gama de possibilidades nesta prática, torna-se crescente o interesse em vincular projetos científicos ao trabalho de CS. Em 2016, uma nova revista de divulgação foi criada pela *Citizen Science Association*, chamada *Citizen Science: Theory and Practice* (CS: T & P). Esta criação demonstra o interesse científico e político em analisar, criticar e compartilhar a prática e resultados de diversos esforços da CS (BONNEY et al., 2016). Contudo, existem grandes vantagens relacionadas a CS, mas também algumas limitações.

VANTAGENS DAS ABORDAGENS DE *CITIZEN SCIENCE*

Em 2016, um trabalho intitulado “*Assessing data quality in Citizen Science*” foi publicado, e demonstrou que os projetos ecológicos e ambientais de CS têm grande potencial para contribuir com o conhecimento científico, influenciar políticas e orientar o gerenciamento de recursos, produzindo conjuntos de dados que, de outra forma, seriam inviáveis de gerar (KOSMALA et al., 2016). Para uma qualidade de dados coletados, se faz necessário um conjunto de métodos para aumentar a precisão, treinamento e teste de voluntários, validação de especialistas, replicação de dados entre voluntários e modelagem estatística de erro sistemático (KOSMALA et al., 2016).

A coleta e mapeamento de dados biológicos é uma prática comum dentro das abordagens de CS. Voluntários registram espécies em diversas localidades, conforme o objetivo proposto nos projetos a eles vinculados. Estes registros são realizados com *smartphones* ou *tables*, em *apps*, ou registrados e posteriormente enviados aos websites dos projetos. A facilidade em coletar dados, disponibiliza-los a pesquisadores, e dessa forma contribuir para a Ciência ambiental é uma das vantagens da CS.

Outra vantagem é a o valor econômico associado ao CS. Bonney et al. (2016) analisaram o valor econômico do trabalho dos voluntários e concluíram que, nos projetos avaliados, este pode chegar a uma economia de mais de U\$ 200.000 por projeto. A prática em CS pode ser





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

realizada por indivíduos, equipes ou redes de voluntários, e independente da modalidade geram economia da etapa de coleta de dados. Esta prática permite que os cientistas realizem tarefas que seriam muito caras ou demoradas para serem realizadas por outras metodologias (SILVERTOWN, 2009).

Citizen Science tem se mostrado uma ferramenta poderosa para fornecer aos participantes as habilidades necessárias para se destacar em ciência, tecnologia, e engenharia (OFFICE OF SCIENCE AND TECHNOLOGY POLICY, 2015). Os voluntários ganham experiência científica, promovendo a cultura investigativa (SILVERTOWN, 2009). Esta prática é também muito propícia para utilização em sala de aula, onde estudantes podem vivenciar etapas dos projetos científicos e desenvolver a criatividade investigativa, levando o aprendizado para fora da sala de aula (SILVERTOWN, 2009). A incorporação desta prática no currículo escolar pode fornecer um meio para resolver as deficiências nas competências dos estudantes (SHAH et al., 2015). Assim, a CS pode contribuir no contexto de pesquisa, educação e sensibilização de estudantes ou cidadãos.

Conforme Preece (2017), pesquisas indicam que os voluntários participam dos projetos que utilizam CS pelo seu entusiasmo e interesse pessoal na natureza. Eles querem aprender mais e contribuir para o conhecimento local, regional ou internacional através dos projetos. As razões dos voluntários que participam a longo prazo são diferentes dos que se juntam a proposta inicialmente. Um senso de comunidade, junto com interação e *feedback* dos cientistas está entre as grandes motivações para continuar envolvido em um projeto (PREECE, 2017).

Tirar e compartilhar fotos se tornou um interesse comum entre muitas pessoas. Com o melhoramento das câmeras digitais em *smartphones*, esta prática conta com crescentes adeptos. A possibilidade de ter uma foto divulgada em um *site*, revista ou catálogo renomado parece ser uma grande motivação entre os participantes (PREECE, 2017). Um exemplo é a prática de *birdwatching*, na qual amadores de aves disponibilizam seu tempo livre observando e registrando espécies. Os *apps* Ebird.org e Merlin, desenvolvidos pelo Laboratório de Ornitologia de Cornell, são muito utilizados por observadores de aves. O Ebird suporta hoje milhares de voluntários, entre eles especialistas renomados, amantes de aves de alto nível e iniciantes (PREECE, 2017). Somente no ano de 2015, mais de 9,5 milhões de observações foram registradas e compartilhadas ao redor do mundo (PREECE, 2017). Como resultado, análise de dados sofisticados e ferramentas de visualização possibilitam a compreensão das migrações e outros padrões de interesse em aves (PREECE, 2017). Além destes, existem





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

diversos outros projetos de sucesso utilizando metodologias de *Citizen Science* (SILVERTOWN, 2009; BONNEY et al., 2016; PREECE, 2017).

LIMITAÇÕES DA PRÁTICA DE *CITIZEN SCIENCE*

Apesar da riqueza de informações geradas, a CS desperta ceticismo entre os cientistas profissionais. O motivo para isso pode ser devido a CS ainda não ser considerada uma abordagem da corrente principal da ciência (RIESCH; POTTER, 2014; THEOBALD et al., 2015). Alguns profissionais acreditam que os voluntários podem não estar comprometidos com a pesquisa ou podem ser pouco qualificados para desempenhar determinado trabalho. Cientistas questionam a ética da parceria com voluntários, ressaltando que os projetos devem contar com diretrizes para o envolvimento dos cidadãos na pesquisa e devem fornecer educação e treinamento aos voluntários leigos sobre a condução responsável da pesquisa (RESNIK et al., 2015). Além disso, questionam os motivos e ambições dos voluntários ao engajarem-se em projetos (SHOW, 2015) e sua capacidade de fornecer dados de qualidade (ALABRI e HUNTER, 2010). Nesse sentido, Alabri e Hunter (2010) descrevem uma estrutura tecnológica que combina melhorias de qualidade de dados e métricas de confiança para aumentar a confiabilidade dos dados científicos dos voluntários. Preece (2017) reforça que ter voluntários de longo prazo, ou que retornam a projetos, geralmente torna a coleta de dados mais eficiente e de qualidade.

CONCLUSÃO

Trabalhos que analisam as abordagens de CS são recentes, mas a grande maioria traz o potencial de contribuição desta prática para questões ambientais, sociais e educacionais. São diversos os projetos de sucesso relacionados ao meio ambiente, ecologia e conservação de espécies. Com as mídias digitais, e o fácil compartilhamento de conteúdo pela internet, fica evidente a tendência de crescimento de CS em projetos e parcerias com cientistas. Nessa perspectiva, práticas de CS constituem um espaço relevante para a cultura da participação proposta por Shirky (2011), uma vez que articulam o engajamento dos indivíduos em práticas de pesquisa e a disponibilidade de tecnologias digitais de compartilhamento.

Neste trabalho foram citadas diversas vantagens relacionadas a CS. Entretanto, existe uma preocupação em relação a qualidade dos dados coletados e o engajamento de voluntários. Para isso, autores sugerem possíveis soluções para estas limitações na prática de CS. Por fim,





conclui-se que as práticas de *Citizen Science* promovem grandes benefícios para a ciência e sociedade, e que o seu aprimoramento, juntamente com o desenvolvimento das tecnologias digitais, faz desta uma importante metodologia a ser considerada em projetos científicos.

REFERÊNCIAS

ALABRI, A.; HUNTER J. Enhancing the quality and trust of citizen science data. In: **IEEE Sixth International Conference on e-Science**. Brisbane, Australia, p. 7–10, 2010.

BONNEY, R.; COOPER, C.; BALLARD, H. The Theory and Practice of Citizen Science: launching a new journal. **Citizen Science: Theory and Practice**, v. 1, n. 1, p. 1, 2016. doi : 10.5334/cstp.65

BONNEY, R.; PHILLIPS, T. B.; BALLARD, H. L.; ENCK, J. W. Can citizen science enhance public understanding of science?. **Public Understanding of Science**, v. 25, n. 1, p. 2–16, 2016. doi: 10.1177/0963662515607406.

CAVALIER, D.; KENNEDY, E. The Rightful Place of Science: Citizen Science. Tempe, AZ: **Consortium for Science, Policy & Outcomes**, p. 54, 2016. ISBN: 9780692694831.

CHUNGA, C. S. Guia para desenvolver cultura investigativa en educación básica. **Instituto de pedagogia popular - IPP**, Lima, 124 p., 2010.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. **Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações**. Disponível em: <http://cnpq.br/>, Acessado em: abril de 2018.

CUNHA, D. G. F.; MARQUES, J. F.; RESENDE, J. C.; FALCO, P. B.; SOUZA, C. M.; LOISELLE, S.A. Citizen science participation in research in the environmental sciences: key factors related to projects' success and longevity. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, n. 89(3 Suppl.), p. 2229-2245, 2017.

GREEN PAPER ON CITIZEN SCIENCE FOR EUROPE: Towards a society of empowered citizens and enhanced research. **European Commission**, 2014. Disponível em: <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/news/green-paper-citizen-science-europe-towards-society-empowered-citizens-and-enhanced-research>. Acessado em: abril de 2018.

IRWIN, A. Citizen Science: A study of people. **Expertise and Sustainable Development**, 1995.

KOSMALA, M.; WIGGINS, A.; SWANSON, A.; SIMMONS, B. Assessing data quality in citizen science. **Frontiers in Ecology and the Environment**, v.14, p. 551-560, 2016. doi: 10.1002/fee.1436.

KULLENBERG, C.; KASPEROWSKI, D. What Is Citizen Science? – A Scientometric Meta-Analysis. **PLoS ONE**, v. 11, 2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LEMOS, A. Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: **Sulina**, 2007.

MMA. Biodiversidade. **Ministério do Meio Ambiente**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biodiversidade>. Acessado em: abril de 2018.

OFFICE OF SCIENCE AND TECHNOLOGY POLICY. Fact Sheet: Empowering Students and Others through Citizen Science and Crowdsourcing . **The white house**, 2015. Disponível em: https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/microsites/ostp/citizen_science_backgrounder_03-23-15.pdf Acessado em: abril de 2018.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. New words list June 2014. **University Press**, 2014.

PREECE, J. How two billion smartphone users can save species. **Interactions Magazine**, v. 24, n. 2, p. 27-33, 2017.

RESNIK, D. B.; ELLIOTT, K. C.; MILLER, A. K. A framework for addressing ethical issues in citizen science. **Environmental Science and Policy**, v. 54, p. 475–481, 2015.

RIESCH, H.; POTTER, C. Citizen Science as seen by scientists: methodological, epistemological and ethical dimensions. *Public Understanding of Science* (Bristol, England). **Science**, v. 23, p. 107–120, 2014. doi 10.1177/0963662513497324

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.** v. 20, n. 2. ISSN 0103-2100, 2007.

SHAH, H. R.; MARTINEZ, L. R. Current Approaches in Implementing Citizen Science in the Classroom. **Microbiology & Biology Education**, v. 17, n. 1, p. 17–22, 2015. doi: 10.1128/jmbe.v17i1.1032.

SHIRKY, Clay. A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2011.

SHOW, H. Rise of the citizen scientist. **Nature**, v. 524, p. 265, 2015.

SILVERTOWN, J. A new dawn for citizen science. **Trends in Ecology and Evolution**, v. 24, n. 9, p. 467–471, 2009. doi:10.1016/j.tree.2009.03.017

THEOBALD, E.J.; ETTINGER, A.K.; BURGESS, H.K. Global change and local solutions: tapping the unrealized potential of citizen science for biodiversity research. **Biology and Conservation**, v. 181, p. 236–244, 2015.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ENTRE O ERUDITO E O POPULAR: UMA ANÁLISE DA *SERESTA N°*

5 – *MODINHA*, DE VILLA-LOBOS

ENTRE EL ERUDITO Y EL POPULAR: UNA ANÁLISIS DE LA *SERESTA N° 5* –

MODINHA, DE VILLA-LOBOS

Denise Blanco Sant'Anna (Universidade Feevale)¹

Éderson Cabral (Universidade Feevale)²

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão acerca das representações culturais de um objeto sonoro: uma canção composta na primeira metade do século XX, a *Seresta n° 5 - Modinha*, que integra o ciclo de 14 canções de Villa-Lobos. Apresenta-se, neste estudo, uma análise sob o ângulo da cultura, considerando esta manifestação na sua expressão original erudita e na expressão modificada para o popular. Para isso, o aporte teórico que fundamenta nossa discussão traz autores como Carmo Junior e Bruno Kiefer, que embasam o mapeamento histórico e técnico das diferentes expressões, e autores do campo da cultura, como o teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, o antropólogo Roque de Barros Laraia e o linguista Patrick Charaudeau. Portanto, como resultado, percebe-se que a *Modinha*, tanto na concepção erudita quanto na popular, revela um jogo de deslocamentos, nos quais se alteram não somente condições de produção, mas também as possibilidades de interpretação.

Palavras-chave: Heitor Villa-Lobos. Ney Matogrosso. Música erudita. Música popular.

Resumen: Este trabajo propone una reflexión acerca de las representaciones culturales de un objeto sonoro: una canción compuesta en la primera mitad del siglo XX, la *Seresta n° 5 - Modinha*, que integra el ciclo de 14 canciones de Villa-Lobos. Se presenta, en este estudio, un análisis bajo el ángulo de la cultura, considerando esta manifestación en su expresión original erudita y en la expresión modificada para el popular. Para ello, el aporte teórico que fundamenta nuestra discusión trae autores como Carmo Junior y Bruno Kiefer, que basan el levantamiento histórico y técnico de las diferentes expresiones, y autores del campo de la cultura, como el teórico cultural y sociólogo Stuart Hall, el antropólogo Roque de Barros Laraia y el lingüista Patrick Charaudeau. Por lo tanto, como resultado, se percibe que la *Modinha*, tanto en la concepción erudita como en la popular, revela un juego de desplazamientos, en los que se alteran no sólo condiciones de producción, sino también las posibilidades de interpretación.

Palabras clave: Heitor Villa-Lobos. Ney Matogrosso. Música erudita. Música popular.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma reflexão acerca das representações culturais de um objeto sonoro: uma canção composta na primeira metade do século XX, a *Seresta n° 5 - Modinha*, que integra o ciclo de 14 canções de Villa-Lobos. Apresentaremos uma análise sob o ângulo da cultura, considerando esta manifestação na sua expressão original erudita e na expressão modificada para o popular. Na composição em questão, que apresenta recursos formais

¹ Doutoranda no Programa Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Professora na Universidade Feevale. E-mail: denise@feevale.br

² Doutorando no Programa Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Professor na rede municipal de Campo Bom e IENH (Novo Hamburgo/RS). E-mail: edercabral@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

modificados, revela-se um novo objeto cultural, o qual instiga-nos a buscar respostas aos seguintes questionamentos: Qual a relação das características de cada representação com o contexto de origem? Quais os aspectos que identificam cada expressão, erudita e popular? Quem são os receptores? O que de fato se modifica e o que permanece na transformação da canção original para a popular? Como as duas expressões se apresentam como unidades de significação? A fim de desenvolver estas questões, o aporte teórico que fundamenta nossa discussão traz autores como Carmo Junior e Bruno Kiefer, que embasam o mapeamento histórico e técnico das diferentes expressões, e autores do campo da cultura, como o teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, o antropólogo Roque de Barros Laraia e o linguista Patrick Charaudeau.

DESENVOLVIMENTO

O termo *modinha* foi assim expresso, no diminutivo, para que fosse diferenciado da “moda” portuguesa, canção tradicional e sentimental em destaque nessa sociedade nos séculos XVIII e XIX. O gênero nasceu em Portugal como canção popular no meio rural, chamada inicialmente de moda portuguesa e chegou aos meios urbanos no século XVII, como consequência das migrações (MORAES; SALIBA, 2010). A moda portuguesa apareceu no Brasil no início do século XVIII, com o processo migratório da colônia portuguesa em localidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo Moraes; Saliba (2015), neste período, a moda portuguesa criou vínculo com as camadas mais populares, e, nesse cenário, acabou incorporando o *lundu*, que era praticado pelos negros escravos. Esta fusão, marcada pelas características da sensualidade e languidez do negro, transformou a moda portuguesa em *modinha* brasileira.

Posteriormente, o músico e compositor brasileiro Domingos Caldas Barbosa, mulato filho de pai português e mãe angolana, levou o gênero com nova roupagem para Portugal. Podemos considerar uma nova expressão musical, marcada pelo hibridismo resultante da fusão da moda portuguesa com o popular sonoro brasileiro do século XVIII. Em Portugal, esse gênero aproximou-se das áreas portuguesas eruditas e foi influenciado pela música operística italiana e se inseriu na corte da sociedade portuguesa setecentista. Retornou ao Brasil com D. João VI (1808) com atributos de canção camerística, e se revelou como nosso melhor meio de expressão poético-musical de temática amorosa. É este novo hibridismo sonoro, que se afirmou no cenário





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

musical erudito brasileiro, representativo da música de câmara, que conhecemos hoje por *Modinha brasileira*.

Neste contexto, destaca-se Heitor Villa-Lobos, compositor da canção analisada neste trabalho, e responsável pela criação de uma linguagem musical brasileira peculiar, que marcou a primeira metade do século XX. Considerado um dos maiores compositores brasileiros, iniciou sua formação musical no campo da música erudita, foi influenciado pela nova música do século XX, com forte presença da música erudita francesa, mas também, pelas sonoridades da música popular e folclórica que reverberavam no Rio de Janeiro. Seu espírito nacionalista era muito forte e sua paixão pela música folclórica brasileira permeou todo o seu trabalho, e é na mistura do erudito com o popular, que suas composições apresentam uma peculiaridade, um hibridismo musical intenso de novidades.

O compositor viveu em Paris, entre 1923 e 1930, aproximando-se da elite europeia que recebeu sua produção com curiosidade, polêmica e entusiasmo. Neste período, ele apresenta 12 das 14 Serestas, para voz e piano (1926) e entre elas, a *Seresta nº 5 - Modinha*.

A versão erudita de uma composição, ou seja, sua apresentação como canto lírico, está centrada na técnica interpretativa da ópera, a qual se originou no final do séc. XVII. A técnica do bel canto foi criada com o objetivo de potencializar a voz cantada, na execução da obra, uma vez que a voz do cantor deveria preencher o teatro, alcançar a plateia, deixando sobressair o texto e a melodia, mesmo cantando junto com a orquestra. O virtuosismo vocal estava relacionado à execução de frases melódicas e exigia do cantor uma técnica que possibilitasse sua execução em relação à altura e à duração de notas e frases, bem como a manutenção da afinação e a articulação textual. Portanto, a escolha de um idioma era definida para facilitar a execução musical em função das regiões muito agudas e distantes da fala.

Na execução das canções de câmara, o cantor busca a fidelidade à intenção original do compositor, respeitando todas as indicações da partitura, como tonalidade, melodia, ornamentos, dinâmica, etc. Neste sentido, o cantor está limitado às normas estabelecidas, pois tem sua margem de atuação restrita e não pode escapar das diretrizes definidas pela composição, uma vez que há pouca margem para o improviso.

Na versão popular, o microfone permite uma emissão vocal cantada que possibilita o equilíbrio entre a melodia e a poesia. A amplificação da voz com auxílio tecnológico permite uma plasticidade vocal que valoriza o texto e possibilita a inserção de ruídos, modificações vocais que compõem a interpretação textual e melódica. A técnica vocal está a serviço de uma





interpretação músico-vocal-textual. Nessa esfera, para cantar não se faz necessário uma técnica específica, e as formas de interpretação são muito variadas. A técnica vocal está a serviço da interpretação do cantor, da sua intensão, da sua forma de expressar aquela canção. A técnica vocal (a aerodinâmica da produção vocal) existe, mas a relação do cantor está muito mais em uma relação psicoacústica (a voz que ele escuta e a voz que ele quer produzir) do que em uma preocupação com a técnica corporal. O que é possível observar nas execuções de canções populares é a diversidade na forma de interpretação, liberdade na forma de se expressar e espaço para releituras. A mesma música, ao ser interpretada por cantores diferentes, gera sempre a expectativa de trazer novidades na forma de interpretação. Portanto, na música popular existe a possibilidade de uma margem de interferência, de improvisação na interpretação da música, uma vez que o cantor pode criar variações rítmicas e melódicas.

No âmbito popular, é fundamental a inteligibilidade do texto, bem como a exploração rítmica e sonora de cada palavra, o que a faz materializada na voz. Segundo Carmo Junior (2005, p. 118), o cantor popular é “[...] um enunciador sincrético por excelência. Ele flexibiliza a oposição entre música e verbo, entre melos e logos.” Considerando que, nas versões eruditas das canções, há um jogo em que a palavra pode se esconder atrás da melodia e vice-versa. Na canção popular, o cantor tem a possibilidade de “[...] driblar esse jogo de figura-fundo, trazendo para o centro da cena o cantar da palavra e o dizer da linha melódica” (Carmo Junior, 2005, p. 118).

A versão erudita, *Seresta nº 5 - Modinha*, de Heitor Villa-Lobos, tem letra de Manduca Piá, pseudônimo de Manuel Bandeira e foi interpretada por Maria Lucia Godoy; sua versão popular foi interpretada por Ney Matogrosso .

A escolha da *Modinha Seresta nº 5* deve-se ao fato de os versos, de Manuel Bandeira, terem sido criados especialmente para a linha melódica, o que não era comum nas composições da época. Considerando a técnica do bel canto, esta canção apresenta-se na forma erudita com maior simplicidade de efeitos vocais, possibilitando uma apresentação melhor do texto, mesmo dentro dos limites característicos da técnica. Já na interpretação popular de Ney Matogrosso, revela-se uma significativa variante na representação da canção, pois há um destaque tanto para a melodia, quanto para o texto e, neste sentido, a execução do popular se contrapõe ao canto lírico, no qual o cantor canta ou fala e não há a possibilidade de destaque simultâneo do texto e da melodia.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Essas duas versões da *Seresta n° 5* revelam a dinâmica da cultura, que é inevitável. Mesmo com uma tradição identificável, há sempre transformação, dinamismo e hibridismo, pois não se pode controlar a cultura por mais que haja classificações. Essas versões mostram que convivemos com diversas expressões culturais, dentro de um mesmo sistema.

Considerando a representação, segundo Hall (1997), podemos destacar os aspectos que se apresentam na versão erudita como uma forma de representação reflexiva, em que a linguagem é o espelho do mundo e que predomina o objeto, que, no caso da música erudita, relaciona-se à forma de interpretação e à técnica do bel canto, a qual marca fortemente a manifestação cultural de um determinado período, um contexto musical específico. Também entram fortemente em jogo nestas representações, os signos visuais, revelados pela postura, vestimentas e gestos do cantor da música de câmara. Ainda, no enfoque erudito, na perspectiva do compositor e interprete como criadores, podemos considerar uma forma de representação relacionada ao enfoque intencional, pois na execução de uma composição ou em cada interpretação, há uma intenção própria, que impõe um sentido único (HALL, 1997).

Na versão popular, analisando a interpretação do cantor, podemos nos aproximar da representação expressiva e intencional e da representação construtivista na relevância dada ao texto/poesia, palavra que comunica – na qual o intérprete busca, em sua performance, elementos de dimensão material que imprimem sentidos e significados nas palavras cantadas. São elementos sonoros e visuais que compõem as interpretações das canções na música popular.

As duas versões, popular e erudita, representam momentos culturais diferentes, caracterizadas por signos construídos e (re)produzidos que criam sentido diante do que se pode identificar como código reconhecível culturalmente.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 1986, p.68)

A música é uma manifestação cultural, uma manifestação artística, uma linguagem, uma expressão e traz uma herança cultural. No âmbito dessa expressão, há o erudito e o popular, os quais circulam na sociedade, mas em círculos sociais diferentes, com diferentes receptores, consumidores e público, e, além disso, ressoam em diferentes espaços. Diante dessa diferença, poderíamos conduzir essas expressões dentro de uma dicotomia, que está justamente na forma de representação, que sempre caracterizou cada estilo. A presença de regras rígidas do canto erudito na formação do músico acadêmico e a existência de uma liberdade composicional na





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

música popular, que surgiu e se disseminou fora da academia. Mesmo diante das manifestações híbridas entre o erudito e o popular, estas duas formas de representação continuam cultivando espaços específicos de produção musical.

A cultura é incontrolável, incontornável e com manifestações híbridas e multifacetadas, faz com que a participação dos sujeitos seja sempre limitada; outro aspecto a destacar, pois nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura (LARAIA, 1986). A Modinha, na versão erudita, nasceu em berço acadêmico. Sua estrutura composicional se caracteriza pelos elementos presentes no campo da música erudita, que, neste caso, é uma composição para a música de câmara, canto e piano. Esse estilo de performance musical, desde a época em que foi produzida, circula no meio acadêmico e em salas de concerto, frequentados por um grupo minoritário da sociedade. Estudantes de música, apreciadores e demais pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer e contemplar esse estilo são os que participam dessa forma de expressão. Na primeira metade do século XX, em que a canção foi composta, a presença nos teatros e espaços de concerto era destinada à elite; àquelas famílias em que as filhas estudavam piano, e por este motivo mantinham o status de riqueza financeira e cultural marcada pela representação dos moldes europeus. Até hoje, a Modinha, na música de câmara tem o seu espaço restrito aos cursos de bacharelado em música e às salas de concerto. Então, este estilo não se estendeu à população em geral, tampouco difundido pela mídia. Logo, continua relacionado a um número restrito de apreciadores, pois a maioria das pessoas não tem acesso às salas de concerto, não conhecem além do que a mídia apresenta. A maioria da população não ampliou (ou não teve ampliada) a cultura musical na escola, pois não há um consenso e tradição em educação musical que favoreça essa demanda.

A música popular está de alguma forma na mídia, com a preferência de certos estilos que fazem parte do mercado de massa. A versão do Ney Matogrosso de *Modinha*, assim como todo álbum, em que ela está inserida, mesmo sendo popular, também atingiu um número pequeno de apreciadores³. Então, estamos num empasse parecido com o erudito. Contudo, Ney Matogrosso tem um reconhecimento muito grande. Se cantar essa música em algum show, ela será apreciada e poderá causar um momento de fruição em muitas pessoas, que talvez não tenha o conhecimento de sua origem.

³ Esse trabalho de Ney Matogrosso foi uma releitura de obras pouco conhecidas, de um compositor erudito brasileiro que uma minoria conhece.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Os valores estéticos estão relacionados ao que caracteriza os estilos e a quem lhes determina o valor estético. Para os estudantes de Villa-Lobos e eruditos em geral, talvez a versão de Ney Matogrosso seja uma deturpação da música. Todavia, não é possível generalizar essa possibilidade. Para os amantes de Ney, com certeza apreciarão a interpretação, a melodia, etc .

Diante desse cenário, estamos em concordância com Hall (1997), que concebe a cultura como um todo, que apresenta variações e conflitos e insiste que não existe uma homogeneidade cultural. Na medida que ela não existe, as manifestações culturais são melhores recebidas ou estarão melhores endereçadas a determinados grupos e voltam-se para eles. Além disso, Hall mostra a cultura como um todo, evidenciando variações e conflitos. Já, por outro lado, Patrick Charaudeau (2012) apresenta o modo como se dá o processo de comunicação dentro do âmbito da cultura, isto é, como as linguagens se manifestam. Ao se constituir uma linguagem, tal como a música, precisa-se ter em vista a recepção, ou seja, para quem ela é dirigida.

A música erudita, tal qual é concebida, é voltada para um público que supostamente consegue entender as diferenças de tonalidade, o ritmo, o compasso, o instrumental, que está em sua constituição, diferente de outros grupos receptores.

Em relação à *Modinha n°5*, quando se a observa com as lentes dos processos comunicacionais, quando se a observa como linguagem, segundo Charaudeau (2012), está-se diante de uma atividade de elucidação.

CONCLUSÃO

Retomando as questões que nortearam a reflexão sobre a *Seresta n° 5*, na versão erudita e popular, destacamos que na transformação daquele para este o que se apaga é a representação do contexto cultural marcado pela técnica e demais signos descritos no texto. O que se mantém no erudito é o estilo marcado pelas regras; no popular a relevância da liberdade na interpretação. O que fica desse encontro entre o erudito e o popular é a essência da canção, a melodia e o poema, os quais não mudam, porém permanecem com outra roupagem.

Como unidade de significação, a *Modinha*, tanto na concepção erudita quanto na popular, considerando os diferentes contextos, com a variação dos seus elementos formais, acarretará em um jogo de deslocamentos, alterando também suas condições de produção/interpretação. Há um mundo já organizado por trás das versões erudita e popular, em outras palavras, o contexto e suas condições presidem a sua construção, resultando “como a significação é





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

significada” (CHARAUDEAU, 2012, p. 19). A Modinha nº5 recebe um desdobramento de acordo com seus intérpretes, porque, para que seja interpretada é necessária uma estratégia de significação.

REFERÊNCIAS

CARMO JÚNIOR, J. R. Da Voz aos Instrumentos Musicais: Um Estudo Semiótico. São Paulo: Annablume, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e discurso: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2012.

HALL, Stuart. The work of representation. In: _____. Representation: cultural representations and signifying practices. London/TheLondon/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997. (Trad. Ricardo Uebel).

KIEFER, Bruno. Villa-Lobos e o modernismo na música brasileira. Porto Alegre: Editora Movimento, 1981.

LARAIA, Roque. Cultura, um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

MORAES, José Geraldo Vinci de. SALIBA, Eias Thomé. (orgs). História e Música no Brasil. São Paulo:Alameda, 2010.

PICCHI, Achille Guido. As serestas de Heitor Villa-Lobos: um estudo de análise, texto-música e pianismo para uma interpretação. Campinas, 2010. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Faculdade de Música, Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, José Luis dos. O que é cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PERFIL NUTRICIONAL DE ESCOLARES PARTICIPANTES DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO

NUTRITIONAL PROFILE OF SCHOOLS PARTICIPATING IN A SPORTS SOCIAL PROJECT

Diego Matheus Schaab¹ (Universidade Feevale)
Marcelo Marques Soares² (Universidade Feevale)
Denise Bolzan Berlese³ (Universidade Feevale)

Resumo: O presente estudo descritivo e quantitativo buscou investigar o estado nutricional de escolares de 7 a 10 anos que participam de um projeto social localizado na cidade de Campo Bom. Método: foram avaliados 104 indivíduos nas variáveis composição corporal através do IMC. A avaliação foi realizada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Menor. Para classificação do estado nutricional utilizaram-se os critérios das curvas de referência propostas pela OMS (2007). A análise dos dados foi por meio de estatística descritiva. Resultados: Em relação ao estado nutricional 30 (29%) dos escolares encontram-se no estado de eutrofia apresentando tendências ao sobrepeso e obesidade. Conclusão: Apesar dos escolares estarem em sua grande maioria eutróficos, há uma tendência para o sobrepeso e obesidade. Sendo assim, é preciso criar políticas e programas voltados para a prática esportiva, a fim de fazer com que esses escolares cresçam saudáveis e diminuam suas tendências às doenças crônicas não transmissíveis.

Palavras-chaves: Crianças. Adolescentes. Estado Nutricional. Projeto Social.

Abstract: The present descriptive and quantitative study sought to investigate the nutritional status of schoolchildren aged 7 to 10 years who participate in a social project located in the city of Campo Bom. Method: 104 individuals were evaluated in the body composition variables through BMI. The evaluation was performed after the signing of the Informed Consent Form for Minors. The criteria of the reference curves proposed by WHO (2007) were used to classify nutritional status. The analysis of the data was by means of descriptive statistics. Results: Regarding the nutritional status, 30 (29%) of the students were in the eutrophic state, showing trends to overweight and obesity. Conclusion: Although schoolchildren are mostly eutrophic, there is a tendency for overweight and obesity. Therefore, it is necessary to create policies and programs aimed at sports practice, in order to make these schoolchildren grow up healthy and reduce their trends in chronic non-communicable diseases

Keywords: Children. Adolescents. Nutritional Status. Social Project.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, observa-se que crianças e adolescentes realizam menos atividades físicas durante o seu dia a dia devido ao avanço tecnológico e, conseqüentemente, sofrem modificações comportamentais, como a falta de atividade física e a má alimentação, que os expõem, então, a

¹Graduando no 8º semestre em Educação Física pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: diego_schaab.sss@hotmail.com

²Doutor em Ciências Aplicadas a la Actividad Física y Deporte pela Universidad de Córdoba/Espanha UCO/UFRGS - (2009) Professor na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: marcelodidi@feevale.br

³Doutora em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Professor na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: deniseberlese@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

diferentes morbidades. Reconhecer o estado nutricional em escolares é de suma importância, pois é nessa fase da vida que se formam os principais hábitos alimentares, que podem ou não contribuir para o desenvolvimento do sujeito até a idade adulta. (NASCIMENTO *et al.*, 2015; MENÊSES *et al.*, 2017).

O conceito de estado nutricional pode ser identificado, pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), como o equilíbrio entre o consumo de nutrientes e o gasto energético, que deve suprir uma necessidade individual do sujeito, seja ela diária ou semanal, portanto, a etapa de transição nutricional possui relação com o sexo, uma vez que os períodos de maturação ocorrem em etapas distintas do crescimento e desenvolvimento.

Em relação aos fatores ambientais e as implicações no estado nutricional, a OMS (2016) aponta que a alimentação e a nutrição são requisitos básicos para a promoção e a proteção da saúde, possibilitando um potencial de crescimento e desenvolvimento humano, entretanto a população brasileira está passando por grandes transformações sociais que acabam resultando diretamente no padrão de saúde e nutrição dos sujeitos (BRASIL, 2013). Nesse sentido, observa-se que a população de crianças e adolescentes no Brasil passou por uma fase de transição nutricional, onde os índices de desnutrição foram reduzidos e o sobrepeso e a obesidade alcançaram índices epidêmicos (BERLESE, 2015).

Silva e Costa Junior (2011) destacam a necessidade e a importância de indivíduos modificarem o seu estilo de vida, mantendo as ações para a promoção da saúde e prevenção de doenças durante sua vida. A saúde de crianças e adolescentes está, portanto, diretamente ligada ao estado nutricional. Atualmente, podemos identificar como critérios a desnutrição, a eutrofia, o sobrepeso e a obesidade. Em relação à desnutrição, Monteiro *et al.* (2009) apontam que ela pode ser caracterizada como uma doença de natureza social, provinda de vários fatores excessivos encontrados na pobreza. Se evidenciada na infância, é relacionada com mais casos de mortalidade, gerando um problema direto para a saúde pública nos países em desenvolvimento. Está também associada a prejuízos diretos ao desenvolvimento psicomotor, baixo aproveitamento escolar e à menor capacidade de produção na fase adulta.

Em relação à desnutrição de crianças e adolescentes Barreto *et al.* (2016) apontam que os indivíduos desnutridos apresentam modificações no sistema cardiovascular, entre elas depressão no componente simpático e parassimpático, aumento da frequência cardíaca e diminuição na pressão arterial.





Em um estudo realizado no interior de uma cidade na Amazônia, Araujo *et al.* (2016) apontam que o problema de desnutrição, no Brasil, ainda é expressivo. Nesse sentido, os referidos autores encontram, em seu estudo, cerca de 59,4% das crianças com ascendência indígena residentes na área rural com prevalências à desnutrição.

Em contrapartida à desnutrição, temos a eutrofia em crianças e adolescentes, que têm como característica geral, segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2011), ser a manifestação produzida pelo corpo do indivíduo em relação ao consumo e às necessidades nutricionais dele, ou seja, o indivíduo tem um equilíbrio entre o peso adequado para a estatura e, ao mesmo tempo, adequado para a idade.

Em um estudo realizado por Passos *et al.* (2015), com 163 crianças e adolescentes na faixa de idade de 7 a 10 anos, observou-se que 49,3% foram 25 diagnosticados em estado de eutrofia. Com isso, os autores concluíram que os comportamentos alimentares podem estar associados ao excesso de peso, porém não encontraram nenhuma ligação entre o sexo e a idade da criança.

Castilho e Nucci (2015) apontam, em seu estudo, que, com a melhora das condições socioeconômicas, muitas famílias que possuem seus filhos matriculados nas escolas públicas não sofrem mais com a falta de alimentos. Explicam, também, que as crianças estão alterando o estado de eutrofia para excesso de peso, o que mostra, em números, a diminuição do consumo de merenda escolar e o aumento do consumo de seu próprio lanche provindo de casa ou a compra deles na escola.

Em virtude disso, Enes e Slater (2010) apontam o aumento da prevalência do sobrepeso em idades cada vez mais precoces, que desperta a preocupação de vários pesquisadores na área, em virtude dos danos graves que pode causar à saúde, tais como hipertensão arterial, cardiopatias e diabetes, provocados pelo ganho e excesso de peso.

Nessa perspectiva, Brandalize e Leite (2010) abordam que crianças e adolescentes obesos têm mais chances de apresentarem alguma complicação ortopédica do que crianças eutróficas. A obesidade pode ser caracterizada como o excesso de gordura corporal, podendo causar enormes prejuízos à saúde de crianças e adolescentes. Está ligada ao aumento de gordura, que conseqüentemente provoca o aumento de peso, entretanto é preciso tomar cuidado ao diagnosticá-la, pois, em vários momentos, o aumento de peso está associado ao ganho de massa muscular e não adiposa. Para Christodoulos, Douda e Tokmakidis (2012), a obesidade está totalmente ligada com a capacidade cardiorrespiratória das crianças e adolescentes, concluindo,





em seus estudos, que são necessárias intervenções na faixa etária de 7 a 12 anos para uma melhora da qualidade de vida fase adulta.

Para Nascimento *et al.* (2016), a família, a escola e os diferentes contextos onde crianças e adolescentes se inserem tem um impacto direto na alimentação, logo no estado nutricional. Mesmo sabendo das consequências, os respectivos responsáveis ainda tendem minimizar as consequências do sobrepeso e da obesidade, negligenciando-a (BERLESE, 2015). Sobre o exposto acima e considerando as possíveis implicações do estado nutricional na saúde de crianças e adolescentes ressalta-se a importância de traçar o perfil o estado nutricional de escolares participantes de um projeto social esportivo.

MÉTODO

A amostra não probabilística de conveniência contemplou 104 escolares na faixa de idade de 07 a 10 anos, que participam de um projeto social em uma escola municipal da cidade de Campo Bom. Foram incluídos escolares de ambos os sexos que os pais ou responsáveis consentirem com a participação através do termo de consentimento livre e esclarecido para menor. Para a avaliação do IMC, foi utilizada uma balança portátil. Os escolares foram pesados e medidos com mínimo de roupa possível, preferencialmente em trajes de educação física e descalços. Os alunos mantiveram-se em pé, com os braços estendidos e juntos ao corpo. Para a medida da altura, foi utilizada uma fita métrica, que ficou presa à parede a um metro do solo, estendendo-se de baixo para cima. Para eliminar erros decorrentes das possíveis inclinações, foi utilizado uma régua, apoiada apenas sobre a cabeça do avaliado (GAYA; GAYA, 2016). O Índice de Massa Corporal (IMC) foi determinado através do cálculo da razão (divisão) entre a medida de massa corporal total em quilogramas (peso) pela estatura (altura) em metros elevado ao quadrado e utilizou-se como referência as curvas de crescimento proposta pela OMS (2007). A análise dos dados foi realizada por meio da estatística descritiva, verificando-se medidas de dispersão e frequências, com tabulação dos dados primários em planilha do software Microsoft SPSS, versão 22.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estado nutricional é o grande meio para identificarmos a saúde de uma população. Por sua vez, traçar o perfil nutricional de escolares, torna-se relevante uma vez que é possível verificar se a criança ou adolescente está se alimentando de forma adequada e como são seus





hábitos alimentares (BERLESE, 2015). Nesse sentido buscou-se avaliar a classificação do estado nutricional dos escolares representada na Tabela 1.

Tabela 1 – Classificação do estado nutricional dos escolares de acordo com o sexo.

Variáveis	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total
	N (%)	N (%)	N (%)
Estado Nutricional			
Desnutrição Extrema	2 (1,9)	3 (2,9)	5(4,8)
Desnutrição	10 (9,6)	16 (15,4)	26 (25)
Eutrofia	14 (13,5)	16 (15,4)	30 (29)
Sobrepeso	12 (11,5)	9 (8,7)	21 (20,2)
Obeso	11 (10,5)	11 (10,5)	22(21)
Total	49 (47)	55 (53)	104 (100)

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se na tabela 1 que 14 (13,5%) dos estudantes do sexo masculino se encontram em eutrofia, 12 (11,5%) apresentando uma grande tendência ao sobrepeso, 11 (10,5%) encontram-se com obesidade. Por sua vez, 16 (15,4%) do sexo feminino apresentam eutrofia, 16 (15,4%) desnutrição e 9 (8,7%) encontram-se com uma leve tendência ao sobrepeso. Também foi possível observar uma alta tendência a obesidade 11 (10,6%). Com isso evidencia-se que 30 (29%) dos escolares investigados estão dentro do padrão normal estabelecido pela OMS (2007), ou seja, a massa corporal está adequada para a estatura que está adequada para a idade. Nossos resultados vão ao encontro do estudo proposto por Palmeiro *et al* (2017) que ao investigar escolares de dois polos do Rio Grande do Sul evidenciou que (39%) dos investigados encontram-se com massa corporal normal (eutrófico) e apresenta uma tendência a obesidade e sobrepeso.

Silva *et al* (2016) ao investigarem jovens de 4 países diferentes encontraram um padrão nutricional semelhante aos achados em nosso estudo, ou seja, índices superiores para o critério eutrofia com tendência ao sobrepeso e a obesidade. Silva *et al*. (2013) ao investigar o perfil nutricional de escolares observaram que aproximadamente 25% dos investigados apresentaram excesso de massa corporal, sendo essa prevalência maior nos meninos, indo ao encontro aos nossos achados onde os meninos apresentam maior tendência ao sobrepeso.

O sobrepeso e a obesidade na infância e adolescência estão associados a problemas de saúde imediatos e tardios, aumento dos mediadores inflamatórios, disfunção endotelial, resistência à insulina, hipertensão, problemas posturais e ortopédicos, diabetes tipo 2, apneia do sono, escorregamento da epífise do fêmur e alguns tipos de cânceres e baixos níveis de aptidão física (MONTORO *et al.*, 2016).





Para Maziero *et al.* (2015), a obesidade pode acarretar em uma condição inferior de saúde e qualidade de vida. Ferrari *et al.* (2016) ao investigar escolares de ambos os sexos moradores de São Caetano do Sul na faixa de 9 a 11 anos observou que em sua grande maioria a prevalência é voltada para o sobrepeso e a obesidade (51,8%)

Minatto, Petroski e Silva (2016), em um estudo com crianças e adolescentes, concluíram que a prevalência de adolescentes que não atingiram a eutrofia foi alta. Após avaliados nas valências de gordura corporal, cerca de 75% dos meninos e 88,5% das meninas não atingiram o mínimo proposto pela OMS (2007) como normal (eutrófico).

Winck *et al.* (2016) apontam o sobrepeso e a obesidade como uma das principais causas e efeitos prejudiciais sobre o volume e a capacidade pulmonar em crianças e adolescentes, tendo redução principalmente nos volumes de reserva expiratório e residual.

Em uma revisão sistemática Junior *et al.* (2018) analisam mais de 42 estudos e explanam em seus achados que a maior prevalência de sobrepeso e obesidade é encontrada na região sul sendo 24% a menor e 43,8% a maior. Nesse sentido Lowry *et al.* (2013) encontram a maior ocorrência de escolares com sobrepeso e obesidade na medida de IMC na região sul do Brasil com um percentual superior para as moças 20,3% em relação aos rapazes 18,6%, indo de encontro aos nossos achados que evidenciou valores superiores de sobrepeso nos meninos.

Venâncio *et al.* (2018) avaliam cerca de 94 escolares entre 8 e 12 concluíram que 80% dos escolares se encontram com tendência a desnutrição o que contradiz os achados deste estudo.

Pedraza e Menezes (2016) apontam que, atualmente, crianças vêm sendo diagnosticadas com sobrepeso desde os períodos de creche, bem como sinalizam que, atualmente, o perfil nutricional passa por uma transição, com prevalências no sobrepeso. Nessa perspectiva, Pedraza *et al.* (2018) ao avaliarem 1093 escolares de 5 a 10 anos concluem que o estado nutricional dos indivíduos se manifesta com características de transição nutricional em que excesso de peso foi diagnosticado em 21,5% (232) dos escolares indo ao encontro dos achados deste estudo que marcam o aumento do indicador de sobrepeso/obesidade.

Cordel *et al.* (2018), ao finalizar sua pesquisa com 468 crianças na faixa de 8 a 10 anos, constatam que, quando comparados pelo sexo, os meninos apresentaram 30,8% de tendência ao sobrepeso e obesidade e as meninas 27,44%, corroborando com nossos achados.





CONCLUSÃO

Nesse sentido, o presente estudo evidenciou que o perfil nutricional dos escolares investigados participantes de um projeto social em Campo Bom-RS encontram-se em estado de eutrofia e corroboram com a literatura atual demonstrando que a maioria dos jovens apresenta uma grande tendência ao sobrepeso e obesidade. Com base nas informações deste estudo será possível criar estratégias e ações para minimizar a tendência ao sobrepeso e a obesidade e evitar possíveis complicações na qualidade de vida em idades posteriores.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Thiago Santos de *et al.* Desnutrição infantil em um dos municípios de maior risco nutricional do Brasil: estudo de base populacional na Amazônia Ocidental Brasileira. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 554-566, Sept. 2016.

BARRETO, Gláucia Siqueira Carvalho et al. Impact of malnutrition on cardiac autonomic modulation in children. **Jornal da Pediatria** (Rio J.), Porto Alegre, v. 92, n. 6, p.638-644, Dec. 2016.

BERLESE, Denise. B. **Obesidade de adolescentes como manifestação social a partir do contexto socioeconômico, cultural e familiar**. 2015. Tese (Doutorado em diversidade cultural e inclusão social) - Programa de pós-graduação em diversidade cultural e inclusão social. Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2015.

BRANDALIZE, Michelle; LEITE, Neiva. Alterações ortopédicas em crianças e adolescentes obesos. **Fisioterapia e Movimento**. (Impr.), Curitiba, v. 23, n. 2, p. 283-288, jun. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. **Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. **Diagnóstico nutricional - Avaliação do estado nutricional**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição Brasília**: Ministério da Saúde, 2013.

CASTILHO, Silvia D.; NUCCI, Luciana B. Age at menarche in schoolgirls with and without excess weight. **Jornal da Pediatria** (Rio J.), Porto Alegre, v. 91, n. 1, p. 75-80, Feb. 2015.

CHRISTODOULOS, A.D.; DOUDA, H.T., TOKMAKIDIS, S.P. Cardiorespiratory fitness, metabolic risk, and inflammation in children. **Int J Pediatr.**, v.2012, p.2705-15. 2012.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CORDEL, Patrícia Taís *et al.* COMPARAÇÃO DA APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA À SAÚDE E A PRÁTICA ESPORTIVA EM CRIANÇAS. **Saúde (Santa Maria)**, [S.l.], abr. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/25765>>.

ENES, Carla Cristina; SLATER, Betzabeth. Obesidade na adolescência e seus principais fatores determinantes. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 13, n. 1, p. 163-171. 2010.

FERRARI, Gerson Luis de Moraes *et al.* Prevalence and factors associated with body mass index in children aged 9-11 years. **Jornal da Pediatria**. (Rio J.), Porto Alegre, v. 93, n. 6, p. 601-609, Dec. 2017.

GAYA, A. C. A.; GAYA, A. R. **Projeto esporte Brasil: manual de testes e avaliação**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

JUNIOR, Marcelo dos Santos Guimarães *et al.* **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo. v. 12. n. 69. p. 132-142. jan./fev. 2018.

LOWRY, R.; LEE, S. M., FULTON, J.E.; DEMISSIE, Z.; KANN, L. Obesity and other correlates of physical activity and sedentary behaviors among US high school students. **J Obes**. 2013; 2013:1-10. Disponível em: <<http://downloads.hindawi.com/journals/jobes/2013/276318.pdf>>

MAZIEROA, Renato Silva Barbosa *et al.* Correlação do Índice de Massa Corporal com as Demais Variáveis da Aptidão Física Relacionada à Saúde em Escolares do Sexo Masculino de Curitiba-PR, Brasil. **Revista Científica Ciências Biológicas e Saúde**. 2015. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/JHealthSci/article/view/314>

MENÊSES, Laynie Evangelina do Nascimento *et al.* Consumo alimentar e estado nutricional de crianças em uma escola privada de Palmas, Tocantins. In: **Revista Desafios**, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/download/3223/9964/>

MINATTO, G.; PETROSKI, E.L.; SILVA, D.A.S. Health-related physical fitness in Brazilian adolescents from a small town of German colonization. **Aptidão física relacionada à saúde de adolescentes Brasileiros de uma cidade de pequeno porte e colonização germânica. Revista Andaluza de Medicina del Deporte**, Sevilla, v. 9, n. 2, p. 67-74, jun. 2016.

MONTEIRO *et al.* Causas do declínio da desnutrição infantil no Brasil, 1996-2007. **Rev Saúde Pública**, v.43, n.1, p. 35-43. 2009.

MONTORO *et al.* Aptidão Física Relacionada à Saúde de Escolares com Idade de 7 a 10 Anos **ABCS Health Science**, v.41, n.1, p.29-33. 2016.

NASCIMENTO, M. A. M. *et al.* Composição corporal e aptidão física de escolares do município de Patos - Paraíba. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, v. 23, n. 1, p.65-75. 2015.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

NASCIMENTO, Melissa Maria Romero *et al.* Parents' perception of health-related quality of life in children and adolescents with excess weight. **Jornal da Pediatria** (Rio J.), Porto Alegre, v.92, n. 1, p. 65-72, Feb. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS - **Incorporação das curvas de crescimento da Organização Mundial da Saúde 2006 e 2007.**

PALMEIRO, Timotheo K. **Perfil de Aptidão Física Relacionada à Saúde e Composição Corporal de Escolares de Dois Polos do Rio Grande do Sul: um estudo comparativo.** 2017. Tese - Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde – Mestrado, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul-RS, Brasil.

PASSOS, Darlise Rodrigues dos *et al.* Comportamento alimentar infantil: comparação entre crianças sem e com excesso de peso em uma escola do município de Pelotas, RS. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 42-49, Mar. 2015.

PEDRAZA, Dixis Figueroa; MENEZES, Tarciana Nobre de. Characterization of anthropometric assessment studies of Brazilian children attending daycare centers. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 216-224, June. 2016.

PEDRAZA, Dixis Figueroa *et al.* Estado nutricional e hábitos alimentares de escolares de Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 469-477, Feb. 2018.

SILVA, Paulo Vinícius Carvalho; COSTA JUNIOR, Áderson Luiz. Efeitos da atividade física para a saúde de crianças e adolescentes. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n.64, p. 41-50, jan./mar. 2011.

SILVA, *et al.* Considerações teóricas acerca do sedentarismo em adolescentes. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 1, p. 1-319. 2013.

SILVA *et al.* Crescimento físico de crianças e jovens moçambicanos, brasileiros, peruanos e portugueses: uma análise transcultural. **REVISTA CIENTÍFICA DA UEM: SÉRIE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS E SAÚDE PÚBLICA**, v. 1, p. 84-99, 2016.

VENÂNCIO, Patrícia Espíndola Mota *et al.* Aptidão física em adolescentes praticantes de futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 10, n. 36, p.41-48, 2018.

WINCK, Aline Dill *et al.* Efeitos da obesidade sobre os volumes e as capacidades pulmonares em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 510-517, Dec. 2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A LINGUAGEM CERTA PARA O PÚBLICO CERTO: O JORNALISMO INFANTIL NA REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS (CHC)¹

RIGHT LANGUAGE FOR THE RIGHT PUBLIC: CHILD JOURNALISM IN THE
MAGAZINE *CIÊNCIA HOJE PARA AS CRIANÇAS* (CHC)

Doraci Masiero Jacobus² (UFRGS)

Resumo: O artigo investiga a presença das características do jornalismo infantil na revista de divulgação científica *Ciência Hoje das Crianças (CHC)*, através da observação de opções editoriais e gráficas, ao longo de suas três décadas de existência. Os procedimentos metodológicos envolveram pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e Análise de Conteúdo (AC) aplicada ao *corpus* composto dos exemplares de 1987, 1996, 2006 e 2016, totalizando 38 edições, tendo como unidades de análise as capas e as reportagens principais. As informações apuradas apontam para a intenção da CHC de levar aos leitores informações sobre ciência através de um jornalismo leve e atrativo, valorizado por opções editoriais (temáticas curiosas e familiares, destaque à imagem, informalidade) e componentes gráficos (uso de ilustrações e outros recursos em cores), características herdadas do jornalismo infantil. Entendemos que, através dessas estratégias, a CHC configura sua proposta de comunicação, busca aproximar-se de seus leitores e assumir uma posição singular junto ao segmento de público infantil.

Palavras-chave: Ciência Hoje das Crianças. Jornalismo infantil. Revista. Comunicação.

Abstract: The paper investigates the presence of the characteristics of journalism for children in the magazine *Ciência Hoje das Crianças (CHC)*, during its three decades of existence. The methodology involved bibliographic research, documentary research and Content Analysis of corpus composed of the 1987, 1996, 2006 and 2016 editions (38 in total), observed in the covers and the main reports. The conclusions indicate that CHC intends to provide its readers with information on science through attractive journalism, valued by editorial options (curious and familiar topics, image highlights, informality) and graphic components (illustrations and other resources in color), characteristics of journalism for children. We understand that, through these strategies, CHC configures its communication proposal, seeks to approach its readers and assume a unique position in the segment of children.

Keywords: Ciência Hoje das Crianças. Journalism for children. Magazine. Communication.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto a revista *Ciência Hoje das Crianças (CHC)*, periódico impresso de divulgação científica brasileiro fundado em 1986, especializado na temática científica e segmentado para crianças de 9 a 12 anos. A CHC foi inicialmente produzida como encarte bimensal da revista *Ciência Hoje (CH)* e tornou-se uma publicação autônoma em 1990.

¹Artigo produzido a partir das conclusões da pesquisa que norteou a Dissertação de Mestrado intitulada *O jornalismo e a ciência na revista Ciência Hoje das Crianças (1986-2016)*, defendida em maio de 2018, no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: dmjacobus@uol.com.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Identifica-se na capa, desde o segundo número, como um veículo de “divulgação científica para crianças”. Assim como a *Ciência Hoje*, era editada originalmente pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e, desde 2003, encontra-se sob a responsabilidade do Instituto Ciência Hoje (ICH)³. Dirige-se a crianças pequenas (9 a 12 anos)⁴, sua distribuição é efetuada por meio de assinaturas e não possui venda em bancas. Possui também um site (CHC Online)⁵ e uma página no Facebook.

CHC mantém-se sem a veiculação de publicidade, recebendo tratamento editorial diferenciado, alinhado aos princípios do Instituto Ciência Hoje (ICH), que a mantém. A missão da *Ciência Hoje das Crianças*, conforme o mesmo instituto, é despertar a curiosidade das crianças e fomentar a paixão pela descoberta (ICH, 2017). Estudar a revista encontra justificativa por sua longevidade e pela singularidade de seu projeto, já que é a única publicação de divulgação científica brasileira voltada a crianças pequenas. Embora as três décadas de publicação da CHC e seu aproveitamento em salas de aula tenham motivado estudos acadêmicos nas áreas de Educação, Linguística e Ciência e Tecnologia, entre outras, verificamos a escassez de produções acadêmicas que versassem sobre o jornalismo produzido para crianças. Ele aparece, de forma periférica, em estudos das áreas de Educação e Psicologia, mesclado, às vezes, com estudos de objetos da literatura infantil. A própria terminologia *jornalismo infantil* não é usual. Alguns trabalhos acadêmicos localizados na área de Comunicação analisam o jornalismo infantil e sua relação com o consumo (FURTADO, 2013), em seus aspectos de recepção (COSTA, 1992; FISCHBERG, 2007; DORETTO, 2015) e observando a criança como assunto na mídia (OLIVEIRA, 2010). O panorama acadêmico parece reproduzir o mercado brasileiro, onde ainda é limitado o número de títulos de caráter jornalístico voltados a esse público. Nas bancas de revista, o público mirim ainda encontra poucas opções de publicações, algumas sem periodicidade definida; outras voltadas principalmente ao entretenimento e de caráter eminentemente comercial. Nos jornais, igualmente, o diálogo com as crianças fica restrito a alguns suplementos infantis.

³ O Instituto Ciência Hoje, conforme informações de seu site institucional é “uma organização privada, sem fins lucrativos, voltada à divulgação científica no Brasil. É responsável pela publicação das revistas *Ciência Hoje* e *Ciência Hoje das Crianças*, dos sites CHC Online e CHC Online e de diversos livros. Com presença forte nas mídias digitais, reúne quase um milhão de fãs e seguidores em suas redes sociais”. Disponível em <<https://goo.gl/QVqHFE>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

⁴ A informação da faixa etária do público a quem se dirige a *Ciência Hoje das Crianças* (CHC) foi obtida pela autora em contato, por mensagem eletrônica, com a editora executiva da revista, Bianca Encarnação.

⁵ <http://chc.org.br/>





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Nosso objetivo foi identificar se a revista CHC adota elementos apontados por autores da Comunicação como característicos e desejáveis para a comunicação jornalística com o público segmentado de crianças. Autores que tratam sobre a conceituação e papel social da infância, com seus desdobramentos, nos ajudaram a contextualizar o desenvolvimento do jornalismo infantil. Os procedimentos metodológicos envolveram pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e análise de conteúdo de *corpus* composto dos exemplares dos anos de 1987, 1996, 2006 e 2016, totalizando 38 edições, tendo como unidades de análise as capas e as reportagens principais. A escolha do ano inicial como representativo de cada década teve o objetivo de alcançar uma visão histórica da produção da revista. Devido a sua extensão, não incluímos nesse artigo as tabelas e gráficos resultantes da análise empírica do *corpus* em sua integralidade. Esses dados, no entanto, podem ser consultados na Dissertação de Mestrado intitulada *O jornalismo e a ciência na revista Ciência Hoje das Crianças (1986-2016)*.⁶

A partir do que preconiza a Análise de Conteúdo (AC), conforme Bardin (2016), definimos categorias para análise de aspectos de texto e imagem. Para o texto, mapeamos como aspectos mais significativos para a análise do jornalismo infantil o tema da reportagem principal; se a chamada principal e o título eram afirmativos, interrogativos ou exclamativos e se as crianças compareciam como autores ou como fontes nas reportagens. Para a imagem, observamos a prevalência da impressão em cores ou preto e branco; incidência maior de fotografias ou ilustrações e a função da imagem principal. Mapeamos também a área ocupada pelo texto e pela imagem; e a presença de material colecionável, uma estratégia de fidelização largamente empregada pelas revistas.

O objeto empírico deste estudo envolve especialização temática (ciência) e direcionamento a um público particular (crianças). Ao explorar proximidades e diferenças entre especialização e segmentação, Buitoni (2013) observa que a especialização investe no aprofundamento temático, sem tanta relação com um público definido, “enquanto a segmentação implica mais o recorte do público e menos a concentração temática, podendo cobrir vários assuntos” (BUITONI, 2013, p.110). Cientes de que a produção de material jornalístico deve levar em conta as particularidades da audiência, nesse estudo, particularmente, nos dedicamos a observar como, com o apoio das características e práticas do jornalismo infantil, a segmentação se estabelece na revista CHC.

⁶A dissertação está disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/>>.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CRIANÇA E INFÂNCIAS

Segundo a Lei nº 8.069⁷, no Brasil, é definida como “criança [...] a pessoa até doze anos de idade incompletos”. Essa delimitação legal é necessária, porém redutora. Mais abrangente é entender a infância como uma construção cultural e histórica. Como lembra Furtado (2013, p. 199), “infância é um termo mutável, muda com os tempos, com a história, com a cultura. Portanto, está sempre em construção”.

Durante muitos séculos, as crianças não possuíam status próprio, eram apenas adultos em formação, sempre definidas por aqueles que as observavam, guardavam e conduziam, ou seja, os adultos. Doretto (2013, p. 21) nos lembra que é “o sentimento dos homens formados em relação aos mais jovens que nos dá, ao longo da história da humanidade, o sentido da infância – ou nos priva dele”. Lajolo (1997, p. 225) aponta que a infância é sempre definida “de fora”, pois ela própria não fala de si, não se torna sujeito e não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. Marôpo (2015) inclui as crianças entre os grupos sociais que não conseguem superar as barreiras impostas pelo sistema de produção noticiosa. Em virtude de uma perspectiva *adultocêntrica* (grifo da autora), não conquistam espaço como atores sociais participativos e nem conseguem divulgar seus pontos de vista sobre temas que lhes interessam. Para Jempson (2002, p. 121), “as crianças em si não são levadas a sério o suficiente pelos profissionais de mídia, cujo alvo principal é o mercado adulto”.

No entanto, no contexto atual, que extrapola o cenário brasileiro, Furtado reforça que a criança não pode ser compartimentada nem considerada somente em sua relação com a família ou escola; a mídia se impõe como presença inquestionável. “As infâncias – que já são várias – são formadas por um complexo de relações que incluem, na contemporaneidade, a mídia, tema que interessa aos pesquisadores da área da comunicação” (FURTADO, 2013, p. 56).

DA LITERATURA INFANTIL AO JORNALISMO SOB MEDIDA PARA OS LEITORES DA CHC

Assim como na sociedade ocidental, onde a infância ganhou tardiamente visibilidade, também no jornalismo as crianças demoraram para conquistar o status de leitores. As origens do jornalismo infantil podem ser encontradas na literatura destinada às crianças e o estilo realista de escrever de Monteiro Lobato vai, inclusive, influenciar o jornalismo infantil no

⁷A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. O Estatuto é o grande balizador das questões de direitos e deveres que envolvem a infância no Brasil.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Brasil (FURTADO, 2013). Embora publicações em quadrinhos como o *Tico-Tico* já circulassem desde 1905 (FURTADO, 2013), apenas em 1938 o jornal carioca *O Globo* lança um suplemento infantil semanal, o *Globinho*, que é considerado pioneiro no estilo, no país. Nele, o espírito do jornalismo estava bem presente pois, além de “histórias em quadrinhos, o veículo também organizava séries de reportagens sobre grandes personalidades” (FISCHBERG, 2007, p. 37). A *Tribuninha*, de *A Tribuna*, de Santos (SP) foi, em São Paulo, o primeiro suplemento infantil a ser lançado, em 1960 (COSTA, 1992). A *Folhinha* passou a circular semanalmente junto à *Folha de S. Paulo* a partir de setembro de 1963 e *O Estadinho*, encartado no *O Estado de S. Paulo*, em 1987 (DORETTO, 2013). No segmento de revistas exclusivas para crianças, excluindo as produções de quadrinhos, a *Revista Recreio*, lançada em 1969 pela Editora Abril, semanal e com venda em banca, é destaque. Além de entretenimento, a revista insere informação na forma de textos, comentários, opiniões e interpretações de temas de interesse do universo de seus leitores, utilizando-se de textos curtos e vocabulário simplificado, mas sempre baseada em pesquisas jornalísticas e entrevistas com fontes especializadas. Essa publicação também investe fortemente na atratividade proporcionada por materiais colecionáveis (FURTADO, 2013).

Assim como nos demais segmentos jornalísticos, as especificidades do público norteiam a produção de conteúdos para a audiência infantil. Doretto (2013, p. 14) desmistifica a necessidade de recortes temáticos específicos para o segmento afirmando que “o jornalismo direcionado a crianças também pode falar sobre qualquer assunto, desde que se respeite o estágio de desenvolvimento cognitivo dos leitores”. É desejável, no entanto, que os assuntos tenham familiaridade com o universo em que as crianças convivem. Temática e forma em combinações atrativas foram avaliadas em grupos infantis de leitura de jornais e revistas em escolas, conduzidos por Fischberg (2007). A pesquisadora registrou que “o que levava as crianças a lerem, ou não, as reportagens, era seu assunto, ou tema principal, reconhecido, principalmente, através das imagens – fotos ou desenhos – contidas nas publicações. As imagens, muitas vezes, chamavam mais atenção que os títulos, como se fossem lidas antes das palavras” (FISCHBERG, 2007, p. 86). Além disso, as crianças demonstravam preferência por assuntos que não fossem identificados com o currículo escolar. O interesse da criança leitora era também fortemente motivado pela presença de vozes infantis no texto, quer como personagens nas reportagens e matérias ou atuando como repórteres. O fazer prático revelou-se um grande mobilizador da atenção infantil.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A observação do conteúdo produzido pela CHC, a partir das categorias anteriormente elencadas, nos permitiu identificar algumas estratégias herdadas do jornalismo infantil, entre elas, a prática de oferecer colecionáveis. No caso, cartazes temáticos. A seleção de temas familiares (animais de estimação, futebol, festejos de São João) sugere a proximidade com o cotidiano. A forma de apresentá-los também contribui para que o leitor se sinta familiarizado com aquilo que a revista lhe apresenta. Os textos, por vezes, são construídos como narrativas e podem ser apresentados por um personagem infantil ou até por um dos mascotes da revista (os dinossauros Rex e Diná e a abelha Zíper). O texto jornalístico vale-se do estabelecimento de uma informação dialogada, baseada em interpelações e perguntas, com amplo uso de títulos interrogativos e exclamativos. Esse formato está presente não apenas nas reportagens principais, mas praticamente em todas as seções. Expressões usualmente empregadas no cotidiano, ditados e provérbios são frequentemente acionados como recurso para simplificar a informação e favorecer a proximidade com o leitor. Essa proximidade, lembra Scalzo (2004) é aspecto marcante do jornalismo de revista, do qual a CHC também preserva elementos e práticas.

O vocabulário coloquial é um expediente válido também para a divulgação científica (GIERING, 2013) a que a CHC se propõe, bem como o emprego de comparações, analogias e metáforas, eficientes recursos para a compreensão de processos, grandezas e características da produção científica (LAGE, 2001; OLIVEIRA F., 2005; BERTOLLI FILHO, 2006). As metáforas podem ser pensadas como um desenho mental sugerido à criança, oferecendo-lhe a possibilidade de apropriar-se da compreensão do fenômeno a partir de uma referência conhecida. A sugestão frequente de experimentações práticas faz com que assuntos de química, por exemplo, possam aproximar-se da cozinha do pequeno leitor e o aprendizado possa ser vivenciado de forma concreta na mistura de produtos caseiros como água, sal e açúcar. A informação oferecida torna-se então familiar e lúdica. A seleção de temáticas curiosas (insetos no cardápio, vermes, efeitos especiais no cinema) indica que os produtores da CHC mobilizam a curiosidade infantil a seu favor. Despertam a atenção infantil pelo curioso e insólito e buscam conservá-la apoiando-se em uma mescla de estratégias do jornalismo infantil e de revista (caráter colecionável, técnicas de texto, imagem e cor em abundância, sinestesia, identificação). A soma desses elementos está a serviço da missão da CHC de despertar a curiosidade e fomentar a paixão pela descoberta.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A participação das crianças como fontes e autores nas matérias jornalísticas é pontual. Os textos são assinados por pesquisadores e técnicos. O estímulo à interatividade possível aparece no convite a escrever para a redação apresentando perguntas ou sugestões ou enviando desenhos para a seção de *Cartas*. No ano de 2006, em ação comemorativa aos 20 anos, a CHC convidou os leitores a escreverem para a Redação relatando suas observações sobre um assunto de seu interesse. Dez textos foram publicados nas edições daquele ano. Em 2016, também em ação comemorativa ao aniversário de 30 anos, foi criada a seção *Eu li, eu leio*, com depoimentos de leitores antigos e atuais. A coluna de *Cartas* é uma seção, mesmo que limitada, que esteve permanentemente disponível para manifestação dos leitores, propiciando um espaço de voz à criança, atendendo a uma expectativa do público mirim que o jornalismo infantil deve procurar contemplar.

Em relação ao texto, as imagens ocupam área mais ampla nas capas (de 70% a 80% da área impressa) e têm pequena preponderância também nas reportagens principais (55% da área impressa). Embora o público prioritário da CHC seja composto de crianças já alfabetizadas, em idade escolar, as imagens funcionam como um vigoroso catalisador de atenção, permitindo “que o leitor possa atribuir um sentido, mesmo quando não compreende o idioma no qual estão escritas suas legendas” (FISCHBERG, 2007, p. 24). Do poder mobilizador da imagem, indica Wolff (2005), não escapam adultos nem crianças, sejam eles de que cultura forem. A comunicação através da imagem e, em particular, do desenho, é inerente ao ser humano em geral. Segundo Fuentes (2006, p. 79), “desenhar – representar – é uma atividade tão primária, tão vital como o são as necessidades mais básicas”. Para as crianças, que aprendem a desenhar antes mesmo de escrever, o desenho é uma forma muito espontânea de expressar-se.

Além disso, as imagens também podem assumir um papel de contadoras de histórias, nos lembram Damasceno (2012) e Zapaterra (2014). Daí a atenção que dispensamos às imagens, no conjunto de elementos gráficos, na observação da CHC, onde a ilustração tem forte prevalência sobre as fotografias, ao longo de toda a sua circulação. Enquanto a fotografia tem maior potencial para ser lida literalmente e associada a uma narrativa pelo público, a ilustração permite criar outras associações, muitas vezes mais expressivas e abstratas (ZAPPATERRA, 2014); pode “apresentar uma visão pessoal ou uma interpretação, a fim de completar um determinado texto ou publicação” (FUENTES, 2006, p. 83) ou ainda, segundo o mesmo autor, revelar-se útil para esmiuçar processos complexos ou conteúdos muito detalhados, dificilmente





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

retratáveis em fotografias. A CHC sempre contou com ilustradores em seu quadro e essa técnica é priorizada tanto nas capas como nas reportagens principais.

O resultado do mapeamento empírico e das observações realizadas neste estudo da revista *Ciência Hoje das Crianças* aponta para a intenção da CHC de levar aos leitores mirins informações sobre ciência através de um jornalismo leve e atrativo, valorizado por opções editoriais (temáticas curiosas e familiares, destaque à imagem, informalidade) e componentes gráficos (impressão em cores, ilustração de qualidade), atributos herdados do jornalismo infantil. Os jornalistas da redação, responsáveis pela produção ou formatação de textos a partir de material fornecidos por cientistas e técnicos, procuram adaptar a linguagem verbal e gráfica às singularidades de seu público segmentado: crianças em idade escolar, tipicamente curiosas e ávidas por novidades, cuja atenção vem sendo cada vez mais frequentemente, disputada por outras formas e instrumentos de comunicação. O resultado impresso, visualmente atrativo e de qualidade, mantém, no teor de sua mensagem, a visão adultocêntrica identificada por Marôpo (2015). Continuam sendo os adultos que escrevem para as crianças, com pouca ou nenhuma atenção à forma como esta mensagem reverbera nelas. E, embora o jornalismo possa expor aos pequenos toda e qualquer temática, respeitando seu nível de entendimento (DORETTO, 2013), a pauta da CHC afasta-se de assuntos polêmicos como agrotóxicos e poluição industrial, comprometendo, em nossa visão, o potencial de fomentar o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadão em seus leitores.

Considerando os grandes desafios com que se defronta o campo do jornalismo, pela necessidade de reafirmar seu papel fundamental na liberdade de expressão e direitos e pela necessidade de reconquistar um público cortejado por muitas fontes alternativas de informação, desejamos que este modesto estudo, limitado por suas características e extensão, possa despertar e mobilizar mais profissionais e pesquisadores para dedicarem-se ao jornalismo produzido para as crianças, nossos futuros leitores e cidadãos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERTOLLI FILHO, C. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, 2006, p. 1-32. Disponível em: <<https://goo.gl/UMJie7>>. Acesso em: 13 fev. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BUITONI, Dulcilia Schroeder. Revista e segmentação: dividir para reunir. In: TAVARES, Frederico de Mello B; SCHWAAB, Reges (Org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 107-118.

COSTA, Mônica P. R. **Ler sem engasgar: dois tipos de recepção do jornalismo infantil da “Folhinha”** (suplemento infantil da Folha de S. Paulo”). 1992. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

DAMASCENO, Patrícia Lopes. **O design editorial da cultura: um estudo do projeto gráfico do Segundo Caderno do jornal Zero Hora**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DORETTO, J. **Pequeno leitor de papel: um estudo sobre jornalismo para crianças**. São Paulo: Alameda, 2013.

DORETTO, J. **‘Fala conosco!’: o jornalismo infantil e a participação das crianças, em Portugal e no Brasil**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação, Especialização em Estudos dos Media e Jornalismo) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

FISCHBERG, Josy. **Criança e jornalismo: um estudo sobre as relações entre crianças e mídia impressa especializada infantil**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FUENTES, Rodolfo. **A prática do design gráfico: uma metodologia criativa**. São Paulo: Edições Rosari, 2006.

FURTADO, Thais Helena. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista Recreio**. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GIERING, Maria Eduarda. A divulgação da ciência. In: DARMIN, Cristina Pimentel; GIERING, Maria Eduarda (Org.). **Leitura e produção de textos de comunicação da ciência**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

INSTITUTO CIÊNCIA HOJE (ICH). **Sobre o ICH**. Disponível em: <<https://goo.gl/oVgTh3>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

_____. **Programa Ciência Hoje de apoio à Educação (Pchae)**. Disponível em: <<https://goo.gl/2g9MXh>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

JEMPSON, Mike. Algumas ideias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável à criança. In: FEILITZEN, Cecília von e Carlsson Ulla (Org.). **A criança e a mídia**. São Paulo: Cortez; Brasília DF: UNESCO, 2002, p. 119-138.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: Freitas, Marcos Cezar de. **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 1997, p. 225-246.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MARÔPO, Lidia. Crianças como fontes de informação: um desafio de inclusão para o jornalismo. **Vozes & Diálogo** - Dossiê Infância, juventude e mídia. Itajaí, v. 14, n. 02, p. 5-17, jul./dez. 2015.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo, Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Joelma da Silva. **A construção do conceito de criança e adolescente no jornal impresso de João Pessoa**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

WOLFF, Francis. Por trás do espetáculo: o poder das imagens. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005, p. 16-45.

ZAPPATERRA, Yolanda. **Design editorial**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

AS IMAGENS DO ROCK: O MOVIMENTO CONTRACULTURAL BRASILEIRO E AS CAPAS DE DISCOS DA DÉCADA DE 1970

*THE IMAGES OF ROCK: THE BRAZILIAN CONTRACCULTURAL MOVEMENT AND
DISC COVERS OF THE 1970S*

Edemilson Antônio Brambilla (UPF)¹
Alexandre Saggiorato (UPF)²

Resumo: Este trabalho busca evidenciar reflexos do movimento contracultural brasileiro nas capas de discos das bandas de rock da década de 1970, especialmente, tendo como base para análise os álbuns: *Jardim Elétrico* (Os Mutantes, 1971), *Snegs* (Som Nosso de Cada Dia, 1974), *Fruto Proibido* (Rita Lee & Tutti Frutti, 1975) e *Lar de Maravilhas* (Casa das Máquinas, 1975). Durante este período, o Brasil atravessava anos de intensa repressão e censura ocasionados pela ditadura militar, instaurada entre 1964 e 1985. Em contrapartida, eclodiam, principalmente em meio aos jovens, ideais de um movimento contestatário e libertário, já enraizado nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. Tais ideais foram incorporados pelos roqueiros brasileiros, e refletidos em suas criações de diferentes maneiras, seja no aspecto sonoro e poético de suas composições, no vestuário e na atitude comportamental, e, também, nas capas e encartes dos discos por eles lançados.

Palavras-chave: Rock Brasileiro. Contracultura. Ditadura Militar. Capas de álbuns.

Abstract: This work seeks to evidence reflections of the Brazilian countercultural movement on the album covers of rock bands of the 1970s, especially, based on the analysis of the albums *Jardim Elétrico* (Os Mutantes, 1971), *Snegs* (Som Nosso de Cada Dia, 1974), *Fruto Proibido* (Rita Lee & Tutti Frutti, 1975) e *Lar de Maravilhas* (Casa das Máquinas, 1975). During this period, Brazil was going through years of intense repression and censorship caused by the military dictatorship, established between 1964 and 1985. On the other hand, emerged, especially among young people, ideals of a contentious and libertarian movement, already rooted in the United States and in some European countries. Such ideals were incorporated by the Brazilian rockers and reflected in their creations in different ways, whether in the sound and poetic aspect of his compositions, in the clothing and in the behavioral attitude, and, also, on the album covers they launched.

Keywords: Brazilian Rock. Counterculture. Military dictatorship. Album covers.

1. INTRODUÇÃO

A ideologia assumida pelos jovens brasileiros do período pós-Segunda Guerra Mundial, passou a ditar, em meio a grupos sociais específicos, novos preceitos estéticos e comportamentais, que puderam ser percebidos de forma bastante peculiar nas diversas atividades a eles relacionadas. Os que de algum modo estiveram ligados a manifestações artísticas, em especial, neste caso, relacionados à música, refletiram em suas criações traços que buscaram subverter, ao menos em partes, os padrões vigentes no período.

¹ Graduado em Música (L) pela Universidade de Passo Fundo. Contato: <edemilson.brambilla@gmail.com>.

² Professor do Curso de Música da Universidade de Passo Fundo. Contato: <alexandresaggiorato@yahoo.com.br>.





Com características marcadamente rebeldes e contestatórias, o movimento contracultural, já enraizado nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, caracterizou-se, no caso do Brasil, pelo contraponto imposto à cultura de massa, e à ideologia conservadora propagada pelas elites dominantes e conservadoras que comandavam o país, especialmente ligadas à ditadura militar, instaurada entre os anos de 1964 e 1985, que cerceava e vedava toda e qualquer manifestação que lhes parecesse um atentado à moral e aos bons costumes da sociedade.

Embora buscassem evitar rótulos políticos, o rock assumiu, durante esses anos, um importante papel difusor desse ideário jovem rebelde que aos poucos eclodia no Brasil. Expressa em suas criações de diferentes maneiras, seja no vestuário e na atitude comportamental de seus integrantes, no aspecto sonoro e poético de suas composições, e, também, nas capas e encartes dos discos lançados, a contracultura propagada por essas bandas buscou fazer frente aos ideais que, para eles, eram considerados arcaicos e ultrapassados.

Nesse sentido, é importante que busquemos compreender um pouco mais sobre os reflexos do movimento contracultural nas criações feitas pelos roqueiros do período, especialmente o que pode ser percebido através das capas de seus álbuns, já que estas também figuram como expressão do ideário defendido pela banda, especialmente em meio ao conturbado cenário político e social em que esses jovens estavam inseridos. Serão usados como base para análise neste trabalho, as capas dos álbuns: *Jardim Elétrico* (Os Mutantes, 1971), *Snegs* (Som Nosso de Cada Dia, 1974), *Fruto Proibido* (Rita Lee & Tutti Frutti, 1975) e *Lar de Maravilhas* (Casa das Máquinas, 1975), que figuram entre os mais expressivos do gênero durante aqueles anos.

2. RETRATOS DA SUBVERSÃO

Enquanto um intenso período censório e repressivo associado à promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5)³ assolava boa parte das manifestações artísticas durante o período da ditadura militar brasileira, os ideais do movimento contracultural que aos poucos chegavam no país, instituíram entre os jovens roqueiros um ideário marcadamente rebelde e transgressor. Através de suas criações, os ideais incorporados por eles pareciam ficar cada vez mais evidentes, à medida em que o momento sócio-político brasileiro tornava-se cada vez mais turbulento. A ideologia assumida no conteúdo poético-musical dos discos lançados, também

³ Promulgado pelo general Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968, o ato estipulava, entre outras medidas, a censura prévia aos meios de comunicação e às artes em geral.

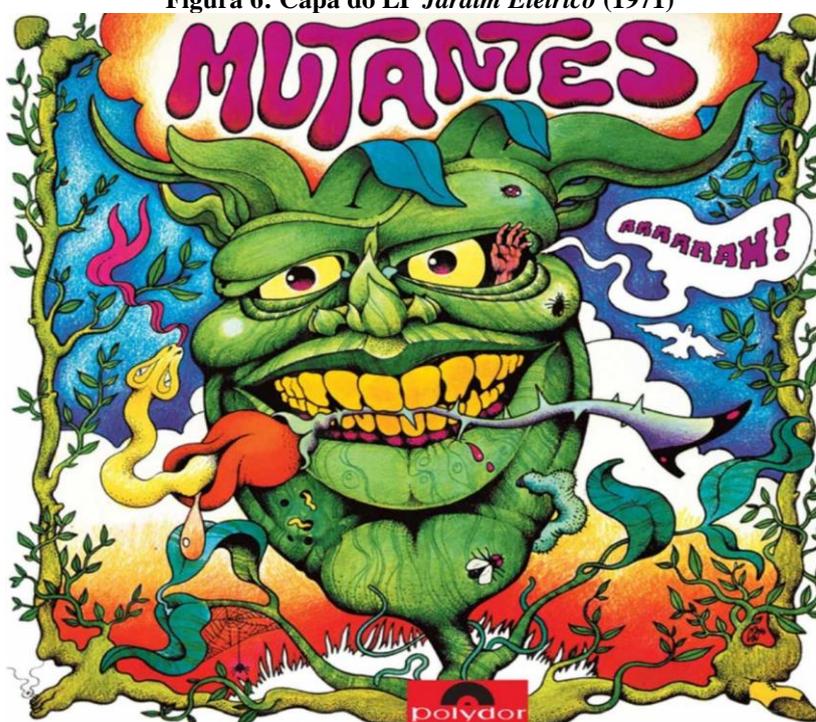




parece ficar expressa nos elementos contidos nas capas e encartes desses álbuns, dando assim, um sentido de unidade à obra produzida.

Lançado em 1971, pela banda Os Mutantes, o álbum *Jardim Elétrico* parece expressar muito desta ideologia. Sua capa, para além de influências oriundas da *pop art*, traz uma possível referência aos ideais do psicodelismo presente em grande parte das bandas de rock do período. Segundo Calado (1997, p. 250) o álbum trazia estampado em sua capa “uma planta fantástica e engraçada – na verdade, a estilização de um grande pé de maconha. Vejamos:

Figura 6: Capa do LP *Jardim Elétrico* (1971)



Fonte: < <http://www.arnaldobaptista.com.br>>.

Segundo Ridenti (2003, p. 147):

[...] a contracultura caracterizava-se por pregar a liberdade sexual e o uso de drogas – como a maconha e o LSD, cujo uso era considerado uma forma de protesto contra o sistema. O amor livre e as drogas seriam liberadores de potencialidades humanas escondidas sob a couraça imposta aos indivíduos pelo moralismo da chamada “sociedade de consumo”.

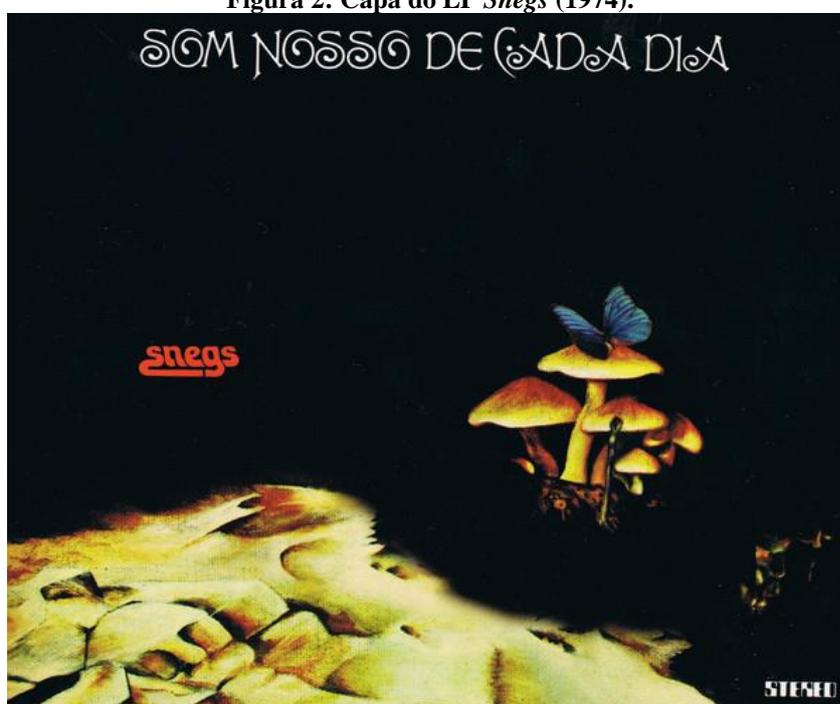
Esses ideais também podem ser evidenciados em outras capas de álbuns lançados neste período. Em seu primeiro trabalho, denominado *Snegs*, lançado em 1974, a banda Som Nosso de Cada Dia parece também fazer uma possível referência ao uso recorrente de alucinógenos durante aqueles anos. Sua capa traz a imagem de cogumelos, e seu uso, oriundo especialmente





de experiências psicodélicas, tornou-se uma prática constante entre os jovens do período, na busca por uma fuga, mesmo que momentânea, do conservadorismo e da repressão propagadas pelas elites que comandavam o país. Nesse sentido, o pesquisador Luciano Martins afirma que a experiência com o ideário psicodélico entre esses jovens funcionava “como afirmação da liberdade através da busca do prazer, como um ato de rebeldia (sem objeto claro) e como algo que a distinguiria e que a oporia ao mundo adulto e repressivo – ao mundo careta [...]” (apud CAPELLARI, 2007, p. 57). Vejamos a imagem:

Figura 2: Capa do LP *Snegs* (1974).



Fonte: < <https://murodoclassicrock4.blogspot.com.br/2011/05/som-nosso-de-cada-dia-discografia.html>>.

Conforme já mencionamos, assim como acontecia com os demais tipos de arte, a música que fosse considerada uma ameaça aos ideais defendidos pelo regime militar era facilmente censurada, e seus músicos colocados sob intensa vigilância do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Tamanho controle não se restringia somente ao aspecto musical do artista, mas, também, interferia diretamente no aspecto visual de sua carreira. Essa censura imposta pelos militares pode ser percebida de modo bastante particular através do álbum *Fruto Proibido*, de Rita Lee & Tutti-Frutti, lançado em 1975. Segundo Carocha (2007, p. 51):





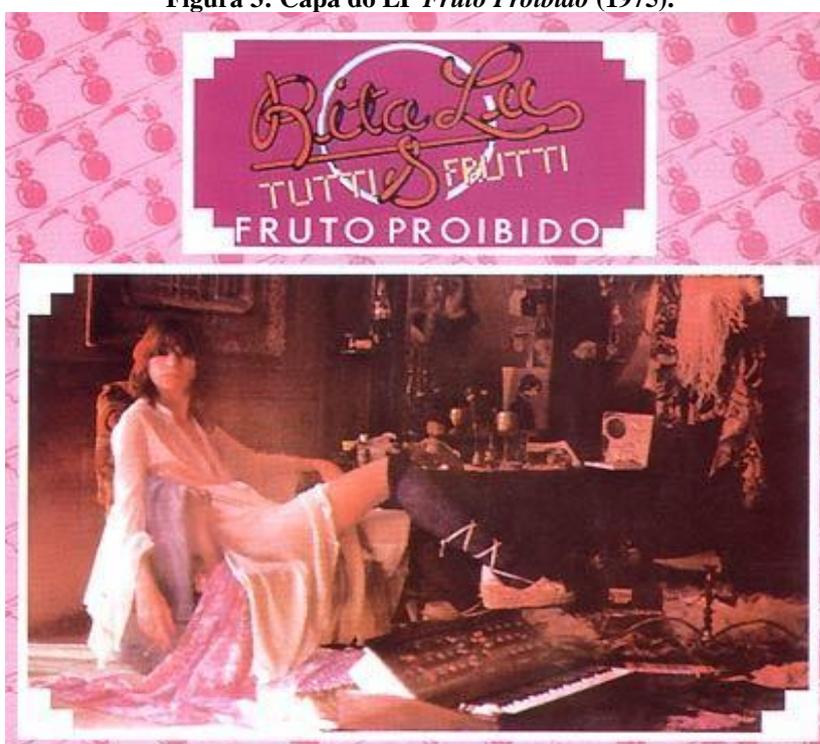
II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

[...] a cantora e compositora Rita Lee teve seu LP intitulado *Fruto Proibido* recolhido de todas as lojas de discos localizadas em território nacional. O motivo principal da censura não foram as letras musicais, mas sim a capa do LP que, segundo os censores, “reproduzia claramente uma atmosfera lúbrica de cabaré francês”. A foto da capa mostrava a cantora trajando uma camisola de seda que possuía uma fenda lateral na perna esquerda, pela qual se podia vislumbrar levemente a coxa desnuda da cantora. A gravadora de Lee ainda tentou argumentar, já que as composições deste LP haviam sido liberadas em 1973, mas não houve alternativa e o disco foi recolhido e sua capa modificada posteriormente.

Vejamos a versão final da capa do disco:

Figura 3: Capa do LP *Fruto Proibido* (1975).



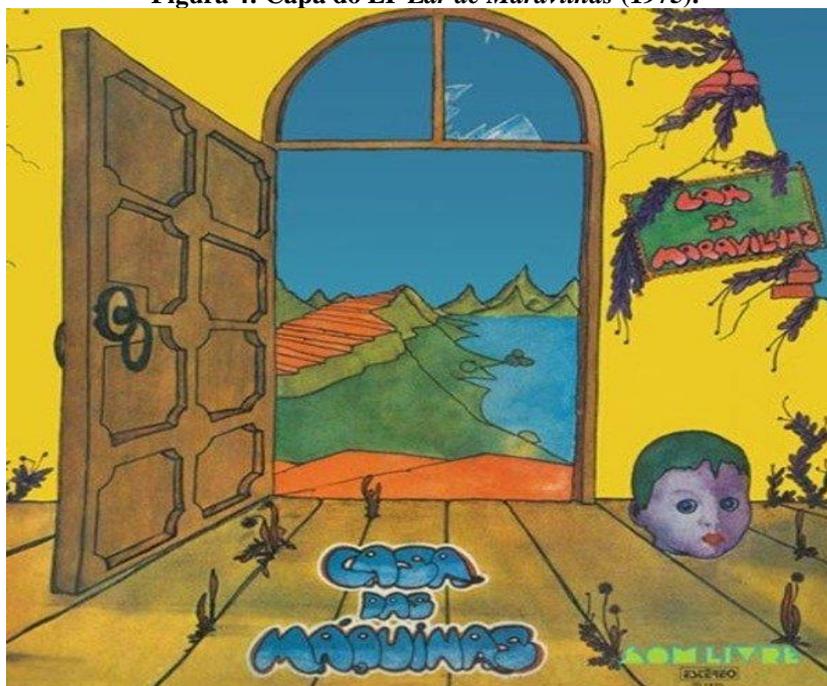
Fonte: <<http://www.ritalee.com.br/>>.

Em *Lar de Maravilhas*, álbum lançado em 1975 pela banda Casa das Máquinas, a capa parece apresentar a oposição entre duas realidades: a primeira delas (interna), demonstra um cenário em ruínas, sem vida, arcaico e ultrapassado, um possível retrato metafórico da realidade vivenciada pelos integrantes do grupo, e, conseqüentemente, pela maioria dos jovens durante o período ditatorial. A segunda (externa), apresenta a imagem de um lugar maravilhoso – como sugere o próprio nome do disco –, um anseio utópico que parece funcionar, durante aqueles anos, como um ponto de fuga mediante a repressão e censura ocasionadas pela ditadura militar. Vejamos:





Figura 4: Capa do LP *Lar de Maravilhas* (1975).



Fonte: <<http://www.bandacasadasmaquinas.com.br/>>.

No contexto em que estes jovens estavam inseridos, a busca por um lugar maravilhoso, muitas vezes retratado em suas criações musicais, em grande medida, se resumia em distanciar-se da agitação e da turbulência dos grandes centros urbanos, e ir de encontro com o sossego e a tranquilidade da vida interiorana. A vida comunitária, característica marcante da ideologia *hippie*, era o espaço onde os jovens experimentavam livremente o que, aos olhos dos mais conservadores, seria considerado um atentado à moral e aos bons costumes da sociedade, a saber: a liberdade sexual, o misticismo, e o uso de drogas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente de muitas bandas de rock brasileiras da década de 1970, que enceraram suas atividades sem deixar nenhum registro de suas criações em vinil, as bandas Som Nosso de Cada Dia, Os Mutantes, Casa das Máquinas e Rita Lee & Tutti-Frutti conseguiram subverter, ao menos em partes, os padrões estéticos e comportamentais das classes mais conservadoras. Para além de aspectos sonoros e poéticos, a imagem destes artistas (e aqui incluímos também as capas dos álbuns por eles lançados), configuraram-se como catalisadores desse pensamento rebelde e contestador propagado no período.

Destacando-se entre os mais expressivos álbuns do gênero, os discos aqui brevemente analisados parecem deixar evidentes a ideologia assumida por suas respectivas bandas, em





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

especial no que se refere à ditadura militar brasileira e a identificação destes grupos com os ideais da contracultura emergentes no país. Conforme observado, as capas dos discos carregam, em muitos casos, um importante sentido comunicacional e expressivo, expondo traços ideológicos significativos, que eram facilmente assimilados pelos jovens durante aqueles anos.

4. REFERÊNCIAS

CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1997.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. *O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970)*. Teses (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História/FFLCH – Universidade de São Paulo, 2007.

CAROCHA, Maika Lois. *Pelos versos das canções: um estudo sobre o funcionamento da censura musical durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social/IFCS – Universidade do Rio de Janeiro, 2007.

CASA DAS MÁQUINAS. *Lar de Maravilhas*. São Paulo: Som Livre, 1975.

OS MUTANTES. *Jardim Elétrico*. São Paulo: Polydor, 1971.

RIDENTI, Marcelo. *Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança*. In: **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura, regime militar e movimentos sociais em fins do séc. XX**. FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 4, 2003, 432p.

RITTA LEE & TUTTI-FRUTTI. *Fruto Proibido*. São Paulo: Som Livre, 1975.

SOM NOSSO DE CADA DIA. *Snegs*. São Paulo: Continental, 1974.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O SUPORTE AO DESENGAJAMENTO DE CARREIRA DE ATLETAS: UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO

THE ATHLETES CAREER DISARMAMENT SUPPORT: AN EVALUATION

PROPOSAL

Eduarda Hoffmaister Ribeiro (Universidade Feevale)¹

Marcus Levi Lopes Barbosa (Universidade Feevale)²

Aline Bonini Reis Pedroso Diehl (Universidade Feevale)³

Resumo: Na área do esporte, a aposentadoria do atleta ocorre muito precocemente, tornando-se essencial a disponibilidade de algum tipo de auxílio aos esportistas, principalmente nas áreas: social, ocupacional, financeira e psicológica. Sendo assim, se justifica a realização deste estudo, devido à escassez de material de pesquisa que investigue o tipo de suporte que ex-atletas recebem durante o processo de desengajamento de carreira. Desta forma, esse estudo tenciona contribuir para sanar esta falta observada na literatura. Assim o Inventário de Suporte ao Desengajamento de Carreira de Atletas foi submetido ao processo de validação de conteúdo a partir do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), por três juízes avaliadores. Após a análise dos dados, alterações foram realizadas e, a partir disto, os dados apresentados evidenciam que o instrumento é válido e recomendam a sua aplicação na população alvo do estudo.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte. Aposentadoria. Suporte. Ex-atleta.

Abstract: In the area of sport, the retirement of the athlete occurs very early, becoming essential the availability of some type of aid to athletes, mainly in the areas: social, occupational, financial and psychological. Therefore, this study is justified because of the scarcity of research material that investigates the type of support that ex-athletes receive during the process of career. In this way, this study intends to contribute to remedy this lack observed in the literature. Thus, the Athlete Career Disengagement Support Inventory was submitted to the content validation process from the Content Validity Coefficient (CVC) by three evaluating judges. After the analysis of the data, changes were made and, from this, the data presented evidence that the instrument is valid and recommend its application in the target population of the study.

Keywords: Psychology of Sport. Retirement. Support. Ex-athlete

INTRODUÇÃO

O esporte no Brasil é visto, muitas vezes, apenas pelo viés do entretenimento, relegando-se as questões financeiras, trabalhistas e sociais que englobam o trabalho dos atletas, em diferentes modalidades (FONSECA, 2016). Como se trata de trabalhadores com carreiras diferenciadas, comparado a de demais profissões, os atletas necessitam de uma visão mais flexível e uma rede de suporte que lhe dê segurança no seu período de desengajamento de carreira (FERREIRA, 2009).





Neste trabalho, entende-se suporte como todo tipo de iniciativa por parte de dirigentes, sindicatos, família e equipe técnica envolvida com o esportista, em disponibilizar algum tipo de auxílio aos atletas diante seu processo de aposentadoria de carreira. Como a aposentadoria do atleta ocorre muito precocemente o suporte social, ocupacional, financeiro e psicológico torna-se essencial neste momento, assim como nas demais transições de carreira do atleta (AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO, 2008).

O processo de desengajamento de carreira é definido por Super e Bohn Junior (1976) como um declínio das capacidades físicas e mentais do sujeito, que se inicia por volta dos 60 anos de idade e ocorre de forma vagarosa, ganhando força com o passar dos anos. É evidente que na carreira esportiva, a aposentadoria do atleta ocorre anterior a esta idade, de modo geral, em torno dos 40 anos, tornando a carreira de atleta um tanto quanto atípica se comparada às demais.

Sendo assim, se justifica a realização deste estudo, devido à escassez de material de pesquisa nesta área, pois foram encontrados poucos estudos sobre o assunto e em nenhum deles o foco foi a investigação do tipo de suporte que ex-atletas recebem durante o processo de desengajamento de carreira. Desta forma, esse estudo tenciona contribuir para sanar esta falta observada na literatura. Para conseguir responder a esta lacuna, este trabalho pretende propor uma nova proposta de medida que avalie o nível de suporte e em quais esferas ele é oferecido aos atletas. Esta pesquisa foi elaborada em um estudo maior, na qual este artigo faz parte e em qual foi realizado, além da validação de conteúdo do instrumento, a consistência interna e aplicação em uma amostra do público desta temática de estudo.

METODOLOGIA

SUJEITOS

Participaram desta pesquisa três profissionais convidados, todos eles com no mínimo mestrado e um ano de atuação na área da temática do estudo. O primeiro juiz avaliador possuía mestrado e era atuante na área de Educação Física, o segundo possuía mestrado e atuava na área de Orientação de Carreira, o terceiro e último juiz, possuía mestrado e atuava na área da Psicologia do Esporte. Segundo Hernandez-Nieto (2002), a amostra deve ser composta um grupo de no mínimo três e no máximo cinco juízes com notória experiência em determinada área de estudo.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INSTRUMENTO

O instrumento utilizado na pesquisa foi o Inventário de Suporte ao Desengajamento de Carreira de Atletas que foi elaborado no contexto de um estudo maior na qual este trabalho faz parte. Trata-se de uma ferramenta com 36 itens, subdivididos por quatro esferas: organizacional, financeira, psicológica e social. O instrumento deveria ser respondido a partir de uma escala *likert* de cinco pontos, sendo 1 “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”.

PROCEDIMENTOS

A fim de cumprir o objetivo deste trabalho, os três juízes foram contatados e convidados a participar do estudo respondendo a um instrumento adaptado do Inventário de Suporte ao Desengajamento de Carreira de Atletas com a finalidade de avaliar a clareza de linguagem e a pertinência prática dos itens do inventário. Todos responderam de forma independente, online ou presencialmente. Esta versão adaptada possuía ao lado de cada questão duas colunas que se dispunham em avaliar clareza e pertinência, uma seguida da outra, e por fim, uma coluna para observações e comentários dos juízes, se assim fosse necessário.

Os itens deveriam ser avaliados a partir de uma escala *likert* de cinco pontos, sendo que 1 justificava um item de “pouquíssima clareza/pertinência” e 5 um item de “muitíssima clareza/pertinência”. A partir dos dados coletados, as análises foram realizadas.

RESULTADOS

Avaliado os dados, foi calculado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC). O CVC foi desenvolvido por Hernandez-Nieto (2002) e busca responder questões a respeito da validade de conteúdo de um instrumento. De acordo com a literatura, um instrumento psicológico pode ser considerado válido quando o CVC for igual ou maior que 0,8, aceitáveis quando os valores forem iguais ou superiores a 0,7 e admitidos apenas para pesquisa, itens iguais ou superiores a 0,6 (CASSEPP-BORGES; BALBINOTTI; TEDORO, 2010). Desta forma, buscou-se através da validação de conteúdo, um instrumento de pesquisa com valores de CVC acima de 0,8 para cada item do inventário.

Após a realização dos cálculos, foram obtidos os seguintes valores, descritos na Tabela 1, sendo “C” e “P”, clareza e pertinência, consecutivamente:





Tabela 1. CVC da clareza de linguagem e pertinência do Inventário

ITEM	Média C.	Média P.	CVCI C.	CVCI P.	Pei C. e P.	CVcC C.	CVcC P.
1 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei me incentivou a adquirir outros conhecimentos fora da temática esportiva	3,33	3,33	0,67	0,67	0,037	0,63	0,63
2 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei, oportunizou workshops/cursos/palestras voltados para aquisição de outros conhecimentos fora da temática esportiva	4,67	4,33	0,93	0,87	0,037	0,90	0,83
3 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei, possuía projetos com objetivos voltados para a inserção de ex-atletas projetos/atividades	4,33	5	0,87	1	0,037	0,83	0,96
4 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei promoveu cursos, seminários ou palestras relacionadas a aposentadoria de atletas	5	5	1	1	0,037	0,96	0,96
5 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei, próximo a minha aposentadoria, ofereceu um processo de destreinamento físico (com a redução da frequência e cargas de treino)	5	4	1	0,8	0,037	0,96	0,76
6 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei ofereceu assessoria durante o processo de aposentadoria	4	4,33	0,8	0,87	0,037	0,76	0,83
7 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei oportunizou assessoria após o processo de aposentadoria	4	4,33	0,8	0,87	0,037	0,76	0,83
8 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei oportunizou outras possibilidades de trabalho dentro do próprio meio esportivo	4,67	4,67	0,93	0,93	0,037	0,90	0,90
9 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei manteve contato, mostrando-se interessada com meu processo de aposentadoria	5	4,67	1	0,93	0,037	0,96	0,90
10 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei proporcionou momentos de discussão sobre o processo de aposentadoria com outros ex-atletas da modalidade	5	5	1	1	0,037	0,96	0,96
11 - Durante meu processo de aposentadoria, recebi algum tipo de auxílio financeiro da equipe diretiva do clube em que trabalhei	4,67	4,67	0,93	0,93	0,037	0,90	0,90
12 - Durante minha carreira esportiva, recebi orientação da equipe diretiva do clube em que trabalhei sobre o planejamento financeiro, pensado na aposentadoria	4,67	4,67	0,93	0,93	0,037	0,90	0,90
13 - Durante minha carreira esportiva, fui orientado a ter outras fontes de rendas que não apenas originadas da prática do esporte	4,67	4,67	0,93	0,93	0,037	0,90	0,90
14 - Durante o processo de aposentadoria recebi algum tipo de auxílio financeiro dos patrocinadores	4,67	4,67	0,93	0,93	0,037	0,90	0,90
15 - Após a aposentadoria esportiva recebi algum tipo de auxílio financeiro dos patrocinadores	5	4,67	1	0,93	0,037	0,96	0,90
16 - O sindicato/federação/ confederação ofereceu suporte financeiro após a aposentadoria	4,67	5	0,93	1	0,037	0,90	0,96
17 - A equipe técnica e diretiva do clube em que trabalhei demonstrou interesse em ouvir minhas preocupações depois do processo de aposentadoria	3,67	4,33	0,73	0,87	0,037	0,70	0,83
18 - A equipe técnica e diretiva do clube em que trabalhei me apoiou durante o processo de aposentadoria	3,67	4,33	0,73	0,87	0,037	0,70	0,83
19 - A equipe técnica e diretiva do clube em que trabalhei proporcionou um espaço de escuta em meu processo aposentadoria	4	5	0,87	1	0,037	0,76	0,96
20 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei proporcionou atividades voltados para me ajudar a lidar com os processos emocionais relacionados a aposentadoria	4,67	5	0,93	1	0,037	0,90	0,96
21 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei proporcionou atividades que tinham por objetivo me fortalecer para lidar com o processo de aposentadoria	4,33	5	0,87	1	0,037	0,83	0,96





22 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei me proporcionou autonomia para escolher o momento que eu iniciaria o processo de aposentadoria	4,67	5	0,93	1	0,037	0,90	0,96
23 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei ofereceu suporte psicólogo durante meu processo de aposentadoria	4,67	5	0,93	1	0,037	0,90	0,96
24 - A equipe diretiva do clube em que trabalhei ofereceu suporte psicólogo após meu processo de aposentadoria	4,67	5	0,93	1	0,037	0,90	0,96
25 - A federação/sindicato/ confederação da minha modalidade esportiva ofereceu suporte psicológico após a aposentadoria	5	5	1	1	0,037	0,96	0,96
26 - Minha família esteve muito presente durante o meu processo de aposentadoria	4,33	5	0,87	1	0,037	0,83	0,96
27 - Minha família esteve muito presente após o meu processo de aposentadoria	4,33	5	0,87	1	0,037	0,83	0,96
28 - Minha família me incentivou a participar de projetos sociais, durante o processo de aposentadoria	4,33	4	0,87	0,8	0,037	0,83	0,76
29 - Minha família me incentivou a participar de outras atividades fora do contexto esportivo, durante o processo de aposentadoria	5	5	1	1	0,037	0,96	0,96
30 - Minha família ofereceu algum tipo de auxílio financeiro durante meu processo de aposentadoria	4,67	5	0,93	1	0,037	0,90	0,96
31 - Meus amigos me apoiaram durante o processo de aposentadoria	5	5	1	1	0,037	0,96	0,96
32 - Meus amigos me apoiaram após a aposentadoria	5	5	1	1	0,037	0,96	0,96
33 - Meus amigos me incentivaram a participar de projetos sociais, durante o processo de aposentadoria	4,33	4,33	0,87	0,87	0,037	0,83	0,83
34 - Meus amigos me incentivaram a participar de outras atividades fora do contexto esportivo, durante o processo de aposentadoria	5	5	1	1	0,037	0,96	0,96
35 - Meus amigos ofereceram algum tipo de auxílio financeiro durante meu processo de aposentadoria	4,67	4,67	0,93	0,93	0,037	0,90	0,90
36 - Após a aposentadoria, ainda mantenho contato com colegas, treinadores e equipe técnica do clube em que trabalhei	5	5	1	1	0,037	0,96	0,96

Fonte: elaborado pela autora.

A partir dos resultados demonstrados na Tabela 1, percebeu-se que 28 itens (78%) apresentaram CVC_c superior ao que é sugerido na literatura como ideal, os outros 8 itens (22%), apresentaram CVC_c inferior a 0,8. O CVC_t para clareza apresentou valor de 0,88 e o CVC_t para pertinência foi de 0,91. Após a verificação destes dados e a partir dos comentários descritos pelos juízes avaliadores sobre o instrumento, as questões com índices abaixo de 0,70 foram excluídas do Inventário (1, 5, 6, 7, 17, 18, 19 e 28). Sendo que, o item 33, suscitou dúvidas em relação ao termo “projeto sociais”, que se assemelhou ao item 28 excluído, decidiu-se que seria relevante excluí-lo também, por apresentar a mesma temática.

Após estas alterações, no quesito clareza, o valor de CVC_t passou de 0,88 para 0,91 e na pertinência o valor passou de 0,91 para 0,94, sendo assim, se pode dizer que, esta primeira versão do Inventário apresenta índices de validade de conteúdo e que as mudanças realizadas após a avaliação dos juízes foram necessárias na medida em que aumentaram os níveis de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

clareza a pertinência do instrumento. Desta forma, os dados apresentados evidenciam que o instrumento é válido e recomendam a sua aplicação na população alvo do estudo.

CONCLUSÃO

Com base nos dados observados, pode-se dizer que essa versão do instrumento é válida, possibilitando sua aplicação nos sujeitos de pesquisa a qual se destina este estudo. Por se tratar dos primeiros índices obtidos ainda se vê a necessidade de mais pesquisas sobre o tema e maior investimento na validação deste instrumento.

Sugere-se a investigação de outros aspectos, como a avaliação da consistência interna do instrumento e uma aplicação em uma amostra expressiva do público alvo a qual se destina este estudo. Por se tratar de uma área pouco estudada, também é recomendável outras investigações no que se refere ao suporte ao atleta em seu processo de desengajamento de carreira.

REFERÊNCIAS

AGRESTA, Marisa Cury; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; BARROS NETO, Turívio Leite de. Impacto do término de carreira esportiva na situação econômica e profissional de jogadores de futebol profissional. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, n. 16, p.29-38, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/UCB/RBCM/v16n01/v16n01a04.pdf>>. Acesso em: 10 Mai. 2018.

CASSEPP-BORGES, Vicente; BALBINOTTI, Marcos A. A.; TEODORO, Maycoln L. M. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: PASQUALI, Luiz (Org.). **Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Artmed, 2010. Cap. 24, p. 506-521.

FERREIRA, Alexandre Ortiz. **Propriedades métricas do inventário de preocupações de carreira de adulto – versão para atletas**: validade de construto e consistência interna. 2009. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2009.

FONSECA, Eduardo Perini Rezende da. Motoristas profissionais e atletas profissionais de futebol: quando a legislação especial precariza o trabalho. **Revista do Curso de Direito do UNIFOR**, Formiga, v. 7, n.2, p. 118-137, Dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uniformg.edu.br:21011/periodicos/index.php/cursodireitouniformg/article/view/483>>. Acesso em: 21 Mar. 2018.

HERNANDEZ-NIETO, R. A. **Contributions to statistical analysis**. Mérida: Universidad de Los Andes, 2002. 119 p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SUPER, Donald Edwin; BOHN JUNIOR, Martin J. **Psicologia Ocupacional**. São Paulo:
Atlas, 1976.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MULHERES EMPREENDEDORAS E IMAGENS DE SI EM CONTEXTOS SOCIOPROFISSIONAIS

WOMEN ENTREPRENEURS AND THE IMAGES OF THE SELF IN SOCIO- PROFESSIONAL CONTEXTS

Eliane Davila dos Santos (Universidade Feevale)¹

Ernani Cesar de Freitas (Universidade Feevale)²

Resumo: O estudo se fundamenta em concepções iniciais para uma tese e tem, como ponto modal, o alargamento da compreensão de como a mulher, no contexto socioprofissional, torna-se empreendedora, e de que maneira ela se lança como protagonista nesse processo. O objetivo do estudo é analisar a identidade da mulher empreendedora sob o aspecto da dinâmica cultural, do empreendedorismo e do *ethos* discursivo. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com enfoque bibliográfico. As análises revelam que é profícuo cotejar as temáticas de forma interdisciplinar para refletir sobre os *ethé* discursivos construídos mediante cenografias sobre o empreendedorismo, mostrados na interdiscursividade das práticas socioprofissionais da mulher, e compreendê-los

Palavras-chave: Empreendedorismo. Cultura. Identidade. *Ethos* discursivo. Mulher.

Abstract: The study is based on initial conceptions for a thesis and has, as a modal point, the widening of the understanding of how women, in the socio-professional context, become entrepreneurial, and in what way they launch themselves as protagonists in this process. The aim of the study is to analyze the identity of the entrepreneurial woman under the aspect of cultural dynamics, entrepreneurship and the discursive *ethos*. This is an exploratory research, with a bibliographical approach. The analysis reveal that it is useful to cross-examine the themes in an interdisciplinary way to reflect on the discursive *ethos* constructed through scenarios on entrepreneurship, shown in the interdiscursivity of women's socio-professional practices, and to understand them.

Keywords: Entrepreneurship. Culture. Identity. Discursive *ethos*. Woman.

1 INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas do século XXI geraram transformações na economia e na indústria do mundo inteiro. A tecnologia, à medida que se desenvolve, rompe com a organização do trabalho, e as fronteiras econômicas se ampliam na busca do desenvolvimento das nações. Empreender é, sem dúvida, um dos fenômenos mais estudados no mundo e há inúmeras pesquisas que têm como base a investigação dessa temática. Nota-se que o empreendedorismo tem sido empregado como mecanismo de paridade de direitos para as mulheres e evoca sua participação, como sujeitos históricos, no crescimento econômico em suas regiões.

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, Novo Hamburgo/RS. e-mail: eliane.d@feevale.br.

²Pós-doutor em Linguística Aplicada e professor da Universidade Feevale. Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais, Novo Hamburgo/RS. Email: ernanic@feevale.br.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A pesquisa aborda proposições preliminares acerca do empreendedorismo feminino, cultura, identidade e mundo do trabalho. A temática do estudo é delimitada à análise do discurso, por meio de cenografias e dos *ethé* discursivos, mostrados na interdiscursividade das práticas socioprofissionais de mulheres empreendedoras. O objetivo do estudo visa propor discussões sobre a identidade da mulher empreendedora, sob o aspecto da dinâmica cultural do empreendedorismo e do *ethos* discursivo. A pesquisa vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais e insere-se na linha de pesquisa: Linguagem e Processos Comunicacionais.

As questões sobre identidade e cultura são, aqui, sustentadas por Hall (2006); Wagner (2010); Bourdieu (1994) e Woodward (2000). As argumentações sobre o empreendedorismo são feitas por Ahl (2002); Bruin, Bruschi e Welter (2006); Dornelas (2012) e Filon (1999). Sobre *ethos* discursivo, os postulados de Maingueneau (1997, 2008a, 2008b) fazem as articulações da análise do discurso da linha francesa.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, com enfoque bibliográfico, com a finalidade de tencionar as noções propostas. A análise revela que é profícuo cotejar as temáticas de forma interdisciplinar para refletir sobre os *ethé* discursivos construídos mediante cenografias sobre o empreendedorismo, mostrados na interdiscursividade das práticas socioprofissionais da mulher e compreendê-los.

2 REFLEXÕES SOBRE O EMPREENDEDORISMO: DIÁLOGOS ENTRE CULTURA, IDENTIDADE E *ETHOS*

O antropólogo americano Geertz (2008), de certa forma, dá relevo a uma abordagem sobre cultura que, sob sua ótica, pode ser entendida como um sistema de concepções reveladas de forma simbólica de que o homem se vale para manter e desenvolver seus conhecimentos a respeito da vida. Wagner (2012, p. 367) complementa ao dizer que existem “dois domínios universalmente reconhecidos da experiência: o reino do inato, ou do “dado”, daquilo que é inerente das coisas, e do reino dos assuntos sobre os quais seres humanos podem exercer o controle e assumir responsabilidade”. Nessa perspectiva, os fenômenos culturais e sociais são compreendidos como uma relação dialógica entre os dois domínios.

Hall (2006) alerta para o fato de que a interdependência global está levando ao colapso todas as identidades culturais fortes, gerando fragmentações de seus códigos e a uma multiplicidade de estilos, o que resulta em um pluralismo cultural. Cabe lembrar, também, que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

a identidade social é representada por aquilo que cada grupo revela de si e pelo que percebe do outro. Bourdieu (1994) formula o conceito de *habitus* como uma fonte das representações que é fruto de circunstâncias concretas. Assim, o *habitus* pode ser traduzido como a compreensão da maneira de pensar de uma sociedade e de seus julgamentos morais, políticos e estéticos. O interesse pela apreensão de questões sobre identidade, atualmente, ganha relevância com os propósitos que vinculam “a forma como a identidade se insere no círculo da cultura bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com o discurso e a representação” (WOODWARD, in SILVA, 2000, p. 16). É importante lembrar que a identidade e a diferença – ou seja, a noção relacional da identidade – estão em conexão com o poder, o que significa que quem tem o poder de representar tem o poder de determinar as identidades.

O movimento dinâmico da economia mundial tem favorecido a inserção de mulheres empreendedoras no mercado brasileiro e internacional. Nota-se que a perspectiva de que são os atores sociais que renovam os conceitos, os paradigmas e geram riqueza em uma sociedade (DORNELAS, 2012) evidenciam a relevância dos estudos sobre mulheres empreendedoras.

Assim, deve-se entender que o empreendedorismo é descrito como sendo a qualidade ou caráter de quem é empreendedor, e aquele sujeito que, por sua iniciativa, realiza ou concebe novos métodos para aprimorar e ampliar as atividades relacionadas aos serviços, produtos e atividades administrativas. É notório, entretanto, que as características multifacetadas do conceito geram divergências sobre seu significado. Em que pese a difusão do conceito de empreendedor por meio de escritos em linha inglesa, o termo é de origem francesa, do substantivo *entrepreneur* que, por sua vez, é derivado do latim *imprehendere*, ou *prehendere*. (DORNELAS, 2012).

As abordagens sobre o empreendedorismo são vastas, sendo que as de caráter psicológico e antropológico enfatizam as características da personalidade do empreendedor. Já na abordagem sociológica, entende-se o sujeito empreendedor como o que cria a organização, e a econômica entende o sujeito como um agente econômico. (JULIEN, 2010). Conseqüentemente, Fillion (1999), em suas pesquisas, abrevia as diversas abordagens condensando-as em duas áreas principais: econômica e comportamental, pois há economistas que relacionam o empreendedorismo “à inovação e os comportamentalistas que enfatizam aspectos atitudinais com a criatividade e a intuição”. (ZARPELLON, 2010, p. 49). Dentre os principais teóricos da abordagem econômica, mencionam-se: Richard Cantillon, Jean Baptiste Say e Joseph





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Shumpeter. Destacam-se, na abordagem comportamentalista, os teóricos Max Weber e David McClelland. (DORNELAS, 2012).

Observa-se que a trilha percorrida pela mulher na história e seus avanços nas atividades laborais contribuíram para sua tentativa de se desprender das amarras sociais que persistem na atualidade. Percebe-se que os estudos sobre a mulher no empreendedorismo encontram espaço em conferências acadêmicas no ano de 2003, nos Estados Unidos. Percebe-se claramente que, até a década de 1990, falava-se, apenas, sobre o homem empreendedor, mas com o início da participação da mulher nesses nichos, tornou-se necessário dar destaque às pesquisas que dão voz às mulheres dessa área. (BRUIN; BRUSH; WELTER, 2006).

Na realidade, o campo do empreendedorismo que dá voz às mulheres tem sido relacionado, na maioria das vezes, às teorias feministas em que o fenômeno é analisado por lentes de gênero. A partir do pensamento de Beauvoir (2009), que entendia o gênero como um constructo social, Scott (1995), em uma perspectiva pós-estruturalista, enfatiza o caráter relacional do gênero, sugerindo reflexões sobre os papéis identitários da mulher e do homem na sociedade. Nesse sentido, é no universo simbólico que são elaboradas as percepções sobre as distinções entre homens e mulheres investigando suas competências analíticas interpretativas. Nessa mesma linha de raciocínio, é possível dizer que uma relação desigual de poder pode levar a uma submissão de grupo dominado, como sugere Bourdieu (2010), quando fala da dominação masculina na sociedade.

Portanto, a busca pelo assentamento de uma igualdade de gênero auxilia no desenvolvimento social das nações (ALH, 2002) e possibilita o acesso da mulher às diversas instâncias laborais. Acolhendo, neste estudo, as premissas do respeito à igualdade entre as pessoas e os princípios de respeito à diversidade do ser humano, cabe lembrar que o interesse do mesmo recai sobre a mulher empreendedora e como ela se revela no discurso. Acredita-se que seja profícuo dialogar com as questões do empreendedorismo, pois se busca depreender, de forma interdisciplinar, a complexidade do fenômeno e suas implicações interdiscursivas nas práticas socioprofissionais de mulheres em parques tecnológicos.

A perspectiva do ato enunciativo perpassa a reflexão sobre o estatuto do enunciador e o destinatário. De acordo com Maingueneau (2008a, p. 87, grifo do autor), “os diversos modos da subjetividade enunciativa dependem igualmente da competência discursiva, sendo que cada discurso, define o *estatuto* que o enunciador deve atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. Pode-se dizer, também, que tanto o enunciador quanto o destinatário se apoderam de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

um lugar e, nesse espaço, o enunciador projeta uma imagem de si no discurso a partir da qual o legítima. (FREITAS, 2011). No ambiente laboral, por meio da enunciação, o sujeito empreendedor elabora cenas enunciativas que vão determinar o *ethos* discursivo. A imagem de si permite a interpretação da identidade do sujeito e as manifestações culturais que emergem desses discursos. Segundo Freitas (2011), não é possível pensar em discurso de modo estanque, mas como um construto de várias dimensões. Quando se pensa em *ethos* discursivo, logo se o vincula à ideia de interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo (*ethos* prévio), *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também a “fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*) – diretamente – “é um amigo que lhe fala” ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo.” (MAINGUENEAU, in AMOSSY, 2008c, p. 18, grifo e aspas do autor).

O discurso é considerado como linguagem em interação, vinculado às construções de sentido. Portanto, os aspectos formais da língua interessam à medida que são determinados pelo sentido, pelas direções semânticas que as situações particularizadas de uso da linguagem lhes prestam. De acordo com Maingueneau (1997), a partir da cena enunciativa, revela-se a personalidade do enunciador, que se constitui no *ethos* discursivo. A exploração desses conceitos permite conceber o discurso dotado de dinamismo e de movimentação.

CONCLUSÃO

As articulações com os estudos discursivos e as questões sobre a cultura, a identidade e o empreendedorismo fornecem pistas que auxiliam no entendimento das cenografias das mulheres empreendedoras. De acordo com essa teoria, pode-se afirmar que os discursos se originam em um vínculo dialógico com o *outro* no espaço de trocas entre os diversos posicionamentos.

Entende-se, neste estudo, que a interdiscursividade é um lugar privilegiado de mediação entre a língua e a ideologia. É um lugar de práticas sociais e de constituição de sujeitos na linguagem. É no discurso do empreendedorismo que reverberam as manifestações culturais e identitárias, frutos das construções simbólicas do ser humano. Assim, os aspectos discursivos possibilitam também uma maior compreensão da identidade da mulher empreendedora, de seus valores, de suas culturas, de suas ideologias, assim como de suas relações sociais.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFERÊNCIAS

AHL, Helene, J. **The Making of the Female Entrepreneur: A Discourse Analysis of Research Texts on Women's Entrepreneurship.** 216f. 2002. Thesis of doctorate degree (Jonkoping International Business School), Jonkoping University, Sweden, 2002. Disponível em: < <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:3890/FULLTEXT01.pdf> > . Acesso em: 10 fev. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre

Bourdieu/ **Sociologia.** Trad. Paula Monteiro. 2.ed. São Paulo, SP: Ática, 1994, p.46-81.

_____. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 9ª ed., 2010.

BRUIN, Anne de; BRUSH, Candida G.; WELTER, Friederike. Introduction to the Special Issue: Towards Building Cumulative Knowledge on Women's Entrepreneurship. **Entrepreneurship: Theory and Practice.** Baylor University. Volume 30, Issue 5. p. 485-593, set. 2006. Disponível em: < [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/\(ISSN\)1540-6520/issues](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/(ISSN)1540-6520/issues)> . Acesso em: 20 fev. 2018.

DORNELAS, Jose Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios.** Rio de Janeiro-RJ: Campus, 2012.

FREITAS, Ernani Cesar. Cultura, linguagem e trabalho: comunicação e discurso nas organizações. **Desenredo** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da 25

Universidade de Passo Fundo, v. 7, n. 1, p. 104-126, jan./jun. 2011. Disponível em: < <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/1917> > Acesso em: 07 fev. 2018.

FILION, Louis Jacques. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **RAE.** São Paulo, v. 39, n. 4, p. 06-20, out/dez. 1999.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v39n4/v39n4a02.pdf> > . Acesso: 19 fev. 2017.

GEERTZ, Clifford. **A das culturas.** 1. ed., 13 reimp. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A., 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na -modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso.** Trad. Freda Indursky. 3.ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **dos discursos.** Tradução de Sírio Possenti. São Paulo, SP: Parábola

Editorial, 2008a.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

_____. **Cenas da** . Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-E-Silva. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008b.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**. São Paulo, SP: Contexto, 2008c. p. 69-91.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. V. 20. n. 2, p. 1-29. jul/dez.1995. Disponível em:< file:///C:/Users/eliane/Downloads/71721-297572-1-PB.pdf > . Acesso em: 10 fev. 2018.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Trad: SOUZA, Marcela Coelho; MORALES, Alexandre. 1. ed. São Paulo, Cosac Nayfi, 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZARPELLON, S. C. O empreendedorismo e a teoria econômica institucional. **Revista Iberoamericana de Ciências Empresariais y Economía**, 2010, p. 47-55.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFLEXÕES SOBRE A ETNOGRAFIA DE NARRATIVAS NO CONTEXTO URBANO

DELIBERATIONS ON THE ETHNOGRAPHY OF NARRATIVES IN THE URBAN
CONTEXT

Elisa Algayer Casagrande (Feevale)¹

Resumo: O presente artigo trata-se de um estudo bibliográfico sobre o método da etnografia de duração, com grupos urbanos, no contexto da cidade, a partir de Eckert e Rocha. Ao longo do trabalho, realizamos uma reflexão sobre as formas de pesquisar grupos urbanos. O conceito de duração nos traz a dimensão de tempo vivido, por isso, a etnografia de duração pressupõe a etnografia das narrativas de sujeitos em sua relação com o tempo e a cidade. Neste contexto, o conceito de memória torna-se relevante. Assim, o presente artigo propõe uma discussão sobre a metodologia de pesquisa etnográfica de narrativas no contexto urbano, tomando como ponto de partida uma reflexão sobre a ligação entre narrativas de vida e o local onde ocorrem. Estas reflexões foram realizadas a partir da disciplina de Cultura e Globalização, da Universidade Feevale, com orientação da Prof^a. Dr^a. Margarete Fagundes Nunes.

Palavras-chave: Antropologia. Etnografia. Etnografia de Duração. Narrativas Biográficas.

Abstract: The present article deals with a bibliographic study about the method of ethnography of duration, with urban groups, in the context of the city, with Eckert and Rocha. The concept of duration brings us the dimension of time lived, so the ethnography of duration presupposes the ethnography of the narratives of subjects in their relationship with time and the city. In this context, the concept of memory becomes relevant. Thus, the present article proposes a discussion about the methodology of ethnographic research of narratives in the urban context, taking as a starting point a reflection on the connection between life narratives and the place where they occur. These reflections were carried out from the discipline of Culture and Globalization, from Feevale University, orientated by Prof.^a Dr^a. Margarete Fagundes Nunes.

Palavras-chave: Anthropology. Ethnography. Ethnography of Duration. Biographical Narratives.

INTRODUÇÃO

Escuto histórias de amor. Assim dizia o cartaz da artesã que tricotava, em meio à cidade. Assim, iniciamos um processo de atração por histórias, que, não só de amor, estão inseridas no contexto urbano. Todos temos histórias, memórias, narrativas que se conectam a grupos, a uma cultura, a trajetórias - e trajetórias - e, também, à cidade. Apesar de não ser nossa intenção realizar um amplo debate sobre o conceito de cultura, para fins de compreensão, consideramos aqui a cultura como um complexo conjunto de códigos, que atuam para assegurar as ações coletivas de grupos (LÉVI-STRAUSS, 1991). Além disso, a cultura é definida como um “sistema

¹ Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Feevale). Graduada em Relações Públicas e Jornalismo (PUCRS), MBA em Com. Estratégica e Branding (Feevale e UMACOR) e especialista em Jornalismo Digital (PUCRS). E-mail: elisacasagrande@gmail.com.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana” (LARAIA, 2015). Ou, ainda, um “sistema de símbolos, organizados em diversos subsistemas” (VELHO, 1978, p. 4).

Em sua origem, a antropologia era centrada nos encontros com um “outro”, “exótico” e em geral muito distante, demarcando as fronteiras da disciplina em torno dos chamados “povos primitivos”. (NUNES, 2010, p. 188). A antropologia foi utilizada como um esforço de reduzir diferenças culturais, considerando sociedades como mais ‘primitivas’ ou ‘evoluídas’ que outras (o chamado evolucionismo cultural) - conceitos há muito questionados. Em seu movimento histórico, a antropologia começou a abraçar a ideia das especificidades nas diferenças culturais das diversas sociedades e respeitar a lógica que existe dentro destas (VELHO, 1978). No momento em que essas sociedades são ameaçadas de desaparecimento, “Claude Lévi-Strauss já alertava para a emergência dos novos *desvios diferenciais* e para a condição permanente da antropologia como *ciência intersticial* devotada ao estudo da diversidade humana”, independente do contexto no qual se manifeste. Neste processo, a etnografia surge da necessidade de um método de investigação alinhado à vontade de explicar a vida humana (NUNES, 2010).

Segundo Geertz (1997, p. 86), “é necessário que os antropólogos vejam o mundo do ponto de vista dos nativos”. O pesquisador faz isso, não impreterivelmente como sendo um deles, como demonstrou Malinowski, mas relacionando-se, buscando ver as experiências do outro usando como referência suas próprias referências - inclusive do “eu”. Ao longo desse processo, é preciso considerar o outro - e sua cultura - por sua própria lógica, relatando suas subjetividades “sem recorrer a pretensas capacidades extraordinárias para obliterar o próprio ego e para entender os sentimentos de outros seres humanos” (GEERTZ, 1997, p. 106). Assim:

A prática etnográfica resiste como importante baluarte na definição das fronteiras do fazer antropológico, e tanto a construção da pesquisa quanto a produção dos textos - etnografias, diários, biografias e autobiografias, ensaios - constituem terrenos fecundos para a explicação dos diálogos interdisciplinares. (NUNES, 2010, p. 191)

Acreditamos que a história da cidade está ligada à vida de seus moradores e visitantes, da mesma maneira que histórias de vida estão conectadas ao local onde aconteceram. Assim, é possível dizer que a descrição da cidade em si mesma é e está em seus habitantes, já que esta seria “uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes tanto quanto do etnógrafo que reinterpreta as interpretações dos habitantes que pesquisa em suas trajetórias” (ECKERT; ROCHA, 2010, p. 122).





Por isso, presente artigo é construído a partir de uma Pesquisa Exploratória (GIL, 1999), através da técnica de levantamento bibliográfico, que permite uma visão geral sobre determinado fato, sendo de tipo aproximativo. Sendo que esta se dá a partir de material teórico já elaborado, para desenvolvimento da pesquisa, serão utilizadas publicações acerca de temas relacionados e complementares ao que foco do trabalho. Procuramos estabelecer um diálogo entre os autores, a fim de realizar as reflexões acerca dos mesmos. No presente artigo, será portanto realizado um estudo bibliográfico sobre o método da etnografia de duração, com grupos urbanos no contexto da cidade, a partir de Eckert e Rocha (2010). Buscamos compreender o que a etnografia da duração pode dizer sobre a cultura dos grupos humanos, como realizar essa pesquisa e Por que as narrativas biográficas e as trajetórias sociais são relevantes para compreender esta cultura. Uma vez que o conceito de duração traz a dimensão do tempo vivido, a etnografia de duração pressupõe a etnografia das narrativas dos sujeitos, e sua relação com o tempo. Para isso, também o conceito de memória é relevante neste processo.

NARRATIVAS DE VIDA NO CONTEXTO URBANO

O estudo de sociedades complexas e/ou heterogêneas, segundo Velho (1978) é um desafio, uma vez que elas possuem uma considerável diversificação, inclusive cultural. A sociedade complexa, para o autor é ligada à divisão especializada e segmentadora do trabalho, enquanto a questão da heterogeneidade seria mais ligada à questão cultural, mas ambas estão conectadas. A estas sociedades, associam-se as subculturas, que podem ser delimitadas por classe, etnia, religião, etc. Para estudar estas sociedades, há a necessidade de “identificar os diferentes códigos existentes e, ao mesmo tempo, procurar verificar até que ponto e como estão interligados e se formam, constituem uma totalidade que possa ser descrita e analisada” (VELHO, 1978, p. 9), além de verificar em que situações há o predomínio de uma cultura sobre outra.

Para isso, acreditamos que seja de relevante a utilização do método etnográfico, cuja prática consiste em estabelecer relacionamentos, criar uma seleção de quem serão os informantes da pesquisa, fazer o diário de campo, realizar a análise e/ou transcrição de textos, criar um mapeamento de campos, fazer levantamento de genealogias, entre outros passos. Porém, “não são estas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é um tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa” (GEERTZ, 1978, p. 15). Não podemos esquecer que a





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

etnografia vem como resultado da experiência do pesquisador em campo, mesmo que sua preparação aconteça “no universo de uma tradição teórico-disciplinar” (NUNES, 2010, p. 190). Por isso, ver, ouvir e sentir é parte vital do processo, tentando compreender a lógica que direciona uma cultura. Por outro lado, também ressalta-se a relevância da busca pela formação teórico-conceitual, uma vez que há uma relação intrínseca entre teoria e prática etnográfica.

Consideramos que é importante reforçar também, ainda nesse sentido, a relevância da ida a campo na antropologia - ou que determinado estudo seja realizado a partir de estudos etnográficos previamente realizados.

É por uma razão muito profunda, que se prende à própria natureza da disciplina e ao caráter distintivo de seu objeto, que o antropólogo necessita da experiência do campo. Para ele, ela não é nem um objetivo de sua profissão, nem um remate de sua cultura, nem uma aprendizagem técnica. Representa um momento crucial de sua educação, antes do qual ele poderá possuir conhecimentos descontínuos que jamais formarão um todo, e após o qual, somente, estes conhecimentos se “prenderão” num conjunto orgânico e adquirirão um sentido que lhes faltava anteriormente. (LÉVI-STRAUSS, 1991. p. 415-416)

A cidade onde vivemos é mais do que apenas um local. A partir da vivência, converte-se de mero espaço, para fonte de memórias, referências, pertencimento. Assim, transforma e é transformada pela vivência daqueles que a habitam. É parte da vida tanto quanto estes são parte da sua constituição. Conforme Simmel (1983, p. 24), ela:

Também é esse o espaço do ponto de vista sociológico. A interação converte o espaço, antes vazio, em algo cheio para nós, já que faz possível a referida relação. Assim, ao procurarmos conhecer as formas de sociação, temos de inquirir a importância que as condições espaciais de uma sociação têm no sentido sociológico, para suas qualidades e desenvolvimentos.

Por isso, consideramos a cidade como mais do que o conjunto de sua estrutura, mas também como parte das pessoas que ali vivem (e viveram) nela, e de suas memórias. A cidade pulsa e vive, através das vivências que ali acontecem, memórias que passam através de gerações, afetos, desafetos. O lugar torna-se inseparável da vida das pessoas (e vice-versa), e por isso acreditamos que a antropologia:

[...] sempre teve um sentido muito aguçado de que aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo. Para um etnógrafo, remexendo na maquinaria de ideias passadas, as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros. (GEERTZ, 1997, p. 11)





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Para tanto, acreditamos que uma opção que viabilize o estudo da metrópole, seja a escolha de núcleos, grupos ou comunidades dentro da mesma. Isso porque, nos parece quase inviável estudar a cidade como um todo, como se houvesse homogeneidade na constituição de uma população. Isso que, conforme vimos anteriormente, nas sociedades complexas a população é caracterizada justamente pela heterogeneidade/complexidade.

Neste sentido, Magnani (2009), coloca que foi na década de 1970, que a antropologia começou a ser vista como fonte privilegiada de informações sobre mudanças e comportamentos sociais, momento em que o interesse muda, por exemplo, da questão da relação racial, para o movimento negro. Para o autor, a cidade é mais do que mero cenário, é também resultado da vivência de seus moradores e visitantes, em uma rede complexa de interações, conflitos e trocas. A cidade aqui não é mais entendida como apenas um cenário, mas como parte do recorte que se pretende analisar, tanto quanto os atores sociais. Ele afirma que a cidade é ponto crucial na compreensão das relações, pois é nela, que são legitimadas as identidades. Para tanto, a etnografia também não pode ser separada das escolhas teóricas, afim de aprofundar a compreensão na lógica dos arranjos realizados pelos “nativos” A vinculação às escolhas teóricas é, assim, crucial para o exercício pleno da prática etnográfica.

Segundo Velho (1978), a ambiguidade na diferenciação das culturas pode ser um obstáculo, no estudo de subgrupos dentro da sociedade do antropólogo. É preciso observar e compreender de que forma estes subgrupos se diferenciam e criam suas próprias lógicas e culturas. Por outro lado, ao estudar a sociedade complexa, ao invés do processo de transformar o exótico em familiar, o pesquisador faz o oposto, para observar questões que num primeiro momento parece familiar. Em nossos dias, lidamos com situações e pessoas que estamos acostumados e não nos causam estranhamento ou reflexão, mas isso não pressupõe que tenhamos conhecimento de sua lógica.

Por já estar inserido em tal contexto sociocultural, a familiaridade do pesquisador pode também causar prejuízos à pesquisa, distorcendo sua visão, uma vez que construímos nossos conceitos em estereótipos, ao longo da vivência. Mas, nesse sentido, o problema epistemológico da pesquisa se encontra “parcialmente ancorado”, já que o observador é parte da mesma sociedade daqueles a quem vai observar, exigindo outro tipo de vigilância epistemológica. Observamos, portanto, que o problema epistemológico apenas se torna diferente, mas a vigilância, para garantir a análise, permanece necessária (ibidem). Por outro lado:





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**

**DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

a possibilidade do antropólogo procura decodificar a própria cultura em que está inserido, por mais que envolva riscos e dificuldades, parece ser uma etapa inevitável do desenvolvimento da pesquisa antropológica, em que o esforço de relativização chega a um ponto crucial (VELHO, 1978, p.1)

Por isso, estudar a cidade é também jogar sobre ela um novo olhar e deixar-se surpreender, ao ouvir as narrativas daqueles que a fazem viva. Afinal de contas, narrar a cidade, “que somos nós e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes tanto quanto do etnógrafo que reinterpreta as interpretações dos habitantes que pesquisa em suas trajetórias” (ECKERT; ROCHA, 2010, p. 122). Assim, ressaltamos novamente, a memória da cidade vive nas lembranças dos que ali habitam - e viveram, assim como estes deixam e deixaram suas marcas na constituição da cidade. Consideramos que a ligação entre as pessoas e a cidade é inegável, uma vez que matéria e vida não são colocados em oposição - sujeito x objeto -, mas reconciliadas em incessante troca. (BACHELARD, 1988, apud ECKERT; ROCHA, 2005). Partindo do princípio que cidade e vida estão interligados entre si, consideramos que:

Para o estudo antropológico da memória coletiva no interior das modernas sociedades complexas propomos o desenvolvimento de uma etnografia da duração. Trata-se do estudo das imagens expresso nas narrativas dos habitantes das grandes cidades sobre seus territórios de vida em que constroem sentido de identidade em seus deslocamentos e pertenças. (ECKERT; ROCHA, 2010, p. 121)

Sejam biográficas ou não, as narrativas construídas com a etnografia de duração “intensificam o tempo vivido na cidade, dando espessura ao jogo de memórias (ibidem, p. 131). Arranja-se o tempo na perspectiva dessas histórias, de acordo com o fluxo das narrativas, ressaltando, por fim, o entrelaçamento das memórias, de onde a cidade emerge como parte de uma “comunidade semântica”. E os narradores acabam por reconhecer e reencontrar o “si mesmo”, assim como o próprio antropólogo o faz também nesse processo. A etnografia de duração é, assim, realizada, através da imersão do pesquisador nas “memória dos passos perdidos” (DE CERTEAU, 1992, apud, ECKERT; ROCHA, 2010), sendo utilizada como procedimento metodológico para estudar-se a conexão entre as narrativas, itinerários e trajetórias de habitantes da cidade.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A vida se repete na estação. Chegar e partir, são só dois lados da mesma viagem*². E no meio de tanta estrutura das nossas cidades, que a um primeiro olhar, desatento, pode ser fria, tanta vida se faz, se desfaz e se reconstrói, a todos instante. A cidade é parte de nós e nós também a transformamos, moldamos e damos significado à sua existência, em nossos trajetos e trajetórias de vida. Acreditamos que a ligação entre a vida e o contexto urbano esteja amplamente comprovado, através do debate proposto entre os autores e dos princípios colocados para as sociedades complexas. E, sendo assim, a etnografia de duração, englobando as narrativas e trajetórias dos sujeitos nas cidades, vem como procedimento metodológico que traz as respostas para a forma de estudar, conforme demonstramos ao longo do presente artigo, o entrelaçamento entre a cidade e a vida. A etnografia de duração nos apresenta, assim, uma malha complexa de ferramentas, para que possamos realizar o trabalho de campo.

Esse processo nos parece bastante adequado ao contexto das sociedades complexas, heterogêneas, dinâmicas e, portanto, plurais, que nos exigem um esforço diferenciado do ponto de vista antropológico. É preciso dar um passo atrás e reconhecer, nas familiaridades, lógicas diferentes das nossas, dentro de culturas que estão tão próximas, mas não estão incluídas em nossas vivências. Além disso, é preciso diferenciar a cultura dominante e compreender como ela influencia e atua dentro dos subgrupos, tanto quanto verificar a forma com que eles atuam para sua construção. Ao etnografar narrativas - biográficas ou não -, não podemos deixar de considerar o local onde elas estão inseridas. Para uma etnografia de duração, é preciso mais do que ver o espaço, é preciso vivê-lo, ouvi-lo, lembrar toda a vida que se fez por ali.

A sobrevivência de uma comunidade descendente de escravos é, por si só, um fenômeno de resistência, considerando a escravatura um projeto de singularidades, que atuou contra a formação de comunidades. Após seu fim, permanecem em nossas vidas os resquícios deixados, estrutural e culturalmente deste sistema, e a luta pela conquista do direito ao espaço torna-se mais uma árdua etapa. Pelos motivos supracitados, este é o procedimento metodológico, que consideramos mais relevante para a etnografia de grupos sociais, como os quilombolas.

² Referência à música Encontros e Despedidas, de Milton Nascimento.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFERÊNCIAS

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução da 6ª ed. francesa. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1993.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Cidade Narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração**. In: Revista Ruas, número 16, v. 1. Campinas, 2010.

_____. **O Antropólogo na Figura do Narrador**. In: A cidade e o tempo. Editora UFRGS, Porto Alegre: 2005.

GEERTZ, Gertz. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: 1991.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole**. Aula inaugural realizada em 10 de março de 2003 na FFLCH/USP. Acesso em 11/11/2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v15n1/v15n1a05.pdf>>.

MAGNANI, José Guilherme Cantos. **Etnografia como prática e experiência**. In: Horizontes Antropológicos, nº 32. Porto Alegre, 2009.

NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografando Narrativas Étnicas No Espaço Da Cidade: Os Negros E As Ações Afirmativas Na So Ciedade Brasileira Contemporânea**. In: Revista Iluminuras. v.10, n.23. Porto Alegre: 2009. Acesso em 11/11/2017. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/10075>>.

NUNES, Margarete Fagundes. **Diálogos nas Fronteiras Disciplinares: as aventuras do trabalho antropológico**. In: Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v.11, n.99, p. 186-206. Florianópolis: 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **A desterritorialização dos saberes e fazeres antropológicos e o desentendimento no corpo de verdade da letra**. In: Revista Iluminuras. v.9, n. 22. Porto Alegre: 2008. Acesso em 11/11/2017. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9325>>.

SIMMEL, George. **Sociologia**. Organizador [da coletânea]: Evaristo de Moraes Filho. [Tradução: Carlos Alberto Pavanello et al.] São Paulo: Ática, 1983.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

VELHO, G. e VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica.** Artegado: Jornal de Cultura. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1, Jan. 1978.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

AUDIOVISUALIDADES E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS NA FRONTEIRA SÃO BORJA-BRASIL / SANTO TOMÉ-ARGENTINA

AUDIOVISUALITIES AND IDENTITY REPRESENTATIONS IN THE BORDER SÃO
BORJA-BRAZIL / SANTO TOMÉ-ARGENTINA

Elisandro Abreu Coelho (UNIPAMPA)¹

Nathalia Lopes da Silva(UNIPAMPA)²

Joel Felipe Guindani (UNIPAMPA)³

Resumo: O artigo busca apreender algumas características identitárias com base na produção audiovisual local que se propõe a apresentar as cidades de São Borja e Santo Tomé. Tanto na pesquisa bibliográfica quanto na análise de conteúdo as características regionais oriundas das relações socioculturais da região constituem distintas identidades fronteiriças associadas as manifestações gaúchas, ao patrimônio missioneiro e as interações com o rio Uruguai. Elementos culturais ligados à lida campeira por meio das diversas práticas sociais representada nas imagens reforçam a identidade gaúcha como hegemônica em São Borja, enquanto as representações missioneiras materializadas em paisagens culturais são amplamente destacadas em Santo Tomé, constituindo assim a identificação missioneira como uma forte representação identitária local.

Palavras-chave: Região. Audiovisual. Identidade. Fronteira

Abstract: The article tries to apprehend some identity characteristics based on local audiovisual production that proposes to present the cities of São Borja and São Tomé. In both bibliographical research and content analysis, the regional characteristics derived from the socio-cultural relations of the region constitute distinct border identities associated with gaúcho manifestations, mission heritage and interactions with the Uruguay River. Cultural elements linked to the championship through the various social practices represented in the images reinforce the Gaúcho identity as hegemonic in São Borja, while the missionary representations materialized in cultural landscapes are widely highlighted in Santo Tomé, thus constituting mission identification as a strong identity representation local.

Keywords: Region. Audio-visual. Identity. Border

INTRODUÇÃO

Em um primeiro momento o estudo aborda a região a partir de algumas considerações teóricas que dizem respeito a problemática do termo. Para tanto, nos servimos da revisão de aportes teóricos-conceituais a partir de RECKZIEGEL (1999).

Em seguida, o estudo se volta para a fronteira Brasil-Argentina, com a focalização apontada para as cidades gêmeas de São Borja (BRA) e Santo Tomé (ARG). Nesta etapa buscamos o conhecimento regional por meio das discussões realizadas por Pinto e Colvero (2015), a respeito das relações socioculturais pós construção da ponte da integração (1994-

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa – PPGCIC, UNIPAMPA (São Borja/RS). E-mail: elisandrorppc@gmail.com.

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa – PPGCIC, UNIPAMPA (São Borja/RS). E-mail: nathaliacs.cn@gmail.com.

3 Doutor pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação pela UFRGS (Porto Alegre/RS). Docente na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: j.educom@gmail.com.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

1997). Nossa análise se voltou para as representações sociais enquanto meios para o conhecimento local e as identidades socioterritoriais fronteiriças, discutidas pelos autores, levando em consideração as paisagens culturais enquanto materialização das representações simbólicas presentes no espaço social.

Por fim, buscamos abordar algumas características identitárias da fronteira São Borja-Santo Tomé, observando em produções audiovisuais locais por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) os elementos culturais, as práticas sociais e identificações socioculturais tomadas para representar o território enquanto traços e marcas de identidade, de pertencimento ao local.

REGIÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS

Na contemporaneidade associam-se as ideias de região temas relacionadas à política, à cultura e atividades econômicas, levando a discussão às projeções no *espaço* em termos de autonomia, direitos, soberania, representações. O espaço passou a ser o referencial privilegiado para as discussões em torno de região, sendo este espaço não somente uma dimensão física a ser determinada mas construído de forma entrelaçada com outros componentes.

O espaço segundo Santos (*apud* RECKZIEGEL, 1999, p. 16) é um fato social, produto da ação humana, uma natureza socializada, e que por sua vez,

interfere no processo social não apenas pela carga de historicidade passada, mas também, pela carga inerente de historicidade possível de ser construída, na medida em que é a instância de determinação do movimento do real, de transformação deste último, em outras palavras, de determinação na história a ser construída.

RECKZIEGEL (1999) indo além da perspectiva de Santos, aborda o espaço, a partir também de Lipietz (1977) e Poche (1983). Para o primeiro, o espaço é um campo de ação por excelência das forças políticas. Neste sentido a dimensão política constitui-se a protagonista dos processos de identidade social de determinado espaço como uma região reconhecida por uma representação criada, articulada e imposta de modo intencional por um segmento constituinte deste espaço ao conjunto da sua totalidade. A este movimento Lipietz denomina “armadura regional” um “sistema de exploração e articulação dos modos de produção, forma e base das alianças entre as classes dominantes, e da dominação ideológica sobre as classes dominadas” (LIPIETZ, 1977 *apud* RECKZIEGEL, 1999, p.17).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Para Poche, o espaço comporta um “valor simbólico”, o qual, é criado por cada grupo social de forma singular. Dentre os diferentes valores simbólicos criados pelos distintos grupos sociais que compõe o espaço, este formado por um conjunto de signos e representações, em que um destes pode determinar o próprio espaço, sendo o valor simbólico predominante, resultando em um aspecto positivo ou negativo “[...] dotado de um conceito positivo – orgulho de pertencer a uma região, afeição que estimula a solidariedade e reforça à resistência à penetração excessiva de elementos externos – ou negativo – quando os atores regionais se rendem a outras cuja identidade é concebida de modo positivo” (POCHE, 1983 *apud* RECKZIEGEL, 1999, p.17).

FRONTEIRA BRASIL-ARGENTINA: REGIÃO DE SÃO BORJA E SANTO TOMÉ

No intuito de pensar a fronteira São Borja-Brasil/Santo Tomé-Argentina, Nossos apontamentos se voltam para as discussões em torno das “Representações sociais e identidades socioterritoriais fronteiriças” (PINTO; COLVERO, 2015, p. 325).

Conforme Pinto e Colvero (2015) as representações sociais são formas de conhecimento local. São ideias refletidas no espaço, portanto estão no plano simbólico e não no plano material, constituída assim como uma ação abstrata, experienciada na relação com o outro. Não apenas surgem das mediações sociais mas tornam-se mediações sociais propriamente, sendo reproduzida principalmente por atos comunicacionais. Um dos meios de sua materialização, isto é, sua transformação em processos visíveis se dá através das paisagens culturais, cuja a reflexão “envolve simbologias orgânicas e ao mesmo tempo manifestações abstratas, que se identificam com determinados valores, saberes e manifestações culturais” (IBID, p.326).

Desse modo, “pode-se dizer que a paisagem é concreto, ou seja, a coisa real, mas ao mesmo tempo é a imaginação, a representação, pelas imagens, dessas coisas” (VERDUM; FONTOURA, 2009, p.12). Para Berque (1998), a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – canalizado a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza.

De acordo com Pinto e Colvero (2015) as paisagens culturais são essenciais para a reflexão em torno das representações sociais na medida que se constituem de símbolos e elementos culturais. Quanto as identidades fronteiriças, à análise das representações e das paisagens culturais, possibilitou aos autores perceber dois tipos hegemônicos de representação





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

identitária na região: a identidade missioneira e a identidade gaúcha. A partir da hibridização dessas representações sociais e dos elementos culturais a elas associados, (gaúcha e missioneira) surge também um tipo identitário característico da fronteira, com uma particularidade frente às outras regiões, a figura do gaúcho-missioneiro, destacando-se pela musicalidade do chamamé (tipo característico da Província de Corrientes Argentina).

PERCURSO METODOLÓGICO

Utilizamos como caminho investigativo a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), como método de pesquisa para observar as narrativas audiovisuais proposta para o estudo.

Assim, a análise de conteúdo organiza-se por meio de três etapas: a pré-análise, a exploração do material e a interpretação dos resultados. Através do método pode-se realizar uma inferência de conhecimentos relativos as condições de produção ou recepção que recorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 1977).

Chegamos então ao canal “Sou São Borja, Terra de Valor”, composto de 26 vídeos e ao vídeo “São Borja RS – Minha história”, na parte brasileira e ao vídeo Santo Tomé – Corrientes – Argentina, os quais foram objetos da análise. “Uma vez definido o campo do corpus (...) é preciso terem-se em conta todos os elementos desse corpus. (...) Não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos, por esta ou aquela razão (ibid. p. 97). Em relação a quantidade de conteúdo audiovisual do corpo de análise tem-se 1 hora, 35 minutos e 36 segundos de vídeo. Os vídeos são curtos e em média duram 5 minutos, com exceções para mais e também para menos.

Interpretação do Material São Borja: a análise audiovisual nos permitiu fazer algumas inferências relacionadas aos temas abordadas. As manifestações ligadas a identidade gaúcha foram predominantes, representando práticas socioculturais entrelaçadas com a vida do gaúcho do pampa como os rodeios, as marcações de animais no meio rural, às gineteadas, cavalgadas, as estâncias, a indumentária típica do tipo social do gaúcho (pilcha), o chimarrão e a música regional que aborda a relação do gaúcho com o campo. O chamamé é o laço que aproxima o gaúcho do pampa à fronteira, a hibridização com a música originária do outro lado do rio (Argentina), está presente nas trilhas sonoras bem como em vídeos que expressam a musicalidade como tema principal. Também a exaltação ao rio Uruguai é representada a partir da interação das pessoas com o rio, como um elemento constituinte do território. A identificação com a história missioneira aparece em menor grau, porém ainda assim é lembrada como uma





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

marca presente através de símbolos missionários como a cruz de Lorena, igrejas, monumentos entre outros. Também foram observadas menções e lembranças das lideranças políticas que aqui se formaram, como João Goulart e Getúlio Vargas.

De modo geral a identidade gaúcha é a predominante no corpo analisado constituindo uma representação social característica da região mais abrangente. Levando em consideração as identidades socioterritoriais levantadas por Pinto e Colvero (2015), também no corpo audiovisual se confirmam as representações sociais e elementos culturais voltados para a cultura gaúcha, fronteiriça e ribeirinha como integrantes deste espaço social.

Interpretação do Material Santo Tomé: diferente de São Borja, os elementos culturais representados em evidência são predominantemente relacionados a história missionária. Santo Tomé é representada a partir da sua identificação com a civilização guarani que ali habitou e as marcas deixadas no território enquanto heranças culturais. Enunciados como “tierra de los comandantes guaraníes de Artigas”; “capital do folclore correntino” e “antiga redução jesuítica”, bem como elementos culturais como o rio Uruguai, bustos, estátuas, esculturas, as igrejas com elementos missionários e as pinturas com a técnica de esgrafiado em muros e paredes retratando a redução jesuítica e também os conflitos dos índios guaranis com os conquistadores e heróis guaranis, como Andresito Guacurari, são alguns dos processos socioculturais existentes no território retratado no vídeo. A identidade missionária é latente no caso de Santo Tomé, sendo esta apresentada hegemonicamente como representação social desta região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com este artigo levantar discussões a respeito da fronteira São Borja-Brasil / Santo Tomé-Argentina, um espaço social regional diferenciado muito por conta de suas dimensões de fronteira. Assim a região foi pensada enquanto um espaço social vivido, articulado com um todo, constituída de valores simbólicos construídos com base em seus laços socioculturais e físicos-geográficos.

A abordagem a partir de indivíduos que habitam esta região desde a produção do conhecimento regional local às audiovisualidades aferidas no território, possibilitou perceber esta fronteira enquanto um espaço social específico, concebido de múltiplas representações sociais e identidades fronteiriças, dentre as quais, a identidade gaúcha, a identidade missionária,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

a identidade ribeirinha despontam como predominantes das representações sociais das populações locais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed.70, 1977.

BERQUE, Augustin. **Paisagem-Marca, Paisagem-matriz**: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

LIPIETZ, Alain. **Le capital et son espace**. Paris: Maspero, 1977.

PINTO, Muriel; MAURER, Rodrigo. **Quando a geo-história avança sobre os significados de um espaço urbano**: as paisagens culturais e as transformações identitárias da fronteira Brasil-Argentina. EURE (Santiago) vol.40 no.120 Santiago mayo 2014. Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612014000200007>. Acesso em: jun. 2017.

PINTO, Muriel. COLVERO, Ronaldo Bernardino. **A região de fronteira São Borja-Brasil/Santo Tomé-Argentina**: as representações sociais tradicionais pós construção da ponte da integração (1994-1997). Redes (St. Cruz Sul, Online), v. 20, nº 3, p. 303 - 331, set./dez. 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/3412/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

POCHE, B. **La région comme espace de référence identitaire**. Espace et sociétés. Paris: 1983.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. **História regional**: dimensões teórico-conceituais. In: História, debates e tendências. Passo Fundo: Ediapf, nº 1, jun. 1999.

SANTOS, Milton. **A totalidade do diabo**. Contexto. São Paulo: Hucitec.

SAUER, Carlos. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato;ROSENDAHL, Zeny. Paisagem, tempo e cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

VERDUM, Roberto. FONTOURA, Luiz Fernando. **Temática rurais**: do local ao regional coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

YOUTUBE. **Santo Tome, Corrientes, Argentina**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vPxvOLm1t8I>> Acesso em: jul. 2017

YOUTUBE. **São Borja, RS – Minha História..** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4CAflw_cYMY> Acesso em : jul. 2017





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

YOUTUBE. Sou São Borja, Terra de Valor. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/user/SOUSAOBORJA>> Acesso em: jul. 2017





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

COMUNICAÇÃO PÚBLICA E MÍDIAS SOCIAIS: ANÁLISE DO PERFIL INSTITUCIONAL DA UNIPAMPA NO FACEBOOK

PUBLIC COMMUNICATION AND SOCIAL MEDIA: ANALYSIS OF UNIPAMPA
INSTITUTIONAL PROFILE ON FACEBOOK

Emanuelle Tronco Bueno (Universidade Federal do Pampa)¹
Renata Corrêa Coutinho (Universidade Federal do Pampa)²

Resumo: o objetivo deste trabalho é analisar como a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) se comunica com os seus públicos, tomando como objeto de estudo seu perfil institucional no Facebook. Sendo assim, questiona-se a existência de ações nessa mídia social que contribuam para o aprofundamento da comunicação pública. Para tanto, utilizou-se a metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2006) a fim de coletar, compilar e organizar os dados obtidos a partir dos posts realizados no Facebook, considerando a possibilidade dos conteúdos e das interações promovidas pelo perfil contribuírem para a consolidação da comunicação pública. Como aporte teórico, parte-se da compreensão histórica da democracia (BOBBIO, 1987; LÉVY; LEMOS, 2010) para esboçar como as mídias sociais (JENKINS, 2016; SANTAELLA, 2014) passaram a influenciar esse processo, sendo mais um meio da comunicação pública (GOMES, 2005; KUNSCH, 2012; MATOS, 2007).

Palavras-chave: Mídias sociais. Comunicação pública. Unipampa.

Abstract: the objective of this article is to analyze how the Federal University of Pampa (Unipampa) communicates with its public, taking as object of study its institutional profile on Facebook. Therefore, it is questioned the existence of actions in this social media that contribute to the deepening of public communication. For that, the content analysis methodology was used to collect, compile and organize the information about Facebook posts, considering the possibility of the contents and interactions promoted by the profile contribute to the consolidation of public communication (BARDIN, 2006). As theoretical contribution, it starts from the historical understanding of democracy (BOBBIO, 1987; LÉVY; LEMOS, 2010) to sketch how social media (JENKINS, 2016; SANTAELLA, 2014) began to influence this process, being another means of public communication (GOMES, 2005, KUNSCH, 2012, MATOS, 2007).

Keywords: Social media. Public communication. Unipampa.

INTRODUÇÃO

Com o progresso técnico-científico, que possibilita amplas alterações sociais, culturais e econômicas, foram surgindo tecnologias de comunicação tal como o revolucionário – à época – telégrafo e, anos mais tarde, os telefones celulares, que ajudaram a diminuir as distâncias linguísticas e culturais (LEMOS, 2010). Nessa esteira de evoluções tecnológicas e comunicacionais, sobreveio a internet e, por conseguinte, o ciberespaço, espaço virtual onde

¹ Jornalista (Unifra), licenciada em Letras (UFSM). Mestranda em Comunicação e Indústria Criativa (Unipampa) com pós-graduação *lato sensu* em TICs aplicadas à educação (UFSM) e MBA em Marketing e Comunicação (ESPM-Sul). E-mail: emanuelletb@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa e do curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa. E-mail: renatacoutinho@unipampa.edu.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

são colocadas em prática técnicas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolveram junto com o crescimento desse espaço (LÉVY, 2010). Dessa forma, os novos hábitos que surgem a partir de práticas do ciberespaço fazem parte do conceito de cibercultura.

O termo cibercultura, segundo Lemos (2010), é tido como o conjunto de práticas sociais e combinações de comunicação a partir das tecnologias digitais. Nesse sentido, o “ciberespaço, cenário privilegiado da cibercultura, é em sua essência político e o futuro da Internet aponta para novas modalidades de emissão livre, de formas de compartilhamento de informação, de cooperação” (LEMOS, 2010, p. 28).

Nesse cenário de acesso, os cidadãos podem entrar em contato direto com o poder público, expressando dúvidas, críticas e elogios de uma forma simples e rápida, mesmo sem contato físico. Da mesma forma, a administração pública também pode se comunicar de forma direta com os seus públicos via internet. Todavia, segundo Castells (2003, p. 128), o que ocorre na maioria dos casos é a utilização da internet apenas como um local de avisos com o objetivo de divulgar informações que interessam ao emissor, sem a preocupação com o interesse público e com a interação.

Com base nesse panorama, esta pesquisa objetivou identificar como a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) se comunica com seus públicos por meio de seu perfil institucional no Facebook. Sendo assim, levantou-se o seguinte questionamento: existem ações nessa mídia social que contribuem para a efetivação da comunicação pública? Para tanto, este trabalho utilizou a metodologia da análise de conteúdo a fim de coletar, compilar e organizar os dados sobre os posts do Facebook (BARDIN, 2006). A partir disso, analisou-se – durante o período de 05 de agosto a 22 de setembro de 2017 – os conteúdos, as interações promovidas pelo perfil institucional da universidade e se esses contribuem para a consolidação de uma comunicação pública.

A hipótese trabalhada foi de que a Unipampa utiliza seu perfil no Facebook apenas para publicitar as ações da Universidade, sem realizar interações com os demais usuários da mídia social – confirmando um modelo tradicional de comunicação pública unilateral e hierarquizada, alheio a ações democráticas. Nesse sentido, parte-se da compreensão histórica da democracia (BOBBIO, 1987; LÉVY; LEMOS, 2010) para esboçar como as mídias sociais passaram a contribuir para esse processo, sendo mais um meio da comunicação pública.





COMUNICAÇÃO PÚBLICA E MÍDIAS SOCIAIS

A democracia, nas palavras de Bobbio (1987, p. 158), foi considerada progressivamente “como a forma de governo mais adaptada às sociedades economicamente, civilmente e politicamente mais evoluídas”. Isso porque o termo democracia (do grego *demokratia*, ou seja, poder do povo) foi utilizado desde a idade clássica para caracterizar uma forma de governo na qual o poder político é exercido pelo povo.

Tratando-se de uma das acepções de exercício de poder político na contemporaneidade, a democracia mantém o seu cerne conceitual, contudo, perpassa por grandes mudanças a partir da realidade em que se encontra no século XXI, principalmente em referência ao advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Considerando-se tal contexto, a discussão acerca da democracia ultrapassa a definição aristotélica, que conceituava o termo como “governo de muitos”. Nesse entendimento, o que se considera é a forma através da qual esses muitos (cidadãos) exercem e acompanham o seu poder.

O processo de alargamento da democracia na sociedade contemporânea ocorre, sobretudo, “através da extensão da democratização – entendida como instituição e exercício de procedimentos que permitem a participação dos interessados nas deliberações de um corpo coletivo – a corpos diferentes daqueles propriamente políticos” (BOBBIO, 1987, p. 155-156). Ou seja, aplicando a concepção do autor à realidade contemporânea do século XXI, a participação em uma democracia dá-se por vários âmbitos, inclusive através do ciberespaço.

Ao citar as mudanças atuais da esfera pública como resultado da amplificação do ciberespaço, Lévy (2010, p. 10) avalia o impacto dessa expansão no desenvolvimento democrático, em especial sobre a “deliberação coletiva”. Para o autor, a produção livre e colaborativa no ciberespaço permite que o usuário leigo tenha acesso a diversas opiniões e informações, amplificando uma expressão pública antes limitada.

Portanto, Lévy defende um novo formato comunicacional para o ciberespaço através da extinção das fronteiras entre as esferas público-privadas. Em consequência disso, ocorre uma ampliação na transparência das divulgações (a partir da multiplicidade de fiscalizadores e da velocidade de acesso), sendo que “a nova comunicação pública é polarizada por pessoas que fornecem, ao mesmo tempo, os conteúdos, a crítica, a filtragem e se organizam, elas mesmas, em redes de troca e de colaboração” (LÉVY, 2010, p. 13).





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Segundo Kunsch (2012), é válido ressaltar a importância da comunicação pública para promoção da interatividade com seus públicos; de valer-se da desburocratização para manter uma comunicação clara e inclusiva; de ser dialógica, além de participativa e democrática, atuando com um papel amenizador e resolutivo de questões sociais básicas (KUNSCH, 2012, p. 15).

Sendo assim, a comunicação somente pode ser entendida como pública quando for perceptível a participação social. Cabe ao poder público, conforme aponta Matos (2007), convocar a sociedade para participar, bem como disponibilizar espaços para que essa participação seja democraticamente possível.

Nesse caso, também se vê necessário fazer um parêntese e considerar o contexto brasileiro de acesso a esses espaços. No Brasil, 63,3%³ da população possui acesso à internet em seu domicílio por meio de algum equipamento eletrônico. Apesar de representativo, esse número ainda exclui cerca de 70 milhões de brasileiros sem acesso aos meios digitais. Conforme Duarte (2009), é recorrente a disparidade na participação dos cidadãos nas mídias sociais. Tal exclusão acarreta empecilho para a consecução dos objetivos de uma efetiva participação democrática no ciberespaço.

Para Jenkins (2016, p. 179), as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) não são “inerentemente democratizantes” e, portanto, não condicionam o ambiente ideal de propagabilidade, estando este relacionado com o acesso democrático aos meios que produzem e circulam a cultura, com a maior abertura para trabalhos em espaços colaborativos e com a valorização da participação do público e influência deste nas decisões de impacto social e político. Nesse limiar, as TICs são instrumentos promotores e difusores de informação e participação social democrática.

A partir dessa perspectiva, Jenkins (2016, p. 180) entende que as instituições educacionais possuem um papel fundamental na formação do ambiente de propagabilidade, pois possuem o papel de promover competências na cultura midiática – contribuindo para a inserção social do jovem no exercício de sua cidadania.

Nesse entendimento, as mídias sociais apontam para um papel democratizante e, conforme Colnago (2015), podendo ser classificadas como um “veículo social” formado por ferramentas para divulgação de conteúdo e de interação. Ou seja, a “mídia social seria o

³ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) referente ao ano de 2016, divulgada pelo IBGE em novembro de 2017. Disponível em: <https://goo.gl/FUMfGb>.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ambiente em que as relações sociais ocorrem, ou o cenário em que as pessoas se relacionam, e deriva daí a compreensão de que a expressão admite a ideia de veículo social” (COLNAGO, 2015).

ANÁLISE DO PERFIL INSTITUCIONAL DO FACEBOOK DA UNIPAMPA

O perfil da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) no Facebook é administrado pela Assessoria de Comunicação Social (ACS) da instituição, órgão ligado à Reitoria da Universidade. A primeira publicação no perfil foi feita no dia 11 de abril de 2016. Portanto, a página possui menos de dois anos de presença na mídia social e soma mais de 20 mil curtidas⁴. Considerando a possibilidade dos conteúdos e das interações promovidas pelo referido perfil contribuírem para a consolidação da comunicação pública, utilizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2006) a fim de coletar, compilar e organizar os dados obtidos nos posts realizados pelo Facebook da Unipampa.

A análise de conteúdo é uma metodologia pragmática utilizada quando se busca classificar e descrever sobre conteúdos veiculados nos meios de comunicação, sendo considerado “um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição e conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2006, p. 38). Através da referida metodologia, coletou-se os conteúdos publicados no Facebook da instituição durante o período de 05 de agosto a 22 de setembro de 2017. Neste momento da análise, os conteúdos foram classificados a partir de 14 categorias de assuntos⁵.

No período analisado foram publicados 38 *posts* pensados e produzidos somente para as mídias sociais Facebook, Twitter e Youtube e 62 *posts* compartilhados do site institucional da Unipampa. Salienta-se que no interstício de análise estavam ocorrendo as celebrações de grau da instituição, sendo que 12 publicações foram referentes à cobertura desse evento.

Das publicações avaliadas, nenhuma tratou de amenidades a fim de aproximar-se do perfil de seus seguidores, tal como clima, início de ano letivo, situações corriqueiras do estudante, características dos campi etc. No período, também não foram registradas promoções nem *posts* que estimulem a interação com o cidadão. Os assuntos abordados foram preponderantemente

⁴ Dados de dezembro de 2017.

⁵ Conquistas e prêmios; processo seletivo/concurso público; recursos públicos; posse ou assinatura de contrato de novos servidores; eventos que envolvem toda a instituição; avisos internos; formaturas; comunicação externa; notas públicas; eventos locais; participação em eventos; reuniões institucionais; agenda dos gestores; e, divulgação de conquistas pessoais não associadas diretamente à instituição.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

informativos, em sua maioria notícias replicadas do site institucional, registrando-se a ausência de publicações próprias para a mídia social Facebook. Esses fatores demonstram que Facebook é uma extensão do site, com uma proposta de comunicação unidirecional.

Do total de *posts* do período, há raras interações nos comentários entre a instituição e o cidadão. A publicação com maior taxa de “reações, comentários e compartilhamentos” do período totaliza 769 curtidas, 34 reações, 159 comentários e 300 compartilhamentos e trata sobre o processo seletivo EAD para a graduação em Letras. Não há interação nem respostas visíveis aos questionamentos publicados nos comentários da postagem. Uma seguidora relatou que estava querendo inscrever-se e não conseguia, todavia não recebeu resposta pública.

Quanto às mensagens, o Facebook da Unipampa não está aberto para receber dúvidas e interação por meio desse recurso disponibilizado pela mídia social. Sendo assim, não contabiliza taxa de resposta, nem dados quantitativos sobre esse indicador.

A coleta de dados demonstra que o perfil tem um grande alcance de usuários e consegue disseminar bem a atuação da Unipampa. Todavia, a ausência da interação com o cidadão demonstra o modelo de comunicação pública adotado pela instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o trabalhado, as mídias sociais propiciam uma comunicação fluída e mais democrática, viabilizando ações relacionadas à comunicação pública. O ato restrito à divulgação de informação replicada de outras mídias, sem criar conexões tão importantes para manutenção da rede (RECUERO, 2009, p. 30), implica um desperdício de potencial das mídias sociais, especialmente no caso de uma instituição de ensino.

O total de *posts* analisados (90 publicações) representa números expressivos de reações, comentários e compartilhamentos, mas não índices de interação. Portanto, a Unipampa possui uma oportunidade de utilizar seu perfil no Facebook para se manifestar publicamente através da resposta aos comentários ou da produção de ações, campanhas e promoções atinentes à participação cidadã e com foco em informar melhor sobre assuntos de cidadania, política e legislação.

Nesse entendimento, foi possível perceber que a Unipampa não utiliza o Facebook para estabelecer relação com o cidadão, não atendendo um dos preceitos básicos da comunicação pública, que versa sobre a interação e utilização do ambiente digital para promoção de debates com o povo (KUNSCH, 2012; MATOS, 2007). O que se verifica, portanto, é uma comunicação





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

unidirecional, comumente realizada nas mídias de massa em que predomina a figura de um emissor e de um receptor – desconsiderando a participação ativa dos interlocutores.

Da mesma maneira, as práticas de comunicação pública não se consolidam neste espaço, configurando o perfil da Unipampa apenas como canal de divulgação de atividades. Em um período em que as instituições educacionais se configuram como órgão capaz de alterar realidades regionais, a Unipampa – que possui esse objetivo em sua implantação na fronteira gaúcha – acaba deixando de lado esse espaço de interlocução com seus públicos.

A criação recente do Facebook da Unipampa já é um passo de atuação institucional. Todavia, cabe citar a colocação de Gomes (2005), ao afirmar que para uma ferramenta digital ser democrática não basta ser criada, mas também deve considerar a interação pública dos cidadãos envolvidos. Conclui-se, portanto, que as mídias sociais possuem o potencial de serem espaços de prática para a comunicação pública e, assim, também para o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006. 280 p.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade** – Para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 256 p.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 242 p.

COLNAGO, Camila Krohling. Mídias e redes sociais digitais: conceito e práticas. In: BUENO, Wilson da Costa (Org.). **Estratégias de Comunicação nas mídias sociais**. Barueri, SP: Manole, 2015. p. 3-22.

DUARTE, Jorge. Instrumentos de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (Org.). **Comunicação Pública**: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público. São Paulo: Atlas, 2009. p. 59-71.

GOMES, Wilson. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. **Revista Fronteiras Estudos Midiáticos**. Unisinos, São Leopoldo. Set./dez. 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/kJpwzK>>. Acesso em 02 dez. 2017.

JENKINS, H. Convergência e conexão são o que impulsiona a mídia agora. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Intercom RBCC, São Paulo. Jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/7pFvMD>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. In: MATOS, Heloiza (org.). **Comunicação pública**: interlocuções, interlocutores e perspectivas. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 3-14.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LEMOS, A. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, A; LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010. 258 p.

LÉVY, P. A mutação inacabada da esfera pública (Prefácio à edição brasileira). In: LEMOS, A; LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010. 258 p.

MATOS, Heloiza. Comunicação pública, esfera pública e capital social. In: DUARTE, Jorge (Org). **Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 47-58

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

IMPORTÂNCIA DA LEITURA E SUA FINALIDADE

THE IMPORTANCE OF READING AND ITS PURPOSE

Juracy Assmann Saraiva (Universidade Feevale)¹

Ernani Mügge (Universidade Feevale)²

Resumo: O trabalho parte do pressuposto de que o texto literário, em função de sua natureza, é um objeto estético que desempenha papel relevante na formação do indivíduo, levando-o a uma melhor compreensão de si mesmo e do mundo em que vive e, conseqüentemente, a posicionar-se criticamente em face de seu meio. Sob essa perspectiva, e diante da constatação de que, paradoxalmente, a literatura encontra pouco espaço nos diferentes níveis de ensino, em face da valorização das ciências instrumentais em detrimento das humanas, o artigo busca refletir sobre a importância da leitura do texto literário na contemporaneidade, sob o ponto de vista antropológico, cultural, político-social. Ao mesmo tempo, propõe-se a discutir alternativas que possam modificar a disposição de discentes diante da leitura e qualificar o trabalho deles, a partir das instigantes lições de linguagem que o texto literário apresenta e do aprofundamento de visões renovadas do contexto empírico. Para tanto, apoia-se em teóricos que assinalam a relevância da literatura e busca subsídios na Estética da Recepção, especialmente no que concerne ao papel do leitor diante do fenômeno literário e ao efeito estético provocado por esta manifestação cultural.

Palavras-chave: Texto literário. Escola. Formação do leitor. Recepção.

Abstract: The work is based on the assumption that the literary text, due to its nature, is an aesthetic object that runs a relevant function in the formation of the individual, leading to a better understanding of himself and the world and, consequently, to position himself critically in the face of their environment. From this perspective, and given the fact that, paradoxically, the literature has few space in the different levels of education, in the face of the valorization of the instrumental sciences in detriment of the human ones, the article attempt to reflect about the importance of reading the literary text in the contemporaneity, from the anthropological, cultural, political-social point of view. Additionally, it's proposed to discuss alternatives that can modify the disposition of students to read and qualify their work, from the instigating lessons of language that the literary text presents and the deepening of renewed visions of the empirical context. So, it relies on theorists who point out the relevance of literature and seeks subsidies in the Aesthetics of Reception, especially about the function of the reader in the face of the literary phenomenon and the aesthetic effect provoked by this cultural manifestation.

Keywords: Literary text. School. Formation of the reader. Reception.

A LEITURA RAREFEITA DO TEXTO LITERÁRIO

Estudiosos, escritores e leitores de diferentes estratos sociais atribuem à literatura uma função formadora, visto que, sobrepondo-se a ritos pedagógicos, contribui para o desenvolvimento de indivíduos emocional e psicologicamente equilibrados, conscientes de sua responsabilidade social e aptos a posicionar-se criticamente em face de seu meio.

¹ Professora e pesquisadora da Universidade Feevale e bolsista em produtividade do CNPq. Doutora em Teoria Literária pela PUC/RS e Pós-Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP.

² Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana (UFRGS). Professor permanente e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no PPG em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Letras.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Paralelamente, professores do Ensino Médio atestam o desinteresse de seus alunos pela leitura de textos literários, posicionamento que somente é contrariado por raras exceções. No Ensino Superior, é generalizada a queixa entre professores dos cursos de Letras sobre o nível de competência leitora de seus alunos, cujas referências a respeito de obras da literatura brasileira e da literatura ocidental são tão escassas, que, para os docentes, se torna difícil promover diálogos que possam elucidar aspectos peculiares à arte verbal e ao seu papel de testemunho dos dilemas humanos da contemporaneidade e de outras épocas. Incapazes de explorar a singularidade dos textos e de, em face a eles, formular perguntas cujas respostas, ainda que precárias, possam induzir a atitudes críticas, grande parte dos futuros professores de língua e de literatura limita-se a expor resumos de narrativas ou a comentar ângulos temáticos de poemas, concretizando-se “a trágica aliança da pobreza de conteúdo com a escassez de vocabulário” (CAMARGO, *Zero Hora*, 2017).

Diante da generalizada queixa de professores do Ensino Médio e do Ensino Superior de que seus alunos não são leitores e de que não gostam de ler e diante da defesa da importância da literatura, colocam-se as seguintes questões: qual o lugar da literatura na época atual, sob o ponto de vista antropológico, cultural, político-social? Como modificar a disposição de discentes diante da leitura e que métodos desenvolver para que apreendam as visões renovadas do real e as instigantes lições de linguagem que o texto literário potencializa?

A IMPRESCINDIBILIDADE DA LEITURA

O apelo à valorização da literatura ganha diferentes matizes, e esses provêm da constatação de que, nos diferentes níveis de ensino, as áreas voltadas para as ciências experimentais se sobrepõem às das ciências humanas; decorre, também, do reconhecimento de que o mundo contemporâneo experimenta profundas contradições, assinaladas pelo fato de que os avanços científicos e tecnológicos não contribuíram para eliminar profundas desigualdades entre povos e nações, antes serviram para promover a concentração da riqueza e a exclusão de grande parte da humanidade dos benefícios decorrentes dos processos de desenvolvimento.

Nas palavras de Antônio Candido, a contemporaneidade, comparada com épocas pregressas, alcançou um elevado nível “de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza” (2004, p. 170)³, que permitiria, até mesmo, eliminar a fome no mundo, caso não subsistisse a

³ Antonio Candido proferiu a conferência “O direito à literatura” em 1988, mas ela faz parte de um ciclo de conferências anteriores que foram apresentadas em 1975. As décadas de 1970 e de 1980 foram marcadas por





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

irracionalidade do comportamento do ser humano. Reúnem-se, pois, no momento presente, impensáveis conquistas, resultantes do desenvolvimento da ciência e da técnica, a experiências desumanizadoras. O avanço e a barbárie ficam visíveis quando se comparam os ataques por aviões controlados a distância por meios eletrônicos e computacionais, no Afeganistão, no Iraque, na Síria, com os campos de refugiados e com a fuga de imigrantes, provenientes desses países, em sua luta desesperada para abandonar o horror da guerra. Outra prova da barbárie recebe o nome de Aleppo, cidade cujas bibliotecas, templos e tesouros históricos, como o mercado Souk Al Madina, datado do século XIV e declarado patrimônio da humanidade, desapareceram em incêndios ou sob o impacto de bombas. Não menos estarrecedor é o número de homicídios no Brasil, cujos índices, entre 2005 e 2015, apontam para 28,9 assassinatos para cada grupo de 100 mil habitantes. Durante esse período, 318 mil jovens, a maioria estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, entre os quais, 71% eram negros, tiveram suas vidas ceifadas por uma violência indescritível, que se revela, mas também se dilui em dados estatísticos⁴.

Entretanto, Antonio Candido visualiza, em meio a um mundo marcado por conflitos bélicos, assassinatos e opressão, movimentos de denúncia, implementados por comunidades que clamam por justiça e pelo respeito aos direitos humanos. Entre os direitos humanos, o teórico inclui o acesso à literatura, justificando seu posicionamento por aspectos essenciais do homem, que necessita tanto da ficção e da fantasia quanto da alimentação e do sono. Por dar forma a universos vicários, a literatura atenderia a essa necessidade universal do ser humano, que precisa ser satisfeita, “sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (CANDIDO, 2004, p.186). Simultaneamente, a literatura pode transformar-se em instrumento de denúncia social “pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CANDIDO, 2004, p.186).

conflitos, mas também por esforços para sua eliminação. Entre os eventos dessas duas décadas, representativos da barbárie e de sua contestação, citam-se, a título de exemplo, o fim da guerra do Vietnã, em 1975, a queda do muro de Berlim, em 1989, a intensificação das lutas pelo retorno ao estado de direito no Brasil e a promulgação da constituição brasileira de 1988.

AGUIAR, Flávio. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2012/05/31/o-direito-a-literatura-no-seculo-xxi-uma-homenagem-a-antonio-candido-por-flavio-aguiar/>. Acesso em 15 de julho de 2017.

Embora quase 30 anos tenham decorrido desde que Candido defendeu a literatura como um direito, o estágio do mundo contemporâneo enfatiza a atualidade desse posicionamento, razão por que ele é aqui retomado.

⁴ http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Portanto, a leitura de textos literários constitui, segundo Antonio Candido, uma questão de direitos humanos, que, uma vez atendidos, acrescentam, ao indivíduo, a garantia do acesso ao conhecimento, à capacidade reflexiva, ao aprimoramento da sensibilidade e à compreensão da complexidade da natureza humana.

Leyla Perrone-Moisés (2000) ratifica o posicionamento de Antonio Candido e sublinha o valor permanente da literatura, ao mesmo tempo em que assume sua defesa, ao denunciar o menosprezo pela instituição literária e, particularmente, pelas obras do passado, responsáveis pela definição do cânone, nas sociedades “dominadas pela tecnologia e pela economia de mercado” (2000, p.12).

Em sua conferência da aula inaugural da disciplina de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada em janeiro de 1977, Roland Barthes, integrando-se à mobilização a favor do ensino da literatura, declara: “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (1979, p.18). Para o pensador, a literatura mobiliza saberes históricos, geográficos, sociais, antropológicos, mas sem se fixar em qualquer um deles, tampouco sem enaltecer um em detrimento de outros.

Situada no limiar entre a objetividade da ciência e a manifestação do simbólico – em que se resguardam os sonhos e as inominadas inspirações da arte – a literatura não se resguarda na solidez de respostas. Porém, segundo Barthes, ela é capaz de apreender a leveza e a sagacidade da vida, fazendo-o por meio de uma linguagem em que a significação é movimento e o sentido permanentemente transitório. Assim, a arte literária, que introduz “efeitos do real” desmascarando os recursos da linguagem que os instituem, é ardilosa e sub-reptícia, obrigando o leitor a participar de um processo de comunicação cujo objetivo não é o de expor uma significação pré-existente, mas o de oportunizar a instalação de sentidos.

A negação de significações literais e a aceitação de um saber indizível sobre as coisas, bem como a capacidade de estabelecer uma aproximação entre a ciência e a vida articulam a concepção de Barthes sobre o texto literário com a da Psicanálise. Para estudiosos dessa área, a obra de arte confere ao sintoma “uma conotação estética e mantém em aberto uma





possibilidade intelectual, de prazerosa convivência com um fragmento de verdade” (MOREIRA, s/d, s/p.)⁵.

Seja concebida como recurso para o pleno desenvolvimento psíquico, como vital necessidade de imersão no simbólico, como fundamento de humanização, a literatura atua sobre os indivíduos, formando-os no sentido da *paideia* grega, pela convergência do conhecimento, da sensibilidade e da ética.

Leyla Perrone-Moisés (2007), ao visualizar o papel da literatura sob o ângulo, já não individual, mas coletivo, assinala que “as obras literárias esclarecem tanto ou mais do que os discursos políticos, como são construídos os conceitos de nação e de identidade nacional” (2007, p.18). A representação de costumes de determinados grupos, suas normas e ritos sociais, os valores que professam são manifestados por meio dos textos literários, que não só refletem a identidade de um povo, mas também contribuem para instituí-la. Conseqüentemente, a literatura concorre para a composição de identidades coletivas, pois fecunda, nos leitores, o sentimento de *pertença*, de que resulta maior comprometimento com a sociedade de que eles fazem parte.

Portanto, os autores mencionados reafirmam a importância da literatura e sublinham razões pelas quais deve ser preservada e ensinada: ela envolve o sujeito em um processo de autoconhecimento e de revelação da malha social, induzindo-o a posicionar-se criticamente em relação à sociedade e aos procedimentos expressivos da linguagem. Todavia, para que isso ocorra, o estudo da obra literária deve sustentar-se em “um momento analítico a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento”; e em “um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana” (CANDIDO, 2002, p.80). Ou, nas palavras do poeta Drummond, em “A morte do leiteiro”, esse momento crítico traz em si um impulso que leva à humana compreensão (DRUMMOND, 2003).

Todavia, a concretização das finalidades da literatura pressupõe a recepção do texto, em que as atividades de análise e de crítica são correlatas às realizadas pelo autor no momento da produção, visto que

⁵ MOREIRA, Max. *Sobre literatura e psicanálise*. Disponível em <http://www.tanto.com.br/Maxmoreira-psicanal.htm>. Acesso em 10 de julho de 2017.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

a operação de escrever implica a de ler, como seu correlativo dialético, e esses dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos. É o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto e imaginário que é a obra do espírito. Só existe arte por e para outrem (SARTRE, 1999, p.37).

Conseqüentemente, a participação do leitor, sua resposta aos desafios do texto preenchem o “hiato que origina a criatividade da recepção” (ISER, 1999, p.10), mediante a qual se concretiza o próprio texto. Assim, “os signos linguísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer dos quais o texto se traduz para a consciência do leitor” (ISER, 1999, p.10).

Portanto, o leitor, diante do texto, assume uma atitude responsiva e depreende os signos polissêmicos a partir de seu “horizonte de expectativas”, sustentado pelas referências que modelam sua percepção de mundo. Elas decorrem das contingências de seu tempo histórico, de seu conhecimento da literatura e de suas experiências prévias de leitura e, também, dos valores que seu grupo social professa. Dessa forma, “assim como o ato produtor que deu origem ao texto, o ato de recepção é um fenômeno comunicacional que integra três protagonistas: texto-leitor-mundo”. (SARAIVA, 2006, p.36).

Como sujeito responsável pela dinamicidade desse fenômeno, o leitor consubstancia o texto e, ficcionalmente, transfere-o para seu próprio corpo, transformando-o em resposta a angústias, figurando-o em ideias e valores, materializando-o em atitudes sociais. Dessa forma, o ato de leitura, concretizado pela produtividade do leitor, não se esgota em si mesmo, pois se torna conhecimento, gerando uma sensação de prazer. Todavia, ao contrário do que se preconiza em espaços escolares, a fruição do texto não é gratuita, por depender de um trabalho de análise e de interpretação, em que o leitor exerce sua capacidade de produzir significações, de transferi-las e de criar, ainda que no âmbito da fantasia.

Conseqüentemente, a valorização da disciplina de literatura exige a leitura reflexiva de textos, ação que confere protagonismo ao leitor e ratifica a finalidade da literatura. Ela contribui para a formação de sujeitos aptos a superarem seus conflitos, a conviverem harmoniosamente com os outros, a aprimorarem a cidadania, a exercitarem a imaginação, a fantasia e a criatividade. Conseqüentemente, a leitura de textos literários deve transitar da análise do texto para o contexto da recepção e da produção; da significação do texto para o sentido, que se estabelece na medida em que o texto é relacionado à realidade; da análise crítica para a avaliação da qualidade estética do texto.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Sob tal perspectiva, as informações relativas à biografia dos autores, a estilos de época, a teorias que elucidam o fazer literário não passam de informações⁶, caso não se conjuguem ao processo de interpretação do texto. Como exercício de análise e de crítica, esse processo concorre para que o leitor assuma sua experiência de leitura que, no ensino médio, deve evoluir de textos simples e prazerosos para textos mais complexos, mas, nem por isso, menos prazerosos, e garantir, aos jovens, o acesso a obras da literatura brasileira e da literatura universal. Dessa forma, a dinamicidade do ato de ler, resultante da ativa participação do leitor, pode transformá-lo enquanto sujeito ou contribuir para que encontre na literatura “um instrumento de cultura e uma fonte de prazer”. Assim, “não se trata de ‘saber’: trata-se de ler literatura e de amá-la (LANSON, 1984. Apud COLOMER, 2007, p. 37).

Entretanto, essa relação, embora se manifeste no plano afetivo, isto é, na relação de amorosidade com a literatura, enraíza-se em aspectos do próprio texto literário: nos desafios de natureza cognitiva que o leitor necessita atender e lhe conferem o prazer intelectual; no atendimento de expectativas estéticas, que determinam previamente o posicionamento do leitor e lhe garantem o prazer, no desenrolar da leitura, de sentir-se parte do processo de produção do texto; na capacidade do texto de, como portador de sentido, permitir que o leitor estabeleça vínculos com sua cultura, os quais lhe conferem a sensação de pertencimento e trazem respostas sobre sua identidade e seu lugar no mundo.

REFERÊNCIAS

Atlas da violência no Brasil. Disponível em:
http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em 05 de julho de 2017.

ANDRADE, C. D. de. A morte do leiteiro. In: _____ *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

BARTHES. Roland. *Aula*. São Paulo Ed. Cultrix, 1979.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

⁶ A esse respeito, Tzvetan Todorov declara: “[...] o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. [...] Para esse jovem, Literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública”. (TODOROV, 2009, p. 10)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CAMARGO, J.J. A poesia ameaçada. *Zero Hora*, 04/02/2017.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. Duas cidades: Ouro sobre azul. São Paulo; Rio de Janeiro. 4. ed. 2004. p.169-191.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura*. Uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUGARINHO, Mário. Algumas considerações intempestivas sobre literatura, mídias e mercado. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 27-35, 2007.

MOREIRA, Max. *Sobre literatura e psicanálise*. Disponível em <http://www.tanto.com.br/Maxmoreira-psicanal.htm>. Acesso em 10 de julho de 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Em defesa da literatura. In: *Folha de São Paulo*. *Caderno Mais*, 18.06.2000, p. 11-13.

_____. Por amor à arte. Scielo Brazil. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 19, n. 55, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/24.pdf>. Acesso em 28 abril, 2017.

_____. *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARAIVA, Juracy Assmann. Por que e como ler textos literários. In: _____ & MUGGE, Ernani. *Literatura na escola: propostas par ao ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS NO TRATAMENTO BRASILEIRO DA LOUCURA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

HISTORICAL TRANSFORMATIONS IN THE BRAZILIAN MADNESS DISCOURSE

Everson Fernando Silva de Araujo (Universidade Luterana do Brasil)¹

Vanessa Cristina Nascimento Coelho (Universidade Federal de Santa Maria)²

Mariana de Almeida Pfitscher (Universidade Luterana do Brasil)³

Resumo: A loucura sempre foi alvo de estigma pela cultura e, até a implementação da reforma psiquiátrica, foi abordada e vivenciada em suas mais variadas óticas. Por isso, se faz necessário considerar os tratamentos desenvolvidos e suas formas de aplicação durante o século XX, uma vez que estes foram sendo aperfeiçoados até chegarem aos atuais formatos utilizados no século XXI. Desta forma, realizou-se uma revisão sistemática da literatura sobre o discurso da loucura, como ele foi abordado no Brasil e quais foram as principais formas de tratamento. Além disso, tenta-se entender porque estes tratamentos modificam-se até a implementação da reforma psiquiátrica e espera-se, por consequência, afirmar que o pensamento crítico acerca das questões que balizam o tratamento da loucura promoveu políticas públicas que possibilitaram saúde mental e cidadania às pessoas que padecem de sofrimento mental ou psicopatologias.

Palavras-chave: Psicologia. Manicômio. Institucionalização. Reforma psiquiátrica.

Abstract: Madness has always been stigmatized by culture and, until the implementation of psychiatric reform, has been approached and experienced in its most varied optics. Therefore, it's necessary to consider the treatments developed and their forms of application during the 20th century, since these were being perfected until they reach the present format used in the 21th century. In this way, a systematic review of the literature on the discourse of madness was carried out, as it was approached in Brazil and what were the main forms of treatment. In addition, we try to understand why these treatments change until the implementation of the psychiatric reform and it is hoped, therefore, to affirm that the critical thinking about the questions that mark the treatment of the madness promoted public policies that enabled mental health and citizenship to people who suffer from mental suffering or psychopathologies.

Keywords: Psychology. Asylum. Institutionalization. Psychiatric reform.

INTRODUÇÃO

A loucura sempre foi alvo de estigma pela cultura: já foi objeto do discurso da religião, sendo relacionada a algo sobrenatural, associada à possessões demoníacas e tratada como algo de ordem moral. Posteriormente, através do discurso social, foi considerada algo perigoso à

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da ULBRA (Santa Maria/RS), estagiário do Núcleo de Apoio a Escola. E-mail: araujoeverson@icloud.com.

² Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Integrante do grupo de pesquisa PAACS – Pesquisa das Alterações da Cognição Social. Bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – UFSM. E-mail: nessa.coelho@hotmail.com

³ Professora do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil - Santa Maria. Mestra em Psicologia da Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Licenciada pelo Programa Especial de Formação de Professores - UFSM. E-mail: marianapfi@ulbra.edu.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

sociedade: aqueles que com ela eram identificados foram encarcerados em casas de detenção, junto com os criminosos, sem qualquer distinção. Depois, a loucura foi jogada nos hospitais gerais, locais que não possuíam estrutura nem profissionais com conhecimento algum para tratar esses sintomas com dignidade. "Os loucos internados nesta instituição recebiam um tratamento "bárbaro" que, em vez de proporcionar o "alívio" de suas "desgraças", os tornava ainda "mais loucos" (ENGEL, 2001, p. 191).

Em todas as óticas já apresentadas, a loucura foi tratada como algo que precisava ser segregado, retirado do convívio com os ditos normais, a fim de manter a ordem e a estabilidade social. Com a luta antimanicomial e a instauração da reforma psiquiátrica, no início do século XXI, a loucura passou a ser vista como algo que deveria ser enxergada para além da reversão de uma patologia e sim para a inclusão social do sujeito, devolvendo-o à sua cidadania e garantindo-lhe seus direitos fundamentais. Este trabalho procura, através de uma revisão sistemática da bibliografia, descrever como o discurso da loucura foi abordado no Brasil durante a sua história e quais foram as suas principais formas de tratamento utilizadas até a implementação da reforma psiquiátrica. Para tal, foram utilizados autores que tratam sobre o tratamento psiquiátrico nas suas primeiras abordagens brasileiras, como Dos Santos (2005), Engel (2001), Peres e Barreira (2009) e Tarelou (2015). Guimarães (2013) nos apresenta como eram tratados os pacientes nos manicômios do século XXI. Sobre a reforma psiquiátrica, foram fundamentais os autores Koda (2002), Gama (2012) e Hirdes (2009). Gonçalves (2001) foi utilizado para embasar os reflexos sobre o cuidado com o paciente, que gerou reflexos na dinâmica familiar e social, consequências da reforma psiquiátrica.

Este estudo se faz relevante por trazer à tona discussões dessa realidade que, atualmente, ainda é considerada uma incógnita e, por muitas vezes, contribui para a perpetuação do estigma com a doença mental.

O CAMINHO PERCORRIDO PELO DISCURSO DA LOUCURA

O olhar institucional sobre a loucura enquanto objeto de intervenção médica teve início no Rio de Janeiro, por meio da Santa Casa de Misericórdia, um hospital que tratava de todo tipo de enfermidade, mas assim como os outros existentes na época, não possuía um enfoque especial na patologia psiquiátrica. Nesse momento, conforme Peres e Barreira (2009), os loucos, quando apresentavam comportamentos considerados perigosos, eram presos nas cadeias públicas ou recolhidos ao Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia. Para encaminhar os





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

loucos às prisões, crimes da época eram utilizados como pretexto, como, por exemplo, os “relativos às ofensas da moral e dos bons costumes, bem como à vadiagem e à mendicância” (ENGEL, 2001, p. 184-185), ou eram “associados aos bêbados e aos animais ferozes, cuja presença nos espaços públicos podia representar ameaça não apenas à ordem e à tranquilidade pública, mas também à própria integridade física e moral da população urbana” (ENGEL, 2001, p. 196). Seguindo esta lógica, foi designado ao Hospital Geral o mesmo papel das casas de detenção, que era o de apenas remover os degenerados da sociedade, restabelecendo a ordem pública, a fim de promover uma higienização social, não auxiliando o sujeito que sofre, mas sim a comunidade que não desejava que essas pessoas circulassem livremente.

As percepções desenvolvidas pela sociedade sobre a normalidade “tinham critérios maleáveis que passavam pela escolha de valores normativos, por relações de gênero, por interesses familiares, pelo próprio senso comum e pela intersecção entre medicina e a doutrina jurídica” (TARELOW, 2015, p. 259, *apud* COUTO, 1999). Assim, por meio da influência do discurso científico (que sempre foi de grande influência no meio social e intelectual) a loucura acabou sendo associada a todos que não se encaixavam nas normas sociais: mulheres que engravidavam antes do casamento, pessoas sem documentos, crianças indesejadas pelos pais, indigentes, entre outros. A medicina criou uma ideia de sociedade utópica, onde os improdutivos e/ou diferentes deveriam ser encarcerados a fim de não perturbar ou contaminar os ditos normais. Conforme Dos Santos (2005, p.6), os “médicos sonhavam com uma sociedade organizada, cuja construção exigiria o planejamento de todos os espaços e relações sociais”. A partir do discurso médico, foi definido o diferente, o inaceitável. “O doente mental, o excluído do convívio dos iguais, [...] foi então afastado dos donos da razão, dos produtivos e dos que não ameaçavam a sociedade” (GONÇALVES; SENA, 2001 p. 49).

A partir desse estigma social, instaurou-se, como escreve Koda (2002, p. 9), “uma nova ordem social, baseada no contrato entre cidadãos, sendo necessário um outro tipo de tratamento e lugar para aqueles que não se adaptam ao contrato – em especial criminosos e loucos” (*apud* CASTEL, 1991). Foi necessário, então, de acordo com a demanda social, criar um lugar para alojar esses sujeitos. Sendo assim, a responsabilidade pelo doente, isto é, o cuidado com o seu tratamento e a administração de seus bens, foram designadas a um terceiro:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“Até a promulgação do Código Civil Brasileiro, em 1º de janeiro de 1916, as interdições eram fundamentadas pelo artigo no 311 das leis civis do Império: “Logo que o juiz de órfãos souber que em sua jurisdição há algum demente, que pela sua loucura possa fazer mal, entregá-lo-á a um curador que administre sua pessoa e bens” (ENGEL, 2001, p. 55 *apud* Santos, 1875; Rocha, 1904)

Em 1841, foi assinado o decreto para a fundação do primeiro hospital psiquiátrico da América Latina, o chamado Hospício Dom Pedro II, localizado na capital do Brasil Imperial, Praia Vermelha (Rio de Janeiro). Até sua inauguração, em 1852, “embora ocorresse à internação de doentes mentais considerados perigosos no Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia, esses doentes não recebiam assistência médica nem de enfermagem, tendo a internação apenas o papel de exclusão social” (PERES; BARREIRA, 2009, p. 636). Guimarães et al (2013) esboça que, entre os tratamentos executados por parte da equipe de enfermagem nos hospícios, encontravam-se, por exemplo, os eletrochoques e psicofármacos, a insulinoaterapia, a cela forte, o uso de camisas de força, e a praxiterapia.

Os psicofármacos eram ministrados de acordo com a agitação do paciente, apenas para conte-lo, visto que não tinha como objetivo a cura dos sintomas. Porém, “com o surgimento e, posteriormente, com o aumento na quantidade e qualidade dos psicofármacos, houve uma diminuição da manifestação dos sintomas decorrentes dos transtornos mentais” (*ibid.*, p. 363). E, até 1960, existiam poucos psicotrópicos com a finalidade de tratamento psíquico.

O choque cardiazólico, outro tratamento da época, era utilizado em pacientes crônicos e consistia na aplicação intravenosa do Cardiazol, um medicamento que provocava convulsões. “Este era uma alternativa encontrada para pacientes a qual a medicação via oral não surtia efeitos, mesmo que, posteriormente, tenha sido substituído pela eletroconvulsoterapia, uma vez que “as convulsões ocasionadas pelo cardiazol ocorriam rápida e violentamente e eram difíceis de controlar. Às vezes, eram tão severas que causavam fraturas espinhais nos pacientes” (*ibid.*, p. 364). Por conta dos seus efeitos colaterais, acabou sendo substituído pelo eletrochoque.

O Eletrochoque (ETC) “foi visto como um procedimento importante para a época, pois era um dos poucos recursos disponíveis que contribuem para diminuir a agitação e amenizar os sintomas psicóticos” (*ibid.*, p. 364), além de se tratar de um método coercitivo, uma vez que os pacientes eram amarrados em camas e recebiam o choque, que ocasionava a convulsão imediata. Era, em resumo, um tratamento traumático ao qual provocava medo tanto nos pacientes quanto aos profissionais que o aplicavam.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“A introdução da insulinoaterapia na psiquiatria se deu quando Sakel, ao causar convulsões com uma dose excessiva de insulina, descobriu acidentalmente que esse tratamento era eficaz para pacientes com psicoses, como a esquizofrenia” (*ibid.*, p. 364, *apud* SABBATINI, 1993). A insulinoaterapia baseava-se em aplicar um choque insulínico no paciente para que o mesmo entrasse em coma e, logo após, era ministrada uma dose de insulina intravenosa que o fazia acordar gradativamente. Com o passar do tempo, foi descoberto que as curas geradas por esse método eram apenas temporárias.

Os cubículos, também conhecido como cela forte, eram “pequenas salas, com portas de material reforçado, que continham uma ou duas aberturas, na parte superior para o profissional observar a pessoa no interior do cubículo e na parte inferior para entregar as refeições” (*ibid.*, p. 365). As pessoas eram trancafiada nos cubículos quando estavam muito agitadas e/ou agressivas. Lá, os pacientes ficavam de algumas horas a alguns dias. A permanência na cela forte era um método muito utilizado como forma de punição para os pacientes que não seguiam as normas estabelecidas no hospital, algo que pode ser associado às solitárias das prisões.

A camisa de força, utilizada até 1990, surgiu com a extinção dos cubículos e era uma estratégia executada para conter pacientes agressivos, com objetivo destes não agredirem os demais ou a si mesmos. Às vezes, os doentes eram contidos em suas camas, presos por faixas de tecido, com a finalidade de proteção. Esta era uma abordagem mais agressiva, pois o paciente não podia mover-se de maneira alguma, então era aplicada por apenas algumas horas. Contudo, um processo que era considerado menos doloroso, comparado aos demais da época e até mesmo à camisa de força, considerando a abordagem semelhante, era o lençol de contenção: “a pessoa não podia ficar contida dessa forma por muito tempo, para não machucá-la, logo que o médico a sedava, o lençol de contenção era retirado” (*ibid.*, p. 367).

A praxiterapia “visava ocupar integralmente o tempo dos portadores de transtorno mental. O trabalho era visualizado como uma forma de introjetar na pessoa a atenção, a coordenação dos atos, à obediência, entre outras qualidades” (*ibid.*, p. 366). Sendo assim, eram designadas tarefas laborais aos internos, como trabalhos em lavouras, na limpeza do hospital e na criação de animais como galinhas e porcos, o que pode ser comparada à abordagem da Terapia Ocupacional atualmente. Entretanto, neste método, os pacientes eram chicoteados, agredidos e submetidos a esforços demasiados, lembrando os tempos de escravidão.

O modelo abordado anteriormente prosseguiu sendo executado por muitos séculos, porém foi gradualmente extinto até os anos 2000 com a implantação da reforma psiquiátrica, em 2000.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Até então, o papel de eugenia ainda não havia se alterado e a loucura continuava sendo tratada como na época do Brasil Imperial. Segundo Gonçalves e Sena (2001, p. 50), o modelo de tratamento psiquiátrico ainda vigente em 1999, “com base na legislação de 1934, propunha, fundamentalmente, a hospitalização e o asilamento do doente mental, visando atender, sobretudo, a segurança da ordem e da moral pública”. De acordo com Gama (2012), com a aprovação da Lei nº 10.216, em 2001, originaram-se uma série de ações assistenciais em saúde mental e a abertura de serviços públicos de apoio comunitário, redução do número de leitos psiquiátricos, alteração ao financiamento prioritário dos hospitais e maior atenção aos direitos dos pacientes, além de projetos de implantação social. O tratamento com os enfermos passa a ter uma mudança significativa: os sintomas ficam em segundo plano e passa-se a priorizar a história do sujeito e suas subjetividades.

Conforme Brasil (2001), a Reforma Psiquiátrica do Brasil sofreu muitas críticas e a questão central delas é de que os hospitais psiquiátricos são fundamentais na composição da rede de saúde mental. Como o processo de reforma está contestando essa ideia e vem reduzindo gradativamente o tamanho e o número de hospitais, logo estariam havendo a desassistência e “despsiquiatrização”.

Nogueira (2005) destaca que a reforma psiquiátrica nasceu com o objetivo de superar o estigma, a institucionalização e a instalação crônica dos doentes mentais. Para isso, é necessária a humanização do atendimento ao psicótico, a territorialização dos dispositivos de atenção e a construção de alternativas diversificadas de atenção. É necessário lembrar que em cada época as necessidades humanas são diferentes, mas que, independente disso, cada indivíduo possui direito à saúde mental e à atenção psicossocial. De acordo com Junqueira & Carniel, 2012, (p. 19-20 *apud* Goulart e Durães, 2010)

“o processo de mudança no modelo da atenção à saúde mental é dinâmico e é necessária uma constante problematização e reflexão que produza movimento, que sirva para a construção e (re)criação de novas práticas. Como bem discutem Goulart e Durães (2010): É tempo de identificarmos as tentativas já efetivadas, seus sucessos e fracassos. Conhecendo nossa história, podemos traçar novos rumos, que afirmem os direitos e o respeito ao portador de distúrbios e sofrimento mental”.

Segundo Hirdes (2009), a reforma psiquiátrica brasileira, por meio da criação dos novos dispositivos em saúde mental, possibilita um novo olhar e outros valores às pessoas em situação de sofrimento psíquico, construindo desta forma uma rede de amparo à loucura no seu âmbito familiar, social e cultural. Os projetos de reforma não são homogêneos, uma vez que as práticas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

são executadas conforme a concepção teórica dos trabalhadores de saúde mental. Conforme Koda (2002), a reforma psiquiátrica buscava devolver ao indivíduo seu direito como cidadão. A partir da segunda metade da década de 80, tem início a implementação de serviços públicos de Saúde Mental balizados pelas propostas antimanicomiais.

A reforma psiquiátrica concretizou a chamada Política de Saúde Mental. A portaria 336 de fevereiro de 2002 estabeleceu a criação dos CAPS, CAPSI e CAPSAD. Segundo Schrank e Olschowsky (2008),

“com base no modo psicossocial, o CAPS preconiza, como uma das suas metas, a desinstitucionalização, amparada por um processo prático de desconstrução do modelo tradicional da atenção psiquiátrica, propondo um conjunto de dispositivos que possibilitam a construção e a invenção de novas perspectivas de vida e subjetividade, com base não apenas em diagnósticos e prognósticos da doença mental, mas sim, na complexidade que envolve o indivíduo na sua dimensão psíquica e nas suas relações com o meio em que vive. Assim, este serviço busca a reinclusão das pessoas com sofrimento psíquico na família, na comunidade e na vida produtiva, através da recuperação da autoestima e reestruturação de vínculos” (p. 130).

Gonçalves e Sena (2001) afirmam que a questão crucial da desinstitucionalização é uma progressiva “devolução à comunidade” da responsabilidade em relação aos seus doentes e seus conflitos. Para devolver a dignidade ao sujeito, não basta apenas desinstitucionalizá-lo, e sim fornecer a este uma assistência adequada para que possa ser reinserido à sociedade. Conforme destaca Portocarrero (1990), Foucault em sua obra *História da Loucura* exalta que a designação de loucura e que a conseqüente exclusão da sociedade não dependem de uma ciência médica, mas de uma ‘percepção’ do indivíduo como ser social, a qual é produzida por diversas instituições como a polícia, a justiça e a família, a partir de critérios que dizem respeito à transgressão de normas.

CONCLUSÃO

As transformações operadas no discurso da loucura permitiram que ela fosse vista de outra forma. Atualmente, a loucura, apesar de ainda sofrer preconceito, não é tratada com tanta estranheza como nos seus primórdios. A pesquisa, a reflexão e o questionamento do discurso da loucura permitiram que ela fosse vista de uma outra ótica, não mais segregando-a, julgando-a, criminalizando-a e sim permitindo que ela fosse visualizada como apenas uma diferença, algo inerente em todas as faculdades do ser humano.

O pensamento crítico acerca dessas questões promoveu a criação e implementação de políticas públicas que tornaram possível promover saúde mental e cidadania aos sujeitos que





padecem de sofrimento ou psicopatologias, transformando-os novamente em cidadãos protagonistas das suas histórias e dos seus destinos, oferecendo-lhes tratamento digno e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, Ricardo Augusto. Quem é bom, já nasce feito? Uma Leitura do Eugenismo de Renato Kehl (1917-37). **Intellèctus**, v. 4, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/27601>> Acesso em 8 de abril de 2018.

ENGEL, Magali. **Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios, 1830-1930**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2001. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/7htrv/pdf/engel-9788575412534.pdf>> Acesso em 10 de abril de 2018.

GAMA, Jairo Roberto de Almeida. A reforma psiquiátrica e seus críticos: considerações sobre a noção de doença mental e seus efeitos assistenciais. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1397-1417, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 8 de abril de 2018.

GONÇALVES, Alda Martins; SENA, Roseni Rosângela de. A reforma psiquiátrica no Brasil: contextualização e reflexos sobre o cuidado com o doente mental na família. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 48-55, Abr. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 2 de abril de 2018.

GUIMARÃES, Andréa Noeremberg *et al.* Tratamento Em Saúde Mental No Modelo Manicomial (1960 a 2000): Histórias Narradas Por Profissionais De Enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, 00011, v. 22, n. 2, p. 361-369, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n2/v22n2a12.pdf>> Acesso em 11 de abril de 2018.

HIRDES, Alice. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 297-305, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100036&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 8 de abril de 2018.

JUNQUEIRA, Anamélia Maria Guimarães; CARNIEL, Isabel Cristina. Olhares sobre a loucura: os grupos na experiência de Gorizia. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 12-22, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702012000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 2 de abril de 2018.

KODA, Mirna Yamazato. **Da negação do manicômio à construção de um modelo substitutivo em saúde mental: o discurso de usuários e trabalhadores de um núcleo de atenção psicossocial**. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-17112002-120859/pt-br.php>>
Acesso em 2 de abril de 2018.

PERES, Maria Angélica de Almeida; BARREIRA, Ieda de Alencar. Desenvolvimento da assistência médica e de enfermagem aos doentes mentais no Brasil: os discursos fundadores do hospício. **Texto contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 635-642, 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 de abril de 2018.

PORTOCARRERO, Vera. **O dispositivo da saúde mental:** uma metamorfose na psiquiatria brasileira. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

TARELOW, Gustavo Querodia. **Eugenia, organicismo e esquizofrenia:** diagnósticos psiquiátricos sob a lente de Antônio Carlos Pacheco e Silva, nas décadas de 1920-40. *ISSN*, 00001, v. 34, p. 25, 2015. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/11118>> Acesso em 21 de abril de 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O PROCESSO INTERDISCIPLINAR NO DESENVOLVIMENTO DE UM APLICATIVO ESTATÍSTICO PARA VOLEIBOL

EL PROCEDIMIENTO INTERDISCIPLINAR EN EL DESARROLLO DE UNA
APLICACIÓN ESTADÍSTICA PARA VOLEIBOL

Fabiane Barili

Juliano Varella De Carvalho

Marta Rosecler Bez

Resumo: o presente artigo evidencia como a Interdisciplinaridade influenciou significativamente o desenvolvimento de um aplicativo (*app*) estatístico para Voleibol (*Scout*). Esse aplicativo faz parte de um projeto do Mestrado em Indústria Criativa que estimula a relação de áreas diferentes da criatividade em busca de desenvolver soluções inovadoras perante diferentes assuntos. A contribuição da Interdisciplinaridade agiu antes, durante e depois do resultado final, promovendo o diálogo entre profissionais de diversas áreas como Educação Física, Ciência da Computação e Jogos Digitais. Como resultado final do envolvimento dessas áreas, tem-se um aplicativo estatístico validado por acadêmicos, profissionais do Voleibol e com potencial de expansão para o mercado.

Palavras-chave: Aplicativo. Interdisciplinaridade. Voleibol.

Resumen: El presente artículo evidencia como la Interdisciplinariedad influenció significativamente el desarrollo de una Aplicación (App) estadística para Voleibol (Scout). La Aplicación hace parte de un proyecto de Maestría en Industria Creativa que mira la relación de áreas diferentes de la creatividad en busca de desarrollar soluciones innovadoras frente a diferentes asuntos. La contribución de la Interdisciplinariedad actuó antes, durante y después del resultado final, promoviendo el diálogo entre profesionales de diferentes áreas como Educación Física, Ciencia de la Computación y Juegos Digitales. Como resultado final de la participación de esas áreas, se tiene una aplicación estadística validada por estudiantes, profesionales del Voleibol y con potencial de expansión para el mercado.

Palavras-chave: Aplicación. Interdisciplinariedad. Voleibol.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de aplicativo (*App*) e *software* muitas vezes requer o envolvimento de profissionais de áreas distintas. Nesta perspectiva, há um diálogo entre as diferentes partes a fim de desenvolver um produto completo e eficiente como resultado final. Esse envolvimento e a produção de um produto está diretamente relacionado a proposta deste ensaio.

Para que a relação entre as partes fosse significativa, investigou-se alguns conceitos que são apresentados na fundamentação teórica como *Scout* e Interdisciplinaridade. Os conceitos de *Scout* estão relacionados à parte estatística do esporte. A Interdisciplinaridade argumenta sobre o que é essa relação e o diálogo entre essas diferentes áreas.





Considerando a relação entre os conceitos apresentados nesse artigo, é explicado o aplicativo *Scout* e como deu-se o processo de desenvolvimento. Bem como o que oferece em relação ao Voleibol e a metodologia que foi utilizada. É descrito também o desenvolvimento de um aplicativo estatístico para equipes de Voleibol com o auxílio de profissionais da área da Educação Física e de atletas. Desta forma, o aplicativo aproximou-se de um produto que satisfizesse as necessidades do treinador e/ou comissão técnica de Voleibol perante seus atletas e equipe.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Entender os conceitos de *Scout* e Interdisciplinaridade estabelece claramente a relação entre eles, fundamentando, sobremaneira, o desenvolvimento de um aplicativo estatístico.

SCOUT

Em busca de desempenho e eficiência no esporte, cada vez mais as equipes têm adotado a estatística como aliada para alcançar seus objetivos. Essa prática de buscar os dados estatísticos no esporte denomina-se *Scout*, descrita como um instrumento de assessoramento contínuo ao treinador e/ou comissão técnica, antes e durante as partidas, passando informações pertinentes da equipe e possivelmente do adversário (REZENDE et al., 2003). Balieiro (2004) conceitua *Scout* como um sistema estatístico que monitora uma determinada equipe em relação aos principais fundamentos do Voleibol. Da maneira com que o *Scout* passa informações reais do jogo, abre a possibilidade para que o treinador faça alterações em tempo real, mudando a estratégia da equipe, fazendo substituições, evitando contusões e podendo ainda surpreender o adversário.

INTERDISCIPLINARIDADE

Alguns processos de desenvolvimento de projetos científicos contam com a participação de diversos profissionais de áreas diferentes. Nesta perspectiva, entende-se que a interdisciplinaridade tem uma relação forte com esse processo. A partir dessa concepção, entende-se por meio da definição de Japiassu (1976, p.74) que “A interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”. Esse grau de interação é compreender, entender as partes distintas trabalhadas e fazer ligações entre elas, unindo-as para





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

buscar o desenvolvimento de algo inovador considerando as diversas possibilidades e, sobretudo, aprofundar a investigação sobre o assunto.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do *Volley Scout Pro* deu-se através de um projeto do Mestrado em Indústria Criativa da Universidade Feevale. O projeto encaixa-se dentro dos conceitos da Indústria Criativa através das definições da FIRJAN (2014) e da UNESCO (2013). A FIRJAN (2014) aponta que este aplicativo se encontra no núcleo de Tecnologia no que se refere a pesquisa e desenvolvimento, e desenvolvimento de *Software*. A UNESCO (2013) apresenta seis modelos para as Indústrias Criativas e Culturais, onde este projeto encaixou-se como *Software* e Esportes.

APLICATIVO ESTATÍSTICO

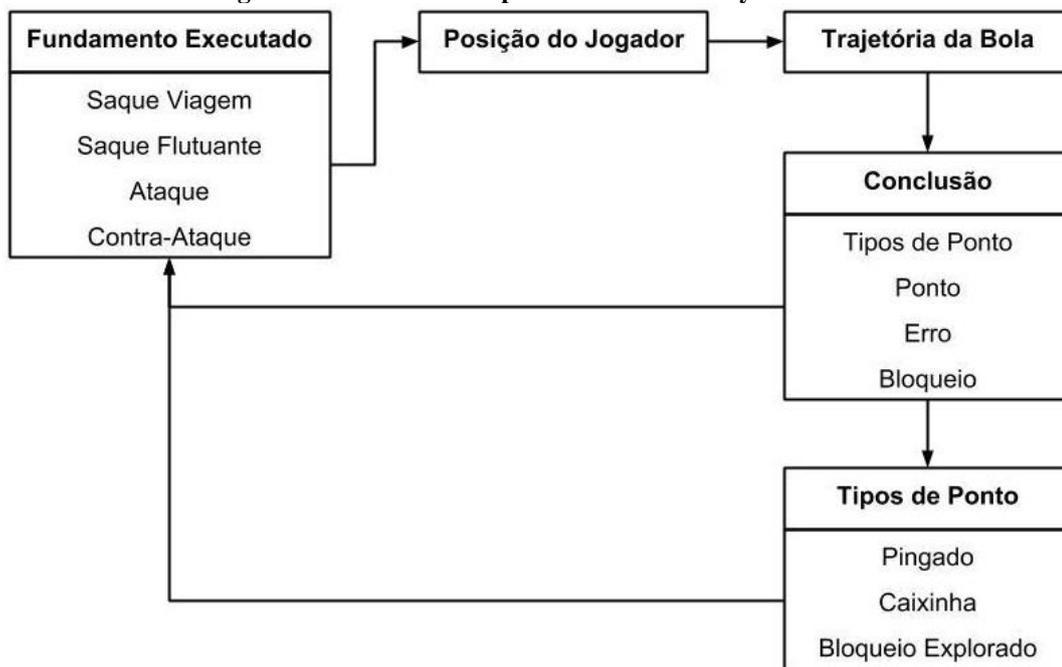
O *Volley Scout Pro* é um aplicativo estatístico para o Voleibol onde o treinador ou comissão técnica poderá mapear as jogadas dos atletas e/ou equipe. Este processo tem sido utilizado por equipes de grande nível para obter melhores resultados nos jogos e/ou campeonatos.

O aplicativo possibilita o registro de algumas informações dos atletas, da equipe, dos campeonatos e dos jogos, onde podem ser consultados e alterados quando necessário. No processo de mapeamento das jogadas são registradas apenas as ações finais, ou seja, as que resultam em ponto. O aplicativo observa os fundamentos do Voleibol, ilustrados na Figura 1:





Figura 7. Fundamentos apresentados no Volley Scout Pro



Fonte: Próprio Autor (2018).

Os fundamentos apresentados são mostrados ao usuário de forma sequencial, de maneira que os resultados estatísticos depois estejam os mais completos possíveis. Dessa forma, são apresentados como opções o Saque Viagem, Saque Flutuante, Ataque e Contra-Ataque. Ao selecionar o Fundamento Executado, registra-se a Posição do Jogador e a Trajetória da Bola. Seguindo com a Conclusão da ação final, tendo como opções os Tipos de Ponto, Ponto, Erro ou Bloqueio. Caso seja selecionada a opção de Tipos de Ponto, são apresentadas outras opções de fundamentos encontrados na literatura do Voleibol como Pingado, Caixinha e Bloqueio Explorado.

O desenvolvimento desse projeto teve a colaboração de um Treinador de Voleibol, que participou ativamente de todo projeto desde o pré-desenvolvimento até a validação do aplicativo. A relação da construção do aplicativo entre os especialistas de áreas diferentes será melhor evidenciada na seção a seguir.

PROCESSO INTERDISCIPLINAR NO DESENVOLVIMENTO DO APLICATIVO

Dentro da metodologia estabelecida para a construção do aplicativo, realizou-se o processo interdisciplinar em dois momentos: pré-desenvolvimento e validação. A Figura 2 apresenta a metodologia completa em forma de fluxo.

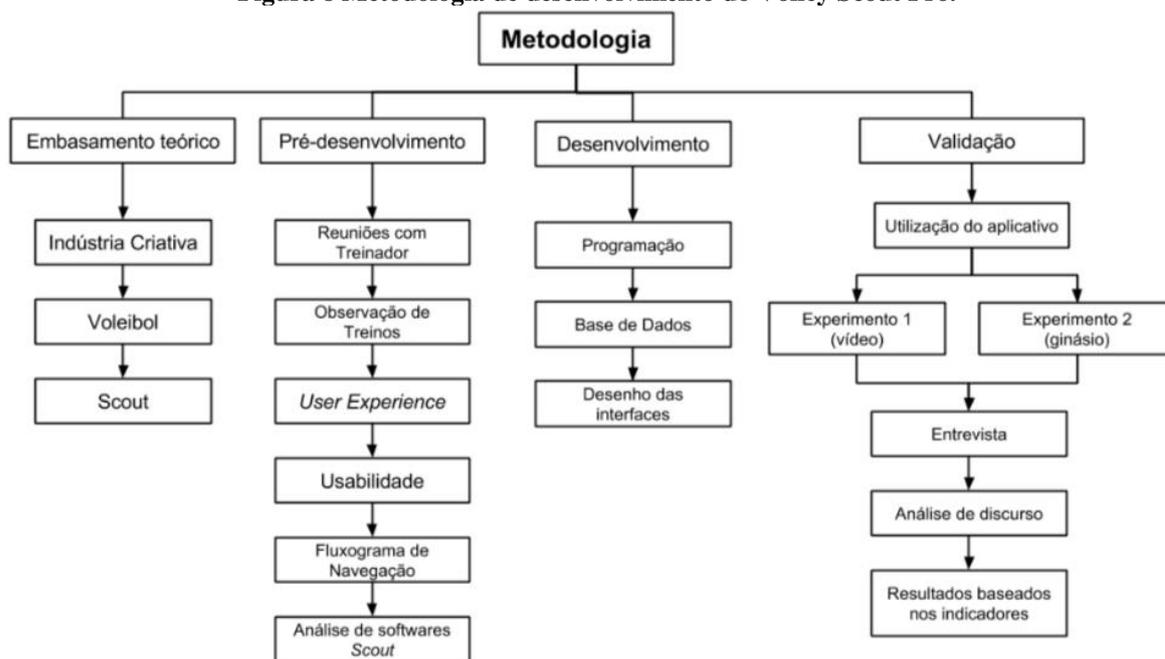




No pré-desenvolvimento do aplicativo *Volley Scout Pro* o Treinador colaborou de forma significativa desde as ideias iniciais do aplicativo. Primeiramente, houve reuniões iniciais onde em cada uma delas foram tratados assuntos os quais colaboraram diretamente no progresso do aplicativo.

A primeira reunião foi onde discutiu-se sobre o protótipo de aplicativo que estava sendo elaborado. Na ocasião o Treinador apontou algumas questões significativas para o Voleibol que deveriam ser incrementadas ao aplicativo. Dentre essas questões estão, por exemplo, o cadastro de informações da equipe, campeonato, identificar o tipo de saque (flutuante ou viagem), quantidade de pontos e substituições. O Treinador enfatizou também que os desenvolvedores de aplicativos não têm a percepção estatística necessária para utilização no Voleibol.

Figura 8 Metodologia de desenvolvimento do Volley Scout Pro.



Fonte: Próprio Autor (2018).

A segunda reunião foi uma continuidade da primeira, onde foram apresentadas as alterações no protótipo conforme solicitado. Também foram demonstradas algumas das funcionalidades que o aplicativo estava apresentando e como seriam mostradas as informações estatísticas para o usuário. Nesta ocasião o Treinador colaborou com alguns termos que são usados no Voleibol, bem como, mais funcionalidades que poderiam facilitar o uso do aplicativo.

Em outra oportunidade, a reunião ocorreu para acertar os últimos detalhes do protótipo. Nesse dia foram determinados quais seriam os requisitos mínimos que cada cadastro deveria





apresentar, foi solicitado o registro de tempo para cada *Set* de jogo, trajetória da bola e correção do *Scout* do jogo. Outras reuniões foram realizadas com o Treinador a fim de observar melhorias e funcionalidades no decorrer do processo.

Após a participação do Treinador no pré-desenvolvimento por meio de reuniões, o aplicativo foi desenvolvido e posteriormente validado. Na validação contou-se com a participação de outras pessoas que contribuiriam para a evolução e melhoria do *app*.

A validação do aplicativo ocorreu em dois experimentos. O primeiro experimento ocorreu com o Treinador e cinco acadêmicos do curso de Educação Física, que também são atletas de Voleibol. Nesta ocasião os usuários utilizaram o aplicativo e mapearam um jogo que foi assistido por vídeo. Houve diversos comentários e sugestões dos usuários para melhorias no aplicativo.

Antes da realização do segundo experimento, levou-se em consideração algumas das sugestões dos usuários. Dessa forma, alterou-se o escopo do aplicativo realizando-se evoluções importantes a fim de realizar o segundo experimento.

O segundo experimento também teve a colaboração do Treinador e de uma acadêmica, ambos haviam participado do experimento anterior. Nesse experimento, os usuários realizaram o mapeamento de um jogo ao vivo entre Canoas e Maringá, válido pela Superliga de Voleibol de 2017. Aqui tanto o Treinador quanto a Acadêmica realizaram observações importantes que agregam melhorias no aplicativo.

Com a participação dos profissionais de outras áreas no desenvolvimento do *Volley Scout Pro* obteve-se um resultado diferente do escopo inicial e, conseqüentemente, um aplicativo mais completo e fidedigno com a realidade do esporte.

RESULTADOS

Com o trabalho e a dedicação de profissionais das áreas de Educação Física, Ciência da Computação, Indústria Criativa e Jogos Digitais, obteve-se como resultado um aplicativo para o público relacionado ao Voleibol. Isso tanto nos quesitos de funcionalidades técnicas, na parte de programação e desenvolvimento do *app*, quanto nos termos próprios da literatura do Voleibol, assim como as informações estatísticas importantes.

Além do auxílio no pré-desenvolvimento, a validação apontou quesitos importantes a serem incorporados no aplicativo, sendo eles: (a) realizar a rotação dos jogadores conforme no jogo; (b) acrescentar outros tipos de fundamento; (c) ajustar a opção de bloqueio; (d) adicionar





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

bloqueio simples, duplo, triplo e os jogadores que efetuaram; (e) permitir acessar os resultados estatísticos durante o jogo; (f) modificar a exibição dos resultados estatísticos; (g) indicar quantas vezes o usuário corrigiu a ação; (h) maior leque de filtros/combinações nos resultados.

Nos momentos das reuniões e dos experimentos, ocorreu muita troca de conhecimento entre todos. O Treinador entendeu como é o processo de desenvolvimento de um *app*. Os desenvolvedores do *app* conheceram as regras e conceitos do esporte, assim como são avaliados os jogadores e uma equipe de Voleibol. Os acadêmicos/atletas compreenderam como se dá o desenvolvimento de um aplicativo e também o que o Treinador espera da equipe em um jogo de Voleibol. Com isso, entende-se a troca de conhecimento e a interdisciplinaridade entre os envolvidos em prol do aplicativo estatístico *Volley Scout Pro*.

CONCLUSÃO

Com a realização do desenvolvimento do *Volley Scout Pro* houve um processo importante de interdisciplinaridade para que o aplicativo atendesse todas as necessidades estatísticas que um Treinador e/ou Comissão Técnica de Voleibol precisam diante dos jogadores e/ou equipe.

O diálogo interdisciplinar entre desenvolvedores e profissionais da área do Voleibol contribui significativamente tanto para entender as necessidades do público-alvo e os conceitos utilizados neste meio, quanto para as funcionalidades que deveriam ser implementadas.

Como resultado obteve-se um aplicativo validado diretamente com Treinador e atletas de Voleibol com contribuições para melhorias e sugestões, buscando cada vez mais a completude do produto. Este diálogo entre as diferentes partes permitiu uma expansão intelectual significativa, onde os desenvolvedores puderam entender questões técnicas e práticas do Voleibol. Além disso, os especialistas em Voleibol e atletas puderam acompanhar e entender como se dá o desenvolvimento de um aplicativo, expandindo seus conhecimentos nesta área que era desconhecida.

REFERÊNCIAS

BALIEIRO, S. (2004) “**Jogada de alta tecnologia**”, INFO: tecnologia da informação, número 224, ano 19, novembro.

FIRJAN. **Mapeamento da indústria criativa do Brasil**. 2012. Disponível em: <http://www.firjan.org.br/>. Acesso em Abril de 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

REZENDE, A. L. G. **Elaboração e estudo de uma metodologia de treinamento voltada para o desenvolvimento das habilidades táticas no futebol de campo com base nos princípios da teoria de formação das ações mentais por estágios idealizada por Galperin**. 2003. 309f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2003.

UNESCO, 2013. **United Nations Conference On Trade And Development. Creative economy report: a feasible development option**. New York, 2010. Disponível em: http://unctad.org/en/Docs/ditctab20103_en.pdf. Acesso em Abril de 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

UM SUJEITO HISTÓRICO DURANTE O ESTADO NOVO EM SÃO LEOPOLDO/RS

A historical person during the Estado Novo in São Leopoldo/RS

Fernanda Gälzer (Feevale)¹

Dra. Roswithia Weber (Feevale)²

Resumo: Este trabalho analisa o contexto do Estado Novo e Segunda Guerra Mundial tomando como objeto correspondências recebidas pela prefeitura de São Leopoldo/RS, no período de 1941 a 1943. Analisam-se três cartas relacionadas a um imigrante alemão, sendo estas confrontadas com uma análise bibliográfica sobre o período do Estado Novo (1937-1945) considerando a Campanha de Nacionalização e o contexto internacional. Para a análise bibliográfica foram considerados autores que trabalham o Estado Novo e a Campanha de Nacionalização (GERTZ e SEYFERTH) e autores que abordam o uso de correspondências como fonte (MALATIAN e GOMES). Assim, a partir da valorização do sujeito no processo histórico é possível compreender a influência no cotidiano da população da Campanha de Nacionalização durante o Estado Novo.

Palavras-chave: Estado Novo. Nacionalização. Imigração alemã.

Abstract: This research analyzes the context of the Estado Novo and World War II taking as object correspondence received by the municipality of São Leopoldo/RS, from 1941 to 1943. Three letters related to a German immigrant are analyzed, and these are confronted with a bibliographical analysis on the period of Estado Novo (1937-1945) considering the Nationalization Campaign and the international context. For the bibliographic analysis authors were considered to work the Estado Novo and the Nationalization Campaign (GERTZ and SEYFERTH) and authors that deal with the use of correspondences as source (MALATIAN and GOMES). Thus from the appreciation of the person in the historical process it is possible to understand the influence in the daily life of the population of the Nationalization Campaign during the Estado Novo.

Keywords: Estado Novo. Nationalization. German immigration.

INTRODUÇÃO

O Estado Novo foi um período ditatorial da História do Brasil, que durou de 1937 a 1945, sob o governo de Getúlio Vargas. Durante esse período buscou-se, entre outras características, a construção de um estado moderno e a criação de uma identidade nacional (PANDOLFI, 1999). Passou-se a valorizar a cultura brasileira em detrimento de manifestações culturais das populações de imigrantes, através da Campanha de Nacionalização, que se dava através de ações “nacionalizadoras” em diversos campos do cotidiano como na educação, imprensa e policiamento (GERTZ, 2005). Assim, na década de 1930, tornou-se questão de segurança

¹ Mestranda do PPG Processos e Manifestações Culturais e bolsista PROSUP/CAPES na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: fernanda.galzer@gmail.com

² Professora orientadora. Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: roswithia@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

nacional a incorporação na sociedade e assimilação de uma identidade brasileira, por parte de imigrantes e descendentes (SEYFERTH, 1999). No decorrer do Estado Novo, e principalmente após 1942, imigrantes e seus descendentes não puderam expressar seus aspectos culturais. Por isso, este estudo analisa o contexto do Estado Novo e Segunda Guerra Mundial (1939-1945) tomando como objeto correspondências destinadas a prefeitura de São Leopoldo/RS, do período de 1941 a 1943, todas relacionadas a um imigrante alemão, Henrique Katzenberg, residente no município, suspeito de ser “traidor da brasilidade”. Através das cartas é possível identificar e analisar a situação desse morador no contexto da nacionalização e Segunda Guerra Mundial. Analisa-se três correspondências, duas enviadas para o prefeito, uma enviada por Katzenberg e outra enviada por seu advogado, e uma resposta do prefeito sobre uma das cartas³.

O uso das cartas como objeto da História se faz importante, pois elas “expressam dimensões culturais do sujeito” e permite a “compreensão do eu, da identidade do sujeito, mas também de uma dada sociedade na qual o indivíduo se movimenta” (MALATIAN, 2009. p. 200). A utilização de correspondências para pesquisa deve observar, entre outros fatores, a quem a carta está se destinando, pois isso constrói a relação entre o autor e o destinatário, “elas são produzidas tendo, *a priori*, um destinatário [...] com quem vai estabelecer relações” (GOMES, 2004, p. 19). Ainda deve considerar a subjetividade do conteúdo e que o teor das correspondências possui o ponto de vista do remetente sobre o ocorrido. Ao utilizar correspondências é preciso observar que “as informações nelas contidas serão sempre versões individuais ou coletivamente construídas sobre determinados acontecimentos” (MALATIAN, 2009, p.204). Igualmente ao analisar o discurso das correspondências, considerar que os discursos são construídos, e devem ser observados relacionando seu aspecto individual e o contexto, “estudando a rede de relações do período, transformando os fatos de fato ‘em si’ em fato ‘para nós’” (BACCEGA, 2012, p.125).

Busca-se uma abordagem interdisciplinar, entre o campo da História e da Antropologia, que proporciona a discussão de diversos aspectos a partir de noções como identidade e cultura. Portanto reconhece-se a identidade como uma “manifestação ligada à memória coletiva ou à dimensão do pertencimento social” (SARAIVA *et al.*, 2008), e a cultura como um processo cultural, marcado no sentido mais amplo pelas manifestações como crenças, comportamentos,

³ Essas correspondências integram o Fundo Documental São Leopoldo – Correspondências Recebidas, do acervo pertencente ao Museu Visconde de São Leopoldo, localizado no município de São Leopoldo/RS.





costumes, valores entre outras práticas. Assim ao estudar as práticas e manifestações culturais “[...] podem ser observados desde as imagens que o homem produz de si mesmo, da sociedade em que vive e do mundo que o cerca [...]” (BARROS, 2004, p. 59).

Desta forma busca-se analisar e compreender o período do Estado Novo em São Leopoldo, a partir dessas correspondências. Considerando a Campanha da Nacionalização no contexto, analisar e compreender sua influência no cotidiano da população de imigrantes alemães e seus descendentes. As cartas são confrontadas com uma análise bibliográfica considerando o contexto, a Campanha de Nacionalização, posição do Coronel Theodomiro Porto da Fonseca, então prefeito de São Leopoldo, com relação ao contexto de nacionalização e situação dos imigrantes alemães na cidade nesse período.

AS CARTAS E O CONTEXTO

As três correspondências em questão são datadas do período de 1941 e 1943, onde se relata situações envolvendo um imigrante alemão, Henrique Katzenberg, que enfrenta dificuldades devido ao fato de ser alemão e não falar português. Bem como consta o posicionamento de autoridades locais para com a situação e a forma como o sujeito é caracterizado. As cartas possuem como destinatário o prefeito de São Leopoldo, Cel. Theodomiro Porto da Fonseca, que ficou neste cargo de 1928 até 1944. A primeira carta é assinada por Henrique Katzenberg, a segunda correspondência é assinada por Arthur Fischer, advogado de Katzenberg, e a última é uma resposta do prefeito ao advogado. Conforme é possível identificar nas cartas, Katzenberg, como já dito é imigrante, tendo entrado no país adulto, mas também é empresário, possuindo uma empresa de fabricação de vinhos e residente há diversos anos no município de São Leopoldo, sendo que mais adiante levantamos outras informações sobre ele. Seu advogado, Fischer, também se apresenta como vice-presidente da União Popular do Rio Grande do Sul, associação cooperativa, a qual Katzenberg também era membro. Ainda consta que ele já foi advogado de Katzenberg em outras ações judiciais.

Dentre essas informações sobre esse sujeito que se encontra em dificuldades pelo fato de ser imigrante alemão, recai sobre ele condutas e práticas resultantes da Campanha de Nacionalização. A nacionalização ocorreu de forma e com intensidade variada no país, afetando todos os imigrantes, independentemente de sua origem, porém os alemães foram os mais afetados, era o grupo que recebia maior atenção e desconfiança dentro da Campanha de Nacionalização (GERTZ, 2005). A população foi afetada de diversas maneiras, sendo proibida





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

de expressar-se culturalmente de acordo com sua origem, ficando proibida de falar outro idioma, passando inclusive a sofrer perseguição policial, inclusive com prisão para quem era pego falando outro idioma, principalmente após a declaração de guerra do Brasil ao Eixo. Depois do torpedeamento de embarcações brasileiras por alemães em agosto de 1942, ocorreu uma série de manifestações, muitas delas com violência, contra a população de imigrantes alemães e italianos. Além da perseguição, diversas propriedades públicas ou privadas que possuíam ligação com a cultura teuto-brasileira ou com os imigrantes de origem dos países do Eixo, foram alvo de vandalismo, como por exemplo, em São Leopoldo, onde o Monumento ao Imigrante, “foi depredado, em protesto ao bombardeio pela Alemanha do navio brasileiro” (WEBER, 2004, p. 116).

O Cel. Theodomiro Porto da Fonseca, inicialmente não possuía problemas com a comunidade teuto-brasileira, mas com o agravamento de fatores ligados a Segunda Guerra Mundial, passa a ter outro comportamento com relação aos alemães e seus descendentes, por exemplo, anteriormente a isso, desde 1924, ele participava de festejos relacionados aos imigrantes como comemorações do dia 25 de julho, data comemorativa em alusão a chegada dos primeiros imigrantes alemães a São Leopoldo, e se dedicava na divulgação do “trabalho alemão”, mas acaba se afastando da comunidade teuto-brasileira (WEBER, 2004). Bem como em 1942, após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o Cel. Theodomiro “devolveu ao governo alemão a condecoração que recebera da Cruz Vermelha de Berlim em função da ‘Exposição em homenagem ao trabalho alemão no Rio Grande do Sul’, ocorrida em seu governo em 1934” (WEBER, 2004, p. 117).

Levando todos esses fatores em consideração, as cartas estão dentro deste contexto, a primeira carta é datada de 29 de setembro de 1941, assim, no período do Estado Novo e antes do Brasil declarar guerra à Alemanha. Ela é assinada por Henrique Katzenberg, imigrante alemão, morador de Campo Bom, então segundo distrito de São Leopoldo, até sua emancipação em 1959.

A partir da correspondência é possível retirar informações sobre Henrique Katzenberg, além de ser imigrante alemão, o mesmo não sabe falar o idioma oficial, sendo inclusive, aparentemente, um dos fatores para ocorrer a inimizade com a população local. A carta se mostra como sendo uma última opção para solucionar o seu caso, onde ele estava sofrendo hostilidades de populares e o subprefeito do distrito se abstinha de qualquer atuação. Na carta





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

fica claro que as hostilidades ocorreram devido ao fato de ser alemão e não falar português, o que fica claro em algumas passagens da carta, onde comenta: “[...] se eu soubesse falar o idioma do país, sabia defender-me [...] em outro idioma não se pode falar perante autoridade o que é muito justo e natural” (KATZENBERG, 1941). O próprio sujeito reconhece que não poderia falar outro idioma senão o português, isso ocorre devido ao decreto-lei nº 1.545 (1939), que proibia o uso de língua estrangeira. Um fato importante sobre o distrito de Campo Bom, onde Katzenberg residia, se refere a população que era, em sua maioria, de descendentes de imigrantes alemães, desta forma acredita-se que deveria ocorrer maior compreensão da população quanto a fala em alemão, mas conforme seu relato isso não acontece.

Cabe referir que um dos campos mais afetados pela nacionalização é a educação, que sofrera diversas proibições, mas também ocorrera repressão a indivíduos. No campo educacional houve a obrigação do ensino em português e a inclusão de algumas disciplinas. Mas também houve a “proibição do uso de línguas estrangeiras, destruição de patrimônio cultural e de perseguição policial pura” (GERTZ, 2005, p. 146). Ainda confisco de documentos como livros de batizados, casamentos e óbitos, invasão de casas, túmulos, placas, monumentos com inscrições em outro idioma, foram danificados. Legalmente foram criados diversos decretos-lei para legitimar as ações, entre eles podemos citar o decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938, relacionado a proibições de atividades de cunho político inclusive celebração de datas festivas que tenham ligação a outra pátria. Já o decreto-lei nº. 406, de 4 de maio de 1938, cria o Conselho de Imigração e Colonização para tratar de assuntos relacionados a imigrantes, tanto a entrada quanto a permanência no país. Por último, o decreto-lei nº 1.545, de 25 de agosto de 1939, o qual torna obrigatório o ensino em português, entre outras determinações proíbe o uso de língua estrangeira.

A segunda correspondência é datada de 3 de agosto de 1943, possui como remetente Arthur Fischer, o qual assinava como advogado de Henrique Katzenberg, dirigindo-se ao Cel. Theodomiro Porto da Fonseca, como amigo e reconhecendo-o como justo e generoso, mas sem se esquecer da autoridade representada. Ele buscava uma intervenção do prefeito a favor de Katzenberg, que se encontrava preso na delegacia de Campo Bom. Essa correspondência está inserida no contexto da nacionalização e da Segunda Guerra Mundial, porém já após a declaração de guerra do Brasil, onde o acirramento da Campanha de Nacionalização com a população de imigrantes e descendentes é maior. Nela é possível identificar que Katzenberg





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

está preso, não fica claro o motivo, mas descobriu-se que foi devido ao fato de ter falado em alemão, o que é confirmado com uma carta de resposta do Cel. Theodomiro Porto da Fonseca ao advogado Arthur Fischer.

É possível obter maiores informações sobre Katzenberg na carta, relacionado a sua idade, aproximadamente 70 anos, e ser produtor de vinho. A descrição feita de Katzenberg chama atenção, ao ser chamado de súdito do Eixo, alusão clara ao nazismo, conforme trecho retirado da carta: “trata-se de um velho súdito do eixo [...] o velho é um cidadão inofensivo e incapaz de ações que venham por em perigo a segurança do país” (FISCHER, 1943). Nessas cartas é possível compreender a influência da nacionalização no cotidiano da população, a importância dada ao idioma e hostilidades relacionadas a população.

Assim, o fato de Katzenberg estar preso se insere no contexto da Segunda Guerra Mundial. A guerra iniciou em setembro de 1939, após a invasão da Polônia por tropas alemãs, porém o Brasil permaneceu neutro no conflito até 1942, quando declarou guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão). A declaração de guerra ocorreu após embarcações brasileiras serem afundadas pelo exército alemão, em agosto de 1942. A radicalização da Campanha de Nacionalização ocorreu a partir de 1939, ano de início da Segunda Guerra Mundial, quando passou a interferir ainda mais no cotidiano da população, como a proibição de falar outro idioma em público e a censura aos meios de comunicação em língua estrangeira (SEYFERTH, 1999). Sendo após a declaração de guerra brasileira, isto é, a partir de 1942, que a nacionalização se tornou mais abrangente.

No acervo documental do Museu Visconde de São Leopoldo, foi apenas encontrada resposta para a segunda carta, onde o prefeito de São Leopoldo, Cel. Theodomiro Porto da Fonseca, responde ao advogado Arthur Fischer, sobre seu pedido de intervenção para libertar Katzenberg. Na correspondência o prefeito se expressou de forma educada e polida, demonstrando apreço, porém informa que não pode intervir no caso. Relata que quem apresentou a acusação foi um sargento da Guarnição Federal, que identificou Katzenberg, falando alemão. Ainda cita que Katzenberg mencionou o nome do subprefeito, que teria lhe autorizado a falar alemão, causando assim uma situação difícil para as autoridades municipais frente às autoridades federais, que poderia julgar que havia complacência do governo local com relação à população alemã. É possível verificar essa posição perante a seguinte passagem da carta: “[...] informando, ao Sr. Comandante da Guarnição, que a mencionada autoridade





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

municipal era quem havia permitido o Sr. Katzenberg falar alemão, [...] o que não exprimia a verdade” (FONSECA, 1943). Ainda não foram identificadas informações sobre a prisão do mesmo, mas entre as informações obtidas relacionadas ao imigrante, sabe-se que o mesmo, no ano de 1944, já estava solto, pois participou de uma exposição de produtos na ocasião da visita do interventor federal, Ten. Cel. Ernesto Dorneles, à Campo Bom (LANG, 1996).

CONCLUSÃO

Através das cartas é possível identificar e analisar a situação desse morador no contexto do Estado Novo, conseqüentemente da Campanha da Nacionalização, e Segunda Guerra Mundial. Compreender sua inserção na sociedade, seu trabalho, relações com autoridades devido ao fato de ser alemão e não falar o idioma nacional. Ainda identificar formas de repressão e hostilidades utilizadas por populares e posição das autoridades quanto a situação. O uso de correspondências torna-se uma “perspectiva historiográfica que leva ao florescimento da narrativa, à valorização do indivíduo, da vida privada e dos estudos sobre cultura” (MALATIAN, 2009, p. 195). Desta forma ao analisar essas correspondências e relacioná-las com o período em que estão inseridas é uma forma de valorizar o sujeito no processo histórico e suas manifestações culturais.

Analisando estas cartas e confrontando-as a uma análise biográfica, permite compreender a influência da Campanha de Nacionalização no cotidiano da população durante o Estado Novo, que tolerou uma série de limitações e proibições no período. Por ser uma pesquisa em andamento e esses apenas os resultados parciais, existem algumas possibilidades para a continuação da pesquisa, para responder perguntas que surgiram durante as investigações, como identificação de processos e demais documentos relacionados ao imigrante em questão e outros casos que podem ter ocorrido no contexto.

REFERÊNCIAS

ACERVO DOCUMENTAL DO MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO.
São Leopoldo, RS.

BACCEGA, Maria Aparecida. In: FIGARO, Roseli (Org.) **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**.
Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BRASIL. Decreto-Lei nº 383, de 18 de Abril de 1938. Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 19 abr 1938. Seção 1, p. 7357. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-383-18-abril-1938-350781-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

BRASIL. Decreto-Lei nº 406, de 4 de Maio de 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 06 mai 1938. Seção 1, p. 8494. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.545, de 25 de Agosto de 1939. Dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 28 jul 1939. Seção 1, p. 20674. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1545-25-agosto-1939-411654-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

GERTZ, René E. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo, RS: UPF, 2005.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004.

LANG, Guido. **Campo Bom: história e crônica: (1826-1996)**. Campo Bom, RS: Prefeitura Municipal de Campo Bom, 1996.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo, SP: Contexto, 2009.

PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf

SARAIVA, Juracy *et al.* **A interdisciplinaridade nos Processos e nas Manifestações Culturais**. Feevale, 2008. Disponível em:

<https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/doc/32051.doc> Acesso em: 01 mar. 2018.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf

WEBER, Roswithia. **As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o '25 de Julho' em São Leopoldo, 1924-1949**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2004.





ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DO PROGRAMA *LAST WEEK*

TONIGHT WITH JOHN OLIVER

COMMUNICATION STRATEGIES OF LAST WEEK TONIGHT WITH JOHN OLIVER

Fernanda Gruendling (UniRitter)¹
Mariana Giacomini Botta (UniRitter)²

Resumo: Este artigo trata sobre as estratégias comunicacionais utilizadas pelo programa da televisão americana *Last Week Tonight with John Oliver*, transmitido semanalmente pelo canal a cabo HBO. Sendo uma atração de comédia e informação nos fins de noite de domingo, *Last Week Tonight* possui estruturação que faz constante uso de videoclipes de canais noticiosos, usando-os como subsídio para oferecer análise, comentário e crítica, além de humor, sobre os acontecimentos da sociedade. O objetivo deste trabalho é mostrar um exemplo de estratégia utilizada pelo programa para criticar as práticas desenvolvidas pelos canais de notícias da TV a cabo dos Estados Unidos. Para tanto, recorre-se aos estudos de Patrick Charaudeau sobre contrato de comunicação, além de postulados de Mikhail Bakhtin e Adail Sobral sobre a constituição dos enunciados, em especial o “tema”.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Contrato de comunicação. Talk Show. Last Week Tonight.

Abstract: This study presents communication strategies that are used by the American television show *Last Week Tonight with John Oliver*, broadcast by the premium cable channel HBO. Considered a late-night comedy show, Last Week Tonight is structured around the use of excerpts of news clips, which serve as subsidy for the show’s analysis, commentary and criticism, as well as humor, of the latest news events. This study aims to show an example of communication strategy used by the program to criticize the practices by cable news shows in the United States. In order to do so, this article draws on studies by Patrick Charaudeau about communication contract, as well as the writings by Mikhail Bakhtin and Adail Sobral about the structure of an utterance, especially its thematic content.

Keywords: Discourse Analysis. Communication contract. Talk Show. Last Week Tonight.

INTRODUÇÃO

Os talk shows transmitidos na programação americana no horário do fim de noite (em inglês, *late-night talk shows*), desde suas primeiras transmissões nos anos 1940, sempre incluíram alguma forma de conteúdo informativo, seja por meio do monólogo de abertura, dos esquetes de comédia ou da entrevista. A partir dos anos 2000, programas como *The Daily Show* (canal Comedy Central) adotaram um formato de telejornal, misturando o humor com temas de interesse social, econômico e político. Seguindo a mesma linha do humor com conteúdo informativo, o programa *Last Week Tonight with John Oliver* (canal HBO) estabeleceu uma estruturação própria para veicular tal combinação. Além disso, a atração televisiva faz uso de

¹ Mestre em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (Porto Alegre/RS). E-mail: fgruendling@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Linguagem pela Université Sorbonne Nouvelle-Paris3. Coordenadora do PPG Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis (Porto Alegre/RS). E-mail: mariana_botta@uniritter.edu.br





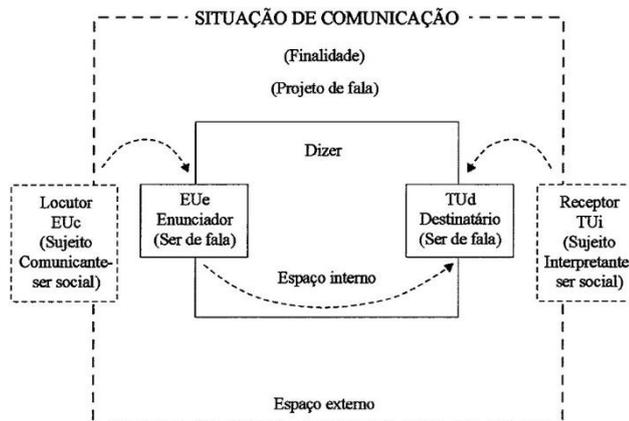
diferentes estratégias comunicacionais para abordar assuntos sérios e fazer críticas à política, economia e, até, a emissoras concorrentes.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma destas estratégias usadas em *Last Week Tonight*, por meio da qual o assunto abordado revela, aos poucos, o verdadeiro tema a ser tratado, como forma de crítica aos modelos comunicativos/informacionais praticados pelos canais de televisão a cabo dos Estados Unidos. Para isso, conta-se com o subsídio teórico de Patrick Charaudeau (2005; 2009; 2015) e sua concepção de contrato de comunicação, além dos postulados do autor sobre a noção de “propósito” no contrato de comunicação informativo. Ademais, traz-se concepções de Mikhail Bakhtin (2016) e Adail Sobral (2009) sobre enunciado, com foco no aspecto “tema”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O linguista Patrick Charaudeau, que desenvolve estudos com aderência à Análise do Discurso de linha francesa, propõe que as trocas languageiras estabelecidas entre interlocutores se dão por meio do estabelecimento de um contrato de comunicação (2005; 2009; 2015), em que as partes acabam “concordando” com determinadas regras e limitações da situação do ato de linguagem e fazem uso de estratégias para que a comunicação seja bem-sucedida. O autor explica que existem, na realidade, quatro sujeitos que participam desse processo nas trocas languageiras, como pode ser visto na Figura 1:

Figura 1.



Esquema do ato de linguagem e seus sujeitos. Fonte: Charaudeau (2009, p. 52).

Charaudeau (2009, p. 44-49) define como EU o sujeito que produz o ato e como TU o sujeito-interlocutor. Na situação de comunicação, cada um deles é dividido em duas instâncias, dentro de dois espaços de significância em que o ato de linguagem acontece. O espaço externo





comporta o sujeito comunicante (EUc) e o sujeito interpretante (TUi), parceiros da linguagem e seres sociais, enquanto que o interno diz respeito ao sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário (TUd), protagonistas da linguagem e seres de fala.

No ato de linguagem, o EUc é o sujeito articulador da fala e que acaba utilizando uma espécie de *máscara*, materializada no EUe, que projeta para um sujeito destinatário ideal (TUd) sua intencionalidade (por exemplo, que estratégia será usada para atingir/influenciar o TU? Algo será dito de forma autoritária? Amigável?). O TUd, sendo um sujeito ideal, é uma construção do EU e está sob “seu controle”, porém a interpretação se dá pelo TUi, o qual não está sob o domínio do EU. Ou seja, “o TUd está em transparência com a intencionalidade do EU, o TUi, ao contrário, se encontra em uma relação de opacidade com essa intencionalidade”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 46). O autor explica que

se o TUi está presente em um ato de linguagem, não é no processo de produção. ‘Saia!’ não implica um TUi, mas implica um TUd que é instituído como ‘sujeito que deve executar uma ordem’. O TUd não pode fazer nada além disso. O TUi, ao contrário, pode transgredir essa ordem não a executando. Pode também obedecer: então, nesse caso, ele se identifica com o TUd. Na verdade, podemos dizer que o TUi tem por tarefa, em seu ato interpretativo, recuperar a imagem do TUd que o EU apresentou e, ao fazer isso, deve aceitar (identificação) ou recusar (não-identificação) o estatuto do TUd fabricado pelo EU. (CHARAUDEAU, 2009, p. 46).

Quando a instância de produção faz parte da esfera midiática (e, no caso deste artigo, televisiva), o contrato de comunicação se caracteriza, segundo Charaudeau (2015) pelos dados externos, que comportam características referentes aos participantes do ato de linguagem, à finalidade do contrato (combinação entre credibilidade e captação), ao propósito do ato (informar sobre o quê?) e ao dispositivo de encenação, que diz respeito ao ambiente onde o ato comunicativo ocorre e o canal pelo qual é transmitido; além disso, o contrato também apresenta dados internos, referentes às estratégias discursivas utilizadas.

Focando-se no aspecto do *propósito* no ato de comunicação, Charaudeau explica que simplesmente considera-lo como “aquilo de que se fala” é muito generalizador, já que essa definição poderia incluir “tudo o que corresponde ao que está em jogo nesse ato” (2015, p. 94). Por isso, o autor diz que é feita uma espécie de recorte, “uma fragmentação semântica do mundo [...] ordenada por uma ‘tematização’” (2015, p. 94).

Charaudeau diz que o propósito passa por um processo de construção que acaba definindo o que é notícia, construído “em função de seu potencial de ‘atualidade’, de ‘socialidade’, e de ‘imprevisibilidade’” (2015, p. 101), que dizem respeito, respectivamente, à proximidade (física





e temporal) do acontecimento com sua transmissão; à noção de que “nada do que está organizado coletivamente (a vida da comunidade) e nada do que toca o destino dos homens pode ser estranho aos indivíduos que aí se inserem” (2015, p. 102); e à perturbação das expectativas do sujeito, ligada à parte de captação do contrato.

Percebe-se, aqui, semelhança com o que é definido como “tema” por Bakhtin em relação à noção de enunciado, que posteriormente serve para o entendimento sobre os gêneros do discurso nos diferentes campos de atividade humana. Segundo o autor, há três elementos constituintes do enunciado:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. (BAKHTIN, 2016, p. 12).

Quando se leva o aspecto do “tema” em consideração, Bakhtin explica que a delimitação de um tema possibilita uma “relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em determinados fins colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia *definida do autor*” (BAKHTIN, 2016, p.37, *grifo do autor*). Sobral (2009, p. 118) sumariza: “tema é um termo de grande riqueza sugestiva que não se confunde com ‘assunto’: pode-se falar de um dado assunto e ter outro tema”.

UMA CRÍTICA AOS CANAIS DE NOTÍCIAS DA TV A CABO

Embora o programa *Last week Tonight with John Oliver* seja considerado um talk show, principalmente para fins de premiação (como a anual Emmy Awards), ele adota uma estrutura de organização de segmentos bastante distinta dos tradicionais talk shows da TV americana (como o *Tonight Show*, canal NBC), principalmente pelo fato de não contar com entrevistas nos blocos finais. Além disso, o programa adota uma estruturação interna de organização enunciativa em que Oliver interage com excertos de videoclipes retirados majoritariamente dos canais de notícias da TV aberta ou a cabo dos Estados Unidos, organizando uma justaposição de argumentos e imagens. Tal organização pode ser vista na Tabela 1:





Tabela 1. Exemplo de constituição enunciativa do programa *Last Week Tonight with John Oliver*.

Parte	Conteúdo visual	Conteúdo de áudio
2.1		(OLIVER) O problema acontece quando um desses representantes não entendem os efeitos das drogas que eles empurram. Ouça um ex-representante descrever seu primeiro treinamento.
2.2		(CLÍPE) Eu estava numa sala com 21 colegas e dois treinadores, e eu era o único com formação em ciência. Na verdade, no primeiro dia, eu ensinei o processo básico que é a comunicação entre células para minha turma e meus instrutores.
2.3		(OLIVER) Essencialmente, os representantes são como o elenco de...
2.4		(OLIVER) ... <i>Grey's Anatomy</i> : são jovens, atraentes e não têm nenhum conhecimento em medicina.
2.5		(OLIVER) Para ser justo, a maioria dos médicos provavelmente leva isso em consideração, o problema é quando alguns não levam.

Fonte: Gruendling; Botta, 2017, p. 387.

Tal justaposição segue o modelo predominante de sequência *ligação-videoclipe-ligação-piada-ligação* (GRUENDLING; BOTTA, 2017, p. 387-388), significando que o apresentador faz uma conexão entre o argumento anterior e o próximo, que é iniciado por um videoclipe de canal noticioso; em seguida, Oliver faz uma ligação do clipe recém apresentado com a piada que possivelmente vai ser gerada a partir desse videoclipe; então, ele faz uma nova conexão para o argumento seguinte, que vai ser iniciado pela apresentação de um videoclipe, e assim sucessivamente. Nesse processo, há o uso do recurso visual chamado *selo*³, posicionado do lado

³ No campo jornalístico, *selo* significa “uma ilustração criada pela editoria de arte que identifica um assunto ou notícia veiculada em seguidas edições do telejornal. Algumas vezes, pode apresentar também uma seção permanente do noticiário” (REZENDE, 2013, p.303).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

esquerdo do apresentador, que serve como uma ancoragem que guia o telespectador. Vê-se, aqui, a combinação de três elementos indissociáveis (as imagens de videoclipes, as imagens estáticas dos selos e a fala de Oliver) que constituem a organização enunciativa da atração.

Tal organização é desenvolvida para realizar o que Oliver considera ser um programa de comédia (SUEBSAENG, 2014, on-line), refutando comentários dos críticos de mídia que passaram a olhar *Last Week Tonight* pelo ângulo jornalístico, uma vez que oferece ao público informação combinada com humor. No entanto, quando se leva em consideração o segmento mais longo do programa, essa proposição de Oliver não se sustenta, pois o detalhamento que o assunto recebe e o tema que sobre o qual trata faz com que a comédia não seja a sua principal motivação. Trata-se de um produto informativo.

No episódio de estreia da atração, veiculado em 27 de abril de 2014, Oliver dedica parte do programa para tratar sobre as eleições gerais na Índia, que estavam ocorrendo na época, mas que não recebiam qualquer cobertura da televisão a cabo americana. Oliver inicia o segmento tentando entender o motivo do desinteresse dos canais a cabo em cobrir a eleição, pois esta era disputada entre dois candidatos (Raul Gandhi e Narendra Modi) com trajetórias de vida que certamente iriam interessar aos canais: enquanto o primeiro (1) vinha de uma família com longa tradição na política indiana, o segundo (2) teve uma trajetória “*rags to riches*”, ou seja, que saiu da pobreza para se tornar um político proeminente. Além disso, Oliver mostra que a carreira de Modi é envolvida em escândalos (3), como pode ser visto abaixo:

(1) Raul Gandhi, however is... wow that guy is handsome! Look at that vest! He's like an Indian Han Solo. This, this guy is the total political package: he's got good looks, he's from a family with three former Prime Ministers, he's got that vest.

(2) Modi sold tea in a railway station, and now he's the most popular man in the country. Don't pretend you're not interested in this, America, the last time you heard a rags-to-riches story about a tea-selling Indian kid, you threw a fucking Oscar at it.

(3) And, I can feel the news saying “well, look, that's all well and good, but where's the scandal here? Where is the *je ne sais* genocide?” Well, don't worry, don't worry, because Modi has got you covered.

Após abordar tais características dos candidatos, o segmento passa a mostrar exemplos de que a televisão indiana está copiando o modelo de canais de TV a cabo dos Estados Unidos, algo que é explicado, em um dos videoclipes usados no segmento, como a “*Foxification of television news*”, em que os canais acabam se assemelhando ao modelo de programas que o canal a cabo americano Fox News adota. Nesse momento, Oliver finge verificar com os





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

programas da Índia, por meio de um “questionário”, se eles realmente possuem as características presentes nos canais a cabo americanos, visto nos excertos (4), (5) e (6):

- (4) Let's take a progress report. How exactly close to American media have you come? Do you have a ludicrous number of people shouting at each other? (...)
- (5) Ok, that's one. But do you have elaborate, senseless elections graphics? (...)
- (6) Do you have self-righteous anchors repeating themselves over and over again? (...)

Todos os argumentos de Oliver servem para demonstrar como o assunto “eleições na Índia” é usado como uma *máscara* por esta atração, segundo postula Charaudeau (2009), para fazer uma afiada crítica à maneira como os canais a cabo da televisão americana operam, sendo esse o verdadeiro *tema* do segmento, assim como propõe Sobral (2009), mostrando que assunto e tema não são sinônimos.

No início do quadro, Oliver afirma que o pleito indiano é importante para os interesses americanos: “...it has a direct economic impact on America”, porém ele nunca entra em detalhes sobre o porquê desta afirmação, preferindo dar informações sobre os candidatos em disputa. Mas ao invés de focar em suas plataformas de governo e apresentar o que ambos candidatos pretendem realizar pelo povo indiano caso fossem eleitos, ele acaba discorrendo sobre características superficiais (Gandhi) e no equivalente ao “sonho americano” de vencer na vida e possíveis escândalos (Modi). Logo depois, o apresentador dá uma amostra do que os telespectadores indianos veem em seus canais de TV a cabo, que acabaram por copiar os modelos apresentados nos Estados Unidos pelos canais CNN, Fox News e MSNBC do que é chamado de “*shouting matches*”, algo como “competições de gritaria”.

Isso tudo demonstra que o assunto “eleições indianas” serviu para que *Last Week Tonight* veiculasse o seguinte tema: *os canais a cabo prestam um desserviço à população por meio da promoção do desentendimento e do foco na superficialidade e no escândalo*. Seguindo as características que constituem o propósito, propostas por Charaudeau (2015), a crítica às práticas realizadas pelos canais de notícias da TV a cabo dos Estados Unidos se mostra relevante pelo alcance que tais emissoras têm e pela influência que exercem na vida do cidadão, já que muitas vezes essas podem ser suas únicas fontes de informação, e a escolha de um assunto corrente à época (eleições na Índia) abrange o aspecto de atualidade do propósito.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve análise de um segmento do programa de estreia de *Last Week Tonight with John Oliver* mostra que a atração usa como estratégia a veiculação do assunto “eleições indianas”, que ocorriam naquele momento, como forma de mascarar o verdadeiro tema do segmento: uma crítica ao desserviço que os canais de notícias da TV a cabo americana prestam à população. Considerando o contrato de comunicação de Charaudeau (2009), tal tipo de estratégia foi usada pelo programa para atingir e satisfazer o seu público, que é majoritariamente constituído por homens de até 44 anos, com uma renda acima da média nacional, de acordo com o *website* Statista (NUMBER..., s.d., on-line), obedecendo ainda aos critérios que compõem o propósito do contrato informativo: atualidade, socialidade e imprevisibilidade (CHARAUDEAU, 2015). Com o uso de recurso utilizado pela linguagem televisiva (o selo) e excertos de vídeos retirados dos canais de notícias americanos, Oliver consegue construir a argumentação que leva à crítica aos canais noticiosos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p.11-69.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

GRUENDLING, Fernanda; BOTTA, Mariana Giacomini. O trânsito entre gêneros televisivos do programa *Last Week Tonight with John Oliver*: considerações iniciais. **Anais do 5º Sul Letras** / org. João Claudio Arendt... [et al.] - Caxias do Sul, RS: UCS; Porto Alegre: UniRitter, 2017. v. 1, p. 379-390. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y7m5ahy5>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

NUMBER of HBO subscribers in the United States from 2009 to 2016 (in millions). **Statista**. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y8db4lmo>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Gêneros no Telejornalismo. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de Assis (org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SUEBSAENG, Asawin. 'Last Week Tonight' Does Real Journalism, No Matter What John Oliver Says. **The Daily Beast**. 29 set. 2014. Disponível em: <<https://tinyurl.com/nuffzc9>>. Acesso em: 26 abr. 2017.





COMUNICAÇÃO, EMOÇÕES E O INCONSCIENTE: UM ESTUDO EM INTERFACES

COMMUNICATION, EMOTIONS AND THE UNCONSCIOUS: AN INTERFACE STUDY

Fernando Simões Antunes Junior (Feevale)¹

Resumo: Este artigo propõe a revisão de conceitos de algumas teorias da comunicação em interface com alguns pressupostos básicos dos estudos das emoções e do inconsciente, mais especificamente os conceitos trabalhados por Freud (2004), Bandler e Grinder (2004) Damásio (2000), Ekman (2011). O objetivo é provocar reflexões sobre como esses pressupostos alteram as percepções sobre tais teorias à luz dos processamentos emocionais inconscientes. A pesquisa é descritiva, bibliográfica, com abordagem qualitativa. Como resultado preliminar, tem-se que as teorias da agulha hipodérmica, agenda setting, newsmaking e teoria do enquadramento ganham novo vigor quando revisitadas à luz das emoções os processos emocionais inconscientes.

Palavras-chave: Comunicação. Emoções. Inconsciente. Linguagem.

Abstract: This article proposes the revision of concepts of some theories of communication in interface with some basic assumptions of the studies of the emotions and the unconscious, more specifically the concepts worked by Freud (2004), Bandler and Grinder (2004) Damásio (2000), Ekman (2011). The aim is to elicit reflections on how these assumptions alter perceptions about such theories in the light of unconscious emotional processing. The research is descriptive, bibliographical, with a qualitative approach. As a preliminary result, hypodermic needle theories, agenda setting, newsmaking, and framing theory gain new vigor when revisited in the light of unconscious emotional processes.

Keywords: Communication. Emotions. Unconscious. Language.

INTRODUÇÃO

Averiguar o impacto e as consequências da linguagem midiática no inconsciente, na formação do pensamento e na indução de comportamentos não é algo novo. As correntes teóricas nascidas na *Mass Communication Research* fazem isto desde os anos 40, como a Teoria Hipodérmica, sintetizada com a afirmação de que “todo membro do público de massa é pessoal e diretamente ‘atacado’ pela mensagem” (WRIGHT apud WOLF, 2005, p. 04), e a Teoria Funcionalista, que estuda as funções dos sistemas de comunicação de massa que resultam em manipulação, persuasão e influência (WOLF, 2005, p.50).

O que é novo, no entanto, são as análises que pesquisadores da lingüística e da neurociência vêm desenvolvendo nos últimos 40 anos sobre como a mente inconsciente recebe

¹ O mini currículo deve estar em nota de rodapé com no máximo 2 linhas por autor (aproximadamente 150 caracteres com espaços), deve iniciar com a titulação máxima concluída, seguida de outros dados acadêmicos relevantes e e-mail de contato.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**

**DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

as informações e como a significação ocorre a partir das emoções para formar crenças e determinar reações, comportamentos e capacidades na vida cotidiana das massas.

O aprofundamento dos conhecimentos sobre a mente, as emoções e o inconsciente se mostra, portanto, necessário para um estudo que propõe relacionar os construtos midiáticos às formas discursivas de indução de emoções. Para isto este trabalho se propõe a revisar alguns fundamentos teóricos da comunicação, com especial atenção às teorias de Lipmann (2008), Lasswell (MARTINO, 2014) e Gerbner (1994)

Esta junção de conhecimentos, por fim, deve alimentar novos paradigmas acerca de algumas das teorias da comunicação que corroboram o impacto da forma sobre o conteúdo e da função orgânica, sistêmica, dos meios de comunicação de massa na formação de crenças, como é o caso da Teoria dos Meios e da Teoria Funcionalista.

Esta revisão teórica tem o propósito de, a exemplo de muitos estudos de comunicação, ancorar os impactos dos meios de comunicação no conteúdo das mensagens e suas possíveis consequências nas transformações comportamentais, sociais e culturais da sociedade.

Para isto, encontrar interfaces acerca dos estudos das emoções entre a neurociência, a psicologia e a linguística, bem como entender como estas interfaces corroboram a hipótese de que os meios de comunicação de massa promovem significações e ressignificações por serem indutores de emoção são objetivos adjacentes nesta pesquisa.

AS EMOÇÕES E AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

A neurociência afirma que a mente humana realiza basicamente dois tipos de processamento de informações. Um deles se daria no consciente, responsável pela atenção, pelo raciocínio lógico, pela vida de relação que nos permite criar métricas de espaço e tempo. Um processador focal, que filtra as informações que recebemos do mundo exterior para uma análise crítica, com capacidade de processar, em analogia com um computador, cerca de dois mil bytes por segundo. O segundo processador seria o nosso inconsciente, capaz de armazenar todas as nossas experiências vividas e imaginadas, responsável pela organização de todas as nossas memórias, desde as mais remotas até as mais recentes (O'CONNOR; SEYMOUR, 1990).

Em um equivalente computacional, o inconsciente é capaz de processar 400 bilhões de bytes por segundo, funcionando ininterruptamente desde a formação das primeiras células neurais do feto até o último suspiro do indivíduo.





Para Bandler e Grinder, o consciente é a parte lógica da mente. É matemático, relacional, responsável pela organização das ações e estratégias, capaz de criar e compreender o sentido figurado, responsável pela organização da linguagem e pela relação do “eu” com “o outro”. Já o inconsciente teria uma lógica própria, cuja função primordial seria a de cuidar da integridade física e psíquica dos indivíduos, estando ali programados todos os instintos de sobrevivência (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990).

Nesta dinâmica do inconsciente, as emoções desempenham um papel crucial no processo: manter a homeostasia do organismo, ou seja, a regulação automática de temperatura, da concentração de oxigênio ou do pH do corpo, associada às reações fisiológicas coordenadas e, em grande medida automáticas, que são necessárias para manter estáveis os estados internos do indivíduo. Do ponto de vista neurológico, portanto, as emoções têm um tipo de papel regulador a desempenhar, levando, de um modo ou de outro, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo em que o fenômeno se manifesta. (DAMÁSIO, 2000).

São também as emoções que definem os filtros perceptivos do mapa cognitivo do sujeito a partir das experiências vividas e aprendidas. Quando o indivíduo, ainda criança, presencia um evento pela primeira vez sua experiência sensorial dispara uma determinada emoção, e desta emoção surgirá um significado subjetivo para o fato. Este processo vai originar uma diretriz no indivíduo que servirá de referência sempre que este se deparar com fatos semelhantes ao primeiro, e tal diretriz determinará o acionamento dos mesmos comportamentos e reações em vivências futuras de forma inconsciente.

A percepção de Damásio (2000) sobre as propriedades emotivas do inconsciente encontra amplo respaldo nos estudos de Paul Ekman (2011), renomado psicólogo da *University of California Medical School* e pesquisador das emoções há mais de 40 anos. Ekman (2011) afirma que o papel das emoções é nos preparar para lidar com eventos importantes sem precisarmos pensar no que fazer.

A teoria de Ekman (2011) explica, por exemplo, porque somos emocionalmente suscetíveis às falácias. Quando um argumento é construído sem que as premissas levem às conclusões de forma lógica, ele é tido como uma falsa verdade, que passa a constituir nosso imaginário se não jogarmos luz sobre a construção argumentativa dessa narrativa. Uma das formas mais comuns de falácia pelo viés emocional chama-se equivalência complexa





(BANDLER e GRINDER, 2004), quando duas afirmações de diferentes campos semânticos são interligadas por um mesmo significado porque estão ancoradas em uma mesma emoção.

Diante desta perspectiva, a ideia de que existem teorias da comunicação ultrapassadas e outras mais relevantes do que outras se mostra um tanto ingênua, pois quando se trata de emoções, estamos falando de um estado para a ação com alto grau de subjetividade que independe da racionalidade e que pode ser eliciado por estímulos instintivos (inatos) ou condicionados (aprendidos) (Ekman, 2011).

Em Simpósios e Congressos Nacionais e Internacionais, o favorecimento ou desmerecimento de certas teorias até então formuladas funcionam como ondas. A invalidação da Teoria Hipodérmica, por exemplo, geralmente é justificada por ela ignorar o censo crítico do receptor, tratando-o como um mero agente passivo no processo comunicacional, onde recebe informações e comandos diretos aos quais acata sem questionar (MARTINO, 2014). O argumento ganha força em um contexto hipermidiático, onde os papéis de emissor e receptor já não são claros e a informação circula em todas as direções.

A hipótese da agulha hipodérmica, portanto, seria inconcebível na visão de seus críticos, na era da informação em rede e da troca em tempo real. Mas quando se considera as subjetividades da mente humana e quando se percebe as particularidades da experiência de cada sujeito, nem mesmo a agulha hipodérmica pode ser sumariamente descartada. Os padrões de funcionamento do cérebro e do inconsciente mostram que as experiências cognitivas e as emoções são acionadas a partir de estímulos sensoriais, sejam eles mediados ou não, e inevitavelmente vão resultar em comportamentos e hábitos se tiverem aderência ao crençário do sujeito (DAMÁSIO, 2012; EKMAN, 2011).

O hipnoterapeuta Milton Erickson demonstrou, ainda nos anos 60, como a mente aceita sugestões sem questionar quando é induzida a estados alterados de consciência pela evocação de determinadas memórias, referências e emoções, exatamente como pode fazer a televisão, o cinema, o rádio e o computador (HALEY, 1991).

Dentro desta mesma premissa, o modelo de pesquisa de Lasswell (HOHLFELDT et al, 2001) para entender a estrutura e a função da comunicação na sociedade torna-se ainda mais pertinente. As perguntas “quem”; “diz o quê”, “em que canal”, “para quem”, e “com qual efeito” integram uma estratégia simples, porém poderosa na intenção de demonstrar fenômenos indutivos de emoção.





Da mesma forma, o modelo do pesquisador estadunidense George Gerbner, mais abrangente que o modelo de Lasswell, propõe uma análise vinculada a uma concepção dinâmica da comunicação como um processo de articulação entre informações que considera aspectos interpretativos e produtivos dos atores envolvidos.

De acordo com o autor, o processo de comunicação se explica nos seguintes termos: “alguém percebe um evento e reage a essa situação através dos meios disponíveis, criando um produto, em uma forma e dentro de um contexto, conduzindo o conteúdo com alguma consequência” (MARTINO, 2014, p.35).

As imprecisões “alguém” e “alguma” são indicativos de uma tentativa de se criar um modelo que pudesse investigar a dimensão ao mesmo tempo perceptiva e produtora na comunicação, que retira a ilusão de sermos capazes de falar sobre tudo ou entender a totalidade das coisas. Ou seja, cada indivíduo da cadeia informativa entende a realidade conforme seu próprio contexto e seu próprio estoque de memória, formando em seu mapa cognitivo um “resumo da realidade” (MARTINO, 2014, p.35).

Foi em cima deste sistema que Gerbner passou a questionar a predileção da mídia por construtos simbólicos que priorizavam eventos violentos. Para ele, a violência retratada na televisão era uma distorção da realidade que contribuía para a construção de um mundo mais pessimista e paranoico (GERBNER et al., 1994).

No jornalismo, o modelo de Gerbner fez surgir diversos estudos de *Newsmaking*, que buscam identificar que caminhos e regras são utilizados nos processos de produção da notícia. Partem do pressuposto de que as escolhas feitas pelo jornalista na elaboração de construtos midiáticos vão mudar, em algum grau, o jeito como os receptores vão entendê-los. Esse tipo de interferência ocorre o tempo todo e, segundo os pesquisadores deste modelo, os profissionais de comunicação que o exercem não estão sempre conscientes desse procedimento.

Vários estudos mostram uma tendência dos profissionais em diminuir a importância dessas escolhas, como se fossem absolutamente óbvias e inevitáveis. Negar esses aspectos arbitrários da escolha ironicamente reforça o argumento de que estruturas de conhecimento usadas por uma pessoa são invisíveis para ela mesma, aparecendo como “natural” (MARTINO, 2014, p.38).

A interferência das subjetividades do jornalista na seleção de notícias foi tema de pesquisa pela primeira vez em 1950, quando o pesquisador David M. White encontrou as ideias do psicólogo Kurt Lewin a respeito de como pessoas selecionam o que é consumido em um ambiente doméstico. A dinâmica é regulada por um indivíduo que tem a incumbência de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

determinar o que pode e o que não pode ser comprado, o qual denominou *gatekeeper*, ou, o “guardião do portão”. Ao aplicar a ideia de Lewin no processo de produção de notícias, White fez um estudo de caso onde constatou que o *gatekeeper* de um jornal de província fazia suas escolhas a partir de um conjunto de experiências profissionais no jornalismo, mas também de subjetividades que resultavam em arbitrariedades no discurso e assimetrias entre as pautas possíveis e aquelas que realmente se tornavam notícias (TRAQUINA, 2005).

Estudos posteriores, como os de McNelly, em 1959 e Galtung e Ruge, em 1965, identificaram critérios práticos para as escolhas do *gatekeeper*. Allan Bell acrescentou a estes critérios de ordem prática outros de ordem institucional, o que não constituiria uma manipulação deliberada, mas uma rotina industrial (BELL apud MARTINO, 2014).

Outro modelo de comunicação relacionado à percepção de que a mídia afeta a maneira como enxergamos a realidade ficou conhecido como *Framming Theory*, ou Efeito de Enquadramento, cujos primeiros estudos surgiram na década de 1970. Parte do pressuposto de que a maneira como as informações são apresentadas podem influenciar diretamente no modo como as pessoas as entendem, deixando poucas margens para outras interpretações.

Ao receber informações, o repórter as estrutura de acordo com os padrões da atividade jornalística – manchete, linha fina, olho, retranca. O leitor, ao receber a notícia, recebe a soma informação + ângulo escolhido pelo repórter, pelo editor e por quem mais interferiu no texto. Informação e interpretação ao mesmo tempo. No entanto, o protocolo de leitura faz com que o leitor ou telespectador compreenda interpretação e informação da mesma maneira, como o resultado inevitável de uma apreensão objetiva da realidade (MARTINO, 2014, p.47).

A longo prazo, segundo os defensores deste modelo, receptores e mídia tendem a desenvolverem pensamentos semelhantes. Com o tempo, a informação tratada de uma determinada maneira deixa o campo da arbitrariedade para ser vista como correta ou verdadeira, ganhando progressiva aderência ao crençário do público receptor formando um campo compartilhado de verdades chamado de senso comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se propõe uma revisão destas teorias e modelos à luz do pensamento sistêmico e das descobertas da neurociência sobre o papel das emoções e do inconsciente nos processos de significação das coisas, é porque há o entendimento de que as emoções determinam estados não somente para a ação, mas também para a interpretação e consequente formação de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

representações. A condição emocional direciona a afetividade do sujeito a determinadas crenças, que assumem o caráter de “verdade” e vão embasar suas proposições e julgamentos de valor em relação ao mundo percebido por seus cinco sentidos.

Saber, com precisão, qual é o grau de poder e influência dos meios de comunicação nas opiniões e comportamentos das pessoas talvez seja algo inalcançável. Mesmo assim, apesar das subjetividades que permeiam possíveis conflitos inconscientes gerados a partir das exposições midiáticas a que estamos sujeitos, a lógica do pensamento sistêmico nos obriga a fazer uma verificação mais abrangente destes efeitos, não apenas acerca de seu poder de influência sobre o que pensar, mas também seu poder de influência sobre o que sentir.

Para todos os efeitos, esta pesquisa de forma alguma pretende ser comprobatória. Seu caráter é exploratório e desapegado da necessidade de conclusões definitivas. Longe de pretensões megalomaniacas, meu objetivo é, de forma bastante aberta e provocativa, apresentar mais um possível caminho para as pesquisas acerca das emoções nos processos de comunicação de massa que hoje ajudam a construir a realidade compartilhada em que vivemos.

REFERÊNCIAS

BANDLER, Richard e GRINDER, John. **A estrutura da magia**. São Paulo: Summus, 2004.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

GERBNER, George; MORGAN, Michael; SIGNORIELLI, Nancy. **Television Violence Profile No. 16: The Turning Point. From Research to Action**. The Annenberg School for Communication, University of Pennsylvania, 1994. Disponível em <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/gerbner01.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

HALEY, Jay. **Terapia não-convencional: as técnicas psiquiátricas de Milton H. Erickson**. São Paulo: Summus, 1991.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

JUNG, Carl Gustav. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

LENT, Roberto. **Cem bilhões de neurônios**. São Paulo, SP: Ed. Atheneu, 2002.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento. As bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 5.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

O'CONNOR, Joseph; SEYMOR, John. **Introdução à programação neurolinguística**. São Paulo: Summus, 1990.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa**. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

COMUNICAÇÃO PARA A INDÚSTRIA CRIATIVA: AS MULTIPLATAFORMAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PAMPA PARA A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Communication for the creative industry: the multiplatforms of Scientific Divulgation of
Pampa for the University Federal of Pampa

Franceli Couto Jorge (Unipampa)¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar o resultado de um projeto de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I), que consiste na projeção de uma ação comunicacional desenvolvida em auxílio a uma indústria criativa. A primeira refere-se às multiplataformas de Divulgação Científica do Pampa (Dicipa) compreendidas como mídias sociais, enquanto a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) é entendida como uma indústria criativa voltada à pesquisa e desenvolvimento (P&D), que tem como insumo primário a criatividade e a intelectualidade. Essa ação comunicacional é defendida como um produto de inovação social e tecnológica por alterar a forma de produção e gestão da comunicação na universidade, sendo o último tipo de inovação predominante, pois seu desenvolvimento utilizou-se de etapas científicas e tecnológicas, além de implementar um produto novo. Para nossa fundamentação teórica, abordamos os conceitos de indústria criativa (UNCTAD, 2012); divulgação científica (BUENO, 1984; PACHECO, 2008; PORTO, 2011) e mídias sociais (TELLES, 2011; COLNAGO, 2015). Além disso, apresentamos a indústria criativa e a ação comunicacional em questão, respectivamente, a Unipampa e as multiplataformas de Dicipa.

Palavras-chave: Comunicação. Indústria Criativa. Unipampa. Dicipa.

Abstract: The present work aims to present the results of a Research, Development and Innovation (RD&I) project, which consisted in the projection of a communication action developed to help a creative industry. The first one refers to the multiplatforms of Scientific Divulgation of the Pampa (Dicipa) understood as social media, while we understand the University Federal of Pampa (Unipampa) as a creative industry dedicated to research and development (R&D), whose primary input is creativity and intellectuality. This communication action is defended as a product of social and technological innovation by altering the form of communication production and management in the university, being the last type of innovation predominant, since its development used scientific and technological stages, in addition to implementing a new product. For our theoretical foundation, we approach the concepts of creative industry (UNCTAD, 2012); scientific divulgation (BUENO, 1984; PACHECO, 2008; PORTO, 2011), and social media (TELLES, 2011; COLNAGO, 2015). In addition, we present the creative industry and the communicational action in question, respectively, Unipampa and the multiplatforms of Dicipa.

Keywords: Communication. Creative Industry. Unipampa. Dicipa.

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem como intenção apresentar o resultado de um projeto de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) elaborado no Programa de Pós-Graduação em

¹ Mestranda em Comunicação e Indústria Criativa na Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja. Especialista em Comunicação Pública. Jornalista na Unipampa. E-mail: francelicouto@gmail.com.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Estruturamos nosso projeto a partir do cenário comunicacional encontrado na Unipampa. Para compreendê-lo, partimos das seguintes questões norteadoras: *Como é realizada a divulgação científica na Unipampa? As ferramentas existentes são suficientes para socializar o conhecimento produzido na Instituição? Os sistemas atuais permitem a interação entre a Universidade (pesquisadores) e a sociedade (usuários)? E entre os próprios pesquisadores?* Tais questões levaram-nos a entender que há a necessidade de explorar modos de divulgar as pesquisas desenvolvidas na instituição. Até a execução de nosso projeto, a Universidade não possuía um local para socialização dessas pesquisas. Além disso, o seu portal institucional não permite a interação efetiva com e entre os usuários. Diante de tal necessidade, nosso projeto propôs um modo de contribuir com essa situação: projetar o desenvolvimento de multiplataformas voltadas à divulgação das pesquisas da Instituição. A proposta compreende as multiplataformas como mídias sociais, já que tem como foco a interação entre os usuários e a Unipampa; esta, por sua vez, é aqui entendida como uma indústria criativa, já que gera processos/produtos que possuem como insumo básico a criatividade e a intelectualidade. Em suma, nosso projeto resulta em mídias sociais (as multiplataformas de Divulgação Científica do Pampa – Dicipa) – entendidas como ação comunicacional – para auxiliar uma indústria criativa (Unipampa), concretizando assim a ideia de Comunicação para a indústria criativa.

Para nossa fundamentação teórica, apropriamo-nos dos conceitos de indústria criativa (UNCTAD, 2012), divulgação científica (BUENO, 1984; PACHECO, 2008; PORTO, 2011) e mídias sociais (TELLES, 2011; COLNAGO, 2015) para, então, produzirmos uma ação comunicacional que tem como intenção oportunizar à sociedade o acesso efetivo aos projetos de pesquisa desenvolvidos na Unipampa. Para atingir nosso objetivo, escolhemos um site institucional e páginas nas redes sociais Facebook, YouTube e Twitter, devido à característica de propagação das informações na internet. Essa ação comunicacional é defendida como um produto de inovação social e tecnológica por alterar a forma de produção e gestão da comunicação na universidade, sendo o último tipo de inovação predominante, pois seu desenvolvimento utilizou de etapas científicas e tecnológicas, além de implementar um novo produto.





INDÚSTRIA CRIATIVA

Segundo o Relatório de Economia Criativa da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – Unctad (2012, p. 6), a expressão indústria criativa surgiu em 1994, na Austrália, com a divulgação do relatório Nação Criativa. No entanto, foi a partir de 1997 que ela se destacou, “quando legisladores do Departamento de Cultura, Mídia e Esporte do Reino Unido estabeleceram a Força Tarefa das Indústrias Criativas”. Em nosso trabalho, utilizamos a classificação da Unctad para as indústrias criativas, a qual as dividem em quatro grandes grupos, que são: patrimônio, artes, mídia e criações funcionais. Interessa-nos, em particular, o grupo Criações Funcionais, que se constitui de “indústrias mais impulsionadas pela demanda e voltadas à prestação de serviços, com a criação de produtos e serviços que possuam fins funcionais” (RELATÓRIO, 2012, p. 8). Esse grupo apresenta as subdivisões design, novas mídias e serviços criativos. Este último inclui serviços arquitetônicos, criativos, culturais e recreativos, de publicidade e de pesquisa e desenvolvimento (P&D). A Unctad apresenta algumas definições para a indústria criativa. Entre elas, as que seguem:

São os ciclos de criação, produção e distribuição de produtos e serviços que utilizam criatividade e capital intelectual como insumos primários; constituem um conjunto de atividades baseadas em conhecimento, focadas, entre outros, nas artes, que potencialmente gerem receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual; constituem produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado; posicionam-se no cruzamento entre os setores artísticos, de serviços e industriais; e constituem um novo setor dinâmico no comércio mundial (RELATÓRIO, 2012, p. 8).

A partir disso, destacamos os seus insumos primários: a criatividade e o capital intelectual. Conforme o Relatório da Unctad (2012), não há um conceito de criatividade que englobe todas as suas dimensões, porém, é possível fazer a articulação a partir de suas características. Nesse sentido, o Relatório (2012, p. 3) sugere três abordagens: a criatividade artística, a criatividade científica e a criatividade econômica. A primeira delas “envolve a imaginação e a capacidade de gerar ideias originais e novas maneiras de interpretar o mundo, expressas em texto, som e imagem”. A criatividade científica é direcionada à solução de problemas, envolvendo a curiosidade e a experimentação. A última dessas abordagens defende a criatividade como “um processo dinâmico que leva à inovação em tecnologia, práticas de negócio, marketing, etc., sendo intensamente relacionada à aquisição de vantagem competitiva na economia” (RELATÓRIO, 2012, p. 2). Acrescentamos a essa definição, a proposta por Pinheiro e Souza (2002 apud GURGEL, 2006) no campo empresarial: um processo pelo qual





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**

**DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

as pessoas produzem ideias, pontos de vista, soluções, opiniões que contribuam para o ambiente organizacional, num espaço mais curto de tempo.

A criatividade está diretamente envolvida no desenvolvimento de processos inovativos, por isso, entendemos a importância de conceituar inovação e abordar dois tipos dela: a social e a tecnológica, ambos importantes para a compreensão de nossa proposta. De acordo com Gurgel (2006, p. 70), a inovação pode ser definida “como a aplicação do conhecimento no desenvolvimento de novos produtos, processos e serviços, ou na melhoria destes, que gere valor social, econômico ou diferencial competitivo”. Segundo o autor, para que haja inovação, é preciso incorporar conhecimentos à produção de bens e serviços novos, independentes de serem novos, ou não, para o mercado. Gurgel (2006, p. 71) ressalta, ainda, “que o conceito de inovação não se limita ao produto e processo, pois uma empresa pode ser altamente inovadora sem vender um produto tecnologicamente superior ao de seus concorrentes”, porém, tal empresa pode inovar quanto a sua relação com o mercado e com o modo de gerir seus recursos.

Diante desse cenário, destacamos a inovação tecnológica e a social. Conforme a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) (2007, p. 17), a inovação tecnológica é composta pelo conjunto de “etapas científicas, tecnológicas, organizativas, financeiras e comerciais, incluindo os investimentos em novos conhecimentos, que levam ou que tentam levar à implementação de produtos e de processos novos ou melhorados”. Por sua vez, a inovação social é definida como “o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral” (BIGNETTI, 2011, p. 8). Esses conceitos são relevantes para nossa pesquisa, pois, entendemos que constituem as características de nossa indústria criativa: a Universidade Federal do Pampa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA ENQUANTO INDÚSTRIA CRIATIVA

Nesta seção, apresentamos algumas informações sobre a Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e o porquê de a entendermos como uma indústria criativa ligada à pesquisa e ao desenvolvimento (P&D). Ademais, mostramos alguns dados de sua produção científica, que além de serem fundamentais para a compreensão da instituição como criativa, justifica a criação de ação comunicacional para divulgá-la. A Unipampa foi criada por meio da Lei Federal nº 11.640, de 11 de janeiro de 2008, que expressa em seu Artigo 2º os objetivos da Instituição,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

entre eles o de “ministrar ensino superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária, caracterizando sua inserção regional”. A Unipampa integrou o programa de expansão das universidades públicas no Brasil e se instituiu através de um Acordo de Cooperação Técnica, firmado entre o Ministério da Educação, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Atualmente, a Instituição está presente nos municípios de Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, Itaqui, Jaguarão, Santana do Livramento, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana, localizados na mesorregião Metade Sul do Rio Grande do Sul. A Reitoria localiza-se na cidade de Bagé, distante 380 quilômetros da capital do Estado, Porto Alegre. A Unipampa faz divisa com cidades uruguaias e argentinas, contribuindo para a integração e o desenvolvimento da região de fronteira do Brasil com os países vizinhos.

Conforme dados disponibilizados no portal institucional (www.unipampa.edu.br), a Universidade possui, atualmente, 64 cursos de graduação presenciais, 17 mestrados, 04 doutorados, além de especializações e cursos na modalidade a distância. Com cerca de 13 mil discentes e corpo docente formado por mais de 900 profissionais, a Unipampa possui diversos projetos de ensino, pesquisa e extensão, que também contam com a participação dos servidores técnico-administrativos em educação. Segundo a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (Proppi) da Unipampa há cerca de 700 projetos de pesquisa em desenvolvimento registrados, o que mobiliza centenas de pessoas entre as três categorias já citadas. As investigações científicas realizadas na Universidade contribuem para o desenvolvimento regional e debatem assuntos voltados às potencialidades econômicas, aos desafios sociais e ambientais, às mudanças tecnológicas etc. Além disso, esses estudos incentivaram a criação de mais de 150 grupos de pesquisa de diversas áreas do conhecimento.

Dessa forma, entendemos a Unipampa como indústria criativa, já que ela possui como sua principal característica a criatividade e o capital intelectual, estes considerados insumos básicos dessas indústrias. Além disso, a Instituição apresenta outras particularidades que a enquadram na definição da Unctad, tais como:

Conjunto de atividades baseadas em conhecimento, focadas, entre outros, nas artes, que potencialmente gerem receitas de vendas e direitos de propriedade intelectual; produtos tangíveis e serviços intelectuais ou artísticos intangíveis com conteúdo criativo, valor econômico e objetivos de mercado (RELATÓRIO, 2012, p. 8).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Nesse sentido, o Relatório (2012, p. 9) reforça que tanto a criatividade quanto o conhecimento são “intrínsecos às criações científicas da mesma forma como o são às criações artísticas”. Aqui podemos identificar os projetos de pesquisa e as inovações produzidas na Unipampa como criações científicas. Sendo assim, o conhecimento decorrente dos cursos de graduação e pós-graduação da Instituição, seja através dos projetos de ensino, pesquisa e extensão ou das inovações sociais e tecnológicas, são identificados como o insumo primário dessa indústria criativa, a Unipampa. No entanto, todo esse capital intelectual merece ser compartilhado, por isso, a seção seguinte aborda a divulgação científica.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O termo divulgação científica é oriundo da difusão científica, que é “todo e qualquer processo ou recurso utilizado para veiculação de informações científicas e tecnológicas” (BUENO, 1984, p. 14). A divulgação científica, por sua vez, é um recurso utilizado pelas instituições para dar visibilidade ao que se está produzindo de conhecimento e às consequências dessas investigações e descobertas na vida da população. Nesse sentido, Fourrez (1995, p. 222) alerta que o papel da divulgação científica é “oferecer conhecimentos científicos suficientemente práticos para que as pessoas possam ponderar sobre as decisões com melhor conhecimento de causa, ou pelo menos saber em que ‘especialista’ elas podem confiar”. Corroborando esse pensamento Candotti (1990 apud PACHECO, 2008, p. 1): “a divulgação da ciência é hoje instrumento necessário para consolidar a democracia e evitar que o conhecimento seja sinônimo de poder e dominação”. No entanto, para que o cidadão possa compreender esse cenário científico no qual está inserido, Porto (2011, p. 104-105) afirma que é preciso “construir uma cultura científica a partir de uma alfabetização científica que deve começar nas escolas, ainda nas fases iniciais de vida, isto é, na infância”. A autora acredita que aliar a divulgação científica formal com a informal produzida pelos meios de comunicação de massa é o caminho para alfabetizar cientificamente o cidadão, criando “uma cultura científica transformadora no mundo contemporâneo” (PORTO, 2011, p. 105). Sobre a participação cidadã nos assuntos de ciência, tecnologia e inovação, a autora afirma:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

É correto afirmar que por meio da divulgação científica é possível proporcionar ao cidadão brasileiro uma funcional participação no processo cultural da ciência e da tecnologia para que esses itens se tornem parte do seu cotidiano. Por meio de ações de divulgação de ciência e estímulo à percepção pública de ciência, a visão de realidade da população pode ser potencializada e direcionada para não apenas mais objetividade sobre assuntos científicos, mas também para a sensibilidade de entender melhor qual a função da ciência para vida humana e o bem-estar social (PORTO, 2011, p. 112).

Anjos (2015, p. 5) ressalta que “a distância entre cientistas, instituições de pesquisa, universidades e cidadãos” vem diminuindo, já que a divulgação científica que está sendo realizada com investimento de dinheiro público funciona como uma prestação de contas à sociedade e promove a integração e engajamento dos indivíduos no universo das pesquisas e, assim, “torna possível a criação de uma comunidade científica bem informada, capaz de interagir e debater questões públicas em comum a todos”. Nesse cenário de aproximação entre cientistas/instituições e cidadãos, há uma significativa contribuição das mídias sociais, que hoje possuem um papel relevante na divulgação e popularização da ciência.

MÍDIAS SOCIAIS

Para muitas pessoas, as mídias sociais e redes sociais significam a mesma coisa, por isso, realizamos, nesta seção, a distinção entre os termos. De acordo com Telles (2011), as redes sociais são uma categoria das mídias. Para ele, as redes sociais são sinônimos de sites de relacionamento, que são ambientes com o objetivo de reunir pessoas (membros), que, após inscritas, podem expor seu perfil com fotos e dados pessoais, textos, vídeos e permitem a interação com outros membros, formando-se, assim, uma lista de amigos e comunidades. Facebook e MySpace são exemplos de redes sociais. Para o autor as mídias sociais são “sites na internet construídos para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos” (TELLES, 2011, p. 19). Já Corrêa (2010) define as mídias sociais como ferramentas comunitárias, que permitem a participação de todos. Nesse sentido, Recuero (2008) destaca as particularidades das mídias sociais, entre elas as características associadas ao *buzz* (ao boca a boca das redes), à diversidade de fluxos de informações e à emergência das redes sociais.

Colnago (2015, p. 7) acredita que, com a evolução da web, a cada dia surgem “novas e diferenciadas formas de relacionamento entre as pessoas e organizações e, nesse sentido, as mídias e redes sociais vêm apoiando, de maneira crescente, as tarefas de construir, manter e incrementar relacionamentos”. Dessa forma, entendemos a importância das mídias sociais no





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

processo de democratização ao acesso de informações ligadas à ciência, tecnologia e inovação. Para o desenvolvimento das multiplataformas de Divulgação Científica do Pampa escolhemos as mais populares entre os brasileiros: Facebook, YouTube e Twitter.

MULTIPLATAFORMAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PAMPA

As multiplataformas de Divulgação Científica do Pampa (Dicipa) surgiram com o objetivo de levar ao público informações sobre ciência, tecnologia e inovação em um formato mais atrativo e de fácil compreensão. Elas divulgam projetos de pesquisa cadastrados na instituição. O site possui conteúdo multimídia (texto, fotos, ilustrações, vídeos e entrevistas) e ainda há a opção de compartilhamento do conteúdo. Ele está acessível no endereço eletrônico <http://novoportal.unipampa.edu.br/dicipa/>. Os textos possuem formato jornalístico, buscando apropriação do conceito de jornalismo científico, assim como, as entrevistas com os pesquisadores. O site de Dicipa reúne, ainda, informações sobre os Grupos de Pesquisa da instituição e dá acesso ao repositório institucional, onde é possível consultar trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, relatórios de pesquisa e artigos produzidos na universidade. Além dele, também foram criadas páginas nas redes sociais Facebook, Youtube e Twitter, pela característica de propagação que essas mídias possuem e, também, por permitir o alcance a diferentes públicos.

Figura 1. Site de Divulgação Científica do Pampa (Dicipa) desenvolvido para a Unipampa



Fonte: <http://novoportal.unipampa.edu.br/dicipa/>





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos conceitos estudados entendemos a relevância de nossa ação comunicacional no processo de divulgação científica de uma indústria criativa voltada à P&D como a Unipampa. Nesse contexto, afirmamos que as multiplataformas de Dicipa podem ser definidas como uma inovação, já que permitem melhorar a forma de socialização das pesquisas e gerar um diferencial competitivo em relação a outras universidades. Então, além de ser uma inovação tecnológica, pois para o seu desenvolvimento utilizamos de etapas científicas e tecnológicas, também pode ser social, pois modifica o relacionamento da instituição com os diferentes públicos, pois, além da divulgação das descobertas científicas, também permite a interação com esses públicos, algo que não ocorria através dos meios tradicionais utilizados pela Unipampa.

Com base no entendimento de Colnago (2015), consideramos nossas multiplataformas como mídias sociais capazes de proporcionar o relacionamento e a consequente aproximação entre as pessoas e a instituição. De acordo com a definição da Unctad (RELATÓRIO, 2012), as multiplataformas de Dicipa também poderiam ser vistas como indústrias criativas, no subgrupo das novas mídias, porém, em nosso trabalho, a ênfase está, de fato, em auxiliar a divulgação e a consolidação da imagem de outra indústria criativa, a Unipampa. Por fim, destacamos que o principal resultado de nossa ação comunicacional para a indústria criativa é a sua contribuição nos âmbitos social, cultural, econômico, educacional e científico. Além disso, como o meio utilizado para a divulgação é a internet, os resultados das pesquisas podem alcançar outras regiões, estados e países, contribuindo da mesma forma para o progresso social e econômico desses locais.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Mayara Abadia Delfino dos. Comunicação Pública da Ciência na Universidade Federal de Uberlândia. **Revista Gestão Tecnologia e Ciências (Getec)**, v. 4, n. 8, p. 01-21, 2015. Disponível em: <<http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/getec/about>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

BIGNETTI, Luiz Paulo. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**. v. 47, n.1, p. 3-14, jan-abr. 2011. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/1040/235 Acesso em: 15 abr. 2018.

BRASIL. **Lei n. 11.640**, de 11 de janeiro de 2008. Institui a Fundação Universidade Federal do Pampa – Unipampa e dá outras providências. Brasília, 11 jan. 2008. Disponível em:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11640.htm>. Acesso em: 21 mar. 2018.

BUENO, Wilson Costa. **Jornalismo científico no Brasil**: o compromisso de uma prática independente. 1984. 163f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

COLNAGO, Camila Khroling. Mídias e redes sociais digitais: conceitos e práticas. In: BUENO, Wilson da Costa (org). **Estratégias de Comunicação nas Mídias Sociais**. Barueri: Manole, 2015.

CORRÊA, E.S. O impacto das mídias sociais na comunicação corporativa. In: XIV **Seminário de Comunicação do Banco do Brasil**: Os novos desafios da comunicação corporativa. Brasília: Banco do Brasil, 2010, p. 113-117.

FOURREZ, Gerard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Unesp, 1995.

GURGEL, Marcos Freire. **Criatividade e Inovação: Uma proposta de gestão da criatividade para o desenvolvimento da inovação**. (Dissertação). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2006. 193 p. Disponível em:

<<http://inei.org.br/inovateca/dissertacoes/Criatividade%20e%20Inovacao%20-%20Marcus%20Gurgel%20-%20COPPE%202006.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

PACHECO, Cláudia Regina Costa. Violência, educação e autoridade: entre as águas que arrastam e as margens que aprisionam. In: CUNHA, Jorge Luiz da; DANI, L. S.C. (Orgs.). **Escola, conflitos e violências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008. p. 133-149.

PORTO, Cristiane de Magalhães. Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica. In: PORTO, Cristiane de Magalhães; BROTAS, Antonio Marcos Pereira; BORTOLIERO, Simone Terezinha (orgs). **Diálogos entre ciência e divulgação científica**: leituras contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em:

<<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

RELATÓRIO de economia criativa 2010: economia criativa uma, opção de desenvolvimento. – Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. 424 p. Disponível em: http://unctad.org/pt/docs/ditctab20103_pt.pdf Acesso em: 10 fev. 2018.

TELLES, André. **A Revolução das Mídias Sociais**: cases, conceitos, dicas e ferramentas. São Paulo: M. Books do Brasil, 2011.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A RELAÇÃO ENTRE A QUALIDADE DE VIDA DOS JOVENS BRASILEIROS E A SUA SITUAÇÃO NA SOCIEDADE

THE RELATIONSHIP BETWEEN THE QUALITY OF LIFE OF YOUNG BRAZILIANS
AND THEIR SITUATION IN SOCIETY

Francieli Machado de Souza (Universidade Feevale)¹

Gustavo Roese Sanfelice (Universidade Feevale)²

Resumo: O objetivo deste trabalho foi identificar em quais setores sociais os jovens são menos beneficiados relacionando com a Qualidade de Vida (QV). Para alcançar os objetivos foi utilizado uma metodologia de revisão bibliográfica em sites do Governo como SNJ, PNJ e IBGE, bem como estudos que abordam a situação dos jovens na sociedade brasileira e sua QV. A partir dessa pesquisa bibliográfica constatou-se que os principais setores sociais em que os jovens são os menos favorecidos são a Educação, Trabalho, Segurança e Lazer, os estudos afirmam ainda que esses são direitos fundamentais para que as pessoas tenham uma vida digna, impactando diretamente na QV. Conclui-se, assim, a importância de políticas públicas, direcionadas aos jovens, para melhorar esses resultados negativos apresentados em vários setores sociais, contribuindo dessa forma para uma melhor QV.

Palavras-chave: Jovens. Qualidade de Vida. Sociedade. Políticas Públicas.

Abstract: The objective of this study was to identify in which social sectors young people are less benefited by relating to Quality of Life (QL). In order to reach the objectives, a bibliographic review methodology was used in Government websites such as SNJ, PNJ and IBGE, as well as studies that address the situation of young people in Brazilian society and their QL. Based on this bibliographical research, it was found that the main social sectors in which young people are the least favored are Education, Work, Security and Leisure, studies also affirm that these are fundamental rights for people to live a dignified life, impacting directly in QL. It concludes, therefore, the importance of public policies aimed at the youth, to improve these negative results presented in several social sectors, thus contributing to a better QL.

Keywords: Young people. Quality of Life. Society. Public Policies.

INTRODUÇÃO

Os jovens representam 26,4% da população brasileira, ou seja, são 50,2 milhões de pessoas conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (SILVA e SILVA. 2011). A juventude compreende-se por sujeitos com a faixa etária entre 15 a 29 anos, sendo essa idade definida em 2013 pelo Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013).

Mesmo, os jovens representando uma grande parcela da população brasileira, Silva e Silva (2011), afirmam por meio de dados do IBGE (2010), que esse referido público são os

¹ Mestranda no Programa Strictu Sensu em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Universidade Feevale. francifms@gmail.com.

² Doutor em Ciência da Comunicação. Universidade do Vale do Sinos. Professor titular da Universidade Feevale. sanfeliceg@feevale.br





menos favorecidos em questão de programas sociais, já que são poucas e precárias as políticas públicas direcionadas a eles. Sendo que essa questão é mais preocupante após completarem dezoito anos de idade, pois esses representam a maior parte prejudicada em questões sociais como saúde, trabalho, educação, segurança e renda.

Esses dados são confirmados no site do Governo, no campo Política Nacional de Juventude, os quais apontam que mesmo com os avanços já conquistados pelos jovens no decorrer da história, muitos deles ainda encontram-se pouco beneficiados.

Conforme Aquino (2008), a situação social em que a população jovem se encontra, conseqüentemente dificulta e prejudica as oportunidades em sua inserção na sociedade. Compreendendo-se, assim, que decorrente desses dados, a QV dos jovens está muito comprometida. Essa QV, que o autor se refere, entende-se no seu conceito mais amplo, ou seja, ela não deve ser relacionada somente com a saúde, no seu sentido biológico, mas também com questões referentes às satisfações gerais da vida. Essas variam desde o bem estar físico e psicológico quanto os fatores externos que o influencia, como o estilo e a condição de vida. Considerando assim, que a QV é algo benéfico e muito importante para a vida das pessoas (PEREIRA, TEIXEIRA e SANTOS, 2012).

Devido à preocupante realidade dos jovens perante a sociedade, principalmente após a maioridade, e as conseqüências que esses problemas sociais causam a eles, comprometendo assim, a sua qualidade de vida (QV), torna-se muito relevante identificar e encontrar meios para melhorar a situação atual da juventude brasileira. Desse modo, para relacionar os dados referente a situação social dos jovens com sua QV, será realizado uma revisão bibliográfica, analisando os dados do IBGE, sites do Governo como a Política Nacional da Juventude e a Secretaria Nacional da Juventude, bem como estudos que apresentam a situação dos jovens na sociedade e que relacionam o impacto na sua QV. Portanto, esse trabalho tem por objetivo identificar em quais setores sociais os jovens são menos beneficiados relacionando com a Qualidade de Vida.

CONCEITO DE JUVENTUDE E DE QUALIDADE DE VIDA

Para melhor compreender sobre a QV dos jovens no Brasil, associando assim sua situação na sociedade com os possíveis impactos no seu nível de QV é relevante abordar, brevemente, tanto o conceito de juventude quanto o de QV. Sendo assim, segue-se uma breve explicação conceitual e histórica de ambas as nomenclaturas.





O conceito para juventude é ambíguo, podendo ser entendida como o período após a infância e que antecede a adulta, como também, segundo Diógenes (1998), uma categoria social. Bem como, é compreendida em sendo a fase na qual ocorrem muitas transformações, porém a sua definição não é concreta e nem estável.

Segundo Silva e Silva (2011, p. 664), o termo juventude tem diversos significados que diferem “de acordo com o contexto histórico, social, econômico e cultural vigente”. No entanto, diferente de Diógenes, ela é entendida na fase após a adolescência e antes da vida adulta. Os referidos autores também utilizam da definição segundo a Organização Pan Americana da saúde, Organização Mundial da Saúde (OPS/OMS), a qual afirma que “juventude é uma categoria sociológica” e é o período de preparação para a vida adulta em sociedade, esse momento compreende-se dos 15 aos 24 anos de idade. Já no Brasil, o período entendido como jovens, de acordo com a Política Nacional da Juventude (PNJ), é dos 15 aos 29 anos de idade, divididos em três grupos: jovens-adolescentes (15 a 17 anos); jovens-jovens (18 a 24 anos); e jovens-adultos (25 a 29 anos).

A definição mais comum entre a população é que a QV se trata do bem-estar dos indivíduos tanto no aspecto econômico e social quanto no emocional. Compreendendo, também, várias áreas de conhecimento como “humano, biológico, social, político, econômico, médico, entre outros”. Com isso, considera-se o conceito de qualidade de vida muito amplo e também em construção de sua identidade (ALMEIDA, GUITIERREZ e MARQUES, 2012, p.15).

A QV, segundo Pereira, Teixeira e Santos (2012), por mais que tenha surgido do interesse de estudiosos das áreas das ciências humanas e das biológicas, é compreendida num sentido mais complexo do que somente saúde referente problemas biológicos, pois essa seria apenas um dos quesitos que são considerados para calcular o nível de QV. Já que saúde, conforme Fleck (2000) é definido pela Organização Mundial da Saúde não apenas como a ausência de doenças, mas também como a satisfação física, psicológica e social.

Foi na década de 70, que o assunto QV começou a ganhar destaque como um tema científico, no entanto foi a partir dos anos 80 que seu conceito começou a ser formado, considerando-se, assim, variadas dimensões. Já a década de 90 é marcada por haver a concordância entre vários estudiosos de que o conceito de QV é formado por dois principais aspectos, sendo o primeiro a multidimensionalidade, afirmando que para definir QV é





necessário considerar três dimensões – física, psicológica e social. Já o segundo é a subjetividade que trata-se da percepção do indivíduo referente a sua condição de saúde e demais aspectos relacionados ao seu contexto de vida. (SANTOS e SIMÕES, 2012; SEID e ZANNON, 2004; SOARES et al, 2011).

Considerando essas citações, é possível entender que não há somente um conceito sobre o tema QV, contudo, pode-se classificá-la como boa ou ruim, levando em consideração alguns aspectos em relação a elementos objetivos e subjetivos. Para isso, foram criados instrumentos de coletas de dados, um desses é o *World Health Organization Quality of Life* (WHOQOL). Para criar esse instrumento foi preciso chegar a uma definição de QV, dessa forma a OMS, por meio de um consenso, de vários especialistas do mundo todo, afirmaram que QV define-se como a percepção do sujeito quanto a sua situação na vida em relação à cultura e demais valores, bem como “em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.” (FLECK *et al*, 2000; FLECK ,2000, p.34).

QUALIDADE DE VIDA DOS JOVENS NO BRASIL

A partir dos conceitos abordados anteriormente referentes à juventude e sua situação na sociedade, bem como o conceito de QV e os fatores que a definem como boa ou ruim, é possível fazer uma relação entre os dois assuntos. Associando assim, aos problemas enfrentados pelos jovens na sociedade com os possíveis agravos à sua saúde.

Ao pesquisar artigos sobre juventude, os principais problemas sociais da população juvenil encontrados foram a violência, a descontinuidade na educação, o desemprego e como consequência a situação financeira, como a baixa renda familiar. Todos esses fatores implicam diretamente no nível de QV desses jovens, tornando-a preocupante e que, conforme Aquino (2008), estão prejudicando-os para obter uma inserção como adultos na sociedade com qualidade e dignidade.

Em relação à violência, Waiselfisz (2013), apresenta dados muito sobre o índice de mortalidade dos jovens brasileiros registrados em 2011, em que houve 46.920 mortes juvenis, desses 73,2% foram causados por fatores externos, entendido como os homicídios, os acidentes de trânsito e os suicídios. Visto que, esses mesmos dados relacionados às causas de mortalidades da população não jovem, existem uma discrepância muito grande, pois desses, 90,1% dos óbitos foram por causas naturais e apenas 9,9% causados por fatores externos. Segundo Silva e Silva (2011), outro indicador da violência que demonstra que os jovens são a





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

maior parte envolvida, está apontado nos altos índices da população carcerária, em que 70% são constituídas por pessoas entre 18 a 29 anos de idade.

A Educação é outra questão preocupante em relação aos jovens, pois é alto o índice referente à descontinuidade nos estudos. Conforme Silva, Pelissari e Steimbach (2013), uma das suposições para que isso esteja ocorrendo é que a escola, frequentemente, perde o significado para esses alunos se comparado as situações que ocorrem no contexto da sua realidade social. Ou seja, por nessa faixa etária haver muitos sujeitos críticos, eles procuram uma relação com a escola e sua realidade.

Outro problema, também em relação ao estudo, é abordado por Waiselfisz (2004), que afirma ser enfrentado, principalmente para os jovens acima dos 18 anos de idade, que é a precariedade e inacessibilidade de cursos profissionalizantes para esse público, os quais consigam se capacitar apropriadamente para concorrer a uma vaga no mercado de trabalho, que conseqüentemente, estão favorecendo as pessoas que tem maior nível de escolaridade. Quanto ao ensino superior, conforme os dados do IBGE (2010), constatou-se que apenas 13,9% dos indivíduos de 18 a 24 anos estavam frequentando esse nível de ensino.

A situação da renda per capita familiar é um dos possíveis motivos apontados pelo IBGE (2010) para a baixa porcentagem de jovens brasileiros cursando o ensino superior. Os dados demonstram que dos jovens que frequentam esse nível de ensino a maioria deles têm em média renda familiar de mais de três salários mínimos.

Conforme Dalarosa e Souza (2014), uma das possíveis causas da baixa renda familiar da maioria das famílias brasileiras, foi em relação à crise que se iniciou em 1970. Esse fato foi responsável pela grande inserção dos jovens, mesmo com pouca idade, no mercado de trabalho, com a finalidade de ajudar seus pais financeiramente a manter a família. Isso resultou no alto número de jovens trabalhando irregularmente sem registro na carteira de trabalho. Conseqüentemente, apresenta-se, também, a diferença salarial deles com as dos adultos, sendo altamente incompatíveis, tanto por não terem a escolaridade suficiente para concorrer as vagas quanto pela falta de experiência na área.

Todos esses fatores sociais citados como problematização enfrentado pelos jovens, ao se verificar atentamente, torna-se claro a relação entre eles, ou seja, cada fator desencadeia vários problemas que conseqüentemente interligam-se ao próximo. Primeiramente, conforme Aquino (2008), a maioria dos jovens brasileiros vive com uma renda *per capita* familiar de apenas meio





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

salário mínimo. Sendo a situação financeira, segundo o IBGE (2010) um dos possíveis motivos pela descontinuidade escolar. Já segundo Waiselfisz *et al* (2004), afirma que com a descontinuidade na formação escolar, o jovem não está devidamente capacitado para concorrer a uma vaga no mercado de trabalho, com isso, influenciando no alto índice de jovens desempregados ou com empregos irregulares e com baixos salários.

Além desses problemas citados, há ainda outra questão que influencia negativamente na QV dos jovens, que é o seu pouco tempo livre, bem como, as poucas opções para aproveitar esse tempo. Os escassos programas de políticas públicas direcionadas a população juvenil, para que eles possam melhor usufruir o tempo de lazer, faz com que eles estejam mais propícios a praticarem atividades perigosas ou até mesmo ilícitas, fato esse apresentado nos altos percentuais de envolvimento dos jovens em relação aos problemas de violência e mortalidade decorrentes disso (SILVA E SILVA, 2011).

Segundo Pieron (2004), concordando com os autores supracitados, acrescenta ainda que, a prática de atividades físicas nos momentos de lazer, de maneira regular e moderada, tem uma relação direta com a QV das pessoas, pois os benefícios são tanto psicológicos quanto físicos. O autor afirma, também, que a atividade física está associada à diminuição de riscos para a saúde, principalmente relacionada aos problemas cardiovasculares. Além disso, com a sua prática regular promove uma sensação de bem-estar e está associada à autoconfiança, facilitando, com isso, a inserção e integração dessas pessoas na sociedade. Além disso, segundo Maciel (2014), as políticas públicas direcionadas aos jovens são questionáveis em relação a sua eficiência, sendo preciso também uma análise mais aprofundada para saber se essas ações são realmente o que a população está precisando, bem como averiguar se a teoria condiz com essa prática.

CONCLUSÃO

A partir dos dados apresentados pelo IBGE quanto aos altos índices de jovens em vulnerabilidade em setores sociais conclui-se que essa população representa a parte da população brasileira menos beneficiadas como na Educação, por causa da descontinuidade escolar; na Segurança, por representares altos índices de população carcerária e de vítimas da violência; no Emprego, ao representar a maioria dos desempregados ou empregados irregulares; e no tempo livre, por haver poucas políticas públicas destinadas a essa população para otimizar seu tempo de lazer.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A QV dos jovens, ao considerar todos esses problemas sociais e de risco em que eles estão direta ou indiretamente envolvidos, resulta em maior probabilidade nos resultados negativos em relação ao seu bem-estar e à sua saúde.

E isso, torna-se um problema social de interesse público, tendo assim, que a partir do diagnóstico da realidade dessa parte da população, tomar providências para melhorar o seu nível de satisfação. Com isso, é apontada a importância de políticas públicas para sanar esses resultados negativos apresentados em vários setores sociais e que estão prejudicando os indivíduos envolvidos, tanto num aspecto físico e psicológico quanto social.

Salientando que, essas políticas devem estar de acordo com os direitos e as reais situações enfrentadas pela juventude. Dessa forma, sendo necessários fundamentos teóricos com um consenso de juventude mais uniforme, visto que, o público juvenil é compreendido por diferentes faixas etárias e precisando, assim, de programas que os beneficie conforme suas diferentes necessidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; MARQUES, Renato. **Qualidade de Vida: Definição, Conceitos e Interfaces com Outras Áreas de Pesquisa**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/ USP, 2012.

AQUINO, Luseni. A Juventude Brasileira em Questão. Desafios do Desenvolvimento. **Rev. Informações e Debates do Inst. De Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA**. Ano 5. Ed. 42, abr. 2008.

BRASIL. **Estatuto da Juventude**. Lei N. 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BRASIL. Secretaria de Governo. **Política Nacional de Juventude**. Disponível em: <<http://www.secretariadegoverno.gov.br/iniciativas/juventude/politica-nacional>>. Acesso em: 15 ago 2017.

BRASIL. Portal da Juventude. **Secretaria Nacional de Juventude**. Disponível em: <<http://participatorio.juventude.gov.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2018

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE. **Censo Demográfico 2010. Educação e Deslocamento: Resultados da amostra**. 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/545/cd_2010_educacao_e_deslocamento.pdf>. Acesso em: 02 set 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DALAROSA, Adair Angelo; SOUZA, Jaqueline Puquevis. Orientações Internacionais nas Políticas de Educação e trabalho para a Juventude no Contexto Brasileiro. **Conjectura: Filos. Educ**, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 84-107, maio/ago. 2014

DIÓGENES, Glória. **Juventude, Exclusão e a Construção de Políticas Públicas: Estratégias e Táticas**. Salvador: EDUFBA. 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/3w52w/pdf/mendonca-9788523208974-12.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. O Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): Característica e Perspectivas. **Rev. Ciência e Saúde Coletiva**, V. 5. N. 1, p. 33 – 38. 2000

FLECK, Marcelo P. A.; LOUZADA, Sérgio; XAVIER, Martha; CHACHAMOVICH, Eduardo; VIEIRA, Guilherme; SANTOS, Lyssandra; PINZON, Vanessa. Aplicação da Versão em Português do Instrumento Abreviado de Avaliação da Qualidade de Vida “WHOQOL-Bref”. **Revista de Saúde Pública**. V.34, n. 2. P.178 – 83. Abril 2000

MACIEL, Álvaro dos Santos. Juventude e Políticas Públicas Nacionais: Uma análise da Produção Acadêmica na Plataforma Scielo (2002 a 2013). **Congresso Internacional (CONINTER)**. Salvador BA. V 4, n3, p. 155-166. 2014

PEREIRA, Érico Felden; TEIXEIRA, Clarissa Stefani; SANTOS, Anderlei dos. Qualidade de Vida: Abordagens, conceitos e Avaliação. **Rev. Bras. Educ. ffs. Esporte**, São Paulo, V. 26, n. 2, p 241-50. Abr/Jun. 2012.

PIERON, Mauricio. Estilo de Vida, Prática de atividades Físicas e Esportivas, Qualidade de Vida. **Fitness & Performance Journal**, v.3, n.1, p. 10-17, 2004.

SANTOS, Ana Lúcia Padrão dos; SIMÕES, Antonio Carlos. Educação Física e Qualidade de Vida: Reflexões e Perspectivas. **Saúde Soc. São Paulo**. V. 21, n. 1, p. 181-192. 2012.

SEIDL, Eliane Maria Fleury; ZANNON, Célia Maria Lana da Costa. Qualidade de Vida: Aspectos Conceituais e Metodológicos. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, V 20 N 2, p. 580-588. 2004.

SILVA, Monica Ribeiro; PELISSARI, Lucas Barbosa; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, Escola e Trabalho: Permanência e Abandono na Educação Profissional Técnica de Nível Médio. **Educ. Pesqui.** São Paulo, V 39, n 2, p. 403-417, abr/jun. 2013.

SILVA, Roselani Sodr e da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional da Juventude: trajetória e desafios. **Caderno CRH**, Salvador. v 24, n. 63, p. 663-678, 2011.

SOARES, Ana Helena Rotta; MARTINS, Ant lia Januária; LOPES, Maria da Concei o Borges; BRITTO, José Augusto Alves de; OLIVEIRA, Cristiano Queiroz de; MOREIRA, Martha Cristina Nunes. Qualidade de Vida de Crianças e Adolescentes: uma Revisão Bibliográfica. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**. V. 16, n 7. p. 3197-3206. 2011





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da Violência 2013. Homicídios e Juventude no Brasil.** Rio de Janeiro. 2013

WASELFISZ, Júlio Jacobo; VIEIRA, Carlos Alberto; NOLETO, Marlova Jovchelovitch; ROLAND, Edina. **Política Públicas de/par/com as juventudes.** Brasília: UNESCO, 2004





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A SOCIOLOGIA AMBIENTAL E SEU ESPAÇO POLÍTICO E EPISTEMOLÓGICO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTIDISCIPLINARES EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

La sociología ambiental y su espacio político y epistemológico
en los programas de posgrado multidisciplinares en ciencias ambientales

Gabriel Bandeira Coelho¹
Jalcione Almeida²

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo apresentar e analisar três aspectos importantes da relação interdisciplinaridade-ciências ambientais-sociologia ambiental, quais sejam: a) como a sociologia ambiental tem se relacionado com as demais disciplinas, bem como identificar seu espaço político e epistemológico nos Programas de Pós-Graduação Multidisciplinares em Ciências Ambientais (PPGMCA); b) identificar as razões que motivam os sociólogos a participar de um PPGMCA, e c) analisar o perfil/identidade dos sociólogos que fazem parte de um PPGMCA. Com efeito, a coleta de dados, a qual resulta na discussão presente neste trabalho, foi realizada a partir da observação *in loco* e de entrevistas com pesquisadores de um dos três Programas de excelência (nota 7 Capes) da área de ciências ambientais, além da utilização do diário de campo. Os resultados aqui apresentados são preliminares, dado que oriundos de pesquisa em andamento.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Ambiente; Sociologia; Ciência.

Resumen: Este trabajo tiene como principal objetivo presentar y analizar tres aspectos importantes de la relación interdisciplinariedad-ciencias ambientales-sociología ambiental, cuáles son: a) cómo la sociología ambiental se ha relacionado con las demás disciplinas, así como identificar su espacio político y epistemológico en los Programas de Posgrado Multidisciplinares en Ciencias Ambientales (PPGMCA); b) identificar las razones que motivan a los sociólogos a participar en un PPGMCA, y c) analizar el perfil / identidad de los sociólogos que forman parte de un PPGMCA. En efecto, la recolección de datos, la cual resulta en la discusión presente en este trabajo, fue realizada a partir de la observación *in loco* y de entrevistas con investigadores de uno de los tres Programas de excelencia (nota 7 Capes) del área de ciencias ambientales y utilización del diario de campo. Los resultados aquí presentados son preliminares, dado que oriundos de investigación en curso.

Palabras clave: Interdisciplinariedad; Medio Ambiente; Sociología. Ciencia.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista o histórico sobre o desenvolvimento da sociologia ao longo do século XX, concorda-se com Rodrigues, Neves e Anjos (2016) quando estes enfatizam que o

¹ Mestre em Sociologia, doutorando em Sociologia (PPGS-UFRGS), membro do grupo de pesquisa Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (TEMAS - www.ufrgs.br/temas). gabrielbandeiracoelho@yahoo.com.br.

² Doutor em Sociologia, professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) vinculado ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Coordenador do grupo de pesquisa TEMAS (www.ufrgs.br/temas). Pesquisador CNPq. jal@ufrgs.br.





positivismo aprisionou, no decorrer deste século, o grande potencial das Ciências Sociais e Humanas – sobretudo, da Sociologia – no determinismo da noção de causalidade³. Ainda segundo estes autores, o século XX possibilitou algumas incursões epistemológicas no modo de se fazer/praticar Ciências Sociais, com o objetivo de compreender fenômenos de natureza complexa. Cita-se, como exemplo, a Escola de Frankfurt, a Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim e a Escola de Chicago, dentre outras. Por sua vez, conforme Rodrigues, Neves e Anjos (2016a),

Com a crise da epistemologia analítica, no final da década de 1960, e com a emergência das abordagens complexas, em detrimento daquelas determinísticas, as ciências sociais passaram a ampliar seus questionamentos aos fundamentos da ciência tradicional, de forma transdisciplinar (RODRIGUES; NEVES; ANJOS, 2016, p. 24).

Desse modo, argumenta-se que a sociologia tem suas próprias características epistemológicas, teóricas e metodológicas, diferenciando-se de outras disciplinas, como a ecologia, agronomia, biologia, por exemplo. Neste trabalho, são por essas diferenciações que a pesquisa sociológica ganha notoriedade, a partir de uma abordagem, de modo geral, da sociologia da ciência. Além disso, é relevante olhar a sociologia a partir dela mesma, em relação com outras disciplinas em um contexto que se pretende interdisciplinar.

Nesse sentido, considera-se importante observar as significativas disputas e tensões – políticas e epistemológicas – que emergem como resultado da interação entre as diversas e distintas disciplinas que constituem os Programas de Pós-Graduação Multidisciplinares em Ciências Ambientais (PPGMCA), especialmente em se tratando da sociologia, como prática de pesquisa e representada por sociólogos, com as demais disciplinas presentes nesses Programas. Opta-se pela sociologia e não pelas ciências sociais, de forma mais ampla, posto que se considera aquela como uma disciplina que se autonomizou ao longo de sua história e, por esse motivo, possui suas peculiaridades históricas e institucionais que não são as mesmas de outras ciências sociais, tais como a ciência política e a antropologia.

³ “A prática da Ciência, desde sua origem, tem privilegiado perspectivas epistemológicas que se sustentam, se amparam, em importante medida, na noção de causalidade (todo efeito tem uma causa, toda causa gera um efeito). Essa forma da ciência de falar sobre os ‘objetos do mundo’ terá correspondência naquilo que a matemática tem chamado de *linear* ou de *linearidade*, posto que *os fatores causais podem ser identificados* (isolados e conhecidos) no tempo e no espaço” (RODRIGUES; NEVES; ANJOS, 2016, p. 26 – grifos dos autores).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Diante do exposto, são colocadas as seguintes questões: *qual o papel que a sociologia cumpre em um PPGMCA? Quais as razões que levam um sociólogo a integrar um PPGMCA? Como é a prática da pesquisa sociológica nesses Programas?*

A pesquisa sociológica na relação interdisciplinar com as demais disciplinas das Ciências Ambientais merece atenção, visto que apresenta certa notoriedade epistemológica na compreensão e interpretação das problemáticas ambientais. Entretanto, no tocante às dimensões de cunho político-institucionais, esta notoriedade parece ficar subsumida. Isso significa dizer que não são raras as contribuições teóricas e metodológicas da sociologia (ambiental) ao campo das ciências ambientais, sobretudo a partir da década de 1960 e 1970, demonstrando sua importância epistemológica para os estudos nesta área. Já no que diz respeito às questões político-institucionais, propriamente no cenário de pesquisa brasileiro, é possível inferir que a sociologia (ambiental) encontra uma série de obstáculos para conseguir evidenciar e consolidar suas contribuições nas pesquisas sobre ambiente, uma vez que nas Ciências Ambientais há uma forte hierarquização de disciplinas.

O argumento acima é corroborado quando um dos pesquisadores entrevistados salienta que no Brasil

O comitê de ciências ambientais é hegemônico por biólogos e ecólogos (...) Há uma hegemonia de biólogos e ecólogos e cada vez mais há uma tentativa de 'biologizar' as ciências sociais: maneira de trabalhar, maneira de expor. É um processo que eu chamo de 'biologização das ciências sociais', no sentido negativo (Pesquisador 01).

A partir do trecho descrito é possível inferir, ainda que de forma conjectural, que mesmo com os significativos esforços forjados em direção à pesquisa interdisciplinar nas ciências ambientais – caráter que pressupõe mais integração, sinergia e cooperação entre as disciplinas envolvidas – certos nichos disciplinares, neste caso, a biologia e a ecologia, ocupam posições hegemônicas no campo da investigação ambiental, sobretudo nos níveis político-institucional e epistemológico. Assim, argumenta-se que os conflitos disciplinares, mesmo em programas interdisciplinares, se fazem presentes, com destaque para as disciplinas das ciências da natureza que parecem determinar as regras já a partir das agências de fomento. A “hegemonia de biólogos, ecólogos” no comitê em ciências ambientais pode ser produto do próprio arranjo das agências, como CAPES e CNPq. Em suma, uma relação colocada de cima para baixo, que, de certa maneira, é reproduzida no cotidiano dos próprios PPGMCA.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Outro ponto a destacar é o quanto a sociologia ambiental possui determinada posição periférica, não só nas pesquisas interdisciplinares em ciências ambientais, mas também nos próprios programas disciplinares de sociologia. Segundo afirma o Pesquisador 01, “eu raramente sou chamado para uma mesa de sociologia, uma banca de sociologia. Eu sou chamado para bancas de programas multidisciplinares e interdisciplinares. Os colegas da sociologia dificilmente me chamam”. Isto pode ocorrer devido ao fato de que pesquisas interdisciplinares, envolvendo pesquisadores que se colocam como interdisciplinares e abertos ao diálogo, ainda são vistas com ressalvas – e até mesmo preconceito - na estrutura acadêmica brasileira. Isto aparece no argumento do Pesquisador 02, para quem “a própria Universidade não reconhece, em alguns casos, em alguns departamentos, o diploma dos nossos egressos doutores em desenvolvimento sustentável quando eles se candidatam para a vaga de professor (...). A própria universidade não é muito receptiva”.

Tanto as ressalvas ou preconceito com as pesquisas interdisciplinares, a partir do rótulo “diz tudo e nada ao mesmo tempo” – também relatado por um dos entrevistados, como resistência à interdisciplinaridade são produtos da própria estrutura, de uma “cultura da disciplinarização” do modelo acadêmico há muito consolidado. Reforça-se esse pressuposto a partir da afirmação do Pesquisador 03, para quem

O principal desafio [à interdisciplinaridade] é a cultura institucional da fragmentação. É muito difícil você trabalhar com uma pessoa que não seja da mesma identidade disciplinar que você, por várias razões. Primeira delas é que as linguagens não são as mesmas. Segundo, que os espaços de atuação institucional são diferentes. Por exemplo, cada um vai para um seminário, congresso, da sua própria associação (...). Eles falam linguagens diferentes, frequentam meios diferentes e são reconhecidos por critérios diferentes. Se o sociólogo publica junto com o biólogo numa revista mais próxima da biologia, no caso do Brasil, esse sociólogo vai receber um conceito baixo por essa revista nos sistema QUALIS da CAPES. Por quê? Porque os sociólogos dão pontuação maior para revistas tipicamente de sociologia e os biólogos também. Ou seja, o ordenamento institucional e o sistema de validação e de reconhecimento conspiram contra a integração destas disciplinas.

Frente ao exposto pelo entrevistado acima, é possível salientar que, de fato, a “cultura” das disciplinas se faz muito presente na produção de conhecimento nos programas de pós-graduação no Brasil, ainda que estes tenham o “ambiente” como objeto central de pesquisa e estejam submetidos a avaliações nas áreas multi ou interdisciplinar. Ademais, não fica evidente na fala do Pesquisador 03 qual o ordenamento institucional que tem dificultado a interdisciplinaridade nesses Programas. Todavia, pode-se inferir que a principal dificuldade tem início no processo de avaliação e de reconhecimento por parte das agências de fomento, das





revistas, dos projetos de pesquisa e dos próprios programas interdisciplinares. Tal arranjo institucional, logicamente, irá refletir a “cultura da segmentação” na prática de pesquisa no interior de cada um dos programas interdisciplinares.

Quanto às razões que motivaram os sociólogos entrevistados a ingressar num PPGMCA, estas são, de modo geral, bem semelhantes entre eles: podem ser de ordem pessoal, institucional, epistemológica e de carreira profissional, ou seja, podem ser tanto subjetivas, como objetivas. O Quadro 1 a seguir sintetiza as motivações mencionadas.

Quadro 1- Motivações dos sociólogos quanto à participação num PPGMCA

	Pessoal	Institucional	Epistemológica	Profissional
Pesquisador 01	-	-	“As relações sociais não podiam mais ser vistas desligadas do meio em que estavam inseridas. Eu sempre fiquei muito incomodado em não ter a visão do conjunto e do contexto.”	“Tem os estímulos mais concretos, específicos, individuais. O fato de que eu estava no governo, com um cargo importante, estando separado do departamento por três anos e surgiu esse convite. Esse convite caiu bem, caiu numa hora que eu estava justamente criando esse distanciamento da sociologia tal como ela é ensinada.”
Pesquisador 02	“Era estritamente pessoal, e também por uma bolsa. Ou eu tinha essa bolsa ou voltava para o meu País. É tudo muito pessoal, o universo se encarrega.”	-	-	“Eu terminei o doutorado em dezembro de 1994. Em janeiro de 2000 eu estava entrando aqui com bolsa recém-doutor. A bolsa só veio por causa de uma pessoa que me convidou, que foi o meu orientador.”
	“Também tenho uma longa trajetória de militância,	“Uma identificação com a temática, seja no meio ambiente de zoneamento	“Fazer uma construção de conhecimento, de pesquisa que não	“Fui assessor de movimentos sociais do campo, desde meu





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Pesquisador 04	inclusive anterior à universidade.” “Muito a ver com a minha trajetória de pesquisa, construção do conhecimento e envolvimento político, agora no sentido genérico de engajamento com as lutas sociais, esse foi o primeiro grande elemento.”	rural, seja no programa aqui. São duas áreas muito próximas.” “Participar de um programa de doutorado sempre abre a possibilidade de colaboração com pesquisadores de doutorado.”	seja assim exclusivamente individual, autoral.”	trabalho de conclusão de curso, passando pelo mestrado e doutorado. Sempre na área de movimentos sociais operários, luta pela terra.”
Pesquisador 05	-	“Senti que aqui era o ambiente ideal para mim. Eu estava num departamento de ciência política que era “arquidisciplinar”, eu não tinha espaço lá dentro sequer para dar uma optativa que falasse de meio ambiente.”	“Olhar para a natureza, em primeiro lugar, e olhar para os humanos como usuários, alteradores da natureza. Quando eu fiz o mestrado, eu aprendi as questões ambientais fundamentais, todas elas até hoje, eu aprendi primeiro com cientistas naturais, e depois eu trouxe o meu social.”	“Não tem melhor lugar para trabalhar do que aqui. Eu era do departamento de ciência política na federal fluminense, militava nos últimos dois ou três anos no programa de ciências ambientais, que tinha um desenho não muito diferente disso aqui. Mas o clima político da universidade era muito ruim, eu não gostava mais do RJ, eu vim pra Brasília para trabalhar pro governo. Eu trabalhei com isso um ano e meio, mas o povo daqui tipo que me pescou. Eu estou aqui, porque aqui foi muito bom pra eu desenvolver a minha formação.”
Pesquisador 06	-	-	“Foi o objeto de pesquisa e a necessidade de montar programas coletivos que me levaram para esse	“Foi uma situação totalmente, eu diria, natural, naturalizada no meu campo profissional.”





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

			tipo de pós-graduação.”	
--	--	--	-------------------------	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se, ante ao Quadro 1, que diversas são as motivações que podem levar um sociólogo a participar de um PPGMCA. Chama atenção o fato dos pesquisadores perceberem a relação entre ambiente e interdisciplinaridade como uma das principais razões que os levaram a um Programa em Ciência Ambiental. Ou seja, a pesquisa interdisciplinar, atrelada às questões ambientais, parece formar um elo fundamental que conecta esses docentes aos pressupostos e objetivos políticos e epistemológicos de um PPGMCA.

Além disso, alguns professores decidiram fazer parte de um PPGMCA porque seus programas de origem eram fechados do ponto de vista disciplinar. Destacam, também, que a sociologia desenvolvida no âmbito das Ciências Humanas, na CAPES, produz conhecimento ainda de forma muito disciplinarizada, ou seja, os pesquisadores não se encontram abertos, por diversos interesses e razões, a um diálogo mais integrador no que tange às disciplinas. Cabe o que um dos entrevistados salienta: “a maioria dos sociólogos no Brasil são ‘sociologia futebol clube’”, ou seja, não se mostram dispostos a expandir as fronteiras de sua disciplina para dialogar com outras disciplinas no campo científico.

Uma motivação importante identificada está ligada ao fato da formação dos sociólogos que compõem os PPGMCA; sua formação acadêmica é, em maior ou menor grau, heterogênea, multi ou interdisciplinar: um deles graduou-se em ciências sociais, mas no mestrado e doutorado foi trabalhar na área das ciências naturais em programas interdisciplinares no exterior; outro transita entre a antropologia e a sociologia, dada sua formação híbrida em se tratando de mestrado e doutorado; outro, ainda, embora tendo sua formação na sociologia, enfatiza que a questão ambiental “não pode ser vista dentro de uma bolha”, a partir de um olhar sociológico isolado, mas sim, através da sinergia e da cooperação de diversas disciplinas, convergindo, neste sentido, para a compreensão de problemas complexos no que tange à relação sociedade-natureza.

Em resumo, identificam-se duas grandes motivações para que os sociólogos pesquisados façam parte de um corpo docente em ciências ambientais: i) a lógica disciplinar e atomizada pouco preocupada em dialogar e interagir com outras disciplinas em torno da “questão ambiental”, fazendo com que esses pesquisadores migrem para programas interdisciplinares; ii) a própria trajetória de formação e interesse de pesquisa desses sociólogos. Por se tratar de





uma formação híbrida ao longo de suas trajetórias acadêmicas, esses sociólogos não conseguem conceber a “questão ambiental” com base em processos disciplinares. A imersão nesses Programas, ademais, faz com que esses profissionais não se identifiquem “puramente” como sociólogos. Um se diz cientista socioambiental, outro se coloca ora como antropólogo, ora como sociólogo, e outro se pergunta: “Será que ainda sou um sociólogo? Será que ainda produzo conhecimento sociológico?”.

Ante ao exposto, o que se pode perceber, tendo em vista a disposição dos campos disciplinares na pesquisa brasileira, é que coexistem, pelo menos, três perfis de sociólogo atuando na Pós-Graduação do Brasil: o “*sociólogo puro*”; o “*sociólogo de fronteira*” e o “*sociólogo questionador*”.

O “*sociólogo puro*” é aquele profissional que fez toda (ou boa parte de) sua formação na sociologia. Ele pode dialogar com outras disciplinas, mas não abre mão de sua identidade como sociólogo. Além disso, participa nos programas de pós-graduação em sociologia e age com certa indiferença e desconfiança em relação aos sociólogos que fazem parte de programas interdisciplinares. Não é, neste sentido, adepto à interdisciplinaridade.

Já o “*sociólogo de fronteira*” é aquele aberto ao diálogo e à integração com outras disciplinas, transitando, muitas vezes, entre duas ou mais áreas no que tange à produção de conhecimento, reconfigurando sua identidade profissional. Atua em programas interdisciplinares em ciências ambientais e possui, em grande parte, formação em duas ou mais áreas do conhecimento. Não nega sua identidade de sociólogo, porém não a tem como identificação única. Ele pode, nesse sentido, se colocar, ora como antropólogo, ora como sociólogo, por exemplo.

Por fim, o “*sociólogo questionador*”, aquele aberto ao diálogo com as demais disciplinas, assim como o “*sociólogo de fronteira*”, mas que muitas vezes questiona (ou até mesmo nega) sua identidade de sociólogo. Este pode integrar programas interdisciplinares e, geralmente, se autointitula de forma heterogênea, como por exemplo, “cientista socioambiental”.

Salienta-se, por fim, que os PPGMCA, mesmo com todas as dificuldades para efetivar e definir uma prática interdisciplinar, têm reconfigurado a identidade de cientistas sociais, especialmente dos sociólogos, fazendo-os, muitas vezes, “duvidarem” de seus “rótulos” identitários profissionais. Ademais, os PPGMCA servem, grosso modo, como “refúgio”, abrigando sociólogos que trabalham nos temas ambientais, uma vez que nos programas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

disciplinares de sociologia estes acabam tendo pouco ou nenhum espaço para desenvolver suas pesquisas.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, L. P.; NEVES, F.; DOS ANJOS, J. C. A contribuição da Sociologia à compreensão de uma epistemologia complexa da Ciência contemporânea. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 18, n. 41, p. 24-53, jan/abr 2016.

RODRIGUES, L. P.; NEVES, F.; DOS ANJOS, J. C. Coadjuvante a protagonista? A reflexão epistemológica das Ciências Sociais para Século XXI. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 18, n. 41, p. 14-23, jan/abr 2016a.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

QUALIDADE DE VIDA DE ESCOLARES EM VULNERABILIDADE SOCIAL PARTICIPANTES DE UM PROJETO SOCIAL ESPORTIVO

QUALITY OF LIFE OF SOCIAL VULNERABILITY STUDENTS PARTICIPATING IN A
SPORTIVE SOCIAL PROJECT

Gabriela Behs¹(Universidade Feevale)

Edson Luiz Lourenço Vidal Da Costa² (Universidade Feevale)

Marcelo Marques Soares³(Universidade Feevale)

Tiago Garcia⁴(Universidade Feevale)

Denise Bolzan Berlese⁵(Universidade Feevale)

Resumo: O presente estudo teve como objetivo principal avaliar a qualidade de vida de 132 escolares em vulnerabilidade social participantes de um projeto social esportivo. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se KIDSCREEN-52. As crianças participantes do estudo encontram-se na faixa etária entre 7 a 12 anos, de ambos os sexos. Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstraram que a partir da distribuição dos escolares de acordo com sexo e histórico de doença que 89,4 % dos investigados de ambos os sexos referem não apresentar doença. Ao comparar as médias das dimensões da QVRS por estrato sexo observa-se que a média das dimensões D1, D2, D4, D5, D6, D7, D8, D9 dos investigados não apresentam diferença significativas. Para a dimensão 3 (D3 EEMO) estado emocional e (D10 BUL) Provocação/Bullying apresentaram diferença estatística significativa. Em relação ao histórico da doença, evidenciou-se que os meninos relatam apresentar menos doença que as meninas e as dimensões que apresentaram diferença significativa entre os sexos foi humor geral ou estado emocional e *Bullying* ou Provocação/*Bullying*. Nesse sentido, ressalta-se a importância do engajamento de escolares com a prática esportiva uma vez que a partir dessas atividades trabalha-se a socialização, o respeito as diferenças.

Palavras chaves: Qualidade de Vida. Escolares. Projeto Social.

Abstract: The present descriptive, quantitative and cross - sectional study had as main objective to evaluate the quality of life of schoolchildren in social vulnerability participating in a sports social project. As a data collection instrument, KIDSCREEN-52 was used. The children participating in the study are between the ages of 7 and 12 years, of both sexes. The results obtained in this research showed that from the distribution of schoolchildren according to sex and history of disease, 89.4% of those investigated from both sexes reported no disease. When comparing the means of HRQoL dimensions by stratum sex, it is observed that the mean of the D1, D2, D4, D5, D6, D7, D8, D9 dimensions of the investigated individuals did not present significant differences. For dimension 3 (D3 EEMO) General mood or emotional state and (D10 BUL) Bullying or Provocation / Bullying presented significant statistical difference. In relation to the history of the disease, it was evidenced that the boys report less disease than the girls and the dimensions that presented significant difference between the sexes was general mood or emotional state and Bullying or Provocation / Bullying. In this sense, it is emphasized the importance of the engagement of schoolchildren with sports practice since from these activities work is socialization, respect for differences. In this way, we will be able to foster education and contribute to the fact that in the near future we will be able to act in a critical and conscious way about our society.

Keywords: Quality of life. Schoolchildren. Social project

¹Graduanda em Educação Física Bacharelado pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Bolsista de Extensão). E-mail: gabibehs@yahoo.com.br





INTRODUÇÃO

As crianças, por muitos anos, foram tratadas da mesma forma que adultos, sem nenhuma consideração pelos aspectos relacionados ao crescimento e desenvolvimento infantil como objetos da esfera doméstica. A infância não era percebida pela família e nem pelo Estado como uma etapa do ciclo vital, com necessidades singulares. Entretanto, no decorrer dos séculos, a criança passou a ser vista socialmente, com particularidades significativas que exigiram transformações sociais, econômicas e políticas que impactam na qualidade de vida (ARAÚJO et al, 2012).

Para Davim et al (2016) a qualidade de vida é um conceito dinâmico, que se altera com o processo de vivência das pessoas, incluindo uma grande variedade de condições. Nesse sentido, a qualidade de vida é, fundamentalmente, definida pelo próprio indivíduo como uma experiência interna de satisfação e bem-estar associados ao processo de viver. O conceito de qualidade de vida é complexo, podendo passar por alterações de acordo com o contexto cultural, com a percepção de cada indivíduo e com a mudança de percepção de um mesmo indivíduo ao longo do tempo, sendo diferentes os fatores que determinam a qualidade de vida de cada um (LOPES, 2013; NAHAS, 2013).

A qualidade de vida busca fatores que se inter-relacionam de uma forma complexa, para definir a saúde através do princípio das dimensões físicas, social e psicológica, assim, a saúde seria a capacidade de ter uma vida satisfatória e proveitosa, confirmada geralmente pela percepção de bem-estar geral (NAHAS, 2013).

A família desempenha um papel relevante na qualidade de vida, uma vez que é definida como núcleo primário de proteção, afeto e socialização para crianças e adolescentes. As famílias que apresentam baixa renda per capita, pouco acesso à alimentação, baixa escolaridade e precárias condições de acesso aos serviços básicos, encontram-se em situação de vulnerabilidade social e tendem a apresentar uma baixa qualidade de vida (MONTEIRO et al, 2014).

Para minimizar a condição de vulnerabilidade social projetos vinculados às políticas compensatórias e assistenciais estão sendo desenvolvidos com o objetivo principal de reduzir as desigualdades contribuindo consideravelmente para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes (ARAÚJO et al, 2012). Nesse sentido, o esporte tem sido utilizado como conteúdo em programas sociais, propostos enquanto políticas de governo e ações desenvolvidas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

por empresas e organizações não governamentais, com a finalidade de educação, ocupação do tempo livre, lazer, formação esportiva, diminuindo, assim, o risco social em diferentes partes do mundo (MORAES et al., 2017; PEREIRA, ENI, 2013).

Os esportes formam fenômenos importantes em relação a vida das pessoas e, como consequência, geram mudanças de comportamento que as acompanham por toda a vida (SILVA et al, 2017). Assim, a prática do esporte pode trazer benefícios tanto para a sociedade como para o indivíduo. O esporte é ferramenta importante para as crianças e jovens que sonham com um futuro melhor, pois os afasta das situações de risco (SANTOS, BONACHELA, 2016). Vianna e Lovisoló (2011) apontam o esporte como atividade alternativa que crianças e jovens gostam e, portanto, a participação em projetos de caráter educativo/esportivo tende a ser efetiva e contribuir para a melhora da qualidade de vida. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo avaliar a qualidade de vida de escolares em vulnerabilidade social participantes de um projeto sócio esportivo.

MÉTODO

O presente estudo caracteriza-se como um estudo quantitativo de corte transversal. A amostra contemplou 132 escolares, regularmente matriculados em uma escola Municipal de Campo Bom, onde, no contra turno, são realizadas atividades esportivas de um projeto social apoiado pela Universidade Feevale, em parceria com a empresa Nike. Inc. Com o apoio do projeto, a escola passou a contemplar o turno integral. As crianças participantes encontram-se na faixa etária entre 7 a 12 anos, de ambos os sexos.

Para esse estudo, não foram incluídas crianças que apresentaram comprometimento neurológico, síndromes genéticas, problemas de audição ou visão, alterações sensoriais, ou outra intercorrência/alteração que pudesse comprometer a avaliação da qualidade de vida. Todas as avaliações foram realizadas após a assinatura Termo de Consentimento Livre e esclarecido para Menor de acordo com as determinações da resolução 466, de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes receberam informações referentes a seu direito de participar, de garantias de anonimatos. Para avaliar a qualidade de vida relacionada à saúde de crianças e adolescentes foi utilizado o questionário KIDSCREEN-52.

O questionário foi aplicado em um único momento, individualmente, para cada escolar, por um único pesquisador, no próprio local e horário do projeto. As crianças participantes do estudo receberam o questionário com instruções e recomendações para o seu





autopreenchimento, não sendo estabelecido limite de tempo para o término. As dúvidas para o preenchimento foram esclarecidas pelo pesquisador, que acompanhou o processo da coleta dos dados. A análise dos dados foi realizada por meio da estatística descritiva, verificando-se médias, desvio padrão da média, medidas de dispersão e frequências, com tabulação dos dados primários em planilha do *software* Microsoft SPSS, versão 26.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao avaliar a qualidade de vida de 132 escolares em vulnerabilidade social participantes de um projeto social esportivo, inicialmente avaliou-se o histórico de doenças. Nesse sentido, observa-se na tabela 1 a distribuição dos investigados de acordo com o sexo e histórico de doença.

Tabela 1- Distribuição dos escolares de acordo com sexo e histórico de doença

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	TOTAL
	N (%)	N (%)	N (%)
Não referem doença	61 (46,2)	57 (43,2)	118 (89,4)
Referem doença	4 (3)	10 (7,6)	14 (10,6)
Total	65 (49,2)	67 (50,8)	132 (100)

Evidencia-se na tabela 1 que 89,4 % dos investigados de ambos os sexos referem não apresentar doença. Ao considerar que a ausência de doença é um parâmetro a ser considerado na qualidade de vida, evidencia-se que há uma percepção positiva para essa variável. Strelhow et al (2014) ao investigar escolares observou que os meninos apresentaram percepção mais positiva de sua saúde na variável histórico de doença, em relação às meninas, semelhante aos achados em nosso estudo.

Para Sobral et al (2016) os adolescentes do sexo masculino apresentaram melhor percepção no histórico de doença, domínios de saúde, sentimentos e estado emocional. Alves et al (2016) aponta que os meninos apresentaram resultados superiores na percepção de saúde e histórico de doença em relação aos valores encontrados das meninas. Entretanto afirma que, em geral, não há grande variação na percepção de doença entre ambos os sexos, ainda que, mesmo inseridos em um mesmo ambiente, meninos e meninas podem apresentar percepções diferentes a doença indo ao encontro aos nossos achados.

Estudo realizado por Strelhow et al (2014) indicaram que os meninos apresentam percepção de saúde significativamente mais positiva em relação aos resultados obtidos pelas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

meninas. Os autores ainda apontam que a percepção de saúde se relaciona positivamente com as experiências e com a vida em geral e ausência de doença. Pontes (2016), em sua pesquisa com crianças e adolescentes observou que o sexo masculino refere menos doença que as do sexo feminino.

De acordo com Maximiano (2013) a percepção de saúde e histórico de doença considerando sexo apresentou um melhor resultado para os adolescentes do sexo masculino, resultado compatível com os resultados encontrados em nosso estudo. Na pesquisa realizada por Sobral et al. (2016), com 86 adolescentes do sexo feminino e do masculino, na faixa etária entre os 12 e os 18 anos incompletos observou-se que somente dois adolescentes do sexo masculino relataram convivência com doenças que exigem cuidados de saúde.

Segundo Agathão et al (2016), os meninos referem apresentar menos doenças devido diferentes papéis presentes na sociedade brasileira. Atualmente as doenças estão mais relacionadas a estilos de vida, causas ambientais e padrões comportamentais (GIOIA-MARTINS; ROCHA JUNIOR, 2001). Desta forma, pode-se afirmar que o processo saúde-doença é um fenômeno social, compreendido como um “fenômeno coletivo, num processo histórico e multideterminado” (ALMEIDA; CANTAL; COSTA JUNIOR, 2008, p. 432). Portanto, doença e sofrimento não são fenômenos reduzidos a evidências orgânicas, mas estão também relacionados às características do contexto sociocultural no qual o indivíduo está inserido. A saúde e a doença são categorias que trazem uma carga histórica, cultural, política e ideológica. O uso que este indivíduo faz de seu corpo, as formas pelas quais vivencia os seus estados de saúde e doença, a expressão de sintomas, os estilos de vida e as próprias práticas de atendimento à saúde são influenciadas por uma gama de significações socialmente construídas (TRAVERSO, 2001).

Ao considerar a dicotomia masculino-feminino, a referida diferença tem influência sobre comportamentos de saúde. Os simbolismos quanto às diferenças sexuais se expressam em práticas subjetivas e representações sociais que influenciam condutas objetivas e subjetivas dos indivíduos em função do sexo (LAMAS, 2007; COSTA-JUNIOR; MAIA, 2010).

Após avaliar o histórico de doença foram investigadas e comparadas as dimensões da qualidade de vida no que se refere a saúde e atividade física, sentimentos, Humor geral, ou estado emocional, auto percepção, Tempo livre ou autonomia, Família e vida em casa ou





família/ambiente familiar; Amigos ou apoio social: Escola e aprendizagem ou ambiente escolar e *Bullying* ou *Provocação/Bullying*.

Tabela 2- Comparação das variáveis dos domínios de QVRS por estrato sexo (n=132).

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	P≤0,05
	M±DPM	M±DPM	
D1(SAF)	84,2±12	83±12	0,57
D2(SENT)	91,6±18	91,4±10	0,24
D3(EEMO)	72±17	68±13	0,001*
D4 (APER)	82±17	83±16	0,35
D5 (ATLIV)	89±24	90±30	0,85
D6 (FAFAM)	89±12	94±23	0,94
D7 (ASPF)	69±20	74±18	0,37
D8 (APS)	89±11	88±17	0,76
D9 (AESC)	88±24	89±13	0,32
D10 (BUL)	71±22	65±18	0,008*
ET%	83±9	82±9	0,18

*Significância P≤0,05, teste t de Student

Ao comparar as médias das dimensões da QVRS por estrato sexo observa-se na tabela 2 que a média das dimensões D1, D2, D4, D5, D6, D7, D8, D9 dos investigados não apresentam diferença significativas. Para a dimensão 3 (D3 EEMO) Humor geral ou estado emocional e (D10 BUL) *Bullying* ou *Provocação/Bullying* apresentaram diferença estatística significativa. Em relação a dimensão *bullying*, estudo realizado por Elias (2014), observou que as meninas comparadas com os meninos apresentaram médias inferiores à dos meninos especialmente nas questões relacionadas com *bullying* e estado de humor, corroborando com nossos achados.

Piccoli et al (2014) em seu estudo observaram diferenças significativas entre as dimensões, considerando a comparação por sexo dos resultados nas dimensões d2 sentimentos, d3 estado emocional, d5 autonomia e tempo livre, d6 família e ambiente familiar e d10 *bullying*. Os autores complementam informando que, nas demais dimensões D1, D4, D7 E D8, o sexo masculino atingiu escores superiores em relação ao sexo feminino. Por sua vez, na análise dos dados numéricos ressaltam que as meninas obtiveram maiores escores nas dimensões d2 EEMO (56,7) e d10 BUL (77,1) e os escores inferiores para o sexo masculino contemplam as dimensões em d3 EEMO (42) e d10 BUL (34,6). Estudo realizado com crianças e adolescentes por Sepúlveda et al (2013), encontraram médias superiores para os meninos, comparado com os valores obtidos pelo sexo feminino em relação ao bem estar físico e emocional. Nesse sentido Silva (2017), aponta que o sexo pode influenciar diretamente na percepção das variáveis referidas acima, tendo o sexo masculino uma melhor percepção.





Berra et al (2013), ao investigar a qualidade de vida de crianças e adolescentes utilizando o instrumento Kidscreen-52 também encontrou resultados superiores do sexo masculino com relação ao sexo feminino na dimensão estado emocional corroborando com o presente estudo.

Cardoso et al (2015), ao verificar qualidade de vida, observaram que quando há uma associação negativa com a dimensão estado emocional (d2 EEMO), os adolescentes apresentam maior sofrimento e menor percepção de qualidade de vida, associando-se a sentimentos e emoções, mau humor, podendo desta forma influenciar a própria personalidade. Castro et al (2016), com o objetivo de verificar a qualidade de vida de crianças estudantes, observaram, nos domínios específicos da qualidade de vida, que os menores valores encontrados foram no domínio emocional, corroborando com nossos achados.

Para Mendes et al (2014), em seu estudo realizado com crianças e adolescentes, as meninas apresentaram uma melhor percepção da qualidade de vida nos domínios relacionados ao humor e ao *bullying*. Os resultados das médias do sexo feminino apresentaram um valor superior quando comparadas com as do sexo masculino. É possível afirmar que, em geral, não há grande variação nas condições de vida entre ambos os grupos. Ainda que, mesmo inseridos em um mesmo ambiente, meninos e meninas podem apresentar percepções diferentes de qualidade de vida (ALVES et al, 2016). As vítimas *do bullying*, geralmente são crianças e adolescentes mais inseguros e tímidos, com poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixa autoestima, resistem ou recusam-se a ir para escola, assim, muitas vezes chegam a desenvolver várias consequências psíquicas e comportamentais (TONDO et al, 2016).

No estudo realizado por Aguiar et al (2015), não foram encontrados valores significativos para o *bullying*, porém as meninas apresentaram postos médios superiores aos dos meninos nessas dimensões, indo de encontro aos nossos achados onde os meninos apresentam médias superiores. Corroborando com Aguiar et al, Mendes et al (2014), observou que as meninas obtiveram resultados de QVRS significativamente mais elevados em relação aos meninos nos domínios: Humor em geral e *Bullying*. A pesquisa de Melim e Pereira (2013) apontou os meninos como vítimas mais frequentes do *bullying* direto e as meninas no tipo indireto. No estudo realizado por Zequinão et al (2016) os resultados obtidos sobre *bullying* indicaram que, os meninos apresentam médias inferiores para a dimensão *bullying* quando comparados as meninas, indo de encontro aos nossos achados.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Macagnan (2013), ao analisar a percepção da qualidade de vida relacionada a saúde e a regulação da motivação de adolescentes, as melhores percepções das dimensões do Kidscreen-52 t estavam associadas às dimensões *bullying* e sentimentos. Silva et al (2016) apontaram que adolescentes se envolveram em episódios de *bullying* e que o tipo de *bullying* mais prevalente é o verbal, sendo os mais acometidos por essa violência o sexo masculino. Oliveira et al (2018) também salientam que as vítimas referem mais a violência verbal, e os praticantes subestimam os motivos para as práticas do *bullying* e os prejuízos que podem trazer para a saúde. O *bullying* pode ser explicado, pelo tipo de violência que é praticado, assim também pelas suas formas de manifestação.

CONCLUSÃO

A partir dos dados obtidos nessa pesquisa, foi possível observar que os participantes do projeto Social, possuem uma boa percepção da sua qualidade de vida relacionada a saúde. Em relação ao histórico da doença, evidenciou-se que as meninas relatam apresentar mais doença que os meninos. Observou-se que os adolescentes pesquisados demonstram estarem satisfeitos em relação a sua qualidade de vida. Porém, evidenciou-se que as dimensões Humor geral ou estado emocional e *Bullying* ou *Provocação/Bullying* foram mencionados como fatores contribuintes para uma percepção de inferioridade da qualidade de vida. Nesse sentido, ressalta-se a importância do engajamento de escolares com a prática esportiva uma vez que a partir dessas atividades trabalha-se a socialização, o respeito as diferenças. Desta forma se conseguirmos fomentar a educação e contribuiremos para que tenhamos, em um futuro próximo, indivíduos capazes de agir de maneira crítica e consciente sobre a sua sociedade. Por fim, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas a fim de um melhor entendimento da qualidade de vida relacionada à saúde dos participantes do projeto social esportivo.

REFERENCIAS:

AGATHÃO, BEATRIZ TOSÉ; REICHENHEIM, MICHAEL EDUARDO; MORAES, CLAUDIA LEITE de. Qualidade de vida relacionada à saúde de adolescentes escolares. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, p. 659-668, 2018.

AGUIAR, SANDRO BATISTA et al. Qualidade da vida relacionada à saúde adolescente sem Rio Grande Do Sul, BRASIL. *University Journal of Physical Education and Sports*, n. 7, p. 17-28, 2015.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ALMEIDA, F. F.; CANTAL, C.; COSTA JÚNIOR, Á. L. Prontuário psicológico orientado para o problema: um modelo em construção. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 28, n. 2, p. 430-442, jun. 2008.

ALVES, MYLENA APARECIDA RODRIGUES; et al. Aplicação do instrumento KIDSCREEN-27 em crianças e adolescentes: comparativo entre meninos e meninas em idade púbere. *Revista Stricto Sensu*, v. 1, n. 1, 2016.

ARAÚJO ASSIS, MARLUCE MARIA; ABREU de JESUS, WASHINGTON LUIZ. Acesso aos serviços de saúde: abordagens, conceitos, políticas e modelo de análise. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2012, 17.11.

BERRA, S.; TEBÉ, C.; ESANDI, M. E.; CARIGNANO, C. Fiabilidad y validez del cuestionario KIDSCREEN-52 para medir calidad de vida relacionada con la salud para población argentina de 8 a 18 años. *Archivos Argentinos de Pediatría*, v. 1, n. 1, p. 29-35, fev. 2013.

CARDOSO, LURDES BERNARDETE FERREIRA; GRAÇA, LUÍS CARLOS CARVALHO; AMORIM, MARIA ISABEL SOARES PARENTE LAJOSO. Sentido interno de coerência, qualidade de vida e bullying em adolescentes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 16, n. 3, p. 345-358, 2015.

CASTRO, GISÉLIA GONÇALVES., et al. Qualidade de vida em crianças escolares com sobrepeso e obesidade. *Cinergis*, v.17, n.4. 2016.

COSTA-JÚNIOR, F. M. Concepções de médicos/as e enfermeiros/as sobre questões de gênero na saúde. 2010. 121f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2010.

DAVIM, R.M.B., et al. Qualidade de vida de crianças e adolescentes: revisão bibliográfica. *Northeast Network Nursing Journal*, v.9, n.4. 2016.

ELIAS, JOANA ISABEL DA SILVA SANTOS. Prática desportiva, qualidade de vida, violência escolar, composição e satisfação corporal dos adolescentes algarvios. Tese de Doutorado em Psicologia Universidade do Algarve, 2014.

GASPAR, TÂNIA., MATOS, M. G. (Eds). Versão portuguesa dos instrumentos KIDSCREEN-52: *Instrumentos de Qualidade de Vida para Crianças e Adolescentes*. FMH: Lisboa, 2008.

GIOIA-MARTINS, D.; ROCHA JÚNIOR, A. Psicologia da Saúde e o novo paradigma: novo paradigma? *Psicologia: teoria e Prática*, São Paulo, v. 3, n.1, p. 35-42, 2001.

GUEDES, D. P., GUEDES, J. E. R. P., BARBOSA, D. S., OLIVEIRA, J. D., & STANGANELLI, L. C. R. Fatores de risco cardiovasculares em adolescentes: indicadores biológicos e comportamentais. *Arq Bras Cardiol*, 86(6), 439-50, 2006.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LAMAS, M. O gênero é cultura? In: CAMPUS EUROAMERICANO DE COOPERAÇÃO CULTURAL, 5., 2007, Almada. Almada: [s.n.], 2007.

LOPES, P. C. L. **Qualidade de vida em saúde: evidência para Portugal.** 2013. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2013.

MACAGNAN, L.D.G. Qualidade de vida, motivação e o desempenho desportivo em jovens jogadores de futebol de elite. Dissertação de mestrado em atividade física e saúde: Universidade do Porto; 2013.

MAXIMIANO, A.S.S. Acontecimentos de vida estressantes, psicopatologia e qualidade de vida em adolescentes escolarizados. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Portugal: Universidade do Algarve; 2013.

MELIM, M.; PEREIRA, B. Bullying, Género e Idade. In P. SILVA S. SOUZA, I. NETO. **O desenvolvimento humano: perspectivas para o século XXI – Memória, Lazer e Atuação Profissional.** Volume 1 (292-316). São Luís: EDUFMA, 2013.

MENDES, D.; PICCOLI, J. C. J.; QUEVEDO, D. M. Qualidade de vida relacionada à saúde de escolares do ensino fundamental de Campo Bom, RS. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 22, n. 4, p. 47-54, 2014.

MONTEIRO, FLÁVIA; et al. Bolsa Família: insegurança alimentar e nutricional de crianças menores de cinco anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.19, n.5, p.1347-1358. 2014.

MORAES, PAULO MATEUS, et al. O programa segundo tempo na região centro-oeste: continuidade e estrutura burocrática do esporte nos municípios. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.25, n.1. 2017.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo.** Londrina: Midiograf, 2013.

OLIVEIRA, WANDERLEI ABADIO de, et al. Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2018, 23: 751-761.

PEREIRA, SANDRA; ENI, F.N. **Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: Articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar.** Aconchego-DF, 2013.

PICCOLI, JOÃO CARLOS JACCOTTET; MENDES, DAISIANE; DE QUEVEDO, DANIELA MÜLLER. Qualidade de vida relacionada à saúde de escolares do ensino fundamental de Campo Bom, RS-DOI: [http://dx. doi. org/10.18511/0103-1716/rbcm.v22n4p47-54](http://dx.doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm.v22n4p47-54). **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 22, n. 4, p. 47-54, 2014.

PONTES, WASHINGTON MARTINS. Avaliação da percepção da qualidade de vida de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de escola pública. Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de Educação Física- Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto. 2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SANTOS, ELIAS JOSÉ RODRIGUES MARTINS; BONACHELA, Marcelo. Inclusão social através do futebol. **UNILUS Ensino e Pesquisa**, v.13, n.30, p. 281. 2016.

SEPÚLVEDA P., R.; MOLINA G., T.; MOLINA C., R.; MARTÍNEZ N., V.; GONZÁLEZ A., E.; GEORGE L., M.; MONTAÑO E., R.; HIDALGO-RASMUSSEN, C. Adaptación transcultural y validación de un instrumento de calidad de vida relacionada con la salud en adolescentes chilenos. *Revista Médica de Chile*, v. 141, n. 10, p. 1283–1292, 2013.

SILVA, CAROLINE SOARES da., et al. Qualidade de vida relacionada à saúde em escolares do 7º ao 9º ano de duas escolas municipais da Grande Florianópolis/SC. 2017.

SILVA, CRISTINA, ADRIANA, et al. Comparação do Taekwondo e do futebol quanto ao desenvolvimento da criança. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v.7, n.27, p.568-578. 2016.

SILVA, LEILA GRACIELA DOS SANTOS. **A prática esportiva de criança e adolescente como dever do Estado**: estudo sobre a estrutura das escolas de ensino fundamental no município de Criciúma/SC. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Direito) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma - SC. 2017.

SOBRAL, MIRELY EUNICE; TAVARES GONTIJO, DANIELA; WILLIAM ABDALA, DENNIS; NASCIMENTO CABRAL, THAMIRIS Avaliação da qualidade de vida de adolescentes em situação de vulnerabilidade social *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, vol. 28, núm. 4, outubro-diciembre, 2015, pp. 568-577.

STRELHOW, M.R.W; BUENO, C.O; CÂMARA, S.G. Percepção de saúde e satisfação com a vida entre adolescentes: diferença entre sexo. *Revista de Psicologia e Saúde* 2014;2(2):42-9.

THE KIDSCREEN GROUP EUROPE. The KIDSCREEN questionnaires: quality of life questionnaires for children and adolescents. Germany, Pabst Science Publishers. 2006.

TONDO, ROMULO; RHODEN, JULIANA LIMA MOREIRA; RHODEN, VALMOR. “Chega de bullying”: um olhar sobre a mobilização de crianças e adolescentes contra o bullying na internet. *Temática*, v. 12, n. 01, 2016.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A Interface Psicologia Social e Saúde: Perspectivas e desafios. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.6,n.2, p.49-56, 2001.

TRAVESSOS, C.; VIACAVAL, F.; PINHEIRO, R.; BRITO, A. A utilização dos serviços de saúde no Brasil: gênero, características familiares e condição social. *Revista Panamericana de Salud Publica*, v. 11, n. 5/6, 2002.

VIANNA, J. A; LOVISOLO, H. R. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.25, n. 2, p. 285-296, abr./jun. 2011.

ZEQUINÃO, MARCELA., et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa*, v. 42, n. 1, 2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MULTIMODALIDADE EM INFOGRÁFICOS NO PINTEREST

MULTIMODALITY IN INFOGRAPHICS IN PINTEREST

Graziela Frainer Knoll (Universidade Franciscana)¹

Resumo: Neste trabalho, objetiva-se analisar infográficos com foco na metafunção composicional² (KRESS; van LEEUWEN, 2006) pela perspectiva da multimodalidade, visando compreender como se organizam as mensagens. O artigo é um recorte da pesquisa com 20 infográficos e apresenta a análise de dois infográficos da área da publicidade selecionados na plataforma *Pinterest*. A pesquisa é qualitativa, de método descritivo e interpretativo, com a análise multimodal dos textos segundo Kress e van Leeuwen (2006), com uso das categorias de framing, saliência, ideal e real, dado e novo. A análise demonstra o uso dos recursos de *framing* e saliência por diferentes tamanhos, cores, posição no *layout* e, principalmente, enfatiza como essas categorias desempenham um papel funcional nos textos.

Palavras-chave: Multimodalidade. Infográfico. Publicidade. Linguagem.

Abstract: In this work, the objective is to analyze infographics focusing on compositional metafunction (KESSESS, van LEEUWEN, 2006) from the perspective of multimodality, in order to understand how messages are organized. The article is a research cut with 20 infographics and presents the analysis of two advertising infographics selected on the Pinterest platform. The research is qualitative, descriptive and interpretive, with the multimodal analysis of the texts according to Kress and van Leeuwen (2006), using the categories of framing, salience, ideal and real, given and new. The analysis demonstrates the use of framing and protrusion features by different sizes, colors, position in the layout and, mainly, emphasizes how these categories play a functional role in texts.

Keywords: Multimodality. Infographic. Advertising. Language.

INTRODUÇÃO

A multimodalidade, característica dos textos que reúnem dois ou mais códigos sígnicos, como palavras e imagens (KRESS; van LEEUWEN, 2006), requer um enfoque que enfatize a verbo-visualidade dessas composições. Pelo fato de a produção e a interpretação de textos multimodais integrarem um processo complexo, uma vez que abrange diferentes modos de significação e uma multiplicidade de aspectos que compõem um universo sociocultural, são necessários estudos nesse sentido.

O objetivo geral deste estudo é analisar categorias da metafunção composicional (KRESS; van LEEUWEN, 2006) pela perspectiva da multimodalidade em infográficos da publicidade, com a finalidade de compreender como se organizam as mensagens. Assim, têm-

¹ Doutora em Estudos Linguísticos (UFSM), Mestre em Estudos Linguísticos (UFSM), Bacharel em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda e Licenciada em Letras, Língua Portuguesa (UFSM), Professora no curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: grazifk@yahoo.com.br

² A metafunção composicional, assim apresentada por Kress e van Leeuwen (2006), consiste em uma transposição ou adaptação da metafunção textual da Linguística Sistêmico-Funcional, proposta por Halliday (1985). Já a metafunção textual abrange os modos de organização e composição da mensagem, com foco no texto linguístico, a metafunção composicional enfatiza os modos de organização e composição dos textos multimodais.





se os seguintes objetivos específicos: analisar os recursos de *framing* e saliência da metafunção composicional nos infográficos selecionados; compreender como esses recursos se relacionam aos aspectos funcionais nos exemplares.

A análise feita neste trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla, com 20 infográficos da publicidade selecionados a partir de uma busca no *site Pinterest*. Como aporte teórico-metodológico, enfoca-se a multimodalidade a partir da *Gramática do Design Visual* de Kress e van Leeuwen (2006), que oferece categorias úteis para o estudo da significação nas mensagens.

INFOGRÁFICO

Conforme o Dicionário de Comunicação, o infográfico é uma criação gráfica que faz uso de recursos visuais (imagéticos) combinados com textos curtos a fim de apresentar, demonstrar ou explicar informações (RABAÇA; BARBOSA, 2002).

Segundo Peltzer (1993), um dos primeiros infográficos de que se tem registro foi publicado em 1806, no jornal inglês *The Times*, para ilustrar ou reconstituir um assassinato. Conforme Teixeira (2007), o infográfico, muitas vezes, pode ser utilizado para substituir textos ou até mesmo fotografias, e assim, explicar informações de maneira mais clara e objetiva, quando somente o texto verbal não seria suficiente.

Módolo (2007) explica que a utilização de infográficos começou a ser realizada para apresentar dados em editoriais de saúde, ciência e tecnologias. Entretanto, aos poucos, passou a integrar diversas áreas, como política, cultura, cidades e outros, devido a descoberta de sua eficácia ao transmitir mensagens. Ainda segundo a autora, infográficos estão no chamado primeiro nível de leitura, assim como fotografias, ou seja, geralmente são a porta de entrada para os textos, chamando atenção e fazendo com que os leitores depositem sua atenção e recebam completamente a mensagem.

Teixeira (2007) exemplifica como um infográfico deve ser composto, isto é, por meio de quatro elementos principais: título, texto de entrada com informações gerais, indicação de fontes e assinatura; além de diversos recursos visuais, como fotografias, tabelas, mapas e ilustrações. Isso permite que o infográfico transmita a informação completa favorecendo a compreensão de algo sem que texto ou imagem se sobressaia perante o outro.

Como um texto presente atualmente no meio *online*, é possível encontrar infográficos nas mais diversas plataformas de redes sociais, dentre elas, o *Pinterest*.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A PLATAFORMA DIGITAL *PINTEREST*

O *Pinterest* é uma plataforma digital criada em março de 2010, com o intuito de ser uma rede social destinada ao compartilhamento de fotos e vídeos em diferentes murais. É um site aberto ao público, o qual não é preciso, necessariamente, ter um cadastro para acessar os itens oferecidos. Disponibilizado tanto na versão para web quanto na versão para celular, e reconhecido por ter um layout simples e de fácil acesso, o *Pinterest*, segundo o próprio nome diz (*pin* e *interest*) é como uma “parede” virtual onde o usuário pode “pendurar” seus interesses e assuntos preferidos.

Atualmente, a página conta com mais de 150 milhões de usuários ativos mensalmente, sendo 70 milhões dos Estados Unidos, e o restante dos outros países, e também com 1 milhão de marcas anunciantes no site (TECHTUDO, 2017). Segundo dados do *Kleiner Perkins 2016 - Internet Trends*, realizado pelo *Statista*, o *Pinterest* liderou nas pesquisas de plataforma social entre os compradores *online*, sendo então a primeira e mais popular escolha de cerca de 55% dos usuários estadunidenses (KIM, 2016).

Ao acessar a plataforma, o usuário encontra uma interface para cadastro, o qual pode ser feito a partir do *e-mail*, do *Facebook* ou da conta *Google*. Feita a escolha do método e dispositivo de acesso, é realizada então a criação da conta e, logo após, o site disponibiliza uma página de opções de interesses. Dessa forma, o usuário seleciona aqueles de seu interesse. A partir disso, o site mostrará automaticamente as imagens em destaque relacionadas à escolha do usuário na página de navegação. A interatividade do site com seus usuários também é um diferencial para quem acessa essa plataforma.

No topo da página, pode-se encontrar uma ferramenta de busca em que se digitam Palavras-chaves ou nomes de usuários. Depois de buscar os assuntos de interesse, o indivíduo encontra diversas opções de imagens ou itens, chamados de *Pins*, que estão relacionados à sua busca. Os *Pins* são os *posts* publicados nas redes sociais e expostos no *Pinterest* pelos usuários. Ao clicar no item, é possível obter mais informações e detalhes. O *Pinterest* também oferece as opções de comentar e compartilhar, podendo ser esta última em outras redes sociais, ou no próprio site ao clicar em *Pin it* ou em *Salvar*.

O *site* também disponibiliza a oportunidade de o usuário criar o seu próprio *pin*, a partir de suas fotos, vídeos, lugares ou links da web. A partir disso, um novo *pin* é formado e exposto no perfil do criador, e permite assim que seus seguidores tenham acesso para compartilhar,





comentar e *repinar*. Por conter textos que são, principalmente, imagéticos, essa plataforma torna-se propícia para a análise das características multimodais das publicações compartilhadas.

MULTIMODALIDADE

A teoria da multimodalidade se insere no campo da semiótica social, que estuda as trocas de mensagens de maneira vinculada com o contexto. Com a *Gramática do Design Visual*, Kress e van Leeuwen (2006) forneceram aos estudos da linguagem um conjunto de categorias e opções de análise de textos multimodais. Essa gramática tem como base a *Gramática Sistêmico-Funcional*, ou seja, subjacente àquele instrumento de análise, estão as três metafunções (significados) que organizam a linguagem funcionalmente, propostas por Halliday (1985): as metafunções ideacional, interpessoal e textual.

A metafunção ideacional consiste no modo como se organizam as experiências de mundo na linguagem; a metafunção interpessoal abrange o modo como os participantes da interação se relacionam socialmente por meio da linguagem (as formas de aproximação ou afastamento em relação ao leitor, por exemplo); já a metafunção textual corresponde aos modos de organização do texto (HALLIDAY, 1985). Kress e van Leeuwen (2006) rerepresentam essas metafunções como representacional, interativa e composicional, respectivamente.

Os significados, nos textos, são construídos simultaneamente por essas três funções. Porém, conforme as particularidades do texto e do gênero textual analisado, uma função pode predominar sobre as outras. Neste estudo, pela necessidade de se limitar a pesquisa e por uma leitura prévia dos infográficos, a análise será centrada na metafunção composicional da linguagem.

Para este trabalho, foi estudada a metafunção composicional da linguagem, especificamente os conceitos de *framing* e *saliência*, categorias conceituadas por Kress e van Leeuwen (2006) e explicadas na metodologia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo é de natureza qualitativa, com uso do método exploratório, que é a “fase inicial da pesquisa; busca o levantamento bibliográfico sobre o tema, com o propósito de identificar informações e subsídios para definição dos objetivos, determinação do problema e definição dos tópicos do referencial teórico” (MICHEL, 2015, p. 48).





Para a coleta dos exemplares, foram inseridos simultaneamente, no *site* da rede social *Pinterest*, em seu campo de busca, os vocábulos “infográfico”, “publicidade” e “digital”, no mês de agosto de 2017. Como a busca retornou diversos resultados, utilizaram-se os seguintes critérios de inclusão: infográficos escritos na Língua Portuguesa do Brasil e infográficos com textos legíveis (resolução de imagem suficiente para a leitura). Foram incluídos na seleção dois dos primeiros resultados retornados (Quadro 1).

Quadro 1. Corpus da pesquisa.

Leg.	Título/subtítulo
C1	“ <i>Inbound Marketing</i> em 4 etapas”
C2	“O tamanho ideal de todas as suas postagens <i>online</i> ”

Fonte: Elaboração própria.

Utilizou-se o método descritivo e interpretativo, com a análise multimodal dos infográficos. A multimodalidade foi analisada a partir da *Gramática do Design Visual*, de Kress e van Leeuwen (2006), que oferece um instrumental relevante para este estudo, com foco na metafunção composicional da linguagem. Nessa metafunção, foram analisadas as categorias de *framing* e *saliência* até o momento. Para tanto, considerou-se o seguinte:

- *Framing* – molduras, linhas, relações entre o espaço negativo e positivo, continuidade e descontinuidade nas cores;
- *Saliência* - hierarquia das informações com base nos elementos que se destacam visualmente.

Os procedimentos de análise foram os seguintes: a) leitura prévia dos infográficos; b) observações quanto à finalidade de cada infográfico; c) identificação e análise das categorias de *saliência* e *framing*, da metafunção composicional; d) interpretação dos resultados.

ANÁLISE DE INFOGRÁFICOS

Esta seção apresenta a análise multimodal de dois exemplares selecionados, que se encontram, na íntegra, nas páginas seguintes. Quanto ao contexto de publicação, são infográficos que estão disponíveis no *Pinterest* e podem ser salvos na própria rede social, virtualmente, ou no dispositivo de uso (*notebook*, *tablet* ou *smartphone*, por exemplo) do usuário. A plataforma funciona como um espaço de interação entre os usuários por meio dos textos, dos comentários e dos *pins* salvos.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A função dos exemplares é sintetizar, por meio de recursos verbais e visuais, conteúdos relacionados à publicidade: C1 explica o *Inbound Marketing* em quatro etapas; C2 esclarece o tamanho ideal para as postagens *online*.

Sobre as características multimodais, observou-se que ambos contêm textos verbais e imagéticos, como é próprio dos infográficos, com variações na quantidade de informação visual ou verbal de um texto para outro. O formato dos infográficos é verticalizado, ou seja, eles têm altura maior do que a largura, o que pode ser explicado pela mídia e plataforma de acesso (Figura 1).





ou separam as molduras. A função desse recurso no infográfico é organizar e segmentar as informações, especialmente aquelas colocadas lado a lado, reforçando visualmente a relação entre subtítulos e conceitos correlatos. Já C2 tem o *framing* na forma de retângulos coloridos e, na parte superior, sob o título do texto, em uma mancha gráfica. Esse recurso tem, novamente, a função de organizar o infográfico por meio da categorização visual das informações (KRESS; van LEEUWEN, 2006).

Na saliência, que corresponde à hierarquia visual dos elementos no *layout*, encontraram-se com maior destaque: título e subtítulos (C1 e C2), numeração com hashtags (C1), ícones decorativos (C1 e C2) e molduras coloridas sobre fundo neutro (C2). Esses elementos foram salientados, principalmente, pelo tamanho maior do que os outros elementos dos textos, pela posição (superior ou inclinada, contrastando com a ordenação linear do restante dos textos) ou pela cor, como nas molduras de C2. A função desses recursos de saliência é estabelecer quais áreas dos infográficos contêm o valor informativo principal ou por onde se deve iniciar a leitura.

Além disso, constatou-se que a hierarquia visual dos elementos multimodais contribui para estabelecer se a função das imagens é apoiar um texto verbal ou reunir o núcleo da informação. Nesse aspecto, os títulos verbais das seções e dos enquadramentos predominam como salientes em relação às imagens. Em C1, os ícones são essencialmente decorativos, já em C2, em que há a representação visual dos aplicativos de redes sociais, o componente verbal e o componente imagético se complementam no sentido do texto.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS DO ESTUDO

A rede social *Pinterest* funciona como uma plataforma para a troca de mensagens. A análise multimodal a partir dessa plataforma priorizou, como são próprios dessa mídia digital, textos do gênero infográfico, com destaque para os recursos de *framing* e saliência. O *framing* mostrou-se fundamental para organizar e hierarquizar as informações presentes nas mensagens. Já a saliência, demarcada por diferentes tamanhos, posições dos elementos verbais e imagéticos e cores, contribui para o percurso de leitura e a organização dos textos.

É importante ressaltar que esses dados estão em conformidade com o que Kress e van Leeuwen (2006) sistematizam para a metafunção composicional da mensagem, sendo acrescentadas particularidades referentes às funções comunicativas dos textos analisados: no caso de C1, fornecer um passo a passo das etapas do *Inbound Marketing* e, em C2, ilustrar e classificar tipos de imagens na *web*. Assim, os aspectos referentes à metafunção composicional,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

nos textos analisados, estão vinculados a funções comunicativas específicas, tais como modos de organização a mensagem, clareza da informação, síntese de apresentação de dados e caráter explicativo ou demonstrativo desse gênero textual.

REFERÊNCIAS

HALLIDAY, Michael A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

KIM, Eugene. **Pinterest is blowing away Facebook, Instagram and Snapchat in one important area**. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/pinterest-is-the-top-social-network-among-online-shoppers-2016-6>>. Acesso em: 12 agosto 2017.

KRESS, Gunther; van LEEUWEN, Theo. **Reading Imagens: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MÓDOLO, Cristiane Machado. Infográficos: características, conceitos e princípios básicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12., 2007, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0586-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2017.

PELTZER, Gonzalo. **Jornalismo iconográfico**. Lisboa: Planeta, 1993.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gilberto. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 2002.

TECHTUDO. **Use Pinterest na web ou em seu dispositivo móvel Android ou iOS**. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/Pinterest.html>. Acesso em: 10 jun. 2017.

TEIXEIRA, Tattiana. A presença da infografia no jornalismo brasileiro – proposta de tipologia e classificação como gênero jornalístico a partir de um estudo de caso. **Fronteiras: estudos midiáticos**, v. IX, n. 2, p. 111-120, maio/ago 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5749-14671-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SÃO BORJA CONECTADA: UMA WEBSÉRIE SOBRE O AMBIENTE URBANO

SÃO BORJA CONECTED: A WEBSERIE ABOUT NA URBAN ENVIRONMENT

Greice Pinto Meireles (Universidade Federal do Pampa)¹

Sara Alves Feitosa (Universidade Federal do Pampa)²

Resumo: O artigo relata a produção da websérie “São Borja Conectada”, que discute sobre as ambivalências dos conceitos de cidade criativa e cidade inteligente, entendendo-a como conteúdo criativo. O objetivo é apresentar o processo de produção quanto às escolhas estéticas, de linguagem e de vozes. A realização da websérie se justifica por ter um formato mais livre na produção de conteúdo, articular em linguagem simples uma temática complexa, real e em pauta na atualidade, que propõe uma transformação e visa à reflexão sobre as relações dos indivíduos e a cidade, bem como por sugerir a articulação dos setores de inteligência nela. A base teórica articula os conceitos de Cidade Criativa e Cidade Inteligente e a contextualização do cenário retratado. A metodologia aplicada para produção da websérie utiliza as discussões de Guto Aeraphe, José Julian Gomes Souza e Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeiras. Por fim, como resultado tem-se sete websódios veiculados na plataforma *Facebook*, os quais tiveram índices relevantes de visualização e compartilhamento.

Palavras-chave: Websérie. Indústria Criativa. Cidade Criativa. Cidade Inteligente. Conteúdo Criativo.

Abstract: The article reports the production of the "São Borja Conectada" webseries, which discusses the ambivalences of the concepts of creative city and intelligent city, understanding it as creative content. The goal is to present the production process regarding aesthetic choices, language choices and voices. The realization of the webseries is justified by having a freer format in the production of content, articulating in simple language a complex, real and current theme, which proposes a transformation and aims at reflection on the relations of individuals and the city as well as for suggesting the articulation of the intelligence sectors in it. The theoretical basis articulates the concepts of Creative City and Intelligent City and the contextualization of the scenario portrayed. The methodology applied to the production of the webseries, uses the discussions of Guto Aeraphe, José Julian Gomes Souza and Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeiras. Finally, as a result there are seven websodes served on the Facebook platform, which had relevant indexes of viewing and sharing.

Keywords: Websérie. Creative Industry. Creative City. Smart City. Creative Content.

INTRODUÇÃO

A websérie “São Borja Conectada” é uma produção audiovisual seriada desenvolvida para ser veiculada na web, tem como tema as relações urbanas de planejamento, produção de conhecimento, criatividade, cultura e tecnologia. Produzida em sete websódios³, cada um trata sobre determinado aspecto a ser considerado em uma cidade inteligente.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC/Unipampa). E-mail: meireles.greice@gmail.com.

² Professora Dr.^a no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC/Unipampa). E-mail: sarafeitosa@unipampa.edu.br.

³ Aglutinação das palavras episódio e web, refere-se a episódios criados para web, terminologia adotada pelo pesquisador em webséries não-ficcionais e produções transmídia, Fernando Irigaray.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Tem como objetivo provocar os habitantes da cidade de São Borja à reflexão sobre o ambiente urbano contemporâneo, sob a perspectiva dos conceitos de Cidade Criativa e Cidade Inteligente, bem como suas cinco dimensões: Governança, Inovação, Sustentabilidade, Inclusão e Conectividade (SELADA, 2010). Sem pretensão de rotular São Borja nestes termos conceituais, mas identificar, fomentar e incentivar o potencial de práticas que já existem e podem gerar outras práticas para uma cidade melhor, além de entender como as dimensões se relacionam na aplicabilidade cotidiana. A partir dessas ideias, a proposta da websérie é pensar se ao ambiente urbano são-borjense cabe à discussão e se há potencial de aprimorar práticas de cidade criativa e inteligente.

O AMBIENTE URBANO CONTEMPORÂNEO: SÃO BORJA

O cenário da websérie é um município do interior do Rio Grande do Sul, São Borja, que tem a estimativa populacional de 62.808 habitantes, na área urbana. Um dos núcleos habitacionais permanente mais antigo do estado, de nativos jesuítas espanhóis e índios guaranis. São muitos os títulos lhe atribuídos: Cidade Histórica; Terra dos Presidentes: instituída pela Lei estadual 13.041/2009, pois é onde nasceram Getúlio Vargas e João Goulart; Fronteira: por ser território de divisa entre o Brasil e a Argentina; Missioneira: Redução de São Francisco de Borja, pertencente aos Sete Povos das Missões Jesuítico-Guarani; além de Berço do Trabalho; Terra de Valor; Noiva do Rio Uruguai, conforme o hino municipal; Capital do Linho; do Trigo; da Produção e do Fandango, este mais recentemente. Como as demais cidades brasileiras, tem desafios urbanos a enfrentar, pretende ampliar indicadores de desenvolvimento econômico e social, com a finalidade de aumentar a competitividade regional entre municípios. É uma típica cidade interiorana, sua extensão física é plana, índice de quantitativo populacional mediano. Além do potencial cultural, comporta instituições sólidas e que produzem conhecimento com 55 estabelecimentos de ensino dentre públicos e privados, que se configuram como setores de produção de inteligência coletiva⁴, inclusive com produção de conhecimentos específicos sobre a cidade de São Borja e foco no desenvolvimento regional. O que faz com que a produção da websérie seja uma peça importante para catalisar as iniciativas e potencial, que ainda não se percebeu e nem se articulou como estratégia de desenvolvimento do setor criativo.

⁴ Trabalhamos com a perspectiva de Pierre Levy.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O TEMA: CIDADE CRIATIVA E CIDADE INTELIGENTE

As discussões referentes ao ambiente urbano e seu planejamento são relativamente recentes no Brasil, tendo como marco a criação do Estatuto da Cidade, em 2001, e a Carta Mundial do Direito à Cidade elaborada no Fórum Social Mundial de 2005 (CASTRO, 2014, p. 290). Ambos os instrumentos colocam em evidência a cidadania e a instituição de políticas urbanas de ordem pública e de interesse social, de forma democrática, a fim de promover o bem-estar dos cidadãos e coletivo, bem como a segurança e o equilíbrio ambiental para criar estratégias de inovação e desenvolvimento em âmbito municipal. Em meio a tais estratégias pensadas, surgem estudos que resultaram nos conceitos de Cidade Criativa e Cidade Inteligente. Enquanto uma propõe uma inventividade urbana de cunho administrativo e social em torno do potencial criativo dos cidadãos e gestores, a segunda, pensa a urbe a partir de cinco dimensões dando ênfase para práticas de inovação, conhecimento e criatividade, nisso, usa a tecnologia como instrumento para planejamento e colaboração de diversos atores nos processos públicos.

Richard Florida (2002), indica as condições para o desenvolvimento de uma Cidade Criativa, os “3 Ts”: tecnologia, talento e tolerância. Nesta perspectiva, partindo do princípio da mobilidade da classe criativa, segundo o autor, os indivíduos criativos procuram lugares que sejam propícios e ligados a seus interesses particulares de estilo de vida e que inspirem mais criatividade, assim as empresas se movem em busca desses indivíduos criativos, dotados de talento. De acordo com o pesquisador, não só os grandes centros reúnem essa classe criativa, “várias regiões de menor porte estão entre as que mais concentram indivíduos da classe criativa” (2002, p. 236), cita inúmeros exemplos norte-americanos e encerra que “várias dessas regiões [de pequeno porte] sediam grandes universidades, instituições de pesquisa ou governos estaduais que certamente contribuem para seu prestígio entre integrantes da classe criativa” (2002, p. 236). Entende-se que, a classe em questão, também procura conhecimento, além de ambientes favoráveis a imaginação e inspiradores, a ciência atraí esses indivíduos e da mesma forma provoca a curiosidade e inovação. Nesta linha, Charles Landry (2011, p. 10) coloca pontos a ser considerados como a valorização da cultura, conexão e gestão adequada desses recursos e potencial de desenvolvimento econômico. Assim como, criar políticas públicas transdisciplinares, estimular a participação cidadã, bem como reformular o sistema de educação e aprendizagem, incitar a criatividade, já que esta adentra em todos os demais campos. A forma como a cidade lida com infraestruturas *hard* (estrutura física: bairros, parques, edifícios, casas)





e *soft* (diz respeito à capacitação de trabalhadores para pensar, criar e inovar de forma dinâmica), as quais promovem as ideias para atrair indivíduos que buscam conhecimento, incentivar o uso de espaços abandonados, criar locais de convívio, manifestação e busca de soluções criativas em toda sociedade e economia. Ana Carla Fonseca Reis (2012, p. 70), além dos pontos abordados por Landry, identificou outro, a inovação, que pode ser desde criação de uma moeda circulante em uma determinada comunidade até outras formas de organização em comunidade, formação de centros culturais civis ou empreendimentos tecnológicos.

As tecnologias da informação e comunicação (TICs) passam a ser vistas como a chave da engrenagem de diversos movimentos em prol do bem estar social. Segundo Anthony Townsend, as Cidades Inteligentes podem ser entendidas a partir da ideia de que as TICs funcionam como o sistema nervoso da cidade, cujo mínimo conflito ou desgaste, é capaz de gerar alerta e identificação do problema. Tanto Townsend (2013) como o André Lemos (2015, p. 26) mencionam a conectividade das coisas/objetos – Internet das coisas – e o tratamento de um volume de dados em rede – Big Data – como os principais instrumentos utilizados na inteligência das cidades. Santaella avalia que os big datas são ferramentas “iminentes para suportar a vida urbana” (2016, p. 33), que oportunizam repensar uma “governabilidade a partir de um modelo mais aberto, transparente, democrático e responsivo” (2016, p. 33-34), mas que há ambivalências, das quais o ponto de contraste está na vigilância e controle da privacidade, no “rastreamento de nossas experiências vividas” (2016, p. 35), tudo o que consumidos, nossos interesses e hábitos geram dados relatórios, porém não temos a dimensão de quem terá acesso a eles. O Índice De Cidade Inteligente – Portugal (SELADA, 2012), define cinco dimensões para uma cidade inteligente: Governança, Inovação, Sustentabilidade, Inclusão e Conectividade⁵.

WEBSÉRIE COMO CONTEÚDO CRIATIVO E RELATO DA PRODUÇÃO

As novas tecnologias da informação e da comunicação e a internet alteram o ritmo de vida das pessoas, também a maneira com que se relacionam com os aparatos midiáticos, o modo em como se procura informação e entretenimento. A websérie corresponde a tal momento se configurando como conteúdo criativo quando apresenta um tema contemporâneo e complexo,

⁵ Para maior compreensão ver SELADA, 2010. Disponível em: <http://www.inteli.pt/pt/go/indice-cidades-inteligentes-2020>





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

em que os estudos ainda são incipientes. O formato permite articular didaticamente os conceitos de Cidade Criativa e Cidade Inteligente, ambos construídos de maneira distinta, mas que na produção e na aproximação prática dessas experiências na urbe, observam-se pontos convergentes como iniciativas que propõem o uso da criatividade, produção de conhecimento e inovação. Nesse sentido, tem-se a “São Borja Conectada”, um produto inovador ao retratar o cenário cotidiano deste tempo, em sua complexidade de relações, por evidenciar a diversidade de atores, dar visibilidade a contextos distintos e desigualdades de acesso a serviços existentes em cidades de pequeno e médio porte, bem como táticas de minimização destas, com produções de conhecimento que prosperam mesmo assim, também por perceber as dimensões que dialogam para se tornarem mais efetivas. O formato websérie dá conta de apresentar esse panorama, trazendo exemplos análogos e próximos, com liberdade de abordagem e estética, capazes de construir narrativas em linguagem coloquial e híbrida.

É nessa conjuntura que emergem a websérie (AERAPHE, 2013; DE SOUZA; CAJAZEIRA, 2015), entendida como um texto narrativo produzido em linguagem audiovisual, de forma serializada, cujos episódios podem ser ou não independentes, ficar disponíveis para acesso e circulação nos espaços da web e armazenados em sites de hospedagem de vídeos. A websérie detém características próprias, quando se apresenta de forma seriada, organizada e com duração específica, surgiu a partir das séries de TV norte-americana, outras apropriações advindas do webjornalismo, que já são diretamente adquiridas em virtude do ambiente de veiculação que é a internet, como narrativa hipertextual, o processo de interação e a possibilidade de multimídia (DE SOUZA; CAJAZEIRA, 2015, p. 7). A websérie “São Borja Conectada” foi concebida em formato de websérie em linguagem documental, ao trabalhar com situações reais que envolvem uma cidade, para isso usa-se uma abordagem híbrida, já que mescla os modos expositivo, observativo e performático, definidos por Bill Nichols (2009). Para a produção, iniciou-se com a busca de vozes a partir das instâncias que compõe a cidade. Organizou-se uma relação das iniciativas, classificadas de acordo com as cinco dimensões da cidade inteligente descritas por Selada (2010): Governança, Inovação, Sustentabilidade, Inclusão e Conectividade. Buscaram-se as vozes de mais representatividade e outras de iniciativas menos conhecidas, além de contextualizar na voz de algum pesquisador brasileiro de referência nos temas abordados como no websódio de Cidade Criativa, em que participa a pesquisadora Ana Carla Fonseca Reis e no de Cidade Inteligente, o professor e





pesquisador em Cibercultura, André Lemos. Assim, com 32 pessoas entrevistadas, foi elaborada em sete websódios, disponibilizados diariamente entre os dias 18 a 26 de dezembro de 2017 (sem veiculação no final de semana dos dias 20 e 21), com as temáticas e ordem na sequência:

Tabela 1. Panorama da websérie

Websódio	Tema	Estética/Abordagem	Tempo
01	Cidade criativa	Animação/Expositivo	06'25''
02	Cidade inteligente	Animação/Expositivo	07'07''
03	Governança	Documental/Híbrido	11'52''
04	Inovação	Documental/Híbrido	15'27''
05	Sustentabilidade	Documental/Híbrido	15'57''
06	Inclusão	Documental/Híbrido	15'24''
07	Conectividade	Documental/Híbrido	15'07''

Fonte: Elaboração das autoras

Os websódios “Cidade criativa” e “Cidade inteligente” seguem os princípios do Método SDR - Simpatia, Desafio e Resolução - (AERAPHE, 2013, p. 56), cujo momento inicial busca contextualizar o assunto abordado, explicando a ideia mais básica dos conceitos aproximando da realidade de cidade pequena e de médio porte, segue para a reafirmação do assunto pelos pesquisadores que já apontam os desafios e ambivalências possíveis, depois se busca mencionar e mostrar experiências efetivas que estão funcionando, por último agrega os fatores principais num entendimento sintético. Os websódios sobre as dimensões também seguem o Método SDR, inicia-se com a explicação da dimensão do entendimento de um especialista na área e dos atores envolvidos nela no âmbito da cidade de São Borja, na sequência desdobramentos da dimensão, pontos positivos e negativos e por fim a tentativa de como conduzir da melhor forma os processos que envolvem a dimensão tratada.

Quanto ao aspecto visual, para as animações optou-se pelo *motion graphics*⁶ devido os conteúdos serem complexos e exigirem uma estética que pudesse, de forma mais fácil e dinâmica, articular com imagens e recursos como o *lettering*. É uma ferramenta viável tanto financeiramente quanto em questões de técnica, facilitadas pela democratização dos instrumentos de produção. Na etapa de veiculação, usou-se plataformas como *YouTube*, *Facebook* e *Wix*, a seguir o detalhamento da função de cada uma delas. Apesar do canal no *YouTube* também hospedar meus arquivos audiovisuais, dispor de funções interativas, de hipertextualidade e permitir mensurar o quantitativo de visualizações, a página no *Facebook*

⁶ Recurso audiovisual que mescla princípios de design e cinema.



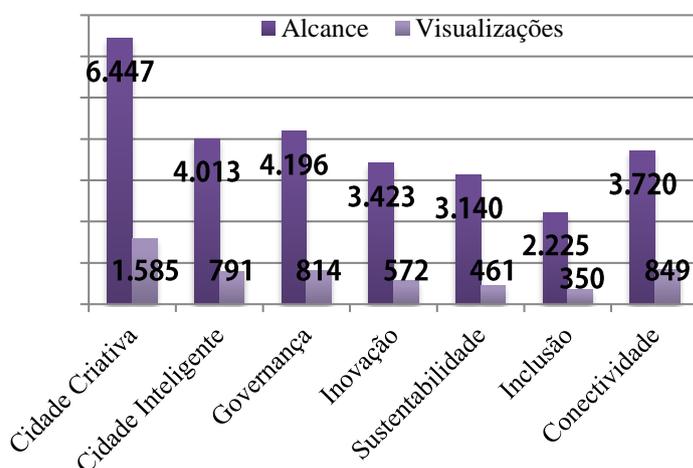


foi trabalhada como a plataforma principal (www.facebook.com/SBConectada), pois proporciona a intensificação da interatividade por curtidas, reações, comentários, compartilhamentos, além de permitir agregar público de amigos a partir de quem curte a página e os conteúdos dela. Já o site na plataforma *Wix*, com o domínio www.saoborjaconectada.wixsite.com/webserie, desempenha o papel de agregar conteúdos relacionados à produção e também oferecer links para as iniciativas mapeadas.

RESULTADOS

Como consequência da produção, foi possível mapear atividades atuais de Indústria Criativa e práticas de uma Cidade Inteligente em São Borja, além das 25 são retratadas nos websódios, outras 19 mapeadas não foram incluídas e na sua maioria pertencentes à dimensão de Inclusão e vinculadas às IES. Isso mostra que, para uma cidade do interior, São Borja possui um número considerável de ações. Com base nos dados produzidos pelo *Facebook*, observa-se um panorama geral do desempenho quanto ao alcance e visualizações dos websódios, demonstrados abaixo.

Gráfico 1. Panorama geral de alcance e visualizações



Fonte: Elaboração das autoras

Obteve-se êxito em alcançar instituições sólidas na cidade, que têm um grau de influência e são instâncias de tomada de decisão política e de mercado. O prefeito municipal compartilhou em sua página de Figura Pública, no *Facebook*, o websódio Governança, mostrando-se receptivo e consciente da importância do debate. A Associação Comercial, Industrial, de Prestação de Serviços e Agropecuária de São Borja – ACISB – também se revelou interessada





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

na discussão ao propor que fossem exibidos todos os websódios, um a cada encontro mensal com o empresariado local. Os idealizadores da websérie também receberam convites para parceria com o Sesc/RS de São Borja, de uma agência de Publicidade e Propaganda e de um provedor de internet locais. A websérie foi aceita pelo público são-borjense, um dos comentários na página dizia que o trabalho era um “trampolim”, ou seja, foi entendida como primeiro passo para um movimento maior, estando de acordo com a de gerar tais provocações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este artigo, em que se buscou lidar com as noções implicadas à websérie como conteúdo criativo, entendendo-a como um audiovisual intrínseco à indústria criativa, que enquanto produto também se materializa como bem simbólico por tratar sobre a realidade cotidiana e contemporânea de uma cidade e iniciativas que a transformam de forma inteligente. Enquanto formato que nasceu da convergência digital, propiciada pela expansão das novas tecnologias, quando a própria televisão passou a produzir conteúdos complementares ou híbridos para a internet ao perceber a mudança de hábitos de consumo midiático do espectador. Assim, o formato se configura por uma abordagem e estética mais livre na produção de conteúdo, o que foi considerado fundamental para produzir a “São Borja Conectada” com fim de articular, em linguagem acessível, uma temática da realidade, complexa e em pauta atualmente, pois propõe uma transformação e visa à reflexão sobre as relações dos indivíduos e a cidade, bem como dar visibilidade as vozes que estão envolvidas no processo e até sugerir a articulação dos setores de inteligência no ambiente urbano.

REFERÊNCIAS

AERAPHE, Guto. **Webséries: criação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2013.

CASTRO, Ana Cristina de.; CASTRO, Cláudia Osório de. **Gestão pública contemporânea**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

DE SOUZA, José Jullian Gomes; CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. Mas afinal, o que é uma websérie documental? Intercom. 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1215-1.pdf>> Acesso em 02 abr 2018.

FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/L7D>>. Acesso em: 22 jan 2018.

LANDRY, Charles. **Origens e futuros da cidade criativa**. São Paulo: SESI-SP, 2013.

LEMOS, André. Cidades inteligentes no Brasil: experiências em curso de Búzios, Porto Alegre e Rio de Janeiro. **Revista Comunicação Midiática (online)**. v.10, n.3, p.21-39, set/dez 2015, Bauru. Disponível em: <<https://goo.gl/gFjqo9>> Acesso em: 05 abr 2018.

NICHOLS, Bill; MARTINS, Mônica Saddy. **Introdução ao documentário**. Papyrus Editora, 2009.

PREFEITURA DE SÃO BORJA. **Hino do Município de São Borja**. Disponível em: <http://www.saoborja.rs.gov.br/images/stories/cidade/Hino_letra_SaoBorja.pdf>. Acesso: 04 jul 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BORJA. Turista. **História**. 2017. Disponível em: <http://www.saoborja.rs.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=66&Itemid=1329> Acesso em: 04 jul 2017.

REIS, Ana Clara Fonseca. **Cidades Criativas**: Análise de um conceito em formação e da pertinência da sua aplicação à cidade de São Paulo. 2012. 312f. Tese de doutorado em Planejamento Urbano e Regional - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-08042013-091615/>>. Acesso em: 02 jan 2018.

SANTAELLA, Lucia. As ambivalências das cidades inteligentes. In: SANTAELLA, Lucia (Org.). **Cidades inteligentes**: por que, para quem? 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016, p. 24-37.

SELADA, Catarina (Orgs). **Índice de Cidades Inteligentes – Portugal**. Ed 1. INTELI – Inteligência em Inovação. Lisboa: Europress, 2012.

TOWNSEND, Anthony M. **SmartsCities**: Big data, civic hackers, and the quest for a new utopia. New York: W. W. Norton & Company, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

APRENDIZAGEM PROFISSIONAL NO CENÁRIO BRASILEIRO ATUAL

Aprendizaje profesional en el cenario brasileño actual

Iasmini Bellaver Dambros (Feevale)¹

Resumo: Este artigo visa apresentar a Aprendizagem Profissional e como esta vem se efetivando no Brasil. Assim, o conceito de juventudes é apresentado, bem como a questão do desemprego juvenil. A pesquisa teve cunho qualitativo e delineamento exploratório, sendo selecionados artigos científicos encontrados nas bases de dados da Google Acadêmico e Scielo, livros e pesquisas oficiais de órgãos governamentais e privados. Identificou-se que a inserção de jovens no mercado de trabalho por meio de programas de aprendizagem profissional ainda apresenta baixa efetividade tendo em vista o desacato a legislação por parte das empresas, sendo pontuadas as ações dos Fóruns de Aprendizagem Profissional criados para auxiliar na efetivação do cumprimento da Lei da Aprendizagem Profissional. Ainda, salienta-se a importância da vinculação em programas de aprendizagem profissional como forma de fomento dos processos de trabalho qualificado e promovendo a cidadania.

Palavras-chave: Juventudes. Aprendizagem Profissional. Trabalho. Desemprego.

Resumen: Este artículo busca presentar el Aprendizaje Profesional y cómo ésta se está realizando en Brasil. Así, el concepto de juventudes se presenta, así como la cuestión del desempleo juvenil. La investigación tuvo un carácter cualitativo y delineamiento exploratorio, siendo seleccionados artículos científicos encontrados en las bases de datos de Google Académico y Scielo, libros e investigaciones oficiales de organismos gubernamentales y privados. Se identificó que la inserción de jóvenes en el mercado de trabajo por medio de programas de aprendizaje profesional todavía presenta baja efectividad teniendo en vista el desacato la legislación por parte de las empresas, siendo puntuadas las acciones de los Foros de Aprendizaje Profesional creados para auxiliar en la efectivización del trabajo el cumplimiento de la Leve Aprendizaje Profesional. Además, se destaca la importancia de la vinculación en programas de aprendizaje profesional como forma de fomento de los procesos de trabajo calificado y promoviendo la ciudadanía.

Palabras-clave: Juventudes. Aprendizaje Profesional. Trabajo. Desempleo.

INTRODUÇÃO

No Brasil são identificados atualmente 51 milhões indivíduos na faixa etária entre 15 e 29 anos, os quais representam a maior população de jovens da história do país. Destaca-se que essa população não é homogênea tendo em vista as diferenças sociais, econômicas, políticas e culturais que perpassam suas vivências (SNJ, 2018). O termo “juventudes” vem sendo utilizado por diferentes autores com a intenção de salientar as diferenças entre as populações juvenis. Tais diferenças dizem respeito a questões relacionadas a distribuição de renda, gênero, cultura, território de moradia, ou outros tantos fatores que influenciam as vivências desses indivíduos. A juventude é analisada ainda enquanto condição social, influenciada pelo desenvolvimento

¹ Psicóloga, Especialista em Gestão Social, mestranda do PPG Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale. E-mail: mini.bellaver@gmail.com; Orientadora: Ana Luiza Carvalho da Rocha.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

físico, e alterações psíquicas, os quais apresentam-se de modo diferenciado para cada indivíduo (PERALVA, 1997).

Assim, a juventude deixa de ser percebida apenas pelo viés biológico, e passa a ser compreendida em sua complexidade, nas diferentes nuances socioculturais as quais estão envoltas por experiências, descobertas e possibilidades nos diversos campos da vida desses indivíduos. Desse modo, o contexto influencia na construção de sua identidade social, pois o jovem está implicado em uma sociedade dinâmica, não podendo ser ignorados os aspectos culturais e históricos que interferem nas significações feitas pelo jovem. Ainda, a permanência na condição de jovem é apresentada como um fator identificado na cultura moderna, na qual, o adiamento da entrada no mercado de trabalho com vistas a permanência por maior período em processos de educação formal tem se feito presente (PAIS, 2003).

Em relação a inserção laboral de jovens, Trevisan e Veloso (2007), apontam que as faixas etárias mais jovens são as mais afetadas pelo desemprego. Tal fato se deve em virtude da disparidade entre as vagas ofertadas e o perfil profissional do jovem, tendo em vista que o mercado de trabalho tem exigido maior capacitação e experiência, excluindo desse modo os jovens que não se enquadram nos requisitos estipulados. O Boletim Mercado de Trabalho, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, identificou que em 2016 a população na faixa etária entre 14 a 24 anos apresentou uma média de desemprego três vezes maior que a da população adulta. Sendo assim, no período avaliado, 27,2% dos jovens encontravam-se desempregados, já os adultos, na faixa etária entre 25 a 59 anos, apresentaram o índice de 9,1% de desemprego (IPEA, 2017).

Tendo em vista a expansão da população jovem brasileira, cabe pontuar que a capacidade de incluir jovens no mercado de trabalho diminui à medida que acréscimos populacionais ocorrem. Sendo assim, a redução de oportunidades de emprego mostra-se presente, gerando frustração aos que passam longos períodos em busca de uma inserção laboral, fomentando a competitividade, fato que reduz ainda mais as oportunidades de trabalho para os jovens pouco qualificados que buscam emprego visando superar a situação de vulnerabilidade em que se encontram (ANTUNES, 2009).

A situação do desemprego juvenil é pontuada por Pochmann (2007) o qual afirma que a relação entre juventude e mercado de trabalho foi ignorada pelo governo até meados de 1990, momento em que passou a ser problematizada devido ao significativo aumento na população





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

de jovens no país. Assim, tal situação passou a ter maior relevância e sendo alvo de políticas públicas devido ao elevado excedente em relação à mão de obra juvenil.

A legislação brasileira apresenta restrições em relação ao trabalho para jovens com idade inferior a 18 anos. Sendo assim, a Constituição Federal do Brasil (1988) proíbe qualquer trabalho para indivíduos com idade inferior a 14 anos. Ainda, apresenta a possibilidade de trabalho, exclusivamente na condição de aprendiz a jovens com idade superior a 14 anos. Permite ainda o trabalho formal a partir dos 16 anos, conforme as orientações da Organização Internacional do Trabalho. Salienta-se ainda que atividades caracterizadas como trabalho noturno, perigoso ou insalubre são proibidas a indivíduos com idade inferior a 18 anos. Assim, neste artigo, o foco se dá em relação à aprendizagem profissional, visando identificar como esta possibilidade legal vem sendo empregada no Brasil no cenário atual.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa o delineamento empregado teve cunho qualitativo, fazendo uso também de dados quantitativos visando desse modo ampliar a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais e institucionais, o contexto em que o tema pesquisado está inserido e as associações entre as variáveis (GIL, 2010).

Em relação à pesquisa desenvolvida, esta foi de caráter exploratório, o qual visou proporcionar uma melhor compreensão do problema a partir de revisão bibliográfica utilizando-se livros, e-books, artigos científicos e pesquisar nacionais, disponibilizados em bases de dados como a Scielo e sites oficiais de órgãos governamentais e privados, tendo em vista que o tema específico é pouco explorado (MINAYO, 2010). Os descritores utilizados na pesquisa foram: “aprendizagem profissional”, “cotas de aprendizagem”, “inserção produtiva de jovens”, “mercado de trabalho e juventude”, “dificuldades na inserção de jovens no mercado de trabalho”.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

No início da juventude são ofertadas as primeiras oportunidades de ingresso na vida laboral. A Constituição Federal (1988) apresenta a possibilidade de trabalho na condição de aprendiz à jovens com idade superior a 14 anos. No Brasil, a aprendizagem profissional é regulamentada pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT e passou por um processo de alterações e atualizações com a promulgação das Leis nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

11.180, de 23 de setembro de 2005, e 11.788, de 25 de setembro de 2008. Destaca-se que a aprendizagem profissional é percebida como um mecanismo de combate ao trabalho infantil pois com a proibição do trabalho a menores de 16 anos, ela é a única maneira de contratar adolescentes a partir dos 14 anos de idade, podendo ser estendida a jovens de até 24 anos na condição de aprendiz profissional e, nos casos de aprendizes com deficiência, não é estipulada idade limite (BRASIL, 2013). Assim, conforme a Lei nº 10.097/2000:

O contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao maior de quatorze e menor de dezoito anos, inscrito em programa de aprendizagem, formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação. § 1º A validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, matrícula e frequência do aprendiz à escola, caso não haja concluído o ensino fundamental, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob a orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica; § 2º Ao menor aprendiz, salvo condição mais favorável, será garantido o salário mínimo hora; § 3º O contrato de aprendizagem não poderá ser estipulado por mais de dois anos; § 4º A formação técnico-profissional a que se refere o caput deste artigo caracteriza-se por atividades teóricas e práticas, metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva desenvolvidas no ambiente de trabalho. (BRASIL, 2000, Art. 1º)

Assim, a aprendizagem profissional destina-se à formação técnico-profissional de jovens, a qual desenvolve-se por meio de atividades teóricas e práticas, sendo a complexidade das tarefas aplicadas de forma progressiva. Para que o jovem possa participar de um programa de aprendizagem, é necessário que se estabeleça um contrato de aprendizagem com uma entidade habilitada que desenvolva tal programa técnico-profissional, com orientação pedagógica e com atividades práticas coordenadas pela empresa (BRASIL, 2013).

As diretrizes gerais a respeito da aprendizagem profissional são descritas na Portaria nº 615 a qual salienta a primazia da qualificação social e profissional em conformidade com as demandas do mundo do trabalho e da sociedade, respeitando ainda às diversidades dos jovens os quais encontram-se em período de desenvolvimento psicossocial. Outro fator a ser levado em consideração é a formação teórica e técnica profissional a qual perpassa todo o processo de aprendizagem do programa. A frequência escolar, visando a evolução do nível de escolaridade do aprendiz ao longo da vinculação no programa de aprendizagem; o atendimento de jovens em suas diferenças regionais, raça, etnia, orientação sexual ou deficiência, que necessitem de manejo diferenciado no mercado de trabalho. Ainda, as diretrizes curriculares dos programas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

de aprendizagem devem contemplar a formação do aprendiz não só para o trabalho, mas também para o exercício da cidadania (BRASIL, 2007).

As entidades promotoras dos cursos de aprendizagem profissional deverão supervisionar as atividades, observando fatores como o público-alvo, número máximo de alunos, perfil socioeconômico, objetivos do programa. Ainda, a entidade organizará o programa de forma que o jovem possa adquirir conhecimento teórico e prático a respeito da atividade profissional de seu interesse, possibilitado uma adequada vinculação ao mercado de trabalho posteriormente. Conforme a Lei da Aprendizagem, toda empresa situada no território nacional, considerada de médio ou grande porte, tem a obrigação de cumprir uma cota de aprendizagem, a qual varia entre 5% e 15% em relação ao número de funcionários contratados (BRASIL, 2013).

Em relação às empresas nas quais a atividade laboral é enquadrada como perigosa, insalubre e/ou noturna, as quais são proibidas para indivíduos com idade inferior a 18 anos, a obrigatoriedade não deixa de existir, nesses casos, deverão contratar aprendizes com idade entre 18 anos a 24 anos, conforme previsão descrita na Lei 11.180. Outra possibilidade para tais empresas, é a contratação de jovens menores de 18 anos para a execução de atividades práticas, mantendo-se a proteção integral ao jovem, nas instalações da instituição profissionalizante onde o jovem está vinculado na formação técnico profissional (BRASIL, 2005).

Cabe destacar que a aprendizagem visa a criação de oportunidades tanto para os jovens, em busca de profissionalização e oportunidades de inserção laboral, aos quais ainda lhes é favorecida uma maior compreensão do mundo do trabalho, quanto para as empresas, as quais a partir dos programas de aprendizagem, garantem a formação de mão de obra qualificada. Porém, mesmo com a obrigatoriedade prevista na Lei nº 10.097 a qual determina a estabelecimentos de qualquer natureza a contratação do mínimo de 5% e máximo de 15%, de aprendizes, o cenário nacional demonstra desrespeito a tal determinação (BRASIL, 2013).

Conforme dados do Boletim da Aprendizagem Profissional, elaborado pelo Ministério do Trabalho, referente ao período que compreende janeiro a setembro de 2017, 310.989 jovens encontravam-se vinculados a programas de aprendizagem profissional no Brasil. Tal dado demonstra declínio no número de aprendizes contratados, número este que é monitorado desde 2005, ano da regulamentação da Lei da Aprendizagem Profissional pelo Decreto 5.598/2005, chegando ao seu ápice em 2014 com 404.376 contratações (MTE, 2017).





Tabela 1. Comparativo dos anos 2005 a 2017 de contratação de aprendizes profissionais.

Ano	Aprendizes admitidos	Ano	Aprendizes admitidos
JAN a SET 2017*	310.989	2010	201.097
2016	388.794	2009	150.001
2015	401.951	2008	134.001
2014	404.376	2007	105.959
2013	348.381	2006	81.464
2012	310.387	2005	57.231
2011	264.866	TOTAL	3.159.497

Fonte: MTE – Boletim da aprendizagem profissional. Base na Rais 2005-2015.

O Boletim da Aprendizagem Profissional apresenta ainda o quadro referente ao potencial de contratação, referindo-se à cota mínima estipulada em 5%, a qual deve ser respeitada pelas empresas de médio e grande porte, em relação a contratação de aprendizes por estado. Tal potencial de contratação é confrontado em relação ao número de aprendizes efetivamente contratados, gerando dessa forma um número percentual referente ao que é contratado em relação a totalidade que deveria ser respeitada segundo a legislação vigente (MTE, 2017).

Tabela 2. Comparativo entre estados do percentual de contratação de aprendizes profissionais.

Aprendizes admitidos de JAN a SET 2017				Aprendizes admitidos de JAN a SET 2017			
UF	Potencial*	Admitidos	%	UF	Potencial*	Admitidos	%
Acre	1.783	833	46,72	Paraíba	9.074	3.919	43,19
Alagoas	8.303	2.234	26,91	Paraná	60.024	19.537	32,55
Amapá	1.393	758	54,41	Pernambuco	30.627	8.890	29,03
Amazonas	11.253	4.315	38,35	Piauí	6.761	1.479	21,88
Bahia	39.253	13.800	35,16	Rio de Janeiro	82.609	27.854	33,72
Ceará	27.520	13.626	49,51	Rio Grande do Norte	9.365	3.373	36,02
Distrito Federal	18.636	5.999	32,19	Rio Grande do Sul	65.244	26.902	41,23
Espírito Santo	16.906	7.123	42,13	Rondônia	5.047	2.078	41,17
Goiás	26.923	10.952	40,68	Roraima	1.196	642	53,68
Maranhão	10.731	1.824	17,00	Santa Catarina	49.605	20.374	41,07
Mato Grosso	15.914	5.008	31,47	São Paulo	306.663	85.046	27,73
Mato Grosso do Sul	12.882	3.037	23,58	Sergipe	6.819	2.944	43,17
Minas Gerais	93.273	30.874	33,10	Tocantins	3.928	1.265	32,20
Para	17.999	6.303	35,02	Total	939.731	310.989	33,09

Fonte: MTE – Boletim da aprendizagem profissional. Base CAGED Jan. a Set. 2017.

Identifica-se desse modo, que o estado do Rio Grande do Sul apresentou em 2017 potencial de contratação de 65.244, porém efetivou apenas 26.902 aprendizes, deste modo, atendeu apenas 41,23% de seu potencial de contratação. Em comparação a média percentual nacional a qual é de 33,09%, o estado apresenta um resultado acima da média, porém, é fundamental que se avalie os fatores que levam a não observância da determinação legal em todo o território nacional (MTE, 2017).

Quanto a fiscalização do cumprimento das cotas de aprendizagem profissional, esta é realizada pelo Ministério do Trabalho, por meio de Auditores Fiscais do Trabalho, existindo desse modo previsão de penalidades nos casos de descumprimento da legislação em vigor. O Manual da Aprendizagem Profissional apresenta algumas penalidades como a aplicação de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

multas, regularização da estrutura física onde é realizado o processo de aprendizagem profissional, encaminhamento de relatórios com foco no cumprimento da Lei de Aprendizagem, garantindo de tal modo a proteção dos aprendizes, entre outras. Destaca-se que o processo de fiscalização ocorre em etapas, iniciando-se com o cruzamento de informações do Ministério do Trabalho, visado a identificação de irregularidades, a inspeção da instituição empregadora visando consultar a documentação do cumprimento da cota, após é realizada a autuação, com prazo para o cumprimento das cotas mínimas. Assim, na hipótese de mesmo com o prazo para adequação a empresa não tenha se regularizado, poderá ser encaminhada ao Ministério Público do Trabalho onde poderá ser realizado um termo de ajuste de conduta ou até mesmo uma ação civil pública contra a empresa (BRASIL, 2013).

Mazzeo (2009) pontua que para além da obrigatoriedade legal, há vantagens para os empregadores em relação a contratação de aprendizes, pontuado a questão do salário reduzido do aprendiz, além de salientar a contratação de mão de obra qualificada, específica para o ramo de atuação da empresa, tendo em vista que o após o processo de aprendizagem profissional o trabalhador já possui domínio sobre as atividades a serem desempenhadas e conhece o funcionamento da empresa. Assim, a empresa além de cumprir com a obrigatoriedade legal, afirma sua responsabilidade social na melhoria das relações laborais fomentando o desenvolvimento do país. Porém, Betetto (2012) refere que em alguns casos, quando a contratação é feita com base apenas na obrigatoriedade legal, os jovens participantes de programas de aprendizagem profissional encontram obstáculos no ambiente laboral pois, como possuem pouca experiência, e estão em um processo de aprendizagem profissional, exigem monitoramento de suas atividades e auxílio constante. Ainda, como os programas possuem prioridades para jovens em vulnerabilidade social, muitos apresentam baixa escolaridade, e dificuldades na disciplina para o trabalho. Assim, a obrigatoriedade da empresa em contratar, somada ao sentimento de ameaça em relação a vaga de trabalho de colegas, podem gerar um ambiente excludente para o jovem, o qual é visto como beneficiário de cotas e não como um integrante da equipe, como uma imposição do governo que vem apenas para perturbar e não como um profissional que pode contribuir com a equipe.

É fundamental a compreensão de que a atuação profissional desde a teoria até a prática profissional em si, repercutem diretamente nas percepções de vida desse sujeito, influenciando desse modo tanto em questões de saúde/doença, quanto na satisfação/insatisfação laboral e





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**

**DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

peçoal, tais aspectos são determinados pela relação que o jovem terá com o ambiente de trabalho e como ressignificará suas experiências. Deste modo, a aprendizagem profissional não deve tornar-se meramente uma inserção laboral precarizada, pautada pelo trabalho simplificado, mecanizado e temporário, e sim representar uma real qualificação na vida do aprendiz, favorecendo ainda o crescimento da empresa e o desenvolvimento econômico do país.

Com vistas melhorar o diálogo entre o poder público e os empregadores, além de auxiliar na fiscalização e efetivação do cumprimento da Lei da Aprendizagem Profissional, foi instituído por meio da Portaria do Ministério do Trabalho e Emprego nº 983 de 26 de novembro de 2008, a qual foi revogada e substituída pela Portaria nº 1.339 de agosto de 2012, o Fórum Nacional de Aprendizagem Profissional – FNAP, composto pelo Ministério do Trabalho e Emprego; Ministério da Educação; Ministério da Saúde; Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Secretaria Nacional da Juventude da Secretaria Geral da Presidência da República; Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; Ministério Público do Trabalho; Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil; Centrais Sindicais; Confederações; Conselhos; Instituições Formadoras do Sistema S; Instituições Formadoras Públicas de Educação Profissional e Tecnológica; Instituições Formadoras sem fins lucrativos; Representantes de Organizações da Sociedade Civil. O FNAP tem como objetivo promover o contínuo debate entre as instituições formadoras, órgãos de fiscalização e representação de empregadores e trabalhadores a nível nacional, com a finalidade de desenvolver, apoiar e propor ações de mobilização com foco no cumprimento da contratação de aprendizes, conforme disposto na CLT. Ainda tem o dever de monitorar e avaliar o alcance de metas de contratação e a efetividade na oferta de programas de aprendizagem profissional (BRASIL, 2012).

A partir da criação do FNAP alguns estados e regiões criaram seus próprios Fóruns de Aprendizagem Profissional, sendo destacada aqui as ações do estado do Rio Grande do Sul, o qual possui o Fórum Gaúcho da Aprendizagem Profissional – FOGAP, instituído por meio da Portaria do Ministério do Trabalho e Emprego nº 1.409 de 10 de agosto de 2009. O FOGAP é composto por entidades governamentais e não governamentais, sendo coordenado por um representante da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego, a qual presta apoio técnico e administrativo para a realização das atividades. O FOGAP, seguindo as bases do FNAP, visa promover o contínuo debate entre as instituições formadoras, órgãos de fiscalização e representação de empregadores e trabalhadores no estado do Rio Grande do Sul. Ainda, o





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FOGAP ao longo dos anos dedicou-se ao desenvolvimento, apoio e proposição de ações de mobilização pelo cumprimento da contratação de aprendizes, conforme previsto na legislação, monitorando e avaliando de tal modo a oferta de programas de aprendizagem profissional e o alcance das metas de contratação e efetivação (BRASIL, 2009). Recentemente mais um Fórum de Aprendizagem Profissional foi criado no Rio Grande do Sul, por meio da Portaria nº 79 de 31 de janeiro de 2018, instituiu-se o Fórum Regional da Aprendizagem Profissional de Caxias do Sul, ação que visa beneficiar toda a região da serra gaúcha, contemplando 43 municípios os quais integram a gerência executiva do Ministério do Trabalho na região (BRASIL, 2018).

Salienta-se ainda que a aprendizagem profissional é considerada um trabalho educativo, traduzindo-se em uma atividade laboral onde as exigências pedagógicas referentes ao desenvolvimento pessoal e social do aprendiz prevalecem sobre o aspecto produtivo do trabalho. Assim, na aprendizagem profissional, mais relevante que o emprego em si, é a formação teórica e técnica empregada no processo de aprendizagem, pois, a aprendizagem profissional é percebida como um instrumento de promoção da cidadania, a partir do qual as possibilidades de inserção laboral dos jovens é ampliada e fomentada visando a qualificação do trabalho, evitando de tal modo a cronificação da precarização das atividades laborais no país (BRASIL, 2013).

Compreende-se que o primeiro emprego simboliza uma experiência fundamental no desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens. Assim, a aprendizagem profissional objetiva proporcionar aos aprendizes a vivência no mundo do trabalho, primando pela qualificação profissional, garantindo a permanência do na formação escolar ao mesmo tempo em que realiza a inclusão no mercado de trabalho. Ainda, os programas de aprendizagem profissional devem prestar auxílio prático na escolha profissional, respeitando a legislação trabalhista em relação ao emprego com formalização na CTPS e base salarial, fatores que permitem ao jovem contribuir com a renda familiar, afastando-se de processos de marginalização (MAZZEO, 2009)

CONCLUSÃO

Identifica-se que o primeiro emprego possui importância fundamental na vida dos jovens, tanto por questões socioeconômicas, quanto pela importância do reconhecimento, característico desta fase do desenvolvimento, o que permitirá o planejamento e execução projetos de vida, sendo possível o acesso a bens de consumo e artefatos culturais, possibilidades essas que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

perpassam a subjetividade desse sujeito e desse modo a exclusão, ou inclusão excludente no mercado de trabalho, serão fatores de adoecimento para tais jovens, marcando de forma negativa a identidade dos mesmos. Compreende-se que a legislação avançou em prol da proteção do trabalho juvenil, tendo em vista a repercussão que as experiências de trabalho desencadeiam na vida do sujeito, porém, as ações de inclusão produtiva por meio da aprendizagem profissional ainda apresentam baixo alcance e efetividade uma vez que os índices de contratação aprendizes em todo o território nacional variam em torno de 33% em relação ao potencial de contratação devido das empresas de médio e grande porte.

A criação de Fóruns estaduais e regionais de Aprendizagem Profissional mostram-se como um avanço e um mecanismo para fazer valer o direito ao trabalho, a partir do diálogo entre órgãos governamentais, sociedade civil, instituições formadoras e empresas, visando atender as demandas de todos os interessados, primando pela efetivação da aprendizagem profissional. Assim, com a efetiva articulação entre os entes, será possível a realização de ações de conscientização e de vigilância, permitindo de tal modo que a iniciação no mercado de trabalho dos jovens, se dê conforme disposto na legislação, com as seguranças laborais exigidas, atividades compatíveis com a etapa do desenvolvimento dos jovens, favorecendo a permanência destes nos processos de escolarização e em caráter de aprendizagem profissional e não de exploração de trabalho. Dessa forma, será possível reduzir as desigualdades sociais em nosso país, favorecendo o rompimento do ciclo de pobreza ao passo em que os jovens possam ter seus direitos e liberdades fundamentais garantidas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 11. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BETETTO, Mariana de Freitas. **Representações sociais de jovens sobre trabalho**: uma análise construída a partir da formação profissionalizante e da experiência de primeiro emprego. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 10 mai. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Políticas de Juventude. **Lei 10.097/2000**. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/politicas_juventude/2000.htm>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Políticas de Juventude. **Lei 11.180/2005**. Institui o Projeto Escola de Fábrica e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111180.htm>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Políticas de Juventude. **Portaria nº 615/2007**. Disponível em: <http://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/p_20071213_615.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Políticas de Juventude. **Portaria nº 1.409/2009**. Disponível em: <<http://www.forumgauchoap.com.br/regimento/>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Políticas de Juventude. **Portaria nº 1.339/2012**. Disponível em: <http://www.trtsp.jus.br/geral/tribunal2/ORGAOS/MTE/Portaria/P1339_12.html>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Políticas de Juventude. **Portaria nº 79/2018**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/2018/01/31>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do Trabalho e Secretaria de Políticas Públicas de Emprego. **Manual da Aprendizagem**: o que é preciso saber para contratar o jovem aprendiz, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** (5ª ed.). São Paulo: Atlas. 2010.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Boletim Mercado de Trabalho**: conjuntura e análise, n. 62. Abr. 2017

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. (12ª ed.) São Paulo. Hucitec. 2010.

MTE. Ministério do Trabalho e Emprego. **Boletim da Aprendizagem Profissional**. 2017 Disponível em: <<http://www.centbrasil.org/images/blog/boletim-da-aprendizagem-profissional.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Lisboa: Âmbar, 2003

PERALVA, Angelina. **O jovem como modelo cultural**. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, ANPEd, 1997.

POCHMANN, Marcio. **A batalha pelo primeiro emprego**: as expectativas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SNJ. Secretaria Nacional da Juventude. **Plano Nacional de Juventude:** proposta de atualização da minuta do Projeto de Lei nº 4.530/2004/ Secretária Nacional de Juventude. Brasília : SNJ, 2018.

TREVISAN, Leonardo; VELOSO, Elza. **Gestão de competitividade e políticas públicas de formação de mão-de-obra:** o caso Centro Paula Souza. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 41, n. 5, 2007.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ANÁLISE TEXTUAL DA MÚSICA QUEIXA

TEXTUAL ANALYSIS OF THE MUSIC COMPLAINT

Ingrid Teixeira da Silveira (Feevale)¹

Resumo: Ferdinand de Saussure foi o fundador da linguística moderna. Observa-se que a linguística é a ciência que estuda a linguagem humana em todos os seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico. Ao longo do tempo, o conceito de texto teve diversas modificações e, com ele, diversas teorias surgiram com o intuito de auxiliar a análise do discurso de forma menos e/ou mais profundamente. O presente trabalho visa, a partir da obra “Teoria semiótica do texto” de Diana Luz Pessoa de Barros, a analisar a letra da música “Queixa” de Caetano Veloso, estabelecendo relação com a parte teórica de alguns autores como: Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Umberto Eco, entre outros.

Palavras-chave: Linguística. Texto. Semiótica. Música.

Abstract: Ferdinand de Saussure was the founder of modern linguistics. It is observed that linguistics is the science that studies human language in all its phonetic, morphological, syntactic, semantic, social and psychological aspects. Over time, the concept of text had various modifications and with it various theories emerged with the purpose of helping the discourse analysis less and / or more deeply. The present work has as objective, from the work "Theory semiotics of the text" of Diana Luz Pessoa de Barros to analyze the lyrics of the song "Queja" by Caetano Veloso, establishing a relationship with the theoretical part of some authors, such as: Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Umberto Eco, among others.

Keywords: Linguistics. Text. Semiotics. Music.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, utilizar-se-á da obra “Teoria semiótica do texto” de Diana Luz Pessoa de Barros como base para a análise textual da letra da música “Queixa”, de Caetano Veloso, ou seja, um signo verbal. Ademais, traçar-se-á uma trajetória contemplando alguns autores como Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin, Umberto Eco entre outros.

A linguística, anteriormente, foi um estudo empírico realizado por meio da observação dos gregos que formaram o instituto da gramática com o objetivo de estabelecer o que era certo e errado. A linguística tornou-se uma ciência, cujo objeto de estudo é a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico. Sabe-se que o fundador da linguística moderna foi o Ferdinand de Saussure que trouxe novos caminhos para a linguística com o seu estudo da língua (*langue*) e da fala (*parole*).

¹Mestranda Universidade Feevale. E-mail: ingridteixeiradasilveira@gmail.com





CONCEPÇÃO DE TEXTO

O conceito de texto acabou mudando ao longo do tempo e essa mudança é fruto de um processo de análises e reflexões linguísticas. No início, os conceitos de texto giravam em torno de como era organizado e como seu material linguístico era organizado, por exemplo, se havia sequência entre as frases, entre as palavras, entre os parágrafos do texto. Se determinada escrita fosse coerente, era considerada como um texto, pois tinha uma estrutura pronta e acabada, ou seja, naquela época o texto era um produto.

À medida que os estudos foram avançando, os linguistas notaram que o texto não existe fora de sua recepção e de sua produção, ou seja, ele não é apenas um produto, mas um processo. O sentido de um texto não está predeterminado, ele se constrói, a partir da relação entre autor e leitor, pois toda vez que alguém se dispõe a escrever, por exemplo, o autor passa por um processo de planejamento, de organização.

RELAÇÃO ENTRE TEXTO E SEMIÓTICA

Relacionando o texto e a semiótica, observa-se que, do ponto de vista geral, pode ser entendida como o estudo dos signos dentro do sistema de toda a ordem. Está, intrinsecamente, relacionada com a linguística, que é considerada uma ciência, uma disciplina, um campo de estudo.

O objetivo da semiótica é tornar explícitos os mecanismos implícitos de estruturação e interpretação do texto, ou seja, a semiótica busca desvelar o que está por trás dos textos em um campo mais social e entender o que se diz e como se diz, pois isso afeta, diretamente, as interpretações e inter-relações entre os componentes da relação comunicacional.

Barros, que segue a teoria de Greimas (estruturalista), fundou a semiótica estrutural, inspirado na Linguística moderna de Saussure. O teórico explicou o percurso gerativo do sentido, acreditando que toda a manifestação poderia ser entendida pelas relações de contrariedade. Para o teórico, tudo que manifestasse sentido era considerado como texto, ou seja, tudo que produzia sentido a partir de uma elaboração estruturada sobre o universo semântico, englobando, assim, todo tipo de discurso, incluindo a música, o teatro e a pintura (BARROS, 2005, p. 10).

Todo discurso ou texto, por mais simples que seja, possui uma estrutura, desenvolvendo, então, um modelo que explica a configuração das narrativas destes discursos. Esse gênero é um





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

discurso expressado de forma figurativa, em que há personagens definidos pelas ações que desempenham no texto e esta estrutura é definida pelo modelo actancial, que se compõe da seguinte forma: um sujeito, que possui um objetivo a alcançar, um objeto (objeto-valor); esse sujeito é impulsionado a atingir o seu objetivo por algo, ou alguém, o destinador; e o destinatário que é-(são) a-(s) pessoa-(s) que se beneficiará-(ão) com a conquista do objetivo pelo sujeito. Para ajudar este sujeito, há a figura do ajudante, e, para finalizar, tem-se a figura do oponente que servirá para atrapalhar o sujeito no alcance de determinado objetivo.

A semântica do discurso é o estudo do significado ou teoria da significação. Para Barros, a semântica deve ser, primeiramente, gerativa, tem que gerar modelos, para que se possa fazer a análise, mostrando que vários níveis combinados com vários elementos podem significar uma mesma coisa, em níveis mais profundos. Em um segundo momento, a semântica deve ser sintagmática, ou seja, não explica as unidades lexicais das frases, mas a produção e a interpretação do discurso. Atente-se ao fato de que a semiótica não está preocupada com a forma da frase, mas com o modo como é produzido e interpretado o discurso, a expressão deste e a sua manifestação e, por último, para a autora, a semiótica tem que ser geral, em que um postulado, a unidade do sentido, possa ser manifestado por diferentes formas de expressão, criando categorias que vão tentar explicar de forma geral, como um sentido pode ser manifestado de diferentes formas (BARROS, 2005, p.11).

A semiótica divide-se em três campos de estudo: semântica, sintática e pragmática. A semântica estuda os significados dos signos, a sintática as relações entre eles e a pragmática estuda a forma como são interpretados os signos (BARROS, 2005).

Alguns autores como Roland Barthes e Umberto Eco expandem seus estudos na teoria semiótica e demonstram que o signo também pode ser utilizado na análise de textos, abrindo espaço para conceitos como: a conotação, que faz referência as associações socioculturais e pessoais dos signos, ou seja, a imagem subjetiva e social do signo; a denotação, que é mais direta, já que faz referência ao significado literal do signo.

Salienta-se que o texto não é um amontoado de frases, ou seja, não há como interpretar um texto, parcialmente, só observando as frases de forma isolada, solta, pois cada parte do texto está inter-relacionada com as demais partes, compondo um sentido textual completo. Esse “método” de confronto de uma parte do texto com outra tem como resultado o contexto, sem ele não há interpretação do todo, do que foi dito e do que está implícito. Como contexto entende-





se que é o produto dado pelas múltiplas relações estabelecidas entre todas as partes que compõem o texto, a articulação semântica geradora de sentido que cada fragmento exerce sobre o outro em uma determinada situação. Deste modo, a estrutura deve ser analisada em sua totalidade, um todo dotado de sentido. Conforme Fávero e Koch (2009, p. 25), “o texto é uma unidade de sentido de um contínuo comunicativo, contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto.”

O período em que foi escrito é mais uma característica interpretativa do contexto, pois o discurso nunca é neutro, é carregado de ideologias, de marcas que detêm o poder de delimitar a posição desse texto, ou seja, não é um produto individual, pois cada autor é carregado de questões históricas, de ideologias culturais e inserido em um meio social que afeta esse autor. Não há um texto sem marcas históricas e/ou culturais. Segundo Barthes (2004, p. 261/262),

ligado constitutivamente à escrita (texto é o que está escrito), talvez porque o próprio desenho das letras, ainda que linear, sugira a fala, trama de um tecido (etimologicamente, “texto” quer dizer “tecido”), ele é, na obra, o que suscita a garantia da coisa escrita, (...) acredita-se, do sentido que o autor da obra nela depositou intencionalmente; o texto é uma arma contra o tempo, (...) A noção de texto está, portanto, historicamente ligada a todo um mundo de instituições.

Para Barros (2005, p. 47), o social e o histórico não são transcendentais, mas imanentes, ou seja, são construídos no e pelo texto. Esse verbal ou não, constrói a realidade, a forma como se entende a sociedade e como se entende a história, ou seja, não há como dissociá-los. O sentido existe antes de qualquer discurso. (BARROS, 2005, p. 11).

Bakhtin assevera que a linguagem é constituída por aspectos estruturais e formais da língua (ou seja, elementos fonéticos, morfológicos e sintáticos), bem como por aspectos de ordem discursiva, histórica e social, logo, a comunicação não se dá apenas pelo uso da língua. Porque ela é a matéria-prima pela qual se desenvolve um enunciado, este, por sua vez, é a unidade mínima do discurso e é só por meio dele que a língua faz sentido; participa de um contexto sócio histórico. Um enunciado dialoga com outro, formando elos na cadeia de comunicação (BAKHTIN, 1997).

Bakhtin insere a noção de interdiscurso sob a denominação de dialogismo, que é a manifestação/interação entre os interlocutores e enquanto princípio constitutivo, existe sempre entre os discursos. Desse modo, é instaurado na relação da língua com o mundo e recupera textos ou discursos anteriores e ao mesmo tempo em que abrem diálogo com textos e discursos que estão por vir. “Modo de funcionamento real da linguagem e, portanto, seu princípio





constitutivo [...], uma forma particular de composição do discurso, (BAKHTIN, 1997, p.167) princípio de constituição dos seres humanos, modo de agir e estar no mundo” (BAKHTIN, 1997, p. 192).

Para Benveniste, o discurso é a manifestação da enunciação, que ora o falante é enunciador, ora enunciatário, conforme a interação acontece neste momento o sujeito é introduzido ao discurso (subjetividade) logo, os conceitos de subjetividade, locutor e sujeito são interdependentes. O falante como sujeito da enunciação é o elemento fundamental do aparelho formal da enunciação.

As categorias de espaço (aqui), tempo (agora) em conjunto com o trinômio eu-tu-ele compõe o aparelho formal da enunciação, que é o ato de dizer e, por conseguinte o enunciado é o dito. A enunciação, em primeiro lugar, é o instituto da mediação entre a língua e a fala, logo, o *eu* e o *tu* se constituem no ato de dizer e, juntamente, com o tempo e o espaço formam as categorias da enunciação. (BENVENISTE, 1989).

A abordagem tradicional (gramatical) do início do século passado considerava que a comunicação apresentava: o emissor, que era a primeira pessoa, o eu, que é quem fala, o que passaria uma mensagem para o receptor; este, por sua vez, era a segunda pessoa, o tu; tudo isso dentro de um contexto, dentro de um assunto, ou seja, este era o referente, a do que está se falando; e era preciso a abertura de um canal de comunicação, com um aparelho telefônico ou o próprio ar por onde se propagam as ondas sonoras; e, por último, um código que é exatamente o conjunto de signos utilizados para poder se comunicar. O código precisa ser dominado por todos os falantes na situação comunicacional.

Em sentido geral, é possível considerar que a enunciação é um ponto de vista da análise, em que um lado a língua, conjunto de signos, combinados em estruturas, um sistema e de outro a manifestação dessa língua, sendo o sujeito da enunciação uma pessoa fundamental no processo comunicativo e na construção dos sentidos. Quanto ao sentido, Benveniste considera que a manifestação da significação se dá de duas formas: uma no modo semiótico e a outra no semântico. A primeira o que é externo à mensagem e ao funcionamento da língua, e esta última, próprio do signo linguístico, é aquele sentido resultante do encadeamento, da circunstância e da adaptação dos signos entre si, resultando, assim, na enunciação. A letra da música “Queixa” é um texto verbal que estabelece um sentido compondo um enunciado, a partir de um processo de enunciação.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Os enunciados agrupam-se em tipos relativamente estáveis que se repetem e que possuem três características em comum: conteúdo temático, forma composicional e estilo. São os gêneros do discurso. A variedade dos gêneros discursivos é imensa compreendendo desde um bate-papo a um artigo científico ou um poema (BAKHTIN, 1997).

O conteúdo temático pode ser considerado como a própria forma de apreensão da realidade por meio dos gêneros discursivos. O estilo refere-se à individualidade de expressão de cada sujeito presente no enunciado, por meio da seleção dos recursos da língua. A forma composicional diz respeito ao tipo de estruturação que um enunciado assume de acordo com o gênero ao qual pertence.

Os gêneros discursivos tanto participam de esferas de comunicação, quanto podem transitar por elas. Em cada esfera, surgem enunciados e gêneros que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, pois cada uma cria seus próprios gêneros.

Umberto Eco assevera que, no início da década de 60, com a arte vanguardista, houve uma eclosão de signos, e essa junção de obras já existentes com as novas traçaram um vasto e complexo campo para a interpretação. Para Eco, “a obra de arte moderna tem uma pluralidade de significados em um só significante”. Tomando um lugar de destaque entre os pensadores da arte contemporânea, escreveu “Obra aberta” em 1962 (TELLO, 2001). Para Eco, a obra de arte oferecia mensagens ambíguas.

O teórico parte do pressuposto de que o ponto de vista do receptor interfere na interpretação do signo, pois qualquer mensagem estética pode ser recebida com um sentido totalmente diferente do proposto pelo autor, introduzindo aí o conceito de contexto e a base de sua obra aberta, ou seja, uma obra tem múltiplas interpretações, logo, é aberta. O centro da mensagem é o leitor-receptor, pois este é o que detém o olhar “julgador” da obra e, portanto, detentor de uma interpretação exclusiva. O leitor modelo é aquele que sabe preencher os vazios, os brancos do texto, interpretando e completando o sentido (ECO, 1986).

A comunicação implica nos códigos que são vistos como um sistema significativo, nos quais se organizam os signos. As imagens sempre criam uma cadeia de associações denominadas de códigos, por isso estes são vistos como um sistema significativo e com base nos quais se organizam os signos, nos mostram um direcionamento, nos dirigem os signos, por outro lado, a articulação que tem uma relação com os códigos semióticos, com a estrutura deste





código e, por fim a intertextualidade que é relativa as relações internas de um texto com outro da mesma categoria.

Pode-se evidenciar todas as ferramentas que possibilitam a análise semiótica para a análise de qualquer texto, sendo ele verbal ou não, o objetivo da semiótica é entender a realidade e os seus significados, ou seja, tudo aquilo que rodeia os seres humanos. Deste modo, é um instrumento que apoia e sustenta o desenho, ajuda a tomar decisões e permite observar o que se comunica, como se comunica e se o público irá compreender a mensagem.

ANÁLISE LETRA DA MÚSICA QUEIXA

O *corpus* que será analisado é a letra da música “Queixa” de Caetano Veloso.

Queixa¹

Um amor assim delicado
Você pega e despreza
Não devia ter despertado
Ajoelha e não reza

Dessa coisa que mete medo
Pela sua grandeza
Não sou o único culpado
Disso eu tenho a certeza

Princesa, surpresa, você me arrasou
Serpente, nem sente que me envenenou
Senhora, e agora me diga aonde eu vou
Senhora, serpente, princesa

Um amor assim violento
Quando se torna mágoa
É o avesso de um sentimento
Oceano sem água

Ondas, desejos de vingança
Nessa desnatureza
Batem forte sem esperança
Contra a tua dureza

Princesa, surpresa, você me arrasou
Serpente, nem sente que me envenenou
Senhora, e agora me diga aonde eu vou
Senhora, serpente, princesa

Um amor assim delicado
Nenhum homem daria
Talvez tenha sido pecado
Apostar na alegria

Você pensa que eu tenho tudo
E vazio me deixa
Mas Deus não quer que eu fique mudo
E eu te grito essa queixa

Princesa, surpresa, você me arrasou
Serpente, nem sente que me envenenou
Senhora, e agora me diga aonde eu vou
Amiga, me diga

¹ Fonte: letra da música “Queixa” de Caetano Veloso disponível em: https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=iOPxWYfmCs-5wgTb3KboCA&q=letra+m%C3%BA+queixa+caetano+veloso&oq=letra+m%C3%BA+queixa+&gs_l=psy-ab.3.0.0i22i30k114.3457971.3461038.0.3463316.23.10.0.0.0.891.1733.6-2.2.0....0...1.1.64.psy-ab..21.2.1733.0.0.0.04DS_xDrQcE . Acesso em: 20 set 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Observa-se que a letra tem a temática do amor não mais correspondido. O personagem relata que se sente desprezado pela amada, observe: “Princesa, surpresa, você me arrasou”. Este é atingido pela frieza dela, “Nessa desnatureza/ Batem forte sem esperança/ Contra a tua dureza”. Sente-se em sofrimento em função do sentimento que experimenta “Não devia ter despertado/ Oceano sem água” e assim como esse oceano, “Vazio me deixa”. O ser, em sofrimento, sente a indiferença que o ser amado lhe dedica: “Você pega e despreza/ Senhora, e agora, me diga onde eu vou”, e, por fim, sente-se dominado pela amada ao compará-la com uma serpente e agora experimenta a agonizante dor de ter sido envenenado por esse amor, não vendo saída, um antídoto que pudesse curá-lo, “Serpente, nem sente que me envenenou/ Senhora, serpente, princesa/ Amiga, me diga”.

O texto tem marcas de que um dia houve um amor correspondido, concretizado, mas agora não há mais. Atente-se ao fato de que o desprezo experimentado pelo amante foi tão grande por parte da mulher amada que transformou o sentimento do amor em ódio “Um amor assim violento/ Quando se torna mágoa/ É o avesso de um sentimento”.

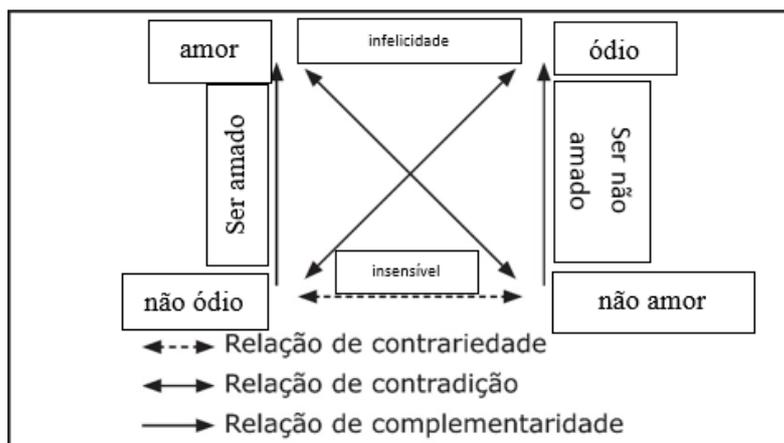
No nível fundamental, sempre há dois objetos em oposição. No *corpus* em análise, o amor é apresentado como disfórico, já que o valor não está na palavra, mas no contexto em que foi empregada. Inicialmente, o amor era tido como um sentimento de valor positivo, porém virou negativo, afinal, com as palavras: desprezo, medo, envenenou, violento, mágoa, avesso, vingança, desnatureza, dureza, arrasou, pecado, vazio, apostar e queixa, que inclusive dá nome a canção, confirma-se que, o amor foi algo negativo, pois, se tivesse sido algo representado como positivo, o nome seria outro e não “queixa”.

O quadrado de Greimas¹ opera com dois fatores o de asserção e o de negação. No caso da letra musical referida, a afirmação do fator amor com a frase “Um amor assim delicado” e a negação desta afirmação “Um amor assim violento/ É o avesso do sentimento”. A afirmação do ódio “Quando se torna mágoa”, já não é mais amor, logo, corrobora em demonstrar que o amor era para ser delicado.

Fonte da imagem disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=quadrado+de+greimas+para+edi%C3%A7%C3%A3o&dc=0&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjUsPOombTXAhWJgZAKHeKDAQoQ_AUICigB&biw=1163&bih=536#imgrc=C_GvDbpYo928eM: Acesso em: 10 nov 2017.





No nível narrativo, há um sujeito em busca de um objeto e existem dois tipos de enunciados, o de estado e o de fazer. No enunciado de estado, o sujeito se relaciona com o objeto, “Um amor delicado”, mostrando que este homem ama a mulher, porém no estado de fazer, aquele amor que, por um momento foi delicado, transformou-se em ódio, por causa do percurso gerativo de sentido que o autor percorreu na narrativa musical, após o desprezo do ser amado “Você pega e despreza” (competência), o homem que amava vê seu amor virar desesperança, desnatureza, oceano sem água, vazio, mágoa (performance). Percebe-se que, o sujeito estava em conjunção com o amor, com o seu objeto, porém, relacionou-se em disjunção durante o percurso (sanção negativa).

O autor, para atingir o seu objeto, utiliza-se da tentação “Um amor assim delicado/ Nenhum homem daria/ Apostar na alegria”; da intimidação “Não devia ter despertado/ Não sou o único culpado/ Disso eu tenho a certeza/ Ondas, desejo de vingança”; da sedução “Princesa, surpresa, você me arrasou/ Serpente, nem sente que me envenenou/ Senhora, serpente, princesa” e; da provocação “Senhora, e agora, me diga aonde eu vou?”

No nível discursivo, fica claro que, o amor causa sofrimento quando não correspondido, não há outra interpretação possível para esse amor tão avassalador que um dia era sinônimo de felicidade e em outro de tristeza, principalmente, pelos elementos postos em oposição como o amor e o ódio. O amante demonstra já nas primeiras linhas da letra da música que o amor por ele dispensado para amada foi desprezado, porém percebe que não foi o único culpado já que ambos experimentaram desse sentimento juntos, mas que hoje solitário se assemelha a um oceano sem água e, ao final, quer gritar e queixar a dor que sobrou daquele sentimento inicial de amor.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A leitura (leia-se todo o texto) se faz em um processo de comunicação, um diálogo de vozes que se entrecruzam no ato da leitura, ou seja, o texto não é nada sem o receptor e é a partir deste que a estética da recepção se debruça. A demonstração do amor como algo triste é o sentido que a música provoca (*aisthesis*). O receptor envolvido é provocado de tal forma que consegue apreender novos sentidos, isto é, o significado do amor como algo bom e *a posteriori* ruim renova a postura do receptor que vai se revelar com o seu contexto. (ISER, 2002, p.102).

Iser traz o conceito do leitor implícito em que autor e leitor desempenham partes iguais no jogo da imaginação. Se aquele institui normas e regras de composição, oferecendo “pistas” na estrutura textual com o intuito de conduzir a leitura, este deverá seguir, adentrando num universo imaginário, carregado de pistas, se quiser continuar seu jogo literário até o fim. Este leitor é determinado pelas experiências processadas de sua existência e as transferências imanentes do texto. O texto faz o leitor jogar. A partir do ato da leitura, há a possibilidade do leitor se transformar. Quanto mais leituras o leitor realiza, maior será a ampliação de seus horizontes, mais ativa será a interação com os textos estudados.

Em suma, a combinação entre a cultura do indivíduo com relação ao mundo e a articulação adequada dos signos são facilitadores para que todos os signos da letra musical analisada e, de tantas outras, produzam sentido.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**: tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. Editora Ática, 2005.

BARTHES, Roland. Texto (teoria do). In: _____. **Inéditos**. Vol. 1, São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 261 – 289.

BENVENISTE, Émile. **O aparelho formal da enunciação**. In: Problemas de Linguística geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

ECO, Umberto. O leitor modelo. In: _____. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FAVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística Textual**: uma introdução. 3 o ed. São Paulo; Cortez, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ISER, W. O jogo do texto. In: JAUSS, H. R. et. al. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

TELLO, Nerio. **Umberto Eco para principiantes**. Buenos Aires: Era nascente, 2001.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A CRÔNICA MACHADIANA: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO MUNDO

THE CHRONICLE MACHADIANA: AN ANALYSIS OF THE WORLD
REPRESENTATION

Íris Vitória Pires Lisboa (Universidade Feevale)¹
Juracy Assmann Saraiva (Universidade Feevale)²

Resumo: Neste trabalho, são analisadas duas crônicas de Machado de Assis, à luz do conceito de representação de Stuart Hall. Inicialmente retomam-se alguns conceitos teóricos sobre o gênero crônica literária e traça-se um perfil de caráter específico do autor, cuja ênfase recai sobre as suas posições políticas e a sua forma de criticar a realidade. Delineia-se, igualmente, os princípios norteadores da teoria de Stuart Hall, em especial no que diz respeito ao emprego da linguagem enquanto produtora e disseminadora de sentidos. Por fim, constrói-se um panorama sobre a relação da crônica machadiana e a representação do contexto histórico em que viveu Machado de Assis, no sentido de apresentar a construção literária como uma forma de manifestação crítica da realidade.

Palavras-chave: Machado de Assis. Crônica. Representação. Crítica.

Abstract: In this study, two chronicles by Machado de Assis are reviewed, in light of the concept of representation by Stuart Hall. Some theoretical concepts about the chronicle literary genre are resumed and a profile of the author's specific character is traced, whose emphasis is on his political positions and his way of criticizing reality. It also outlines the guiding principles of Stuart Hall's theory, especially concerning the use of language as a producer and disseminator of meanings. Finally, a panorama is constructed on the relation of Machado's work and the representation of his historical context, in order to present the literary construction as a form of critical manifestation of reality.

Keywords: Machado de Assis. Chronic. Representation. Criticism.

INTRODUÇÃO

Em diferentes épocas e contextos históricos, a literatura desempenhou um papel constitutivo de identidade coletiva, a partir das narrativas baseadas em eventos históricos, na construção de determinadas personagens ou na representação do universo cultural dos cenários apresentados

Essa identidade coletiva é construída pelos valores e significados compartilhados entre os indivíduos de um mesmo grupo social. Stuart Hall (2013), no que se refere ao conceito de representação, afirma que, através da linguagem, o significado do que é vivenciado como

¹ Mestre em Linguística Aplicada (Unisinos). Aluna do Doutorado no Programa de Pós-Graduação Processos e Manifestações Culturais (Feevale). Professora de Língua Portuguesa e Literatura na Fundação Liberato (NH). E-mail: iris@liberato.com.br

² Professora e pesquisadora Universidade Feevale e bolsista em produtividade do CNPq. Doutora em Teoria Literária pela PUC/RS e Pós-Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

prática social vai sendo integrado à vida e à experiência de cada pessoa, compondo seu universo sociocultural.

A integração de uma prática social se dá pela representação que se faz dela, ou seja, o significado de cada prática não está no pensamento do indivíduo, nem no objeto com o qual ele se relaciona, mas na manifestação pela linguagem. Não é o fato em si que traz o sentido cultural e, sim, o significado que a linguagem lhe dá, a partir da expressão do sujeito e do lugar que ele ocupa no tempo histórico, sendo o próprio tempo fator determinante para que também os significados se alterem e se renovem.

A crônica literária, aliada aos conteúdos mais simples do dia a dia, tem a capacidade de conduzir seu leitor a interessantes reflexões sobre o seu tempo, sensibilizando-o através de estratégias textuais que envolvem, várias vezes, elementos da narrativa. Participa, portanto, do processo de representação pelo qual se dá a construção do significado para determinado grupo social.

O gênero crônica literária constitui-se de maneira bastante híbrida, desenvolvendo-se, muitas vezes, sobre uma base essencialmente argumentativa, outras vezes organizando-se em uma estrutura narrativa semelhante à do conto ou aproximando-se de um relato pessoal. Assume, nessa direção, enquanto texto literário, variados tons: humorístico, crítico, reflexivo, lírico. E cada um desses tons engloba, por sua vez, recursos estilísticos, como a ironia, que contribuem para a construção da imagem do seu enunciador. Entende-se por enunciador, aqui, a figura do narrador na crônica literária, que assume uma identidade própria a partir do seu discurso.

Machado de Assis, estreando como cronista em meados de 1860, contribuiu para a consolidação da crônica literária no Brasil, que ganha traços tipicamente brasileiros. Para o público da época, tão acostumado a hábitos culturais de caráter oral, a crônica, com seu estilo de conversa, de diálogo com o leitor, através, muitas vezes, de um narrador intruso que questiona e comenta a própria construção ficcional, tornou-se uma alternativa de entretenimento.

Embora Machado de Assis seja muito mais conhecido por seus romances, o autor escreveu mais de 600 crônicas ao longo de sua vida. Em termos de quantidade, a crônica supera qualquer outro gênero produzido por Machado. É possível afirmar que essa representatividade da crônica se deve ao fato de o autor ter trabalhado em jornais e revistas por vários anos da sua





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

carreira profissional. Inicialmente publicou poemas na revista *Marmota*, em 1855. Na sequência, atuou em jornais importantes na época, como o *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *A Gazeta*, e finalmente *Gazeta de Notícias*, em 1883, periódico em que a produção de crônicas ganha destaque.

As crônicas de Machado de Assis são representativas de seu tempo e do seu gênero. Apesar das transformações pelas quais passam ao longo do tempo, suas crônicas representam não só o caráter crítico e filosófico do cronista, mas também a sociedade de sua época e as problemáticas aí encontradas. Um dos méritos da obra de Machado é o caráter contemporâneo de seus textos: as crônicas deste gênio da literatura provocam reflexões muito pertinentes aos problemas de nossa atualidade, superando os limites dos anos e séculos.

De acordo com Astrojildo Pereira (2008),

Essa vocação inata para a observação, a análise e a crítica, o escritor Machado de Assis a aplicou, em sua obra, como uma forma de participação, e isto não apenas pelos meios diretos do comentário de jornal, mas também pelos meios indiretos permissíveis na obra de criação artística. O humorismo era seu método, a ironia sua arma, a sátira a sua forma de crítica política e social. (p. 86)

Sua obra, no que se refere à produção de crônicas, contou com muitos e caros recursos linguísticos, o que se soma à visão que o autor tinha sobre os eventos de seu tempo. Tem-se, pois, aí, a construção de um texto literário perene, eternizado por sua relação com a vida humana considerada em sua essência, em sua profundidade, unindo, por isso mesmo, os homens de tempos tão distantes.

A CRÔNICA DE MACHADO DE ASSIS: O TEXTO SEM PRETENSÃO ALGUMA DE ALGUÉM QUE TUDO SABIA E SE PERMITIA DIZER

Considerando sua origem no âmbito jornalístico, a crônica pode ser vista como um gênero híbrido. Difere dos demais textos do jornal, porém, por conta do seu objetivo, que não é informar, mas, a partir do fato, dar vazão às reflexões e aos sentimentos do cronista. A crônica se opõe ao jornalismo por sua preocupação com a crítica, a reflexão e com a liberdade de forma e conteúdo. O cronista, ao construir seu relato, apresenta a sua visão ou a sua versão dos acontecimentos, considerando o propósito artístico, de criação estética.

Machado de Assis, em sua crônica “O nascimento da crônica” (2018), trata o referido gênero como produto de uma conversa despreziosa sobre um assunto efetivamente corriqueiro:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Um dia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

De acordo com o autor, a crônica nasce das relações entre os indivíduos, no dia a dia, em uma conversa. Na verdade, o conteúdo que ela desenvolve está ligado aos elementos mais singelos, ao miúdo da vida das pessoas, àquilo que talvez escape dos grandes romances e contos mais elaborados. Pois é a crônica que acolhe o detalhe da vida e o apresenta através de uma linguagem coloquial, que permite reflexões profícuas que se estendem do objeto simples e específico ao complexo e global.

Outro aspecto significativo da crônica literária é o trabalho com a linguagem, o que lhe garante o aspecto estético e conotativo, assim como a brevidade, a subjetividade (marcada, geralmente, pelo emprego da primeira pessoa), o monólogo e o diálogo, a polissemia da metáfora, a ambiguidade, o estilo entre coloquial e literário, a presença de temáticas do cotidiano e a efemeridade.

Eça de Queirós, ao se referir à crônica, reitera, empregando a linguagem de forma bastante metafórica, o posicionamento de Machado de Assis no que se refere à “leveza” que a crônica permite perceber.

Olha para tudo, umas vezes melancolicamente, como faz a lua, e outras vezes alegre e robustamente, como faz o sol; a crônica (sic) tem uma doidice jovial, tem um estouvamento delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e actores (sic) ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China; ela conta tudo o que pode interessar pelo espírito, pela beleza, pela mocidade; ela não tem opiniões, não sabe do resto do jornal; está aqui, nas suas colunas, cantando, rindo, falando; não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando. (Lopes, 2017, p. 5-6)

Depreende-se, a partir das palavras do autor, uma característica basilar da linguagem da crônica: a versatilidade. Assumindo diferentes tons, a linguagem da crônica tem identidade própria, pois é na possibilidade de se modificar, se transformar, que o dizer literário desses textos se constitui. Quando o cronista fala em “voz serena, leve e clara”, ele aponta para um texto de caráter coloquial, para uma conversa entre autor e leitor. Na verdade, uma conversa





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

que vai além do diálogo: trata-se do devaneio de um poeta, a falar de suas ideias a partir do material linguístico que domina.

A relação com o cotidiano e a visão crítica que o escritor expõe, através da sensibilidade típica da literatura, constituem aspectos significativos desse gênero. Não se trata de um olhar descritivo, tampouco avaliativo do real, mas, sim, um novo olhar, de aparente falta de intencionalidade, mas que leva a grandes reflexões. Conforme Antônio Cândido (2017), “É curioso como ela mantém o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas pode levar longe a crítica social”. E é exatamente nesse contexto que a crônica de Machado de Assis se insere: como cronista, o autor se revela um profundo crítico na política e na sociedade da sua época.

Houve um momento na história da literatura em que alguns estudiosos, com o objetivo de fortalecer a ideia de que a máxima virtude do artista está no “absenteísmo” de sua obra, defendiam a ideia de que Machado de Assis era alheio à vida política e social de seu tempo. Rápida e fortemente essa concepção foi desmentida, em grande parte por conta de seu trabalho como cronista.³

[...] esta era a sua forma de praticar a política, tão legítima como outra qualquer – e era mesmo a forma que mais adequadamente se ajustava à sua maneira de ser e à sua capacidade de escritor. Não será demais concluir que foi nessa qualidade específica de escritor, fazendo a “crítica política” da sociedade brasileira, que Machado de Assis participou efetivamente, e excelentemente, da vida política do país. (PEREIRA, 2008, p. 80)

Encontra-se em sua obra, pois, e em especial na sua vasta produção de crônicas, a sua relação com os acontecimentos vividos e observados em seu tempo. Averso à politicagem e ao jogo partidário, entendia que sua contribuição à sociedade dar-se-ia pela denúncia e pela crítica contra o mal que esse tipo de atitude política causava ao cidadão. Nesse sentido, assinalou em seus textos profunda preocupação com as questões políticas, assumindo uma atitude vigilante e de crítica sagaz e escrupulosa. É preciso destacar, porém, que um dos recursos mais usados pelo escritor foi a ironia. De forma sutil, imperceptível algumas vezes na leitura rápida e

³ Depois da tentativa frustrada de participar da vida política do Rio de Janeiro, como deputado pelo Partido Liberal, Machado nunca mais se preocupou com essa possibilidade e parece ter transferido para sua obra as ambições por uma vida parlamentar, o que se confirma com a criação de diferentes personagens de contos e romances cujas pretensões parlamentares são destacadas.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

desconhecedora das “artimanhas” do autor, a ironia é empregada nas construções narrativas de suas crônicas ou no discurso do narrador em alguns textos.

Uma das críticas mais acentuadas em sua obra diz respeito à escravidão. De maneira muito próxima ao que se constitui a crônica - com aparente sequidão em relação à tragédia que envolveu a população negra em nossa história - Machado de Assis, com estilo parco e frugal, denunciou a situação a que submetiam os negros escravos naqueles tempos. Sua crônica, repleta de ironia, choca pungentemente o leitor de sua obra, que não viveu os abusos da escravidão.

Considerando-se as particularidades da crônica e as características da obra machadiana com esse gênero da esfera literária, pensa-se, na sequência deste estudo, no conceito de representação, proposto por Stuart Hall, para quem cultura e linguagem mantêm uma intrínseca relação.

AS CRÔNICAS DE MACHADO E A CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO

Serão consideradas, nesta análise, duas crônicas de Machado de Assis: *Crônica dos burros* (2018) e *Bons Dias* (2018), publicada em 1888. Tanto a primeira quanto a segunda fazem referência à submissão do indivíduo nas relações de sobrevivência. Em *Crônica dos burros*, dois animais que puxam o bonde no qual se encontra o narrador conversam acerca da chegada dos bondes elétricos à cidade. A priori isso pode parecer um fato muito positivo para os burros, já que não teriam que exercer o pesado trabalho. Mas um deles, identificado como “o burro da direita”, constrói o raciocínio junto ao “colega de ofício”, afirmando que eles apenas mudariam de senhor. E, se acabado o trabalho e a força e vigor deles, seriam abandonados à má sorte até morrerem na rua.

Machado apresenta um narrador que, ao ver pela primeira vez um bonde elétrico, considera alguns aspectos da nova invenção: o olhar de superioridade do cocheiro que guiava o veículo e a suave passagem do bonde sobre os trilhos, sem ruídos, sem solavancos. Até esse momento, o cronista comenta uma experiência vivida, embora seja possível afirmar que ele já tenha manifestado sua avaliação a respeito da atitude do condutor do bonde elétrico: a ideia do novo, superando o passado, trazendo, indiscutivelmente, vantagens ao presente.

Na conversa dos burros, entretanto, essas “vantagens” tornam-se relativas: os burros poderiam ser beneficiados com a dispensa do trabalho de puxar os veículos; por outro lado, apenas mudariam de donos e teriam outro trabalho, talvez até mais difícil que o primeiro, com mais “pancadas”, visto que teriam um único e novo dono, que “sabe mais o que ele lhe custou”.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Nesse fato localizado no tempo e no espaço, tem-se um posicionamento de Machado de Assis que se refere à construção da identidade do homem pela universalidade dos conceitos. Em determinado momento da conversa entre os animais do bonde, um deles comenta que “há muito de homem nessa cabeça”, ao referir-se ao raciocínio do companheiro burro. Institui-se, assim, que o homem da época, ao pensar em liberdade, não considera que os processos que levam ao estado almejado sejam complexos, tendo em vista a história que acompanha cada espécie. É coerente pensar, inclusive, que a liberdade seja um conceito utópico, não só para os burros, na situação descrita na cena, mas também na vida humana, com as relações de trabalho e poder exercidas na sociedade.

Seguindo a conversa dos burros, mais adiante, o “burro da esquerda”, amolado com a fala de seu parceiro, condena seu companheiro, dizendo que ele não conhece “a língua da esperança”, argumento ao qual o “burro da direita” rebate, afirmando que a esperança é sentimento dos fracos, como “os homens e os gafanhotos”: os burros são uma espécie forte, ligados às questões filosóficas e, por isso, não podem se submeter a ilusões e utopias.

Constitui-se, nesse posicionamento, um exemplo de como a literatura trabalha com as representações construídas através da linguagem literária, reforçando as identidades em cada grupo social, neste caso, a partir de construções irônicas, em uma conversa que remete o leitor à estrutura da fábula, com a conversa entre os burros, com a despreziosa oportunidade que surge ao narrador da crônica de ouvir o que diziam. Modestamente, como é a crônica, Machado de Assis aborda a natureza humana, contribuindo, assim, com a idealização da identidade do indivíduo nas relações de poder.

A segunda crônica, *Bons dias*, trata diretamente da temática da abolição da escravatura. Publicada alguns dias depois da assinatura da Lei Áurea, o cronista questiona a alforria dada aos escravos, e de forma bastante irônica o narrador diz que se adiantou à abolição e entregou a carta de alforria a um de seus criados. No dia seguinte, depois da cena de um jantar, regado a brindes e cumprimentos, o narrador, em conversa com Pancrácio, seu escravo agora alforriado, negocia seu ordenado, miserável, e as condições a que ele terá de se submeter, já que será pago para o trabalho.

Tendo uma taça de champanha em mãos e um discurso fazendo referência aos ensinamentos de Cristo e aos dons de Deus nos lábios, o narrador afirma que a humanidade deveria seguir o seu exemplo e restituir à liberdade seus escravos. A conversa que segue esse





momento não valida os argumentos do narrador: longe de valorizar a liberdade do jovem Pancrácio, o homem trata-o com gestos violentos e palavras ofensivas, sempre pontuando que o escravo, imbuído de um sentimento de imensa gratidão, aceita esse tratamento com certa alegria: “Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí pra cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe bêsta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas tôdas que êle recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre” (REF).

Por fim, o narrador confessa seu plano de se tornar deputado e usar seu gesto como validação de um desejo nobre de libertar os escravos e vê-los galgar um futuro digno para um cidadão, permitindo ao alforriado que ele aprenda a ler, escrever, contar, tornar-se, inclusive, um professor de filosofia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, na crônica machadiana, elementos que se relacionam à teoria da representação de Stuart Hall⁴, que exemplificam o que o estudioso afirma a respeito da importância da linguagem para a fixação dos conceitos e significados. Para Hall, pertencer a uma cultura é também pertencer ao mesmo universo de conceitos e de linguagens e ter consciência de que a linguagem representa diferentes visões sobre o mundo (HALL, 2013). Em *Bons Dias*, Machado novamente trata do conceito de liberdade, um conceito universal, que ganha contornos distintos nesta crônica. A liberdade, conquistada com a carta de alforria, não corresponde à ideia de liberdade que está na consciência coletiva das pessoas. Enquanto ser livre tem um sentido histórico para os escravos da época, o conceito de liberdade, para o narrador, representa o pensamento escravocrata da época que, mesmo tendo perdido a comprovação de “dono” do escravo, ainda exerce o mesmo ou até mais poder sobre o empregado. A alforria valida a relação de trabalho e poder que persiste até os dias atuais em nossa sociedade.

Assim, a literatura participa da construção de um conjunto de ideias que têm relação com o mundo real, e provoca o leitor para que este se identifique com uma ou outra representação, de acordo com seus valores e vivências, reconhecendo-se como parte de um grupo social. O

⁴ O conceito de representação, nos estudos de Hall (1997, apud Santi, 2008), apresenta a ideia de cultura como um conjunto de valores ou significados partilhados entre os indivíduos, da mesma forma que afirma que é pela linguagem que se tem acesso aos significados partilhados pelas práticas sociais.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

texto literário, ao mesmo tempo que traça a identidade plural de uma nação, resgatando sua história por meio das narrativas ficcionais, também “abre sendas para a compreensão do conflito de identidade que os indivíduos sofrem” (SARAIVA, MÜGGE, KASPARI, 2017), ou seja, permite que o leitor, consciente de fazer parte das complexas relações sociais, assumam uma atitude crítica diante dos fatos e das diversas nuances que contornam os discursos entre os indivíduos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O nascimento da crônica**. Conto Brasileiro: contos, crônicas e poesias de autores brasileiros. Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/tag/o-nascimento-da-cronica/> Acesso em 30 abr 2018.

_____. **Crônica dos burros**. Disponível em:

http://www.cronicas.uerj.br/home/cronicas/machado/rio_de_janeiro/ano1892/16out92.htm. Acesso em 26 abr 2018.

_____. **Bons dias**. Domínio público. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1875. Acesso em 26 abr 2018.

CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés do chão**. Disponível em <https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/> Acesso em 10 dez 2017.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) **Representation: cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

LOPES, Paula Cristina. **A crônica nos jornais: o que foi? O que é?** Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa. Disponível em <file:///C:/Users/Iris/Desktop/Artigo%20Curso/Artigo%20sobre%20história%20da%20crônica.pdf> Acesso 27 ago 2017.

PEREIRA, Astrojildo. **Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos**. 3 ed. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2008.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. Stuart hall e o trabalho das representações. **Anagrama**, São Paulo, ano 2, set/nov 2008. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35343> Acesso em: 8 jan. 2018.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani; KASPARI, Tatiane. **Texto literário: resposta ao desafio da formação de leitores**. São Leopoldo: Oikos, 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

EXERCÍCIO FÍSICO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: PERCEPÇÕES DE IDOSOS DE UMA CIDADE DO VALE DOS SINOS, RS

PHYSICAL EXERCISE IN THE AGING PROCESS: PERCEPTIONS OF THE ELDERLY
OF A CITY OF THE VALLEY OF THE BELLS

Ismael Lopes Möbus¹

Aline da Silva Pinto (Universidade Feevale)²

Resumo: Este estudo teve como objetivo principal compreender as percepções de idosos praticantes de exercícios físicos, em uma academia da cidade de Novo Hamburgo sobre as possíveis contribuições da prática de exercícios físicos. Para a fundamentação teórica foram abordados os seguintes assuntos: a população idosa, as alterações fisiológicas associadas ao envelhecimento, os aspectos psicossociais inerentes ao envelhecer, o papel do exercício físico neste processo, e sua relação com a qualidade de vida. A metodologia seguiu o paradigma descritivo. Os instrumentos foram: observação não participante, entrevista semi-estruturada e diário de campo. Colaboraram para este estudo a professora responsável e proprietária do local e os alunos idosos. Os dados coletados originaram quatro categorias: opção da academia como ambiente para prática de exercícios físicos, a importância da academia para os idosos, a relevância do exercício físico na academia, e finalmente, os aspectos psicossociais dos praticantes. Estas categorias foram desenvolvidas para analisar as informações, proporcionando assimilar da melhor forma a academia na percepção dos idosos, tendo em vista suas vivências em relação às práticas. A partir das reflexões feitas, foi possível compreender que a academia contribui no que se refere a melhora nos aspectos físicos autônômicos, e psicossociais.

Palavras-chave: Envelhecimento. Estilo de vida. Qualidade de vida. Exercício físico.

Abstract: The main objective of this study was to understand the perceptions of elderly practicing physical exercises in a gym located in the city of Novo Hamburgo about the possible contributions of the practice of physical exercises. For the theoretical basis, the following subjects were addressed: the elderly population, the physiological changes associated with aging, the psychosocial aspects inherent in aging, the role of physical exercise in this process, and their relationship with quality of life. The research methodology followed the qualitative paradigm. Instruments: non-participant observation, semi-structured interview and logbook, performer. The elderly persons at the academy and the responsible teacher. The data gave rise to four categories: the choice of the gym as an environment for physical exercise, the importance of the gym for the elderly, the relevance of physical exercise in the gym, and finally, the psychosocial aspects of the practitioners. These categories were developed to analyze the information, allowing to assimilate the best way the gym in the perception of the elderly, considering their experiences in relation to the practices. From the reflections made, it was possible to understand that the gym contributes with respect to the improvement in the physical, psychosocial aspects and autonomy of the elderly.

Palavras-chave: Aging. Lifestyle. Quality of life. Physical exercise.

¹ Bacharel em Educação Física pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: ismagre@hotmail.com

² Doutoranda do PPG Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS), Mestre em Educação pela Unilassale (Canoas/RS). E-mail: alinepinto@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ENVELHECENDO EM MOVIMENTO

Durante o processo de envelhecimento podemos perceber diversas alterações e mudanças em relação as funções pulmonares; cardiovasculares; neurais; endócrinas; declínio físico geral; reduções de força e potência musculares; resistência aeróbia; flexibilidade; coordenação e equilíbrio sofrem declínios consideráveis, sobretudo as valências cognitivas e psicossociais (GOERSH, 2014).

Indivíduos com idades cronológicas e biológicas consideradas altas passam por um processo de envelhecimento, um conjunto de fatores degenerativos que inevitavelmente acontecem nos seres vivos, que constituem variadas alterações fisiológicas acompanhadas da queda da capacidade motora, redução considerável e gradativa de força e velocidade. Associa-se também a esta fase, o aparecimento da deficiência funcional, e diminuição da capacidade de adaptação para possível realização de novas experiências, de movimentos pouco ou até mesmo nunca executados (SPIRDUSO, 2005).

Ao considerarmos os dados demográficos separados por países, as doenças advindas do envelhecimento no Brasil iniciam-se aos 40 anos de idade, a partir deste marco cronológico, surgem diversos problemas degenerativos, doenças coronárias, hipertensão e diabetes. Os principais motivos capazes de desencadear estes distúrbios são os maus hábitos alimentares, sedentarismo, estresse e desnutrição (ALMEIDA E PAVAN, 2010).

Com o avançar da idade observa-se, então, uma tendência fisiológica à diminuição da atuação do indivíduo em seu meio. A capacidade de realizar as atividades de sua vida cotidiana pode sofrer diminuições que costumeiramente se associam ao risco de incapacidade e à piora da qualidade de vida, que acarretam na perda da independência e autonomia para a realização de suas atividades de vida diária (ROSA NETO, 2009).

As alterações fisiológicas, e a perda de capacidade funcional ocorrem durante o envelhecimento em idades mais avançadas, comprometendo a saúde e a qualidade de vida do idoso. Tais alterações são agravadas pela falta de exercício físico e a consequente diminuição da taxa metabólica basal, associada à manutenção, ou ao aumento do aporte calórico, excedendo na maioria das vezes as necessidades calóricas diárias (TRIBESS E VIRTUOSO JUNIOR, 2005).

Apesar de discussões pertinentes acerca da musculação para idosos existirem na literatura, de maneira geral, a prática da mesmo por idosos tem sido pouco explorada. Conhecer





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

a forma como essas pessoas significa o ambiente de academia com seus grupos pode ser uma ferramenta importante para haver mais conscientização da população diante disso. Acreditando na importância de um envelhecimento saudável, e na academia como instrumento que pode vir a contribuir para isto, justifico a realização do presente estudo, pois penso que poderá servir como subsídio teórico aos acadêmicos e profissionais da Educação Física na elaboração de pesquisas, e na construção de novos conhecimentos sobre as possíveis atuações com idosos. Sendo assim, o objetivo da pesquisa foi de investigar a possível satisfação advinda do exercício físico em praticantes idosos com relação a autonomia, vida social e qualidade de vida.

Nesse sentido a presente pesquisa pauta suas ações na metodologia qualitativa descritiva, com a utilização de instrumentos tais como, observações, diários de campo e entrevistas semiestruturadas. Os sujeitos do estudo foram 11 indivíduos com 60 anos ou mais, frequentadores de uma academia, na cidade de Novo Hamburgo – RS. Os sujeitos foram identificados por pseudônimos e seguidos pelo código das entrevistas “E”, e seu respectivo número, e data de coleta, Assim como os diários de campo indicados pelo “DC”, e o respectivo número e data do documento.

A ACADEMIA DE GINÁSTICA NO COTIDIANO DOS IDOSOS

Dentre as diversas modalidades existentes, as que são oferecidas para idosos não são facilmente encontradas, contudo, a musculação e as práticas de academia possuem muitos fatores contribuintes para a manutenção e preservação da saúde e condicionamento físico. Araújo (2010) afirma que o treinamento resistido é um dos melhores exercícios para qualquer programação voltada para a melhoria de qualidade de vida, condicionamento físico, manutenção de massa muscular magra, desempenho durante as Atividades de Vida Diária, corroborando com as afirmativas anteriores, os participantes Deoclides e Iraci comentaram:

No meu dia a dia que eu tenho que subir e descer escadas, senti diferença em relação ao equilíbrio, tá sentado vai levantar com suas próprias forças, sem precisar ficar segurando, eu senti bastante diferença. Por exemplo, quando é verão eu faço a minha caminhada, as vezes que a gente está mais inspirado já corro, achando que estou em condições de dar um piquezinho, por exemplo quando caminho 100 metros e corro 200 metros, assim eu vou estar virado em um atleta no próximo verão (E2, 08/09/2017).

Minha médica me recomendou academia, porque a hidroginástica não estava sendo suficiente. A academia podia trazer resultados positivos nos exames, no início foi meio difícil, mas resolvi enfrentar a academia, e adorei, achei que só perdi meu tempo fazendo ginástica. Se estivesse vindo antes para academia seria melhor, enfim, estou até hoje animada nisso, eu estou aqui gostei, adorei (E8, 01/09/2017).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Os motivos que fazem com que os indivíduos idosos procurem os espaços de academia, são diversos, vão desde prescrição médica voltada para manutenção da saúde, para reduções de lipídios, assim como a percepção pessoal da necessidade de praticar algum exercício devidamente monitorado (NADEAU E PERONNET, 1985). Além destes fatores, também foi possível encontrar idosos que procuraram este ambiente afim de buscar algum condicionamento para a prática de alguma modalidade esportiva específica, como o futebol, por exemplo. Outros esportes como corrida, yoga, ginásticas (ritmos), pilates e hidroginástica já foram – ou ainda são – praticadas em conjunto com a musculação por muitos indivíduos da população idosa, assim como foi possível verificar durante a coleta dos dados. Corroborando com essa afirmativa, a participante Iraci comentou:

Iniciei minhas atividades com a hidroginástica na Sociedade Ginástica, depois pratiquei yoga durante alguns anos. A hidroginástica tive que parar de praticar porque tinha muitos problemas respiratórios, mas a minha atividade preferida foi a academia mesmo (E8, 01/09/2017).

Além da preferência pela academia, e o exercício resistido que foi descrito anteriormente, os sujeitos do estudo também sentem-se extremamente à vontade enquanto estão neste ambiente, assim como foi possível constatar nas afirmativas realizadas durante a entrevista semi-estruturada, e nas observações de campo descrita abaixo:

Durante o treino conversavam muito, mas era possível perceber nitidamente que o momento vivido ali para eles é especial, pois além de compartilharem comentários e gargalhadas, usufruem do momento para desempenhar o seu melhor durante o treino, passando a impressão de liberdade, sem perderem o foco e a atenção nos exercícios prescritos (DC2, 04/09/2017).

Seguindo nesta mesma temática, o participante Marcos afirmou durante sua entrevista diversas questões relevantes e inerentes ao ambiente e ao relacionamento dos participantes idosos. Os achados foram diversos, alguns relacionados ao dia a dia dentro da academia, até mesmo em relação ao treinador responsável por manter o ambiente agradável, com atendimento adequado, sempre mantendo os alunos motivados, assim como mantendo a ordem e a técnica correta dos exercícios.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Aqui na academia outros têm um relacionamento mais direto, diário, como a gente tem muito mais facilidade com a questão das redes sociais, qualquer coisa o outro vai ficar sabendo. Agora fora daqui da academia, é difícil encontrar, dentro da cidade, porque eu tô fazendo uma função ou outra, cada um tem a sua atividade, mas assim, as pessoas têm relacionamento, existe nas redes sociais por que é bom que tenha, inclusive nós, mas aqui dentro da academia o relacionamento é excelente, a gente conversa, se coloca, se preocupa, tu não vem na segunda, na quarta, e sexta, daí vem numa quarta, o que que houve, já recebe algum aviso lá, alguma mensagem, fica preocupado com a gente, e isso é muito bom (E7, 11/09/2017).

Ao serem questionados a respeito do motivo pelo qual levaram a iniciar a prática de exercícios físicos, foi possível perceber que os idosos possuem a consciência de que precisam cuidar de suas vidas, em relação a permanente manutenção da saúde, sem necessariamente precisarem de indicação médica para tal, assim como quando afirmam na entrevista do participante Marcos:

Então veja, naquela época estava preparado para tudo isso, mas um dia, a gente também cai dentro de consciência daquilo que deve fazer, até porque o corpo começa acusar, ele começa a dar indícios que devem diminuir as cargas, só que a partir do momento que eu reduzi o futebol da semana, aí entrou a academia, então eu já faço academia há uma meia dúzia de anos, e hoje com 68 anos, jogo futebol só aos sábados, então a partir do momento que o futebol começou a ter uma intensidade menor, a frequência menor, então aí entrou a academia para substituir aquilo que eu fazia antes, eu busquei a academia para ter um condicionamento não só para o futebol, mas pela vida mesmo, é para te manter saudável (E7, 11/09/2017).

Ao mesmo tempo, alguns são mais sucintos quando relacionam o motivo por optarem pelos exercícios físicos na academia com o fato de se importarem com suas condições de saúde, e a importância do exercício físico para a melhora de seus condicionamentos físicos, corroborando com as afirmações de Mazo, Lopes e Benedetti (2009) quando afirmam que os idosos devem tentar elevar a qualidade de vida, para que se equilibrem com o aumento da expectativa de vida, os mesmos devem reinventarem-se e reverem suas trajetórias pessoais, no que dizem respeito, a vivência de novas experiências, projetos e trajetórias de vida. Seguindo nesta perspectiva, para que os idosos possam ter um envelhecimento mais saudável, é preciso que os mesmos sejam orientados e conscientizados com o intuito de ajustarem-se da melhor forma todos os processos que envolvem o envelhecimento. Com isso, os participantes acabam indo na mesma direção, como por exemplo durante as observações realizadas na academia, e na entrevista da participante Ramona:

Desde o tempo do normal, então eu nunca parei de praticar exercícios, porque eu gosto da questão de saúde, então não foi prescrição médica, foi vontade própria, eu fui professora, então a gente sabe o que que é bom para saúde (E3, 11/09/2017).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Outro participante relatou ainda uma simples constatação que teve em relação à sua própria condição física que encontrava-se antes de decidir procurar por um serviço voltado para a preparação física orientada: “primeiramente foi uma questão de condicionamento físico e saúde” (E9, 01/09/2017).

Ainda assim, apesar dos motivos relatados anteriormente dizerem respeito à diversas questões que não necessitaram de prescrição médica propriamente dita, segundo Nadeau e Peronnet (1985) os motivos que fazem com que os indivíduos idosos procurem os espaços de academia, são diversos, vão desde recomendação médica voltada para manutenção da saúde e reduções de lipídios. Com isso, foi possível encontrar um caso em que o participante relatou ter iniciado o programa de exercícios físicos somente após seu médico cardiologista lhe prescrever tal atividade durante uma consulta rotineira, conforme o participante Deoclides comentou:

Eu faço exercícios físicos por que meu cardiologista pede para eu fazer caminhadas regulares, eu faço caminhada todos os dias de manhã, a minha caminhada de manhã, de verão é na primeira hora da manhã, eu tento fazer sempre na primeira hora da manhã, e tento não faltar mesmo se o tempo não ajuda muito. O cardiologista pediu para que eu fizesse outra atividade como a academia, aí eu tive que obedecer (risos) (E2, 08/09/2017).

Como já foi descrito anteriormente, associado com a chegada do envelhecimento é possível percebermos a relação existente entre os aspectos psicossociais, como a falta de ocupação, abandono, problemas emocionais, ansiedade e depressão (GOERSCH, 2014). Corroborando com esta afirmativa, outro motivo para a escolha da prática de exercícios físicos, foi algum sentimento que pudesse desencadear algum distúrbio emocional mais grave, como as mulheres idosas, por exemplo, em suas mais variadas condições sociais, que em grande parte enfrentam dificuldade de empregabilidade, ou após se aposentarem tornam-se donas de casa, e passam muitas horas de seus dias no mesmo ambiente, cuidando das mesmas tarefas, criando uma rotina pesada para de ser encarada, que muitas vezes acaba desagradando o idoso, criando assim, a necessidade de fazerem alguma atividade diferente, que ocupe corpo e mente, afim de criar uma nova perspectiva na vida dos idosos e idosas. A partir do que a autora comenta, e do que a participante descreve na sua entrevista a seguir, é perceptível que para esta participante o exercício físico praticado na academia tem um papel fundamental, pois através dele que Marinalva se encontrou, satisfez-se: “por que eu senti que fazia bem para saúde, até para a cabeça, conversar com outras pessoas, fazer coisas diferentes, sair daquele marasmo de casa, serviço de casa, e também que dá mais disposição para tudo” (E11, 11/09/2017). Outra idosa –





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Dona Ramona – também relatou o fato mais importante para permanecer praticando exercícios físicos:

Agora, também parei uns dois meses, pena que por questão de saúde mesmo, meu marido acabou falecendo, sempre tinha um motivo maior, específico, mas nunca por vontade própria, e o que me fez voltar principalmente foi o fato de não querer ficar sozinha em casa, fazendo só o serviço de casa, ficar sozinha mesmo (E3, 11/09/2017).

Problemas de saúde relacionados à angústia e estresse também são um dos motivos para a procura de academias, e conseqüentemente à exercícios físicos devidamente orientados, para Spirduso (2005) o envelhecimento é um conjunto de processos que ocorrem nos organismos vivos, a maioria dos indivíduos morrem porque o corpo perde a capacidade de suportar os fatores de estresse, físicos e ambientais, este último fator de estresse, já foi vivido pela participante Manuela, que acabou sendo desencadeado por excesso de trabalho:

Quando eu era jovem muitas vezes tomava calmantes, por quê sabe, meu trabalho ainda é estressante, aí quando comecei a ir na academia, reduzi meus remédios, a necessidade de ingerir o medicamento porque consigo descontar no exercício físico essa angústia, essas coisas que me perturbam, gestão do stress do trabalho, atividade física que eu acho que é legal (E5, 08/09/2017).

Levando em consideração que as alterações fisiológicas de perda de capacidade funcional ocorrem durante o envelhecimento, em idades mais avançadas, conseqüentemente comprometem a saúde e a qualidade de vida do idoso. Tais alterações são agravadas pela falta de atividade física e a conseqüente diminuição da taxa metabólica basal, associada à manutenção ou ao aumento do aporte calórico, excedendo na maioria das vezes as necessidades calóricas diárias (TRIBESS E VIRTUOSO JUNIOR, 2005). Corroborando com a afirmação da literatura especializada, satisfatoriamente, alguns idosos participantes da pesquisa têm a percepção de que realmente necessitam praticar exercícios físicos para poderem buscar melhora e manutenção de qualidade de vida. Assim sendo, o participante Antônio comenta:

Para ter bem-estar, mais qualidade de vida, já que estamos chegando numa idade mais avançada, para ter qualidade de vida, poder fazer algumas coisas, a idade começa a pegar, sentir os braços a cair, as pernas, não sentir mais tão bem, enfim uma qualidade de vida melhor, como se diz no popular as pelanca cair, então tu tem que fazer alguma coisa para melhorar isso (E4, 01/09/2017).

Podemos observar que os idosos participantes têm total consciência de que os exercícios físicos praticados na academia contribuem em suas vidas, pois em suas falas são claros ao dizerem que a academia possibilita que eles melhorem seu bem-estar de modo geral, tanto em





aspectos físicos, quanto sociais. Desta forma, os idosos conseguiram enumerar os benefícios advindos dos exercícios físicos, segundo suas próprias percepções, atingindo os objetivos da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os idosos que participaram desta pesquisa mostraram diferentes posicionamentos sobre a prática de exercícios físicos na academia, deixando claro sempre, em suas falas, o prazer existente por esta atividade, e que, para alguns, a falta de oportunidade se manteve presente por muito tempo em suas vidas, fazendo-os encontrar a academia após um longo período, por motivos de preconceito ou aversão à um ambiente supostamente frequentado pelo público jovem. Eles descrevem que, ao realizarem este sonho, perceberam o quão a prática é essencial, pois durante as entrevistas apontaram melhora nos aspectos físicos, autonômicos, e psicossociais, respondendo assim o problema desta pesquisa.

Ao identificar os principais motivos que os levaram a escolher pela prática de exercícios físicos em academia, os idosos pontuaram o fato de terem o desejo de procurar algum local com profissional competente para prescrição de exercícios físicos, assim como a prescrição médica propriamente dita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. B.; PAVAN, B. Os benefícios da musculação para a vida social e para o aumento da autoestima na terceira idade. **Revista Brasileira de Qualidade de vida**. Paraná, v. 2, n. 2, p. 9-17. 2010.

ARAÚJO, Denise Sardinha M. S. de; ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. v. 6, n. 5, p. 194-203, set/out. 2000.

MARIA GOERSCH, Carminda. Efeito do tempo de prática de exercício físico na aptidão física relacionada à saúde em mulheres idosas. **Revista Brasileira em promoção da saúde**, vol. 27, n. 1, 2014. Disponível em: <http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/3160>. Acesso em: 29 abr. 2017.

MAZO, Giovana Zarpellon; LOPES, Marize Amorim; BENEDETTI, Tânia Bertoldo. **Atividade física e o idoso: concepção gerontológica**. 3. ed., rev. Ampl Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

NADEAU, M. PERONNET, F. **Fisiologia aplicada na atividade física**. São Paulo: Manole. 1985.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ROSA NETO, Francisco e cols. **Manual de avaliação motora para a terceira idade.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

SPIRDUSO, Wanneen W. **Dimensões físicas do envelhecimento.** São Paulo: Manole, 2005.

TRIBESS, Sheila; VIRTUOSO JUNIOR, Jair Sindra. Prescrição de exercícios físicos para idosos. **Revista Saúde. Com.** V. 1, n. 2, p. 163-172, nov./dez. 2005.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A EXPERIÊNCIA DENTRO DA EXPERIÊNCIA

LA EXPERIENCIA EN LA EXPERIENCIA

Izandra Alves
Fabiane Verardi Burlamaque
Marcelo Lima Calixto

Resumo: Pretendemos discutir nesse artigo a possibilidades de fazer da experiência uma prática educativa que possa ser adotada por educadores de distintas áreas. Para tanto, descrevemos uma atividade de leitura e discussão teórica acerca de alguns textos que compõem o *corpus* teórico da disciplina ministrada pelo professor pesquisador Jorge Larrosa Bondia, da Universitat de Barcelona, com alunos do curso de Pedagogia Social dessa mesma universidade. A partir da prática proposta por Larrosa procuramos discutir conceitos acerca da leitura e da experiência como possibilidades para que o aluno leitor seja tocado e movido ao seu interior por meio do texto e, assim, realmente possa, a partir dele, construir conhecimento, formar ou/e transformar-se.

Palavras-chave: Leitura. Experiência. Jorge Larrosa. Educação.

Resumen: Pretendemos discutir en este artículo las posibilidades de hacer de la experiencia una práctica educativa que pueda ser adoptada por educadores de distintas asignaturas. Para tanto, describimos una actividad de lectura y discusión teórica acerca de algunos textos que componen el corpus teórico de la asignatura ministrada por el profesor investigador Jorge Larrosa Bondia, de la Universitat de Barcelona, con alumnos del curso de Pedagogía Social de esa misma universidad. A partir de la práctica propuesta por Larrosa intentamos discutir conceptos acerca de la lectura y de la experiencia como posibilidades para que el alumno lector sea tocado y movido a su interior por medio del texto y así pueda a partir de esa práctica construir conocimiento y cambiarse a si mismo.

Palabras-clave: Lectura. Experiencia. Jorge Larrosa. Educación.

INTRODUÇÃO

Falar de experiência requer muito mais do que simplesmente ter algo para contar ao interlocutor. Significa, antes de mais nada, desnudar-se diante de algo novo para poder romper com tudo que possa nos impedir de ter/manifestar sentimentos com relação ao que estamos vivenciando e, permitir, com isso, que, utilizando os termos do pesquisador espanhol Jorge Larrosa (2003), algo nos passe. Ao nos encontrar dispostos a receber o novo/distinto/inusitado já estamos a um passo de podermos vivenciar experiências.

E assim, dessa maneira, livre de qualquer obstáculo que nos pudesse impedir de ter/vivenciar/provocar o contato com novas situações de aprendizagem e leituras que nos encontramos com um dos maiores intelectuais na área da experiência da leitura contemporâneos, o professor Jorge Larrosa Bondia, da Universitat de Barcelona. A proposta é estar junto a ele e seus alunos a fim de acompanhar suas aulas como aluna ouvinte e, dessa forma, enriquecer nossa pesquisa na área.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Assim, este artigo pretende abordar a experiência que tivemos nas aulas do professor Larrosa acerca de algumas leituras propostas por ele. Tratam-se de capítulos dos livros *Globalização: as consequências humanas*, *Vidas para o consumo*, *Vidas desperdiçadas* e *Trabalho, consumismo e novos pobres*, do sociólogo Zygmunt Bauman, que integram a bibliografia da disciplina Sociologia da Educação, do Curso de Pedagogia, primeiro semestre, da Universitat de Barcelona. Dessa forma, procuramos, primeiramente, abordar de modo não tão profundo alguns conceitos ou possibilidades de entendimento sobre o significado do termo “experiência”, base de muitos estudos teóricos de Larrosa. Na sequência, procuramos explicitar como se deu a atividade que o mestre propôs aos seus alunos de maneira que vivenciassem a experiência lendo os textos de Bauman. A partir daí, procuramos refletir sobre os resultados das práticas de leitura que fizeram relacionando com a teoria da experiência.

A EXPERIÊNCIA. DE QUE SE TRATA?

Partimos da ideia de que lemos e escrevemos para transformar/redimensionar o que já sabemos e não para assimilar ou então, *a posteriori* transmitir o já sabido. Ou seja, somos portadores de conhecimentos e saberes que, em contato com o diferente, têm a possibilidade de se reconstruir e, assim, sermos capazes de ampliar horizontes e perspectivas. E é, contudo, nesse contexto de possibilidades, que está inserida a experiência.

Buscamos, todavia, nas pesquisas do pesquisador espanhol Jorge Larrosa Bondia (2016), alguns apontamentos que são pertinentes para definirmos esse vocábulo que nos acompanhará ao longo desses escritos. Menciona o autor que o significado do termo, em latim, refere-se a provar, experimentar. Dessa forma, segundo ele, a experiência se constitui em uma relação com algo que se quer provar. Assim, o que nos parece exterior a nós, distante de nossos mundos, está, na verdade, em nós mesmos. O que nos falta, no entanto, é nos darmos a possibilidade de sairmos de nós e nos olharmos desde outro ângulo, o externo; mas para que isso ocorra faz-se necessário pausar, silenciar, concentrar. A vida agitada, o excesso de informações e os assédios da modernidade líquida, para utilizar os termos de Zygmunt Bauman (1999), quase sempre não nos permitem essa mirada. Contudo, é através da experiência, que vemos ser possível adentrar a essa passagem da existência a fim de encontrar a possibilidade de ação/transformação para o sujeito que se predispõe, que esteja aberto a ela. E, assim, espera-se que, uma vez “transformado” terá a certeza de que poderá contribuir para a formação/transformação de outros indivíduos, pois a verdadeira experiência, a nos acontecer, ou a “nos passar”, como diz Larrosa





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

(2016), por ser passional, nos faz rir, chorar, tremer, ou seja, desperta sentimentos e emoções que transbordam em nós e não há como aprisioná-los.

É dessa maneira, então, que vemos a experiência como algo relacionado ao pensar e assim, podemos dar sentido ao que somos e, em contrapartida, algo possa nos acontecer. Esse sentido ou o não-sentido tem relação direta com as palavras, pois quando pensamos, é a partir delas. São elas que determinam nossos pensamentos. Contudo, o sujeito da modernidade está programado para não ter experiências, pois está preocupado em ter excesso de informações e, por isso, nada lhe passa. Ter o domínio das informações não significa ser sabedor ou ter sabedoria sobre algo, ao contrário, a informação cancela nossas possibilidades de termos experiências.

A enxurrada de informações a que estamos submetidos a todo o momento, impossibilita, então, a verdadeira dimensão significativa da aprendizagem que é a opinião. Manifestar pontos de vista sobre um assunto está cada vez mais difícil. Isso porque “ingerimos” em excesso aquilo que deve ser o objetivo – a pura e simples informação – e essa demasia aliada à incapacidade cada vez maior do silêncio para realizar o processamento disso tudo, não nos permite obter a reação subjetiva a esse objetivo inicial, que é a opinião. Dessa forma, quase sempre não opinamos; nos omitimos de manifestar o que realmente pensamos, assim, sem analisar e processar calma e seriamente, ficamos reféns da opinião alheia.

Vivemos em um mundo onde a informação nos cerca, nos interpela e nos seduz a todo o momento. Assim, queremos estar bem informados, queremos fazer parte do grupo dos que têm o controle através da informação. Contudo, esse dispositivo periodístico do saber, para utilizar as palavras de Larrosa (2016), faz com que tenhamos muito mais informação do que opinião. Dessa forma, essa enxurrada de informações, quase sempre superficiais, tendenciosas e incompletas, é o que torna impossível a experiência; é o que impossibilita, inviabiliza e bloqueia nossa capacidade de pensar o mundo a partir de nós mesmos, de relacionar o que temos internalizado com o que presenciamos no momento para, então, concretizarmos uma experiência.

Um dos grandes entraves dessa impossibilidade de termos experiências é, de acordo com Larrosa (2016), a falta de silêncio e de memória. Se não somos capazes de silenciar nosso interior para estarmos abertos ao que possa nos ocorrer, nada nos ocorre. Se não podemos resgatar nossas memórias e trazê-las à tona a fim de ressignificá-las a partir do novo, não





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

teremos experiências. O autor afirma veementemente que a falta desses dois elementos, unida com as obrigações que temos com o labor diário mostram-se inimigos mortais da experiência.

Quanto ao sujeito da experiência, Larrosa (2016) o define como o espaço onde tem lugar os acontecimentos (ou talvez o portador desse espaço). Dessa forma, o sujeito se define não por sua atividade, mas por sua passividade, receptividade, disponibilidade e abertura a tudo o que vê e sente. Ele precisa estar disposto a receber mas, para tal, vários fatores (a pausa, o silêncio, a pré-disposição a ouvir, dentre outros já mencionados anteriormente) precisam estar em confluência. Esse indivíduo, é, então um território de passagem, pois não se faz fixo, firme, seguro, impávido e inatingível, como aquele incapaz de ter experiências. Assim, “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação” (LARROSA, 2016, p. 28), pois é passional e, como tal, assume riscos, propõem-se à inovações e possibilidades, assim como veremos na descrição da atividade que foi proposta pelo professor Larrosa a seus alunos.

A ATIVIDADE: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE BAUMAN

Mostrar-se dispostos, receptivos, abertos a fim de realizar experiências é o que percebemos nos sujeitos envolvidos na atividade que pretendemos aqui descrever. Durante a realização do trabalho proposto pelo professor Jorge Larrosa, seus alunos precisaram sair do lugar convencional destinado ao saber/aprender, que é a universidade, ir para distintos bairros da cidade e permitirem-se ser tocados pela experiência.

Com o intuito de homenagear o grande sociólogo polonês Zigmunt Bauman, falecido em janeiro de 2017 e unindo os textos do referido autor ao currículo da disciplina de Sociologia da Educação, o professor Larrosa elegeu capítulos de livros deste estudioso da sociedade líquido-moderna para que seus alunos do primeiro semestre do curso de Serviço Social pudessem estudá-lo. Tratam-se de partes das obras *Globalização: as consequências humanas*(1998), *Vidas para o consumo*(2007), *Vidas desperdiçadas*(2004) e *Trabalho, consumismo e novos pobres*(2009) que foram lidas, discutidas e, porque não dizer, vivenciadas de uma maneira não muito convencional, porém, desafiadora e de muita relevância para o estudo da experiência em educação.

O trabalho consiste em ler cada um dos textos propostos duas vezes de maneira contínua, sem interrupções. A primeira, na biblioteca da instituição, quando devem destacar trechos relevantes e copiá-los no caderno. Durante essa leitura silenciosa e sem interrupções externas,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

devem listar palavras ou conceitos chave do texto e redatar sua significação em forma de glossário.

Sobre a segunda leitura de cada texto, notamos o quão desafiadora é a proposta. Cada aluno, em horário e dia que escolhesse, dirija-se a um local (pré-indicado ou sugerido pelo professor) da cidade de Barcelona e/ou seus arredores, que mantém relação com cada texto. O texto 1, Turistas e vagabundos, deveria ser lido em algum lugar do bairro *Ciutat Vella*, por ser este um espaço de circulação de muitos turistas. O texto 2, Vidas desperdiçadas (capítulos 1 e 2), foi lido em um terreno baldio, à escolha de cada um, de acordo com sua preferência e proximidade. O texto 3, Vida de consumo (introdução e capítulo 1), foi lido em um centro comercial (*shooping*). E, por fim, o texto 4, Trabalho, consumismo e novos pobres, foi lido em uma zona industrial.

Uma observação que julgamos relevante é de que a leitura em cada um desses espaços também deveria ser ininterrupta – mesmo estando eles em lugares de muita movimentação e circulação de pessoas e veículos. Por serem os textos um tanto extensos, notamos que a permanência em cada lugar - podendo variar de um para outro levando em consideração as especificidades de cada um - foi de, no mínimo, duas horas, o que, para alguns, conforme apontaremos posteriormente, tornou-se um tormento.

Além da leitura do texto, cada leitor deveria realizar a descrição de cada lugar que escolheu para realizar sua leitura. Além disso, cada um fez uma breve consideração sobre a relação que estabelecem os espaços escolhidos para a leitura e os textos que leram. Por fim, deveriam ainda, destacar no mínimo cinco pontos que julgassem interessantes a partir do texto (indicando os parágrafos a que se referem) ou do espaço em que se encontravam (indicando sempre os elementos referidos). E assim, a partir dessas leituras já realizadas e vivenciadas por seus alunos, em sala de aula, o professor Larrosa introduzia as discussões e reflexões de cada texto, ouvindo, aleatoriamente, os apontamentos que eles traziam.

Como parte da avaliação final da disciplina, organizados em grupos sob a orientação do professor Jorge, os alunos deverão criar um projeto de intervenção social/educativa para ser aplicado em algum desses espaços que visitaram enquanto liam e sobre os quais Bauman discute em seus textos. A aplicação do projeto será fictícia, no entanto, exigirá de cada grupo um real envolvimento com o lugar que escolher e uma atenção especial para elaborar cuidadosamente





a escrita a ponto de ficar claro para os colegas e o professor como será realizada a intervenção social naquele meio.

O QUE OBSERVARAM E EXPERIMENTARAM ESSES JOVENS LEITORES

Pela relevância que tem o contexto para o ato de ler, que propor a realização da leitura de um texto em um espaço que se relaciona de alguma forma com ele, é estar, de certo modo, contextualizando. Contudo, somente o recinto não basta. É preciso mais. Acreditamos que ao realizar essa tarefa proposta pelo professor, os alunos/leitores foram convidados a desnudarem-se de seus pré-conceitos com relação aos distintos lugares e abrirem-se ao novo, ao diferente, às possibilidades; a darem-se oportunidades de (re) descobrirem-se através do que leem. Isso porque, assim como diz Larrosa (2003) cremos na leitura enquanto formação e na formação enquanto leitura, pois

Pensar a leitura como formação implica em pensá-la como uma atividade que se relaciona com a subjetividade do leitor; não somente com o que o leitor sabe como também com o que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma ou nos transforma), como algo que nos constrói ou nos põe frente a frente com o que somos. (LARROSA, 2003, p. 25-26. Tradução nossa)¹

Por acreditarmos na leitura que nos constitui enquanto seres pensantes e dotados de sentimentos, é que vemos o quanto a possibilidade de ler Bauman – esse brilhante teórico da sociologia que defende a ideia da sociedade líquida moderna que se reafirma cada vez mais embasada no consumo e na produção de lixo e de pobres – ao mesmo tempo em que se verifica que o que ele teoriza se manifesta aos nossos olhos, é desafiador, de-formador e transformador.

Assim, o primeiro contato com os textos de Bauman, conforme os relatos dos estudantes, foi de uma maior atenção aos conceitos por ele trabalhados. Os estudantes relataram que os sentimentos variavam muito de lugar para lugar. Desde sentir-se à vontade, como deparar-se com o medo, ou então comovidos com determinada situação, ou ainda incomodados com o barulho e a agitação característicos dos sítios que visitaram. Essa mescla de sensações vai ao encontro da ideia de leitura enquanto processo afetivo que, conforme descreve Jouve (2003), tem as emoções como base motriz do engajamento sensível do leitor com o texto.

¹ Pensar la lectura como formación implica pensarla como uma actividad que tiene que ver con la subjetividad del lector: no solo con lo que el lector sabe sino con lo que es. Se trata de pensar la lectura como algo que nos forma (o nos de-forma o nos transforma), como algo que nos construye o nos pone en cuestión en aquello que somos. (LARROSA, 2003, p. 25-26)





Obviamente, nem todos os cinquenta alunos opinaram e/ou expuseram o relato de como realizaram suas leituras e o que sentiram quando praticaram a atividade. Contudo, a atenção enquanto os colegas traziam à tona suas observações era total. Notamos que de modo geral, o que fala Bauman em seus diferentes textos, mas que mantêm entre si um elo comum – trata de um ser fragmentado que se encontra à mercê do consumismo e da lógica do capital que age sobre ele e, de certa maneira, o faz refém – pode ser observado/sentido pelos jovens leitores quando vivenciaram suas experiências de leitura, pois, se permitiram parar para observar, para sentir. Conforme Larrosa

Nossa própria vida está cheia de acontecimentos. Mas, ao mesmo tempo, quase nada acontece em nosso interior. Os sucessos da atualidade convertidos em notícias fragmentadas e aceleradamente expiradas, não nos afetam diretamente. Vemos o mundo passar diante de nossos olhos e nós permanecemos exteriores, distantes, inabaláveis. (LARROSA, 2003, p. 28. Tradução nossa)²

Diante dessa afirmação, cabe destacar que alguns dos jovens comentaram que vivem próximos a estes lugares (terrenos baldios ou zonas industriais), outros trabalham (centros comerciais) ou costumam frequentá-los com certa frequência. No entanto, não têm o hábito de realizar leituras e observações nesses espaços. Assim, notamos que, diariamente, cruzamos por ruas e por lugares inusitados ou curiosos ou perturbadores, mas sem nos determos em suas especificidades locais e sem refletirmos sobre o que vemos e, assim, nada nos passa; as imagens ou leituras não nos atravessam, não nos tocam. Por isso, sem que possamos sair de nós mesmos e nos colocarmos no exterior, abertos à atividade que exercita o olhar e a recepção, não será possível a experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos, então, que experiências iguais a estas podem contribuir para que possamos dizer o que até então não havíamos dito, porque não sabíamos, porque não podíamos, ou porque não queríamos. Afirmamos também que a experiência de leitura contribui para que, através das palavras do autor, nós possamos construir/ reconstruir nossas próprias palavras. O importante não é o que ele sente, nem o que sentimos nós, mas sim como podemos relativizar nossos

² Nuestra propia vida está llena de acontecimientos. Pero, al mismo tiempo, casi nada nos pasa. Los sucesos de actualidad, convertidos en noticias fragmentarias y aceleradamente caducas, no nos afectan en lo propio. Vemos el mundo pasar ante nuestros ojos y nosotros permanecemos exteriores, ajenos, impasibles. (LARROSA, 2003, p. 28)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

sentimentos a partir dos sentimentos dele, e, a partir das leituras podemos transformar nossas sensibilidades, sentir por nós mesmos.

Foi dessa forma que percebemos a atividade desenvolvida pelo professor Jorge Larrosa junto aos alunos dos cursos de Pedagogia Social da Universidade de Barcelona. A cada relato de experiência dos acadêmicos, uma nova percepção da realidade que eles acabavam de vivenciar a partir das leituras de Bauman. Não era exatamente o teórico alemão quem falava, mas sim, eram os jovens que percebiam o mundo a partir do que experimentaram, por meio da leitura.

Assim, eles demonstraram ser o que Larrosa (2016) chama de sujeito da experiência, ou seja, são um espaço onde tem lugar os acontecimentos (ou talvez o portador desse espaço). Dessa forma, esses sujeitos se definem não por suas atividades, mas por suas passividades, receptividades, disponibilidades e aberturas a tudo o que veem e sentem. Eles manifestaram disposição para receber, mas, para tal, vários fatores (a pausa, o silêncio, a pré-disposição a ouvir, dentre outros já mencionados anteriormente) precisaram estar em confluência. Esses indivíduos, são, então territórios de passagem, pois não se fazem fixos, firmes, seguros, impávidos e inatingíveis, como aquele incapaz de ter experiências. Assim, “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação” (LARROSA, 2016, p. 28), pois é passional e, como tal, assume riscos, propõe-se a inovações e possibilidades.

Acreditamos, assim, que vivenciar as experiências de leitura em educação tem relação com isso, com a prática; com ver e sentir na aplicação aquilo do qual o teórico fala. Somos sabedores de que a educação desde sempre foi pensada sob dois eixos distintos: ciência/tecnologia e teoria/prática e isso dificulta ou impossibilita que algo nos passe, nos perpassa, nos aconteça, conforme reafirma constantemente Larrosa, o mestre catalão (2006). É preciso, então, pensar a educação sob outro ponto, sob outros paradigmas. E é isso que atividades como essa que discutimos aqui se propõem a fazer. A ideia é focar no eixo experiência/sentido. Somente a partir daí podemos refletir no que as palavras nos permitem pensar, dizer, ver. A partir daí podemos intentar outras gramáticas e outros esquemas de pensamento, e, assim, produzir outros efeitos de verdade e de sentidos.

Os jovens estudantes que se viram motivados pelo mundo líquido moderno de Bauman e por suas teorias de análise da sociedade que cada vez mais produz lixo e novos pobres experimentaram muito mais do que trocar experiências de leitura. O que percebemos através





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

dos relatos contundentes de alguns, emocionados de poucos e indignados de muitos é que se permitiram olhar para si mesmos e perceberem em suas condutas, em seus meios, nas sociedades em que estão inseridos, o quanto essas palavras são significativas. Por conta disso, reafirmamos que é preciso, urgentemente, explorar as possibilidades de um pensamento da educação elaborado a partir da experiência. Para tanto, é preciso reivindicar para si a experiência e fazer soar no interior de nossas salas de aula de modo que ecoe e ganhe o espaço exterior, que saia das páginas dos livros e se interrelacione com as realidades dos indivíduos, assim como faz Larrosa com seus jovens estudantes e que nós tivemos o privilégio de acompanhar.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidad líquida*. Buenos Aires. Fondo de Cultura Económica. 1999.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002.

LARROSA, Jorge. *Tremores. Escritos sobre a Experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. *La experiencia de la lectura*. México: FCE, 2003.

_____. *Experiência e alteridade em educação*. Trad. Maria Carmem Silveira Barbosa e Suzana Beatriz Fernandes. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v.19, n 2, p.04-27, jul./dez. 2011.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

QUALIDADE DE VIDA DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: REVISÃO INTEGRATIVA

QUALITY OF LIFE OF PROFESSOR'S IN HIGHER EDUCATION: INTEGRATIVE
REVIEW

Janaina Andretta Dieder (Universidade Feevale)¹
Gustavo Roese Sanfelice (Universidade Feevale)²

Resumo: A qualidade de vida é um conceito polissêmico, de caráter objetivo e subjetivo, sendo multidimensional. Almejada por todos, por vezes se torna difícil de ser alcançada, principalmente quando se vive em um contexto de constante cobrança e pressão, como é o caso dos professores universitários. Assim, esse estudo tem como objetivo analisar a produção científica acerca da qualidade de vida de docentes do ensino superior. A pesquisa, de caráter qualitativo, consiste em uma revisão integrativa de literatura. Tem-se como principais resultados: dominância feminina, da área da saúde e, principalmente, enfermagem, na realização dessas pesquisas; a maior parte dos estudos é de natureza qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista e método de análise das informações a análise de conteúdo; seus resultados são dicotômicos, já que alguns estudos apontam que os docentes identificam sua qualidade de vida como boa ou muito boa, enquanto outros assinalam para problemas de saúde e adoecimento, ocasionando a perda da qualidade de vida. Portanto, fica evidente a carência de estudos que analisam a qualidade de vida docente no ensino superior, principalmente de outras áreas além da saúde.

Palavras-chave: Qualidade de vida. Qualidade de vida no trabalho. Docente. Ensino superior.

Abstract: Quality of life is a multidimension polysemic concept with objective and subjective character. Desired by all, it is sometimes difficult to achieve, especially when living in a context of constant pressure, like of university professor's life. This study aims to analyze the scientific production about the quality of life of higher education professors. The qualitative research consists of an integrative literature review. The main results are: feminine dominance of the health area, mainly nursing, in the accomplishment of these research; the majority of the studies are qualitative, having as instrument of data collection the interview and method of analysis of the information the analysis of content; their results are dichotomic, since some studies indicate that professor's identify their quality of life as good or very good, while others point to health problems and illness, causing the loss of quality of life. Therefore, it is evident the lack of studies that analyze the quality of professor's life in higher education, especially in areas other than health.

Keywords: Quality of life. Quality of life at work. Teacher. Higher education.

INTRODUÇÃO

A qualidade de vida é algo almejado por todos, entretanto, para cada indivíduo ela pode ser interpretada de maneira diferente, já que é definida “em termos da distância entre expectativas individuais e a realidade (sendo que quanto menor a distância, melhor)” (MINAYO, 2000, p. 2). Conceito polissêmico, a qualidade de vida (QV) tem caráter objetivo e

¹ Licenciada em Educação Física (Universidade Feevale), Mestranda Bolsista CAPES/PROSUC - Diversidade Cultural e Inclusão Social.

² Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos), Docente da Universidade Feevale.





subjetivo, portanto, é multidimensional, pressupondo uma “síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar” (MINAYO, 2000, p. 2).

Almeida *et al.* (2012) apontam que as relações entre os aspectos objetivos e subjetivos são indispensáveis, pois desempenham influência mútua. Nesse sentido, o nível de QV está relacionado ao estilo, modo e condição de vida e passam “pela interação entre esses três aspectos, sendo as práticas pessoais (estilo de vida) com maior influência direta, porém, possibilitadas pelas determinantes socioeconômicas (modo e condição de vida)” (ALMEIDA *et al.*, 2012, p. 35-36). Dessa forma, a QV

é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo portanto uma construção social com a marca da relatividade cultural (MINAYO, 2000, p. 2).

Dentro desse contexto, torna-se relevante analisar a QV de professores universitários, já que são “responsáveis pela formação de profissionais de diferentes áreas do conhecimento” (KOETZ *et al.*, 2013, p. 1020). Além dessa responsabilidade, diversos fatores pesam sobre essa função, como a carga horária, a relação professor-aluno e professor-instituição, o ambiente e a demanda de trabalho (KOETZ *et al.*, 2013). Outro fator que faz parte do contexto atual do mercado é a necessidade “crescente da produtividade para alcançar o padrão de acumulação do capital, o que significa intensificar a exploração da força do trabalho, que muitas vezes implica no aumento desmedido da carga horária e da sobrecarga corporal do mesmo” (FARINHA *et al.*, 2013, p. 14). Tais fatores afetam diretamente nos níveis de qualidade de vida desses professores.

A cobrança e a pressão que fazem parte do cotidiano de docentes da graduação e pós-graduação nos fazem questionar seus níveis de qualidade de vida. Dessa forma, esse estudo tem como objetivo analisar a produção científica acerca da qualidade de vida de docentes do ensino superior.

METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo, consiste em uma revisão integrativa de literatura, pois “tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado” (MENDES *et al.* 2008, p. 759). Na abordagem do contexto que envolve o problema de pesquisa, foi elaborada a questão norteadora: Qual a produção científica acerca da qualidade de vida de docentes do ensino superior?

A estratégia de identificação e seleção dos estudos foi realizada por meio do levantamento de estudos indexados nos bancos de dados da SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, sem limitação temporal. Para o levantamento bibliográfico foram utilizados descritores baseados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) no campo “todos os índices”, sendo eles: qualidade de vida, docente. Esta etapa resultou em um levantamento de 18 estudos, em português e inglês. Os mesmos passaram por uma pré-seleção através da leitura de títulos e resumos, com o propósito de selecionar pesquisas que respondessem a questão norteadora, sendo esse o critério de inclusão. Portanto, as pesquisas que abordavam a qualidade de vida de docentes no ensino superior resultou numa amostra final para análise composta por 5 artigos.

Para a análise dos artigos utilizou-se as variáveis: autor, ano de publicação, natureza do estudo, referencial teórico, contexto, sujeitos participantes, instrumentos de coleta de dados, método de análise e resultados. Ao que diz respeito aos aspectos éticos da pesquisa, destaca-se a preservação da autoria e o referenciamento dos estudos utilizados para elaboração deste trabalho. Pelo seu caráter científico, a revisão integrativa dispensa a submissão do estudo a um Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da busca, foram selecionado 5 artigos que abordavam a qualidade de vida de docentes no ensino superior, percebendo-se que três deles focalizaram diretamente na enfermagem e dois na área da saúde, conforme as descrições na tabela abaixo:





Tabela 1. Identificação dos estudos

Identificação	Título	Autor	Ano
Estudo 1	A qualidade de vida na concepção de um grupo de professoras de enfermagem - elementos para reflexão	BECK <i>et al.</i>	1999
Estudo 2	Qualidade de vida no trabalho docente em enfermagem	ROCHA; FELLI.	2004
Estudo 3	O ensino na área da saúde e sua repercussão na qualidade de vida docente	SILVÉRIO <i>et al.</i>	2010
Estudo 4	Qualidade de vida do enfermeiro no trabalho docente: estudo com o Whoqol-bref	CONCEIÇÃO <i>et al.</i>	2012
Estudo 5	Gênero e qualidade de vida percebida – estudo com professores da área de saúde	OLIVEIRA <i>et al.</i>	2012

Fonte: elaborado pelos autores

Através da tabela 1 fica evidente a dominância feminina na realização destes estudos. Além disso, percebe-se a carência de estudos recentes sobre a QV de docentes, já que temos apenas dois do ano de 2012 e as outras pesquisas são mais antigas, de 2010, 2004 e 1999. Grande parte dos autores dos estudos são enfermeiros, professores, mestres e doutores. Quanto a natureza dos estudos quatro deles são qualitativos, sendo um descritivo do tipo exploratório, e apenas um é quantitativo do tipo transversal.

No que diz respeito ao referencial teórico, todas as pesquisas conceituam a qualidade de vida, apontando que a mesma possui um caráter subjetivo, complexo e multidimensional, dependendo de fatores intrínsecos e extrínsecos. Além disso, cada investigação da um enfoque diferente, sendo eles: qualidade de vida como um construto multifacetado que envolve capacidades comportamentais e cognitivas do indivíduo, bem-estar emocional e habilidades que requerem o desempenho de papéis domésticos, vocacionais e sociais (BECK *et al.*, 1999); aumento do número de mulheres integradas ao mercado de trabalho, com a sobrecarga do trabalho doméstico, afetando diretamente a sua saúde física e mental, utilizando a qualidade de vida percebida (OLIVEIRA *et al.*, 2012); qualidade de vida com enfoque na saúde, apontando o mundo do trabalho como um fator determinante na qualidade de vida e saúde, contextualizando a atividade docente (SILVÉRIO *et al.*, 2010); caracterização do trabalho do enfermeiro, principalmente como docente, no qual é necessário trabalhar e manter-se com saúde para produzir cada vez mais (CONCEIÇÃO *et al.*, 2012); trabalho docente sendo percebido como mais favorável, quando comparado com o processo de cuidar da enfermagem, pois as condições de trabalho (jornada, horário de trabalho, salário) são consideradas mais privilegiadas, além que “assistir” e “ensinar” são atividades tidas como “femininas” (ROCHA; FELLI, 2004).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Quanto ao contexto dos estudos, todos eles foram realizados em instituições de ensino superior, sendo elas: Universidade Federal de Santa Maria – RS (BECK *et al.*, 1999); duas instituições de ensino superior, uma particular e outra pública, da cidade de Vitória – ES (OLIVEIRA *et al.*, 2012); universidade de Santa Catarina de caráter comunitário, sem fins lucrativos (SILVÉRIO *et al.*, 2010); três universidades de uma capital do nordeste (instituição de ensino federal, ensino estadual e particular) (CONCEIÇÃO *et al.*, 2012); Curso de Enfermagem da Universidade Católica de Santos – UniSantos (ROCHA; FELLI, 2004).

Os sujeitos participantes das pesquisas foram docentes dos locais pesquisados, com características específicas em cada estudo: 4 enfermeiras, docentes do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria, pertencentes ao quadro permanente desta instituição, tendo no mínimo três anos de experiência na função, todas mulheres, duas têm título de mestres e duas mestrandas (BECK *et al.*, 1999); 19 mulheres docentes das instituições de ensino superior estudadas (OLIVEIRA *et al.*, 2012); docentes de cursos de graduação da área da saúde e de áreas afins, cujos processos de ensino-aprendizagem (PEA) incluíam atividades com a população em contextos de serviços de atenção à saúde, constituindo a amostra por três docentes de Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Odontologia, Farmácia, Psicologia e Serviço Social, totalizando 27 participantes (SILVÉRIO *et al.*, 2010); 38 enfermeiros docentes, com título de doutor, que realizavam atividades no ensino de graduação e pós-graduação em Enfermagem, sendo que destes, 18 pertenciam a uma instituição de ensino federal, 14 do ensino estadual e 6 de uma particular (CONCEIÇÃO *et al.*, 2012); todos os docentes enfermeiros que desenvolvem atividades de ensino no ciclo profissionalizante, tendo exercido atividade docente em período igual ou superior a cinco anos, totalizando 15 (ROCHA; FELLI, 2004).

O instrumento de coleta de dados mais utilizado nas pesquisas foi a entrevista (três estudos), tendo características específicas em cada um deles e utilização de outros instrumentos nas demais: entrevista semi-estruturada, com três questões básicas (BECK *et al.*, 1999); questionário com uma questão aberta (OLIVEIRA *et al.*, 2012); entrevista em profundidade, com apoio num formulário composto por questões semiestruturadas (SILVÉRIO *et al.*, 2010); instrumento de avaliação de qualidade de vida Whoqol-bref (versão em Português) com 26 perguntas estruturadas, avaliando diversas facetas, duas das quais sobre a qualidade de vida geral e 24 acerca dos quatro domínios - físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

(CONCEIÇÃO *et al.*, 2012); entrevista estruturada segundo as categorias empíricas pré-definidas do referencial teórico (ROCHA; FELLI, 2004).

Os métodos de análise variaram conforme os estudos: foi escolhido o conceito de QV de determinado autor para a análise das entrevistas (BECK *et al.*, 1999); análise de conteúdo de Bardin (OLIVEIRA *et al.*, 2012); análise de conteúdo, com codificação e identificação de categorias, associada ao processo de análise-reflexão-síntese, com vistas à identificação de temas emergentes (SILVÉRIO *et al.*, 2010); foram comparados os resultados do Whoqol-bref encontrados nos três grupos (CONCEIÇÃO *et al.*, 2012); o referencial teórico da determinação social e a análise de conteúdo (ROCHA; FELLI, 2004).

Sobre os resultados dos estudos encontramos variações, conforme exposto: “As professoras de enfermagem entrevistadas identificaram que a sua qualidade de vida é boa ou muito boa e que a mesma sofre interferência de fatores internos” (convívio harmonioso consigo e com a família, gostar do que faz, cultivo da espiritualidade, autoconhecimento, etc.) e externos (BECK *et al.*, 1999, p. 354); sendo que o conceito do autor utilizado está presente em suas falas “especialmente nos atributos relacionados a satisfação com a própria vida em geral e com o estado aceitável de saúde física, mental, social e emocional” (ibidem, p. 348). Outro estudo com professoras apontou a ausência de lazer e distúrbios no sono que favorecem doenças psíquicas; além de excesso de trabalho, “alterações significativas na forma de organização do mesmo, comprometimento da interação social e familiar, com influência sobre a saúde e a qualidade de vida”, concluindo que o trabalho docente da “área da saúde contribui para o desenvolvimento do processo de adoecimento, com influência sobre a sua vida familiar, amorosa, social, ambiental e profissional, com perda da qualidade de vida” (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 741).

Diferentes fatores promovem ou limitam a qualidade de vida do docente, tais como: a “dinâmica das diversas interações pessoais desenvolvidas nos contextos dos processos de ensino-aprendizagem, especialmente naqueles onde há atividades com a população [...] problemas da instituição, interação com gestores, condições de trabalho e remuneração” (SILVÉRIO *et al.*, 2010, p. 65). O estudo que utilizou o Whoqol-bref obteve como resultado que a qualidade de vida global dos enfermeiros docentes foi considerada boa, sendo que “somente os professores da universidade privada têm minoria no escore “bom”, mas nos domínios físico e psicológico a soma dos percentuais dos escores não apresentou diferenças relevantes”, enquanto que as relações sociais e o meio ambiente foram os domínios que





apresentaram maiores diferenças (CONCEIÇÃO *et al.*, 2012, p. 320). Por fim, o último estudo aponta que a QV no trabalho do docente de enfermagem “é expressa por diversos problemas de saúde que permitem evidenciar que os fatores desgastantes se sobrepõem aos fatores potencializadores” (ROCHA; FELLI, 2004, p. 34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da revisão integrativa que buscou analisar a produção científica acerca da qualidade de vida de docentes do ensino superior, ficou evidente a dominância feminina na realização dos estudos analisados. Verifica-se certa carência de estudos recentes sobre a QV de docentes, principalmente advindos de diversas áreas, uma vez que se tem predominância de pesquisas área da saúde e, principalmente, da enfermagem. Portanto, a maioria dos autores são enfermeiros, professores, mestres e doutores.

A maior parte dos estudos é de natureza qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista e método de análise das informações a análise de conteúdo, em sua maioria. Referente aos resultados encontrados nos estudos são percebidas dicotomias, já que alguns apontam que os docentes identificam sua QV como boa ou muito boa, enquanto outros assinalam para problemas de saúde e adoecimento, ocasionando a perda da QV. Portanto, fica evidente a carência de estudos que analisam a qualidade de vida docente no ensino superior, principalmente de outras áreas além da saúde. Percebe-se como limitação do estudo a utilização de somente uma base de dados (SciELO).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. B. *et al.* **Qualidade de vida**: definição, conceitos e interfaces com outras áreas, de pesquisa. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, 2012.
- BECK, C.L.C. *et al.* A qualidade de vida na concepção de um grupo de professoras de enfermagem-elementos para reflexão. **Rev. Esc. Enf. USP**, v.33, n. 4, p. 348-54, dez 1999.
- CONCEIÇÃO, M. R. *et al.* Qualidade de vida do enfermeiro no trabalho docente: Estudo com o Whoqol-bref. **Esc Anna Nery** (impr.), 16 (2):320-325, abr-jun, 2012.
- FARINHA, K. O. *et al.* Avaliação da qualidade de vida de docentes fisioterapeutas da cidade do Salvador/Bahia. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, Salvador, 3(1): 13-35, 2013.
- KOETZ, L. *et al.* Qualidade de vida de professores de Instituições de Ensino Superior Comunitárias do Rio Grande do Sul. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(4):1019-1028, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MENDES, K. D. S. *et al.* Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 17(4): 758-64, Out-Dez 2008.

MINAYO, M. C. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, 5(1) :7-18, 2000.

OLIVEIRA, E. R. A. *et al.* Gênero e qualidade de vida percebida – estudo com professores da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(3):741-747, 2012.

ROCHA, S. S. L.; FELLI, V. E. A. Qualidade de vida no trabalho docente em enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, 12(1):28-35, jan-fev, 2004.

SILVÉRIO, M. R. *et al.* O ensino na área da saúde e sua repercussão na qualidade de vida docente. **Revista Brasileira De Educação Médica** 34 (1):65-73, 2010.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A ARTE COMO REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA CULTURA OCIDENTAL

ART AS A REPRESENTATION OF THE FEMININE IN THE WESTERN CULTURE

Janaina Peixoto Kowalski (Universidade Feevale)¹

Juracy Ignez Assmann Saraiva (Universidade Feevale)²

Resumo: A cultura de cada período da evolução humana reflete-se em suas representações e a concepção de beleza feminina está inscrita em obras de arte. O objetivo deste trabalho é analisar esculturas e pinturas que retratam a beleza feminina, através de obras de arte pertencentes às sociedades da antiga Grécia, do Medievo, Modernidade e Pós-Modernidade. Contudo, para que a ideia de beleza presente em obras de arte possa ser apreendida e interpretada, faz-se necessário correlacionar essas criações com os conceitos de cultura e de representação.

Palavras-chaves: Arte. Representação. Cultura.

Abstract: The culture of each period of human evolution is reflected in its representations and the conception of feminine beauty is inscribed in works of art. The aim of this work is to analyze sculptures and paintings depicting female beauty, through works of art belonging to the societies of ancient Greece, the Middle Ages, Classicism, Modernity and Postmodernity. However, in order for the idea of beauty present in works of art to be apprehended and interpreted, and to make explicit the concepts of culture and representation.

Keywords: Art. Representation. Culture.

INTRODUÇÃO

A cultura, além de tudo mais que ela remete, pode ser um objeto sistemático de estudo, pois é considerada um fenômeno natural, possuindo causas e regularidades, e por isso permite a análise de seu processo evolutivo.

De acordo com Pesavento (2006), a cultura pode ser considerada como uma forma de leitura da realidade, através dos símbolos que se encontram nas palavras, coisas, ações e aos indivíduos de uma sociedade. E, a partir desta ideia, as obras de arte podem ser analisadas a fim de se investigar as características de determinada comunidade.

Assim, obras de arte de cada período histórico do Ocidente serão analisadas, com o intuito de se investigar como a beleza feminina foi retratada e quais são os significados destas representações.

¹ Doutoranda e Mestre em Processos e Manifestações Culturais, Tecnóloga em Cosmetologia e Estética, Bacharel em Direito. janainap@feevale.br

² Doutora em Teoria Literária, Mestre em Literatura Brasileira, graduada em Letras. juracy@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SOBRE CULTURA, REPRESENTAÇÃO, ARTE E ESTÉTICA

A concepção de cultura não é homogênea entre os estudiosos. De uma forma geral, a ideia de cultura remete ao homem e ao modo particular como ele vive em comunidade (WAGNER, 2012). Laraia (2001) diz que o conceito de cultura surgiu em 1871, quando Edward Tylor a definiu “[...] como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética [...]”. Devido à sua variabilidade e diversidade, não existe, segundo Wagner (2012), um método para classificar as culturas e ordená-las de acordo com o seu tipo natural. Dessa forma, cada cultura é equivalente a qualquer outra, sendo essa suposição denominada de *relatividade cultural*.

A equivalência entre culturas nega a ideia de que uma possa se sobrepor à outra por diferentes tipos de classificação. Entretanto, podem-se criar relações entre as culturas, traçando um sinal de proximidade entre o conhecedor e o conhecido. Wagner (2012) ressalta, ainda, que o antropólogo *inventa* a cultura que ele acredita estar estudando e essa explicação se justifica pelo fato de o cientista passar por um processo de observação e aprendizado, não sendo sua interpretação uma fantasia livre. Na concepção de Geertz (2011), cultura é um conceito semiótico. Ele diz que

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2011, p. 4).

Para Geertz (2011), todo e qualquer gesto ou objeto traduz uma característica ou informação de uma cultura e, segundo o teórico, *valores de juízo* estão implícitos nas ações comuns e nas regras de determinados grupos.

Sobre representação, destaca-se a abordagem de Pesavento (2006), que o ensina a partir do conceito de cultura. Para a autora, não há mais lugar para concepções que abordam a cultura como sendo um resultado mecânico da sociedade sem que sua historicidade seja considerada: “[...] a cultura é vista como uma produção social e histórica a se expressar, através do tempo, em valores, modos de ser, objetos, práticas” (PESAVENTO, 2006, p. 46).

Entretanto, se na concepção de Pesavento (2006) a cultura é oriunda da sociedade, ela é também “uma tradução do mundo em significados” (PESAVENTO, 2006, p. 46) e não um simples reflexo de uma realidade preexistente.





Hall (2006) examina as práticas de representação a partir das relações dessa com a linguagem que, por sua vez, é vista como expressão da cultura. Para o autor, representar é usar a linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa para outrem.

Sendo assim, conclui-se que há um processo mental envolvido na construção da representação. E é através da representação que membros de uma mesma cultura podem transmitir entre si significados, utilizando a linguagem, que é estabelecida pelos membros de uma sociedade – sujeitos culturais.

Dentre os inúmeros meios de representação, pode-se citar a linguagem da arte. Esta forma de linguagem atravessa os tempos, representando as mais variadas civilizações e as suas culturas. Na concepção de Cassirer (1997, p. 234), “[...] a arte não é uma simples reprodução de uma realidade dada, pronta. É um dos meios que levam a uma visão objetiva das coisas e da vida humana”.

A estética pode ser definida como a ciência da arte e do belo, sendo que esta expressão surgiu no século XVIII para representar as formas claras e perfeitas. Também está relacionada com a *doutrina do conhecimento*, chamada por Kant como *a crítica do juízo*. Ou seja, a crítica sobre a arte e o belo (ABBAGNANO, 2000).

As obras de arte, como representação, transmitem significado e expõem sua beleza para que essa seja contemplada. A partir da estética, que é a ciência da arte e do belo, faz-se uma reflexão empírica sobre a obra de arte em observação: o processo mental estabelece a relação entre a estética da obra. Isto é, entre a maneira como o objeto representado está constituído pela linguagem até chegar à sua significação.

A REPRESENTAÇÃO DA BELEZA FEMININA ATRAVÉS DA ARTE

Segundo Eco (2013), a beleza é a transparente consagração de sentimentos, pois é através dela que o Homem expõe suas emoções, enfatiza suas características e as observa em outros indivíduos. A beleza pode ser representada através da natureza, do corpo humano ou por uma sublime obra de arte.

A concepção de beleza da Grécia Antiga é retratada na arquitetura e na escultura, artes que influenciaram de forma significativa a evolução da cultura no Ocidente. (FARTHING, 2011).





A escultura grega, tendo na estátua o seu ponto máximo, foi muito trabalhada. As características gerais deste tipo de arte são a expressão corporal, o movimento e a técnica antefrontal, que trabalha a estátua flexionando os joelhos, tendo como consequência a flexão da espinha e da cabeça. Assim, não há a exposição de uma figura totalmente de frente e em posição rígida, mas uma figura em movimento. Dessa forma, nota-se que o estudo anatômico da estátua grega é insuperável. A *Vênus de Milo* (Figura 1) – que demonstra este estudo anatômico, é a estátua de uma mulher seminua, a qual se acredita que seja a deusa Afrodite. Possui cabelos e contornos delicados, corpo alongado e seios pequenos (FARTHING, 2011). A *Vênus*, hoje no Louvre e esculpida no século II a.C. é uma das tantas esculturas da antiguidade que retrata a beleza a partir da imagem do feminino. Ela representa a mulher da época que, para ser uma cidadã, precisava ser casada ou filha de uma família com composição habitual. Mesmo assim, a deusa expressa a delicadeza e os belos traços da antiguidade.

Figura 1 – Vênus de Milo



Fonte: Louvre

A representação de beleza presente nesta escultura é a platônica, pois Vênus significa pureza, o bem e, por isso, sua beleza é evidente (ECO, 2013).

Na análise de Eco (2013), a beleza assume o trio sublime, cuja interpretação se dá por Platão e Plotino. A *Vênus de Milo* retrata beleza, verdade e bondade a partir da sua forma, alma e transcendência. A contemplação das suas formas resulta num sentimento apaixonante. Contudo, vale ressaltar que este ideal de beleza é representado por uma mulher jovem, com traços e feições delicadas e um corpo incrivelmente delineado. A mulher das obras de arte da





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Antiguidade era sinônimo de bondade e verdade, mas também era jovem e possuidora de uma beleza admirável, cujo encanto é refletido até nossos dias.

Durante o período Medieval, o conceito de beleza também está associado ao que é verdadeiro e bom – como na Antiguidade. Porém, no Medievo, a beleza está diretamente relacionada com a unidade divina em virtude da influência da visão teocêntrica da época. A mulher, sempre representada nas artes visuais, no início da Idade Média, era vista como fonte do pecado, tendo a sua imagem vinculada à de Eva.

Dalarun (1990) afirma que para se redimir dos pecados, Eva se transforma em Maria, a mãe do Menino Jesus. Dessa forma, a mulher é vista de outra maneira, relacionada à salvação. Para o autor, Maria significa *Mãe por Excelência*, única, sem exemplo, virgem e mãe.

A mulher, a partir de então, devia ser um modelo de mãe, boa esposa (honrando os sogros) e responsável pelas atividades do lar. Frugoni (1990) descreve a mulher como pertencente ao universo religioso, destinada ao sacramento do casamento. Assim sendo, a beleza feminina do período Medieval pode ser representada pela obra *A Madonna e o Menino* (Figura 2).

Figura 2 – A Madonna e o Menino



Fonte: Gallery of Art, Washington

A Madonna e o Menino é uma obra do período gótico, de 1310, de Giotto di Bondone e se encontra atualmente na Galeria Deglu Uffizi, em Florença, na Itália (FARTHING, 2011). A beleza na Idade Média era discutida por teólogos e místicos. Estes desconfiavam dos prazeres da carne em virtude do moralismo medieval (ECO, 2013). Por isso, a beleza era vista como





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

forma de manifestação da verdade. Ou seja, não há nada mais terno e verdadeiro do que a figura da mulher como mãe.

Com o fim da Idade Média, surge o Renascimento. Para Vigarello (2006), esse é o período em que existe uma beleza única, imposta ao espectador e se impondo sobre aquele que a contempla. A beleza existiria como a verdade, congelando e transportando aquele que a vê, pois é tão absoluta que não admite contestação.

Os artistas do Renascimento acreditavam que a sua arte era a continuação da grande tradição antiga da Grécia e de Roma (BECKETT, 1995).

Primavera (Figura 3), de Sandro Botticelli (1444–1510), é de 1480 e atualmente se encontra na Galeria Uffizzi, em Florença, na Itália.

Para Beckett (1995), a *Primavera* de Botticelli é uma alegoria sobre a harmonia da natureza e da humanidade, utilizando figuras místicas. Porém, observa-se que o cupido com os olhos vendados atira as suas setas em direção às Três Graças (as criadas de Vênus), que representam as três fases do amor: a beleza, o desejo e a realização.

Figura 3 – Primavera



Fonte: Uffizi





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Figura 4 – As Três Graças



Fonte: Desenho Artístico

Na Renascença, a beleza é considerada um dom, um dado de identidade. É a tradução formal de outras oportunidades, tais como a riqueza, a dignidade principesca e uma pureza moral (NAHOUM-GRAPPE, 1990).

Como objeto de análise, foram destacadas da obra *As Três Graças*. A beleza que as Três Graças retratam é a platônica, uma vez que os artistas renascentistas buscaram, através das suas pinturas, a reprodução das obras da Antiguidade, onde os corpos são valorizados e bem delineados. Observa-se, ainda, que as graças são jovens e detentoras de feições angelicais, com rostos que evidenciam uma personalidade romântica e ao mesmo tempo melancólica. A cabeleira loira ou ruiva, com fios longos e semipresos, dá o tom de sensualidade e delicadeza. Seus corpos são esculturais, com contornos evidentes e possuidores de peles alvas e macias. O tecido leve e translúcido que os cobre dá ainda mais a sensação de leveza e transcendência.





As Três Graças representam a *beleza suprasensível* de Platão, pois elas demonstram a beleza mais autêntica, que transcende o rosto; é a beleza interior, que exala, que comove, que faz amar (ECO, 2013).

No início do século XIX nasce e se desenvolve o ideal estético da Era Vitoriana. Umberto Eco (2003) explica a Era Vitoriana como sendo a função prática do domínio da Beleza, pois esta acaba por coincidir não mais com o supérfluo, mas com o valor. A arte, com o início do século XX, é feita a partir da matéria, com materiais orgânicos em busca de um discurso estético. Na pintura, a arte da vanguarda é a proposta por vários movimentos, dentre eles o Cubismo.

Para ilustrar a Beleza já não mais discutida como nas obras anteriores, abaixo segue uma pintura cubista do artista Pablo Picasso (1881–1973).

Figura 6 – Les Demoiselles d’Avignon



Fonte: MoMA

A obra *Les Femmes d'Alger (O Version O)* (Figura 6) foi feita em 1907 e atualmente se encontra no MoMA (*Museum of Modern Arts*), em Nova York, nos Estados Unidos. A pintura, que representa prostitutas em um bordel de Barcelona, teve recepção hostil dos críticos, pois o que mais chocou esses primeiros espectadores não foi o tema da pintura, mas o seu estilo. A partir





da surpreendente modernidade, a obra é resultado de algumas estratégias artísticas: os corpos e o fundo possuem formas geométricas, o senso de profundidade espacial é diminuto e a perspectiva deslocada não é agradável aos olhos, fazendo com que estes se movam pela tela à procura de sentido. Pode-se dizer que esta obra representou uma grande ruptura tanto em relação às obras anteriores quanto em relação à própria arte, uma vez que antecipa a natureza fragmentada de alguns movimentos artísticos do século XX e de novas técnicas, como a colagem. Algum tempo depois, Pablo Picasso se referiu ao quadro como sua “primeira pintura exorcista”, possivelmente pela sua falta de simpatia pela tradição (FARTHING, 2011).

Para Eco (2013), a beleza do século XX, representada pela obra de Pablo Picasso, é provocativa e proposta pelo experimentalismo: do futurismo ao cubismo. Este tipo de arte não coloca o problema da Beleza, mas subentende-se que as novas imagens são artisticamente *belas*. A ideia de harmonia, do tempo da estética da perfeição, é representada através do desenho geométrico.

As *Demoiselles* representam a mulher do século XX, valorizando o seu corpo como se fosse um bem de consumo. Percebe-se que a beleza feminina não é mais concebida de forma angelical, melancólica, com feições claras e com formas arredondadas. Os cabelos não são mais loiros ou ruivos, ondulados e esvoaçantes. As formas da mulher, para serem valorizadas, devem ser curvilíneas, porém dotadas de magreza. O conjunto feminino possui uma conotação sexual que pode ser levada ao desejo e ao consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a arte como uma das formas de linguagem da representação, conclui-se que estas denotam uma realidade cultural. E, sendo a cultura representada por signos presentes numa sociedade, as obras de arte analisadas podem ser consideradas como a forma de significado da experiência. Ou seja, as obras analisadas evidenciam o significado da mulher, da feminilidade e da beleza nas épocas em que foram feitas.

Contudo, observa-se que em todas as épocas, as mulheres eram retratadas com um rosto jovem, pele alva e delicada. A beleza em cada cultura era representada por mulheres que não possuíam sinais de envelhecimento.

As obras de arte apresentadas neste trabalho, mostram que na cultura Ocidental, as mulheres são retratadas desde a sua beleza angelical, reforçando o discurso de que o belo é





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

sinônimo de bom; chegando até a sua sensualidade e sendo também objeto para estímulo do consumo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BECKETT, Irmã Wendy. **História da pintura**: um guia para a compreensão da história da arte Ocidental. Tradução Maria Filomena Duarte. Livros e livros, 1995.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). **História das mulheres no Ocidente**: a Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

ECO, Humberto. **História da beleza**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**: os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos. Tradução Paulo Polzonoff Jr., *et al.* Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FRUGONI, Chiara. A mulher nas imagens, a mulher imaginada. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). **História das mulheres no Ocidente**: a Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

GALLERY OF ART, WASHINGTON. Disponível em <<https://www.nga.gov/content/ngaweb/collection-search-result.html?artist=Giotto%20di%20Bondone>> Acesso em 03 jul. 2017.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011, p. 03-21.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14ª edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

LOUVRE. Disponível em <<http://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/aphrodite-known-venus-de-milo>> Acesso em 03 jul. 2017.

MoMA. Disponível em <<https://www.moma.org/collection/works/79766>> Acesso em 03 jul. 2017.

NAHOUM-GRAPPE, Véronique. A mulher bela. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). **História das mulheres no Ocidente**: do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Edições Afrontamento, 1990.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan-dez/2006.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MERGULHANDO EM *WESTEROS*: O ALCANCE CULTURAL DE “AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO”

IMMERSING IN *WESTEROS*: THE CULTURAL REACH OF "A SONG OF ICE AND
FIRE"

Janaina Wazlawick Müller (Universidade Feevale)¹

Saraí Patrícia Schmidt (Universidade Feevale)²

Resumo: o presente trabalho objetiva abordar o alcance cultural do universo fantástico criado pelo autor George R. R. Martin e intitulado como “As Crônicas de Gelo e Fogo”. Levando em consideração o material original, composto pela saga de literatura fantástica, a série televisiva resultante do processo de adaptação, além de outras manifestações, inclusive aquelas promovidas pelos fãs, serão esclarecidos a influência e o alcance do produto em questão. Assim, tem-se como proposta demonstrar como “As Crônicas de Gelo e Fogo” transformaram-se em artefato cultural, e, dessa forma, um meio para pensar as dinâmicas sociais. Para tanto, no que se refere à fundamentação teórica, destacam-se os estudos e argumentos dos seguintes autores: Teixeira Coelho Netto (1996), Henry Jenkins (2009) e Maria Cristina Costa (2002).

Palavras-chave: Cultura. Mídia. Sociedade. Fãs.

Abstract: The present work aims to address the cultural reach of the fantastic universe created by the author George R. R. Martin and titled as "A Song of Ice and Fire". Taking into account the original material, composed by the saga of fantastic literature, the television series resulting from the adaptation process, in addition to other manifestations, including those promoted by the fans, will be clarified the influence and the reach of the product in question. Thus, we have as a proposal to demonstrate how "A Song of Ice and Fire" has become a cultural artifact, and, in this way, a means to think about social dynamics. In order to do so, in what concerns theoretical foundation, the studies and arguments of the following authors stand out: Teixeira Coelho Netto (1996), Henry Jenkins (2009) and Maria Cristina Costa (2002).

Keywords: Culture. Media. Society. Fans.

GELO, FOGO E CULTURA

Em agosto de 1996, George R. R. Martin³ proporcionou ao mundo literário sua mais recente obra, intitulada como “A Guerra dos Tronos”, a qual despontava como o primeiro livro da saga “As Crônicas de Gelo e Fogo”. Como enredo base, havia um mundo fantástico e um território de reinos divididos chamado *Westeros*⁴, onde um conjunto de famílias nobres, entre alianças e traições, disputava a influência e o poder de governo, simbolizado pelo Trono de

¹Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, com bolsa CAPES, na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Licenciada em História pela mesma instituição. E-mail: janainaw@feevale.br

² Orientadora do Trabalho. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre/RS). Docente na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: saraischmidt@feevale.br.

³George Raymond Richard Martin é um escritor, editor e roteirista estadunidense.

⁴Principal continente no qual se passa a maior parte da história de “As Crônicas de Gelo e Fogo”. É composto por seis reinos e uma capital, na qual vive o rei. As seis famílias responsáveis pelo governo dos reinos são subordinadas ao soberano, que se senta no Trono de Ferro – um imponente assento feito das espadas dos inimigos derrotados.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Ferro. Marcadamente violenta, com uma narrativa focada em personagens expressivos e tendo um cenário mágico e detalhista, a obra chamou a atenção do público e da crítica. Contudo, foi quando o enredo saltou das páginas para a tela que o sucesso tornou-se mundial, chegando a terras brasileiras e motivando a Editora LeYa⁵ a publicar os volumes da saga⁶; a emissora HBO⁷, supervisionada pelo próprio Martin, lançou a série *Game of Thrones*⁸ em abril de 2011, numa estréia que aconteceu simultaneamente em diversos países, incluindo Brasil.

Pouco mais de duas décadas após o lançamento de “A Guerra dos Tronos”, na metade de 2017, surgiu na internet a notícia de que a Rede Globo⁹ estava em processo de produção de uma nova novela. Alguns projetos de sinopses e imagens de divulgação começaram a surgir, e iniciaram-se as comparações. Nomeada como “Deus Salve o Rei”, a novela traria um ambiente medieval, no qual personagens iriam envolver-se em intrigas, traições e romances – tudo isso circundando os herdeiros e a posse do trono. Várias páginas¹⁰ começaram a colacionar a novela, que ainda estava por estreiar, com a série *Game of Thrones*, principalmente no que se referia ao visual e a construção de personagens. Entretanto, logo que as comparações passaram a alcançar repercussão entre o público, a emissora divulgou um comunicado¹¹ em que negava inspiração no enredo da série, o que foi reforçado pelo autor e pelo diretor da novela. De fato, o autor alegou¹² que, apesar de acompanhar *Game of Thrones*, não havia em “Deus Salve o Rei” uma inspiração direta. Nisso, pondera-se: “As Crônicas de Gelo e Fogo” não são um produto dotado

⁵ Grupo editorial português.

⁶ “A Fúria dos Reis” (2011), “A Tormenta de Espadas” (2011), “O Festim dos Corvos” (2012) e “A Dança dos Dragões” (2012).

⁷ O *Home Box Office (HBO)* é um canal de televisão por assinatura estadunidense, propriedade do conglomerado Time Warner. Em território brasileiro, a série *Game of Thrones* é transmitida pelo canal por assinatura HBO Brasil. Disponível em: <<http://www.hbo.com/about/>> Acesso em: 16 set. 2016.

⁸ Composta por sete temporadas. A oitava e última temporada tem estreia prevista para 2019.

⁹ Rede de televisão brasileira. Suas atrações, que tem como principais expoentes programas de variedades e novelas, atualmente alcançam os maiores índices de audiência do sinal aberto no Brasil.

¹⁰ “Conheça Deus Salve o Rei, a ‘Game of Thrones’ da Globo.”. Publicada em 19 out. 2017. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdnews/conheca-deus-salve-o-rei-game-of-thrones-da-globo/>>. Acesso em: 23 jan. 2018; “Parece que a Globo já tem o seu próprio Game of Thrones”. Publicada em 17 out. 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/davirocha/game-of-globos?utm_term=.xkjEqVMK3#.rd3O8md9z>. Acesso em: 23 jan. 2018; “Estaria a Globo tentando fazer uma novela parecida com ‘Game of Thrones’?”. Publicada em 18 out. 2017. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/tv,estaria-a-globo-tentando-fazer-uma-novela-parecida-com-game-of-thrones,70002051723>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

¹¹ “Web compara ‘Deus Salve o Rei’ à ‘Game of Thrones’; Globo nega inspiração”. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/globo-nega-que-novela-deus-salve-o-rei-seja-inspirada-na-serie-game-of-thrones_a199322/1>. Acesso em 23 jan. 2018.

¹² “Autor de ‘Deus Salve o Rei’ opina sobre comparação com ‘GoT’: ‘Nada específico’.”. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/autor-de-deus-salve-o-rei-compara-trama-com-game-of-thrones-humor-estabelecido_a205822/1>. Acesso em: 23 jan. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

de total originalidade, e nem George R. R. Martin é um pioneiro do gênero. Porém, a novela da Rede Globo, ainda que não possa ser classificada como meramente derivada da criação de Martin, incentiva a reflexão acerca dos diferenciais que fizeram com que a narrativa em questão provocasse tamanho impacto cultural.

Como temática, portanto, está “As Crônicas de Gelo e Fogo” enquanto um fenômeno, objetivando-se sua análise como artefato cultural cuja influência estende-se ao ponto de se tornar uma referência inserida no coletivo, estabelecendo-se como um produto midiático dominante e gerador de significados. Para tanto, na averiguação do conteúdo (BARDIN, 2011) das diversas apropriações do público, serão organizadas as relações entre ficção e mídia por meio de Maria Cristina Costa (2002), e Henry Jenkins (2009) para a convergência dos artefatos, além do conceito e aplicação do termo *fandom*. No que se refere aos estigmas derivados da popularidade da obra e sua força comercial, traz-se os argumentos do autor Teixeira Coelho Netto (1996). Assim, procura-se construir um alicerce que vise comprovar como a narrativa investigada – levando em conta, principalmente, literatura e adaptação televisiva –, sendo manifestação da indústria cultural, encaixa-se nas dinâmicas sociais do coletivo.

O ALCANCE CULTURAL DE “AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO”

Uma narrativa, especialmente a fantástica, tem o propósito de seduzir e envolver o sujeito, até que este aceite os parâmetros daquela realidade e desvincule sua mente da dicotomia real x irreal, permitindo-se estabelecer relações e identificações com a história. Segundo Costa (2002, p. 12), a ficção é “[...] essa forma peculiar da comunicação humana que, estimulando a imaginação e o devaneio, propõe uma experiência intersubjetiva na qual a realidade que a circunda se apresenta de forma indireta”. E “As Crônicas de Gelo e Fogo” alcançou a proposta de seduzir leitores e espectadores, já que as mais de 3500 páginas conquistaram seu espaço na preferência do leitor brasileiro¹³. E, na convergência entre *Game of Thrones* e os livros que viabilizaram a série, estruturou-se um fenômeno cultural que foi externado por diferentes meios. De acordo com Jenkins (2009, p.29), a palavra “convergência” refere-se “[...] ao fluxo de

¹³ Conforme notícias do site *Publish News*: “De olho na lista: George R. R. Martin rouba 1º posição de ficção de si mesmo”. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2011/09/09/65059-de-olho-na-lista-george-rr-martin-rouba-1a-posicao-de-ficcao-de-si-mesmo>>; “De olho na lista: Crônicas de Gelo e Fogo domina ficção”. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2012/02/10/67078-de-olho-na-lista-chronicas-de-gelo-e-fogo-domina-ficcao>>; “A Dança dos Dragões esquentou a lista”. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2012/08/10/69739-a-danca-dos-dragoes-esquentou-a-lista>>. Acessos em: 23 jan. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação [...].” E por manifestar-se em múltiplos meios, a obra de Martin transformou-se num marco da Cultura Pop¹⁴. Esclarece-se que há relutância na utilização de tal denominação e no reconhecimento de sua relevância, uma vez que é comum afirmar que fazem parte da Cultura Pop aquelas manifestações que tem como orientação exclusiva o alcance midiático e comercial. Por esse motivo, não seriam capazes de questionar ou transgredir, por estarem subjugadas pelas tendências do mercado. Conforme Coelho (1996, p.21),

[...] ainda hoje uma parte considerável da sociedade (incluindo-se, surpreendentemente, muitos teóricos da cultura) comporta-se perante os produtos da cultura pop do mesmo modo como a sociedade algumas décadas atrás se portou diante, exatamente, da arte pop. Com que horror foram recebidas as primeiras imagens de uma garrafa de coca-cola ou de um posto de gasolina pintadas ali onde antes figuravam apenas os “grandes temas” da arte! Foi fácil esquecer, então, que se Rembrandt pintava um grupo de comerciantes ao redor de uma mesa num ambiente claro-escuro era porque aquela era a realidade de sua época [...]. Negas esta visão e a cultura dela decorrente é querer amputar a vida contemporânea de parte importante de seus momentos significativos.

A Cultura Pop é uma maneira de a sociedade representar-se. E os produtos derivados do mundo criado por Martin repercutem em variados meios de representação, nos quais se verifica o impacto que “As Crônicas de Gelo e Fogo” tem no imaginário do público – que é instigado a elaborar associações com a novela da Rede Globo, ainda que o enredo e os personagens não tenham semelhanças diretas. Em tal impacto, percebe-se que há certo predomínio da obra sobre outras narrativas que contenham elementos em comum, independente de quão sutis as semelhanças sejam – o que evidencia o estabelecimento de uma relação intersubjetiva de “As Crônicas de Gelo e Fogo” com a realidade, fazendo com que o mundo de *Westeros*, enquanto ficção, seja uma forma de experimentar a vida real. (COSTA, 2002).

O público expressa sua relação com “As Crônicas de Gelo e Fogo” de modo bastante amplo e que inclui múltiplos suportes, relacionando-se ao argumento de que “a circulação de

¹⁴Conforme Thiago Soares, Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): “Atribuímos cultura pop, ao conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática, que tem como gênese o entretenimento; se ancora, em grande parte, a partir de modos de produção ligados às indústrias da cultura (música, cinema, televisão, editorial, entre outras) e estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante.” (SOARES, 2014, p.2). Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/14155/10727>>. Acesso em: 23 jan. 2018.





conteúdos [...] depende fortemente da participação ativa dos consumidores.”. (JENKINS, 2009, p.29). Um exemplo significativo são as *fanfictions*¹⁵, nas quais é possível encontrar incontáveis interpretações do público para enredo e personagens. Os fãs elaboram novos caminhos, inventam personagens e, levando em conta que a obra ainda não está finalizada, também criam finais. Outro exemplo dessa interação está na publicação de vídeos na plataforma Youtube¹⁶, em que se destaca a imensa variedade de produções voltadas para a discussão acerca do universo de George Martin. Como exemplo, cita-se o canal *Mikannn*¹⁷, onde está disponibilizada uma *playlist* voltada apenas para “As Crônicas de Gelo e Fogo” e que é constituída, até o momento¹⁸, por 203 vídeos: contabilizando milhões de visualizações e milhares de comentário, revelam-se os indivíduos que interagem e formulam reflexões sobre uma obra ficcional, e que em seus esforços de construir teorias e realizar debates, demonstram a influência desse universo fantástico na vida cotidiana. No compartilhar de interesses e conhecimentos, forma-se uma comunidade – o *fandom*¹⁹. É o mundo de *Westeros* apresentando-se nos processos das dinâmicas sociais, e auxiliando na estruturação das identidades de sujeitos, que encontram na narrativa e nos personagens um vínculo com um grupo. Segundo Costa (2002, p.72),

[...] é ficção que permite desdobramentos necessários de nossa mente, que nos faz viver processos interpretativos de natureza mágica e mítica. Se pensarmos que a sociedade midiática se estabelece em meio ao pleno desenvolvimento da produção industrial, em que a vida das pessoas passa a ser conduzida dentro de limites firmemente estabelecidos por um poder coercitivo, impessoal e anônimo para a maioria, podemos entender que ficção tenha se constituído no espaço em que se experimentam, ao menos de forma simulada, o poder de decisão, de individualidade e a liberdade. Posso ser obrigado a ouvir notícias do telejornal e tomá-las como verdadeiras, mas a adesão a uma telenovela ou a empatia com um personagem parece ser, ao menos para quem a sente, absolutamente pessoal e espontânea. O fato de que a mídia tenha sempre procurado descobrir os segredos dessa adesão e dessa entrega para usá-los em seu próprio interesse – comercial e político – não afeta a grata sensação de afirmação individual que essa emoção desperta. E é a ficção o espaço no qual se estimula, elabora e desencadeia o processo de identificação e de interpretação que sustenta a individualidade.

¹⁵ Em tradução literal para o português, “ficção de fã”, nas quais o público, apropriando-se de certo produto, cria suas próprias narrativas.

¹⁶ Plataforma que permite a publicação e compartilhamento de vídeos.

¹⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCpkZ7Z_J8RjvRtYc3JQdh0g.

¹⁸ Informação registrada no dia 24 jan. 2018.

¹⁹ De acordo com Jenkins (2009, p.39): “[...] termo utilizado para se referir à subcultura dos fãs em geral, caracterizada por um sentimento de camaradagem e solidariedade com outros que compartilham os mesmos interesses.”.





Outro indicio do vínculo e identificação associados a “As Crônicas de Gelo e Fogo” está em eventos de Cultura Pop, que contam com a participação de inúmeros sujeitos, que encontram um espaço voltado exclusivamente para o apreço de séries, filmes, livros, games, enfim – qualquer elemento integrante do universo cultural pop. Dentre esse público, têm maior evidência os chamados *cosplayers*²⁰, para os quais a criação de Martin tornou-se particularmente popular²¹. São pessoas que se reconhecem nos personagens ao ponto de reproduzir e agir em conformidade ao incorporar um papel, fazendo do *cosplay* uma materialização da aproximação para com esse mundo ficcional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em eventos, canais do *Youtube* ou em *fanfictions*, ocorrem conexões entre os diversos *fandom*: os participantes têm a oportunidade de reunir-se, dialogar e se relacionar com aqueles que são capazes de admirar seus gostos, debater e contestar suas interpretações e teorias, ou compartilhar informações e temas. Nesta formação de comunidade, têm-se um aspecto referente à convergência midiática, e que reforça o alcance e impacto da obra aqui abordada. Conforme Jenkins (2009, p.30),

A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana.

Assim, a comunidade construída no *fandom* e suas expressões estão relacionadas aos indivíduos que, na interação, dão continuidade ao poder do artefato cultural. Não é, portanto, uma via de mão única – um produto cultural que é simplesmente consumido, limitando-se a isso sua relação com os sujeitos. É um produto que influencia e que é moldado, compreendido, explicado e traduzido por aquele que o consome. Aponta-se, no entanto, que “As Crônicas de Gelo e Fogo” é algo, de fato, vendido e consumido, pertencendo aos domínios da indústria cultural. De acordo com Coelho (1996), a indústria cultural sofre com estigmas por não ser

²⁰ Aquele que pratica o *cosplay* - palavra que pode ser traduzida como “disfarce”. Refere-se à pessoa que, por meio de fantasia, maquiagem e acessórios, se transforma em um personagem que pode pertencer a qualquer manifestação da cultura pop, sejam filmes, séries, livros, quadrinhos, games, etc..

²¹ “DAENERYS, JON SNOW, OBERYN E MAIS: OS MELHORES COSPLAYS DE GAME OF THRONES”. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://OMELETE.UOL.COM.BR/SERIES-TV/LISTA/CCXP-2017-DAENERYS-JON-SNOW-OBERYN-E-MAIS-OS-MELHORES-COSPLAYS-DE-GAME-OF-THRONES/.](https://omelete.uol.com.br/series-tv/lista/ccxp-2017-daenerys-jon-snow-oberyn-e-mais-os-melhores-cosplays-de-game-of-thrones/)> ACESSO EM: 28 JAN. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

entendida como um “[...] instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro, e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa.” (COELHO, 1996, p.10). Todavia, alegar que “As Crônicas de Gelo e Fogo” (e a indústria cultural como um todo) constitui uma maneira de alienar e enquadrar o sujeito à posição de consumidor é impor uma identidade unidimensional, tanto para o indivíduo quanto para a obra. O primeiro é transformado num fantoche facilmente manipulável e que aceita, sem questionamentos, aquilo que lhe é colocado, já a obra é estabilizada na perspectiva de simples entretenimento. Afinal, em “As Crônicas de Gelo e Fogo”, com personagens tão ricos e capazes de provocar tanta fascinação, não seria possível restringir a narrativa ao sucesso comercial. Nas palavras de Costa (2002, p.27),

Entrar em outro corpo, distanciar-se de si próprio, transcender-se, transformar-se imaginariamente em outro faz parte do processo de desdobramento interior proposto pela ficção, o qual irrompe de forma mais acabada com a identificação do leitor ou do espectador com o personagem. [...] o personagem é a pedra de toque da ficção, pois é ele que desencadeia o processo de identificação que rompe com quaisquer amarras que ainda se tenha com nossa circunstância e objetividade. É ele que promove esse deslocamento e descolamento de nossa individualidade.

É a respeito dos personagens que os fãs debatem, são os produtos relacionados a eles que o público consome, suas trajetórias e características são (re) interpretadas através das *fanfictions*, suas aparências, trejeitos e personalidades são reproduzidos pelos *cosplayers*. E na novela citada, produzida pela Rede Globo, o espectador encontra referências que o lembram de uma ou outra personalidade de “As Crônicas de Gelo e Fogo”.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **O Que é indústria cultural**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1996. 101 p.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Ficção, Comunicação e Mídias**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002. 128 p.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. 428 p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O CIBERESPAÇO: QUESTÕES DE LEITURA EM UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

THE CYBERSPACE: QUESTIONS OF READING IN A FOREIGN LANGUAGE

Jancileidi Hubner (UFFS)¹
Édina Menegat Mecca (UPF)²

Resumo: O trabalho aqui apresentado define como tema a leitura no ciberespaço e, como delimitação, em seu recorte, a leitura de textos autênticos da internet em aulas de língua inglesa. O objetivo a que se propõe é investigar as contribuições da internet como fonte de material autêntico para as aulas de língua inglesa, levando em conta o intuito de formar leitores autônomos, capazes de apreender sentidos expressos no ciberespaço. Mediante tal objetivo, são mobilizados e associados marcos teóricos como as orientações quanto ao ensino de língua estrangeira dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), os estudos de Santaella (2004, 2013) no que se refere ao papel da escola diante dos novos tipos de leitores, bem como os critérios para avaliação de sites propostos por Dudeney e Hockly (2007). A investigação de natureza bibliográfica exploratória culmina com a elaboração de um roteiro de avaliação de sites a serem utilizados em aulas de língua estrangeira. A elaboração da ferramenta tem como principal objetivo guiar o professor na escolha de material de qualidade e apropriado para a utilização em atividades pedagógicas em meio à vasta oferta disponível no ciberespaço.

Palavras-chave: Língua estrangeira. Letramento. Ciberespaço. Seleção de material.

Abstract: The work presented here defines as its theme the reading in the cyberspace and as a delimitation in its cutout the reading of authentic texts from the internet in English classes. The purpose of this work is to investigate the contributions of the internet as a source of authentic material for the English classes taking into account the intention of educating autonomous readers able to comprehend meanings expressed in the cyberspace. Under such purpose, some theoretical frameworks are discussed and associated such as the orientation about the teaching of foreign languages from the Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), the studies of Santaella (2004, 2013) referring to the role of school in view of the the new types of readers, as well as the criteria to evaluate sites suggested by Dudeney and Hockly (2007). The investigation is bibliographic exploratory and culminates in the elaboration of a guide for the evaluation of sites to be used in foreign language classes. The elaboration of the tool has as its main purpose to lead the teacher while choosing material of a good quality and appropriate for the use in pedagogical activities among the wide offer available in the cyberspace.

Keywords: Foreign language. Literacy. Cyberspace. Material selection.

1 INTRODUÇÃO

Em uma leitura atenta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), lançados em 1998 com o intuito de nortear o ensino no Brasil, verifica-se que os documentos enfatizam, em seus objetivos gerais para o ensino fundamental, a importância do trabalho com as diferentes linguagens como meio para produzir e expressar suas ideias e usufruir das produções culturais,

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (Chapecó/SC). Professora no Centro de Línguas URI-Erechim (Erechim/RS). E-mail: jancihubner@hotmail.com

² Mestranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (Passo Fundo/RS). Bolsista PROSUC/CAPES. Professora no Centro de Línguas URI-Erechim (Erechim/RS). E-mail: edinamm@yahoo.com.br





atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. Nesta proposta está inserido o ensino de língua estrangeira na escola, de fundamental importância, na medida em que possibilita o posicionamento dos alunos perante a sociedade sem fronteiras na qual estamos inseridos. Saber uma língua estrangeira permite a interação com pessoas e produções culturais de outras nacionalidades, dando subsídios para que o indivíduo entenda outros pontos de vista e se posicione, apresentando suas próprias ideias.

Quanto à língua estrangeira, especificamente, os PCNs (1998) reconhecem as limitações do trabalho com a disciplina e sugerem metas realistas, com ênfase no desenvolvimento da habilidade de leitura. Os documentos também mencionam que o insumo para as tarefas de língua estrangeira pode ser verbal ou não verbal, com foco na interação entre as pessoas e na comunicação propriamente dita, veiculando ideias através da língua em questão.

Considerando, ao mesmo tempo, a evolução dos tipos de leitores proposta por Santaella (2004, 2013), inferimos que as necessidades e os interesses de nossos alunos passam, atualmente, pela leitura no ciberespaço, o qual altera a configuração dos textos que chegam até nós, exigindo habilidades leitoras distintas.

Diante de tais observações, parece evidente que a utilização de textos autênticos da internet em aulas de língua estrangeira configura uma prática necessária e produtiva. Como, no entanto, selecionar o material a ser utilizado em aula em meio a tanto conteúdo veiculado no labiríntico contexto do ciberespaço?

A partir deste questionamento, nos propomos a investigar as contribuições da internet como fonte de material autêntico para as aulas de língua estrangeira, culminando com a elaboração de um roteiro de avaliação de sites a serem utilizados em aula. Tal roteiro começou a ser desenvolvido em pesquisas anteriores, com base nos apontamentos de Dudeney e Hockly (2007) a cerca da utilização de tecnologias no ensino de língua inglesa e será, no presente trabalho, aprimorado com vistas a atender à evolução dos tipos de leitores conforme destaca Santaella (2004, 2013).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo dos objetivos estabelecidos e com o intuito de responder à questão problema da presente pesquisa, apresenta-se a seguir a base teórica que norteou o trabalho. O texto embasado em diferentes autores e publicações destaca a proposta dos estudos de Santaella (2004, 2013)





no que se refere ao papel da escola diante dos novos tipos de leitores, bem como os critérios para avaliação de sites propostos por Dudeney e Hockly (2007).

2.1 LETRAMENTO E ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CONTEXTO DO CIBERESPAÇO

Ainda que atenda a diferentes demandas e necessidades, o ensino de língua estrangeira tem (ou deveria ter) na emancipação, na autonomia e na construção da identidade do sujeito sua principal preocupação, pois, através da linguagem, o aluno pode se afirmar como ser humano e como cidadão. Segundo os PCNs (BRASIL, 1998), esta prática deve possibilitar o engajamento discursivo do aluno a fim de levá-lo a aprender mais sobre si mesmo e sobre os diversos valores culturais, políticos e sociais que marcam o mundo em que vive.

Este trabalho, portanto, está fundamentado na abordagem sócio-cultural do letramento que, com a contribuição de Barton e Hamilton (1998 apud FIGUEIREDO, 2009, p.33) pode ser entendido como

[...] uma atividade situada no espaço entre pensamento e texto. Letramento não reside apenas nas cabeças das pessoas como um conjunto de habilidades a serem apreendidas, assim como também não está só no papel, capturado como textos a serem analisados. Como toda a atividade humana, letramento é essencialmente social e está localizado na interação entre as pessoas. (BARTON; HAMILTON, 1998, p.03 apud FIGUEIREDO, 2009, p.33)

Reitera-se, dessa forma, o objetivo principal do ensino de línguas que é levar o aluno a entender que a linguagem é sempre uma prática social que carrega em si valores, ideais e diferentes visões de mundo.

É a partir da discussão de textos e do posicionamento diante deles que o aluno será capaz de chegar aos discernimentos requeridos de leitores proficientes. Então, a qualidade dos textos oferecidos em aula é questão crucial para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. É frente a esta necessidade que se discute a questão da importância dos textos autênticos escolhidos pelo professor.

Entende-se como texto autêntico o uso real da linguagem em seus variados gêneros a fim de veicular uma mensagem socialmente. Segundo Kramsch (1993), este tipo de texto caracteriza uma oposição à linguagem artificial pré-fabricada dos livros-texto e dos diálogos instrucionais, ou seja, uma forma não-pedagógica e natural de uso da linguagem. Como são, no entanto, os textos que circulam atualmente? Como temos acesso a eles?





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Com as alternativas estabelecidas pela tecnologia, é possível criar textos que expressam sentido a partir da combinação de diferentes semioses (texto verbal escrito e falado, sons, imagens estáticas ou em movimento), o que exige, por consequência, um processo de apreensão de sentido também diferenciado. Santaella (2004) caracteriza o ambiente em que se encontram tais textos: o ciberespaço. De acordo com a autora, o ciberespaço “consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso” (SANTAELLA, 2004, p. 40). Segundo a autora, o ciberespaço é o ambiente que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Sendo este um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis, entrar no ciberespaço é, essencialmente, imergir nesse espaço.

A partir da observação destas mudanças no que se refere aos suportes e às novas maneiras de fazer significar por meio da combinação de diferentes semioses, Santaella (2004) propôs a classificação dos leitores em três tipos, a princípio: o *leitor contemplativo*, da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da leitura silenciosa; o *leitor movente*, fugaz, de memória curta, mas ágil, fruto da Revolução Industrial, com a explosão do jornal, da fotografia e do cinema, capaz de ler textos e imagens que se movem, ou enquanto ele próprio está em movimento; o *leitor imersivo*, que começa a surgir a partir dos novos espaços imateriais da virtualidade, “um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens documentação, músicas, vídeo, etc” (SANTAELLA, 2004, p. 33).

Mais recentemente, por consequência da popularização de sistemas computacionais de pequeno porte, Santaella (2013) expande sua classificação a partir do surgimento de um quarto tipo de leitor que ela batizou de *leitor ubíquo*. Trata-se de um leitor que faz uso de redes digitais móveis, enquanto também ele se move. O termo “ubíquo” surge da ideia de estar presente em qualquer tempo e lugar, já que este leitor está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a virtual. Neste tipo de leitor, a atenção é continuamente parcial, o que explica a cognição multitarefas ou cognição distribuída, característica destes sujeitos.

Santaella (2013, p. 281) destaca, no entanto, que “um tipo de leitor não leva o outro ao desaparecimento [...] Cada um deles contribui de modo diferencial para a formação de um leitor





provido de habilidades cognitivas cada vez mais híbridas e cada vez mais complexas.” Assim, cada leitor é um pouco de cada um dos quatro tipos de leitores, dependendo do contexto e da intenção de leitura.

Com base em sua teoria, Santaella (2013) se posiciona com relação ao papel da escola neste cenário de leitores com habilidades cognitivas únicas e complexas. Segundo ela, o maior desafio da escola hoje é “o da criação de estratégias de investigação dos quatro tipos de leitores, contemplativo, movente, imersivo e ubíquo, ou seja, estratégias de complementação e não de substituição de um leitor pelo outro.” (SANTAELLA, 2013, p. 282).

Dessa forma, esta pesquisa toma o ensino de língua estrangeira a partir de uma visão da linguagem como prática social, preocupando-se com a seleção adequada de textos autênticos e levando em conta a necessidade de abordar diferentes gêneros discursivos presentes no ciberespaço a fim de formar leitores autônomos, capazes de apreender sentidos expressos nesse contexto. Com base nessa abordagem, discute-se agora o uso da internet como aliada do professor de língua estrangeira na seleção de textos.

2.2 INTERNET COMO FONTE DE TEXTOS AUTÊNTICOS: CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DE SITES E ESCOLHA DE TEXTOS

No desenho geográfico contemporâneo, o importante não é mais onde cada um habita, mas sim, as suas possibilidades de acesso às novas realidades tecnológicas. Lemke (2010), afirmando que letramentos são legiões, defende que “cada um deles consiste em um conjunto de práticas sociais interdependentes que interligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significado” (LEMKE, 2010, p. 455). Neste sentido, ao abordar os “novos letramentos”, destaca que eles certamente incluirão habilidades de autoria e análise crítica multimidiáticas, estratégias de exploração e habilidades de navegação no espaço. É nesta perspectiva que este artigo ressalta o papel da internet como ferramenta do professor de língua estrangeira.

A web disponibiliza dois tipos de sites quando se pensa em utilizá-la para fins educacionais nas aulas de língua estrangeira. Tomando Dudeney e Hockly (2007) como base, pode-se dizer que existem sites próprios para o ensino da língua e sites autênticos. Os sites autênticos, em número muito maior na rede, são o foco deste trabalho e trazem uma variedade imensa de possibilidades aos professores de línguas, embora não tenham sido diretamente organizados para suas necessidades profissionais. Os autores citados sugerem quatro critérios





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

que podem servir como ponto de partida para a avaliação dos sites. São eles: a.) precisão; b.) atualidade; c.) conteúdo; d.) funcionalidade.

Quando se fala em *precisão*, busca-se verificar se o conteúdo apresentado no site é confiável e correto. Para tal, sugere-se checar por quem ou por qual instituição o site foi criado. Assim, à medida que sabemos quem disponibiliza os dados na página, certificando-nos de que é uma organização confiável, é possível ter certeza de que não estamos levando nenhum dado incorreto para a sala de aula.

Isto fará, também, com que o professor tenha certeza de que está disponibilizando aos seus alunos uma boa amostra da língua em estudo, pois verificam-se interlocutores situados em um contexto de comunicação formal no qual as informações normalmente são veiculadas através de textos bem escritos. Mas há, ainda, outra estratégia possível sugerida pelos autores a fim de verificar a precisão dos dados disponíveis no site. Pode-se fazer uma comparação de dados com outras páginas e com enciclopédias disponíveis online para que o professor possa se certificar de que as informações contidas no texto são verdadeiras.

Quanto à questão da *atualidade*, sugere-se sempre buscar no site informações sobre a última data de atualização. Às vezes essa informação está disponível e bem visível após a expressão em inglês “*last updated*”. Esta é uma forma precisa para saber se as informações são atuais ou não. Se o site não disponibilizar este dado especificamente ou se o professor ainda tiver dúvidas, é possível tentar outras estratégias que ajudam a verificar a atualidade dos dados, como confrontar as informações com outros recursos, buscando outros sites ou outras fontes, não necessariamente na Internet.

Já quando a questão é o *conteúdo*, deve-se levar em conta, principalmente, o nível linguístico dos alunos e suas necessidades de aprendizagem. É aí que se torna necessário conhecer bem a turma e saber quais os assuntos que seriam interessantes e estimulantes de acordo com suas preferências, bem como o nível de dificuldade adequado.

Dudeny e Hockly (2007) sugerem também analisar a estrutura visual do site sempre que o trabalho for desenvolvido online. A lógica da organização dos links, a combinação de cores, as fontes utilizadas entre outros aspectos, são de suma importância no momento de guiar os alunos. Estas características do site, quando mal pensadas ou organizadas, podem levar os alunos a se “perderem” durante o desenvolvimento do trabalho, especialmente se estão em um





laboratório multimídia, no qual cada aluno ou cada dupla realiza as atividades em computadores separados.

O quarto e último critério sugerido por Dudeney e Hockly (2007) é a *funcionalidade*. Segundo eles, o professor deve testar o funcionamento do site antes de levá-lo para a sala de aula. Isto quer dizer que é necessário percorrer todo o caminho a ser utilizado em aula, testando links, sons, animações, etc. O professor precisa ter certeza de que tudo funcionará adequadamente. Do contrário, se algum link não funcionar, se faltarem informações ou se a velocidade da conexão exigir muito tempo de espera para baixar vídeos ou outras mídias, a atividade proposta pode se tornar frustrante para os alunos.

Assim, com o intuito de auxiliar o docente na tarefa de seleção de material autêntico, será apresentada a seguir, uma proposta de roteiro de análise de sites baseada nos critérios descritos e que atenta ao importante papel da escola frente à nova realidade de leitores conforme apontado anteriormente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A elaboração do roteiro de análise em anexo se deu em dois momentos. No primeiro deles, desenvolvido em trabalhos anteriores, foram formuladas perguntas que pudessem guiar o professor na escolha de material para uso pedagógico na Internet tomando como base os critérios propostos por Dudeney e Hockly (2007). Além dos questionamentos sugeridos pelos autores, outras perguntas foram por nós acrescentadas com o intuito de abranger todas as características dos sites que podem interferir no desenvolvimento de atividades pedagógicas de qualidade.

Já no momento presente, neste segundo olhar para a ferramenta, consideramos também o exposto por Santaella (2004, 2013) no que tange aos tipos de leitores na contemporaneidade e ao papel da escola nesse novo contexto que tem, no ciberespaço, uma grande oferta de textos variados exigindo dos leitores habilidades distintas.

O roteiro conta com 20 perguntas fechadas de resposta *sim* ou *não*, conforme apresentamos na tabela 1. Os questionamentos guiam o professor enquanto ele busca as informações necessárias no site e, a partir disso, quanto mais respostas afirmativas o professor puder assinalar, mais adequado ao uso em sala de aula o site é.





Tabela 1 - Roteiro para o professor

CRITÉRIOS DE ANÁLISE PARA A SELEÇÃO DE SITES A SEREM UTILIZADOS EM AULA DE
A. PRECISÃO
1. A página apresenta um link com informações sobre o autor ou a instituição responsável? () sim () não 2. O autor é reconhecido por saber sobre o assunto em questão? () sim () não 3. Os dados apresentados conferem com os de outra fonte de confiança? () sim () não 4. Linguisticamente, o conteúdo é apropriado para aos aprendizes de Língua Estrangeira? () sim () não
B. ATUALIDADE
5. A página apresenta informações de quando foi atualizada pela última vez? () sim () não 6. As informações estão atualizadas em comparação com outras fontes? () sim () não
C. CONTEÚDO
7. O site parece interessante no ponto de vista dos alunos? () sim () não 8. Os links são organizados de uma forma que facilitaria o trabalho? () sim () não 9. O nível de dificuldade linguística do texto a ser utilizado é compatível com o conhecimento dos alunos? () sim () não 10. É possível adaptar o conteúdo do site ao plano de aula em desenvolvimento?() sim () não
D. FUNCIONALIDADE
11. O site é limpo, claro, fácil de navegar e sem propagandas ou pop-up que dispersam a atenção dos alunos? () sim () não 12. Quando testados, os links, o som, as animações e os vídeos funcionaram bem? () sim () não 13. A escola conta com o suporte necessário para a utilização do site em aula? (caixas de som, velocidade da Internet, entre outros) () sim () não
E. LETRAMENTO MULTIMIDIÁTICO
14. O site foi adaptado para funcionar também em dispositivos móveis? () sim () não 15. O design do site oportuniza a apreensão de sentidos a partir de diferentes modos? (texto escrito, imagens estáticas e em movimento, sons, entre outros) () sim () não 16. O site oportuniza o desenvolvimento de habilidades de navegação no ciberespaço? () sim () não 17. O gênero textual selecionado é relevante para o letramento com vistas à análise crítica multimidiática? () sim () não

Fonte: elaborada pelas autoras a partir do referencial teórico

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos preocuparmos com o ensino de língua inglesa como língua estrangeira no Brasil, o presente trabalho situa esta prática na perspectiva do letramento que promove o engajamento discursivo do aluno e tem como principal objetivo o ensino da língua como atividade social situada na interação entre as pessoas.

Partindo desse pressuposto, destacamos a importância da utilização de material autêntico nas atividades propostas aos alunos a fim de situar os gestos de leitura em contextos reais. A internet surge, então, como ferramenta de apoio ao professor e fonte de textos autênticos, atuais,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

precisos e apropriados para uso em sala de aula. No entanto, nem todo o material disponível na internet pode ser definido como tal. Em meio à ampla oferta de material presente nesta fonte que discutimos aqui, com base nos estudos de Santaella (2004, 2013), a respeito do ciberespaço, uma seleção criteriosa se faz necessária.

A necessidade de avaliar os recursos disponíveis online antes de propor seu uso pedagógico foi o que motivou o desenvolvimento dessa pesquisa. Buscamos, então, apoio em Dudeney e Hockly (2007) e seus estudos em torno da utilização de tecnologias digitais no ensino de língua estrangeira a fim de elencar os principais critérios de avaliação que o professor deve levar em conta ao selecionar material no ciberespaço.

Além disso, nos apoiamos em Santaella (2004, 2013) ao destacar a evolução dos tipos de leitores frente às mudanças no que se refere aos novos suportes e maneiras de significar. Nos preocupa, em consonância com a referida autora, o papel da escola no desenvolvimento de habilidades leitoras distintas frente às novas configurações de textos que chegam até nós.

Sabendo da importância do desenvolvimento dessas habilidades durante as aulas de língua estrangeira e do quão relevante é basear a seleção de materiais nas necessidades específicas dos alunos em questão, podemos afirmar que o roteiro de análise, produto dessa pesquisa, se tomado com atenção e propriedade, é de grande relevância para o sucesso da inserção de material autêntico disponível no ciberespaço em atividades pedagógicas.

Como resposta ao questionamento que norteou o presente trabalho e a investigação que nos propomos a desenvolver, consideramos o labiríntico contexto do ciberespaço uma fonte inesgotável de material que pode trazer grandes contribuições ao ensino de língua estrangeira e ao desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos. Reforçamos, dessa forma, a importância do ensino comunicativo e sociointeracional da língua estrangeira em favor do letramento do estudante e o papel determinante do professor enquanto mediador nesse processo e responsável pela utilização consciente e eficaz dos múltiplos recursos disponíveis no ciberespaço.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira.** v. 9, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf> Acesso em 16 jan. 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DUDENEY, G. HOCKLY, N. **How to teach English with technology**. Essex: Pearson, 2007.

FIGUEIREDO, L. M. S. **O Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa como Prática de Letramento: por uma Intervenção Híbrida e Desestabilizadora**. In: SINAIS – Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.05, v.1, Setembro. 2009. pp. 27-44.

KRAMSH, C. **Context and culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LEMKE, Jay. **Letramento metamidiático: transformando significados e mídias**. Trabalhos em Linguística Aplicada, UNICAMP, Campinas, v. 49, n. 2, 2010, p. 455- 479.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Comunicação ubíqua: Repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DA SALA DE AULA AO BAR: TRAJETOS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

FROM CLASS TO THE BAR: TRAJECTS AND CONSTRUCTION OF IDENTITIES
BETWEEN YOUNG UNIVERSITY STUDENTS

Jéferson Alves (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)¹
Norberto Kuhn Junior (Universidade Feevale)²

Resumo: O presente trabalho aborda as questões de sociabilidade juvenil e construção de identidades relacionais dos jovens universitários frequentadores de espaços de sociabilidade específicos. A pesquisa se propôs a compreender como os jovens universitários frequentadores do Campus 3 Rock Bar constroem o seu *eu-afetivo* em suas relações de sociabilidade e se percebem a coerção social do espaço em que estão inseridos. A pesquisa serviu-se da metodologia etnográfica para a coleta de dados acerca dos indivíduos jovens frequentadores do bar. Foram realizadas observações, diálogos e entrevista estruturada, e os dados foram analisados a luz das categorias bases da construção do conceito de *eu-afetivo*: Sujeito e Representação (Schopenhauer), Identidade (Clóvis de Barros e Marcela Lagarde) e Eu (Freud). Como principais resultados, temos que os jovens não percebem a coerção do espaço enquanto em sociabilidade, enquanto presentes no espaço de familiaridade, embora percebam a coerção de outros espaços.

Palavras-chave: Juventude. Representação. Sociabilidade. Identidade.

Abstract: The present essay addresses the issues of youth sociability and the construction of relational identities of university students attending specific spaces of sociability. The research aimed at to understand how university young students attending Campus 3 Rock Bar construct their affective-self in their relations of sociability and if they perceive the social coercion of the space in which they are inserted. Thus, the research was based on ethnographic methodology to collect empirical data about the objects of analysis, namely, the young individuals who go to the bar. Observations, dialogues and structured interview were carried out, analyzing, through the empirical data, under the light of the theories of Subject and Representation (Schopenhauer), Identity (Clóvis de Barros e Marcela Lagarde) and *Self* (Freud), bases of the construction of the *affective-self* concept, if young university students perceive their relations with space as resulting from their identities and self. As main results, we have that young people do not perceive the coercion of space while in sociability, while present in the space of familiarity, although they perceive the coercion of other spaces.

Palavras-chave: Youth. Representation. Sociability. Identity.

INTRODUÇÃO

A juventude é, dentro da contemporaneidade, um dos grupos sociais mais ativos, baseado em sua transitoriedade pelos campos do estudo, do trabalho e da sociabilidade do lazer. A partir disso, pensa-se em como suas ações, suas identidades e sua condição de “ser jovem” se

¹ Mestrando em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS). Bolsista de pesquisa (CAPES). Email: alves.jef@hotmail.com.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Professor permanente do PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social e do Mestrado profissional em Indústria Criativa, ambos da Universidade Feevale. Email: nkjunior@feevale.br.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

constroem, dentro de um panorama de coerções e socialização, em espaços como a universidade, os ambientes profissionais e os bares, que são espaços ocupados por essa categoria de sujeitos.

Como espaço social dessa pesquisa temos o convívio com os jovens no bar Campus 3 Rock Bar, um espaço basicamente universitário, uma vez que quase contíguo à Universidade Feevale. Destacamos a noção de “circuito” (MAGNANI, 2005) como fluxo para além do físico, que engloba não apenas a universidade e o bar, mas os espaços que são frequentados após o bar, como a ida para outras festas ou mesmo para os apartamentos próximos, ocupados principalmente pelos jovens. Isto indica que o bar encontra-se em um *circuito* juvenil, o que o configura (o C3) como um bar de características próprias. É um “espaço jovem”, mesmo que as idades e hábitos dos frequentadores não condiga com a categoria “jovem” em alguns momentos.

A partir disso, busca-se entender até que ponto a identidade do bar e o *eu* dos jovens se interpenetram, constituindo-se mutuamente, e como os jovens percebem a coerção do espaço sobre seus eus. Pensando nessa ação jovem dentro de espaços determinados e na construção de suas identidades, a pesquisa propôs-se a identificar se as coerções sociais e os espaços de sociabilidade são identificados enquanto tais pelos jovens, isto é, se os jovens percebem o espaço social como influenciador da construção de sua identidade, mais especificamente de seu eu, sob a hipótese de que pensam a si próprios como fruto exclusivo de suas subjetividades.

Como estratégia metodológica para tal, adotou-se o método etnográfico, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado. A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois, a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma interação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados, que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc. (ECKERT, 2008, p. 1).

Desde a interação com estes, permitiu-se que a pesquisa se desenvolvesse em “entendimento participativo” das dinâmicas do espaço, bem como de suas identidades (bar e jovens), o que coloca o trabalho realizado como um relato de análise de experiências.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Os resultados mostraram-se parcialmente comprovantes da hipótese geral, a saber, que os jovens percebem-se como fruto (parcial) de coerções dos espaços que frequentam, embora em espaços de familiaridade como é o caso do Campus 3, essa percepção não se faça presente, tendo-se como perspectiva a ideia de “escolha do bar pela identidade do indivíduo”.

EU-AFETIVO E A SOCIABILIDADE - “VAMOS IR AO C3”

Enquanto sujeitos e indivíduos inseridos em espaços de sociabilidade, os jovens tornam-se responsáveis por uma construção deste espaço, seja por suas ações ou seus “tipos”. Aqui, entendemos tipos como “estilos” dos jovens – o que vai envolver sua identidade: seu “eu-afetivo”, suas ações e suas representações³. O bar possui um estilo próprio, identificado durante a pesquisa, que configura-se como *rock*, enquanto categoria músico-social, uma meia luz, mesas de jogos (sinuca e pebolim), cerveja e quadros de discos de bandas (de *rock*, na maioria). Os jovens, maioria do público do espaço – há ainda os “tios do C3”, frequentadores costumeiros com mais de 30 anos –, constroem o restante do espaço: na reciprocidade espaço-sujeito ambos se elaboram, constroem-se, identificam-se. A sociabilidade é algo de extrema importância para o jovem: “A sociabilidade seria, assim, a satisfação gerada por estar em sociedade independentemente do conteúdo da interação, a relação social pura, a forma lúdica da sociação (Simmel, 2006, p. 65). O ponto a ser destacado é a familiaridade gerada, responsável por essa construção mútua supracitada.

O bar se torna, assim, um local de familiaridade, onde todos conhecem os seus companheiros e sabem que será possível que os “estranhos”⁴ sejam na verdade rostos conhecidos, já frequentadores do bar. As atividades no bar, portanto, se tornam mais livres e descontraídas – não há julgamentos (essa parte é destacada, principalmente, pelas mulheres – julgam-se livres e sem olhares condenadores sobre si, podendo beber, fumar e exercerem suas atividades sem que alguém homine as oprima em sentido condenatório) e quase tudo é aceito. (Diário de Campo, dia 30 de mar. 2017)

3 Os conceitos aqui trabalhados, bem como sua explanação mais detalhada, encontram-se em: ALVES, Jéferson. **Da sala de aula ao bar**: trajetos, espaço social e a construção do eu-afetivo entre jovens universitários de 18 a 30 anos. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Feevale, Novo Hamburgo.

4 Os “estranhos” aqui seriam aqueles indivíduos que ou nunca frequentaram o bar ou são de um “estilo” diferente. Essa questão será discutida quando da análise do “tipo condenável” de indivíduos pela identidade e os frequentadores costumeiros do bar.





EU-AFETIVO E COERÇÕES SOCIAIS: IDENTIDADE, O BAR E SUAS REGRAS

Essa familiaridade parte da apropriação do espaço pelos frequentadores, quando de suas ações, e pela identificação que o espaço imprime nos jovens. Ao determinarem o bar, constroem seu *eu*, sua identidade, dentro do espaço. No momento de escolha, quando “vamos ir ao C3”, os jovens, a partir de suas representações, constituem seu *eu-afetivo*, a disposição de ser afetado pelo meio, constituinte e constituído, antes de estarem de fato no bar. Quando da presença no local, esse eu-afetivo já sofrerá as coerções sociais, as modificações identitárias, e será transformado, isto é, afetado pelas “regras do local”⁵, estabelecidas moralmente – pelo hábito de certas ações ou pelas ocupações do espaço ou simbolicamente, através de avisos. O bar C3 possui suas próprias características internas, onde cada “espaço do espaço” carrega um significado: o balcão, por exemplo, é uma separação entre os familiarizados com o espaço – e consequentemente com o dono, sempre presente –, sendo assim “majoritariamente frequentado” por aqueles que já são “de casa”. Esse é um dos exemplos de regra simbólica que são seguidas, não havendo placas ou anúncios que a denunciem.

Pode-se identificar, dentro da identidade do espaço, questões como a estética do fumar – importante para a socialização –, o ter de beber (embora alguns não o façam) e o ser “*underground*”, isto é, uma categoria que designa aqueles que estão “abaixo” dos “padrões sociais” – o que configura uma forma de diferenciar-se, colocar-se não de fato “abaixo”, de forma negativa, mas desvinculados das regras dominantes, e que justifica a constante resposta dos jovens de que são “abertos”, ou seja, abertos a experiências e diversidade.

O EU E OS OUTROS – IDENTIFICAÇÃO E NÃO IDENTIFICAÇÃO: O TIPO QUE NÃO É PERTENCENTE A IDENTIDADE DO BAR

Durante a observação e participação, observou-se que os jovens percebem a coerção social sobre suas identidades e seus *eus*, porém não o percebem em relação ao bar quando presentes no espaço, isto é, entendem que frequentam o bar por já possuírem um “eu formado” que se identifica com o espaço, mas não que constituem a identidade do espaço e que são constituídos por este. Pode-se observar, tanto através das entrevistas formais e das informais, quanto das observações e das conversas, que os jovens se percebem como possuidores de um “estilo próprio” – poucos, no entanto, responderam que não tinham um estilo próprio e que se

⁵ É o que Pais chama de “*nomos*”, ou as normas, de convivência que os jovens criam dentro da sua sociabilidade específica ligada ao espaço.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

sabiam influenciados pelo meio –, algo que os caracterizaria enquanto indivíduo e separaria seu *eu* dos *outros*. No entanto, não há a percepção, conforme demonstraram as entrevistas e conversas informais, de que o bar os molda e lhes impõe uma coerção, construindo seu “ser jovem” no espaço, além de suas identidades quando “identificados com o bar”. Os jovens percebem-se enquanto universitários, estudantes, “galera *underground*” e aberta, o que evidencia suas identificações com outros espaços. As entrevistas, nesse ponto, demonstraram que fora do bar há a percepção de que são “moldados pelo espaço” de convívio social, embora no bar essa percepção se atenua – ou torne-se praticamente inexistente.⁶

Assim, o trabalho mostrou-se parcialmente comprovado, em termos de objetivo inicial, mas trouxe à luz aspectos não esperados no início da pesquisa – como as divisões espaciais, a estética do fumar e, principalmente, a alta percepção dos jovens sobre as coerções sociais exercidas pelo meio social externo ao bar, dentro de seus espaços de sociabilidade e cotidianidade. Outro ponto surgido durante a pesquisa foi o de que os frequentadores, embora aleguem-se “abertos”, possuem um “tipo” específico que é rejeitado enquanto frequentador do espaço. Isso demonstra a eficácia dos termos familiaridade e identidade, em conjunto com o *eu-afetivo*, que constroem uma identidade com o espaço e não permitem que aqueles que não a respeitem ou, ainda, não “familiarizem-se” com ela frequentem o espaço de forma integral, a saber, de acordo com a dinâmica própria do espaço.

⁶ ALVES, 2017, p. 65





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Pude notar, hoje, que há sim um "tipo condenável" no bar: durante a noite, por volta das 21 horas, um grupo de garotos vestidos com bonés de aba reta, camisas largas e bermudas entraram no bar. Alguns tinham *piercings* e todos tinham tatuagens. Compraram algumas fichas no balcão e foram para a última mesa de sinuca, que fica ao fundo do local, em frente ao palco e aos sofás. Ali estabeleceram-se e passaram a jogar a sinuca, sem maiores problemas. O que aconteceu de interessante foi que os burburinhos e olhares para os mesmos passaram a aumentar. O grupo com o qual me encontrava já estava se sentindo ameaçado, de certa forma. "Não foi aquele ali que começou a confusão naquele dia?", "sim, foi aquele". Cheguei a ouvir um "Eu não me sinto confortável e nem segura com esses caras aqui". Não havia encontrado com esse grupo ainda, mas ao que parece seriam uma espécie de encenqueiros que costumam frequentar o bar às vezes. No dia de hoje, no entanto, nada ocorreu de errado, exceto que um deles entrou fumando e chamaram o segurança para solicitar que não o fizesse (o que já demonstra um desconhecimento das regras do bar, isto é, uma não ligação com a identidade do bar e uma não participação da familiaridade espaço). Se pode notar que o bar tem sim um estilo e uma gama de possibilidades de aceitação – fora dela, os olhares condenam, as falas criticam, e o espaço acaba por criar, como já dito em outros dias, uma espécie de família: você poderá fazer parte, desde que conheça as regras, os estilos, aja de acordo com a "galera" e não destoe muito do ambiente. E isso não são coisas intencionalmente construídas, e sim algo que é "intrínseco do bar" – enquanto identidade construída e reconstruída pelos frequentadores em relação no *espaço C3* –, como se pode perceber por essa e outras questões já descritas (Diário de Campo, dia 28 de abr. de 2017)

CONCLUSÃO

Comprovou-se parcialmente, como já explicado, o objetivo pretendido. Os jovens possuem uma percepção dos espaços de sociabilidade que frequentam, porém, como indicam os diários e observações, não percebem a coerção no momento em que estão no bar ou, o que também é possível, não percebem tal coerção em um ambiente de alta familiaridade como o é o Campus 3 Rock Bar. O seu *eu-afetivo*, sua identidade construída *para a sociabilidade*, assim, não são percebidos no momento da dinâmica social, enquanto estão em atividade no espaço – as entrevistas e observações foram realizadas precisamente nesse momento de ação, de dinamismo. As subjetividades dos jovens, do *eu a ser afetado*, conforme pesquisa, é um eu que ainda entende-se como subjetivo quando no momento dessa dinâmica de ações. Não percebem, ainda, que constroem a identidade do bar, do espaço, talvez tanto quanto o são constituídos por este.

Outro aspecto é o *eu afetado pelo próprio eu*, isto é, o *eu-afetivo*, constituído precisamente para ser afetado, transforma-se a si enquanto em processo de sociabilidade, trazendo aspectos subjetivos e de identidade e, assim, constituindo ou não a identificação com o espaço, a dita familiaridade. É precisamente nesse ponto – e na possível extensão da validade ou não do conceito de *eu-afetivo* (que mostrou-se eficaz para a presente pesquisa) – que reside a importância do trabalho, em paralelo com a importância de pesquisar-se as dinâmicas sociais





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

de sociabilidade e lazer dos jovens, que produzem um *nicho cultural* específico, com um *nomos* próprio, conforme Pais, e distinto e que consegue descolar-se em alguns pontos da *cultura dominante*. Dessa forma, a pesquisa ergue outros questionamentos e mostra-se fértil para futuras produções, além de possibilitar a aplicação das metodologias e teorias aqui utilizadas em outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jéferson. **Da sala de aula ao bar**: trajetos, espaço social e a construção do eu-afetivo entre jovens universitários de 18 a 30 anos. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Feevale, Novo Hamburgo.

BARROS FILHO, C.; ISSLER, Bernardo; LOPES, Felipe. **Comunicação do eu: ética e solidão**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. s.l.: HUCITEC, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/1o6qKtO>>. Acesso em: 16 out. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. Editora Perspectiva. s/l. s/d.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Roneide Venancio Majer (trad). 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1)

_____. **O pode da identidade**. Klauss Brandini Gerhardt (trad). 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2)

_____. **Fim de milênio**. Klauss Brandini Gerhardt; Roneide Venancio Majer (trads). São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v 3)

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

DUMONT, Louis. **Essays on Individualism: modern ideology in anthropological perspective**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O antropólogo na figura do narrador**. In: A cidade e o tempo. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

_____. **Etnografia: saberes e práticas**. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELI, César Augusto Barcellos. **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016. (Coleção L&PM POCKET; v. 1106)

FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Maria Célia Santos Raposo (trad.). 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LAGARDE, Marcela. **Claves feministas para la negociación en el amor**. 1ª ed. Managua: Puntos de Encuentro, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Os circuitos dos jovens urbanos**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, 2005, v. 17, n. 2, p.173 – 205. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475/14252>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul/dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas**. 2007. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MIRA, Maria Celeste. **Sociabilidade juvenil e práticas culturais tradicionais na cidade de São Paulo**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 2, p. 563 – 597, maio/ago 2009.

PAIS, José Machado. **Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica**. Análise Social, vol. XXV, 1990, p. 591 – 644. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034680R2wZZ4cf6Tl39AV5.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PEIRANO, Mariza G. S. **O poder da etnografia**. Anuário Antropológico, n. 94, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. Disponível em: <http://www.marizapeirano.com.br/artigos/o_poder_da_etnografia.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/8j25ev>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **A construção da viagem inversa: ensaio sobre a investigação nas ciências sociais**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 3, p. 55-88, já./jul. 1991.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3ª ed. João Batista Kreuch (trad). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Vozes de Bolso)

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2012. (Bestbolso)

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como Vontade e como Representação, Iº tomo**. Jair Barboza (trad.). São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **O mundo como Vontade e como Representação, IIº tomo, vol. 1**. Eduardo Ribeiro da Fonseca (trad). Curitiba: UFPR, 2014.

_____. **O mundo como Vontade e como Representação, IIº tomo, vol. 2**. Eduardo Ribeiro da Fonseca (trad). Curitiba: UFPR, 2014.

_____. **Parerga and Paralipomena, volume 1**. United Kingdom: Oxford University Press, 2010.

_____. **Parerga and Paralipomena, volume 2**. United Kingdom: Oxford University Press, 2013.

ZANELLA, Eduardo. **Não dá para sair do morro: pertencimento e sociabilidade no consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular de Porto Alegre**. Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 18.1, p. 155 – 173, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/NPtL6s>>. Acesso em: 20 mar. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA E OS BENEFÍCIOS DO FAZER MUSICAL COLETIVO

THE IMPORTANCE OF MUSIC AND THE BENEFITS OF MAKING MUSICAL
COLLECTIVE

Joana Haar Karam (Feevale)¹

Resumo: O fazer musical coletivo incita atitudes responsivas e de socialização entre seus participantes, pelo fato de proporcionar momentos que possibilitem a expressividade e interação. Com objetivos comuns, os participantes fazem com que a música realizada coletivamente possa produzir uma ação coletiva para aprimoramento da qualidade estética e de performance. O aprimoramento estético intrínseco na execução musical cantada propicia o aumento da resiliência e da inteligência intrapessoal necessária para a tomada de decisões. Por fim, quanto mais experiências musicais são realizadas, melhor é a capacidade de compreender o outro e, assim, aprimorar formas de lidar com as dificuldades e encontrar soluções plausíveis e moralmente aceitáveis para a resolução de problemas.

Palavras-chave: estética musical – fazer coletivo – resiliência – inteligência intrapessoal

Abstract: The collective music making incites responsive and socializing attitudes among its participants by providing moments that allow expressiveness and interaction among the participants. With common goals, participants make collective music collectively able to produce collective action to improve aesthetic and performance quality. The intrinsic aesthetic enhancement in sung musical performance enhances the resilience and intrapersonal intelligence necessary for decision making. Finally, the more musical experiences are performed the better the ability to understand each other and thus improve ways of dealing with difficulties and find plausible and morally acceptable solutions to problem solving.

Keywords: musical aesthetics - collective doing - resilience - intrapersonal intelligence

INTRODUÇÃO

Cantar em coro deveria ser sempre uma experiência de desenvolvimento e crescimento, individual e coletivo: o desenvolvimento da musicalidade e da capacidade de se expressar através de sua voz; a possibilidade de vir a executar obras que tocam tanto no cognitivo quanto no coração, ensejando o crescimento intelectual e afetivo do cantor e de outros agentes envolvidos; o desenvolvimento da sociabilidade e da capacidade de exercer uma atividade em conjunto, onde existem os momentos certos para se projetar e se recolher, para dar e receber (FIGUEREDO, 2012, p.4).

A música pode ser utilizada como forma de estética, na aprendizagem ou na terapia. A proposta do fazer musical coletivo vem já desde os tempos dos primatas, onde os humanos reproduziam os sons da natureza e, de diferentes formas, foram aprimorando e desenvolvendo a comunicação. Com o passar dos tempos, houve a necessidade de registro através da escrita

¹ Mestrado em Teologia – Ênfase em Educação com Infância e Juventude. Musicoterapeuta. Professora de música em cursos de pedagogia e licenciatura em música, projeto social e escolas de educação infantil e ensino fundamental. joanahaakaram@gmail.com.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

musical. Houve a elaboração de signos que designavam os nomes, o tempo, as alturas e também indicativos de expressão e termos de interpretação. Assim, a estética musical baseada em uma estrutura se constituiu.

Durante a primeira e segunda guerra mundial, a música foi utilizada para auxiliar homens do exército que aspiraram gases tóxicos. Através do uso da flauta e dos trabalhos respiratórios, inerentes na execução do som, foi possível o auxílio na desintoxicação. A musicoterapia se consolidou após esta época e, desde então, é possível verificar muitos benefícios para prevenção e diminuição de doenças.

No âmbito da educação musical no Brasil, que segundo Fonterrada (pág. 208, 2008) se deu com a chegada dos Jesuítas (séc. XVI), e hoje segue as diretrizes de leis que incentivam o uso da música no currículo escolar, é possível perceber a importância da música como promotora de aspectos cognitivos e estimuladora de processos de aprendizagem.

No decorrer dos tempos é possível perceber que o uso da música foi ampliando e se consolidando em cada vez mais espaços de atuação e propostas de utilização. O objetivo deste artigo é apresentar os benefícios que o fazer coletivo pode proporcionar para pessoas que praticam música coletiva com fins estéticos.

O FAZER MUSICAL

A música é composta por estruturas que promovem formatos de regularidades e padrões determinados pelo gênero musical, pela escala, pela tonalidade. Após eleitas estas características, a música deverá obedecer esta proposta. O não cumprimento na execução dos padrões eleitos para uma determinada música poderá ser percebido por leigos e identificado por especialistas. O fazer musical promove a execução com refinamento no sentido de execução. Um coro (conjunto de pessoas que praticam divisão de vozes ao entoar músicas) preza pela estética e pela performance. Esta característica obriga que os participantes do coro realizem a sua execução com maior destreza e com maior atenção às combinações designadas para as músicas que serão executadas.

Além de empregar atenção aos padrões estéticos, a música é promotora de expressões e sensações diversas nas pessoas que a realizam e nas pessoas que observam uma apresentação. Quando temos oportunidade de conversar informalmente com qualquer participante de grupo musical e questionamos sobre a importância e sobre a forma de atuação desse trabalho, as





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

respostas são geralmente de um manifesto de adoração e devoção à música. Franz Schubert² na sua composição “An Die Musik”, descreve a música como responsável por “desviá-lo sempre para um mundo melhor” e agradece a ela por “abrir caminhos”.

Participar de um grupo, inicialmente, já promove a capacidade de socialização e pertencimento, condição importante para a vida em sociedade. A regente Agnes Schmeling³ descreve o canto coral com crianças e os benefícios deste trabalho no periódico Ensaios – Olhares sobre a música coral brasileira:

Primeiramente, percebo o grande prazer que uma criança sente no seu cantar. É algo que ela gosta, e já faz normalmente, sem a preocupação de estar cantando certo ou errado. Isso me emociona muito. Se a gente pudesse oferecer a todas as crianças do Brasil oportunidade de cantar desde o início de sua educação, só o fato de proporcionar esse prazer já seria maravilhoso. Posso dizer, sem exagerar, que este poderia ser um país diferente. Mas se pensarmos no longo prazo, então, as recompensas são muito maiores. Aquilo que vai se firmando na cabeça de uma criança até ela crescer é marcante, sem dúvida nenhuma. Hoje em dia se fala muito, dentro do campo da pedagogia e da psicologia, em métodos específicos para o desenvolvimento de uma ou outra linha de aprendizado, mas é curioso como podemos encontrar muito dessas “novas” ideias no trabalho de coro.

Quando falamos de um conjunto de pessoas que desenvolvem um trabalho musical, habilidades sociais são reconhecidas e aprimoradas pelo fazer musical estético. As pessoas que fazem música coletivamente devem prezar pela execução em excelência. Quando se trata de canto coletivo, por exemplo, os cantores devem ter atenção para um ajuste também coletivo da respiração, da articulação do texto, da vibração das pregas vocais e da emoção direcionada para a interpretação, de acordo com a peça eleita. Toda essa atenção promove uma busca pela a excelência na execução da música, o prazer pelo fazer musical e, como consequência, o aplauso do ouvinte. Esta preocupação de ajuste e a busca pela perfeição do resultado musical estimula cada componente a contribuir com o seu melhor. O cantor adquire a autorrealização pela execução e prazer pelo fazer musical coletivo. Contudo, a prática coletiva promove o senso de coletividade e a socialização em seus integrantes.

Helena Wölf Coelho, em seu livro *Técnica Vocal para Coros*, faz uma menção muito relevante no sentido das ações que o ato de cantar promove nos cantores:

² Importante compositor austríaco do final do período clássico.

³ Entrevista realizada por Agnes Schmeling em setembro de 2003, no Rio de Janeiro.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O trabalho de técnica vocal com corais não desenvolve apenas condições e habilidades vocais de coralistas. Promove, também, mudanças em suas estruturas internas de sensibilidade e conhecimento. A partir do momento em que os referenciais e parâmetros de uma pessoa são questionados, ou mesmo alterados, modifica-se seu equilíbrio em relação a si mesma e ao seu meio. Esse desequilíbrio não é necessariamente uma experiência negativa; ao contrário, é o que promove o impulso para a busca de um novo equilíbrio, e, nesse processo, é possível crescer (COELHO, 1994, p.16).

O fazer coletivo leva os participantes a um ambiente privilegiado para aprender e respeitar escolhas dos demais componentes, possibilitando a aceitação do diferente. Este compartilhamento de experiências torna o participante mais consciente da realidade da convivência humana. O desenvolvimento socioemocional, inerente no fazer musical coletivo, se classifica como crucial para a convivência em sociedade e possibilita o amadurecimento do ser humano de forma mais sociável, expressiva e resiliente.

As neurociências têm mostrado que os processos cognitivos e emocionais estão profundamente entrelaçados no funcionamento do cérebro e têm tornado evidente que as emoções são importantes para que o comportamento mais adequado à sobrevivência seja selecionado em momentos importantes da vida dos indivíduos. A ausência das emoções nos tornaria como inexpressivos robôs andróides, como se vê em muitas obras de ficção científica. E a vida perderia muito em colorido e sabor (COSENZA, 2011, p.76).

LIDERAR E INTERAGIR EM GRUPO

Em breves palavras, o papel do regente é de ajustar e organizar a seleção de cantores (realizar audição com todos os cantores individualmente e assim estabelecer qual tipo de trabalho poderá realizar no grupo), estilo musical do grupo (relacionado com o tipo de música selecionada para repertório), os arranjos (formatos e estabelecimento das melodias e estrutura das notas a serem cantadas), a forma de interpretação (o que o grupo deve realizar cantando ou tocando coletivamente, relativo aos estilos musicais). O processo de ser liderado por um regente faz com que todas as pessoas tenham que “dançar conforme a música” deste líder. De acordo com Figueiredo (2006), o regente de coral além de ter uma boa formação musical e todos os conhecimentos técnicos para ministrar um coro, precisa ser sensível em relação aos coralistas e saber gerenciar seu grupo. Emanuel Martinez, em seu texto “Técnicas de Regência”, reafirma a lealdade e comprometimento que os músicos devem ter em relação à execução musical:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Na regência, a autoridade é o *substractum* de sua arte, e é como se fosse parte integrante da natureza das coisas, sendo lastrada pelo conhecimento, experiência e competência do maestro. Na atividade humana, raras vezes o poder de um único indivíduo se mostra tão evidente nas exigências de obediência e lealdade. O gestual do maestro é dominador e sua imagem exprime suas intenções e expressões que devem ser seguidas. Exercer a atividade da regência pressupõe ter virtudes de liderança, poder de comunicação, precisão técnica e senso de autoridade.

A estrutura organizacional do grupo musical também pode variar de acordo com o tipo de gestão adotada pelo regente, fazendo com que se alterem as reações interpessoais dos participantes. Formas de manejo coletivo, inserção de metas e programação de estudo são atividades que podem favorecer o crescimento do grupo. Quanto maior a preocupação em estruturar e deixar clara cada uma das propostas, mais benefícios podem ser alcançados com o fazer musical coletivo.

Gardner, criador da teoria das inteligências múltiplas, destaca que as funções executivas emergem da inteligência intrapessoal, o que regulará o comportamento das escolhas dos indivíduos. Segundo ele, a inteligência intrapessoal deve ser constantemente aprimorada para a vida harmoniosa em sociedade. Sugere que possua três parâmetros para o desenvolvimento desta inteligência: as metas, as habilidades e a vontade. E nesse desenvolvimento se observa dois estágios: do aprendiz e do mestre.

Durante o estágio aprendiz, o desenvolvimento das habilidades predomina em relação aos outros dois parâmetros, as metas e a vontade. A criança precisa dominar o conhecimento e os procedimentos que seu grupo cultural determina. Além disso, é preciso aprender os valores e as normas do grupo social em que vive. Por meio da socialização realizada pelos pais e pela escola, a inteligência intrapessoal é desenvolvida para que possa decifrar emoções, expressar e inibir sentimentos e ações, além de compreender as perspectivas dos outros (COSENZA, 2011, p.92).

Os seres humanos necessitam de treinamento e de experiência por diversas habilidades. A proposta coral deverá condicionar os participantes a uma situação de aprimoramento da inteligência intrapessoal. No canto coletivo, a execução dos fraseados da música poderão oferecer propostas de realização, por exemplo, em quatro grupos de vozes, cantando textos diferentes que devem ser executados simultaneamente. Estar presente em um destes quatro grupos e executar o canto, dando o seu melhor e de forma a contribuir para o som coletivo, irá proporcionar situações de comprometimento, expressividade e aceitabilidade das regras propostas para a execução de determinada música. A execução musical proporcionará a vivência do *estágio aprendiz* criado por Gardner em diferentes momentos do fazer musical coletivo e possibilitará o avanço de fases e de estágios de forma saudável.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

No estágio do mestre, contudo, o indivíduo desenvolveu sua inteligência intrapessoal em direção a um autoconhecimento mais profundo. Sabe integrar sua metas, habilidades e vontade para a construção de uma agenda pessoal que extrapola o programa da sociedade em que vive. Ou seja, essas pessoas tem iniciativa própria e se propõe a ter objetivos de longo prazo, dentro de um estilo individual, que vai além do esperado pela sua família, pelas exigências do trabalho ou de outras atribuições. Sua inteligência intrapessoal usa de maturidade, sabedoria e criatividade no processo de auto expressão (COSENZA, 2011, p.93).

Contudo, é possível afirmar que os sujeitos que realizam as práticas musicais coletivas tendem a desenvolver atitudes de comprometimento e de responsabilidade que deverá contribuir para ampliar seus saberes e experiências. Assim, os indivíduos estarão colocando em prática o *estágio do mestre* e terão uma maior bagagem de experiências sociais, podendo, assim, intermediar melhor os seus conflitos. É de extrema importância que os seres humanos, especialmente quando crianças, passem pelas fases de aprendiz e de mestre, para que realizem tomadas de decisão mais responsivas e moralmente aceitáveis. Com as práticas coletivas de execução musical é possível prever uma mudança positiva de comportamento, que irá favorecer o seu desenvolvimento em diversos aspectos como maior compreensão de si, interação com seu meio social e conseqüentemente a melhora da qualidade de vida. Em maior escala, a prática musical coletiva vislumbra uma sociedade mais harmoniosa e justa.

REFERÊNCIAS

BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia. **Pedagogia da Música**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CAMPBELL, Don. O Efeito Mozart: explorando o poder da música para curar o corpo, fortalecer a mente e liberar a criatividade. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CHAGAS, Marly. **Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade** (como sofrem os híbridos e como se divertem). Rio de Janeiro: Mauad; Bapera, 2008.

COELHO, Helena Wölf. **Técnica vocal para coros**. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

COSENZA, Ramon. **Como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DUCORNEAU, Gerard. **Introdução à Musicoterapia**. A comunicação musical: seu papel e métodos em terapia e em reeducação. São Paulo: Manole, 1984.

EWALD, Werner. Sonoridade e Encantamento. **Revista Novo Olhar**. São Leopoldo, ano 7, p.17, jan/fev. 2009.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Reflexões sobre aspectos da prática coral. In: LACKSCHEVITZ, E. (Org.). **Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2006. p. 3-28. Online. Disponível em:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

<http://www.funarte.gov.br/projetocoral/wp-content/uploads/2011/05/Ensaios_olhares_sobre_a_musica_coral_brasileira.pdf> Acesso em: 15 abr. 2018.

MARTINEZ, Emanuel. **Técnicas de regência**. Online. Disponível em: http://docs.wixstatic.com/ugd/c74c2c_878163246df641b6897205d6327227ca.pdf . Acesso em 15 abr. 2018.

SCHMELING, Agnes. Reflexões sobre a prática de coro infantil. In: LACKSCHEVITZ, E. (Org.). **Ensaios: olhares sobre a música coral brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2006. p. 29-53. Online. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/projetocoral/wp-content/uploads/2011/05/Ensaios_olhares_sobre_a_musica_coral_brasileira.pdf> Acesso em: 15 mai. 2018.

SLOBODA, John A. **A mente musical: psicologia cognitiva da música**. Londrina: Eduel, 2008. SUNDBERG, Johan. **Ciência da voz: fatos sobre a voz na fala e no canto**. São Paulo: Editorada Universidade de São Paulo, 2015.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

NAVEGANDO NA INDETERMINAÇÃO, O CORPO EM FLUXO NA PUBLICIDADE NO YOUTUBE

NAVIGATING IN INDETERMINATION, THE BODY IN FLOW IN ADVERTISING ON
YOUTUBE

João Batista Nascimento dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)¹

Resumo: O descentramento do sujeito colocado pelas transformações surgidas entre os anos 50 e 60 do século passado, além do surgimento do neoliberalismo, colocaram em voga noções do sujeito que se diferenciam dos padrões da modernidade. Com isso, a fluidez e a indeterminação passaram a ser características da definição da subjetividade dos indivíduos na contemporaneidade, sendo que tais aspectos podem ser observados em parte da comunicação publicitária apresentada nos canais de empresas do YouTube. Considerando-se que a publicidade comumente é uma forma de comunicação que apresenta um padrão de corpo que é representado na maioria dos anúncios, é relevante observar que em determinado momento isto dá lugar a uma noção indeterminada de indivíduo e de tipo de corpo em alguns comerciais.

Palavras-chave: Corpo 1. Publicidade 2. Consumo 3. Cultura 4.

Abstract: The decentering of the subject posed by the transformations that emerged between the 1950s and 1960s, in addition to the emergence of neoliberalism, brought into vogue notions of the subject that differ from the patterns of modernity. Thus, fluidity and indeterminacy became characteristic of the definition of the subjectivity of individuals in the contemporary world, and these aspects can be observed in part of the advertising communication presented in the YouTube business channels. Considering that advertising is commonly a form of communication that presents a body pattern that is represented in most ads, it is relevant to note that at some point this gives rise to an indeterminate notion of individual and body type in some commercials.

Keywords: Body 1. Advertising 2. Consumption 3. Culture 4.

O CORPO EM FLUXO NA PUBLICIDADE.

O objeto de pesquisa deste estudo são comerciais apresentados nos canais de empresas no site YouTube que apresentam corpos que não se enquadram no padrão majoritário da representação do corpo na publicidade, ou seja, corpos magros, harmônicos, brancos e jovens. Tendência já percebida em alguns comerciais dos anos 1990 do século passado, conforme Safatle (2015), a apresentação de corpos fora do padrão mencionado anteriormente tem sido o foco de alguns comerciais veiculados nos Canais de Empresas do YouTube. Abaixo na figura um, a imagem do comercial da Avon empresa de cosméticos, intitulado *Isso é pra mim*, na figura dois, imagem do comercial *Attraction* também da Avon, na figura três o comercial da

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Comunicação – PPGCOM UFRGS - Linha 3 Cultura e Significação – e-mail: joaobnasc.santos@gmail.com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

empresa de cosméticos Dove, designado *A beleza nos meus próprios termos* e na figura quatro a imagem do comercial da marca de cerveja Skol denominado *Skolors*.

A seguir, imagens de alguns comerciais.

Figura 1- Cena comercial Avon



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=B8HHaP73E8>

Figura 2 - Cena comercial Avon



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wCLkaXKYRBA>

Figura 3 - Cena comercial Dove



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=3yNnWVgCJg8>

Figura 4 - Cena comercial Skol



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=mQx_VmCQu5w

O YouTube (BURGESS; GREEN, 2009) é um serviço de compartilhamento de vídeo. O site oferece, através de uma interface simples, ao usuário, a possibilidade de realizar o envio, fazer a publicação e assistir a vídeos. Em novembro 2007, ele conquistou o lugar de site de entretenimento mais popular do Reino Unido. Em 2008, conforme alguns serviços de medição de tráfego da web, o YouTube estava posicionado entre os dez sites mais acessados do mundo. No mesmo ano, o site fazia a hospedagem de 85 milhões de vídeos. A empresa de pesquisa de mercado da Internet comScore avaliou que os materiais disponíveis no YouTube correspondiam a 37% de todos os vídeos vistos no Estados Unidos.

Criticando a simples euforia pela exposição de corpos diversos na publicidade, não somente o padrão branco, magro e heterossexual, Sodré (1999) afirma que os publicitários e os integrantes do marketing seguem uma visão bastante otimista da realidade histórica, tendo como foco a renda dos indivíduos almejados. O autor afirma que “autoimagem, autoestima são





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

mobilizadores poderosos do ego — alvo prático da visão publicitária das coisas, sustentado pela ideologia do mercado perfeito e sujeito ao equilíbrio natural” (SODRÉ, 1999, p. 252). A questão do consumo parece ser um dos aspectos chave para a inclusão de diferentes tipos de corpos na publicidade.

Ao longo de sua história, a humanidade tem realizado atividades de consumo ou análogas a essa prática, as quais têm mantido de modo constante o suprimento com matéria-prima (BAUMAN, 2008). A ruptura com essas formas de vida ocorre com a revolução consumista, a qual teve lugar milênios à frente, quando o consumo transformou-se em consumismo, tornando-se central na vida de muitas pessoas — “o verdadeiro propósito da existência”.

Nesse ambiente onde a publicidade trabalha para incentivar o consumo cada vez mais elevado de bens e serviços e onde a efemeridade desses produtos é cada vez maior, os laços humanos têm propensão a serem orientados e mediados por meio dos mercados de bens de consumo. O sentimento de pertença é alcançado por intermédio da própria identificação metonímica do aspirante com determinada tendência. Existe, pois, a busca pelo processo de autoidentificação, e o que resulta disso é ostentado com o amparo “de marcas de pertença visíveis, em geral encontráveis nas lojas” (BAUMAN, 2008, p.108).

Além disso, compreender a relação da publicidade com a cultura é fundamental para este trabalho, que procura entender as transformações da comunicação comercial e o reflexo disso na representação do corpo no vídeo publicitário. Já há algum tempo, são produzidos instrumentos, por parte dos campos da publicidade e do marketing, voltados para a compreensão acerca da relação entre os indivíduos e os produtos no que concerne a “imagens do eu, de seu mundo interior, de seu estilo de vida e, sobretudo, de seu invólucro corporal” (SANTAELLA, 2004, p. 126). As representações nos meios de comunicação e na publicidade produzem grande efeito relativo às experiências do corpo. Tais representações tornam possível que se imagine, digrave e se fantasie sobre certas existências corporais, manifestações que se apresentam no modo de sonhar e ambicionar o que é proposto. É estabelecida uma forma de economia psíquica da autoestima e do reforço do poder pessoal sustentada por meio das imagens do corpo e de sua boa forma. Não existindo nesse sentido uma disjunção, portanto, em relação à configuração externa do corpo e à imagem interna do eu. A supremacia do exterior em relação ao interior possibilita o entendimento do poder que a glorificação e exibição do corpo humano alcançaram na sociedade hodierna.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Acerca da exibição de corpos a partir de um padrão de beleza na publicidade, Safatle (2015) observa a crítica feita pelo fotógrafo Oliviero Toscani sobre a publicidade global dos anos 90 do séc. XX, a qual poderia ser compreendida como uma forma de comunicação que corrobora um ideal ariano de beleza e que sintetiza somente corpos harmônicos, saudáveis e jovens. Além do mais, destacava-se uma perspectiva falocêntrica de sexualidade, a qual nortearia a produção de representações sociais nos meios de comunicação. Entretanto, ao longo década de 1990, passa a ter lugar um processo paulatino de reconfiguração de representações sociais, relacionadas ao corpo, bem como à sexualidade, nos meios de comunicação.

Tal processo, destaque-se que gradual, vem expondo na mídia imagens do corpo e da sexualidade, nas quais a publicidade nunca havia considerado investir libidinalmente. O autor observa tal questão em campanhas da Benetton, Calvin Klein, Versace e PlayStation, que apresentavam segundo este, corpos doentes, mortificados, des-idênticos, corpos que revelam uma sexualidade ambígua autodestrutiva e, em alguns casos, o que poderia ser caracterizado como certa perversidade. Tais anúncios teriam se destacado na publicidade na década de 90 do século passado.

A publicidade é um processo de comunicação de grande importância para as sociedades capitalistas. Conforme Williams (2011), a propagação de informação por um anunciador ou por meio de cartazes foi algo recorrente em todos os períodos da sociedade inglesa. Entre as décadas de 1880 e 1890, começou a surgir o que Williams (2011) define como nova publicidade, a qual surgiu em razão do novo capitalismo monopolista corporativo. O período entre 1875 e 1890 foi marcado por uma grande depressão, a qual foi fator decisivo para a mudança no modo de organização empresarial. Passada a depressão e a grande redução nos preços, havia receios relativos à capacidade produtiva. Além disso, a propriedade industrial encaminhou-se para uma organização em grandes unidades e conglomerados, e buscou-se organizar e, quando possível, alcançar o controle do mercado. Para realizar esses objetivos, a publicidade foi um dos recursos utilizados para divulgar uma quantidade cada vez maior de produtos.

A publicidade passou a ser vista de uma forma muito mais atraente pelos proprietários dos veículos de comunicação, como um modo interessante para o financiamento de suas empresas. Passou, assim, a ter o caráter de profissão, serviço público e parte importante da economia.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O meio século entre 1880 e 1930, então, viu o desenvolvimento pleno de um sistema de um sistema organizado de informação e persuasão comercial como parte de um sistema moderno de distribuição nas condições do capitalismo em larga escala. (WILLIAMS, 2011, p.244).

Vivemos uma fase em que os bens de consumo são rapidamente distribuídos. A razão para a busca por um número cada vez maior de produtos e serviços para satisfazer as necessidades humanas está no incentivo ao consumo gerado pela publicidade.

Sendo assim, a publicidade necessita de um tipo de análise ampla para sua compreensão, um estudo que considere fatores econômicos, sociais e culturais (WILLIAMS, 2011). Ela necessita ser abordada como forma significativa da comunicação social moderna. No mesmo sentido que Williams (2011), relacionando fatores econômicos, sociais e culturais, à publicidade, Frederic Jameson, em *A Cultura do dinheiro Ensaios sobre a Globalização*, comenta que questões culturais apresentam a propensão a se difundir nas áreas econômica e social. A dimensão econômica da globalização passa a noção de estar em permanente expansão para outras áreas, vindo a controlar as novas tecnologias, intensificando os interesses geopolíticos e, a partir da pós-modernidade, ou modernidade tardia, realizando a dissolução do cultural no econômico e, por sua vez, do econômico no cultural. Nesse sentido, a produção de mercadorias veio a se tornar um aspecto cultural, sendo realizada a aquisição de produtos com base na imagem destes, bem como por sua utilização imediata. Dessa forma, é estabelecida uma indústria voltada ao planejamento da imagem das mercadorias, bem como às estratégias de venda. Com isso, a publicidade se estabeleceu enquanto importante mediação entre a cultura e a economia, colocando-se, ainda, entre um dos modos de produção estética. No processo de comunicação publicitária, a erotização ocupa papel relevante, pois são feitos investimentos libidinais de forma a proporcionar maior destaque aos produtos. Da mesma forma, a serialidade tem função relevante, pois a imagem que determinados sujeitos fazem de um produto acaba por ter influência na decisão de compra de outros, o que expõe uma das formas com que o cultural e o econômico se transformam no social.

Estudar a transformação cultural denominada pós-modernidade, que teve início na sociedade entre os anos 50 ou início dos anos 60, bem como a entrada no neoliberalismo a partir de 1973, é uma questão fundamental para este estudo, haja visto seu papel na constituição de novas perspectivas para os sujeitos.

Stuart Hall, em *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, aborda a alteração estrutural que mudou as sociedades modernas nas últimas décadas do século XX. Teve lugar com tal





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

acontecimento a fragmentação das paisagens culturais referentes a classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, as quais, em outros tempos, proporcionavam solidas posições enquanto indivíduos sociais. São mudanças que produzem transformações nas identidades pessoais, desestabilizando a noção que compreendemos de nós mesmos na condição de sujeitos integrados. A ausência de um sentido de si estável é denominada deslocamento ou descentramento do sujeito. “Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo” (HALL, 2001, p.9).

Refletindo sobre as transformações da modernidade tardia, Hall (2001) destaca a globalização, um processo de mudança que impactou fortemente as sociedades. Nesse sentido, a partir do entendimento de Marx, destaca que as sociedades modernas são ambientes de que sofrem constante mudança, e com bastante rapidez, sendo o que as diferencia profundamente das sociedades tradicionais.

Conforme Harvey (2008), o período de expansão do pós-guerra entre 1945 e 1973 se sustentou em um conjunto de práticas que se efetivavam por meio do controle do trabalho, tecnologias, rotinas de consumo e formas de organização do poder político e econômico, sendo que este conjunto pode ser denominado fordista-keynesiano. Este sistema teria entrado em colapso desde 1973 e, com isso, teve início uma fase transformações rápidas, caracterizada também pela fluidez e a incerteza.

Bauman (2001), em *Modernidade Líquida*, define a contemporaneidade com termos como leve, fluida, líquida e liquefeita em comparação com o período anterior, caracterizado como pesado, sólido, condensado. As sociedades da modernidade são caracterizadas como sociedades que apresentavam tendência homogeneizante compulsória. Na fase moderna, anterior à contingência, a variedade e a ambiguidade, a instabilidade e a idiossincrasia, não eram bem-quistas. Embora a sociedade moderna hodierna, como Bauman (2001) observa, não seja menos moderna que a do período anterior, é, sim, moderna, mas de uma maneira distinta. Ambos os períodos têm características similares, tais como a compulsão, a modernização e o permanente desejo da destruição criativa, baseado na noção da produtividade ou da competitividade.

Noções próximas ao entendimento de Bauman (2001), sobre os tempos atuais aparecem no pensamento de Safatle (2015). Este último faz a reflexão sobre o processo de reelaboração





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

na representação social nos meios de comunicação, a fim de compreender as transformações da comunicação hodierna voltada ao incentivo e ao consumo, a partir do entendimento da economia libidinal neoliberal. Nesse sentido, as sociedades capitalistas contemporâneas realizariam uma espécie de gestão da anomia, estando a biopolítica neoliberal associada à conformação dos sujeitos a um modo singular de indeterminação. Ocorre, assim, a necessidade de que a experiência subjetiva seja elaborada, e um aspecto fundamental, o qual é a relação com a diferença. A biopolítica neoliberal esta relacionada a conformação dos sujeitos a um singular modo de indeterminação, assimilada pela forma de operação padrão do capitalismo hodierno, por meio desse modo de circulação financeira da indeterminação.

Saindo de uma condição em que os sujeitos possuíam uma noção sólida enquanto indivíduos sociais, com o descentramento do sujeito, quando ocorre a fragmentação das paisagens culturais em relação a classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, tem lugar a desestabilização da noção de sujeitos integrados. Com a pós-modernidade ou modernidade tardia e o neoliberalismo a fluidez e a indeterminação se colocam como aspectos centrais da sociedade contemporânea. Assim os comerciais veiculados nos canais de empresas do YouTube, escolhidos para este estudo, parecem seguir essa lógica da fluidez e da indeterminação, observadas como características da fase hodierna do capitalismo. Não tendo como foco o padrão de corpo comum em grande parte da publicidade, tais comerciais parecem navegar nesse fluxo de indeterminação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BURGESS, Jean e GREEN, Joshua **YouTube e a revolução digital**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

HARVEY, David. **O neoliberalismo história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LOGÍSTICA REVERSA E A ÉTICA NA GESTÃO SUSTENTÁVEL FRENTE AO HUMANO E À SANIDADE AMBIENTAL

REVERSE LOGISTICS AND THE ETHIC IN SUSTAINABLE MANAGEMENT IN THE
FACE OF HUMAN AND OF ENVIRONMENTAL HEALTH

Joel Guedes da Silva (PUCRS)¹

Dusan Schreiber (Feevale)²

Resumo: A maioria das cidades brasileiras vive o dilema de como enfrentar o problema do destino dos resíduos sólidos. Se por um lado falta conhecimento na gestão pública para lidar com a questão, por outro, uma parcela do setor privado considera que investir em fluxo reverso implica em custos. A Lei brasileira 12.305/2010 que estabelece a Logística Reversa indica que os resíduos sólidos alcancem o destino final adequado. No entanto, entende-se que há uma necessidade ainda maior – olhar os atores envolvidos no processo –, o que implica fatores éticos relativos à natureza humana, ao solo, aos ecossistemas e a terra. Nesta perspectiva, Boff diz que a ética deve partir do outro, e que o pobre não representa uma categoria econômica, mas uma grandeza antropológica. Bauman, por outro lado, diz que vivemos o colapso da legislação ética. Destarte justifica-se promover um diálogo entre os autores revisados, de diferentes correntes de pensamento, subsidiando uma análise crítica sobre a forma de como o setor público e privado devem atuar frente a boas ações com uma ética que conduza a cadeia produtiva de forma que a logística reversa reverta-se à sobrevivência digna de todos nós.

Palavras-chave: Logística Reversa. Ética. Gestão Sustentável. Vida Humana.

Abstract: Most Brazilian cities face the dilemma of how to deal with the problem of the destination of solid waste. If on the one hand there is a lack of knowledge of the public managers to deal with this issue, on the other hand, a portion of the private sector considers that investing in reverse flow implies costs. Brazilian Law 12,305 / 2010, which establishes Reverse Logistics, indicates that solid waste reaches its final destination. However, it is understood that there is an even greater need - to look at the actors involved in the process - which implies ethical factors related to human nature, soil, ecosystems and land. In this perspective, Boff says that ethics must start from the other, and that the poor do not represent an economic category, but an anthropological greatness. Bauman, on the other hand, says we live the collapse of ethical legislation. It is therefore appropriate to promote a dialogue among the authors of the different currents of thought, subsidizing a critical analysis of how the public and private sector should act in the face of good actions with an ethics that leads the production chain so that the Reverse logistics reverse the survival worthy of us all.

Keywords: Reverse logistics. Ethic. Sustainable Management. Human life.

1 INTRODUÇÃO

A problemática em torno do destino de resíduos sólidos no Brasil tem apresentado um grave problema social, sobretudo nas grandes áreas suburbanas das capitais. Por um lado, há

¹ Doutorando em Filosofia (PUCRS). É integrante do Projeto de Pesquisa da Feevale/RS pesquisando problemas que envolvem a Ética na Gestão Sustentável. E-mail: guedesjoel@hotmail.com.

² Doutor em Administração pela UFRGS. Pesquisador e professor do Programa em Qualidade Ambiental e Mestrado Profissional em Indústria Criativa da Feevale/RS. E-mail: dusan@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

certo desinteresse do setor privado nos investimentos adequados no que tange ao destino ou ao reuso dos produtos comercializados e, por outro lado, à incapacidade e falta de profissionalização do Poder Público na Gestão Sustentável da produção de lixo das cidades a céu aberto. Um exemplo disso é o Lixão da cidade de Olinda, em Pernambuco, conforme noticiou o Site UOL (NOV/2016) com o título: “Desrespeito à lei no Lixão de Aguazinha, em Olinda”.

Aguazinha é um bairro do subúrbio da Cidade de Olinda, em Pernambuco, que tem uma área de terreno de 17 hectares, no qual chega a receber 500 toneladas de resíduos por dia. O aterro conhecido como o “Lixão de Aguazinha” recebeu em 2011 a instalação de Transbordo do Lixo que, na prática, o lixo coletado na cidade deve ser transferido através de carretas para o Centro de Tratamento de Resíduos de Igarassu, cidade da região metropolitana da capital pernambucana, através de uma empresa privada.

Uma novidade da legislação é a chamada logística reversa, isto é, o retorno do produto colocado no mercado, após o término da vida útil. Para que isso aconteça, fabricantes, fornecedores, comerciantes e consumidores de produtos devem garantir que os resíduos sejam descartados de forma ambientalmente correta. (FOLHAPE/UFPE). Para a Logística Reversa (LR) são considerados o reaproveitamento e remoção de refugo e administração de devoluções. (LAMBERT et al, 1998), o que veremos mais adiante.

Diante dessa abordagem, este artigo objetiva promover a reflexão acerca do limite da responsabilidade dos atores envolvidos no referido processo de gestão ambiental, e evidenciar que há uma responsabilidade primária nos agentes públicos e privados no que tange ao cuidado ético, sobretudo com a humanização aos afetados de forma direta e indireta, bem como com a preservação adequada do solo a partir do destino dos resíduos sólidos nas cidades brasileiras.

A metodologia da pesquisa aplicada neste artigo é bibliográfica, e compreende um acervo de livros, revistas científicas, artigos de congressos e jornais da grande mídia. O acesso a esses materiais foram obtidos através de bibliotecas físicas e bancos de dados virtuais.

A estrutura deste trabalho divide-se em capítulos da seguinte forma: introdução; referencial teórico sobre a logística reversa no setor privado e público; a ética na gestão dos resíduos sólidos – a vida humana; a ética na gestão dos resíduos sólidos – a sanidade ambiental; considerações finais e referências.





2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Lei Nº. 10.257, de 10 de Julho de 2001 que regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal em seu parágrafo único do Art. 1º, denominada Estatuto da Cidade, estabelece normas de ordem pública e interesses social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como o equilíbrio ambiental.

A Logística Reversa (LR), o Art. 3º inciso XII do Plano Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituído pela Lei 12.305/2010 diz: Logística reversa: instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada”.³

A CNM⁴ (Confederação Nacional de Municípios) apresenta um quadro, conforme abaixo, que indica os sistemas de logística reversa já implantados e dos sistemas que ainda serão implantados pela União, e indica a responsabilidade em estruturar e implantar esses sistemas:

³ Acessível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=636>. Acesso em 03.02.2017.

⁴ Acessível em: <http://www.lixoes.cnm.org.br/pagina/interna/logistica-reversa>. Acesso em: 03.02.2017.





Tipo de Resíduo	Sistema de Logística Reversa	Responsabilidade de Estruturação e Implementação
Embalagens de agrotóxicos	Lei 7.802/1989	Setor empresarial
Pneus	Resolução CONAMA 416 de 2009	Setor empresarial
Pilhas e baterias	Resolução CONAMA 401 de 2008	Setor empresarial
Óleo lubrificante usado ou contaminado	Resolução CONAMA 362 de 2005	Setor empresarial
Embalagens plásticas de óleos lubrificantes	Acordo setorial nacional assinado em 2012 e publicado no Diário Oficial da União em 7/12/2013	Setor empresarial
Lâmpadas fluorescentes, de vapor de sódio e mercúrio e de luz mista	Acordo setorial nacional assinado em novembro de 2013 e publicado no Diário Oficial da União em 12/3/2014	Setor empresarial
Embalagens em geral (plástico, vidro, papel, metal)	Acordo setorial nacional não assinado. Em análise após consulta pública	Setor empresarial
Produtos eletroeletrônicos e seus componentes	Não há acordo setorial	Setor empresarial
Medicamentos	Não há acordo setorial	Serviço público de limpeza urbana e de manejo dos resíduos sólidos

O sistema de logística reversa é um dos pontos mais importantes da Política Nacional de Resíduos Sólidos, pois estar ligado diretamente ao princípio da responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos entre fabricantes, comerciantes, consumidores e poder público.⁵

Para Machado e Oliveira (2009, p. 97) As comunidades locais, por exemplo, contemplam os vizinhos das instalações produtivas que temem os riscos de operações industriais e necessitam de informações e garantias em relação ao tratamento do meio ambiente.

Leite diferencia aquilo que se chama de disposição final segura e não segura:

⁵ Acessível em: <http://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/residuos-solidos/realidade-brasileira-na-pratica-a-historia-e-outra/logistica-reversa-envolve-industria-comerciante-e-consumidor>. Acesso em: 03.02.2017.





Denominamos *disposição final segura* o desembaraço dos bens usando-se um meio controlado que não danifiquem de alguma maneira, o meio ambiente, e que não atinja, direta e indiretamente, a sociedade. Em oposição a esse tipo de disposição segura, denominamos de *disposição não segura* o desembaraço dos bens de maneira não controlada, como em locais impróprios (terrenos baldios, riachos, rios, mares, lixões, etc.) em quantidades indevidas. (LEITE, 2009, p. 46).

Diante desse quadro que se apresenta em diversas cidades do país e, no caso específico deste artigo, o Lixão de Aguazinha, onde dezenas de famílias convivem à mercê da própria sorte em nome da subsistência, há ainda aquelas famílias que moram vizinhas aos depósitos de todo tipo de material, que são as comunidades locais.

Para Boff (2005), acreditava-se numa grande harmonia entre desenvolvimento humano e desenvolvimento econômico, baseada no desenvolvimento técnico. Ele questiona que isso tenha ocorrido apenas para as classes dominantes, não para 2/3 da humanidade, o que trouxe uma insustentabilidade. Essa contradição se dá porque a forma de produção privilegia o capital ao trabalho, e considera a pessoa humana apenas como força de trabalho, carvão vivo a ser queimado na máquina produtiva.

3. A ÉTICA NA GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS – A VIDA HUMANA

Embora alguma coisa já se tenha feito em relação à logística reversa frente a convivência saudável das pessoas nas cidades, as empresas e o Poder Público ainda precisam considerar que, mais que o lucro ou o retorno político, a pessoa humana e o meio ambiente são os maiores bens, pois como afirma Boff:

Devemos todos beber da própria fonte. Auscultar nossa natureza essencial. Consultar nosso coração verdadeiro. Essa dimensão fontal deverá suplantar a desesperança imobilizadora e insuficiente [...]. Criará um novo sentido ético e moral. Propiciará uma nova razão instrumental, emocional e espiritual que transformará à ciência, a tecnologia e a crítica em medicinas para a Terra e para a humanidade. Uma nova ética nascerá de uma nova ótica. (BOFF, 1999, p. 12)

Desse modo, como tirar o indivíduo do seu isolamento de subsistência, seja na prisão, como disse Bauman, seja no aprisionamento imoral da convivência com o lixo, se o Poder Público não lhe oferece uma dignidade mínima para que seu estado de vida encontre uma saída para uma dignidade socialmente melhor?

Para Boff (2000) diante das multidões famélicas, dos olhos transtornados pelo desespero e dos corpos retorcidos pela fome, a reação humana mínima é: “Isto não pode ser. Isto tem de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ser mudado”. Deste sentimento visceral, nasce a vontade política por um processo de libertação, carregado de densidade ética.

Diante dessa realidade, parece-nos razoável que se estabeleça um código de ética primário com o indivíduo, sobretudo, com os que estão à margem. Para Bauman (1997) o código ético devia-se fundar na “natureza do Homem”. Para Boff o pobre representa mais que uma categoria econômica:

A ética, pois, dever partir do outro, não do outro simplesmente, mas do outro mais outro, que é o pobre e o excluído, o negro e o indígena, a mulher oprimida, o discriminado pelos mais variados preconceitos. Esse pobre representa mais que uma categoria econômica, constitui uma grandeza antropológica: ele tem um rosto. (BOFF, 2000, p. 86).

Segundo Bauman (2011), o novo é meramente uma reciclagem do antigo, e o antigo está à espera de ressurreição e da volta ao uso para se renovar. (Como tentei demonstrar em *Mortality, Immortality and Other Life Strategies*, não existe mortalidade, e não há “morte definitiva”, não no sentido de uma-vez-por-toda-idade, de impossibilidade de retorno, de irrevogabilidade). Há apenas um ato de desaparecimento, a queda temporária no esquecimento. Ser esquecido significa ser colocado em câmara frigorífica para ser reanimado quando necessário.

Bauman, ao abordar a vida fragmentada, diz que esta promove a diminuição de impulsos morais:

A vida não tem que ser assim. O espaço que coabitamos pode ser – consensualmente – bem-estruturado; nesse espaço, em que muitas das coisas vitais para a vida de cada um de nós (transportes, escolas, cirurgias, meios de comunicação) são compartilhadas, podemos nos ver uns aos outros como condições, mais que como obstáculos, para nosso bem-estar coletivo e individual. Assim como a vida fragmentada e descontínua promove a diminuição de impulsos morais, uma vida compartilhada de relações contínuas e multifacetadas revigoraria as responsabilidades morais e despertaria o desejo de assumir a tarefa de gerir assuntos – agora verdadeiramente – comuns. (BAUMAN, 2011, p. 382)

A oposição radical entre uma vida fragmentada e aquela que compartilha relações são, por princípio, aquilo que se deve estabelecer como prática comum nas relações mais amplas entre as ações públicas, privadas e seus atores humanos. Uma vida fragmentada, parafraseando Bauman, deixa implícita a ausência de características da dignidade que, por vez, elimina valores morais mais profundos, deixando-a a margem e vulnerabilidade dos obstáculos presentes, resultantes das ações não ordenadas do setor produtivo.





4. A ÉTICA NA GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS – A SANIDADE AMBIENTAL

Se por um lado há o problema ético com o lugar seguro que o ser humano precisa ter diante dos conflitos causados pelo sistema econômico, muitas vezes à margem de políticas concretas que alcance as “famílias dos lixões”, por outro lado, e diríamos ainda mais agravante, há o solo, parte de um ecossistema maior, pois a natureza sobrevive sem o ser humano, porém o ser humano não sobrevive sem a natureza.

Neste ponto abordamos o problema do cuidado ético com a sanidade ambiental, que sofre com um grande volume de despejos tóxicos descontrolados, sem que a logística reversa consiga dar conta, não por sua falta de funcionalidade, mas por falta de uma ética comprometida com a sustentabilidade da terra que, como afirma Boff (2012) “como ela não tem um espírito e é uma coisa, não precisa ser respeitada e passa a ser objeto do uso e abuso humano”.

Conforme Barbosa et al (1999), ao penetrar em um aquífero, o chorume é submetido a um processo de diluição, atenuando suas concentrações de contaminantes e formando uma pluma de poluição.

Nascentes et al (2009) indica que entre os metais pesados danosos ao solo, está o manganês que, embora essencial aos humanos e aos vegetais, quando absorvido em grande quantidade pode causar problemas graves aos sistemas.

Segundo o estudo realizado por Rocha e Horbe acerca de uma comunidade chamada de Novo Israel, na periferia de Manaus, demonstrou que os depósitos de lixo numa área reservada para tal, que foi destinado àquela região, tornaram-se atrativos às famílias de baixa renda que estabeleceram suas moradias ao redor do lixão, e que, com a perfuração de cacimbas e, portanto, consumo de água sem um critério técnico, muitas das pessoas atraíram diversas doenças. Coincidente ou não, o Lixão de Aguazinha, parece-nos não ser um caso isolado no Brasil, mas um dentre tantos outros casos anônimos no país.

A conclusão do estudo:

É indiscutível que a água subterrânea do aquífero Alter do Chão em Novo Israel está modificada física e quimicamente em relação ao restante da região, o que permite atribuir esse fato ao lixo depositado sem nenhum controle. Devido a malha de poços ter sido feita para atender a população que está concentrada em uma faixa leste-oeste a partir do lixão, ela tem má distribuição areal e profundidades muito variáveis para um estudo visando a delimitação da pluma de contaminação. (ROCHA e HORBE. 2006, p. 311)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Tornar os ecossistemas vítimas das ações do sistema de produção humana, ou como já disse Boff em relação ao homem, uma categoria econômica é, no mínimo, ser cúmplice à desorientação da própria existência. Vê-se que há um apelo para que uma reflexão pontual seja feita no que tange às formas como os setores sociais e políticos desempenham suas atividades na economia, pois, caso contrário, os recursos naturais podem chegar à escassez num tempo inesperado.

5. CONCLUSÃO

Dada à realidade sociopolítica brasileira na atualidade, os empreendimentos a serem realizados no Brasil nas próximas décadas em logística reversa, ainda assim serão incipientes. Isso nos deve chamar a atenção para que os investimentos em educação, capacitação e profissionalização na gestão e nos gestores públicos torne-se um caminho necessário, urgente e sem volta, assim como para o setor privado, através das indústrias e do comércio, dos quais, espera-se o cumprimento das leis que exigem as devidas responsabilidades.

Diante dos objetivos a serem perseguidos por partes das prefeituras, das secretarias estaduais do meio ambiente e do Ministério do Meio Ambiente, assim como do setor privado, implica considerar que o que está em jogo não é apenas uma política de projeção política ideológica, neste caso para o setor público, ou de projeção mercadológica para as empresas que cumprem com o papel de ser uma empresa ecologicamente correta. Antes, o objetivo primeiro é aquele que se refere à questão da própria subsistência, seja com a preservação do solo na sua força de produção, seja com os rios que recebem dejetos de contaminação, ou com os aquíferos que sofrem com a absorção daquilo que não é tratado.

Esse vislumbre que alcança a subsistência do meio ambiente é o mesmo que manterá com dignidade os seres humanos que dele necessita para sobreviver. Para essa noção de subsistência digna, exige-se uma ética capaz para conduzir todos os processos, de forma que a cadeia produtiva e os organismos que regulamentam e fiscalizam essa cadeia, façam-na com o olhar de que a logística reversa reverta-se à sobrevivência de todos nós.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. M.; OTERO, O. M. F.; ARGOLO, J. L. QUEIROZ, A. F. S.; CANCIO, V. OLIVEIRA, O. M. C. O chorume dos depósitos de lixo urbanos: composição, evolução, diluição, extensão, processos, poluição e atenuação. **Tecbahia**, 1999, 14(1): 212-226.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Vida em fragmentos**: sobre ética pós-moderna. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Ética pós-moderna**. Trad. João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Ética da Vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

_____. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000.

_____. **Sustentabilidade**: o que é: o que não é. Petrópolis: Vozes, 2012.

ALBUQUER, Marcílio. **FOLHAPE**, 2016. Disponível em:

<<http://www.folhape.com.br/noticias/noticias/cotidiano/2016/09/29/NWS,574,70,449,NOTICIAS,2190-NO-ESTADO-128-CIDADES-AINDA-DESCARTAM-RESIDUOS-LIXOES.aspx>>. Acesso em: 30.01.2017.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2008. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000105.pdf>. Acesso em: 05.02.2017.

LAMBERT, D M. et. al. **Administração Estratégica da Logística**. São Paulo: Vantine Consultoria, 1998.

LEITE, Paulo Roberto. **Logística Reversa**: meio ambiente e competitividade. 2ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

NASCENTES, R. et. Al. Parâmetros de transporte do manganês e do zinco em solo residual compactado - método da massa acumulada. São Paulo: Revista Águas Subterrâneas, 2009.

NOVAES, A. G. **Logística e gerenciamento da cadeia de distribuição**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ORSATO, R. J. Posicionamento ambiental estratégico: identificando quando vale a pena investir no verde. **Revista Eletrônica de Administração**. Porto Alegre: UFRGS, edição especial 30, v. 8, n. 6, dez.2002.

PEÇANHA et al. Saúde e meio ambiente. In: **Meio ambiente e sustentabilidade**/Organizadores, André Henrique Rosa, Leonardo Fernandes Fraceto, Viviane Moschini-Carlos. Porto Alegre: Bookman, 2016, p. 155-176.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PORTER, M. E. **Estratégia competitiva**: técnica para análise de indústrias e da concorrência. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

QUINN, P, 2001. **Don't Get Rear-Ended by Your Own Supply Chain**. Acessível em: http://www.idsystems.com/reader/2001/2001_01/comm0101/index.htm. Acesso em 13.02.2017.

ROCHA, L. C. R.; HORBE, A. M. C. Contaminação provocada por um depósito de lixo no aquífero Alter do Chão em Manaus – AM. **ACTA Amazônica**. VOL 36(3) 2006: 307-312.

SOARES, Liliane Gadelha da Costa; SALGUEIRO, Alexandra Amorim; GAZINEU, Maria Helena Paranhos. Educação ambiental aplicada aos resíduos sólidos na cidade de Olinda, Pernambuco – um estudo de caso. **Revista Ciências & Tecnologia**. Ano 1, n. 1, julho-dezembro 2007.

SILVA, M. C. G.; COLMENERO, J. C. A logística reversa como forma de desenvolvimento sustentável e competitivo das empresas. In: **5º Encontro de engenharia e tecnologia dos campos gerais**. 19 a 22/Out/2010. Disponível em: http://www.5eetcg.uepg.br/Anais/artigospdf/50018_vf2.pdf

SISSINO, C. L. S.; MOREIRA, J. C. Avaliação da contaminação e poluição ambiental na área de influência do aterro controlado do Morro do Céu, Niterói, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, 12: 515-523, 1996.

UOL, 2016. Desrespeito à lei no Lixão de Aguazinha, em Olinda. Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/pd1jd4vd4gbk/desrespeito-a-lei-no-lixao-de-aguazinha-em-olinda-04024D18396ED0816326?types=A&>. Acesso em: 30.01.2017.

VILANI, Rodrigo Machado. A aplicação do conceito constitucional de desenvolvimento sustentável sob a perspectiva do STJ e STF. **Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC** n. 13 – jan./jun. 2009, p. 63-79.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TEORIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DE RONALD INGLEHART :UMA ANÁLISE COMPARATIVA COM A TEORIA DE MASLOW

RONALD INGLEHART'S THEORY OF HUMAN DEVELOPMENT: A COMPARATIVE
ANALYSIS WITH MASLOW'S THEORY

José Antonio Ribeiro de Moura (Universidade Feevale)¹

Resumo: A Teoria do Desenvolvimento Humano defendida por Inglehart (1977) apresenta os valores materialistas e pós-materialistas e presume a passagem do primeiro para o segundo, à medida que as sociedades se desenvolvem economicamente. Por sua vez, a Teoria de Maslow faz com que cada necessidade do ser humano influencie na sua motivação e o faça sentir outras necessidades. Com intuito de verificar a Teoria de Inglehart e de Maslow, o artigo tem por objetivo geral relacionar as duas teorias associando os valores materialistas e pós-materialistas com as necessidades humanas de Maslow. Para tanto, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica fazendo uma análise para explicar o objeto de estudo. O artigo aborda os conceitos de valores materialistas e pós-materialistas e das necessidades humanas classificadas em fisiológicas, de segurança, sociais, de autoestima e de auto-realização, a fim de relacionar as variáveis dos índices dos valores materialistas/pós-materialistas da Teoria de Inglehart com cada uma das necessidades humanas da Teoria de Maslow, pois acredita-se que tem relação direta no comportamento do ser humano e que a cada nível atingido na hierarquia de Maslow promove o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: desenvolvimento humano. valores. necessidades

Abstract: The Human Development Theory defended by Inglehart (1977) presents the materialistic and post-materialist values and presumes the transition from the first to the second, as societies develop economically. In turn, Maslow's Theory makes every human need influence his motivation and make him feel other needs. In order to verify the Theory of Inglehart and Maslow, the article has as general objective to relate the two theories associating the materialistic and post-materialistic values with the human needs of Maslow. For this, the bibliographic research was used as methodology, making an analysis to explain the object of study. The article discusses the concepts of materialistic and post-materialist values and human needs classified as physiological, safety, social, self-esteem and self-realization, in order to relate the variables of the materialist / post-materialist values of the Theory of Inglehart with each of the human needs of Maslow's Theory, because it is believed that it has direct relation in the behavior of the human being and that at each level reached in the hierarchy of Maslow promotes its development.

Keywords: human development. values. Needs

INTRODUÇÃO:

Ao longo da maior parte da história, a ameaça de uma grande privação econômica, incluindo a fome, tem sido uma preocupação crucial para a maioria das pessoas. Mas o grau de segurança econômica, sem precedentes históricos, vivido por gerações do pós-guerra e o

¹ Doutorando do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. Professor de Ensino Superior na Universidade Feevale/e-mail:josemoura@feevale.br





advento das sociedades industriais, proporcionou uma troca sucessivo de valores materialistas, relacionados à segurança física e econômica, para valores pós-materialistas, relacionados à qualidade de vida do indivíduo, contemplada na Teoria do Desenvolvimento Humano de Inglehart.

A teoria das necessidades de Maslow, expõe a ideia de que todas as necessidades humanas são estruturadas em cinco níveis, a partir da base, necessidades básicas ou de maior segurança, progredindo para necessidades de realização pessoal e que para atingir uma necessidade de um nível maior, é necessário satisfazer o nível anterior. Em contraste com esta concepção a teoria de Alderfer em que concilia a pirâmide de Maslow, apartada em três níveis e com o argumento de que não é necessário satisfazer o nível anterior para possuir necessidades superiores.

Este artigo tem por finalidade a hipótese de que as variáveis dos valores materialistas e pós-materialistas de Inglehart pode constituir uma relação com as necessidades humanas de Maslow. A metodologia é descritiva e bibliográfica.

Desta forma, este artigo foi desenvolvido a partir de material já elaborado, principalmente livros existentes sobre os temas apresentados.

DESENVOLVIMENTO:

TEORIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Em toda esta seção trabalha-se a Teoria do Desenvolvimento Humano desenvolvida por Ronald Inglehart, portanto, as citações diretas e indiretas são do referido autor, que tem ampliado sua teoria com estudos por meio da World Values Survey (Pesquisa Mundiais de Valores), sendo um banco de dados que investiga mudanças sócio-culturais, políticas e econômicas em vários países do mundo. Esta base de dados oferece novas possibilidades para analisar como a maneira em que as pessoas veem o mundo, influencia o mundo (INGLEHART, 1990).

Este projeto de pesquisa global que explora os valores e crenças das pessoas, como eles mudam ao longo do tempo e o impacto social e político que eles têm. É realizado por uma rede mundial de cientistas sociais que, desde 1981, realizaram pesquisas nacionais representativas em quase 100 países. Mede, monitora e analisa: o apoio à democracia, a tolerância dos estrangeiros e as minorias étnicas, o apoio à igualdade de gênero, o papel da religião e a mudança dos níveis de religiosidade, o impacto da globalização, as atitudes em relação ao meio





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ambiente, trabalho, família, política, identidade nacional, cultura, diversidade, insegurança e bem-estar subjetivo.

Inglehart (1977) utilizou o índice de materialismo/pós-materialismo, que para sua formulação, utilizou-se de doze variáveis, consideradas por ele como os objetivos prioritários de qualquer sociedade. As variáveis de manutenção de uma economia estável, combater a elevação dos preços, forças armadas poderosas, luta contra a delinquência, crescimento econômico e manutenção da ordem, são as ligadas diretamente aos *valores materialistas*. Já para os *valores pós-materialistas*, as variáveis adotadas por Inglehart são uma sociedade menos impessoal, as ideias contam mais que o dinheiro, mais participação no governo, liberdade de expressão, mais participação no trabalho e cidades mais bonitas (INGLEHART, 2001).

Segundo o autor, todo sistema político ou econômico estável tem um sistema cultural. Uma cultura é um sistema de atitudes, valores e conhecimentos compartilhados amplamente pela sociedade e transmitido de gerações a gerações. Ele ainda argumenta que as mudanças culturais são provocadas pelas mudanças sociais, e a influência é recíproca, porém esses dados deixam claro que os sistemas de crenças das populações e mudanças globais estão estritamente relacionados. Desta forma, as Pesquisas Mundiais de Valores revelam pautas culturais coerentes que estão estritamente vinculadas ao desenvolvimento econômico e exploram as hipóteses de que as trocas dos sistemas de crenças têm consequências sociais, políticas e econômicas importantes.

Para o mesmo autor, na sociedade moderna, com o advento da industrialização, promoveu uma mudança em direção a propriedades materialistas que diminuiu as obrigações da comunidade e causou uma aceitação da modalidade social, o status social tornou-se algo que um indivíduo poderia alcançar, em vez de algo com o qual ele nasceu.

Nesta fase da modernização implica na conhecida síndrome da industrialização, especialização ocupacional, burocratização, centralização, crescentes níveis de educação e de crenças e valores que apoiam altas taxas de crescimento econômico. Assim, o projeto social central é a maximização do crescimento econômico, levando em conta a extração implacável do capital necessário de uma população pobre sem ter em conta os custos que isso acarreta para o meio ambiente e a qualidade de vida (INGLEHART, 2001).

Comparando com sociedades industriais avançadas, o autor aponta que o grau de prosperidade sem precedentes, junto a um nível de relativa segurança física e econômica que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

proporcionou o estado de bem-estar, posteriores a Segunda Guerra Mundial, abriram uma nova etapa histórica que preparara o caminho para o surgimento de *valores pós-modernos*. Nesta sociedade surge uma síndrome de mudanças culturais e institucionais, em que o crescimento econômico é relegado a um segundo plano e se dá maior importância à qualidade de vida e às instituições políticas democráticas. Assim, a prioridade máxima deixa de ser a maximização do crescimento econômico para passar a ser o bem-estar subjetivo.

Neste sentido, a mudança gradual desde *valores materialistas* (sobretudo segurança física e econômica) para as propriedades *pós-materialistas* (sobretudo a autoexpressão na qualidade de vida), indicam uma mudança pós-moderna. Na sociedade pós-moderna, esta ênfase na realização econômica como prioridade, está dando lugar a uma crescente importância da qualidade de vida. Essa mudança das prioridades *materialistas* para a *pós-materialistas*, constituem um elemento central no processo de pós-modernização, conclui Inglehart.

Outra abordagem encontrada na Pesquisa Mundial de Valores refere-se à educação. Quanto maior o nível de educação das pessoas num mesmo país, essas tem valores pós-materialistas. Já as pessoas de pior formação, a tendência é a de ter valores materialistas, porém a influência mais profunda parecer ser a do desenvolvimento econômico.

Tanto a dimensão da modernização com a pós-modernização estão estreitamente relacionadas com o desenvolvimento econômicos das sociedades industriais e das sociedades industriais avançadas, respectivamente. Os valores das sociedades ricas diferem sistematicamente das sociedades pobres.

A HIERARQUIA DE MASLOW

A abordagem mais conhecida da motivação é a hierarquia das necessidades ou Pirâmide de Abraham Maslow (GIL, 2001). Em seus estudos, Maslow constatou que as necessidades humanas possuem diferentes níveis de importância sendo elas, as necessidades fisiológicas; as necessidades de segurança; as necessidades sociais; as necessidades de autoestima; as necessidades de auto-realização.





Figura 1 - Pirâmide de Maslow



Fonte: Elaboração MICHEL, Guilherme Mello (2017)

Para os autores Motta e Vasconcelos (2008) relatam que o objetivo de Maslow e sua teoria, não foi o de apenas encontrar formas de aumentar o rendimento organizacional, mas principalmente, estudar o ser humano e seu desenvolvimento, disposto extensamente ao elucidar estratégias das organizações quando ao capital humano.

Para Maximiniano (2000):

As pessoas tendem a progredir ao longo das necessidades, buscando atender uma após a outra, e orientando-se para a auto-realização. A auto-realização não está, necessariamente, no topo da hierarquia, não é uma necessidade em si nem a necessidade definitiva, aquela só pode ocorrer em qualquer ponto da escala da motivação, e como o atendimento de qualquer tipo de necessidade, dependendo do indivíduo (MAXIMINIANO, 2000, pg.312).

Na base da pirâmide são encontradas as necessidades simples e fundamentais que são comuns, porém as mais vitais, para todos os seres humanos como abrigo, dinheiro, comida, repouso e exercício. Em outras palavras, são as necessidades relacionadas à sobrevivência do ser humano que esse procurará satisfazer com o objetivo de aliviar a pressão que elas produzem sobre o organismo (CHIAVENATO, 2004).

Suprido a base da pirâmide, necessidades de segurança se tornam prioridade para o ser humano. A mesma inclui estabilidade, proteção contra danos físicos como planos de saúde, danos emocionais ou até a perda do emprego. E suprimindo esses dois primeiros níveis da pirâmide, conhecidos como necessidades básicas, o ser humano começa a desenvolver necessidades sociais.





No nível das necessidades sociais, o trabalhador vê como necessária a aceitação dos grupos ao seu redor, sentir afeição e companheirismo. Sem essas necessidades atendidas, o trabalhador pode se tornar hostil e ou resistente devido ao isolamento sentido, conforme os mecanismos de defesa citados no capítulo anterior.

Para o nível de autoestima, podendo ser citados a necessidade de amor próprio, autonomia, reconhecimento de suas façanhas, de querer ser respeitado pelos outros ao seu redor. No nível de autoestima também é desenvolvido a autoconfiança e a necessidade de status.

Para o quinto e último nível, contém as necessidades que raramente são satisfeitas em sua plenitude, já que são complexas e andam em constante crescimento, uma vez que o ser humano está em contínuo autodesenvolvimento (CHIAVENATO, 2004). Nesse nível vemos necessidades como o desenvolvimento de aptidões e habilidades, realização pessoal, crescimento profissionalmente e participação nas decisões. Ou em resumo, a necessidade de tornar mais do que é.

Há um contraponto com a teoria de Maslow, conforme cita (Robbins, 2003) ela é escassa em dados de pesquisa que a provem na prática. Desta forma, Clayton Alderfer, com a Teoria ERC (existência, relacionamento, crescimento), onde coloca três grupos principais, revisitou a teoria de Maslow, diferindo dele acreditando que a satisfação das necessidades não é sequencial, mas simultânea. Outra teoria que contrasta com a de Maslow, segundo Maximiniano (2001, p.312) é a de McClelland que aponta três necessidades específicas: necessidade de realização, necessidade de poder e necessidade de associação ou filiação.

CONCLUSÃO:

Enquanto o país é pobre, a prioridade de cada um é a sobrevivência, a segurança. Indivíduos que sofreram períodos de inseguranças econômicas ou físicas durante o processo de socialização desenvolveram *valores materialistas*, preocupações com a ordem e a estabilidade, priorizavam a força econômica e militar, o trabalho e aumentando os níveis de estresse e de consumo.

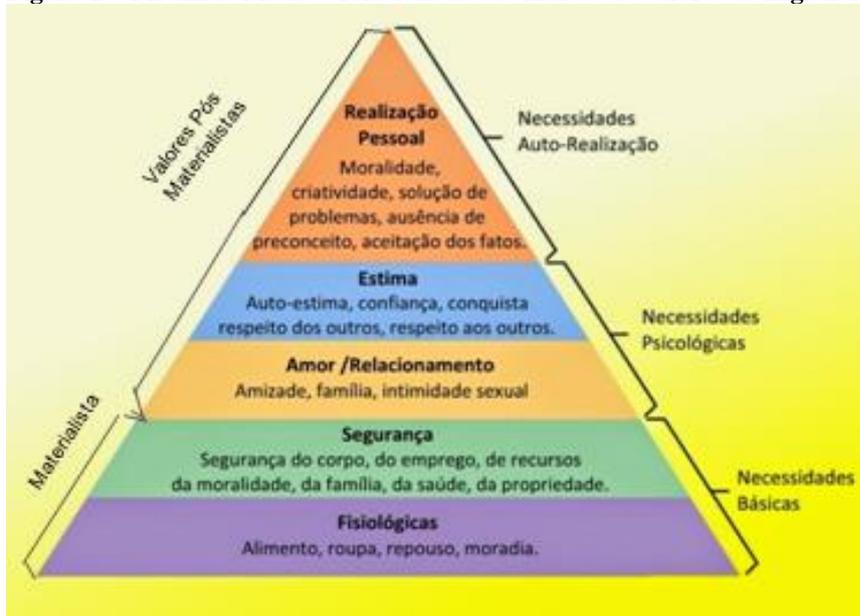
Na afirmação de Inglehart quanto aos *valores materialistas*, identifica-se na Teoria das Necessidades Humanas de Maslow relação com as necessidades básicas, ou seja, os dois primeiros níveis que contemplam as necessidades fisiológicas e as necessidades de segurança, que tem a ver com a pressão que o indivíduo sofre para ter e permanecer com o necessário no seu dia-a-dia.





Por conseguinte, a figura 2 da Pirâmide de Maslow, estabelecendo relações e semelhanças com os índices de materialismo e pós-materialismo de Inglehart, apresentaria a seguinte alusão:

Figura 2 – Pirâmide Maslow relacionada aos índices de valores de Inglehart



Fonte: Elaboração MICHEL, Guilherme Mello (2017) - adaptado

Sugere-se, portanto, que os indivíduos que se encontram nos primeiros níveis das necessidades básicas da Teoria de Maslow, são apreensivos com o cotidiano e em conservar-se seguros, estariam relacionados às variáveis do índice dos valores materialistas, que consideram a manutenção de uma economia estável, o combate à elevação dos preços, uma forças armadas poderosas, a luta contra a delinquência, o crescimento econômico e a manutenção da ordem, preponderantes para sua proteção.

Conforme os países vão se desenvolvendo, mas seus cidadãos começam a priorizar *valores pós-materialistas*. Os *valores pós-materialistas*, por outro lado, surgiram quando o indivíduo passou a experimentar uma vida social economicamente próspera e livre de inseguranças. Relacionando com a Teoria de Maslow, supõe-se que o indivíduo ao superar as necessidades básicas, passa a ter uma estabilidade financeira e emocional, que possibilitam seu auto-desenvolvimento com novas habilidades e conhecimento que permitem escapar da pressão de manutenção de sua proteção com a sobrevivência e, desta forma, buscar os níveis mais elevados, como as necessidades sociais (aceitação no grupo), as de auto-estima (crescimento profissional e participação nas decisões) e as de auto-realização (auto-confiança e status).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Desse modo, essa relação sugere que os indivíduos que estão ascendendo aos níveis mais altos da Teoria Maslow, que já se desvencilharam da coerção da proteção, tem uma correspondência com as variáveis relacionadas ao índice dos valores pós-materialistas de Inglehart, quais sejam: uma sociedade menos impessoal, as ideias contam mais que o dinheiro, mais participação no governo, liberdade de expressão, mais participação no trabalho e cidades mais bonitas, por terem ultrapassado a barreira da inquietude com as necessidades básicas.

REFERÊNCIAS

CERTO, Samuel C. **Administração moderna**. 9. ed. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 7. ed., rev. atual. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais**. São Paulo, SP: Atlas, 2001.

INGLEHART, R. **The Silent Revolution**. Princeton: Princeton University Press, 1977.

INGLEHART, R. **Postmodernization, authority, and democracy**. In: NORRIS, P. (org.). *Democratic Phoenix: political activism worldwide*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

INGLEHART, R. **Modernización y posmodernización: el cambio cultural, económico y político en 43 sociedades**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo Veintiuno, 2001.

MAXIMIANO, Antônio César Amaru. **Teoria geral da administração: da escola científica à competitividade em economia globalizada**. 2.^a edição, Editora Atlas, 2000.

MICHEL, Guilherme Mello. *Desenvolvimento de lideranças como redutor de rotatividade*. 2017. 95 f. Monografia (Conclusão do curso de Administração) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo - RS, 2017 Disponível em: <https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/000011/000011bc.pdf>. Acesso em: 11abr. 2018.

MOTTA, Fernando C. Prestes; VASCONCELOS, Isabella Francisca Freitas Gouveia de. **Teoria geral da administração**. 3. ed. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2008.

ROBBINS, Stephen P. **Administração: mudanças e perspectivas**. São Paulo, SP: Saraiva, 2000.

ROCHA, Oliveira Roberto; SIQUEIRA, Gabriela C. Bernardes; AARão, Bruna de F.Chaves. *Mudança de valores, materialismo e pós-materialismo: algumas ponderações sobre o Cone Sul*. VCONGRESSO URUGUAYO DE CIÊNCIA POLÍTICA, 2014, Montevideu. **Anais...**





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**

**DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Goiânia: UFG, 2010. Disponível em: < aucip.org.uy/docs/v_congreso/.../Oliveira-Camara-Aarao_Mudancadevalores.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INTEGRAÇÃO CULTURAL DOS REFUGIADOS REASSENTADOS NOS MUNICÍPIOS PARCEIROS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

CULTURAL INTEGRATION OF REFUGEES REUNKED IN PARTNER
MUNICIPALITIES IN THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL

Joseane Mariéle Schuck Pinto¹
Emerson de Lima Pinto (Feevale)²

Resumo: Trata-se de pesquisa em fase inicial e que objetiva analisar e compreender a problemática existente em torno do acolhimento e da integração local e cultural dos refugiados reassentados, por meio de políticas públicas implementadas pelos municípios parceiros, com intuito de compreender se as medidas propostas por eles alcançam questões primordiais, como: não criminalização da situação migratória, acesso igualitário a serviços públicos, universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos dos migrantes, atendimento qualificado à população migrante com sensibilização de agentes públicos, assistência social, acesso à saúde, respeito à diversidade cultural, inclusão no mercado de trabalho, fomento ao empreendedorismo, acesso à educação, políticas habitacionais, utilização do espaço e equipamentos públicos para cultura, lazer e esportes. A abordagem na esfera social é fundamental, uma vez que permitirá vislumbrar o problema como fator social e facilitar diagnósticos. Para tanto, será realizada pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas, com agentes sociais vinculados às prefeituras dos municípios parceiros do programa de reassentamento. Muito embora a pesquisa encontre-se em estágio inicial, é possível perceber que as bases políticas podem ser consideradas restritivas, visto não se apresentarem como solução duradoura de acolhida e integração cultural, social e econômica aos reassentados.

Palavras-chave: Diversidade cultural. Integração local. Municípios parceiros. Refugiados Reassentados.

Abstract:

It is an early stage research that aims to analyze and understand the existing problems regarding the reception and the local and cultural integration of the resettled refugees, through public policies implemented by the partner municipalities, in order to understand if the measures proposed by them such as: non-criminalization of the migratory situation, equal access to public services, universality, indivisibility and interdependence of the human rights of migrants, qualified assistance to the migrant population with awareness of public agents, social assistance, access to health, respect for cultural diversity, inclusion in the labor market, promotion of entrepreneurship, access to education, housing policies, use of space and public facilities for culture, leisure and sports. The approach in the social sphere is fundamental, since it will allow to glimpse the problem as a social factor, and in turn facilitate diagnoses. For this purpose, bibliographical research and semi-structured interviews will be carried out, with social agents linked to the Municipalities of the partner cities of the Resettlement Program. Although the research is at an early stage, it is possible to perceive that the political bases can be

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Unisinos (São Leopoldo/RS). Professora na Fundação Escola Superior do Ministério Público (Porto Alegre/RS). E-mail: Joseane.ms@terra.com.br.

² Pós-Doutorando em Direito pela Unisinos (São Leopoldo/RS). Professor na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: ersonlp@terra.com.br.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

considered restrictive, since they do not present themselves as a lasting solution of welcome and cultural, social and economic integration to the resettled ones.

Palavras-chave: Cultural diversity. Local integration. Partner municipalities. Refugees.

INTRODUÇÃO

Os movimentos migratórios têm sido característica marcante das últimas décadas no cenário internacional globalizado, fato que se reflete no Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul, e que acarreta a necessidade de auxílio humanitário. Dentre os grupos que forçadamente abandonam seus lares na busca de um novo lugar, a fim de que possam reconstruir suas vidas e readquirir sua dignidade estão àqueles denominados reassentados, ou seja, já possuem o status de refugiado, porém não se adaptaram ao país acolhedor, seja pela permanência do temor de perseguição ou por questões culturais, o que lhe propicia solicitar a adesão ao programa de reassentamento regional solidário.

Nesse sentido, o presente visa investigar o acolhimento e a integração local dos refugiados reassentados, por meio de políticas públicas implementadas pelos municípios parceiros, com intuito de compreender se as medidas propostas por eles alcançam questões primordiais, como: não criminalização da situação migratória, acesso igualitário a serviços públicos, universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos dos migrantes, atendimento qualificado à população migrante com sensibilização de agentes públicos, assistência social, acesso à saúde, respeito à diversidade cultural, inclusão no mercado de trabalho, fomento ao empreendedorismo, acesso à educação, políticas habitacionais, utilização do espaço e equipamentos públicos para cultura, lazer e esportes. Do mesmo modo, objetiva verificar se há a ocorrência da promoção do acesso a direitos e a inclusão social, cultural e econômica dos reassentados por meio do atendimento especializado a essa população, da oferta de cursos e oficinas, além do serviço de acolhimento, sempre respeitando a diversidade cultural daqueles que chegam. A iniciativa se soma a outras ações, como a reforma na legislação migratória, a política humanitária adotada pelo Brasil, as campanhas de sensibilização, estruturação da política migratória no Brasil, entre outras.

Dessa forma, discute-se sobre como orientar as ações de prevenção a violações de direitos dos migrantes, visando coibir a sua ocorrência, assim como informar às instâncias competentes sobre denúncias de violação de direitos dos migrantes, para apuração e responsabilização. Além disso, somos levados a considerar a importância de sua abordagem no contexto da universidade, sendo que a pesquisa científica tem se mostrado primordial, no sentido de difundir diagnósticos





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

sobre estudos pertinentes a questões que versam sobre fatores sociais, culturais e econômicos, sendo imprescindível o seu enfrentamento.

O objeto de pesquisa ancorado nas questões de mobilidade humana e suas implicações nas esferas econômica, social e cultural dos municípios parceiros, visa proporcionar resistência e estratégias alternativas a fim de buscar constituir/garantir um núcleo essencial desses direitos contra leis restritivas (núcleo essencial como reduto último de defesa) a um projeto humanizador/realizador de direitos fundamentais em relação aos reassentados. Em nosso entendimento, os direitos econômicos, sociais e culturais exigem a garantia de um núcleo essencial como condição do mínimo de existencial e devem se apresentar como caminho alternativo por dentro de um projeto de globalização que esteja a serviço da humanidade e utilize dos bens proporcionados pelo avanço tecnológico que um novo constitucionalismo possa provocar na esteira do pensamento de pensadores modernos, como Delmas-Marty, Ferrajoli, Canotilho, entre outros, o papel desempenhado pelos municípios parceiros diante da acolhida e da integração dos refugiados reassentados. Tanto o acolhimento quanto a integração local permitirá que se devolva a dignidade perdida e que seja proporcionado o acesso igualitário aos direitos fundamentais assegurados pela Constituição Federal, sem privilegiá-los, ou seja, os refugiados reassentados devem receber o mesmo tratamento despendido aos cidadãos brasileiros.

O procedimento metodológico a ser adotado será o estudo de caso, uma vez que tal procedimento analisa questões específicas, em contextos delimitados. Nesse sentido, pretende-se desvelar a atuação dos municípios parceiros no tocante o acolhimento e integração local dos refugiados reassentados. Esse método permitirá um conhecimento mais amplo e detalhado sobre o tema a partir da compreensão das medidas adotadas para proteção dos migrantes. A partir do estudo de caso proposto, a modalidade de pesquisa mais adequada a ser utilizada é um estudo qualitativo. A respeito da pesquisa qualitativa Gaskell (2003, p. 68) assevera que a real finalidade da pesquisa qualitativa está em “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”, interagindo com diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema, no grupo social pesquisado. Essa modalidade de pesquisa prática está voltada a intervir na realidade social. Em relação as técnicas para a realização da pesquisa empírica, se utilizará de entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

2 PERSPECTIVAS DA INTEGRAÇÃO LOCAL E CULTURAL DOS REFUGIADOS REASSENTADOS NO RS

O tema é de grande relevância no contexto brasileiro, que se debruçou sobre a causa dos deslocamentos forçados ao elaborar uma legislação protetiva e de assistência, bem como a instituir um órgão específico que cuide dessa questão, ou seja, Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) e assumiu o compromisso ao participar da elaboração da Declaração e Plano de Ação do México de 2004, que propõe soluções duradouras, como: Programa de Autossuficiência e Integração Cidades Solidárias: integração mais efetiva dos refugiados nos centros urbanos (estudo piloto em toda a América Latina); Programa Integral Fronteiras Solidárias: promover o desenvolvimento social e econômico, beneficiando as pessoas que requerem proteção internacional e as populações locais de acolhida (particularmente para Equador, Panamá e Venezuela, considerando o aumento de refugiados colombianos); Programa Regional de Reassentamento Solidário: proposto, em 2004, pelo governo brasileiro para refugiados latino-americanos. Tal programa obteve o seu início no Brasil em 10 de agosto de 1999, mediante a assinatura de um acordo pactuado entre o governo brasileiro e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), incluindo este a legislação pertinente aos refugiados, qual seja, a Lei 9.474/97, em seu artigo 46, senão vejamos: “o reassentamento de refugiados no Brasil se efetuará de forma planejada e com participação coordenada dos órgãos estatais e, quando possível, de organizações não governamentais, identificando áreas de cooperação e de determinação de responsabilidades”. O programa visa ser utilizado como uma solução duradoura àqueles refugiados que, por questões de segurança ou integração, não podem permanecer no primeiro país de acolhida nem retornar ao de origem (PINTO, 2014, p. 213-214). O primeiro reassentamento de refugiados no Brasil ocorreu em 2002, com a chegada de 23 afegãos ao estado do Rio Grande do Sul. Conforme dados do CONARE, se contabiliza que cerca de 470 refugiados estão reassentados em território brasileiro, dentre eles: 324 colombianos, 96 palestinos, 27 equatorianos, 09 afegãos, 03 venezuelanas, 03 apátridas, 01 congolês, 01 costarriquenha, 01 iraquiana, 01 jordaniana, 01 libanesa.

Percebe-se que o enfrentamento em relação ao acolhimento e a integração local e cultural daqueles que chegam não é medida adotada por grande parte dos municípios no estado do RS. Para tanto, só será possível atingir a efetiva integração local, seja em relação à língua, à cultura





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

e à efetivação de direitos fundamentais à medida que se buscar pela integração plena, contudo mais complexa, visto ultrapassar as expressões iniciais de acolhida – acesso a documentação, atendimento a necessidades básicas e imediatas –, pois se está diante de algo mais profundo e abrangente: solução duradoura. O município de Porto Alegre, por exemplo, institui o Comitê Municipal de Atenção aos Imigrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas do Tráfico de Pessoas, em 10 de outubro de 2014, por meio do Decreto nº 18.815, sob coordenação da Secretaria Municipal de Direitos Humanos (SMDH), por meio da Secretaria Adjunta dos Povos Indígenas e Direitos Específicos (SAPIDE), com a finalidade de articular, propor, implementar, monitorar e avaliar o Plano Municipal de Atenção no que tange à proteção e ao acolhimento. Os municípios parceiros, ao se comprometerem no auxílio da prestação do acolhimento e da integração local aos refugiados reassentados, devem fazê-lo por meio de criação de políticas públicas eficazes.

Desta feita, pensar a acolhida por um viés cultural, respeitando as diversidades, poderá auxiliar na integração, e, por sua vez, na solução duradoura para aqueles que chegam como reassentados, e que já sofreram pelas perseguições ou por não adaptarem-se à cultura local em que foram inseridos. Sobre a questão cultural Garretón (2003) refere o papel da cultura como elemento conformador das sociedades por meio de sua atividade política e a expansão das identidades, tanto dentro do modelo de modernidade do ocidente quanto no caso latino-americano, tendo em vista, em termos históricos, que uma das grandes questões acerca do modelo de modernidade predominante no Ocidente foi a “ideia” e o “projeto” cidadão: além de todas as identidades particulares, delineava-se a base a partir da qual gerava-se a nação, o cidadão, que fazia a convivência de todas as diferenças. A modernidade ocidental afastou o Estado Social da função de meio de inclusão social com a redução das despesas públicas, o que não obriga somente cortes orçamentários, mas também por meio de destruição, (des)conhecimento, exclusão, (des)valorização de culturas e identidades particulares. Os países centrais têm conquistado e imposto uma noção de homem-cidadão que subordina a essa enorme diversidade de identidades afastando-se de seu grande projeto de humanidade (cidadão e cultura) que consagrava direitos universais para todos.

Do mesmo modo, Hall (2005) demonstra a complexidade do problema cultural a ser enfrentado e não encontra respostas seguras. O autor esclarece que suas formulações são provisórias e abertas à contestação, mas que a opinião dentro da comunidade sociológica está





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ainda profundamente dividida quanto a esses assuntos e às tendências são demasiadamente recentes e ambíguas. O conceito de “identidade” é complexo, pouco desenvolvido e de compreensão reduzida na ciência social para ser definitivamente posto à prova. Aliás, como em muitos outros fenômenos sociais, é difícil oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas.

O debate acerca da cultura tem se tornado um dos mais empolgantes nas últimas décadas; sobre a dinamicidade do conceito de cultura, são trazidas lições do antropólogo Laraia (2004), que esclarece que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, que resulta da dinâmica do próprio sistema cultural (dinâmico) e a mutação pode ser lenta, quase imperceptível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos e o ritmo; porém, pode ser alterada por eventos históricos, tais como uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato; e uma segunda, que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro que pode ser mais rápido e brusco e representar uma verdadeira catástrofe em face da perda de identidade e de referenciais.

CONCLUSÃO

De forma incipiente, uma vez que a pesquisa encontra-se em estágio inicial, é possível perceber que as bases políticas adotadas pelos municípios parceiros do Programa de Reassentamento Regional Solidário, são consideradas tímidas, razão pela qual a realização da pesquisa junto aos municípios parceiros no estado do RS propiciará um novo olhar sobre o cenário atual de acolhimento e integração local, jurídica, cultural, social e econômica dos refugiados reassentados, o que, sem dúvida, servirá de apoio ao fortalecimento das redes de atuação, que terão subsídios para repensar as práticas relativas a políticas locais.

O programa de reassentamento, além de ser uma solução duradora para a problemática do refúgio, possui um viés humanitário, no qual o acolhimento tem por finalidade a integração na comunidade local daqueles que aderiram ao Programa Regional de Reassentamento Solidário no país no qual receberam o status de refugiado e, por conseguinte, a possibilidade de alcançar a dignidade perdida, além da reconstrução de suas vidas. Trata-se de um processo de análise, de discussões acerca da questão proposta, e a presente pesquisa pode servir de base para elaboração de políticas voltadas ao acolhimento e integração local dos refugiados reassentados, além de orientar e formar agentes públicos, privados e membros da sociedade civil sobre a realidade da mobilidade humana, com foco na garantia dos direitos e deveres





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

dessas categorias em condições de respeito à dignidade de cada pessoa, independentemente de sua origem.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes. **Estudos sobre Direitos Fundamentais**. 1. ed. Brasileira, 2. ed. Portuguesa, Coimbra Editora e Revista dos Tribunais, 2008.

DELMAS-MARTY, Mireille. **Por um direito comum**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Três desafios para um Direito Mundial**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2003.

FERRAJOLI, Luigi. **Derechos y garantías – La ley del más débil**. Madrid: Editorial Trotta, 2001.

GARRETÓN, Manuel Antônio et al. **El espacio cultural Latinoamericano: Bases para una política cultural de integración**. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.

PINTO, Joseane Mariéle Schuck. Fluxos migratórios contemporâneos: desdobramentos no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, n. 32, p. 209-228, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/revfacdir/article/view/70463/40006>>. Acesso em: 24 abr. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TABULEIRO DA GEOGRAFIA: PROTÓTIPO DE JOGO PARA CRIANÇAS DEFICIENTES VISUAIS

GEOGRAPHY BOARD: PLAY PROTOCOL FOR VISUAL DEFICIENT CHILDREN

Regina De Oliveira Heidrich (Universidade Feevale)¹

Ketlin Da Silva Radai (Universidade Feevale)²

Resumo: O design universal é considerado um movimento mundial, baseado no conceito de que todos os produtos, ambientes e etc., sejam bem concebidos, pensando-se atender às necessidades da grande maioria dos usuários (NSCU, 1998). Perante a esse conceito, este projeto teve como objetivo desenvolver um material didático e lúdico de cunho inclusivo de uso comum na educação infantil para crianças cegas e videntes, tendo como premissa desenvolver um projeto de Design Universal, visando uma melhor aprendizagem no conteúdo de Geografia. Para a realização do projeto, foi utilizada a metodologia de Inclusive Design Toolkit (Conjunto de Ferramentas de Design Inclusivo), desenvolvida pela Engineering Design Centre (2017) da Universidade de Cambridge do Reino Unido. Essa metodologia e suas ferramentas possibilitaram uma total imersão com o público-alvo, na qual foi permitido idealizar e aplicar um protótipo de jogo, onde os alunos pudessem, através de um quebra-cabeça tátil brincar aprendendo.

Palavras-chave: Deficientes visuais, Design universal, Geografia.

Abstract: Universal design is considered a worldwide movement, based on the concept that all products and etc., are well-designed, thinking of going towards the needs of the vast majority of users (NSCU, 1998). Bearing this concept in mind, this project aimed to develop a didactic and playful material of common use in children's education for blind and sighted children, with the premise of developing a Universal Design project, aiming a better learning in the content of Geography. To implement the project, the Inclusive Design Toolkit methodology, developed by the Engineering Design Center (2017) at the University of Cambridge in the United Kingdom, was used. This methodology and its tools allowed a total immersion with the target audience, in which it was possible to idealize and apply a prototype game, where students could, through a tactile puzzle, play around and learn.

Palavras-chave: Visually impaired, Universal design, Geography.

INTRODUÇÃO

A educação de alunos deficientes visuais têm vivido ainda a concepção tradicional da educação geral em nosso país. E não poderia ser diferente, pois o aluno deficiente visual está integrado no sistema regular de ensino, com a mesma proposta educacional e os mesmos programas e conteúdos desenvolvidos pela escola.

Segundo o INEP/MEC (2013) aproximadamente 70 mil crianças cegas ou com diferentes graus de cegueira em todo o Brasil frequentam a escola regular, porém, é notório que diversas escolas não possuem um assessoramento para com os professores e funcionários, tornando o aluno deficiente visual propenso a tomar decisões com bastante vulnerabilidade. Os livros

¹ <http://lattes.cnpq.br/8984999624053884>, RHeidrich@feevale.br

² <http://lattes.cnpq.br/7999351743275960>, ketlinrs@gmail.com





didáticos normalmente não trazem a leitura em Braille e muito menos fonte ampliada para crianças com baixa visão (DIAS, 2007). Dessa forma, a carência de materiais didáticos táteis e de uso coletivo por todos os alunos é uma questão de extrema importância.

Sendo assim, o objetivo do presente artigo consiste em desenvolver, através do design, um material didático para crianças deficientes visuais que busque aprimorar o conhecimento das mesmas na disciplina de Geografia no sexto ano.

DESENVOLVIMENTO

DESIGN UNIVERSAL

O design universal tem como sua interpretação a construção de ambiente, espaços e tecnologias de uma maneira que sua diversidade seja compreendida em relação às características físicas, habilidades e experiência pessoal em relação ao ambiente (PINTO, 2009).

De acordo com Dischinger & Mattos (2002), o Design Universal não é uma tendência de projeto, mas uma postura fundamental para promover a acessibilidade de todos os usuários, refletindo, dessa forma, nos métodos de desenvolvimento de projeto e nos próprios resultados projetuais. Sendo assim, projetar produtos e meios físicos acessíveis é uma iniciativa que requer atenções específicas à compreensão da diversidade humana.

Os princípios do Design Universal foram desenvolvidos por profissionais de diversas áreas como arquitetura, design, engenharia e por pesquisas na área de design ambiental coordenadas pelo Centro de Design Universal da Universidade Estadual da Carolina do Norte (NCSU, 1998). Dessa forma, foram criados os sete princípios do design universal: uso equitativo, flexibilidade de uso, simples uso intuitivo, informações perceptíveis, tolerância ao erro, baixo desgaste físico, tamanho e espaço para uso e alcance.

Materiais didáticos para alunos deficientes visuais

As salas de recursos multifuncionais são ambientes educacionais dotados de equipamentos específicos e recursos de acessibilidade, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do atendimento educacional especializado. Os objetivos dessas salas são de prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular desses alunos, impulsionar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

barreiras no processo de ensino e aprendizagem e se certificar das condições para a continuidade de estudos nos demais níveis de ensino (BRASIL, 2009).

Para favorecer a comunicação e a adaptação entre todos os alunos, é indispensável que os recursos didáticos possuam estímulos visuais e táteis que atendam às diferentes condições visuais. Dessa forma, o material deve apresentar cores contrastantes, texturas e tamanhos adequados para que se torne útil e significativo em todas as disciplinas (DIAS, 2007).

O sistema de escrita em relevo, conhecido pelo nome de "Braille" é constituído por 63 sinais formados por pontos a partir do conjunto matricial (123456), este conjunto de seis pontos chama-se sinal fundamental. O espaço por ele ocupado, ou por qualquer outro sinal, denomina-se cela Braille e, quando vazio, é também considerado por alguns especialistas como um sinal, passando assim o Sistema a ser composto com 64 sinais (BRASIL, 2009).

No entanto, diversas coisas que são vistas pelos olhos não estão ao alcance das mãos, devido ao tamanho original dos objetos, à distância, à localização e à impossibilidade de tocar, o que traz uma enorme dificuldade para a matéria de geografia. Dessa forma, a utilização de maquetes e de modelos é uma boa maneira de trabalhar as noções e os conceitos relacionados aos acidentes geográficos, ao sistema planetário e aos fenômenos da natureza (DIAS, 2007).

A MATÉRIA DE GEOGRAFIA

Ensinar Geografia deve ter muito mais significado do que simplesmente repetir os conteúdos de livros didáticos e fazer com que os alunos decorem nomes de lugares, de rios, de acidentes geográficos e conceitos utilizados na disciplina. O dia-a-dia do professor em sala de aula é fundamental para possibilitar o entendimento crítico da Geografia para o aluno deficiente visual. Ao planejar suas aulas e preparar recursos didáticos, o professor precisa considerar as especificidades existentes em cada turma (SHAFEER, et. al., 2003).

Conforme Brumini (2016), em uma paisagem natural, o conjunto de forma da superfície terrestre constitui o relevo, importante elemento para a diversidade das paisagens e para a ocupação humana, que é composta de trechos, mais ou menos altos, inclinados, planos ou arredondados, que facilitam ou não a ocupação e o desenvolvimento de atividades humanas. Conforme a Figura 1, as principais formas de relevo são: montanhas, planaltos, depressões e planícies.





Figura 9 – Principais Tipos de Relevos



Fonte: Elaborada pela autora, 2017.

METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa é de natureza teórico-aplicada, ou seja, que é motivada ao desenvolvimento de conhecimento para aplicação em seus resultados e soluciona problemas específicos. A forma de abordagem deste estudo é a qualitativa, que é uma seleção realizada do princípio da coleta de dados, fragmentando e extraindo o que é necessário e sempre analisando o valor de cada informação.

A pesquisa tem como objetivo a origem exploratória, proporcionando assim maior familiaridade com o problema e permitindo a construção de hipóteses. A pesquisa é do gênero bibliográfico, pois engloba pesquisa a partir de material publicado em livros, artigos, teses e materiais disponíveis na internet, cujo enfoque seja o aprendizado do conteúdo de Geografia para crianças do sexto ano com deficiência visual.

No desenvolvimento deste projeto, foi adotada a metodologia projetual chamada Inclusive Design Toolkit (Conjunto de Ferramentas de Design Inclusivo) elaborada por um grupo de pesquisadores na equipe de design inclusiva do Centro de Design de Engenharia da Universidade de Cambridge. A diversidade de usuários abrange uma variedade nas capacidades, necessidades e aspirações. As questões fundamentais de design são resolvidas através de sucessivos ciclos de exploração de necessidades, criando conceitos e avaliando opções, orientadas pelo gerenciamento de projetos.

PESQUISA

Após a organização de todos os componentes da metodologia projetual e concluindo a primeira fase da geração, onde se obteve alguns refinamentos conceituais, iniciou-se a fase da pesquisa com os usuários, onde o principal objetivo é mostrar todos os usuários que contribuirão para o sucesso do produto. Isso ajudará mais tarde a capturar todas as necessidades que o produto deve cumprir.





USUÁRIO ALUNO

Para um maior conhecimento do aluno deficiente visual, foram estudados o caso de oito alunos da rede pública regular da cidade de Canoas, sendo que, cinco eram totalmente cegos e três com baixa visão.

Os alunos foram avaliados por meio de um questionário com perguntas pertinentes ao assunto da geografia e, através de uma oficina de percepção, onde puderam interagir com alguns elementos naturais, como: folhas, cascas de arvores, pedras e etc.

USUÁRIO EDUCADOR DA SALA DE RECURSOS

Para aprofundar o conhecimento com esse usuário foi realizada uma entrevista para três educadores da sala de recursos, sendo que desses, um possui cegueira total e, os outros dois, videntes. As entrevistas ocorreram individualmente, com o intuito de esclarecer dúvidas sobre a formação do orientador, como os mesmos auxiliam no aprendizado dos alunos deficientes visuais e principalmente suas maiores dificuldades de ensino.

USUÁRIO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Para uma imersão total no usuário “professor de geografia”, elaboraram-se dois itens de pesquisa. O primeiro item é uma pesquisa observatória de como são as aulas dos dois professores selecionados. Nessas aulas, as perguntas a serem respondidas durante a observação foram: como os professores explicam o conteúdo no quadro? Quais são os materiais disponibilizados para o aluno deficiente visual?

Dessa forma, observou-se a grande dificuldade do professor de Geografia em facilitar a compreensão do aluno. Os dois professores também tiveram muita carência no que diz respeito ao material que os alunos deficientes visuais necessitam, sendo que a falta de material adaptado também impede que o professor aprofunde o conteúdo para que o mesmo seja compreendido de forma facilitada pelo aluno.

CRIAÇÃO

Na fase da criação foi utilizado todos os dados específicos das pesquisas, de modo que, oferecesse ao projeto final características essenciais para um produto adequado ao aluno deficiente visual. As ideias foram estimuladas através de moodboard com alguns materiais existentes no auxílio da educação de geografia, brainstorming com as ideias contribuídas pelos





alunos e mapa mental. Ferramentas utilizadas no design para obter um maior número de alternativas capazes de conceituar o produto.

Levando em consideração o conteúdo de Geografia a ser abordado em sala de aula (relevos) e a interatividade entre os alunos, a alternativa que mais se adequou foi a construção de um jogo lúdico, formado a partir da montagem no estilo quebra cabeça, onde suas peças juntas formam a imagem dos principais tipos de relevos.

O protótipo do quebra-cabeça iniciou com a escolha da imagem que o mesmo ia apresentar após a sua montagem, através do tema relevos do conteúdo de geografia do sexto ano. Para gerar maior interatividade entre os alunos, cada relevo foi subdividido em quatro partes, totalizando vinte peças do quebra-cabeça. Para uma melhor diferenciação do usuário deficiente visual, foram desenvolvidas texturas diferentes para cada tipo de relevo, de modo que o aluno perceba, através do toque, a semelhança de cada peça pertencente ao relevo específico, como mostra a Figura 2.

Figura 2. Protótipos das peças do quebra cabeça



Fonte: Elaborada pela autora, 2017.

Com o objetivo de futura validação com os especialistas e usuários, o jogo de quebra-cabeça será impresso com o filamento em PLA (acrilonitrila butadieno estireno) 1.75mm, material este usado nas impressoras 3D, com resolução considerada: 0,2 mm / densidade de preenchimento: 20%.

O desenvolvimento do protótipo de embalagem para o jogo quebra-cabeça foi de extrema importância, de modo que, um dos requisitos do projeto era que o produto fosse prático de ser armazenado. Conforme figura 5, as repartições laterais foram elaboradas para que ocorresse o armazenamento das peças do jogo. Nas duas divisões, foi colocado o tecido de rede, com o intuito de ter mais flexibilidade na hora de o aluno deficiente visual pegar. Também se aplicaram ímãs nas extremidades dos compartimentos para um melhor fechamento do tabuleiro.





A repartição do meio do tabuleiro irá servir para acomodar as peças no momento da montagem do quebra-cabeça.

Figura 3. Protótipos do tabuleiro



Fonte: Elaborada pela autora, 2017.

A fabricação do tabuleiro foi realizada através da cartonagem, utilizando para a parte externa o papel Horle com espessura de três milímetros, revestido internamente e externamente com papel Color Plus na cor Dubai e gramatura de 120g.

CONCLUSÃO

O presente estudo procurou trazer uma reflexão bastante significativa, que é a importância da inserção de temas que zelam pela inclusão no processo de aprendizagem. E, mesmo se tratando de um projeto com olhar bastante dirigido aos deficientes visuais, além de criar conhecimento acerca das particularidades relacionadas a esta deficiência, também permite obter consciência da importância de projetos que visam de fato ser universais.

Todavia, assim como em qualquer outro projeto que o designer tenha contato direto com o público alvo, a metodologia seguida foi de extrema importância para o desenvolvimento do protótipo. Com o auxílio das oficinas realizadas diretamente com o usuário final, foi possível desenvolver um produto que realmente atendesse as particularidades desse público. As atividades que ocorreram diretamente com os alunos proporcionaram à autora uma sensibilidade e empatia com todos que participaram, sendo que o projeto desenvolvido criou um vínculo afetivo com a experiência de cada um.

O resultado final obtido atendeu os seus objetivos de maneira satisfatória. Lógico que sua aplicação prática demanda mais estudos junto aos envolvidos. Por ser um protótipo e possuir uma linguagem facilitada para a montagem, este projeto também se tornou apto a ser aplicado





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

não somente no conteúdo relevantes, mas em diversos outros assuntos que possuam propostas similares.

REFERENCIAS

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Comitê de Ajudas Técnicas**. Tecnologia Assistiva. Brasília: CORDE, 2009. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/livro-tecnologia-assistiva.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

BRUMINI, Cesar Dellore. **Geografia - Coleção Projeto Araribá Plus - 6º Ano**. São Paulo, SP. Editora Moderna, 2017.

DIAS, Elizabet de Sá; CAMPOS, Izilda Maria de; CAMPOLINA, Myriam Beatriz Silva. **Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Visual**. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dv.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.

DISCHINGER, Marta; MATTOS, Melissa. **Habitação Universal**. Disponível em <<http://www.ctc.ufsc.br/habuniversal>>. Acesso em 06 jan. 2004.

ENGINEERING DESIGN CENTRE. **Inclusive Design Toolkit**. University of Cambridge. Reino Unido: 2017. Disponível em: <<http://www.inclusivedesigntoolkit.com>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MEC. Ministério da Educação e Cultura. Brasil. **Secretaria de Educação a Distância. Deficiência Visual**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000344.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2017.

PINTO, Marcelo Guimarães. **Uma Abordagem Holística na Prática do Design Universal**. In CORREA, Rosa Maria, org; *Avanços e desafios na construção de uma sociedade inclusiva*, Belo Horizonte : Sociedade Inclusiva/PUC-MG, 2008.

SCHÄFFER, Neiva O. et al. **Um globo em suas mãos: práticas para a sala de aula**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Núcleo de integração Universidade & Escola da PROEXT/UFRGS, 2003. p. 158.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONCEITOS DA EDUCAÇÃO POPULAR FREIRIANA NA SAÚDE COLETIVA E AS RELAÇÕES COM A SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

CONCEPTS OF FREIRIUM POPULAR EDUCATION IN COLLECTIVE HEALTH AND
RELATIONS WITH SOCIOLOGY AND ANTHROPOLOGY

Lívia Biasuz Machado (Feevale)¹
Dinora Tereza Zucchetti (Feevale)²
Marta Rosecler Bez (Feevale)³

Resumo: Trata-se de um estudo teórico acerca dos conceitos utilizados na saúde coletiva, advindos da educação popular, e as relações com as áreas da antropologia e da sociologia. Revisão integrativa de literatura sobre o tema “educação popular (freiriana) em saúde e conceitos na saúde coletiva. Busca no portal de revistas do Scielo, com as Palavras-chave “Paulo Freire” and “Saúde Coletiva” com 07 artigos foram incluídos. Esta análise permitiu subsídios para o aprofundamento e para delimitação do problema. As contribuições para o avanço do conhecimento permitem vislumbrar de que forma os profissionais de saúde coletiva utilizam os termos nas produções. Este levantamento pressupõe o uso do instrumento de formulário pelo Google Forms® ou via e-mail através de contato com os conselhos regionais das áreas da saúde coletiva, enfermagem, fisioterapia, medicina e odontologia. Esta etapa, em processo de construção, irá compor a metodologia proposta para a tese. Estima-se que através da análise teórica associada a coleta de dados seja possível construir de forma mais precisa conhecimento acerca da problemática delimitada.

Palavras-chave: Educação Popular em Saúde. Paulo Freire. Saúde Coletiva.

Abstract: This is a theoretical study about the concepts used in collective health, coming from popular education, and the relations with the areas of anthropology and sociology. Integrative review of literature on the theme "popular education (freirium) in health and concepts in collective health. Search in the portal of magazines of Scielo, with the keywords "Paulo Freire" and "Collective Health." with 07 articles were included. This analysis allowed for the deepening and delimitation of the problem. Contributions to the advancement of knowledge make it possible to see how collective health professionals use the terms in the productions. This survey assumes the use of the form instrument by Google Forms® or via e-mail through contact with regional councils in the areas of collective health, nursing, physiotherapy, medicine and dentistry. This stage, in the process of construction, will compose the methodology proposed for the thesis. It is estimated that through the theoretical analysis associated with data collection it is possible to construct a more precise knowledge about the delimited problem.

Keywords: Popular Education in Health. Paulo Freire. Collective Health.

INTRODUÇÃO

O surgimento da educação em saúde despertou, formalmente, apenas em meados da década de 1920 no Brasil. Esta assertiva ocorreu através das elites políticas econômicas sendo

¹ Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Docente da Universidade Feevale. liviam@feevale.br

² Dra. Docente da Pós-Graduação da Universidade Feevale. Orientadora. dinora@feevale.br

³ Dra. Docente da Universidade Feevale. Co-orientadora. martabez@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

estas influenciadas pelas experiências europeias dos séculos XVIII e XIX as quais se orientavam pelas teorias e pela visão higienista, etnocêntrica e hegemônica. Tais teorias defendiam condutas mais racionais e laicas, no que se referiam aos processos de adoecimento, em contrapartida às ideias místicas de cunho religioso tão rigorosas e unidirecionais da época (ANDRADE, et al, 2013).

Historicamente tais práticas desconsideravam as formas de saber e de viver das pessoas e das sociedades assim como de sua visão de si mesma e de seus modos de cuidar. Com caráter normatizador e doutrinário visavam a manutenção de modelos centrados na concentração de riquezas sendo esta tendência uma hegemonia até o início da década de 1940. Igualmente as formas de educar para a saúde não eram centradas na pessoa e sim em modelos, tais como, muito difundido, o modelo médico centrado, o qual objetivava a prática do curativismo orientado pela característica unicausal do processo saúde-doença. Desconsideravam conceitos como o de Determinantes Sociais de Saúde (DSS), de História Natural das Doenças e os modelos holísticos entre outros (LEAVELL & CLARK, 1978).

Com o avanço tecnológico a saúde passa a ser vista como um meio de gerar consumo, considerando que no Brasil ainda não existiam Políticas Públicas e sociais de seguridade e de direitos, esta baseava-se, portanto na concepção biológica do processo de adoecimento, tendo a Educação em Saúde que se apoiar no pressuposto de que mudanças de atitude assim como comportamentais, sendo estas individuais, associadas ao emprego de tecnologias seriam a solução para os problemas de saúde em sua totalidade. Porém com esta prática apenas perpetuavam a privatização da medicina da época (SMEKE, OLIVEIRA, 2001; BRASIL, 2008).

Vasconcelos (2001) aponta uma movimentação contra hegemônica nas práticas de educação em saúde a partir da década de 1970, quando a insatisfação de profissionais da educação e da saúde ficou evidente nos serviços e assim houve a busca pela educação popular motivada pelas demandas sociais e dos próprios movimentos históricos populares.

O rompimento do autoritarismo, do tecnicismo assim como das normas de conduta médico centradas começou a ser mais enfatizada quando em 1991 e 1994, na saúde do Brasil, quando surgem ideias de assistência, oriundas de experiências internacionais (Relatório Dawson – Inglaterra), que consideravam o indivíduo de forma integral, como na Atenção Primária em Saúde no Programa de Agentes Comunitários (PACS) e no Programa de Saúde da





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Família (PSF). Na educação as Diretrizes Nacionais Curriculares e a transversalidade de conteúdos fomentaram o repensar destes processos de educação (STARFIELD, 2004; BRASIL, 2006; BRASIL, 2007; BRASIL, 2011).

Outro movimento de importância para a propagação das ideias de uma nova educação foi o das Comunidades de Base promovido pela Igreja Católica. Estas experiências sequenciais trouxeram para a saúde uma cultura de relação para com as camadas excluídas, mesmo que por vezes através de ações esparsas, possibilitando um novo delineamento que culminaria em propostas pedagógicas mais coerentes com a realidade e assim com novas tendências e enfoques (STOTZ, 1993; BRASIL, 2007).

Frutos destas várias experiências, o percurso histórico da Educação em Saúde no Brasil coexiste com diversos enfoques e tendências pedagógicas. Em se tratando das derivações de enfoque, para a saúde, temos os seguintes enfoques filosóficos de Educação em Saúde: o enfoque preventivo, educativo, de desenvolvimento pessoal e radical (os quais serão discutidos posteriormente). Estes enfoques se alicerçam nas questões médico centradas de enfoque curativo, como consequência a medicalização fora do contexto da dinâmica da vida social (STOTZ, 1993).

A pedagogia crítica social encontra um amplo espaço de desenvolvimento na saúde, e nas políticas de ensino e saúde mais concretamente, na década de 1980, com metodologias como as de Bordenave, acerca da construção para ensino médio e técnico no Brasil, com a formação de inúmeros profissionais, dentre estes os auxiliares de enfermagem sob a organização de Izabel dos Santos no Projeto Larga Escala (BORDENAVE, 1999; OPAS/OMS, 2010).

Nesta linha de pensamento e problematização, as experiências dos profissionais com a educação popular no contexto da saúde coletiva estão diretamente relacionadas com o tema a que se propõe esta pesquisa, o qual refere-se a apropriação dos conceitos nas diferentes áreas sendo a saúde coletiva a disciplina de base da pesquisa. É o centro de atividades educativas realizadas na vivência do profissional de saúde pois consideram tanto saberes populares quanto técnico científico como precursores da educação popular ampla e concreta, à qual é norteadas, por exemplo, por Paulo Freire (FREIRE, 1999).

Desta forma falar em educação popular no contexto da saúde, da coletividade trabalhada na atenção primária, denota às Políticas Públicas de Saúde ações de promoção e desenvolvimento de pedagogias já citadas como a crítica, objetivando a ampliação do escopo





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

educação-saúde para a práxis além da assistência do consultório de saúde, ou seja, ampliação da clínica com olhar inclusivo para as representações de vida da comunidade e de seus modos de fazer.

A saúde coletiva por ser interdisciplinar é complexa e essa complexidade faz com que os espaços de promoção de saúde sejam ambientes de interlocução de saberes e de práticas tanto profissionais quando dos indivíduos usuários, e que igualmente promove assim nestes usuários um processo emancipatório enquanto seres sociais e atores sociais (CAMPOS et al, 2012; FREIRE, 1999).

O profissional da saúde necessita de uma aproximação da cultura, do cotidiano, dos fazeres da vida diária da comunidade a qual assiste, na Atenção Primária, enquanto promotor de saúde coletiva. Desta forma, atributos como sensibilidade cultural, orientação comunitária, orientação familiar discutidos por Starfield (2004), complementam os discursos e pressupostos de vários autores, dentre eles Freire (1999) e Merhy (2002), quando estes retratam a necessidade da educação popular e comunitária como um novo olhar libertador pois o sujeito que a vive está em constante busca daquilo que ainda lhe é negado (PAULO, 2017; FREIRE, 2013).

Enquanto a educação tradicional, com estrutura de divisão, tende a aumentar a fragmentação social, a educação popular promove a problematização, a visualização do indivíduo enquanto pertencente a um meio, a um lugar, a um território com significados através de reflexão. Nesta lógica, o profissional de saúde deve direcionar para tais questões sua condução enquanto promotor de saúde (SANTOS, 2006; BRASIL, 2008; FREIRE, 1999; FREIRE, 2013).

Por encontrar espaço na saúde, a pedagogia crítica, desde a década de 1980, vem adquirindo forma, expondo as diversas possibilidades de atuação e empoderamento dos usuários enquanto protagonistas de autocuidado. Jungues et al, (2011) acentuam que trabalhar considerando uma perspectiva de educação popular na saúde, é necessário que o usuário seja reconhecido como sujeito, pois traz consigo sua história, trajetória, modos de experienciar a vida, a doença, a saúde, sua luta por autonomia e a transformação da realidade.

No cotidiano da assistência e do processo de trabalho na saúde surgem conflitos que explicitam a existência de racionalidades metodológicas e de conceitos divergentes com as áreas disciplinares da sociologia e da antropologia, acerca dos termos comumente utilizados na saúde coletiva e na educação popular (de origem Freiriana), como por exemplo: vulnerabilidade





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

(relacionada ao território e direitos sociais), autonomia (fundamentada na ótica freiriana), conscientização, domesticação, empoderamento, curiosidade epistemológica, construção compartilhada do conhecimento, condições e experiências de vida (qualidade de vida), pesquisa participante, vigilância civil da saúde (derivações para território e espaços), os quais conectam as teorias de educação popular em saúde.

Esta pesquisa trata de um estudo teórico acerca dos conceitos utilizados na saúde coletiva, advindos da educação popular, e as relações com as áreas da antropologia e da sociologia. Como questão problematizadora desta tese: Em que medida se expressam os conceitos apropriados pela saúde coletiva e utilizados na educação popular em saúde, advindos da sociologia e da antropologia?

Metodologia: A metodologia utilizada foi de uma revisão integrativa de literatura sobre o tema “educação popular (freiriana) em saúde e conceitos na saúde coletiva”. Preliminarmente foram realizadas busca no portal de revistas do *Scielo* e no banco de dados da CAPES a fim de avaliar as produções sobre o tema.

Os conceitos já mencionados que pretendem ser aprofundados na tese foram observados em 07 artigos do portal de revista *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*) através de busca com as Palavras-chave “Paulo Freire” and “Saúde Coletiva”. Dentre estes o artigo de maior relevância de Gil Sevalho (2017), e em poucas teses (levantamento do banco de teses e dissertações da CAPES prévio) referentes a Educação Popular em Saúde (Fernanda dos Santos Paulo (2013) e de Suzana Boeira (2016)), sinalizam algumas divergências quanto ao uso dos conceitos utilizados na prática exercida pelos profissionais na saúde coletiva. Porém isto foi mais claramente identificado nos artigos e não nas teses.

A mesma busca com as Palavras-chaves utilizadas no banco de teses e dissertações da CAPES ocorreu para com os artigos, porém após exclusão dos que não integravam a temática de discussão, houve repetição de parte dos 07 já identificados na primeira seleção, sendo optado então pela análise e aprofundamento da primeira seleção.

DESENVOLVIMENTO PARCIAL

A TRANSIÇÃO DOS CONCEITOS

Conceitos básicos usados na Epidemiologia, saúde pública, medicina social, foram nomeados e utilizados pelas ciências sociais e antropológicas antes de serem apropriados nas





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

ciências da saúde. É destacado por Menendez (1998) que os epidemiologistas parecem desconhecer informações sobre a elaboração teórica e metodológica dos conceitos de origem.

Concordam com Menendez, Monken et al. (2008), em relação aos conceitos de território e espaços usados na saúde pública sem preocupação com a definição original. O que acaba por ser mais problemático quando envolve conceitos polissêmicos na área de proveniência.

Para a antropologia e sociologia, por exemplo, o conceito de estilo de vida advém de uma perspectiva holística. Já para a epidemiologia deriva de comportamento de risco, que opera sob influência biologiscista. Para os antropólogos trata-se de uma “erosão da proposição antropológica” (MONKEN et al., 2008).

Em se tratando de transição epidemiológica, termo bastante usado na área da saúde coletiva para descrever um percurso de evolução ou involução biológica para justificar mudança de característica populacional, este também é vislumbrado como uma forma de obliterar sua articulação ideológica com teorias desenvolvimentistas de inspiração neoliberal. Estes conceitos se baseiam no modelo médico hegemônico enquanto na antropologia é considerado como concepção cultural.

Outros autores atribuem a teoria da transição epidemiológica (Abdel Omham) com ideologia de controle populacional em países pobres, que em 1960 e 1970 serviu de instrumento de dominação política entre as populações vulneráveis.

A epidemiologia é caracterizada predominantemente por uma aproximação “a-histórica” do processo saúde/enfermidade/atenção, fundamentada em uma análise de curta duração histórica. A história das ciências é feita de migração de conceitos, o que significa literalmente a palavra Metáforas, pois ao migrarem os conceitos se transformam (MORIN, 1992).

Segundo Sevalho (2017), ao se privilegiar objetividade e operacionalização, o transporte interdisciplinar para a saúde coletiva pode submeter conceitos provenientes das ciências sociais à alienação e deformação poética.

CONCLUSÃO: RESULTADOS ESPERADOS E CONTRIBUIÇÃO PARA O AVANÇO DO CONHECIMENTO

Esta análise preliminar permitiu subsídios para o aprofundamento do tema e para a delimitação do problema de pesquisa. As contribuições para o avanço do conhecimento permitem vislumbrar de que forma os profissionais de saúde coletiva utilizam os termos nas produções, tanto acadêmicas quanto científicas e assim propor uma análise aprofundada com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

pesquisa de coleta de dados online sobre o tema. Este levantamento pressupõe o uso do instrumento de formulário pelo Google Forms® ou via e-mail através de contato com os conselhos regionais das áreas da saúde coletiva, enfermagem, fisioterapia, medicina e odontologia.

Esta etapa, em processo de construção, irá compor a metodologia proposta para a tese. Estima-se que através da análise teórica associada a coleta de dados seja possível construir de forma mais precisa conhecimento acerca da problemática delimitada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.O.M., et al. **Atenção Primária à Saúde e Estratégia de Saúde da Família.** In: CAMPOS, G. W. S., et al. Tratado de Saúde Coletiva. 2.ed.rev. aum. São Paulo: Hucitec, 2012.

BORDENAVE, J.E.D. **Alguns fatores pedagógicos.** In: SANTANA, J.P., CASTRO, J.L. (orgs.). Capacitação em desenvolvimento de recursos humanos: CADAHU. Natal: EDUFRN; 1999.

BRASIL. Comissão Nacional de Determinantes Sociais em Saúde. **As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil.** Relatório final da Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS). Rio de Janeiro: CNDSS; 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional da Atenção Básica. Portaria n. 648 de 28 de março de 2006.** Aprova as diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica para o Programa de Saúde da Família e o Programa dos Agentes Comunitários de Saúde. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 2488, de 21 de outubro de 2011.** Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão das diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Brasília: DF, 2011c. Versão Impressa.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 160p.

CAMPOS, G. W. S., et al. **Tratado de Saúde Coletiva.** 2.ed.rev. aum. São Paulo: Hucitec, 2012.

FREIRE, P. (1921 – 1997). **Pedagogia da tolerância.** Ana Maria Araújo Freire (org.). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013. 3.ed. 400p.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1999





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

JUNGES, J. R. et al. Saberes populares e cientificismo na estratégia de saúde da família: complementares ou excludentes? **Ciência e Saúde Coletiva**, v.16, n.11 p.4327-4335, 2011. Versão Impressa.

LEAVELL Hugh R.; CLARK, Edwin G. **Medicina Preventiva**. SP, McGraw-Hill do Brasil, RJ FENAME, 1978.

MENENDEZ, EL. Antropologia médica e epidemiologia. Processo de convergência ou processo de medicalização. In: Rabelo PC, Rabelo MC, organizadores. **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Relume- Dumará; 1998. p. 71-92.

MERHY, E.E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MONKEN, M. et al. O território na saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente. In: Miranda AC, Barcellos C, Moreira JC, Monken M, organizadores. Território, ambiente e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2008. p. 23-41.

OPAS/OMS – Organização Pan-Americana da Saúde/ Organização Mundial da Saúde. **Capacidades Humanas para a saúde. Homenageia Izabel dos Santos**. Brasília: OPAS/OMS; 2010.

PAULO, F. **Direitos Humanos e Educação Popular: reflexões**. Apresentação Aula Aberta 10/05/2017 do Curso de Pedagogia Universidade Feevale. Campus I. Feevale; 2017.

SANTOS, M. **Territórios e territórios**. Rio de Janeiro: DP&A; 2006.

SEVALHO, Gil. O conceito de vulnerabilidade e a educação em saúde fundamentada em Paulo Freire. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 22, n. 64, p. 177-188, mar. 2018 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000100177&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 maio 2018. Epub 18-Maio-2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622016.0822>.

SMEKE, E.L.M., OLIVEIRA, N.L.S. **Educação em saúde concepções de sujeitos**. In: VASCONCELOS, E.M. (org.). A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2001.

STARFIELD, B. **Atenção Primária: equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologias**. Brasília: UNESCO, Ministério da Saúde, 2004.

STOTZ, E.N. **Enfoques sobre educação e saúde**. In: VALLA, V.V., STOTZ, E.N. (orgs.). Participação popular, educação e saúde: teoria e prática. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará; 1993.

VASCONCELOS, E.M. (org). **A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“EU FUI NA ITÁLIA, FRANÇA, ALEMANHA” - RELATOS DA ASCENSÃO DE UM NEGRO NA INDÚSTRIA DO CALÇADO

"I WENT TO ITALY, FRANCE, GERMANY" - REPORTS OF A BLACK MAN
ASCENSION IN FOOTWEAR INDUSTRY

Lohran Costa Fagundes (Nome da Universidade)¹
Margarete Fagundes Nunes (Nome da Universidade)²

Resumo: Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de analisar narrativas biográficas com trabalhadores negros da cidade de Novo Hamburgo, obtidos através de entrevistas realizadas entre os anos de 2010 a 2012. O estudo pretende analisar o conjunto de texto e imagem dessas narrativas, a fim de compreender a constituição da memória individual e coletiva desses sujeitos e como estas memórias contribuem no delinear de sua trajetória e na organização de projetos individuais e sociais.

Palavras-chave: cidade, memória, trajetória, trabalho, afrodescendente

Abstract: This article was developed with the intent to analyze biographical narratives of black workers from the city of Novo Hamburgo, they were obtained through interviews made between the years of 2010 to 2012. The study analyzes an ensemble of text and image of these narratives in order to understand the construction of individual and collective memory of the subjects and how these memories contribute to delineate the trajectory and organization of individuals and social's projects.

Key words: 1.city 2.memory 3.trajectory 4.work 5.afro-descendant

INTRODUÇÃO

Segundo NUNES (2009), a memória social do trabalho na cidade de Novo Hamburgo funda-se sobre o mito da imigração alemã, que narra a chegada dos imigrantes em 1824. Com a emancipação da cidade, em 1927, a cidade e a região firmam-se como polo da indústria e do comércio de calçados. Nunes (2010) aborda, no Brasil contemporâneo, a construção de narrativas étnicas, das populações negras, que contribuíram na construção de toda a região Sul do país e principalmente da cidade aqui retratada.

Diversas foram as atividades industriais e comerciais desenvolvidas na cidade, mas a que criou sua identidade foi a coureiro-calçadista. Devido às terras pouco férteis para a prática da agricultura, os esforços foram direcionados para o trabalho com o gado e ao curtimento do couro. (PORTO, 1934).

¹ Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS), mestrando em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: lohran@gmail.com

² Doutora em Antropologia Social pela UFSC (Florianópolis/SC), orientadora do Autor 1 no mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social.. E-mail: margarete.nunes@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Desde 1920, estendendo-se ao longo do séc. XX, a indústria do couro guiou a economia hamburguense, que não só produzia matéria prima, mas também os calçados e acessórios para o mercado nacional e internacional. A crise da indústria coureiro-calçadista, que se iniciou na metade dos anos 90, causou uma parada no progresso que acompanhava a região desde os anos 70. Com o fechamento de diversas empresas, o desemprego e a mudança nas áreas de atuação comercial foram inevitáveis (NUNES, 2009).

A cidade que viria, anos depois, receber o título de Capital Nacional do Calçado, pertenceu, até 1927, ao município de São Leopoldo. A região, hoje conhecida como Vale dos Sinos, já era habitada, no final do século XVIII, por descendentes de portugueses, espanhóis, açorianos, africanos e indígenas. Com exceção dos povos indígenas, os demais grupos étnicos vieram em virtude da formação da Feitoria do Linho Cânhamo. No entanto, foi a fixação dos colonos alemães, a partir de 1824, que ganhou notoriedade na memória social do município e alimentou parte da historiografia sobre a região (NUNES, 2009).

Nos primórdios do Brasil Colonial, os negros trazidos para o país eram de comunidades distintas com culturas e costumes diferentes. Cada povo trazia consigo suas histórias, seus mitos e contos e os propagavam através da cultura oral. (SOUSA E SOUZA, 2007).

O filósofo e historiador malinês Amadou Hampaté Bâ (2003) narra, em seu livro, suas memórias, e como parte delas foram-lhe transmitidas através da tradição oral, comum nos povos africanos.

Como é que a memória de um homem de mais de oitenta anos é capaz de reconstruir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcia de detalhes? E que a memória da minha geração, sobretudo dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. (BÂ, 2003, p. 13).

Baseado nisso, o autor deste artigo deseja contribuir com o armazenamento das memórias das comunidades de trabalhadores negros, a fim de desconstruir a invisibilidade simbólica (OLIVEN, 1996) constituinte da historiografia e do pensamento social sul-rio-grandense ao longo do séc. XX.

O objetivo deste artigo é estudar essas memórias presentes nas narrativas biográficas, obtidas através de entrevistas³ realizadas entre os anos de 2010 a 2012, com trabalhadores

³ O “Acervo da pesquisa As comunidades negras do Vale do Rio dos Sinos e a memória do Trabalho, coordenada pela profa. Margarete F Nunes, cujo projeto contou com o apoio da Fundação Fapergs. O acervo contém 20





afrodescendentes do município de Novo Hamburgo. Estes trabalhadores narram suas trajetórias de vida, as quais, por inúmeras vezes, fundem-se com suas trajetórias profissionais.

Como princípio dos jogos da memória de ECKERT e ROCHA (2005), entendemos as narrativas como constituintes da memória coletiva do trabalho negro do município, em que cada personagem possui uma parte da memória coletiva, não participando apenas como narrador de acontecimentos históricos, mas também como participante dos processos por ele vivido.

Em específico neste artigo, foi escolhido o depoimento de um personagem, V.S., nascido no município, que construiu sua vida com base na economia do calçado, a qual conduzia a cidade. Estudo e trabalho foram os eixos que propiciaram a V.S. ascensão e reconhecimento para escrever uma história diferente como negro em Novo Hamburgo. Estas narrativas serão analisadas através de duas categorias principais: Trajetória Social e Trabalho.

ANÁLISE BIOGRÁFICA

Com base em Velho (2003, p. 25-44), projeto define-se como “uma margem de manobra existente na sociedade para opções e alternativas.”, e através de escolhas como profissão, religião, relações políticas ou relações sociais, cada indivíduo passa a traçar suas trajetórias individuais e sociais.

Ainda segundo Velho (2003), para criar este projeto, o sujeito toma como base suas memórias, não apenas se baseando no presente, mas também em acontecimentos passados. Quando se trabalha com memórias, é inevitável que determinados pontos da narrativa recebam destaques diferentes de outros. Não se pode estabelecer um ponto de partida e de chegada que seja traçado de maneira linear, deve-se aceitar as tensões e continuidades traçadas pelos narradores.

V.S., com 60 anos, hoje aposentado, trabalhou muitos anos na indústria do calçado, começando com serviços mais simples, como a passagem de cola na sola dos calçados, até tornar-se um estilista de notável importância no cenário calçadista de Novo Hamburgo. Filho de pai colono e envernizador de couro e de mãe doméstica, V.S. começou muito cedo a trabalhar com calçado:

entrevistas realizadas com entre os anos de 2010 e 2012, possuindo além de registros escritos, gravações de áudio e vídeo que serão utilizados como suporte para a análise destas narrativas biográficas.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“Eu lembro que, com onze anos, imagina, eu vejo meu neto hoje que tem onze anos, eu vinha para casa todo sujo de cola, de tinta, porque eu não tinha controle nas mãos, uma coordenação para fazer as coisas sem se sujar né, eu era meio criança ainda com onze anos, naquela época a gente não era registrado, mas tinha que trabalhar [...]. Eu sei que depois que a gente passou por essa fabriquetta, eu cheguei aos dezesseis, dezessete anos, eu mudei de emprego, eu fui trabalhar nos calçados Zeraide, eu era muito amigo do sobrinho do dono, do proprietário, e aí eu já tinha ‘umas inspiração’, parecia que eu tinha que fazer umas coisas diferentes, invés de ficar só passando cola. E os calçados Zeraide era pertinho, era só atravessar a rua, eram vizinhas as duas fábricas, praticamente.” (entrevista com V.S. realizada no ano de 2010).

Neste relato de V.S., percebe-se que sua Trajetória Social começou a ser desenhada de acordo com a demanda da cidade. Novo Hamburgo, com polo industrial, acabou por conduzir o início da carreira de V.S., como se pode perceber também no próximo trecho:

“Não. Bom, o bairro Primavera era cheio de fábricas. Tinha... nossa!... Na redondeza, tanto no bairro, no Primavera, no Ideal, tinha fábrica por todo o canto de Novo Hamburgo. Eu só não consigo entender como é que essas fábricas... Não tinha exportação na época, essas fabricas estavam sempre lotadas de serviços, então quer dizer o mercado interno com uma população bem menor do que é hoje, absorvia toda essa produção desse pessoal”.

Na própria fala de V.S., percebe-se que as indústrias se encarregavam de absorver toda a mão de obra presente na cidade. A partir disso, V.S. começou a estabelecer seus objetivos e seus projetos individuais e sociais.

“E quando eu me formei no ginásio, eu ainda estava trabalhando nos calçados Zeraide, e tinha um senhor, seu Alzemiro. O seu Alzemiro era modelista do Calçados Zeraide e eu tinha por aí meus dezesseis anos... é, dezesseis anos, por aí, e eu ficava observando ele fazer o modelo, e lá pelas tantas eu disse: -Seu Alzemiro, o Senhor deixa eu fazer um modelo? “- Deixo, pode fazer!” E aí, eu fui na bancada dele lá, na mesa de modelagem né?... E comecei a mexer com aqueles papéis, aquelas cartolinas, aquelas formas, e tal.... Eu achei uma forma lá que dava mais ou menos no meu pé, e disse: vou fazer um modelo! E comecei a fazer, comecei a fazer e daqui há pouco eu perguntava uma coisinha para ele e dizia, me explicando. Olha, eu fiz um modelo dos mais difíceis que tem para um modelista fazer hoje, fazer ele bem feito, um mocassim tubular. Tinha modelo que envolve toda a parte de baixo da forma, e costurado manualmente em cima, uma pala em cima, pois não é que eu fiz um sapato para mim mesmo. Ele ficou meio “escroncho”, assim... não ficou perfeito né, mas para mim foi uma obra de arte, quando eu vi aquilo pronto eu disse: - Nossa será que eu posso fazer? E usei aquele sapato por muitos anos, aquele sapato eu devia ter guardado ele, conservado pelo resto da minha vida”.

Aos 16 anos, V.S. fez seu primeiro calçado por inteiro. Destaca-se este ponto de sua entrevista por caracterizar aqui o momento em que, ao fazer aquela escolha, ele passou a ter consciência dessa trajetória, e o SENAI apresentou-se como um “campo de possibilidades”. (VELHO. 2003, p. 29).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“Eu acho que ali foi um sinal, foi uma época da minha vida que marcou, como início de uma nova trajetória profissional, se é para mim ficar no sapato mesmo, eu vou me profissionalizar então! Se é esse o meu negócio mesmo e eu gosto tanto disso, eu vou me profissionalizar, foi onde eu fui fazer um curso de modelagem no SENAI. Então eu fiz um curso rápido de 280 horas no SENAI em Modelagem e aí já comecei a modelar no Zeraide [...] Rui Chaves, e tinha o sapato mais requintado da região, eu fui para a porque eu tinha uma mão-de-obra muito boa, eu aprendi a fazer bem a mão-de-obra, na época em que eu fui para o Rui Chaves, eu não fui para fazer modelagem, eu fui para lá para trabalhar na produção, na montagem... o que eu fazia já a um tempo atrás, eu fui para lá e eu tive que esquecer um pouquinho minha profissão de modelista, que eu já estava quase que sendo um profissional, não profissional, mas eu estava já iniciando, estava numa boa trajetória profissional como modelista né[...]Então foi que em meados de... eu tinha uns 20 anos por aí, meados de 70, que eu fui fazer esse curso técnico de calçado, 21 anos, 20, 21 anos que eu tinha, e continuei... aí no caso eu tive que pedir para o Rui Chaves para ver se eu podia trabalhar só meio turno, porque o curso funcionava durante a manhã, e aí eu fui no patrão e perguntei se eu podia trabalhar só a tarde, porque eu queria fazer o curso! Aí eles me disseram não, não tem como, a gente não pode admitir esse tipo de coisa aqui, senão não tem como a gente administrar esse funcionário trabalhando meio turno, para nós é difícil. Mas não tem como dar uma oportunidade na modelagem? Não, aí foi inviável né! O que aconteceu? Voltei a trabalhar com o meu amigo lá do Zeraide”.

Percebe-se que, no início de sua carreira, V.S. escolheu sair de uma empresa na qual ele já trabalhava como modelista para trabalhar em uma empresa que oferecia um produto diferenciado na época e que, futuramente, poderia lhe oferecer um melhor currículo. Apesar disto, posteriormente, visando a uma melhor qualificação, ele optou por voltar ao Calçados Zeraide.

“No segundo ano de curso apareceu uma notícia no jornal pedindo profissionais na área de modelagem, profissionais não! Aprendiz na área de modelagem que estivessem estudando ou cursando curso técnico, e estavam fazendo a seleção para o grupo Strasburger lá de Campo Bom [...]A exportação já estava rondando por aí, e lá no grupo Strasburger em uma ocasião meu chefe de modelagem o Opthis, foi fazer uma viagem de pesquisa pela Europa, e na época o Strasburger já tinha uma tratativa com uma companhia de exportação a Mitsubishi tinha um escritório de exportação de calçados aqui na região. E o Irineu Opthis foi para a Europa fazer pesquisa para a empresa e me deixou de responsável para desenvolver uma modelagem para a Mitsubishi. Então eu que fiquei fazendo o acompanhamento das modelagens das amostras da Mitsubishi. Uma empresa que estava se estabelecendo aqui na região e estava buscando a Strasburger como um dos fornecedores para os EUA[...]E quando o pessoal da Mitsubishi veio buscar as amostras eles gostaram muito das amostras, e me elogiaram, levaram as amostras, me elogiaram, me agradeceram por eu ter acompanhado as amostras deles, pelas amostras terem ficado muito bonitas, e não demorou duas semanas e eles estavam no telefone fazendo contato comigo para me contratar, porque até então eles não tinham nenhum modelista e nenhum técnico aqui na região, eles só tinham o escritório montado com setor de papeis, burocracia, parte da administração, mas não tinham um técnico ainda para acompanhar os protótipos, as amostras, a produção deles na região, e aí eu lembro que eles ficaram de tratativa e eles me ofereceram um salário, que na época pela carência de funcionários na área”.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

V.S. aqui relata parte da ascensão da sua carreira no setor coureiro-calçadista, obtida através de seus estudos e das suas experiências profissionais.

“Eu fui na Itália, França, Alemanha fazer pesquisa. E eu sei que em uma ocasião a pessoa que era o agente, que era o responsável pelo escritório aqui, chegou na minha sala e disse assim: -Aqui está a passagem- e eu nunca tinha entrado num avião- aqui está a passagem e, tu está intimado para ir em uma feira em Nova York- e com tudo pronto já, só tinha que ir fazer o passaporte. E isso foi... na época eu tinha uns 28 anos. Primeira viagem que eu fiz para os EUA, eu não gravo muito bem essas datas assim, porque... aconteceu, mas eu não tenho muita lembrança de data exata. Então foi que eu fiz a primeira viagem para os EUA, conheci o mecanismo de venda, como funcionava... na realidade o que eles queriam fazer é que eu entendesse mais todo o processo, como é que acontecia isso lá, como é que acontecia tudo o que eu fazia aqui lá nos EUA.”

A industrialização, a exportação do sapato e a concentração de empresas no vale abriam, para esses sujeitos, um “campo de possibilidades” para o desenvolvimento de seus projetos individuais. Nota-se o quanto as suas narrativas de vida misturam-se às suas trajetórias sociais e profissionais.

“E o falecido papai, ele trabalhou numa envernizaria de couro onde naquela época o couro era... era envernizado manual, é... era um líquido, uma pasta tipo uma... um piche, tipo esse... essa massa asfáltica né! E aquilo era passado com uma espátula em cima de um couro né! [...] Até que em uma determinada época ele se adoentou, não pode mais trabalhar, se aposentou e... Mas eu acho que ali começou meu gosto pelo couro né! Já antes mesmo de ter nascido.” (entrevista com V.S. realizada no ano de 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas vezes obrigada a trabalhar apenas com serviços pesados e onerosos, a comunidade negra compôs apenas os bastidores e as mais baixas funções fabris, e busca agora seu devido reconhecimento na construção do município.

Na narrativa biográfica analisada, depara-se com a história de V.S., trabalhador, negro, que viu o pai trabalhar com couro, participou do processo de ascensão do calçado na região, assim como do processo de exportação até a sua decadência no início dos anos 90.

Ao analisar sua fala e estudar suas memórias, percebe-se a importância das escolhas de seus projetos individuais e sociais e como estes guiaram sua trajetória a um descolamento do padrão de invisibilidade presente na região. V.S., através da sua busca por uma carreira de profissionalismo no setor coureiro-calçadista, ganhou notoriedade dentro de um campo antes pouco explorado pelas populações negras.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Ao final deste breve artigo, conclui-se que se faz de fundamental importância o estudo das memórias e narrativas dos trabalhadores do setor coureiro-calçadista da cidade de Novo Hamburgo, para que suas histórias enriqueçam a memória do município.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampaté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena/Casa das Africas, 2003.

ECKERT, Cornelia; DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Imagem recolocada: pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo**. Porto Alegre: Iluminuras, v. 2, n. 3, 2001.

ECKERT, Cornelia; DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Os jogos da memória**. Porto Alegre: Iluminuras, v. 1, n. 2, 2000.

LEITE, Ilka Boaventura; OLIVEN, Ruben George. **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Letras Contemporâneas, 1996.

MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira**. Novo Hamburgo/RS, 2010.

NUNES, Margarete Fagundes et al. “Era um hino de fábrica apitando”: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 17, n. 2), p. 269-291, 2013.

NUNES, Margarete Fagundes. **O negro no mundo alemão: cidade, memória e ações afirmativas no tempo da globalização**. 2009.

PORTO, Aurélio. **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Editora e Gráfica Terezinha, 1996.

SOUSA, Andréia Lisboa de; SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Cantos e re-encantos: vozes africanas e afro-brasileiras**. 2007.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Zahar, 1989.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Zahar, 2004.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3ª ed, Zahar, 2003.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SMARTPHONES, CULTURAS JUVENIS E AS PRINCIPAIS BARREIRAS À INCLUSÃO DIGITAL

SMARTPHONES, CULTURAS JUVENIS Y LAS PRINCIPALES BARRERAS A LA INCLUSIÓN DIGITAL

Profa. Ma. Luciane Pereira Viana (Feevale/IENH)¹

Profa. Dra. Saraí Patrícia Schmidt (Feevale)²

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre as principais barreiras à inclusão digital que envolve as experiências de consumo do smartphone na juventude contemporânea brasileira. Observa-se que os jovens tendem a ressignificar as práticas de consumo, que são cada vez mais potencializadas pela inclusão e exclusão digital, através do avanço das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e, principalmente, pelos seus onipresentes smartphones. Neste artigo utilizou-se a pesquisa descritiva, qualitativa, dividida em dois procedimentos: bibliográfica e documental (PRODANOV E FREITAS, 2009). A pesquisa bibliográfica busca discutir questões sobre o consumo do smartphone e, conta com os autores Castells *et al* (2006), Reguillo Cruz (2003), Silveira (2011, 2015), Winocur (2007, 2009), entre outros. No desenvolvimento do estudo aponta-se uma estreita relação entre a desigualdade e as questões como acesso, proficiência, frequência e finalidades de uso dos smartphones. Este estudo integra uma pesquisa mais ampla que tem como proposta problematizar as interfaces da exclusão/inclusão considerando as formas de apreensão e ressignificação do consumo do smartphone na juventude contemporânea brasileira.

Palavras-chave: Smartphone. Culturas Juvenis. Inclusão Digital. Consumo.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las principales barreras a la inclusión digital que involucra las experiencias de consumo del smartphone en la juventud contemporánea brasileña. Se observa que los jóvenes tienden a resignificar las prácticas de consumo, cada vez más potenciadas por la inclusión y la exclusión digital, a través del avance de las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) y, principalmente, por sus omnipresentes smartphones. En este artículo se utilizó la investigación descriptiva, cualitativa, dividida en dos procedimientos: bibliográfica y documental (PRODANOV E FREITAS, 2009). La investigación bibliográfica busca discutir cuestiones sobre el consumo del smartphone y, con los autores Castells *et al* (2006), Reguillo Cruz (2003), Silveira (2011, 2015), Winocur (2007, 2009), entre otros. En el desarrollo del estudio se señala una estrecha relación entre la desigualdad y las cuestiones como acceso, competencia, frecuencia y finalidades de uso de los smartphones. Este estudio integra una investigación más amplia que tiene como propuesta problematizar las interfaces de la exclusión / inclusión considerando las formas de aprehensión y resignificación del consumo del smartphone en la juventud contemporánea brasileña.

Palabras clave: Smartphone. Culturas Juveniles. Inclusion Digital. Consumo.

INTRODUÇÃO

A desigualdade e o acirramento das diferenças de escolaridade, gênero, etnia, classe social, entre outros, podem se expressar de várias formas no cotidiano das juventudes e, muitas

¹ Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale, mestra em Processos e Manifestações Culturais. Administradora. Docente na Faculdade IENH. E-mail: luciane.v@hotmail.com.

² Professora orientadora. Doutora em Educação e mestra na linha de pesquisa Estudos Culturais da UFRGS. Jornalista. Docente na Universidade Feevale. E-mail: saraischmidt@feevale.br.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

vezes explicam o pertencimento ou não em determinadas relações sociais, práticas de consumo, uso de tecnologias e espaços. Sendo que estas experiências de consumo estão cada vez mais interligadas e potencializadas pelo avanço das tecnologias da informação e comunicação (TICs) e, principalmente, pelos onipresentes smartphones.

Cabe destacar que o smartphone constitui-se um objeto em transformação, tanto pelas inovações tecnológicas quanto pela expansão dos serviços e, tornou-se uma prática de sociabilidade de grande valor simbólico na juventude. Sendo um produto que se desdobra, sua produção, divulgação e consumo permeia de maneira significativa a vida contemporânea.

No mundo a quantidade de celulares (soma da quantidade de celulares e smartphones)³ atingiu 97,8 acessos por cem habitantes em 2015, com um total de 7,2 bilhões de aparelhos **(Erro! Fonte de referência não encontrada.)** que representa praticamente um acesso para cada indivíduo⁴. Sendo que o consumo de telefones celulares teve um crescimento de 227% nos últimos dez anos (2005 a 2015). Segundo a GSMA (2018) estima-se que em 2025 tenha-se 9,0 bilhões de aparelhos com cartão SIM⁵, com 110% de penetração mundial.

³ Segundo Teleco (2017) o telefone celular é usado para tarefas simples como: ligações, mensagens (SMS) e câmera com uma baixa resolução. Já o Smartphone (Telefone Inteligente) é um telefone celular que possui um sistema operacional. Os principais sistemas operacionais utilizados atualmente são: Android (Google), IOS (Apple), RIM (BlackBerry), Windows Phone (Microsoft). O smartphone é utilizado para ligações e vídeos chamadas, mensagens, aplicativos diversos, possui câmeras de alta qualidade, maior resolução da tela, comando de voz, etc.

⁴ Considerando a população mundial de 7,3 bilhões de habitantes em julho de 2016, segundo a Cia (Central Intelligence Agency). Fonte: <https://www.cia.gov>, 2017.

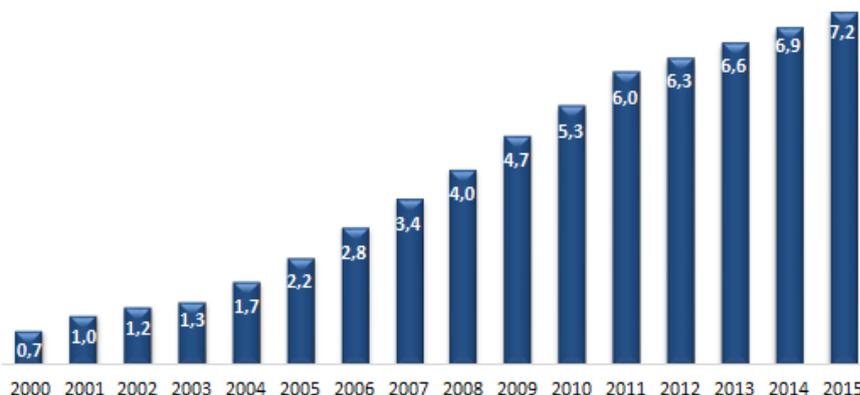
⁵ SIM - Módulo de Identificação de Assinante.





Gráfico 1. Quantidade de celulares no mundo: 2000 a 2015 (em bilhões de aparelhos)

Celulares no Mundo



Fonte: TELECO (2017, on-line).

Assim, o recorte proposto neste artigo tem como objetivo problematizar e compreender as principais barreiras à inclusão digital que envolve as experiências de consumo do smartphone na juventude contemporânea brasileira. Neste estudo utilizou-se a pesquisa descritiva, qualitativa, dividida em dois procedimentos: bibliográfica e documental (PRODANOV E FREITAS, 2009). A pesquisa bibliográfica busca discutir questões sobre o consumo do smartphone e, conta com os autores Castells et al (2006), Reguillo Cruz (2003), Silveira (2011, 2015), Winocur (2007, 2009), entre outros. A pesquisa documental foi realizada no período de setembro 2015 até agosto de 2017.

Para mobilização dos conceitos teóricos que formam as categorias inclusão e exclusão digital, buscando atingir o objetivo proposto, optou-se pela análise e interpretação dos dados através da análise de conteúdo, segundo Bardin (2004), sendo obedecidas as seguintes fases: a) Pré-análise com formulação dos objetivos e preparação do material com a escolha dos dados de acesso ao smartphone que seriam analisadas; b) Exploração do material com categorização sobre o corpus; c) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Este artigo traz reflexões que integram a pesquisa de Doutorado sendo desenvolvida no programa de pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale, cujo tema é juventude contemporânea e sua relação com a cultura de consumo e inclusão digital. Mais especificamente, investiga as interfaces da exclusão/inclusão digital considerando a multiplicidade de representações e interações que envolvem as formas de apreensão e ressignificação da cultura de consumo do smartphone na juventude.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CULTURAS JUVENIS, INCLUSÃO DIGITAL E SUAS RELAÇÕES

A juventude contemporânea é uma mescla impressionante de complexidade, contradições e expressões culturais⁶. De tal forma que o próprio conceito de juventude torna-se indissociável aos movimentos contemporâneos de reescritura da diversidade sociocultural, assim como das formações subjetivas a ela associadas, ou seja, “uma metáfora da mudança social” (FEIXA PAMPÓLS, 2000). Afinal, sempre existiu um componente questionador, inovador e altamente volátil nas práticas espaciais e temporais, bem como na legitimidade de uma única imagem, especialmente no que diz respeito às culturas jovens urbanas.

Pais (2003, p. 54, grifo do autor) explica que “por *cultura juvenil*, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como um conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais”. A partir deste conceito, remetem-se também as demais características citadas por Feixa Pampóls (1999, p. 87, tradução nossa) que afirma que “as culturas juvenis não são homogêneas nem estáticas: as fronteiras são “frouxas” e os intercâmbios entre os diversos estilos são numerosos⁷”. Para Reguillo Cruz (2003), o jovem encontra na cultura de consumo e na cultural material uma forma de pertencimento e de formação (tradução) do seu estilo de vida.

Segundo Sorj (2003), cada inovação tecnológica e cultural afeta as condições de inclusão/exclusão social e, conseqüentemente, os processos socioculturais e econômicos. A premissa básica da inclusão digital (via senso comum) incide no acesso ao computador e aos conhecimentos básicos para utilizá-lo. No entanto a inclusão digital abrange uma discussão mais ampla, contemplando questões de cidadania e direito de comunicação na esfera on-line. Bem como, um processo que deve prever capacitação, profissionalismo e inserção no mercado de trabalho e assegurar que o jovem tenha, no âmbito da educação, inteligência e capacidade técnica de atuar na rede, criar e produzir conteúdos e significados (SILVEIRA, 2002).

O caminho para diminuir a desigualdade digital é longo, pois como bem descreve Winocur (2007) o problema da desigualdade digital é muito complexo, sendo que não compreende somente a separação entre quem tem acesso às TICs e quem não tem. A chamada

⁶ “O mundo da cultura aparece como espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (DAYRELL, 2002, p. 119).

⁷ Las culturas juveniles no son homogéneas ni estáticas: las fronteras son laxas y los intercambios entre los diversos estilos, numerosos.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“brecha digital”⁸ é potencializada pelas diferenças de gênero, etnia, cultura, geração, e não somente pelas diferenças sócio-econômicas; assim como, pelas habilidades e competências digitais⁹.

Ala-Mutka (2011) destaca que o indivíduo que não possua um nível suficiente de competências digitais, além de usar de forma inadequada as tecnologias, poderá ser excluído de diferentes atividades sociais e perder importantes oportunidades. A autora acredita que o desenvolvimento de competências digitais também poderá impactar no futuro do cidadão, tanto no âmbito pessoal como profissional, sua formação, no seu tempo de lazer e na sua qualidade de vida. Esta condição plena de cidadania também é fortemente defendida por Castells *et al* (2006) que descreve a importância de programas que assegurem a igualdade de acesso à internet e principalmente à rede de comunicação móvel, na qual as experiências são compartilhadas.

Os celulares, iPods e smartphones, junto a tantos outros modernos meios de comunicação, são os bens simbólicos da contemporaneidade que sintetizam, de forma exemplar, os valores distintivos em uma sociedade de consumo que, como tal, se sustenta na desigualdade, na diferenciação (Baudrillard, 1981), mas que também estabelece uma lógica bastante particular que inclui, exclui e classifica coisas e pessoas (ROCHA; PEREIRA; BARROS, 2014, p. 16).

A partir da união do smartphone com a internet, observa-se que as atividades cotidianas das juventudes são ressignificadas. Para Winocur (2009) os smartphones são utilizados pelos jovens como plataformas simbólicas de inclusão, nas quais os jovens podem materializar sua possibilidade de “ser visível”.

Estar conectado implica essencialmente estar visível, já que a visibilidade garante a inclusão no mundo cuja representação se deslocou do palpável para o comunicável [...] A chave que explica o que transcende ao redor do que é estar visível, ratifica em ameaça o que resulta em estar na invisibilidade. Em termos de impacto social, para os jovens o que não pode ser visto nos meios ou na internet não existe¹⁰ (WINOCUR, 2009, p. 69, tradução nossa).

⁸ Divisão digital com diferenças entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, zona rural e urbana, acesso a conexão de internet e móvel, classe social, entre outros fatores (CASTELLS *ET AL*, 2006).

⁹ Para Perrenoud, Gentile e Bencini (2000, on-line) “competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”. Já a competência digital é mais ampla, segundo a COM (Comissão das Comunidades Europeias, 2005) “a competência digital envolve a utilização segura e crítica das tecnologias da sociedade da informação (TSI) para trabalho, tempos livres e comunicação. É sustentada pelas competências em TIC: o uso do computador para recuperar, avaliar, armazenar, produzir, apresentar e trocar informação e para comunicar e participar em redes de cooperação via Internet”. Para a Unesco (2009) as Competência em TIC para Professores e alunos devem contemplar a alfabetização em tecnologia, o aprofundamento do conhecimento e a criação do conhecimento.

¹⁰ Estar conectado implica essencialmente estar visible, ya que la visibilidad garantiza la inclusión en un mundo cuya representación se ha desplazado de lo palpable a lo comunicable [...] La clave que explica lo trascendente





O programa “Connected Society” da GSMA (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**¹⁾ descreve quatro desafios chaves para a expansão da inclusão digital: ampliação da cobertura da rede de banda larga móvel, acessibilidade da internet principalmente para as classes populares, ferramentas para desenvolvimento de atitudes e ampliar o conhecimento para utilização da internet móvel e, conteúdos e serviços locais relevantes para melhorar o bem-estar e produtividade das pessoas.

Figura 10. Programa “Connected Society” da GSMA



Cobertura de red: extender la cobertura de las redes de banda ancha móvil, en forma sostenible a nivel comercial, a los grupos desatendidos de la población (por lo general, comunidades rurales o localizadas en lugares remotos) mediante la promoción de iniciativas tales como la compartición de infraestructura, mejores prácticas regulatorias e innovación.



Asequibilidad: abordar cuestiones clave, como impuestos específicos a los servicios móviles, para ayudar a que el acceso a internet sea cada vez más asequible, especialmente para los ciudadanos que se encuentran en la base de la pirámide.



Aptitudes y conocimientos digitales: proporcionar el *Mobile Internet Skills Training Toolkit (MISTT)* por sus siglas en inglés, o en español “Herramientas para el desarrollo de aptitudes digitales”) para que los profesionales utilicen con distintas audiencias y de esta manera las personas puedan comprender los beneficios y las oportunidades que les brindaría el estar en línea y tener las aptitudes necesarias para usar el internet móvil.¹⁰



Contenido local relevante: fomentar y estimular el desarrollo de contenidos y servicios relevantes para los grupos de la población que se encuentran desatendidos. Esto es particularmente importante cuando se trata de usuarios de bajos ingresos, en cuyo caso el objetivo principal del contenido debería ser demostrar su relevancia para la mejora de la productividad y el bienestar de los ciudadanos, y comprobar que no sólo se trata de un medio dedicado principalmente al entretenimiento o las redes sociales.

Fonte: GSMA, 2016, p. 44.

Estes desafios foram elencados na pesquisa realizada pela GSMA com consumidores de smartphones em 54 países em 2015. Na América Latina e Caribe foram entrevistadas 8 000 pessoas em oito países, sendo que os percentuais das principais barreiras à inclusão digital estão apresentados na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**

que se ha vuelto estar visible radica en lo amenazadora que resulta la invisibilidad. En términos de impacto social, para los jóvenes lo que no puede ser visto en los medios o subido a la red no existe.





Figura 11. Pesquisa das principais barreiras à inclusão digital América Latina e Caribe - 2015.

Barrera	Falta de conteúdo local relevante	Falta de alfabetização y aptitudes digitais	Asequibilidade	Falta de cobertura de red	Seguridad y confianza	Otros
Argentina	72%	19%	18%	2%	4%	11%
Brasil	47%	41%	37%	2%	10%	19%
Chile	37%	47%	18%	1%	4%	9%
Colombia	49%	46%	49%	19%	19%	25%
México	51%	33%	43%	9%	7%	6%
Guatemala	57%	38%	14%	3%	5%	6%
Nicaragua	31%	58%	23%	6%	3%	7%
Puerto Rico	68%	18%	33%	2%	6%	10%

NIVEL ALTO DE PERCEPCIÓN COMO BARRERA

 NIVEL BAJO DE PERCEPCIÓN COMO BARRERA

Fonte: GSMA, 2016, p. 46.

Outro dado relevante sobre desigualdade é apresentado na pesquisa da CGI (2017) com as atividades realizadas no celular por classe social. Como ilustra a **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, em 2016, na classe A todas as atividades estão acima de 78%, com exceção de jogar (43%). Já nas classes D/E, “fez e recebeu chamadas telefônicas” apresenta 91%, “ouvir música” com 57%, “tirar fotos” 55% e todas as demais estão abaixo de 50%.

Tabela 1. Proporção de usuários de telefone celular, por atividades realizadas no celular, Brasil 2016

CLASSE SOCIAL 2016	Classe A	Classe B	Classe C	Classe D/ E
Fez e recebeu chamadas telefônicas	99%	97%	95%	91%
Tirou fotos	96%	87%	72%	55%
Mandou mensagens	96%	86%	70%	47%
Buscou informações	91%	76%	58%	32%
Compartilhou fotos, vídeos	90%	78%	60%	41%
Enviou e recebeu e-mails	89%	62%	42%	25%
Acessou sites	85%	71%	53%	28%
Assistiu vídeos	84%	77%	64%	45%
Baixou aplicativos	80%	66%	53%	34%
Enviou mensagens SMS	79%	67%	53%	38%
Usou mapas	79%	58%	35%	15%
Usou redes sociais	78%	75%	60%	39%
Ouviu músicas	78%	73%	66%	57%
Jogou	43%	42%	40%	34%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados, CGI, 2017.

Retomam-se novamente as barreiras do relatório da GSMA (2016) e, confrontando com os dados da pesquisa da CGI (2017), nota-se que a barreira das atitudes digitais também é





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

significativa para a desigualdade entre classes sociais. Além das atividades citadas na tabela 1, somente 17% dos usuários de internet da classe DE compraram produtos e serviços pela internet e 9% divulgaram ou venderam produtos ou serviços pela internet nos últimos doze meses. O principal motivo apresentado por 61% dos respondentes foi “por falta de confiança no produto que vai receber”, ou seja, a barreira da falta de segurança e confiabilidade. Já na classe A, nos últimos doze meses, tem-se 81% das pessoas que compraram produtos e serviços pela internet e 32% divulgaram ou venderam produtos ou serviços, sendo o principal motivo “preferir comprar pessoalmente, gostar de ver o produto”, descrito por 67%.

Concorda-se com o relatório da GSMA (2016) que descreve o conteúdo é mais relevante à vida cotidiana das pessoas quando é desenvolvido no idioma local e não somente traduzido. Segundo o estudo em 2015 somente 30% do conteúdo consumido na América Latina e Caribe estava no idioma correspondente (espanhol ou português), sendo a proporção mais baixa de todas as regiões do mundo. O fator alfabetização digital também identificado na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, constitui uma importante barreira, pois conforme o estudo são poucos os países da região que contam com programas escolares formais e infraestrutura de TIC, bem como professores suficientemente qualificados para ensinar sobre as TIC.

CONCLUSÃO

Este estudo apresentou alguns apontamentos sobre como as práticas culturais e sociais do consumo do smartphone estão interligadas ao processo de inclusão digital na juventude contemporânea. As análises colocam em relevo a relação entre a desigualdade e as questões como acesso, proficiência, frequência e finalidades de uso dos smartphones. Enfim, são muitos os caminhos que precisam ser fortalecidos e ampliados para que as juventudes possam conquistar os resultados reais de inclusão social e digital. Como destaca Reguillo Cruz (2003), o direito à integração plena na sociedade e à aquisição da cidadania, que tem papel fundamental na constituição e vinculação em certas dinâmicas sociais.

Dessa forma, pode-se entender que atualmente é impossível existir práticas que visam à inclusão, ao reconhecimento e à legitimação da diversidade, sem incluir políticas que contemplem a juventude. Derrubar essas barreiras e resolver a questão da inclusão digital vai exigir a colaboração e atuação dos diversos atores do sistema móvel. Concorda-se com Abramovay, Andrade e Esteves (2007, p. 6) que “nos tempos atuais, colocar os jovens no foco do conhecimento científico é estratégico e essencial para que se possa apostar em sociedades





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

mais justas no acesso ao bem-estar e à participação cidadã, por meio de maior equidade e igualdade de oportunidades”.

É preciso pensar para “além da inclusão digital”, fortificar ações e políticas públicas que resultem em ampliação da diversidade cultural, da cidadania, da autonomia dos indivíduos e das sociedades, tudo com maior liberdade (SILVEIRA, 2011). “Quais as três liberdades essenciais da internet? A liberdade de criação de novos conteúdos, de novas tecnologias e de navegação sem centros de passagem obrigatórios. Tais liberdades é que tornam a internet uma obra aberta e em expansão” (SILVEIRA, 2011, p. 58). Por fim, pontua-se como lugar estratégico para a problematização das teorias sobre juventude, os aspectos discursivos e representacionais que expressam como os jovens usam, recriam e reinterpretam a sociedade, em especial as práticas de consumo das tecnologias, entre elas, o smartphone.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - UNESCO, 2007.

ALA-MUTKA, K. **Mapping Digital Competence: Towards a Conceptual Understanding**. Technological, Joint Research Centre – Institute for Prospective, 2011. Disponível em: <http://ftp.jrc.es/EURdoc/JRC67075_TN.pdf>. Acesso em: 05 Maio 2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

CASTELLS, M.; ET AL. **Comunicación móvil y sociedad una perspectiva global**. Barcelona: Ariel, 2006.

CIA. **The World Factbook**. Central Intelligence Agency, 2017. Disponível em: <<https://www.cia.gov>>. Acesso em: 24 Jul. 2017.

COM. Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho: sobre as competências-chave para a aprendizagem ao longo da vida. **Comissão das Comunidades Europeias** - Bruxelas, 10 Nov. 2005.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Domicílios** - 2016, 05 Set. 2017. Disponível em: <http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_DOM>. Acesso em: 08 Set. 2017.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, Jan./jun 2002.

FEIXA PAMPÓLS, C. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1999.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

_____. *Generación @ la juventud en la era digital*. **Nómadas**, Bogotá, Colombia, p. 76-91, Out. 2000.

GSMA. *La Economía Móvil América Latina 2016*. **GSMA HEAD OFFICE**, 2016. Disponível em: <<https://www.gsma.com/>>. Acesso em: 07 Ago. 2017.

_____. *The Mobile Economy 2018*. **GSMA HEAD OFFICE**, 2017. Disponível em: <<https://www.gsma.com/>>. Acesso em: 27 Fev. 2018. <https://www.gsma.com/>.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2003.

PERRENOUD, P.; GENTILE, P.; BENCINI, R. *Construindo competências: Entrevista com Philippe Perrenoud, Universidade de Genebra*. **Nova Escola (Brasil)**, p. 19-31, Set. 2000. Disponível em: <http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2000/2000_31.html>. Acesso em: 05 Maio 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REGUILLO CRUZ, R. *Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión*. **Revista Brasileira de Educação**, p. 103-118, Maio-Ago. 2003. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27502308>.

ROCHA, E.; PEREIRA, C.; BARROS, C. **Cultura e Experiência Midiática**. Rio de Janeiro: PUC-Rio Mauad, 2014.

SILVEIRA, S. A. **Inclusão Digital, Software Livre e Globalização Contra-Hegemônica**. Software Livre, 2002. Disponível em: <<http://www.softwarelivre.gov.br/artigos/artigo>>. Acesso em: 05 Mar. 2015.

_____. *Para além da inclusão digital: poder comunicacional e novas assimetrias*. In: BONILLA, M.; PRETTO, N. **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador/BA: EDUFBA, 2011. p. 49-59.

SORJ, B. **brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

TELECO. **Telefonia Celular**, 2017. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br>>. Acesso em: 24 Jul. 2017.

UNESCO. **Padrões de Competência em TIC para Professores**, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001562/156209por.pdf>>. Acesso em: 05 Maio 2017.

WINOCUR, R. **Apropiación de Internet y la computadora en sectores populares urbanos**. *Otras Voces*, México, p. 191-216, 2007.

_____. **Robinson Crusoe ya tiene celular**. México: Siglo XXI, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

JUVENTUDES, POLÍTICAS PÚBLICAS DE TRABALHO E EDUCAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA: MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS

YOUTH, PUBLIC POLICIES OF WORK AND EDUCATION AND HEALTH RELATED
QUALITY OF LIFE: MULTIPLE MEANINGS

Luís Eurico Kerber (Feevale)¹

Resumo: este artigo pretende evidenciar o processo de construção do objeto de pesquisa de doutorado elaborado em 2017/02 e 2018/01 e o percurso metodológico delineado a luz das reflexões propostas nas disciplinas do PPGDI/Feevale. Adotou-se um delineamento de estudo qualitativo centrado numa revisão dos achados da pesquisa de mestrado do autor, revisão bibliográfica exploratório inicial sobre o tema em questão e sobre possíveis caminhos metodológicos aplicáveis ao objeto de pesquisa. Concluiu-se que a partir dos resultados da pesquisa de mestrado os contextos que mais induziram implicações na percepção de QVRS das Juventudes foi a associação entre trajetória escolar e inserção no mercado de trabalho. Baseado nesse achado fez-se necessário compreender significados e valores construídos na relação destes jovens com seus percursos cotidianos de itinerância e articulação com os atores sociais envolvidos nas políticas públicas de educação e trabalho em especial relacionados a Lei da aprendizagem. Estes elementos acabaram demandando na opção por uma abordagem qualitativa até o presente delineada num formato de pesquisa-ação.

Palavras-chave: Juventudes. Educação. Trabalho. Sociologia do Cotidiano.

Abstract: this article intends to highlight the process of construction of the object of doctoral research elaborated in 2017/02 and 2018/01 and the methodological course outlined in light of the reflections proposed in the PPGDI / Feevale disciplines. We adopted a qualitative study design centered on a review of the author's master's research findings, an initial exploratory bibliographical review on the subject and on possible methodological paths applicable to the research object. It was concluded that from the results of the masters study analyzed the contexts that most induced implications in the perception of HRQoL of the Youth was the association between school trajectory and insertion in the labor market. Based on this finding, it became necessary to understand the meanings and values built up in the relationship of these young people with their daily roaming and articulation with the social actors involved in the public policies of education and work, especially regarding the Law of learning. These elements eventually demanded a qualitative approach to the present delineated in an action research format.

Keywords: Youths. Education. Job, Sociology of Everyday Life.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo evidenciar o objeto de pesquisa até o presente momento construído no contexto do Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão social e o percurso metodológico estruturado à luz das reflexões propostas na disciplina de Seminários Interdisciplinares I.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação Stricto-senso em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. Professor Assistente da Universidade Feevale. E-mail: luislek@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Tomou-se como ponto de partida os dados provenientes dos estudos de Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão social realizado pelo pesquisador no biênio 2014-2015 na Universidade Feevale, no qual desenvolveu um levantamento quantitativo da percepção de Qualidade de Vida Relacionada à Saúde (QVRS)² de 353 adolescentes de ambos os sexos entre 14 e 16 anos matriculados na rede municipal de Ivoti no ano de 2015. Naquele momento também foi traçado o perfil socioeconômico, de histórico de defasagem idade série e reprovação, de trabalho e renda, de estado nutricional antropométrico (ENA) e de nível de atividade física (NAF) (KERBER, 2015).

Com base na análise univariada destes dados verificou-se associações significativas entre as características de sexo, idade, histórico de reprovação e inserção no mercado de trabalho com a variação da percepção de qualidade de vida enquanto indicador de impacto das políticas públicas de proteção integral ao adolescente no contexto investigado (KERBER, 2015).

Contudo, devido ao delineamento do estudo de natureza quantitativa e a divergência de dados obtidos comparados a resultados de outros estudos sobre o tema, foi sinalizada como uma limitação no estudo e a indicou a necessidade de aprofundar a análise dos resultados obtidos. Foi sugerido na avaliação final do trabalho incorporar recursos da pesquisa longitudinal de paradigma qualitativo envolvendo o público identificado como em condição de vulnerabilidade levando-se em conta os dados sociodemográficos, histórico de reprovação/ defasagem-escolar, inserção no mercado de trabalho e que sinalizaram baixos níveis de percepção de QVRS.

Para dar conta desta abordagem pretende-se evidenciar quais os processos de inclusão/exclusão envolvidos na construção de sentidos e valores atribuídos a escola e ao trabalho pelos jovens entre 16 e 18 anos participantes e não participantes do programa Jovem Aprendiz nos municípios de Novo Hamburgo e Ivoti, identificando o impacto desta política na concepção e percepção de QVRS dos participantes tomando o cotidiano e as trajetórias de vida destes jovens como objeto deste estudo.

² A definição de QVRS neste estudo caracteriza-se como sendo um constructo complexo, multidimensional, que permite atribuição de valor positivo ou negativo às suas dimensões, bem como decorre da subjetividade de cada sujeito investigado, por conceber que a realidade só adquire significado pela percepção, portanto no processo de interpretação da realidade (FLECK et al, 1999a).





METODOLOGIA

No presente artigo, adotou-se um delineamento de estudo qualitativo centrado numa revisão bibliográfica exploratório inicial sobre o tema em questão e sobre possíveis caminhos metodológicos aplicáveis ao objeto de pesquisa. Estes encaminhamentos foram decorrentes de reflexões e discussões a partir das aulas expositivas, seminários e apresentações de trabalhos realizados no decorrer do 2º semestre de 2017 nas aulas de Seminários Interdisciplinares I do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão da Feevale. Como o pesquisador estava no primeiro semestre do Doutorado, foi construída a delimitação do objeto de pesquisa e esboço de caminho metodológico que será a seguir descrito.

RESULTADOS

DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Sposito e Silva (2006) destacam a importância do uso da QVRS como indicador na avaliação de políticas públicas de forma mais abrangente nos setores da saúde, educação, assistência social, segurança, transporte, lazer, cultura e trabalho. Portanto a QVRS pode ser utilizado para verificar se estas políticas estão sendo percebidas como adequadas as necessidades humanas básicas garantindo a efetivação da proteção dos direitos da criança e do adolescente (SILVA, 2011), alinhando-se a proposta da linha de pesquisa do PPGDI em Inclusão social e políticas públicas que:

“Estuda as práticas sociais, enquanto espaços de exclusão/inclusão, tais como aquelas mediadas pela educação, trabalho e políticas de desenvolvimento, investigando a formulação, gestão e avaliação de projetos e políticas de inclusão social.” (Feevale, 2017, sp)

Na delimitação do escopo deste estudo faz-se necessário definir Adolescência e juventude como categorias distintas de análise, considerando que o universo da pesquisa envolverá jovens entre 16 e 18 anos de ambos os sexos participantes e não participantes do programa Jovem Aprendiz Feevale do município de Ivoti e Novo Hamburgo. A Organização Mundial de Saúde (OMS) adota uma visão biomédica e desenvolvimentista da adolescência, entendendo que se constitui num processo tanto biológico como associado às vivências sociais, marcado pela aceleração do desenvolvimento físico, cognitivo, social e a estruturação da personalidade, abrangendo a pré-adolescência entre 10 e 14 anos e a adolescência dos 15 aos 19 anos (WHO, 1986).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Entretanto ao abordar políticas públicas numa perspectiva sociológica parece mais apropriado o uso do conceito de Juventude ou Juventude“s” , entendido como uma construção sócio-histórica e cultural da modernidade vêm constituindo-se objeto de análise socioantropológica (PAIS, 2006). Defende-se a necessidade de denominar essa categoria pelo termo no plural em função das especificidades dos diversos grupos juvenis fruto da crescente diversidade cultural existente nos grandes centros urbanos em diferentes tempos históricos (KIRCHHEIN; SCHMIDT, 2014).

Portanto cabe investigar os espaços por onde os jovens circulam e das relações e significados neles estabelecidos para melhor compreendê-los. Melluci (1997) concebe Juventudes como uma metáfora do social, representando em si todos os dilemas, angústias e ambivalência da sociedade atual, em especial tensionadas pelo desemprego, fragilidade das relações entre capital e trabalho e pelo sentido e valor atribuído a escola e a educação neste processo.

Nesta perspectiva, destaca-se o protagonismo das pessoas vistas como atores sociais que compartilham decisões e criam instrumentos para expressarem seu direito a ter direito (SPOSITO; SILVA; SOUZA, 2006), expressão da cidadania num estado de direito e democrático, em particular do adolescente a ser visto como sujeito de direito (RIFIOTIS, 2007) sobremaneira na relação com a escola e com o trabalho.

Outro olhar desta pesquisa buscará compreender as políticas públicas para juventude particularmente quanto ao acesso ao mercado de trabalho pelo jovem que se interessa e/ou necessita trabalhar. Verifica-se que somente na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), pela Lei da aprendizagem (BRASIL, 2000.), e mais recentemente, no Estatuto da Juventude, (BRASIL, 2013) passaram a existir políticas afirmativas voltadas ao direito à profissionalização (GONÇALVES, 2014). Este direito é assegurado na modalidade de contratos de trabalho especiais para jovens entre 14 e 16 anos na condição de menor aprendiz, e de 16 a 24 anos em seu primeiro emprego que respeitem sua condição de pessoa em desenvolvimento e garanta seus direitos trabalhistas e previdenciários, sem deixar de estimulá-lo a continuar os estudos e o desenvolvimento profissional (GONÇALVES, 2014; LUZ, 2015)

Contudo, Luz (2015) e Gonçalves (2014) afirmam que a nova configuração do mundo do trabalho; com o aumento do grau de informalidade dos empregos no Brasil em detrimento





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

daqueles oferecidos pelo setor formal da economia, precarizou as relações de trabalho dos jovens. Portanto, as relações do trabalho com o capital e os modos de produção figuraram como centrais a compreensão da função da institucionalização da escola na atualidade como elemento essencial a manutenção do modelo de produção capitalista. Destaca-se que nas últimas décadas estas relações foram duramente impactadas pelo regime de acumulação flexível e pedagogia da aprendizagem flexível, suportada pelo crescimento tecnológico-comunicacional e da microeletrônica que tem pautado a atual reforma do ensino médio e ampliação da Educação a distância (KUENZER, 2016). Além disso, pode-se inferir que esta realidade prejudica a implantação de propostas de integração do jovem num processo de aprendizagem de ensino técnico associado ao cotidiano das demandas do trabalho formal como evidenciado no contexto do programa Jovem Aprendiz.

Estes múltiplos fatores envolvidos na pesquisa exigem uma abordagem interdisciplinar do objeto de pesquisa QVRS ao considerar ainda que o Kidscreen-52; instrumento a ser utilizado, possui 10 dimensões da percepção de QVRS a saber: saúde e atividade física, sentimentos, estado emocional, autopercepção, autonomia e tempo livre, família/ambiente familiar, aspectos financeiros, amigos e apoio social, ambiente escolar, bullying (GASPAR; MATOS, 2008).

Neste sentido, observou-se no estudo realizado por Kerber (2015) que na descrição das atividades profissionais desempenhadas, apenas 3 jovens declararam-se “Jovem Aprendiz”, correspondendo a apenas 5,2% dos jovens trabalhadores enquanto 45(77,58%) não possuíam qualquer vínculo e 10(17,24%) eram contratados no regime da CLT por terem 16 anos completos, o que desperta e justifica a atenção para a necessidade de entender este fenômeno no contexto investigado e suas relações com a percepção de QVRS.

Na dimensão educacional do contexto investigado por Kerber (2015), um dado importante foi a verificação da associação significativa ($p=0,033$) entre trabalho e histórico de reprovação. Constatou-se que foram mais suscetíveis a eventos de reprovação os indivíduos que estão no mercado de trabalho formal (53,8%) e os que trabalham sem carteira assinada (42,2%). Entretanto, quem nunca trabalhou constitui maior distribuição entre os que nunca reprovaram (71,5%). Com base neste indicador foi assumido a necessidade de investigar com maior aprofundamento os determinantes desta associação. Outrossim, percebeu-se escores





superiores de QVRS nas dimensões Aspectos financeiros, autopercepção para quem trabalhava com carteira assinada.

Com base nos pressupostos delimitadores do objeto de investigação, chegou-se ao seguinte problema de pesquisa: **Quais as implicações dos processos de inclusão/exclusão associados a (des)articulação das políticas de educação escolar e vinculadas a (in)efetividade da Lei da aprendizagem para o acesso e qualificação ao trabalho considerando seu impacto na concepção e percepção de qualidade de vida de jovens de 16 a 18 anos de dois municípios do Vale dos Sinos?**

Operacionalizando o problema de pesquisa enuncia-se como objetivo geral compreender as implicações dos processos de inclusão/exclusão associados a (des)articulação das políticas de educação escolar e vinculadas a (in)efetividade da Lei da aprendizagem para o acesso e qualificação ao trabalho considerando seu impacto na percepção de qualidade de vida de jovens de 16 a 18 anos de dois municípios do Vale dos Sinos.

Conduzindo ao objetivo geral enunciou-se os objetivos específicos a seguir listados:

- Mapear a oferta de cursos do Jovem Aprendiz desenvolvidos em Novo Hamburgo(Feevale) e Ivoti.
- Mapear as empresas que aderiram e ao programa Jovem aprendiz, a forma de adesão, bem como os potenciais de adesão na região de NH e Ivoti.
- Identificar os jovens entre 16 e 18 anos participantes do programa Jovem Aprendiz em NH e Ivoti.
- Mensurar os indicadores de QVRS e traçar o perfil de idade, sexo, histórico de reprovação e acesso ao mercado de trabalho de jovens 16 a 18 anos dos municípios de NH e Ivoti participantes e não participantes do programa Jovem Aprendiz.
- Identificar as concepções de qualidade de vida para os jovens envolvidos no estudo.
- Identificar os significados e sentidos atribuídos ao trabalho e a escola construídos pelos jovens participantes e não participantes do programa Jovem aprendiz, pelos profissionais envolvidos com a execução do programa Jovem aprendiz, pelos profissionais das empresas que aderiram a contratação pelo programa Jovem aprendiz, pelas escolas de origem e pelos familiares dos jovens participantes do estudo.
- Analisar os processos sócio-históricos de construção destes significados atribuídos a escola e trabalho.





- Analisar as implicações destes sentidos e significados atribuídos no grau de efetividade da aplicação da lei da aprendizagem e o impacto na concepção e percepção de qualidade de vida.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PROPOSTOS PARA O ESTUDO

Para dar conta dos objetivos deste estudo adotar-se-á o delineamento de uma pesquisa de paradigma qualitativo-quantitativo(misto) sequencial (CRESWELL, 2007) utilizando a pesquisa-ação como procedimento técnico (THIOLENT, 1998).

Constituir-se-á como campo de pesquisa os jovens entre 16 e 18 anos de ambos os sexos participantes e não participantes do Programa Jovem Aprendiz nos municípios de Novo Hamburgo e Ivoti, estratificados por idade, sexo, participação da amostra do estudo de mestrado do pesquisador, perfil de trabalho/renda e de histórico de reprovação.

Além dos jovens, o processo investigativo buscará analisar a instituição escolar com seus atores sociais e de políticas públicas envolvidos na qualificação e integração ao mercado de trabalho dos jovens envolvidos na pesquisa, envolvendo gestores e professores de entidades formadoras e das redes escolares e empregadores e empregados que recebem e acompanham jovens aprendizes.

O desenvolvimento do estudo dar-se-á em três fases ou estágios. Numa primeira fase designada como exploratória (THIOLENT, 1998) será necessário realizar uma revisão sistemática para definir o estado da arte quanto a temática do estudo buscando publicações. Além disso, será realizado um levantamento das bases de dados existentes no IBGE, Superintendência Regional do Trabalho e emprego, Entidades formadoras Jovem aprendiz, Redes Escolares, Empresas empregadoras, identificando a população composta por jovens entre 16 e 18 anos matriculados em Ivoti e Novo Hamburgo nas escolas de origem dos participantes do programa Jovem Aprendiz da Feevale e calculada a amostra necessária a primeira fase do estudo que seguirá o paradigma quantitativo de um levantamento.

Em sequência haverá a negociação de acesso a amostra com os devidos cuidados éticos previstos na Resolução 466/12 do CNS/MS (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012) e na resolução 501/16 do CNS/MS (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016). Será necessário a realização de reuniões e grupos focais para negociação de acesso, identificação de apoios e resistências, elaboração de diretrizes(hipóteses) e objetivos com a construção coletiva do plano de ações visando (THIOLENT, 1998)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Na segunda fase, de delineamento quantitativo da pesquisa serão utilizados como instrumentos de coleta de dados o questionário para avaliar a qualidade de vida relacionada à saúde de crianças e adolescentes, o questionário KIDSCREEN-52 (THE KIDSCREEN GROUP EUROPE, 2006) na versão crianças e adolescentes validada para o Brasil por Guedes e Guedes (2006). Além disso, será aplicado um Questionário de variáveis sociodemográficas elaborado pelo pesquisador com ênfase nas temáticas educação, trabalho. Com base nestes dados será possível identificar grupos típicos (estratos) que servirão de base para a análise estatística multivariada verificando a distribuição dos resultados dos Escores de QVRS, e variáveis sociodemográficas de sexo, idade, perfil de trabalho, perfil escolar. Para os indivíduos participantes do estudo de mestrado do pesquisador e que encontrarem-se no universo deste estudo será realizada a comparação das variações de percepção de QVRS num acompanhamento longitudinal.

Na segunda fase do estudo adotar-se-á o paradigma qualitativo com delineamento de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1998) na qual concebe-se como pesquisa social de natureza empírica, realizada com ação conjunta, cooperativa e colaborativa do pesquisador e participantes do estudo na direção da resolução de um problema coletivo. Geralmente este tipo de pesquisa está associada a processos emancipatórios com forte engajamento sócio-político com populações em situações de vulnerabilidade (THIOLLENT, 1998). No seu desenvolvimento pressupõem-se o uso de entrevistas e/ou grupos focais para investigar as características Político-pedagógicas da escola, de perfil dos alunos, de perfil de professores na perspectiva do corpo docente e discente com objetivo de identificar as concepções de escola para os atores envolvidos, com particular atenção aos jovens e o sentido atribuído àquele espaço-tempo da vida dos jovens e suas relações com universo do trabalho.

Numa terceira fase de natureza qualitativa interpretativa, voltar-se-á a atenção para a compreensão do caminho do jovem em busca de seu lugar no mercado de trabalho formal ou informal, mas destinando especial atenção a política pública centrada na Lei da aprendizagem (Lei n.10.097 de 2000) conhecido como Programa Jovem Aprendiz, fazendo a escuta dos atores sociais responsáveis pela sistematização destas relações; empresas, jovens; poder público. Para tanto, adotar-se-á observações, entrevista semiestruturada, grupos focais e seminários, além da análise documental como instrumentos de coleta de dados, ações informativas e formativas (THIOLLENT, 1998; PRODANOV; FRIETAS, 2013).





Para análise destes dados adotar-se-á o paradigma sociológico na análise da vida cotidiana defendendo uma postura da *sociologia do cotidiano* que defende “a necessidade de explorar as relações dialéticas entre microanálise e macroanálise no estudo articulado de comportamentos e estruturas sociais presentes neste cotidiano” (PAIS, 2001, p.18). Associa-se a este repertório metodológico as contribuições de FERREIRA (2017) sobre novos caminhos e desafios metodológicos na pesquisa com jovens que reconhecem o papel do jovem enquanto ator social e interlocutor privilegiado de narração sobre si próprios, sobre suas experiências e seus mundos. Adota-se uma perspectiva participativa como indicada para atenuar as relações assimétricas de poder entre o pesquisador e os sujeitos do estudo, ajudando a estabelecer relações de confiança, colaboração e envolvimento dos jovens nos processos de pesquisa.

A análise dos dados será realizada na dimensão quantitativa verificando-se inicialmente a normalidade dos dados com o Teste de Kolmogorov-Smirnov, adotando-se um nível de significância em $p \leq 0,05$. A estatística descritiva apresentará o perfil da amostra estratificada por idade, sexo, e caracterização das variáveis coletadas expressando-se a frequência absoluta, relativa, média e desvio padrão das variáveis coletadas. A classificação dos níveis de QVRS será expresso de forma absoluta e classificados por quartis. Será utilizada a análise inferencial dos dados para comparar os escores de QVRS entre os estratos amostrais: Jovem Aprendiz x emprego informal x sem emprego antes e após a execução do plano de ação da pesquisa ação. Também será verificada a associação entre sentidos atribuídos ao trabalho, escola e a classificação da QVRS (LEVIN, 1987).

No que se refere a análise dos dados qualitativos será utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2004) em três fases: **Pré-análise, análise do material e tratamento dos resultados**. A fase de tratamento dos resultados implica na extração das unidades de registro/significado e de contexto com a sua quantificação, categorização semântica após classificação progressiva pós-coleta baseada na relação dos dados com a teoria que sustenta a execução do projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução 510 de abril de 2016. Disponível em:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

<<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510GM.pdf>>. Acesso em 20 de abril de 2016.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução Nº 466, do CNS/MS sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em:

<<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

COSTA, M. C. O.; BIGRAS, M. Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. **Cien Saude Colet**, v. 12, n. 5, p. 1101-1109, 2007.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In: **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Artmed, 2010.

CURRIE, C.; ZANOTTI, C.; MORGAN, A.; CURRIE, D.; LOOZE, M. D.; ROBERTS, C.; BARNEKOW, V. (org.). Social determinants of health and well-being among young people. Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2009/2010 survey. Copenhagen, WHO Regional Office for Europe, **Health Policy for Children and Adolescents**, n. 6, 2012. Disponível em:

<http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0003/163857/Social-determinants-of-health-and-well-being-among-young-people.pdf?ua=1>. Acesso em: 05 ago. 2014.

DA LUZ, P. R. M.. **PROGRAMA JOVEM APRENDIZ: um estudo de caso da política pública e suas implicações no mundo do trabalho**. Dissertação (Mestrado), 171f. – Universidade do Estado da Bahia. Departamento Educação. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. Salvador/BA, 2015.

DE PAULA, A. P. P.. **Por uma nova gestão pública: limites e potencialidades da experiência contemporânea**. FGV Editora, 2005.

Feevale. Página institucional do Programa de pós Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Disponível em: <http://www.feevale.br/pos-graduacao/programa-de-pos-graduacao-em-diversidade-cultural-e-inclusao-social#processoseletivo>. Acesso em 05/06/2017.

FERREIRA, V. S. Caminhos e desafios metodológicos na pesquisa com Jovens. In: FERREIRA, V. S.. **Pesquisar jovens: caminhos e desafios metodológicos**. Lisboa: ICS. 2017

FLECK, M. P. A.; LOUZADA, S.; XAVIER, M.; CHACHAMOVICH, E.; VIEIRA, G.; SANTOS, L.; PINZON, V. Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação da qualidade de vida da organização mundial da saúde (WHOQOL-100). **Revista saúde pública**, v. 33, n.2, p.198-205, 1999b.

GASPAR, T.; MATOS, M.G. **Qualidade de Vida em Crianças e Adolescentes - Versão Portuguesa dos Instrumentos KIDSCREEN-52**. Cruz Quebrada: Aventura Social e Saúde, 2008.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

GONÇALVES, Ana Lucia de Alencastro. Aprendizagem profissional: trabalho e desenvolvimento social e econômico. **Estudos avançados**, v. 28, n. 81, p. 191-200, 2014.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Tradução, adaptação transcultural e propriedades psicométricas do KIDSCREEN-52 para a população brasileira. **Rev. paul. pediatr.[online]**, v.29, n.3, p. 364-371, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpp/v29n3/a10v29n3.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.

KERBER, L. E.. **Qualidade de vida relacionada à saúde de adolescentes de 14 a 16 anos da rede municipal de ensino de uma cidade do Vale do Sinos, RS/** Luis Eurico Kerber. 2015. 269 f. Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2015

KIRCHHEIM, A.; SCHMIDT, J. P. Quais políticas para quais juventudes? **Revista Direito e Práxis**, v. 5, n. 8, p. 27-48, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/9971/9244>>. Acesso em: 10 set. 2014.

KUENZER, A.Z.. Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região**, v. 20, n. 2, p. 13-36, 2016.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 5-14, 1997.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-18. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 maio 2014.

MOURA, E. P. G; ZUCCHETTI, D. T.. **SOCIALIZAÇÃO ESCOLAR, EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR E (CON) FORMAÇÃO DE SUJEITOS**. **Revista Contrapontos**, v. 14, n. 2, p. 339-352, 2014.

PAIS, J. M. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M; EUGÊNIO, F. **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006.

PAIS, J. M; BENDIT, R; FERREIRA, V.S. **Jovens e Rumos**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E.E. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIFIOTIS, T. Direitos humanos: sujeito de direitos e direitos dos sujeitos. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy(org). **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SILVA, L. A. M. Uma Aproximação da Discussão da Qualidade de vida com as Políticas Públicas e as Necessidades Humanas. In: GUTIERREZ, G. L.; VILARTA, R.; MENDES, R. (Orgs.). **Políticas públicas, qualidade de vida e atividade física**. Campinas: Ipes, 2011.

SOARES, A. H. R.; MARTINS, A. J.; LOPES, M. C. B.; BRITTO, J. A. A.; OLIVEIRA, C. Q.; MOREIRA, M. C. N. Qualidade de vida de crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3197-3206, jul., 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000800019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 ago.2014.

SPOSITO, M. P.; SILVA, H. H. C.; SOUZA, N. A.. Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32 maio/ago. 2006.

THE KIDSCREEN GROUP EUROPE. **The KIDSCREEN Questionnaires. Quality of life questionnaires for children and adolescents**. Handbook. Lengerich: Pabst Science Publishers, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 8e, São Paulo, Cortez, 1998

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Young People's Health - a Challenge for Society**. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

ZUCCHETTI, D. T.; DE MOURA, E. P. G.. Educação integral. Uma questão de direitos humanos? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 25, n. 94





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O ESTILO DE VIDA REPRESENTADO NO *SITE* DE REDE SOCIAL

INSTAGRAM

THE LIFESTYLE REPRESENTED ON THE SOCIAL NETWORK SITE INSTAGRAM

Luis Henrique Rauber (Universidade Feevale)¹
Rogério de Vargas Metz (Universidade Feevale)²
Sandra Portella Montardo (Universidade Feevale)³
Cleber Cristiano Prodanov (Universidade Feevale)⁴

Resumo: o presente trabalho tem como tema os estudos do autor Mike Featherstone a respeito do estilo de vida e da cultura de consumo na modernidade. O objetivo proposto para o trabalho é relacionar as teorias de Featherstone (1995) com a prática de uso de um site de rede social, representado pelo *Instagram*, através de uma pesquisa bibliográfica e documental. Desta forma, os pontos abordados pelo autor são expostos juntamente com a origem e funcionamento do site de rede social escolhido, o *Instagram*. A conclusão traz os pontos relevantes que o autor menciona em seu estudo e aderência deles relacionados ao que o Instagram proporciona para seus usuários.

Palavras-chave: estilo de vida. *Instagram*. Featherstone. Site de rede social.

Abstract: the present work is based on the studies of the author Mike Featherstone regarding the lifestyle and culture of consumption in modernity. The objective of this work is to relate the theories of Featherstone (1995) to the practice of using a social network site, represented by Instagram, through a bibliographical research with a documentary approach. In this way, the points addressed by the author are exposed along with the origin and functioning of the chosen social networking site, Instagram. The conclusion brings the relevant points that the author mentions in his study and their adherence related to what Instagram provides for its users.

Keywords: lifestyle. Instagram. Featherstone. Social networking site.

INTRODUÇÃO

O corpo, a escolha do vestuário, o discurso, os entretenimentos, as comidas e bebidas preferidas, a moradia, os meios de locomoção, as opções de lugares para passar as férias, entre outras escolhas de uma pessoa são apontados como indicadores de individualidade do gosto e do estilo do proprietário/consumidor. Justamente por isso a expressão “estilo de vida” está em alta, principalmente quando representado através de imagens online. Ainda que tenha um significado sociológico, o estilo de vida que difere grupos de classes diferentes, na área da

¹ Mestre em Inclusão Social e Acessibilidade. Aluno do Doutorado de Diversidade Cultural e Inclusão Social. Professor na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: luishenrique@feevale.br.

² Graduado em Administração e em Gastronomia pela Universidade Feevale. Aluno do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais. E-mail: rogeriometz@feevale.br.

³ Doutora em Comunicação Social. Professora e pesquisadora nos cursos de Comunicação Social, Programa de Diversidade Cultural e Inclusão Social e Programa de Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: sandramontardo@feevale.br. Orientadora do autor 1.

⁴ Doutor em História Social. Professor e pesquisador no Programa de Processos e Manifestações Culturais e Pró-reitor de Inovação da Universidade Feevale. E-mail: prodanov@feevale.br. Orientadora do autor 2.





cultura de consumo atual, sugere individualidade, consciência de si estilizada, e uma auto expressão (FEATHERSTONE, 1995).

Neste sentido, estaríamos prestes a viver em uma sociedade sem grupos com status predefinidos, onde há fixação de estilos de vida em grupos específicos. O movimento da cultura pós-moderna, amparada pela abundância de informação e proliferação de imagens, que não são duradouras e não niveladas a sistemas sociais, está indicando a insignificância das divisões sociais e o fim dessa divisão como a conhecemos (FEATHERSTONE, 1995). Então, como meio de propagação de informação e imagens contemporâneas, seleciona-se o site de rede social *Instagram* para exemplificar este fenômeno.

Através de uma pesquisa bibliográfica e documental, objetiva-se relacionar as teorias de Featherstone (1995) com a prática de uso de um site de rede social, neste caso representado pelo *Instagram*.

ESTILO DE VIDA NA PRÁTICA

Hoje, a vida é muito tecnológica, rodeada de dispositivos eletrônicos que auxiliam nas tarefas cotidianas ou do lazer, como, por exemplo, fotografar ou gravar um momento expondo o cotidiano pessoal ou de empresas. A Internet é uma rede que auxilia no dia a dia de pessoas e negócios, em uma época onde as conexões são necessárias, com diferentes funcionalidades e possibilidades, se tornou meio de comunicação global, usada por variadas culturas para os mais diversos fins.

Nestas condições, as particularidades das mudanças fazem parte de um esforço para a atualização e inovação. Os argumentos da sociedade pós-moderna são limitados, incompletos, transitórios, indeterminados e multidimensionais. O tempo está sempre no presente, não somente uma determinação temporal, mas como um terreno de considerações e estímulos. Assim, regras e princípios são (re)feitos, (re)pensados e também (re)vistos, causando uma fragilidade na aplicação dessas ações. “Experenciar” é o que vale. Em alto grau, a experiência pode vir a ficar cada vez mais instável e superficial (PAULA; GARCIA, 2014).

Colocada em primeiro lugar, a estetização da realidade e a estimulação da importância do estilo, com uma incessante busca por novas modas, novos estilos, novas sensações e novas experiências, são também as novas dinâmicas do mercado moderno.

Desta forma, antes integrada ao modernismo, a percepção artística, ou seja, a noção de que a vida é ou deveria ser uma obra de arte, tem uma recepção mais ampla. Por exemplo,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

anúncios televisivos de produtos comuns, foram substituídos por anúncios associados a estilos de vida, para serem melhor recebidos e mais vendáveis (FEATHERSTONE, 1995).

No campo da cultura de consumo, a pessoa moderna é consciente de que se comunica por meio de suas roupas, pela sua casa, mobílias, decoração, carro, entre outras atividades, interpretado e classificado pela presença ou falta de gosto. Há uma preocupação em estipular um estilo de vida e uma consciência de si estilizada, e não é somente entre jovens e pessoas com alto poder aquisitivo. A publicidade, dentro da cultura de consumo, comunica que cada um de nós temos a oportunidade de melhorar e exteriorizar a si próprio, independentemente da idade ou a classe social ocupada. Este é um espaço para as pessoas, independente de gênero, que anseiam pela última novidade, tanto em relacionamento como em experiências, que tenham espírito aventureiro, assumam riscos, exploram amplamente as opções de vida, pois têm consciência que só há uma vida para viver e necessitam de muito esforço para desfrutar, vivenciar e exprimir a vida (FEATHERSTONE, 1995).

Os grupos sociais dominantes, com mais poder aquisitivo, procuram os chamados bens posicionais, que são mercadorias que tem prestígio de serem escassas artificialmente em sua oferta. Esta dinâmica que a cultura de consumo gera, sendo um dos problemas, é a inflação que volta repetidamente, ao passo que esses bens escassos ou limitados ficam acessíveis para mais pessoas ou perdem valor de mercado. Isso induz um movimento social para manter as diferenças visíveis. Featherstone (1995, p. 128) explica que:

O conceito de habitus, de Bourdieu, é útil, nesse contexto, para descrever o conjunto de disposições que determinam os gostos e caracterizam essa camada social. Bourdieu usa o conceito de habitus para designar as disposições inconscientes, esquemas classificatórios, preferências implícitas e evidentes para a noção que o indivíduo tem de adaptação e validade de seu próprio gosto por certas práticas e bens culturais – arte, comida, divertimentos, hobbies, etc. É importante frisar que o habitus não somente opera no plano de cognoscibilidade cotidiana mas está inscrito no corpo manifestando-se no tamanho do corpo, forma, volume e postura, nos modos de andar, sentar, comer e beber, na porção de espaço e tempo social que um indivíduo se sente no direito de reivindicar no grau de estima pelo corpo, tom de voz, sotaque, complexidade dos padrões de discurso, gestos corporais, expressão facial, sentimento de bem-estar com o próprio corpo – tudo isso revela o habitus correspondente às origens de cada um.

Por motivos de adequação do corpo, nota-se uma crescente procura por novos esportes e exercícios, cosméticos, comida saudável e por expor seu cotidiano feliz e hollywoodiano, pois estes tratam sua exposição como signos para os outros. Estas pessoas são fingidoras, buscam ser o que não são, e sua predisposição na vida é investir. Possuem pouco capital econômico ou





cultural, portanto estão em busca de conquistar mais. Essas pessoas são os espectadores e os repetidores perfeitos da nova popularização intelectual, um modo de vida que cumpre as atribuições de distinção, pois está disponível a quase todos essas atitudes singulares, entre outros sinais de riqueza interior, que antes eram privilégios somente de intelectuais (FEATHERSTONE, 1995). Essa crítica generalizada não pode ser sinônimo de toda a sociedade, mas deve ser percebida como um norteador dos fatos.

O *Instagram* é um aplicativo que proporciona a postagem de fotografias e vídeos, desenvolvido para dispositivos móveis, onde é possível aplicar filtros e efeitos às fotos, com variadas combinações. Através dele os usuários podem publicar, comentar, favoritar⁵ e repostar⁶ fotografias e vídeos, aplicar filtros e compartilhá-las em uma variedade de outros sites de redes sociais, como Twitter, Facebook, Flickr, Foursquare e Tumblr, dentre outros, incluindo o próprio *Instagram*.

Uma das principais características do *Instagram* é a de que o usuário publique e descreva/mostre o que está fazendo naquele momento de forma imediata e instantânea. No entanto, diferentes iniciativas e práticas de publicação são realizadas, visto que não há uma regra de como publicar e o que fazer. Por isso, faz-se necessário entender o que caracteriza esse tipo de aplicação, a saber:

Um site de rede social é uma plataforma de comunicação em rede na qual os participantes 1) possuem perfis de identificação única que consistem em conteúdos produzidos pelo usuário, conteúdos fornecidos por outros usuários, e/ou dados fornecidos pelo sistema; 2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e cruzadas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado por usuários fornecidos por suas conexões no site. (ELLISON e BOYD, 2013, p.158).

Como um representante que atende as características supracitadas, o *Instagram* em sua concepção⁷ só operava no sistema operacional da Apple e, foi considerado – pela própria Apple – o melhor aplicativo do ano de 2011. Em 2012 expandiu os acessos ao sistema operacional desenvolvido pelo Google, o Android, utilizado na grande maioria dos aparelhos móveis,

⁵ Neologismo que se refere ao ato de salvar ou marcar item como preferido, como favorito, para posterior acesso.

⁶ Notícias destacam que o Instagram - no final de 2017 - está testando uma ferramenta de repostagem nativa. Caso ela seja implantada não será mais necessário que os usuários que queiram replicar determinada publicação utilizem aplicativos de terceiros, como o Repost. Disponível em: <<https://thenextweb.com/socialmedia/2017/11/29/instagrams-secretly-testing-regram-button-many-big-new-features/>>.

⁷ O site de rede social foi criado pelo brasileiro Michel Krieger e pelo americano Kevin Systrom, sendo lançado em outubro de 2010, nos Estados Unidos, tornando-se um sucesso logo em seguida.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

incluindo alguns dos mais acessíveis comercialmente, colaborando consideravelmente com o aumento de seus usuários. Logo após, ainda em 2012, o Instagram foi comprado pelo Facebook, atingindo a marca de 80 milhões⁸ de usuários.

Com uma ampliação de dez vezes em seis anos, em janeiro de 2018⁹ já detinha mais de 800 milhões de usuário e mesmo com suas adaptações e melhorias de funcionalidades, permanecia com uma das suas principais características ainda em destaque – as publicações instantâneas – representando o que está acontecendo naquele momento. Assim, seja qual for o formato e pretensão da publicação, a sua superexposição e resultado de uso estão intrinsecamente ligadas ao fato de serem utilizadas como ferramenta para influenciar, visto que a mera exposição, repetidamente, vista aumentar o interesse e o consequente sentimento de gostar daquilo, ou seja, a empatia com o conteúdo ou fato leva à preferência (BERGER, 2017).

O sucesso do *Instagram* está relacionado à importância dada a imagem nos ambientes digitais, pois conteúdos atrelados a imagens geram mais engajamento do que as informações que não utilizam imagens. Nas mídias digitais, há um aumento do valor que a visibilidade tem, ainda mais quando os indivíduos privilegiam a aparência (COSTA, 2012), fato que destaca o consumo, que não deve ser interpretado somente como consumo de valor de uso, da utilidade da matéria, mas sim, preferencialmente como consumo de signos, ou seja, mais vale o significado daquela mercadoria do que o valor que ela tem.

Neste sentido, nota-se a função primordial da cultura na reprodução do capitalismo atual, onde os bens de consumo naturais e rotineiros começam a ser correlacionados ao luxo, ao exótico, a fantasia, a beleza, tornando o seu uso original decodificado. (FEATHERSTONE, 1995).

Ainda para o autor, “usar a expressão “cultura de consumo” significa enfatizar que o mundo das mercadorias e seus princípios de estruturação são centrais para a compreensão da sociedade contemporânea”. (FEATHERSTONE, 1995, p. 121). Assim, ao postar uma imagem como a representada na Figura 1, é possível notar que o consumo está implícito no que a imagem quer dizer, pois estar em um país estrangeiro, visitando um parque de diversões temático, enfatiza que o usuário é detentor de uma vida privilegiada na qual é possível permitir-

⁸ Disponível em: < <http://blog.instagram.com/post/28067043504/the-instagram-community-hits-80-million-users>>. Acessado em 20/12/2017.

⁹ De acordo com o site Statista, disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/#0>. Acesso em: 10/03/2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

se aproveitar os momentos e ainda anuncia-los aos seguidores, proporcionado pelo site de rede social.

Figura 1. Registro de viagem.



Fonte: Captura de tela realizada pelo autor em seu perfil. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/Be0qk2chXTi/>

Com essa exemplificação, fica claro os dois focos sinalizados por Featherstone:

Em primeiro lugar, na dimensão cultural da economia, a simbolização e o uso de bens materiais como “comunicadores”, não apenas como utilidades; em segundo lugar, na economia dos bens culturais, os princípios de mercado – oferta, demanda, acumulação de capital, competição e monopolização – que operam “dentro” da esfera dos estilos de vida, bens culturais e mercadorias. (FEATHERSTONE, 1995, p. 121).

CONCLUSÃO

Pode-se destacar a dinâmica do campo dos estilos de vida e dos bens culturais, que podem aproximar ainda mais os grupos sociais. Primeiro, é preciso incluir o tempo no espaço social, como uma medida entre estilos de vida. Quando há a introdução de um novo estilo, acontece um desequilíbrio na ordem de diferenças existente. Então gera-se uma desvalorização dos estilos dominantes através do tempo. Gostos e estilos estão atrelados a falhas do mercado, por causa da dinâmica de popularização na cultura de consumo (FEATHERSTONE, 1995).

Em segundo, Featherstone (1995, p. 131) diz que:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Nas camadas intelectuais [...], há uma disputa entre os dominantes e os marginalizados/novatos (Bourdieu, 1979; Elias e Scotson, 1965). Os novatos adotam estratégias de subversão, buscam a indiferença, a descontinuidade e a revolução, ou uma volta às origens, para detectar o verdadeiro sentido de uma tradição – estratégias para criar um espaço próprio e desalojar os dominantes. No pós-guerra, a quantidade de indivíduos ingressando na educação superior e em atividades intelectuais na década de 60 gerou uma confrontação com a “alta-cultura” dominante, que pode ser interpretada dessa maneira.

O terceiro ponto se trata de estratégias revolucionárias dos marginalizados intelectuais e dos novos empreendedores culturais, procurando certificar novos campos, com o intuito de se rebelar contra as definições dos gostos restritos e tradicionais que foram incutidos pelos dominantes, fazendo parte da ‘alta-cultura’. Como, por exemplo, o rock, a moda e o cinema que foram canonizados como áreas intelectuais junto aos críticos, interpretes e popularizadores (FEATHERSTONE, 1995).

Quarto argumento, é o estabelecimento de novas instituições para registro, preservação e análise de produtos culturais, como os museus e as galerias. Assim, surgiram revistas e programas de rádio e televisão que se empenham em popularizar e interpretar gostos. O mercado de cultura está em crescimento. E finalmente, o quinto ponto, vem a ser o aumento na capacidade de circulação de informações. Gostos e obras de arte chegam rapidamente dos seus produtores aos consumidores. (FEATHERSTONE, 1995).

O *Instagram*, de maneira geral, potencializa os resultados dessa pesquisa e nos entrega uma perspectiva da realidade que conhecemos. Este trabalho poderia ser aprofundado dentro do próprio Instagram, reduzindo o olhar dentro da ferramenta para algum nicho específico, como, por exemplo, postagens de fotos de comidas, e seus significados e impactos na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BERGER, Jonah. **O poder da influência: as forças invisíveis que moldam nosso comportamento**. Jonah Berger, tradução: de Cristina Yamagami - São Paulo: HSM, 2017.

COSTA, Sílvia Almeida da. **Consumo, Cultura Digital e Redes Sociais: a popularização do Instagram**. In: 2º Congresso Internacional em Comunicação e Consumo, 2012, São Paulo. Comunicon 2012. São Paulo: Fapesp, 2012. v. 2012. p. 1-12.

ELLISON, Nicole; BOYD, Danah. **Sociality through Social Network Sites**. In: Dutton, W.H. (Org.). *The Oxford Handbook of Internet Studies*. Oxford: Oxford University Press, p. 151-172, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

INSTAGRAM. Blog do Site de Rede Social. Disponível em:
<http://blog.instagram.com/post/28067043504/the-instagram-community-hits-80-million-users>.
Acesso em: 10/03/2018.

INSTAGRAM. Site de Rede Social. Disponível em: <http://www.instagram.com/>. Acesso em:
10/03/2018.

PAULA, Daniela Ferreira Lima de; GARCIA, Wilton. **Comunicação, consumo e imagem no Instagram: estudos contemporâneos**. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI, 2014, Londrina. G7: FOTOGRAFIA, 2014. p. 1-11.

STATISTA. 2018. Most famous social network sites worldwide as of January 2018, ranked by number of active users (in millions). Disponível em:
<https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/#0>. Acesso em: 10/03/2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA ESTADUAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE/RS

THE FACING OF VIOLENCES IN THE PERSPECTIVE OF TEACHERS OF A STATE
SCHOOL OF THE METROPOLITAN REGION OF PORTO ALEGRE/ RS

Ângela Pereira da Silva (ULBRA/Canoas)
Gehysa Guimarães Alves (ULBRA/Canoas)
Luísa Russo Silva soares (ULBRA/Canoas)
Nathalia weigel (ULBRA/Canoas)
Myriam melo (ULBRA/Canoas)
Natália Boff de Oliveira (ULBRA/Canoas)
Deborah Luíza Christ Londero (ULBRA/Canoas)

Resumo: A prevenção da violência é essencial no processo de saúde-doença de escolares e professores. O projeto de pesquisa “Saúde na Escola: O Enfrentamento das Violências” tem como objetivo estudar as diferentes formas de violência ocorridas em escolas estaduais de município da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. O estudo é descritivo, de série de casos, com abordagem qualitativa, envolvendo 40 alunos e 10 professores. A coleta dos dados foi realizada em novembro de 2017, dentro de uma das escolas, lócus da pesquisa, em horário previamente agendado com direção e professores. Os resultados discutidos nesse estudo enfatizaram a coleta de dados com os professores que apontaram que o ambiente da escola favorece a segurança em decorrência do controle no acesso as dependências da escola, a mediação do serviço de orientação educacional e pela proximidade com um posto policial que faz patrulhamento no entorno. Os professores demonstraram falta de conhecimento sobre os diferentes tipos de violência, além de uma resistência inicial ao preenchimento do questionário, nesse dado momento os/as mesmos/as retornavam de um longo período de paralisação e com 60% das atividades. Olhar para esses dados é fundamental, pois eles poderão subsidiar a escola para o planejamento de ações programáticas nesse âmbito.

Palavras-chave: Violências. Saúde. Direitos Humanos. Informação.

Abstract - Prevention of violence is essential in the health-disease process of schoolchildren and teachers. The research project "Health in School: Coping with Violence" aims to study the different forms of violence that occurred in state schools in the city of the Metropolitan Region of Porto Alegre / RS. The study is descriptive, case series, with a qualitative approach, involving 40 students and 10 teachers. Data collection was carried out in November 2017, within one of the schools, the locus of the research, at a previously scheduled time with management and teachers. The results discussed in this study emphasized data collection with teachers who pointed out that the school environment favors security as a result of control over access to school facilities, mediation of the educational guidance service, and proximity to a police station that does patrolling around. Teachers demonstrated a lack of knowledge about the different types of violence, in addition to an initial resistance to completing the questionnaire, at which point they returned from a long period of paralysis and with 60% of activities. Looking at these data is fundamental, since they can subsidize the school for the planning of programmatic actions in that scope.

Keywords: Violence. Health. Human Rights. Information





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

No Brasil, a violação dos direitos humanos é uma questão recorrente em nossa sociedade contemporânea, cuja violência, seja pela exposição ou participação, impacta a vida de todos os sujeitos expostos a ela (ABRAMOVAY, 2002). Nesse sentido, é importante reconhecer os tipos de violência escolar e identificar os possíveis obstáculos para a implantação de uma política efetiva de prevenção a essas violências. Esse entendimento, aliado a um conjunto articulado de ações envolvendo os diferentes setores sociais, pode incidir positivamente no processo educacional, contribuindo para alunos e professores mais instruídos e uma formação mais qualificada para reconhecer e denunciar as variadas formas de violência. Assim, torna-se crucial o planejamento de ações conjuntas voltadas ao enfrentamento das múltiplas formas de violências, em especial, no contexto escolar. É preciso aproximar as famílias dos demais setores da comunidade escolar e da sociedade no sentido de identificar as concepções do papel da escola e, se houver reducionismo ou crenças que limitam o trabalho em prol da diversidade, não fugir do embate. Por meio da formação continuada, tanto os professores quanto os gestores das escolas, tornam-se mais capacitados para ponderar sobre todos os aspectos pedagógicos e, para além deles, propor estratégias com a finalidade de sanar as dificuldades e instalar mudanças significativas no âmbito escolar.

A discussão sobre a violência deve estar em pauta constante no âmbito educacional, pois há a necessidade de fomentar pesquisas e planejar ações a fim de minimizá-la. A violência vivenciada na vida dos alunos e docentes tem impacto importante nas relações e na permanência ou não dessas pessoas dentro da escola. Sua discussão poderá auxiliar a visualizar coletivamente um conjunto de comportamentos, atitudes, expectativas, valores e estereótipos associados aos indivíduos no âmbito escolar. Embora os direitos humanos tenham sido inseridos em diversas políticas públicas ao longo do tempo, ainda não avançamos significativamente na promoção da cultura da paz e mediação de conflitos no contexto escolar. Apesar de haver mecanismos legais para coibi-la, tais direitos não se cumprem na sua totalidade, pois existem diversos obstáculos, tais como: a fragmentação entre as diferentes políticas sociais e específicas, a dificuldade da atuação interdisciplinar mediante um currículo segmentado, entre outros. Dessa forma, discutir as violências no âmbito escolar se constitui como uma proposta relevante e urgente, na medida em que se busca, através disso, desenvolver uma postura crítica dos/as alunos/as e docentes em relação à naturalização e banalização da violência, em todas as suas formas. Assim, este estudo





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

tem por propósito conhecer o que professores de escola estadual entendem sobre violência e se reconhecem as diversas formas praticadas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo de série de casos, com abordagem qualitativa. Conforme Leopardi (2001), a pesquisa exploratória é um levantamento das características conhecidas de fatos, fenômenos ou problemas de determinada realidade, e assim descrevendo essas informações sobre o que se deseja estudar. A pesquisa exploratória possui como finalidade demonstrar fatos ou características da população e da comunidade como objetivo primordial de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, sobre determinado fato (GIL, 2002). Sendo assim, a escolha pela pesquisa qualitativa se dá pelo fato desta contemplar um nível de realidade a partir de seus significados, valores, crenças, que expressam a realidade dinâmica entre o mundo real e a subjetividade dos sujeitos.

Foi escolhida uma escola estadual de cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS e entrevistados 10 professores. Para a coleta dos dados, foi utilizado um questionário com perguntas abertas que questionaram sobre o contexto de espaço e serviço escolar, problemas na escola, relações interpessoais e currículo escolar. A coleta dos dados ocorreu em abril de 2017.

O estudo obteve autorização das escolas e parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da ULBRA, sob o número 2.175.398, em julho de 2017.

RESULTADOS

A população pesquisada foi composta por 10 professores entre 38 a 65 anos. Os professores entrevistados não souberam explicar os diversos tipos de violência existentes, demonstrando total desconhecimento do corpo docente sobre este assunto. Salientaram as dificuldades existentes para o enfrentamento deste problema, destacando as diferentes compreensões em torno do assunto, a falta de capacitação sobre o tema, problemas de gangues dentro da escola e em seu entorno, brigas físicas constantes entre os alunos e ameaças verbais. Segundo Minayo, "[...] é muito difícil conceituar a violência, principalmente por ser ela, por vezes, uma forma própria de relação pessoal, política, social e cultural; por vezes uma resultante das interações sociais; por vezes, ainda, um componente cultural naturalizado" (1999, pg. 10). Dos dez professores entrevistados, quatro referiram sofrer violência moral e psicológica em sala de aula, como piadas desrespeitosas, gestos obscenos, ameaças, brincadeiras maliciosas e





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

insinuações. Nas palavras de Abramovay e Rua (2002) as violências na escola têm identidade própria, ainda que se expressem mediante formas comuns, como incivildades, preconceitos, desconsiderações aos outros e à diversidade.

Ao serem questionados/as sobre como a escola lida com essas situações estressoras no cotidiano, há referência sobre a impotência dos professores frente às constantes ameaças que sofrem e às formas violentas com que os alunos se tratam entre si. Muitos referiram o desejo de solicitar remanejamento das atividades desenvolvidas, pois se sentem desvalorizados e incapazes de resolver esses conflitos. A forma como reagem a isso é conversando com os alunos. No entanto, apontaram que isto não tem resolvido e a violência na escola só tem aumentado. Chauí define violência como tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de alguém (é desnaturar): todo ato de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como direito. Consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e terror (1999, pg. 3-5).

A diversidade de compreensão do tema tenha contribuído para muitos não terem conseguido completar o questionário com maior profundidade, além de terem demonstrado uma resistência inicial durante o preenchimento do instrumento ao qual atribuímos pela sobrecarga e estresse no retorno da paralisação por melhores condições e relações de trabalho no transcórre de setembro e outubro de 2017 na rede estadual de ensino no Rio Grande do Sul. Esse fator também culminou na supressão do debate em sala de aula, pois os conteúdos foram priorizados em detrimento desses assuntos.

Essa realidade desvela que embora o Brasil tenha avançado nos marcos legais no campo de respostas estatais ao problema, ainda carece de ações concretas e efetivas para a coibição da violência. Estudiosos do tema veem demonstrando que este acesso, quando ocorre, apresenta feição discriminatória, tanto por ação quanto por omissão, em vários âmbitos, como no campo da saúde, escola e serviços sociais diversos. Isso diz respeito à cultura, aos valores sociais e individuais, arraigados na nossa sociedade, que por vezes torna-se impeditivo tanto para o reconhecimento quanto na efetividade dos direitos humanos. Trata-se, portanto, de uma dimensão valorativa, ou seja, totalmente alienada da perspectiva do enfrentamento à violência





como um fenômeno social, naturalizando e banalizando condutas violentas e performances em relações de poder desiguais. Várias são as faces da violência que a sociedade constrói estruturalmente.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A proposição desse estudo aborda tema delicado, atual, relevante e é fundamental para perceber como os professores e os gestores das escolas da rede estadual, interagem e reagem às manifestações da violência, até para verificar se há existem iniciativas para promoção de uma cultura de promoção da paz.

No entanto, a partir dessa análise preliminar, foram constatadas inúmeras dificuldades vivenciadas pelos professores para a aplicabilidade de uma política mais efetiva na prevenção às violências, na medida em que há na escola falta de capacitação dos professores sobre esta temática. Nesse sentido, para dar visibilidade ao tema, enfrentando-o com informação e reflexão sobre formas de minimizá-lo, é preciso que a gestão da escola invista em capacitações e reuniões permanentes sobre o assunto para que seja possível que a comunidade escolar descubra um caminho para minizar as manifestações de violência dentro do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. (coord.). Violências nas escolas. Brasília: UNESCO, 2002.

CHAUI, Marilene. Uma ideologia perversa: Explicações para a violência impedem que a violência real se torne compreensível. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 de mar.1999. Caderno Mais! pg. 3-5.

MINAYO; Maria Cecília de Souza. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. Ciência e Saúde Coletiva, V.4, nº1, 1999. pg. 10.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

LEOPARDI, M. T. et al. Metodologia da Pesquisa na Saúde. Santa Maria: Pallotti, 2001.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LESÕES POR PRESSÃO EM PESSOA IDOSA: UMA VISÃO INTERDISCIPLINAR DA PREVENÇÃO E CUIDADO

PRESSURE INJURY IN EDERLY: A NARRATIVE AND INTERDISCIPLINARY
VISION OF PREVENTION AND CARE.

Magna Roberta Birk (Universidade Feevale)

Franciele Ceconi (Universidade Feevale)

Ana Claudia Eberhardt Foesten (Universidade Feevale)

Jacinta Sidegum Renner (Universidade Feevale)

Geraldine Alves dos Santos (Universidade Feevale)

Resumo: O presente estudo visa analisar a produção científica em relação à prevenção e cuidado quanto à pele da pessoa idosa, com o objetivo de prevenir o surgimento de Lesões por Pressão – LP, tanto no que se refere ao idoso institucionalizado quanto no domicílio. O delineamento do método foi realizado através de uma revisão narrativa com base na Biblioteca Virtual da Saúde, relacionando a interdisciplinaridade e utilizando as Palavras-chave: Lesão por pressão, Idoso, Prevenção, Nutrição, Enfermagem. Os resultados indicaram escassez na produção científica relativa à temática do cuidado interdisciplinar em idosos na prevenção de LP. Encontraram-se dados que ficaram restritos ao enfoque disciplinar. Na nutrição, está limitado a terapias nutricionais ou a pequenos trechos publicados em artigos referentes à área da enfermagem. No entanto, atinente às práticas de enfermagem e aos cuidados nas LP com enfoque interdisciplinar, encontrou-se maior quantidade de referências na base de dados. Diante disso, destaca-se a necessidade de novos estudos que abordem a relação interdisciplinar, objetivando a avaliação de pele no idoso, com vistas à prevenção de LP. Esta estratégia poderá direcionar o alinhamento das condutas e a criação de protocolos interdisciplinares vinculados à prevenção de lesões por pressão em idosos.

Palavras-chave: Lesão por pressão. Idoso. Prevenção. Enfermagem. Nutrição.

Abstract: This study aims to encourage the interdisciplinary dialogue between nursing and nutrition, in the context of a reflexive view of care regarding the skin assessment measures, with the aim of preventing the appearance of injuries due to pressure in the institutional and domicile context. A review of the literature was made in order to provide scientific bases necessary for an interdisciplinary discussion. There was scarcity in the literature regarding this subject. The directions were restricted to the specific alignment of nutritional therapies or small stretches related to nutrition in specific nursing articles related to nursing practices. In view of this, the need for new studies approaching the interdisciplinary relationship objectifying the evaluation of the skin in the elderly, with a view to the prevention of pressure injuries. This strategy can guide the alignment of the behaviors and the creation of interdisciplinary protocols linked to the prevention of pressure injuries in the elderly.

Keywords: Pressure injury. Elderly. Prevention. Nursing. Nutrition.

INTRODUÇÃO

Segundo projeções, desde 2010, 11% da população do país vem sendo composta de pessoas acima de 60 anos (IBGE, 2012). O acelerado processo de envelhecimento populacional vem produzindo sérios desafios para o sistema de saúde. Um deles é o conhecimento por parte





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

dos profissionais acerca das peculiaridades dessa população idosa, impondo a necessidade de desenvolver estratégias para uma abordagem adequada às suas necessidades (TELES, 2010).

Diante dessa perspectiva, segundo Roach (2009), entre as diversas questões a serem discutidas, surge a preocupação com a saúde da pele do idoso, na medida em que mais de 90% deles apresentam algum tipo de distúrbio na pele. Trata-se de um órgão complexo, que compreende 15% do peso corporal, no qual acontecem interações celulares e moleculares importantes. Ainda conforme Roach (2009), com o envelhecimento, a capacidade da pele para realizar suas funções é reduzida. Nesse sentido, chama a atenção o significativo aumento do número de casos de problemas referentes à pele, sejam eles especificamente relacionados ao processo de envelhecimento ou associados a outros agravos como diabetes, hipertensão (que pode ter como fator complicador o acidente vascular encefálico), processos degenerativos, imobilidade e uso de medicamentos. Entre esses, o tema que será abordado, em específico, neste estudo é a possibilidade de surgimento de Lesões por Pressão em idosos. Segundo a *National Pressure Ulcer Advisory Panel – NPUAP* (2016), o desenvolvimento dessas lesões é considerado um problema mundial, e sua incidência é um indicador da qualidade dos cuidados. A lesão por pressão é considerada um dano localizado na pele e em outros tecidos subjacentes, geralmente sobre uma proeminência óssea, relacionada ao uso de dispositivo médico ou resultado da pressão intensa e/ou prolongada, combinada ao cisalhamento e associação de outros fatores.

Considera-se relevante destacar o risco aumentado para o desenvolvimento de lesões por pressão na velhice, tendo em vista não somente a fragilidade da pele do idoso, mas também a presença de comorbidades. Dentro desse contexto, muitas são as áreas profissionais que se relacionam na prestação dos serviços. Contudo, diante do paciente idoso e da possibilidade de surgimento de lesões por pressão, dois campos de atuação parecem ser de grande importância: nutrição e enfermagem. No sentido de contribuir com a melhoria da qualidade dos serviços de saúde prestados às pessoas idosas, justifica-se a relevância desta pesquisa. Em face das considerações expostas, o objetivo deste estudo é analisar a produção científica em relação à prevenção e cuidado quanto à pele da pessoa idosa, com o intuito de prevenir o surgimento de lesões por pressão – LP, tanto no que se refere ao idoso institucionalizado quanto ao domiciliado.





MÉTODO

Este estudo aborda a importância da integração entre a enfermagem e a nutrição, na busca do desenvolvimento de práticas interdisciplinares que visem à prevenção de lesões por pressão na pessoa idosa. Foi realizada uma revisão narrativa da produção científica na base da Biblioteca Virtual da Saúde – BVS, utilizando as Palavras-chave: Lesão por pressão, Cuidado, Prevenção, Nutrição e Enfermagem, relacionando a interdisciplinaridade dentro do percurso. O levantamento de dados ocorreu no período de março a abril, centrando-se em artigos publicados de 2003 a 2017. Dos 57 artigos selecionados, 45 foram descartados, por não atenderem a proposta, restando 12, que foram exaustivamente explorados para compor a fundamentação científica. Entretanto, destaca-se que, em caráter de exceção, um periódico que não contempla o período estabelecido para o levantamento bibliográfico foi utilizado, em virtude de ele abordar um conceito basilar sobre interdisciplinaridade. Ainda, foram utilizadas as diretrizes da NPUAP, disponíveis em meio eletrônico na página da sociedade brasileira de estomoterapia.

ASPECTOS NUTRICIONAIS RELACIONADOS À LESÃO POR PRESSÃO E MEDIDAS DE CUIDADO DA ENFERMAGEM

Ao longo dos anos, a ocorrência das lesões por pressão vem sendo tratada sob um contexto exclusivamente relacionado aos fatores extrínsecos, amplamente direcionados e relacionados aos cuidados da enfermagem. Contudo, este conceito vem perdendo forças e está sendo direcionado também a fatores intrínsecos, relacionados ao quadro clínico do paciente. Possibilitando, assim, a avaliação e implementação de medidas corretivas e preventivas (BRANDÃO, 2011).

No contexto do idoso, Lino (2008) expõe que, durante a avaliação do paciente hospitalizado ou mesmo no domicílio, o enfermeiro deve considerar, na entrevista e no exame físico, as condições biopsicossocial, espiritual e econômica – com ênfase no estado geral e cognitivo –, as condições posturais e de locomoção, os sinais vitais e nutricionais, assim como a presença de enfermidades e o uso de medicamentos que possam interferir em sua mobilidade, sensibilidade e/ou na circulação periférica.

Em relação às características intrínsecas, surgem os aspectos nutricionais, como o déficit de proteínas, que prolonga a fase inflamatória da cicatrização, elevando o risco de infecções, diminuindo a síntese de colágeno e a força tênsil da ferida. Desse modo, é importante que a ingesta proteica esteja adequada antes do desenvolvimento das lesões, contribuindo para a





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

prevenção ou para a efetividade das intervenções. O processo de cicatrização demanda um alto valor energético, principalmente o carboidrato na forma de glicose. Por essa razão, o fornecimento de um aporte calórico adequado às necessidades do indivíduo é fundamental para que o organismo não utilize proteínas no processo de cicatrização. A ingestão inadequada desse nutriente leva à degradação muscular, à diminuição do tecido adiposo e à falha na cicatrização (HEYMAN et al., 2008).

No contexto internacional, as diretrizes da *Pressure Ulcer Advisory Panel – NPUAP* (2016), acerca do manejo nutricional para prevenção e tratamento de LP, indicam que é preciso garantir uma ingesta nutricional adequada, no intuito de prevenir a desnutrição, respeitando a individualidade do paciente. Portanto, é imprescindível que a avaliação nutricional para a identificação de pacientes em risco de desnutrição seja implementada.

A exposição relacionada aos componentes nutricionais das diretrizes internacionais tem grande impacto na saúde da pele dos pacientes. Em caso de paciente idoso, intensificam-se estas preocupações, em função da fragilidade biológica decorrentes do processo de envelhecimento. O envelhecimento provoca alterações fisiológicas e estruturais em praticamente todos os sistemas do corpo, em grande parte afetadas por fatores genéticos, dieta, condições sociais e doenças. Com efeito, o idoso apresenta a pele mais seca devido à redução da quantidade e da atividade das glândulas sebáceas e exócrinas. A redução da gordura e de nutrientes da pele aumenta o ressecamento e reduz a proteção, já que estes elementos apresentam ação fungicida. A redução do tecido subcutâneo, responsável pela sustentação, auxilia no enrugamento da pele, além de facilitar a ocorrência de lesões. Cabe ainda contextualizar fatores como etnia e atividade laboral que o idoso exerceu e/ou exerce, como fatores interferentes relevantes (LEAL, 2010).

Ainda, sobre a estrutura da pele, Blanes (2003) apresenta outros aspectos importantes, como uma maior fragilidade dos vasos sanguíneos. A redução da vascularização cutânea diminui a temperatura da pele e causa palidez. Alterações nas terminações nervosas diminuem a sensibilidade da pele, facilitando a ocorrência de traumatismos. O déficit sensorial diminui a capacidade de responder aos estímulos algícos. As doenças agudas, crônicas, graves ou terminais diminuem ainda mais o fornecimento de sangue para a periferia e, conseqüentemente, o aporte de nutrientes e oxigênio para os tecidos. O uso de medicamentos, como drogas vasoativas, esteroides, citotóxicas e imunossupressoras, reduz a resistência dos tecidos.





Emenda-se, a isso, que a deficiência nutricional pode causar anemia, reduzir a oferta de nutrientes e oxigênio para os tecidos e a elasticidade da pele. Nesse sentido, alerta-se que os idosos emagrecidos possuem menos proteção contra a pressão. Por outro lado, a obesidade dificulta o deslocamento durante a mobilização (BLANES, 2003).

Dessa forma, os registros da literatura relativo aos aspectos biológicos são de extrema relevância no que se refere à prevenção de lesões por pressão. Assim, entende-se que as alterações cutâneas próprias do envelhecimento, associadas a outros fatores intrínsecos e extrínsecos presentes, interferem na saúde da pele e podem predispor às lesões por pressão.

Na perspectiva da enfermagem, uma das primeiras ações relacionadas ao cuidado está no exame da pele. Nesse sentido, no que se refere especialmente a esse exame, destacam-se a inspeção, caracterizada pela visualização da superfície da pele, e a palpação, que auxilia na detecção de alterações. O exame minucioso e atento é indispensável para identificar alterações na cor, textura, temperatura, turgor, presença de edema, umidade e de lesões (ROTA, 2008). Ainda, no que tange às responsabilidades da enfermagem durante a avaliação da pele no paciente idoso, assinala-se o emprego da sensibilidade e da empatia ao lidar com o recato dos idosos durante a inspeção. Portanto, o estabelecimento de vínculo torna-se fundamental para o sucesso da prática da inspeção de pele, ação apontada, pela literatura, como fator primordial para a implementação da prática do cuidar, a qual oportuniza maior conhecimento do estado de saúde da pele do idoso e pode contribuir para o planejamento de ações preventivas ao surgimento das lesões por pressão.

Sob esse ângulo, postula-se que os cuidados advindos da enfermagem são um dos principais fatores de atuação em torno do alívio de pressão em proeminências ósseas. Conforme a NPUAP 2016, o alívio de pressão caracteriza-se por ser primordial para a prevenção de lesões. O estabelecimento de um protocolo de rotina de mudança de decúbito, ou de posicionamento, proporciona a manutenção da irrigação, isto é: 1. Sempre que possível, evitar posicionar o indivíduo numa superfície corporal que esteja ruborizada. O eritema indica que o corpo ainda não recuperou da pressão anterior e exige um intervalo de tempo maior entre pressões repetidas. 2. Manter a pele limpa e seca. 2.1. Utilizar um produto de limpeza de pele com um PH equilibrado. 3. Não massajar nem esfregar vigorosamente a pele que esteja em risco de úlceras por pressão. Além de ser doloroso, esfregar a pele pode provocar uma ligeira destruição tecidual ou uma reação inflamatória, especialmente na pele mais frágil dos idosos. 4.





Desenvolver e programar um plano individualizado de tratamento da incontinência. 4.1. Limpar a pele imediatamente após os episódios de incontinência 5. Proteger a pele da exposição à umidade excessiva através do uso de produtos barreira, para reduzir o risco de danos de pressão. É importante referir que os danos na pele resultantes da umidade não são uma úlcera por pressão, mas que a presença desses danos pode aumentar o risco de desenvolvimento de úlceras por pressão. 6. Considerar a utilização de emolientes para hidratar a pele seca, a fim de reduzir o risco de dano da pele.

As recomendações da NPUAP proporcionam conhecimento sobre medidas preventivas para o desenvolvimento de lesões por pressão, e estas se relacionam de forma próxima às deficiências nutricionais levantadas anteriormente. Dessa forma, percebe-se que a integração entre enfermagem e nutrição pode contribuir sobremaneira com a prevenção de lesões por pressão.

INTERFACES ENTRE ENFERMAGEM E NUTRIÇÃO NA PREVENÇÃO DE LESÕES POR PRESSÃO

Antes de iniciar uma narrativa sobre a interface e a visão integrada entre nutrição e enfermagem, faz-se necessário discorrer sobre o conceito de interdisciplinaridade, que, conforme Japiassú (1976) pode ser considerada uma estratégia de intercomunicação entre as disciplinas, de modo que se modifiquem nesta relação, mediante o auxílio de um diálogo compreensível, uma vez que a simples troca de informações entre organizações disciplinares não constitui um método interdisciplinar. O autor ainda fornece elementos teóricos para a integração metodológica no campo interdisciplinar. Para isso, aponta para a realização de pesquisas em grupos organizados ou equipes de trabalho, as quais estão tomando o lugar da pesquisa individual. Ele avalia que a tendência das Ciências Humanas é a orientação para os problemas e o investimento em uma metodologia nova, que dê conta da perspectiva interdisciplinar, embora reconheça a dificuldade em se trabalhar com uma metodologia “concertada”. Seguindo a exposição do autor, pode-se trabalhar com duas linhas de estudo da interdisciplinaridade. Uma linha de nível pluridisciplinar, que consiste no estudo do mesmo objeto por diferentes disciplinas, sem que haja convergência quanto aos conceitos e métodos; e a de nível interdisciplinar, que consiste em uma integração das disciplinas no nível de conceitos e métodos. Para aplicar a interdisciplinaridade no contexto do cotidiano de trabalho, cabe apropriar-se do conceito de método da tarefa, que orienta para os empreendimentos humanos e





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

históricos e decorre da busca por um objeto comum aos vários conhecimentos, culminando com a prática; e do método da reflexão interdisciplinar, que faz menção à reflexão sobre os saberes já constituídos e cujo objetivo é estabelecer juízo e discernimento.

Com base na escassez de literatura acerca do assunto, há indícios de que a enfermagem poderia estabelecer um elo com a nutrição, primando por iniciativas que proporcionem medidas de integração destes saberes no cotidiano de trabalho e no atendimento dos idosos. Uma estratégia que poderia ser utilizada é a inclusão da nutrição durante a aplicação da escala de Braden. Conforme Blanes (2004), entre as escalas de avaliação de risco, essa escala se baseia na fisiopatologia das lesões por pressão e utiliza dois fatores determinantes: intensidade/duração da pressão e tolerância tecidual. A recomendação de utilização da Escala de Braden estabelece que sua aplicação deve ocorrer nas primeiras 48 horas de internação do paciente. Por meio de sua aplicação, o profissional obterá um escore que se situa entre 6 e 23, sendo que, quanto menor o valor encontrado, maior o risco para o desenvolvimento de LP. Considera-se, como parâmetro, que, para resultado menor a 12 pontos, há risco elevado; entre 13 e 14 pontos, há risco moderado; e, entre 15 e 16, o risco é mínimo. No que se refere à nutrição, a escala contempla um único item avaliativo e exclusivo para o levantamento nutricional do paciente.

Dessa forma, primando por encorajar a ingesta alimentar via oral ou seguir plano nutricional prescrito, bem como a avaliação do comprometimento nutricional – por meio de sinais como o enfraquecimento muscular, a perda de peso e a diminuição de turgor cutâneo – a mensuração do estado nutricional por meio de dados laboratoriais, a monitorização e o registro da perda de fluidos das lesões por pressão. Assim, no momento da aplicação da escala, a nutrição e a enfermagem poderiam estar integradas, permitindo avaliações alinhadas à necessidade de cada indivíduo. A prescrição de uma dieta adequada parece ser fundamental na atenção à prevenção das lesões de pele. Uma atitude prática da enfermagem está ligada à observação da aceitação da dieta e ao cumprimento da prescrição nutricional.

Portanto, entende-se que nutrição e enfermagem, ancoradas nos conceitos e métodos propostos em face de uma visão interdisciplinar, podem encontrar embasamento para a elaboração de estratégias envolvendo condutas relacionadas à prevenção de lesões por pressão, contribuindo com o conhecimento e o discernimento do próprio paciente, que poderá contribuir sobremaneira para a elaboração das mesmas.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONCLUSÃO

Este estudo engendrou um diálogo interdisciplinar entre a enfermagem e a nutrição, possibilitando reflexões acerca das práticas destas áreas do conhecimento em relação à saúde da pele do idoso e às possíveis estratégias de prevenção a lesões por pressão. Com efeito, verificou-se que a literatura proporciona alinhamento de grande relevância no que tange à necessidade de manutenção de uma terapia nutricional equilibrada, com o objetivo de abrandar as alterações biológicas pertinentes ao paciente idoso.

A partir desse contexto, a enfermagem se beneficia da literatura, que também converge para a prática de prevenção de lesões por pressão, uma vez que programar medidas de prevenção no cotidiano de trabalho com o paciente equilibrado nutricionalmente pode melhorar e conduzir as práticas ao desfecho desejado, que é a prevenção de lesões.

Atinente à interdisciplinaridade, destaca-se a escassez acerca da temática na base de dados utilizada. Foram encontrados pequenos trechos em periódicos que proporcionaram uma visão integrativa entre as áreas do conhecimento em foco, nutrição e enfermagem. Contudo, o conceito interdisciplinar, em sua essência, não foi identificado em sua integralidade. No entanto, os dados encontrados mostram que a oportunidade de desenvolver uma fala interdisciplinar entre a enfermagem e a nutrição, com vistas ao desenvolvimento de estratégias de cuidado e prevenção a lesões de pele, surge no momento da aplicação da escala de Braden, quando os atores envolvidos neste processo podem conduzir práticas que permitam a avaliação da pele do indivíduo com abordagem interdisciplinar, visto que a mesma contempla as duas áreas do conhecimento.

Por fim, diante da análise da literatura, entende-se que os diálogos interdisciplinares e a discussão das interfaces mostram-se necessários para a construção de estratégias em benefício da saúde da pele do idoso, com vistas à prevenção das lesões por pressão. Ainda, cabe inferir que a construção científica diante do assunto necessita ser estimulada, com a finalidade de contribuir para a melhoria das práticas interdisciplinares.

REFERÊNCIAS

Blanes L, Yosbitome AY, Ferreira LM. Úlcera por pressão: utilizando instrumentos de avaliação de risco como estratégia para prevenção. *Estima*; 2003;1(3):37-45.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Brandão ES, Santos JA, Santos I. Úlceras por compressão: importância da avaliação do cliente. In: Silva RCL, Figueiredo NMA, Meireles IB. Feridas: fundamentos e atualizações em enfermagem. 3º ed. São Paulo: Yendys Editora; 2011. p. 405-12.

Cássia R, Oliveira PA. Úlcera por pressão. In: Magnoni D, et al. Nutrição na terceira idade. 1ª ed. São Paulo: Sarvier; 2007. p. 121-9.

Castilho LD, Caliri MHL. Úlcera de decúbito e estado nutricional: revisão da literatura. Rev Bras Enferm 2005 set-out; 58(5):597-601.

Duncan KD. Preventing pressure ulcers: the goal is zero. Jt Comm J Qual Patient Saf 2007; 33:605-10.

Ferreira JDL, Aguiar ESS, Soares MJGO, Silva MA, Oliveira SHS. Risco e prevalência de úlcera por pressão em usuários da rede básica de saúde. Rev Enferm UFPE on line. 2012;6(9):2045-51.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios [Internet]. Brasília: IBGE, 2002 [cited 2016 Ago 02]. Available from: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>

JAPIASSÚ, H.. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Leal LS. O papel do enfermeiro e a assistência à pele íntegra do idoso. In: Malagutti W, Bergo AMA. Abordagem interdisciplinar do idoso. Rio de Janeiro: Rubio; 2010. p. 223-33

National Pressure Ulcer Advisory Panel [Internet]. National Pressure Ulcer Advisory Panel (NPUAP) announces a change in terminology from pressure ulcer to pressure injury and updates the stages of pressure injury. [Internet]. 2016 [cited 2016 Ago 02]. Available from: <http://www.npuap.org/national-pressure-ulcer-advisory-panel-npuap-announces-a-change-in-terminology-from-pressure-ulcer-to-pressure-injury-and-updates-the-stages-of-pressure-injury/>

Ribeiro RPP. A nutrição no ciclo da vida. [citado em: 30 jun 2002]. Ribeirão Preto (SP). Disponível em: URL www.eerp.usp.br/ilaenf/41/p/index.html Sakashita. VMM, Nascimento, ML. Geriatria & Gerontologia. 2011;5(4):253-60.

Roach SS. Introdução à enfermagem gerontológica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2009.

Rotta O. Propedêutica clínica. In: Rotta O. Dermatologia: clínica, cirúrgica e cosmética. São Paulo: Manole; 2008. p.13-25.

Telles JL, Borges APA. Interdisciplinaridade e trabalho em equipe na abordagem da pessoa idosa nos serviços de atenção básica em saúde. In: Malagutti W, Bergo AMA. Abordagem interdisciplinar do idoso. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. p. 1-7.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA: UMA EXPERIÊNCIA DIALÓGICA

THE TEACHING OF READING AND WRITING: A DIALOGICAL EXPERIENCE

Márcia Hildilene Mathiélo de Freitas
Jacimara de Souza Costa Gabriel

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar parte da experiência vivenciada em 2017 com um grupo de professores do município de Cachoeiro de Itapemirim, que atuou diretamente com alunos em situação de fragilidade na aprendizagem no que diz respeito a leitura, envolvendo alunos a partir da observação, estudo e diálogo permanente com esses profissionais. Busca ainda refletir sobre o processo de construção de identidades profissionais, fato verificado durante os momentos de estudos, reflexões, experimentação de novas possibilidades de práticas cotidianas e reconstrução das mesmas a partir dos múltiplos olhares do grupo, reafirmando que as aprendizagens acontecem pela dialogia por meio do estudo e da troca de experiência entre os pares. Para tecê-lo, nos valeremos de dados produzidos a partir de observação no decorrer do processo, registros de falas dos professores, análises de relatos dos alunos em momentos de produções escritas e resultados de aprendizagens. O relato, sob essa perspectiva, tem por intenção colaborar com o fortalecimento das práticas de estudo continuado no interior das escolas e grupos de trabalho afins, favorecendo a construção e o fortalecimento das práticas cotidianas por meio da discussão e reflexão coletiva, diante da certeza de que todos somos aprendentes.

Palavras-chave: Leitura. Aprendizagem. Ensino.

Abstract: This text aims to present part of the experience lived in 2017 with a group of teachers from the municipality of Cachoeiro de Itapemirim, who worked directly with students in a situation of fragility in learning regarding reading, involving students from observation, study and ongoing dialogue with these professionals. It also seeks to reflect on the process of building professional identities, a fact verified during study moments, reflections, experimentation of new possibilities of daily practices and reconstruction of the same from the multiple glances of the group, reaffirming that the learning happens through dialogue through study and exchange of experience between peers. In order to weave it, we will use data produced from observation during the course of the process, records of teachers' statements, analyzes of students' reports in moments of written productions and learning results. The intention of this report is to collaborate with the strengthening of practices of continuous study within schools and related work groups, favoring the construction and strengthening of daily practices through collective discussion and reflection, given the certainty of that we are all learners.

Keywords: Reading. Learning. Teaching.

INTRODUÇÃO

Estudos e pesquisas realizados em âmbito nacional e internacional João Wanderley Geraldi, Cláudia Maria Mendes Gontijo e Maria do Rosário Longo Mortatti, revelam as fragilidades em que os estudantes brasileiros encontram-se, no que diz respeito a leitura e a escrita, atribuindo-se a essa realidade, uma série de fatores, que envolvem desde a formação profissional e padronização das avaliações à questões mais amplas relacionadas, como por exemplo, fatores sociais que interferem diretamente nas instituições de ensino.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos de idade, período em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países, revela que metade dos alunos avaliados no Brasil no último exame que aconteceu no ano de 2015, apresentaram resultados abaixo do adequado em leitura, o que refletiu na manutenção do Brasil nas últimas posições no ranking mundial: o país ficou na 59ª posição em leitura, em uma escala de 72 países avaliados. Segundo estes estudos, os alunos apresentaram dificuldades básicas para decodificar mensagens de texto e usufruir dessas informações, em uma comunicação escrita e atividades cotidianas em seu convívio social.

A partir do estudo das realidades culturais e sociais em que a grande parte dos estudantes de escolas públicas estão inseridos, reconhecemos que a grande maioria, passa a interagir com materiais de leitura somente, ou, principalmente nessas instituições no momento em que passam a frequentá-las. Dessa forma, diante do compromisso de atender a todos os direitos que esse estudante tem de aprender, entre eles, nos anos iniciais de escolarização, a alfabetização, ou seja, a aprendizagem da leitura e da escrita, tem se tornado o grande desafio dos profissionais da educação e motivo de discussão. Estudos diversos e investimentos em políticas públicas que surgem de várias instâncias, em muitos casos, não atendem efetivamente as necessidades reais dos estudantes e seus professores.

No município de Cachoeiro de Itapemirim, essa realidade se reproduz, sendo verificada por meio de análise dos resultados apresentados pela rede municipal nos últimos cinco anos cinco, evidenciados em avaliações externas e internas.

Em sentido amplo, Gontijo (2013) define Alfabetização como:

[...] uma prática sociocultural em que as crianças, adolescentes, jovens e adultos, por meio do trabalho integrado com a produção de textos orais e escritos, a leitura, os conhecimentos sobre o sistema da língua portuguesa e com as relações entre sons e letras, letras e sons, potencializam a criticidade, a criatividade e a inventividade (GONTIJO, 2013).

Diante dessa necessidade de intervir pedagogicamente a partir desses resultados em leitura e escrita, buscamos organizar propostas de trabalho envolvendo um grupo de escolas, sua equipe gestora, professores, alunos e seus responsáveis em ação específica de leitura organizada para acontecer em horário contrário ao de estudo dos alunos. Os resultados





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

observados por meio dos relatos dos professores e alunos, além da análise dos índices de aprovação ao final do ano letivo, indicam a relevância dessa ação para o município.

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO

Ao dar início a esse trabalho que aconteceu em escolas situadas em área de risco social, no município de Cachoeiro de Itapemirim, envolvendo alunos defasados em idade e série que apresentavam fragilidades na leitura ou que ainda não estavam alfabetizados, buscamos inicialmente conhecer os parceiros nessa missão, aqueles que efetivamente atuariam diariamente com as crianças e com os adolescentes inseridos no projeto, *os professores*.

Antes mesmo de repassar toda a proposta do trabalho organizada, lançamos mão da escuta e da observação. Era preciso compreender a forma como aquele grupo concebia a alfabetização, suas experiências vividas e o que trazia segurança à prática cotidiana de cada um, ao mesmo tempo em que diagnosticávamos as reais necessidades de aprendizagem dos alunos inseridos no projeto.

A partir desse momento, diante dos espaços nas escolas já organizados, famílias e equipes sensibilizadas e grupos de alunos organizados para os atendimentos, que foram planejados para acontecerem em grupos pequenos de acordo com o nível de desenvolvimento da aprendizagem, iniciamos semanalmente, a proposta de estudo permanente com esses profissionais.

Toda a proposta formativa foi fundamentada nos materiais utilizados nos últimos anos com os professores que atuaram no Ciclo de Alfabetização (1º ao 3º Ano do Ensino Fundamental) a partir dos estudos do Pacto Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), tendo como material orientador o livro “Alfabetização: teoria e prática” das autoras, Cláudia Maria Mendes Gontijo e Cleonara Maria Schwartz (2009), que foi utilizado durante os estudos distribuído em blocos de assuntos, de acordo com os conhecimentos apresentados no material aliado as necessidades evidenciadas pelo grupo. A partir desse estudo, fortalecemos por meio das discussões e experimentações, a necessidade de uma prática que tivesse como foco a leitura diária com os alunos e propostas de atividades a partir do texto.

Schwartz, Costa e Becali (2015), afirmam que repensar as formas de organização do trabalho pedagógico torna-se importante na alfabetização e requer pensar a sala de aula, a escola, como espaços dialógicos. Dessa forma, esses momentos de reflexão coletiva foram fundamentais para a reorganização de práticas por meio do fortalecimento de alguns conceitos referentes a alfabetização, que puderam ser observados nos relatos dos próprios professores





durante os momentos de planejamento e na modificação das abordagens propostas aos alunos no trabalho com a leitura e com a produção de texto.

Como ação prática de monitoramento, foram realizadas em períodos determinados, produções textuais com todos os alunos inseridos nos projetos, tanto os avaliados inicialmente como não alfabetizados, como aqueles que apresentavam fragilidades na aprendizagem dos conhecimentos que envolvem a leitura e a escrita, que foram avaliadas a partir de ficha de registro contendo os seguintes conhecimentos necessários para a aquisição da língua escrita:

- a) Distinção entre desenho e escrita
- b) Falhas na direção da escrita
- c) Usa letras para escrever, mas ainda de forma aleatória
- d) Falhas na direção dos movimentos ao escrever as letras
- e) Repetição de letras
- f) Omissão de letras
- g) Troca na ordem das letras
- h) Falhas na distinção de sons surdos e sonoros
- i) Troca de letras cujos sons são regulados pela posição
- j) Troca de letras cujos sons não são regulados pela posição
- k) Transcrição fonética decorrente ou não de variação dialetal
- l) Falhas na segmentação textual. (GONTIJO e SCHWARTZ, 2009).

Nesse sentido, com base nos resultados evidenciados pelas produções dos alunos e também pelas propostas orientadas pelas professoras aos alunos, no momento da realização das produções de texto, nos períodos destinados ao planejamento e estudo dos professores, passamos a direcionar com ofertas de propostas de trabalhos envolvendo livros de literatura. Inicialmente, estas atividades foram realizadas com os próprios professores, para que estes, experimentando, sentissem o desejo de reproduzir as propostas com os grupos de alunos atendidos por eles.

OBSERVAÇÕES E REFLEXOS DO ESTUDO

A leitura pelo prazer ficou mais frequente entre o grupo de professores que participaram dessa formação. Enquanto equipe responsável pela ação, buscávamos materiais que atendessem as necessidades dos professores, verificadas através dos relatos realizados por eles mesmos.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Aos poucos, fomos construindo nos momentos de estudos coletivos, roteiros de trabalhos a serem organizados a partir de livros de literatura, buscando sempre refletir com os professores sobre as questões fundamentais no trabalho envolvendo os textos como: a importância de antecipar os sentidos do texto a ser trabalhado, intertextualidade, reflexão e análise crítica sobre a leitura e os temas em estudo.

O mais significativo roteiro de estudo de trabalho, foi com o livro de literatura “O menino que tinha medo de ERRAR” de Andrea Vivian Taubman, 2012. A escolha deste livro foi feita a partir da necessidade recorrente entre os alunos do projeto evidenciada pelas professoras do “medo” que apresentavam durante a realização das atividades que envolviam a leitura e a escrita, devido as consequências de anos de repetência escolar e da não alfabetização no tempo certo.

A partir dessas construções e acompanhamento permanente dos resultados do trabalho, foi possível perceber a mudança na postura de alguns profissionais e assim, o reflexo nas produções de textos dos alunos, em especial, os que estavam alfabetizados e apresentavam fragilidades na leitura.

Essa proposta de trabalho, que apresentou resultados produtivos, trouxe como premissa a compreensão de sujeito enquanto ser que não está determinado a participar da sociedade e sim, como aquele que está por fazer-se, por constituir-se, acreditando que é na escola que esse sujeito deve receber por meio do conhecimento, condições para participar de forma consciente e crítica, das transformações sociais.

A culminância deste trabalho aconteceu em todas as escolas participantes, com manhã e tarde de apresentação de livros produzidos pelos alunos, com autógrafa dos mesmos, participação das famílias e comunidade escolar.

CONCLUSÃO

Reconhecendo o aluno e também o professor, como sujeito único, autônomo, carregado de direitos, construtor de sua própria existência e produtor de cultura; e, por acreditar ainda que toda criança tem capacidade para aprender, respeitados os diferentes tempos e modos para essa apropriação, não nos compete mais, um modelo de ensino e de alfabetização que anule as construções dos estudantes, mas sim, uma proposta que seja capaz de potencializar todo conhecimento já produzido pelo sujeito, possibilitando a este, maior condição para interagir com o contexto social no qual está inserido.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Nesse contexto de dialogia, tanto os profissionais quanto os estudantes, em um movimento reflexivo, tornam-se sujeitos que se fazem e refazem no momento em que interagem, uns com os outros e com os conhecimentos, vislumbrando assim, possibilidades de transformação de realidades.

Dessa forma, podemos avaliar a experiência vivenciada no projeto de leitura como ação muito produtiva, no que diz respeito à aprendizagem pelos alunos, verificada pela análise dos resultados finais de aprovação dos alunos envolvidos para o ano seguinte. Da mesma forma, foi possível verificar o envolvimento dos profissionais na ação e o fortalecimento das práticas que se aprimoraram por meio do estudo continuado, o que garantiu a esses profissionais, maior segurança na ação cotidiana, o que confirma a necessidade da organização de espaços permanentes para discussão e estudo no interior das Unidades de Ensino, tendo como mote a fundamentação teórica aliada a realidade presente em cada comunidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Pacto Nacional Pela Idade Certa. A organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na alfabetização. Caderno 04 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. - Brasília: MEC, SEB, 2015 Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Cadernos_2015/cadernos_novembro/pnaic_cad_2_19112015.pdf> Acesso em: 15 mar.2018.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10. Ed, São Paulo: Scipione, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; SCHWARTZ, Cleonara Maria. **Alfabetização: teoria e prática**. Curitiba, PR: Sol, 2009.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. (Coleção educação Contemporânea).

GUIO, Mario Junior. Para gostar de ler. **Revista: Educar transforma** – Ano 01/Nº01/2015. editora ática – editora scipione

OEDC. PISA em destaque é uma série de notas orientados para as políticas de educação mensal concisas projetados para descrever um tópico PISA, 2013. Disponível em: <<http://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisainfocus.htm> > Acesso em 15 mar.2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM: Secretaria Municipal de Educação. Plano Municipal de Educação 2015/2025. Cachoeiro de Itapemirim.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TAUBMAN, Andrea Viviana. **O menino que tinha medo de errar**. 1ª ed, Rio de Janeiro:
Escrita Fina, 2012.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE SEXUAL: PERSPECTIVAS E ENTENDIMENTOS DE RESPONSÁVEIS DE ALUNOS/AS DE UMA ESCOLA DE NOVO HAMBURGO, RS

EDUCACIÓN PARA DIVERSIDAD SEXUAL: PERSPECTIVAS Y ENTENDIMIENTOS
DE RESPONSABLES DE ALUMNOS / AS DE UNA ESCUELA DE NUEVO
HAMBURGO, RS

Márcio José Testolin (Universidade Feevale)¹
Gustavo Roese Sanfelice (Universidade Feevale)²
André Luiz dos Santos Silva (Universidade Feevale)³

Resumo: Discute-se aqui possíveis atravessamentos entre famílias e escolas em relação ao tema diversidade sexual na educação. O objetivo deste trabalho foi analisar e discutir o posicionamento de responsáveis de alunos e alunas do sexto ano do ensino fundamental de uma escola de Novo Hamburgo, RS, sobre a possibilidade do tema diversidade sexual ser tratado na escola e seus entendimentos sobre o mesmo. Utilizou-se entrevista semiestruturada para coleta dos dados que foram analisados através da análise de discurso. Metade das pessoas entrevistadas compreendiam o tema como educação sexual informativa e concordavam com sua presença na escola. Após compreenderem a diversidade sexual como possível tema na escola, três pessoas posicionaram-se contrárias com base em argumentos religiosos. Percebeu-se também um silêncio onde poderia/deveria haver diálogo entre instituição escolar e famílias. Esta pesquisa indica a possibilidade de tematização da educação sexual na escola em questão, desde que realizada com qualidade e diálogo com as famílias e comunidade escolar.

Palavras-chave: Diversidade Sexual. Educação Sexual. Gênero. Sexualidade.

Resumen: Se discute aquí posibles atravesamientos entre familias y escuelas en relación al tema diversidad sexual en la educación. El objetivo de este trabajo fue analizar y discutir el posicionamiento de responsables de alumnos y alumnas del sexto año de la enseñanza fundamental de una escuela de Novo Hamburgo, RS, sobre la posibilidad del tema diversidad sexual de ser tratado en la escuela y sus entendimientos sobre el mismo. Se utilizó una entrevista semiestruturada para la recolección de los datos que fueron analizados a través del análisis de discurso. La mitad de las personas entrevistadas comprendían el tema como educación sexual informativa y concordaban con su presencia en la escuela. Después de comprender la diversidad sexual como posible tema en la escuela, tres personas se posicionaron contrarias con base en argumentos religiosos. Se percibió también un silencio donde podría / debería haber diálogo entre institución escolar y familias. Esta investigación indica la posibilidad de tematización de la educación sexual en la escuela en cuestión, desde que se realiza con calidad y diálogo con las familias y la comunidad escolar.

Palavras-chave: Diversidad Sexual. Educación Sexual. Género. Sexualidad.

¹ Graduado em Educação Física – Licenciatura pela Universidade Feevale. Email: marciojosetestolin@gmail.com.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil(2007). Docente no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social – Feevale. Email: sanfeliceg@feevale.br

³ Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente no curso de Graduação em Educação Física – Feevale. Email: andrels@feevale.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, foram intensas as discussões sobre a presença dos conteúdos de gênero nos Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação. Diante destas discussões, nas quais, segundo indicam Reis e Eggert (2017), grupos tradicionais e religiosos propuseram a exclusão do termo gênero com base no que intitularam “ideologia de gênero”, instala-se a dúvida sobre a consistência do papel de instituições escolares em relação a educação cidadã, comprometida com a promoção da equidade de gênero e diversidade sexual. Ainda de acordo com Reis e Eggert (2017), estes grupos obtiveram sucesso no seu objetivo de estimular uma pressão política contra a presença dos conteúdos de gênero nos Planos Educacionais e nas salas de aula. Estes movimentos também surtiram efeito nas comunidades, causando, como consequência, uma pressão dos/as responsáveis de alunos/as sobre as escolas, intimidando assim professores/as que pretendessem discutir esta temática.

Vale lembrar que no ambiente escolar ocorrem discriminações e rotulações devido às severas perseguições sofridas pelos desviantes da norma heterossexual e muitos são os casos que levam até mesmo à evasão escolar (BORGES E MEYER, 2008). Esse tipo de violência tende a ter um impacto maior para a vítima quando os/as professores/as não se manifestam problematizando o tema em questão. A omissão do/a educador/a pode ter efeito de consentimento, um modo de educação que legitima agressões e ofensas (OHLWEILER E BORGES, 2011). Portanto, a escola, ainda que reconhecida como ambiente do conhecimento e da reflexão, não pode ser considerada um local isolado do restante da sociedade, pois é uma instituição de caráter público e democrático. Devem estar garantidos os direitos de presença, representação e manifestação das diferentes identidades. Sendo assim, não está imune às vicissitudes e problemas da sociedade, pois encontra-se inserida nela e como uma das principais participantes, porque ainda que se silencie, ou justamente por silenciar-se, contribui para a formação cidadã de seus alunos e alunas. Afinal, se constitui em uma das principais experimentações de convivência e sociabilidade para crianças e adolescentes e pode atuar estimulando o respeito às diferentes identidades ou apenas reproduzindo padrões discriminatórios (PEREIRA E BAHIA, 2011).

Este contexto, em contra ponto com a necessidade de uma educação para equidade de gênero e diversidade sexual, estimula a questionar quais os posicionamentos e as





argumentações de responsáveis de alunos/as em relação aos conteúdos de diversidade sexual e gênero?

Considerando a importância deste questionamento e o contexto propício, este texto tem como objetivo analisar e discutir o posicionamento de responsáveis de alunos e alunas do sexto ano do ensino fundamental de uma escola de Novo Hamburgo, RS, sobre a possibilidade do tema diversidade sexual ser tratado na escola e seus entendimentos sobre o mesmo.

A análise e discussão desta pesquisa apoia-se nos referenciais teóricos de gênero, sexualidade e heteronormatividade. O conceito de gênero foi introduzido por feministas estrangeiras na década de 1970 e consisti em designar representações construídas culturalmente sobre o que se considera masculino ou feminino (DINIS, 2008). Portanto, as identidades de gênero são construídas através das dinâmicas sociais, seja no cotidiano da família, escola, mídia, rua, entre outros, que indicam o que é considerado masculino ou feminino e estabelecem representações e desigualdades (ROHDEN, 2009). “Nada há de puramente “natural” e “dado” em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008 p. 18).

Quanto a sexualidade, considera-se uma construção histórico-cultural e social que manifesta as diversas formas de se obter prazer relacionando-se sexualmente. Portanto, a sexualidade é plural, podendo inclusive, que um mesmo indivíduo possua diferentes identidades sexuais ao longo de sua vida (DINIS, 2008).

A partir disso forja-se então a heteronormatividade que pode ser entendida justamente como um regime de normas articulador destas noções de sexo, gênero e sexualidade, definindo como “natural” uma certa coerência entre elas. Ou seja, nasceu homem, deverá “tornar-se homem” e manifestar interesse afetivo por mulheres e vice-versa (SEFFNER, 2014).

O procedimento metodológico utilizou entrevista semiestruturada para coleta dos dados. Foram entrevistados/as 18 responsáveis de alunos/as do sexto ano de uma escola pública de ensino fundamental de Novo Hamburgo, RS. As entrevistas ocorreram no primeiro semestre de 2016. Para análise, utilizou-se a metodologia de análise de discurso (ORLANDI, 2012). Esta metodologia busca ultrapassar a superfície do texto linguístico, estabelecendo recortes desse e transformando-o em um objeto discursivo para uma primeira análise, interpretação, relacionando-o com conceitos e noções em questão. Nesse processo, exige-se um ir-e-vir entre teoria e objeto de análise que também ocorrerá ao longo de todo o trabalho (ORLANDI, 2012).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

EDUCAÇÃO SEXUAL (IN)FORMATIVA

Durante o período de ditadura militar (1964-1985), a educação sexual foi silenciada pelo clima de medo e censura imposto pelo regime juntamente com a Igreja Católica (ROSEMBERG, 1985). Somente com a redemocratização do país voltou a frequentar as salas de aula, a ganhar maior visibilidade na mídia e enfrentar os questionamentos de muitas famílias e entidades. O conhecimento científico aliado ao aparecimento do HIV/AIDS e a necessidade de controlar a gravidez precoce fizeram com que a escola fosse percebida pela sociedade como um ambiente privilegiado e estratégico por nele ocorrerem discussões do conhecimento que teriam o poder de combater os problemas relacionados à sexualidade. Portanto, a escola passou a ser considerada uma instituição capacitada a oferecer uma educação sexual útil e de qualidade, conquistando assim o aval da sociedade e do Estado para tratar do tema. A formalização desse consentimento ocorreu com os PCN's (MONTARDO, 2008). Contudo pode se dizer que a educação sexual esteve sempre limitada a uma concepção normativa e biologista, mantendo-se num caráter médico e higienista (NUNES E SILVA, 2006).

Diante disso, pode se pensar que muitos(as) dos(as) participantes desta pesquisa receberam somente as informações “permitidas” sobre sexualidade, isto é, apenas aquelas biológicas que alertam para os seus “perigos”. Com isso, silenciou-se e invisibilizou-se qualquer possibilidade de representação social da pluralidade da sexualidade enquanto parte integral dos(as) sujeitos(as). Isso faz com que, para estas pessoas, o termo sexual, indiferente do contexto no qual for pronunciado, signifique apenas aquilo que elas tiveram acesso, ou seja, as informações “permitidas” e “úteis”.

Percebe-se o efeito deste silêncio e invisibilidade quando os/as responsáveis são questionados a respeito do entendimento sobre o tema diversidade sexual. Tal questão foi incluída na entrevista afim de tornar claro quais os entendimentos dos/as entrevistados/as e em quais concepções suas próximas respostas seriam baseadas. Percebeu-se que para muitas pessoas a educação sexual se reduz a transmitir os perigos da sexualidade. Dentre os/as 18 voluntários/as entrevistados/as, 9 responderam demonstrando compreender o significado do termo diversidade sexual. Outros/as 9 indicaram um entendimento correlato à educação sexual biológica de caráter informativo, a qual trata de prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), gravidez precoce e métodos contraceptivos e de proteção sexual. É





possível supor que esse entendimento limitado ocorreu devido a controlada exposição do tema, conforme indicado acima.

Destes/as 9 entrevistados/as que apresentaram essa percepção sobre o tema, todos/as foram favoráveis à sua presença, na forma de educação sexual biológica-informativa, na escola. Os argumentos que legitimariam o seu debate com crianças e adolescentes seriam os de que esta educação é de grande utilidade para evitar transmissões de DSTs, gravidez precoce e indesejada, assim como, para cumprir um papel educativo e informativo que muitas vezes as famílias não conseguem desempenhar com eficiência.

Estes resultados indicam um a (re)produção, em diversos contextos, de um discurso que conforme abordado anteriormente estabelece a representação da educação sexual somente nos aspectos biológicos. Isso faz com que haja uma diferença de legitimidade entre a educação sexual biológica informativa e a formativa – aqui inclui-se aquela para diversidade sexual – sendo a primeira comumente aceita e a segunda muito questionada.

O SILÊNCIO ENTRE ESCOLA E RESPONSÁVEIS

Não pode a escola, como instituição educacional pública, negligenciar as “minorias” ou se deixar calar por acreditar que o cumprimento de sua função gerará polêmicas e possíveis reclamações por parte da maioria dos responsáveis de seus alunos e alunas (Seffner, 2014).

Em tempos de tecnologias avançadas e garantia da liberdade de expressão que facilitam a comunicação e/ou disseminação de quaisquer informações, intensas campanhas referidas à suposta “ideologia de gênero” como a desconstrução dos papéis sociais e da família tradicional ganharam visibilidade e acolhimento em grande parte da sociedade, emergindo uma espécie de pânico moral (REIS E EGGERT, 2017).

É que daí daqui a pouco tu vê um menino vai achar que é normal ali que, se tá aprendendo na escola, ele vai achar que é normal ele, confundi totalmente a cabeça da criança né? ã, bah, totalmente. Eles sabem que a mulher e o homem é um casal, aí vai lá e vão dizer que [...] tem também dois homens, uma criança. Isso aí acho que tá mais ou menos um por cento da sociedade, eles querem introduzir isso aí dizendo que é normal, né? E que não é normal. (Entrevista 11) (grifos do autor).

O trecho citado acima, extraído de uma das entrevistas desta pesquisa, demonstra como os conteúdos de gênero estão sendo recebidos e interpretados por parte da sociedade. A entrevistada demonstra medo de que estes conteúdos venham a “confundir a cabeça das





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

crianças”, pensamento este semelhante ao disseminado por pessoas e/ou grupos que promovem campanhas contrárias à suposta “ideologia de gênero”.

Portanto, pode se dizer que aparenta ser bem sucedida a estratégia de tais grupos que investiram na disseminação de seus discursos sensacionalistas através da internet, de conversas (boca-boca), folhetos, etc. Por outro lado, deve se questionar o que as escolas e profissionais da educação estão fazendo para que os conceitos discutidos academicamente cheguem até as famílias e sociedade em geral? Torna-se cada vez mais importante que a escola mantenha um diálogo claro e uma relação de confiança com as famílias e comunidade escolar.

Nesta pesquisa, além da escola em questão não demonstrar interesse em tratar do tema, o próprio desconhecimento dos/as entrevistados/as sobre diversidade sexual indica a ausência de diálogo entre escola e famílias/comunidade escolar.

Durante a entrevista, realizou-se uma pausa para um curto diálogo com os/as entrevistados/as que analisaram materiais paradidáticos que poderiam ser utilizados para tematizar gênero e diversidade sexual na escola. As 9 pessoas que já compreendiam o tema, continuaram concordando com sua presença na escola e elogiaram os materiais, algumas inclusive manifestaram maior tranquilidade. As outras 9 pessoas que haviam compreendido de forma confusa, passaram a compreendê-lo e, somente 3 colocaram-se contrárias, sob argumentação religiosa.

Com ou sem diálogo, trata-se de uma temática que enfrentará resistências para estar presente nas escolas. Não se pode concluir nada em específico, mas esta pesquisa que promoveu um curto diálogo entre conhecimento científico/escola e famílias, deixa a sensação de que buscar o diálogo, estimular a compreensão dos conteúdos acadêmicos por parte da população e manter uma relação de confiança com a mesma, pode fazer uma diferença significativa na promoção de uma educação para equidade de gênero e diversidade sexual.

CONCLUSÃO

Destaca-se a importância desta pesquisa, uma vez que analisou, mesmo em meio a um emergente contexto de polêmicas sobre a suposta “ideologia de gênero”, formas de incluir o tema diversidade sexual na escola. Como principal resultado, deve ser destacada a constatação de uma possível oportunidade ou “brecha” no local pesquisado. Entretanto, para aproveitá-la e tornar realidade o objetivo da construção de uma educação para equidade de gênero e





diversidade sexual, demonstra-se necessário que a instituição de ensino tome iniciativas e proponha o diálogo com as famílias, como também defendem Reis e Maia (2007).

Cabe ressaltar que as iniciativas não devem ser apenas tentativas de colocar em prática projetos que visem tal objetivo, mas antes disso, preparar-se para a execução destes projetos, conquistando assim a confiança das famílias e comunidade escolar, o que certamente tornará mais fácil, seguro e produtivo este trabalho.

Torna-se interessante também que se realizem outras pesquisas visando questionar e analisar os porquês desta ausência de diálogo entre escola e famílias em relação aos temas gênero e diversidade sexual. E, porque não, até mesmo pesquisas ações que promovam este importante diálogo na prática.

Destaca-se que estes trabalhos, deverão sempre considerar e enfatizar a escola como uma instituição pública, laica e democrática, com um papel importante a cumprir: o de educar para a vida em sociedade. Para isso, é fundamental que se ensine a tolerar e respeitar as diferenças (Seffner, 2014).

REFERÊNCIAS

BORGES, Zulmira Newlands; MEYER, Dagmar Estermann. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 59-75, 2008.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação & Sociedade, Campinas**, v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MONTARDO, Jorge. A escola e a educação sexual. **La Salle-Revista de educação, ciência e cultura**, v. 13, n. 1, p. 161-173, 2008.

NUNES, César Aparecido; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. 129 p.

OHLWEILER, Mariane Inês; BORGES, Zulmira Newlands. Diversidade sexual na escola: um tema em confronto com o silêncio. **Childhood & philosophy**, v. 7, n. 14, p. 319-339, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012. 100 p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PEREIRA, Graziela Raupp; BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco. Direito fundamental à educação, diversidade e homofobia na escola: desafios à construção de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 39, p. 51-71, 2011.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 138, p. 9-26, 2017.

REIS, Verônica Lima dos; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação sexual na escola com a participação da família e o uso de novas tecnologias da educação: um levantamento bibliográfico. **Cadernos de Educação**, n. 41, p. 188-207, 2013.

ROHDEN, Fabíola. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 157-174, 2009.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação sexual na escola. **Cadernos de Pesquisa**, n. 53, p. 11-19, 1985.

SEFFNER, Fernando. Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar?. **Teoria e Prática da Educação**, v. 17, n. 2, p. 67-81, 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA NO IDOSO ACIMA DE 80 ANOS

INTERACCIONES POR CONDICIONES SENSIBLES A LA ATENCIÓN PRIMARIA EN
EL IDOSO ARRIBA DE 80 AÑOS

Marcio Slaviero (Universidade Feevale)
Janifer Prestes (Universidade Feevale)
Rosa Leães (Universidade Feevale)
Maristela Peixoto (Universidade Feevale)
Geraldine Alves dos Santos (Universidade Feevale)

Resumo: As Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP) são as hospitalizações que poderiam ser, eventualmente, reduzidas ou evitadas se fossem corretas e efetivamente diagnosticadas e tratadas na APS, sendo esta por sua vez resolutive. O objetivo geral do presente estudo é avaliar as internações por condições sensíveis a atenção primária em idosos acima de 80 anos atendidos em um hospital da região noroeste do RS. Pesquisa documental e quantitativa, de caráter retrospectivo. Foi analisado laudos de autorização de internação hospitalar de 01/07/2016 a 30/06/2017 de todos os pacientes acima de 80 anos atendidos no Hospital de Caridade Palmeira das Missões. No período referido 175 idosos com 80 anos ou mais internaram no nosocômio citado, destes 83 (47.4%) tinham diagnóstico relacionado a ICSAP, sendo deste total 78,3% estavam na faixa etária de 80 a 89 anos e 59% eram do sexo feminino. Em relação causas de ICSAP 49,4% foram consideradas doenças do aparelho respiratório. As comorbidades do aparelho circulatório foram responsáveis por 21,7% das internações e o acidente vascular cerebral foi responsável por 12% das internações. A avaliação das ICSAP apenas permite reconhecer o impacto do programa de Atenção Básica e a importância da qualidade de vida na população idosa.

Palavras-chave: Idoso. Atenção Primária. Internação. Avaliação.

Resumen: Las Internaciones por Condiciones Sensibles a la Atención Primaria (ICSAP) son las hospitalizaciones que podrían eventualmente reducirse o evitarse si fueran correctas y efectivamente diagnosticadas y tratadas en la APS, siendo ésta a su vez resolutive. El objetivo general del presente estudio es evaluar las internaciones por condiciones sensibles a atención primaria en ancianos mayores de 80 años atendidos en un hospital de la región noroeste del RS. Investigación documental y cuantitativa, de carácter retrospectivo. Se analizó la documentación de autorización de internación hospitalaria del 01/07/2016 al 30/06/2017 de todos los pacientes mayores de 80 años atendidos en el Hospital de Caridad Palmera de las Misiones. En el período referido a 175 ancianos con 80 años o más internados en el nómulo citado, de estos 83 (47.4%) tenían diagnóstico relacionado con ICSAP, siendo de este total el 78,3% estaban en el grupo de edad de 80 a 89 años y el 59% eran del sexo femenino. En relación a las causas de ICSAP 49,4% se consideraron enfermedades del aparato respiratorio. Las comorbilidades del aparato circulatorio fueron responsables por el 21,7% de las internaciones y el accidente vascular cerebral fue responsable del 12% de las internaciones. La evaluación de las ICSAP sólo permite reconocer el impacto del programa de Atención Básica y la importancia de la calidad de vida en la población anciana.

Palabras clave: Anciano. Atención Primaria. Hospitalización. Evaluación.





INTRODUÇÃO

Estudos populacionais indicam que a população longeva, de 80 anos ou mais, é a que mais tem crescido no Brasil, com um aumento em torno de 77%, enquanto a população de idosos na faixa etária de 60 anos cresceu 40%, e a população brasileira cresceu em torno de 12% (IBGE, 2013).

De acordo com a legislação vigente, a saúde é um direito de todos e dever do Estado, no qual se promove a resolutividade e integralidade do cuidado em todos os níveis da assistência à saúde, seja na atenção primária, secundária e/ou terciária, através de um sistema de saúde de caráter único, equânime e universal. Nesse contexto, Nunes (2012) sugere a Atenção Primária à Saúde (APS) como uma estratégia prioritária para o desenvolvimento e qualidade de vida da população ao contemplar as ciências sociais e humanas na prática da saúde coletiva.

Assim, a APS como primeiro nível de acesso ao serviço de saúde pública, tem por objetivo prevenir e promover a saúde, sendo capaz de resolver e prevenir vários agravos, reduzindo a demanda desnecessária aos demais níveis de assistência (BRASIL, 2011). A APS tem reconhecimento internacional devido ao seu impacto evidente no cenário de saúde pública, uma vez que melhora os indicadores de saúde e facilita o fluxo de usuários dentro do sistema, além de assegurar práticas preventivas e o melhor manejo de doenças crônicas (CAMPOS OLIVEIRA; PEREIRA, 2013). Considerando a importância da efetividade e o impacto potencial que sua atuação possui, o uso de indicadores de desempenho da APS é indispensável para reorientação e gestão coerentes dos serviços de saúde, possibilitando a melhoria contínua do sistema (BRASIL, 2015). Um dos instrumentos utilizados para verificar o desempenho da APS é a análise do indicador de Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP).

A hospitalização, embora necessária, em muitos casos representa alto risco para a saúde, especialmente para idosos. As ICSAP são as hospitalizações que poderiam ser, eventualmente, reduzidas ou evitadas se fossem corretamente e efetivamente diagnosticadas e tratadas na APS, sendo esta por sua vez resolutiva. São exemplos de internações sensíveis as pneumonias bacterianas, as complicações do diabetes mellitus, a hipertensão arterial, entre outros. Dessa forma, o percentual de ICSAP é considerado um indicador de qualidade da atenção à saúde em um município quando avaliado a atenção primária ofertada pelo mesmo bem como o trabalho da gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) local (SOTTI; BRISCH; TOSO BRGO, 2014).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Conforme Gois (2010), a causa primária dessas internações, quando relacionadas a pacientes com idade superior a 60 anos, poderá ocorrer por diversas circunstâncias, dentre as quais estão as doenças de base, realização de exames diagnósticos, cirurgias.

A partir dos argumentos expostos, definiu-se como objetivo geral: avaliar as internações por condições sensíveis a atenção primária em idosos acima de 80 anos atendidos em um hospital da região noroeste do RS.

METODOLOGIA

Pesquisa documental e quantitativa, de caráter retrospectivo. Foi analisado laudos de autorização de internação hospitalar de 01/07/2016 a 30/06/2017 de todos os pacientes acima de 80 anos atendidos no Hospital de Caridade Palmeira das Missões, que é referência para moradores da 15ª coordenadoria regional de Saúde, no total de 175 laudos.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a busca e análise de dados pertinentes à construção desse estudo foram consideradas as internações decorrentes de doenças vinculadas a alguns capítulos da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à saúde (CID 10). Os capítulos da CID 10 foram selecionados considerando a Lista Brasileira de Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária definida na PORTARIA Nº 221, DE 17 DE ABRIL DE 2008 do Ministério da Saúde. (BRASIL, 2008).

Na tabela 1, observa-se que no período de 01/07/2016 a 30/06/2017, 175 idosos com 80 anos ou mais internaram no nosocômio citado, destes 83 (47.4%) tinham diagnóstico relacionado a ICSAP, sendo que total 78,3% estavam na faixa etária de 80 a 89 anos e 59% eram do sexo feminino.





Tabela 1 – Taxa de internação por condições sensíveis a atenção primária na população com 80 anos ou mais, internadas no período de 01/07/2016 a 30/06/2017, no Hospital de Caridade Palmeira das Missões.

Variável	Internação Geral	ICSAP
Faixa etária		
80-89 anos	129 (73,7%)	65 (78,3%)
90 – 99 anos	40 (22,8%)	14 (16,9%)
100 anos ou mais	06 (3,4%)	04 (4,8%)
Sexo		
Feminino	113 (64,6%)	49 (59,0%)
Masculino	62 (35,4%)	34 (41,0%)
Total	175	83

Fonte: os autores (2018)

A população com idade igual ou superior a 60 anos tendem a necessitar mais dos serviços de saúde, por consequência das doenças crônicas não transmissíveis que se desenvolvem durante a vida, ocasionando maior tempo de ocupação de leitos e por conseguinte a elevação do custo para o respectivo tratamento, quando comparados as demais faixas etárias. Na faixa etária estudada nessa pesquisa, a hospitalização por vezes é prolongada, podendo originar além dos declínios físicos e psicológicos, surgimento de comorbidades e fatalmente o óbito (CASTRO et al, 2013; SILVEIRA et al, 2013; SOUZA et al, 2014; MARQUES et al, 2014).

Estudo realizado em Curitiba, entre 2005 e 2007, quando as ICSAP – sob análise descritiva de dados disponíveis em Sistema de Informação Hospitalar – evidenciou predominância no sexo feminino e em idades iguais ou superiores a 65 anos (REHEM, et. al., 2013). A pesquisa realizada na cidade de Dois Irmãos/RS em 2016, concluiu que das internações por ICSAP ocorridas em 2015, 46% foram de idosos com idade superior a 60 anos ou mais (KUHN, 2016). Sabe-se que idosos acima de 80 anos apresentam alta prevalência de morbimortalidade, dificultando por vezes a identificação de casos de internações potencialmente evitáveis.

Os autores Bós e Kimura (2015), realizaram um estudo sobre as ICSAP em idosos em um hospital universitário do RS em 2013, e evidenciaram que 78,8% dos idosos estavam na faixa etária 80 – 89 anos e 61,7% eram do sexo feminino, concluíram que os fatores preditivos para





óbito hospitalar em longevos foram: hospitalização pelo SUS, faixa etária maior de 95 anos e hospitalização por outras condições que não as ICSAP.

Em relação aos capítulos do CID- 10 e relacionada a ICSAP, na tabela 2 observa-se que 49,4% são consideradas doenças do aparelho respiratório, destaque para Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) que aparece em 15 dos laudos analisados. As comorbidades do aparelho circulatório foram responsáveis por 21,7% das internações, com ênfase na hipertensão arterial que apresentou um total de 07 casos. O acidente vascular cerebral foi responsável por 12% das internações.

Tabela 2 - Causas de internações por condições sensíveis a atenção primária de idosos, segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e faixa etária

CID - 10	80-89 anos	90-99 anos	100 anos ou mais	Total
Doenças aparelho respiratório	28	09	04	41
Doenças aparelho circulatório	16	02	0	18
Doenças cerebrovasculares	09	01	0	10
Diversos	12	02	0	14
Total	65	14	04	83

Fonte: autores (2018)

No estudo realizado por Backes (2017), evidenciou que a faixa etária que apresentou maior percentual de ICSAP em 2016, no município de Ivoti/RS, foi com 60 anos ou mais, num total de 145 internações (60,51%), ou seja, mais da metade, tendo como maior ocorrência de causas as pneumonias bacterianas (25%), insuficiência cardíaca (16,57%), doenças pulmonares (12,51%).

As doenças do aparelho circulatório se mostraram como as principais causas de ICSAP de idosos 21,3% em 2000 e 16,9% em 2010, além dos casos de DPOC. Frente a estes resultados ações voltadas para redução do tabagismo e controle das DPOC entre os idosos e em processo de envelhecimento poderiam diminuir as internações por essas causas. Entre idosos de 65 anos ou mais, que fumam até um maço de cigarros por dia, espera-se que com a interrupção do hábito de fumar haja um aumento de dois anos na expectativa de vida (MARQUES, 2012).

As internações de idosos por Condições Sensíveis à Atenção Primária em Santa Catarina entre 2008 e 2015, concluiu que as causas mais prevalentes foram: insuficiência cardíaca, doença pulmonar obstrutiva crônica e doenças cerebrovasculares. As patologias do sistema





cerebrovasculares são um agravante de saúde pública no Brasil. Nos indivíduos acima de 60 anos, representam a principal causa de morte e incapacidade. Além de gerar impacto financeiro para as famílias e ao sistema de saúde, ocasionando hospitalizações prolongadas, o acidente vascular encefálico (AVE) é responsável por elevadas taxas de mortalidade e apresenta efeitos tardios, tais como o grau de deficiência motora, depressão pós-AVE, redução da função cognitiva e, conseqüentemente, a redução da qualidade de vida (MOURA; CASULARI, 2015; RODRIGUES, 2017).

Segundo Gouveia (2016), idosos maiores de 85 anos e institucionalizados apresentam uma probabilidade de atendimentos nos serviços de emergência por condições sensíveis a atenção primária e que a taxa de internação com a população nessa faixa etária é dez vezes maior, se comparada à de adultos.

CONCLUSÃO

Levando em consideração o envelhecimento natural e conseqüente surgimento de patologias de base ou associadas, suas comorbidades, tende-se a reforçar uma maior procura por atendimento e conseqüentemente internações, impulsionando para a importância da atuação dos profissionais das equipes de saúde no desenvolvimento de ações estratégicas para a prevenção e promoção da saúde, contribuindo diretamente para a para redução de ICSAP.

Avaliar as ICSAP é uma notável ferramenta para gestão em saúde, na medida em que possibilita a identificação das principais causas sensíveis à intervenção dos serviços de saúde. Contudo apesar de haver uma melhora nos indicadores de saúde da atenção básica, ainda se faz necessário ampliar investimentos na saúde pública com enfoque na prevenção de agravos.

REFERÊNCIAS

BACKES, C. Diagnóstico de internações passíveis de intervenção na atenção básica no município de Ivoti – RS. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 221, de 17 de abril de 2008. Publica a lista brasileira de internações por condições sensíveis à atenção primária. Diário Oficial da União, Brasília, p. 70, 18 abr. 2008.

_____. Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 out. 2011.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

_____. Secretaria-Executiva. Departamento de Regulação, Avaliação e Controle de Sistemas. PNAS: Programa Nacional de Avaliação de Serviços de Saúde. Brasília : Ministério da Saúde, 2015.

CASTRO, et al. Perfil de internações hospitalares de idosos no âmbito do sistema único de saúde. *Rev Rene*, v.14, n.4, p. 791-800, 2013.

GÓIS, A. L. P.; VERAS, R. P. Informações sobre a mortalidade hospitalar em idosos nas internações do Sistema Único de Saúde do Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*, v.15, n.6, p.2859-69, 2010.

GOUVEIA, L. P. G. P. Internações por condições sensíveis à atenção primária nos municípios mineiros com população superior a 100.000 habitantes, 2000 a 2013. 81f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Nutrição. Departamento de Nutrição. Programa de Pós-Graduação em Saúde e Nutrição. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Projeção da população por sexo e idade para o período de 2000/2060; Projeção da população das unidades da federação por sexo e idade para o período 2000/2030. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

KUHN, B. J. B. Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária no Município de Dois Irmãos – RS: O Enfermeiro na Avaliação e Gestão da Atenção Primária. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2016.

MARQUES, Aline Pinto et al. Internação de idosos por condições sensíveis à atenção primária à saúde. *Revista de Saúde Pública*, v. 48, n. 5, p. 817-826, 2014.

MAQUES, Aline Pinto. Análise das causas de internação de idosos segundo a classificação de Condições Sensíveis à Atenção Primária: estudo da evolução temporal no Estado do Rio de Janeiro. 71f. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2012

MOURA, Mirian; CASULARI, Luiz Augusto. Impacto da adoção de medidas inespecíficas no tratamento do acidente vascular cerebral isquêmico agudo em idosos: a experiência do Distrito Federal, Brasil. *Rev Panam Salud Publica*, Washington, v. 38, n. 1, p. 57-63, jul. 2015.

NUNES, Everardo Duarte. Saúde coletiva: história recente, passado antigo. In: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa et. al. (orgs). *Tratado de Saúde Coletiva*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012. p: 17-37.

REHEM, T.C.M.S.B. et al. Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária em uma metrópole brasileira. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 47, n. 4, p. 884-890, Aug. 2013.

RODRIGUES, M. M. Hospitalizações de idosos por condições sensíveis a atenção primária. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Florianópolis, 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SILVEIRA, Rodrigo Eurípedes da et al. Gastos relacionados a hospitalizações de idosos no Brasil: perspectivas de uma década. Einstein (São Paulo), São Paulo, v. 11, n. 4, p. 514-520, dez. 2013.

SOTTI, C.W.; BRISCH, S.V.; TOSO, B. R. G. O. Perfil de Internações por Condições Sensíveis a Atenção Primária (ICSAP) em Menores de um Ano. Universidade Estadual Oeste do Paraná. UNIOESTE. Campos de Toledo, PR. 2014

SOUZA, Andréa dos Santos et al. Atendimento ao idoso hospitalizado: percepções de profissionais de saúde. Ciência, Cuidado e Saúde, v. 12, n. 2, p. 274-281, 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

IDENTIDADE NERD E CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS

NERD IDENTITY AND MEDIA CONVERGENCE

MARÃO, Marco (Universidade Federal de Santa Maria)

NUNES, Lucas (Universidade Federal de Santa Maria)

Resumo: A identidade *nerd* tem se transformado ao longo do tempo. O termo, inicialmente associado a um valor pejorativo, tem adquirido um status mais aceitável diante do grande público em um cenário de convergência midiática no qual o nerd constitui um perfil desejável de consumidor para as indústrias midiáticas. Esse artigo tem como objetivo resgatar alguns conceitos desse grupo cultural e problematizar sua transformação no atual cenário midiático.

Palavras-chave: Identidade. Nerd. Cultura. Convergência.

Abstract: The nerd identity has been changing over time. The word, at first associated to a pejorative quality, has been achieving a more acceptable status to the general public into the media convergence context where nerd is the kind of consumer that media industries desire. This paper intends to recover some concepts about this cultural group and discuss its transformation in contemporary media context.

Keywords: Identity. Nerd. Culture. Convergence

INTRODUÇÃO

Os Estudos Culturais tem contribuído para o reposicionamento do debate sobre o papel da cultura na sociedade contemporânea, assim como trouxe novas problematizações acerca dos meios de comunicação. De acordo com Williams (1992) cultura entende-se como todo um modo de vida dotado de significações, portanto ela está em todas as formas da atividade social, caracterizando-se por sua dimensão coletiva que pode ser adquirida por meio de processos inconscientes. Assim, de acordo com a perspectiva dessa corrente teórica, ela é expressada por meio de discursos e representações, sendo parte fundamental para a produção de significados em um terreno de lutas e negociações entre os grupos envolvidos (FRANÇA; SIMÕES, 2017). De acordo com Williams (2003) a cultura está ligada às relações interpessoais dos sujeitos e é por meio delas que eles expressam sua identidade, definida pelo autor como uma narrativa que os sujeitos constroem sobre si mesmos e o modo como as formas culturais influenciam sua autoimagem, formada por meio de significados presentes nos discursos.

O conceito de convergência de mídias proposto por Jenkins (2009) problematiza a maneira como os meios de comunicação influenciam os modos de vida da sociedade, as relações interpessoais e a conformação das identidades em um momento de reorganização, fusão e/ou interdependência desses meios através de múltiplos suportes midiáticos em função das mudanças tecnológicas potencializadas pela aceleração digital, implicando também em uma transformação da relação entre a indústria cultural e o público. Levando em conta a preocupação





dos Estudos Culturais em discutir a importância dos meios massivos para manutenção da hegemonia dos grupos dominantes (WILLIAMS, 2003), tendo em vista que o poder não diz respeito somente ao material, mas ao domínio do simbólico (HALL, 1997) e uma vez que a cultura é fundamental para conformação das identidades, o presente artigo propõe em um primeiro momento resgatar historicamente o conceito de *identidade nerd*, estreitamente vinculada aos usos, apropriações das mídias e ao consumo de produtos a elas atrelados, alinhando-se em vários aspectos à noção de *fandom*. A partir disso propõe-se discutir sobre como a identidade *nerd* tem se distanciado de uma denotação negativa para ser visto pelo grande público como algo positivo ou até desejável e como essa mudança tem sido abraçada pelas indústrias midiáticas no cenário da convergência por alinhar-se aos seus interesses.

Desse modo, o aporte teórico adotado será o dos Estudos Culturais e, como metodologia, uma pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos que serão trabalhados. O objetivo central é evidenciar como certos aspectos de uma cultura podem sofrer transformações de acordo com interesses de grupos hegemônicos e o papel dos meios de comunicação nesse processo a partir da problematização proposta acerca da identidade *nerd* e da convergência de mídias.

DESENVOLVIMENTO

A IDENTIDADE NERD

Para compreensão do conceito de identidade associada aos meios de comunicação, necessita-se abordar o termo *representação*, uma vez que as mídias fornecem discursos com sistemas de representação que “constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem falar e se posicionar” (HENRIQUES, 2015, p. 27). Enninger (2015) ressalta a importância dos meios nesse processo por conta da sua presença intrínseca no cotidiano social, enfatizando o papel da televisão. As construções simbólicas, noções de pertencimento a grupos e/ou nações, questões de gênero, classes sociais e etnia referem-se a processos identitários (XAVIER ALVEZ, 2016).

De acordo com Martino (2014) a identidade é constituída através de um complexo sistema de comunicação criado pela cultura de cada sujeito. Para Henriques (2016) trata-se das características que identificam os sujeitos e os posicionam em determinado grupo social. Para Hall (2006) e Woodward (2000) as identidades se consolidam pela marcação de diferenças, por meio de oposições binárias. “Elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao ‘forasteiro’ ou ao outro, isto é, relativamente ao que não é” (WOODWARD,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

2000, p. 49). É justamente pelo caráter de resistência a uma opressão social (ao outro), a imposição de padrões físicos e comportamentais vigentes que se constituiu a chamada identidade *nerd*.

De acordo com Santos (2014, p. 15) “cultura nerd, como se configura nos dias de hoje, é construída com base na expertise tecnológica e no consumo midiático, fatores fundamentais da formação da identidade pessoal e cultural dos *nerds*”. Desse modo, as reconfigurações nos modos de consumo, distribuição e produção de conteúdos midiáticos também tem gerado implicações a própria constituição identitária do *nerd*, mas para aprofundar tal debate é necessário um resgate histórico a respeito do termo como originalmente concebido.

De acordo com Santos (2014) e Lacombe (2012) a palavra *nerd* tem sua origem no livro *If I Ran the Zoo*, escrito por Theodor Seuss Geisel, como apelido de uma criatura inventada pelo personagem infantil Gerald. Para Yokote (2014) a palavra seria uma sigla para *Northern Electric Research and Development* (NERD), um laboratório de tecnologia canadense onde um grupo de jovens utilizava a sigla na estampa de camisetas da empresa. Para o autor, outra possível origem para o termo está vinculada as universidades estadunidenses *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e *Rensselaer Polytechnic Institute*, tendo surgido entre os anos 1960 e 1970 como uma gíria utilizada por estudantes para se referir a alunos que preteriam festas para estudar. Desse modo, o termo seria a representação oral da palavra em inglês *drunk* (bêbado) dita ao contrário: *knurd*. De acordo com Santos (2014, p. 15) os sujeitos pertencentes a essa cultura:

são conhecidos por levar hábitos de consumo da infância e adolescência (jogos eletrônicos, revistas em quadrinhos e coleções diversas) para a fase adulta, [...] principal apelo da chamada cultura pop, também é marca registrada desse fenômeno, sendo os objetos de consumo e narrativas preferidas dos nerds normalmente associados a infância e adolescência.

Para Stangherlin et al. (2012) *nerd* é um adjetivo para definir pessoas com baixo status social e grande capacidade intelectual. Essa capacidade estaria direcionada em excesso aos hobbies desses sujeitos, que consistem em colecionar revistas em quadrinhos, tecnologias ou videogames. Fernandes e Rios (2011) corroboram essa denotação, pois ressaltam que o termo designa pessoas obcecadas por algum assunto específico que tem dificuldades em interagirem socialmente e cuja cultura esta ligada ao consumo de produtos da cultura pop. Assim, o consumo demonstra grande importância para os integrantes desse grupo social, pois é através





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

dele que esses sujeitos se reconhecem como nerds e constroem sua identidade e personalidade (SANTOS, 2014).

Para Galvão (2009), além da caracterização comportamental há a representação física, que geralmente consiste em sujeitos pálidos, muito acima ou muito abaixo do peso, com acnes na pele e que usam óculos de aros espessos e aparelhos ortodônticos. Para o autor, as representações midiáticas ao longo dos anos reforçaram esse estereotipo físico e comportamental, mostrando-os de maneira cômica e pejorativa, como sujeitos frágeis e alvos de *bullying*.

OS NERDS E A CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS

De acordo com Jenkins (2009) e Fechine (2014), a convergência de mídias vem trazendo efeitos ainda não totalmente conhecidos. No que diz respeito a televisão, meio de comunicação de maior penetração social, ela tem sofrido uma fusão com outros suportes midiáticos como celulares e computadores. O consumo, nesse contexto, está associado a participação do receptor na internet, que torna-se cada vez mais crítico, produz conteúdos e participa do próprio processo de circulação de produtos midiáticos (JENKINS; FORD; GREEN, 2014). Assim, para as indústrias de entretenimento, o potencial econômico de um produto não pode mais ser definido apenas por índices de audiência em uma transmissão televisiva, mas ao valor de mercado atribuído a ele. Isso envolve a vinculação do consumidor para além de um contato inicial, seja através de consumo de merchandising derivado de algum programa ou interessando-se ao ponto de comentar sobre este em redes sociais online ou mesmo produzir conteúdos associados ao que assiste. Ou seja, no cenário de convergência o foco está na fidelização do público. Para atingir esse objetivo, as indústrias tem adotado, de acordo com Lopes (2011) algumas estratégias, como a produção de conteúdos transmidia. Para Mittel (2015) tratam-se de conteúdos complementares ao texto de um produto central, feitos para diferentes mídias em diferentes formatos. Desse modo, o envolvimento de um receptor televisivo, por exemplo, se estenderia à internet, livros, jogos ou outras mídias.

A identidade do *nerd* é caracterizada justamente pelo envolvimento com produtos midiáticos, aproximando-o da noção clássica de fã. Para Jenkins (1992) os fãs nos anos 70 eram representados pelo estereótipo do *nerd*. O termo fã seria uma derivação da palavra fanático, portanto ele era visto como um sujeito patológico e marginal ao padrão comportamental vigente. O fandom, na visão conservadora da época, seria composto por mulheres, tidas como





muito emocionais e pouco racionais ou homens pouco viris, frágeis, com o perfil clássico do *nerd*.

Na contemporaneidade o termo *fã*, de acordo com Fechine (2014), passa a designar apreciadores de produtos midiáticos de diferentes comunidades de interesse. A participação, outrora sinônimo de patologia, é estimulada e vista como uma prática comum associada ao consumo midiático. Assim, os *fãs* passam a ser cortejados pelas indústrias de entretenimento, seja para agenciamento de práticas de propagação ou para mapeamento de demandas (JENKINS, 2009). O *nerd*, associado ao *fã*, passa a ser visto como descolado. De acordo com Santos (2014) o termo *nerd* vem sendo ressignificado desde o seu surgimento e atualmente tem ganhado espaço popular e atribuições positivas. Essa transformação fez despontar o adjetivo *geek*: o sujeito que interessa-se por tecnologias, computadores, revistas em quadrinhos, ficção científica e jogos. Ele pode, inclusive, ter uma aparência desejável socialmente.

Essa transição valorativa pode ser vista através da evolução das próprias representações midiáticas dos *nerds*: da visão estereotipada no cinema através do filme *A Vingança dos Nerds* de 1984 (LACOMBE, 2012) à humanização desses sujeitos na série *The Big Bang Theory* em 2007 (YOKOTE, 2014). Tais representações, como parte de discurso intelectual e imaginativo, são classificadas por Williams (2003) como a cultura registrada de uma sociedade. Ao longo da história, os costumes, valores e sistemas de significados foram compreendidos a partir de registros como pinturas, livros e outros utensílios do cotidiano. Os produtos de mídia fornecem, portanto, um rico registro da sociedade contemporânea. Para o autor, a cultura se modifica ao longo do tempo e aquilo que fica registrado será pautado por uma tradição seletiva que é fortemente influenciada por grupos dominantes dos quais as indústrias midiáticas fazem parte. Esse processo está vinculado, de acordo com Gomes (2011) ao conceito de hegemonia que Raymond Williams toma emprestado de Antonio Gramsci. Para Williams, o poder não é imposto coercitivamente, mas empregado de maneira mais sutil através da produção do senso comum e naturalização de práticas. Ela perpassa instituições, relações sociais e a consciência dos sujeitos. Deve, assim, ser entendida como um processo que organiza o consenso.

CONCLUSÃO

Nesse artigo procurou-se resgatar o conceito de identidade *nerd* e como essa noção transformou-se ao longo do tempo, indo de encontro a algumas lógicas da indústria cultural no cenário da convergência de mídias. Para isso realizou-se uma revisão de literatura acerca do





assunto, estabelecendo-se um paralelo entre o conceito de identidade nerd e algumas implicações do contexto de convergência. Ao longo da revisão de literatura constatou-se que as representações midiáticas dos nerds modificaram-se junto com a transformação de algumas noções associadas ao termo perante o grande público. Esses sujeitos deixaram de ser representados e associados ao estereótipo de um sujeito frágil, desajeitado e excessivamente reverente aos produtos de mídia que cultua para serem tidos como descolados. Notou-se, também, que essa mudança ocorreu paralelamente às transformações culturais e tecnológicas que caracterizam a convergência de mídias. À medida em que os fãs tornam-se sujeitos mais ativos no circuito comunicativo midiático, os *nerds*, cujas barreiras identitárias podem ser confundidas com a noção de identidade do fã, legitimam seu capital social e cultural nesse novo contexto, mas ao mesmo tempo também legitimam interesses das indústrias culturais.

Julgou-se necessário, então, estabelecer uma relação entre o exposto e alguns conceitos chave dos Estudos Culturais a respeito da manutenção da hegemonia e sua relação com as transformações culturais da sociedade, pois a alteração dessa identidade tem relação direta com a mudança na forma como ela é representada nos discursos midiáticos, uma vez que as identidades se utilizam desses discursos para sua conformação.

Tendo em vista que alterações identitárias de grupos são marcadas por crises e tensões (HALL, 1997), considera-se pertinentes problematizações acerca das disputas de sentidos dentro desse grupo cultural. De acordo com Miranda (2016), à medida em que a designação nerd se amplia e agrega outras camadas da sociedade, fatias conservadoras apegadas ao caráter de resistência à exclusão social outrora vigente exaltam preconceitos de gênero contra mulheres, enfatizando uma cultura machista presente nesse grupo, e de classe ao legitimarem um status ligado ao poder de consumo de produtos midiáticos. Assim, para melhor compreensão de toda a discussão abordada, considera-se pertinentes estudos etnográficos de audiências, com ênfase em grupos de fãs, assim como análises discursivas de suas representações midiáticas.

REFERÊNCIAS

ENNINGER, Rossana Zoot. **Análise cultural do telejornalismo local: representação e identidade na RBS TV Santa Rosa.** 2015.

FECHINE, Yvana. **Transmídiação e cultura participativa: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas brasileiras.** In: *Contracampo*. Niterói, v. 31, n. 1, p. 5-22, dez./mar., 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FRANÇA, Vera V; SIMÕES, Paula G. **Curso básico de Teorias da Comunicação.** Autêntica, 2017.

GALVÃO, Danielle Pini. Os nerds ganham poder e invadem a TV. **Revista Científica Intr@ciência**, Guarujá 1, 2009, 34-41.

GOMES, Itania Maria Mota. Raymond Williams e a hipótese da estrutura de sentimento. In: GOMES, Itania Maria Mota; JANOTTI JUNIOR, Jader. **Comunicação e estudos culturais.** Salvador: eDUFBA, 2011. (p.29-48)

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HENRIQUES, Mariana Nogueira. **Identidade gaúcha:** representações de gênero nos programas regionais Bah! / Mariana Nogueira Henriques. - 2016. 139 f. ; 30 cm

JENKINS, Henry. **Textual poachers:** television fans and participatory culture. New York: Routledge, 1992.

_____. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão:** criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

LACOMBE, Ana Carolina Ruas. O mundo é dos nerds: a representação midiática dos jovens deslocados no Brasil. **Anagrama:** Revista Científica Interdisciplinar da Graduação 5.4 (2012).

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de et al. Ficção televisiva transmidiática: temáticas sociais em redes sociais e comunidades virtuais de fãs. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil:** plataformas, convergência, comunidades virtuais. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Comunicação e identidade:** quem você pensa que é? São Paulo: Editora Paulus, 2014.

MIRANDA, Kirk Douglas Guedes de. O nicho como organização efêmera: uma análise sobre a comunicação e o comportamento dos nerds com relação a consumo, diversidade e ativismo. Brasília: UNB, 2015.

MITTEL, Jason. **Complex TV:** the poetics of contemporary television storytelling. New York: New York University Press, 2015.

RIOS, Rosana; FERNANDES, Luis Flavio. **Enciclonórdia:** Almanaque de cultura nerd. Panda Books, 2012.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SANTOS, Patrícia Matos. **O nerd virou cool:** consumo, estilo de vida e identidade em uma cultura juvenil em ascensão. 2014. Dissertação de mestrado.

STANGHERLIN, A. J. M.; MACHADO, G. M.; TREVISO, R. B. P. **Estereótipos nas produções audiovisuais americanas:** características e contexto social. Puc-POA, 2012. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/trabalhos-academicos-de-psicologia/4538625>> Acesso em: 15 abr. 2018

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **La larga revolución.** 1. Ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003

WOODWARD, K. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** 1º e. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

XAVIER ALVEZ, Juan Francisco. **Meios e medos:** representações sobre infratores nos telejornais uruguaios. / Juan Francisco Xavier Alves.- 2016. 121.

YOKOTE, G. K. L. **O mundo dos nerds:** imagens, consumo e interação. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2014.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A INTERDISCIPLINARIDADE NA EQUOTERAPIA

INTERDISCIPLINARITY IN EQUOTHERAPY

Marcos Antonio Oliveira (Feevale)

Gustavo Roesse Sanfelice (Feevale)

Resumo: A equoterapia, é definida pela ANDE/Brasil como sendo: um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais. Além disso, diversas são as aprendizagens promovidas pelos cuidados dedicados aos cavalos, lições estas que são transferidas para diversos âmbitos da vida destas crianças. Assim, a relação das crianças com os equinos revela categoricamente um universo de aprendizados que são explorados ao longo de toda a sua existência. A prática da equoterapia é um processo interdisciplinar. No entanto, muitas vezes ainda não está claro o que vem a ser um trabalho interdisciplinar para os profissionais que trabalham nesta área. Esta pesquisa analisou os sentidos da interdisciplinaridade para os profissionais das áreas de Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Equitação, Pedagogia e Psicologia que trabalham com a equoterapia no Centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo no IFRS Campus Sertão.

Palavras-chave: Equoterapia, Interdisciplinaridade, Profissionais

Abstract: Equine therapy is defined by ANDE / Brazil as: A therapeutic and educational method that uses the horse within an interdisciplinary approach, in the areas of health, education and riding, seeking the biopsychosocial development of people with disabilities and / or needs special. In addition, several are the learning promoted by the care dedicated to horses, these lessons that are transferred to different areas of the life of these children. Thus, the relation of children to equines reveals categorically a universe of learning that is explored throughout its existence. The practice of equine therapy is an interdisciplinary process. However, it is often still unclear what comes to be an interdisciplinary work for practitioners working in this area. This research analyzed the meanings of interdisciplinarity for the professionals of Physical Education, Physiotherapy, Speech, Hearing, Pedagogy and Psychology who work with equine therapy at the Horse Creole Center in the IFRS Campus Sertão.

Keywords: Equine therapy, Interdisciplinarity, Professionals

INTRODUÇÃO

A equoterapia por si só é uma prática interdisciplinar, onde acontece o envolvimento de no mínimo três áreas: saúde, educação e equitação, promovendo então o trabalho de reabilitação do praticante (Medeiros, 2008).

E o que torna a equipe de equoterapia interdisciplinar é justamente o fato de os profissionais atuarem juntos e com o praticante, cada um dentro de sua abordagem específica, tendo o mesmo objetivo, sendo este definido em reuniões prévias da equipe de forma organizada e propositiva.

Os profissionais devidamente habilitados para desenvolver a equoterapia, têm como principal função “apresentar” o cavalo ao praticante. O cavalo, assim, em uma relação estabelecida com as crianças, por meio da ludicidade, aliada ao esporte, por exemplo, pode contribuir imensamente para o seu desenvolvimento sensorial, cognitivo e comportamental.





Desta forma, as crianças que possuem a oportunidade de desenvolver-se em meio a experiências junto aos cavalos e a demais animais e pastagens, especialmente em espaços rurais, poderão usufruir de todos estes benefícios desta relação.

Além disso, diversas são as aprendizagens promovidas pelos cuidados dedicados aos cavalos, lições estas que são transferidas para diversos âmbitos da vida destas crianças. Assim, a relação das crianças com os equinos revela categoricamente um universo de aprendizados que são explorados ao longo de toda a sua existência. Em função disso o objetivo deste texto foi analisar os sentidos da interdisciplinaridade para os profissionais das áreas de Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudióloga, Equitação, Pedagogia e Psicologia que trabalham com a equoterapia no Centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo no IFRS Campus Sertão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Neste trabalho abordamos a perspectiva da interdisciplinaridade por meio da equoterapia, como um aliado na inclusão social de pessoas com deficiências como uma estratégia em busca dos ganhos com a prática da terapia com cavalos ou, simplesmente, Equoterapia.

Questões sobre a prática interdisciplinar, na área da saúde, são motivos de diversas discussões. Mais recentemente, com a expansão da equoterapia, as questões têm se voltado para os profissionais que atuam nesta área, a formação profissional contribui para a participação em equipes interdisciplinares e os significados que a prática equoterápica têm para os mesmos.

Para se trabalhar com equoterapia, é necessário no mínimo um profissional de cada área (Equitação, Educação e Saúde) podendo ser: Instrutor de Equitação, Psicólogo e Fisioterapeuta e/ou Terapeuta Ocupacional, podendo participar da equipe outros profissionais como Fonoaudiólogo, Pedagogo e Educador Físico. De acordo com a ANDE-Brasil (2016), a equipe multidisciplinar é indispensável no trabalho de equoterapia, pois, o ser humano é global, e o principal desafio é considerar o paciente como um todo, não como um órgão lesado; ou uma patologia definida, a ser tratada por determinado profissional.

Através de cada membro da equipe de equoterapia, temos o conhecimento técnico de cada profissão, e o seu parecer sobre as condições de determinado paciente, com objetivos comuns a serem desenvolvidos, tratando-o integralmente de forma interdisciplinar.

Para Bernardo (1998), a compreensão do ser humano como um ser integral não pode mais ser contestada, atualmente as formas de tratamento precisam acompanhar esse pressuposto básico.

Para Silva (2009) “a aceitação e a valorização da diversidade, a cooperação entre diferentes e a aprendizagem da multiplicidade são, assim, valores que norteiam a inclusão social, entendida como o processo pelo qual a sociedade se adapta de forma a poder incluir,





em todos os seus sistemas, pessoas com necessidades especiais e, em simultâneo, estas se preparam para assumir o seu papel na sociedade” (p. 144).

Mazzota e D’Antino (2011, p. 385) colocam que a inclusão ocorre na vida social em algum espaço instituído ou estruturado, seja na família, na escola ou em qualquer outra forma de organização social. A proximidade de uns com os outros e a sua interação viabilizam a afirmação da pessoa com deficiência como sujeito, e é esse o ponto fundamental da necessidade e importância da inclusão social para todos.

A Equoterapia só pode ser feita após a avaliação médica, psicológica e fisioterapêutica e deve ser desenvolvida por equipe multidisciplinar. O acompanhamento do praticante pode ser individual ou em grupo. Nessa modalidade de tratamento o cavalo é usado como instrumento cinesioterapêutico, pedagógico, promovedor de inserção social. O objetivo é ampliar o repertório comportamental do praticante e proporcionar ajustamento emocional, reduzindo assim a ansiedade (PEÑA, 1997).

Com o desenvolvimento das atividades interligadas a um programa de equoterapia, através das inúmeras vivências psicomotoras, há o fortalecimento da confiança, da agilidade e mobilidade, atividades essas desenvolvidas e devidamente organizadas pela equipe interdisciplinar de profissionais habilitados para a prática da Equoterapia.

MÉTODO

O estudo aqui apresentado, pode ser classificado como uma pesquisa quantitativa/qualitativa, com abordagem descritiva. Utilizou a metodologia de análise descritiva e de falas acerca de um estudo de caso.

O Estudo de caso é uma estratégia metodológica que avalia ou descreve situações dinâmicas em que o elemento humano está presente. Busca-se apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto, mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado (Martins, 2008).

Para Yin (2001, p.24) trata-se de uma metodologia válida, utilizada quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e em situações nas quais o foco se encontra em fenômenos complexos e contemporâneos, inseridos no contexto da vida real.

Além do embasamento bibliográfico e da observação in loco, a pesquisa fez uso da aplicação de questionários aos profissionais que atuam durante as atividades no Centro de





Equoterapia do Cavalo Crioulo do IFRS – Campus Sertão. O questionário contemplou questões abertas e de múltipla escolha, onde os profissionais puderam expressar opiniões, atitudes e anseios quanto ao projeto e a própria política de inclusão das pessoas com deficiência.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As atividades da Equoterapia sempre são desenvolvidas por uma equipe multidisciplinar e após a avaliação médica do praticante. Esta pesquisa considerou a resposta de 18 profissionais que atuam no Centro de Equoterapia do Cavalo Crioulo do IFRS –Campus Sertão, como disposto no Quadro 1. Primeiramente, investigamos o perfil de cada participante do estudo. Na Tabela 1, apresenta-se outro dado deste prisma.

Foram distribuídos 25 questionários, durante o mês de outubro de 2017, dos quais obteve-se resposta em 18 deles. O quadro 1 apresenta brevemente o perfil dos atores desse trabalho.

Quadro 1 - Perfil dos sujeitos pesquisados

Profissão dos Sujeitos	Número de profissionais	Instrumento de Coleta de Dados aplicado
Bolsistas/estagiários	04	Questionário
Psicólogos	02	Questionário
Fisioterapeutas	02	Questionário
Educadores	04	Questionário
Pedagogos	01	Questionário
Fonoaudiólogos	02	Questionário
Outras	03	Questionário
Total	18	Questionário

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

A observação foi sistemática, em condições controladas e responderam a propósitos pré-estabelecidos. Em duas questões específicas do questionário utilizou-se escala Likert para quantificar as opiniões e o entendimento dos sujeitos envolvidos.

Segundo Sanches, Meireles e De Sorri (2011), o uso de escala Likert no método qualitativo visa a interpretação e síntese da informação obtida, onde cada fator pesquisado envolve um determinado número de proposições e onde os respondentes agem como sensores, a fim de relacionar o projeto de Equoterapia e o crescimento nos aspectos psicomotores e das habilidades sociais à inclusão social dos praticantes.

Os resultados foram tabulados através de tabelas, quadros e texto, onde procurou-se preservar na íntegra as falas dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Nas questões com escala Likert, basicamente, converteu-se as escolhas dos pesquisados de cada fator em percentuais.





Tabela 1 - Período de tempo que trabalha/convive com pessoas com deficiência

Número de Anos	Número de Profissionais (%)
Menos de 1	11,1
Um a 2	27,8
De 2 a 5	38,9
De 5 a 10	0
Mais de 10	22,2
Total	100

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Quanto ao tempo de trabalho, verifica-se que a maioria dos profissionais (38,9%) se encontra na faixa de 2 a 5 anos. Há quase uma igualdade no número de entrevistados com um a 2 anos e os que tem mais de 10 de anos de trabalho. No contexto da Inclusão Social das pessoas com deficiências, De Frana, Pagliuca e Baptista (2008) lembra que essa política é um instrumento de efeito a longo prazo, que envolve vários atores, inclusive no campo das decisões e que requer implementação, execução e avaliação.

Considerando o tempo de trabalho e o envolvimento desses profissionais, questionou-se sobre a importância da política pública de inclusão social. As principais falas estão compiladas no Quadro 2. Infelizmente, nem todos os participantes responderam o questionário, nas questões abertas.

Quadro 2 – Apreensão dos profissionais quanto a importância da política de inclusão social das pessoas com deficiência

Profissionais	Falas
P1	<i>[...] as pessoas com deficiência se reabilitam com o convívio social através das pessoas que trabalham e dão atenção à elas.</i>
P2	<i>[...] à inserção de pessoas com alguma especificidade às escolas de ensino regular e ao mercado de trabalho, visto que tem condições de adaptação tanto quanto qualquer indivíduo. Além de se sentirem parte da sociedade.</i>
P4	<i>Para que as pessoas sem deficiência convivam e por partes acabar com o preconceito que ainda existe nos dias de hoje.</i>
P5	<i>As leis são excelentes, mas não é de acesso e conhecimento universal ainda, já melhorou muito, porém não é "jogando" pessoas em ambientes comuns que se faz inclusão, se não houver acessibilidade e ferramentas para exercer os direitos não há inclusão. (Grifo nosso)</i>
P7	<i>É uma política que favorece o acesso dos deficientes ao convívio social, educacional e também no trabalho, aumentando as possibilidades e a autoestima tanto para a pessoa especial quanto aos seus familiares.</i>
P8	<i>A lei (política) é muito boa e completa, mas ela tem que ser seguida por todos. Infelizmente em algumas situações é só no papel. Os familiares precisam saber seus direitos e assim cobrar dos políticos.</i>
P10	<i>Importantíssima para crianças com pouca renda ou classes menos favorecidas, assim melhoram seu convívio com a sociedade em geral.</i>
P11	<i>Significa que precisamos ter consciência de que somos todos seres humanos e que temos os mesmos direitos e deveres enquanto cidadãos. Ninguém é igual a ninguém, somos seres únicos e exclusivos e consequentemente com diferenças que precisam e devem ser respeitadas, valorizadas e reconhecidas por todos. Somos unidos de sensibilidade humana. (Grifo nosso)</i>
P16	<i>[...] melhor qualidade de vida para as pessoas com deficiência e seus familiares.</i>





P17	<i>[...]isso aumenta a autoestima destas, ajuda na relação com outros seres, sem contar que pode auxiliar na evolução do quadro da deficiência de cada uma. E em relação aos demais envolvidos a inclusão de pessoas com especificidades ensina uma nova forma de ver estas pessoas com mais respeito e compreensão. (Grifo nosso)</i>
P18	<i>Acredito que esse é o caminho para ajudar pessoas que tem alguma dificuldade.</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

A Equoterapia, como já vimos, tratando-se de um ambiente rico em estímulos sensoriais, motores e afetivos, proporciona melhoras não só nas aptidões psicomotoras e de aprendizagem, mas, também ajudam essas crianças a se desenvolverem como pessoas, afetando de forma colateral suas famílias. Analisando o Quadro 3, onde foram relacionadas diversas falas dos praticantes, observamos a visão familiar, o P11 relata como momento marcante “*a alegria dos praticantes e a esperança no olhar das mães*”, o que evoca todas as perspectivas e anseios que permeiam as atitudes dos pais quando se refere aos filhos com deficiência e o tratamento.

Quadro 3 - Relato de algum momento marcante durante as atividades de equoterapia

Profissionais	Falas
P1	<i>A alegria de ver uma criança conseguir executar um movimento em que tinha dificuldade de fazê-lo e melhorar a cada passo, isto deixa toda equipe emocionada. (Grifo nosso)</i>
P2	<i>Um praticante diagnosticado com DM (deficiência mental) grave e Transtorno psicótico, com dificuldade de pronuncia ao realizar as sessões cantou a música da APAE, mesmo com dificuldade demonstrou esforço e dedicação deixando-me bastante emocionada. (Grifo nosso)</i>
P5	<i>Todos os dias temos surpresas e desafios e se percebe o vínculo, o amor no primeiro dia, no primeiro atendimento; assim como o sofrimento de deixar a prática na alta.</i>
P7	<i>Autonomia em conduzir o cavalo.</i>
P8	<i>Ficamos motivados pela rápida evolução dos alunos pois o progresso é percebido nas Primeiras sessões.</i>
P10	<i>[...] a rápida evolução e desempenho dos alunos que praticam, assim nos envolvemos para Melhorar cada vez mais nas sessões de equoterapia.</i>
P11	<i>[...] a alegria dos praticantes e a esperança no olhar das mães é muito mais forte. (Grifo nosso)</i>
P13	<i>Toda semana acontecem momentos importantes, difícil elencar apenas um. (grifo nosso)</i>
P16	<i>[...]uma gargalhada de praticante com limitações físicas e de fala, um abraço de um praticante que não aceitava contato físico. (grifo nosso)</i>
P17	<i>Bom um fato que muito me marcou foi o de uma praticante com síndrome de Down que tem muito medo de altura, e a pouco dias pela primeira vez subiu a rampa de acesso a monta nos cavalos, para ela e para nós foi uma grande vitória e o sentimento de gratidão grande!</i>
P18	<i>Acredito que toda vez que um praticante monta para começar a sessão são emocionantes pois, apresentam dificuldades diferentes e cada uma é uma história diferente não tem como não se emocionar com a força de vontade que eles nos demonstram. (grifo nosso)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Outros dois entrevistados, comentaram sobre o sentimento de contentamento dos praticantes, onde o P1 recorda “*a alegria de ver uma criança conseguir executar um movimento em que tinha dificuldade de fazê-lo e melhorar a cada passo, isto deixa toda equipe emocionada*” e o P18 que fala sobre “[...]uma gargalhada de praticante com limitações físicas





e de fala, um abraço de um praticante que não aceitava contato físico”. Reflete-se aqui, qual o nível de socialização das crianças relatadas pelo P18, com dificuldades de fala e que não aceitava contato físico, o que reforça a importância de se trabalhar as habilidades sociais para a inclusão na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostraram que para a maioria dos participantes o conhecimento sobre a interdisciplinaridade ocorreu por meio de sua prática profissional, e não pelos conteúdos discutidos nas disciplinas durante a sua graduação. Outro aspecto importante é que a maioria descreveu o processo interdisciplinar com clareza e o considerou essencial para a sua prática profissional.

Outra questão relevante é que segundo os participantes o ambiente da equoterapia favorece a interdisciplinaridade. No entanto, também foi identificado pelo relato dos profissionais que a interdisciplinaridade nas equipes estava relacionada aos profissionais graduados, muito embora na equipe participasse profissionais de nível técnico.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA - ANDE - BRASIL. Curso Básico de Equoterapia. – Brasília: 2016.

BERNARDO, M. H. A Equipe Interdisciplinar na Comunidade Terapêutica. **Revista Brasileira de Neurologia**, R.J. v.34, março, 1998.

DE FRANA, I. S. X., PAGLIUCA, L. M. F., BAPTISTA, R. S. (2008) **Política de Inclusão de Deficiência: possibilidades e limites**. Acta Paul Enferma. 21(1), p. 112-116.

MARTINS, G. A. (2008) Estudo de Caso: **Uma Reflexão sobre a Aplicabilidade em Pesquisas no Brasil**. RCO – Revista de Contabilidade e Organizações – FEARP/USP, v. 2(2), p. 8 - 18.

MAZZOTA, M. J. S., D’ANTINO, M. E. F. (2011) **A Inclusão Social de Pessoas com Deficiência e Necessidades Especiais: cultura, educação e lazer**. Saúde Soc. São Paulo, v.20(2), p.377-389.

MEDEIROS M, Dias E. **Equoterapia: noções elementares e aspectos neurofisiológicos**. Rio de Janeiro, RJ: Revinter, 2008.

PEÑA, M. D. D. J. Interdisciplinaridade Questão de Atitude. In: FAZENDA, I.C.A. (Org.). **Práticas Interdisciplinares na escola**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 57-77.

SANCHES, C., MEIRELES, M., De SORDI, J. (2011) **O Análise Qualitativa Por Meio da Lógica Para consistente: Método de Interpretação e Síntese de Informação obtida**





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Por Escalas Likert. In: III Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. João Pessoa/PB.

Yin, R. K. (2001) **Estudo de Caso, planejamento e métodos.** 2.ed. São Paulo: Goodman, pp. 212.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TRANSFORMAÇÕES CONFSSIONAIS EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS

CONFSSIONAL TRANSFORMATIONS IN PUBLIC INSTITUTIONS

Marcos Iob Boldrini (Feevale)

Valdir Pedde (Feevale)

Resumo: o objeto de nosso é os debates e conflitos ocorridos em torno dos espaços religiosos dos hospitais públicos de Porto Alegre. O objetivo é analisar, do ponto de vista sociológico, os conflitos em torno desses espaços e de que forma os agentes públicos têm administrado e negociado a modelagem desses locais, promovendo sua desconfessionalização. A pesquisa evidenciou uma tendência de desconfessionalização dos espaços religiosos nos onze hospitais públicos de Porto Alegre a partir do início da década de 2000. Da hegemonia católica, estes locais vêm sendo transformados em espaços inter-religiosos. A desconfessionalização observada é, portanto, uma descatholicização dos espaços de culto.

Palavras-chave: Secularização 1. Laicidade 2. Espaços religiosos 3. Hospitais públicos 4.

Abstract: the object of our study is the debates and conflicts which happened about the religious spaces of public hospitais of Porto Alegre. The goal is to analyze, from a sociological point of view, the conflicts around these spaces and in which way public agents have managed and negotiated the modeling of these locations, promoting its deconfessionalization. The research evidenced the tendency of deconfessionalization of the religious spaces in eleven public hospitais of Porto Alegre since the beginning of the 2000s. From the Catholic hegemony, these places have being transforming into interreligious spaces. The observed deconfessionalization is, therefore, a decatholicization of the worship spaces.

Keywords: Secularization 1. Laicity 2. Religious spaces 3. Public hospitais 4.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objeto de estudo os debates e conflitos ocorridos em torno dos espaços religiosos dos hospitais públicos de Porto Alegre. O objetivo é analisar, do ponto de vista sociológico, como ocorreram esses conflitos e de que forma os agentes públicos têm administrado e negociado a modelagem desses espaços, promovendo sua desconfessionalização. Esse fenômeno é compreendido como a subtração da representação religiosa de um local de culto, que passa a apresentar uma neutralidade religiosa simbólica, isto é, que não remete a uma crença específica.

A classificação dessas instituições como hospitais públicos foi baseada nas observações de campo, nas conversas com agentes públicos e nas entrevistas. Foram considerados hospitais públicos aqueles cujas administrações estão legalmente vinculadas à esfera estatal e respondem





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

diretamente às leis pertinentes ao poder público. Esses hospitais são considerados um espaço público, uma extensão do domínio estatal.

O fenômeno da desconfessionalização foi analisado através da polêmica em torno da desativação da capela existente no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) em junho de 2010. Afirmando o princípio da laicidade estatal presente na Constituição Federal, a direção decidiu não renovar o contrato assinado com a mantenedora católica responsável pela assistência espiritual do hospital. Os agentes católicos também ocupavam a capela, considerada ecumênica pela direção. A Arquidiocese de Porto Alegre reagiu alegando não ter sido avisada da decisão e afirmou ser a capela um espaço católico sob seu domínio. O motivo repercutiu fora do hospital e se tornou a questão pivô do presente estudo. O trabalho, porém, não se restringe ao estudo desse caso: analisa a presença e a regulação dos espaços religiosos em outros hospitais da cidade.

A justificativa para realizar este trabalho reside em dois pontos principais. Primeiro, existe maior visibilidade pública da religião na política e na sociedade civil através da ação pública de agentes religiosos e secularistas¹. Segundo, o trabalho refere-se à emergência de um debate público envolvendo a relação entre política e religião e os grupos citados. Nesse estudo observa-se que a Igreja Católica é vista como o grupo dominante nas atividades religiosas dos hospitais públicos. Assim, os agentes secularistas e minorias religiosas procuram atuar com o objetivo de dissolver essa predominância e estabelecer uma atividade religiosa plural e não confessional, promovendo a desconfessionalização dos espaços de culto católicos. Esses agentes encontram, na estrutura administrativa do Estado e dos hospitais, mecanismos para a pluralização religiosa com base no princípio laico de igualdade religiosa.

Este trabalho tem como metodologia as visitas a campo e as entrevistas. Foram selecionados para ela presidentes e diretores dos hospitais públicos, seus assessores, personagens que detinham a história oral das instituições e autoridades responsáveis pela assistência religiosa. No total, foram realizadas vinte entrevistas entre fevereiro de 2011 e janeiro de 2012, sendo todas presenciais e registradas com um gravador eletrônico, e diversas conversas informais para coletar informações.

¹ Chamamos de “secularistas” os agentes que trabalham pela subtração da expressão religiosa na sociedade como um todo, como nos espaços públicos, promovendo sua secularização. Para Peter Berger, secularização é “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (1985, p. 119).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Para entender o que foi observado nas saídas de campo, temos de compreender a relação religião-política e a ação de religiosos e do Estado na esfera pública. A bibliografia estudada analisa os conceitos de secularização, laicidade e Estado laico.

O Estado é um indutor e condutor do processo de secularização, podendo também se desdobrar em laicização. Peter Berger define secularização como o “declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência” (BERGER, 1985, p. 119), afetando também a esfera subjetiva, do pensamento. Segundo Fernando Catroga o processo de laicização é derivado da secularização. “Se toda a laicidade é uma secularização, nem toda a secularização é (ou foi) uma laicidade” (CATROGA, 2006, p. 273). Afirma que a secularização abrange diversos setores da sociedade, enquanto que a laicidade refere-se ao Estado e do ensino.

Roberto Blancarte define laicidade como um regime onde se estabelece a liberdade de consciência, a autonomia política a igualdade perante a lei. Assim, o Estado laico é aquele que “já não responde nem está a serviço de uma doutrina religiosa ou filosófica particular, senão ao interesse público, isto é, o interesse de todos, manifestado na vontade popular.” (BLANCARTE, 2008, p. 9). A laicidade, porém, não é um termo de simples definição. Para Giumbelli ela é uma “categoria que vem acompanhada pela multiplicação de seus significados” (2014, p. 187). No caso do Brasil, apesar de haver uma referência direta à laicidade no artigo 19 da Constituição de 1988, os estudiosos consideram haver uma “quase-laicidade” (MARIANO, 2011; CATROGA, 2006), definido pela constante presença de elementos religiosos na esfera estatal. Deve-se também levar em consideração a formação predominantemente católica de sua identidade nacional (DELLA CAVA, 1975; FREYRE, 2006; MONTEIRO, 2009). Por isso não há uma distinção clara entre as esferas pública e religiosa no Brasil, onde se articulam um Estado “moderno” e uma sociedade “tradicional” (GIUMBELLI, 2004). Da mesma forma, a laicidade é reclamada pelos agentes públicos como forma de lidar com embates políticos entre grupos religiosos e laicos, mesmo ela não sendo um valor central da república (MARIANO, 2011). Quando os princípios da laicidade são acionados para demarcar as esferas pública e religiosa, muitas vezes prevalece a concepção laica de neutralidade e igualdade de todos perante a lei (VALLARINO-BRACHO, 2005) e não de separação Estado-Igreja. Daí a concepção de isonomia entre as religiões, que está explícito no





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

artigo 5 da Constituição Federal. Neste contexto realizou-se o trabalho sobre os espaços religiosos em hospitais públicos de Porto Alegre.

DESENVOLVIMENTO

ESPAÇOS RELIGIOSOS: CARACTERÍSTICAS DAS MUDANÇAS E REAÇÃO CATÓLICA

Ao se verificar qual o grau de autonomia que hospitais públicos têm para tratar do espaço religioso, foi possível registrar três características comuns neste trato. Primeiro, a maioria deles tende a formar espaços inter-religiosos com base no princípio da laicidade presente na Constituição Federal. Seus administradores enfatizam o tratamento igualitário de pacientes e funcionários hospitalares proposto pelas políticas do SUS, como a Política Nacional de Humanização (PNH). Este foi o ponto destacado agentes públicos nas administrações da maioria dos hospitais. Também foi o principal argumento em defesa da transformação dos espaços religiosos católicos em ecumênicos ou inter-religiosos. A seguir, alguns exemplos, começando por Carlos, assessor da presidência do hospital de Clínicas:

No Brasil a liberdade religiosa existe, o Estado é laico. Ele não pode se associar especificamente, pagar para uma entidade religiosa. Então a direção do hospital se deu conta da inconstitucionalidade. (...) Nisso o hospital agiu absolutamente de acordo com a conduta legal. (...) ...o direito de usá-la exclusivamente, (...) de colocar imagens e decorá-la como se fosse [ênfase] uma capela daquela religião, esse direito é contestado. Concordas? Não é? Uma vez que é uma capela ecumênica e está dentro de um espaço público. (Entrevista de 21/03/2011)

João, então assessor da diretoria do Grupo Hospitalar Conceição (GHC):

Bom, se puder ter o espaço aberto para todos, nós achamos aqui que é um ganho, e isso não tira o caráter laico. (...) Mas é uma expressão de manifestação de respeito e de valorização exatamente de uma dimensão que é... (...) No Brasil é cultural. Qualquer proposta política que não reconheça a existência desse substrato religioso do povo brasileiro, não precisa nem ser expressão religiosa, é uma estupidez. (Entrevista de 03/03/2011)

Geraldo, funcionário do Hospital da Brigada Militar:

Mesmo sendo luterano. Porque eu acho que não tem nada a ver... sabe? Todos adoramos a Deus. Todos adoramos a Jesus Cristo. (...) ... hoje nós estamos mudados, o mundo mudou, então tem que fazer uma coisa mais... (...) Porque nem sempre o que morre é católico. Então, a gente quer fazer uma coisa ecumênica. (Entrevista de 18/08/2011)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A segunda característica comum é o início da mudança dos espaços religiosos: todos ocorreram na década de 2000, o que mostra ser este um fenômeno recente. Isso pode ser explicado pela ação mais efetiva dos agentes estatais, dos membros das religiões minoritárias, como as africanas, e por uma política promovida pelo Governo Lula (2003-2010). Estes fatores ficaram claros na análise dos espaços religiosos do Grupo Hospitalar Conceição, que criou a Comissão Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (CEPPIR/GHC), vinculada ligada ao Ministério da Igualdade Racial, instituído em 2003. Em 2007, foi demolida a capela católica do Cristo Redentor e criou-se um espaço inter-religioso; em 2002, a capela do Hospital Conceição foi renomeada de Espaço Ecumênico e, logo em seguida, de Espaço Inter-Religioso; no Fêmnia foi criado um pequeno espaço inter-religioso em 2010 em substituição de um local de culto improvisado. Nos três casos o Fórum Inter-Religioso² e a ação da CEPPIR foram responsáveis pela criação desses espaços, e o PNH foi a base dessas mudanças.

Outro hospital a realizar a mudança foi o Pronto Socorro. A capela ecumênica fora demolida em torno de 2002 devido a reformas no hospital. O projeto de ampliação contemplava um espaço inter-religioso a ser construído segundo diretrizes do PNH. No Clínicas, apesar do impasse envolvendo a direção e a Arquidiocese de Porto Alegre, um novo espaço inter-religioso está contemplado na ampliação ainda em andamento do hospital. Até o momento permanece a capela católica, considerada ecumênica pela direção, e que deveria ter sido desativada em 2010.

As transformações de espaços religiosos católicos provocaram muita resistência por parte de membros dessa religião. O principal agente dessas reações foi o então arcebispo de Porto Alegre Dom Dadeus Grings. Quando comentei sobre caráter ecumênico da capela, Dadeus respondeu enfaticamente:

Não, não, não. Aí, não! (...) É católica. Sempre foi católica. Como nós temos nos outros hospitais também. Porque a Igreja, quem dá autorização para uma capela católica é a Arquidiocese. Então, ela fez isso lá. Isso foi já há mais de trinta anos atrás, (...). E eles pediram o direito de ter uma capela lá, então, católica. (Entrevista de 20/05/2011)

O padre Cláudio Damé comentou a reação do colega sobre o fim da capela do Cristo Redentor:

² Órgão ligado à direção do GHC responsável por oferecer assistência religiosa a pedido do paciente. É composto por lideranças religiosas distintas que atuam de forma voluntária.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Ele nunca aceitou a destruição da capela. (...) E eu tentei fazer com que ele entendesse isso... (...) E aí houve a promessa da construção de uma capela nova e tal, até, eu acho que para deixar o padre mais sossegado, né? Mas ele infernizou a mim, ao Dom Dadeus... (Entrevista de 28/07/2011.)

De um frei capuchino, responsável pela assistência religiosa no Sanatório Partenon, quando houve a desativação da capela entre 2002 e 2003:

Então, nós somos 100 anos que estamos lá dentro! E de repente entra essas ideias aí de pessoas agnósticas, ou ateus, ou com interesses agressivos contra a Igreja, contra o padre, sei lá. (...) Mas chegou uma diretoria lá e de repente destituiu a igreja, desativou a capela e ficou sem nada. (...) ‘Olha aqui a minha nomeação.’ Então, o diretor foi muito gentil: ‘Não. Tudo bem.’ ‘Nós temos direito... adquirido. São cem anos, mais de cem anos que estamos lá dentro com capela.’ E me deu aquela salinha... (Entrevista de 28/10/2011).

Quando da ausência de um espaço religioso, a iniciativa fica por conta de fiéis católicos. Como contou uma enfermeira do Hospital Presidente Vargas:

As pessoas sentem falta. Geralmente quando a gente está, quando as pessoas estão doentes, a gente mesma, a tendência maior é a gente se voltar para essa parte mais espiritual, mais... tentar um socorro do alto. (...) Não são poucas as pessoas que fazem essa pergunta: “E aí? A capela não volta? E aí? Não vai dar jeito?” Eu gostaria muitíssimo. Eu e acho que muitas outras pessoas. (Entrevista de 25/07/2011)

CONCLUSÃO

DESCATOLICIZAÇÃO E CRIAÇÃO DE ESPAÇOS INTER-RELIGIOSOS

A pesquisa evidenciou uma tendência de desconessionalização dos espaços religiosos nos onze hospitais públicos de Porto Alegre. Espaços de cultos católicos foram exclusivos nesses hospitais ao longo do século XX até pouco depois do ano 2000, sendo o fenômeno estudado muito recente. A desconessionalização observada nesse trabalho é, portanto, um processo de descatholicização dos locais de culto. O quadro abaixo apresenta a situação dos hospitais públicos de Porto Alegre pesquisados até 2012.





Tabela 1. Espaços religiosos dos hospitais públicos

Hospital (fundação/ inauguração)	Espaço religioso	Tipo original e tipo atual (de acordo com o hospital)	Caráter atual	Ano de instalação do último espaço	Plano para um novo espaço (tipo)
Clínicas (1971)	Sim	Ecumênico / Ecumênico	Católico	1982	Sim (inter.)
Cristo Redentor (1956)	Sim	Católico / Inter-religioso	Inter-religioso	2008	Não (manter)
Conceição (1962)	Sim	Católico / Inter-religioso	Católico	1962	Não (manter)
Criança Conceição (1966)	Não	---	---	---	---
Fêmeina (?)	Sim	Católico / Inter-religioso	Inter-religioso	2010	Sim (inter.)
Exército (1890)	Sim	Católico / Católico	Católico	2007	Não (manter)
São Pedro (1874)	Sim	Católico / Católico	Católico	Anos 80/90	Não (manter)
Sanatório (1909)	Sim	Católico / Católico	Católico	2001/2002	Sim (ecumênico ou inter.)
Brigada Militar (1897)	Sim	Católico / Católico	Católico	1998	Sim (ecumênico)
HPS (1944)	Não	Católico / Não há	---	1992 (retirado em 2002)	Sim (inter.)
Presidente Vargas (1947)	Não	Católico / Não há	---	Após 2005 (retirado logo em seguida)	Sim (há a intenção; católico)

Fonte: pesquisa de campo do autor

Uma forma das administrações hospitalares de promover a desconfessionalização dos espaços de culto foi tirar proveito do QualiSUS. Os agentes públicos o usam como *meio* de reformar um hospital e o local de culto. Conclui-se que a mudança no espaço religioso é facilitada pela combinação de uma política que a promova (PNH) com outra que a viabilize na prática (QualiSUS), criando meios técnicos que driblem os religiosos.

Subtração de capelas católicas e substituição por espaços inter-religiosos, mudanças na década de 2000, aplicação do PNH como forma de lidar com a religiosidade. Essas três características prevaleceram nos hospitais que realizaram a desconfessionalização dos espaços religiosos, havendo em quase todos os casos resistência por parte dos católicos, tanto do clero quando de leigos.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, Pe. Alberto. As Religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000. **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, 2003. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/i_antoni.htm> Acesso em: 5 dez. 2010.

BARROSO, Véra Lucia Maciel; KLEIN, Ana Inez (Org). **Memórias do Hospital Cristo Redentor – 50 anos**. Porto Alegre: EST, 2007. 464 p.

BERGER, Peter. A dessecularização do Mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, abr./2000. Disponível em:

<<http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/desseccularizacaoLERR.pdf>>

Acesso em: 8 jul. 2010.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 195 p.

BLANCARTE, Roberto. **Para entender El Estado laico**. Primera edición. Mexico, D.F.: Nostra Ediciones, 2008. 78 p.

CASANOVA, José. **Public Religions in the Modern World**. Chicago and London: The University Chicago Press, 1994. 301 p.

CATROGA, Fernando. **Entre Deuses e Césares**: secularização, laicidade e religião civil. Uma perspectiva histórica. Coimbra: Almedina, 2006. 508 p.

CHEUICHE, Edson Medeiros. **“Linha de tempo” (1874 a 1957)**. Secretaria da Saúde. Disponível em: <<http://www1.saude.rs.gov.br/dados/1326202340912INTERNET%20-%20Linha%20de%20tempo%20HPSP.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2011.

DELLA CAVA, Ralph. Igreja e Estado no Brasil do século XX: Sete Monografias Recentes sobre o Catolicismo Brasileiro, 1916/64. **Revista Estudos Cebrap**, n. 12, p. 6-52, 1985.

ESPAÇO ABERTO. **HCPA debate espiritualidade e diversidade e propõe criação de Espaço de Espiritualidade**. Porto Alegre: Hospital de Clínicas, n. 30, Maio/Junho 2010.

FATOS em foco. **Capela ecumênica**. Porto Alegre: Hospital de Clínicas, ano VI, n. 12, dezembro de 1982.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006. 728 p.

GIUMBELLI, Emerson. Religião, Estado e modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. **Revistas Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 47-62, dez. 2004.

GIUMBELLI, Emerson. **Símbolos religiosos em controvérsias**. Terceiro Nome. São Paulo, 2014. 248 p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Brigada Militar**. Disponível em: <<http://www.brigadamilitar.rs.gov.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2011.

GRUPO HOSPITALAR CONCEIÇÃO. Disponível em: <<http://www.ghc.com.br>> Acesso em: 22 mai. 2011.

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE. **Empresa Pública Hospital de Clínicas de Porto Alegre**: Disposições legais. 2011.

HOSPITAL MILITAR DE ÁREA DE PORTO ALEGRE. Disponível em: <<http://www.hgepa.eb.mil.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira. Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas**, v. 11, n. 2, p. 235-258, maio-ago. 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Biblioteca Virtual em Saúde. **Política Nacional de Humanização**. PNH. 1ª edição. Brasília-DF, 2013. 16 p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **QualiSUS-Rede**. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/portal-legis/legislacao-historica/constituicoes-antiores-1>. Acesso em: 29 mar. 2018.

MONTEIRO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica**. Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Lisboa, maio 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v13n1/v13n1a02.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2012.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Portal da Legislação**. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/legislacao/portal-legis/legislacao-historica/constituicoes-antiores-1>> Acesso em: 29 mar. 2018.

SECRETARIA DA SAÚDE. Disponível em: <http://www.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp>. Acesso em: 5 out. 2011.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **Prefeitura Municipal de Porto Alegre**. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?p_secao=175>. Acesso em: 12 ago. 2011.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA DO EXÉRCITO. Departamento-Geral do Pessoal. Exército brasileiro. **Ministério da Defesa**. Disponível em: <<http://www.dgp.eb.mil.br/portalsarex/sarexdgp.asp>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

TSCHANNEN, Olivier. The Secularization Paradigm: A Systematization. **Journal of the Scientific Study of Religion**, vol. 30. n. 4, p. 395-415, 1991.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

VALLARINO-BRACHO, Carmen. Laicidad y Estado moderno: definiciones y procesos.
Cuestiones Políticas, n. 34, p. 157-183, enero-junio de 2005.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O PERFIL VOCACIONAL DE ALUNOS CONCLUINTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS

THE VOCATIONAL PROFILE OF GRADUATING OF ELEMENTARY SCHOOL
STUDENTS OF MUNICIPAL PUBLIC SCHOOLS

Marcus Levi Lopes Barbosa (Universidade Feevale)¹

Sara Kleinschmitt (Universidade Feevale)²

Aline Bonini Reis Pedroso Diehl (Universidade Feevale)³

Resumo: A maturidade vocacional é uma etapa a ser cristalizada, em geral, até o início da idade adulta, sendo a adolescência uma fase de exploração. Nela as possibilidades de conhecimento, tentativas e transição de preferências profissionais são intensas. Tendo isso em vista, foi realizado uma pesquisa correlacional com estudantes entre 13 e 19 anos ($m = 14,58$; $DP = 0,73$) a fim de identificar uma descrição de perfis vocacionais prevalentes, bem como proporcionar um momento de reflexões acerca do assunto. O instrumento utilizado foi o Inventário Tipológico de Interesses Vocacionais (ITIP-96), interpretado com base no Modelo Hexagonal de Holland (HOLLAND, 1997). Com base nas estatísticas descritivas apuradas foi possível identificar que a personalidade vocacional Social é o de maior prevalência ($m = 34,39$; $DP = 12,35$), seguido das personalidades dos tipos Empreendedor ($m = 33,51$; $DP = 11,12$) e Investigador ($m = 32,30$; $DP = 13,03$). A personalidade vocacional Realista foi a menos prevalente na amostra ($m = 25,78$; $DP = 11,11$). Tais resultados contribuem com a identificação do perfil vocacional dos adolescentes da região e oferecem subsídios para ações social assertivas e discussões científicas em relação ao processo de escolha profissional na adolescência.

Palavras-chave: Adolescência. Escolha profissional. Personalidades Vocacionais. Inventário Tipológico de Interesses Vocacionais.

Abstract: Vocational maturity is a stage to be crystallized, usually the beginning of adulthood, with adolescence as a stage of exploration. In it the possibilities of knowledge, the attempts and the transition of access are intense professionals. With this in view, a process of selection of a series of prevalent vocational profiles was carried out between the ages of 13 and 19 ($m = 14.58$; $SD = 0.73$), as well as a moment of reflection on the subject matter. The instrument was used in the Inventário Tipológico de Interesses Vocacionais (ITIP-96), interpreted based on the Dutch Hexagonal Model (HOLLAND, 1997). Based on the descriptive companies, it was possible to identify him as a professional character of the Social series ($m = 34.39$, $SD = 12.35$), a series of personalities of the Entrepreneur types ($m = 33.51$, $SD = 11.12$) and Investigator ($m = 32.30$, $SD = 13.03$). The Realistic vocational personality was the least prevalent in the sample ($m = 25.78$, $SD = 11.11$). These results have contributed with an identification of the vocational profile of the adolescents of the region and a subsidy for assertive social actions and resistant to the process of professional choice in adolescence

Keywords: Adolescence. Choose professional. Vocational Personalities. Inventário Tipológico de Interesses Vocacionais.





INTRODUÇÃO

Holland (1997) descreveu seis categorias de personalidades vocacionais de acordo com os interesses dos sujeitos. Tais categorias classificam as profissões de acordo com as funções que lhes são próprias e relaciona os tipos de pessoas com o trabalho exercido nas mesmas. As categorias denominadas realista (R), investigador (I), artístico (A), social (S), empreendedor (E) e convencional (C) compõem o Modelo Hexagonal de Holland que explica as possibilidades de relações entre os diferentes tipos de personalidades. Dispostos em um hexágono, sua distância é proporcional às suas semelhanças, formando um perfil de geralmente três dos tipos citados, e as potenciais relações são observáveis nos pares adjacentes e, em menor nível, nos alternados. (HOLLAND, 1997)

Tomando esta teoria como base, realizou-se o presente estudo com estudantes concluintes do ensino fundamental a fim de avaliar as preferências profissionais pouco antes do início da nova etapa de vida que ingressarão, no ensino médio, onde a escolha profissional certamente entrará em plano. Com os dados colhidos, foi possível identificar uma descrição de perfis vocacionais prevalentes na amostra. Este resultado e as discussões geradas a partir deles podem contribuir com o desenvolvimento e orientação profissional dos mesmos.

MÉTODO

AMOSTRA

A amostra foi composta por 103 adolescentes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas de uma cidade do Vale dos Sinos, com idades entre 13 e 19 anos ($m = 14,58$; $DP = 0,73$), sendo 54 (52,4%) do sexo masculino e 49 (47,6%) do sexo feminino.

INSTRUMENTO

Os sujeitos da pesquisa responderam o Inventário Tipológico de Interesses Vocacionais (ITIP-96) composto por uma folha com 96 descrições de atividades profissionais, um quadro de respostas e uma folha com o gráfico final e descrição sumária dos tipos de personalidade vocacional acompanhado de exemplos de profissões. Nele os adolescentes informaram seu nível interesse em cada uma delas através de uma escala *Likert* de 1 ponto (profundo desinteresse) a 5 pontos (profundo interesse). O instrumento foi construído por Balbinotti (2004) e busca identificar e compreender os interesses profissionais interpretando-os segundo





a tipologia de interesses e de Personalidades Vocacionais de John Holland (RIASEC). Nesse sentido, as Personalidades Vocacionais podem ser classificadas de acordo com o interesse atribuído em cada atividade em seis categorias distintas e relacionáveis, quais sejam: realista (R), investigador (I), artístico (A), social (S), empreendedor (E) e convencional (C) (HOLLAND, 1997).

PROCEDIMENTO

Os inventários foram respondidos em grupo e com consentimento verbal dos alunos no período regular de aula. Eles foram aplicados por duplas de acadêmicos da iniciação científica, os quais realizaram contato prévio com a escola para agendamento.

Nos dias de aplicação executou-se o *rapport* inicial com os alunos, refletindo em relação ao objetivo da atividade e orientando sobre a forma de resposta do instrumento. Após o preenchimento do quadro de respostas, os alunos calcularam seus escores em cada personalidade vocacional e identificaram os três escores mais altos, ainda sob supervisão dos acadêmicos de iniciação científica. Os adolescentes puderam permanecer com o seu gráfico final e a descrição dos tipos de personalidades vocacionais, a fim de aprofundarem sua reflexão nas áreas de interesse profissional. A equipe de iniciação científica ficou com os demais formulários e as informações do quadro de respostas foram mensuradas para obter as análises desejadas através do IBM SP SS *Statistics*.

RESULTADOS

Com base nas estatísticas descritivas apuradas através das respostas dos jovens ao ITIP-96 foi possível identificar que a personalidade vocacional Social é o de maior prevalência ($m = 34,39$) no contexto avaliado, seguido dele, as personalidades Empreendedor ($m = 33,51$) e Investigador ($m = 32,30$). Em contrapartida, a personalidade vocacional Realista foi o menos prevalente na amostra ($m = 25,78$). A Tabela 1 apresenta os dados obtidos dispostos nas demais dimensões.





Tabela 1. Estatística descritivas do perfil vocacional dos adolescentes avaliados

Dimensões	Realista (R)	Investigador (I)	Artístico (A)	Social (S)	Empreendedor (E)	Convencional (C)
Média	25,78	32,30	31,38	34,39	33,51	30,54
Desvio Padrão	11,11	13,03	12,53	12,35	11,12	11,41
Máximo	59	66	65	63	60	59
Mínimo	14	14	14	14	14	14

Fonte: o autor

Quanto ao desvio padrão, observamos que estão adequados em todas as dimensões avaliadas uma vez que se encontram abaixo da metade do valor da média (ver Tabela 1). Complementando isto, o valor mínimo observado em cada dimensão foi idêntico ao mínimo esperado (que é de 14 pontos). Em relação às máximas obtidas, observa-se que elas variaram de 59 a 66 (ver Tabela 1). Nenhum deles apresentou a máxima esperada de 70, ou seja, a pontuação de 5 na escala Lickert para todas as questões de uma única dimensão.

DISCUSSÃO

Na amostra verificada, constatamos que a personalidade vocacional do tipo Social é a mais prevalente. Nesse sentido, os sujeitos podem se identificar mais com atividades que envolvem o relacionamento com outras pessoas, evitando tarefas que exijam manipulação de máquinas e/ou ferramentas. Eles têm maior interesse em atividades que se relacionam com a expressão de cooperação, empatia e bem-estar do próximo. Além disso, elas têm um comportamento característico de escutar, ajudar, compreender e conduzir. Profissões como psicólogo estão relacionadas à essa personalidade vocacional, além de assistente social, professor, enfermeiro, cabelereiro, entre outras que exijam competências nas relações humanas. (HOLLAND, 1997)

Da mesma forma, as personalidades do tipo Empreendedor e Investigador obtiveram altos níveis de prevalência entre os adolescentes da amostra. Para o tipo de personalidade vocacional Empreendedor também estão relacionadas atividades de relacionamento com outras pessoas, no entanto estão mais voltadas para o sentido de dirigir e/ou influenciar. Atividades metódicas que exijam observações meticulosas e sistemáticas normalmente não os atraem. Suas competências concentram-se em maior escala em liderança e persuasão e geralmente demonstram ser autoconfiantes, extrovertidos e sociáveis. Advocacia, administração de empresas, líderes como um todo, vendedores e representantes comerciais são profissões que se relacionam com esta personalidade vocacional. (HOLLAND, 1997)





Já a personalidade vocacional do tipo Investigador não se assemelha tanto aos interesses dos tipos mencionados anteriormente (Social e Empreendedor) no que diz respeito às relações humanas. São sujeitos que normalmente preferem atividades de observação e estudo aprofundado, tendo um comportamento mais reservado, discreto e independente. Contudo, podem vir a se relacionar com os tipos Social e Empreendedor a medida que canalizam seu perfil analítico e intelectual a fim de colaborar para que as outras pessoas compreendam os fenômenos que estuda. São exemplos de profissões com tais características médicos, farmacêuticos, economista, peritos, astrônomos, entre outros. (HOLLAND, 1997)

É comum que se constate um maior número de perfis moderadamente diferenciados, com um ou dois tipos dominantes. Um aspecto a ser considerado ao interpretar os escores brutos do ITIP-96 é seu nível de diferenciação. É possível que ocorra de um perfil ser muito diferenciado. Nesses casos, o sujeito apresenta um escore bruto dominante, claramente mais elevado do que os outros cinco tipos de personalidades vocacionais. Ao contrário, no caso de um perfil sem significado, verifica-se pouca diferença entre os seis escores brutos. (BALBINOTTI, 2004)

Para perfis muito diferenciados na adolescência, com potenciais correlações entre pares adjacentes e até opostos, as concepções teóricas desenvolvimentistas de Super (1942) podem contribuir à compreensão. Sendo a maturidade vocacional uma etapa a ser cristalizada em geral até o início da idade adulta, o período da adolescência constitui-se em uma fase de exploração. Nela as possibilidades de conhecimento, tentativas e transição de preferências são intensas. Dessa forma, interesses dispostos de forma não padronizada e ordenada, muito diferentes um do outro, podem ser mais comuns nesta fase, o que vem a gerar fortes correlações entre tais pares na avaliação da tipologia de interesses em adolescentes. (SUPER, 1942; BALBINOTTI, 2003) Corroborando com tal compreensão um estudo que concluiu que o nível de maturidade de jovens de 14 a 19 anos encontra-se na média para realizar as suas escolhas e que há o aumento da determinação dos alunos para tal escolha conforme o aumento de sua idade. (CERICATTO, ALVES et al., 2017)

Ainda é possível observar que o baixo nível de prevalência na personalidade vocacional Realista (ver Tabela 1) demonstra coerência no que diz respeito ao perfil da tipologia de interesses verificada na amostra. Uma vez que sujeitos Realistas tendem a ter preferência em atividades mais práticas, concretas e dogmáticas, que não exijam tantas competências sociais,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

geralmente apresentam um comportamento antagônico aos dos tipos Social e Empreendedor, personalidades que prevaleceram entre os adolescentes participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi avaliar o perfil vocacional dos adolescentes concluintes do ensino fundamental de uma cidade da região do Vale dos Sinos, obtendo como produto um descritivo da tipologia prevalente de interesses profissionais e empregabilidade deles. Concluiu-se que as personalidades vocacionais dos tipos Social, Empreendedor e Investigador se destacaram em termos de prevalência de interesses, nesta ordem.

Paralelo a isso, através do espaço de reflexão consequente da execução do ITIP-96, foi possível proporcionar a tais adolescentes, que se encontram em fase de exploração dos interesses profissionais, o início do reconhecimento de seus interesses profissionais. Os alunos em questão estavam na posição de concluintes do ensino fundamental, nos últimos dias de aula, momento em que haviam grandes apostas para o futuro. Nitidamente, o aproveitamento e o valor atribuído ao momento por eles foram positivos.

Além disso, a identificação do perfil vocacional dos adolescentes da região contribui social e cientificamente. De um lado, os resultados obtidos contribuem para elaboração de ações eficazes que diminuam a evasão escolar no ensino médio e universitário ao passo que fornecem subsídios para uma orientação profissional assertiva para estes jovens, reconhecendo a fase do desenvolvimento que estão assim como seus autênticos interesses. Com igualdade, as informações aqui lançadas podem corroborar com a atualização na estrutura das organizações e na geração de empregos já que, através delas, é possível conceber um futuro panorama de trabalhadores.

Por outro lado, uma vez que utilizado um instrumento científico para obter as conclusões necessárias, este estudo coopera com o aprimoramento de análises possíveis através do ITIP-96, bem como com a amplificação de sua aplicabilidade. Da mesma forma, pode abastecer os estudos sobre a adolescência e escolha profissional, assunto vastamente discutido na atualidade e alimentado por diferentes perspectivas em busca de um consenso.

REFERÊNCIAS

BALBINOTTI, Marcos Alencar Abaide. A noção transcultural de maturidade vocacional na teoria de Donald Super. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 16, p. 461-473, 2003.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BALBINOTTI, Marcos Alencar Abaide. **Inventário Tipológico de Interesses Profissionais ITIP-96**. 2004.

BECKER, Daniel. **O que é a adolescência**. Tatuapé, SP, Brasil: Editora Brasiliense, 2017. 104p.

CAVALCANTE, Thayane Maria Deodato; DE CHIARO, Sylvia et al. Construção de sentidos na escolha profissional de jovens: reflexões a partir da perspectiva sócio-histórica. **Revista Tema**. CESED – Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento, Campina Grande, Brasil. Jan. Dez./ 2014. Online. Disponível em: <<http://revistatema.facisa.edu.br/index.php/revistatema/article/view/253>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

CERICATTO, Camila; ALVES, Cássia Ferazza, et al. A maturidade para a escolha profissional em adolescentes do ensino médio. *Revista de Psicologia da IMED Passo Fundo, Brasil*. Nov. 2017. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/1487/1330>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

HOLLAND, John Lewis. **Making vocational choices: a theory of vocational personalities and work environments**. Odessa, United States of America: Psychological Assessment Resources, 1997, 3ed. 303p.

SARRIERA, Jorge Castellá; CÂMARA, Sheila Gonçalves et al. Identidade Vocacional: quem sou eu e o que eu quero? In: SARRIERA, Jorge Castellá; CÂMARA, Sheila Gonçalves et al. **Formação e orientação vocacional: manual para jovens à procura de emprego**. Porto Alegre: Editora Meridional LTDA, 2006. p. 27-38.

SOARES, Dulce Helena Penna. A pessoa que escolhe. In: SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus Editorial, 2002. p. 19-38.

SUPER, Donald Edwin. **The dynamics of vocational adjustment**. New York, United States of America: Harper & Row, 1942. 286 p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

UM OLHAR SOBRE OS CONTRIBUTOS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

A LOOK AT THE CONTRIBUTIONS OF THE MORE EDUCATION PROGRAM

Maria Deuceny da Silva Lopes Bravo Pinheiro (Universidade de Coimbra)

Alfredo Bravo Marques Pinheiro (Universidade de Coimbra)

António Gomes Ferreira (Universidade de Coimbra)

Resumo: Esta comunicação apresenta uma análise dos resultados, não mensuráveis, registrados no estudo de caso realizado em seis escolas da rede municipal de Cachoeiro de Itapemirim, ES, Brasil, com o desenvolvimento do Programa Mais Educação. Com uma perspectiva de escola que não esteja apenas assentada nos processos da exigência cognitiva, mas também nos fatores que determinam o progresso socioemocional do estudante, fazemos uma reflexão sobre a necessidade de uma concepção mais alargada de educação que permita à totalidade da população idênticas possibilidades de acesso ao conhecimento, à cultura e ao desenvolvimento, sem causar dependência ou segmentar e marginalizar, ainda mais, a educação ofertada para os pobres. O maior aporte do Programa mais Educação, na visão dos atores entrevistados, é a mudança de comportamento dos estudantes, percebida no cotidiano escolar, na vivência individual e coletiva. Sob esta ótica, os dados que temos revelam que um currículo integrado e diversificado colabora para que os estudantes adquiram habilidades, valores e comportamentos que melhoram o seu desempenho social e, conseqüentemente, favorecem uma aprendizagem mais sólida e civilizada.

Palavras-chave: Programa Mais Educação. Potencialidades. Contributos.

Abstract: This paper presents an analysis of the non-measurable results recorded in the case study carried out at six municipal schools in Cachoeiro de Itapemirim, ES, Brazil, with the development of the More Education Program. With a school perspective that is not only based on the processes of cognitive demand but also on the factors that determine the socioemotional progress of the student, we reflect on the need for a broader conception of education that favors the population the same possibilities of access to the knowledge, culture and development without causing dependency or segmentation and further marginalizing education offered to the poor. The greatest contribution of the Program more Education, in the view of the actors interviewed, is the behavioral change of the students, perceived in the daily school life, in the individual and collective experience. From this perspective, the data we have show that an integrated and diverse curriculum helps students acquire skills, values and behaviors that improve their social performance and, consequently, favor a more solid and civilized learning.

Keywords: More Education Program. Potentialities. Contents.

INTRODUÇÃO

Apesar do crescente êxito alcançado nas políticas sociais desenvolvidas, voltadas para a erradicação da pobreza, a qualidade do ensino ofertado no Brasil ainda causa preocupação, diante dos resultados de baixo rendimento escolar apresentado, nomeadamente em Matemática, Leitura e Ciências (OCDE, 2015). A natureza política do fracasso escolar ainda está associada aos problemas sociais de desigualdade, injustiça e exclusão social e esses aspectos





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

desempenham um papel crucial no decurso da carreira escolar, acentuando ainda mais as desigualdades de sucesso.

Ao ser criado, no ano de 2007, o Programa Mais Educação trouxe à tona o debate sobre Educação Integral e, com ele, a necessidade de se promover uma educação mais democrática, participativa e equitativa. Pautado nos princípios da Carta da Cidade Educadora (2004), com uma metodologia participativa, envolvendo escola, família e comunidade, as atividades desenvolvidas pelo Programa propõem uma educação integral em tempo inteiro, com vistas a contribuir na melhoria dos índices de aprendizagem e promover nos estudantes competências necessárias para se alcançar um desenvolvimento mais coeso e sustentado.

A experiência vivenciada suscitou o debate sobre os caminhos e variáveis para se alcançar uma educação de qualidade e avançar com a educação integral no país. No entanto, as políticas públicas educacionais direcionam suas ações pautadas na mensuração dos resultados, o que justifica o Programa ter preocupação com rendimento escolar, principalmente porque, em primeira análise, os resultados alcançados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB não foram os desejados (MEC, 2015). Por vezes, esses quocientes apressam interpretações equivocadas para um sistema de ensino que necessita de tempo de amadurecimento e articulação dos programas indutores que expressem quantitativa e qualitativamente os processos construtivos da aprendizagem.

A preocupação com esses resultados levou o MEC, em março de 2016, integrar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, através da Resolução FNDE nº 2, de 14 de abril de 2016, ao Programa Mais Educação, visando o fortalecimento das oficinas de acompanhamento pedagógico com ênfase nas atividades de alfabetização e letramento (MEC, 2016). No entanto, a aquisição de conhecimento não pode estar limitada apenas aos resultados acadêmicos e há muito por fazer pelo desenvolvimento cognitivo do aluno, perspectivando um sucesso escolar mais humanizado, numa escola voltada também para os fatores que determinam o progresso socioemocional dos estudantes.

Em consideração a este contexto e esta perspectiva, nesta comunicação fazemos uma análise dos aspectos não mensuráveis alcançados pelo Programa Mais Educação, enfatizando a relevância da promoção de atividades de impacto socioemocional para uma aprendizagem significativa e, conseqüentemente, para um desenvolvimento integral.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O percurso metodológico é resultante de um estudo de caso realizado em seis escolas municipais que iniciaram o Programa Mais Educação no município de Cachoeiro de Itapemirim, onde utilizamos técnicas de análise documental e entrevistas semiestruturadas, feitas a diferentes atores da gestão pública e das escolas selecionadas. Os resultados obtidos, após análise de conteúdo e categorização dos dados, revelam quão significativas são as atividades diversificadas que integram os saberes do cotidiano ao currículo formal e proporcionam a oportunidade de acesso à cultura, ao saber e ao conhecimento.

RESULTADOS NÃO MENSURÁVEIS DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

O Programa Mais Educação é considerado um avanço na política pública educacional brasileira, alinhando-se às reformas educacionais que vêm sendo desenvolvidas na América Latina (MEC, 2015). Com diretrizes norteadoras, colaborou para que os Estados e os Municípios, a partir de suas respectivas realidades, desenvolvessem diferentes experiências e arranjos para a oferta de Educação Integral no país. Os vários desafios vivenciados deveram-se à diversidade do território brasileiro e, conseqüentemente, às adequações ao contexto dos Estados e Municípios, principalmente no que se refere ao financiamento.

No Município de Cachoeiro de Itapemirim, essa realidade não foi diferente. É evidente que um Programa dessa magnitude demanda financiamento - para manter a qualidade da infraestrutura física - e de uma rede de apoio ao ensino, para sua execução. Problema semelhante aconteceu com os CIEPs (CAVALIERE & COELHO, 2003) e os CAICs (SOBRINHO & PARENTE, 1995). O protagonismo vivenciado pelos municípios e pela própria gestão pública foi desafiante no que se refere às questões de logística, especialmente envolvendo os aspectos da rede física, da estrutura pedagógica e do financiamento.

As fragilidades vivenciadas pelo Programa chamaram atenção dos organismos internacionais, principalmente do Banco Mundial, por estarem relacionadas à sustentabilidade financeira dos Programas e das políticas públicas desenvolvidas e relacionadas aos resultados mensuráveis desejados.

Os impactos provocados pela implantação do Programa foram mais evidentes nos municípios com menos recursos financeiros (ITAÚ SOCIAL & BANCO MUNDIAL, 2015) e esses desafios dão indícios da necessidade de um novo olhar, com mais expertise, sobre as possibilidades de avançar com as atividades já inauguradas e construir um planejamento mais





contextualizado e interativo nas políticas públicas locais, com vistas a garantir resultados mais autênticos do sucesso escolar.

Ao registrarmos as potencialidades reveladas pelos atores entrevistados, tal como está no Quadro 1, com a experiência vivenciada no município de Cachoeiro de Itapemirim, podemos perceber que elas são significativas considerando os improvisos vivenciados na sua execução.

Quadro 1 Percepção Geral do Programa Mais Educação

Escolas	Potencialidades	Atores
1	Melhoria no aprendizado e no desenvolvimento do aluno Garantia de permanência na escola Estreitamento na relação família-escola	Gestor escolar Pedagogo e Monitor Monitor
2	Retirada dos alunos da rua Mudança no comportamento e no rendimento escolar	Gestor escolar Coordenador do Programa na escola
3	Retirada dos alunos da rua Oferta de alimentação Escolar Contribuição do tempo de permanência na escola nas relações sociais Descoberta de talentos Mudança na vida pessoal do aluno	Pedagogo Gestor Escolar Gestor Escolar Coordenador do Programa na escola Monitor
4	Tempo de permanência na escola: mudança na relação professor-aluno	Gestor escolar
5	Desenvolvimento social dos alunos Retirada dos alunos da rua Melhoria na disciplina	Gestor escolar Gestor escolar e Coordenador do Programa na escola Monitor
6	Retirada do aluno da rua Socialização Respeito	Gestor escolar e Coordenador do Programa na escola Pedagogo Monitor

Fonte: Elaboração própria.

No discurso veiculado pelos entrevistados fica evidente que o Programa teve sucesso ao possibilitar uma maior permanência das crianças e adolescentes no ambiente escolar. A retirada dos alunos da rua, presente no discurso dos gestores escolares, coordenadores do Programa na escola e do pedagogo, reitera a concepção assistencialista predominante com relação ao Programa Mais Educação. Tal apreciação resulta muito da ideia da centralidade da escola e da exigência da apropriação da sua cultura, que bem perduram no discurso dos profissionais que nela atuam. Devemos ter em consideração que tal concepção tende a responder a um problema social grave na sociedade brasileira e que suscita a necessidade de se avançar para um processo educativo que atenda às desigualdades sociais, sem causar dependência ou segmentar e marginalizar, ainda mais, a educação ofertada para pobres, de forma que ela possa ser





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

considerada como um bem coletivo (NÓVOA, 2009), uma educação de verdadeiro interesse público.

Assim, o predomínio da concepção assistencialista no discurso dos entrevistados reflete as políticas públicas desenvolvidas no país, voltadas aos setores mais vulneráveis da sociedade, incorporando, na escola, as carências do contexto familiar inerentes à pobreza, buscando, com isso, melhorar a equidade do sistema daqueles sem maiores recursos. A experiência vivenciada pelos CIEPs (CAVALIERE & COELHO, 2003), pelos CAICs (SOBRINHO & PARENTE, 1995) e, mais recente, pelo Programa Mais Educação têm demonstrado quão relevantes são as ações voltadas para garantir a proteção social dos estudantes. A importância dada ao reforço material e à alimentação reflete essa proteção, notadamente porque, no contexto social onde vivem esses estudantes, por vezes, a merenda escolar representa a garantia de segurança alimentar deles.

A concepção de educação integral no Brasil está associada à jornada escolar ampliada e esta foi uma das potencialidades registradas. Em cada uma das escolas, os atores entrevistados revelaram que perceberam o desenvolvimento social dos alunos, que houve melhoria na socialização, no relacionamento professor-aluno e que houve registro de mudanças na vida desses estudantes. Considerando que o desenvolvimento social da criança está intimamente relacionado aos aspectos cognitivo e afetivo (PIAGET, 2007), a afetividade gerada com a permanência desses estudantes por mais tempo na escola estreitou a convivência diária com professores e demais atores da comunidade escolar, favorecendo a socialização de saberes e a aprendizagem.

O ensino, quando envolve uma ação humanizante, contribui para uma ação transformadora, permitindo que o estudante exerça sua cidadania, notadamente porque ele aprende a se colocar no lugar do outro, respeitar as diferenças e viver coletivamente. A aproximação entre professor e aluno despertou o interesse e o envolvimento do estudante pelas aulas e propiciou uma visão mais compreensiva e positiva dos professores para com eles. Quando assim foi acontecendo, é natural que a sala de aula fosse se transformando em local prazeroso, possibilitando o desenvolvimento da autoestima dos envolvidos. Essa perspectiva de uma educação pautada no diálogo, articulada às experiências dos alunos, torna o processo de aprendizagem mais civilizado e transformador, porque desperta a curiosidade dos alunos





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

(FREIRE, 1989) e torna o ato de ensinar uma troca de experiências, de saberes e, também, uma aprendizagem processual que tenderá a ser especialmente útil ao longo da vida.

A garantia de permanência na escola e o estreitamento da relação família-escola também foram potencialidades registradas. Compreende-se, no entanto, que essa ênfase seja colocada no contexto social em que se encontram as escolas. A experiência escolar tem evidenciado que a participação da família é de fundamental importância para a melhoria do desempenho escolar e para o desenvolvimento social das crianças, especialmente porque a interação mais amigável entre os professores e os pais contribui para a formação de um indivíduo autônomo (PIAGET, 2007). Além disso, o compartilhamento de saberes, vivências e experiências integra os conhecimentos formais da escola com a cultura local e sustenta o diálogo e a parceria dela com a comunidade, motivando a participação, a mobilização de recursos e de equipamentos na construção de um território mais humano e sustentável a ser usufruído por todos (VILLAR, 2007). E nisso, tem-se conseguido avançar bem, como é o caso da ampliação da oferta de atividades socioeducativas.

Podemos constatar que o processo de construção das potencialidades registradas é significativo, nomeadamente porque o Programa foi implantado de forma babélica, com improvisos de recursos materiais/humanos, para atender uma demanda política imediata. A busca pelo aprimoramento e a eficiência de recursos e investimentos, objetivando maximizar o rendimento escolar, a melhoria na qualidade do ensino e a geração de oportunidades educacionais mais equitativas, têm direcionado as políticas públicas de educação em nível mundial, em políticas públicas educacionais caracterizadas por mecanismos de mensuração de resultados, no que se refere ao sucesso escolar. É, assim, natural que o Programa Mais Educação também seja apreciado nesta perspectiva.

De algum modo as alterações do comportamento dos alunos já nos dão o tom do sucesso da dinâmica em análise, reforçando a premissa de que a mensuração do nível de domínio daquilo que se julga ter sido ensinado em todas as escolas, a partir do currículo formal, tem limitado a trajetória escolar a fragmentos do currículo, quando deveria considerar as aquisições cognitivas do cotidiano escolar (PERRENOUD, 2003). Ao estabelecer os indicadores de competência dos sistemas educacionais, as avaliações medem uma parte da aprendizagem do aluno, não levando em consideração a realidade diversificada do ensino.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Considerando que as relações interpessoais favorecem a aprendizagem e contribuem para a convivência em sociedade (FREIRE, 1996), as mudanças registradas no comportamento dos alunos são significativas, notadamente porque elas possibilitam um processo interativo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, mais que uma concepção classificatória de avaliação, importa verificar se houve aquisição de conhecimento e apropriação de saberes pelo estudante.

Independentemente das críticas que possam fazer-se à implantação das atividades complementares desenvolvidas no Programa Mais Educação, os dados que temos revelam que elas colaboraram para que os estudantes adquirissem habilidades, valores e comportamentos que melhoraram o seu desempenho social, reconhecendo-se que despertaram neles sentimentos e atitudes necessárias à construção de uma vivência coletiva e comunitária mais pacífica. Essas atividades contribuíram, ainda, para o envolvimento da família com a escola, a melhoria da autoestima dos estudantes, trazendo-lhes motivação pessoal e, como consequência, predisposição para o desenvolvimento da cidadania, principalmente porque registraram mudanças de atitudes e comportamentos visíveis no ambiente escolar e fora dele.

Devemos considerar que o sucesso de uma escola não pode ser simplesmente associado à soma dos êxitos individuais dos alunos, particularmente porque envolve a realidade diversificada do ensino e um conjunto dos fatores que determina esse sucesso, sob o risco de perpetuar o caráter excludente do sistema de ensino e legitimar a cultura política e pedagógica da seletividade, da reprovação e da retenção (ARROYO, 2000).

As atividades extracurriculares, quando pensadas dentro do projeto educativo da escola, podem minimizar as desigualdades sociais e garantir a qualidade do ensino. Assim, a proposta de incluir no currículo escolar atividades práticas que desenvolvam as habilidades dos estudantes, respeitando seus costumes, crenças e os valores da vida cotidiana, apresenta-se como condição necessária à vida em sociedade (GUARÁ, 2006), particularmente, porque o desenvolvimento dessas atividades, quando bem trabalhadas e inseridas no projeto pedagógico da escola são promotoras do desenvolvimento físico, intelectual, ético e moral, contribuindo para a formação holística do aluno e para o resgate da cultura local.

Podemos perceber no relato dos entrevistados que o grande avanço do Programa Mais Educação foi o crescimento pessoal desses estudantes, superando a lógica clássica que rege o sistema de ensino de política de avaliação por resultados. O desenvolvimento integral pressupõe o fortalecimento das oportunidades de aprendizagem. Nessa lógica, a convivência social, em





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

outros cenários e contextos amplia o repertório cultural dos estudantes e possibilita uma participação mais ativa na vida pública e nas comunidades em que vivem.

O processo de ensino e aprendizagem apresenta-se dentro de um panorama global da educação e se expande ao longo da vida, em diferentes escalas e contextos, o que faz com que seja importante desenvolver a capacidade intelectual do indivíduo com conhecimentos instrumentais, científicos e culturais que possibilitem uma maior compreensão e desenvolvimento de um pensamento crítico sobre questões globais, regionais, nacionais e locais, bem como sobre as inter-relações e a interdependência dos diferentes países e grupos populacionais (UNESCO, 2016). O ideal é que uma política desse gênero se mantenha a trabalhar com um conjunto de comportamentos e atitudes sem desconsiderar a componente cognitiva.

CONCLUSÃO

Registramos, em nosso estudo, que a maior potencialidade do Programa Mais Educação foi a mudança de comportamento e de atitudes dos estudantes, o que reforça a relevância da promoção de atividades de impacto socioemocional para o desenvolvimento integral. Embora este novo olhar para a educação ainda seja muito restrito e ainda encontre pouco empenho entre os aparelhos de poder, estamos já diante do reconhecimento de que as atividades diversificadas, ao mesmo tempo que possibilitam a construção de políticas e planos educacionais, colaboram para a construção da cidadania, para a criação de atores individuais e coletivos e para uma cultura cívica mais aberta, plural e ajustada aos diversos interesses das pessoas.

Nesse sentido, esses resultados apontam que pra além de uma visão classificatória de avaliação, importa verificar se houve aquisição de conhecimento e apropriação de saberes pelo estudante. Sem dúvida, isso exige uma concepção renovada do processo educativo, que potencie as aprendizagens e vivências diárias, que valorize a pluralidade de saberes, contribuindo, assim, não só para a melhoria das aprendizagens formais, como para a promoção do desenvolvimento humano e integral desses estudantes.

A compreensão da aquisição de conhecimento não pode estar limitada apenas aos resultados acadêmicos, especialmente os que são medidos pelos exames. Menos ainda, deve-se avaliar o desenvolvimento dos estudantes por tais provas ou, apenas, pelo desempenho em aspectos cognitivos relacionados aos conteúdos escolares. Há muito mais a se considerar no





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

desenvolvimento da aprendizagem, mesmo que se queira obter melhores resultados acadêmicos.

O persistir em atividades que levam os estudantes a permanecerem na escola ou a envolverem-se em situações de resolução de problemas, muito pode fazer pelo seu desenvolvimento cognitivo, ainda que isso possa não se traduzir em resultados escolares imediatos. Como as condições de partida são diferentes de aluno para aluno, há que se continuar investindo em atividades que abram caminho para um aprendizado mais dedicado, possibilitando avançar - ainda que não necessariamente nos resultados tradicionalmente avaliados - em aprendizagens significativas que tenderão a ser especialmente úteis ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. **Em Aberto**, Brasília, 17, 33-40, jan.2000.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS. **Carta das Cidades Educadoras**. Génova, nov. 2004. Disponível em:
<<http://w10.bcn.es/APPS/eduportal/pubFitxerAc.do?iddoc=84472>>

BRASIL. Resolução nº 2, de 14 de abril de 2016. Destina recursos financeiros, nos moldes operacionais e regulamentares do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), a escolas públicas municipais, estaduais e do Distrito Federal, a fim de contribuir para que estas realizem atividades de educação em tempo integral, em conformidade com o Programa Mais Educação. Disponível em:

<https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000002&seq_ato=000&vlr_ano=2016&sgl_orgao=CD/FNDE/MEC> Acesso em: 30 ago. 2017.

CAVALIERE, A. N. E COELHO, L. M. Para onde caminham os Cieps? **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 147-174, julho/ 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a08.pdf>>

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. É imprescindível educar integralmente. **Cadernos Cenpec | Nova série**, [S.l.], v. 1, n. 2, aug. 2006. ISSN 2237-9983. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/168>>. Acesso em: 28 abr. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v1i2.168>.

MEC. Avaliação Econômica: Programa Mais Educação. Disponível em:<http://www.redeitausocialdeavaliacao.org.br/wp-content/uploads/2015/11/sintese_Mais_Educacao_impacto-quali_20151118.pdf>

SOBRINHO, J. A; PARENTE, M.M.A (1995). CAIC: Solução ou Problema? Texto para discussão nº 363. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 1995. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_363.pdf. >

NÓVOA, A. Educação 2021: para uma história do futuro. Revista Ibero-Americana de Educación. (49)181-199. 2009. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/670/1/21232_1681-5653_181-199.pdf >

OEDC. PISA in Focus is a series of concise monthly education policy-oriented notes designed to describe a PISA topic. 2013. Disponível em:<<http://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisainfocus.htm>>

PIAGET, J. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio. 2007.

PERRENOUD, Philippe. Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo! **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 119, p. 09-27, 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742003000200001>> Acesso em 28 abr.2017.

UNESCO. **Educação para a cidadania global**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO. 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/global1/Downloads/244826POR\(4\).pdf](file:///C:/Users/global1/Downloads/244826POR(4).pdf)>

VILLAR, M. B. C. **A cidade educadora**: nova perspectiva de organização e intervenção municipal. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget.2007.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INTERLOCUÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E MOTRICIDADE: PESQUISA-AÇÃO EM SUJEITO COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO

INTERLOCUTIONS BETWEEN COMMUNICATION AND MOTRICITY: ACTION
RESEARCH IN SUBJECTS WITH MULTIPLE DISABILITIES IN CANCER
TREATMENT

Maria Rosangela Bez (Universidade Feevale)
Thayana Dellagustin (Universidade Feevale)
Débora Nice Ferrari Barbosa (Universidade Feevale)

Resumo: Esse artigo analisa o desenvolvimento da comunicação e da motricidade de uma criança com Deficiência Múltipla com câncer em fase de controle. A metodologia é qualitativa, baseada numa pesquisa-ação. Foi analisado parte do corpus de interações inseridas no Projeto Aprendizagem Móvel e Ubíqua: práticas pedagógicas envolvendo a mobilidade, os jogos digitais e as redes sociais em contexto formal e não-formal de educação, numa parceria Feevale e Amo Criança. Os resultados indicam ampliação da comunicação com uso do recurso tecnológico e da motricidade com as intervenções de fisioterapia.

Palavras-chave: Deficiência Múltipla. Comunicação. Desenvolvimento Motor.

Abstract: This paper analyzes the development of communication and motor skills of a Child with Multiple Deficit with cancer in the control phase. The methodology is qualitative, based on an action research. It was analyzed part of the corpus of interactions inserted in the Mobile Learning and Ubiqua Project: pedagogical practices involving mobility, digital games and social networks in formal and non-formal education context, in a partnership Feevale and Amo Criança. The results indicate an increase in communication with the use of the technological resource and in motricity with physical therapy interventions.

Palavras-chave: Multiple Disability. Communication. Motor development.

INTRODUÇÃO

Estudos do desenvolvimento de crianças com deficiência e em tratamento oncológico compõem uma área de pesquisa de campo fértil de pesquisas tendo em vista os poucos estudos publicados no meio acadêmico, o que justifica a pesquisa, ainda, mais no caso de desenvolvimento de criança com deficiências múltiplas, câncer, e em contexto não-formal de ensino. Nesse sentido, o artigo tem por objetivo analisar as interações de criança com deficiência múltipla e em tratamento oncológico, sob enfoque do desenvolvimento motor e comunicacional em contextos não-formais de ensino. Assim, o referencial teórico acerca da deficiência direciona-se para Godói (2006), Silva (2011) e Ampudia (2011). A área motora fica nos autores Kim et al (2016), Shepherd (1968), Lee (2017), Johansen (2017) e Castro (2017).





Já a área comunicacional em Bosa (2002) e Bez (2010, 2014). Foi realizado um trabalho em conjuntos com duas pesquisas com vista no desenvolvimento integral da criança.

Nesse contexto, este artigo está organizado em seções. Além desta introdução, a seção 2 apresenta o referencial teórico acerca Deficiência Múltipla. Na terceira seção, apresenta-se a metodologia. Na quarta seção o desenvolvimento e a análise dos resultados obtidos com o estudo. Finalmente, na seção cinco apresenta-se algumas considerações resultantes do trabalho realizado, bem como os próximos passos da pesquisa

DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

A deficiência múltipla se caracteriza pela associação de duas ou mais deficiências, essas podem ser de ordem física, sensorial, mental, emocional ou de comportamento social. Porém, não é só o acúmulo de mais de uma deficiência, que a caracteriza, mas sim o “nível de desenvolvimento”, as possibilidades funcionais, de comunicação, interação social e de aprendizagem que determinam as necessidades educacionais dessas pessoas” (GODÓI, 2006). Portanto, as pessoas com deficiências múltiplas apresentam déficits que podem causar retardos no desenvolvimento na aprendizagem e na capacidade administrativa, conforme a idade que foi adquirida, o grau da deficiência e a quantidade de associações que a pessoa que tenha.

No que tange as causas da deficiência múltipla, Silva (2011) descreve que podem ser de ordem sensorial, motora e linguística, com origem em “fatores pré-natais, perinatais ou natais e pós-natais, além de situações ambientais tais como: acidentes e traumatismos cranianos, intoxicação química, irradiações, tumores e outras”. Já Ampudia (2011) coloca que as causas da deficiência múltipla vão desde as pré-natais, as más-formações congênicas até as infecções adquiridas por vírus como rubéola, hipotireoidismo e doenças sexualmente transmissíveis. Assim, a deficiência múltipla afetar a vida do indivíduo, conforme o grau de comprometimento e os estímulos explorados ao longo da vida para aprimoramento de sua autonomia, desenvolvimento comunicativo, interação e inclusão. Pode-se constatar que a inclusão de pessoas com deficiências múltiplas vai muito além da inclusão social propriamente dita, é necessária mudança de atitudes e posturas fundamentada nas práticas pedagógicas diferenciadas para que ocorra a aprendizagem. Nesse sentido, a interação através da mediação, com metodologias condizentes, adaptação do currículo, levará ao desenvolvimento e a inclusão num sentido mais amplo. Outra questão não menos importante se refere ao professor, pois para que este consiga propor atividades pedagógicas significativas há a necessidade de estar





capacitado tanto para o processo de mediação da aprendizagem, quanto para o olhar atento para indispensabilidade de ajudas físicas, de adaptação de brincadeiras lúdicas e estratégicas pedagógicas (GODÓI, 2006). Além disso, a autora ainda sugere levar-se em conta as necessidades específicas do aluno com deficiências múltiplas como: posicionamento e manejo adequado; oportunidades de escolha; métodos apropriados de comunicação; estimulação constante; planejamento de toda aprendizagem; interações em ambientes naturais; aprendizagens centradas na vida real e organização do ambiente para conforto e segurança do aluno. Assim, poderá haver uma efetiva inclusão de forma a proporcionar a interação e o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos com deficiências múltiplas.

REPERCUSSÕES DAS DEFICIÊNCIAS MÚLTIPLAS NO DESENVOLVIMENTO MOTOR

As deficiências que atingem o desenvolvimento como transtorno do espectro autista, deficiências mentais e de linguagem, entre outras, podem ocasionar ou contribuir para defasagens em habilidades motoras. Assim como crianças que apresentam comprometimento no desenvolvimento motor fino ou amplo manifestam atrasos de ordem cognitiva e déficits na aprendizagem. Da mesma maneira, distúrbios intelectuais e cognitivos podem compartilhar da mesma origem de distúrbios motores (KIM, H. et al., 2016). Por esta razão, a avaliação e compreensão do funcionamento motor e suas alterações, muitas vezes fornecem informações sobre os distúrbios do desenvolvimento e podem servir como indicadores ou marcadores de déficits em sistemas cerebrais que estão envolvidos na cognição e funcionamento social (KIM, H. et al., 2016). Na maioria das vezes, indivíduos com deficiências múltiplas apresentam limitações importantes na manutenção da postura corporal e na execução de movimentos de transferências entre posturas. Podendo ainda apresentar comprometimentos sensoriais associados e comorbidades relacionadas à deglutição, respiração, epilepsia, contraturas e deformidades musculoesqueléticas, entre outras. Este contexto, torna a vida social destas pessoas dependente social e materialmente (MENSCH, S. et al., 2015). As habilidades motoras são de extrema importância para a funcionalidade e independência, porém, em casos de deficiência múltipla, estão severamente comprometidas. Para que o desenvolvimento nestas situações possa ocorrer satisfatoriamente, são necessários um ambiente altamente estruturado e que proporcione auxílio constante, supervisão, ampla tecnologia de suporte e assistência física. Destaca-se que mesmo habilidades motoras sutis proporcionam algum grau de controle sobre o





ambiente e impactam positivamente sobre a qualidade de vida. Por esta razão, pessoas com deficiências múltiplas precisam ser frequentemente apoiadas e estimuladas por seus cuidadores no uso de suas habilidades motoras (MENSH, et al., 2015). Seguindo o conceito neuroevolutivo de Bobath (SHEPHERD, 1968) a reabilitação motora deve se dar de forma individualizada, de acordo com as necessidades particulares de cada sujeito, através de técnicas de inibição de padrões disfuncionais de movimento e facilitações de formas funcionais automáticas e voluntárias de movimentos. Originado em 1940, o modelo baseia-se na concepção através da perspectiva hierárquica / reflexa e ainda é utilizado para atender e reabilitar casos de paralisia cerebral e danos cerebrais diversos que ocasionam atraso ou impactam o desenvolvimento motor (LEE, 2017).

Observações clínicas estruturadas podem contribuir para avaliação e a prevenção de alterações no desenvolvimento ainda em fases bastante iniciais. Estas observações levam em conta sinais sutis e, por vezes não específicos, mas que quando identificados precocemente auxiliam nos processos de intervenção, refletindo num melhor prognóstico. (JOHANSEN, 2017) Outros instrumentos que auxiliam na análise e avaliação do desenvolvimento motor são as escalas. Existem escalas validadas para uso no Brasil, cada profissional atuante seleciona de acordo com a situação e demandas particulares dos indivíduos em acompanhamento, aquelas que melhor abrange suas necessidades. Por ser de fácil aplicabilidade e referir a mobilidade da criança em questão, optou-se pela escala GMFCS (*Gross Motor Function Classification System*). A escala é composta por 5 níveis, e estas existem em cada uma das divisões nas seguintes faixas etárias: 0-2 anos, 2-4 anos, 4-6 anos, 6-12 anos e 12-18 anos. No nível I a criança apresenta o maior nível de independência e, no nível V o maior comprometimento motor. Em cada uma dessas faixas etárias, existem particularidades do que se espera do desempenho motor em cada um dos níveis. (CASTRO, N.M. e BLASCOVI-ASSIS, S.M., 2017)

DÉFICITS DE COMUNICAÇÃO

A comunicação humana é uma das práticas culturais mais significantes e fundamentais dos seres humanos. As formas mais comuns de comunicação são, a oral e a escrita, mas o processo comunicacional inclui também gestos e expressões corporais e envolve aspectos relativos à intersubjetividade como a reciprocidade e as crenças dos sujeitos em interação (TOMASELLO, 2003). Assim, quando seres humanos interagem em um processo de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

comunicação, envolvem-se ativamente na construção de significados e de sentidos. No caso de falhas na comunicação, o processo intersubjetivo fica prejudicado, uma vez que, pelo menos um dos participantes apresentará déficits na construção ou na compreensão de sentidos e significados na forma da linguagem expressada. Bosa (2002) afirma em seus estudos que o desenvolvimento da comunicação intencional acontece quando há a compreensão do outro como agente intencional, ou seja, tem metas e se empenha para atingi-las; compreende as ações (e a compartilha com o meio); e, interessa-se e presta atenção ao seu redor. Em uma fase seguinte, triádica, passa a chamar a atenção dos outros e de si próprio. Essa fase é fundamentada em comportamentos não verbais que expressam seus desejos acerca de si próprio, de objetos e de ações, acompanhados pelas diversas expressões emocionais.

Ainda, estudos de Bez (2010; 2014) demonstram que sujeitos com déficits de comunicação tornam-se agentes intencionais através de processos de mediação. A autora utilizou a comunicação alternativa com recursos de alta e de baixa tecnologia em ações mediadoras, com resultados significativos no acréscimo da comunicação intencional e de suas formas representacionais. As formas de construção e representação são expressas, segundo Bez (2010), por meio da fala, dos gestos e da escrita que apresentem algum indício de comunicação. A Fala pode ser expressa por: balbucios, palavras, enunciado, etc. Os gestos e sinais representados por expressões faciais (olhar, sorrir, morder, etc) e expressões corporais (tocar, empurrar, apontar etc.). A escrita através de rabisco, letras, palavras etc. As formas de construção e representação de Bez (2010) deram base para análise dos resultados dessa pesquisa, no que tange a comunicação.

METODOLOGIA

Esse estudo é qualitativo e tem a Pesquisa-ação como método. Nesse sentido, foi acompanhado um sujeito com deficiências múltiplas em contexto não-formal de ensino. Com relação à técnica de pesquisa principal, utilizou-se a observação participante. Para coleta de dados utilizou-se: protocolos de observação, registros das interações, fotos e vídeos. A análise dos resultados da comunicação embasou-se em Bez (2010), conforme apresentado anteriormente no referencial teórico. A análise do desenvolvimento motor fundamentou-se em observações clínicas e aplicação de Escala *Gross Motor Function Classification System* em português (GMFCS - português) (Castro, 2017).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A pesquisa apresenta os resultados do período de 2017 e 2018, o sujeito é uma criança com deficiência múltipla, não-verbal e em tratamento oncológico. As interações aconteceram em contexto não-formal de ensino, no caso o familiar e na Instituição AMO Criança. As interações, com enfoque comunicacional, foram planejadas sobre a metodologia de ações de mediação, uma vez por semana, o tempo de duração foi flexível conforme atuação do sujeito. As interações do desenvolvimento motor, acontecem duas vezes por semana, com tempo de duração de 45 minutos com interações livres. Portanto, ocorreu um trabalho em conjunto entre duas pesquisadoras, uma com foco no desenvolvimento da comunicação e outra no desenvolvimento motor, visando a integralidade do sujeito. O contexto não-formal da pesquisa constitui-se em função de que esse sujeito está vinculado a AMO Criança, instituição de assistência a criança e adolescente em tratamento oncológico localizada na região do Vale do Rio dos Sinos – RS (onde a pesquisa desse estudo se integra e se desenvolve). O outro contexto de interações é o familiar e constitui-se de: uma casa de alvenaria em construção, num bairro de baixo poder aquisitivo.

DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

Com as primeiras intervenções, foi possível estabelecer vínculos com a criança e conhecer suas necessidades e potencialidades. Além disso, com a ajuda principalmente da mãe, foi possível delinear um perfil descritivo de suas formas de comunicação, interação social e potencialidades, assim como conhecer o contexto familiar onde está inserido.

O menino tem 6 anos, tem deficiências múltiplas, ingressou na AMO Criança em 2012, devido a diagnóstico de Hepatoblastoma (câncer no fígado). Tem história de prematuridade e cosanguinidade parental, o que possivelmente ocasionou alguma alteração cromossômica, que ainda é investigada. Apresenta quadro de diplegia espástica (quadro de disfunção motora que acomete os quatro membros e confere baixo controle e sustentação a cabeça e tronco) rebaixamento visual, atraso motor e de linguagem. Necessita uso de cadeira de rodas adaptada e é dependente de auxílio e apoio em todas as tarefas de vida diária. Toma remédios controlados para evitar convulsões. Não possui controle de esfínteres, fazendo uso de fraldas. Alimenta-se por via oral, com auxílio de outra pessoa, apresenta intolerância à lactose. Comunica-se essencialmente por expressões faciais, algumas vocalizações e choro. Recebe atendimentos de fisioterapia (2 vezes por semana) que incluem atividades motoras com animais, visando seu desenvolvimento de forma global e integrando aspectos motores, cognitivos e sensoriais. É





atendido pela musicoterapia (1 vez por semana). Participa de projeto de natação adaptada (1 vez por semana). Em 2017 tinha atendimentos na APAE. Em 2018 inicia no 1 ano escola regular. Possui severos déficits na oralização. Pronuncia alguns balbucios, possui algumas expressões faciais expressões inteligíveis. A compreensão do significado dos objetos parece restrita. Observa o que acontece no meio que está inserido, dentro de suas limitações visuais, a audição, quando está com o aparelho auditivo é boa, os sons a sua volta lhe chamam muita atenção.

COMUNICAÇÃO

O sujeito não possuía a função indicativa do apontar. Por isso, as interações iniciais concentraram-se em ações para tornar esse gesto significativo. O gesto do apontar tem se consolidado com o fascínio pela tecnologia tablet demonstrado pelo sujeito. Os aplicativos utilizados foram escolhidos de acordo com o perfil da criança e estão sendo importantes para promover a apropriação e compreensão da tecnologia. Os aplicativos foram: Kids Piano, My baby piano, Kids piano Melodies, Ballons pop, Baby musical e Fishing for kids, gratuitos, no sistema Android. Um tablet foi preparado e deixado no contexto familiar para que durante o período de ausência da pesquisadora os pais pudessem interagir com o menino.

O menino inicialmente tinha sua mão fechada com poucos movimentos, usando órteses, com o fascínio pelos aplicativos da tecnologia tablet e o incentivo do uso do dedo indicador para que pudesse interagir, em pouco tempo começou a aprender a função indicativa do apontar. Nos processos de mediação os pais (não apresentavam conhecimento inicial tecnológico), desta forma, as interações se deram de forma muito participativa e divertida para todos envolvidos. Inicialmente o menino não usava óculos e foi necessário ajuste para que o tablet ficasse no seu campo visual. O que foi ajustado com o uso de óculos e com um adaptador na cadeira de rodas para o tablet. Constata-se que o uso do recurso tecnológico vai ao encontro de que enfatiza Bez (2014) quando coloca que as tecnologias são instrumentos culturais criados pelo homem, concretizados como signos ou simbólicos, em processos de interação, que envolvem, principalmente, a linguagem e a tecnologia, concretizando-se, desta forma, uma nova forma de comunicação. Desta forma, através das interações com o tablet, percebeu-se aumento de atenção em todos sentidos. A oralidade foi enfatizada em todas as mediações. Assim, o alcance do vocabulário tem aumentado, conforme apresenta-se na sequência.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

As formas de construção e representação mostram um acréscimo nas formas de comunicação do menino. Alguns exemplos que ele passa a utilizar: quando termina de evacuar fica inquieto e expressa “cacaaaa”. Para o pai em algumas vezes expressa: “tata”, “ike” (Érik) para o primo, “aia” (Kiara) para prima. Para água, “aua”, para piscina ou banho “aua auu”. Para gato, “ga”, para expressar negação “ãoké”. Mostra sua irritação com gritos e resmungos. Os gestos e sinais com expressões faciais: sorriso como forma de demonstrar alegria e satisfação. Os acenos de cabeça para positivo e negativo. Expressão de dor, pela retração dos olhos. As expressões corporais com o apontar com o dedo indicador está sendo utilizada para uso do tablet. Pelo pouco movimento dos braços há o incentivo de pegar objetos, segurar, abrir e fechar as mãos, erguer os braços, a cada interação é mostrado aos pais para que continue o processo. Com referência à escrita, pelos poucos movimentos de braços e mãos, passou-se ao incentivo do pegar uma caneta e iniciam-se a produção dos primeiros rabiscos. No que se refere às formas de construção e representação, descritas por Bez (2014) ocorreu um acréscimo nas formas de comunicação, através de expressões faciais, corporais, fala e escrita.

MOTRICIDADE

As sessões de fisioterapia basearam-se na estimulação de habilidades motoras e aquisição de funções promotoras da autonomia e independência do indivíduo. Foram realizadas sessões lúdicas que envolveram o brincar, através de jogos corporais e motores, com utilização de recursos como bolas terapêuticas, rolos de espumas, colchonetes, objetos que facilitadores de preensão manual e das funções de sustentação corporal em diferentes posturas. A pesquisadora embasou-se nas perspectivas dos conceitos neuroevolutivo e de controle motor. Durante a prática clínica com o sujeito, foram utilizados manuseios que objetivaram facilitar a movimentação do mesmo e suas trocas de posturas através das ações motoras de: rolar, passando pelos decúbitos laterais, ventral e dorsal, assim como o sentar, a postura de cócoras, ajoelhado e transferências para posição bípede. As sessões, que ocorreram na sede da instituição oncológica e contaram com a participação de familiares, visaram estimular o desenvolvimento motor através de ritmo corporal, coordenação motora, pressões, trações e movimentos respeitando as potencialidades e propondo a descoberta de novas habilidades motoras pelo indivíduo. Durante este período das intervenções, pode-se observar que o menino passou a desenvolver, nas atividades com auxílio e estímulo, maior controle e sustentação de cabeça e membros superiores, especialmente, em situações que envolveram brincadeiras com massa de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

modelar e bolinhas de diferente texturas, pesos e tamanhos. Houve maior ganho de sustentação de tronco na postura sentada quando a fisioterapeuta realizava pressões e apoios em membros inferiores, conferindo, inclusive, maior controle motor para membros superiores.

As sessões e observações clínicas foram registradas em prontuário na instituição. Como resultado da escala GMFCS foi conferido o nível V, maior nível de dependência desta escala. As práticas das intervenções que são promotoras de adaptabilidade dos movimentos a diferentes situações ambientais são consideradas importantes. No entanto, embora acredita-se que a especificidade da prática seja um pré-requisito importante para a aprendizagem de uma tarefa, ela deve também considerar o desenvolvimento de diferentes estratégias de controle dos movimentos. Percebe-se, neste contexto, o controle motor na fisioterapia como possibilidade de perspectiva teórica, na medida em que esta abordagem está fundamentada na compreensão do movimento funcional humano, como resultado da adaptabilidade do organismo, agindo como um sistema na elaboração de estratégias para solucionar desafios motores (BERTOLDI, A.L.S., et al, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proporcionar a integralidade de cuidados nas áreas de comunicação e motricidade de pessoa com deficiência múltipla e portadora de câncer infantojuvenil é desafiador. Neste complexo contexto, cada pequeno avanço pode gerar um grande passo para a independência, funcionalidade e refletir na autonomia do sujeito. É importante destacar que, embora as intervenções se deram em separado pelas pesquisadoras e em ambientes distintos, domicílio e instituição, foram mantidos alguns aspectos de similaridade. Tanto no contexto domiciliar quanto institucional, a família teve ação participante e atuante no processo. Para proporcionar estímulos comunicativos e motores foram utilizados alguns objetos conhecidos pelo sujeito duplicados em ambos os contextos, permitindo associações entre as funções e estímulos. Destacou-se como fator relevante o diálogo entre as pesquisadoras das duas áreas promovendo a integração dos aspectos comunicativos e motores. A medida que os processos de intervenções avançavam, a interlocução entre as mesmas se tornou mais efetiva, gerando ganhos qualitativos no âmbito do processo de desenvolvimento global do sujeito. Um marco importante desta fase de desenvolvimento foi atingida, visto que o sujeito iniciou o processo de inclusão escolar. Por fim, sugere-se que novas pesquisas sob estas perspectivas possam ampliar e contribuir futuramente com conhecimento acerca das questões sobre deficiência múltipla, bem como sua





repercussão em diferentes aspectos que englobam e repercutem na vida do indivíduo. Acredita-se que novos estudos possam contribuir com ações mais eficientes na minimização do impacto na qualidade de vida e autonomia destes sujeitos e contemplem outros olhares complementares ao desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- AMPUDIA R. O que é deficiência múltipla? **Nova Escola**. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/267/o-que-e-deficiencia-multipla>. Acesso em: ago. 2017.
- GODOY, A. M. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla**. [4. ed.], Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.
- BERTOLDI, A.L.S., et al. **O papel da atenção na fisioterapia neurofuncional**. Fisioterapia e Pesquisa, São Paulo, v.18, n.2, p. 195-200, abr/jun. 2011
- BEZ, M. R. **Comunicação Aumentativa e Alternativa para sujeitos com Transtornos Globais do Desenvolvimento na promoção da expressão e intencionalidade por meio de Ações Mediadoras**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre, 2010.
- BEZ, M. R. **SCALA - Sistema de comunicação alternativa para processos de inclusão em autismo: uma proposta integrada de desenvolvimento em contextos para aplicações móveis e web**. 2014. Tese (Doutorado em Pós-Graduação em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BOSA, C. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.15, p. 77-88. Porto Alegre, 2002.
- CASTRO, N.M. e BLASCOVI-ASSIS, S.M. Escalas De Avaliação Motora Para Indivíduos Com Paralisia Cerebral: Artigo De Revisão. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.17, n.2, p. 18-31, 2017. JOHANSEN, K. et al. **Clinical utility of the Structured Observation of Motor Performance in Infants within the child health services**. PLoS ONE 12(7): e0181398. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0181398>. 2017.
- LEE, K.H. et al. **Efficacy of Intensive Neurodevelopmental Treatment for Children With Developmental Delay, With or Without Cerebral Palsy**. *Ann Rehabil Med* 2017;41(1):90-96 Disponível em: <https://doi.org/10.5535/arm.2017.41.1.90>. Acesso em: abr. 2017.
- KIM, H. et al. **Relations among motor, social, and cognitive skills in pre-kindergarten children with developmental disabilities**. *Research in Developmental Disabilities* 53-54 (2016) 43–60





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MENSCH, S. et al. **Instruments for the evaluation of motor abilities for children with severe multiple disabilities: A systematic review of the literature.** Research in Developmental Disabilities 47 (2015) 185–198

SILVA, Y. C. R. **Deficiência Múltipla: conceito e caracterização.** In: Anais do VII Encontro Internacional de Produção Científica do Centro Universitário de Maringá/PR. Maringá, Paraná. 2011. Disponível em: <http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2011/anais>. Acessado em: agosto de 2012.

SHEPHERD, R. **The Bobath Concept In The Treatment of Cerebral Palsy.** THE AUSTRALIAN JOURNAL OF PHYSIOTHERAPY, Volume XIV , Number 3 , September 1968

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano.** São Paulo: Martins Fontes, 2003

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DIREITO A OUTROS TEMPOS, A OUTROS ESPAÇOS E O CAMINHO A SER PERCORRIDO

THE RIGHT TO ANOTHER TIMES, ANOTHERS PLACES AND THE WAY TO GO

Fernanda Momberger (PUCRS).

Marilene de Fátima Pacheco dos Santos (Associação Mentres Coloridas)

Resumo: O artigo aborda a experiência pedagógica de uma turma de Educação de Jovens e Adultos/EJA da escola especial da APAE de Novo Hamburgo-RS. Almejamos fazer um breve relato da função do professor que através da sua mediação, com um diálogo construtivo de fazer seu aluno pensar, atuar e modificar seus hábitos e atitudes se tornando autônomo e a partir destas construções ter possibilidades de iniciar o seu processo de inserção no mercado de trabalho. A experiência do desenvolvimento sócio cognitivo, colabora também para refletir sobre terminalidade desses jovens com deficiência intelectual que teve início no ano de dois mil e dezesseis, culminando com a formatura destes jovens em dois mil e dezoito.

Palavras-chave: Professor. Aluno. Deficiência Intelectual. Autonomia.

Abstract: The article discusses the pedagogical experience of a Young and Adult Education group from the APAE special school in Novo Hamburgo, RS. We aim to make a brief report of the teacher's role in the autonomy process of her students, using a constructive dialogue it was possible to make them think, act, and modify their habits and attitudes and, from these constructions start their insertion process in the labour market. The socio-cognitive development experience also helps to think about the terminality of this class that began in the year two thousand and sixteen and culminated in these youngsters graduation in two thousand and eighteen.

Keywords: Teacher. Student. Intellectual Disability. Autonomy.

INTRODUÇÃO

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Novo Hamburgo (APAE NH) fundada em 28 de agosto de 1963, situada na região metropolitana de Porto Alegre-RS, caracteriza-se como uma Organização da Sociedade Civil (OSC), sem fins lucrativos, com gerência nacional da Federação Nacional das APAES (FENAPAES) e, estadual, da Federação das APAES do Estado de do Rio Grande do Sul (FEAPAES-RS). A instituição é responsável por atender pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla e suas famílias, a partir de três esferas das políticas públicas, Assistência Social, Educação e Saúde. Suas ações ofertadas englobam questões que perpassam a inclusão social em todas as áreas da cidadania, dentre elas serviços socioassistenciais, atendimentos técnicos especializados, voltados para a qualidade de saúde e educação básica nos diversos níveis e modalidades de ensino da educação especial.

O trabalho da APAE NH está voltado às garantias de direitos das pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla, a partir de uma proposta coerente com a realidade e necessidades de





cada um, contribuindo para o desenvolvimento integral do sujeito. Pensando nas necessidades dos alunos da APAE, a escola especial tem como desafio a oferta de atividades, mediadas pelo professor, que modifiquem qualitativamente a vida dos sujeitos e que privilegiem o processo de ensino aprendizagem (VYGOTSKY, 1989).

O processo de escolarização e de desenvolvimento do aluno da deficiência intelectual se constitui a partir de condições concretas de vida e de suas trocas afetivas com o outro. Sendo assim, o afeto surge como instrumento que proporciona motivação e conscientização na formação de um cidadão crítico e reflexivo (SILVA, 2013). Para Mantoan (1998, p.3), também se faz importante ofertar atividades sociais adequadas, de forma a garantir “o acesso a degraus de autonomia e representação de papéis próprios de sua idade real”.

É importante atentar a um desafio em se trabalhar com a deficiência intelectual que diz respeito ao cuidado em proporcionar atividades que não contrariem a idade cronológica, mas que por sua vez, também faça sentido à idade mental deste sujeito. Uma vez que pode haver contradição entre as representações de papéis sociais correspondentes a idades, ao gênero e à cultura e pode ter como consequência a perda da significação social das aprendizagens (MANTOAN, 1998).

Ainda com base no trabalho de (VYGOTSKY, 1989), para superar o processo avaliativo focado nas limitações do sujeito, deve-se levar em consideração as condições individuais de cada aluno, tendo como base os preceitos conceituais da zona de desenvolvimento proximal. Com processos de ensino e aprendizagem potencial que somente ocorrem se desencadeados por fatores externos ao indivíduo, o qual irá, posteriormente, fazer a internalização do que foi aprendido em processos de colaboração e orientação, onde o aprendizado acontece de forma ativa, em um contexto no qual o conhecimento é construído pelo aluno.

Nesse sentido, o presente artigo buscou relatar brevemente esse processo de constituição de sujeitos críticos, respeitando suas capacidades e diferenças, em busca da autonomia e de ações condizentes com suas respectivas idades, de maneira a promover o amadurecimento desses alunos. A partir de observações de uma turma de EJA da escola especial da APAE, com o objetivo de analisar entender os instrumentos foram utilizados para esta finalidade.

METODOLOGIA

Este é um estudo descritivo e de abordagem qualitativa que teve como cenário uma turma de EJA A da APAE, eleita devido o desafio da professora, que anteriormente atuava na





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

educação infantil e em 2016 assume a Educação de Jovens e Adultos. De acordo com Prodanov e Freitas (2009), na pesquisa qualitativa os dados coletados são descritos e analisados a partir da interpretação dos fenômenos e significados atribuídos pelo pesquisador.

Para tanto, utilizou-se a observação participante e as narrativas da professora. Nesse método de observação, de acordo com Laville e Dionne (1999, p.180), o observador-pesquisador “se integra à situação por uma participação direta e pessoal” o que permite descrever e compreender as intervenções realizadas pela professora não só com os alunos, como também com seus familiares, nesse processo de construção.

Sendo assim, a observação da prática teve por objetivo relatar a experiência pedagógica da professora na modificação de hábitos e atitudes dos alunos, contribuindo na autonomia e maturação dos sujeitos, no período de janeiro de 2016 a dezembro de 2017.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A atuação da professora se deu por meio da escuta e do diálogo construtivo, utilizando os interesses dos alunos na construção de atividades que lhes fizessem sentido, bem como colaborando no desenvolvimento do pensamento crítico a respeito de suas próprias atitudes. Para Freire (1996), a educação do aluno com deficiência intelectual requer um processo de ensino e aprendizagem baseado no conhecimento útil para toda a vida, ações práticas que considerem questões do pensar que estimulem o pensamento reflexivo e crítico, onde o processo cognoscitivo da aquisição do conhecimento que aprenda a apreender, onde se interprete, onde se invente e se pratique aprender nas resoluções de conflitos na relação dialógica.

A arte, como a poesia e a música, foi amplamente explorada como recurso de conteúdos para debates beneficiando o pensamento crítico, o autoconhecimento e a criação de uma identidade de grupo. Gêneros diversos abordaram temas relacionados ao amadurecimento e fases da vida e serviram como agentes de mudança e reflexão, que mais tarde se tornariam materiais de exposição e apresentação da turma para a escola.

Através de fotos, se elaborou uma atividade de construção da história de cada um, criando uma espécie de linha do tempo com diferentes fases do desenvolvimento e a proposta de refletir a respeito de si, sua autoimagem e seu estágio atual, a vida adulta. Dessa maneira se oportunizou a apropriação de novos papéis, diferentes do lugar infantil concebido pela família e sociedade. Para Mantoan (1998, p.6), “a valorização dos papéis supõe não apenas a igualdade de oportunidades, mas a igualdade de valor entre as pessoas e, em consequência, o





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

desenvolvimento de habilidades, talentos pessoais e papéis sociais, compatíveis com o contexto de vida, a cultura, a idade e o gênero”.

Esta ação é capaz de promover mudanças inclusive da autoimagem desses alunos, Santos, Antunes e Bernardi (2008), entendem a autoimagem como a visão que o indivíduo tem a respeito de si, a partir de internalizações de construções e aprendizagens em experiências sociais. É um processo contínuo determinado pela vida individual e que se estrutura na ação social, assim, a vivência dos aspectos socioafetivos contribuem para a constituição da autoimagem.

Nesse sentido, se fez importante o trabalho com as famílias como forma de manutenção da evolução de cada sujeito. Bernardi, Neto e Pilger (2017), sugerem a necessidade de empoderamento das famílias no suporte do protagonismo social da pessoa com deficiência, bem como a troca de vivências no sentido de reavaliação do conceito de deficiência, contribuindo então, no enfrentamento dos preconceitos e concepções disseminadas socialmente.

Desse modo, a evolução do pensamento crítico, se reflete em novas atitudes e comportamentos dos alunos. A criação dessa nova identidade se dá através do apoio da professora em suas atividades e discussões propostas e da continuidade desse trabalho no âmbito da família, que demonstrando confiança no potencial do sujeito, permite com que ele possa se tornar independente e capacitá-lo a assumir novas responsabilidades e tomar decisões que lhe faça sentido. Assim, a turma toma a decisão de realizar um encerramento em forma de formatura, simbolizando a conclusão de uma etapa e preparando-os para assumirem novos desafios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, este empreendimento de ensino foi projetado com a finalidade de ofertar oportunidades para os alunos da EJA A, a metodologia utilizada pela professora foi de resgatar e ressignificar os processos de ensino e aprendizagem e sua importância na formação numa perspectiva da formação cidadã dos seus alunos.

Um dos princípios das ações pedagógicas levado em conta foi o respeito pela condição do processo de aprendizagem de cada aluno, considerando o seu ritmo e seu estilo cognoscitivo. Para que se efetivasse a aquisição do conhecimento foi fundamental o trabalho com a realidade de cada aluno, num diálogo permanente, em uma situação de aprendizagem contextualizada,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

usando procedimentos adequados, onde o aluno se descobriu atuando, os conhecimentos foram se modificando pelas experiências vivenciadas no grupo e com o grupo.

A partir dessas ações, foi possível observar a evolução do comportamento de cada integrante da turma. As trocas entre eles foram essenciais para evolução dos comportamentos, a descoberta de novas habilidades e a construção de uma nova imagem de si e da autonomia. A decisão da turma por uma formatura foi construída ao longo de todo o período, possibilitando a elaboração do término de uma etapa e início de outra, a inserção no mercado de trabalho, como momentos de favorecer, a socialização.

Para os jovens aprenderem naturalmente habilidades que são importantes para torná-los mais independentes, produtivos e felizes em diversas áreas importantes da vida humana, promovendo a formação digna da pessoa, autônoma e independente.

Nesse sentido, as intervenções da professora favoreceram e proporcionaram mudanças, Arendt (2013, p.247), afirma a importância da educação na promoção de uma nova condição de vida para os alunos, pois a partir da educação que,

“[...] decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum”

Sendo assim, a inserção de pessoas com deficiência intelectual só é possível quando lhes são permitidos desenvolver instrumentos necessários para sua adaptação às condições do ambiente que está em constante mudanças. Para isso se faz importante, através do processo de ensino e aprendizagem contextualizado e com procedimentos adequados, promover ao aluno a descoberta de si como protagonista de sua história de vida, com direito ao acesso e permanência ao conhecimento, ofertando e permitindo que os jovens possam seguir diferentes caminhos, ocupando diferentes espaços e conscientes de suas capacidades e direitos enquanto cidadão do mundo.

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BERNARDI, Elcira Machado; NETO, Erivaldo Fernandes; PILGER, Jaqueline Regina. **Autogestão, autodefensoria e famílias:** orientações para o trabalho com as famílias no contexto da Rede Apae. Brasília, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Coleção Leituras. 21. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Educação escolar de deficientes mentais: problemas para a pesquisa e o desenvolvimento. **Cadernos – CEDES.** Campinas, v.19, n.46, 1998. Disponível em: <

<http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/artigosdeficiente/educacaoescolardeficientesmentais.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

SANTOS, Bettina Steren dos; ANTUNES, Denise Dalpiaz; BERNARDI, Jussara. O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais. **Educação.** Porto Alegre, v.31, n.1, 2008.

SILVA, Nelma Albino da. **A importância da afetividade na relação professor-aluno.** Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.44, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MIDIATIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO ACERCA DA INFLUÊNCIA DO FACEBOOK NO COTIDIANO DOS INDIVÍDUOS PÓS-MODERNOS

MIDIATIZATION: A DISCUSSION ABOUT FACEBOOK INFLUENCE ON THE
POSTMODERN INDIVIDUALS DAILY

Marino Albrecht Junior (Universidade Feevale)¹

Caio Böes de Oliveira (Universidade Feevale)²

Marinês Andrea Kunz (Universidade Feevale)³

Resumo: Este trabalho apresenta uma discussão acerca da influência das mídias sociais - mais especificamente do Facebook - na vida do sujeito pós-moderno, usando os conceitos de midiaticização defendidos por Stig Hjarvard (2014) como elementos basilares dessa discussão. Adicionalmente, o estudo também se vale da narrativa fílmica *A Rede Social* (2010) como uma maneira de aproximação da teoria com as situações empíricas. Assim, com o desenvolver da pesquisa, observa-se que o Facebook acaba por ocasionar um processo de virtualização das situações de interação entre os indivíduos da pós-modernidade, deixando de lado um aspecto de *meio* para tornar-se um *ambiente* de socialização entre os sujeitos.

Palavras-chave: Pós-Modernidade. Midiaticização. Facebook. *A Rede Social*.

Abstract: This work presents a discussion about the social media influence – more specifically the Facebook – over the postmodern subject life, using the mediaticization concepts defended by Stig Hjarvard (2014) as basilar elements for the discussion. Moreover, the study also uses the filmic narrative *The Social Network* (2010) as a way to approach the theory to the empirical situations. This way, with the research development, it is observed that the Facebook ends up causing a virtualization process of the interaction situations amongst the post-modernity individuals, leaving aside an aspect of *means* to become an *environment* of socialization between the subjects.

Keywords: Post-modernity. Mediaticization. Facebook. The Social Network.

INTRODUÇÃO

O sujeito pós-moderno situa-se em um local onde as suas práticas de interação são radicalmente distintas daquelas adotadas no período anterior, a modernidade. Tais práticas foram afetadas pela introdução de novas tecnologias que mudaram a maneira através da qual as pessoas se correlacionam e, conseqüentemente, se posicionam enquanto indivíduos. Dessa forma, a popularização de aparatos como computadores e *smartphones* (um amálgama do celular com o computador) contribuíram para um cenário onde a interação virtual é tão (ou mais) presente do que a física.

¹ Mestre em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale). Bacharel em Adm. de Empresas com Habilitação em Negócios Internacionais (Feevale). Email: vaderbr@hotmail.com

² Bolsista PROSUC/CAPES no curso de Doutorado em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale e University of New Mexico. Email: caio.boes@gmail.com

³ Doutora em Linguística e Letras (PUC RS). Docente da graduação e pós graduação na Universidade Feevale. Email: marinesak@feevale.br





Nesse contexto e, atentos às oportunidades que se apresentam, os desenvolvedores de *softwares* iniciaram tentativas de estabelecer o ambiente virtual não somente como *meio*, mas principalmente como *local* de interação entre os sujeitos. Essa ideia mais abrangente de rede social *online* passou a ser mais difundida no Brasil com a chegada da mídia social Orkut, de modo que, com a introdução do Facebook, atinge seu ápice.

Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo a realização de um ensaio sobre o impacto do Facebook nas formas de interação e socialização do indivíduo pós-moderno, valendo-se da narrativa fílmica *A Rede Social* (dirigido por David Fincher no ano de 2010) como elemento impulsionador das discussões. Adicionalmente, utiliza-se o texto “*Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*”, de Stig Hjarvard (2014), como base para a elaboração da análise. Assim, estabelece-se como tema principal deste estudo o Facebook, enquanto que a delimitação do tema são as mudanças que essa mídia social trouxe às formas de interação e socialização do sujeito pós-moderno.

Para tanto, a pesquisa estrutura-se da seguinte maneira: em um primeiro momento, apresenta-se (em linhas gerais) a história do filme, suas personagens e momentos históricos. Então, é realizada a análise de aspectos considerados relevantes e inerentes aos contextos e impactos da utilização da mídia social *Facebook*, fazendo conexões dessas análises com a obra fílmica, sob a ótica do texto de Hjarvard. Em seguida, são apresentadas as considerações finais e, por fim, o referencial teórico utilizado para a realização deste trabalho. Dessa forma, através desse constructo textual, o problema de pesquisa que tenta ser respondido é: de que forma as mídias sociais, mais especificamente o Facebook, alteraram a maneira dos sujeitos pós-modernos interagirem?

A REDE SOCIAL - FACEBOOK: AGENTE DE MUDANÇA SOCIAL E CULTURAL

Apesar da narrativa fílmica *A Rede Social* (David Fincher, 2010) ser apresentada como baseada em fatos reais, é importante estabelecer que, antes de tudo, trata-se de uma obra ficcional com interesses comerciais. Logo, considera-se relevante resgatar aquilo que Juracy Assmann Sairava (2003) define como uma relação contratual, ou seja, o cinema traz informações acerca da narrativa ao mesmo tempo em que estabelece um conjunto de regras próprias a respeito de um mundo fictício que tenta se estabelecer como real. Esse entendimento é sustentado pela mesma autora, a qual afirma que, ao deparar-se com um texto narrativo, inclusive os de natureza narrativo-fílmica, o receptor desenvolve uma habilidade particular que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

lhe possibilita aderir às regras de um jogo. Essa adesão acarreta um diálogo do indivíduo com o momento histórico da leitura narrativa e, por consequência, consigo mesmo.

Sob este aspecto, observa-se que *A Rede Social* mostra os bastidores da criação da mídia social Facebook e, para tanto, o filme se vale de recursos de *flashback*⁴ para retratar dois momentos distintos do passado envolvendo Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin e os irmãos gêmeos Cameron e Tyler Winklevoss, interpretados por Jesse Eisenberg, Andrew Garfield e Armie Hammer (em papel duplo), respectivamente. Assim, a obra aborda os desdobramentos de duas disputas jurídicas que possuem Zuckerberg como ponto central.

No primeiro pleito, Saverin busca reconhecimento judicial como co-fundador do *Facebook* e, conseqüentemente, os eventuais benefícios financeiros envolvendo este reconhecimento. A segunda disputa, movida pelos irmãos Winklevoss, visa provar que o Facebook foi originado de uma ideia dos mesmos, a qual foi supostamente copiada e alterada por Zuckerberg.

Nesse sentido, enquanto que a linha temporal e narrativa do filme “salta” de um julgamento para outro, paralelamente são mostrados momentos anteriores às disputas jurídicas, momentos esses que retratam os primórdios da criação da plataforma Facebook: as dificuldades financeiras iniciais dos envolvidos bem como o eventual início do sucesso advindo da empreitada, o qual invariavelmente culminou com divergências de opiniões, conflitos internos e “separações” abruptas. Observa-se, sob esta ótica, que o surgimento do Facebook faz parte do processo de midiatização que estamos vivendo, o qual “surgiu como um novo quadro teórico para reconsiderar questões antigas, embora fundamentais, sobre o papel e a influência da mídia na cultura e na sociedade” (HJARVARD, 2014, p. 54). Adicionalmente, o mesmo autor destaca que o conceito de midiatização acabou por se revelar produtivo para compreender como a mídia se confunde, difunde e influencia outras instituições ou campos sociais como, por exemplo, a religião e a política.

Como exemplo do processo de midiatização, Hjarvard cita a influência que uma pesquisa de votos, divulgada em um grande telejornal, exerce sobre os eleitores: isso pode angariar não somente os indecisos mas, também, ocasionar mudanças de votos à favor dos candidatos

⁴ *Flashback*: recurso narrativo muito utilizado no cinema. Consiste em um salto temporal ao passado, de maneira a mostrar ou contextualizar acontecimentos que interferem de forma direta nas ações que se passam na linha de tempo presente da narrativa fílmica.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

melhores posicionados na pesquisa. Outro exemplo são os anúncios de produtos, os quais invariavelmente afetam as preferências de compras dos consumidores. Em suma, midiaticização nada mais é do que a influência que as mídias exercem sobre os sujeitos, nas mais diversas esferas de suas vidas.

Dessa maneira, observa-se que o Facebook está totalmente inserido dentro desse contexto de influência não somente na política e religião, mas em outras esferas da sociedade como um todo, dado que essa mídia social altera e influencia a estruturação das rotinas das pessoas e das organizações. Além disto, gera situações e potencializa discussões que, em um passado não tão distante, não seriam geradas e potencializadas. Ou seja, é a midiaticização e tudo o que ela representa em seu estado mais alavancado possível.

Adicionalmente, Hjarvard (2014) informa que a sociedade moderna está rodeada pela mídia de tal forma que a mesma não mais pode ser considerada como algo que está separado das instituições sociais e culturais. Isto explica a razão por que mídias sociais como o Facebook acabam por possuir um papel de tamanha relevância sob o sujeito da modernidade tardia.

Assim, esse teórico defende que os meios de comunicação não podem ser tomados como somente meras tecnologias que os indivíduos, organizações ou partidos podem optar em utilizar ou não, da maneira que bem entenderem, uma vez que “uma parte significativa da influência que a mídia exerce decorre do fato de que ela se tornou uma parte integral do funcionamento de outras instituições” (HJARVARD, 2014, p. 54). Tal afirmação é sustentada através de questionamentos bastantes simples e práticos: qual instituição dos dias de hoje não está conectada às mídias sociais? As mídias sociais, para as empresas, são somente um canal de *marketing* ou um meio de comunicação e interação? E, no âmbito pessoal, quem não usa essas ferramentas com regularidade?

Esta importância que a mídia exerce nos dias de hoje explica o porque dos criadores do Facebook trabalharem em cima do mesmo, desde seu início, com um pensamento agressivo do ponto de vista comercial e estratégico, quanto à sua expansão. Esse aspecto é percebido no trecho do filme em que, no intervalo de um dos julgamentos, Zuckerberg responde que estava ocupado expandindo a plataforma para outros países.

Aliás, cabe aqui uma observação: no início do *constructo* deste estudo, foram levantados alguns apontamentos acerca de aspectos importantes e inerentes às peculiaridades das narrativas fílmicas e o “contrato” firmado entre a obra e o receptor. Não obstante, julga-se como





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

importante também resgatar a fala de Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (2012), os quais estabelecem que o cinema é um fenômeno complexo em que se cruzam uma série de fatores de ordem política, estética, social e econômica, explicando, dessa forma, o porque de narrativas fílmicas retratarem temas de cunho real com tamanha desenvoltura e propriedade. Assim, destaca-se que “a relação entre cinema e história diz respeito à suposta capacidade que os filmes têm para 'retratar' o passado de forma significativa e precisa” (CARDOSO e VAINFAS, 2012, p. 286)

Dessa maneira, tomando por base aquilo que é retratado através da narrativa fílmica e, adicionalmente, verificado na realidade empírica, nota-se que o Facebook acaba por se caracterizar como uma forma de mediação direta, a qual refere-se “às situações em que uma atividade antes não-mediada se converte em uma forma mediada, ou seja, a atividade é realizada através da interação com um meio” (HJARVARD, 2014, p. 66). Neste sentido, a atividade de socialização passou a ser realizada, em algumas situações, através desta mídia social, em detrimento de outras formas que até então eram utilizadas para realizar a mesma atividade (contato presencial, telefone, etc).

Observa-se, portanto, que a interpretação da função do Facebook enquanto instrumento de comunicação pode ser distinta. Em um primeiro momento, o mesmo pode ser considerado como uma ferramenta que aproxima as pessoas, facilitando o contato entre os indivíduos, principalmente aqueles que estão separados por alguma barreira física ou geográfica. Em contrapartida, essa mídia social também pode ser tomada como um distanciador de pessoas, uma vez que determinados contatos e interações que eram realizadas presencialmente passaram a serem feitos no âmbito dessa plataforma virtual.

Esta visão “distanciadora” do Facebook, que também é observada no filme *A Rede Social*, talvez reflita um pouco da personalidade de seu principal criador (Zuckerberg), o qual é retratado na obra como sendo uma pessoa fria e distante, tendo mais facilidade para interagir com outros indivíduos no universo virtual do que no plano físico. Hjarvard (2014) define esta como sendo uma das principais características do processo de mediação: uma enorme expansão de oportunidades de interação em ambientes virtuais e uma diferenciação daquilo que os sujeitos percebem como sendo real.

Destaca-se, então, que a mediação “é utilizada como conceito central de uma teoria sobre a importância intensificada e mutante da mídia dentro da cultura e da sociedade”





(HJARVARD, 2014, p. 64). Assim, por midiaticização da sociedade entende-se pelo processo através do qual a sociedade, em uma escala cada vez maior, torna-se dependente ou está submetida à mídia e sua lógica. Ainda a respeito deste fenômeno, pode-se dizer que:

Esse processo é caracterizado por uma dualidade em que os meios de comunicação passaram a estar interligados às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em pleno direito. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação (HJARVARD, 2014, p. 64).

Dessa forma, observa-se que o Facebook deixou de ser uma ferramenta para tornar-se praticamente uma *instituição* dentro de certas camadas da sociedade, apresentando um alto nível de influência e dependência na vida dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de um contexto de pós modernidade, as relações entre os indivíduos tornaram-se mais superficiais, o que Bauman (2001) chama de modernidade líquida. Neste aspecto, o Facebook, conforme relatado ao longo do presente estudo, pode ter tanto um papel aproximador quanto distanciador, dependendo da sua forma de utilização ou da opinião daquele que analisa.

De qualquer maneira, o fato é que o Facebook deixou de ser uma simples “página” e tornou-se uma realidade constante nas vidas de grande parte dos indivíduos, os quais orientam suas atitudes (ou pelo menos parte delas) de acordo com tendências e/ou informações que são mostradas e compartilhadas nesta mídia social. Adicionalmente, esta plataforma mostra-se uma peça fundamental no ambiente corporativo e comercial, servindo como ferramenta de *network*, vendas, prospecção, pesquisa, dentre outras funções.

Em suma, toda discussão jurídica acerca da propriedade do Facebook mostrada no filme “A Rede Social” possui justificativa não somente devido ao altíssimo valor atribuído ao mesmo enquanto produto, mas também em razão do valor que a sociedade dá a esta mídia social em seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (organizadores). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FINCHER, David. **A rede social**. Estados Unidos, 2010.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). **Narrativas verbais e visuais: leituras refletidas**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PERCEPÇÃO DO IDOSO ATENDIDO NO PROGRAMA MELHOR EM CASA

PERCEPCIÓN DEL ANCIANO ATENDIDO EN EL PROGRAMA MEJOR EN CASA

Maristela Peixoto (Universidade Feevale)
Janifer Prestes (Universidade Feevale)
Rosa Leães (Universidade Feevale)
Marcio Slaviero (Universidade Feevale)
Geraldine Alves dos Santos (Universidade Feevale)

Resumo: O envelhecimento da população demanda uma resposta abrangente da saúde pública. Contudo, o debate tem sido insuficiente e as evidências do que pode ser feito são limitadas. Com o aumento da população idosa, o serviço público tem investido em novos programas e políticas públicas voltadas para a pessoa idosa. Este estudo tem como objetivo principal analisar a percepção do idoso atendido no Programa Melhor em Casa do Município de Parobé/RS. O delineamento desta pesquisa é descritivo, qualitativo e transversal. A população do estudo foram 06 idosos atendidos no programa. Com base nas entrevistas semiestruturadas, avaliadas pela análise de conteúdo de Bardin, foi possível identificar que o atendimento domiciliar tem sido importante aliado na recuperação psicológica e na reinserção social dos pacientes idosos, consequentemente, contribuindo para a melhora da sua qualidade de vida. Importante ressaltar que a reinserção social desses pacientes está diretamente ligada à sua condição psicológica. Cabe salientar que estes pacientes são, na sua maioria, usuários apenas do Sistema Único de Saúde, não possuindo plano de saúde privado.

Palavras-chave: Atenção domiciliar. Idoso. Qualidade de vida. Velhice.

Resumen: El envejecimiento de la población demanda una respuesta integral de la salud pública. Sin embargo, el debate ha sido insuficiente y las evidencias de lo que se puede hacer son limitadas. Con el aumento de la población anciana, el servicio público ha invertido en nuevos programas y políticas públicas dirigidas a la persona de edad. Este estudio tiene como objetivo principal analizar la percepción del anciano atendido en el Programa Mejor en Casa del Municipio de Parobé / RS. El diseño de esta investigación es descriptivo, cualitativo y transversal. La población del estudio fueron 6 ancianos atendidos en el programa. Con base en las entrevistas semiestructuradas, evaluadas por el análisis de contenido de Bardin, fue posible identificar que la atención domiciliar ha sido importante aliado en la recuperación psicológica y en la reinserción social de los pacientes ancianos, consecuentemente, contribuyendo a la mejora de su calidad de vida. Es importante resaltar que la reinserción social de esos pacientes está directamente ligada a su condición psicológica. Cabe señalar que estos pacientes son, en su mayoría, usuarios sólo del Sistema Único de Salud, no teniendo un plan de salud privado.

Palabras clave: Atención domiciliaria. Personas de edad avanzada. Calidad de vida. la vejez.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um triunfo, também é considerado resultado do desenvolvimento de uma sociedade, prova cabal de vitória do ser humano sobre os percalços e adversidades da natureza, até mesmo um atestado de competência para muitas políticas e programas. Assim, o envelhecimento e a possibilidade de aumento da longevidade trouxeram a necessidade de se avaliar a qualidade destes anos de vida.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O trabalho na área de saúde do idoso deve seguir as seguintes diretrizes preconizadas pelo Ministério da Saúde: promoção do envelhecimento ativo e saudável; atenção integral e integrada à saúde da pessoa idosa; estímulo às ações intersetoriais, visando à integralidade da atenção; a implantação de serviços de atenção domiciliar; o acolhimento preferencial em unidades de saúde, respeitado o critério de risco; provimento de recursos capazes de assegurar qualidade da Atenção à Saúde da Pessoa Idosa; fortalecimento da participação social; formação e educação permanente dos profissionais de saúde do SUS na área de saúde da pessoa idosa; divulgação e informação sobre a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa para profissionais de saúde, gestores e usuários do SUS; promoção de cooperação nacional e internacional das experiências na atenção à saúde da pessoa idosa; apoio ao desenvolvimento de estudos e pesquisas (MIRANDOLA et al., 2015).

O Ministério da Saúde instituiu a Atenção Domiciliar no âmbito do SUS mediante a portaria nº 2.029, de 24 de agosto de 2011, e a redefiniu com a portaria nº 963, de 27 de maio de 2013 (BRASIL, 2013). Para atender as demandas mais urgentes foi criado o Programa Melhor em Casa, que deve atuar em rede com as demais políticas públicas de saúde, mas centrado no atendimento domiciliar.

No município de Parobé/RS, o programa foi implantado em 2013, desde então, vem sendo referência para pacientes acamados com alta hospitalar, na sua maioria (60%) idosos e usuários do SUS. Conforme características do Município, a modalidade implantada foi Emad Tipo 1 – composta por um médico que também é coordenador, uma enfermeira, uma técnica de enfermagem e uma fisioterapeuta, recebendo o custeio mensal de R\$50 mil/mês. (PAROBÉ, 2013). O fato de a maioria dos pacientes vinculados ao programa serem idosos, com doenças crônicas, alto grau de dependência, instigou o estudo sobre os domínios psicológico e social e seus reflexos na qualidade de vida desses pacientes, pois raras pesquisas sobre este tema específico foram localizadas.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2013), a maioria dos municípios que possuem o Programa Melhor em Casa, atendem grande número de pacientes idosos, acima de 60 anos. Dentre esses pacientes, 20 a 30% com idade superior a 75 anos, apresentavam problemas crônicos e internações em instituições hospitalares efetuadas indevidamente, na maioria das vezes por falta de estrutura e de atendimento na residência. Com a implantação do Programa Melhor em Casa, esses pacientes continuam o tratamento em seus lares, reduzindo, assim, as





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

internações hospitalares em até 80% e, conseqüentemente, o risco de contaminação dos pacientes com as internações, muitas vezes desnecessárias, reduzindo também os custos públicos.

O Programa Melhor em Casa é um serviço indicado para pessoas que apresentam dificuldades temporárias ou definitivas de sair do espaço da casa para chegar até uma unidade de saúde, ou ainda para pessoas que estejam em situações nas quais a atenção domiciliar é a mais indicada para o seu tratamento. A atenção domiciliar visa a proporcionar ao paciente um cuidado mais próximo da rotina da família, evitando hospitalizações desnecessárias e diminuindo o risco de infecções, além de mantê-lo no aconchego do lar. Conforme a necessidade do paciente e critérios do programa, esse cuidado em casa pode ser realizado por diferentes profissionais (BRASIL, 2013).

A motivação em aprofundar o estudo nesta área se justifica na medida em que poucas são as publicações de pesquisa encontradas referenciando o Programa Melhor em Casa, bem como seu viés com os idosos e sua qualidade de vida. Existem diferentes programas e ações em saúde que acabam não sendo analisados em sua profundidade por falta de sistema de informação, ignorando-se os indicadores deste serviço. Assim, deixa-se de mensurar sua efetividade e perdem-se índices valiosos enquanto instrumento de gestão. Sendo assim, alguns questionamentos quanto ao que pode influenciar a qualidade de vida dos pacientes idosos atendidos, podem subsidiar a análise subsequente da eficácia e efetividade das ações e políticas públicas. A partir dos argumentos expostos, definiu-se o seguinte problema de pesquisa: Como é a qualidade de vida dos idosos atendidos pelo Programa Melhor em Casa no Município de Parobé? Para atingir a meta proposta, o objetivo geral que norteou a pesquisa foi: compreender a percepção dos idosos em atendimento no Programa Melhor em Casa.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo com delineamento descritivo, de abordagem qualitativa, realizado por meio da aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada, realizada no período de agosto e setembro de 2017. A amostra foi composta por 06 pacientes atendidos pelo programa. A análise das informações foi realizada a partir do método análise de conteúdo de Bardin (2011). A coleta de dados foi realizada após todos os entrevistados assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram respeitadas as condições de sigilo e conforto. Todas as pessoas foram entrevistadas individualmente em suas residências.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os participantes da pesquisa estão vinculados ao Programa há mais de seis meses: três mulheres e três homens, com mais de 60 anos. Com as informações obtidas por meio das entrevistas, verificou-se que as mulheres são viúvas e dependem dos filhos (as), já no caso dos homens, as cuidadoras são as esposas, às vezes com apoio da família. As características comuns é que, na sua grande maioria, são pacientes com AVC, doenças crônicas, dependentes fisicamente, com grande carência econômica e com necessidade de apoio familiar. Além disso, dependem muito do atendimento do Programa Melhor em Casa e da rede do SUS (Sistema Único de Saúde), pois a maioria não possui plano de saúde nem condições de custear tratamentos particulares.

É possível identificar nos relatos dos pacientes as grandes dificuldades de mobilidade e o impacto que geram sobre o domínio psicológico e na ressocialização desses pacientes. Cabe analisar alguns relatos: “Eu chorava muito, por que tinha que ser assim comigo” (Participante1). Uma paciente cadeirante, devido a cirurgias e procedimentos constantes, menciona as dificuldades de aceitar a dependência, ela diz: “Vou na Igreja, sou evangélica, duas vezes por semana vou na Igreja, mas não tenho saído muito. Falo muito por telefone com parentes”. Essas falas se identificam com o que dizem Bottino e Aparício (2011, p. 175) sobre qualidade de vida na velhice ao afirmarem que a depressão em idosos muitas vezes possui características especiais, que dificultam o diagnóstico.

Os referidos autores também frisam aspectos importantes que se somam e favorecem o aparecimento da doença: múltiplas doenças crônicas, usos de diversas medicações, mudanças no papel social, como a aposentadoria, perda de familiares e amigos, modificação da vida familiar (p.ex. casamento de filhos), redução de renda e suporte social. Quando as dificuldades de locomoção e de acesso dentro da própria casa se tornam um elemento de desmotivação, é importante uma atenção ainda maior da equipe e da família. Mesmo com dificuldades econômicas, se busca alternativas para a socialização dos pacientes, que mudam suas rotinas repentinamente e muitas vezes deixam de ter uma vida ativa, passando a depender da ajuda de terceiros para suas necessidades diárias. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2005), o envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. Durante as entrevistas, evidenciou-se a importância do atendimento multidisciplinar e





a necessidade do atendimento psicológico, pois aparece como uma grande demanda apresentada pelos pacientes e pelos profissionais, o que auxiliaria muito, tanto na recuperação física, quanto na socialização deste paciente.

A participante 2 expressa: “Quero melhorar para não incomodar as pessoas, penso que incomodo muito os outros”. A depressão tem sido adversária na recuperação desses idosos, eles se sentem um “fardo” para familiares. A Rede de Assistência à Saúde (RAS) tem se tornado uma importante estratégia para assegurar ao usuário o conjunto de ações e serviços, através de uma assistência contínua a determinada população no tempo e lugar certos, com custo e qualidade adequados (MENDES, 2011).

A participante 3 demonstra a frustração da privação de movimentos em seu relato: “Meus filhos não conseguem sair comigo, tem seus compromissos [...] meu filho teve infarto [...] toma medicação, não pode dirigir. Tenho cinco filhos, por perto, mas para sair não tenho nenhum”. No decorrer das entrevistas, observou-se que os pacientes sentem muita falta de familiares que não se fazem presentes, geralmente, um ou dois acabam dividindo as responsabilidades com os cuidados. Constatou-se que o abandono de familiares e a falta de contato com netos contribui para a desmotivação desses pacientes, gerando, conseqüentemente, um quadro de depressão.

Além disso, percebeu-se que muitos dos pacientes dão grande valor à religiosidade e sentem muita falta de frequentar a Igreja de sua preferência com regularidade, alguns recebem visitas de pastores e fazem esforço para ir à Igreja. Isso pode ser constatado na afirmação da participante 4: “Somos da Igreja, fazem culto aqui em casa, tenho muita fé”.

Consoante Martins et al. (2009), a solidão manifestada por muitos idosos, pode estar associada à presença de limitações físicas geradas pela doença e à dificuldade de realizar atividades da vida diária, como o caminhar. Ressalta-se que alguns fatores podem contribuir para o afastamento social do idoso e conseqüente sentimento de solidão, já que o indivíduo se torna recluso em seu domicílio. O acesso ao transporte e a preocupação com sua segurança pessoal podem ser citados como exemplos de barreiras arquitetônicas e sociais enfrentados pelo idoso que podem acentuar a sua solidão. Essas mudanças ocasionam efetivas reduções na capacidade funcional e podem agravar-se mediante condições ambientais e sociais inadequadas.

As tensões psicológicas e sociais podem apressar as deteriorações associadas ao processo de envelhecimento. Percebe-se, no indivíduo que envelhece, uma interação maior entre os estados psicológicos e sociais refletidos na sua adaptação às mudanças. A habilidade pessoal





de se envolver, de encontrar significado para viver, provavelmente influencia as transformações biológicas e de saúde que ocorrem no tempo da velhice. Assim, o envelhecimento é decisivamente afetado pelo estado de espírito, muito embora dele não dependa para se processar (MENDES et al., 2005).

O participante 5 relata que sua vida mudou depois de ser atendido pelo Programa Melhor em casa, viveu novamente, segundo ele, que ficou meses na UTI: “eu sentia o cheiro das feridas de escaras no corpo, eu achava que não iria sobreviver [...]”. A fala remete à importância do atendimento domiciliar e da Política de humanização, enfatizando que a humanização dos serviços é um eixo de práticas em saúde, uma estratégia para possibilitar e concretizar um dos princípios fundamentais do SUS: a integralidade em relação com seus princípios complementares da universalidade e da equidade. Uma prática de saúde pautada pela integralidade manifesta-se nas relações do profissional com o usuário, caracterizadas tanto pelo acolhimento, vínculo e cuidado nas práticas quanto pela responsabilização, resolutividade e intersetorialidade dos serviços. O foco está sempre nas relações entre o profissional e o usuário (JUNGES; SELLI; BENETTI, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento da população tem ocasionado mudanças no perfil epidemiológico e verifica-se um grande número de pacientes com doenças crônicas, degenerativas, com grandes dependências físicas e sequelas neurológicas e psicológicas. Verificou-se que muitos pacientes idosos atendidos pelo Programa Melhor em Casa são acometidos dessas doenças e possuem grande tendência à depressão e ao isolamento social, o que dificulta ainda mais o tratamento e sua recuperação, afetando diretamente a qualidade de vida desses idosos. As fragilidades dos serviços de saúde em atender este público são evidentes, porém foi possível identificar, neste trabalho, o grande empenho da equipe do Programa Melhor em Casa em suprir as deficiências dos pacientes durante o tratamento, buscando apoio na rede e demais serviços disponíveis no município, mas sabe-se que muito não depende somente deles, a transversalidade e funcionamento da rede de apoio é fundamental.

Os pacientes atendidos, na sua maioria, apresentam grande vulnerabilidade, com dificuldades socioeconômicas, renda insuficiente, moradia inadequada, sem alimentação necessária, muitas vezes sofrem com ausência ou abandono da família, ocasionando um certo desestímulo em lutar pela sua recuperação. Ouvindo os pacientes, familiares e profissionais é





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

possível identificar que a rede de serviços ainda precisa atuar de forma articulada, especialmente com relação ao Programa Melhor em Casa, para que esses casos possam ser discutidos na rede, prioritariamente quando ocorre a alta do Programa Melhor em Casa e deve ter atendimento na atenção primária. Destacar esse aspecto é relevante, porque muitos pacientes necessitam de apoio psicológico, bem como os cuidadores, durante e após se desvincular do Programa Melhor em Casa. Este adoecimento tem sido um dos fatores do isolamento social desses pacientes e a não efetividade do tratamento, que muito é devido à fragilidade emocional não tratada. Esta situação também leva ao abandono do tratamento. Parece essencial manter uma rede de apoio estruturada e capacitada para atender essas demandas, atividades de prevenção e educação permanente em saúde, potencializar a capacitação de familiares e também orientar como lidar com estas situações é de extrema relevância.

Evidencia-se a necessidade de manutenção e ampliação de políticas públicas que acolham pacientes idosos, pois na sua maioria são doentes crônicos, mas que se dispuserem de atendimento adequado e condições de ambiente digno, podem retomar suas rotinas básicas e obter uma recuperação mais rápida. É fundamental a conscientização da família e dos amigos no processo de envelhecimento e na luta contra o preconceito e discriminação contra a pessoa idosa.

Com o aumento da população idosa, observa-se a necessidade de se desenvolverem meios para melhor atender às dificuldades advindas com esse crescente número. Mesmo existindo as perdas durante o processo do envelhecimento, o envelhecer de maneira ativa deve ser estimulado entre os idosos, pois ele é sinônimo de vida plena e com qualidade. Envelhecimento ativo corresponde ao equilíbrio biopsicossocial, à integralidade do ser que está inserido em um contexto social e é capaz de desenvolver suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOTTINO, Cassio M. de C.; APARÍCIO, Marco A. Saúde mental e qualidade de vida na velhice: Aspectos psiquiátricos. In: NERI, Anita L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice**. Campinas, SP, 2011. p. 173-187.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Envelhecimento Ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

_____. Ministério da Saúde. Programa Melhor em Casa: Serviço de Atenção Domiciliar. Brasília: Ministério da Saúde, 2013b.

JUNGES, José R.; SELLI, L.; BENETTI, Silvia P. da C. Humanização e clínica aplicada na atenção primária. In: MEDEROS, José E.; GUIMARÃES, Cristian F. (Orgs.). **Sementes do SUS**. Sapucaia do Sul, RS. 2008

MARTINS, Josiane de J, et al. Avaliação de qualidade de vida de idosos que recebem atendimento domiciliares. **Acta Paul Enferm.**, v.22, n.3, p. 265-7. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n3/a05v22n3.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2017.

MENDES, Eugenio V. **As redes de atenção à saúde**. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2011.

MIRANDOLA, Andrea R. et al. Políticas Públicas para Idosos no Brasil. In: BÓS, Ângelo José Gonçalves et al. (Org.). **Perfil dos Idosos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola de Saúde Pública, 2015. p. 14-29.

PAROBÉ. Secretaria Municipal de Saúde de Parobé. **Projeto de Implantação do Serviço de Atenção Domiciliar: Melhor em casa**. Parobé: Secretária da Saúde, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A FOTOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE CONTEXTUALIZAÇÃO NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

LA FOTOGRAFÍA COMO ESTRATEGIA DE CONTEXTUALIZACIÓN EN LA
PRÁCTICA DE LA EDUCACIÓN AMBIENTAL

Matheus da Silva Peixoto (IFRS)¹
Cibele Schwanke (IFRS)²
Cassiano Pamplona Lisboa (IFRS)³

Resumo: Considerando as inúmeras perspectivas da atuação humanas sobre o meio ambiente, tentamos utilizar-se da fotografia para promover de maneira transdisciplinar a Educação Ambiental com adolescentes de uma comunidade em situação de vulnerabilidade socioambiental de Porto Alegre/RS. Junto desta ferramenta foi desenvolvido o ensino de ecologia abordando conceitos e promovendo debates acerca dos paradigmas entre cultura e natureza. Através da *práxis* os educandos puderam fotografar os ambientes de sua comunidade e assim (re)interpretar seu ambiente. Encontramos nesta experiência de aprendizado coletiva o entendimento sobre como a tecnologia pode auxiliar o ensino de ecologia e aproximar os jovens da educação ambiental.

Palavras-chave: Ecologia. Meio Ambiente. Imagem. Adolescentes

Resumo: Teniendo en cuenta las perspectivas de muchas de las acciones humanas sobre el medio ambiente, tratamos de utilizar la fotografía para promover la forma interdisciplinaria ambiental educación en un proyecto de extensión con adolescentes de la comunidad desfavorecida vulnerabilidad social y ambiental de Porto Alegre/RS. Con esta herramienta se desarrolla la enseñanza de la ecología atender conceptos y promover debates sobre los paradigmas entre cultura y naturaleza. A través de la praxis los estudiantes fueron capaces de fotografiar sus entornos comunitarios y (re)interpretar su ambiente. Encontramos en esta experiencia de aprendizaje colectiva, la comprensión de cómo la tecnología puede complementar la enseñanza de la ecología y acercar a los jóvenes de la educación ambiental.

Palavras-clave: Ecología. Medio Ambiente. Imagen. Adolescentes

INTRODUÇÃO

Desde que a fotografia surgiu na história, o modo de contar fatos, noticiar ou apresentar narrativas mudou. O avanço tecnológico possibilitou a presença da fotografia em nosso cotidiano, seja produzindo *selfies*, fotos de paisagens ou de outras ações que atravessam nossas vidas. Em diversas formas de comunicação, a fotografia está associada a mensagens de

¹ Bolsista Pet-Conexões Gestão Ambiental e graduando do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre. E-mail: gestao.peixoto@gmail.com

² Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS). Docente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre. Tutora do grupo Pet-Conexões Gestão Ambiental. E-mail: cibele.schwanke@poa.ifrs.edu.br

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS). Docente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre. E-mail: cassiano.lisboa@poa.ifrs.edu.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

outdoors, a conteúdos das redes sociais, às mídias etc. Por ter se tornado onipresente, a imagem impressa ou digital está no dia-a-dia da sociedade e vem se tornando uma boa ferramenta para os processos educativos. Como destacam Borges et al. (2010, p.152), “[...] sem dúvida, a fotografia integrou-se definitivamente em várias áreas das atividades humanas, proporcionando processos criativos na busca de novos patamares do conhecimento, em todas suas formas e níveis.”.

Desta forma, a fotografia transcreve impressões do fotógrafo(a), e quem interage com a imagem também têm suas perspectivas de (re)interpretação. Uma foto, assim, tem a possibilidade de fazer aflorar sentimentos, sensibilizar e envolver o outro no(s) processo(s) que a criaram em determinado espaço-tempo. Carregada de visualidades, entendemos que, ao escolhermos os cenários e seus contextos, estes elementos demonstram histórias, tornando-se um trabalho autoral que apresenta manifestações socioculturais que podem configurar novas percepções a quem as observa (PEDROSA & COSTA 2017).

Envolvido pelas diferentes formas de combinação desta ferramenta, torna-se interessante pensar em como seria aplicar seu uso na Educação Ambiental (EA). Foi a partir desta vontade de ampliar nossa percepção sobre o ambiente no qual estamos inseridos que se escolheu a fotografia como uma das ferramentas para trabalhar EA, mais especificamente no ensino de ecologia. O relato de experiência aqui apresentado integra as atividades de um projeto de extensão realizado no âmbito do Grupo PET-Conexões Gestão Ambiental do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - *Campus* Porto Alegre no ano de 2017. De acordo com Mousinho (2003), a EA é um processo individual e coletivo que se pretende despertar transformações sociais, contextualizando a questão ambiental com as questões éticas e políticas.

São amplas as possibilidades de abordagem e há vários enfoques disponíveis quando se pretende estimular e fortalecer os vínculos entre as pessoas e o seu ambiente. Acolhendo o pluralismo das ideias e as concepções de “ambiente” e “natureza”, pode-se, através da EA, encontrar novas maneiras de observarmos o meio ambiente, descobrindo a biodiversidade e analisando nossa cultura. As questões socioambientais estão intrinsecamente ligadas aos fluxos e interatividade entre a relação da cultura com a natureza. Nesse sentido, Carvalho (2004) nos convida a trocar nossas “lentes” para pensarmos na exuberância que é a natureza, ressignificando o termo meio ambiente para um conceito que, enquanto ser humano não nos deixa de fora e que aceita as diferentes culturas como parte deste todo - a natureza!





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Outro autor que apresenta bases e conceitos sobre EA é Layrargues (1998), trazendo referências históricas e reflexões sobre cultura, economia e ecologia. Seus argumentos em relação à problemática socioambiental e às possibilidades de preservação dos ambientes naturais não focam somente nos impactos negativos produzidos, mas também em como se entrelaçam às relações políticas decorrentes da ideologia e do sistema econômico vigentes - o Capitalismo. Discorrendo acerca de como este sistema influencia o consumo, os regimes de propriedade e os olhares sobre a natureza, o autor nos faz perceber o quanto dependemos da natureza e o quanto os modos através dos quais dela temos nos apropriado geram impactos ecológicos e sociais. Problematizando as desarmonias entre o sistema econômico e os sistemas ecológicos, as desigualdades sobre o acesso e uso dos recursos naturais, o papel regulador do Estado, entre outras reflexões, Layrargues (1998) sugere ainda a análise detalhada do termo “recurso” e de outros conceitos a fim de identificar o que está por trás da atuação do ser humano frente aos seus desenvolvimentos.

Considerando esses diversos atravessamentos, entende-se que, para desmistificar a problemática que rodeia o campo da gestão ambiental em relação ao olhar sobre a natureza, é necessário ressignificar os sentimentos de pertença do ser humano almejando que este se compreenda e perceba enquanto própria fração da natureza. O uso da fotografia na prática da EA colabora no ensino de ecologia e de ciências em geral (Borges *et al.* 2010), optou-se por trabalhar a EA de forma contemporânea, procurando capturar a atenção e interesses de jovens adolescentes. Dessa forma, integrou-se a fotografia ao projeto, com contribuições do Professor Cassiano para adaptar a metodologia proposta por Pinheiro *et al.* (2011).

EXPERIENCIANDO ATRAVÉS DA PRÁTICA

O PROJETO DIA ECOLÓGICO E A FOTOGRAFIA

Mergulhado nos conceitos dos autores utilizados com referenciais e nas possibilidades de abordagem da EA, nasceu o Projeto Dia Ecológico. O Grupo PET-Conexões Gestão Ambiental, que realiza atividades EA na Vila Nossa Senhora das Graças (também chamada pelos educandos por Vila Resvalo) desenvolve projetos que possibilitam a transformação social dos sujeitos. Esta comunidade localiza-se às margens do Arroio Cavallhada, no Bairro Cristal, zona sul de Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Atualmente encontra-se em processo de remoção, porém ainda há um expressivo número de moradores em situação de vulnerabilidade





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

socioambiental (cerca de 1.500 famílias). A comunidade recebe serviços de assistência social pelo Programa Integrado Socioambiental (Prefeitura de Porto Alegre), do Centro de Apoio Casa de Nazaré (ONG religiosa) e de projetos de extensão de instituições de ensino, como o IFRS.

Através do contato com duas turmas da Casa de Nazaré, compostas por cerca de quarenta adolescentes entre onze a quatorze anos de idade, iniciou-se a proposta do Projeto. Ao conhecê-los e acolher suas sugestões de temáticas para futuras abordagens, destacou-se o interesse em tecnologias, biologia e arte. Buscando estimular sentimentos de cidadania e democracia, embarcamos num projeto com surpresas, vivências e carregado de juventudes, sempre incentivando a participação ativa, o senso crítico dos educandos e caminhando em direção às inúmeras interpretações dos ambientes de sua comunidade e do mundo em si. O tema Ecologia destacou-se como fio condutor da abordagem.

A partir desse desafio e considerando o espaço imediato, *lócus* de vida dos sujeitos, como objeto de análise na EA, surgiu a ideia de trazer mídias e a fotografia para promover momentos de discussão sobre problemas socioambientais que ocorrem na comunidade, contextualizando as dinâmicas sociais e tornando-as um cenário investigativo. Foi durante aulas expositivas-dialogadas que trabalhamos com conceitos de ecologia básica, como os apresentados por Layrargues (1998) sobre ecologia política, mais especificamente produtos ecossistêmicos, risco, perigo, justiça ambiental e conflitos socioambientais. Buscamos sempre abrir espaços oportunos para participações dos educandos.

A autonomia dos sujeitos e a criticidade destes olhares foram estimulados através de reflexões sobre a estrutura social, a fim de buscar compreender a lógica que rege a ideia do “desenvolvimento sustentável” foram o objetivo central das discussões entre o grupo. A narrativa destes jovens demonstrava pouco aporte teórico acerca de conceitos e processos ecológicos, como também pouca criticidade sobre os impactos negativos causados no meio urbano. Tentou-se não invadir seus discursos sobre os temas e, enquanto educadores, limitamos nossa atuação a análise dos mesmos e, após as falas, a complementação com informações pertinentes sobre aspectos ecológicos e a lógica do capitalismo.

RECONHECENDO O ESPAÇO

Complementarmente, foi proposto aos educandos a realização de uma sessão de fotografia na comunidade. Após manifestação positiva por parte deles, foi explicado como ocorreria o roteiro daquela atividade. Eles capturariam imagens que exemplificassem os



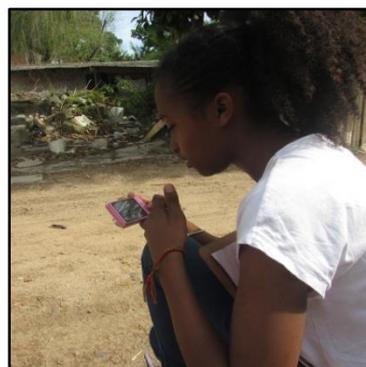


conceitos de ecologia das aulas anteriores. Por contribuições de uma educadora da Casa de Nazaré, dividimos cada turma em grupos de três ou quatro integrantes. Cada grupo contava com uma câmera fotográfica digital simples, prancheta com papel que continha resumidamente o significado dos conceitos anteriormente citados e com espaço para anotações.

Figura 1: Imagens produzidas pelo grupo



Figura 2: Educanda fotografando na saída



Fonte (fig. 1 e 2): Imagens autorais dos educandos e bolsista mediador.

A saída pela comunidade durou cerca de duas horas, seguindo um itinerário espontâneo que deles partiu. Cruzando as pontes que há no Arroio Cavalhada, caminhando pelas ruelas da comunidade e por outras avenidas adjacentes, os grupos produziram um total de duzentas fotos. Foi possível a visualização de muitas espécies da biota presente, como de insetos, plantas e do próprio arroio. Outras fotos narravam as situações de degradação dos ambientes da comunidade, como a poluição do arroio e do espaço em geral.

Após o reconhecimento do espaço, utilizou-se a sala de informática, com um computador por grupo para a análise das imagens produzidas. O momento foi para que eles pudessem conversar entre si, discutindo sobre o conteúdo das fotos e selecionando algumas imagens para empregar um dos conceitos científicos trabalhados. Conversando sobre os conceitos, sanando algumas dúvidas e problematizando concepções, foi solicitado aos educandos que finalizassem a atividade com pelo menos três exemplos de cada conceito. O produto desta atividade foi um portfólio com imagens legendadas de cada grupo. No encontro seguinte as imagens foram projetadas à turma. Cada grupo justificava a escolha das fotografias, comentando sobre suas motivações de enquadramento e encantamentos por determinada imagem. Após as justificativas, o restante da turma realizava suas considerações. E, embora o mediador lembrasse da presença humana no ambiente, citando exemplos de interações humanas, nenhum





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

grupo destacou em suas fotos a espécie humana a fim de exemplificar alguns dos conceitos. Trata-se de uma ausência já discutida por outros autores e que merece mais atenção em outras pesquisas.

CONCLUSÃO

Pretendeu-se construir o Projeto aproximando os debates às diversas concepções culturais existentes e tentando respeitar a autonomia dos educandos. Tentou-se instigar a curiosidade e demonstrar o quanto o meio ambiente é composto de aspectos naturais e da cultura, pretendendo desenvolver um projeto de EA que buscasse investigar o meio físico e biológico dos ambientes urbanos, sem deixar de lado os atravessamentos que ocorrem em virtude da desigualdade social e dos processos de urbanização. Nesse contexto, Freire (1996), ao dialogar sobre o caráter libertário da educação, enfatiza que o educador, aqui tratando-se como facilitador do conteúdo, busca compreender a realidade na qual está inserido e facilita os diálogos acerca de contextualizações.

A atividade de fotografia queria torná-los por alguns instantes pesquisadores e artistas, sujeitos ativos, proporcionando o uso de ferramentas tecnológicas e valorizando aptidões humanas. A sessão de fotos trouxe descontração e inovação para o aprendizado, como ampliação a novos olhares. Tanto as mídias interativas, quanto a fotografia aproximaram os educandos do conhecimento científico, além de oportunizar sua liberdade artística, e auferiram autonomia e protagonismo aos envolvidos. Também suscitou reflexões sobre o quanto nós somos responsáveis por nossa atuação nas relações existentes entre sociedade-natureza.

A avaliação feita com grupo apontou que a maioria dos educandos considerou como interessante ou “legal” a atividade com fotografia. Alguns dos educandos adicionam algumas frases para complementar as avaliações, afirmando terem gostado de sair da sala de aula para estudar e aprender coisas novas.

Atreve-se a dizer que os processos de aprendizagem necessitam de dialogicidade e de um relacionamento horizontal entre aquele que se propõe a educar e aquele que se propõe a estar como educando, como também as constantes inversões dos papéis destes sujeitos em relação. A formação política-pedagógica incentiva a autonomia, a criatividade e a criticidade dos educandos, auxiliando o reconhecimento dos ambientes e o diagnóstico de causas e de efeitos ambientais, buscando alternativas que minimizem esses impactos negativos. Nessa relação entre educando e educador, espera-se que a democracia esteja no espaço de debate para que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

promova o diálogo entre todos. Compartilhar com o coletivo informações e reflexões pessoais acerca dos assuntos manifestados, respeitando valores e pensamentos, pode ser uma forma de construção de conhecimentos. Essas discussões e problematizações podem servir de instrumentos para diversas abordagens cognitivas dos sujeitos, assim como a *práxis* pode contribuir positivamente na pedagogia. Assim, considera-se que projetos de EA são realizados para provocar dúvidas aos envolvidos e germinar imediatas e futuras reflexões. Pequenas introduções a temas socioambientais, nesse sentido, podem, ao mesmo tempo, florescer sentimentos de amor e cuidados com a natureza e metamorfosear perspectivas de desenvolvimento planetário.

REFERÊNCIAS

BORGES, Marília Dammski; ARANHA, José Marcelo; SABINO, José A **A fotografia de natureza como instrumento para educação ambiental**. *Ciência & Educação (Bauru)*, 2010, vol.16, no.1, p.149-161. ISSN 1516-7313. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132010000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 4ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAYRARGUES, Philippe. *Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos sócioambientais*. ICMBio: 1998 Disponível em:<http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/Publica%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es_da_COEDU/Referencial_Te%C3%83%C2%B3rico/Educa%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o_para_a_gest%C3%83%C2%A3o_ambiental.pdf>. Acesso em 22 de outubro de 2017.

MOUSINHO, Patrícia. Glossário. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). *Meio ambiente no século 21*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 350.

PEDROSA, Stella Maria Peixoto de Azevedo; COSTA, Ana Valéria de Figueiredo da. **FOTOGRAFIA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS DOS DISCURSOS VISUAIS**. *Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-sp*, v. 28, n. 1, p.78-94, 14 ago. 2017. Trimestral. Departamento de Educação FCT/Unesp. <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v28i1.4828>.

PINHEIRO, *Leandro Rogério*; LISBOA, *Cassiano Pamplona*; AMARAL, *Márcio Freitas do*; CARGNIN, *Tiago Daniel de Mello*. *Imágenes fotográficas, ética y educación: itinerario posible desde la narrativa de cartoneras*. *Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa*: Vol 10 (1) 7-20. Web: <http://campusvirtual.unex.es/revistas> (2011). Acesso em 02 de novembro de 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A MUDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO: UM ESTUDO DAS MÍDIAS ONLINE DA IGREJA ONDA DURA DE JOINVILLE/SC

THE MEDIATIZATION OF RELIGION: A STUDY OF THE ONDA DURA CHURCH

Michel Rodrigues Borges (Universidade Feevale)

Anelise Rublescki (Universidade Feevale)

Resumo: O estudo traz uma análise da midiática da religião através dos conceitos dos autores Luiz Braga (2012) e Stig Hjarvard (2014), junto com o conceito de sociedades complexas por Gilberto Velho e Eduardo Viveiros De Castro (1978), apresentando como objeto de pesquisa a comunicação midiática de maneira on-line pela igreja Onda Dura, fundada em 2007, na cidade de Joinville no Estado de Santa Catarina, e que conta com mais de 160 mil seguidores na mídia digital Facebook e 101 mil inscritos no canal de vídeos YouTube. Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-empírico, desenvolvido por revisão de literatura e estudo de caso. A pesquisa aponta que a comunicação da Onda Dura está pulverizada em diversos dispositivos midiáticos, como uma forma de diversificar e ampliar a audiência, com mídias menos onerosas que as tradicionais (TV, rádio, jornal). A iniciativa facilita o engajamento do público jovem pertencente a grandes centros urbanos.

Palavras-chave: Midiática. Religião. Cultura. Cristianismo.

Abstract: The study brings an analysis of the mediaticization of religion through the concepts of the authors Luiz Braga (2012) and Stig Hjarvard (2014), together with the concept of complex societies by Gilberto Velho and Eduardo Viveiros De Castro (1978), presenting as research object the online media mediated by the Onda Dura church, founded in 2007 in the city of Joinville in the State of Santa Catarina, which has more than 160 thousand followers in the digital media Facebook and 101 thousand enrolled in the YouTube video channel. Methodologically, this is a theoretical-empirical study, developed by literature review and case study. The research points out that Onda Dura's communication is pulverized in several media devices, as a way to diversify and broaden the audience, with less expensive media than traditional ones (TV, radio, newspaper). The initiative facilitates the engagement of the young public belonging to large urban centers.

Palavras-chave: Mediaticization. Religion. Culture. Christianity.

INTRODUÇÃO

A comunicação, por mais primitiva que fosse, sempre foi uma necessidade presente em qualquer sociedade. Codificar e decodificar conceitos mentais com o uso da linguagem para transmitir, interpretar e construir conhecimento (HALL, 1997, p. 49) é fundamental para o convívio e desenvolvimento da humanidade.

A comunicação sempre virá impregnada de intenções, de valores, de uma ideologia, pois sempre é intencional (JENKINS, 2013). E quando olhamos com este pensamento para as organizações religiosas, podemos observar a preocupação na comunicação de suas crenças e o investimento em diversas formas de potencializar suas mensagens com o uso da mídia ao longo dos séculos.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Dos escritos em pedras e plaquinhas de barro (PINHEIRO, 2015) até as transmissões ao vivo de mensagens religiosas pela internet, o cristianismo no Brasil tem, em especial as igrejas evangélicas, se mostrado atento às novas tecnologias de informação. Igrejas têm surgido com forte presença midiática, principalmente através internet, e algumas demonstram uma linguagem estética voltada para o público jovem, como é o caso da Igreja Onda Dura, cuja sede fica na cidade de Joinville/SC, no Brasil, a Brasa Church de Porto Alegre/RS e a Bola de Neve Church em São Paulo/SP.

Neste cenário, o foco deste estudo está pautado dentro dos temas midiatização e religião, com o objetivo de observar e analisar como a Igreja Onda Dura tem midiatizado a religião durante o mês de abril de 2018, especialmente com o uso da internet.

O olhar sobre esta temática, que desencadeou o presente estudo, surgiu através de três principais informações. Primeiramente, o grande crescimento das igrejas evangélicas no Brasil, seguido da pouca quantidade de estudos acadêmicos com este foco e a relevância destas manifestações culturais na constante transformação da sociedade, visto tamanhas proporções que as igrejas evangélicas têm tomado no Brasil.

A pesquisa do IBGE¹ aponta um grande decréscimo do número de seguidores da Igreja Católica e um grande crescimento das igrejas evangélicas no Brasil, junto com um crescimento de pessoas sem fé declarada. Segundo o senso de 2010:

Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%. (IBGE, 2012, online)

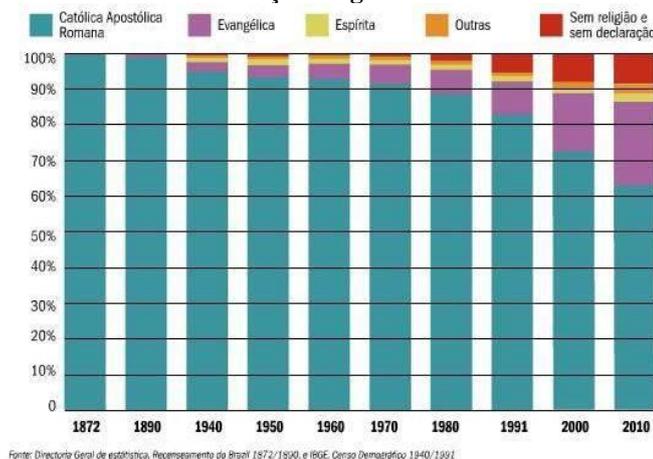
Este gráfico ajuda a visualizar proporcionalmente os números levantados pelo IBGE com um histórico maior de informações:

¹ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é um instituto público da administração federal brasileira criada em 1934 e que realiza o senso brasileiro entre outras pesquisas.





Figura 1: Gráfico as mudanças religiosas no Brasil de 1872 até 2010.



Fonte: AZEVEDO, 2017, online.

Segundo Martino (2003, p. 8) “poucos trabalhos científicos abordam a mídia religiosa como objeto”. Embora seja uma citação de 2003 e tenha surgido pesquisadores nesta área, como os Drs. Moisés Sbardelotto, Antônio Fausto Neto, José Marques de Melo, Paulo Roque Gasparetto, Joana T. Puntel, entre outros, ainda sim existem grandes lacunas para explorar e se aprofundar, dada a complexidade do tema e a constante transformação.

Para conceituar e realizar as análises sobre a midiatização, escolhi os autores José Luiz Braga (2012) e Stig Hjarvard (2014) da área da comunicação, relacionado com Gilberto Velho e Eduardo Viveiros De Castro (1978) da Antropologia com o conceito de sociedades complexas. Também trouxe alguns conceitos que auxiliam discorrer este estudo, Stuart Hall (1997) com o conceito de representações, Joana T. Puntel (2008) com informações históricas da igreja cristã quanto ao uso da mídia e Luíz Mauro Martino (2003) que aborda o uso da mídia pelas igrejas cristãs.

MIDIATIZAÇÃO NA IGREJA ONDA DURA

A igreja Onda Dura é uma igreja com dez anos de existência (em 2018) e está localizada no bairro Boa Vista, quase na divisa com o bairro Centro da cidade de Joinville em Santa Catarina, uma cidade com mais de 557 mil habitantes, sendo a maior cidade do Estado². O grande número de habitantes é acompanhado por uma grande quantidade de igrejas agrupadas num curto espaço geográfico e que conseqüentemente vivem uma luta constante para atrair novos fiéis e manter os que já são membros.

² <https://pt.wikipedia.org/wiki/Joinville> Acesso em 27 abr 2018: 17:40





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Esta igreja possui, no momento do levantamento, 12 congregações³ no Brasil, desde Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul até Macapá no Amapá. Com o crescimento, surge a necessidade de aumentar o alcance de sua mensagem, criar sentimento de pertencimento e fidelizar seus fiéis, mesmo quando longes fisicamente e participantes de reuniões e eventos diferentes dentro da própria igreja. Para isso, os meios de comunicação em massa se tornam uma ótima opção, especialmente a internet por ser dinâmica, proporcionando o diálogo em muitas plataformas, o grande alcance devido ao uso da web e pelo engajamento do público jovem com as novidades tecnológicas.

Ao relacionar a comunicação de massa com as organizações religiosas, em especial as cristãs, Martino (2003, p. 7), afirma que “Longe de ser apenas um meio de divulgação, passava a ser a principal arma nessa batalha simbólica pelos fiéis”. Desta forma posso compreender melhor porque grandes igrejas possuem e investem em canais próprios de televisão, rádio e outras mídias, cujos custos são muito mais elevados que as mídias sociais digitais, que acabam sendo os recursos mais utilizados por organizações de menor poder financeiro.

O investimento nas mídias digitais on-line surgem como um complemento às já existentes, como afirma o professor doutor do Departamento de Mídia, Cognição, Comunicação da Universidade de Copenhagen, Dinamarca:

a comunicação de massa tem sido complementada por uma variedade de mídias interativas, permitindo a todos não apenas receber, mas também se engajar ativamente em diversas formas de comunicação com alcance potencialmente global. Como resultado, várias formas de mídia foram integradas nas práticas da vida cotidiana, do local de trabalho até a família (HJARVARD, 2014, 23)

Esta afirmação enfatiza a complementação, contudo, na contemporaneidade brasileira, as igrejas têm encontrado nas mídias digitais on-line suas principais formas de comunicação midiaticizada. No caso da Igreja Onda Dura, dose formas de levar sua mensagem e interagir com seu público de maneira on-line estão à disposição, conforme a Figura 2, em seu website oficial⁴: Facebook, Twitter, Google Plus, LinkedIn, Youtube, Pinterest, Flickr, Sound Cloud, Spotfy, Instagram, E-mail e o próprio website.

³ Lugares físicos que funcionam como uma filial da sede, com pastor responsável e reuniões abertas ao público.

⁴ Site oficial da Igreja Onda Dura: <http://ondadura.com.br/>



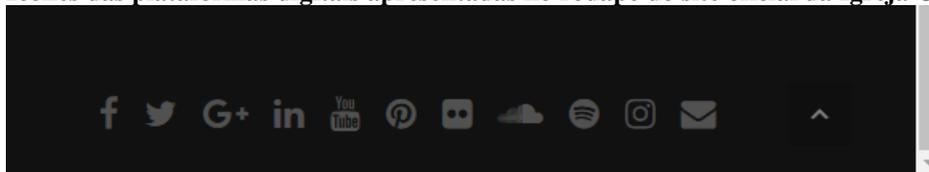


II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Figura 2. Ícones das plataformas digitais apresentadas no rodapé do site oficial da Igreja Onda Dura.



Fonte: Site Onda Dura.

Dentro das plataformas apresentadas, alguma delas se destacam com mais seguidores e participantes, como a página no Facebook que conta com mais de 162 mil inscritos, o canal de vídeos no YouTube com 103 mil inscritos e o perfil no Instagram com 85 mil seguidores. Isso demonstra que a interação social fica cada vez mais atrelada ao uso das mídias, “[...] no qual a mídia se tornou institucionalizada dentro de outros domínios sociais, ao mesmo tempo que adquiriu status de instituição social em si mesma [...]” (HJARVARD, 2014, p.26).

Esta instituição social, a mídia, acaba sendo uma extensão oficial da organização religiosa, pois “[...] os locais físicos se entrelaçam com um espaço virtual, na medida em que se torna possível realizar mais e mais práticas fora da localização física”. Desta forma, o senso de pertencimento (GASPARETTO, 2011, p.143) aumenta, mesmo não estando fisicamente no lugar, pois recebe um valor semelhante, se não maior em alguns momentos.

Segundo Braga (2012, p. 51) “são os processos da midiatização que hoje delineiam e caracterizam, crescentemente, as mediações comunicativas da sociedade”. Com o uso ostensivo da mídia, não apenas pelo surgimento de aparatos tecnológicos, mas por uma prática social sobre, percebo ao observar a Igreja Onda Dura, que existe uma constante e acelerada troca de informações através da mídia, e que esta adoção da comunicação midiatizada como cultura, que vai moldando a sociedade e retroalimentando as próprias práticas sociais.

Realizamos um levantamento através do Google Maps⁵ e pontuei todas as igrejas que se intitulam cristãs⁶ num raio de aproximadamente cinco quilômetros ao redor da Igreja Onda Dura em Joinville/SC. Pode-se observar, na figura 3, que existe uma quantidade muito grande de organizações religiosas, pois, embora as igrejas evangélicas somem cinquenta e duas ao total, existe uma grande variedade de denominações entre elas, como as igrejas Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Eterno, Igreja Quadrangular, Bola de Neve Church, Igreja Resgate entre muitas outras.

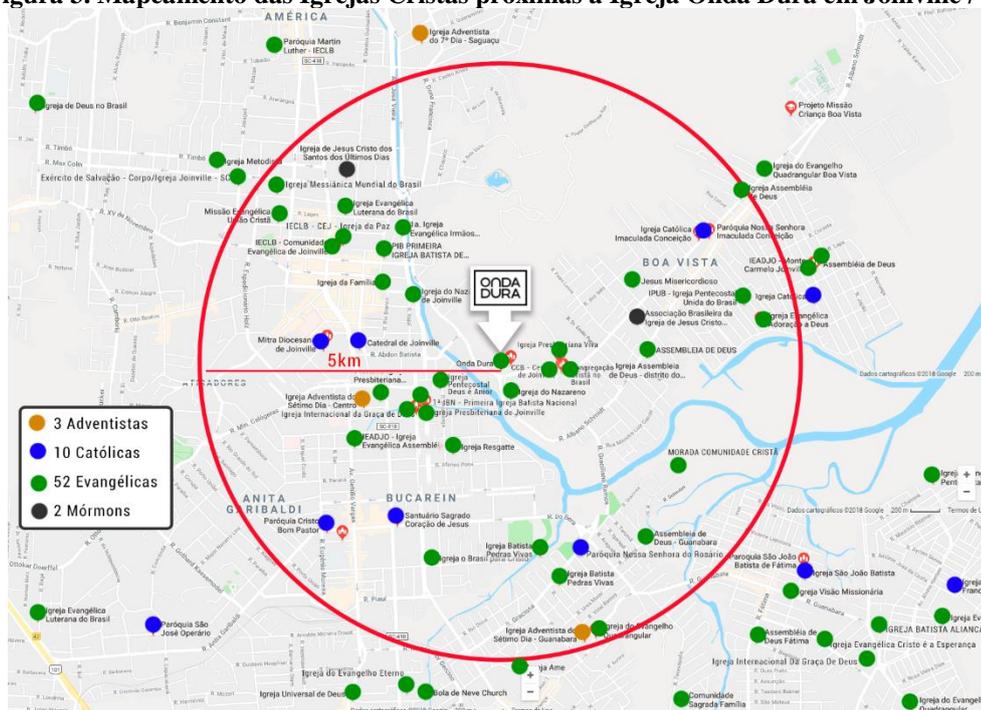
⁵ Google Maps é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite disponível em: <https://www.google.com.br/map>

⁶ Que possuem como alicerce principal os ensinamento de Jesus Cristo contidos na Bíblia Sagrada.





Figura 3. Mapeamento das Igrejas Cristãs próximas à Igreja Onda Dura em Joinville / SC



Fonte: Elaborado pelos autores com o uso do Google Maps em 22 de abril de 2018.

Embora se possa fazer um recorte temporal e analisar, uma das principais certezas é que a sociedade está em constante mudanças a cada instante. Assim também as organizações religiosas estão em constante mudança, pois são formadas por agentes sociais enraizados na cultura que estão inseridos, provocando sempre uma reconstrução dos conceitos mentais, que manifestam a cultura.

O uso de diversas plataformas, cada uma com suas características próprias de midiatar, é uma maneira de estar acompanhando estas mudanças no que tange a comunicação das igrejas, conforme (PUNTEL, 2008, p. 14), pesquisadora acadêmica e membro da Equipe de Reflexão sobre Comunicação na CNBB⁷.

A heterogeneidade é uma das principais características de uma sociedade complexa (VELHO, 1978), que pode ser percebida já na formação da cidade de Joinville, que foi fundada em 1851 por imigrantes da Alemanha, Suíça e Noruega, que se juntaram aos portugueses e indígenas que já habitavam no local⁸. Além da formação heterogênea e todas as imbricações sociais que puderam acontecer e continuarão acontecendo, a Igreja Onda Dura, além de suas

⁷ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é a instituição permanente que congrega os Bispos da Igreja Católica no País. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/quem-somos/>

⁸ IBGE, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/historico>





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

congregações espalhadas pelo Brasil, se estabelece de forma midiática tendo um alcance ainda mais heterogêneo pelo uso da internet.

Com isso “o mapa social está longe de ser claro e as pessoas são levadas, consciente ou inconscientemente, a tomarem decisões que vão marcar tipos de trajetórias possíveis dentro de uma sociedade” (VELHO, 1978, p. 8). E neste caso, o uso das mídias se apresentam como uma prática institucionalizada pela igreja toda sua comunidade.

CONCLUSÃO

A pesquisa aponta que a comunicação da Igreja Onda Dura está pulverizada em diversos dispositivos midiáticos, como forma de diversificar e ampliar a audiência, com mídias menos onerosas que as tradicionais, mas que já fazem parte, culturalmente falando, de suas práticas sociais, servindo como uma extensão de ambiente e potencializador do senso de pertencimento. Isso é um sinal das igrejas, num modo geral, de buscarem cada vez mais a apropriação de meios que promovam seus princípios e que estas mudanças acontecem de maneira muito mais acelerada quando há lideranças jovens.

Concluimos que há um olhar diferenciado das organizações religiosas quanto a aculturação do uso da mídia, principalmente pelo uso ostensivo dos jovens cada vez mais cedo, que já nascem como nativos digitais. A ampliação da pesquisa com outras organizações religiosas e o aprofundamento de alguns aspectos com certeza enriquecerão o entendimento sobre a midiaticização da religião e poderá apontar tendências futuras quanto a constante mudança cultural que ela provoca.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. VEJA. Online. fev. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em 22 abr 2018.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA; JUNIOR, Janotti and JACKS, N. (orgs). Mediação & midiaticização. Online. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-52. Disponível em <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 22 abr 2018.

GASPARETTO, Paulo Roque. Midiaticização da Religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. São Paulo: Paulinas 2011. 208p





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

HJARVARD, Stig. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. MATRIZES V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014. São Paulo - Brasil p. 21-44

IBGE, Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/HGEAnr>> Acesso em: 23 abr 2018.

JENKINS, Keith. A História repensada. Tradução de Mario Vilela. 4º ed. São Paulo: Contexto, 2013. 120 p.

MARTINO, Luíz Mauro Sá. Mídia e o poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003. 200 p.

ONDA DURA. Site da Igreja Onda Dura 2018. Disponível em: <<http://ondadura.com.br/>>. Acesso em 18 abr 2018.

PINHEIRO, Felipe. Ciberteologia: a comunicação da Igreja no séc. XXI. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. 86 p.

PUNTEL, Joana T. Cultura midiática e igreja: uma nova ambiência. São Paulo: Paulinas, 2008. 152 p.

VELHO, G. e VIVEIROS de CASTRO, E.B. O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica. Artefato: Jornal de Cultura. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1, jan.1978.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TRABALHO E INCLUSÃO SOCIAL: O CASO DOS USUÁRIOS DE CADEIRA DE RODAS

JOB AND SOCIAL INCLUSION: THE CASE OF WHEELCHAIR USERS

Michele Barth (Universidade Feevale)

Bruna Henkel Ferro (Universidade Feevale)

Jacinta Sidegum Renner (Universidade Feevale)

Eliane Fátima Manfio (Universidade Feevale)

Resumo: Este estudo teve como objetivo analisar o trabalho como meio para a inclusão social dos usuários de cadeira de rodas. A pesquisa caracteriza-se como observacional descritiva, com análise e discussão de dados sob o paradigma qualitativo e quantitativo. Participaram do estudo 31 cadeirantes da Associação de Lesados Medulares do Rio Grande do Sul (LEME). Os resultados mostraram que a maioria dos usuários de cadeira de rodas está em idade ativa para o trabalho, mas não se encontra inserida no mercado. Observou-se ainda que a inclusão de cadeirantes no trabalho é dificultada pelo fato dos processos seletivos priorizarem pessoas com menor grau de deficiência, pela falta de acessibilidade física estrutural e dos postos de trabalho, e, além disso, do preconceito que ainda persiste.

Palavras-chave: Cadeirantes. Mercado de Trabalho. Inclusão Social.

Abstract: This study aimed to analyze the job as a means for the social inclusion of wheelchair users. The research is characterized as descriptive observational, with analysis and discussion of data under the qualitative and quantitative paradigm. Thirty-one wheelchair users from the Association of People with Spinal Cord Injury of Rio Grande do Sul (LEME) participated in the study. The results showed that the majority of wheelchair users are in working age but not in the market. It was also observed that the inclusion of wheelchair users in job is made difficult by the fact that the selective processes prioritize people with a lower degree of disability, lack of physical accessibility and job posts, and, in addition, the prejudice that still persists.

Keywords: Wheelchair Users. Job Market. Social Inclusion.

INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho, tal como está configurado hoje, é resultado do sistema de produção capitalista. Ao contrário do que estabelece a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos, sem distinção, com o capitalismo a igualdade é praticamente inexistente. Esse processo se torna ainda mais evidente em se tratando de incluir as pessoas com deficiência no mercado de trabalho.

É através do trabalho que se criam novos círculos sociais e é onde o sujeito cria sua identidade perante a sociedade. Neste sentido cabe citar Marx e Engels (1980), os quais acreditam que o homem é o que faz e como faz. Conforme os autores, o modo como as pessoas se manifestam reflete naquilo que elas são, o que, por sua vez, coincide com o que produzem e na forma como produzem. Justamente essa relação do ser com o seu trabalho é que permite a





construção de identidade do indivíduo. Para as pessoas com deficiência, o trabalho é um meio de promover sua inclusão social, aumentando a autoestima, autonomia, segurança e independência, além de se sentir aceito na sociedade (COSTA, 2001; HEINSKI, 2004).

Para garantir a inclusão das pessoas com deficiência no trabalho, em 1991 foi instituída a Lei de Cotas nº 8.213, que em seu artigo 93, dispõe da obrigatoriedade das empresas com cem ou mais empregados contratarem de 2 a 5% de pessoas com deficiência para compor o quadro de funcionários. No entanto, apesar desta medida, a taxa de empregabilidade de pessoas com deficiência ainda é muito baixa. No ano de 2010, havia mais de 45 milhões de brasileiros com deficiência, sendo que 23,7 milhões não estavam empregados (IBGE, 2010). Isto significa que, no Brasil, pouco mais da metade das pessoas com deficiência não está inserida no mercado de trabalho.

Lobato (2009) constatou que a Lei de Cotas pode induzir à contratação de pessoas com deficiência a contragosto das empresas, sendo vista como geradora de custo perante as necessidades de adaptação do ambiente, função e local de trabalho. De acordo com os dados do IBGE (2010), a deficiência motora só não perde para a deficiência mental na taxa de atividade das pessoas com algum tipo de deficiência. Pessoas com deficiência visual e auditiva são as que mais estão sendo inseridas no mercado de trabalho. Lobato (2009) acredita que, na verdade, a Lei de Cotas limita a inclusão de pessoas com deficiência no trabalho, fazendo a contratação ocorrer em função do grau de suas limitações e não pelas potencialidades do sujeito para o trabalho.

Através deste contexto, estabeleceu-se como objetivo geral deste estudo analisar o trabalho como meio para a inclusão social de usuários de cadeira de rodas. Os objetivos específicos estiveram focados em observar em que medida os usuários de cadeira de rodas estão inseridos no mercado de trabalho e verificar qual a percepção dos usuários de cadeira de rodas sobre a inclusão social da pessoa com deficiência no trabalho.

METODOLOGIA

Este estudo é um recorte das dissertações das autoras (BARTH, 2017; FERRO, 2017), sendo que ambas estão integradas ao macroprojeto de pesquisa “Desenvolvimento de produtos e adaptações ergonômicas para a cadeira de rodas”. O macroprojeto de pesquisa encontra-se aprovado no CEP sob o número 49410815.2.0000.5348. Além disso, o estudo teve o apoio da





Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), pelo Programa Pesquisador Gaúcho.

A pesquisa caracteriza-se como observacional descritiva, com análise e discussão de dados sob o paradigma qualitativo e quantitativo. A amostra é caracterizada como não probabilística por conveniência. O campo de estudo foi a Associação de Lesados Medulares do Rio Grande do Sul (LEME), localizada na cidade de Novo Hamburgo, RS. Participaram do estudo 31 cadeirantes de ambos os sexos (26 do sexo masculino e 5 do sexo feminino), com média de idade de 39,2 (11,6) anos.

Como instrumento de coleta de dados, aplicou-se uma entrevista semi-estruturada, com roteiro preestabelecido. Destaca-se que a entrevista foi realizada logo após o participante assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram gravadas e transcritas para arquivo de texto.

A análise dos dados qualitativos ocorreu através do método de categorização e, para os dados quantitativos foi utilizado o SPSS–22.0, com nível de significância de 0,05, através de estatística descritiva, observando-se médias aritméticas, desvios padrões e frequências. Para a análise da normalidade dos dados utilizou-se o teste Kolmogorov-Smirnov. A análise e discussão foi realizada pelo método de triangulação de dados.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

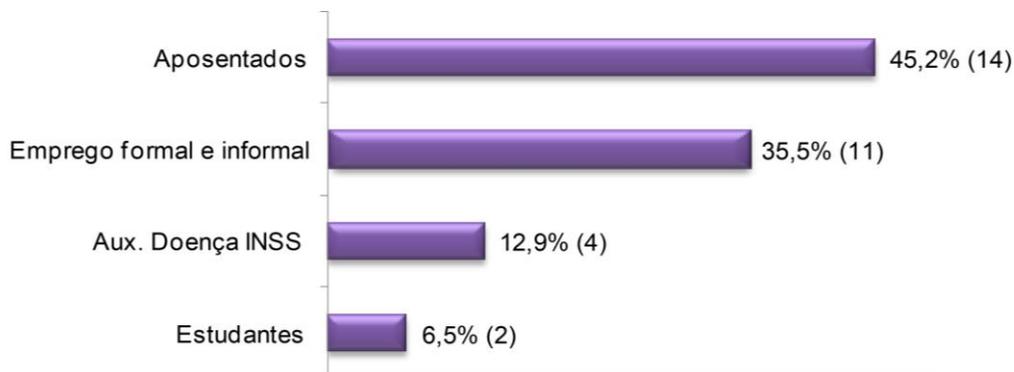
Para iniciar a análise e discussão sobre o trabalho como meio para a inclusão social dos usuários de cadeira de rodas, é relevante apresentar algumas características da deficiência dos participantes da amostra investigada. Dos 31 cadeirantes entrevistados, 80,6% (25) são lesados medulares. As demais patologias informadas pelos participantes são: poliomielite, atrofia muscular, mielomeningocele, vírus na medula e coágulo de sangue na medula. Somente 6,5% (2) cadeirantes informaram ser tetraplégicos, ou seja, apresentam perda de movimentos nos braços, tronco e pernas. Os demais participantes são paraplégicos (93,5%, 29), com perda de movimentos nas pernas e em parte do tronco. O tempo médio em que os sujeitos necessitam do uso da cadeira de rodas é de 11,7 (10,5) anos, sendo que a maioria (61,3%, 19) utiliza a cadeira de rodas a menos de 10 anos.

Ao investigar sobre o perfil profissional dos usuários de cadeira de rodas que participaram do estudo, foi possível elencar quatro categorias, conforme ilustrado na Figura 1.





Figura 1. Perfil profissional dos usuários de cadeira de rodas.



Fonte: Adaptado de Barth (2017)

Observou-se que o maior percentual (45,2%, 14) é de aposentados. Destaca-se que nesta categoria foram incluídos tanto os aposentados por tempo de contribuição quanto os aposentados por invalidez¹ pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Considerando que a idade média dos participantes que se declararam aposentados é de 43,3 (10,3) anos, verifica-se que a maior parcela está em idade ativa para o trabalho, porém aposentada por invalidez.

Do total de entrevistados, 35,5% (11) informaram as seguintes ocupações (dentre empregos formais e informais): contador e advogado; cobrador de ônibus; corretor de imóveis; empresário; operador de CAD; recepcionista; síndico; vendedor online; vendedor de pendrives gravadas; e doméstica. Em menor percentual estão os beneficiários do auxílio² por doença do INSS, representados por 12,9% (4) dos participantes e os estudantes, 6,5% (2).

Levando em consideração que a média de idade dos participantes deste estudo é de 39,2 (11,6) anos, observa-se que a maioria ainda está em idade ativa para o mercado de trabalho. Assim, o percentual (35,5%, 11) de usuários de cadeira de rodas que se sustenta através do próprio trabalho ainda é reduzido. Um dos fatores é a dificuldade destes se inserirem no mercado devido as características da sua deficiência, conforme relato a seguir:

¹ A aposentadoria por invalidez, segundo classificação do INSS, é um benefício ao trabalhador que está permanentemente incapacitado de exercer qualquer atividade laboral e que não possa ser reabilitado para outra função, conforme laudo da perícia médica do INSS. O fim deste benefício ocorre somente quando o segurado recupera a capacidade e/ou volta ao trabalho ou por ocasião de óbito.

² O auxílio-doença, conforme o INSS, é um benefício para quem está temporariamente incapaz para o trabalho devido à doença ou acidente.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A inclusão no mercado de trabalho é bem complicada. Eu procurando emprego, mas as empresas escolhem muito a deficiência. Uma pessoa que não tem um polegar é considerada um deficiente, então a empresa vai preferir pegar um que não tem polegar que vai render 95% dela, do que uma pessoa cadeirante que digamos vai render 50% só. [...] Conhece a empresa [mencionou o nome]? Ela [...] não é adaptada para receber um cadeirante, e é uma das maiores empresas do Estado. O INSS mesmo foi lá, queria arrumar um trabalho para eu começar lá, e eles responderam não, não temos acessibilidade para ele. Então eles preferem pegar uma pessoa assim que não vão precisar adaptar nada, do que me pegar, vão ter que adaptar banheiro, uma rampa, vai ter que ter transporte especial pra mim, e isso gera um custo muito alto para eles. Às vezes eles preferem pagar uma multa do que estar gastando a mais com um funcionário assim. (Sexo masculino, 31 anos, cadeirante há oito anos).

Este mesmo participante ainda comentou que havia começado a trabalhar numa empresa em que o acesso ao segundo piso do prédio era somente por uma escada. Segundo ele, inicialmente os colegas de serviço o carregavam pelas escadas. No entanto, com o passar do tempo eles ameaçaram o dono da empresa de que o colocariam na Justiça, pois este não era o serviço deles. O participante relata que, por este motivo, o dono acabou dispensando-o do trabalho.

No relato deste cadeirante percebem-se duas situações que dificultam a inclusão destes no mercado de trabalho: a seletividade por pessoas com menor grau de deficiência; e a negligência por parte do empregador para com as normas de acessibilidade no local de trabalho, sendo preferível não contratar uma pessoa com deficiência a adequar sua empresa às normas de acessibilidade.

Corroborando com a primeira situação trazida na fala do cadeirante sobre a escolha do tipo de deficiência que é feita pela empresa no momento da contratação, Lobato (2009) acredita que a Lei de Cotas limita a inclusão de pessoas com deficiência no trabalho, fazendo a contratação ocorrer em função do grau de suas limitações e não pelas potencialidades do sujeito para o trabalho. A seletividade das empresas pelo tipo de deficiência não é realidade somente no Brasil. No estudo de Carapinha (2015), realizado em Portugal, a utilização de cadeira de rodas também foi apontada como barreira na contratação de pessoas com deficiência motora. Ribeiro e Carneiro (2009) também constataram que a inclusão assegurada pela Lei de Cotas, além de parcial, é excludente, por não haver exigências quanto ao tipo de deficiência na contratação destes trabalhadores, ocorrendo a seletividade e discriminação de determinadas deficiências mais graves.

A seletividade por deficiência também é apontada no relato de outro participante:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Hoje tu enxergar mal de uma vista já é pessoa com deficiência, aí é bem concorrido nesse sentido [...] estou querendo voltar pro mercado de trabalho, mas se já está bem complicado para que não é pessoa com deficiência, imagina para quem é pessoa com deficiência. (Sexo masculino, 26 anos, cadeirante há um ano).

Nesta narrativa percebe-se a dificuldade de conseguir um emprego devido à competitividade do mercado. Lobato (2009, p. 35) destaca que "a própria lógica do capital, que se baseia na restrição de oportunidades de trabalho, ou seja, na formação de um contingente de desempregados, atua como um fator que dificulta a inserção de uma parcela da população, com ou sem deficiência, no mercado de trabalho formal". Freitas et al. (2009) comentam que a concorrência do mercado dificulta ainda mais a inserção da pessoa com deficiência no trabalho, pois além de precisar estar bem qualificado e atualizado, estes ainda se deparam com o preconceito.

O preconceito é trazido em evidência no depoimento de um dos participantes que se encontra empregado:

Inclusão hoje que eu entrei no mercado de trabalho, ela é bem complicada. Porque por mais que tu tenta interagir com as pessoas, eles tem um olhar diferente, sabe. [...] A empresa que eu trabalho, a parte do RH, muito bom! Te tratam com inclusão, mas são preparados. Só que os funcionários não são. Se tu tem uma limitação, eles tem que saber que tu tem, eles tem que saber que tu tá ali tentando ser uma pessoa normal, mas não é. Não adianta tu querer ser tratado como uma pessoa normal se tu tem uma deficiência, né. Então, são direitos iguais. (Sexo masculino, 35 anos, cadeirante há 18 anos).

Lobato (2009) verificou que o preconceito e a discriminação por causa da deficiência também são motivos para que estes indivíduos não sejam inseridos no mercado de trabalho. Prelorentzou (2008) considera que os gestores das empresas geralmente adotam dois tipos de atitudes junto aos empregados com deficiência: de compaixão, sendo poupados de correções em relação ao que estão fazendo; e de indiferença, por serem vistas como incapazes para realizarem as tarefas. Marques (1998) acredita que a sociedade vê a oportunidade de trabalho dada à pessoa com deficiência como um ato de caridade por parte do empregador.

Neste sentido, uma das participantes destaca a importância da pessoa com deficiência se sentir acolhida no mercado de trabalho:

Inclusão social não é só o que está na lei. [...] porque certas inclusões, ou certas adaptações, [...] como empregar uma pessoa e [...] não oferecer a ela todo o suporte, não é inclusão social. Só colocar ela dentro da empresa porque uma lei diz... Ela tem que ter todo um suporte e também se sentir acolhida. (Sexo feminino, 26 anos, cadeirante há 10 anos).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Na opinião de Gil (2002), a empresa que oferece oportunidades de emprego às pessoas com deficiência é bem vista pela sociedade e no âmbito comercial, pois transparece o interesse na responsabilidade social. Contudo, não são concedidos ambientes acessíveis e sequer orientações aos demais trabalhadores que exercerão suas atividades junto ao colega com deficiência, resultando por vezes em atitudes preconceituosas.

Outra maneira de permitir a inclusão de pessoas com deficiência é através da adaptação de atividades e tarefas, como mencionado por um dos usuários de cadeira de rodas:

Se não der para eu fazer do mesmo jeito que vocês fazem eu invento um jeito de fazer. Eu digo que isso é inclusão social. Eu acho que pra tudo tu tem que te adaptar, tem que fazer um jeito diferente. Tipo, se eu não conseguir fazer daquela forma do jeito que tu tá fazendo vamos tentar adaptar um jeito diferente de fazer. Se tu quiser ficar naquele mundinho parado ali tu vai falar eu não posso eu não consigo e tal. Não! Não é assim! Vamos tentar! Propõe alguma coisa diferente. (Sexo masculino, 33 anos, cadeirante há 6 anos).

Conforme Tanaka e Manzini (2005), os empregadores acabam tentando enquadrar a especificidade da deficiência ao tipo de atividade, ao invés de adaptar a função à pessoa através de recursos adaptativos e auxiliares. Os autores acreditam que ao escolher o trabalho em função da limitação da pessoa, corre-se o risco de rechaçar suas reais necessidades e sua capacidade para o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo oportunizou a análise do trabalho como meio de inclusão social dos usuários de cadeira de rodas. Os resultados mostram que muitos cadeirantes em idade ativa não estão trabalhando. O mercado de trabalho, mesmo com a Lei de Cotas que estabelece vagas para pessoas com deficiência, mostra certa resistência em contratar usuários de cadeira de rodas, uma vez que isso implica em custos financeiros para tornar o ambiente da empresa acessível ao cadeirante.

Levando em consideração a competitividade do mercado e a atual situação da economia brasileira, o grau de deficiência aliado à baixa qualificação profissional torna-se uma barreira para acesso às vagas de trabalho. Assim, ocorre que muitos usuários de cadeira de rodas preferem estar assegurados financeiramente com a aposentadoria por invalidez, do que tentar inserir-se no mercado, “competindo” com pessoas sem deficiência e ainda correr o risco de perder seu emprego e, conseqüentemente, sua renda.





O preconceito com a deficiência também dificulta o acesso ao trabalho para estas pessoas. A empresa que, de fato, deseja incluir pessoas com deficiência deve adaptar suas atividades de trabalho, tornar a estrutura da empresa acessível e capacitar sua equipe para que estes tenham ciência das implicações da deficiência e do que é capaz de fazer. Afinal, incluir não é somente inserir a pessoa com deficiência dentro da empresa, mas sim, criar as condições para que esta tenha as mesmas oportunidades que os demais trabalhadores.

REFERÊNCIAS

BARTH, M. **Parâmetros ergonômicos e de conforto para usuários de cadeira de rodas:** um enfoque para saúde e inclusão social. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) - Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2017.

BRASIL. **Lei n. 8.213**, de 24/07/91. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. 1991. Disponível em: <<http://>

CARAPINHA, M. B. **Trabalho para Todos:** a integração profissional das Pessoas com Deficiência no mercado de trabalho. 2015. 79 f. [Dissertação] Mestrado em Sociologia do Trabalho e Emprego. Instituto Universitário de Lisboa. 2015.

COSTA, V. A. A. **A formação na perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade:** as experiências dos trabalhadores deficientes visuais do serviço federal de processamento de dados. 2001. 398 f. Tese (Doutorado, Programa de Educação, História e Filosofia da Educação)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

FERRO, B. H. **Design ergonômico como ferramenta para a inclusão social:** o caso dos usuários cadeirantes. 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2017.

FREITAS, É. A.; REZENDE, M. M. S.; MARTINS, R. **A inserção dos portadores de necessidades especiais no mercado de trabalho.** 2009. 44 f. [Monografia]. Curso de Psicologia. Faculdade de Ciências humanas e Sociais da Universidade Vale do Rio Doce. Governador Valadares. 2009.

GIL, M. In: ETHOS, Instituto. **O que as empresas podem fazer pela inclusão das pessoas com deficiência.** São Paulo: Instituto Ethos, 2002.

HEINSKI, R. M. M. S. Um estudo sobre a inclusão da pessoa portadora de deficiência no mercado de trabalho. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pósgraduação e Pesquisa Em Administração, 28., 2004. **Anais... Curitiba:** ANPAD, 2004.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.htm> Acesso em: 25 jul. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. IBGE: Rio de Janeiro, 2010. 215 p.

INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL (INSS). **Benefícios**. Disponível em: <<https://www.inss.gov.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

LOBATO, B. C. **Pessoas com deficiência no mercado de trabalho**: implicações da lei de cotas. 2009. 150 f. [Dissertação] Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos : UFSCar, 2009.

MARQUES, C. A. Implicações políticas da institucionalização da deficiência. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 62, abr. 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Portugal/Brasil: Presença e Martins Fontes, 1980.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. UNIC, Rio, 005, ago. 2009. 17 p. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

PRELORENTZOU, J. T. O. S. **O desafio de ser uma pessoa com deficiência nas organizações**. 2008. 82 f. [Monografia] Especialização em Gestão de Pessoas. Universidade de Brasília: Brasília, abril de 2008.

RIBEIRO, M. A.; CARNEIRO, R. A inclusão indesejada: as empresas brasileiras face à lei de cotas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho. **Organizações & Sociedade**, vol. 16, núm. 50, jul-sept, 2009, pp. 545-564.

TANAKA, E. D. O.; MANZINI, E. J. O que os empregadores pensam sobre o trabalho da pessoa com deficiência? **Revista Brasileira de Educação Especial**, 11 (2), 273-194, 2005.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ADOLESCÊNCIA, ESCOLARIZAÇÃO E TRABALHO PRECOCE: UM ESTUDO DE CASO

ADOLESCENCE, SCHOOLING AND EARLY LABOR: A CASE STUDY

Patrícia Ignácio Crestani (Feevale)¹

Michele Barth (Feevale)²

Jacinta Sidegum Renner (Feevale)³

Resumo: Este artigo teve como objetivo explorar as perspectivas de futuro profissional de adolescentes com histórico de defasagem idade/série no ensino fundamental, através das percepções de um aluno, dos seus pais e de dois professores. A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, com análise de dados sob o paradigma qualitativo. O campo do estudo foi uma escola de Ensino Fundamental, localizada em uma cidade próxima a região metropolitana de Porto Alegre, RS. Para a coleta de informações, foram realizadas entrevistas com um aluno adolescente com defasagem idade/série, com seus pais e dois dos seus professores. Os resultados mostraram que as expectativas de futuro do aluno com defasagem idade/série resumem-se a empregos precários reproduzindo históricos familiares, legitimados pelo processo de fracasso escolar. O futuro se desenha muito mais na condição de sobrevivência imposta pela realidade socioeconômica familiar do que propriamente na visualização de qualquer perspectiva de qualificação profissional.

Palavras-chave. Escolarização. Trabalho. Condição socioeconômica.

Abstract: This article aimed to explore the perspectives of the future professional of adolescents with a history of age/grade gap in elementary school through the perceptions of a student, his parents and two teachers. The research is characterized as a case study, with data analysis under the qualitative paradigm. The field of study was a Primary School, located in a city near the metropolitan area of Porto Alegre, RS. For the collection of information, interviews were conducted with a teenager with age/grade gap, with his parents and two of his teachers. The results showed that the future expectations of the student with the age/grade gap are summarized as precarious jobs, reproducing family histories, legitimized by the school failure process. The future is designed much more in the condition of survival imposed by the family socioeconomic reality than properly in the visualization of any perspective of professional qualification.

Keywords: Labor. Schooling. Socioeconomic condition.

INTRODUÇÃO

Na sociedade capitalista atual, o trabalho está imbricado como função social de todo indivíduo. Esta função se dá pela troca da sua força de trabalho, pelo salário para sua sobrevivência. Nesta dinâmica há a categoria de trabalhadores assalariados ou *salariato* (ALVES, 2007) e também a categoria de trabalhadores que não encontram-se inseridos nesta

¹ Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Feevale), pós-graduada em Gestão Educacional (UFSM) e graduada em Letras – Português e Inglês (URI). E-mail: patriciaacrestani.me@gmail.com

² Mestre e doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social, graduada em Design pela Universidade Feevale, RS. E-mail: mibarth@feevale.br

³ Doutora em Engenharia de Produção (UFRGS). Professora e pesquisadora do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social, na Universidade Feevale, RS. E-mail: jacinta@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

relação. Segundo o autor, os trabalhadores não inseridos no mercado de trabalho são a mão de obra excedente que o mercado não absorve, mas que desta força de trabalho depende para continuidade do ciclo de produção e consumo, reservando a esta população o trabalho informal⁴.

Devido ao reduzido número de vagas de emprego e conseqüentemente às maiores exigências de qualificação profissional para ingressar em determinados setores do mercado de trabalho, cada vez mais jovens acabam ingressando no trabalho informal. A inserção do jovem no mundo adulto dá-se através do trabalho precoce e, em sua maioria, do trabalho informal, já que diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), as quais definem que é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos, salvo na condição de aprendiz (Artigo 60), afeta seu desenvolvimento evidenciado no atraso da escolarização devido à repetência e evasão escolar.

Por outro lado, a escolaridade está intrinsecamente ligada à qualificação profissional e ao alcance de melhores postos de trabalho. Olhar o trabalho a partir da educação é reconhecê-lo como parte integrante da realização educativa de qualquer pessoa, porque cidadania sem trabalho é vazia (OLIVEIRA; ROBAZI, 2001). O processo de escolarização perpassa pela função primordial da escola de socialização e integração da criança ao universo cultural e simbólico da sociedade, propiciando-lhes instrumentos capazes para modificar a sua realidade (PATTO, 1996).

A partir deste contexto, a pesquisa teve o objetivo de observar as expectativas de futuro profissional de adolescentes em defasagem idade/série no Ensino Fundamental, verificando a correlação entre a entrada no mercado informal de trabalho e a escolarização. Os objetivos específicos estão focados num primeiro momento em investigar a percepção do aluno em defasagem idade/série sobre a relação trabalho e escolaridade para seu futuro profissional; e investigar a percepção de pais e professores quanto às perspectivas de futuro deste aluno.

METODOLOGIA

Este é um estudo de caso, com abordagem realizada no âmbito qualitativo, pois busca conhecer e descrever um contexto de diversas interpretações através de estudo do caso de um

⁴ Tarefa exercida por trabalhadores sem vínculo empregatício e por conseqüência sem proteção dos direitos do trabalhador.





único sujeito, sendo que participaram do estudo também os pais e mais dois colaboradores diretamente envolvidos no caso em questão. A coleta de dados foi realizada em uma escola municipal localizada em bairro periférico de uma cidade próxima à região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A escola oferece o ensino fundamental regular e a modalidade Educação de Jovens e Adultos.

Para o estudo de caso elegeram-se os seguintes critérios: aluno adolescente de até 15 anos; histórico de repetência de três anos no ensino regular; e estar matriculado no Ensino Fundamental. A pesquisa foi realizada por meio de entrevista semiestruturada tanto com o adolescente com defasagem idade/ano, quanto com seus pais e dois professores deste aluno. Os sujeitos participantes foram selecionados especialmente para representação das esferas contextuais (professores, aluno e pais) com a finalidade de observar diferentes percepções sobre o tema e sobre as expectativas de futuro para o adolescente com defasagem idade/série.

O aluno com defasagem idade/série selecionado para este estudo tem 14 anos e encontra-se matriculado no ensino diurno no turno da manhã no 6º ano do Ensino Fundamental. Visando preservar sua identidade, no decorrer do texto ele será nomeado de Roberto. Os colaboradores (Roberto, seus pais e professores) aceitaram espontaneamente participar das entrevistas. Salienta-se que as entrevistas foram gravadas e, após, transcritas para arquivo de texto.

A análise e discussão dos dados das entrevistas foi realizada pelo método de triangulação. Segundo Marcondes e Brisola (2014), no método de triangulação de dados é realizada a preparação do material coletado e a articulação de três aspectos para proceder à análise: os dados empíricos levantados na pesquisa; o diálogo com os autores que estudam a temática em questão; e a análise de conjuntura.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa gira em torno de Roberto que tem 14 anos e está no 6º ano do Ensino Fundamental, o que representa defasagem idade/ano devido ao seu histórico de reprovação escolar. Estudante no turno da manhã em classe do ensino fundamental regular, possui jornada de trabalho de aproximadamente 6 horas diárias como auxiliar de pedreiro, sem vínculo empregatício. A família de Roberto é composta pelo pai, mãe e irmã que moram na mesma residência no bairro de periferia onde está localizada a escola. No Quadro 1 é discriminado o perfil dos colaboradores do estudo. Para a caracterização do perfil são identificadas as relações





de parentesco e relações escolares com Roberto (Colaborador 1), bem como o sexo, a idade e o nível de escolaridade de cada indivíduo.

Quadro 1. Perfil dos colaboradores.

Colaborador 1	Aluno	Masculino	14 anos	6ª série
Colaborador 2	Pai	Masculino	41 anos	4ª série
Colaborador 3	Mãe	Feminino	39 anos	8ª série
Colaborador 4	Professor	Feminino	31 anos	Ensino Superior
Colaborador 5	Professor	Masculino	30 anos	Ensino Superior

Fonte: As autoras

Ao serem apresentados estes dados, é necessário esclarecer que cada sujeito participante constrói sua visão sobre as implicações da escolarização para o futuro do adolescente, de acordo com seu nível de escolarização, evidenciando suas experiências pessoais quando questionados sobre o que pensam sobre a relação escolaridade e trabalho.

PERCEPÇÕES DO ALUNO

A causa determinante para Roberto exercer atividade laboral é o auxílio financeiro à família, que justifica a complementação de renda para ajudar no pagamento das despesas familiares e a compra de bens de consumo para o jovem: *“Eu trabalho pra ajudá em casa se não dá e também prá compra minhas coisa, quero logo comprar uma moto”*. Em publicação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) são apontados alguns fatores determinantes para o trabalho precoce resumindo em suma, como pobreza, necessidade de colaborar com os pais em atividades econômicas realizadas no domicílio, desejo dos pais de que trabalhem, necessidade de ganhar a vida por si mesmos, aliado a consideração de que é melhor trabalhar do que ficar ocioso (COSTA, 1994).

Ao abordar as expectativas de futuro de adolescentes com defasagem idade/ano, através do estudo de caso de Roberto, emerge a relação entre trabalho e escolarização. Em primeiro lugar o aluno é menor de idade, o que caracteriza trabalho infanto-juvenil. Cumpre referir que o Código de Menores, segundo (OLIVA, 2006), além da proibição do trabalho à menores de 12 anos, também veda o trabalho noturno àqueles que não tivessem 18 anos completos. Para contextualizar com a realidade deste estudo, considera-se como "trabalho infanto-juvenil proibido" todo aquele realizado por crianças e adolescentes com idade inferior a 16 anos (o que identifica a situação de Roberto), salvo na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos de idade.





O quadro que se desenrola na administração da rotina diária do aluno também merece atenção. Roberto administra o turno de 4 horas de escolarização e de aproximadamente 6 horas de trabalho “*as vêz, quando tá chovendo o mestre (de obras) dispensa, aí fico em casa*”. O fato de trabalhar e estudar expressa o traço penoso de seu cotidiano, pois as atividades que exerce no seu trabalho são simples “*faço coisa que qualquer um faz, não precisa pensar*”, mas exigem esforço físico ao carregar e descarregar materiais de construção, aliado à exposição sol por longos períodos.

A sua escolarização e vivência do meio escolar é dificultada pela relação trabalho escola, uma vez que esta jornada dupla é marcada pelas dificuldades provenientes do cansaço, sono, pouca concentração ou da falta de tempo para estudar em casa e realizar tarefas fora da sala de aula. Este quadro muitas vezes é o apresentado pela maioria dos alunos com defasagem idade/série e mais cedo ou mais tarde culmina em abandono dos estudos, justificando o alto índice de evasão escolar.

Roberto atribui sentidos bastante claros sobre o trabalho e a escola em sua vida. Sua inserção no mercado de trabalho (informal neste caso) surge como meio de garantir/auxiliar a sobrevivência da família, “*prá ter dinheiro tem que trabalha, meu amigo que me falou (indicou o trabalho)*” e vê no seu histórico de fracasso escolar sua maior motivação para o trabalho, assim prevendo abandonar “*pois é, sô meio burro perto das crianças, melhor trabalhá igual meus amigos*”. Conforme Brunel (2008), muitos alunos sentem-se perdidos em seu contexto, principalmente em relação ao mercado de trabalho e à importância do estudo para sua vida.

PERCEPÇÕES DOS PAIS E PROFESSORES

Ao investigar as percepções dos pais e professores de Roberto tem-se o propósito de analisar a visão do adulto sobre o futuro profissional do aluno em defasagem idade/série. Ao mesmo tempo em que o trabalho infanto-juvenil é criticado e combatido através mecanismos das leis protetivas e regulamentadoras como o ECA (1990), Lei da Aprendizagem, por meio da lei de número 0.097/2000 há um consenso entre pais e professores de que, mantendo o jovem ocupado (trabalhando), evita-se que ele se perca nas ruas vitimada pelo consumo de drogas e por outros problemas aos quais se torna exposto. “*O pessoal acha ruim eles trabalharem, mas na rua tem muito mais perigo*” (Colaborador 4 - Professor). “*Eu trabalho o dia inteiro na fábrica, se ele tá trabalhando eu fico mais tranquila.*” (Colaborador 3 - Mãe).





Os professores compreendem que a pobreza é fator decisivo para que o jovem abandone os estudos para trabalhar: *“os alunos maiores querem mais é ir trabalhar, o estudo fica em segundo plano, até porque os pais apoiam, porque eles começam a botar mais dinheiro em casa.”* (Colaborador 5 - Professor). Isso ratifica que o trabalho do menor, com frequência, coloca-se como fundamental para o orçamento de uma família trabalhadora, geralmente pauperizada.

Em tese, a formação escolar asseguraria, ao jovem, perspectivas melhores de trabalho: *“Sem estudo não se consegue muita coisa na vida.”* (Colaborador 5 - Professor). O futuro profissional coloca-se como um ideal a ser conquistado tendo o ensino formal como meio de ascensão, mas dificultado pela inserção precoce no mundo do trabalho, que muitas vezes leva à evasão escolar. Professores expressam esforços pessoais para evitar esta situação, demonstrando frustração diante da realidade: *“Tentamos ao máximo manter o aluno no dia (prevendo que ele busque o ensino noturno para ampliar as horas de trabalho), se ele ir para noite não vai aguentar a rotina de trabalho e estudo e vai acabar evadindo. Pensamos que é melhor terminar os estudos primeiro e depois ir trabalhar, mas a realidade deles é diferente.”* (Colaborador 4 - Professor).

A situação de pobreza em que vivem muitas famílias leva os pais a acreditarem que o trabalho é a melhor saída para o jovem. Para Arroyo (2005), os jovens que optam por trabalhar precocemente não abandonam gratuitamente a escola. O autor acredita que esses jovens e adultos repetem histórias de negação de direitos, de modo semelhante às vivenciadas por seus pais e avós; por sua raça, gênero, etnia e classe social. O pai de Roberto afirma ter investido na formação escolar do aluno, mas diante de suas reprovações aposta no trabalho como melhor saída *“(...) eu fiz ele estudar, mas agora ele tem que ajudar em casa (entrando no mercado de trabalho), o dinheiro é bom.”* (Colaborador 2 - Pai).

Quando questionado sobre a importância da escolarização em relação a vida profissional, o pai afirma: *“Eu disse pra ele estudar, mas ele não serve pros estudos, já rodou três vezes agora vai trabalhar.”* Apoiar-se em sua trajetória para justificar a relação entre educação e empregabilidade: *“(...) eu estudei até quando deu, aí meu pai mandou eu pra fábrica, nunca fiquei desempregado, isso que eu tenho a 4ª série!”*

No entendimento do pai de Roberto, o futuro profissional resume-se a questões de empregabilidade. Levando em consideração que a cidade que foi campo do estudo é celeiro da





indústria calçadista e que muitas de suas atividades produtivas não necessitam de mão de obra qualificada, a oferta aos jovens sem formação completa possibilita rápida absorção pelo baixo custo. Isso justifica e reforça a ideologia segundo a qual cabe ao indivíduo, e não à estrutura econômico-social, ser empregável, rompendo com a ideia de qualificação como um atributo construído social e historicamente (SILVA; PELISSARE; STEIMBACH, 2013). Na visão do pai, a manutenção de seu emprego deve-se ao seu esforço pessoal e não há questionamento sobre a qualidade do trabalho ou a precariedade das condições e direitos, já que muitos empregos são gerados informalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou observar as expectativas de futuro profissional de adolescentes em defasagem idade/série no Ensino Fundamental, verificando a correlação entre a entrada no mercado informal de trabalho e o processo de escolarização. Duas questões emergiram durante a pesquisa: as múltiplas percepções e inquietações sobre o futuro de aluno com o acúmulo de reprovações escolares culminando em defasagem idade/série; e a dissociação entre futuro profissional e o processo de escolarização do aluno com defasagem idade/série. Através das falas dos colaboradores, é possível verificar que há uma descrença quanto ao futuro profissional do aluno, tanto pelos pais, como professores e o próprio aluno, reconhecendo a entrada no mercado de trabalho, mesmo que seja informal, a melhor opção de perspectiva de vida deste sujeito.

A intenção deste estudo não foi problematizar a qualidade dos empregos oferecidos aos jovens em vulnerabilidade social, mas mencionar que a evasão escolar encontra amparo pela oferta de empregos no setor calçadista, uma vez que existem diversas atividades de baixa complexidade que não necessitam de alta qualificação. Portanto, o histórico familiar em relação ao trabalho acaba por limitar a perspectiva de futuro dos alunos trabalhadores, pois há uma crença de que mesmo sem estudo, ou com pouco estudo, ainda tem-se emprego.

Esta realidade nos leva a refletir sobre a legitimação da precariedade do trabalho. A busca de famílias pobres é empregar o quanto antes seus filhos para que assim contribuam com a condição financeira da família para o sustento da casa. Dessa forma, a qualidade deste emprego tem menor relevância, dissociando a escolaridade com a possibilidade de conquistar um futuro melhor.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Portanto, torna-se relevante considerar o entorno desses jovens, já que os pais e adultos que os circundam são descrentes quanto as possibilidades de sucesso desses. Neste caso, se a sobrevivência é a condição predominante e é assegurada pela oferta de emprego (independentemente de serem informais e precários), se as políticas de combate ao trabalho infanto-juvenil têm pouco ou nenhum impacto nas famílias em situação de pobreza, fica a pergunta: qual é o caminho para amenizar as questões que envolvem trabalho e escolarização para descontinuar a reprodução de mais sujeitos como Roberto na sociedade capitalista moderna?

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª edição – Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.

ARROYO, Miguel Gonzales. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio José Gomes; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. (orgs.) **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **O estatuto da criança e do adolescente e o trabalho infantil no Brasil**: trajetória, situação atual e perspectivas. Brasília (DF): OIT; 1994.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, v. 20, n. 35, jul. 2014.

OLIVA, José Roberto Dantas. **O princípio da Proteção Integral e o trabalho da Criança e do Adolescente no Brasil**: com as alterações promovidas pela lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005, que ampliou o limite de idade nos contratos de aprendizagem para 24 anos. 1.ed.São Paulo: LTr, 2006.

OLIVEIRA, Beatriz R.Gonçalves; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo C. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Revista Latino-americana Enfermagem**, 2001 maio; 9(3):83-9.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz. 1996.

SILVA, Monica Ribeiro da; PELISSARI, Lucas Barbosa; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 403-417, abr./jun. 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PARMA CIDADE CRIATIVA DA REDE MUNDIAL UNESCO

CREATIVE UNESCO CITY FOR GASTRONOMY: PARMA

Paula Tarrasconi Schmitz (Universidade Feevale)
Mary Sandra Guerra Ashton (Universidade Feevale)
Vânia Gisele Bessi (Universidade Feevale)

Resumo: Parma, na Itália, foi eleita em 2005, Cidade Criativa da Gastronomia, pela Rede UNESCO, por comprovar ser vocacionada na produção e processamento de alimentos vinculados a sua tradição cultural. Este trabalho tem como objetivo analisar os elementos presentes em Parma que proporcionaram a conquista do título de Cidade Criativa da Gastronomia pela rede UNESCO. Para tanto, utilizou o método exploratório descritivo por meio de revisão bibliográfica e estudo documental com abordagem qualitativa. Entre os resultados dessa investigação foi possível observar que Parma é um exemplo de Cidade Criativa da Gastronomia, pois sua vocação na tradição cultural gastronômica integra toda a cadeia de alimentos, desde a sua produção até o consumo, valorizando a participação de diversos segmentos. Parma demonstra a valorização da sua vocação: na produção de produtos alimentícios com certificação de origem de produção, destacando-se o queijo Parmigiano Reggiano e o Presunto de Parma, nos Museus do Alimento, em obras de arte e na literatura relacionadas à alimentação, no turismo e no agroturismo, em projetos de inovação em alimentos e por ser sede da Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar.

Palavras chave: Cidade Criativa. Gastronomia. Cultura. Indústria de alimentos.

Abstract: Parma, in Italy, was elected in 2005, Creative UNESCO City for Gastronomy, honoring their food and drinks production related with their cultural tradition. The aim of this article is to analyze Parma elements that support to achieve this designation as Creative UNESCO City for Gastronomy. Descriptive exploratory study was used by means of bibliographic review and documental analysis with qualitative approach. In the investigation results was possible to observe that Parma is an example of Creative UNESCO City for Gastronomy because their vocation with cultural traditions integrate all food chain, since their production until the consumption, valuing the participation of several segments. Parma shows their vocation appreciation as: in the origin of production certification through their food production, highlighting the Parmigiano Reggiano cheese and the Parma ham, in Parma Food Museums, in paintings and literature related with food, in the tourism and agro tourism, in innovation projects related with food and for being seat of the European Food Safety Authority.

Key-words: Creative City. Gastronomy. Culture. Food Industry.

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo se justifica, pois a cidade italiana, Parma, buscou o seu desenvolvimento no saber fazer tradicional local, a partir da vocação na produção e processamento de alimentos tradicionais e de qualidade. Entre eles destacam-se o queijo Parmigiano Reggiano e o Presunto de Parma que possuem a Denominação de Origem Protegida – DOP, sendo que o processo de produção, processamento e preparação ocorrem na área geográfica específica, garantindo a identidade cultural e a qualidade controlada. O setor de alimentos também é fortalecido em demais atividades como: no turismo e agroturismo, em projetos de inovação de alimentos, nos museus do alimento, na poesia e na arte.





Este trabalho tem como objetivo analisar os elementos presentes em Parma que proporcionaram a conquista do título de Cidade Criativa da Gastronomia pela rede UNESCO. Para tanto, utilizou o método exploratório descritivo por meio de revisão bibliográfica e estudo documental com abordagem qualitativa. Este artigo conceitua cidades criativas e Parma cidade criativa da gastronomia.

2. CIDADES CRIATIVAS

O termo "Cidades criativas" foi citado pela primeira vez no livro *The Creative City* (A cidade Criativa) dos autores Charles Landry e Bianchini, (REIS, 2012) em 1995. Nesta obra, “Landry atribui papel crucial à cultura, seja como processo (de criação estética e funcional), por sua carga simbólica, seu impacto econômico, sua atratividade turística, como parte de uma agenda de inclusão social ou, finalmente por seu impacto em setores à primeira vista alheios ao campo cultural” (REIS, 2012, p.37).

Para Reis (2012), as cidades criativas utilizam o saber fazer oriundo da vocação local como acelerador do desenvolvimento, da inclusão e da participação. Para a autora, uma cidade criativa precisa ter presente três características: inovação, cultura e conexões. Inovação entende-se como a capacidade de solucionar problemas e antecipar oportunidades das mais diversas ordens. Cultura como o compartilhamento de ideias e valores, e o impacto econômico que causa. É ambiente adequado para desenvolvimento da criatividade. Na cidade criativa é uma estratégia de desenvolvimento, sendo elemento fundamental para garantir a diferenciação e a permanência das mudanças. E possui conexões das mais diversas ordens, entre pessoas, espaços e suas identidades; entre as áreas da cidade e entre a cidade e o mundo; entre os setores e agentes públicos e privados, da academia e da sociedade civil.

Elemento importante no construto de uma cidade criativa é o legado, que para Reis (2010, p.43) é “o que se deixa em herança”. É a base de tudo, sendo que em um projeto de legado a cultura é o fio condutor, estando no centro do projeto. A autora reforça a importância de colocar em prática a força do modelo de governança.

Para aproveitar ao máximo a criatividade é preciso olhar para os recursos da cidade de maneira mais ampla, considerando a história dos lugares e a evolução que tem a sua cultura (Landry, 2011). Levando a atenção para o que é diferente, único e especial em um lugar. Esses recursos únicos estão embutidos na inventividade, nas habilidades e nos talentos das pessoas.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Em 2017 a Rede de Cidades Criativas possui 180 cidades, de 72 países, sendo uma aliança internacional que promove a criatividade, considerada componente indispensável para o desenvolvimento socioeconômico (UNCTAD, 2011). As cidades da rede trabalham em conjunto, com o mesmo objetivo comum de a criatividade e as indústrias criativas estar no centro de seus planos de desenvolvimento regional e com a cooperação em nível internacional (UNESCO, 2017).

O principal objetivo da rede é: “facilitar o desenvolvimento de grupos culturais no mundo todo para que troquem conhecimento, experiências e melhores práticas como uma forma de promover a economia local e o desenvolvimento social por meio de indústrias criativas”. Para melhor identificar as necessidades de desenvolvimento criou sete áreas: Artesanato, Design, Cinema, Gastronomia, Literatura, Mídia e Música (UNCTAD, 2010, p.15). A cidade, irá se candidatar a participar na rede na área que possui maior vocação e potencialidade para o desenvolvimento urbano sustentável.

3. PARMA – CIDADE CRIATIVA DA GASTRONOMIA

A província de Parma possui 178.718 habitantes e é uma comuna italiana e cidade medieval da região da Emilia-Romanha (Enciclopédia Livre, 2017). A região é favorecida, principalmente, pelo seu vasto território composto por árvores e córregos e pela fertilidade no solo, o que possibilita o plantio e desenvolvimento de alimentos. O desenvolvimento econômico do século 13 e o rejuvenescimento de planícies para extensão de pastagem nos estábulos desenvolveram a produção leiteira e serviram de base para o desenvolvimento de tecnologias para a produção de queijo Parmigiano. A relação territorial e cultural de Parma permitiu no decorrer dos séculos “o desenvolvimento de produtos típicos de excelência, como o salame, o queijo Parmigiano, os derivados da transformação de tomate e as massas e o desenvolvimento de tecnologias para a conservação dos alimentos em geral” (Museu del Cibo, 2017).

Parma, por antiga tradição, é a capital da Gastronomia Italiana, com a presença de excelência gastronômica de classe mundial (Museu Del Cibo, 2017). Considera-se a cidade de Parma como o centro Gastronômico do “Vale da Alimentação Italiana” (UNESCO, 2017). A Itália é o país da Europa que possui o maior número de produtos com “designação de origem e indicação geográfica reconhecida pela União Europeia”. Esta designação permite o favorecimento da produção e da economia local, devido à ligação com o “território de origem”.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

Devido a esta certificação os consumidores possuem a garantia da rastreabilidade destes produtos (Governo Italiano, 2018).

Esta certificação de Origem de Produção de Alimentos Típicos, referentes à tradição cultural alimentar de Parma, reforçam também como Cidade Criativa da Gastronomia A província de Parma é caracterizada, principalmente pela presença de duas principais denominações de origem protegidas: Parmigiano-Reggiano DOP, com volume de negócios de 809 milhões de euros para a produção nacional, 1,5 bilhão para o consumo nacional e 460 milhões para exportação; e do presunto de Parma DOP, com 500 milhões de euros para as vendas para a produção nacional, 1,5 bilhões para consumo nacional e exportação 241 milhões. Nos produtos DOP “o processo de produção, processamento e preparação ocorrem em uma área geográfica específica, utilizando o conhecimento dos produtores regionais e utilizando ingredientes desta localidade” (European Commission, 2016 apud DIETSCHI, 2016, p.33 E 34). Na província de Parma, sabe-se que a promoção dos produtos locais resulta, não somente em efeitos positivos no sistema econômico e produtivo, mas também reforça a identidade cultural de todo o território, bem como da região (Comune di Parma, 2016).

Em pesquisa ao site do Ministério das Políticas Agrícolas, Alimentares e Florestais Italiano, há a lista órgãos de controle autorizados para o setor do Agronegócio, atualizada em março de 2018. Nas listas citam os produtos tradicionais produzidos na região, os tipos de certificação (como DOP e IGPs) e as instituições autorizadas para o controle (Governo Italiano, 2018).

Aproximadamente 30,5% da força de trabalho do município trabalham na indústria agroalimentar e gastronômica. Este setor faz parte da história da cidade e continua sendo responsável pelo desenvolvimento da economia local. A cidade foi nomeada sede da Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar. “A cidade atesta o seu plano de desenvolvimento liderado pela cultura ao gravar cerca de 3.000 empresas criativas. O Conselho Municipal de Parma reforçou suas estratégias e políticas para apoiar o surgimento de novas indústrias criativas” (UNESCO, 2017).

3.1. CARTA DE VALORES PARMA UNESCO

A Carta de Valores PARMA projeto UNESCO, é um documento que foi desenvolvido para orientar os atores envolvidos no processo a proporcionar escolhas relacionadas com a criatividade e sustentabilidade em alimentos, oferecendo a oportunidade de iniciar um trabalho





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

comum. O projeto Parma UNESCO Cidade Criativa da Gastronomia propõe um novo modelo de desenho urbano através de uma abordagem inovadora para os temas da identidade, criatividade e desenvolvimento sustentável (Comune di Parma, 2016).

O projeto de Parma como cidade Criativa da Gastronomia, centrou-se no propósito de “de permitir um processo inclusivo”, agregando o reconhecimento de competências a nível nacional e internacional, “de modo a desenvolver amplamente os conceitos culturais e criativos identificado com a palavra gastronomia.” Neste contexto, o patrimônio e a vida cultural elementos permanentes da cidade são importante construir com base em planejamento futuro. O projeto é um processo contínuo que pertence ao governo Territorial, mas deve ser percebida por todos como um patrimônio coletivo (Comune di Parma, 2016).

Para isso, decidiu-se concentrar sobre o projeto estratégia de marca da cidade, levando à colaboração de profissionais e até mesmo a formação de recursos humanos que contribuíram para a nomeação UNESCO (Comune di Parma, 2016). Parma possui um polo gastronômico educacional, possuindo: o Instituto Técnico Agrícola, o Departamento de Ciência dos Alimentos da Universidade de Parma, ALMA (Escola de cozinha italiana), a Academia Barilla e o complexo dos museus do alimento da Província de Parma. (Comune di Parma, 2016,)

A qualidade, referente à segurança alimentar e da aplicação da tecnologia, também é expressa Parma devido ser sede da Autoridade Europeia para a Segurança dos Alimentos. As associações são inumeráveis e variadas organizações ativas em todos os setores do setor e, entre essas, existe a rede regional “Chef to Chef” que trabalha em sinergia com todas as empresas interessadas em abordar o tema inovação e tradição no campo gastronômico (Comune di Parma, 2016, p.24 e 25).

3.2 CANDIDATURA DE PARMA COMO CIDADE CRIATIVA DA GASTRONOMIA UNESCO

Em sua candidatura, Parma firmou memorandos de entendimento com a região Emilia Romagna, assim Parma será a representante *Food Valley* na área de alimentos e na tradição do vinho, com a primazia dos produtos DOP e IGP. Buscam apoiar, também, os programas existentes e em formação, como mostra a Tabela 01:





Tabela 01: Programas de cidades criativas da Gastronomia

- Aumentar os programas educacionais relacionados à alimentação e pesquisa colaborativa, principalmente através da *Food Science and Labs*;
- Reforçar a reciprocidade urbano-rural e proteger a cultura alimentar local com o projeto *Food Culture and Land Development*, com foco no estabelecimento de uma relação equilibrada entre horticultura urbana e agricultura periurbana;
- Promover abordagens multidisciplinares e participação cultural inclusiva através do programa Arte, Música e Alimentos finos;
- Reforçar a cooperação com as cidades criativas da gastronomia através do projeto "Conhecer a cidade da gastronomia", que visa incentivar a participação na formação de eventos internacionais relacionados com alimentos, organizados por Parma;
- Aumentar a conscientização sobre alimentos sustentáveis e estilos de vida saudáveis entre os jovens com o projeto *Food and Nutrition for Children and Youth*; e
- Fomentar o intercâmbio de conhecimentos e experiências através do programa "Alimentação para o Futuro", como alavancas fundamentais do desenvolvimento urbano sustentável através do reforço da cooperação Norte-Sul.

Fonte: UNESCO, 2017.

3.3 EVENTOS REALIZADOS

Parma recebe importantes eventos, relacionados com alimentos, envolvendo multistakeholders nos campos do empreendedorismo, indústria e pesquisa (UNESCO, 2017). Como, por exemplo, o CIBUS, Salão Internacional da Alimentação, que nos últimos vinte anos tornou-se uma referência para profissionais no setor agroalimentar italiano e internacional (CIBUS 2017 e UNESCO 2017).

Devido à rede UNESCO proporcionar a colaboração entre os países que compõem a as Cidades Criativas da Gastronomia, em fevereiro deste ano (2017) Parma sediou o evento "Gola Gola Food People Festival", no qual outras sete cidades da Gastronomia juntaram-se ao evento: Bergen, Bélem, Chengdu, Dénia, Gaziantep, Östersund e Tucson. Parma incentivou e facilitou o surgimento de oportunidades para artistas e empresários combinarem diferentes formas de arte e cultura (UNESCO, 2017).

3.4. MUSEU DEL CIBO

O "Museu do Alimento" com galerias localizadas na província de Parma possui centenas de objetos, frutos dell'esperienza di abili artigiani, impiegati per le più diverse funzioni nella preparazione dei prodotti tipici di eccellenza del territorio parmense. da experiência de artesãos, que eram empregados para as mais diversas funções na preparação de produtos típicos. O Museu possui as seguintes galerias: Museu do Parmesão, Museu de Presunto, Museu do Salame, Museo del Pomodoro Museu do tomate, Museu da Massa e Museu do Vinho. As





galerias ficam localizadas em regiões de Parma características do desenvolvimento de cada tipo de produto (Museu del Cibo, 2017).

3.5. GASTRONOMIA LITERÁRIA E CULTURAL E PARMA

Os produtos típicos do Parmense e as receitas locais tornam-se objeto de diferentes composições literárias por diversos autores. Devido às composições dedicadas aos produtos Parmigianos e à gastronomia:

“Unidas por uma linguagem discreta e coloquial, as poesias, revive os aromas e sabores. Não é por acaso que comida e palavra passam pela mesma boca, não é coincidência que a gastronomia seja parte integrante da identidade do povo e constitua um elemento essencial do seu patrimônio cultural” (Museu del Cibo, 2017).

A comida e a tradição alimentar de Parma proporcionaram a diversos artistas desenvolverem obras de arte em que o alimento e o ato de se alimentar os inspirassem. Em pesquisa ao site do Museu Del Cibo há diversos locais, como igrejas e instituições, na qual possuem obras históricas e importantes que se relacionam a alimentação (Museu del Cibo, 2017).

3.6. TURISMO

A região de Parma possui diversas fazendas agrícolas que estão abertas para visitas guiadas e degustação de alimentos produzidos na região, por meio do Agroturismo. Conforme análise de informações publicadas no site *Parma City of Gastronomy*, consta que Parma possui 9 (nove) indústrias de Parmegiano Reggiano. Em Parma há 10 (dez) cantinas que possuem plantio de uvas e produção de vinhos com estabelecimentos abertos ao público interessado, e também 10 (dez) indústrias e agroindústrias do tipo salsicharias que produzem presunto de Parma, copas e salames típicos da região. O *site* divulga 32 opções de restaurantes e 07 opções de tratorias – todas elas oferecem pratos típicos da culinária valorizando os queijos e presuntos da região –, sendo que a maioria das tratorias são negócios familiares.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Parma é um exemplo de Cidade Criativa da Gastronomia, pois sua vocação na tradição cultural gastronômica integra toda a cadeia de alimentos, desde a sua produção até o consumo de alimentos, valorizando a diversidade e a participação de diversos segmentos. Em Parma, a





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

valorização da história de vida da comunidade, do conhecimento das pessoas nos processos tradicionais e históricos gastronômicos, aliados a novos conhecimentos em tecnologias de alimentos que proporcionam qualidade e inovação, são importantes para a valorização do indivíduo na comunidade e motivador para sentir, cada vez mais, pertencente de sua cidade, e contribuir constante para manter e expandir a vocação cultural de Parma na área de alimentos.

Parma propõe um projeto de governança integrado com autoridades e associações locais e regionais. Reforça-se que o Projeto Parma Cidade Criativa da Gastronomia é um processo contínuo que pertence ao governo Territorial, mas deve ser percebida por todos como um patrimônio coletivo.

Considerando demais conceitos da UNESCO, de que a cidade deve proporcionar o desenvolvimento através da sustentabilidade, Parma destaca-se no conceito de sustentabilidade sob os aspectos cultural e ambiental, com vocação gastronômica, o que serve de alavanca para o desenvolvimento social e econômico. Assim, a cadeia de alimentos, desde o cultivo, produção de alimentos e os serviços gastronômicos impulsionam o desenvolvimento da cidade, com a coparticipação da governança, população, empresas e instituições. O título Cidade Criativa da Gastronomia UNESCO possui apoio técnico internacional, com compartilhamento de culturas e informações entre as demais cidades da rede, como referenciado em evento e congressos realizados na cidade de Parma.

Parma é uma cidade completa da Gastronomia, assim avaliando-a sob a perspectiva de Reis (2012), traz à tradição alimentar da cidade, com a conexão entre diversos setores da alimentação (agricultura, pecuária, indústria e os serviços de alimentação regionais), com a Governança e com setores referentes à arte e literatura (como: museus, poesia e música), de modo a gerar a inovação de alimentos e proporcionar o desenvolvimento e crescimento da indústria criativa.

Conforme conceitos de Landry (2011) podem ser considerados recursos culturais em Parma a denominação de origem do Parmigiano Reggiano e Presunto Parma DOP, os quais utilizam matérias-primas e recursos da região, valorizam o conhecimento de profissionais e a história dos processos culturais, levando estes produtos alimentícios à mesa de diversos restaurantes e tratorias da cidade. E, estes, com criatividade elaboram pratos saborosos e diferenciados, baseados na tradição de sua culinária.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Esta valorização e a importância Gastronômica atraem turistas, não somente por seus saborosos produtos, mas por todo o valor da experiência cultural e diferenciada, como por exemplo, ao visualizar o processo de cultivo e produção dos alimentos no Agroturismo, assim eles se envolvem na cultura e vivenciam experiências da população local. Os queijos, presuntos e salames possuem visibilidade mundial, além de ser consumidos na região e em toda a Itália.

Parma consegue traduzir a importância da alimentação em sua cultura artística em obras de arte que ficam espalhadas em diversos locais históricos da cidade, na poesia, nos museus do alimento e em festivais culturais. A cidade valoriza as instituições de ensino e pesquisa em alimentos, bem como possui a sede europeia de Segurança de Alimentos. Pode-se dizer que em Parma o fio condutor de seu desenvolvimento é o Legado, pois mantém o patrimônio cultural, com vocação na área de alimentos, que são importantes para o desenvolvimento no presente e, através de processos criativos, projetam cenários para o futuro.

5. CONCLUSÃO

Ser eleita cidade membro da Rede Mundial UNESCO de Cidades Criativas, na área de gastronomia, sua vocação natural, possibilita a Parma novas perspectivas de desenvolvimento e valorização do seu patrimônio, além do apoio técnico internacional e o compartilhamento de práticas inovadoras entre as demais cidades da Rede. Também nos eventos e congressos realizados em Parma, a parceria fortalece a tradição cultural e a sustentabilidade por meio da divulgação e valorização dos seus principais produtos na área de alimentos, gerando novas oportunidades de desenvolvimento para toda a comunidade de Parma.

Vale destacar Parma entre os exemplos de Cidade Criativa da Gastronomia, pois sua vocação na tradição cultural gastronômica integra toda a cadeia de alimentos, desde a sua produção até o consumo desses alimentos, valorizando a diversidade e a participação de diversos segmentos.

Parma demonstra a valorização da sua vocação na produção de produtos alimentícios com certificação de origem, destacando-se o queijo Parmigiano Reggiano DOP e o Presunto de Parma DOP, nos Museus do Alimento, em obras de arte e na literatura relacionadas à alimentação, em projetos de inovação em alimentos e por ser sede da Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar. Nesse contexto, conforme as teorias desenvolvidas por Landry (2011) e Reis (2012), Parma tem os elementos e indicadores de cidades criativas presentes no seu cotidiano no que tange à produção de alimentos com excelência, pois a partir de sua vocação





busca se reinventar constantemente, com a participação da comunidade, gerando desenvolvimento e oportunidades aos cidadãos, fortalecendo o seu patrimônio e identidade.

6. REFERÊNCIAS

ASHTON, Mary Sandra Guerra; EMMENDOEFER, Magnus Luiz; EMMENDOEFER, Luana. **Do processo de requalificação do patrimônio à denominação “cidade criativa da gastronomia”**. IV Congresso Internacional de Turismo da ESG/IPCA. 3 e 4 de dezembro de 2015. Guimarães, Portugal.

CIBUS Salone Internazionale Dell’Alimentazione. Disponível em: <<http://www.cibus.it>> Acesso em: 09 nov. 17.

COMUNE DI PARMA. **PARMA CITTÀ CREATIVA. 2016**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Paula/Downloads/2016_pd_0002133_allegato_c_parma_creativa_signed%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Paula/Downloads/2016_pd_0002133_allegato_c_parma_creativa_signed%20(5).pdf)>. Acesso em 15 nov. 17.

Enciclopédia Livre. WIKIPEDIA. **Parma**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Parma#História>>. Acesso em 15 dez. 17.

FLORIDA, Richard; TINAGLI, Irene. **L’Italia Nell’Era Creativa**. Creative Group Europe. 2005. Disponível em: <[https://www.creativeclass.com/rfcgdb/articles/Italy%20in%20the%20Creative%20Age%20\(I%20Version\).pdf](https://www.creativeclass.com/rfcgdb/articles/Italy%20in%20the%20Creative%20Age%20(I%20Version).pdf)>. Acesso em: 15 nov.17.

Governo Italiano. **Ministero delle politiche agricole alimentari e forestali - Ministério das Políticas Agrícolas, Alimentares e Florestal**. Disponível em: <www.politicheagricole.it>. Acesso em: 19 mar. 18.

LANDRY, Charles. **Cidades criativas: perspectivas**. Capítulo: Cidade Criativa: a história de um conceito. Ana Carla Fonseca Reis, Peter Kageyama, (orgs.).São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

Museu del Cibo. Disponível em <http://www.museidelcibo.it>. Acesso em 15/11/17.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades criativas: da teoria à Prática**. São Paulo. SESI SP Editora. 2012. 236 p.

UNCTAD. **Relatório de economia criativa 2010: economia criativa uma, opção de desenvolvimento**. – Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. 424 p.

UNESCO. **65 Ações da UNESCO em favor de todos os países do mundo**. Publicado em 2011 pelo Setor de Informação Pública da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) - 7, Place de Fontenoy, 75352 Paris 07SP, França. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001903/190306por.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

UNESCO. **Cidades Criativas**. Disponível em: <<https://en.unesco.org/creative-cities/creative-cities-map>> . Acesso em: 11 nov. 2017.





TRABALHO NAS REDES: O QUE O TWITTER REVELA?

WORK IN SOCIAL MEDIA: WHAT'S TWITTER DISCLOSES?

Poliana Lopes Feevale¹
Gislene Feiten Haubrich Feevale²

Resumo: A produção de ferramentas para adaptação ao meio é uma das características da humanidade e, na contemporaneidade, ela é ainda mais evidente. Nesse caso, os SRS abarcam dois elementos básicos da cultura criada pelos indivíduos: a ferramenta e a comunicação. Esses apontamentos impulsionam a reflexão proposta neste artigo, que visa analisar representações sobre o coworking no Twitter. O corpus do estudo é construído com suporte do software Netlytic e sua análise baseia-se na semiolinguística (CHARAUDEAU, 2010, 2012). Como resultado principal, percebe-se que o coworking é representado como arranjo organizacional que mantém apenas o ponto de vista produtivo dos trabalhadores acerca do seu trabalho.

Palavras-chave: Trabalho. Coworking. Twitter. Representação.

Abstract: The tools' production for adaptation to the environment is one of the characteristics of humankind and, in contemporary times, it is even more evident. In this case, SNS encompasses two basic elements of the culture created by individuals: the tools and the communication. These notes stimulate the reflection proposed in this article, which aims to analyse representations about coworking on Twitter. The corpus of the study is built with support of Netlytic software and its analysis is based on semiolinguistics (CHARAUDEAU, 2010, 2012). As a main result, it can be seen that the coworking is represented as an organization that maintains the productive point of view from workers about their work.

Keywords: Work. Coworking. Twitter. Representation.

INTRODUÇÃO

O termo trabalho é permeado por múltiplas camadas de sentido (MÉDA; VENDRAMIM, 2013), atualizadas a cada interação, mas sedimentadas em ideologias constituídas por diferentes produções enunciativas (VOLÓCHINOV, 2017), em aderência e desaderência às situações vividas (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007; 2015). Conforme salientam Duraffourg, Duc e Durrive (2007, p. 68), “[...] a atividade de trabalho é, de imediato, social. Ela permite a cada um se produzir como ser social [...]”. Depreende-se, então, que o contexto e a trajetória experimentados pelos indivíduos no trabalho implicam questões relacionadas à identidade e postura ética (BAHKTIN, 2010), o que é potencializado com a mediação da internet (LE MOS; LÉVY, 2010).

¹ Doutoranda e mestra em Processos e Manifestações Culturais (Feevale). Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (UNISINOS). poli.lopess@gmail.com

² Doutoranda e mestra em Processos e Manifestações Culturais (Feevale). Graduada em Comunicação Social – Relações Públicas (Feevale). gisleneh@gmail.com





Diante destas considerações, o estudo visa analisar as representações sobre *coworking* evidenciadas em discursos veiculados no site de rede social³ Twitter. Para tanto, utiliza-se a ferramenta Netlytic na constituição do *corpus* e elenca-se a semiolinguística, proposta por Charaudeau (2010, 2012), para análise discursiva da materialidade coletada. O artigo é dividido em quatro partes, além das considerações iniciais e finais. Inicia-se com apontamentos teórico-reflexivos relativos ao trabalho, ao *coworking* e aos sites de redes sociais, em especial ao Twitter. Na sequência, esclarece-se a proposta metodológica e conduz-se a análise proposta.

DA FIRMA AO COWORKING: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRABALHO

A industrialização e o aprimoramento tecnológico são elementos fundamentais para que muitas das camadas de sentido do real tenham sido edificadas até a contemporaneidade. Sobretudo, a chamada organização científica do trabalho, proposta pelo engenheiro americano Frederick Taylor, pode ser apontada como um dos pilares do ponto de vista que demanda ao ser humano a adaptação do meio tecnológico, que se impõe com força e velocidade. Embora existam lentes teóricas que buscam reestabelecer, no mínimo, a construção dialética existente entre humano e tecnologia, é fato que o uso das ferramentas decorre da vontade humana, ou seja, os indivíduos organizam o meio em torno de si, selecionando aquilo que lhes pareça mais adequado para definir como realidade.

Os *coworkings* são exemplos de tal afirmação. O surgimento desse fenômeno, na acepção conferida por Jones et al. (2009), é relativo à três dimensões: movimento, atividade e espaço. A ideia data de 2005, quando o americano Brad Neuberg, insatisfeito com as estruturas de grandes empresas e do *home office*, lança um terceiro espaço que combina características consideradas positivas em propostas anteriores. A partir de então, diferentes manifestações destes terceiros espaços têm emergido ao redor do mundo, num movimento “glocal” (ROBERTSON, 1995). Muitas delas embasam-se no enunciado “um novo modo de trabalhar”. Mas até que ponto os sujeitos percebem ou promovem tais mudanças? O estudo avança com seu propósito de encontrar pistas para tal posicionamento discursivo.

³ Ellison & boyd (2013, p. 158) definem os Sites de Redes Sociais (SRS) como "plataformas de comunicação em rede cujos participantes (1) possuem perfis de identificação única que consistem em conteúdos produzidos pelo usuário, conteúdos fornecidos por outros usuários e/ou dados fornecidos pelo sistema; (2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e cruzadas por outros; (3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerados por usuários fornecidos por suas conexões no site".





TWITTER

Também definido como um microblog⁴, o site de rede social (SRS) *Twitter* é uma ferramenta de comunicação que permite aos usuários escreverem

mensagens de até 140 caracteres (tweets), que são enviadas para seguidores (followers) que optaram por receber o conteúdo. Um tweet permite a adição de texto, imagem, vídeo, links e também hashtags, que são palavras ou frases precedidas pelo símbolo #, que converte o texto em metadado. (LOPES, ARAUJO, 2016, p.39)⁵

Os usuários do Twitter contam com uma série de ações que podem ser executadas em relação as postagens (retweets/compartilhamento, reply/resposta, mentions/menção, likes e em relação aos outros usuários (block/bloquear, listing/criar listas segmentadas por pessoas, Direct Messages/enviar mensagem privada a outros usuários). Essas possibilidades de relação com os conteúdos e conversacionais em relação a outras pessoas consolidam o que Pollyana Ferrari (2015, p.149) destaca: que o Twitter faz “uma troca online, que remete à sensação de uma praça do interior, na qual as pessoas ficavam conversando e se atualizando depois da missa”.

Ferrari (2015) entende que o Twitter promove a produção coletiva de conteúdo, que mistura feedbacks (positivos e negativos) publicados ao acaso (mas de forma estruturada) em interações entre pessoas, sem um controle central.

Santaella e Lemos (2010, p. 66) definem o site de rede social como “uma verdadeira ágora digital global: universidade, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas”. Nesse sentido, os autores asseveram ainda que o Twitter se coloca como “um meio multidirecional de captação de informações personalizadas; um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo, no qual questões [...] podem ser livremente debatidas e respondidas”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem abordagem qualitativa e caracteriza-se como descritiva quanto a apresentação de seus resultados. O objeto deste estudo são os discursos sobre *coworking* publicados no site de rede social Twitter. Para construir o corpus, as autoras delimitaram, na

⁴ Zago (2008, p. 7) explica que os microblogs reúnem a dinâmica de atualização cronológica inversa e possibilidade de comentários dos blogs à singularidade das postagens em tamanho reduzido: “a ideia é que haja uma maior facilidade de integração com outras ferramentas digitais, como celular e outros dispositivos móveis”.

⁵ Desde 7 de novembro de 2017 as postagens no Twitter podem ter até 280 caracteres em todo o mundo, exceto para quem escreve em japonês, chinês e coreano. (G1, 2017)





Netlytic⁶, uma busca pelo termo “coworking” associado ao operador de idioma “lang:pt”, que restringe a coleta a posts no idioma Português. Estes dois parâmetros, somados à limitação do software (limite de mil menções por ativação da coleta), resultou na coleta de 1.499 tweets, realizada no dia 29 de março de 2018, após duas ativações do software.

A análise do corpus decorre da proposta semiolinguística de Charaudeau (2010, 2012) especialmente no que concerne aos sujeitos do ato de linguagem, ao contrato e situação de comunicação. Charaudeau, em entrevista à Giering (2012, p. 239), assevera que “o sujeito é, ao mesmo tempo, determinado por uma série de condições de produção, umas de ordem situacional, outras de ordem cognitiva, livre para jogar com estratégias discursivas visando ‘individualizar-se’: não há sujeito que não busque o fazer-se existir”.

CORPUS E ANÁLISE

No momento inicial da análise implica a identificação dos autores de tweets que se destacassem em relação ao uso do termo *coworking*. Nesse caso, a estratégia de construção do corpus, orientada pelo software Netlytic, permite o mapeamento da influência em termos de circulação e disseminação das mensagens sob diferentes representações, entre as quais os grafos. Silva et al. (2018) salientam que a visualização do grafo em “Layout DLR” retira os laços menos importantes e destaca mais as principais comunidades identificadas a partir da clusterização da rede, ou seja, a partir do agrupamento de nós que estão mais conectados entre si. Diante destas definições, a Figura 1 mostra o grafo Name Network, ou rede de referência, e explicita os laços em cada retweet ou menção do tweets capturados pela coleta na ferramenta.

Assim, a partir da busca realizada, percebe-se visualmente o protagonismo do usuário @cadeotumpero, uma vez que o cluster (comunidade) em seu entorno se destaca em detrimento aos demais. A partir do acesso ao perfil do usuário, conforme mostra a Figura 2, identifica-se que o tweet evidenciado pelo grafo contava com 14.917 likes (curtidas) e 4.611 retweets (compartilhamentos) no momento da coleta via software. Além do protagonismo em relação às interações com outros usuários visualizado no grafo Name Network em Layout DLR e diretamente no tweet, identificamos que as palavras que compõem o texto (maior, erro, minha,

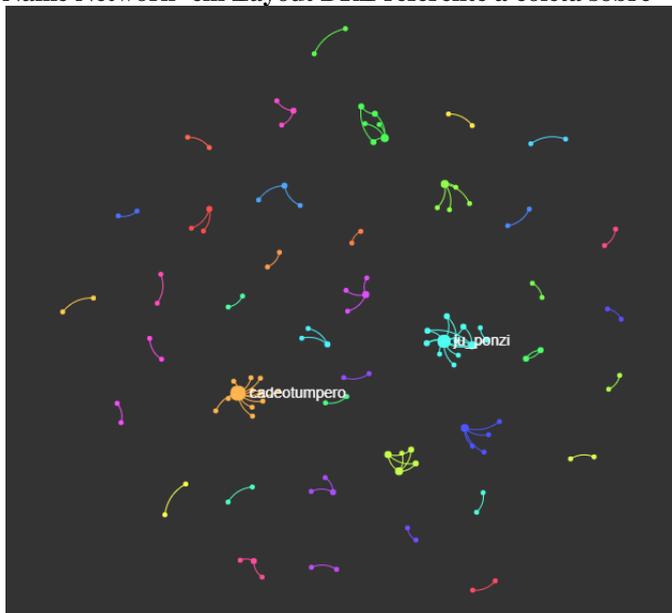
⁶ Disponível em: <www.netlytic.org>. Acesso em: 09 abr. 2018. A Netlytic foi desenvolvida para auxiliar pesquisadores e demais profissionais que tenham interesse em compreender a operação online de um grupo, identificar constituintes-chave e influentes e verificar como a informação flui na rede. Para tanto, o software resume volumes extensos de textos e transforma-os em informação visual de redes sociais a partir da coleta de conversações em SRSs como Twitter, Youtube, Instagram, comentários em blogs e sites, entre outros.





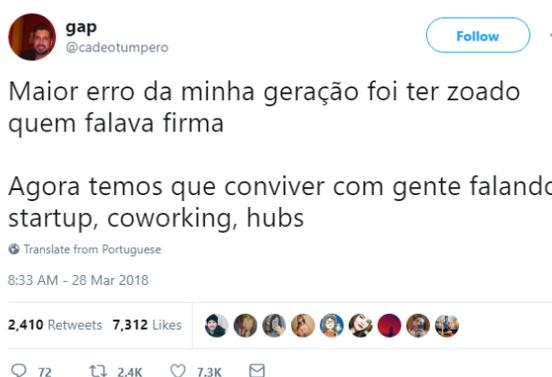
geração, firma, startups, entre outras) se destacam na nuvem de palavras criada pelo Netlytic a partir da íntegra do material coletado, conforme mostra a Figura 3.

Figura 1. Name Network⁷ em Layout DRL referente à coleta sobre “coworking”



Fonte: elaborado pelas autoras em www.netlytic.org em 29 mar. 2018.

Figura 2. Tweet selecionado para análise



Fonte: conta @cadeotumpero no Twitter⁸.

⁷ O Netlytic define Name Network (ou rede de nomes) como é uma rede de comunicação construída a partir de nomes pessoais de mineração nas mensagens, ou seja, é a rede que mostra graficamente as conversações no entorno do tema (palavra-chave buscada).

⁸ Disponível em: < <https://twitter.com/cadeotumpero/status/978958303463137281>>. Acesso em: 25.abr.2018.





Figura 3. Nuvem de palavras da coleta sobre coworking realizada pelo Netlytic



Fonte: elaborado pelas autoras em www.netlytic.org em 29 mar. 2018.

Conforme mostra a nuvem de palavras disposta na Figura 3, identifica-se a presença de termos que ajudam a definir o objetivo dos posts sobre *coworking*. Destacam-se, na nuvem, palavras extraídas de tweets que divulgam o espaço enquanto negócio (locação de salas, promoção dos ambientes e localização): as hashtags⁹ #coworkingrio (115 menções); #coworkingcentrorj, #coworkingriodejaneiro e #coworkingrj (cada hashtag com 96 menções); #edxcoworking (95 menções) e #edx¹⁰ (83 menções). Nesse sentido, pode-se dizer que a Figura 3 constitui uma primeira delimitação da situação de comunicação (CHARAUDEAU, 2010, 2012) em análise, posto que se ancora na utilização da #coworking.

Uma segunda dimensão da situação de comunicação implica diretamente o discurso em análise, o tweet em destaque, mediante a definição dos seguintes componentes (CHARAUDEAU, 2010): a presença dos parceiros do ato de linguagem é digital, eles são múltiplos e partilham parcialmente do mesmo enfoque interpretativo, nesse sentido, percebe-se que alguns estão ideologicamente mais próximos do que outros. O canal é oral, embora valha-se de possibilidades técnicas, como a inserção de fotos e formação do texto. Quanto às características identitárias dos sujeitos, pode-se dizer que compartilham de um status profissional cuja natureza é o trabalho mediado por computador. Sustenta-se essa característica mediante o uso de palavras para realizar uma crítica aos estrangeirismos no universo ideológico organizacional, como *job*, *brainstorming*, *owner*, etc., assim como a menção à expressões como “festa da firma”, com tom sarcástico.

⁹ “Palavra ou expressão, antecedida do símbolo #, utilizada para identificar e categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais. Seu uso “permite a indexação de determinada temática, visando à verificação quantitativa e a compreensão qualitativa das informações do restante do conteúdo do tweet que está associado a elas”. (LOPES, ARAÚJO, 2016, p.39).

¹⁰ EDX é o nome de um espaço de coworking localizado no centro do Rio de Janeiro e que foi responsável por 71,6% (139 tweets) coletados.





Estabelecem-se, então, os papéis ocupados pelos sujeitos do ato de linguagem da interação discursiva em análise. O ser comunicante (EUc) é o autor do Tweet, identificado pela conta @cadeotumpero e seus interlocutores interpretantes (TU_i) os participantes do thread¹¹. Entretanto, a construção narrativa do tweet permite identificar uma dupla projeção do destinatário (TU_d) por parte do enunciador (EU_e): 1) ao realizar uma postagem no Twitter, o EUc considera a existência do destinatário emergente na dinâmica da rede, que pode ser sua seguidora ou ter acesso mediante curtidas ou compartilhamentos; (2) o enunciador espera encontrar, neste grupo amplo, pessoas com conhecimento prévio sobre o assunto, que compreendam a intencionalidade da sua mensagem e, caso lhes interesse, reajam com respostas ou curtidas.

Quanto aos dados externos do contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2012), além dos aspectos identitários, percebe-se que a finalidade do locutor é evidenciar uma mudança terminológica para um fenômeno que, em si, permanece o mesmo. Quando se considera que o trabalho é o elemento que constrói a ponte entre os termos acionados (firma, coworking, startup, hub), pode-se depreender que o enunciador tem como propósito a crítica ao uso de palavras com significado semelhante, ainda que se proponham como práticas laborais ressignificadas. Em seu projeto de fala, o ser comunicante compreende que o a estrutura organizacional como elemento de produção, sendo que sua atividade laboral, seu trabalho, é elemento secundário no contexto que vivencia.

Nesse sentido, quando se considera os elos subsequentes materializados nas respostas ao tweet desencadeador da situação de comunicação, percebe-se que a maior parte dos sujeitos interpretantes aderem ao propósito do enunciador, configurando-se como corporalidade do destinatário projetado. Justifica-se esse achado da pesquisa especialmente com a crítica à incorporação de termos em outros idiomas, sobretudo da língua inglesa, quando há equivalentes no português. Além disso, vários interlocutores asseveram manter a utilização do termo firma, mesmo que realizem trabalho remoto ou sejam autônomos, cuja compreensão tanto pode ser traduzida pela manutenção do ponto de vista meramente produtivo (e alienado) do trabalho quanto pela adoção de um ponto de vista nostálgico.

¹¹ “Um tópico no Twitter é uma série de tweets conectados, cuja origem é uma única pessoa”. (TWITTER, 2018, s. p.). No original: “A thread on Twitter is a series of connected Tweets from one person”.





CONCLUSÃO

A partir das considerações apresentadas neste artigo, evidencia-se a proficuidade dos discursos disponíveis em SRS para o estudo de aspectos relativos ao trabalho e, em específico, ao coworking. O corpus selecionado mostra as múltiplas interpretações e enfoques emergentes com base nas escolhas discursivas do enunciador (EUE), como os termos firma, coworking, etc., que também manifestam os interlocutores projetados (TUd) por ele, especialmente no que se refere a determinada faixa etária. Entretanto, no momento da produção discursiva difundida no Twitter, o ser comunicante (EUC) encontra interlocutores reais (TUi), cujo enlace discursivo transita pela adoção de estrangeirismos na linguagem laboral e o uso de expressões típicas relacionadas ao trabalho, como “festa da firma”. Nesse caso, o coworking é representado como uma estrutura organizacional tradicional, que pouco modifica a relação que os indivíduos estabelecem com seu trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Para uma Filosofia do Ato**. 2. Ed., São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- DURAFFOURG, J.; DUC, M.; DURRIVE, L. O Trabalho e o Ponto de Vista da Atividade. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Rio de Janeiro: EdUFF (Universidade Federal Fluminense), 2007. p. 47-81
- FERRARI, P. **A força da mídia social - interface e linguagem jornalística no ambiente digital**. SP: Estação Cia das Letras, 2015. 2.ed.
- G1 (2017). **Twitter aumenta limite para 280 caracteres**. G1, Tecnologia e Games, 07 nov. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/twitter-aumenta-limite-para-280-caracteres.ghtml>>. Acesso em: 09 abr. 2018.
- GIERING, M. E.; CHARAUDEAU, P. Entrevista com Patrick Charaudeau. **Revista Caleidoscópio**, v. 10, n. 3, p. 328-331, set./dez. 2012.
- JONES, D. et al. **I'm Outta Here!: How Coworking is Making the Office Obsolete**. Texas: NotanMBA Press, 2009.
- LEMONS, A.; LÉVY, P. **O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LOPES, P.; ARAUJO, D. C. de. Compreendendo o papel dos sujeitos no ato de linguagem: estudo de caso das manifestações de 15 de março de 2015 no Twitter. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v.13, nº37, maio/ago. 2016. p.29-53. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1071/pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

MEDA, D. ; VENDRAMIN, P. **Réinventer le travail**. Paris: Presses universitaires de France, coll. Le lien social, 2013.

NETLYTIC (2018). **Sobre as métricas**. Disponível em: <https://netlytic.org/network/sna/snachart.php?datatype=twitter2&datatype=twitter2&net_centralization=0.04015&net_density=0.005961&net_reciprocity=0.02273&net_modularity=0.9242&net_islands=41&net_diameter=16&net_nodes=122&net_edges=88>. Acesso em: 09 abr. 2018.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009

ROBERTSON, R. Glocalization: time-space and homogeneity-heterogeneity. In: FEATHERSTONE, Mike; LASH; Scott; ROBERTSON, Roland (org.). **Global Modernities**. London: Sage Publications, 1995. p. 25-44.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. Inflow vs. Outflow: Twitter e microdesign de ideias. In: _____. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Summus, 2010.

SCHWARTZ, Y. ; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana.**, Niterói, Rio de Janeiro: EdUFF, 2007.

SCHWARZ, Y. ; DURRIVE, L. (Org.) **Trabalho e Ergologia II: diálogos sobre a atividade humana**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.

SILVA, T. (et al). Netlytic - cadastro. In: _____. **Análise de Redes para Mídias Sociais - módulo 2** [curso online]. 2.ed. Disponível em: <<https://www.ibpad.com.br/curso/analise-de-redes-para-midias-sociais-2ed/>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZAGO, G. da S. Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características. In: **Anais do VI Congresso Nacional de História da Mídia**, de 13 e 16 de maio de 2008, Niterói, 2008. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>. Acesso em: 27 set. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LEGO SERIOUS PLAY: UMA METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

LEGO SERIOUS PLAY: UNA METODOLOGÍA PARA EL DESARROLLO HUMANO

Priscila da Silva (Universidade La Salle)¹
Paulo Fossatti (Universidade La Salle)²
Hildegard Susana Jung (Universidade La Salle)³

Resumo: O tema do artigo versa sobre o desenvolvimento humano através de metodologias lúdicas. O objetivo consiste em discorrer sobre as técnicas lúdicas de ensino como facilitadoras do aprendizado de adultos, a exemplo da metodologia Lego Serious Play. Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório. O estudo conciliou a técnica de observação, e a aplicação de questionários após a realização de uma atividade de forma lúdica apresentando intervenções através de bloquinhos de montagem LEGO®. Os participantes constituem-se integrantes de uma empresa petroquímica situada na região sul do Brasil. Os resultados apontam que com relação ao desenvolvimento humano através da metodologia LEGO®: a) as atividades lúdicas podem desenvolver o relacionamento interpessoal em ambientes corporativos; b) desbloqueia novos conhecimentos; c) modifica o pensamento convencional; d) estimula a criatividade e o desenvolvimento pessoal; e) as intervenções lúdicas atuam de forma positiva na integração dos colaboradores, bem como na melhora e aumento da produtividade nas organizações. Conclui-se que as propostas lúdicas inseridas em ambientes organizacionais promovem desenvolvimento e auxiliam na socialização e no relacionamento interpessoal.

Palavras-chave: Gestão de Pessoas. Psicologia organizacional. Desenvolvimento humano. Lego Serious Play.

Resumen: El tema del artículo versa sobre el desarrollo humano a través de metodologías lúdicas. El objetivo consiste en discurrir sobre las técnicas lúdicas de enseñanza como facilitadoras del aprendizaje de adultos, como la metodología Lego Serious Play. Se trata de investigación cualitativa de carácter descriptivo y exploratorio. El estudio ha conciliado la técnica de observación y la aplicación de cuestionarios tras la realización de una actividad de forma lúdica presentando intervenciones a través de bloques de armar LEGO®. Los participantes se constituyen integrantes de una empresa petroquímica ubicada en la región sur de Brasil. Los resultados señalan que con relación al desarrollo humano a través de la metodología LEGO®: a) las actividades lúdicas pueden desarrollar la relación interpersonal en ambientes corporativos; b) desbloquea nuevos conocimientos; c) modifica el pensamiento convencional; d) estimula la creatividad y el desarrollo personal; e) las intervenciones lúdicas actúan de forma positiva en la integración de los colaboradores, así como en la mejora y aumento de la productividad en las organizaciones. Se concluye que las propuestas lúdicas inseridas en ambientes organizacionales promueven desarrollo y auxilián en la socialización y en las relaciones interpersonales.

Palabras-clave: Gestión de Personas. Psicología organizacional. Desarrollo humano. Lego Serious Play.

¹ Graduanda em Psicologia da Universidade La Salle, Canoas. E-mail: priscila.sev@gmail.com.

² Doutor em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle, Canoas e Reitor desta Universidade. E-mail: paulo.fossatti@unilasalle.edu.br.

³ Doutora em Educação. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade La Salle. E-mail: hildegard.jung@unilasalle.edu.br.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

O grau de excelência de qualquer organização é resultante da excelência das equipes e pessoas com que ela colaboram. A maioria dos membros estão envolvidos e comprometidos com os propósitos da organização, direcionando suas energias para atingi-los. É perceptível, em algumas empresas, que o integrante possui o conhecimento técnico, porém nem sempre o observa em seu dia a dia. A competência é saber agir de forma a mobilizar, integrar e transferir estes conhecimentos e habilidades, agregando valor à organização e ao indivíduo (CHIAVENATO, 2010). Desenvolver pessoas não é apenas dar-lhes informação para que aprendam novos conhecimentos, habilidades e destrezas e se tornem mais eficientes naquilo que fazem. É, sobretudo, dar-lhes a formação básica para que aprendam novas atitudes, soluções, ideias, conceitos e que modifiquem hábitos e comportamentos e se tornem mais eficazes naquilo que fazem. Formar é mais do que simplesmente informar, pois representa um enriquecimento da personalidade humana (CHIAVENATO, 2010).

Metodologias lúdicas de ensino contribuem para o desenvolvimento humano em uma organização? Segundo Chiavenato (2010), os princípios da psicologia organizacional estão se apresentando desconexos por metodologias conteudistas e metódicas. O integrante necessita ser desenvolvido, incentivando a sua criatividade, promovendo a inovação e seu próprio modelo de aprendizagem, descartando velhos modos de pensar e rotinas padronizadas de resolução de problemas organizacionais. A aprendizagem lúdica é a principal vantagem de uma organização, pois conduz à criatividade e inovação, além do condicionamento (CHIAVENATO, 2010).

O desenvolvimento com o método LEGO® proporciona uma forma lúdica e dinâmica de reconhecimento de seus saberes essenciais e as competências dos sujeitos. Essa metodologia estimula a união entre exercícios manuais e cerebrais. Ao juntar as pequenas peças e pensar em conceitos, os indivíduos desenvolvem tanto o lado direito do cérebro (responsável pelos pensamentos lógicos), quanto o esquerdo (responsável pelo pensamento intuitivo e emocional). Essa união contribui para novas soluções e dilemas organizacionais (RASMUSSEN, 2015). O método LEGO® consiste em um kit de brinquedo cujo conceito se baseia em partes que se encaixam, permitindo muitas combinações. Oito desses blocos podem ser combinados de 915.103.765 maneiras. Crianças e adultos têm utilizado estes blocos e milhões de outros para construir modelos de seu mundo por cerca de 60 anos, criando o mundo que imaginam.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

De acordo com Chiavenato (2010), o desenvolvimento humano está relacionado à educação e orientação, focado no crescimento pessoal. Os novos modelos de aprendizagem constituem-se pela mudança nas práticas organizacionais, exigindo novas metodologias de desenvolvimento dos sujeitos. Ao elaborarmos atividades lúdicas de ensino de desenvolvimento humano no ambiente organizacional, implementamos a melhoria contínua, promovendo, assim, a inovação. A partir do desenvolvimento de pessoas, estas atuam como facilitadoras: desenvolvendo as equipes em que atuam, contribuindo para a organização e influenciando os grupos na geração e inovação de ideias. Criatividade significa a “aplicação da engenhosidade e imaginação para proporcionar uma nova ideia, uma diferente abordagem ou uma nova solução para um problema” (CHIAVENATO, 2010, p. 401). Assim, ao pensarmos, diversificamos estes pensamentos, imaginamos através de nossa criatividade novas formas de criação e desta maneira damos seguimento ao processo de inovação. O desenvolvimento humano se dá a partir do seu modo de pensamento recriando novos modelos, estimulando a criatividade e proporcionando novas formas de conhecimento e experimentação dos mesmos. Neste contexto, o desenvolvimento humano através de metodologias lúdicas de ensino, constitui-se numa abordagem de expansão contínua de habilidades, compartilhando experiências e conhecimentos.

O presente artigo, portanto, dedica-se ao tema do desenvolvimento humano através de metodologias lúdicas. Tem por objetivo discorrer sobre técnicas lúdicas de ensino como facilitadoras do aprendizado de adultos, a exemplo da metodologia Lego Serious Play. A investigação inspirou-se em um projeto aplicado e observado pelos pesquisadores no ano de 2016. Caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, visando compreender a influência das atividades lúdicas no desenvolvimento humano. Este estudo utilizou a aplicação de questionários individuais a trinta e quatro participantes após a realização de uma atividade lúdica apresentando intervenções de ensino através de blocos de montagem LEGO®.

Dessa forma, após esta introdução, refletimos sobre o lúdico através do LEGO aplicado em trabalhadores na indústria. Num segundo momento, analisamos e discutimos os resultados da pesquisa à luz da teoria. Por fim, nas considerações finais, retomamos o objetivo articulando-o aos principais achados, buscando fomentar novas inquietações investigativas, como, por exemplo, o uso das metodologias lúdicas de ensino aplicadas ao desenvolvimento de pessoas.





O LEGO APLICADO EM TRABALHADORES NA INDÚSTRIA

O uso do LEGO® dentro do contexto organizacional tem como finalidade ampliar horizontes, pois gera, aos integrantes, o processo de construção do próprio conhecimento. O método LEGO® consiste em um kit de brinquedo cujo conceito se baseia em partes que se encaixam, permitindo muitas combinações. Oito desses blocos podem ser combinados de 915.103.765 diferentes maneiras. Crianças e adultos têm utilizado estes blocos e milhões de outros para construir modelos de seu mundo por cerca de 60 anos. Eles têm criado peças do mundo real que eles veem e do mundo que imaginam (RASMUSSEN, 2015).

O uso do Lego Serious Play aplicado a trabalhadores de uma indústria é uma atividade lúdica e desafiadora, que une aprendizado e prática. Além disso, valoriza o trabalho em grupo, a cooperação, planejamento, a pesquisa, a tomada de decisões, a definição de ações e a promoção do diálogo e do respeito a diferentes opiniões. (RASMUSSEN, 2015).

O LEGO® pedagógico inserido no ambiente organizacional envolve um processo de motivação, colaboração, construção e reconstrução. Faz uso, em sua prática, dos conceitos de diversas disciplinas para a construção de modelos, levando os trabalhadores de uma indústria petroquímica a uma rica vivência interdisciplinar, desenvolvendo-os continuamente. A Divisão Educacional do Grupo Lego® apresenta a seguinte metodologia para sua proposta pedagógica:

Metodologia LEGO® ZOOM possibilita o desenvolvimento da criatividade, das relações entre as pessoas, do trabalho em equipe, da ética e da cidadania, permitindo ao professor praticar ações que desenvolvam nos alunos motivação, memória, linguagem, atenção, percepção e emoção. Essa metodologia inovadora contempla quatro fases: Contextualizar, Construir, Analisar e Continuar (REVISTA LEGO EDUCATION, 2003, p. 3).

O desenvolvimento organizacional possui abrangência em uma vasta gama de estratégias de desenvolvimentos educacionais lúdicos, segundo Chiavenato (2008), mas neste trabalho nos detemos em três delas, que são o propósito essencial do método Lego Serious Play: a criação de engajamento, o desbloqueio de novos conhecimentos e o rompimento com o pensamento convencional. O denominador comum entre as três necessidades é o desejo da utilização da imaginação para primeiro visualizar e, então, alcançar um estado organizacional e de desenvolvimento pessoal diferente do atual.

Cortella (2016, p.56) cita que “um profissional terá muito mais interesse em permanecer numa empresa que lhe ofereça oportunidades de aprimorar suas competências”. O que este autor





elucida é que o nosso local de trabalho seja um ambiente pedagógico, sem necessidade de ser um local físico, como uma sala de aula, por exemplo, mas que seja um ambiente em que o colaborador se sinta apto a ultrapassar alguns conhecimentos adquiridos, desenvolvendo novas competências. Dessa maneira, poderá realizar um aprendizado recíproco, num processo de ensino compartilhado.

O desenvolvimento dos integrantes deve considerar experiências, vivências e percepções diante do treinamento lúdico-dinâmico. É fundamental que os participantes sejam capacitados para encontrarem de forma conjunta de soluções para os problemas que enfrentam diariamente na área industrial, para que possam tornar o ambiente de trabalho agradável e qualificado.

QUESTIONAMENTOS APÓS A EXPERIÊNCIA

Após a observação da dinâmica com Lego na indústria mencionada, foi aplicado um questionário aos participantes. Estes consistiram em 34 trabalhadores de uma organização inserida no setor químico e petroquímico, moradores de três municípios do sul do Brasil. Em relação ao sexo dos participantes, há predomínio masculino. A faixa etária varia entre 21 a 47 anos. Os participantes declararam-se com o grau de escolaridade técnico. Em suas atividades na empresa, realizam o planejamento tático operacional.

As perguntas do questionário consistiram em: 1) Você considera relevante e/ou avalia de forma positiva a atividade realizada desta forma (lúdica)? 2) Você avalia de forma positiva a convivência em grupo na empresa após as atividades lúdicas? 3) O momento em convivência com o grupo contribuiu para seu crescimento pessoal? 4) O momento em convivência com o grupo contribuiu para seu crescimento profissional? 5) As atividades bem como a metodologia aplicada têm relação com sua realidade no dia a dia na empresa? Como respostas, os participantes marcaram, de acordo com a sua percepção, as opções: “sempre”, “quase sempre”, “às vezes”, “raramente” e “nunca”. Na sequência, fazemos a análise dos dados encontrados. Foram selecionados 37 participantes. Os questionários respondidos, em número de 34, representaram um total de 92% dos participantes.

A primeira pergunta, versando sobre a relevância da atividade lúdica conduzida com o grupo, teve 92% de respostas “sempre”. Um ponto a ressaltar é que nenhum dos respondentes marcou a alternativa “nunca”. Verificamos a avaliação positiva na realização da atividade lúdica como modelo de aprendizagem no contexto organizacional. Esta percepção dos participantes da pesquisa corrobora com a opinião de Kristiansen (2015), Santos (2001) e





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Gastardelli (2016). O primeiro, esclarece que, em uma dinâmica realizada por ele, os resultados foram significativamente positivos, pois “os participantes do programa ficaram melhor preparados para assumir papéis” (KRISTIANSEN, 2015, p. 179). Gastardelli (2016, p. 152), por sua vez, se refere ao lúdico como uma forma de fazer com que o sujeito “se sinta motivado e desafiado a descobrir o novo”. Na mesma direção caminha o entendimento de Santos (2001, p. 35), pois a autora defende que “a atividade lúdica é indispensável à vida humana quando situada como um ingrediente que oferece melhoria para a qualidade de vida”. Segundo Erikson, quando o indivíduo encontra a fase de iniciativa versus culpa se dá conta de que realmente existem situações que estão fora de suas capacidades (ainda neste momento), ela se contenta, não em fantasiar, mas em realizar um modelo de desenvolvimento que se constitui em um teste de personalidade aplicado a si mesmo. Para isso são utilizados jogos, testando as suas capacidades mentais, brinquedos e métodos lúdicos que proporcionam uma realidade intermediária. O indivíduo, portanto, realiza uma conexão sadia do mundo interno e externo nesta fase (ERIKSON, 1987). Que reforçado por Piaget (1970), ressalta que ao brincar, o sujeito, assimila conceitos e experimenta vivências.

A pergunta de número 2, relacionada à avaliação sobre a convivência em grupo na empresa após as atividades lúdicas, teve um total de 47% de respostas “sempre” e 32,3% “quase sempre”. Mais uma vez, nenhum registro “nunca” foi auferido. A análise das respostas obtidas torna perceptível uma estimativa positiva e otimista em relação à convivência dos grupos inseridos no ambiente organizacional após o desenvolvimento das atividades com LEGO®. Almeida (2006) refere-se às dinâmicas de grupos, acima de tudo, como um processo de democratização, onde os indivíduos participam e desenvolvem responsabilidades e espírito de iniciativa, proporcionando um momento de convivência, de expressão de ideias, o que contribui para a formação do indivíduo. Este questionamento é reforçado na fase eriksoniana de iniciativa versus culpa, em que o autor afirma que o propósito e a iniciativa também podem ser direcionados positivamente para a formação da responsabilidade, quando o senso de obrigação e desempenho se encontram ligados à ansiedade para aprender (Erikson, 1987). O que nos remete à convivência em grupo em uma organização após a atividade lúdica, modifica o pensamento convencional. Sobre este assunto, Kishimoto complementa: “o jogo é algo difícil de definir, pois cada pessoa pode entendê-lo de diversas maneiras” (2009, p.13). Nosso entendimento caminha no mesmo sentido, que pode ser comprovado pelas respostas. Segundo





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Chiavenato (2010, p. 443), estas atividades “têm por objetivo a criação de uma atmosfera de confiança, respeito e consideração”.

Referente ao questionamento de número 3 – sobre a percepção em relação ao crescimento pessoal a partir das atividades -, obtivemos 47% de respostas “sempre” e 29% “às vezes” – “quase sempre” não foi uma alternativa escolhida -. Isto significa que aproximadamente a metade dos respondentes considera que o convívio em grupo coopera de uma forma eficaz para o seu crescimento pessoal. Segundo as considerações de Vygotsky (1988), o brincar possibilita a construção de um adulto saudável, equilibrado física e emocionalmente. A maioria dos participantes avaliou como relevante o seu crescimento pessoal (considerando as respostas “sempre” e “às vezes”), podendo suportar melhor pressões e frustrações cotidianas, explorando e desenvolvendo a criatividade na resolução de problemas. Em análise aos conceitos estruturados por Erikson (1998), na fase de diligência versus inferioridade encontramos o interesse do indivíduo aos instrumentos de trabalho, pois este remete a competência do ser. Neste momento, se ressalta a fase de realização que dá forças ao ego de não regredir e nem se sentir inferior, o que contribui para a vivência com o grupo para o desenvolvimento pessoal, estimulando a criatividade do sujeito. Esta teoria é confirmada por outros autores que apontam um universo diferenciado através do lúdico, do aprender transversalmente ao “brincar”. Nosso entendimento versa no sentido de que o apoio do grupo entre os seus membros e a convivência saudável entre os colaboradores é um grande auxílio no crescimento pessoal, posto que através do desenvolvimento da equipe, o crescimento pessoal ocorre lado a lado com o crescimento profissional. Encontramos respaldo para nossa posição em Chiavenato (2010, p. 421), quando o autor explica que a “vivência em grupo favorece a sensibilidade, as influências psicológicas sobre o comportamento em trabalho [...] e a flexibilidade do comportamento das pessoas em relação aos outros”.

A pergunta de número 4 refere-se ao crescimento profissional por intermédio da convivência em grupo, ao que a resposta de maior frequência foi a de “quase sempre” com 41%, e “às vezes”, com 35,2%. Nesta questão, a opção “sempre” obteve somente 8,8%. Este comportamento nos leva a inferir que os respondentes consideram o convívio em grupo mais eficaz no seu desenvolvimento pessoal do que profissional. Ainda assim, é necessário levar em conta a predominância de respostas positivas (“quase sempre” e “às vezes”), que totalizaram 76,2%, o mesmo percentual observado na questão anterior, quando somadas às respostas





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“sempre” e “às vezes”, que totalizaram o mesmo índice: 76%. Mais uma vez as respostas convergiram no sentido de que a convivência com o grupo possibilita crescimento, desta vez no sentido profissional, o que é altamente positivo para a organização. Dentro deste contexto, Chiavenato (2010, p. 440), explica que “trabalhar em uma organização requer muitas habilidades das pessoas, executarem seu trabalho e relacionar-se com colegas”. Erikson lembra em sua quinta fase psicossocial do ser humano, identidade versus confusão de identidade, que neste momento o surgimento do envolvimento ideológico é o que comanda a formação dos grupos (principalmente na adolescência). Ressaltamos que é nesta fase que o indivíduo precisa se sentir inserido em um grupo que apoia suas ideias e identidade social. Consideramos importante a integração do colaborador à organização e à cultura da empresa. Neste sentido, o espírito de equipe é fundamental, diz Chiavenato (2010, p. 440): “o relacionamento entre a organização e as pessoas que nela trabalham torna-se um aspecto de primordial importância”. Reforçando a ideia de que as atividades lúdicas podem desenvolver o relacionamento interpessoal em ambientes corporativos.

A última questão referiu-se à aplicabilidade das atividades e metodologias ao dia a dia do colaborador na empresa. Os participantes destacaram as alternativas “quase sempre” (41%) e “Às vezes” (26,4%). A opção “sempre” teve 8,8% das respostas. Assim, as respostas positivas correspondem ao mesmo índice de 76,2%, como as outras duas questões anteriores. Há expressiva porcentagem de integrantes que consideram a atividade metodológica correspondente à realidade organizacional. Diante desta análise, pode-se esclarecer a sexta teoria psicossocial, intimidade versus isolamento, de Erikson, que associa um ego ao outro. Segundo o autor, para que esta associação seja positiva, é preciso que o indivíduo construa um ego forte e autônomo o suficiente para aceitar o convívio com outro ego sem se sentir anulado. As intervenções lúdicas atuam de forma positiva na integração dos colaboradores, o que corrobora com o aumento da produtividade no ambiente organizacional (ERIKSON, 1987). Kristiansen (2015) relata que brincar é uma transformação poderosa, algo que usamos intuitivamente na infância e que também deve ser usado na fase adulta. A opinião do autor, com a qual nos colocamos de acordo, é comprovada pela maioria dos participantes, que também consideraram que as atividades, bem como a metodologia aplicada, têm relação com sua realidade no dia a dia da empresa.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada possibilitou entender a importância da metodologia lúdica, inserida em contexto organizacional. O lúdico proporciona ao indivíduo expandir as ideias, fortalecendo e construindo sua identidade profissional, bem como suas habilidades e potenciais. Ressaltamos que, ao desenvolvermos pessoas, transformamos o ambiente por inteiro, mas é necessário que elas estejam preparadas para participar de forma crítica, porém democrática, às informações imputadas. No decorrer do processo foi visível a participação e interação dos colaboradores. As falas e expressões demonstraram interesse pelo assunto e a satisfação em participar da forma como foi proposto.

De modo geral, essa atividade despertou o interesse dos sujeitos que demonstraram entusiasmo e satisfação na resolução das situações-problema que, por mais de uma vez, estiveram acompanhadas da ludicidade promovida por meio da metodologia LEGO SERIOUS PLAY. A análise realizada por meio dos dados coletados nos questionários possibilitou entender a importância da utilização dos jogos lúdicos, relacionando a teoria com a prática. Diante dos resultados obtidos notou-se que as metodologias inovadoras, como os jogos, são métodos eficazes para a contribuição ao desenvolvimento humano.

Com relação à aplicação do jogo lúdico, assim como coletado nas respostas dos questionários, uma interessante cifra de 76% apresentou-se em várias questões, reforçando a nossa concepção de que a metodologia lúdica se constitui em uma alternativa viável. Neste sentido, o lúdico desperta a curiosidade, a utilização da imaginação, as novas possibilidades, as experimentações, as descobertas efetuando um aprender prazeroso e desafiador.

Desta maneira, a dada pesquisa apresenta, pela representação dos colaboradores, trazida nas respostas coletadas e na fundamentação teórica visitada, os seguintes resultados: a) as atividades lúdicas podem desenvolver o relacionamento interpessoal em ambientes corporativos; b) desbloqueiam novos conhecimentos; c) modificam o pensamento convencional; d) estimulam a criatividade e o desenvolvimento pessoal; e) as intervenções lúdicas atuam de forma positiva na integração dos colaboradores, bem como na melhora e aumento da produtividade nas organizações.

Como limitações deste estudo podemos citar a escassez de bibliografia em língua portuguesa, para o caso de haver interesse do público em geral acessar a matéria. Ainda assim, a maior parte das produções, em língua inglesa, está mais voltada à robótica. Por outro lado, as





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

limitações são também um incentivo para pesquisas mais profundas a respeito do tema, ao que sugerimos a busca de dados empíricos mais robustos, o que poderia ocorrer com mais de um grupo. Neste sentido, uma sugestão interessante seria desenvolver um estudo comparativo entre equipes e perfis distintos, sejam estes de cunho econômico, social, de idade e/ou de gênero.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de e outros (Org.). **O Coordenador Pedagógico e o Espaço da Mudança**. 5. ed. Ed. Loyola, 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**. Rio de Janeiro. 2008.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**. Rio de Janeiro. 2010.

ERIKSON, E. H. e ERIKSON, J. O ciclo da vida completo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

GASTARDELLI, Gustavo. **Metodologias ativas desafios para uma educação disruptiva**. Porto Alegre: AESC, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12. ed. São Paulo: Cortez. 2009. 183 p.

KRISTIANSEN, Rasmussen, R. **Construindo um negócio melhor com a utilização do método Lego Serious Play**. São Paulo: DVS editora, 2015.

PIAGET, Jean. **A construção do Real na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1970. 360 p. Traduzido da 3. ed., publicado em 1963, por Delachaux Et Niestlé.

RASMUSSEN, R. Kristiansen. **Construindo um negócio melhor com a utilização do método Lego Serious Play**. São Paulo: DVS editora, 2015.

SANTOS, Santa Marli Pires. **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DA CULTURA DO CONSUMO PARA INOVAR

THE IMPORTANCE OF THE IDENTIFICATION OF CONSUMER CULTURE TO
INNOVATE

Rafaela Froehlich Mestriner Fernandes¹

Margarete Fagundes Nunes²

Norberto Kuhn Junior (Universidade Feevale)³

Dusan Schreiber (Universidade Feevale)⁴

Resumo: O presente estudo visa a reflexão da importância da cultura do consumo local para inovar. Desta forma, o objetivo proposto nesta pesquisa é demonstrar a importância da identificação da cultura dos indivíduos consumidores para quem a organização busca inovar através da criação ou incremento de um produto ou serviço. O estudo foi construído através de pesquisa bibliográfica com olhar analítico. A discussão após a análise dos autores, permite concluir a importância do olhar para a cultura do consumidor na busca de suas necessidades, comportamentos e dinamismo, visto que é através dos consumidores que buscamos o maior sucesso através da inovação.

Palavras-chave: Cultura do consumo. Comportamento do consumidor. Cultura. Inovação.

Abstract: This study aims to reflect on the importance of local consumption culture to innovate. In this way, the objective of this research is to demonstrate the importance of the identification of the consumer individual's culture for whom the organization seeks to innovate through the creation or increment of a product or service. The study was constructed through bibliographical research with an analytical look. The discussion after the authors' analysis allows us to conclude the importance of looking at consumer culture in the search for its needs, behaviors and dynamism, since it is through consumers that we seek the greatest success through innovation.

Keywords: Culture of consumption. Consumer behavior. Culture. Innovation.

1 INTRODUÇÃO

A cultura do consumo é o tema principal deste artigo, o qual se delimita na importância do estudo da cultura do consumo local para inovar.

Este artigo tem como objetivo demonstrar, através de revisão de referencial teórico, a importância da identificação da cultura dos indivíduos consumidores para quem a organização busca inovar através da criação ou incremento de um produto ou serviço.

Ao estudar a cultura por Laraia (2001, p. 94) identificamos que ela é dinâmica: “O espaço de quatro séculos seria suficiente para demonstrar que a referida sociedade indígena mudou,

¹ Pós Graduada em Gestão Empresarial com Ênfase em Serviços e Mestranda do curso de Indústria Criativa na Universidade Feevale, rafaelafroehlich@gmail.com.

² Doutora em Antropologia Social, marga.nunes@feevale.br.

³ Doutor em Ciências da Comunicação, nkjuni@feevale.br.

⁴ Orientador. Doutor em Administração. Pesquisador, docente e Coordenador do Mestrado em Indústria Criativa pela Universidade Feevale, dusan@feevale.br.





porque os homens, ao contrário das formigas, têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los”.

Laraia (2001, p. 35) cita: “Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desconstruídas das coisas”. Desta forma torna-se imprescindível identificar as lentes dos consumidores quando uma organização quer inovar.

Desta forma identificamos que o desafio dos empreendedores é acertar o meio de consumo (valorizando o produto ou o serviço no seu uso), pois visto que os comportamentos dos indivíduos mudam e sofrem influências familiares, digitais e sociais, sendo um deles o consumo, este artigo investigará a importância da correlação entre a mudança de cultura dos consumidores e o modo de consumo, sugerindo a inovação acompanhar este dinamismo, visto que Vargo & Lusch (2008) afirmam que o produto ou serviço criam valor no uso deles pelos consumidores.

O artigo buscará embasamento para orientar empreendedores identificando a importância da cultura do consumidor no nicho de mercado a ser atendido, na assimilação de novas necessidades através da mudança de comportamento dos consumidores, afim de verificar a aceitação da inovação a ser realizada na cultura de consumo local.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção apresentar-se-á a base teórica que permite fundamentar a presente pesquisa, expondo os temas inovação e cultura e comportamento do consumidor.

2.1 INOVAÇÃO

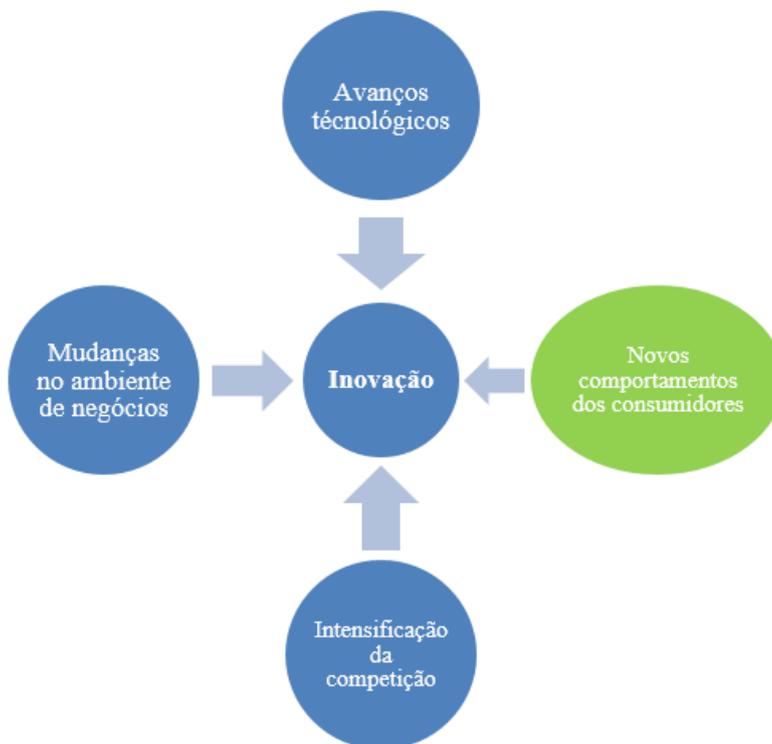
Entende-se por inovar implementar um produto ou serviço novo ou significativamente melhorado na organização ou nas relações externas (MANUAL DE OSLO, 1997). E, para Landry (2012, p. 81) “O pensamento inovador envolve uma capacidade de combinar racionalidade e criatividade com empatia no atendimento às necessidades”.

Segundo Sheth e Ram (1987), a inovação é puxada por avanços tecnológicos, novos hábitos de consumo, novos consumidores e segmentação, intensificação da competição e mudanças no ambiente de negócios. “As necessidades e problemas das pessoas mudam à medida que seus ambientes de vivência social, tecnológica e econômica se transformam”. Stickdorn e Schneider (2014, p. 58 e 59). Desta forma Goffin e Mithcell (2010) ilustram:





Figura 1. As influências para a inovação.



Fonte: Goffin e Mithcell (2010)

A inovação incentivada pelos fatores citados pode ser de forma incremental, radical ou disruptiva. De acordo com Christensen (1997) a inovação incremental melhora algo já existente, sendo aplicado em produto, processo ou serviço. A inovação radical cria um novo mercado ou estabelece rupturas em mercados existentes, se cria uma cultura de consumo. E, a inovação disruptiva é o processo pelo qual um produto ou serviço se modifica para atender um mercado já conhecido e aos poucos se desenvolve e atinge a fatia mais nobre do mercado.

A análise dos novos comportamentos dos consumidores para a inovação, conforme apontando por Goffin e Mithcell (2010), está na identificação da cultura do consumidor que permite inovar criando, a partir de um espaço encontrado, algo novo (inovação incremental ou disruptiva), ou até mesmo, mudar a cultura de comportamento deste consumidor através do uso do produto ou serviço lançado (inovação radical).

Ao olhar o consumidor como usuário de serviços Stickdorn e Schneider (2014, p. 38) coloca que “embora as descrições estatísticas dos usuários sejam importantes, ter um entendimento verdadeiro dos hábitos, cultura, contexto social e motivação dos usuário é





crucial.” Muitas empresas estão incluindo antropólogos em seu quadro de funcionários a fim de obter pesquisas etnográficas sobre os seu público alvo. Magnani (2009 apud Brito 2007).

2.2 CULTURA E COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR

O conceito de cultura por Laraia (2001) expõe que no entendimento da antropologia é importante entender a cultura para identificar novos comportamentos e que o acúmulo de experiências empilha conhecimento. Evidencia a importância da identificação da cultura.

Visto que a empresa inovadora busca identificar o seu nicho de consumidores para servi-lo, expande-se esta pesquisa aprofundando a identificação da cultura dos consumidores para inovar.

Para Featherstone (1995), ao tratar da teoria do consumo, menciona que a cultura do consumo não deriva simplesmente e somente da produção, e sim da busca por experiências de consumo. A visão economista de Douglas & Isherwood (2004) considera que temos dois tipos de necessidades, as físicas e as espirituais, priorizando as físicas.

Os novos comportamentos dos consumidores, um dos incentivos para a inovação, conforme Goffin e Mithcell (2010), sugere identificar o objetivo que culturalmente incentiva o consumo. Culturalmente, para Douglas & Isherwood (2004), nenhum ser humano existe senão fixado na sua cultura de sua época e lugar. E o consumo, para Featherstone (1995), pode ser para acúmulo material (aquisição), por necessidade de colocação social (se inserir no meio em que vive) ou para obter emoções ou experiências novas.

O consumo para Douglas & Isherwood (2004) é a ponte entre a lente economista de “comportamento consumista” e da antropologia que afirma que os motivos que levam as pessoas a desejarem as coisas, sem considerar o materialismo e o consumismo, como uma série de rituais e que os padrões de consumos refletem a sociedade. O ato de consumir seria um processo no qual todas as categorias sociais estariam sendo continuamente definidas, afirmadas ou redefinidas. Para eles os bens de consumo são comunicadores de categorias culturais e valores sociais.

Para Douglas & Isherwood (2004) as pessoas desejam obter bens para promover a subsistência e construir as linhas das relações entre indivíduos e grupos. Bens de consumo para comunicar, identificar e se relacionar.

“Com a revolução tecnológica, produtos e serviços tornaram-se commodities, ao mesmo tempo em que o consumidor passou a ser cada vez mais exigente. O consumidor quer vivenciar





experiências boas, únicas, autênticas que possam influenciar e transformar o seu modo de vida”, Castro (2014, p. 38).

Se, evocando a Lévi-Strauss, Douglas & Isherwood (2004) faz relação ao consumo nas classificações do bom para comer e bom para pensar. Os objetos podem ser bons para comer, vestir e abrigar, mas além de sua utilidade é preciso manter a ideia que são bons para pensar. As funções do consumo seriam, principalmente, as de classificar, selecionar e dar sentido ao mundo. Não consumir, seria não compartilhar.

A troca no mercado de consumo seria um “consumo inconsciente” do próprio espírito humano. “Há na troca algo mais que coisas trocadas”, Bevilaqua (2001 apud Lévi-Strauss, 1976, p. 35).

Douglas & Isherwood (2004) sobrepõem a alguns conceitos da sociedade de consumo, que relaciona o ato de consumir com alienação, estupidez, insensibilidade à miséria ou futilidade. Para eles as relações de consumo são, antes de tudo, relações sociais.

Douglas & Isherwood (2004) concluem que viver sem rituais é viver sem significado claro e sem memória. Sendo assim, usa-se os bens como acessórios dos rituais, e o consumo como o processo do ritual, cujo objetivo é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos. A função essencial do consumo é dar sentido.

3 METODOLOGIA

O artigo utiliza de metodologia de pesquisa bibliográfica com olhar analítico, objetivando identificar a importância de observar a economia e a antropologia do consumo para elucidar a conexão da inovação à cultura do consumo.

Os resultados foram obtidos através do estudo da inovação para os empreendedores que buscam atingir o seu nicho de mercado e da análise antropológica da cultura do consumo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo orienta os empreendedores a identificar a cultura dos consumidores dentro do ambiente em que se deseja inovar, adquirindo uma forma de consumo identificada.

A pesquisa identifica a importância de observar o consumidor, visto que Vargo & Lusch (2008) apontam que para o produto criar valor ele deve estar em uso pelos consumidores, e a cultura, que para Laraia (2001), é importante identificar a cultura, visto que ela é dinâmica, assim como o mercado de consumo.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Sheth e Ram (1987) e Goffin e Mithcell (2010) mencionam que inovar é preciso devido aos comportamentos dos consumidores também serem dinâmicos, ao mesmo tempo que para Douglas & Isherwood (2004) consumir é um ato livre.

Featherstone (1995) coloca que a teoria da cultura do consumo não é somente produção, e sim a busca por experiências de consumo, onde pode consumir por acúmulo material, por necessidade de colocação social ou para obter novas experiências.

O ser humano precisa estar fixado na sua cultura de sua época e lugar. Obter bens é para promover relações entre indivíduos e grupos. Bens de consumo para comunicar, identificar e se relacionar, Douglas & Isherwood (2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nova direção oferecida pela perspectiva estudo é uma preocupação econômica e antropológica com a inovação conectada à cultura do consumidor.

Através deste estudo, conseguimos identificar a importância do olhar para a cultura do consumidor na busca de suas necessidades, comportamentos e dinamismo, visto que é através dos consumidores que buscamos o maior sucesso do produto ou serviço. O uso dele pelo consumidor.

Ao empreender e inovar, o estudo do comportamento dos consumidores, com um olhar orientado pela economia e pela antropologia, se faz necessário com continuidade, à medida que a cultura e o mercado são dinâmicos e os empreendedores precisam ter a forma de consumo identificada para rumar ao sucesso.

REFERÊNCIAS

BEVILAQUA, Ciméa. **Notas sobre a forma e a razão dos conflitos no mercado de consumo**. Sociedade e Estado, v. 16, n. 1-2, p. 306-334, 2001.

BRITO, D. **Empresas mudam para atender baixa renda**. Folha de S. Paulo, São Paulo, ano 87, n. 28.593, 16 jul. 2007. Caderno Dinheiro.

CASTRO, Mariana. **Empreendedorismo criativo: Como a nova geração de empreendedores brasileiros está revolucionando a forma de pensar conhecimento, criatividade e inovação**. São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.

CHRISTENSEN, C. M. **The innovator's dilemma: when new technologies cause great firms to fail**. Boston: Harvard Business School Press, 1997.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo.** Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2004.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós modernismo.** São Paulo: Studio Nobel Ltda., 1995.

GOFFIN, K.; MITCHELL, R. **Innovation management: strategy and implementation using the Pentathlon framework.** 2nd ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

LANDRY, Charles. **Origens e futuros da cidade criativa.** São Paulo: SESI-SP, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico.** 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Guerra e comércio entre os índios da América do Sul. In: SCHADEN, Egon (Org.). **Leituras de etnologia brasileira.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. Apud BEVILAQUA, Ciméa. **Notas sobre a forma e a razão dos conflitos no mercado de consumo.** Sociedade e Estado, v. 16, n. 1-2, p. 306-334, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência.** Horizontes antropológicos, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009. Apud BRITO, D. **Empresas mudam para atender baixa renda.** Folha de S. Paulo, São Paulo, ano 87, n. 28.593, 16 jul. 2007. Caderno Dinheiro.

MANUAL DE OSLO. 3.ed. OECD, 1997. Disponível em:
<<http://www.finep.gov.br/images/apoio-e-financiamento/manualoslo.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2017.

SHETH, J. N., RAM, S. **Bringing Innovation to Market: how to break corporate and customer barriers.** 1.ed. Wiley, 1987.

STICKDORN, Marc. SCHNEIDER, Jakob. **Isto é design thinking de serviços.** Porto Alegre: Bookman, 2014.

VARGO, Stephen L.; LUSCH, Robert F. **Service-dominant logic: continuing the evolution.** Journal of the Academy of marketing Science, v. 36, n. 1, p. 1-10, 2008.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FEIRAS E BAZARES COLABORATIVOS NO CONTEXTO DAS CIDADES CRIATIVAS

FAIRS AND COLLABORATIVE BAZARES IN THE CONTEXTO OF CREATIVE CITIES

Raquel Salvalaio Martins (Universidade Feevale)¹
Mary Sandra Guerra Ashton (Universidade Feevale)²

Resumo: As cidades criativas são definidas no contexto da economia criativa por visarem a valorização do conhecimento e da criatividade do ser humano, seus desejos, motivações, imaginação e criatividade. Sendo assim, esse artigo tem como objetivo investigar como feiras e bazares colaborativos estimulam o consumo consciente e os talentos locais, no contexto das cidades criativas. Utilizou-se o método de pesquisa exploratória, descritiva, por meio de revisão bibliográfica e pesquisa de campo com questionário aplicado através de redes sociais. Por fim, os resultados obtidos foram analisados por um viés qualitativo. O resultado da investigação apresentou a forte relevância que os bazares e feiras colaborativas têm alcançado frente ao público e como esses eventos fomentam as indústrias criativas no contexto das cidades.

Palavras-chave: Indústria criativa. Cidades criativas. Feiras. Bazares.

Abstract: Creative cities are defined in the context of the creative economy because they aim valuing the knowledge and creativity of the human being, their desires, motivations, imagination and creativity. Thus, this article aims to investigate how fairs and collaborative bazaars stimulate conscious consumption and local talents in the context of creative cities. The exploratory, descriptive research method was used through bibliographic review and field research with questionnaire applied through social networks. Finally, the results obtained were analyzed through a qualitative bias. The result of the research has shown the strong relevance that bazaars and collaborative fairs have achieved with the public and how these events foster creative industries in the context of cities.

Palavras-chave: Creative industry. Creative cities. Fairs. Bazaars.

INTRODUÇÃO

O século XXI deu início a era criativa trazendo consigo uma profunda quebra de paradigmas na sociedade quanto ao estilo de vida e de consumo. Desde o fim da fase industrial observou-se o esvaziamento das cidades gerando crises financeiras e fazendo com que grandes centros entrassem em forte declínio. No entanto, por meio da ascensão da economia criativa, as cidades desoladas pelo fim da era industrial encontraram nas indústrias criativas e nos seus talentos locais um novo caminho para seu crescimento (VIVANT, 2012).

¹ Especialista em Marketing e Comunicação pela ESPM, Mestranda em Indústria Criativa pela Universidade Feevale. Email: rachelsalvalaio@gmail.com

² Doutora em Comunicação Social, PUCRS. Professora Titular e Pesquisadora na Universidade Feevale/RS. Docente no Mestrado em Indústria Criativa. E-mail: marysga@feevale.br.





Levando em consideração que os talentos locais de uma região necessitam ser incentivados para que se crie uma cidade de fato criativa, deu-se a relevância desse estudo que trás como objetivo investigar como as feiras e bazares colaborativos estimulam o consumo consciente e os talentos locais no contexto das cidades criativas.

Para tanto, o presente artigo é apresentado em duas partes de fundamentação teórica. A primeira parte aborda os conceitos e caracterizações das cidades criativas, e a segunda traz consigo reflexões sobre a mudança nos paradigmas do consumo e estilo de vida gerados pela economia criativa. Em seguida faz-se uma análise dos dados coletados, finalizando com as conclusões da pesquisa.

Nesse estudo utilizou-se o método exploratório descritivo, valendo-se de uma revisão bibliográfica e de uma pesquisa de campo (PRODANOV e FREITAS, 2013). Aplicou-se um questionário com perguntas de múltipla escolha através das redes sociais do *Facebook*, *whatsapp* e *Instagram* entre os dias 19/10/17 e 30/10/17, ao qual participaram 103 sujeitos, numa amostragem por conveniência. A análise dos dados coletados obedece um viés qualitativo de acordo com Minayo (1994), pois visa a subjetividade.

Desse modo, esse estudo se justifica pelo fato da economia criativa e do consumo consciente se firmarem ambos como uma tendências mundiais indicadas pelos autores e até mesmo por veículos de mídia que demonstram o crescimento de iniciativas no campo criativo paralelamente ao conceito de cidades criativas.

CIDADES CRIATIVAS: CONCEITOS E CARACTERIZAÇÕES

O termo cidades criativas surge em primeira instância pela eclosão da economia criativa e vai ganhando corpo nas principais discussões que envolvem essa temática. Por ser um tema relativamente novo ainda provoca diversos debates acerca da sua definição, afinal as cidades criativas são consideradas recém nascidas, e ainda possuem os seus contornos indefinidos (REIS, 2012). “Nunca se falou tanto de criatividade e talvez nunca a cidade tenha sido tão discutida por quem não só trabalha com ela, mas nela vive. É nesse casamento promissor que surge o termo cidades criativas” (REIS, 2012, p.9). Sabe-se no entanto, que o termo foi criado no fim dos anos 1980, pelo arquiteto britânico Charles Landry, o qual caracteriza as cidades criativas como um local que incentiva a criatividade e a imaginação dos que nela habitam (LANDRY, 2013).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Na perspectiva de Landry (2013) o conceito de cidade criativa está intimamente ligado aos saberes e fazeres dos habitantes de uma cidade, considerando o povo um recurso crucial quando se trata de determinar os rumos de um local. Sendo assim, Landry (2013, p.11) enfatiza que “as cidades precisam criar condições para as pessoas pensarem, planejarem e agirem com imaginação.”. Para o autor, tanto o povo, quanto as governanças de uma cidade seriam responsáveis pelo sucesso e nível de criatividade de uma cidade, suscitando a necessidade de líderes políticos e habitantes trabalharem em conjunto.

Para Reis (2012), as cidades criativas são aquelas que buscam em seus talentos locais a sua verdadeira vocação, pensando novos caminhos de desenvolvimento para as cidades. Dessa forma, a autora traz a luz o fato de que cidades com governanças mais proativas a respeito de incentivos a economia criativa, tendem a se sair melhor do que aquelas que depositam apenas nos cidadãos a responsabilidade de construir uma cidade criativa.

SOBRE A CLASSE CRIATIVA E O CONSUMO CONSCIENTE

A economia do século XXI vem quebrando alguns paradigmas enraizados na sociedade desde a era industrial, que se baseava no modelo do consumismo e do acúmulo de bens (BOOSTMAN; ROGERS, 2011). De acordo com Featherstone (1995, p.31) “[...] a cultura de consumo tem como premissa a expansão da produção capitalista de mercadorias, que deu origem a uma vasta acumulação de cultura material na forma de bens e locais de compra e consumo.” Contrapondo esse pensamento, Boostman e Rogers (2011) apontam que o aumento de lixo gerado pelo consumismo e a insatisfação constante dos indivíduos emergem como os propulsores de uma nova mentalidade de consumo consciente e colaborativo. Segundo os autores a economia colaborativa é definida como uma economia construída em redes, distribuídas em indivíduos e comunidades em detrimento a instituições centralizadas, transformando a forma de produzir, consumir, financiar e aprender.

Para Florida (2011) a comunidade criativa, é construída por uma atmosfera humana onde o maior foco estaria nos talentos e criatividade dos atores pertencentes às classes criativas. De acordo com o autor se na era industrial as empresas se desenhavam como o coração das comunidades, na era criativa esse foco passa a ser em essência do ser humano. Baseando-se nessas informações forma-se a hipótese de que a classe criativa, têm fomentado a economia e o consumo consciente através do desenvolvimento dos seus talentos. Isso porque, por meio da





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

venda e escambo de produtos e serviços, pequenos produtores têm se destacado, muitas vezes se sobressaindo frente a empresas consagradas.

CARACTERIZAÇÃO DAS FEIRAS E BAZARES COLABORATIVOS

No contexto das cidades criativas surgem as feiras e bazares colaborativos, que são assim chamados por trazerem a ideia de diversos pequenos produtores compartilhando o mesmo espaço para exposição e venda de produtos. Essas feiras e bazares costumam ocorrer de tempos em tempos, não tendo lugar fixo e de modo geral ocorrem ao ar livre ou em espaços abertos. Além disso, podem ser semanais, mensais ou até mesmo anuais. Nesses eventos é possível encontrar produtos feitos por micro e pequenos empresários, os quais vendem ou trocam mercadorias produzidas por eles mesmos de maneira artesanal e em pequena escala. O foco se encontra especialmente na promoção da criatividade dos cidadãos locais, que usam o espaço para expor suas produções próprias, tais como: artesanato, gastronomia, confecção de vestuário, objetos de decoração; acessórios entre outros, fomentando assim, a economia criativa e o consumo consciente nas cidades.

PESQUISA DE CAMPO E ANÁLISE

Os dados analisados a seguir são oriundos de um questionário lançado em redes sociais (*Facebook, Whatsapp, Instagram*) e tem por objetivo investigar como as feiras e bazares colaborativos estimulam o consumo consciente e os talentos locais no contexto das cidades criativas.

Ao todo foram obtidas 103 respostas entre os dias 19/10/17 e 30/10/17 das quais 79,6% (82) correspondem ao sexo feminino e 21,4% (21) ao sexo masculino. Quanto a faixa etária 22,3% (23) afirmam ter entre 18 e 25 anos; 33% (34) entre 26 e 30 anos; 23,3% (23) entre 31 e 40 anos; 6,8% (7) entre 41 e 50 anos e 14,6% (15) acima de 50 anos. No que tange a escolaridade dos respondentes 16,5% (17) dizem possuir segundo grau completo; 29,1% (30) ensino superior incompleto; 30,1% (31) afirmam ter ensino superior completo; 23,3% (24) possuem nível de pós-graduação e apenas 1%(1) segundo grau incompleto.

Dentre os pesquisados verificou-se que grande parte está diretamente inserido no mercado das indústrias criativas. Entre as profissões mais citadas estão os professores (11 ao todo); publicitários (9), profissões ligadas ao design (10); empresários ou micro empresários (7); área administrativa (7); marketing (4); fotógrafos (6) e mídias sociais (3).





Quando questionados se costumam frequentar feiras e bazares colaborativos em suas cidades 65% (67) respondentes afirmaram que sim; 31,1% (31) dizem não frequentar e 4,9% (5) não conhecem esse tipo de evento. Portanto, ao analisar pelo viés qualitativo dos dados, pode-se afirmar que as feiras e bazares colaborativos são frequentadas em grande parte por indivíduos com alta escolaridade; que estão na faixa etária jovem/adulta correspondendo em grande parte a pessoas entre 18 e 40 anos de idade, sendo que desses mais da metade são mulheres. Além disso vale destacar que e em muitos casos os frequentares de feiras colaborativas estão diretamente inseridos nas indústrias criativas através de suas profissões.

Sobre a questão “Qual sua cidade?”, 33 pesquisados afirmaram residir em Novo Hamburgo, RS 19 em Campo Bom, RS; sendo essas as cidades mais citadas na pesquisa. Apareceram ainda São Leopoldo, RS (4); Sapiranga, RS (3); Curitiba, PR (3); Porto Alegre, RS (4); Canoas, RS (5); Estância Velha, RS (3); São Paulo, SP (4); Caxias do Sul, RS (2); Pinhais, PR (2); Campo Largo, PR (1); Mangueirinha, PR (1); Picada Café, RS (1); Recife, PE (1); Dourados, MS (1); Manaus, AM (1); Canela, RS (1); Arroio do Meio, RS (1); Santa Maria do Oeste, PR (1); Ivoti, RS (1); Portão, RS (1); Ubatuba, SP (1); Maringá, PR (1); Garopaba, SC (1); Salvador, BA (1); Sapucaia do Sul, RS (1); Araricá, RS (1) e Suzano, SP (1).

A questão seguinte abordava o que mais motivaria os pesquisados a irem em uma bazar ou feira colaborativa. Das opções listadas 49,5% (51) dizem que a maior motivação seria praticar o consumo consciente; em segundo lugar aparecem os preços baixos com 46,6% (48) das respostas. Em terceiro lugar foi citada a possibilidade de consumir itens artesanais 43,7% (45) e em quarto lugar ficou a gastronomia oferecida nesse tipo de evento com 34% (35). 25,2% (26) apontaram que a maior motivação para frequentar uma feira ou bazar seriam as marcas lá expostas e 23,3% (24) citam as atrações artísticas. As demais respostas foram: fazer negócios e contatos; colaborar com uma causa social ou animal; ser perto de casa e sem impostos dando lucro a quem produz; passear; aproveitar a cidade; saber quem fez o que estou comprando e uma pessoa afirmou não saber o que tem nas feiras e bazares colaborativos.

Quando questionados “Com qual afirmação você mais se identifica” 48,5% (50) apontaram “Gosto de consumir bons produtos com preços baixos.”; 35% (36) “Prefiro consumir itens de produtores locais por saber a procedência deles.” e 16,5% (17) “Gosto de participar de eventos como feiras e bazares colaborativos pois considero isso um passatempo.”.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A última questão se referia a importância das feiras e bazares colaborativos para a economia de uma cidade. Sobre isso 95,1% (98) respondentes afirmaram que consideram esses eventos importantes pois promovem a mercadoria de produtores locais e apenas 4,9% (5) acreditam que os eventos não tenham tanta relevância pois existem outras formas melhores de movimentar a economia local.

Relacionando os dados supracitados com o levantamento teórico proposto, é possível notar indicadores de que os bazares e feiras colaborativas tem tornado o espaço da cidade um local mais criativo através da exposição dos saberes e talentos locais. Reis (2012) assinala que a economia criativa trás a chance de promover os talentos e particularidades de cada pessoa, ao passo que as cidades criativas identificam e fomentam esses talentos. Levando em conta os resultados alcançados através do questionário, percebe-se que as feiras e bazares colaborativos contribuem para geração de um ambiente propício para o desenvolvimento criativo (REIS, 2012).

É interessante notar que o perfil dos frequentadores das feiras e bazares colaborativos corresponde em grande parte a indivíduos ligados às indústrias criativas, os quais conforme os dados da pesquisa apontam, estimulam novas mentalidades ligadas ao consumo consciente sendo uma das motivações mais citadas para frequentarem eventos colaborativos.

Percebe-se também que o consumo de produtos feitos de maneira artesanal e em pequena escala têm alcançado uma preferência considerável por parte do público consumidor, sendo que as feiras abrem espaço para que consumidores e produtores entrem em contato. Portanto, a partir do pressuposto de Vivant (2012) afirma-se que o desenvolvimento dos setores criativos tem o poder de criar um ambiente surpreendente e inédito, o que atrairia mais pessoas para as cidades e geraria alternativas de renda frente às indústrias tradicionais.

Por fim, Landry (2013) diz que o recurso essencial das cidades criativas são as pessoas que ali habitam. Portanto as cidades criativas entendem a importância de promover os potenciais de seus cidadãos, o que acontece através das feiras e bazares colaborativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se a partir do levantamento realizado que os bazares e feiras colaborativas são peças relevantes gerando oportunidades para empreendedores locais ligados à indústria criativa. Considera-se que através desses eventos produtores da indústria criativa tem oportunidade de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

expor seus produtos e entrarem em contato com o público consumidor fomentando assim a economia de uma cidade ou região.

Considera-se ainda que os eventos classificados como feiras e bazares colaborativos tencionam o impulsionamento da criatividade local conforme proposto nos conceitos de cidades criativas desenvolvidos por autores consagrados, como mencionado no texto.

Vale frisar que seria relevante para pesquisas futuras um levantamento mais profundo dos bazares e feiras colaborativas na região do Vale dos Sinos, a qual aparece em destaque ao longo dessa investigação, em relação a sua contribuição para o desenvolvimento socioeconômico de cidades e regiões-

REFERÊNCIAS

BOSTMAN, R; ROGERS, R. O que é meu é seu: Como o consumo coletivo está mudando o nosso mundo. Porto Alegre: Bookman, 2011.

FEATHERSTONE, M. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FLORIDA, Richard. A ascensão da classe criativa. Porto Alegre: LP&M, 2011.

LANDRY, Charles. Origens e futuros da cidade criativa. São Paulo: SESI-SP editora, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. Da leveza: rumo a civilização sem peso. Barueri, SP: Manole, 2016.

MINAYO, Cecilia de Souza. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, Ana Carla Fonseca. Cidades criativas, turismo cultural e regeneração urbana. Disponível em: <<http://www.redbcm.com.br/arquivos/cidadescriativas/ana-carla-fonseca-cidades-criativas.pdf>> Acesso em: 20 out. 2017.

_____. Cidades criativas: da teoria à prática. São Paulo: SESI-SP editora, 2012.

VIVANT, Elsa. O que é uma Cidade Criativa?. São Paulo: SENAC, 2012.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MOCHILAS ESCOLARES: UM MODO DE CONSTITUIR AS IDENTIDADES DE GÊNERO

SCHOOL BACKPACKS: A WAY TO CONSTITUTE GENDER

IDENTITIES INSIRA O TÍTULO EM LÍNGUA

Raquel Dilly Konrath (Feevale e Instituto Ivoti)¹

Cláudia Schemes (Feevale)²

Resumo: Este artigo tem como objetivo trazer algumas reflexões e fazer uma análise sobre como as mochilas escolares contribuem na constituição de identidades de gênero já na primeira infância. A base teórica para este estudo e para a análise das mochilas terá como referência os fundamentos de Marisa Costa que fundamenta como a cultura da mídia e do consumo influenciam na educação das crianças e de Irene Machado e Modesto Farina que fundamentam os estudos sobre a semiótica da cultura. Os estudos teóricos apresentados neste artigo serão aplicados em um corpus publicitário da rede Clip Livrarias, referente à venda de mochilas para o início do ano letivo, publicado no face no mês de janeiro de 2018. Configura-se em uma pesquisa de cunho exploratória qualitativa, que se fundamenta em explorar alguns conceitos e atributos sobre os signos icônicos, procurando destacar algumas formas que influenciam na construção da identidade da criança e produzem discursos construídos nas relações sociais, passíveis de leitura, entendidos enquanto códigos de comunicação humana. O estudo se propõe, nesse sentido, a compreender e analisar as mochilas escolares como signos, dentre muitas outras interpretações possíveis, que contribuem na constituição das identidades de gênero já na primeira infância.

Palavras-chave: Mochilas escolares. Identidade. Gênero. Infância.

Abstract: This article aims to bring some reflections and make an analysis on how school backpacks contribute to the constitution of gender identities already in early childhood. The theoretical basis for this study and analysis of the backpacks will take as reference the studies of Marisa Costa, which is based on how the culture of the media and consumption influence the education of the children and Irene Machado and Modesto Farina, whose reference based on the semiotics of culture. The theoretical studies presented in this article will be applied in a publicity corpus of the Clip Livrarias network, referring to the sale of backpacks for the beginning of the school year, published in Facebook in January, 2018. It configures itself in a qualitative exploratory research, which is based on exploring some concepts and attributes about the iconic signs, seeking to highlight some forms that influence the construction of the child's identity and produce discourses constructed in social relations, readable, understood as codes of human communication. In this sense, the study intends to understand and analyze school backpacks as signs, among many other possible interpretations, that contribute to the constitution of gender identities already in early childhood.

Keywords: School backpacks. Identity. Gender. Childhood.

1 INTRODUÇÃO

A criança que hoje conhecemos, destinatária de muitas preocupações e afetos, sujeito de direitos, alvo de diferentes disputas e proteção, nem sempre existiu. Ela é uma construção

¹ Professora no Instituto Ivoti Ensino Superior e doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Feevale/NH.

² Professora doutora do Programa de Pós Graduação da Feevale/NH.





recente, uma invenção da modernidade, resultado de tudo que se tem estudado, pensado e produzido sobre e para a criança, como também produzido e contruído por ela própria. Podemos inferir essa maior visibilidade em torno da criança a partir da proliferação de artefatos culturais produzidos e fabricados para elas no contexto atual, e que, conseqüentemente influenciam na constituição de seu modo de ser criança e de viver a sua infância hoje, ou seja, na constituição de sua identidade.

Para poder compreender a mediação desse processo, analisaremos as mochilas escolares como um signo icônico, dentre muitas outras interpretações possíveis, utilizados pela sociedade e que contribuem na constituição e produção de identidades de gênero. E, para compreender a mediação desse processo, far-se-á uso dos estudos da semiótica da cultura que se propõem a “compreender não apenas a construção do texto, isto é, o processo modelizante de seus códigos e linguagens, como também propor a leitura do encadeamento de seus intérpretes” (MACHADO, 2013, p. 66).

A base teórica para este estudo terá como referência os fundamentos de Marisa Costa que fundamenta como a cultura da mídia e do consumo influenciam na educação das crianças e de Irene Machado e Modesto Farina que fundamentam os estudos sobre a semiótica da cultura. Os estudos teóricos apresentados neste artigo serão aplicados em um corpus publicitário da rede Clip Livrarias, referente à venda de mochilas para o início do ano letivo, publicado no Facebook no mês de janeiro de 2018. Configura-se em uma pesquisa de cunho exploratória qualitativa, que se fundamenta em explorar alguns conceitos e atributos sobre os signos icônicos, procurando destacar algumas formas que influenciam na construção da identidade da criança e produzem discursos construídos nas relações sociais, passíveis de leitura, entendidos enquanto códigos de comunicação humana.

2 MOCHILAS ESCOLARES: UM MODO DE SIGNIFICAR A INFÂNCIA

Cada época e contexto criam e produzem uma cultura a partir da qual emergem diferentes formas de pensar, ver e agir sobre as pessoas e o mundo. Assim também, as mochilas escolares usadas pelas crianças, constituem e emergem de uma cultura, trazem e contêm uma visão e concepção de mundo que está associada a todo um contexto de valores, projeções e crenças da sociedade. São, portanto, produtoras de cultura, ao mesmo tempo em que requerem da cultura e de significados para serem produzidas e criadas. E ao fazerem parte do mundo infantil, por meio de diferentes significações, vêm carregado de manifestações sociais e culturais, ou seja, de





conteúdos, diferentes modelos e interesses sociais, num processo de construção da identidade infantil, de forma individual e universal, simultânea, mas não linear.

Desta forma podemos enfatizar que as mochilas escolares enquanto texto da cultura com a intencionalidade e o propósito de estabelecer uma comunicação com os consumidores procuram transmitir uma mensagem, utilizando-se de diferentes signos. Mas, para compreender como acontece essa construção textual, faz-se necessário levar em conta que “signo é mediação entre algo a que se refere ou aplica-se e os efeitos que serão produzidos no receptor, o que inclui as consequências que disso podem advir no futuro [...]” (SANTAELLA; NÖTH, 2004, p. 77). Isso quer dizer que a compreensão desse processo inclui considerar as relações de referências dos signos, suas ligações contextuais, seus processos de emissão e os efeitos que estão aptos a produzir nos receptores, e que, por isso, não podem ser compreendidos e analisados sem situá-los no contexto.

A partir disso tudo, a publicidade se utiliza da grande visibilidade da criança em nossa cultura hoje para seduzir seus “consumidores”, ou seja, seu público, pois tem-se construído e reforçado culturalmente, através de diferentes estudos, em diferentes áreas, uma grande preocupação com a criança, fazendo com que a sociedade se organize em torno dela. Investe-se na criança também como alvo de propaganda e consumo, para atrair consumidores de diferentes artefatos culturais, neste contexto a ‘educação’ das crianças. Observava-se também que grande parte dos artefatos consumidos pelas crianças é influenciada por uma incidência especial, hoje oferecida pela mídia, com a qual as crianças estão em contato, causando efeitos “na vida escolar, nas subjetividades, nas identidades, no currículo e no trabalho docente.” (COSTA, 2005, p. 192). No entanto, não podemos esquecer que os artefatos culturais, como as mochilas, por si só não são autônomos, não têm vida própria, eles apenas traduzem o que pensamos a respeito de nós mesmos, mas que são capazes de mudar o presente e o futuro das crianças.

3 SER MENINO E MENINA: UMA PRODUÇÃO IDENTITÁRIA

As formas e modos de falar e apresentar a criança nunca são inocentes ou gratuitas, vêm carregadas de intenções, dependendo a quem se dirigem. Isto significa que a escolha da linguagem, de determinadas imagens ou cores, não são escolhas neutras, utilizam-se de estratégias para atingir seu propósito e, portanto, são suscetíveis de interrogações e reflexões.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A Semiótica da Cultura, através de seus estudos, nos ajuda a compreender e analisar as mochilas escolares como textos culturais, passíveis de leitura, entendidos enquanto códigos de comunicação humana. Seguimos à análise de um encarte publicitário em anexo com mochilas escolares que podem nos ajudar a compreender e pontuar melhor estas questões.

A cultura midiática esboçada por meio das mochilas revela uma diferenciação, observando as utilizadas pelas meninas e os meninos. É possível identificar e reconhecer as mochilas dos meninos e das meninas pela cor e pelos personagens midiáticos nelas estampados, demonstrando “o papel que a cultura centrada na visibilidade e nas imagens assume na constituição e modelagem das relações dos humanos com o mundo que os circundam”, bem como nas “práticas pedagógicas que moldam as paisagens escolares de hoje.” (COSTA, 2006, p. 181). As mochilas cor de rosa ou lilás, estampam princesas e as pretas e azuis estampam personagens midiáticos predominando os super-heróis e os carros de séries animadas, esboçando o quanto são influenciados e capturados pela cultura midiática do consumo. Tanto as cores e estampas nos remetem a uma diferenciação na questão de gênero, culturalmente interpretada, associando as meninas à beleza e delicadeza e os meninos às brincadeiras mais radicais e agitadas, refletindo e reforçando o papel social que ainda prevalece na sociedade contemporânea.

Ao trazermos para a análise o uso das cores das mochilas enfatizamos a sua relação com o propósito da informação, ou seja, ela se apresenta neste contexto como um importante signo, uma vez que “A promoção de vendas se valem, acima de tudo, do chamado “atencional”, em que a cor ocupa um lugar de grande destaque no esforço de aproximar os consumidores” (FARINA, 2006, p. 133). Neste contexto, a cor como signo icônico pode ser imediatamente comunicativa por ser de percepção instantânea; os meninos vestem azul ou preto e as meninas vestem rosa e lilás. A cor como um signo icônico pode ser confirmada nas palavras de Santaella (2006, p. 105):

As qualidades atribuídas à cor rosa são consideradas tipicamente femininas. Simboliza o encanto, a amabilidade. É uma cor terna e suave muito utilizada em associações com o público infantil, principalmente as meninas altamente positivas.

As palavras da autora reforçam a relação e a associação da cor ao gênero da criança. Nesse contexto, a publicidade se vale desses códigos para comunicar também a sua concepção e visão de mundo, como também de educar e ensinar, considerando que:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido à nossa ação. (HALL, 1997, p. 14).

Assim, as mochilas escolares também são textos culturais, pois refletem o mundo contemporâneo e causam efeitos pela influência que exercem na construção da identidade das crianças e adultos, influenciando na constituição e na produção de modelos e estilos de vida, padrão social, gênero...

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mochilas escolares contendo e trazendo uma visão de mundo e ao fazerem parte do mundo infantil e adulto, através de diferentes modos, vêm carregados de conteúdos, diferentes modelos e interesses sociais, num processo de construção de identidades.

Neste sentido, talvez tenhamos que pensar com mais criticidade sobre o efeito que alguns artefatos culturais podem provocar, vindo carregados de estereótipos, significados, conceitos e preconceitos, mas vistos muitas vezes de forma simplista e ingênua e que podem interferir e influenciar na nossa forma de conhecer, perceber e nos relacionarmos com o mundo. Os estudos da semiótica podem ser uma importante lente e possibilidade de nos interrogarmos, de lermos e de refletirmos com mais criticidade sobre a visão de mundo que hoje temos e percebemos.

Esperamos, com este artigo, ter contribuído para o levantamento de novas interrogações e reflexões acerca das mochilas escolares como modos de constituir identidade de gênero. Vimos, através da análise de alguns exemplos de anúncios, que a representação da criança na publicidade acarreta uma série de modelos a serem seguidos, propagados e produzidos. Fixamos nas crianças por serem elas hoje destinatárias e alvo de muito estudo, atenção, preocupação e visibilidade, e, conseqüentemente, as que sofrem na busca de um vir a ser um adulto ideal.





Figura 1. Corpus publicitário da rede Clip Livrarias

A maior variedade de mochilas está aqui na Clip

Mochila Patrulha Canina com Rodas G
R\$ 219,90

Mochila Miraculous com Rodas G
R\$ 119,90

Combo Ben 10
Mochila + Lancheira + Estojo
Dinheiro: 30340-30377-30384
Dir: R\$ 299,90
Por: R\$ 159,90 33%

Combo Hot Wheels
Mochila + Lancheira + Estojo
Seriado: 64639-64702-64733
Dir: R\$ 299,90
Por: R\$ 179,90 40%

Combo Ever After High
Mochila + Lancheira + Estojo
Seriado: 64628-64693-64693
Dir: R\$ 279,90
Por: R\$ 149,90 46%

Combo Barbie Mochila + Lancheira + Estojo
Seriado: 64621-64685-64685
Dir: R\$ 299,90
Por: R\$ 179,90 40%

Combo Polly
Mochila + Lancheira + Estojo
Seriado: 64773-64775-64776
Dir: R\$ 299,90
Por: R\$ 179,90 40%

Combo Meninas Super Poderosas
Mochila + Lancheira + Estojo
Seriado: 64656-64673-64673
Dir: R\$ 279,90
Por: R\$ 149,90 46%

Clip
facebook.com/RedeClip Rede Clip redeclip.com

Fonte: Facebook

REFERÊNCIAS

COSTA, Marisa Vorraber. Paisagens escolares no mundo contemporâneo. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweis (Org.). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Editora da Ulbra, 2006. p. 177-195.

FARINA, Modesto et al. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação e realidade**, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MACHADO, Irene. Pensamento semiótico sobre a cultura. **Sofia**, Vitória (ES), v. 2, n. 2, p. 60-72, ago. 2013.

SANTAELLA, Lucia. Cor: signo cultural e psicológico: o significado das cores: a liberdade é azul? a fraternidade é vermelha? a paz é branca? In: FARINA, Modesto et al. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard, 2006. p. 85-114.

_____; NÖTH, W. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

OS EFEITOS DA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA E AS IDENTIFICAÇÕES DOS SUJEITOS COM O TEMA DA VIOLÊNCIA INFANTIL

THE EFFECTS OF THE MEDIA COMMUNICATION AND THE PERSONAL
IDENTIFICATIONS WITH THE CHILD VIOLENCE THEME.

Raquel Furtado Conte (Feevale/UCS)¹
Ana Luiza Carvalho da Rocha (Feevale)²

Resumo: O presente artigo, de cunho qualitativo e interpretativo, visa problematizar o impacto dos conteúdos veiculados nos meios de comunicação, no que tange ao tema da violência infantil e suas repercussões nos indivíduos, através de reações variadas sobre o tema. A partir de um caso divulgado no jornal *Pioneiro* de uma cidade do interior do RS e, também veiculado no *Facebook*, busco discutir as informações transmitidas pelas mídias e as manifestações culturais e sociais dos indivíduos em relação ao caso de violência infantil publicado. As repercussões são discutidas, a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011) sobre a forma como a notícia foi veiculada e o engajamento social da comunidade frente à mesma. Busco discutir as possíveis questões culturais e subjetivas do homem contemporâneo, numa sociedade patriarcal e burguesa, as quais se entrelaçam com a temática do impacto da violência infantil e dos processos identificatórios dos sujeitos. Portanto, é possível identificar que de certa forma, as mídias sociais e os meios de comunicação, permitem uma visibilidade dos processos socioculturais envolvidos nas manifestações comportamentais e refletem o mal-estar contemporâneo dos sujeitos de uma determinada região.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Mídias sociais. Processos Identificatórios. Subjetividade.

Abstract This qualitative and interpretive article aims to discuss the media content impact in relation to the theme of child violence and its impact on individuals through a variety of reactions on the subject. From a case reported in the newspaper *Pioneiro* of a city in Rio Grande do Sul, and also disclosed on Facebook, I try to discuss the information provided by the media and what it brings up, according to their cultural and social experiences, on individuals in relation to the child violence case published. Its impacts are discussed, from the content analysis of Bardin (2011) on how the news were brought to the public and the social engagement of the community towards it. I seek to discuss the possible cultural and subjective issues of contemporary man in a patriarchal and bourgeois society, which intertwine with the theme of the impact of child violence and the identification processes of each individual. Therefore, it is possible to identify that, in a way, social media and the means of communication allow a visibility of the socio-cultural processes involved in the behavioral manifestations and reflect the contemporary uneasiness of people from a given region.

Keywords: Contemporaneity. Social Medias. Identification process. Subjectivity.

¹ Doutoranda no Programa de Diversidade e Inclusão Social/Bolsista Taxa CAPES, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento UFRGS. Professora de Psicologia da UCS. Psicóloga Clínica. E-mail: rfconte@ucs.br.

² Orientadora do Doutorado. Bolsista de Produtividade em Pesquisa. Doutorado em Antropologia pelo Université Paris Descartes, França(1994).Professor adjunto da Universidade Feevale, Brasil.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INTRODUÇÃO

Estamos atravessados por uma era tecnológica, sendo que na maior parte dos países industrializados, quase 80% da população está conectada à internet. O computador, as novas tecnologias, aplicativos e mídias, atualmente, são muito mais do que apenas ferramentas, elas permitem que os sujeitos possam transitar em vários espaços, assumir diversas identidades, acessar diversas informações ao mesmo tempo. As pesquisas do antropólogo Boellstorff (2008) revelam que milhões de pessoas em todo o mundo passam, atualmente, muito tempo de sua vida em mundos virtuais, online em um computador.

Pesquisas recentes, também afirmam que o homem constrói sua consciência de identidade através das novas tecnologias e do universo paralelo inaugurado pela internet (BOELLSTORFF, 2008; SANTAELLA, 2004/2011; TURKLE, 2011).

As possibilidades de se conectar com o mundo e com as pessoas, sem dúvida, foi um processo facilitador para os sujeitos adentrarem em espaços virtuais desde sites, blogs, perfis individuais como sites de noticiários, reportagens, dentre outros (OTERO; FUCKS, 2012).

A partir dessas ideias iniciais, discuto a partir de uma reportagem veiculada no jornal de uma cidade do interior do RS, as repercussões sociais ocorridas a partir do movimento de um grupo de sujeitos frente ao tema da violência infantil. Por se tratar de um tema que assusta e coloca qualquer ser humano diante da dor e do desamparo humano, é importante salientar que as mídias sociais e os veículos de comunicação, tornam-se um importante elo social de engajamento. Tanto ocorre um movimento identificatório e reivindicatório de ações políticas, sociais e subjetivas, como permitem aos sujeitos novas formas de lidar com suas dores e desafetos.

MÉTODO

A abordagem qualitativa será utilizada nesse estudo, uma vez que permite à pesquisadora entender a essência da realidade concreta e a compreensão dos fenômenos sociais e subjetivos de um determinado grupo social, conforme assinalado por Minayo (2010). De cunho interpretativo, após a seleção do material será realizada a análise através do emparelhamento dos dados com a teoria psicanalítica e a antropologia. A fonte a ser utilizada será o recorte do Jornal Pioneiro, sobre a notícia do estupro e morte de uma criança no interior de uma cidade do RS, a qual também foi veiculada nas páginas do *facebook*. Como procedimentos, foi realizada





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

a leitura da reportagem, desde o desaparecimento da menina até a descoberta do assassino e a reação do público. A análise dos resultados foi realizada pela análise de conteúdo de Bardin (2011), sendo consideradas duas temáticas para a discussão: repercussões sobre a violência infantil nos leitores e identificações dos sujeitos diante da dor e do desamparo humano.

RESULTADOS

A partir da leitura exploratória do caso escolhido, busquei no jornal da cidade todas as notícias que começaram a veicular os fatos e suas postagens no *facebook*. Em 10 de março sob o título “Família procura por menina de sete anos desaparecida em” o jornal informa à sociedade o desaparecimento de uma menina de 7 anos durante seu trajeto à escola. Nessa notícia é informado que a menina não retornou da escola, sendo que estava acompanhada de um primo. Descreve a roupa que a menina estava usando naquele dia e que quaisquer informações da população poderiam auxiliar no caso investigado. No dia 11 de março, no mesmo jornal, é noticiado o fato de que o primo havia mentido e não teria levado a menina até a escola, sendo que uma parte do trajeto ela percorreu sozinha. Nessa mesma notícia há a informação de que teriam visto ela entrando em um carro (descrevendo a cor do carro). Nessa mesma reportagem, aparece o seguinte comentário:

A tia da menina, 45 anos, que cuida da menina e dois irmãos dela – de 10 e 9 anos – postou um vídeo nas redes sociais que é um apelo a quem tiver alguma pista sobre o paradeiro da criança. A família recebeu a reportagem na tarde deste domingo e a tia repetiu o pedido: Queria pedir para quem estivesse com ela que tivesse um pouco de compaixão e devolvesse ela para nós (Jornal Pioneiro, 16 de março, 2018).

No dia 12 de março a edição do jornal revela a mobilização de todos membros da escola e da comunidade em busca dos vídeos e câmeras do bairro para ajudar na investigação da Polícia Civil. Somente em 21 de março é revelado no mesmo jornal de circulação na cidade que o corpo da menina foi encontrado. Foi revelado o trabalho de investigação da polícia para conseguir identificar o suspeito, o qual já estava sendo acusado por um outro caso de estupro e morte de outra criança no ano de 2017, na mesma cidade, porém, com menor repercussão social do que esse atual. No mesmo dia em que o assassino é revelado aparece como notícia a seguinte pergunta: “Quem era a menina.....”, relatando então o histórico de vida da menina, sua vida pregressa de abandonos, suas partidas e chegadas em casas abrigo e, sua recente morada com a atual família. Sendo que essa, passava muitas dificuldades sociais, culturais, financeiras. No mesmo dia em que apareceu essa notícia, é mostrado através de fotos, as manifestações de um





grupo de pessoas que se concentraram em frente à delegacia para pedir justiça no caso de menina morta em Caxias.

DISCUSSÃO

A partir da repercussão que o caso alcançou na cidade, é possível identificar o apelo que o jornal e o *Facebook* realizaram na divulgação de fotos e do desaparecimento da menina, a fim de identificar e buscar pistas que auxiliassem a compreender o enredo da que havia acontecido com a menina. Além disso, a própria tia que faz um apelo pelo Facebook publicando um vídeo e solicitando ajuda. O empenho de todos: moradores, vizinhos e até mesmo dos membros da escola e arredores foram de suma importância para o caso ganhar notoriedade, comoção e revolta diante de tamanha estupidez humana. É preciso lembrar, no entanto, que o crime vende jornal e aumenta a audiência das mídias. Os jornais procuram “apurar” os fatos, ou seja, ouvir todas as partes envolvidas nos acontecimentos para construir um discurso a respeito dos fatos e levar ao conhecimento público por meio da veiculação na mídia. Para Baccega (1998, p. 58), o discurso jornalístico, uma das manifestações do discurso da comunicação, “máscara a realidade, embora se considere na sociedade que ele mostra mil faces do mesmo acontecimento”. Por isso, a interpretação daquilo que é veiculado nas mídias sempre depende da interpretação daquele que lê para construir significados acerca dos fatos apresentados.

As notícias, segundo Lippman (1988), não representam objetivamente as condições sociais, mas o relato de um aspecto que se destacou. Dessa forma, destaco a minha subjetividade, a minha condição de psicóloga, professora, classe média trabalhadora, e pesquisadora na área da violência para a minha compreensão daquilo que foi veiculado nas mídias a partir das temáticas descritas abaixo.

Repercussões sobre a violência infantil nos leitores

Para Lyotard (1989) vivemos uma época de possibilidade de invenção fundamental diante de um mundo caótico, no qual acentuam-se o acesso à singularidade, à autonomia e ao desejo, mas ao mesmo tempo ao mal-estar que aparece no desamparo, nas incertezas, na insuficiência, na fragilização do eu e dos vínculos coletivos.

A violência cotidiana é um mal do século, mas ao mesmo tempo, a violência infantil não é uma invenção pós-moderna. O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) criado em 1990 foi uma tentativa governamental de evitar e/ou erradicar a violência infantil. Percebe-se que no Brasil, o modelo de família nuclear ou burguês ainda é modelo predominante no Brasil e no





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

mundo, mas diferentes classes sociais. Compreende-se ainda que é dentro da família que ocorrem com maior frequência a violência infantil. Neste sentido quando o jornal veicula o desaparecimento da menina e solicita ajuda aos leitores, de certa forma o conteúdo impulsiona o sujeito da cultura burguesa a “abraçar” a causa infantil. Por tratar-se de uma suposta agressão não vinculada ao domínio patriarcal, aquela que ocorre dentro de casa no cotidiano de diversas crianças diariamente, o público tem uma manifestação de maior revolta, já que se trata de um suspeito fora do ambiente doméstico. Sabemos que os casos de abuso com crianças no âmbito familiar são acobertados e são notadamente velados por vizinhos em muitos casos no Brasil (AZEVEDO; GUERRA, 2001). Quando se veiculou a identificação do agressor, apresentando dados relativos à sua condição de trabalho e vida familiar, a população se revoltou, indignados por ninguém nunca ter percebido nada. Além disso, por apresentar uma fisionomia com um olho *vesgo*, foi outro motivo para estereótipos e rechaços.

Problematizo, portanto, que os sujeitos respondem de forma diferente aos conteúdos veiculados na mídia, não apenas à captação da imagem ou do conteúdo que engata o sujeito em determinada leitura ou engajamento num problema ou situação social, mas também, em muitos casos, há processos de identificação envolvidos diante do tema veiculado nas mídias.

Identificações dos sujeitos diante da dor e desamparo humano

A identificação é um processo seletivo; ela responde a necessidades pessoais profundas. A identificação não é apenas um caminho da formação de um elo sonhado ou fantasiado com o objeto do desejo, mas também a condição para a instauração de um elo social. O EU, se desenvolve incessantemente por incorporações sucessivas. Portanto, toda identificação que virá a compor essa instância psíquica repousa também sobre um critério cultural (OTERO; FUCKS, 2012).

Pensadores como os sociólogos Pierre Lèvy (2011) e Bauman (2004) assim como Santaella (2004/2011), refletem sobre a cultura virtual e globalizada na qual vivemos.

Curioso aqui explicitar que veicularam no *Whatsapp* vídeos sobre presos fazendo conluio para matar o agressor. Além disso, também foi veiculado pelo mesmo aplicativo um vídeo onde aparece a cena de um preso sendo esfaqueado e morto, ao final, tendo sua cabeça decepada. Todos esses conteúdos fizeram com que as mídias sociais e os meios de comunicação (jornal e televisão) tivessem que informar que os vídeos que estavam informando sobre esses acontecimentos não eram verídicos.





Por esse prisma, analiso que a comoção pública refletida no caso da menina morta e estuprada, teve esse suporte comunicacional intenso pela veiculação na mídia e no *Facebook*, atrelada a processos culturais e identificatórios de sujeitos imersos numa cultura patriarcal e tradicional, que se comoveram com a história da menina, com as trajetórias de vida (DUBAR, 1998), revestida de negligências, desafetos e desamparo que abala o narcisismo de qualquer indivíduo e mobiliza defesas como forma de se defender e se desculpabilizar de qualquer ansiedade ou culpa que possa vir a sentir frente à situação.

Os depoimentos veiculados no *Facebook* apresentavam cunho religioso, moral e condenatório em relação à família atual da menina, o que revela a faceta cultural implicada nos sujeitos. Identificados com seus valores e com suas próprias histórias de vida, culpabilizar o outro, provocar manifestações de cunho vingativo ou punitivo, ao invés de auxiliar a construção de novas identidades promove o esvaziamento de seus próprios aspectos projetados nos demais, envolvidos diretamente no crime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou debater e refletir sobre a importância dos meios de comunicação e das mídias sociais para o engajamento social dos indivíduos. É procedente afirmar que essas ferramentas, podem auxiliar os sujeitos na contemporaneidade para ações politizadas que permitam a construção de novas formas de pensar e agir sobre seu meio, modificando-o e construindo seu processo de formação de identidade. Ao mesmo tempo, é preciso reforçar que a subjetividade dos sujeitos, sempre tende a distorcer os fatos veiculados nas mídias, havendo sempre aspectos culturais, históricos que estão presentes nas informações repassadas e que também interferem na forma de apropriação da cultura pelos sujeitos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Amélia e GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Editora iglu, 2001. 386 p.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, 1998. 127 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011 [1977]. 229 p.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

BAUMAN, Zigmunt. **Amor Líquido** – Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004. 133 p.

BOELLSTORFF, Tom. **Coming of Age in Second Life**. New Jersey: Princeton University Press, 2008. 316 p.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. **Educ. Soc.**, Campinas, São Paulo. Abr./ 1998. Online. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2018.

Jornal Pioneiro. Caso Nayara. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2018/03/como-a-policia-chegou-ao-suspeito-de-ter-raptado-naiara-10195906.html>. Acesso em: 15 abr. 2018.

LÈVY, Pierre. **O que é virtual?** 2a. Edição, Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011 [1995]. 110 p.

LIPPMAN, Walter. Estereótipos. In STEINBERGER, Charles S. (org.). **Meios de comunicação de massa**. Tradução: Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1988 [1972]. p. 151-168.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989. 156 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais). 80 p.

OTERO, Christianne; FUKS, Betty B. A internet e a reinvenção de si. **Polêmica Revista Eletrônica**. Labore- Laboratórios de estudos contemporâneos. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Abr., Jun./2012. Online. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3092/2227>. Acesso em: 15 abr. 2018.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2011 [2004].

TURKLE, Sherry. **The second self: Computers and the human spirit**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1984.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LIMITES E POSSIBILIDADES: PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNO COM NECESSIDADES ESPECIAIS NA EDUCAÇÃO REGULAR

LIMITS AND POSSIBILITIES: STUDENT INCLUSION PROCESS WITH
SPECIAL NEEDS IN REGULAR EDUCATION

Raquel Karpinski Lemes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)¹
Shirlei Alexandra Fetter (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)²

Resumo: A inclusão é um movimento mundial de luta das pessoas com deficiências e seus familiares, na busca por seus direitos e lugar na sociedade. O presente estudo apresenta questões que buscam justificar a inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), nas classes regulares de ensino. Assim, a discussão tem como objetivo investigar a aceitação da inclusão escolar desses alunos no contexto da escola regular, na percepção dos pais e da professora. Considera-se que o paradigma da inclusão vem, ao longo dos anos, buscando a não exclusão escolar e propondo ações que garantam o acesso e a permanência do aluno com deficiência no ensino regular. A partir das informações coletadas, é possível concluir que, entre outros aspectos, é preciso que o professor busque inovação, por meio de novos conhecimentos.

Palavras-chave: Inclusão. Educação. Necessidades.

Abstract: Inclusion is a worldwide movement for the struggle of people with disabilities and their families in the pursuit of their rights and place in society. The present study presents questions that seek to justify the inclusion of students with Special Educational Needs in the regular classes of education. Thus, the discussion aims to investigate the acceptance of the school inclusion of students with special educational needs (SEN) in the context of the regular school in the perception of parents and teacher. It is considered that the inclusion paradigm has, over the years, sought not to exclude school and propose actions that guarantee the access and permanence of students with disabilities in regular education. From the information collected, it is possible to conclude, among other aspects, the essence of the teacher seeking to innovate, through new knowledge.

Keywords: Inclusion. Education. Needs.

INTRODUÇÃO

A Educação Especial, na perspectiva inclusiva de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), tem a finalidade de atender todos, sem qualquer exceção, no que tange a aspectos de aprendizagem, ensino, proposta curricular e avaliação específica. Diante da garantia do direito à educação para educandos com NEE, apresenta-se como problema de pesquisa o processo de Inclusão de um aluno com Necessidades Educacionais Especiais em

¹Aluna integrante do Projeto de Educação Continuada-PEC, vinculado ao PPGEDU-UFRGS. Mestrado em Desenvolvimento Regional. fettershirlei@gmail.com

²Aluna integrante do Projeto de Educação Continuada-PEC, vinculado ao PPGEDU-UFRGS. Mestrado em Educação. raquelk@faccat.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

classes regulares e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, procurando descobrir os limites e as possibilidades de aprendizagem desse aluno.

Enquanto aspecto metodológico, apresenta-se como definição de conhecimento um processo de reflexão crítica, que conduz ao desvelamento do objeto da pesquisa. A opção metodológica para realizar esta pesquisa foi investigar, a partir de um fenômeno da realidade, em referências teóricas, assim como buscar e coletar dados para esclarecer o problema de pesquisa, redimensionando as questões norteadoras, na medida em que o estudo foi se desenvolvendo.

Desse modo, este estudo é qualitativo, com contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que é investigada. Essa abordagem ocorreu em uma Escola da Rede Pública de Gramado, com a participação de um aluno com Necessidades Especiais e seus pais, abordando questões pertinentes sobre a área educacional. A investigação do estudo de caso não é de mostras, uma vez que seu objetivo primordial é compreender o caso.

Sabendo-se que a Educação é um direito de todos, garantido desde a Constituição Federal, fica claro que as pessoas com NEE têm o direito de ocuparem seus espaços na sociedade, mas percebe-se que, na prática, isso ainda ocorre de forma lenta.

É possível identificar um conjunto de fatores que contribuem – ou não – para que ocorra a Educação Inclusiva nas escolas. Entre eles, merece destaque a qualificação dos docentes e o apoio escolar, tanto à criança como à família, possibilitando melhor trabalho do professor para que o aluno com NEE tenha, de fato, uma aprendizagem significativa.

A Constituição Federal de 1988 é a espinha dorsal de todo ordenamento jurídico pátrio e, conseqüentemente, da legislação a respeito da Educação Inclusiva. Na Constituição aos direitos do cidadão, o artigo 208, em seu inciso III, estabelece que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Essa norma constitucional ensejou a edição de inúmeras leis relacionadas à matéria sobre atendimento educacional especializado.

Com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), deu-se ênfase aos alunos com Necessidade de Educação Especial, sejam aqueles com deficiências, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. O objetivo da Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva, é





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

promover o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às Necessidades Educacionais Especiais.

A educação institui direito à pessoa com deficiência, assegurado pelo sistema educacional inclusivo em todos os níveis de aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE A INCLUSÃO DO FILHO NA ESCOLA REGULAR

Mantoan (1988) esclarece que a maneira como a criança deficiente será aceita na família e a reflexão do clima emocional posterior dependerá, em grande parte, da atitude da mãe. Se ela for capaz de lidar com o fato com aceitação e segurança razoáveis, de uma forma bem ajustada, a família saberá agir. À medida que as relações familiares se estabelecem, elas tornam-se mais acessíveis, facilitando a aceitação social dessa criança.

Seguindo esse propósito, a professora, quando questionada sobre como é ter uma criança com deficiência intelectual, sua declaração foi: “Hoje em dia, se torna comum crianças com algum tipo de deficiência permanecer na escola. É importante estarem na escola para que todos aprendam o que é incluir”. Já os pais declararam que: “É absolutamente normal, fomos preparados e informados para ajudar e incentivar, no que podemos, para crescer como pessoa”.

Atualmente, um paradigma superado é o preconceito, em que pais de crianças deficientes não só experimentam sentimentos de culpa e vergonha, mas sentem-se culpados e envergonhados. Assegura Freitas *et al.* (2008 p. 63) que: “com o passar do tempo, a convivência deve levar à aceitação, começam a se manifestar novos sentimentos, como: afeição, afetividade, apego, entusiasmo [...]”.

Além das adversidades que a família terá que lidar com o nascimento de uma criança deficiente, essa também terá de enfrentar as pressões exercidas pelas forças sociais externas, uma vez que a sociedade tem dificuldade em conviver com as diferenças, sendo esse talvez um dos maiores desafios vividos pelas famílias. A participação e interação dos pais são fundamentais para o desenvolvimento da criança no contexto escolar, visto que a inclusão não se limita em colocar a criança dentro da escola, mas em aceitar seus limites e suas potencialidades de desenvolvimento.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Essa aceitação pela família é essencial para a compreensão de que a inclusão e a integração de qualquer cidadão com Necessidades Especiais são condicionadas pelo seu contexto de vida e pelo apoio (ou não) que recebem, independente das condições sociais, econômicas e culturais da família, da escola e da sociedade.

Considerando que o momento do diagnóstico representa um ponto crítico para as interações familiares, podendo gerar um desequilíbrio no funcionamento da família, é de fundamental importância que os profissionais sejam mais bem preparados para lidar com os pais, pois eles podem entrar em “luto” pelo fato de conceber uma criança com algum tipo de deficiência (SILVA e PEREIRA, *et al.*, 2006).

A outra indagação realizada foi: Qual a reação da família perante o diagnóstico médico? A resposta da professora foi: “Para a família, receber o diagnóstico é muito doloroso, porque esperam sempre a normalidade”. No entanto, para a família pesquisada “foi absolutamente normal”. Nesse aspecto, observa-se que a educadora considera um paradigma conservador, enquanto, para a família, a aceitação de ter uma criança com deficiência e inseri-la no contexto social é de um paradigma de inclusão.

Conforme Mantoan (1988), incluir é a capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. Carvalho (2005, p. 36) considera: “O conceito de escolas inclusivas pressupõe uma nova maneira de entendermos as respostas de educativas que se oferecem, com vistas à efetivação do trabalho na diversidade”.

Os participantes da pesquisa, ainda, responderam à questão sobre como na escola essa criança é aceita pelos colegas e professores e se existe algum preconceito, cujas respostas são apresentadas a seguir. A professora salienta que: “A aceitação é individual. Se a escola no seu todo é inclusiva e aceita, como consequência, os demais aceitarão. O preconceito existe sim, porque os alunos vêm de famílias diversas, em que umas não aceitam e outras sim”. Quanto à percepção dos pais, acreditam que “não existe preconceito, os colegas e professores conduzem de forma natural”.

Para considerar o sistema educacional inclusivo, é necessário partir do princípio de que todas as crianças podem aprender sobre o respeito e o reconhecimento das diferenças, das singularidades e das necessidades de todas. Ao conceito de igualdade, Carvalho chama a atenção: “A igualdade diz respeito aos direitos humanos e não às características das pessoas,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

como seres que sentem, pensam e apresentam necessidades diferenciadas e que, por direito de cidadania, devem ser compreendidas, valorizadas e atendidas” (CARVALHO, 2005, p. 17).

Ressalta-se que a inclusão é possível quando todos que fazem parte do dia a dia, na convivência com o aluno com deficiência, colaborem com ele e, especialmente, que a escola seja um lugar de aprendizado, havendo, portanto, qualidade de vida. Conforme Carvalho (2005), a família representa um dos pilares de grande relevância para a promoção do processo de inclusão no ensino regular. O envolvimento parental precisa ser ativo e cooperativo com os demais elementos socioeducativos responsáveis pela inclusão escolar.

Assim, fez-se a pergunta: Percebe alguma diferença a partir da inclusão do seu filho na escola regular? Qual(is)? A professora destaca que “sempre há diferença sim. Eles copiam o comportamento e a rotina dos demais, bem como se preparam para viver em sociedade. Para os que não têm deficiência, aprendem sobre tolerância, respeito, esperar pelo outro, entre outras questões”. Já para a família, “possui diferença nas atividades, elas têm que ser mais simples para as crianças com dificuldade”. Conforme Carvalho (2005), “Família referem-se ao temor de que a inserção de seus filhos nessas classes não contribuam, na intensidade desejada, para sua aprendizagem”.

Vê-se como principal desafio da escola inclusiva desenvolver uma pedagogia centrada na criança, capaz de educá-la, sem discriminação, respeitando suas diferenças; uma escola que dê conta da diversidade das crianças e ofereça respostas adequadas às suas características e necessidades, solicitando apoio de instituições e especialistas, quando for necessário.

Acredita-se que o trabalho com a inclusão acontece com investimentos em formação de professores, recursos financeiros que auxiliem as modificações apropriadas às escolas e, principalmente, com a mudança de olhar para as diferenças na escola regular pelos profissionais e familiares.

Ainda, pais e professora, ao responderem sobre quais os limites que percebem para seu filho e aluno na escola regular. Os pais consideram que “a diferença é somente nas atividades intelectuais, mas no resto é normal”. A professora enfatiza que “Os limites que a própria deficiência impõe são os conteúdos escolares, que a limitação de inteligência não permite que compreendam”.

Observa-se que os apontamentos destacam as dificuldades cognitivas dos alunos em relação à aprendizagem. Não se assegura a aprendizagem apenas colocando o educando





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

portador de Necessidades Especiais na rede regular de ensino; é necessário que a escola inclusiva passe por adaptações de grande e pequeno porte, tanto no aspecto físico quanto pedagógico e administrativo.

Para finalizar a questão, fica evidente que a Educação Inclusiva é uma força renovadora na escola, visto que desenvolve a participação dos educandos nas instituições de ensino regular. Ela deve buscar a reestruturação por intermédio das práxis e das políticas inclusivas da escola. É a reconstrução do ensino regular que, baseada nesse novo paradigma educacional, reverencia a diversidade de forma humanística, democrática e percebe o sujeito “aprendente” a partir de sua singularidade, em que a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal são necessários para que cada um se construa como um ser global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso fazer algo para que a inclusão realmente aconteça, sendo necessário identificar o problema, fornecer soluções e, o mais importante: obter o comprometimento dos educadores em fazer a diferença e realmente fazer a inclusão, com o auxílio de recursos físicos para a efetivação de um processo escolar de qualidade.

Embora se reconheça ter havido significativa evolução da Educação Inclusiva no país, é fundamental insistir que há problemas a serem solucionados. O principal deles é a fraca atuação dos governos Federal, Estadual, Distrital e Municipal na área da educação de pessoas com Necessidades Especiais, que exigem tratamento especial para que a Política Nacional de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva, possa atingir plenamente o objetivo do acesso, da participação e da aprendizagem dos alunos com deficiência.

Para que ocorra ação transformadora, é necessário, ainda, abrir mão de posturas educacionais radicais e abraçar propostas e críticas, a fim de que o sistema educacional brasileiro ceda lugar a um trabalho consistente e articulado, considerando o ser humano em toda a sua dimensão. Também, urge a necessidade de que toda a sociedade se empenhe para pôr em execução um sistema de Educação Inclusiva. Diante da inclusão educacional de crianças com Necessidades Especiais, é essencial que o professor busque inovação, adquirindo sempre mais conhecimento, pois todo saber que viermos a adquirir no dia a dia, no contexto da Educação Inclusiva em sala de aula e no atendimento a essas crianças, será sempre pouco.

Considera-se, ainda, que a meta a ser atingida é oferecer melhores condições de aprendizagem e oportunidades, para que esses educandos consigam desenvolver seus





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

verdadeiros potenciais e, dessa forma, alcancem a verdadeira inclusão social – direito de todo cidadão brasileiro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 27. Ago. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27. Ago. 2017.

CARVALHO, Rosita Édler. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre, Mediação, 2005.

FREITAS, Soraia Napoleão *et.al.* **Tendências Contemporâneas de Inclusão**. 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**, São Paulo: Scipione. 1988.

SILVA, Pereira, N.L; DESSEN, M.A. (2006). Padrões de interação genitores-crianças com e sem síndrome de down. **Psicologia: Reflexão e crítica**. 19, 283-291. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/fbpe/fbtext?pid=S0102-79722006000200015>. Acesso em: 15 ago. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

VELHA GUARDA: UM OLHAR FOTOETNOGRÁFICO

OLD GUARD: A LOOK PHOTOETHNOGRAPHY

Ricardo Figueiró Cruz (Feevale)¹

Resumo: O presente estudo constitui como parte da pesquisa de mestrado que é realizada na Universidade Feevale, que tem como um dos objetivos específicos a construção de crônicas fotográficas, do ciclo carnavalesco da Sociedade Recreativa e Esportiva Império Serrano, de Guaíba/RS. Sendo assim, este trabalho, versará sobre o papel desempenhado da Velha Guarda, na preparação de alimento na Festa de Dia das Crianças da agremiação. O conceito cunhado por Achutti (1997), é conduzido pela intencionalidade da fotografia, obter registros e transforma-la em um instrumento principal na realização de uma pesquisa no campo etnográfico, neste sentido podemos expor que a fotoetnografia expõe ao espectador uma montagem com uma intenção narrativa, que tem como base a ideia estética de transmissão da cultura do outro.

Palavras-chave: Fotoetnografia. Velha Guarda. Carnaval.

Abstract: The present study is part of the master's research that is carried out at Feevale University, which has as one of the specific objectives the construction of photographic chronicles, of the carnival cycle of the Recreational and Sports Society Império Serrano, Guaíba / RS. Thus, this work will focus on the role played by the Old Guard in the preparation of food at the Children's Day Party of the association. The concept coined by Achutti (1997) is driven by the intentionality of photography, obtaining records and transforming it into a main instrument in the conduct of a research in the ethnographic field, in this sense we can expose that the photoetnography exposes to the viewer an assembly with an intention narrative, which is based on the aesthetic idea of transmission of the culture of the other.

Keywords: Photoetnography. Old school. Carnival.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, elaborado para este Congresso, parte da dissertação de mestrado. Sendo assim, tem por objetivo a elaboração de uma narrativa fotográfica, fotoetnografia (Achutti, 1997 e 2004), do espaço que a Velha Guarda ocupa no auxílio da festa em comemoração ao dia das crianças de 2017.

Esse trabalho justifica-se, em compreender o quanto a Velha Guarda, ainda permanece, como um mote condutor das atividades da Escola de Samba. Com a intenção fotoetnográfica (Achutti, 1997 e 2004), fica salvaguardado, memória e identidade da Sociedade Recreativa e Esportiva Império Serrano.

¹ Mestrando em Processos e Manifestações Culturais – Universidade Feevale/RS, sob orientação da professora Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha. Bolsista: Concessão de Incentivo Interno Feevale.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FOTOETNOGRAFIA: UMA ABORDAGEM PARA A ANTROPOLOGIA VISUAL

A produção do conhecimento na antropologia visual, para Rocha (1995), reflete a própria construção do simbolismo imaginário, presidindo e organizando tanto o olhar antropológico sobre o mundo e as coisas quanto aquele sujeito “antropologizado”. Com isso, buscar o imaginário a partir de símbolos que estão inerentes no recorte antropológico obtido a partir da imagem, como forma de significar alguma coisa, está imagem faz parte de um texto, de uma narrativa etnográfica, constituindo parte do texto escrito.

[...] para além do registro das formas de expressão de vida religiosa, política, cultural ou artística das diversas sociedades humanas - e da sua realidade física, material e histórica - que a imagem é parte integrante do texto etnográfico, denunciando o que existe de desconhecido e inacabado na sua escritura. (ROCHA, 1995, p. 110)

Sendo assim, pensar a linguagem visual dentro do campo antropológico é necessário um amplo entendimento do domínio complexo da significação simbólica da imagem na construção do pensamento científico, como expõe Rocha (1995).

[...] a produção de documentos “etnográficos”, com base na linguagem das tecnologias audiovisuais, sugere a necessidade de lembrarmos, aqui, o espaço estratégico que ocupa tal tradição narrativa na constituição da história a ser narrada pelo antropólogo, uma vez que ela é acompanhada de operações simbólicas específicas de compreensão e organização das ações humanas. (ROCHA; ECKERT, 2001, p. 4)

Para Rocha e Eckert (2001), sabe-se perfeitamente que a fotografia e o cinema participam de uma “cultura visual” de forma diferencial cada qual a seu modo. Sendo assim, a fotografia, é explorada e visualizada pelo espectador de forma frontal, confrontando com várias dimensões de simbolismo. O cinema, por sua vez, explora a imersão do espectador, confrontando-se com uma tela dinâmica, onde os limites entre o espaço da representação e o espaço físico desaparecem.

Seguindo a perspectiva da fotografia como peça fundamental na comunicação, e como seu uso numa perspectiva antropológica deve ser repensado a partir da natureza fotográfica, como forma de estabelecer relações com as pessoas que de certa forma se afastam da forma acadêmica com que o fazer ciência se colocou ao longo das inúmeras produções, buscamos na perspectiva de Novaes (2014), na perspectiva de a etnografia deve evidenciar a experiência da descoberta do pesquisador em campo, é isso que a forma imagética deveria mostrar.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

[...] uma boa etnografia depende de um recorte sobre determinado tema. Ninguém faz etnografia sobre “a realidade”. O tal recorte é frequentemente fruto de uma boa pesquisa de campo, em que o pesquisador consegue identificar o que é pertinente no universo empírico que decidiu investigar. O recorte é, neste sentido, uma construção do pesquisador a partir do contato com o mundo que pesquisa e do quadro teórico que leva para o campo. (NOVAES, 2014, p. 60)

Sendo assim, seguindo a perspectiva etnográfica proposta por Novaes (2014), podemos pensar no ato de fotografar, pois esse ato implica empatia e certamente relações subjetivas. Pois, fotografar em lugares sem familiaridade exige uma tríade, que é confiança, intimidade e empatia. A partir disto, podemos pensar na relação da câmera, pois ela é um instrumento que almeja um olhar atento, e sensível, pois para fotografar precisa estranhar. Com isso podemos pensar, que distância e proximidade são ingredientes fundamentais da boa etnografia e igualmente da fotografia. Neste sentido, seguindo os passos de Novaes (2014), seguimos a pergunta o que está implicado em um bom ato de fotografar, de forma que a narrativa fotográfica seja compreendida na análise do expectador.

Fotografar implica igualmente um tipo de conhecimento que não passa pela palavra, mas muito mais pela sensibilidade do olhar, pela intuição, pela capacidade de estar no lugar certo na hora certa, pela sensibilidade de colocar o corpo (e a câmera a ele acoplado) na correta distância. Fotografar implica a boa relação que se consegue estabelecer com as pessoas fotografadas. É igualmente importante no ato de fotografar decidir o que estará em foco e o que estará desfocado, ou se tudo que a foto mostra estará em foco. Se a boa pesquisa implica um recorte adequado, este é também um dos elementos centrais de toda a boa foto: o que ela recorta da ampla realidade e dá a ver. Tanto na fotografia como na pesquisa antropológica, a menor abertura permite uma maior abertura em campo. Não tenho a menor dúvida de que estas habilidades são fundamentais para a boa pesquisa de campo. Por outro lado, diria que a fotografia é uma excelente aliada do pesquisador de campo. (NOVAES, 2014, p. 63/64)

Seguindo o percurso de Achutti (1997), é apresentado as possibilidades da fotografia no campo de pesquisa. Para o autor, a fotografia é utilizada como uma técnica menos polêmica no universo da antropologia. Neste sentido, a fotografia pode ser um excelente auxiliar no caderno de notas para a composição da descrição que compõe o espaço. Ela ainda é um importante registro de elementos da cultura material e a tecnologia utilizada pelo determinado grupo.

Poucos trabalhos de antropologia utilizaram a fotografia de maneira significativa, consequência da forte tradição escrita que reina nas ciências humanas em geral e na antropologia em particular. Na maioria nos trabalhos, a fotografia ainda aparece como um elemento secundário e, como se pode constatar percorrendo esses trabalhos, deve-se imputar a responsabilidade desse fato aos próprios pesquisadores, que atribuíram um papel secundário à linguagem fotográfico. (ACHUTTI, 2004, p. 104)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Podemos pensar ainda, a fotografia como um motivador numa situação de entrevista quando mostrada ao entrevistado, ajuda também a documentar, os rituais ou da cultura material, como adereços, indumentária, etc. Um ponto importante apresentado por Achutti (1997), é que a fotografia pode servir como evocadora de possíveis conclusões quando o pesquisador não estiver mais em campo, como Malinowski, em *Argonautas do Pacífico Ocidental*.

Pensar a composição da palavra fotoetnografia, é elaborar a composição de dois campos do conhecimento, que passa para fusão de dois conceitos, que é a fotografia e a etnografia. Neste sentido será discutido ambos conceitos a partir de Achutti (1997 e 2004), como forma de delimitar o percurso praticado pelo autor.

Achutti (1997), vai construir seu entendimento da etnografia a partir de um esforço que analisa e interpreta a cultura de um determinado grupo. Sendo assim, a interpretação antropológica que se constitui na entrada e coleta de dados no campo de pesquisa, completa-se com a divulgação destes resultados no meio acadêmico. Neste sentido, o autor mostra que na fase do trabalho de campo, o pesquisador pode lançar mão de várias técnicas de pesquisa, o que será imprescindível para enriquecer e dar mais profundidade ao estudo etnográfico.

Há tempo que, junto ao tradicional caderno de notas, foram incorporados o gravador, as câmeras de fotografia, cinema e vídeo como instrumentos que engendraram novas técnicas de registro de dados e de descrição dos mesmos. Essas técnicas são mais ou menos específicas e importantes conforme o tipo de dado que é buscado. (ACHUTTI, 1997, p. 64/65)

Dentro desses recursos que entram em campo junto com os pesquisadores e se torna um recurso eficiente para registrar e difundir imagens, pois nelas estão contidas um nível alto de informações, e capacidade de olhar, aliada a técnica de quem utiliza, é a fotografia, como mostra Achutti (1997).

Sendo assim, uma obra que se utilize a fotografia deverá ser construída na mesma perspectiva da produção fílmica, um texto ou uma dissertação, como discorre Achutti (2004). O autor ainda colabora que as fotografias obtidas de maneira aleatória e desorganizada, vão se tornar uma coleção de fototeca, mas que não servirão como obra completa, para constituir uma narrativa fotográfica.

Uma narrativa fotográfica deve se apresentar na forma de uma série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais, e sem nenhum texto intercalando, onde o a única relação da foto com o leitor/espectador seja o olhar, como





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

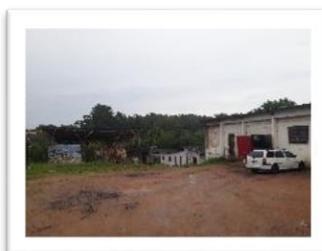
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

mostra Achutti (2004). A partir desta narrativa, podemos pensar que a aproximação em forma escrita dessa fotoetnografia, é a poesia, pois, tanto a foto, quanto a linguagem poética, expressam ideias sobre o mundo, na maioria das vezes, de forma simbólica e metafórica, como corrobora Achutti (2004).

VELHA GUARDA

A Velha Guarda é definida como um grupo de sambistas e pessoas envolvidas no rotina do mundo do samba e no carnaval, que traçam na memória um lugar no presente das escolas de samba que está em constante relação com o passado, como mostra Aguiar e Andrade (2014).

No passado, a Velha Guarda como comissão de frente abria o desfile. Como apresenta Aguiar e Andrade (2014), a comissão não era coreografada, ela era um grupo que caminhava devagar na frente da escola de samba, com roupas de gala, idênticos e que ao decorrer do percurso vinha apresentando a escola para a plateia.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a problematização da fotografia como campo de pesquisa da Antropologia Visual, origina uma nova visão e percepção da cultura do outro. Neste sentido, a abordagem pensada pelo pesquisador, é percebida pela intencionalidade narrativa. O autor das fotos, e a relação em campo produzem essa sequência metodológica da fotoetnografia.

O campo de pesquisa é um emaranhado de descobertas, e com a fotografia, conseguimos redimensionar o campo. Pois, a imagem em campo, que se tem início no fim do século XIX, torna-se um facilitador e uma fonte de pesquisa, para ser pensado. A fotografia ao ficar eternizada, elabora também um campo de memória e da identidade desses grupos, para que seja salvaguardado.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre. Tomo Editorial; Palmarinca: 1997.

_____. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. Caderno de campo digital – antropologia em novas mídias. *In*: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 10, n.º. 21, p. 273-289, jan./jun. 2004.

AGUIAR, Maria Livia de Sá Roriz; ANDRADE, Regina Glória Nunes. Velha Guarda do samba carioca: uma etnografia da memória através das festas. Disponível em:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/texto-maria-livia-alaic-1_.pdf

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *In: Mana*. vol. 14, nº. 2, Rio de Janeiro, out. 2008.

_____. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *In: Cadernos de Arte e Antropologia*. Vol. 3, nº. 2/2014, p. 57-67.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. *In: Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 1, nº. 2, p. 107-117, jul./set. 1995.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Imagem recolocada: pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo. *In: Iluminuras*. Porto Alegre, vol. 2, nº. 3, 2001.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INCLUSÃO SOCIAL UMA INTEGRAÇÃO POSSIVEL ATRAVÉS DO DESENVOLVIMENTO DO APLICATIVO *HIPERCROSS*

SOCIAL INCLUSION A POSSIBLE INTEGRATION THROUGH THE DEVELOPMENT
OF THE HIPERCROSS APPLICATION

Claudir Lopes da Silva¹

Ricardo Roberson Rivero²

Andrea Trennepohl Conrad³

Silvia Goldemeier⁴

*Karine Mendonça Rodrigues*⁵

Resumo: A Hipertensão Arterial (HA) quando não tratada causa um impacto social muitas vezes irreversível, dados norte americanos de 2015 revelaram que a HA estava presente em 69% dos pacientes com primeiro episódio de Infarto Agudo do Miocárdio (IAM), 77% de Acidente Vascular Encefálico (AVE), 75% com Insuficiência Cardíaca (IC). **Objetivo:** conhecer o aplicativo HiperCross desenvolvido para aprimorar o conhecimento do paciente hipertenso em relação ao tratamento e acompanhamento. **Método:** estudo metodológico de produção técnica. **Resultados:** **Etapa 1:** desenvolver o aplicativo a partir do conteúdo do Sociedade Brasileira de Hipertensão e Cartilha do Ministério da Saúde. **Etapa 2:** aprimoramento e revisão do *layout* e arquitetura do aplicativo. **Etapa 3:** avaliação da operacionalidade dos conteúdos assistenciais assim como a definição da linguagem. **Etapa 4:** interação do sistema com a operação externa, assim como os testes de implementação e análises dos critérios de usabilidade e conteúdo. **Etapa 5:** checagem e alimentação do banco de dados do sistema. **Conclusões:** O aplicativo *HiperCross* garante a informação rápida e precisa durante o acompanhamento do paciente hipertenso sendo uma excelente ferramenta para atender as necessidades da equipe multiprofissional, paciente, familiares e cuidadores informais e formais, pois permite a disseminação de informações.

Palavras-chave: Hipertensão. Tecnologia. Aplicativos móveis. Banco de dados.

Abstract: Untreated arterial hypertension (HA) causes an often irreversible social impact, North American data from 2015 revealed that HA was present in 69% of patients with first episode of acute myocardial infarction (AMI), 77% of vascular accident (Stroke), 75% with Heart Failure (HF). Objective: to know the HiCross application developed to improve the knowledge of the hypertensive patient regarding the treatment and follow-up. Method: methodological study of technical production. Results: Step 1: Develop the application from the content of the Brazilian Society of Hypertension and Primer of the Ministry of Health. Step 2: Improvement and revision of the layout and architecture of the application. Step 3: evaluation of the operability of care content as well as the definition of language. Step 4: Interaction of the system with the external operation, as well as the implementation tests and analysis of the usability and content criteria. Step 5: Checking and powering the system database. Conclusions: The HyperCross application guarantees quick and accurate information during the follow-up of the hypertensive patient, being an excellent tool to meet the needs of the multiprofessional team, patient, family and informal and formal caregivers, as it allows the dissemination of information.

Keywords: Hypertension. Technology. Mobile applications. Database.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

No Brasil, Hipertensão Arterial (HA) atinge 32,5% (36 milhões) de adultos e mais de 60% dos idosos, contribuindo direta ou indiretamente para 50% das mortes por doença cardiovascular (DCV) (Geneva, 2014). Junto com Diabete Melitos (DM), DCV, Insuficiência Renal (IR) e Acidente Vascular Encefálico (AVE) têm impacto na perda da produtividade do trabalho e da renda familiar, estimada em US\$ 4,18 bilhões entre 2006 e 2015 (WORLD, 2014).

Estratégias para prevenção da HA englobam políticas públicas de saúde combinadas com ações das sociedades médicas e dos meios de comunicação. Por ser uma condição assintomática, 22% dos hipertensos desconhecem sua condição e 32% dos que a conhecem não a tratam. Dentre os hipertensos tratados apenas uma parcela atinge níveis controlados de PA, caracterizando a ineficiência dos programas de prevenção, conscientização, tratamento e adesão no manejo da hipertensão (Pinho, 2013). O controle inadequado dos níveis pressóricos deve-se a falta de adesão ao tratamento medicamentoso e não medicamentoso bem como aos métodos utilizados para avaliar esta adesão (Malachias, 2016 – Norton, 2011). Uma das estratégias no atendimento do hipertenso é o diagnóstico precoce e o acompanhamento sistemático.

As mudanças constantes em que vivemos com novos métodos ativos na informação possibilita que as pessoas busquem alternativas no acompanhamento da sua doença. Atualmente a web, os aplicativos, os blogs tornam-se elementos essenciais no cotidiano dos indivíduos (Pereira, 2012). Estas informações podem auxiliar no esclarecimento de dúvidas e ser coadjuvante como estratégia na terapêutica prescrita (Reddy, 1998).

Os dispositivos móveis podem significar um mecanismo promissor entre paciente e equipe multiprofissional (Hamine, 2015). Entre as tecnologias móveis os smartphones, tablets, leitores de livros digitais (e-readers), aparelhos portáteis de áudio e consoles manuais de videogames estão à disposição da população. De maneira geral, algumas particularidades os unem, como por exemplo, o fato de serem digitais, serem portáteis, serem de propriedade e controle de um indivíduo, todos tem acesso à Internet, são multitarefas e incluem funções de multimídia.

Um desses avanços é o cuidado da saúde e a saúde pública suportados por dispositivos móveis. Cerca de três quartos da população mundial tem acesso a um telefone celular com capacidades técnicas cada vez mais poderosas (Matsuda, 2015). Mais de 6,9 bilhões de assinaturas móveis estavam em uso em maio de 2014, dos quais 5,4 bilhões estavam em países





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

em desenvolvimento. Com base em sua popularidade, disponibilidade, portabilidade e capacidade tecnológica, os telefones celulares e mHealth têm um enorme potencial para afetar o gerenciamento de doenças crônicas em todo o mundo (Hamine, 2015).

Os aplicativos na área da saúde são idealizados por uma equipe de profissionais da área e operacionalizados por profissionais de tecnologia da informação. Geralmente os apps são desenvolvidos a partir de pesquisas acadêmicas, promovendo a credibilidade necessária (Castro, 2014). No entanto, a chamada área de Mobile Health, principalmente no Brasil, ainda está desprovida de mecanismos regulatórios que legitimem o uso desta tecnologia para a área de saúde. Dentre os milhares de aplicativos de saúde hoje existentes nas principais plataformas de download, encontramos ferramentas que podem ser muito úteis nos campos de educação e informação em saúde (Tannuere, 2015).

Livros de anatomia, adaptados para uso em dispositivos móveis, é utilizado com objetivo de ensino interativo e agradável. Jogos com casos clínicos são criados para alunos e professores testarem conhecimentos e atualizarem conhecimentos na área de especialidade. Aplicativos com obras de referência, bulários e prescrições médicas podem ser consultadas em qualquer espaço físico e em qualquer momento. O aplicativo, ao ser desenvolvido, deve considerar o conjunto de técnicas de avaliação e métricas que forneçam informações sobre as características da qualidade do software através da norma ISO/IEC 25010 (Apache, 2016).

A norma define um modelo de qualidade do *software* e sua credibilidade composta por 8 características e subdivididas em subcaracterísticas. A opção de utilizar este método deve-se ao teste ter sido realizado por outros autores em *softwares* semelhantes (Reddy, 1998; Hamine, 2015). É um método que possibilita fornecer terminologia consistente para especificar, medir e avaliar os sistemas e a qualidade dos produtos.

A viabilidade e a aceitabilidade das ferramentas mAdherence foram avaliadas em diversas populações de pacientes, incluindo populações de baixa renda, bilíngües e pacientes de difícil acesso. A maioria dos participantes incluídos nestes estudos relatou boa compreensão e satisfação (Reddy, 1998).

Desta forma o objetivo deste artigo é de apresentar o aplicativo HiperCross desenvolvimento para melhorar o conhecimento do paciente hipertenso em relação ao tratamento e acompanhamento estudo é o de desenvolver um aplicativo a pacientes hipertensos como estratégia coadjuvante na adesão e tratamento da HAS.





MÉTODOS

O projeto foi desenvolvido após a instalação de alguns softwares assim permitindo o uso do Cordova para criação do projeto e readequações corrigindo erros ⁽¹¹⁾. Na plataforma Windows, com Java SDK, Apache Ant e Node.js foi desenvolvido o aplicativo. Todas as iterações com o Cordova, desde criação do projeto, gerenciamento de plug-ins e compilação, foram realizadas por linhas de comando, conforme disposto a seguir:

```
$ cordova create hello com.example.hello HelloWorld
```

```
$ cordova platform add android
```

```
$ cordova plugin add cordova-plugin-device
```

```
$ cordova build android
```

Para iniciar o projeto Cordova é preciso acessar, por linha de comando, o diretório no qual se deseja armazenar o código fonte e, em seguida, executar o comando de criação do projeto com a nomenclatura desejada. Assim que o comando é executado, a aplicação cria um projeto com diversos diretórios contendo uma hierarquia de um projeto Web, ou seja, arquivos HTML, CSS e JavaScript, devidamente referenciados com um modelo de aplicativo Cordova. Também é criado um arquivo “config.xml”, contendo metadados como nome da aplicação e domínio reverso informados na linha de comando de criação do projeto, caminhos e informações sobre o ícone do projeto, splash screen, entre outros.

Após a criação do projeto, é necessário adicionar as plataformas com que o aplicativo será compatível. Para o HiperCross foi acrescentada a plataforma Android. Nesse momento inicia-se o desenvolvimento. Cabe ressaltar que toda a estrutura web do aplicativo fica hospedada no diretório “www.hipercross.com.br” no qual já temos um “index.html” do aplicativo de modelo do Cordova; a partir dele podemos começar o desenvolvimento da nossa estrutura web para o aplicativo desejado.

Levando em consideração a estrutura das fontes criadas pelo projeto de modelo do Cordova, pode-se começar a criação das páginas do aplicativo, seguindo os padrões de desenvolvimento web e utilizando as linguagens HTML, CSS e Java Script. Para o desenvolvimento da interface, foram utilizados recursos do framework Bootstrap e, para a





implementação do armazenamento e gerenciamento de dados, os plug-ins Cordova SQLite Storage Plug-in e Cordova EmailComposer. Os plug-ins são de grande utilidade na implementação de funções mais específicas, com mais facilidade e praticidade, porém podem limitar o aplicativo final a determinadas versões do Android, por receberem constantes atualizações de versionamento que acabam restringindo-os às versões mais recentes do sistema operacional.

INTERAÇÃO COM O APLICATIVO

O aplicativo HiperCross foi desenvolvido para a plataforma Android, versão 4.4.4 (Kitkat) ou superior, devido aos recursos de plug-ins, funcionais nas versões mais atuais do sistema operacional. Para sua instalação, é necessário habilitar a instalação de aplicativos de fontes desconhecidas (que não sejam o Google Play) e executar o arquivo HiperCross por meio do instalador de pacotes do dispositivo.

A interface do aplicativo foi projetada para ser simples, de fácil compreensão e sem muitos elementos, com vistas a ser visivelmente agradável. A Figura 1 ilustra a tela inicial do aplicativo com o menu superior direito ativo. Este menu permite a realização de três tarefas:

- Novo: abre um novo questionário de avaliação;
- Editar: edita alguns dados não preenchidos em uma entrevista já realizada;
- Excluir: exclui uma avaliação do banco de dados da aplicação;
- Exportar: exporta toda a base de dados do aplicativo para um arquivo no formato “csv” (separado por ponto e vírgula), de fácil visualização e manipulação em planilha (Microsoft Excel, Libre Office Calc etc.). O arquivo é anexado a um email e enviado ao endereço indicado. Essa tarefa foi protegida por senha.

No menu lateral à esquerda é possível selecionar cada etapa de preenchimento. Esse menu pode ser ocultado durante o preenchimento. Ao todo, são sete etapas que representam categorias específicas de avaliação, contendo, por exemplo:

Etapa 1: Dados de identificação: Registro do peso, altura, índice de massa corpórea, se possui alguma alergia, se possui cateter totalmente implantável (Port-A-Cath) e também o nome do seu médico e enfermeiro. Após o registro dos dados, o aplicativo permite avisar 48 horas antes do vencimento da última heparinização, cujo tal procedimento deverá ser realizado em um serviço de referência e por um profissional habilitado.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Etapa 2: Meu diário: é feito o registro no meu diário. É importante para que a equipe multiprofissional acompanhe a evolução de seu tratamento através dos registros da sua aceitação de dieta, ingestão hídrica diária, eliminação intestinal (fezes) e vesical (urina), frequência se você apresentou febre, dor. Ainda você poderá registrar os dados do seu tratamento, inclusive com os medicamentos que está sendo utilizando, hora, e se ingeriu outros medicamentos quanto as miligramas e frequência. Estas informações serão salvas e você pode compartilhar por What's App ou e-mail com o médico junto a equipe multiprofissional de referência.

Etapa 3: Patologias Cardiológicas: Foram divididas por sistema para uma melhor compreensão dos nossos usuários e lembre-se que as informações existentes neste aplicativo pretende apoiar e não substituir a consulta médica. Procure sempre uma avaliação pessoal com um médico da sua confiança.

Etapa 4: Medicamentos.

Etapa 5: Meu cadastro e dicas para o cuidador - O cuidado também faz parte do tratamento e acompanhamento e também é importante na recuperação e reabilitação, aqui temos algumas dicas do cuidado informal e formal visto atender as necessidades durante o acompanhamento do paciente.

Etapa 6: Clinicas para o acompanhamento e farmácia popular: Clínica com uma equipe multiprofissional altamente qualificada e com garantia da continuidade da assistência de forma integrada e personalizada. Também após o tratamento e acompanhamento você pode avaliar o atendimento através de nota no próprio aplicativo.

Etapa 7: Exames: O médico quando solicitar exames laboratoriais não precisa ficar procurando qual fornece o serviço solicitado. Com o aplicativo HiperCross fica mais fácil você contatar com o laboratório mais próximo de onde você estiver.

Ao todo são 62 campos de preenchimento que devem ser indicados pelo usuário. Para facilitar esse processo, foram utilizados, em grande parte do aplicativo, campos com opções pré-definidas, a fim de evitar erros de digitação e restringir as alternativas.

Manter o usuário sempre informado sobre sua interação com o aplicativo foi também uma estratégia adotada para facilitar o seu uso. Informações sobre o estágio atual de preenchimento de cada etapa, o salvamento dos dados digitados, a conclusão de cada ação executada, possíveis





erros de sistema, são exemplos de diálogos estabelecidos durante o uso do aplicativo. Tais feedbacks são exibidos na forma de mensagens ou estão presentes na parte superior da tela.

Como diferencial do aplicativo, ao final da avaliação é exibido um feedback ao usuário sobre seu hábito alimentar baseado nos dados fornecidos. A proposta é que este feedback auxilie os pacientes hipertensos no acompanhamento e orientação.

RESULTADOS

O *software* possibilita o acompanhamento e a evolução do tratamento clínico do paciente cardiopata. Além disso, fornece informações e possibilita interatividade em tempo real com a equipe multiprofissional. O sistema contribui para que a equipe possa planejar as suas intervenções de maneira individualizada e segura ao paciente.

DISCUSSÃO

Para validar o *HiperCross* será realizada por dois grupos de profissionais experientes, o número de participantes para cada grupo respeitará a NBR ISO/IEC 14598-6, que indica o mínimo de oito avaliadores para cada grupo para obter-se resultados confiáveis, sendo um grupo composto por oito enfermeiros especialistas que possuem experiência no tratamento, acompanhamento e adesão do paciente hipertenso. O segundo grupo será composto por oito profissionais de informática que possuem conhecimento em operacionalização de sistemas em relação à funcionalidade, confiabilidade e usabilidade do aplicativo (SEBRAE, 2016).

Para a avaliação do *HiperCross* pelos profissionais, será utilizado um questionário para avaliação do aplicativo validado pela ISO/IEC 14598-6:2004, para cada grupo de participantes, com a utilização de instrumentos baseados na norma técnica ABNT NBR ISO/IEC 14598-6: 2004 (ABNT,2004). Estes questionários serão enviados aos profissionais e após respondidos inseridos em um banco de dados com princípios do *Redcap*.

A escolha das expertises será de forma intencional, ou seja, aquela em que o pesquisador seleciona intencionalmente os sujeitos entendedores do objeto que está sendo pesquisado, e é utilizada como vantagem para pré-testes de instrumentos ou produtos recém-criados e avaliados, com uma amostra intencional de tipos divergentes de pessoas (ABNT, 2004).





CONCLUSÃO

Segundo dados da Consultoria Morgan Stanley refere que no Brasil o aumento de o número de smartphones é considerável, com cerca de 70 milhões de usuários, entre eles milhares relacionado a tecnologia da saúde permitindo o acompanhamento e uma excelente ferramenta para atender as necessidades da população de modo em geral com interação aos integrantes da equipe de saúde (Sabbatini, 2012). Além de seu poder de disseminação por ser rápido e de chegar aos mais diversos locais, facilitando o gerenciamento dos usuários através de link explicativo (INPI, 2016). Raphael Gosdilho, cofundador de um site que reúne aplicativos para a saúde e bem estar testados e aprovados por profissionais de saúde, já existente no Brasil aplicativos para monitorar o paciente, aperfeiçoar o seu tratamento e muitos outros (Hamine, 2015).

Estudos realizados pela Sociedade Brasileira de Informática em Saúde (SBIS) a saúde é uma das áreas onde ha maior necessidade de informações e especificamente em Oncologia Clinica uma área importante que deve ser ainda mais explorada visto a necessidade de informação e o grande avanço científico através de pesquisas (SEBRAE,2016). O aplicativo **HiperCross** garante a informação rápida e precisa durante o acompanhamento do paciente hipertenso mostrando-se uma excelente ferramenta para atender as necessidades da equipe multiprofissional, paciente, familiares e cuidadores informais e formais ⁽⁸⁾. A ferramenta permite a disseminação de informações chegando em diferentes regiões do Brasil facilitando assim o gerenciamento daquilo a que se propõem relacionado ao acampamento e auxilio ao paciente cardiológico (Matsuda, 2015).

A utilização desta ferramenta APPs de fácil manuseio e por ser um dispositivo móvel com uma linguagem simples é acessível a todas faixas etárias pois não necessita muitos recursos (INPI, 2016). Como trabalho futuro, pretende-se solucionar os problemas referentes à incompatibilidade de versões, avaliando novas alternativas para a exportação dos dados.

REFERÊNCIAS

Apache Cordova. The command Line Interfaces [Internet]. 2015 [cited 2016 Aug 5]. Available from:
http://cordova.apache.org/docs/en/5.0.0/guide_cli_index.md.html#The%20Command-Line%20Interface





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. NBR ISO/IEC - 14598-6. Engenharia de software: avaliação de produto: parte 6: documentação de módulos de avaliação. Rio de Janeiro: ABNT; 2004.

Castro SB, Miletto EM. Desenvolvimento de Software II: introdução ao desenvolvimento Web com HTML, CSS, JavaScript e PHP. Porto Alegre: Bookman; 2014.

Hamine S, Gerth-Guyette E, Faulx D, Green BB, Ginsburg AS. Impacto do manejo da doença crônica da mHealth na adesão ao tratamento e resultados do paciente: uma revisão sistemática. J Med Internet Res. 2015;17(2):e52.

Instituto Nacional da Propriedade Industrial – INPI. Perguntas frequentes [Internet]. 2016 [citado em 2016 nov 5]. Disponível em: <http://www.inpi.gov.br/servicos/perguntas-frequentes-paginas-internas/perguntas-frequentes-patente#tipos>

Malachias MVB, Souza WKS, Plavnik FL, Rodrigues CIS, Brandão AA, Neves MFT, et al. VII Diretriz Brasileira de Hipertensão Arterial. Arq Bras Cardiol. 2016;107(3Supl.3):1-83

Matsuda LM, Évora YDM, Higarashi IH, Gabriel CS, Inoue KC. Informática em enfermagem: desvelando o uso do computador por enfermeiros. Texto Contexto Enferm. 2015;24(1):178-86.

Norton C, Georgiopoulou VV, Kalogeropoulos AP, Butler J. Epidemiology and cost of advanced heart failure. Prog Cardiovasc Dis. 2011;54(2):78-85.

Pereira IM, Fugulin FMT, Gaidzinski RR. Metodologia de avaliação do software dimensionamento informatizado dos profissionais de enfermagem. J Health Inform. 2012;4(E):205-8.

Pinho NA, Pierin AM. Hypertension control in Brazilian publications. Arq Bras Cardiol. 2013;101(3):e65-73.

Reddy KS, Yusuf S. Emerging epidemic of cardiovascular diseases in developing countries. Circulation. 1998;97(6):596-601.

Sabbatini RME. A tele medicina no Brasil: evolução e perceptivas. In: Caetano KC, Malagutti W. Informática na saúde: uma perspectiva multiprofissional dos usos e possibilidades. São Caetano do Sul: Yendis; 2012:1-16.

Serviço Brasileiro de Apoio às Pequeno e Micro Empresas – SEBRAE. [Internet]. [citado em 2016 dez 12]. Disponível em: <http://www.sebrae2014.com.br>

Tannure MC. Construção e avaliação da aplicabilidade de um software com o processo de enfermagem em uma unidade de terapia intensiva de adultos [Tese de Doutorado]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais 2012.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

World Health Organization. Cardiovascular diseases (CVDs) [Internet]. Geneva: WHO; 2014 [cited 2014 July 1]. Available from: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs317/en/index.html>





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

TEMPO E ESPAÇO: ELEMENTOS DETERMINANTES DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

TIME AND SPACE: DETERMINING ELEMENTS TO THE CONSTRUCTION OF
MEANING IN FILM LANGUAGE

Rita de Cássia Fumagalli (UPF)¹

Adriane Ester Hoffmann (UPF)²

Resumo: A temática deste estudo consiste em sistematizar e aplicar o conceito de cronotopia na análise da narrativa fílmica *Cópia Fiel* (*Copie Conforme*, 2010), do Diretor iraniano Abbas Kiarostami, tendo como base o pensamento de Bakhtin (1990). O objetivo da pesquisa volta-se para a união entre o tempo e o espaço como elementos determinantes na construção de sentido na linguagem cinematográfica. Sob esse aspecto, a figura da estrada é tomada como ponto de partida para a observação do modo como se cria a relação espaço-tempo no corpus selecionado. Tal proposta se justifica em virtude de que os preceitos teóricos bakhtiniano, embora voltados para análise da linguagem literária, podem ser aplicados como recurso facilitador e esclarecedor das significações geradas pela linguagem cinematográfica, uma vez que é no cronotopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos. A partir dos resultados encontrados, observou-se que para compreender o sentido no filme de Kiarostami é necessário recorrer aos cronotopos, que se cruzam e se confrontam, determinando a imagem do personagem no mundo que ele representa de acordo com o tempo no qual ele se encontra.

Palavras-chave: Espaço. Tempo. Análise fílmica. *Copie Conforme*.

Abstract: The objective of this paper is to analyze the Iranian director Abbas Kiarostami's movie *Copie Conforme* (2010) under the concept of cronotopia, according to Bakhtin's (1990) thinking. Also, the objective of this research highlights the union of time and space while determining elements to the construction of meaning in film language. So, the metaphor of the path is taken as a starting point to observe how it is created the time-space relation in the movie. This tender is justified as the Bakhtinian concepts, although aimed to analyze the literary language, can be used as facilitators and enlightening resources to understand the meaning of the film language, since it is in the chronotope that the knots of the plot are made and undone. As of the found results, it is possible to observe that to comprehend the meaning of Kiarostami's movie it is necessary appeal to the chronotopes, which intersect and confront in the narrative. It determines the character's image in the world that he represents according to the time he lives in.

Keywords: Space. Time. Movie Analysis. *Copie Conforme*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema deste estudo tem como foco a análise de uma narrativa fílmica sob o viés dos preceitos teóricos de Bakhtin (1990), mais especificamente o conceito de cronotopo, que

¹Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW); Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista Institucional. E-mail: ritacassiafumagalli@gmail.com.

²Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS); Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Professora titular da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW). E-mail: adriane@uri.edu.br





contribui na estruturação das categorias de espaço e de tempo em diferentes manifestações artísticas. A delimitação do trabalho está atrelada ao papel que a estrada desempenha no desenrolar da trama narrativa de *Copie Conforme* (2010), sendo a grande responsável por atribuir movimento ao enredo.

Em vista disso, o objetivo da pesquisa volta-se para a relação espaço-tempo como elemento determinante na construção de sentido na linguagem cinematográfica. O filme é tomado como manifestação artística e como tal é marcado por um espaço e por um tempo que podem mudar a todo instante, constituindo significados infinitos que dialogam entre si.

Portanto, observou-se que diferentes cronotopos se cruzam e se confrontam na narrativa cinematográfica de Kiarostami. Esses cronotopos são responsáveis por construir o sentido na obra fílmica, pois determinam a imagem das personagens inseridas no mundo, em constante movimento, com mescla de passado, presente e futuro na história narrada.

O CRONOTOPO BAKHTINIANO

Bakhtin (1990), ao elaborar sua teoria do romance, criou um conceito para estruturação de tempo e de espaço, no gênero literário, chamado cronotopo. Nas palavras do teórico, o conceito de cronotopo, formado pelas palavras gregas *crónos* (tempo) e *tópos* (espaço), foi empregado, inicialmente, “nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein)”. (BAKHTIN, 1990, p. 211).

Bakhtin toma emprestado esse conceito da teoria da relatividade como uma metáfora para a análise da crítica literária, objetivando, unicamente, demonstrar como o cronotopo expressa a inseparabilidade do espaço e do tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço). Dessa forma, no ensaio *Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaio de poética e história*, da obra *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance* (1990), cronotopo é apresentado por Bakhtin como uma categoria constitutiva do texto literário - por nele se expressar a fusão tempo/espaço e assim determinar a imagem do homem na literatura. Segundo o autor,

no cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 1990, p. 211).

A partir do cronotopo é possível entender toda e qualquer unicidade de uma obra. Esse termo é entendido como um dos fatores que atua tanto na organização interna da narrativa, ou





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

seja, na escolha do tema até o arranjo estrutural da sequência cronológica e do tratamento de espaço, como pelo momento social e histórico de sua produção e recepção.

Assim, o cronotopo tem um papel fundamental e específico em quase todos os gêneros literários. Nas palavras de Bakhtin (1990), cada gênero é determinado justamente por um tipo de cronotopo, sendo esse o princípio condutor da sua formação. Para o autor, “o cronotopo como categoria conteudístico-formal determina (em medida significativa) também a imagem do indivíduo na literatura”. (BAKHTIN, 1990, p. 212). Essa imagem sempre é, fundamentalmente, cronotópica.

Embora não tenha referenciado a narrativa fílmica em seus estudos, os pressupostos teóricos bakhtinianos são perfeitamente ajustáveis a esse gênero, como por exemplo, o conceito de cronotopo. Tal como outras linguagens e expressões artísticas, o cinema é um meio para que o homem expresse e problematize seu tempo e sua existência, as pessoas procuram no cinema uma fuga à sua própria realidade.

Se, conforme Bakhtin (1990), no romance, o tempo é o princípio condutor do cronotopo, transformando-se em algo artisticamente visível. No cinema o tempo passa a ser personagem central, responsável por conferir movimento à narrativa e produzir sentidos, em que várias visões sobre o homem, sobre sua existência, em um determinado espaço (*tópos*) e tempo (*crónos*), se reescrevem na produção histórica.

Nesse processo, as relações de espaço e de tempo na obra literária e artística, como o cinema, de um modo geral, configuram-se como uma espécie de denominador comum no qual se aglutinam, se debatem e emergem as particularidades dos seres construídos por meio de interações sociais. O tempo, acoplado ao espaço, é responsável por construir a imagem do homem em formação, a cada momento novo tem-se um homem novo.

No desenvolvimento de suas reflexões em torno da relação espaço-tempo no romance, Bakhtin (1990) apresenta três formas de cronotopos do mundo antigo que ainda sobrevivem na tradição literária: o cronotopo da aventura, o cronotopo da vida privada e do cotidiano e o cronotopo da biografia e autobiografia. Dentre os três tipos de cronotopo interessa a esse trabalho, principalmente, o cronotopo de aventuras, caracterizado pelas sucessões operadas no espaço físico.

Bakhtin (1990, p. 217, grifo do autor) corrobora que no tempo de aventura, “um dia, uma hora e até mesmo um minuto, mais cedo ou *mais tarde*, têm sempre significado decisivo e fatal”.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Nesse cronotopo, o tempo é marcado pela casualidade e é da relação espaço-tempo que depende todo o desdobramento da aventura experimentada pelas personagens. A aventura compõe-se, assim, de uma série de breves segmentos, dentro de cada um deles o tempo está organizado exteriormente, ligando-se aos momentos que se repetem da vida humana e natural.

Nas palavras de Bakhtin (1990, p. 222), há vários motivos que constituem o cronotopo de aventuras, como “despedida (separação), perda, buscas, descobertas, reconhecimento, não reconhecimento”. Dentre eles, o teórico cita “o motivo do encontro” como o mais importante. Segundo Bakhtin (1990, p. 222), o motivo do encontro “entra como elemento constituinte da composição do enredo e da unidade concreta de toda a obra”, pois engendra um forte grau de intensidade de valor emocional.

Ainda, para Bakhtin (1990), o motivo do encontro está intrinsecamente ligado ao que denomina “cronotopo da estrada”, que são os vários tipos de encontros que acontecem pelo caminho quando as personagens se colocam em movimento. De fato, na estrada cruzam-se em um único ponto espacial e temporal,

os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas, representantes de todas as classes, situações, religiões, nacionalidades, idades. [...] parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando caminhos); daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: “o caminho da vida”. (BAKHTIN, 1990, p. 350).

Na perspectiva bakhtiniana, a estrada é a representação da trajetória ou da viagem das personagens durante o tempo de aventura. Seguindo essa linha de raciocínio, Amorim (2010) evidencia que o cronotopo da estrada indica

o lugar onde se desenrolam as ações principais, onde se dão os encontros que mudam a vida dos personagens. [...] onde se escande e se mede o tempo da história. A cada vez, é preciso voltar a ela para que o tempo avance. (AMORIM, 2010, p. 102).

Com o objetivo de exemplificar o cronotopo da estrada, Amorim (2010) analisa alguns filmes *road movie*³ para ilustrar a ideia bakhtiniana da relacionalidade inerente entre tempo e espaço. Nesses filmes, há a recorrência de duas figuras: a estrada, onde se dá o deslocamento das personagens; e o carro, que funciona não apenas como veículo do trânsito, mas também como elemento que delimita a dimensão espacial em que circunscrevem esses sujeitos. Conforme a autora, o carro desempenha um verdadeiro papel de cronotopo, pois dele é possível inferir uma determinada visão de homem.

³ O termo designa aqueles filmes que se desenrolam inteiramente na estrada. (AMORIM, 2010, p. 102).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Nos filmes de Kiarostami, o cronotopo da estrada aparece de maneira recorrente na constituição dos enredos. Na estrada, o tempo se dissolve no espaço e os inúmeros momentos que compõem a história de cada indivíduo são fixados. Nas palavras de Amorim (2010), a relação intrínseca entre carro e estrada submete as personagens da ação cinematográfica a territórios outros: outros lugares, outras culturas, outras pessoas.

É nesse sentido que o conceito bakhtiniano de cronotopo aplica-se a análise da narrativa fílmica, uma vez que os sentidos gerados a partir das relações espaço-temporais em que as personagens estão vinculadas influem na compreensão dos fatos narrados.

ESPAÇO E TEMPO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Após lançamento do filme *Khane-ye Doust Kodjast?* (Onde é a Casa do Amigo? 1987), os filmes de Abbas Kiarostami passaram a ser presença constante em grandes festivais de cinema. Kiarostami se destaca por ser um cineasta difícil, que procura retratar em seus filmes a vida cotidiana de uma forma pouco convencional e normalmente pratica um cinema da curiosidade. O que ele pede ao espectador é a capacidade de imaginar, de completar aquilo que sugere e instiga em seus filmes.

Outra característica marcante nos filmes do cineasta iraniano é a predominância de cenas de paisagens, onde se busca o registro de como as pessoas vivem. Kiarostami procura captar essa vida, esse mundo, a forma como as pequenas coisas vão influenciando em cada cena que é apresentada. Talvez essa seja a grande essência no tipo de cinema feito por esse Diretor, tão prestigiado e premiado.

Além desses aspectos, os filmes de Kiarostami ganham destaque pelo estilo frugal, cheios de sutilezas e humanidades. *Cópia Fiel* (2010) é um exemplo de filme carregado de simbolismo, que evolui como um drama simples, repleto de inclinações românticas, metalinguagens e encadeamento narrativo complexo.

Lançado em 18 de março de 2011, na França, *Copie Conforme* (2010) foi o primeiro filme produzido por Kiarostami fora do Irã, a primeira grande obra de caráter universal. Ganhador da Palma de Ouro no Festival de Cannes, por *Gosto de Cereja* (1997), e do prêmio especial do júri no Festival de Veneza, por *O Vento nos Levará* (1999), Kiarostami foi um dos responsáveis pela popularização do cinema iraniano no Ocidente nos últimos anos. Em seu primeiro filme





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

européu, tira o foco do seu país e usa relações amorosas para fazer uma bela homenagem ao cinema.

Cópia Fiel (2010) inicia com um ambiente simples, um plano detalhe, dois microfones, uma mesa com uma garrafa de água e dois copos, alguns papéis e um exemplar do livro *Cópia Conforme*. Não há a presença de vozes nos primeiros minutos do filme, é possível apenas escutar o “Zunzunzum” do público que aguarda a chegada do escritor James Miller (William Shimell).

Aos 2 minutos e 15 segundos James entra no quadro e pede desculpas pelo atraso, agradece a atenção que o público dá a seu livro e coloca em evidência a polêmica defendida: “A cópia de uma obra de arte possui o mesmo valor que a obra original? O fato do produto não ser autêntico não implica em sua desvalorização” (CÓPIA FIEL, 2010).

Aos 4 minutos e 20 segundos do filme, uma mulher atravessa o quadro e senta na primeira fileira, o fato dessa mulher ocupar um assento reservado remete à pergunta: Será que eles se conhecem? Mas James, em nenhum momento, se abala com o olhar curioso de Elle (Juliette Binoche), dona de uma galeria de arte e, aparentemente, fã do pesquisador e escritor.

Analisando os cronotopos presentes em *Cópia Fiel*, percebe-se que o que constrói e dá sentido ao drama do filme é a relação de mistério que envolve Elle e James. Aos 5 minutos entra no quadro um menino, o filho adolescente de Elle que, impaciente, convida a mãe para *acompanhá-lo*. Nesse momento, Elle anota alguma coisa e entrega para o empresário do escritor, talvez esteja nesse papel o segredo para o primeiro grande cronotopo que se desenvolve na trama, o encontro entre o escritor e sua fã, em sua galeria de arte, aos 15 minutos do filme.

Segundo Bakhtin (1990), o cronotopo do encontro destaca-se por um forte grau de intensidade do valor emocional. Duas personagens se encontram em um lugar determinado em um momento determinado e esse encontro estabelece o curso da narração. Em *Cópia Fiel* (2010), toda a tensão do enredo se desenvolve em torno do primeiro e único encontro entre Elle e James, na galeria de arte. Sem dúvida o cronotopo do encontro é o ponto de partida do filme, é a base que caracteriza as atitudes e a relação espaço-tempo que as personagens se encontram.

O encontro de James com Elle dá início aos diálogos que contribuirão para a transformação dos protagonistas no transcorrer da narrativa. Nas palavras de Amorim (2010, p. 105), em uma obra, “quando se ouvem vozes, ouvem-se também, com elas, mundos: cada um com o espaço e o tempo que lhe são próprios”. O que e quem as personagens eram antes do





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

encontro vai dando lugar a uma nova história de vida, repleta de fantasias e coincidências que os aproxima e os afasta ao mesmo tempo. Ou, como evidencia Bakhtin (1990, p. 223), “o encontro determina diretamente todo o destino de um indivíduo”, daí a importância desse cronotopo na narrativa fílmica de Kiarostami.

O espaço da galeria de artes dá lugar ao cronotopo da estrada. James e Elle fazem um passeio de carro por uma estrada cercada de ciprestes e vagam por pequenas ruas de um vilarejo no interior da Toscana. Parece que a vida de ambos vai ficando para trás, junto com reflexos das paredes e prédios que espelham no rosto das personagens um sentido cronotópico novo.

A estrada assume um papel metafórico, um corpo que conduz os protagonistas a um território desconhecido. Inicia um fascinante jogo de cena envolvendo a dupla principal, que passa a discutir sobre sua própria vida, como se fossem íntimos e conhecessem um a outro.

O espaço restrito do carro se abre para uma nova dimensão, não é só o estilo de atuação que sofre mudanças, mas a própria essência das personagens: nas primeiras cenas do filme Elle se mostrava insegura diante do escritor e até mesmo reverente “Não consigo acreditar que estamos em meu carro” (CÓPIA FIEL, 2010, 20min30seg), eventualmente passa a tratá-lo com agressividade e cobranças. Em contrapartida, se o escritor a princípio apresentava uma atitude de homem contido e seguro de si, essa postura acaba se metamorfoseando em uma atitude ressentida, raivosa e de incontestável imaturidade e egoísmo.

A dúvida do início do filme volta a roubar a cena, ao espectador fica a impressão de que Elle e James tiveram um relacionamento passado ou estão vivenciando a insatisfação de um casamento fracassado. Esses “elos” vão sendo feitos e desfeitos na narrativa a partir dos cronotopos, é a relação entre o espaço e o tempo que fornece as imagens substanciais para a organização do enredo fílmico. Amorim (2010, p. 107) corrobora que “ao tempo da velocidade que o carro poderia proporcionar, opõe-se o tempo lento que um verdadeiro diálogo exige”. Pode-se dizer que, no interior do carro, Elle e James vivenciam um movimento de transformação individual através do enfrentamento do outro, do diferente, do desbravamento de um território particular.

As personagens andam sem rumo, não sabem para onde ir. A viagem propicia um colóquio que mescla humor e ironia. Aos 26 minutos do filme, Elle menciona sobre o marido de sua Irmã Marie, um homem simples e gago. A protagonista imita a forma como chama, carinhosamente, sua esposa: “Ma-ma-ma-ma-Marie!”, e afirma: “Para ela, ele é como uma





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

canção de amor”. (CÓPIA FIEL, 2010, 25min06seg). Essa pode ser considerada a fala mais importante do filme porque permite entender a última cena em que Elle pede para James ficar na pequena cidade da Toscana, o escritor, no entanto, avisa-a que precisa estar na estação às 21 horas, Elle gagueja o nome de James, como o marido “simples” da sua irmã: “Já-já-já-já-James”. (CÓPIA FIEL, 2010, 01h41min).

Percebe-se, nesse momento, que o filme está todo interligado em sua linguagem cronotópica. Elle, na cena final do filme, utiliza-se do discurso que utilizara aos 25 minutos, sobre o marido da sua irmã, é como se ela transmitisse a mensagem para James “Eu saboreio o seu nome, seu nome é uma canção de amor para mim, você é importante, você é original, você é como o marido de Marie não precisa mudar”. Os dois passam a representar uma realidade utópica, uma cópia, assim como uma obra de arte, quase perfeita da realidade de um casal, que vive suas adversidades conjugais e conflitos particulares.

James, que antes era apenas o escritor, passa a figurar o papel de marido e pai desatento e ausente de forma tão verídica e fascinadora que é difícil não acreditar no protagonista. O tempo e o espaço agora são outros, há a presença de longas cenas que, criadas a partir de planos extensos e estáticos, conferem um ritmo realista às conversas. Os acontecimentos narrados vão se sobrepondo: ora surge o passado remoto, quando Elle cita fragmentos da sua vida particular e de sua família; ora o presente, momento em que a dupla assume o papel de marido e mulher; ora o passado recente, uma fã que recebe a visita do seu ídolo escritor e oferece um passeio de carro para mostrar as belíssimas paisagens do local.

Passada uma hora do filme, a trama ganha nova dimensão cronotópica, Elle transforma-se em uma nova mulher, vai ao Toalete, passa batom marcante, escolhe brincos e se arruma para o marido. Retorna à mesa do restaurante enquanto James escolhe o cardápio para o jantar, o “marido” não se mostra interessado na aparência da esposa e começa a discutir sobre a qualidade do vinho, do lugar e dos atendentes. Os dois saem do restaurante e sentam-se em frente a um hotel, de repente ela pergunta ao homem se ele se lembra do lugar em que passaram a lua de mel, confundindo o espectador, levando-o a pensar que os protagonistas, realmente, formam um casal.

Kiarostami apresenta um filme rico em detalhes, enquadramentos precisos, apresenta belíssimos planos próximos às personagens. Outro fator cronotópico presente é a enorme preocupação estética do Diretor com os mínimos detalhes de composição do quadro: o uso de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

superfícies claras em contraposição com escuras resulta em um efeito que aumenta o impacto dramático dos acontecimentos e enfatiza os estranhos impulsos da relação conturbada entre as personagens.

O final do filme é belo, silencioso e instigante, o que remete a várias dúvidas universais e humanas: quantos casais poderiam transformar *Cópia Fiel* filme em cópia fiel da realidade de suas vidas? Quantas pessoas transformam suas vidas em cópias da vida de alguém que parece ser feliz e vivem escondidos atrás dessa encenação? A vida que se leva é uma cópia? Ou é retrato original de uma realidade verdadeiramente vivida?

A essência em *Cópia Fiel* é a discussão sobre as relações afetivas da sociedade. Quando o casal de Kiarostami discute a relação turbulenta que inventou para si, está discutindo o papel de cada um na sociedade. Normalmente, as pessoas pensam que suas atitudes são as mais corretas e suas expectativas são as mais originais, mas acabam lidando muito mal com situações que exigem diálogos e comprometimento com o outro.

Dessa forma, *Cópia Fiel* é um filme que deixa em aberto a história final, possibilitando diferentes pontos de vista sob um mesmo fato, o que obscurece o rumo do que seria uma verdade única. Kiarostomi abre caminhos a outras possibilidades ocultas no tempo vivido de cada personagem e fornece a visão que cada uma delas possa ter a respeito de suas próprias experiências de vida. Tempo e espaço assim concebidos mesclam fronteiras entre sonho e realidade, uma relação que traz como consequência a sensação de que a vida é algo que ocorre fora do tempo e do espaço apresentado na obra cinematográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise do filme *Cópia Fiel* (2010) foi possível observar que tempo e espaço são inseparáveis. Evidentemente, o tempo na narrativa de Kiarostami é uma ponte entre ficção e realidade, ou seja, as relações temporais dentro do filme estabelecem um elo com a realidade, um ponto de ligação. A partir disso, não é demais dizer que a mudança no caráter dos protagonistas é uma imagem cronotopicamente constituída, os acontecimentos vivenciados antes do encontro entre as personagens forma uma nova história, e tudo isso é tempo ou se passa dentro do tempo e, congruentemente, dentro do espaço, isto é, num momento e em um determinado lugar, aqui e agora.

Ao analisar os cronotopos presentes no filme *Cópia Fiel* foi possível perceber que o que constrói e dá sentido ao drama do filme são as transformações sofridas pelas personagens





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

através do tempo. Em *Copie Conforme* (2010) os diálogos mais importantes da trama narrativa ocorrem no interior de um carro, em que mudanças, desejos e conquistas mesclam-se com as belas paisagens da estrada, transcorrendo construções históricas, lugares tradicionais de arte e cafés, que remetem o espectador a outra colocação no tempo. É na estrada que os diálogos ganham vida, as personagens são conhecidas, os fatos revelados, se escande e se mede o tempo da história. A obra de Kiarostami direta ou indiretamente parece atrelar, sem dúvidas, seu enredo em tempo e espaço bem determinados.

Nesse viés, a ideia de cronotopo, desenvolvida por Bakhtin e seu círculo para análise das estruturas espaço-temporais concretas na literatura, parece ser adequada quando se pensa na relação profícua que essas categorias exercem no cinema. O cronotopo cinematográfico, assim como na literatura, funde-se em um todo concreto cuidadosamente elaborado, é o lugar em que o tempo transforma-se em algo artisticamente visível e o espaço torna-se impregnado dos movimentos do tempo, da trama e da história, reagindo a eles.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p. 95-114.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do Romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

CÓPIA FIEL. *Copie Conforme*. Direção e roteiro de Abbas Kiarostami. França: MK2 produções, 2010. 106 min. Disponível em: <www.filmotecaonline.com.br/360.mp4>. Acesso em 14 dez. 2016.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LITERATURA DIGITAL: O TEXTO NA ERA DIGITAL

DIGITAL LITERATURE: THE TEXT IN THE DIGITAL ERA

Roberta Gerling Moro (Universidade Luterana do Brasil)¹

Resumo: O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida como dissertação de mestrado. O objetivo principal é discutir sobre a temática da literatura digital, tendo como aporte teórico as reflexões de Landow (2006), Hayles (2008), Kirchof (2012). Nesse sentido, pretende-se em um primeiro momento, apresentar as principais discussões sobre a literatura digital a partir de seu surgimento nos anos 90 para, posteriormente, abordar alguns dos principais artistas e escritores no Brasil que investiram na criação de uma poética voltada para o ambiente digital. Em seguida, questiona-se o conceito de “literatura hipertextual”, baseado nas reflexões de Landow e Hayles, principalmente. A partir dos estudos de Hayles (2008), foi possível perceber uma ampla diversificação de obras digitais produzidas desde a fundação da *Electronic Literature Organization* (ELO), a qual promove a disseminação e produção da leitura, escrita, ensino e compreensão da literatura em sua forma digital. Partindo do pressuposto de que tais obras promovem a produção de novos artistas e, conseqüentemente, novos leitores, ao finalizar este artigo, faz-se destaque à obra *Poemaps*, criada pelo artista Rogério Barbosa da Silva. *Poemaps* trata-se de um espaço de criação e circulação de poesias georreferenciadas, sendo conhecido como “um labirinto de hipertextos”.

Palavras-chave: Literatura digital. Hipertexto. Tecnologia. Leitura.

Abstract: This research it's part of a master's dissertation. The main purpose of this paper is to discuss digital literature, and some of the researchers I drew on are Landow (2006), Hayles (2008), Kirchof (2012). In order to achieve this goal, I present some of the main arguments regarding to digital literature since its emergence at 90's, then after I intend to approach some of the main artists and writers in Brazilian context that created a poetic for the digital medium. Then, I argue about the “hypertextual literature” concept, outlined by Landow and Hayles. From Hayles studies, I noticed that are a wide range of digital works crated since the *Electronic Literature Organization* (ELO) foundation, which promotes the creation and propagation of reading, writing and apprehension regarding literature on digital form. Based on the assumption that these works rise new artists and readers, in order to conclude this paper, I point out the digital work *Poemaps*, created by the artist Rogério Barbosa da Silva. *Poemaps* it's about a space of creation and circulation of georeferenced poetry, known as “a hypertext labyrinth”.

Palavras-chave: Digital Literature. Hypertext. Technology. Reading.

LITERATURA DIGITAL: UMA INTRODUÇÃO

Para além da utilização do computador como meio, principalmente a partir do surgimento das tecnologias digitais e da internet nos anos 90, o crescente desenvolvimento dos computadores nas últimas décadas tem levado muitos escritores e artistas a explorar o ciberespaço como ambiente para a experimentação literária e artística (KIRCHOF; ASSUMPCÃO, 2011).

¹ Mestre em Educação e Estudos Culturais e graduada em Artes Visuais (Licenciatura) pela Universidade Luterana do Brasil (Canoas, RS). E-mail: robgmoro@gmail.com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Historicamente, a literatura digital inicia, na década de 50, a partir de experimentações realizadas por um grupo liderado pelo matemático e físico Max Bense, na época sendo influenciado fortemente pelas teorias da cibernética, introduzidas por Norbert Wiener. De acordo com Elisabeth Walther, em meados de 1948, Bense começou a divulgar algumas especulações sobre futuras possibilidades de transmissão de imagem e som; o corpo humano seria capaz, conforme a teorias de Bense, de “projetar-se” de um país para outro. Essas especulações foram consideradas, a partir deste momento, como estudos iniciais de Bense no campo da Informação e da Computação (WALTHER, 2012, p. 38).

Sendo muito prestigiado pelos alunos e professores da Escola Técnica de Stuttgart, Max Bense estimulou alguns deles a realizarem experimentos no Centro de Cálculos da Escola Técnica, onde, anos mais tarde, foi criado o departamento de Informática, sendo introduzido o computador Zuse 22, comprado para o Centro. Entre os alunos do grupo de Bense, Theo Lutz também teve a oportunidade de fazer seus próprios experimentos nesta máquina.

A partir da criação do computador Zuse 22, foram realizados os primeiros experimentos literários digitais, sob a direção de Theo Lutz. Esta máquina foi projetada com o objetivo de ser utilizada no campo da matemática, especificamente. Na época, sua utilização era uma novidade, já que a máquina permitia a impressão dos resultados de forma imediata, sendo vantajosa para a resolução de problemas científicos. No entanto, Lutz encontrou outra utilidade para a máquina: a produção de textos estocásticos, que são caracterizados por “[...] orações cujas palavras são determinadas ao acaso” (LUTZ, 2012, p. 42).

Para adaptar os textos à lógica do programa da máquina, foi necessário trabalhar com os chamados “números aleatórios”. O gerador funcionava da seguinte forma: a partir de um número inicial, formava-se outro número através de uma operação matemática. Do resultado dessa operação, formavam-se outros números por meio de uma intersecção, considerados, então, como “números aleatórios”. Através da continuidade das operações, o número que surge como resultado será o número inicial para definir o próximo número aleatório, tendo, ao final, uma sequência de números.

Transferindo esta lógica dos “números aleatórios” para os “textos estocásticos”, foi possível programar a máquina com um número definido de palavras, sendo que sua memória contém certas quantidades de sujeitos, predicados, operadores lógicos e constantes lógicas. O primeiro experimento com texto foi realizado nesta máquina, a partir de 100 palavras retiradas





do romance *Castelo* de Franz Kafka. Através do texto, e sendo determinada a quantidade de palavras a ser formada, a máquina deveria “compor” os textos estocásticos, sendo possível, nas próprias palavras de Theo Lutz, “[...] gerar um texto que *faça sentido* a partir da matriz preestabelecida” (LUTZ, 2012, p. 44).

Os resultados encontrados na década de 50, a partir dos textos estocásticos, mostram a possibilidade que as máquinas eletrônicas e programáveis ofereciam, já naquela época, ao campo das pesquisas ligadas à área da linguística e da literatura, não sendo direcionadas apenas às necessidades da matemática e do cálculo.

Uma das formas artístico-literárias criadas a partir da intersecção entre a computação e o âmbito literário é a poesia digital, também denominada de *ciberpoesia*, *poesia cibertextual*, *poesia hipermídia* etc. A poesia digital pode ser compreendida como uma continuação da poesia já existente até o momento, sendo categorizada como uma “[...] realização das experimentações das vanguardas do século XX, das poesias denominadas de experimental, concreta, sonora e visual [...]” (ANTONIO, 2012, p. 47).

Alguns poetas interessados em poesia digital buscaram inspiração em um movimento artístico-literário difundido no Brasil a partir da década de 1950, denominado concretismo. Sua proposta poética estava na ampliação da literatura em direção a sistemas semióticos, verbais e não verbais, na exploração de “[...] aspectos icônicos e indexais na produção poética” (KIRCHOF, 2016). Os principais representantes do concretismo, no Brasil, são Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari. No contexto europeu, encontramos, como fundador do movimento, o boliviano-suíço Eugen Gomringer. Entre seus seguidores, estão os teóricos e poetas Max Bense, Claus Bremer, Reinhard Döhl, Helmut Heissenbüttel, Franz Mon, Wolf Wezel, Ernst Jandl, André Thompkins, entre outros (KIRCHOF, 2012).

LITERATURA DIGITAL NO CONTEXTO NACIONAL

No Brasil, os primeiros experimentos com literatura digital foram realizados pelos poetas concretistas. Além disso, alguns poetas e críticos ligados ao movimento, nos anos 1950 e 1960, viram, nas tecnologias digitais, formas de ampliação de seus programas poéticos. De forma extremamente simplificada, Jorge Luiz Antonio (2012) nos situa a passagem da poesia concreta e visual para a poesia digital. Em sua primeira fase, a poesia era apresentada no formato impresso, o que, para Antonio (2012), se caracteriza como o plano bidimensional. Seu desenvolvimento se deu ao assimilar os recursos das artes, como a pintura, escultura, desenho,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

arquitetura, passando a se concretizar no espaço tridimensional, como objeto. Foi adaptada, posteriormente, à linguagem binária dos computadores, tornando-se, assim, uma “simulação”, conforme o autor, estabelecendo-se no ciberespaço (ANTONIO, 2012, p. 63).

Com o surgimento e o eminente avanço das novas tecnologias, as poesias experimental e concreta dos anos 50 e 60 chegam ao seu marco final nos anos 70. Ao trazer à tona questionamentos sobre as novas formas de tratamento de texto e de geração de imagens virtuais, E. M. de Melo e Castro, poeta português ligado ao movimento da Poesia Experimental Portuguesa (1964-1980), comenta que as novas tecnologias “[...] vieram possibilitar a introdução da cor, a transformabilidade dos textos e dos signos létricos, como anamorfoses, a movimentação de todos os signos, criando-se novos tipos de invenção poética de alta complexidade, tais como a infopoesia e a videopoesia [...]” (MELO E CASTRO, 2012, p. 72).

O HIPERTEXTO

Além do experimentalismo com poesia visual e do concretismo, outro movimento literário encontrava-se vinculado à literatura digital, surgido entre os anos 80 e 90 nos Estados Unidos, vindo a ser chamado, por alguns teóricos, de “literatura hipertextual” (KIRCHOF, 2013, p. 132). O termo “hipertexto” foi utilizado, nos anos 1960, por Theodor H. Nelson para se referir a uma forma de texto eletrônico, caracterizado como uma escrita não-sequencial, que se ramifica e permite ao leitor escolher seus próprios caminhos durante a leitura. George Landow (2006), um dos pioneiros do estudo da literatura hipertextual, cita Roland Barthes, que descreve a textualidade ideal como um texto composto de blocos de palavras, imagens conectadas eletronicamente por múltiplos caminhos abertos e inacabados. Em S/Z (2002, p. 5-6), Barthes comenta que, no texto ideal, as redes são múltiplas e interagem sem intenção de superarem o resto, o texto é uma “galáxia de significantes” e “não uma estrutura de significados”, “não há começo”, tem-se acesso às diversas entradas, os códigos mobilizados são ampliados “até onde nossos olhos podem alcançar”, assim indeterminados.

No hipertexto, por sua vez, os leitores escolhem seus caminhos através de uma rede de links, frequentemente assumindo o papel dos narradores na narrativa. As narrativas hipertextuais, como *Afternoon: a story*, de Michel Joyce, *Victory Garden*, de Stuart Moulthrop e *Patchwork Girl*, de Shelley Jackson, são alguns exemplos de textos produzidos no meio propriamente digital, caracterizados por estruturas hipertextuais. Na visão de Landow (2006), as melhores narrativas hipertextuais (denominadas por ele como *hiperfictions*) são aquelas que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

permitem, ao leitor, deduzir as informações básicas, como na obra *Afternoon: a story*, refazendo também seus passos, tomando decisões informadas e criativas.

Junto com o desenvolvimento da World Wide Web, novos programas e métodos surgiram, ao mesmo tempo em que a natureza da literatura digital também foi sofrendo modificações. Dessa forma, recursos de hipermídia e multimídia, além do hipertexto, passaram a predominar nas obras. Com essa expansão, os trabalhos que envolviam hipertexto nas narrativas também sofreram certas modificações. Para exemplificar, o trabalho de Caitlin Fisher, *These Waves of Girls*, já inclui sons, textos narrados, animações textuais, desenhos, além de outras funcionalidades conectadas às estruturas da rede (HAYLES, 2008).

Em seus estudos sobre literatura digital (*electronic literature*), Hayles distingue as obras a partir de duas fases: a primeira é composta pelos primeiros trabalhos hipertextuais, como o exemplificado anteriormente, *Patchwork Girl*, de Shelley Jackson, definidos como narrativas da “primeira geração”, sendo mais apropriado, segundo ela, chamá-los de “clássicos”. A “segunda geração” é concebida como o segundo período; começa em meados dos anos 1995, estendendo-se até os dias de hoje, quando surgem outros trabalhos literários digitais. Este último período pode ser denominado também como “contemporâneo” ou “pós-moderno” (HAYLES, 2008).

Nesse contexto da segunda geração, em 1999, nasce uma organização, a *Electronic Literature Organization* (ELO), com o objetivo de promover a leitura, escrita, ensino e compreensão da literatura em sua forma digital. Entre os fundadores da *Electronic Literature Organization*, estão o autor Scott Rettberg, o romancista Robert Coover e Jeff Ballowe, líder empresarial da internet. A ELO se constitui como uma organização sem fins lucrativos, onde escritores e artistas divulgam seu trabalho. Tornou-se, ao longo dos anos, uma comunidade importante para a literatura digital, contribuindo para realizar, posteriormente, um projeto intitulado *Electronic Literature Collection*. Este projeto pode ser visualizado em uma biblioteca online, disponibilizada no site <http://collection.eliterature.org/>. Até o ano de 2016, foram publicados três volumes da coleção, cada um contendo aproximadamente 60 trabalhos.

Recentemente, foi criada a obra *Viagem Fantástica* durante a realização V Simpósio Internacional e IX Simpósio Nacional de Literatura e Informática, nos dias 12 a 16 de março de 2018, na Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS. No site de divulgação da obra (<http://www.sitio.art.br/viagem/#conteudo>), os artistas descreveram sua proposta a partir de





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

uma paródia inspirada nos youtubers que comentam sobre games, ao mesmo tempo em que buscam dialogar com a oposição entre algoritmo e poeta. Nesse caso, os artistas se referiram aos algoritmos implantados pelas grandes corporações que visam não somente atender às demandas dos clientes, mas também oferecer um mundo com sistemas de “inteligência artificial” difundidos nas inúmeras propagandas automáticas, nos *chats* e redes sociais.

A proposta de *Viagem Fantástica* reside na recriação de um apartamento construído e filmado a partir do jogo digital *The Sims*. O desenrolar da narrativa acontece no momento em que um casal de avatares decide viajar, mas todas as vezes em que procuram novas opções, acabam ficando presos em uma “teia digital” que os impede de viajar. A narração desta viagem pode ser ouvida e visualizada na gravação de um poeta representado na figura de um comentarista que surge em todos os ambientes do apartamento. O papel deste “comentarista” é, portanto, o de pontuar e contrapor, por vezes de forma irônica, às situações criadas no “game”. Ao explorar o apartamento, o leitor ainda pode ser surpreendido por interferências visuais clicando sobre janelas ou quadros dispostos nas paredes dos ambientes.

WWW.POEMAPS.ORG/

Para finalizar este pequeno percurso que foi escrito até aqui sobre literatura digital e hipertexto, faz-se necessário apresentar a obra-site *Poemaps*, uma plataforma de poemas georreferenciados, projeto criado pelo artista mineiro Rogério Barbosa da Silva que pretende aproximar e difundir as diferentes manifestações e criações poéticas produzidas no meio digital. Nesse sentido, o projeto nasceu a partir da disciplina de Edição e Difusão de Poesia em Multiplataformas do programa de Estudos de Linguagens do CEFET/UFMG. Inicialmente, a produção estava voltada para um grupo no Facebook. No entanto, os criadores da proposta perceberam que a estrutura da rede social gerou uma nova lógica de referências, de hierarquia e de autoria. Ao ser publicado um poema no grupo, este era completado com um novo comentário em forma de verso e prosa poética, os quais eram remetidos a um novo contexto. A partir destes achados, criou-se o *Poemaps*, onde as próprias poéticas podem ser referenciadas diretamente em um mapa. Dessa forma, qualquer pessoa pode produzir seu poema e publicar diretamente do local onde vive/trabalha. Os poemas podem ser buscados por tipo de poema (áudio poema, poesia visual, textual, vídeo poema), endereço (estado, país ou cidade), *tags* ou título. Na imagem abaixo, é possível perceber ao fazer a busca pelos poemas textuais, que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

existem aproximadamente, 67 poemas publicados no Brasil. Clicando sobre os números, é possível aproximar o mapa e encontrar as regiões de origem e conhecer novos poemas.

Figura 12. Captura de tela da página "Poemaps".



Fonte: <http://www.poemaps.org/>

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Jorge Luiz. Meio Impresso, meio digital, tecno-arte-poesia. In: KIRCHOF, Edgar Roberto. **Novos horizontes para a teoria da literatura e das mídias: concretismo, ciberliteratura e intermedialidade**. Canoas: Ed. ULBRA. 2012. p. 47-69.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Inglaterra: Blackwell, 2002. 271 p.

HAYLES, N. Katherine. **Electronic Literature: New Horizons for the Literary**. Indiana, Estados Unidos: University of Notre Dame, 2008.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Como ler os textos literários na era da cultura digital?. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 47, p. 203-228, jan./jun. 2016.

_____. Desafios para o ensino da literatura digital. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 35, p. 127-142, jul./dez. 2013.

_____. A poética do concretismo: Europa e Brasil . _____. In: KIRCHOF, Edgar Roberto. **Novos horizontes para a teoria da literatura e das mídias: concretismo, ciberliteratura e intermedialidade**. Canoas: Ed. ULBRA. 2012. p. 47-69.

KIRCHOF, Edgar Roberto; ASSUMPCÃO, Simone Souza. O ciberleitor infante-juvenil: identidade e literatura digital. **Signo**, UNISC. Online, v. 36, p. 176-194, 2011.

LANDOW, George P.. **Hypertext 3.0: Critical Theory and New Media in an Era of Globalization**. 3 ed. Estados Unidos: The Johns Hopkins University, 2006. 436 p.

LUTZ, Theo. Textos Estocásticos. In: _____. KIRCHOF, Edgar Roberto. **Novos horizontes para a teoria da literatura e das mídias: concretismo, ciberliteratura e intermedialidade**. Canoas: Ed. ULBRA. 2012. p. 41-45.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MELO E CASTRO, E. M. Agoridade na poesia em língua portuguesa: alguns casos. In. _____ KIRCHOF, Edgar Roberto. **Novos horizontes para a teoria da literatura e das mídias: concretismo, ciberliteratura e intermedialidade.** Canoas: Ed. ULBRA. 2012. p. 71-88.

WALTHER, Elisabeth. Max Bense e a cibernética. In. _____ KIRCHOF, Edgar Roberto. **Novos horizontes para a teoria da literatura e das mídias: concretismo, ciberliteratura e intermedialidade.** Canoas: Ed. ULBRA. 2012. p. 37-40.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

GESTÃO ESCOLAR E INCLUSÃO: POR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL MAIS JUSTA

SCHOOL MANAGEMENT AND INCLUSION: FOR A MORE FAIR EDUCATION

Rosana Clarice Coelho Wenderlich (FURB/ SEMED BLUMENAU)¹

Caique Fernando da Silva Fistarol (FURB/ SEMED BLUMENAU)²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir sobre os desafios da gestão escolar diante das perspectivas de uma educação inclusiva, entendida como garantia de “educação para todos”. A necessidade de quebrar paradigmas e romper com uma educação heterogênea, perpassa pela compreensão da função do gestor escolar. Muitas ações adquirem a proporção almejada quando a educação supera essa educação fragmentada e garante o direito de cidadania igualitária a todas as crianças. O aporte teórico utilizado aborda aspectos da educação inclusiva, a dimensão participativa da gestão escolar, e sobre a compreensão de que a partir do envolvimento de toda comunidade escolar que a inclusão pela diversidade se efetiva. Uma gestão participativa e democrática propõe o envolvimento de todos no processo de tomada das decisões e do gerenciamento do fazer pedagógico. Como procedimentos metodológicos utilizou-se a reflexão sobre a práxis de gestão escolar e dos desafios de uma educação inclusiva por meio de referencial bibliográfico. Desta forma, integra professores, estudantes, pais e comunidade, valorizando as trocas de experiências.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Educação Inclusiva. Educação Infantil.

Abstract: This paper aims to discuss the challenges of school management in the perspective of inclusive education, understood as a guarantee of "education for all". The need to break paradigms and break with a heterogeneous education, runs through the understanding of the role of the school manager. Many actions acquire the desired proportion when education overcomes this fragmented education and guarantees the right of equal citizenship to all children. The theoretical contribution used covers aspects of inclusive education, the participatory dimension of school management, and the understanding that from the involvement of every school community that inclusion by diversity is effective. Participatory and democratic management proposes to involve everyone in the decision-making process and in the management of the pedagogical practice. As methodological procedures, we used the reflection on the praxis of school management and the challenges of an inclusive education through a bibliographic reference. In this way, it integrates teachers, students, parents and community, valuing the exchange of experiences.

Keywords: School Management. Inclusive education. Early childhood education.

INTRODUÇÃO

Não foi sempre que houve uma concepção de infância e criança. A concepção de criança enquanto sujeito de direitos é sócio-histórico construída. Estudos demonstram que no século XIII a concepção de infância como fase específica e constituinte do desenvolvimento humano

¹ Mestranda em Educação pela linha de Linguagens, Arte e Educação do Programa de Pós-Graduação e Educação da FURB. Secretaria Municipal de Educação. E-mail:rosana.wenderlich@gmail.com

² Mestre em Educação pela linha de Linguagens, Arte e Educação do Programa de Pós-Graduação e Educação da FURB. Secretaria Municipal de Educação. E-mail: cfersf@gmail.com.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

era impensada na formação. Apenas no início do século XVII surgiu uma concepção e interesse pela criança e esta fase inicial de desenvolvimento.

No século XVII, os registros do tratamento dado à infância possibilitaram compreender como eram as fases de desenvolvimento físico e mental da criança naquele tempo. Ainda no século mencionado, a pedagogia incorporou a concepção de infância atribuindo-lhe um novo modo de pensar visualizando a educação relacionando com a natureza humana e a cultura.

No século XXI, o respeito aos direitos e ao processo de aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças é uma busca constante por uma educação voltada “para todos”. Por meio dessa premissa, as instituições de educação infantil têm o intuito de garantir, conforme preconizado na legislação vigente a democratização do acesso e das condições de permanência adequadas ao que se refere à diversidade cultural, étnico-racial, socioeconômica e acessibilidade.

Por meio desse rápido contexto histórico delineado, a concepção de criança, diversidade e inclusão apresentados passa pelo direito que este sujeito tem de viver cada momento como um tempo único, com desejos, necessidades próprias de estar e participar das experiências pensadas para seu grupo como um direito de fazer-se, experimentar, experienciar-se, de descobrir a si, ao outro, ao seu entorno, de se constituir e desenvolver, de ser.

Para que ocorra esse desenvolvimento e essas experiências torna-se fundamental compreender que as linguagens utilizadas pelas crianças permeiam os eixos: interações e brincadeiras, já estabelecidos em documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), e no momento, perpassa a literatura da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para a construção dos currículos estaduais e municipais. Estes referenciais e estes eixos implicam um planejamento de espaços educacionais livres de qualquer modo de exclusão para o atendimento aos direitos de todas as crianças. No entanto, educadores e secretarias de educação precisam rever concepções e entender o que são infância, currículo, inclusão e diversidade.

Historicamente, o acesso à educação em creches e pré-escolas foi reconhecido como direito da criança pela Constituição Brasileira de 1988, ou seja, a criança não é mais vista como objeto a ser resguardado, de tutela de alguém para tornar-se um sujeito de direitos (BRASIL, 1988). Sob a perspectiva desta lei, a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) reconhece a educação infantil como a primeira instância da educação básica. Como uma etapa de desenvolvimento e aprendizagem do sujeito em processo formativo.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Em consonância a Constituição Federal de 1988 e a LDB, o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), criado no início do século XX, reitera a importância de formação da infância e preparo desse sujeito para o exercício da cidadania. De acordo com estes documentos, pode-se citar o prescrito no artigo 205 da Constituição Federal:

"A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."

Com a consolidação das leis, a educação da criança de até seis anos passou a ser incluída nos dispositivos legais como atribuição do governo e direito da criança. A partir das leis mencionadas, tornou-se fundamental a busca da definição da especificidade das experiências pedagógicas a serem realizadas nas instituições de educação infantil, estabelecendo que as ações educativas voltadas à criança nesta faixa etária devem ser planejadas de maneira a resguardar os valores socioculturais dos grupos.

Porém, a universalização da educação básica pressupõe o estabelecimento de políticas públicas e a criação de instituições educativas capazes de complementar a ação familiar no que se refere ao desenvolvimento pessoal e social das crianças, garantindo o processo democrático e o pleno exercício da cidadania tornando essas instituições espaço “de todos”, sem exceções. Para poder se assegurar esse ambiente educacional inclusivo é preciso a compreensão do direito da educação de/ para/ com todos e o direito e respeito às diversidades e diferenças.

GESTÃO ESCOLAR: QUAL O PAPEL E COMO DESENVOLVER UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS?

A partir dessa contextualização, pretende-se discutir o papel da gestão escolar como importante mediadora das políticas públicas e das ações exigidas para o envolvimento de toda a comunidade escolar, a fim de garantir a efetivação de movimentos para uma educação inclusiva e diversidade na educação infantil.

Para reflexão histórica e social da trajetória da educação infantil e documentos norteadores destaca-se o princípio da “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” que permeia o ensino nas instituições de educação estabelecido pela Constituição Federal de 1988 nas diferentes etapas de ensino.

O direito à criança de ingressar nas instituições de educação públicas ou privadas, sem distinção de qualquer natureza se traduz na garantia do acesso a “ambientes escolares inclusivos





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

fundamentados em uma concepção de identidade e diferenças, em que as relações entre ambas não se ordenam em torno de oposições binárias (normal/especial, branco/negro, masculino/feminino, pobre/rico)”. (ROPOLI, 2010, p. 30).

Nesta perspectiva o grande desafio da gestão escolar está em romper os paradigmas que sustentam práticas equivocadas de modelos ideais, a normalização de perfis específicos, a segregação pedagógica ou intelectual. Reconhecer que a organização de sistemas educacionais inclusivos perpassa primeiramente pela mudança de postura de todos os protagonistas envolvidos no processo de desenvolvimento e aprendizagem, caracterizando a educação inclusiva como um novo princípio educacional.

Reafirmar a garantia de uma educação inclusiva permeada por ações que devem ser desenvolvidas contra qualquer forma de exclusão ou segregação nos espaços de educação, pautadas “na defesa dos direitos humanos de acesso, ingresso e permanência com sucesso em escolas de boa qualidade, o que necessariamente, implica previsão e provisão de recursos de toda ordem” Carvalho (2006, p. 36). Por isso, possibilitar a todas as crianças o acesso à educação de qualidade, com respeito às necessidades e individualidades, bem como o respeito à integralidade e subjetividade de cada criança, independentemente de sua origem sociocultural, de seus costumes, hábitos, valores, e fazendo dessa diversidade um campo privilegiado de experiências significativas.

Cabe ressaltar que a gestão escolar tem papel de destaque na fomentação de uma educação inclusiva centrada na participação de todas as crianças em todas as experiências e vivências nas instituições de educação infantil e na comunidade, isto pressupõe pensar e desenvolver ações desde as arquitetônicas às curriculares, como garantia de equidade para todos.

A partir dessa concepção e trabalho docente que o gestor escolar se destaca, consciente do seu papel e assumindo a missão de mediador, de formador, de articulador e de transformador das ações que definem um ambiente educacional inclusivo. Ou seja,

A gestão pedagógica é, de todas as dimensões de gestão escolar, a mais importante, pois está mais diretamente envolvida com o foco da escola que é o de promover aprendizagem e formação dos alunos, conforme apontado anteriormente. Constitui-se como a dimensão para a qual todas as demais convergem, uma vez que esta se refere ao foco principal do ensino que é a atuação sistemática e intencional de promover a formação e a aprendizagem dos alunos, como condição para que desenvolvam as competências sociais e pessoais necessárias para a inserção proveitosa na sociedade e no mundo do trabalho, numa relação de benefício recíproco. Também para que se realizem como seres humanos e tenham qualidade de vida. (LUCK, 2009, p. 95)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Percebe-se que outro fator que implica significativamente na ação da gestão escolar são as relações que permeiam a articulação das instâncias da instituição escolar e da família, possibilitar a todos os envolvidos o que Rubem Alves chamava de: “escutatória, todo mundo quer aprender a falar, ninguém quer aprender a ouvir.” Nesta perspectiva, as relações interpessoais são valorosas e pertinentes na ação de ouvir, observar com os olhos de ver, e falar a todos que buscam uma educação cidadã e a garantia de direitos.

Considerando a gestão escolar organizada numa dimensão pedagógica e administrativa ressalta-se novamente o papel que esta tem de contribuir na implementação de políticas públicas, realizando ações que proporcionem o currículo articulado ao contexto sócio histórico e cultural, a definição de objetivos e a organização de práticas inclusivas, ou seja, promover e provocar uma transformação nas estruturas organizacionais das instituições de educação infantil. Por esse motivo, é

É importante ter claro que são as opções metodológicas daqueles que atuam na mediação das relações das crianças com o mundo e com seus pares da mesma idade, ou com pessoas de diferentes idades, que irão contribuir para que elas aprendam maneiras de ser, estar, fazer, conviver e conhecer. Essa mediação se dá por meio de diferentes formas de trabalho que vão sendo construídas na prática cotidiana. (FARIA, 2012, p. 37)

E ao longo dessas práticas cotidianas construídas na comunidade escolar, a gestão escolar age como um elemento propulsor e mediador entre o currículo e os docentes, bem como outros atores no processo educativo. O gestor precisa ter pleno (re)conhecimento de sua comunidade docente e discente ao longo das interações, vivências e experiências, da realidade sociocultural em que a instituição da qual exerce a função se encontra e dos demais aspectos relacionados a pedagogia e desenvolvimento interpessoal estabelecido nesse local de ensino e de aprendizagem.

Considerando que a gestão participativa e democrática implica o envolvimento de todos os atores, pais, docentes, gestores e comunidade escolar, torna-se viável desenvolver no contexto escolar mudanças significativas que possibilitem a inserção de todas as crianças, priorizando a efetivação da educação inclusiva. O sucesso de uma gestão escolar participativa se traduz no “envolvimento de todos que fazem parte, direta ou indiretamente, do processo educacional no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas, na tomada de decisões, implementação, monitoramento e avaliação de planos de ação” (LUCK, 2009).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Enfim, a consolidação de um projeto escolar inclusivo que respeite a diversidade é norteado por uma gestão escolar capaz de abraçar tal responsabilidade. Este processo exige de a gestão escolar entender que todos fazem parte deste movimento. “Compreender que este é um processo em construção e que o conjunto de procedimentos para adequação do sistema educacional geral às necessidades, habilidades e aspirações de todas as pessoas as quais têm o direito de serem aceitas com as diferenças que fazem delas seres humanos únicos, depende do olhar e da ação de cada um.” (LIMA, 2004)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as reflexões expostas, a inclusão “de todos” certamente é o maior desafio enfrentado em âmbito educacional historicamente. Considerar as diferenças culturais, os níveis de aprendizagem, os ritmos e principalmente a individualidade de cada criança tem sido motivo de grandes pesquisas e discussões entre docentes, gestores, familiares e determinante nas ações de políticas públicas que proporcionem um ambiente acolhedor, convidativo e prazeroso a fim de garantir “a todos” o acesso e permanência a uma educação de qualidade.

Diante das reflexões apresentadas torna-se imprescindível rever e planejar ações para que a educação infantil se torne ambiente capaz de combater toda e qualquer atitude de discriminação, exclusão ou indiferença. Logo, é necessário enfatizar que é a figura do gestor escolar que pode haver mudanças para que tais ações se concretizem. Este profissional deve estar consciente de seu papel e de suas atribuições tornando o espaço de educação inclusivo, traduzindo o espaço escolar como reflexo de uma gestão participativa, democrática, comprometida, atuante e preparada para quebrar as barreiras da desigualdade e da segregação. Fomentar que é na ação conjunta com a comunidade como um todo, pais, docentes e crianças que para uma educação infantil mais justa se faz necessário a garantia do direito humano básico: a inclusão, pensada e reafirmada como uma “educação verdadeiramente para todos”.

Percebe-se que o olhar inclusivo do gestor na educação infantil, deve estar voltado à concepção de criança de hoje e efetivar na prática, reconhecendo especificidades, visualizar o desenvolvimento da criança em sua totalidade e em percurso formativo, não como um adulto em miniatura, proporcionando o conhecimento de maneira instigante e estimuladora, não segmentada, ou de um ambiente de estagnação.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais n° 1/92 a 67/2010, pelo decreto legislativo n° 186/2008 e pelas emendas constitucionais de revisão n° 1 a 6/94. Brasília, DF: Senado Federal, 2011.

_____. *Lei n° 9394/96 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996.

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009. Seção 1, p. 18. Acesso em: 15 de out. de 2015. <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13684-resolucoes-ceb-2009>>

CARVALHO, R. E. *Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

Congresso. *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei n.8.609, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 7. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. *Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica*. Vitória Faria, Fátima Salles – 2. ed., [ver. e ampl.]. – São Paulo: Ática, 2012.

LUCK, H. *A dimensão participativa da gestão escolar*. Disponível em <<http://educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-jornada-pedagogica/gestao-escolar/dimensao-participativa-da-gestao-escolar.pdf>> Acesso em 13 de out. de 2015.

_____. *Dimensão de Gestão Escolar e suas Competências*. 2ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009. V, 1.

ROPOLI, Edilene A. *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva*. Edilene Aparecida Ropoli [et.al.]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS SOB O EFEITO DO *PATHOS* NO DISCURSO POLÍTICO

THE DISCURSIVE STRATEGIES UNDER THE EFFECT OF *PATHOS* IN
POLITICAL SPEECH

Rosana Vaz Silveira (Universidade Feevale)¹

Resumo: Diante das diferentes demonstrações de estratégias discursivas no âmbito político, naturalmente questiona-se: Como estabelecer uma estratégia de discurso político capaz de demonstrar empatia? Para tanto, o artigo apresenta as teorias sobre discurso político e efeito pathêmico de Charaudeau (2006, 2007) com o intuito de demonstrar como acontece o processo discursivo frente as estratégias utilizadas para provocar emoção.

Palavras-chave: Discurso. *Pathos*. Charaudeau. Político.

Abstract: In the face of the different demonstrations of discursive strategies in the political sphere, one naturally questions: How to establish a strategy of political discourse capable of demonstrating empathy? For this, the article presents the theories on political discourse and the pathemic effect of Charaudeau (2006, 2007) in order to demonstrate how the discursive process happens in front of the strategies used to provoke emotion.

Keywords: Speech. *Pathos*. Charaudeau. Politic.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta os estudos de Charaudeau (2006, 2007) no que tange o discurso político e as estratégias determinadas para um efeito do *pathos*. Neste artigo considera-se *pathos* a capacidade de conquistar a atenção do público de forma empática conferindo um discurso que julga-se emocional, por promover sensibilização através de uma figura política (CHARAUDEAU, 2007). Por conta disso, as possibilidades de se utilizar o efeito do *pathos* sobre a encenação no discurso político parece ser fundamental para os estudos do discurso político. Durante todo o jogo discursivo, os atores sociais representados pela figura política, mais propriamente governantes de grandes nações, estabelecem estratégias em seus discursos que configuram trejeitos personalizados, ou seja, que durante suas encenações procuram demonstrar certa naturalidade como forma de validação do seu discurso diante do público. Sendo assim, questiona-se: Como estabelecer uma estratégia de discurso político capaz de demonstrar empatia? Contudo, a escolha dos conceitos de Charaudeau (2006, 2007) foram

¹ Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Professora na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: rosanavaz@feevale.br.





fundamentais para nortear este artigo, uma vez que o autor dialoga com a noção de sentimento, que é ligado à ordem da moral e à noção de emoção ligado à ordem do sensível.

Isto representa uma observação sob discursos construídos frente a questões públicas e políticas, enfatizando a teorização da problemática do discurso. O efeito pathêmico é construído inicialmente sob o aspecto situacional, ou seja, encenado nos diferentes palcos que oportunizam o desencadear do processo de comunicação: a regulação (contato, relação); a identificação (imagem/*ethos*); a dramatização (emoção no *pathos*); e a racionalização (forma de narrar/*logos*).

Nesse sentido, busca-se demonstrar como acontece o processo discursivo frente as estratégias utilizadas para provocar emoção, observando o discurso político como um dos cenários desse efeito pathêmico. Imagina-se que o sujeito político, ao tentar dramatizar, tende a demonstrar características pessoais que se revelam no construto da imagem, e na tentativa de manipular o discurso, o constrói, porém desconstrói quando se utiliza de características que não correspondem a sua imagem.

DESENVOLVIMENTO

O ser humano se apresenta na intencionalidade do seu discurso como forma de se tornar um real significante. A proposta de representação abordada por Charaudeau elucida a prerrogativa de que a encenação acontece pois o sujeito se manifesta em função de alguma coisa. Por consequência disto, as representações são emocionais, ou seja, objeto daquilo que o sujeito tenta demonstrar.

No entanto, cada sujeito atua nas representações de acordo com a sua vivência, ou seja, as experiências de acordo com o que recebeu enquanto valores e é por isto que as emoções e sentimentos estão relacionados às crenças. As crenças são cultivadas nas práticas sociais que, de alguma forma, se projetam em referências seguidas por grupos que determinam um posicionamento. Os grupos sociais norteiam comentários de inteligibilidade construído no discurso cotidiano como um discurso real. Em realidade, Charaudeau entende isto como um metadiscurso, reforçando assim o posicionamento do grupo, ou seja, há uma construção do discurso capaz de intencionar, persuadir.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O sentimento não deve ser confundido com sua expressão (mesmo se esta puder desempenhar um papel determinado), será considerado como um efeito possível que poderá suscitar uma determinada ativação do discurso junto a um determinado público, em uma dada circunstância. (CHARAUDEAU, 2007, p. 241).

Isto porque as expressões das emoções como raiva, indignação, angústia, não provocam necessariamente um sentimento emocional, pois cada sujeito as interpreta de formas distintas, fazendo com que as linguagens, tanto verbais, gestuais e icônicas, sejam suscetíveis. No entanto, as expressões tendem a despertar emoções, ou seja, há uma intenção, uma influência que evidencia este estímulo, mas depende do contexto, da forma com que é empregada e como é recebida. (CHARAUDEAU, 2007).

Para uma observação sob a ótica da análise de discurso, Charaudeau, trata o problema da influência em quatro princípios refletidos diante: (i) da *alteridade*, quando se deve entender que não há um diálogo sem a representação do Eu e a interpretação/reação do outro; (ii) da *influência*, no discurso dominante e persuasivo, quando o locutor constrói e envolve o outro no seu universo discursivo; (iii) de *regulação*, para que o discurso da influência se adapte e se relacione ao encontro indefinido de quem recebe; (iv) da *pertinência*, que recorre do dialogismo bakhtiniano, quando há um acordo na compreensão do discurso, atuando como parceiros na ordem da linguagem (CHARAUDEAU, 2007).

Estes princípios são estabelecidos para o reconhecimento do falante perante o outro, o que justificaria a sua imposição na fala, fazendo o outro não falar e escutar. Esta relação acontece de forma empática diante do discurso carismático que credita o locutor.

Trata-se, aqui, um processo de identificação que exige do sujeito falante a construção, por si próprio, de uma imagem que tenha um certo poder de atração sobre o auditório, de forma que este conceda ao locutor a sua adesão de maneira quase irracional. (CHARAUDEAU, 2007, p. 242).

Nesse sentido, pode-se dizer que se trata de um processo de dramatização, ao qual o falante se utiliza de estratégias discursivas para envolver o outro em um jogo de sedução com o intuito de provocar suas emoções e seus sentimentos. Assim, o interlocutor se encanta pela motivação do discurso, podendo não refletir realmente a respeito do que se fala. (CHARAUDEAU, 2007).

Este processo consiste em um método que organiza a descrição do mundo que se propõe ao outro, ou seja, as técnicas narrativas constroem uma visão racional capaz de serem utilizados por outros sujeitos. A questão é que o uso pode representar dois vieses que, teoricamente,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

partem do paralogismo: a verdade através de um discurso projetado em algo verdadeiro, mas se constitui encenação quando é construído e, a veracidade constituída de técnicas persuasivas para representar algo. (CHARAUDEAU, 2007).

Charaudeau trata o espaço público como um ambiente suscetível, uma vez que se estrutura em diversas cenas discursivas, como por exemplo, a cena política. A cena política parte da expectativa do poder e diante da instância política e da instância cidadã que tende a ser constituída com um agir sobre o outro, uma espécie de dominação legítima, se dá, por um lado através do jogo da representatividade e, por outro pelas estratégias discursivas. Assim, o sujeito se utiliza de “construção de imagens de si mesmo”, para se fazer crer na instância cidadã, ou seja, o *ethos* da credibilidade, e o atrativo, pelo *ethos* da identificação. (CHARAUDEAU, 2007, p. 243). Com o discurso construído a partir de uma visão, do que seria, realista, do ponto de vista da sinceridade, ainda assim, se estrutura manipulativa e persuasiva frente às estratégias discursivas preparadas para demonstrar credibilidade.

A busca pela empatia reflete a encenação do *pathos* no discurso populista. O populismo parte de uma manifestação coletiva de massa frente a uma crise social. Mesmo sem sindicato e sem partido político, o populismo expressa a necessidade de um líder capaz de representá-los na esfera pública, a que Charaudeau define como uma entidade coletiva “ilusória” (2007, p. 243). Isto porque aquele que representa se manifesta de forma a conquistar justiça, porém é imbuído de intenções pessoais, de autopromoção. Se por um lado se reforça o *ethos* identitário (juntos, enquanto comunidade), o efeito do *pathos* se projeta (enquanto luta, bem comum), para que a narração provocada pelo *logos* enalteça a identidade social (união e constituição da nação). (CHARAUDEAU, 2007). Para tanto, sobre as estratégias do discurso no âmbito político, este autor entende que:

[...] não tem sentido fora da ação (seja na dissimulação, seja na eficácia) partirei da hipótese de que o discurso político, bem como todo o tipo de discurso) não tem sentido fora da ação, e que a ação busca, para o sujeito político (mas também para todo o sujeito), o exercício de um poder (CHARAUDEAU, 2006, p. 252).

Se observar os discursos políticos de Barack Obama, ex-presidente dos EUA, e Dilma Rousseff, ex-presidente do Brasil, percebe-se as diferenças do efeito do *pathos* quando projetados em cenários cotidianos e em cenários públicos. No caso de Obama, o político se posiciona como um aliado do povo, enfrentando as dificuldades econômicas e tentando minimizar as tensões raciais. De acordo com a reportagem do Folha de São Paulo, este fato





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

aumentou seu nível de popularidade de 2013 para 2015, em comparação à ex-presidente Dilma. (DÁVILA, 2015). Segundo as pesquisas, esperava-se que Obama concluísse seu mandato atuando em cenários mais institucionais, sem arriscar novas medidas que pudessem comprometer sua imagem. Porém o ex-presidente dos EUA se tornou um defensor dos direitos humanos o que pode ter acarretado no aumento de sua popularidade após o término de sua gestão (BASILE, 2017). Obviamente a sua retomada aos palcos políticos possibilitou a sua visibilidade, assim como no cenário pessoal, se expondo de forma irreverente e propondo planos que convergem com os gostos (fator empático) dos americanos, como o sonho de ter seu próprio time de baseball (NARDINI, 2015), destacando assim o seu discurso pelo princípio da *alteridade* (CHARAUDEAU, 2007).

Já Dilma, é a ex-presidente com a menor popularidade desde 1989, advindo de um governo desgastado pela política econômica e corrupção política. No entanto, “[...] as pesquisas mostram que o governo é mais mal avaliado que a ex-presidente individualmente, uma das saídas para recuperar popularidade seria desenvolver uma política de comunicação que aproxime a imagem de ambos.” (FARAH, 2015). Embora a maioria dos entrevistados acredite que Dilma não faça parte do jogo corruptivo do governo, seu índice de apoio é menor que 10% (DÁVILA, 2015). Acontece que as estratégias discursivas da ex-presidente não incentiva a empatia com seus interlocutores, desde suas decisões, como comunicação diante dos diferentes palcos aos quais profere seus discursos.

Diante disto, percebe-se que Obama pratica o princípio da *influência* com maestria, pois domina a cena política. A sua atuação no palco público também segue o princípio da regulação, partindo do construto de uma imagem simples e carismática, com desejos e sonhos que são compartilhados com seus interlocutores, ou seja, demonstrado no princípio da *pertinência*. Por outro lado, Dilma se projeta com pouca influência, pois seu discurso não é constituído de forma reguladora, não há um envolvimento empático no seu semblante, o que acarreta desconfiança e descrédito, bloqueando o princípio da *pertinência* (CHARAUDEAU, 2007).

No entanto, cabe lembrar que Charaudeau (2007) argumenta que ao se representar pelo *ethos* da credibilidade e da identificação, este se utiliza da construção de imagens de si mesmo, o que significa que, apesar dos esforços de encenação, percebe-se que ambos gestores se projetam nesta imagem. Obama transparece seu bom humor, sua forma democrática de tomar





as decisões, mas Dilma, por possuir uma postura mais sisuda e prática na sua forma de gerenciar, limita-se nos seus gestos afetuosos e sorrisos dramatizados para provocar simpatia.

CONSIDERAÇÕES

Considerando que o efeito do *pathos* é uma análise importante no construto do discurso, questionou-se neste trabalho como estabelecer uma estratégia de discurso político capaz de demonstrar empatia? Pelo princípio da *alteridade*, a visão populista diante dos discursos é observativa e extremamente crítica, principalmente quando se trata de um caráter ideológico. Nesse sentido, a manipulação é uma estratégia discursiva que pode surtir efeitos desastrosos para a imagem de um político quando este não atua correntemente nas esferas dos princípios demonstrados por Charaudeau (2007).

É importante reconhecer as características que regem a personalidade do locutor e transformá-la em construtos baseados em elementos “autênticos”, que possam ser utilizados e reutilizados por ele, para evitar a perda de sua credibilidade. Assim, o princípio da identificação deve ser relacionado aquilo que personaliza o orador, pois esta estratégia possibilita encontrar relações empáticas e provocar emoção com diferentes interlocutores, mesmo que o discurso seja ensaiado ou dramatizado.

Entende-se que este artigo pode desenvolver um estudo mais aprofundado sobre as estratégias discursivas dos políticos que se utilizam do discurso nas redes sociais como forma de percepção de alternativas que conduza um discurso que dialogue com a personalidade do candidato.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso político. In: EMEDIATO, W. MACHADO, I. MENEZES, W. (orgs.). **Análise do discurso: Gêneros, comunicação e sociedade**, Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 251-268.

_____. *Pathos* e discurso político. In: MACHADO, I. MENDES, E. (orgs.). **As Emoções do Discurso**, Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251.

Artigo de periódico online:

BASILE, Juliano. Popularidade de Obama continua alta mas seu papel político é incerto. **Valor Econômico**. Publicado em: 03 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/internacional/5142546/popularidade-de-obama-continua-alta-mas-seu-papel-politico-e-incerto>>. Acesso em: 30 abr. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DÁVILA, S. No jogo da popularidade, Obama marca 5 a 1 em Dilma. Publicado em: 30 jun. 2015. **Folha de São Paulo**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/06/1650000-no-jogo-da-popularidade-obama-marca-5-a-1-em-dilma.shtml>>. Acesso em: 30 abr. de 2018.

FARAH, Tatiana. Os conselhos dos marqueteiros para Dilma tentar recuperar sua popularidade. **BBC BRASIL**. 29 de set. de 2015. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150925_dilma_marketing_tf_ab>. Acesso em: 30 abr. 2018.

NARDINI, R. Barack Obama diz que sempre sonhou em ter um time só dele na NBA.

Huffpost Brasil. 17 nov. 2015. Disponível em:

<http://www.brasilpost.com.br/2015/11/17/obama-time-nba_n_8586640.html>. Acesso em: 30 abr. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A CONTRIBUIÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO NA INCLUSÃO SOCIAL DOS MORADORES DE ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL

THE CONTRIBUTION OF PUBLIC POLICY IN THE CITY OF NOVO
HAMBURGO IN THE SOCIAL INCLUSION OF THE INHABITANTS OF
AREAS OF ENVIRONMENTAL RISK

Rosanei Fatima dos Santos (Universidade Feevale)

João. A. S. Figueiredo (Universidade Feevale)

Danielle P. Martins (Universidade Feevale)

Resumo: Novo Hamburgo, é um município localizado no Vale dos Sinos em crescimento econômico e social, além de, possuir grandes riquezas como: APA (Áreas de Preservação Ambiental), APPs (Áreas de Preservação Permanente). Essas áreas abrigam diversas espécies de flora e da fauna, dentre muitas histórias e cultura local. Porém como em toda a cidade em crescimento resulta em problemas como as ocupações nestas áreas de forma irregular tornando estas comunidades populosas, resultam em ficando exposição a vulnerabilidade. No entanto, parte destas áreas atualmente apresenta densa ocupação, estando esta população exposta aos riscos ambientais como deslizamento, movimento de massa e alagamentos, pois normalmente elas estão situadas em encostas de morro e em mananciais. O objetivo deste trabalho é analisar as medidas de política pública desenvolvidas para estas áreas em especiais e ações desenvolvidas pelo poder público municipal. Deste modo, a metodologia utilizada é baseada em pesquisa bibliográfica comparando os dados com as legislações existentes. Percebesse um potencial de poder contribuir para o banco de dados do município possibilitando melhorias nas políticas pública já existente. Por tanto, no município de Novo Hamburgo existem muitos estudos realizados e voltados a estas áreas, mas, apesar de ter conhecimento não possui politicas publicas especificas para esta realidade, mesmo sofrendo impacto no orçamento do município.

Palavras-chave: Políticas Públicas. Inclusão Social. Projetos Sociais.

Abstract: New Hamburg, is a town located in the Valley of the bells and in economic and social growth, as well as, possessing great riches as: APA (Environmental preservation areas), APPs (Permanent preservation areas). These areas are home to several species of flora and fauna, including many stories and local culture. But as in any city in growth resulting in problems like the occupations in these areas of irregular shape making this populous communities, resulting in getting exposure to vulnerability. However, these areas currently features dense occupation, though this population exposed to environmental hazards such as sliding, mass movement and flooding, because usually they are located on hill slopes and springs. The aim of this work is to analyze public policy measures designed for these special areas and actions developed by public authorities. Thus, the methodology used is based on bibliographical research comparing the data with the existing legislation. Therefore, in the municipality of Novo Hamburgo there are many studies and targeted to these areas, but, despite having knowledge does not have public policies specific to this reality, even suffering budget impact.

Keywords: Public Policies. Social Inclusion. Social Projects.

INTRODUÇÃO

Com uma população que não para de aumentar o Brasil está com uma demanda superior á sua capacidade em todos os quesitos, apesar de ser um país com a maior economia do mundo,





não está sendo administrado de forma adequada de acordo com a sua arrecadação além de possuir necessidades diferenciadas para a distribuição dos recursos (JACOB. P, 2006).

Como em todo o município em crescimento econômico e social, o município de Novo Hamburgo não está dando conta de tamanha demanda populacional, prova disto percebe-se o crescente número de ocupações de forma irregular, sendo que este problema sempre existiu, mas não com tanta intensidade como atualmente (JORNAL NH, 2018).

A problemática de uma forma geral é a falta de moradia, pois os municípios possuem realidades distintas, sendo assim caracterizado de duas maneiras que é a desigualdade social e a diversidade (PINHEIRO, 2010).

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, com abordagem das ações desenvolvidas, análise documental, saídas á campo para analise situacional, registro fotográfico das áreas em estudo.

Deste modo, o objetivo deste trabalho é analisar as medidas desenvolvidas para estas áreas em especiais e ações desenvolvidas pelo poder público municipal, para reduzir o adensamento populacional nestas áreas, reduzindo o número de pessoas em situação de vulnerabilidade, e podendo contribuir para o banco de dados do município procurando possibilitar melhorias nas políticas pública já existente.

Neste contexto serão discutidas as temáticas, áreas de risco, inclusão social, projetos sociais desenvolvidos no município e as políticas públicas municipais existentes e a contribuição para serem aplicadas nas áreas de estudo favorecendo esta população em situação de vulnerabilidade socioambiental.

ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL

A necessidade de desenvolver estudos em áreas vulneráveis não para de crescer, o aumento da população vem a tona um grande problema que existe muita dificuldade de acesso a um pedaço de solo para a construção da moradia o que resulta em ocupações de forma irregular, onde na maioria das vezes são áreas de APA (Área de Proteção Ambiental) e APP's (Áreas de Proteção Permanentes), impactando de forma irreversível, muitas vezes, por falta de conhecimento ou por falta de opção (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2000).

Foi estimada para o ano de 2017 no Novo Hamburgo uma população de 249.508 habitante (IBGE, 2010), sendo que 98% desta população reside na área urbana (NOVO HAMBURGO, Prefeitura municipal) com todos estes dados, percebe-se que o município não consegue





absorver tamanha demanda, com isto, resulta no grande número de áreas de ocupações irregulares aumentando os problemas socioambientais do município. Através de um estudo realizado pelo (CPRM, 2011) foram identificado onze setores de riscos ambientais no município, como movimento de massa, deslizamento e inundações, como pode ser verificado na figura a seguir.

Figura 1: Setores de risco do município de Novo Hamburgo identificados pelo CPRM no ano de 2011.



Fonte: Bugs e linck(2016) com dados do CEPED/RS(2015)

A busca por soluções é contínua, pois estas áreas tendem só a aumentar, recentemente foi realizado um levantamento que localizou trinta novos pontos de ocupação, com isto, aumenta tantas outras demandas do município (JORNAL NH, 2018).

POLÍTICAS PÚBLICAS

Nem sempre as políticas públicas existentes nos municípios são as mais adequadas para absorver a constante demanda, ao que parece os gestores públicos ainda não conseguiram identificar as reais necessidades básicas da população, requisito necessário para desenvolvimento de uma boa política pública de qualidade contribuindo para o crescimento saudável de forma que possa contribuir para a qualidade de vida da população principalmente da população mais vulnerável, pois a desigualdade na distribuição de recursos são visíveis (IBGE,2017). A migração das pessoas do campo fez com que o Brasil reduzisse o investimento no e passou a desenvolver mais políticas voltadas para o setor urbano focadas nas indústrias e vistas grossas para as consequências posteriores como o crescimento desordenados das cidades sendo fundamental o reconhecimento do território para assim poder priorizar a áreas mais





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

vulneráveis. Juntamente com a intensidade do crescimento populacional cresce inúmeros problemas, dentre deles, está a qualidade ambiental não somente do local mais de um todo, devido ao impacto ambiental causado com a devastação da flora e da fauna, contribuindo para o aumento de vendavais, enchentes temporais, estiagem, contaminação do solo e da água tanto superficial quanto as águas subterrâneas (JACOB. P, 2006).

INCLUSÃO SOCIAL

Quando se fala de inclusão social é aberto muitas incógnitas, pois muitos são as maneiras de inclusão social como por exemplo através de projetos que já existem como bolsa família, minha casa minha vida, conselho do idoso, conselho tutelar, ou seja, todo voltados para a população em geral. Para que seja sucedida, a inclusão social deve abranger todos estes grupos, mas principalmente mais voltadas para as comunidades residentes em áreas de risco socioambiental que possui grande vulnerabilidade social, evitando a exposição a outros tipos de riscos. Com isto acredita-se em um trabalho em conjunto na inclusão social transformando em uma corrente ligando um projeto a outro dando continuidade nos trabalhos desenvolvido, projetos existem e muitos são os trabalhos desenvolvidos para pessoas expostas a vulnerabilidade. (JACOB.P.2006)

Através do PDUA (Plano Diretor Urbanístico Ambiental), o município de Novo Hamburgo vem trabalhando a algum tempo com um propósito voltado para melhorias através de planejamentos para melhor incluir a população, o município de certa forma preocupa-se com a situações atual procurando organizar a cidade como por exemplo com o parcelamento do solo, de maneira de evitar situações como estas de áreas de riscos ambientais, mas, que ainda deve ser muito trabalhado(MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO, Lei Municipal nº1216 de 20 de dez. 2004)

PROJETOS SOCIAIS

A ocupação com alguma atividade é fundamental para o desenvolvimento pessoal não só no mercado de trabalho mais, também na vida, para estas pessoas menos favorecidas a oferta de projetos é muitas vezes, a única possibilidade de ver ou ter contato com uma visão diferente para o mundo preparando escolhas para o futuro. O órgão público municipal desenvolve projeto social, mas, não o suficiente para atender a demanda ou dando continuidade nos que já existem, afetando a continuidade. Pode se considerar que o município de Novo Hamburgo é privilegiado,





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

pois possui muitas parcerias como ONGS, Associações, Empresas e Universidade, que desenvolvem diferentes projetos sociais, voltados para as comunidades.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho é de natureza aplicada para análise da situação atual, pois busca por conhecimento para poder ser aplicados na prática de acordo com as legislações, ou melhoria para as políticas públicas que já existe, buscando solução para os problemas encontrados através do objetivo de ter sido realizado este estudo, pois percebesse um potencial de poder contribuir para o banco de dados do município possibilitando melhorias nas políticas pública já existente, sendo o objetivo deste, uma pesquisa descritiva podendo expor a problemática das ocupações de forma irregular, mas principalmente através de pesquisa bibliográfica, comparando as legislações com a real situação existentes e também através de estudos documental (PRODANOV, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através da expansão urbana, é evidente o crescimento populacional principalmente em áreas de preservação como em topo de morros e as margens de mananciais, pois o crescimento populacional não acompanhou a infraestrutura não só do país, mas, também dos municípios em geral (LORENZETTI, 2001). Estas áreas consideradas de risco, seja de deslizamento e movimento de massa ou de inundação, são normalmente ocupadas por pessoas que possui baixo poder econômico sendo esta, a única maneira de possuir moradia, ou seja apesar de existir programas como minha casa minha vida desde 2002, as famosas “invasões” não param de crescer como também os problemas socioambientais (ALMEIDA. A.L.S,2012)

Por tanto, no município de Novo Hamburgo existem muitos estudos realizados voltados a estas áreas, mas, apesar de ter conhecimento, não possui política pública, específica para esta realidade, mesmo sofrendo impacto no orçamento do município.

Apesar de a falta de moradia ter sido sempre o grande problema da sociedade não justifica o descaso com estas comunidades, estas áreas de ocupações de forma irregular, vem aumentando cada vez mais juntamente com outras problemáticas sociais e ambientais. São necessárias medidas para mitigar estas situações, através de um conjunto de ações entre o ambiente e a sociedade. Pois a remoção é inviável e o relocação não seria a melhor alternativa





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

por que já ocorreu em outras comunidades e não obteve sucesso, acabaram retornando para a mesma situação, ainda mais vulneráveis do que antes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência destes setores de riscos do município que já foram mapeadas, desperta de certo modo, uma preocupação constante, apesar de já possuir conhecimento destes locais, percebe-se a existência de tantos outros ainda a ser mapeado, sabe-se que estes setores são populosos e com adensamento constante. Neste sentido, é indispensável o planejamento de políticas públicas voltadas para estas áreas em especiais, onde hoje se trabalha com medidas paliativas, o que muitas vezes só aumenta os problemas já existentes. Através das saídas á campo é possível verificar a real necessidade destas comunidades, o que mais chama a atenção é a proximidade de localização destes setores e a intensidade do impacto que pode causar, caso ocorra alguma intercorrência em um destes setores, a precariedade nos mesmo e a falta de infraestrutura causa impactos negativos, tornado ainda mais vulneráveis. Sendo assim, é possível concluir que existem ausência de planejamento do órgão público municipal, para uma política pública de qualidade, voltadas para estas áreas, contribuindo para o crescente aumento populacional destas áreas, dificultando a inclusão social destas comunidades, pois quando tem projetos voltados, abrange uma pequena minoria não sendo possível atender toda a demanda existente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA. A.L.S,2012, Ocupações irregulares e políticas públicas em áreas de inundação no município de Novo Hamburgo: 2009 a 2011, trabalho de conclusão de especialização, disponível em www.lume.ufrgs.br, Visualizado em 25 de abr. de 2018.

BRASIL, Planalto constituição de 1988. **Tipos de políticas públicas**. Disponível em: <http://www.okconcursos.com.br/apostilas/apostila-gratis/134-politicas-publicas/1156-tipos>

CEPED/RS. **Capacitação em Gestão de Riscos. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres**. – 2. ed. – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

CEPED/RS - **Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres**. Projeto Mapeamento de Vulnerabilidades a Áreas Suscetíveis a Inundações e Deslizamentos em 8 municípios do RS. 2015.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD**. Síntese de Indicadores 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico. 2010

JACOB.P, 2006, **Gestão compartilhada de resíduos**, Editora Annablume, 1ª edição, disponível em: www.ciadoslivros.com.br/gestao-compartilhada-dos-residuos-solidos-no-brasil-.. visualizado em: 20 de abr. de 2018.

JORNAL NH, ZENI. Carolina, 2018, **Ocupações se espalham por Novo Hamburgo**, edição do dia 02/04/2018, disponível em: www.jornalnh.com.br, visualizado em: 24 de abr. de 2018.

Lei Municipal 1839/2008, Institui o Programa de Regularização Fundiária no Município, Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo. Estratégias de Ações- Plano Local de Habitação de Interesse Social-PHIS, Novo Hamburgo, 2010.

LORENZETTI, M.S.B, A Gestão Habitacional no Brasil, consultoria legislativa brasileira, julho 2001.

Ministério do Meio Ambiente, **Cidades Sustentáveis**: subsídios a elaboração da agenda 21 brasileira. Brasília, 2000

NOVO HAMBURGO. **Lei Municipal Nº 1216/04** – Institui o Plano Diretor Urbanístico Ambiental de Novo Hamburgo. Disponível em: <<http://camara-municipal-do-novo-hamburgo.jusbrasil.com.br/legislacao/447319/lei-1216-04>>. Acesso em: 28 de abr. de 2018.

BRASIL, Planalto constituição de 1988. **Tipos de políticas públicas**. Disponível em: <http://www.okconcursos.com.br/apostilas/apostila-gratis/134-politicas-publicas/1156-tipos>

PINHEIRO, O.M, 2010, Plano Diretor e Gestão Urbana, Ministério da educação- MEC, Programa Nacional de Formação em Administração pública-PNAP, Especialização em Gestão Pública Municipal

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. 276 p. ISBN 9788577171583 Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 28 de abr. de 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

AS AMIGAS DE MINHA MÃE: UMA RELAÇÃO ENTRE O OBJETO DE PESQUISA, ARTISTAS BRASILEIRAS E MULHERES DA FICÇÃO

LAS AMIGAS DE MI MADRE: UNA RELACIÓN ENTRE EL OBJETO DE
INVESTIGACIÓN, ARTISTAS BRASILEÑAS Y MUJERES DE LA FICCIÓN

Sandra Maria Costa dos Passos Colling (Feevale)¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo trazer elementos da pesquisa etnográfica sobre a relação entre mulheres em processo de envelhecimento e seus objetos de penteadeira, na região do Vale do Sinos-RS, fazendo uma analogia com as mulheres brasileiras que romperam tendências na arte, bem como com as apresentadas pela ficção, a fim de propor uma reflexão acerca do percurso da mulher na cultura brasileira. Autores como Halbwachs, Hall, Bosi, Priore, Velho, Favaro, entre outros, trazem fundamentos teóricos para esta investigação, que se desenvolve dentro da antropologia social, enquanto que sobre a ficção serão abordadas algumas personagens criadas por autores como Azevedo, Alencar, Andrade, Assis. Conceitos como memória, gênero, corpo, envelhecimento, identidade e cultura estão envoltos às falas das mulheres investigadas, em seu tempo e lugar. A visibilidade das mulheres e seus processos culturais promove a sensibilização para o reconhecimento e a valorização de suas manifestações.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Gênero. Ficção. Cultura.

Resumen: Este artículo tiene por objetivo traer elementos de la investigación etnográfica sobre la relación entre mujeres en proceso de envejecimiento y sus objetos de peine, en la región del Valle del Sinos-RS, haciendo una analogía con las mujeres brasileñas que rompieron tendencias en el arte, así como con las presentadas por la ficción, a fin de proponer una reflexión acerca del recorrido de la mujer en la cultura brasileña. Los autores, como Halbwachs, Hall, Bosi, Priore, Velho, Favaro, entre otros, traen fundamentos teóricos para esta investigación, que se desarrolla dentro de la antropología social, mientras que sobre la ficción se abordarán algunas personajes creadas por autores como Azevedo, Alencar, Andrade, Assis. Conceptos como memoria, género, cuerpo, envejecimiento, identidad y cultura están envueltos en las palabras de las mujeres investigadas, en su tiempo y lugar. La visibilidad de las mujeres y sus procesos culturales promueve la sensibilización para el reconocimiento y la valorización de sus manifestaciones.

Palabras clave: Memoria. Identidad. Género. Ficción. Cultura.

INTRODUÇÃO

Para se realizar uma pesquisa sobre mulheres em processo de envelhecimento se faz necessário o estudo de alguns conceitos, dentre eles gênero, corpo e cultura. Esta pesquisa trata de um estudo etnográfico, num olhar sobre as mulheres em processo de envelhecimento e sua relação com seus objetos de penteadeira, o que remete à questão da memória enquanto constituinte da identidade destas.

¹ Mestranda em processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Bolsista de pesquisa (CAPES). sandracolling@gmail.com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Esta investigação está intimamente relacionada a questões sobre a cultura brasileira, visto que as mulheres trazem em suas falas sua bagagem cultural e minúcias de seu espaço e tempo. As narrativas da trajetória destas mulheres retratam modos de vida, no contexto metropolitano urbano, na sociedade contemporânea. Mas as construções destas histórias abarcam caminhos oriundos de diversos lugares, tempos, culturas, etnias, o que abre a possibilidade de se pensar em camadas sociais distintas, com visões a partir de ângulos diferentes e, ao mesmo tempo, em situações comuns vivenciadas por estas mulheres, principalmente, no que diz respeito à luta por seus direitos. Não se pretende trazer verdades, mas suspender alguns conceitos, problematizando algumas questões.

Essas mulheres investigadas são parte do tecido histórico e social, assim como as artistas brasileiras e as mulheres que são apresentadas na ficção literária por autores diversos. E é esta relação que se pretende vislumbrar através desse trabalho.

REFLETINDO A PARTIR DE MULHERES REAIS E DA FICÇÃO

Para iniciar algumas suspensões, trago observações da rede de entrada em campo que venho realizando. Ela parte de uma mulher que, aos 25 anos, casada, com duas filhas pequenas, na década de 70, se desacomodou de sua residência e se lançou ao mercado de trabalho em uma cidade que não a sua, para complementar a renda familiar. Não bastasse isso, resolveu que faria um curso supletivo noturno para que pudesse aprender, “crescer como pessoa” como ela mesma frisa. A necessidade de complementação da renda neste caso, foi uma justificativa para ir em busca de algo mais, de seu espaço como mulher, ativa, atuante e portanto, viva.

Neste percurso entre profissão, estudos, cidades, outros desejos foram surgindo e alguns sendo aos poucos realizados. Um deles era o de fazer parte de um coral, pois era integrante da equipe de liturgia da igreja católica de seu bairro, mas tinha voz e vontade de cantar outras canções. As ocupações de outros espaços fez com que esta mulher ganhasse um novo olhar, outro estilo, conhecesse pessoas de diferentes idades, padrões sociais, estilos de vida, etnias e religiões: estava dada² uma outra mulher! Segundo ela, foi um tempo de muitos afazeres, pouco descanso, mas muitas conquistas. A circulação nestes vários lugares trouxe novas pessoas para seu círculo de amizade. E é neste grupo que a pesquisa irá se concentrar.

² Constituída no caso, uma mulher diferente a partir das vivências possibilitadas por meio de seu enfrentamento e desacomodação.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

“A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.” (Grifo do autor) (HALL, 2005, p. 39) As palavras de Hall têm nas relações entre as mulheres investigadas, um exemplo real dos percursos da construção de suas identidades.

Um importante elemento em comum entre estas mulheres é o fato de não terem repetido os arquétipos que as impuseram. Na década de 70, mulheres muito simples, algumas com condições precárias no aspecto socioeconômico, foram à luta inicialmente em função da questão financeira, se desvencilharam de suas funções puramente domésticas e buscaram alternativas para melhoria de vida. E isso ocorreu mesmo com a pressão imposta pela igreja e das cobranças da sociedade, exigindo uma posição submissa da mulher.

Este movimento de saída de casa para o mercado de trabalho tinha como pano de fundo a necessidade de romper com a narrativa imposta, provocar uma instabilidade, uma ruptura de padrão. E elas foram em busca de sua posição, mesmo que isso trouxesse dor, cansaço, havia uma disposição enorme na procura pela liberdade econômica, por fazer valer sua voz, seu esforço, sua capacidade de decisão. Pode-se afirmar que essas mulheres se narraram, se colocaram dentro de uma ordem subjetiva. Provocaram um deslocamento, começaram a enxergar o mundo e as coisas de outro lugar. Nos livros de literatura podemos ler narrativas que se assemelham à história de vida destas mulheres reais. É possível reconhecer os contos na malha social.

Dentre essas mulheres pesquisadas, existem diversas etnias, uma amplidão de costumes, gastronomia, lendas, gostos, estilos e modos de viver. Algumas casaram, outras não. Umas tiveram filhos, outras não e outras têm filhos falecidos. Suas idades variam entre 62 e 101 anos. Umas adoram viajar, outras preferem ler, e algumas elegem como prioridade a atividade esportiva. As práticas religiosas são também diversas: católica, evangélica, adepta ao Seicho-no-ie, luterana, sem confissão religiosa. O Brasil é um país sincrético. Sincretismo também é uma maneira de resistência.

Entre seus feitos existem rompimento de noivado, de casamento, mesmo sob forte ameaça, adoção de criança numa época que a mulher era obrigada a ter filho do próprio ventre, perda de filhos em situações trágicas, cirurgias de alto risco sem nenhuma pessoa para





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

acompanhar ou cuidar, mas o trabalho e a realização das coisas que desejavam nunca ficaram de lado. Coragem, objetivo e desejo de escrever sua própria história.

Quando ouvimos determinadas histórias devemos procurar ler e estudar como foi o percurso das mulheres, de forma geral. Há muito que entender sobre a pressão para a mulher ter filhos, por exemplo. E lembrar que

Para a mulher casada, gravidez era um sinal de honra; mesmo assim festejada e reconhecida em sua aparência, em sua imagem mais aceita socialmente, era comum o terror inspirado pelo parto: se ao nível das mentalidades coletivas, a dor e o sofrimento eram o castigo que Deus infligira a todas as parturientes pelo comportamento ambíguo de Eva no Éden, que homenagens, que prestígio, que honras efêmeras podiam apagar da mente daquelas mulheres grávidas o perigo que representavam - para ela e para o filho - o momento parto e o período que a ele se seguia? (FAVARO, 2002, p. 56)

Histórias eram criadas para que as mulheres fossem obrigadas a seguir o que era dito. Estes são apenas alguns detalhes sobre a história da mulher e a relação com os relatos das mulheres que fazem parte da rede de amizade de minha mãe. Quando se reflete sobre a narrativa de cada uma delas pode-se pensar que elas têm muito mais “amigas”. Amigas que vieram antes, junto e depois delas.

Dentre as amigas que vieram antes, muitas desbravadoras, algumas poucas tratadas como heroínas pela história, muitas esquecidas e injustiçadas, assassinadas, incendiadas. Mulheres, simplesmente mulheres. Mulheres que desejaram seu lugar, viver sua trajetória, nem mais nem menos, viver. O exemplo dessas mulheres precisa servir a cada um de nós. Elas devem continuar tendo sonhos e condições para realizá-los. São estes desejos que impulsionam a vida. E como os objetos marcam este lugar na vida de cada uma? “Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade.” (BOSI, 1994, p. 441)

Algumas conseguiram êxito em seu propósito, outras não. Conheci a história de uma mulher, que tentou se libertar de um marido opressor e, que sem força para lutar, em seu silêncio, aprisionada pelas questões de sua religiosidade, acabou sendo assassinada pelo marido que, após, se suicidou. Fatos assim demonstram que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Vista como uma soma desarrazoada de atributos positivos e negativos, cujo resultado nem mesmo os recursos científicos cada vez mais sofisticados poderiam prever, a mulher transformava-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento de seu papel social de esposa e mãe; o que garantiria a vitória do bem sobre o mal, de Maria sobre Eva. Se a mulher estava naturalmente predestinada ao exercício desses papéis, a sua incapacidade e/ou recusa em cumpri-los eram vistas como resultantes da especificidade da sua natureza e, concomitantemente, qualificadas como antinaturais. (ENGEL, 1997, p. 332-333)

E como antinaturais recebiam ordens, privações, eram submetidas a todo tipo de aprisionamento, inclusive em sanatórios. O que se percebe é a dominância de um poder já instaurado sobre o outro, sem as mínimas condições para que pudessem se opor.

Assim, se os problemas dos homens pobres derivavam de sua inveja dos ricos (portanto, uma questão sociocultural), os de todas as mulheres independentemente de sua condição social, eram devidos à sua natureza (condição irreversível e - pior - imutável). Colocada a questão natureza versus cultura, tornava-se fácil a manutenção do modelo dominante. (Grifo da autora) (FAVARO, 2002, p. 55)

Porém, é importante frisar sobre aquelas que antecederam essas. Tanto as reais quanto as ficcionalizadas. Há todo um caminho percorrido e as pequenas conquistas servem de apoio para as próximas. Principalmente se considerarmos além da memória individual, a memória coletiva.

Pois

Se essas duas memórias se interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância. (HALBWACHS, 2003, p. 71-72)

Então, podemos compreender o fato de que cada mulher, em seu tempo e lugar, tem um percurso único, mas que pode influenciar direta ou indiretamente no caminho de outras mulheres. Tal pensamento é simples e complexo ao mesmo tempo. Às vezes é preciso uma pausa na escrita e na leitura para sentir a profundidade destas relações. E também pensar no impacto que a palavra feminismo provoca, em vários sentidos, pois gera estranhamento naqueles que não compreendem sua historicidade, seu significado e origem.

Para Hall, o feminismo surgiu simultaneamente com outros movimentos libertários. Movimentos estes que eram contrários ao capitalismo do Ocidente e à política imposta por Stalin no Oriente. O feminismo trouxe para a política as questões sobre trabalho doméstico, sexualidade, família, direitos das minorias. E com uma forte posição cultural. Para se refletir





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

sobre a representação do feminino no espaço público e privado. E sobre isso, Hall traz que a nação é um sistema de representação cultural porque as pessoas participam da ideia de nação como ela é difundida pela cultura nacional, o que concebe um sentimento de observância, respeito e identidade. Houve um deslocamento de identificação, das comunidades ao nacional, começando pela unificação da língua, pelos símbolos, religião, entre outros aspectos. A cultura é um modo de produzir sentidos e estes constroem identidades. Por isso a importância da narrativa. É essencial que as mulheres possam se narrar em qualquer tempo e lugar.

Pensemos agora em mulheres artistas. Vamos citar apenas algumas brasileiras: Tarsila do Amaral, Anita Malfati, Tomie Otake. Outras não foram consagradas, tiveram roubados de suas mãos os pincéis que utilizavam, bem como suas próprias assinaturas e pensamentos. “Submetida à vontade alheia, tanto na gestão de seu corpo, como nas relações sociais e econômicas, é natural que a identidade da mulher desaparecesse no anonimato, no interior do vínculo matrimonial.” (FAVARO, 2002, p. 58) É contra este tipo de naturalização que devemos lutar.

Anita Malfati traz um rompimento estético, a não definição do cenário, o não centramento da mulher urbana por meio de seu olhar, quebrando com o que está posto. Tarsila mostra a pluralidade, elementos da marginália em sua produção pictórica, também a valorização da ancestralidade, cenário de não-lugares, o seio nu da negra que alimentou a nação brasileira. Tomie Otake buscou espaço através de novas formas, posicionando-se com firmeza e profissionalismo.

Na música, Chiquinha Gonzaga e Marisa Monte são marcas de diferentes tempos, mas que expressam a mulher brasileira ocupando o espaço pra narrar através da palavra e da voz, carregadas de sentimento e de sentido. Trazem o seu discurso, abrem caminhos para se pensar de outro modo, num lugar onde ética e estética se fundem. Os movimentos nos constituem assim como a arte, em suas diversas áreas, conduz a história.

Partindo agora para a ficção. Aquelas personagens que contaram, contam e contarão em seu período e local, a história de muitas mulheres. De todos os tempos e lugares. É preciso ficcionalizar para compreender a realidade. Assim, pode-se pensar em *Iracema*, com todo retrato da dor da existência, a questão do imaginário, da resolução da violência pelo amor, o que pode ser muito perigoso à medida em o lugar que está posto não pode ser transposto.





Rita Baiana que, através de sua narrativa, provoca desejo. Bertoleza, escrava, com a força, também representa outros aspectos da mulher. Na obra *O Cortiço*, Aluísio de Azevedo retrata os arquétipos do fruto, do corpo, da casa e as relações africanas com a comida. De modo naturalista, com o instinto sobre a emoção, mostra uma nação exploratória, com uma realeza simulada, pois compraram seus títulos, enquanto isso, a periferia está para fora da borda, o país caminhava para a urbanização e as ações higienistas eram tratadas como naturais. São vestígios do trajeto de nossa cultura, apresentados pela literatura.

O humano narra e, quando o faz, cria cultura. Pode-se contar sobre a situação, o espaço, o tempo, as relações, nós, o outro, eu. Toda relação de colocar-se no mundo é enunciativa. Quando quem está à margem se narra, há o efeito responsivo, muda a ordem, criam-se fissuras e as coisas se desestabilizam, há um rompimento da enunciação, um deslocamento da produção.

Desta forma, pode-se compreender a necessidade de fazer parte das transformações pessoais e coletivas, principalmente em relação às mulheres, pelo fato de estar pensando de modo especial, nelas. A mulher precisa desempenhar seu papel, sem repressões, ameaças e sufocamento. E, através de sua narrativa, pode se ressignificar pois é “através das interações dos indivíduos desempenhando e reinventando papéis sociais que a história se desenrola.” (VELHO e VIVEIROS DE CASTRO, 1978, p. 8)

CONCLUSÃO

É importante que nós pesquisadores compreendamos o compromisso que temos com nossa investigação, pois estaremos rompendo com uma narrativa anterior sobre nosso objeto e sempre pensar sob qual discurso nos constituímos. Questionar de onde, para quem e como eu anuncio minha narrativa. Pois precisamos escrever, contar, relatar aqui e agora, diferente do que nos colocaram anteriormente. E estas mulheres estão fazendo isso diante de seus objetos de penteadeira.

Como o objeto desta pesquisa são as relações destas mulheres com seus objetos guardados, suas relíquias, surgirão elementos de suas memórias, que constituem a identidade de cada uma. E junto a isso, tem a questão do processo de envelhecimento e que deve ser considerado com extrema atenção pelo fato de ser um constructo social. Só teremos longas trajetórias a serem narradas, se tivermos idosos, assim como pretendemos envelhecer, e não há quem não queira, evidentemente com qualidade de vida. As mulheres que participam dessa





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

investigação possuem uma trajetória e estes registros poderão trazer uma nova luz a elas mesmas e a muitas outras que irão ler suas histórias.

Além disso, pode-se considerar que há necessidade de se conhecer a história das mulheres por suas próprias vozes. Assim, teremos mais mulheres artistas em evidência e as da ficção serão criadas pelas próprias mulheres. Como a cultura é um processo dinâmico, em constantes rearranjos, se faz necessário espaço para a sensibilização e a visibilidade da mulher possibilitando a valorização de suas manifestações.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. O guarani ; **Iracema** ; Ubirajara: romance brasileiro. São Paulo: BNDigital do Brasil, 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. - 35 ed. - Rio de Janeiro: Record, 2006.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa**. LEITE NETO, A.; CECÍLIO, A. L.; JAHN, H. (Orgs.). 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4v.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. - 3 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMINHA, Adolfo. **Bom crioulo**. - 8 ed. - São Paulo: Ática, 2013.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: PRIORE, Mary Del. (org) **História das mulheres no Brasil**. - 2 ed. - São Paulo: Contexto, 1997.

FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GULLAR, Ferreira. **Poema sujo**. - 3 ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. - 10 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VELHO, G. e VIVEIROS DE CASTRO, E. B. P Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica. **Artefato Jornal de Cultura**, n. 1, Jan, 1978.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

EDUCAÇÃO ALÉM DAS FORMALIDADES: DIVERSIDADE DE GÊNERO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

EDUCATION BEYOND FORMALITIES: GENDER DIVERSITY AND PEDAGOGICAL PRACTICES

Shirlei Alexandra Fetter (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)¹
Raquel Karpinski Lemes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)²

Resumo: Apresentamos como temática central a proposta dialógica da diversidade de gênero no espaço educativo enquanto prática pedagógica. Na contemporaneidade, tem-se discutido acerca da diversidade de gênero. Conseqüentemente, as pessoas podem se identificar-se não apenas como homem ou mulher, entretanto, da melhor maneira a qual lhe representa. Diante do exposto, o objetivo apresenta-se sobre uma discussão em relação as propostas de trabalho realizadas por docentes, considerando a diversidade de gênero no ambiente escolar. Enquanto metodologia buscou-se descrever conceitos de formalidade educativa e diversidade de gênero. Além de ser, inicialmente uma pesquisa bibliográfica, a fim de esclarecer conceitos, também contou com a colaboração de cinco profissionais da educação. Ambos atuam do terceiro ao quinto ano no ensino fundamental de uma escola pública municipal. Os resultados encontrados evidenciam a desqualificação profissional em abordar a temática em suas atividades pedagógicas, por deixarem de exercer habilidades que antes eram essenciais à profissão: planejamento, elaboração do currículo, ensino para grupos específicos com base no conhecimento íntimo dessas pessoas, entre outras. Conclui-se que o espaço educativo, enquanto instituição de direito e capacidade de despertar as razões da existência humana, deve proporcionar ao sujeito a superação de seus anseios e medos, satisfazendo suas necessidades e aspirações.

Palavras-chave: Educação. Diversidade de Gênero. Atuação Profissional.

Abstract: We present as central theme the dialogical proposal of the diversity of gender in the educational space as pedagogical practice. In contemporary times, there has been a discussion about gender diversity. Consequently, people can identify themselves not only as men or women, however, in the best way it represents them. In view of the above, the objective is a discussion of the work proposals made by teachers, considering the gender diversity in the school environment. The methodology sought to describe concepts of educational formality and gender diversity. In addition to being initially a bibliographical research, in order to clarify concepts, it also had the collaboration of five education professionals. Both work from the third to the fifth year in elementary school at a municipal public school. The results show the professional disqualification in approaching the theme in their pedagogical activities, for failing to exercise skills that were once essential to the profession: planning, curriculum development, teaching for specific groups based on the intimate knowledge of these people, among others. It is concluded that the educational space, as an institution of law and capacity to awaken the reasons for human existence, should provide the subject with overcoming their desires.

Keywords: Education. Gender Diversity. Professional performance.

¹ Aluna integrante do Projeto de Educação Continuada vinculado ao PPGEDU-UFRGS. Possui Mestrado em Desenvolvimento Regional. fettershirlei@gmail.com

² Aluna integrante do Projeto de Educação Continuada vinculado ao PPGEDU-UFRGS. Possui Mestrado em Educação. raquelk@faccat.br





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea constitui-se, historicamente, por exclusão social. Pensar esse processo dentro da instituição de ensino nos impede, também, de pensar na composição da sociedade. Partindo em busca de compreensão sobre como as atitudes sociais se constituem e ocasionam pensamentos acerca dos acontecimentos, do e no mundo, buscamos trazer à discussão questões de diversidade de gênero na educação, sob a luz da teoria de Paulo Freire.

A instituição escolar foi constituída na história da humanidade enquanto espaço de socialização do conhecimento formal. O processo de educação vai além do formal, uma vez que possibilita novas formas de pensamento e de comportamento: por intermédio das artes e das ciências, o ser humano transforma sua vida e a de seus descendentes. A escola é, assim, um espaço de ampliação da experiência humana, devendo, para tanto, não se limitar às experiências pedagógicas imobilizadoras, mas buscar metodologias que disseminem e dialogam com o conhecimento contemporâneo.

Para Freire (1996), educação no Brasil tem por fetiche o social, reproduzindo a desigualdade, a marginalização e a miséria. Baseados nessas reflexões, apresentamos como objetivo a discussão em relação às identidades de gênero, com especial ênfase na teoria freiriana. Para contemplá-lo, desenvolvemos o estudo baseado na perspectiva qualitativa, a qual abrange o entendimento da ocorrência dos fatos a que o objetivo se propõe. Para isso, é essencial a abordagem crítica sobre as ações afirmativas que expressam a diversidade de gênero, em específico, no ambiente educativo.

Entendemos que as relações de gênero - incluídas no currículo da escola - são fundamentais, buscando contribuir para a promoção da igualdade, na medida em que promovem o respeito à diversidade. Partimos do pressuposto de que a escola, enquanto espaço social, pode proporcionar a convivência com a diversidade. Estimamos, também, esse espaço como vantagem para a discussão de questões referentes à diversidade de gênero.

DIVERSIDADE DE GÊNERO E INCLUSÃO ESCOLAR

A diversidade caracteriza-se como uma das preciosidades do ser humano; a existência das diferenças entre as pessoas encontra-se em diferentes espaços e territórios, apresentando modificações, de acordo com as culturas existentes. Conforme o artigo 2º da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948 (UNICEF, 1948) em nenhum





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

momento, deve haver discriminação por raça, cor, gênero, idioma, nacionalidade, opinião ou qualquer outro motivo. Como desenvolvido por Souza (2007), o surgimento da diversidade cultural e as alterações expressadas a partir dos anos 1990 emergiram propostas de intervenção pedagógica escolar, que procurassem apresentar estratégias e significações às práticas e concepções.

O termo diversidade é constituído pela variedade e diferença que se apresenta entre alguns aspectos e sobre as suas quantidades. Para McLaren (2000), a questão de diversidade trata sobre a ênfase reflexiva a respeito do processo – pelo qual se constitui e se afirma a preponderância de alguns grupos humanos sobre os outros. Nesse sentido, o autor busca o questionamento sobre os privilégios que se apresentam nas relações sociais. Em relação aos grupos culturais existentes a multiplicidade e a diversidade cultural, apresentam-se caracterizadas pela vital importância da integração, que se desenvolve em respeito à generalidade.

Diante da pluralidade contemporânea, tomemos como exemplo as relações de gênero na qual Corrêa (2003) identifica que, na atualidade, perante à diversidade sexual, docentes e discentes ainda não dispõem de atividades que superem as práticas preconceituosas. Segundo a autora, para além das dificuldades de aceitação e convivência com a pluralidade sexual, permeiam as questões em que “a sexualidade como um todo é exorcizada da vida escolar” (CORRÊA, 2003, p. 133).

Paulo Freire (1996) trata de esclarecer que a necessidade de conscientizar o docente sobre o seu papel problematizador da realidade do educando. Lembra, ainda, da importância da educação em não ser um instrumento disciplinador de condutas, por meio da repreensão - costume que sempre predominou durante muitos anos, de forma explícita, por castigos físicos e morais e, hoje, de maneira disfarçada, por intermédio de uma repressão psicológica.

As atividades, desenvolvidas no cotidiano da sala de aula, necessitam oportunizar a reflexão e a concepção sobre a exclusão social. Identificar na sociedade sua descrição histórica é um salto importante em busca de disposição crítica; é transformar-se diante da realidade preconceituosa, por meio do trabalho educativo. Quando o tratamento ao assunto der início às considerações e às relações de gênero, assim poderão ser percebidas as características culturais consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas, que correspondem às relações de poder (AUAD, 2006, p. 19).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

No entendimento de Freire (2003), o processo de desintoxicação da opressão se faz necessário no sentido de acontecer cuidadosamente, com a finalidade de que os opressores não venham a serem novos oprimidos. O processo de liberdade deve ser visto e sentido por ambas as partes, isto é, por professores e alunos.

O diálogo entre educador e educando começa em seu planejamento sobre o conteúdo programático, quando questiona o que vai refletir com seus alunos, mas esse conteúdo não pode estar dissociado do cotidiano dos alunos, ou seja, precisa ter uma relação com o que eles vivem no mundo atual (FREIRE, 2003). Destacamos, nesse primeiro instante, o compromisso e a necessidade de tomar a esperança, partindo do princípio de que o educando traz consigo a “experiência feita”, e ter na e pela educação seu espaço dialógico. Sendo que, por meio das relações históricas, econômicas e sociais é perceptível a real importância que a educação tem.

Para Freire (2003), o homem é um ser social e, por isso, a consciência e transformação do meio deve acontecer em sociedade, por isso as questões que se referem à sexualidade não se limitam ao individual. Pelo contrário, buscam compreender as atitudes e valores coletivos, considerando a necessidade de contextualizar os aspectos culturais. Por meio das relações é que se define – por exemplo – as relações de gênero, ou seja, entre o que homens e mulheres podem e devem fazer, devido ao fato de serem do sexo masculino ou feminino.

É considerável a postura de educadores que fazem necessárias reflexões, as quais busquem os valores democráticos em relação às questões de gênero. Por meio do trabalho pedagógico, podemos transmitir a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um. Compreendemos que, na sociedade, não existem índices para medir a homofobia, o que “na verdade há é um desejo em eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão” (BENTO, 2008, p. 129).

Em contrapartida, as práticas desenvolvidas por educadores estão – de certa forma – contextualizadas por mecanismos de produção, considerados por Fernandes (2008) como reprodução e consumo das ideologias vigentes. Nesse sentido, Freire (1996) questiona a função de educador autoritário e conservador, que não permite a participação e integração dos educandos, suas curiosidades, insubmissões, bem como as suas vivências adquiridas no decorrer da vida e no seu meio social. Coloca vários argumentos em prol de um ensino mais democrático entre educadores e educandos, tendo em vista que somos seres inacabados, em constante aprendizado e transformações.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O conceito de gênero nos apresenta as representações sociais que ainda predominam na contemporaneidade. O uso dessa concepção consentiu no abandono da explicação entre as diferenças existentes, os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Tal demonstração revela que muitos discursos docentes e/ou institucionais estão recheados de moralidade e diálogo sobre as diferenças. As dificuldades em abordar esse assunto no cotidiano escolar se encontram alicerçadas em barreiras constituídas na exposição de ideias preponderantes, contribuindo para a perpetuação de práticas e significações estereotipadas e excludentes (MADUREIRA, 2007).

Tal exposição anterior volta-se para a teoria do pensar certo, isto é, descobrir e entender o que está escondido nas coisas e nos fatos que observamos, analisamos e vivenciamos (FREIRE, 2003). Constantemente, as diferenças de forma de tratamento às pessoas, em relação ao seu nível social, debruçam-se à negação do outro.

Entretanto, Freire (1996) nos leva a conscientização de educar é também respeitar as diferenças sem discriminação, dado que esta é imoral – nega radicalmente a democracia e fere a dignidade do ser humano – e qualquer forma de discriminação deve ser rejeitada.

Contudo, a reflexão sobre a diversidade na escola é um processo amplo que se situa no avanço de novos movimentos, que impactam e enaltecem a diversidade nas relações de gênero. Balestrin (2007) verificou que as representações sociais – presentes – focam na diversidade dos sujeitos. Trazer este tema à discussão na escola é fundamental. Assim, como afirma Sabat (2004, p. 98), “é precisamente a representação que nos permite relacionar a educação com a produção de identidades de gêneros”. Tanto as considerações a realizar na escola quanto as de relações estabelecidas socialmente nos exibem maneiras específicas sobre a feminilidade e a masculinidade, apontando as formas “corretas” de relacionamento socialmente desejável, para uma convivência integrada na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tanto a instituição de ensino - de modo especial - a educação em sua condição de completude, apresenta-se como ferramenta para que se constitua a nossa sociedade que, ao mesmo tempo em que contribui para manter e reproduzir as desigualdades entre os gêneros, também componham um importante mecanismo de mudança de aproximação a uma condição mais igualitária entre homens e mulheres. No Brasil, o investimento em políticas de ação





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

afirmativa começou com intenção de eliminar desigualdades historicamente surgidas, garantindo, assim, a igualdade de gêneros.

Dar significância às relações de diferenças no espaço escolar requer atenção à variedade e a maneira como se produzem os significados dos comportamentos. Construções diferenciadas, como diversidade de gênero, apresentam questões contextualmente existenciais resultando na desigualdade e nas diferenças exploradas pela opressão do igualitarismo, apontado pelas formas “democráticas” de relacionamentos em sociedade. Ou melhor, instiga-se a não identificar o estranho como o diferente, mas de pensar que estranho é ser igual.

Acredita-se na educação disposta a assegurar a diversidade humana necessita de exercícios, tolerância e respeito ao convívio com a diversidade, isso, remete a olhar o outro com olhos de sensibilidade e disposição de alteridade.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos:** relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

BALESTRIN, Patrícia Abel. **Onde está a sexualidade:** representação de sexualidade num curso de formação de professores. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/11083>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade.** São Paulo; Brasiliense, 2008.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 27/09/2017.

CORRÊA, Lisete Bertotto. **A exclusão branda do homossexual no ambiente escolar. 2003.** 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3665>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

FERNANDES, Daniela Mota. **Investigando a sexualidade de professoras:** suas histórias, saberes e práticas. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13717>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática.** 2007. 428 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf>. Acesso em 13 jun. 2017.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: Pedagogia do dissenso para o novo milênio.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SABAT, Ruth. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosangela. **Corpo, gênero e sexualidade.** Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 95-106.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, Márcia Maria de. **Construindo a inclusão da temática educação sexual no projeto político pedagógico de um colégio público de Goiânia.** 2007. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Programa Multi-institucional de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - Convênio Rede Centro-Oeste (UnB/UFG/UFMS), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5639>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

UNICEF. **Declaração dos direitos humanos:** adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em: 23 mar. 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ELEMENTOS DO CINEMA NO YOUTUBE: A CULTURA DA CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS NO CANAL DE DANIELLE NOCE

ELEMENTS OF THE CINEMA ON YOUTUBE: THE CULTURE OF THE
CONVERGENCE OF MEDIA ON THE CHANNEL OF DANIELLE NOCE

Suelen Backes (PUC/RS)¹

Resumo: Com o crescimento do YouTube como plataforma de conteúdo on-line e um número expressivo de pessoas que têm realizado o sonho de viajar, percebe-se um aumento no interesse pela produção de conteúdos em formato de vlogs de viagens, em que pessoas comuns têm a oportunidade de compartilhar na rede, através de vídeos, as suas experiências mundo a fora. Alguns deles se diferenciam, pois contam com equipamentos, formação especializada e referências que permite que aquele conteúdo, além de informar e entreter, seja produzido e reconhecido por conter elementos estéticos utilizados primeiramente no cinema. É o caso dos vlogs de viagem da Islândia do canal da youtuber Danielle Noce, que desde 2016 modificou a forma de apresentar os lugares e experiências, com uma linguagem visual editada, com base no cinema.

Palavras-chave: YouTube. Vlog de viagem. Cinema. Danielle Noce.

Abstract: With the growth of YouTube as an online content platform and an expressive number of people who have realized the dream of traveling, there is an increase in interest in the production of content in the form of travel vlogs, in which ordinary people have the opportunity to share their experiences in the outside world through video on the network. Some of them differ because they have equipment, specialized training and references that allows the content, besides informing and entertaining, to be produced and recognized for containing aesthetic elements which were used primarily in the cinema. This is the case of Iceland travel vlogs on Danielle Noce's YouTube channel, which since 2016 has modified the way of presenting places and experiences with an edited visual language based on the cinema.

Keywords: YouTube. Travel Vlog. Cinema. Danielle Noce.

INTRODUÇÃO

Com o fácil acesso à Internet, equipamentos de áudio e vídeo cada vez mais acessíveis e a criação de novas redes sociais, enquanto novas modalidades de interação entre produtor e receptor, vêm ocorrendo um grande impacto na cultura e no comportamento das pessoas como consumidores de informação e de entretenimento. A Internet possibilita mais liberdade aos indivíduos, que passaram a ter a opção de escolher os conteúdos que vão assistir e determinar quando os consumir. Além disso, os vídeos podem ser comentados e compartilhados em outras redes sociais, fazendo com que as informações circulem na rede.

¹ Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS (Porto Alegre/RS). Bolsista de pesquisa (CNPq). Jornalista. E-mail: su_backes@yahoo.com.br.





Neste cenário, percebe-se também um interesse maior de pessoas que consomem conteúdo do YouTube por vlogs de viagens. Eles estão cada vez mais elaborados, atendendo a demanda desse público exigente, mas num formato “vida real”.

Como case, o presente artigo utiliza a metodologia de estudo de caso, em que analisa os vlogs da viagem à Islândia, do canal da influenciadora digital Danielle Noce, em 2016, que passou a utilizar elementos do cinema na sua edição e que tem o reconhecimento do público que a acompanha por isso. Esse foi o primeiro roteiro produzido pelo canal com uma direção diferenciada, atenta aos detalhes e que contou com o apoio tecnológico de um drone na captação de imagens. Além disso, faz-se uma reflexão sobre a importância da escolha da trilha sonora, que dita a edição dos vídeos; e o interesse do público por vlogs de viagens bem produzidos.

VLOGS DE VIAGEM

A Internet representa uma síntese dos meios em seu entorno: a fotografia, as imagens, gráficos, desenhos, o texto, a estética, entre outros. Muito comum, hoje, especialmente com o subsídio de plataformas como o YouTube, os vlogs de viagens são feitos desde a virada do século XIX para o XX, conhecido como “travelogue”, ou filme de viagem. Nessa época, viajar era uma atividade para poucos e o travelogue tinha o objetivo de dar acesso ao espectador a diferentes partes do mundo.

O sentido dos vlogs de viagens como são conhecidos hoje ainda é o mesmo do travelogue, mas a diferença é que as viagens se tornaram possíveis para muitas pessoas. A esse respeito, Ilana Feldman (2008) explica que: “[...] o que se percebe hoje é a tentativa, por parte do cinema e da televisão, de incorporar uma espécie de produção audiovisual menos domesticada, justamente pelo valor de mercado que um tipo de “realismo-naturalista” tem adquirido” (FELDMAN, 2008, p.61).

As narrativas do audiovisual, que vão desde o cinema, a televisão e a Internet têm seguido uma “estética do acontecimento”, com personagens verdadeiros e acontecimentos em que o real e o irreal se mesclam. No contexto do fácil acesso aos dispositivos móveis, a produção de conteúdos on-line é uma realidade e um segmento que cresce cada vez mais. Esse formato de comunicação vem passando por uma “cultura da convergência”, que Henry Jenkins (2008) lembra: “é onde as velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2008, p. 29).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Não existe uma fórmula para o sucesso de canais de YouTube que tratam de vlogs de viagem. Jean Burgess e Joshua Green (2009) compartilham a ideia que “o ato de vlogar compartilha dessa ênfase na vivacidade, imediatismo e comunicação direta, e também é importante para o entendimento da especificidade no YouTube” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 79). Há, no entanto, uma preocupação em estabelecer empatia com o público através da linguagem, do formato – que se aproxima ao de um *reality show* – e da edição. Jenkins salienta ainda que

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços de fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (JENKINS, 2008, p. 30).

Entendendo a importância das referências do cinema em produções alternativas como é o caso do YouTube, Lia Bahia (2010), explica que

[...] há cada vez mais necessidade de se investir na colaboração dos meios para a própria sobrevivência e fortalecimento do audiovisual nacional. São cada vez mais frequentes os produtos audiovisuais que utilizam das potencialidades dos diversos meios. Assim, diferente de anos de 1980, quando a prática da colaboração entre cinema e televisão e os produtos de “trânsito” eram considerados exceção, nos anos 2000 eles parecem ser uma tendência irreversível no campo audiovisual (BAHIA, 2010, p. 56).

Se existe um novo comportamento social, um novo modo de viver, as pessoas vêm também sofisticando a maneira de entrar em contato com o outro. O consumo de entretenimento na Internet também vem sendo modificado. No caso dos vlogs de viagens, eles são cada vez mais produzidos de forma em que o personagem viva o que o espectador possivelmente gostaria de estar vivendo. Por isso, também o interesse do público nesse tipo de produto.

CANAL DE DANIELLE NOCE NO YOUTUBE

Danielle Noce, ou simplesmente Dani Noce, 34 anos, é brasileira, mas após já ter morado em Florianópolis, Florença (Itália), Londres e Paris, escolheu São Paulo para fixar residência. Se descreve como “estilista por formação, youtuber por profissão e confeitadeira por amor”. É graduada em Moda, conta com MBA de Gestão do Luxo e fez curso de teatro e preparação de atores para cinema.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Depois de já ter tido um negócio próprio e ter trabalhado em funções distintas, em meados de 2011, Dani Noce se apaixonou por blogs, YouTube e as possibilidades da Internet. Interessada pela gastronomia, neste ano lançou seu primeiro site, o *I Could Kill for Dessert*. Nessa época, a influenciadora já era casada com Paulo Cuenca, que é graduado em Cinema, seu sócio e atua como diretor e produtor dos vídeos do canal.

Embora, tivesse interesse e curiosidade em elaborar os pratos apresentados na plataforma, Dani era muito atrapalhada e as receitas não davam muito certo. Por mais que Paulo estivesse por trás das câmeras, ele sempre fazia alguma brincadeira sobre o jeito atrapalhado da esposa. A interferência do marido nos vídeos tornava o conteúdo descontraído e era (e ainda é) o diferencial do canal. Entendendo que precisava aprimorar seus conhecimentos, o casal se mudou para Paris, onde Dani foi estudar confeitaria em uma das escolas mais conceituadas da área, a Lenôtre.

Depois de dois anos na França, a dupla retornou para São Paulo e desde então se dedica ao canal no YouTube, o Danielle Noce, que hoje conta com uma base de mais de 2 milhões de inscritos e vídeos postados três vezes por semana, sobre receitas, *lifestyle* e viagens. Além disso, ela conta com o site www.daninoce.com.br e está presente em várias redes sociais.

Os vlogs de viagens foram incorporados ao conteúdo do canal, pois o casal sempre gostou de viajar e já era uma rotina três vezes por ano fazer esses passeios (MEIO & MENSAGEM, 2017). Pensaram que podiam transformar esses momentos em conteúdo e comercializar os roteiros em parceria com marcas.

VLOGS DA ISLÂNDIA

Com o objetivo de comemorar os dez anos de casamento, em março/abril de 2016, Dani Noce e Paulo Cuenca viajaram para a Islândia. Era a segunda vez deles nesse país. Durante a viagem, além das câmeras habituais, o casal utilizou o recurso de um drone para captar mais imagens.

Acompanhando os vídeos, é nítido que pelo fato de Danielle ter estudado moda e Paulo cinema, eles entendem de planos e de enquadramentos. Como segredo do sucesso dos vídeos dessa viagem, eles explicam que ao trazerem mais variação de emoção e de movimento aos vlogs, sofisticam o material. Além disso, fizeram o exercício de buscar músicos e bandas locais e, por meio dessas trilhas, na maioria das vezes bem diferente do que o público brasileiro que





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

os acompanha costuma ouvir, deu o tom da edição e isso é motivo de inúmeros comentários por parte dos seguidores. A esse respeito:

[...] essas renovadas narrativas do espetáculo – pautadas pelo permanente incremento dos efeitos de adesão e identificação, bem como uma função de mediação social por elas exercidas – não dizem respeito a uma organização formal da imagem, que seria “espetacular”, mas à construção de uma impressão de autenticidade cada vez mais intensa e eficiente, a partir da “precariedade” das formas, do gesto amador e da produção de novas transparências (FELDMAN, 2008, p. 63).

Paulo criou uma conta no Spotify – serviço de *streaming* de música –, em que disponibiliza para os seguidores as trilhas utilizadas nos vlogs. Percebe-se nos comentários muitos elogios em relação aos sons e o público demonstra interesse em conhecer mais e consumir essas músicas. Ou seja, os influenciadores conseguiram fazer com que o conteúdo ultrapasse o YouTube, gerando uma interface de plataformas.

Todo o trabalho de produção e gravação de conteúdo é feita pelo casal. Paulo conta com o recurso de várias câmeras para ter a liberdade de experimentar imagens e planos. No entanto, eles contam com uma equipe de quatro editores na produtora Enfim Filmes – negócio próprio –, que faz a edição desses vídeos. A dupla diz que o trabalho é “vivo e colaborativo”, ou seja, por mais que eles tenham pensado e discutido como querem os vídeos, sempre fazem reunião com os editores que trazem contribuições. Sem contar que estão atentos às sugestões do público que acompanha o canal.

Eles também aproveitaram a viagem para explorar um outro tipo de edição, num dos vídeos feitos após a viagem, em que eles contam desde a preparação, o roteiro, e o melhor e o pior da viagem (NOCE, 2016). Paulo diz que eles têm obsessão por planos e que gostam de transitar entre o sensorial e o “freak”, que seria algo diferente, divertido e inusitado (SIGNIFICADO, 2011-2018). Para quem assiste os seus vídeos de viagem tem a sensação de estar viajando com eles e sentir o que eles estão vivenciando.

A dupla é muito elogiada pelo público nos comentários. Algumas pessoas escrevem até que a “fotografia dos vlogs é linda” e em vários momentos, eles explicam que nos vídeos não há fotografia, pois não utilizam elementos como a iluminação, ou a chuva artificial para criar os cenários. Eles dizem que é tudo real, mas claro, existe um planejamento prévio do que eles querem mostrar para o público, bem como o conhecimento técnico das lentes específicas para cada enquadramento ou efeito que querem dar, mas tudo isso pensando de forma que fique esteticamente bonito e que quem estiver assistindo tenha a sensação de estar presente no local.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Existe também uma preocupação por parte de Dani e do Paulo em manter uma programação fixa no canal. Ou seja, no YouTube, os seguidores sabem que toda semana receberão notificação de três vídeos com conteúdos distintos, o que faz com que o público tenha maior engajamento. Muitas vezes, as pessoas comentam coisas, como: “fiquei feliz ao receber a notificação de vídeo novo”, “fui o primeiro a assistir” ou “fui o primeiro a comentar”, e ainda “fiquei feliz, porque hoje entrou um vídeo novo no canal”, e isso tudo aproxima o casal do público.

Além disso, os vlogs nunca são publicados enquanto eles ainda estão no destino, pois é do interesse do canal que o conteúdo seja editado, diferente de outros produtores que não têm esse objetivo, mas que também têm seu público interessado. Estar atento às contribuições do público favorece o engajamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que os youtubers são pessoas comuns, que produzem conteúdo a partir das suas vivências e experiências pessoais e quando são eles mesmos que gravam e produzem esse material, tornam os vídeos mais próximos da realidade de quem consome essas informações. No caso de Dani Noce e Paulo Cuenca, o fato de terem conhecimento técnico, possuírem equipamentos diversos e adequados às suas inovações e curiosidade por cinema, traz bagagem para os vídeos e possibilita a diferenciação dos conteúdos, o que é bem aceito pelo público que os acompanha.

Os vlogs analisados são exemplos do que pode ser chamado de “estética do acontecimento”: são personagens verdadeiros, em situações em que o real e o irreal se mesclam. E, nesse contexto, as técnicas utilizadas tradicionalmente no cinema, cada vez mais, podem ser vistas em conteúdos on-line, no YouTube, fazendo com que os receptores dessa informação tenham acesso e possam aplicá-las nos seus materiais, modificando a cultura tradicional das mídias.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Lia. Formação do campo audiovisual brasileiro: reflexões sobre a relação entre cinema e televisão no Brasil. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.23, p.45-58, ago.2010.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FELDMAN, Ilana. O apelo realista. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.36, p.61-68, ago.2008.

MEIO & MENSAGEM. “Criadores têm que entender que a plataforma não é nossa” | Entrevista Dani Noce e Paulo Cuenca. 1 jun. 2017. 1 post (18 min. 42 s.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i5G7TPGnCZU&t=939s>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

NOCE, Danielle. **Danielle Noce**. In: YouTube, 2011-2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/nocedanielle/featured>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

_____. **ROTEIRO DA ISLÂNDIA** | Dani Noce. 29 maio 2016. 1 post (19 min. 32 s.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ua8occtjppU&list=PL7biWkm0dNqb01E fz2Q_hqyiBfR_vCxIT&index=16&t=5s>. Acesso em: 04 jul. 2017.

_____. **Sobre Dani Noce**. Disponível em: <<http://www.daninoce.com.br/sobre/>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

SIGNIFICADO de Freak. Em: **Significados: descubra o que significa, conceitos e definições** (2011-2018). Disponível em: <<https://www.significados.com.br/freak/>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

YIN, Robert K.. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

EDUCAÇÃO LITERÁRIA: PROPOSTAS DE LEITURA DE *DOM CASMURRO*

LITERARY EDUCATION: PROPOSALS FOR READING *DOM CASMURRO*

Tatiane Kaspari (Universidade Feevale)¹
Márcia Rohr Welter (Universidade Unisinos)²
Juracy Assmann Saraiva (Universidade Feevale)³

Resumo: *Dom Casmurro* tomou assento no palco cultural brasileiro e solidificou-se como uma das obras literárias mais significativas do País. A recepção da narrativa machadiana, com reverses tão interessantes quanto a própria trama, esbarra, na atualidade, nos hábitos de leitura da população, que desprestigia o cânone em prol de obras de apelo midiático. Dada a relevância cultural e linguística da produção machadiana, o presente trabalho defende sua inserção no ambiente escolar – espaço privilegiado de reflexão sobre a cultura –, por meio de uma abordagem pedagógica que ofereça protagonismo ao leitor no processo de interpretação (SARAIVA; MÜGGE, 2006). Para isso, apresenta um roteiro de leitura de *Dom Casmurro*, em cujo bojo estão reflexões oriundas da Estética da Recepção e da teoria de performance, de Paul Zumthor (2007). Buscando romper a “surdez particular que inflige nossa educação literária” (ZUMTHOR, 2007, p. 69), a proposta permite revitalizar a relação entre leitor e texto, de forma a emergirem os pontos de intersecção entre a obra machadiana e a realidade contemporânea.

Palavras-chave: *Dom Casmurro*. Leitura. Ensino de leitura. Ensino médio.

Abstract: *Dom Casmurro* took its place in the Brazilian cultural stage and solidified itself as one of the most significant literary works of the country. The reception of Machado’s narrative, with setbacks as interesting as its own plot, nowadays meets the reading habits of the population, which disgrace the canon in favor of mediatic appeal works. Given the cultural and linguistic relevance of Machado’s production, this paper defends its insertion in the school environment – a privileged space for reflection on culture –, through a pedagogical approach, which offers a protagonism to the reader in the interpretation process (SARAIVA; MÜGGE, 2006). To achieve this, this paper presents a reading script of *Dom Casmurro*, whose bulge presents reflections from the Aesthetics of Reception and the performance theory, by Paul Zumthor (2007). Reaching to break the “peculiar death which afflicts our literary education” (ZUMTHOR, 2007, p. 69), this proposal allows to revitalize the relation between reader and text, in order to highlight the intersection points between Machado’s work and contemporary reality.

Keywords: *Dom Casmurro*. Reading. Literature Teaching.

OBRA CLÁSSICA, ABORDAGEM RENOVADA

No intento de reverter os índices negativos que rotulam a educação brasileira como deficitária, é consensual o apelo a uma formação leitora consistente. Para isso, a Base Nacional

¹Doutoranda e Mestra em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale. Bolsista PROSUC (CAPES).

²Graduanda do curso de Letras, na Universidade Unisinos, e bolsista de iniciação científica PROBIC – FAPERGS, na Universidade Feevale.

³Professora e pesquisadora Universidade Feevale e bolsista em produtividade do CNPq. Doutora em Teoria Literária pela PUC/RS e Pós-Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Comum Curricular – BNCC – sugere a leitura de textos variados, mas ressalta, no Ensino Médio, a relevância do trabalho com obras canônicas, que, além de ampliarem o vocabulário e a consciência dos alunos quanto às potencialidades expressivas da língua, possibilitam “a apreensão do imaginário e das formas de sensibilidade de uma determinada época, de suas formas poéticas e das formas de organização social e cultural do Brasil, sendo ainda hoje capazes de tocar os leitores nas emoções e nos valores” (BNCC, 2018, p. 513).

O pesquisador Vincent Jouve, embora não negue a validade da leitura de obras contemporâneas em sala de aula, faz eco à defesa dos clássicos, afirmando que

apenas uma obra que continua a interessar quando sua sedução não atua mais (em outras palavras, que sobrevive ao ‘espírito do tempo’) constitui um valor seguro. Simetricamente, as obras que hoje ‘agradam’ ao maior número por razões conjunturais não resistirão necessariamente à prova dos séculos se não tiverem nada (ou grande coisa) a dizer (JOUVE, 2012, p. 115)

A fim de que esse encontro entre o aluno-leitor e a obra clássica aconteça, porém, é necessário que se inverta o processo que prioriza a apreensão das características socioculturais do momento da produção e que delega, quando muito, ao segundo plano, o processo de recepção da obra pelo leitor contemporâneo. Nessa percepção, o presente trabalho defende a inserção de textos canônicos no ambiente escolar por meio de práticas pedagógicas que proporcionem o protagonismo do leitor (SARAIVA; MÜGGE, 2006). Para isso, sugere um roteiro de leitura sobre *Dom Casmurro*, para o trabalho no Ensino Médio e em cujo bojo estão reflexões oriundas da Estética da Recepção e da teoria de performance, de Paul Zumthor (2007). A escolha por uma abordagem que revitaliza a relação entre leitor e texto efetiva a participação do aluno no processo de interpretação, desenvolvendo sua proficiência leitora, e estabelece pontes entre a obra machadiana e a realidade contemporânea.

LEITOR: ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO

Se, por um lado, Jouve afirma que os clássicos constituem um “valor seguro” (2012, p. 115) para a abordagem em sala de aula, por outro, Hans Robert Jauss denuncia a leitura automatizada e engessada de obras canônicas, transformadas em uma “arte culinária” (JAUSS, 1994, p. 34), isto é, palatável. O teórico alemão recomenda ler esses textos “a ‘contrapelo’ da experiência que se fez hábito” (JAUSS, 1994, p. 34), a fim de que se recupere a historicidade da literatura, que está na experiência dinâmica da recepção do texto.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

No processo de leitura de uma obra, interagem horizontes estéticos, que são constituídos pelo efeito, momento condicionado pelo texto, e pela recepção, momento condicionado pelo leitor (JAUSS, 2002). A obra literária, então, quando lida fora de seu contexto de criação, pode despertar reações e interpretações diferentes, pois os valores e as condições sociais e econômicas dos leitores se modificam. Nesse processo, o texto clássico renova-se, pois é capaz de suscitar significações distintas.

Tome-se por exemplo a recepção de *Dom Casmurro*, que, durante meio século, aderiu ao ponto de vista do narrador, elegendo Bento Santiago como representação do bom rapaz, enganado pela dissimulada Capitu (SILVA; PAZ, 2014). Somente a partir da década de 1960, esse posicionamento começou a ser alterado; primeiramente, com os estudos de Helen Caldwell, que coloca a palavra de Santiago em dúvida, e, posteriormente, com as críticas de Eugênio Gomes, que aponta a ambiguidade da narrativa; de Silviano Santiago, que indica Bentinho como personagem de *Casmurro* e a obra como intenção do autor, e de Roberto Schwarz, que analisa o “mecanismo social” da obra (SILVA; PAZ, 2014).

Por esse processo, evidencia-se o caráter coletivo da recepção teorizada por Jauss, mas, igualmente, entrevêm-se os influxos da subjetividade do indivíduo na ruptura de interpretações culturalmente assentadas. O teórico Paul Zumthor (2007) entende a recepção como um termo de compressão histórica, que designa um processo de duração determinada, pois “[...] Ela se identifica com a existência real de um texto no corpo da comunidade de leitores e ouvintes (ZUMTHOR, 2007, p. 50). Zumthor acresce a essa dimensão um componente de natureza antropológica, a Performance. Por estar relacionada às condições de expressão, de percepção e de comunicação, apenas a performance concretizaria o ato da recepção (ZUMTHOR, 2007).

A performance de que fala o autor deriva de seus estudos medievalistas que destacam a “qualidade de emanção do corpo” (ZUMTHOR, 2007, p. 27). Para Zumthor (2007), o texto artístico possui uma essência que envolve a corporeidade do leitor, “o texto vibra; o leitor o estabiliza; integrando-o àquilo que é ele próprio. Então é ele que vibra, de corpo e alma” (ZUMTHOR, 2007, p. 53). Assim, o teórico defende que a leitura é uma experiência de presença no mundo, já que “Perceber lendo poesia é suscitar uma presença em mim, leitor. Mas nenhuma presença é plena, não há nunca coincidência entre eu e ela. Toda presença é precária, ameaçada” (ZUMTHOR, 2007, p. 81).





Desse modo, a maneira pela qual o corpo se presentificaria na experiência literária seria por meio da voz, que, consoante Zumthor (2007), está ligada ao sentimento de sociabilidade, “escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte. Essa voz, dirigindo-se a mim, exige de mim uma atenção que toma meu lugar, pelo tempo da escuta” (ZUMTHOR, 2007, p. 84). A performance assenta-se, então, sobre o caráter auditivo da leitura: “[...] a leitura do texto poético é a escuta de uma voz. O leitor, nessa e por essa escuta, refaz em corpo e em espírito o percurso traçado pela voz do poeta: do silêncio anterior até o objeto que lhe é dado, aqui, sobre a página” (ZUMTHOR, 2007, p. 87).

Perseguindo a auditividade na literatura brasileira, a professora Marília Librandi-Rocha teoriza a “escrita de ouvido”, que compreende [...] o estudo das propriedades acústicas da escrita, presentes tanto no momento da criação ficcional, quando o escritor ‘ouve’ vozes e as inscreve, como na leitura silenciosa, quando um mundo imaginário é despertado pela vibração sonora e imagética das palavras (LIBRANDI-ROCHA, 2014, p. 138). Para Librandi-Rocha (2014), na literatura brasileira, os textos de Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Machado de Assis atingem o ideal de “improvisação”, em que se fundem impressão – corporal, sensório, física – e expressão – simbólica e artística. Particularmente em *Dom Casmurro*, a pesquisadora assinala a duplicação da voz autoral, por meio da atribuição da escrita à personagem Dom Casmurro, figura envelhecida de Bentinho. Fingindo improvisado e instantaneidade – “Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro” (ASSIS, 2014, p. 10) –, a personagem se propõe a narrar sua trajetória com Capitu. O caráter de obra *in progress* se mantém pela constante interlocução com o leitor, que, por vezes, transvestido de narratário, é exortado a “[...] renunciar à sua intimidade para adentrar uma zona de sussurros e segredos coletivos inconscientes agora expostos e configurados” (LIBRANDI-ROCHA, 2014, p. 142).

Sob essa perspectiva, para que ocorra verdadeira experiência leitora em sala de aula, o professor deve abandonar o papel demerito tradutor das vozes do texto, com base na crítica literária. Atento aos sussurros da recepção, ele deve atender ao propósito de ouvir e dialogar com os seres de papel e com os alunos, leitores reais.

LER DOM CASMURRO HOJE: UMA PRÁTICA POSSÍVEL

A singularidade que marca a arte literária impede que se proponha um modelo universal engessado de abordagem textual. Na elaboração de atividades pedagógicas, o professor deve





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

atentar aos elementos do plano da expressão e do conteúdo que forem mais relevantes à construção de sentidos no texto literário.

Quanto à metodologia de análise, propõe-se a adaptação que Juracy Saraiva faz do modelo sugerido por Jauss. O processo de abordagem na Educação Básica abrange três etapas “entender, interpretar e aplicar” (SARAIVA, 2006, p. 48) e distingue três momentos metodológicos para o ensino da literatura, que são: preparação para a recepção do texto; leitura compreensiva e interpretativa; transferência e aplicação de leitura.

A primeira etapa se justifica pela necessidade de estímulo aos alunos, especialmente importante em turmas que apresentam resistência à leitura. É breve e deve ser constituída de, preferencialmente, uma única atividade, que estabeleça algum elo entre o leitor e o texto que irá ler. Contrariando uma prática pedagógica comum, não devem ser oferecidas contextualizações históricas e sistematizações quanto a períodos literários nesse momento. A finalidade dessa etapa é abrir os ouvidos e fechar os olhos do leitor, para que a imaginação entre em cena.

A segunda etapa sinaliza o início das atividades de interpretação e construção de sentidos. A leitura compreensiva, que responde à pergunta *O que o texto diz?*, exige leitura integral da obra, pois, nesse processo, são discutidas as pistas iniciais para a apreensão de especificidades da composição do texto. Constantemente, é exigido que o leitor retorne à obra para que, com as chaves fornecidas por ela, consiga adentrar os sentidos para a compreensão, respondendo a *Como o texto diz o que diz?* Nesse momento, o leitor já terá adentrado a leitura analítica.

Por fim, ocorre a leitura interpretativa, em que se “justifica ou não a compreensão prévia ao confrontar o resultado da análise crítica dos componentes textuais à significação inicialmente atribuída ao texto” (SARAIVA, 2006, p.50). Nessa etapa, o leitor correlaciona o texto “à sua situação pessoal, de modo que a significação textual passa a impregnar-se de sentido, isto é, da experiência humana, cultural e historicamente situada, possibilitando que o texto se interponha como uma ponte entre o leitor e o mundo” (SARAIVA, 2006, p.50). O leitor responde, então, *Quais são os sentidos do texto?*.

A última etapa de um roteiro, de Transferência e Aplicação, caracteriza-se como uma possibilidade de ampliar a experiência literária, pois o leitor é conduzido a relacionar a obra lida com outras manifestações, integrando variados campos de expressão artística ao seu





conhecimento (SARAIVA, 2006). A pergunta que norteia esse momento é “Que diálogo há entre o texto e o contexto estético-histórico-cultural atual e o do momento de sua produção?”.

Na aplicação desse percurso metodológico a *Dom Casmurro*, portanto, os dados históricos que, geralmente, antecedem a leitura da narrativa são postergados para o final da análise. Não é possível fixar uma sequência de atividades definitiva nem a duração exata do processo de leitura, tendo em vista que cada roteiro deve atender às necessidades reais da turma atendida. Sugere-se, contudo, que o professor reserve, no mínimo, duas semanas para o trabalho com a narrativa – a fim de evitar uma abordagem superficial – e, no máximo, um mês – para que o roteiro não se torne cansativo. Pelas restrições espaciais do presente trabalho, exemplificar-se-á cada etapa com uma atividade, destinada a alunos de Ensino Médio.

Na etapa de preparação para a leitura, sugere-se uma abordagem que incite a uma leitura “a contrapelo” do automatismo crítico, evitando, por exemplo, o tema do adultério numa visão simplista. Pode-se, por exemplo, iniciar com a discussão do seguinte texto:

FIGURA 1 – Preparação para a recepção



FONTE: <https://me.me/i/verdade-pos-verdade-penso-logo-acredito-logo-existo-estou-certo-9788983>.
Acesso em: 30 abr. 2018.

A oposição do pensamento de Descartes ao conceito de pós-verdade, em evidência na atualidade, pode engendrar reflexões relevantes acerca da volubilidade da verdade. Ao estabelecer um elo entre a discussão e *Dom Casmurro*, afirmando que, no texto, a verdade é um termo instável, o professor incita a uma leitura mais atenta e desconfiada da narrativa.

Na etapa de Leitura compreensiva e interpretativa, a análise de elementos da narrativa, como a espacialidade, a caracterização das personagens por descrições e por ações, da elaboração da voz narrativa, se coaduna à abordagem de elementos linguísticos, a fim de sejam construídos sentidos. No que concerne, por exemplo, à personagem Capitu, a descrição metafórica dos olhos recebe destaque tanto pelo trabalho artístico com a linguagem – plano da expressão – quanto pela revelação dos diferentes pontos de vista de outras personagens, que





causam efeitos de performance. Assim, uma possibilidade de atividade pedagógica está reproduzida na Figura 2:

FIGURA 2

Os olhos de Capitu recebem várias avaliações ao longo da narrativa, como nos trechos reproduzidos abaixo:

"Capitu, apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada" (ASSIS, 2014, p. 42).	"Cuidei o contrário, outrora; confundi os modos de criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos era a flor caprichosa de um fruto sadio e doce..." (ASSIS, 2014, p. 140)	"Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca" (ASSIS, 2014, p. 53-54).
--	---	--

José Dias, conversando com Bentinho, aos 15 anos de idade.

José Dias, ao felicitar Bentinho pelo casamento com Capitu

Dom Casmurro, ao refletir sobre o olhar de Capitu, quando percebe sua paixão adolescente.

1. Substitua as expressões metafóricas sublinhadas nos trechos que seguem por um adjetivo de sentido aproximado.

a) "olhos que o Diabo lhe deu": _____
b) "olhos de cigana": _____
c) "olhos de ressaca": _____

2. Releia atentamente os dois primeiros trechos reproduzidos, em que José Dias emite sua opinião a respeito de Capitu. Considerando as circunstâncias em que cada posicionamento foi emitido e a caracterização do agregado, responda:
É possível afirmar que ele, efetivamente, modificou sua opinião? Justifique.

Abaixo, são reproduzidos os olhos presentes em três produções artísticas famosas, que retratam figuras femininas.

3. A exemplo das personagens de Dom Casmurro, elabore uma expressão metafórica para caracterizar cada um dos olhares.



COMENTÁRIO AO PROFESSOR
Após a criação das expressões metafóricas, sugere-se a exploração das produções artísticas de que foram retirados os "olhares". São elas: *Moça com brinco de pérola*, de Johannes Vermeer; *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci e *A cabeça da Medusa*, de Caravaggio.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A diversidade de referências aos olhos e olhares das personagens em *Dom Casmurro* permite inúmeros desdobramentos em atividades. Nas exemplificadas na FIGURA 2, as expressões metafóricas motivam um exercício semântico – encontrar adjetivo com sentido aproximado –, um interpretativo – associar a mudança do ponto de vista de José Dias à sua caracterização enquanto personagem dissimulada – e um de produção – elaborar expressões metafóricas. Passa-se, pois, da compreensão estrita de expressões linguísticas isoladas à interpretação das relações entre os actantes e à aplicação dos recursos da linguagem na expressão de ideias. No roteiro de exploração do texto literário, os eixos leitura, compreensão e produção devem encontrar-se entrelaçados para que a reflexão sobre as potencialidades da língua se materialize na elaboração de textos.

Além disso, posteriormente à leitura das expressões criadas pelos alunos, é recomendado que o professor explore os quadros de que foram retirados os olhares na questão 3 – *Moça com brinco de pérola*, de Johannes Vermeer; *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci e *A cabeça da Medusa*, de Caravaggio. É provável que a curiosidade aguce o interesse dos alunos por essas produções, que podem ampliar o conhecimento cultural da turma e estabelecer pontes intertextuais e interdisciplinares, que serão endossadas na etapa de Transferência e Aplicação.

No último momento de trabalho com o texto literário, é sempre produtiva a parceria entre professores de áreas diferentes. Assim, pode-se ampliar a discussão sobre a volubilidade da





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

verdade, associando-a a questões subjetivas ou problematizando “verdades” absolutas, históricas ou científicas. Outra opção é discutir as alterações sociais no que tange ao papel social da mulher, avaliando, por exemplo, mudanças no código penal, que, no século passado, considera o adultério como um crime e prevê punição somente para a parte feminina. É possível, ainda, promover uma instalação cultural *Dom Casmurro*, em que a classe pode ser dividida em grupos temáticos, responsáveis por pesquisar determinado aspecto tal qual representado na ficcional e suas correlações com o período de produção da obra. Por exemplo, um grupo pode ficar responsável por fazer um levantamento das roupas vestidas pelas personagens e, além de confeccionar algumas, explicar a relação entre os tecidos e os objetos decorativos e a distinção de classe social. Outro grupo pode representar a paisagem urbana de *Dom Casmurro*, associando-a à configuração do Rio Janeiro do final do século XIX. Outro grupo, enfim, pode explorar as menções intertextuais a obras shakespearianas, promovendo uma reflexão sobre o diálogo que Machado estabelece com a cultura universal.

A HISTÓRIA DOS SUBÚRBIOS

Dom Casmurro termina sua narrativa anunciando a abertura de outra, a *História dos subúrbios*. Esta é, no entanto, uma história virtual e reverbera no vazio do silêncio da personagem que encerra seu relato.

O que se propõe a cada leitura de *Dom Casmurro* é que o leitor escute a voz amarga de Bentinho, que vocalize as expressões de José Dias, que dialogue com o esquivo Escobar, até que as personagens se presentifiquem e o texto fale de um tempo sempre atual. Mas, acima das vozes exaltadas, o que se propõe ao leitor é que atente para as risadas de Capitu no pátio e nos corredores quando menina e, sobretudo, para o silêncio pesado da adultez. Aprender a escutar a sutileza das linguagens e as texturas da voz inscrita em palavras é sensibilizar-se para o outro e para si próprio.

Assim, a educação literária deve libertar-se da palavra interpretativa autoritária. A avaliação de uma época ou dos críticos é apenas uma dentre as inúmeras possibilidades de leitura de uma obra literária, cujo valor seguro está em oferecer abertura para novas recepções. Por isso, *Dom Casmurro* e outros clássicos poderão se fazer atuais em sala de aula se o conceito de leitor for atualizado, permitindo-se que o aluno se faça protagonista no processo de interpretação textual. Os riscos de uma semiose ilimitada certamente serão contidos pela





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

proficiência leitora do professor que se dispuser a acompanhar os discentes nessa aventura textual.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2014.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: Ensino Médio. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf. Acesso em: 27 abr. 2018.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Estética da Recepção: Colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 67-84.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.

LIBRANDI-ROCHA, Marília. Escutar a escrita: por uma teoria literária ameríndia. *O eixo e a roda*. V. 21, n. 2, 2012. Belo Horizonte, p. 179-202. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3486/3410. Acesso em: 13 abr. 2018.

LIBRANDI-ROCHA, Marília. Escritas de ouvido na literatura brasileira. *Literatura e sociedade*. USP: n. 19, 2014. p. 131 - 148.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani [et al]. *Literatura na escola: propostas para o Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Ana Cláudia Salomão da; PAZ, Ravel Giordano. Primeiras recepções críticas de Dom Casmurro – os iguais se reconhecem. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 3, ano 10, n. 14, 2014.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção, Leitura* - 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

PCD E PROCEDIMENTO MÉDICO: UM ESTUDO DE CASO

PCD AND MEDICAL PROCEDURE: A CASE STUDY

Tatiane Leal (Feevale)¹

Valdir Pedde (Feevale)²

Resumo: Em uma sociedade pouco sensível à diversidade (de estilos de vida e formas de corpos), escutar e dar voz ao outro é fundamental. Nossa intenção é revelar e tornar relevante uma trajetória que ajuda a capturar determinadas realidades e que faz certas vidas ganharem sentido e outras serem descartadas em um contexto de desigualdade, abandono e indiferença. Com essa reflexão, o trabalho apresentado objetiva mostrar que acompanhar essas narrativas ajuda a capturar a lógica pela qual pessoas e sistemas se submetem. Nosso interesse é perceber como isso ocorre com uma pessoa com multideficiências, seu tratamento médico e suas relações com o sistema de apoio.

Palavras-chave: História de vida. Pessoas com deficiência. Corpo e saúde.

Abstract: In a society that is not much sensitive to diversity (lifestyles and forms of bodies), listening and giving voice to the other is very important. Our intention is to reveal and make relevant a trajectory that helps capture certain realities and that make certain lives make sense and others be discarded in a context of inequality, abandonment and indifference. With this reflection, the presented work aims to show that following these narratives helps to capture the logic by which people and systems submit. Our interest is to understand how this occurs with a person with multideficiencies, their medical treatment and their relationships with the support system.

Keywords: Life history. People with disabilities. Body and health.

INTRODUÇÃO

Os direitos das pessoas com deficiência e as dificuldades enfrentadas por seus familiares tem demonstrado a ineficiência de políticas públicas nessa área, bem como demonstra uma barreira atitudinal que dificulta em muito a inclusão. Tudo isso permite afirmar, que as questões envolvendo as pessoas com deficiência não pode nem deve se restringir apenas à proteção por meio legislativo. Por tudo isso, hoje, o grande desafio não é mais a criação de novas leis, mas o cumprimento daquelas já existentes.

Enfim, falta de atendimento especializado; falta de diagnóstico precoce; falta de apoio às famílias, que estão fragilizadas e doentes; falta de capacitação dos profissionais da saúde. Na dissertação de Pablo André Flores (2013), é possível perceber, por meio da análise da legislação protetiva e das entrevistas, a pouca efetividade das políticas públicas para tal seguimento. Em

¹ Graduada em Comunicação Social – Habilitada em Relações Públicas, pela Universidade ULBRA (Canoas/RS). Bolsista de aperfeiçoamento científico no PPG de Diversidade Cultural e Inclusão Social. E-mail: 0244730@feevale.br.

² Doutor em Antropologia UFRGS. Professor do PPG em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale. E-mail: valpe@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

função disso existe uma multidão de pessoas que vivem e sobrevivem graças às suas “peregrinações” de bater de porta em porta, independente de uma adjetivação da cidadania (plena, passiva, concedida, regulada, relacional, subcidadania, etc.).

Se no Brasil não basta ser um indivíduo, sujeito das leis universais e impessoais, para ter direitos, sendo necessário ter relações pessoais com algum amigo influente (DaMatta, 1986), como isso se dá em uma sociedade que vive o igualitarismo no plano formal e a desigualdade no plano social? Como isso ocorre em uma ordem jurídica repleta de direitos sociais (art. 6º da CF88), mas que na prática necessita, por vezes, de uma ordem judicial, para ser efetivamente materializado? Todas essas são questões importantes. Entretanto, aqui queremos trazer um relato de como essa omissão ou falta de comprometimento vai muito além do Estado e funde-se a uma visão de mundo compartilhada por grande parte dos brasileiros, e também da classe médica.

Assim, nós acompanharemos o caso de Laura e de sua mãe desde o nascimento até aquilo que a mãe, hoje, considera erro ou “simplesmente” descaso por parte do médico que atendeu a filha. Para alcançar esse objetivo, a metodologia empregada foi de estudo de caso, com entrevista semiestruturada.

LAURA E SEU NASCIMENTO

Laura nasceu no hospital 1 de Porto Alegre, com 35 semanas, pesando 1640 kg através de cesariana numa gestação interrompida. Com a identificação de lábio leporino duplo e fenda palatina ampla, não foi possível amamentá-la no seio materno. Assim, tomava leite especial no copinho, ofertado pelas técnicas de enfermagem. A mãe tinha acesso a ela todos dias por alguns minutos, para ter conhecimento das avaliações médicas e tirar leite mecanizado para melhor nutrir sua filha.

Sendo considerada uma criança de risco e prematura, Laura ficou internada por três semanas, sendo avaliada por várias equipes médicas e fazendo uma bateria de exames. Após ter alcançado o peso de 2kg e feito vários exames, teve encaminhamento para as seguintes especialidades médicas: neurologia, cardiologia, genética, oftalmologia e cirurgia plástica - especializada em crânio-maxilo-facial. Todos os especialistas eram do hospital 1 e designados pelo próprio hospital. No período de sua internação na UTI, uma médica da neurologia explicou que a Laura nascera com atrofia cerebral. Conforme o relato da mãe:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

A equipe da cirurgia plástica - especializada em crânio-maxilo-facial, apenas me orientou em quais idades é necessário cirurgia para o reparo facial, e que o especialista era o Dr. 1. Já a área da cardiologia, os exames apontaram uma cardiopatia congênita, onde apenas tive encaminhamento, não tendo conversado com médico cardiologista durante a internação.

Ou seja, o atendimento foi se mostrando de alta impessoalidade, marcadamente burocrático. Trata-se de uma visão médica bastante mecânica do corpo. Ao ter alta hospitalar, a mãe teve orientação da enfermeira da UTI de como melhor alimentá-la, pois a criança não conseguia mamar no peito. Orientaram a mãe a amamentar a Laura com uma mamadeira pequena, indicada para tomar chá, por ter seu bico de borracha macio e com formato alongado. Esse procedimento obteve boa aceitação por parte da criança. Mas antes de a mãe sair do hospital e tendo em mãos os encaminhamentos médicos percebeu que não havia tido nenhum contato com pediatra. Solicitou uma indicação e assim foi feito. Entretanto, conforme relato da mãe,

Ao levá-la à pediatra que me indicaram na UTI da Santa Casa, já na terceira consulta me senti insatisfeita, pois lembrei que a Laura não tinha feito teste do pezinho no hospital e nem a pediatra havia se preocupado em questionar. Fui verificar os médicos pediatras da Santa Casa, porém não há um atendimento personalizado, devido a Laura ser especial e nem tinha como ter o fone do médico, em caso de emergência. Mais uma vez, me senti insatisfeita com os serviços ofertados, para uma criança especial.

Tendo isso em conta e motivada pela insatisfação, a mãe começou a pesquisar e conversar com conhecidos sobre a situação. Em função dessas conversas ela obteve a indicação do pediatra Dr. 2, que aceitou auxiliar na orientação com os procedimentos necessários para o cuidado de Laura. Somente a partir desse vínculo é que a mãe conseguiu se sentir mais segura em relação aos procedimentos que adotava. Essa relação abriu novas portas, uma vez que o médico conseguia sugerir alternativas de outros profissionais. Isso no entanto, não aliviava todas as inseguranças uma vez que nem todas os médicos especialistas foram alterados. Conforme a mãe,

[...] eu me sentia insatisfeita com o atendimento neurológico que a Laura recebia no hospital 1, e levava esta situação ao pediatra, o mesmo dizia que não tinha o que fazer, uma vez que não conhecia a neurologista. Então ele me indicou outra neurologista que podiam trocar informações a respeito da Laura. Aí se criou uma rede de médicos que se falavam entre si, e trabalhavam em conjunto. Isso foi um grande diferencial. E claro que, na época o fato de ter um plano de saúde completo, e o médico pediatra trabalhar na UTI do hospital 2, facilitou todo processo de diagnóstico da Laura, para melhor tratá-la.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Esse relato aponta para a mecanicidade ou atendimento burocrático a que Laura estava submetida no hospital 1, e que foi melhorada em função de uma rede de médicos “que se falavam”.

Com três meses de idade, os problemas de saúde de Laura começaram a se agravar. Ela iniciou um processo de convulsões intermitentes, tendo sido diagnosticada como portadora da síndrome de West . Essa síndrome pode se manifestar de duas maneiras. A primeira onde a mesma persiste ao longo da vida. A segunda, mais comum, tende a terminar e/ou diminuir ao longo dos primeiros anos de vida, como foi o caso. De qualquer forma, como os refluxos começaram a piorar, houve a necessidade de levar Laura toda semana ao pediatra, para avaliar peso e sua condição de saúde. Tendo em vista a não melhora nos refluxos, teve troca de leite para o de soja, porém essa alteração não resultou em melhora. Conforme relata a mãe,

Num domingo pela manhã, após mamar e tomar os remédios, a Laura vomitou sangue, e muito preocupada, fui correndo para a emergência do hospital 2, onde passou imediatamente para atendimento, e os médicos plantonistas avaliaram a situação e ligaram para o pediatra Dr. 2, que estava saindo do hospital, mas retornou para atender a Laura e decidiu interna-lá, solicitando vários exames. No entanto, os vômitos não paravam, mesmo com uma sonda nasal, o leite voltava e a Laura vomitava jorrando todo leite. Para surpresa do Dr.: 2, e que me deu a notícia, a Laura estava num grau avançado de desnutrição, onde ele decidiu usar o Pregomim, leite especial bem caro para poder ganhar peso, porque ela não engordava e por consequência não crescia.

Nesta internação, Laura estando com 11 meses, o Dr.: 2 constatou que ela estava com o grau 4 de refluxo, sendo o mais sério, Por consequência, teve que fazer a funduplicatura e a colocação do boton gástrico. Todos estes procedimentos, foram coordenados pelo Dr.: 2, que indicou o Dr.: 3 para realizar a operação e colocar o boton. É também ele que faz o acompanhamento da menina até a presente data. Esta foi a primeira internação longa da Laura, ficando 35 dias internada. A equipe de enfermagem e nutricional do hospital 2 ensinou para a mãe todo o procedimento e os cuidados necessários com manuseio da sonda. Já a fonoaudióloga ensinou a dar comida pastosa, pois esta era consistência que a Laura podia comer. Alternando o uso de colher e seringa. Como a principal alimentação era com leite via sonda gástrica, e o leite custava em torno de R\$300,00/400,00 a lata de 300ml para alívio da mãe, após seu pedido via Farmácia Central do Estado, o mesmo forneceu o leite dentro do processo normal de solicitação, não havendo necessidade de ação judicial.





TRATAMENTO DO LÁBIO LEPORINO

Antes dos atendimentos do Dr.: 4, a Laura teve o Dr. 1 do hospital 1 como cirurgião plástico, pois foram os médicos residentes da equipe dele, que avaliaram a Laura na UTI, quando nasceu.

O Dr.: 1 era especialista em cirurgias de lábio leporino e por indicação da UTI do hospital 1, a mãe contatou o médico e a levou para sua avaliação ainda nos primeiros meses de vida. A partir da avaliação o médico constatou que a menina teria que atingir um peso maior, assim como uma maior estatura para poder efetuar a cirurgia.

Entretanto, como o atendimento por parte da equipe médica do hospital 1 era insuficiente, pois davam pouca orientação, no decorrer do primeiro ano de vida, Laura teve várias intervenções hospitalares, sendo algumas muito grave - com risco de vida. Nesses casos ela chegou a ser entubada e uma vez ficou em coma. Conforme a equipe médica, a razão dessa situação havia sido uma infecção generalizada, tendo como resultado a necessidade de fazer duas infusões de sangue e uma de plaquetas. Além disso, obteve o diagnóstico da Síndrome de West (convulsões). Tal síndrome desapareceu, em grande medida, conforme relato da mãe, por consequência da troca da neurologista que determinou uma nova conduta para o tratamento.

Aos oito meses de idade, a Laura operou o lado esquerdo do lábio leporino, ficando 1 dia internada e teve alta, com boa recuperação. Com um ano e quatro meses, consequentemente seis meses depois da primeira cirurgia, o Dr.: 1 operou o lado direito do lábio, tendo alta dois dias depois. Estas duas cirurgias, foram realizadas via plano de saúde, assim como as consultas médicas. E a cada seis meses, Laura era levada para avaliação. A expectativa da mãe era saber quando a menina poderia operar o palato, uma vez que seu palato era amplo e profundo, ou seja, tratava-se de uma intervenção cirúrgica, delicada e de alta complexidade.

Somente com 3 anos de idade Laura fez a cirurgia de palato, tendo estrutura e peso adequado. No entanto, o tempo de cirurgia foi muito além do estimado. Uma vez indagado sobre o tempo utilizado para a cirurgia, Dr.: 1, disse que a cicatriz do lábio havia se aberto, ela tinha perdido um dente e estava com as laterais de sua boca, também rasgada. Tal intervenção gerou grande abatimento em Laura. Conforme a mãe:





Minha filha saiu da cirurgia e ficou no pós-operatório muito abatida, demorou para se demonstrar melhor, uma vez que em outras internações e cirurgias, ela tinha outro comportamento. Em dois dias, teve alta hospitalar, onde em uma semana, começou a fazer febre, que persistiu por mais duas semanas, na terceira ida até a emergência, pedi para a Dra. colocar uma lanterna e ver sua boca, uma vez que eu já sentia um cheiro muito ruim. Foi aí que ela falou: - “Esta criança está igual a uma bomba relógio” foi aí que contatou os médicos da UTI e baixaram ela, para avaliação, já que o hemograma tinha alteração.

Ficou 15 dias internada, precisando colocar acesso intravenoso, sendo 10 dias de UTI. Entretanto os médicos tentavam contato via telefone com Dr.: 1, mas não conseguiam. Passados esses dias de UTI, ele apareceu. A Laura já estava no quarto, disse a mãe que isso acontece, que era normal.

Pouco tempo depois, Dr.: 1 se aposentou não comunicando nada a mãe, tampouco a orientando para encaminhamentos futuros. Não houve sequer a passagem do caso para outro médico do hospital 1. Como Dr.:1 era conveniado tanto com o plano de saúde como com o SUS, ao se aposentar e não encaminhar o caso para outro médico deixou a mãe muito apreensiva, pois dali em diante, tudo deveria ser particular. Apenas a internação hospitalar, poderia ser via plano de saúde.

Foi numa marcação de consulta, que o hospital 1, informou a mãe que o Dr. 1 não pertencia mais ao quadro de médico, e se ela quisesse, me passavam o telefone de seu consultório médico particular.

CONCLUSÃO

Com base no que foi analisado, é possível afirmar que a inclusão social das pessoas com deficiência ainda encontra-se em processo de efetivação tendo-se ainda que a sociedade como um todo precisa enfrentar os demais obstáculos (culturais, educacionais, arquitetônicos e de acessibilidade) que se apresentam para a pessoa com deficiência. Longe de incriminar ou encontrar culpados nesse caso específico, o nosso interesse foi mostrar, a partir do relato, que para além de leis, há necessidade de esforço educativo para o rompimento de barreiras atitudinais, nesse caso, por parte de equipes médicas. O direito à saúde, garantido constitucionalmente, passa normalmente pela “insistência dos pais” e “boa-vontade” de terceiros ligados à rede pública de saúde.

Em uma sociedade pouco sensível à diversidade (de estilos de vida e de formas de corpos), escutar e dar voz ao outro é fundamental. Não há como desconsiderar que as trajetórias





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ajudam a capturar determinadas realidades que fazem certas vidas ganharem sentido e outras serem descartadas em um contexto de desigualdade e abandono.

Com essa reflexão, e com as limitações de uma pesquisa inicial, a realidade aqui mostrada mostra que acompanhar essas narrativas ajuda “a capturar a lógica das infra-estruturas cotidianas que fazem com que certas vidas ganhem forma e outras sejam impossibilitadas” (BIEHL, 2008, p. 416).

REFERÊNCIAS

BIEHL, João. Antropologia do Devir: psicofármacos, abandono social, desejo. **Revista de Antropologia da USP**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 413-449, 2008.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FLORES, Pablo André Flores. **Entre as Leis e as Ruas**: um recorte da realidade vivida pelas pessoas com deficiência nos municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Dissertação (Mestrado em Inclusão Social e Acessibilidade) – Programa de Inclusão Social e Diversidade Cultural, Universidade Feevale, 2013.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

AS MANIFESTAÇÕES DA QUESTÃO SOCIAL NO ACESSO A MORADIA NA CIDADE DE PELOTAS

THE MANIFESTATIONS OF THE SOCIAL QUESTION IN THE ACCESS TO THE
DWELLING IN THE CITY OF PELOTAS

Tayná Corrêa de Oliveira (Universidade Católica de Pelotas)¹

Letícia Santos Nogueira (Universidade Católica de Pelotas)²

Cristine Jaques Ribeiro (Universidade Católica de Pelotas)³

Resumo: O direito a moradia e a função social da posse são essenciais para a discussão sobre cidade no sistema capitalista. Procuramos identificar o contexto histórico e as condições sociais de famílias em ocupações urbanas e o papel do Estado frente a um direito constitucional violado. A presente pesquisa visa abordar as questões que perpassam a função social da posse, o direito a cidade e a desproteção como forma de manifestação da questão social, presente no cotidiano de famílias em extrema vulnerabilidade social que enxergam nas ocupações e/ou nos movimentos que lutam pelo direito a moradia uma saída para a melhoria das suas condições de vida. Dentro desse contexto procuramos analisar as diferentes formas de desigualdade social, sendo uma delas, a desigualdade ambiental e a seletividade do Estado frente a esse contexto.

Palavras-chave: Direito a Cidade 1. Função Social 2. Desigualdade Ambiental 3. Questão Social 4.

Abstract: The right to housing and the social function of tenure are essential to the discussion of the city in the capitalist system. We sought to identify the historical context and social conditions of families in urban occupations and the role of the State in face of a violated constitutional right. The present research aims at addressing the issues that permeate the social function of possession, the right to city and the lack of protection as a form of manifestation of the social question, present in the daily life of families in extreme social vulnerability that see in occupations and / or movements that struggle by the right to housing an outlet for the improvement of their living conditions. Within this context, we seek to analyze the different forms of social inequality, one of them being environmental inequality and the State's selectivity in this context.

Keywords: Right to the City; Social Function; Environmental Inequality; Social Issues;

INTRODUÇÃO

A escassez da moradia advinda do êxodo rural que se concretizou com a nova forma de organização econômica da burguesia, gerou um vasto número de trabalhadores que acabaram

¹ Graduanda do 5º no curso de serviço social/UCPEL, bolsista de iniciação científica CNPq no projeto Direito a Posse: a população invisível do Loteamento Santa Cecília. taynacoliveira@gmail.com.

² Graduanda do 3º no curso de serviço social/UCPEL, bolsista de iniciação científica PIBIC no projeto Direito a Posse: a população invisível do Loteamento Santa Cecília. leticia.snogueiraa@gmail.com

³ Graduação em Serviço Social pela Universidade Católica de Pelotas (1997) Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000) Doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Atualmente é professora Adjunta da Universidade Católica de Pelotas. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Movimentos Sociais Populares, atuando principalmente nos seguintes temas: Segurança Alimentar, Soberania Alimentar, Cidades, Reforma Agrária e Reforma Urbana. Atualmente coordena o grupo de estudos e pesquisa Questão Agrária, Urbana e Ambiental e Observatório dos conflitos da Cidade vinculados ao Curso de Serviço Social e Pós-graduação em Política Social da Universidade Católica de Pelotas. cristinejrib@gmail.com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

por vir à cidade em busca de emprego e de melhores condições de vida, já que o meio rural começou a ser completamente esquecido e abandonado, sendo tratado como algo ultrapassado para o novo momento em que se vivia o mundo, a forma de habitar dos trabalhadores rurais teve que ser refeita e adaptada ao meio urbano. Com a revolução industrial a cidade começou a ser desenhada, trabalhadores começaram a montar suas casas próximas das grandes indústrias para diminuir o tempo de deslocamento, quando não, seus próprios patrões elaboravam “bairros operários” para que não se perdesse em nada a extração de mais valia. No município de Pelotas a formação de alguns bairros se deu desta forma, como foi o caso do bairro Balsa, onde muitos trabalhadores começaram a ocupar esse espaço para ficar mais próximo do frigorífico – Anglo, a mudança só se concretizava de fato na medida em que os trabalhadores iam se efetivando no trabalho (Janke, 2011). Os moradores mesmo com a indiferença dos dirigentes do frigorífico construíram suas moradias em meio ao banhado, construindo na medida do possível cada nova parte das residências, uma hora com latinhas outra com materiais de construção. Quando falamos da formação das cidades contemporâneas não temos como não abordar a categoria trabalho, tão presente e que definia onde as residências dos trabalhadores ficariam. Observando a história de formação de outros bairros próximos ao Anglo, como por exemplo, a Estrada do Engenho também vamos observar que o trabalho da pesca tem forte influência na formação da ocupação, assim como o Loteamento Santa Cecília, localizado no bairro Três Vendas, no outro lado da cidade em que sua formação também tem forte influência da mão de obra que deixava o campo para trabalhar no comércio ou nas indústrias, assim como no bairro Balsa e Porto.

Essas ocupações e formações de bairro não tinham um acompanhamento do poder público, os trabalhadores formaram suas moradias conforme lhes eram possíveis, sem saneamento básico, luz, água encanada, ruas em péssimas condições, sem acesso a muitos pontos de cultura ou festivais para a juventude. Desta forma se constituíram diversos modelos de sociabilidade e de moradia, casas em áreas de preservação ambiental (APP), moradia dentro dos barcos, ocupações em espaços privados, onde seus donos não exerciam a função social da terra. Após o fim das indústrias nos bairros e no município os trabalhadores passaram então a exercer trabalhos informais para manter a renda familiar ou começaram a se envolver com a pesca diretamente.

Muitas dessas famílias oriundas do meio rural ou de outras cidades que não tinham grandes oportunidades de emprego constituíram um modelo de habitar que hoje chamamos de





posse, em meio a várias formas de debate sobre o direito a posse, iremos abordar essas questões a partir das contribuições do autor Jacques Alfonsin. Segundo Alfonsin (2014, p.175): “O debate sobre a posse das coisas constitui fato ou direito, então, perde qualquer sentido quando a falta de acesso das pessoas àquelas que são indispensáveis a vida põe em risco ou elimina esse direito.”

Como abordado à cima, o conflito de direitos é evidente, assim como o conflito de interesses, a problemática trazida pelo autor é de que o debate sobre o direito a vida, não está sendo abordado com a prioridade que deveria quando se fala sobre moradia e direito a posse. Poderíamos julgar alguém que está procurando um espaço para abrigar sua família como se esse problema fosse meramente individual e não uma negligência do Estado? Indo ao encontro do que aborda Jacques Alfonsin a terra como objeto de posse é indispensável para a satisfação das necessidades vitais do ser humano (Alfonsin. 2014). O direito a vida só é garantido quando dada as condições concretas para que isso aconteça, sem condições reais de moradia que satisfaça seu modo de habitar e existir a cidade, famílias inteiras acabam por não ter um local para morar e quando tem, é em condições precárias e insalubres, com diversos direitos negados e convivendo com um forte discurso de culpabilização pela sua condição de vida.

Pesquisar a função social da posse da terra é investigar o processo de urbanização histórico pelo qual passou todo um contingente populacional, é reconhecer os conflitos de ordem econômica, política e geográfica que pulsam no interior das cidades:

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora da pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico, de que é o suporte, como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial. (Santos, 2009, p. 10).

Diante desses apontamentos e reflexões pretendemos abordar as desigualdades territoriais focalizando em experiências reais que o grupo teve a partir da pesquisa e extensão.

LOTEAMENTO SANTA CECÍLIA

Focalizando no Loteamento Santa Cecília na cidade de Pelotas, onde exercermos abordagens de forma qualitativa, com auxílio do diário de campo³ e de questionários semi estruturados, observamos a formação crítica que formou o sub-bairro dentro do bairro Santa Terezinha.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Os moradores do sub-bairro advêm em sua grande maioria do bairro Santa Terezinha, oriundos da zona rural vinham para a cidade trabalhar nos engenhos de arroz e na construção civil, que na época da formação estavam em constante aceleração.

Os primeiros ocupantes sem possibilidades de acumular riquezas materiais, como toda a classe trabalhadora no modelo capitalista, residiam em casas cedidas ou alugadas, durante a industrialização e a expansão do capitalismo vivenciaram o encarecimento do custo de vida, e sem condições de manter suas moradias, enxergaram na área desabitada um meio de viver. Durante o período de ocupação houve movimentos migratórios, muitas famílias saíram do lugar cedendo as moradias para pessoas pertencentes à própria constituição familiar, redesenhando o território a partir dos laços consangüíneos. A ocupação da Sanga das Três Vendas manifesta-se como resultado de um processo social, oriundo do modelo de urbanização e formação das cidades contemporâneas. O resultado será a forte manifestação da questão social como resultado do processo de exploração, opressão, discriminação e desigualdade social:

As políticas sociais e a formatação de padrões de proteção social são desdobramentos e até mesmo respostas e formas de enfrentamento – em geral setorializadas e fragmentadas – às expressões multifacetadas da questão social no capitalismo, cujo fundamento se encontra nas relações de exploração do capital sobre o trabalho. (Behring e Boschetti, 2007, p. 51)

A criminalização das ocupações possui grande influência nos conflitos entre o bairro e ocupação, principalmente porque alguns moradores encontraram meios distintos para sobreviver, entre eles o envolvimento com o tráfico de drogas. Entendemos que o ser humano é produto e produtor da sociedade em que vive desta forma, sendo socializado em uma sociedade individual e que visa o lucro acima de tudo, é visto como “normal” sobreviver através do envolvimento com o tráfico, direta ou indiretamente, do furto e venda de materiais roubados dentro de ocupações em extrema vulnerabilidade, ainda que esse tipo de trabalho informal não seja apenas característica de regiões pobres. Esse modelo de sociabilidade acaba por se tornar parte da cultura local, estando presente nas fases da juventude, como por exemplo, sendo algo que caracteriza a passagem de menino para homem (Fonseca, 2016). Essa naturalização da criminalidade e o uso intenso de drogas, não presente apenas nessas comunidades periféricas, é reflexo da falta de políticas públicas que visem à melhoria de vida, como educação de qualidade, saúde que atenda a pluralidade da classe trabalhadora e oportunidades de emprego, que não excluam os negros, lgbtt, e mulheres.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Na cartografia do loteamento, a paisagem apresenta famílias em situação de vulnerabilidade social, expostas a todo tipo de risco, seja ele, de insegurança alimentar, de violência, evasão escolar e analfabetismo, tráfico de drogas, moradias precárias, depósito de dejetos, etc...

Conforme indica o referido memorando do Banco Mundial, é para as regiões pobres que se têm dirigido os empreendimentos econômicos mais danosos em termos ambientais. Do mesmo modo, é nas áreas de maior privação socioeconômica e/ou habitadas por grupos sociais e étnicos sem acesso às esferas decisórias do Estado e do mercado que se concentram a falta de investimento em infra-estrutura de saneamento, a ausência de políticas de controle dos depósitos de lixo tóxico, a moradia, a desertificação, entre outros fatores, concorrendo para suas más condições ambientais de vida e trabalho. (Acsegrad, 2009, p. 08-09).

Na maioria das vezes as áreas ocupadas pelos trabalhadores, são áreas de desmoraamento, alagadiças, sem infraestrutura urbana, próxima de córregos. Além de outros fatores, como os acordos do Estado com as empresas privadas que tendem a garantir o espaço urbano para estas, a especulação imobiliária é responsável por tornar essas áreas de risco ambiental, as únicas acessíveis as comunidades de baixa renda. A exclusão social está inteiramente ligada a áreas de riscos ambientais, descaracterizando o senso comum de que a degradação do meio ambiente atinge a todos indiferenciadamente (Acsegrad, 2009).

A raça, ligada diretamente a classe social, é um dos fatores que influencia nessa desigualdade ambiental.

(...) pode-se constatar que a raça, no Brasil, também constitui numa variável importante em termos de distribuição da 'desproteção ambiental', embora possa ser ainda prematuro afirmar que esses dados sugerem a existência de um 'racismo ambiental' com o mesmo perfil do norte-americano, sobre o qual se chegou a inferir que a cor da pele seria a variável mais apta a explicar a distribuição de determinados riscos ambientais. (Acsegrad, 2009. p.47).

A situação em que vivem as famílias do Loteamento é de total vulnerabilidade, a área é totalmente precária, consequência da própria dinâmica do modelo de produção capitalista, que visa precarizar áreas populares e manter a segregação.

O loteamento Santa Cecília encontra-se no entorno da Sanga das Três Vendas, que é um braço hídrico do canal Santa Bárbara e atualmente recebe quase todo o esgoto doméstico tornando o local extremamente poluído. Esse curso hídrico corta a cidade e serve como escoadouro das águas pluviais e esgoto, o que expõe a comunidade a graves problemas de saúde, a riscos ambientais, doenças de vinculação hídrica, entre outras.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Se analisarmos as famílias mais pobres são maioria nas proximidades de córregos, de esgoto aberto, fluxo de água. Quanto mais em situação de miséria, mais próximo da água essas famílias estão. (Acsehrad, 2009)

Uma característica das relações econômicas existentes quanto menor a renda familiar mais exposição a riscos ambientais.

A estrutura é falha, a ponte que liga a ocupação ao bairro Santa Terezinha está a ponto de cair, colocando em risco a vida das crianças que residem no local, além do restante da comunidade. A prefeitura municipal alega que por residirem em uma área de ocupação não tem condições de disponibilizar o saneamento adequado, porém a responsabilidade perante o risco de vida dessas pessoas continua sendo do Estado. “[...] A quem cabe a responsabilidade por esses males, interessa tanto ao Estado como a qualquer do povo, numa sociedade que se pretende fraterna, como diz o preâmbulo da nossa Constituição Federal.” (ALFOSIN, 2005, p.176)

No loteamento Santa Cecília, identificamos que além do direito a moradia e a estrutura adequada outros tipos de direitos estão sendo negados, nem mesmo a Política de Assistência Social/PNAS está sendo assegurada, já que o Centro de Referência de Assistência Social/CRAS Três Vendas não consegue atender as demandas do bairro, dificultando o atendimento do sub-bairro, desta forma não garante políticas públicas como Bolsa Família, que muitas vezes não é de conhecimento da população e quando é a prefeitura municipal de Pelotas não consegue garantir.

O LEGAL E O ILEGAL NA CIDADE

O fator econômico é o que diretamente influencia na legalidade ou ilegalidade de uma ocupação, quando o Estado vende uma área para a iniciativa privada, seja ela área de proteção ambiental ou uma área imprópria para ocupação, o empreendimento tem condições de pagar qualquer multa se está vir a ser feita.

Isso ocorre por que:

É muito difícil, para não se dizer impossível, que o lugar social ocupado pelo intérprete da lei e dos fatos, não pese decisivamente em seu diagnóstico e prognóstico relacionados com a solução de qualquer situação, ação, ou conflito sobre terra, seja ele reivindicatório seja possessório. (ALFOSIN, 2005, p. 176-177)





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Uma ferramenta de organização e que pode ser utilizada em situações que o poder público pede a reitegração de posse ou mesmo o proprietário do imóvel, ou quando se quer a aprovação de construções imobiliárias ou mudanças significativas no plano diretor da cidade, são as audiências públicas, porém muitas vezes esses espaços não podem ser ocupados pela população que está vivendo esse debate, pelos horários em que ocorrem, pela metodologia utilizada nesses espaços. Torna-se um ambiente completamente difícil de lidar e de compreender para quem não frequenta esses espaços, o que acaba por distanciar a população.

Devemos então descartar as audiências públicas por serem em sua grande maioria ineficazes? “Após anos de experiências com esse instrumento, parece ser tempo de repensá-lo, refletir como tem servido e pra quê, buscando, assim, avançar no real cumprimento do seu propósito.” (Rolnik, 2013, p.107)

O capital na sua essência não quer eliminar a escassez da moradia mesmo que isso se torne evidentemente possível. Esse apontamento se mantém atual no Brasil do século XXI, quando Engels afirmará que o processo de formação dos grandes aglomerados urbanos provoca o aumento de aluguéis, a concentração de famílias em uma única residência e, quando não, desabrigadas. O filósofo explica que o problema não está na pouca quantidade de moradias, mas na maneira com que são distribuídas (ENGELS, 1820-1895).

É importante a compreensão de que no Brasil o direito a propriedade não é absoluto, pois o mesmo está condicionado a uma função, a sua função social. Conforme o artigo cento e setenta da Constituição Federal de 1988 logo após o direito a propriedade o inciso III traz função social da propriedade. (Constituição Federal, 1988)

Uma residência não pode estar desocupada e/ou abandonada por anos, quando isso acontece essa propriedade está ilegal. Porém retornando a reflexão que tivemos mais acima, o ilegal e o legal na cidade vive em constante conflito de interesses, tendo sua base capital x trabalho.

Outro dado importante de analisamos quando falamos de moradia e ocupações no Brasil são os números de residências ociosas que deveriam estar cumprindo sua função social, sua função de moradia. Segundo dados do livro Por que ocupamos? de Guilherme Boulos, hoje contamos no país com mais de seis milhões de famílias sem casa em contraste a isso temos mais de sete milhões de residências ociosas, se o capital tivesse interesse em acabar com o deficit





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

habitacional do país, não seria necessário a construção de novos prédios e sim a desapropriação e distribuição destes que estão ilegais. (Boulos, 2014)

A presente realidade está cada vez mais conflitante nos seus princípios segregadores, observa-se a acelerada criminalização da pobreza e dos movimentos sociais, essa criminalização reproduzida pela sociedade legitima ações desproporcionais por parte do Estado, representado principalmente pela polícia militar, que tem sua principal atividade voltada para a proteção da propriedade privada do que pela proteção dos indivíduos. O que acaba por fortalecer as disputas dentro das comunidades e fora delas, pois as periferias a muito não enxergam no Estado e na PM uma referência em segurança, mas sim, em extermínio da população jovem, negra e periférica. Essa realidade por outro lado aumenta o número de organização da comunidade, estabelecendo sua própria autonomia, instalando meios de garantir a de ordem, a sobrevivência e a segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada tem como objetivo se tornar um forte instrumento de estudo sobre a caótica urbanização, analisando suas condições de vida e a desproteção social, pautando os direitos sociais e humanos não garantidos na formação da sociedade brasileira. Em fase de conclusão, porém entendendo que esse debate não pretende cessar nas abordagens trazidas até o presente momento e também ressaltando que a realidade está em freqüente movimento, a presente pesquisa não estará apresentando um quadro fechado da realidade observada.

A igualdade neste sistema torna-se princípio de uma luta diária, que tende a ter seu fim, apenas com a mudança do modo de produção. Mas que se faz necessário uma mobilização freqüente dos movimentos sociais, das universidades e das famílias em situação de posse, diminuindo a distância das universidades com seus conhecimentos técnicos das lutas práticas dos movimentos sociais e da realidade concreta das famílias observadas.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do A.; BEZERRA, Gustavo das Neves. O que é Justiça Ambiental. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do A.; BEZERRA, Gustavo das Neves. O que é Justiça Ambiental. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ALFONSIN, Jaques Távora. A função social da posse como pressuposto de licitude ético-jurídica do acesso e da conservação do direito à terra, Acessado em 24/07. 2016. Disponível em: <http://www.ccj.ufsc.br/capturacriptica/documents/n1v2/parciais/ribas%28n1v2%29>

BAREMBLITT, G. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos 1992;

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. Política Social: fundamentos e história. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BOULOS, Guilherme. Por que ocupamos? Uma introdução à luta dos sem teto. 4. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2014. 128 p.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p

ENGELS, Friedrich. Sobre a questão de moradia, São Paulo, BoiTempo, 2015.

FONSECA, Aline Cunha da. Modos de habitar: Referências culturais na constituição de territórios periféricos de Pelotas. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Cap. 4.

INCRA. Cidadania e Reforma Agrária. Acessado em 03 de mai. 2015. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/>.

ROLNIK, Raquel. Audiências Públicas: repensar para poder avançar. In: ROLNIK, Raquel. Territórios em conflito: São Paulo: espaço, história e política. São Paulo: Três Estrelas, 2017. p. 106-107.

SANTOS, M. A urbanização brasileira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

DIÁLOGO ENTRE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA: O PASSADO PRÉ- COLONIAL DE BROCHIER/RS

DIALOG BETWEEN ARCHEOLOGY AND HISTORY: THE PRECOLONIAL
PAST OF BROCHIER/RS

SCHÜLER, Thais Gaia - Feevale¹

MAGALHÃES, Magna Lima - Feevale²

WEBER, Roswithia - Feevale³

Resumo: O trabalho propõe o diálogo entre a arqueologia e a história na constituição de um ensaio sobre o passado pré-colonial do município de Brochier, interior do Rio Grande do Sul, através da análise das principais construções de cunho historiográfico sobre o local, mas também da consideração da pesquisa arqueológica desenvolvida. Este local tem destaque no contexto historiográfico estadual por ter sido colonizado por franceses e teuto-brasileiros, enquanto a arqueologia revela a ocorrência de uma das ocupações humanas mais antigas do Estado, nas terras da localidade de Batinga Sul. As narrativas acerca do período de contato entre grupos nativos e colonos são marcadas, de forma mais acentuada, pelo discurso legitimador da colonização e pela impossibilidade de coexistência entre estes dois mundos.

Palavras-chave: arqueologia. historiografia. pré-colonial.

Abstract: The paper tenders a dialog between archeology and history to make an essay about the precolonial past of Brochier, countryside area of Rio Grande do Sul, trough the analysis of the main historiographic works about this place, but also considering the archaeological research. This place is highlighthed in the state historiography context for been colonized by Frenches and German-Brazilians, while the archeology demonstrates one of the oldest human occupation of this State, in Batinga Sul's lands. The narratives about the contact phase between natives humans groups and colonizers are strongly measured by the colonization's legitimating speech and by the impossibility of the coexistence between that worlds.

Keywords: archeology. historiography. precolonial.

INTRODUÇÃO

Considerando-se a história não como a reconstituição do passado, mas como uma construção discursiva sobre ele (JENKINS, 2007), este trabalho busca estabelecer possibilidades para o estudo do passado pré-colonial do município gaúcho de Brochier pelo diálogo entre fontes históricas e arqueológicas. À luz das proposições da Nova História, que se propõe à percepção da realidade como cultural e socialmente construída (BURKE, 1992), ocorre o esforço pela valorização de pesquisas com objetos mais reduzidos, com maior nível de

¹ Especialista em Memória Social e Identidades pela Universidade Luterana do Brasil (2007). Bolsista CAPES no Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: thaisschuler@yahoo.com.br

² Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2010). Orientadora. Professora do PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: magna@feevale.br

³ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Coorientadora. Professora do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Feevale. Email: roswithia@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

aprofundamento, utilizando novas possibilidades de fontes de forma a articular significado (VASCONCELOS, 2012).

O município de Brochier, localizado na Região do Vale do Caí, interior do Rio Grande do Sul, destaca-se no cenário historiográfico por ter sido um dos poucos municípios do Estado a ser colonizado por franceses por volta de 1832, os quais, nas décadas que transcorreram, realizaram a venda de boa parte destas terras a teuto-brasileiros⁴ provenientes da região do Vale dos Sinos, especialmente. A pesquisa arqueológica local traz indícios de uma das mais antigas ocupações humanas do Estado pelo estudo do sítio arqueológico RS-TQ-58 (Garivaldino Rodrigues), localizado nas terras da Batinga Sul.

Localizado a 63,98 km de Porto Alegre, Brochier faz divisa com os Municípios de Maratá, Poço das Antas, Teutônia, Paverama e Montenegro, abrangendo uma área de 106,790 km² e com população estimada em 4952 habitantes, de acordo com dados do IBGE (2015). A economia do município baseia-se na indústria moveleira e de calçados, no comércio, na agricultura, pecuária, silvicultura e na produção de carvão vegetal, cuja cultura da transformação da lenha da acácia negra faz de Brochier um dos principais produtores de todo o Estado.

A identidade cultural local, aqui compreendida sob a perspectiva dos estudos culturais como uma forma de autorrepresentação (WOODWARD, 2000), se propõe a uma afirmação da origem teuto-brasileira, estando perceptível a operação da memória como elemento fundamental na construção da identidade deste grupo, uma vez que os indivíduos se apresentam aos outros e enxergam a si mesmos baseados em uma memória compartilhada e transmitida através das gerações (NORA, 1993). A maior parte da população fala o dialeto alemão, buscando manter aspectos tradicionais legados por seus antepassados germânicos, seja nas festividades, na produção de artesanato ou na gastronomia. Dados sobre o período anterior ao processo colonizatório de 1832 são praticamente desconhecidos, sendo nossa preocupação sintetizar o conhecimento arqueológico e os dados historiográficos disponíveis.

Neste trabalho, propomo-nos a promover o diálogo entre as informações provenientes da arqueologia e da historiografia, tendo como recorte geográfico o município de Brochier desde as primeiras formas de ocupação humana até o estabelecimento dos primeiros colonos de

⁴ Teuto-brasileiros, na concepção de Ilka Boaventura Leite (1996), são filhos de alemães nascidos no Brasil, oriundos de colônias germânicas já estabelecidas no território brasileiro.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

origem alemã na região. Consideramos, para isso, a dinâmica territorial do período, trazendo informações arqueológicas provenientes da pesquisa de Pedro Augusto Mentz Ribeiro e do Pe. Ignácio Schmitz na década de 70 e 80 vinculadas ao IAP – Instituto Anchietano de Pesquisas Arqueológicas, na atualização de sítios catalogados na região de Montenegro realizada por Lisiane da Motta (2011), e pelo Programa Arqueológico do Vale do Caí – PACA – conduzido por Adriana Dias entre os anos de 2006 e 2009. No âmbito historiográfico, retomamos a produção bibliográfica proveniente dos acervos regionais do Museu Histórico Nice Antonieta Schüller, do Arquivo Histórico de Montenegro e do Memorial *Neu Frankreich*, localizado na Linha Pinheiro Machado (em Brochier), de onde selecionamos três fontes: a pesquisa do historiador Vitor Hugo Garaes (2008), desenvolvida sob o paradigma da historiografia positivista, mais centrada na política e na consulta a documentos oficiais; a publicação alusiva aos 161 anos do município intitulada “Brochier maior a gente que faz!” (1995), escrita pelo jornalista Egon Hilário Musskopf, a qual apresenta diversos aspectos (economia, história, arqueologia, geografia, etc) relacionados à localidade, mas com enfoque na divulgação jornalística; e a monografia elaborada por Ildo Oscar Fauth publicada no livro “Montenegro de Ontem e de Hoje” (KAUTZMANN, 1985) cujo enfoque memorialista talvez represente a construção mais aprofundada sobre o município. No trabalho em questão, Fauth (1985) toma muito da memória coletiva como fonte historiográfica, podendo sua abordagem ser relacionada à concepção de Jacques Le Goff (2003) que entende a memória como propriedade de preservação de informações e percepções coletivas ligadas à vida social opera como modo de apropriação do passado. Desta forma, a memória coletiva seria a responsável pela expressão de certos valores culturais comuns a um grupo, pois, ao constituir-se de uma seleção de feitos e marcos, ela expressa os critérios que tal grupo utiliza para fazer esta seleção (HALBWACHS, 1990).

Por fim, esta análise ainda considerou as narrativas produzidas nas décadas de 40 (GANSWEIDT, 1946) e 70 (BARBOSA, 1977) acerca do episódio de conflito entre o indígena Luis Bugre e uma família de colonos do alto Vale do Caí, visto ser esta narrativa presente no imaginário da região⁵.

⁵ Aqui entendido na concepção de Bronislaw Baczko (1985), como sistema simbólico presente no coletivo social e mantido através de construções representativas, ainda que por imposição.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DA PRÉ-HISTÓRIA

O conceito de pré-história consolida-se na historiografia positivista ou tradicional organizada pelos europeus no século XIX, a qual propõe a divisão estrutural (MARCZAL, 2016) da “história da humanidade” em períodos delimitados por grandes invenções ou acontecimentos (ligados à política, geralmente). Segundo este modelo, a pré-história corresponde ao longo período referente ao surgimento dos primeiros ancestrais humanos (ou à chegada do ser humano, no caso da América) até o desenvolvimento da escrita. Este modelo de estudos, entretanto, tem sido criticado pela historiografia contemporânea por ser um modelo eurocentrista, que desconsidera que o próprio desenvolvimento da escrita ocorreu de forma diferente e em diferentes datações ao redor do mundo (SILVA & SILVA, 2009).

Este conceito nega a possibilidade de populações sem escrita possuírem história já que, por definição, a história só existiria a partir do registro escrito dos acontecimentos. Faz muito tempo que esta visão preconceituosa das culturas ágrafas foi abandonada. O termo pré-história, porém, continua sendo entendido como uma convenção que indica não um povo sem história (portanto sem importância), mas sim um marcador de tempo que indica estarmos falando de culturas que, por qualquer motivo, não utilizavam o registro escrito dos acontecimentos. (LAVINA, 2004, p.16)

Por ocupar-se de sociedades ágrafas, o estudo da pré-história baseia-se, essencialmente, nos indícios materiais deixados por essas sociedades ancestrais, campo de estudo da arqueologia, a qual se organiza cientificamente após a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, a arqueologia ganha interesse acadêmico a partir da década de 50, consolidando-se com o PRONAPA – Programa Nacional de Arqueologia na década de 70.

ARQUEOLOGIA E HISTORIOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE BROCHIER

O município de Brochier localiza-se entre as bacias hidrográficas dos Rios Caí e Taquari, estando em seus limites geográficos deste município treze sítios arqueológicos de ocupação pré-colonial, cujas tradições⁶ são relacionadas às tecnologias Umbu, Taquara e Guarani. Referente à antiguidade da presença humana em terras brochienses, os estudos arqueológicos atribuem às terras da Batinga Sul, na Bacia hidrográfica do Rio Taquari, uma das mais remotas

⁶ A arqueologia aborda o estudo da pré-história utilizando critérios relacionados ao estudo das características tecnológicas desenvolvidas pelos assentamentos humanos. A presença humana no sul do Brasil aponta para a ocorrência de quatro tradições tecnológicas relacionadas à leva de ocupação humana mais antiga, remontando há até 10 mil anos: Umbu, Humaitá, Vieira e Sambaqueira; e duas à leva de ocupação mais recentes, remontando a cerca de 2 mil anos antes do presente: Taquara e Guarani (NOELLI, 2000). As implicações da utilização deste tipo de classificação são discutidas por Dias (2004).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ocupações humanas conhecidas no Estado do Rio Grande do Sul. O sítio RS-TQ-58⁷, registrado no CNSA – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos, como Garivaldino Rodrigues, foi estudado inicialmente na década de 80 por Mentz Ribeiro, registrando uma datação radiocarbônica de 9400 A.P. (ROSA, 2011). O abrigo sob-rocha em questão apresenta indícios arqueológicos que o relacionam a uma primeira ocupação Umbu em fase Ibicuí (considerada a fase mais antiga de ocupação humana do Estado) seguida de ocupações consecutivas e intensas por outros grupos caçadores-coletores em momentos posteriores (ROSA, 2009). Para ocupações mais recentes do RS-TQ-58, a arqueologia determina presença humana relacionada à Tradição Taquara a partir dos últimos 700 anos, pela ocorrência de registros cerâmicos (ROSA, 2009). A escavação do local, segundo o trabalho de Motta (2011), apresentou vasto material lítico, faunístico, e cerâmico. Em uma segunda fase de estudos, então conduzidos pela Dra. Adriana Dias (UFRGS), entre 2005 e 2009, foram identificados petróglifos no local (MOTTA, 2011). Os restos de alimentação dispostos confirmam a característica nômade destes grupos, através, por exemplo, da ocorrência de restos de espécimes endêmicos de regiões litorâneas, distante cerca de 130km (MOTTA, 2011). Outros indícios de grupos humanos nômades semelhantes são encontrados em outras regiões do município, embora os estudos nestes locais tenham ocorrido restritamente em nível de prospecção e coleta de superfície. Referente às levadas de ocupação humana de datação mais recente, é importante o referencial estabelecido pelos estudos de Mentz Ribeiro, em 1972, na determinação de uma fase específica dentro da Tradição Taquara (KLAMT, 2016). A referida fase, denominada Caí, segundo Schmitz (1991), refere-se aos acampamentos de grupos humanos portadores da Tradição Taquara em abrigos dos vales do Rio Caí e Sinos.

O início da colonização local é atribuído à chegada de dois irmãos de origem francesa, Augusto e João Honório⁸ Brochier ocorrida por volta de 1832 (FAUTH, 1985). Provenientes de Marselha, na França (MUSSKOPF, 1995 e GARAES, 2008), teriam desembarcado no então Porto das Laranjeiras (atual Cais do Porto de Montenegro) e adentrado cerca de 25km na mata fechada para fixarem-se às margens de um arroio que nos anos seguintes ganharia o nome de Arroio dos Franceses, chamado hoje de Arroio Brochier (MUSSKOPF, 1995). Ali, passaram a explorar a madeira em uma área que hoje corresponde ao centro da cidade. Embora pouco

⁷ Note-se que RS refere-se ao Rio Grande do Sul e que TQ refere-se à Bacia Hidrográfica do Rio Taquari.

⁸ Em francês, Jean Honoré (FAUTH, 1985). O mesmo autor sugere que a grafia “Brochier” também seja uma naturalização, sendo “Brouchier” a grafia francesa original.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

abordado na historiografia, é possível que nos anos que decorreram outras famílias de origem francesa tenham se estabelecido na região, a exemplo da família Saticq, de Marselha (FAUTH, 1985), da qual é proveniente Maria Saticq. Há indicação de seu casamento com Augusto Brochier (FAUTH, 1985), cuja união teria gerado ampla descendência⁹, mas registra-se, por outro lado, e sem grande aprofundamento nos estudos, notícia de cartas atribuídas ao senhor Anacreonte Saticq, descendente dela, que afirma ter ela sido casada com João Honório (FAUTH, 1995). A historiografia registra, ainda, que João Honório teria tido um filho, Gabriel, segundo Carneiro, Fetzner e Fernandes (2016), com uma índia que morreu no parto, o qual foi assumido e criado como legítimo. Aqui, é interessante destacarmos que a casa original onde viveram os irmãos Brochier e seus filhos permaneceu no local até o final da década de 1990. Este local (localizado na área central, na rua principal do município) não recebeu nenhuma construção posterior, representando um sítio histórico de relevância para a historiografia e arqueologia municipal, embora ainda não seja registrado pelo IPHAN.

No que concerne à colonização alemã, o estabelecimento de colonos teuto-brasileiros ocorre na década de 1850¹⁰ pela expansão das colônias da região do Vale do Rio dos Sinos, através de uma colonização privada das terras que então faziam parte da Fazenda Brochier, resultando no estabelecimento de várias localidades circundando o que hoje é a área central do município (GARAES, 2008).

Considerando-se o período de contato entre grupos nativos e os colonizadores europeus, a região do município de Brochier apresentou ausência de fontes primárias. A presença indígena à ocasião do estabelecimento dos irmãos Brochier e no início da ocupação teuto-brasileira relaciona-se mais a relatos orais de antepassados dos moradores da região e na pesquisa à produção de outros historiadores. A maior parte das fontes secundárias esforça-se por estabelecer a relação de João Honório e Augusto Brochier com os indígenas locais como pacífica e harmoniosa, apesar de algum incidente¹¹. A pesquisa de Motta (2011) encontra embasamento para esta afirmação nas lápides restauradas dos irmãos, localizadas no Cemitério Municipal de Brochier e na produção de Balduino Rambo (1956). Os relatos acerca deste

⁹ Lista de descendentes de João Honório e de Augusto Brochier podem ser encontradas em Fauth (1985, p.317).

¹⁰ Na datação estabelecida por Garaes (2008). Esta datação torna-se variável de acordo com o autor: 1856, de acordo com Carneiro, Fetzner & Fernandes (2016) e 1866 na concepção de Musskopf (1995).

¹¹ Tem-se notícias de um ataque de índios à casa dos irmãos Brochier seguido de sequestro de uma crida e seus dois filhos, que, na pesquisa da historiadora, pode estar relacionado ao acobertamento e fuga para um quilombo (MOTTA, 2011).





período de contato fazem referência ao indígena como “caaguá”, “coroado”, “bugre” e “botocado”, sendo também comum a referência a “guayaná”, todas nomenclaturas alusivas à tradição Taquara e a grupos kaingang. Segundo Schmitz (1991), estas nomenclaturas estariam relacionadas às diferentes fases da tradição Taquara (Guatambu, Guabiju, Taquara, Taguaruçu, Giruá e Xaxim). A pesquisa de Adriana Dias (2004) também relaciona a Tradição Taquara à etnologia kaingang.

Segundo Garaes (2008) e Schmitz (1991), o estabelecimento de grupos teuto-brasileiros na região agiu de maneira drástica sobre populações kaingang, tendo levado estas comunidades nativas a migrarem para outras regiões. É recorrente na memória oral da região o conflito entre indígenas e imigrantes, em narrativas etnocêntricas que reconhecem duas possibilidades: o extermínio ou a aculturação do indígena local. Os discursos buscam legitimar o direito ao processo colonizador, construindo, na percepção de Pastre (2015), um imaginário acerca das populações autóctones que lhes atribuiu “características pejorativas, percebendo-as como elementos da natureza selvagem a serem vencidos pela civilização” (PASTRE, 2015, p.12). A mesma ideia é reforçada na análise de Daniel Gehver e Gabriela Dilly (2016) que afirmam que a produção de uma memória social e de uma identidade relacionada à colonização alemã no Rio Grande do Sul “procurou vitimizar os imigrantes alemães, frente à natureza selvagem e hostil, habitada pelos indígenas.(...) Nesse caso, a identidade étnica dos alemães se constituía pela negação daquilo que era identificado como ‘indígena’, que passa a ser desqualificado” (GEHVER & DILLY, 2016, p.3). É interessante, nesta percepção, a análise das narrativas estabelecidas acerca do episódio relacionado à figura de Luis Bugre¹² que abordam os constantes conflitos por posse de terras envolvendo colonos locais (especialmente de origem alemã) e índios kaingang na região, as quais culminaram com o assassinato de uma família de colonos por este indígena aculturado. As narrativas fazem constante referência ao “espírito livre” e à “desobediência” de Luis Bugre, sempre reforçando sua identidade transitória e traiçoeira que vaga entre a realidade dos colonos e dos índios. É personificado como uma figura solitária, violenta e vingativa, segundo Dornelles (2010), que goza de mobilidade entre distintos mundos, tira proveito deles, convive com suas múltiplas identidades. A respeito da ambiguidade

¹² Narrativa popular recorrente no imaginário da região do Vale do Caí, publicada na década de 40 pelo Pe. Mathias José Gansweidt sob o título de “As vítimas do Bugre” e na obra “Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães”, de Fidélis Dalcin Barbosa, analisadas pela historiadora Soraia Dornelles (2010) e por Gehver & Dilly (2016). Neste ensaio, estas produções são tomadas como fonte histórica.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

identitária do personagem central, é importante, ainda, a consideração que faz a autora sobre a percepção dos colonos italianos acerca dele, tido com estima em função dos serviços prestados na condição de “semicivilizado” (BARBOSA, 1975, p.19, *apud* DORNELLES, 2010, p.11). Seu acompanhamento e seus ensinamentos aos grupos de italianos que chegavam ao Porto de São Sebastião do Caí para subir a Serra em direção à Colônia de Caxias do Sul dariam origem à região historicamente conhecida como Campo dos Bugres, local considerado como símbolo do sucesso da colonização italiana no Rio Grande do Sul. A pesquisa de Proença (2014) sobre a herança indígena no Vale do Caí, propõe que a figura do índio e sua participação na formação desta sociedade praticamente inexistem nos relatos orais e que o conceito de civilizador europeu é muito presente na construção historiográfica local. Os ameríndios são, frequentemente, representados como figuras pretéritas, desvinculadas da realidade contemporânea local, sendo que muito do que se reproduz acerca destes grupos humanos fica mais vinculado ao senso comum que à pesquisa arqueológica, etnológica ou historiográfica. Este autor identifica que a historiografia sobre a região das terras baixas do Rio Caí (onde se insere o município de Brochier) aborda a presença de grupos autóctones, basicamente de duas maneiras: afirmando sua extinção diante da presença europeia ou (em uma abordagem mais recente) defendendo a hipóteses de ter havido significativa redução populacional, porém de presença contínua mesmo após a colonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre a arqueologia e a história permite a formação de um ensaio sobre o período anterior à colonização e referente aos primeiros contatos entre colonos franceses e teuto-brasileiros nas terras do que hoje se constitui o município de Brochier. A pesquisa arqueológica indica a existência de ocupações humanas sucessivas nestas terras, processo iniciado há cerca de 9400 anos antes do presente, primeiramente por grupos caçadores-coletores relacionados à Tradição Umbu e a posteriores ocupações ceramistas Taquara e Guarani. Foi possível estabelecer uma remanescência da tradição Taquara no período de chegada dos primeiros grupos colonizadores e relacioná-la à etnologia kaingang.

A memória local referente ao período de contato entre colonizadores e nativos indicou, por vezes, a tentativa de atribuição de bom relacionamento entre os irmãos Brochier com indígenas locais, inclusive gerando suposta descendência através do filho de João Honório. É destacado, ainda, o reconhecimento da eficiência indígena enquanto subserviente às





necessidades dos colonizadores. Foi mais recorrente, entretanto, a indicação de encontros violentos entre nativos e descendentes de europeus, sendo presente o discurso de legitimação do processo colonizador e a impossibilidade de coexistência entre indígenas e colonos.

REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leach, Edmund *et al.* **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Luis Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães**. Passo Fundo: EST, 1977.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Edusp, 1992.

CARNEIRO, Daniela. FETZNER, Paulo Ricardo. FERNANDES, Juliane Solange. **Caminhos Franco-Germânicos: proposta de roteirização turística de base histórica para o município de Brochier/RS**. 2016. 55f. Relatório de Pesquisa (Técnico em Guia de Turismo). Escola Estadual Técnica São João Batista. MOSTRATEC 2016. Montenegro, 2016.

DIAS, Adriana & JACOBUS, André Luiz. **Quão antigo é o povoamento do Sul do Brasil?** In: Taller Internacional de INQUA La Colonización del Sur de America durante la Transición Pleistoceno/Holoceno, Universidad Nacional de La Plata, dezembro de 2000. Disponível em <<https://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/03/4-3b-dias-a-s-jacobus-a-quc3a3o-antigo-c3a9-o-povoamento-do-sul-do-brasil.pdf>>. Acesso em: 04 de junho de 2017.

DIAS, Adriana Schmidt. **Repensando a Tradição Umbu Através de um Estudo de Caso**. 1994. 250 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 1994.

DIAS, Adriana Schmidt. **Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul**. 2003. 401f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa Interdepartamental de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2003.

DIAS, Jeferson Luciano Zuch. **A relação entre a tradição Taquara e o índio kaingang**. 2004. 203f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2004.

DORNELLES, Soraia Sales. **O protagonismo histórico indígena no Rio Grande do Sul do século XIX: a experiência de Luis Bugre**. In: X Encontro Estadual de História: O Brasil no Sul. 16 a 30 de julho de 2010. UFSM. Disponível em <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279471348_ARQUIVO_textoAnpuhregional.pdf>. Acessado em 28 de dezembro de 2017.

ERTHEL, Débora. **O caiangang e os Versteg: uma história que sobrevive há 150 anos no Vale do Caí**. Jornal NH: 17 de setembro de 2017. Disponível em <http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2017/09/noticias/regiao/2172938-o-caiangangue-e-os-





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

versteg-uma-historia-que-sobrevive-ha-150-anos-no-vale-do-cai.html>. Acessado em 27 de outubro de 2017.

FAUTH, Ildo Oscar. Brochier: 5º Distrito de Montenegro. In: KAUTZMANN, Maria Eunice Müller (coord.). **Montenegro de Ontem e de Hoje**. Vol.2. São Leopoldo: Rotermund, 1979.

GANSWEIDT, Matias José. **As vítimas do Bugre**. Porto Alegre: Ed.Selbach, 1946.

GARAES, Vitor Hugo. **Brochier**: os fragmentos de memórias e identidades da colonização francesa no Rio Grande do Sul. Cadernos de Pesquisa do CDHIS - n. 38. P.59-68. 1º sem. 2008. Disponível em <www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/download/2207/1823>. Acessado em 24 de setembro de 2016.

GEHVER, Daniel & DILLY, Gabriela. **Proximidades e distanciamentos históricos**: alteridade e representações entre imigrantes e indígenas na literatura do século XIX. In: Anais do I Seminário Nacional de Desenvolvimento Regional, de 31 de março a 1º de abril de 2016, Taquara, RS (recurso eletrônico): Sustentabilidade Socioeconômica e Ambiental no contexto regional. RS, FACCAT: 2016. Disponível em <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/gevehr_dilly_2_0.pdf>. Acessado em 28 de dezembro de 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. CNSA – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa>>. Acessado em 12 de abril de 2018.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2007.

KLAMT, Sergio Celio. A contribuição de Pedro Augusto Mentz Ribeiro para a arqueologia dos portadores da tradição arqueológica Taquara no Rio Grande do Sul. In: Revista do CEPA. V.32, n.44, 2016. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cepa/article/view/8433>>. Acessado em 22 de setembro de 2017.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva & SILVA, Juciane Beatriz Sehn da. **Historicidades e Lutas da Aldeia Kaingang Jamã Tÿ Tãnh em Espaço Urbano**: Protagonismo Indígena Frente à Duplicação da BR 386. In: XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015. Disponível em <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1605/1/2016JucianeBeatrizSehndaSilva.pdf>>. Acessado em 25 de agosto de 2017.

LAVINA, Rodrigo. Antes dos carijó – a tradição tupi-guarani em Santa Catarina vista pela arqueologia. In: AREND, Sílvia Maria & BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina** – séculos XVI a XIX. Florianópolis: UFSC, 2004. P.15-25.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 2003.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LEITE, Ilka Boaventura (org.). Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. In: _____. **Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade**. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996. P.33-53.

LIMA, Henrique Espada. Micro-história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

LIMA, Tania Andrade. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas, Belém (PA), v. 6, n. 1. jan/abr, 2011. P. 11-23. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a02v6n1>>. Acesso em: 29 de maio de 2017.

MARCZAL, Ernesto Sobocinski. **Introdução à historiografia: da abordagem tradicional às perspectivas modernas**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

MOTTA, Lisiane da. **Patrimônio arqueológico de Montenegro/RS: dialogando com a arqueologia e o compromisso social**. 2011. 325 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2011.

MUSSKOPF, Egon Hilário. **Brochier maior a gente que faz**. Revista alusiva aos 161 anos do município. Novo Hamburgo: Editora Echo, 1995. 48f. Tiragem: 3mil exemplares.

NOELLI, Francisco Silva. **A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000**. Revista USP, n.44, dez 1999/fev 2000. P.218-269. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/29849/31735>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. Síntese histórica do povoamento do Rio Grande do Sul. In: OLIVEIRA, Lizete Dias de. SILVEIRA, Elaine da. **Etnoconhecimento e saúde dos povos indígenas do Rio Grande do Sul**. Canoas: ULBRA, 2005. P. 11-34.

PASTRE, Nathan Ferrari. **O contato, o contexto e as representações: o indígena e o imigrante europeu no Rio Grande do Sul do século XIX**. XXVIII Simpósio Nacional de História: Florianópolis, 27 a 31 de julho de 2015. Disponível em <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434466768_ARQUIVO_nathanferrari.pdf>. Acessado em 28 de dezembro de 2017.

PROENÇA, Thiago Iwaszko Marques. **As marcas indígenas na região sócio-paisagística das terras baixas às margens do Rio Caí**. 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2014.

ROSA, André Osório. **Análise Zooarqueológica do Sítio Garivaldino (RS-TQ-58) Município de Montenegro, RS**. Revista Antropologia N° 67: p.133-172. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas (UNISINOS), 2009. Disponível em <<http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/antropologia/antropologia67/Rosa.pdf>>. Acessado em 29 de maio de 2017.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Pré-História do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas (UNISINOS), 1991.

SCHMITZ, Pedro Inácio. **Caçadores Antigos no Vale do Rio Caí, RS**. Revista Antropologia Nº 68. P.79-108. São Leopoldo: IAP - Instituto Anchietano de Pesquisas (UNISINOS), 2010.

Disponível em

<<http://www.anchietano.unisinis.br/publicacoes/antropologia/antropologia68/cai.pdf>>.

Acessado em 29 de maio de 2017.

VASCONCELOS, José Antônio. **Metodologia de Ensino de História**. Intersaberes: Curitiba, 2012.

VIEIRA, Émerson Zanoni. **A influência da Colonização Alemã na mudança do eixo econômico do Rio Grande do Sul**. 2009. 81f. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2009.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

AMORES TÓXICOS: O SUICÍDIO DE MULHERES COMO CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

TOXIC LOVE: THE SUICIDE OF WOMEN AS A CONSEQUENCE OF
DOMESTIC VIOLENCE

Thaís Zanetti de Mello Moretto (Feevale)¹

Alberto Barreto Goerch (Feevale)²

Denise Quaresma da Silva (Feevale)³

Resumo: Analisar os índices brasileiros das práticas de suicídio e suas tentativas frustradas que são ocasionadas por mulheres, realizando uma pesquisa sobre suas causas, o que se realiza a partir da experiência de violência enquanto causa antecessora, sobretudo a violência doméstica por questões de gênero. Neste sentido, importa-nos desvelar uma violência silenciada e que vive à margem sociedade, denotando a marca de uma situação de invisibilidade que desperdiça o corpo feminino, a fim de proporcionar às mulheres sua colocação em um local de fala, não visando o tratamento das mesmas na condição de objeto. Deste modo, será possível observar o caso como uma situação de saúde pública, dando acesso a implementação de políticas públicas preventivas à redução dos índices de mortes prematuras e suas respectivas reiteradas tentativas.

Palavras-chave: suicídio de mulheres 1; violência doméstica 2; gênero 3; saúde pública 4.

Abstract: To analyze the Brazilian indices of suicide practices and their frustrated attempts that are caused by women, conducting a research on their causes, which is done from the experience of violence as a cause predecessor, especially domestic violence due to gender issues. In this sense, it is important to unveil a silenced violence that lives on the margins of society, denoting the mark of a situation of invisibility that wastes the female body, in order to provide women with their placement in a place of speech, not aiming at the treatment of objects. In this way, it will be possible to observe the case as a public health situation, giving access to the implementation of preventive public policies to reduce the rates of premature deaths and their respective repeated attempts.

Keywords: suicide of women 1; domestic violence 2; gender 3; public health 4.

IMPLICAÇÕES TÉCNICAS SOBRE O SUICÍDIO DE MULHERES: DO PSICOLÓGICO AO JURÍDICO

Quando se aborda o tema suicídio feminino duas questões de extrema relevância para análise se complementam: por um lado tem-se o tema sob o ponto de vista jurídico penal, de outro lado há a abordagem em termos psicológicos. Entretanto, neste percurso está, para além de tais abordagem a figura do corpo feminino. Do aspecto jurídico extrai-se o induzimento, a

¹ Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Feevale (Novo Hamburgo/RS). Professora na Graduação em Direito da UniRitter Campus FAPA (Porto Alegre/RS), Professora na Pós-Graduação da Verbo Educacional (Porto Alegre/RS). Advogada Criminalista. E-mail: mzm.thais@gmail.com

² Doutorando em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Professor do Curso de Direito da UFN e FADISMA (Santa Maria/RS). E-mail: betogoerch@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (Porto Alegre/RS). Professora da Feevale (Novo Hamburgo/RS) e UNILASALLE (Canoas /RS). E-mail: denisequaresmadasilva@gmail.com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

instigação e o auxílio ao suicídio, entretanto, sob o aspecto psicológico, verifica-se a ocorrência de um trauma psíquico, resultando em problema de saúde pública a ser apurado para a implementação de políticas públicas destinadas a prevenção.

Conforme se verifica nos dados obtidos através do Ministério da Saúde⁴, divulgados em setembro de 2017, é possível averiguar o primeiro Boletim Epidemiológico de Tentativas e Óbitos por Suicídio no Brasil⁵. Segundo o referido boletim, as mulheres possuem um índice menor se comparado aos homens, sendo cerca de 2,4 por 100 mil, entretanto o mesmo não acontece quando se trata das tentativas de suicídio, já que, neste caso as mulheres perfazem cerca de 69% do registro total. Deste total, cerca de 1/3 já realizou a tentativa de suicídio por mais de uma vez, sendo que, por questões relacionadas a raça/cor, a população branca perfaz 53,2%⁶.

Em que pese tudo isso, há de se salientar que no Estado do Rio Grande do Sul, conforme informação de 2015, o mesmo possui a mais alta taxa de suicídios no Brasil, dado extremamente relevante para abordagem de índices e propositura de políticas públicas. As proporções são, em geral, o dobro do que se verifica no resto do país, ou seja, 10,78% dos casos para cada 100 mil habitantes em 2015, o ano com dados mais recentes, o que se assemelha as taxas da Argentina e Romênia (cujos dados são de 2012). Ocorre que, no ano de 2014, as mortes por suicídio ocuparam o terceiro lugar entre os óbitos por causas externas, atrás apenas de mortes por acidentes e por homicídios, havendo uma espécie de manutenção dos índices,⁷ o que, por si só, chama bastante atenção.

O estudo do suicídio e tentativas de suicídios praticados por mulheres traz para análise uma questão de violência, sobretudo uma questão vinculada ao desvelar da violência doméstica e, portanto, um caso de saúde pública a ser pesquisado. Segundo as Nações Unidas, a violência

⁴ Disponível em: <http://www.saude.ms.gov.br/2017/09/21/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-causa-de-morte-entre-jovens/> Acesso em 30 de abril de 2018.

⁵ O Ministério da Saúde, com base nos dados do boletim, lança uma agenda estratégica para atingir meta da Organização Mundial da Saúde (OMS) de redução de 10% dos óbitos por suicídio até 2020. Entre as ações, destacam-se a capacitação de profissionais, orientação para a população e jornalistas, a expansão da rede de assistência em saúde mental nas áreas de maior risco e o monitoramento anual dos casos no país e a criação de um Plano Nacional de Prevenção do Suicídio. Desde 2011, a notificação de tentativas e óbitos é obrigatória no país em até 24h. Disponível em: <http://www.saude.ms.gov.br/2017/09/21/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-causa-de-morte-entre-jovens/> Acesso em 30 de abril de 2018.

⁶ O diagnóstico registrou entre 2011 e 2016, 62.804 mortes por suicídio, a maioria (62%) por enforcamento. Disponível em: <http://www.saude.ms.gov.br/2017/09/21/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-causa-de-morte-entre-jovens/> Acesso em 30 de abril de 2018.

⁷ Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2017/08/suicidios-no-rs-variacao-regional-de-genero-e-leve-aumento-no-ultimo-ano/> Acesso em 02 de maio de 2018.





contra à mulher é um obstáculo à igualdade.⁸ Assim, pesquisar esse tema é terreno fértil para o desdobramento da análise acerca das disparidades entre os índices de resultado morte e de sua não ocorrência, de modo que, assim, se possa comparar aos casos masculinos, verificando se realmente os índices masculinos são mais elevados se comparado às mulheres.

Apurar os casos possibilita o aprimoramento das situações complexas que envolvem esse tipo de violência, percebendo, assim, qual a faixa etária de maior prevalência de consumação de suicídio entre o público feminino, bem como, qual o gatilho que ocasiona, ou pode ocasionar a prática deste tipo de violência que vem se reiterando no contexto brasileiro, sobretudo no Estado do Rio Grande do Sul.

ASPECTOS JURÍDICOS SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A legislação que rege essas situações são duas: de um lado a Lei 11.340/06 (Lei Maria da Penha), e de outro o induzimento, a instigação e o auxílio ao suicídio no âmbito tipificados no código penal. Neste sentido, o artigo 5º traz a configuração legal da violência doméstica e familiar contra as mulheres, compreendendo-se como ações e omissões baseadas no gênero, que causem a morte, uma lesão, um sofrimento físico, sexual ou psicológico.

Podemos pensar em violência doméstica, toda aquela violência praticada no âmbito de uma unidade doméstica, ou seja, em um ambiente de convívio permanente seja com ou sem vínculo familiar, podendo configurar até mesmo aquelas que se agregarem de forma esporádica. No âmbito familiar, compreende-se aqueles que sejam ou não parentes, uma vez que a união de laços pode se dar, seja por afinidade, seja laços naturais ou por vontade expressa. Deste modo, percebe-se certa amplitude jurídica para a relação íntima de afeto, bastando que o agressor conviva ou tenha por ventura convivido com a vítima, independentemente de terem ou não residido no mesmo ambiente, i.e., não havendo necessidade de coabitação. Para além disso, é importante frisar que, tais relações independem da orientação sexual.

A importância jurídica de destaque sobre a violência contra as mulheres tem relevância considerável na medida em que constitui uma das formas de violação dos direitos humanos.

⁸ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/mulheres/> Acesso em 02 de maio de 2018. Concerned that violence against women is an obstacle to the achievement of equality, development and peace, as recognized in the Nairobi Forward-looking Strategies for the Advancement of Women, 5/ in which a set of measures to combat violence against women was recommended, and to the full implementation of the Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Destaca-se que, a violência adquire inúmeras possibilidades, sendo caracterizada a violência aquela que seja física, que ofenda a integridade ou a saúde corporal das mesmas, a violência psicológica, causando sofrimento emocional e diminuição de auto-estima, o que inúmeras repercussões, sobretudo no que concerne a questões psicológicas e que culminam na morte prematura de muitas mulheres brasileiras. De uma forma mais ampla, seria qualquer espécie de prejuízo ao pleno desenvolvimento, ou que degrade ou busque o controle do corpo das mulheres, seja por suas ações, comportamentos, crenças, decisões e que sejam realizados mediante ameaça, constrangimento, humilhação, entre diversos aspectos, limitando o direito de ir e vir, ou qualquer outro direito que lhe cause prejuízo à saúde psicológica.

É violência também, aquela de cunho sexual, como o constrangimento, mantendo ou participando de relação sexual não desejada, portanto não consentida, através do uso da intimidação, ameaça, coação ou até mesmo o uso da própria força. A violência patrimonial, também configura uma violência contra a mulher, como a retenção, subtração ou a destruição de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou até mesmo recursos econômicos. Além disso, considera-se a violência moral também, traduzindo-se naquela em que se considere qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria, todas modalidades previstas no Código Penal Brasileiro.

Diante das diversas formas de violência torna-se extremamente importante a construção de políticas públicas que objetivem coibir esse tipo de violência contra a mulher. Neste sentido é que, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem atuar em conjunto para integrar o Poder Judiciário, o Ministério Público, a Defensoria Pública, bem como aquelas áreas vinculadas à segurança pública, à assistência social, da saúde, da educação, do trabalho, e da habitação. Sendo assim, é relevante que seja realizada a promoção de estudos e pesquisas, estatísticas com a perspectiva de gênero, possibilitando, além da reflexão e implementação de políticas públicas de qualidade, assegurar o respeito de valores éticos e sociais, não permitindo a reprodução de papéis estereotipados.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA COMO VIOLÊNCIA ‘PSI’

De posse das observações jurídicas, percebemos que a violência psicológica está contemplada na própria Lei 11.340/06 que a define como dano emocional, diminuição da autoestima entre outros aspectos. Com isso percebe-se que as propostas psíquicas estão contidas no espectro psicológico. Dito de outro modo, falar em violência doméstica é unificar direito e





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

psicologia em prol da elucidação das violações de direitos humanos. E, é neste espectro que cabe a análise sobre o corpo do feminino, já que é inegável a existência, por parte de homens, de perpetuar o controle do corpo das mulheres, reduzindo-as à condição de objeto. Neste sentido, é importante destacar que:

O corpo é a expressão de uma conduta e, ao mesmo tempo, criador de seu sentido a partir de uma intenção que se esboça e reclama a sua complementação. Antes da expressão há apenas uma ausência determinada que o gesto ou a linguagem procura preencher e completar (FURLAN, 2003).

No que toca a este aspecto, é imprescindível perceber que o corpo visado enquanto fenômeno e não enquanto coisa possui capacidade singular, com isso apreende o sentido de outra conduta, seja o sentido do gesto ou da fala do outro (FURLAN, 2003). Portanto, quando pensamos na palavra, é ela também um gesto e uma forma de conduta. Nesta seara, faz sentido perceber, e, é importante que se faça esse exercício, de que a condição de um corpo feminino na qualidade de objeto, reduz a mulher, minimiza a mesma enquanto sujeito de direitos, retirando sua autonomia e a incapacitando. Sobre isso, Merleau-Ponty diz que:

O corpo é intencionalidade que se exprime, e que secreta a própria significação. Melhor dizendo, a análise do corpo põe à mostra o vínculo entre expressão e exprimido, cuja dissociabilidade está presente em todas as linguagens, constituindo mesmo a natureza do fenômeno expressivo.

Eis a importância do tratamento conferido ao corpo feminino e de sua expressão no mundo, da potencialidade de se constituir enquanto fenômeno. Por muitos anos as mulheres foram consideradas seres inferiores, restando excluídas (BOURDIEU, 2002), situação histórica que ainda é reproduzida socialmente, marcando a história do corpo feminino submetido ao controle do corpo masculino em vários aspectos.

Neste contexto é importância enfrentar a temática da violência doméstica (psicológica) enquanto prejuízo (in)visibilizado, de difícil mensuração, colocando a violência psicológica em situação de destaque, na medida em que, ao não marcar no corpo expressamente a sua violência, marca na psique os prejuízos sofridos em decorrência desta violência que – não aparece – mas que, ao mesmo tempo, traz uma dificuldade de percepção da mesma, tanto pela vítima, que muitas vezes não percebe as marcas de sua sutileza, como por aqueles que estão ao seu entorno. É como dizer que, aquilo que não marca no corpo não existe. A relevância da violência psicológica é absolutamente considerável, na medida em que os reflexos dela é o que, justamente, ocasiona as tentativas de suicídio, bem como suas próprias consumações. Na





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

ocorrência de tais práticas é que se percebe a revelação que antes pautava-se na invisibilidade direcionando-se ao corpo das mulheres vítimas de violência doméstica.

AMORES TÓXICOS...

Ao contrário do que o senso comum indica (de que o ato de suicídio é um ato de coragem), sabemos que o ato da idealização até a consecução de seu fim é um ato de isolamento, portanto um ato solitário e cruel. Mulheres que tentam o suicídio, mulheres que conseguem retirar a sua própria vida, são fortes indícios de um antecessor, a violência sofrida em suas múltiplas formas. Independentemente da forma de violência contra a mulher, o que eleva a importância desta temática é considerá-la como sendo um fenômeno universal e, portanto, um caso de saúde pública relevante, colocando o resultado (morte por suicídio) no topo das necessidades atuais.

Quando pautamos o tema do suicídio nos vem à mente a figura masculina como vítima, uma vez que reiteradamente a mídia, como grande responsável pela disseminação deste tipo de informação., revela que os casos cotidianos dos mesmos possuem como vítima a figura masculina. Em contrapartida, pouco se percebe a incidência da prática de suicídio perpetrada pelas mulheres, e menos ainda se fala sobre isso. Ocorre que, os dados revelam um número absolutamente considerável, sobretudo quando comparamos os casos de suicídio com as tentativas do mesmo que restam frustradas. A importância destes número revela caso significativo, ao ponto de elencá-lo na condição de um caso de saúde pública, bem como de responsabilidade estatal na construção de mecanismos preventivos por parte do Poder Judiciário.

Isso se diz porque, ao tratarmos da violência enquanto causa, muitos desses episódios tiveram anteriormente o ingresso perante o Poder Judiciário através de ocorrência policiais que culminaram em expediente criminais. Além disso, a insignificância do corpo feminino como um corpo que importa, de uma vida que mereça ser vivida, e a ausência de informações sobre essas incidências de suicídio, bem como de suas tentativas demonstram o motivo pelo qual pouco se fala a respeito desta temática. Sobre isso, analisando o que a doutrina despande de estudos direcionados para estas práticas, é nítida a ausência adequada de pesquisas que discorram sobre essa realidade.

Conforme podemos perceber, o suicídio em 2014, por exemplo, foi a segunda maior causa de morte por mulheres jovens, conforme Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade (Pro-Aim), justificado a partir de atestados de óbitos de mulheres entre os 15 a 29





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

anos de idade⁹. Atualmente a prática de suicídio é um dos principais problemas de saúde pública em todo o mundo, segundo o relatório das Organizações Mundiais de Saúde (OMS), sobretudo porque, se analisarmos os últimos 50 anos, o suicídio mundialmente sofreu um aumento em 60%, o que implica dizer que são cerca de 1 milhão de casos por ano, ou seja, 3 mil casos por dia, sendo 1 morte a cada 40 segundos em algum lugar do mundo¹⁰. Inserido neste panorama, o Brasil ocupada o 8º país no mundo com mais casos de suicídio, entretanto os índices historicamente são altos, o que culminou na criação do Dia Mundial da Prevenção do Suicídio, já que, muito embora seja uma prática comum em todo o mundo, o assunto ainda é pouco discutido¹¹.

Percebe-se, inegavelmente, uma ausência de diálogo aberto, responsável, ético e comprometido sobre essa temática, o que se inclui ao público masculino. Entretanto, analisando a questão do corpo feminino inserido nestas práticas, o problema da ausência de discussão sobre o suicídio e suas tentativas é ainda mais complexo e problemático. Como forma de aclarar o descaso, é uma realidade que o suicídio só perde em termos numéricos para os casos de homicídio e acidentes de trânsito, muito embora muito se discuta e produza em termos de pesquisas sobre as práticas de homicídios e acidentes de trânsito¹². Portanto é inegável a existência de um desinteresse em analisar o suicídio perpetrado por mulheres, muito embora seja um caso de saúde pública poucos esforços tem sido direcionados para análise dessa realidade.

Dentre as probabilidade que circundam os casos de suicídio, chama-se atenção para o fator de que as mulheres tentam o suicídio quatro vezes mais do que os homens, muito embora – aparentemente - os homens cometam mais suicídios do que o público feminino. Isso se diz porque, os homens, ao se suicidarem, utilizam métodos muito mais agressivos e potencialmente mais letais em suas tentativas, como utilização de armas de fogo e o enforcamento, ao passo que, se comparador às mulheres, as mesmas se utilizam de meios menos agressivos, o que acarreta chances maiores de suas tentativas restarem frustradas por ineficácia, já que as mesmas buscam fazer uso de medicação e envenenamento¹³.

⁹ Disponível em: www.vixi.com. Acesso em 10 de maio de 2018.

¹⁰ Disponível em: www.imperatriznoticias.com.br Acesso em 10 de maio de 2018.

¹¹ Disponível em: www.cartadesuicidio.com.br Acesso em 09 de maio de 2018.

¹² Disponível em: www.imperatriznoticias.com.br Acesso em 10 de maio de 2018.

¹³ Disponível em: www.adcdasaude.com.br Acesso em 12 de abril de 2018.





Além disso, as lesões autoprovocadas que se referem a autoagressão, automutilação e tentativas de suicídio provocada por mulheres que não resultam em morte, desde o ano de 2011 quando se tornaram notificações obrigatórias perante o sistema de saúde, tiveram registros de 209,5%, atingindo cerca de 30 mil registros no ano de 2016, em torno de 82 casos por dia em média. Como resultado, percebe-se que as mulheres possuem cerca de 2/3 dos registros oficiais, o que configura 65,9% dos casos. Ainda sobre essas incidências, segundo o Ministério da Saúde, com relação a análise de tentativas e de mortes ocasionados por suicídio no Brasil, o perfil das lesões autoprovocadas nas mulheres demonstra que cerca de 1/3 dessas lesões indicavam um caráter de repetição, ou seja, cerca de aproximadamente 33,1%¹⁴ buscam reiteradamente ceifar a própria vida.

Importante observar que as pesquisas sobre suicídios e tentativas de suicídio para o sexo feminino apontam a vivência de violência como um motivo precipitante, como os históricos de violência física, verbal, sexual como as principais dentre as tentativas. Com relação à violência doméstica, a visão tradicional da família é fator determinante para gerar barreira de proteção, causando dificuldades acerca da percepção sobre violência no espaço doméstico, uma vez que existe uma tendência em não tornar visível o problema que ocorre no ambiente privado (Correia, 2013).

Tal noção, remonta a concepção de controle dos corpos, a ideia do adequado, do andar na linha, de manter a postura, ter retidão, tendo sustentáculo em uma visão ortopédica sobre o corpo feminino, sobretudo se esse corpo feminino “pertencer” às regras do corpo masculino que preenche um padrão de família em uma visão mais tradicional (SOARES, 2003). Conforme se depreende do panorama retratado, o suicídio traz à baila a sua comparação a uma epidemia, uma vez que os números são extremamente altos no mundo, tendo havido a constatação de um incremento anual, de forma ampla, repercutindo de modo negativo à saúde pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessante observar que a prática do suicídio e de suas tentativas perpetradas por mulheres possuem um diagnóstico pretérito que remonta a sistemáticas violações de direitos humanos, estando no epicentro a violência em suas múltiplas performances, sobretudo a violência doméstica. Ao observarmos essa realidade brasileira, colocando nosso país na

¹⁴ Disponível em: www.noticiasr7.com Acesso em 12 de abril de 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

condições de 8º país no mundo onde as mulheres figuram como vítimas de suicídio, torna-se imprescindível que se (re)pense tais práticas, sobretudo porque se tratam de mortes evitáveis, a fim de criar mecanismos preventivos, dado que se trata de caso de saúde pública de extrema relevância.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CORREIA, Cíntia Mesquita; GOMES, Nardilene Pereira; COUTO, Telmara Menezes; RODRIGUEZ, Adriana Diniz; ERDMANN, Alacoque Lorenzini; DINIZ, Normélia Freire. **Representações sobre suicídio para mulher com história de violência doméstica e tentativa do mesmo**. Salvador: Campus Universitário de Canela, 2013.

SOARES, Carmem Lúcia & FRAGA, Alex Branco. **Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas**, 2013.

FURLAN, Reinaldo & BOCCHI, Josiane Cristina. **O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. IN: Estudos de Psicologia.

Disponível em: <http://www.saude.ms.gov.br/2017/09/21/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-caoa-de-morte-entre-jovens/>

Disponível em: <http://www.saude.ms.gov.br/2017/09/21/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-caoa-de-morte-entre-jovens/>

Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2017/08/suicidios-no-rs-variacao-regional-de-genero-e-leve-aumento-no-ultimo-ano/>

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/mulheres/>

Disponível em: www.vixi.com.

Disponível em: www.imperatriznoticias.com.br

Disponível em: www.cartadesuicidio.com.br

Disponível em: www.adcdasaude.com.br





A TRADUÇÃO COMO ATO DE AUTORIA

TRANSLATION AS ACT OF AUTHORSHIP

Valéria Brisolara (UFRGS)¹

Verá Lúcia Pires (UFSM)²

Resumo: Tomando a tradução como uma prática cultural situada, que atua não só mediando, mas também criando cultura, o objetivo deste artigo é propor questionamentos sobre a tradução como ato interativo de autoria. Ao traduzir, são feitas escolhas que produzem uma intervenção cultural possibilitando deslocamentos e esses deslocamentos originam um novo texto e um novo autor além de afetarem o texto original. Nesse contexto, surge a necessidade de refletir sobre a importância e a possibilidade da preservação ou apagamento de características culturais nas traduções além de dar ouvidos às vozes que emergem do texto. Como objeto de análise, são tomados alguns exemplos de traduções de textos da literatura brasileira com repercussão no cenário internacional.

Palavras-chave: Autoria. Tradução. Leitura. Interação.

Abstract: Considering translation as a situated cultural practice, which does not only mediate, but also create culture, the objective of this article is to propose questions about translation as an interactive act of authorship. When translating, choices that produce a cultural intervention are made, allowing displacements and these displacements originate a new text and a new author besides affecting the original text. In this context, the need to reflect on the importance and possibility of preserving or erasing cultural characteristics in translations, as well as listening to the voices that emerge from the text, stands out. Some examples of translations of texts from Brazilian literature with repercussions in the international scenario are analyzed.

Palavras-chave: Authorship. Translation. Reading. Interaction.

INTRODUÇÃO

A tradução constitui-se em um ato de autoria bem como em um processo de interação. É uma prática cultural situada, realizada a partir do encontro interativo com as palavras de um outro. No entanto, por muito tempo achou-se que traduzir era decifrar mistérios de um texto único, passível de uma única leitura correta. Nessa perspectiva, os estudos sobre a tradução enfocavam aspectos relacionados à fidelidade e à equivalência. Ao longo da segunda metade do século vinte, essa perspectiva foi mudando, e, após a chamada virada cultural nos Estudos da Tradução, após a década de 90, percebeu-se que traduzir era muito mais do que ler e decifrar; era um exercício de tomar decisões e fazer escolhas. Assim, ao ler e ao traduzir, são feitas escolhas, as quais produzem um novo texto e um novo autor, além de, também, emudecerem outras vozes não eleitas. Os efeitos de uma tradução vão muito além de modificar o texto

¹ Doutora em Letras (UFRGS). Bacharel em Letras - tradução. Tradutora Pública e Intérprete Comercial (JUCERGS-RS). E-mail: valeriabrisolara@yahoo.com.

² Doutora em Letras (PUCRS). Licenciada em Letras – Português e Alemão (UFRGS). Estágio pós-doutoral com Adail Sobral, UCPel.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

original no texto traduzido; a existência de uma tradução de um dado original modifica a própria natureza desse original, que jamais será o mesmo como apontado por Derrida (2006).

Nesse contexto, o objetivo principal deste artigo é propor questionamentos sobre a tradução como ato interativo de autoria. Ver a tradução dessa forma traz a necessidade de refletir sobre a importância e a possibilidade da preservação ou apagamento de características culturais nas traduções, além de dar-se ouvidos às vozes que emergem do texto ou que foram emudecidas no processo de tradução. A esse respeito, Venuti (2002) defende que tanto a literatura traduzida quanto o modo como ela é entregue ao leitor são capazes de construir, consolidar ou modificar representações culturais no sistema de partida. A fim de exemplificar os questionamentos propostos, são tomados alguns exemplos de traduções de textos da literatura brasileira com repercussão no cenário internacional como objeto de análise. Eles revelam as escolhas feitas ou renunciadas e tornam visível o caráter autoral da tradução, em especial a literária.

TRADUÇÃO E AUTORIA

É impossível discutir tradução sem mencionar a leitura, pois toda tradução baseia-se em uma leitura e a leitura é um agir concreto de um sujeito historicamente situado no mundo, imerso nas relações sociais. Isso quer dizer que o significado dos enunciados não está somente no texto e nem somente na mente do leitor, porém é instituído na interação entre eles. Dito de outra maneira, é uma concepção de que a leitura constrói o texto assim como o leitor. Similarmente, não há autor antes do texto, pois este também é construído durante a sua escrita. Quanto ao leitor, necessita responder ao texto, tornando a leitura um processo ativo de construção. Assim, nem o autor, tampouco o leitor, tem domínio sobre as palavras de um texto, sendo, ambos, pontos de vista que movem o universo das práticas culturais. Essa visão de mundo legitima a linguagem como a fonte mais importante de representações coletivas, a ponto de ser estudada a partir das interações de indivíduos concretos, situados em determinado tempo e espaço e imersos em diferentes contextos, convivendo com diferentes culturas e aprendendo com elas. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1986).

O processo interativo da leitura coloca duas consciências em conexão, uma vez que, como prática de interlocução, une autor, texto e interlocutor. O autor, ao escrever um texto, tece uma rede de signos; um tecido de citações da cultura, reunidas, adiante, não por esse autor, senão pelo leitor ou pelo tradutor, que é igualmente um leitor. O leitor, ou o tradutor, ao ler e





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

interpretar os signos de seu contexto social, realiza nesse sentido, uma leitura semiótica da cultura. De tal modo, a leitura é uma prática social e cultural que envolve, nos moldes de Bakhtin/Volochínov (1986), uma “compreensão responsiva ativa”, ou seja, para compreender um texto, é necessário que o leitor participe ativamente, gerando respostas e tomando atitudes. Bakhtin assevera que

O interpretador é parte do enunciado a ser interpretado, do texto (ou melhor, dos enunciados, do diálogo entre estes), entra nele como um novo participante. O encontro dialógico de duas consciências nas ciências humanas. A molduragem do enunciado do outro pelo contexto dialógico (BAKHTIN, 2003, p. 329).

Nesse processo interativo, o papel do tradutor, assim como o do autor, ao escolher suas palavras, é o de levar em conta outros enunciados de outros sujeitos, em relação aos quais se posiciona, reproduzindo, de maneira atualizada, o discurso de outrem. Assim, a tradução configura-se a partir da construção de significados em contexto, ou seja, de uma leitura singular realizada em um determinado aqui e agora. No entanto, conforme salientado por Bakhtin, é impossível compreender um texto sem julgá-lo. Segundo o autor, ler e julgar são duas operações inseparáveis e simultâneas, constituindo um ato total. Na sua perspectiva, o leitor aproxima-se de uma obra com uma visão do mundo já formada, a partir de um dado ponto de vista. Essa situação determina o juízo sobre a obra, mas nem por isso permanece inalterada: ela é submetida à ação da obra que sempre introduz algo novo. A esse respeito, o filósofo da linguagem ainda afirma que “compreender não deve excluir a possibilidade de uma modificação, ou de uma renúncia, do ponto de vista pessoal. O ato de compreensão supõe um combate cujo móbil consiste numa modificação e num enriquecimento recíprocos” (BAKHTIN, 1997, p.382).

Para traduzir, é preciso compreender o texto, ou pelo menos, ter uma leitura do texto. Referindo-se à tradução, Bakhtin argumenta que:

um sistema de signos (ou seja, uma língua), por mais reduzida que seja a coletividade em que repousa sua convenção, sempre pode em princípio ser decifrado, isto é, pode ser traduzido noutro sistema de signos (noutra língua); por conseguinte, existe uma lógica comum a todos os sistemas de signos, uma língua potencial única, uma língua das línguas (...). Mas um texto (diferentemente da língua enquanto sistema de recursos) nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um texto dos textos, potencial e único (BAKHTIN, 1997, p.333).

Assim, pode-se dizer, que, na perspectiva de Bakhtin, não se traduz “o texto”, mas sim uma leitura de um texto. Como já foi salientado por Barthes (1988), “a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino” (BARTHES, 1988, p. 70). No texto encontramos





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

múltiplas escrituras, originárias de culturas diversas e que dialogam entre si. Dessa forma, não é o autor que reúne toda essa multiplicidade cultural, senão o leitor/tradutor.

Tomando essa perspectiva por base, a tradução é uma prática autoral tanto quanto dialógica. As escolhas do tradutor produzem um novo texto e um novo autor. No entanto, conforme lembra-nos, Castellões, os leitores comuns não fazem distinção entre literatura nacional e traduzida e “acreditam que o texto traduzido reproduz fielmente o estilo do tradutor e as especificidades linguísticas e tradutórias do original” (CASTELLÕES, 2014, p. 57). Essa negação da presença discursiva do tradutor no texto levaria a uma negação da presença social do tradutor. Essa percepção foi uma das razões que levou Venuti a investigar o que chamou de “a invisibilidade do tradutor” em 1995. Refletindo sobre a presença discursiva do tradutor e, retomando e modificando conceituações do filósofo alemão Schleiermacher, ele lançou mão de conceitos relativos a “posturas” e “estratégias discursivas”. Para Venuti, a “estrangeirização” e a “domesticação” são posturas axiológicas, enquanto que a escrita fluente e a resistente são exemplos de estratégias discursivas. As noções de tradução estrangeirizadora e a de tradução domesticadora de Venuti (1995) demonstram que o tradutor pode aproximar a tradução do original e, assim, correr o risco de afastar o texto do público da tradução (estrangeirização), ou pode distanciar a tradução do texto original, submetendo o texto traduzido aos parâmetros de outra cultura, e assim correr o risco de ruptura dos laços da obra com sua própria cultura (domesticação). Uma estratégia mais estrangeirizadora parte do pressuposto de que a interação entre os povos é dificultada pelas divergências linguísticas e culturais, que podem existir. Essa estratégia ainda consiste em admitir a existência dessas diferenças e, a partir desse reconhecimento, possibilitar que elas configurem discursos culturais na língua de chegada. Para Venuti, a tradução do tipo estrangeirizadora pode ser encarada como uma maneira de resistência em uma política cultural democrática (VENUTI, 1995, p.146).

Costa e Silva (2011) chama atenção para um confronto de visões referentes ao tradutor e à tradução. Na sua perspectiva, ainda há uma demanda por um grau de fidelidade ao texto de partida, que criaria a ilusão da possibilidade de ser fiel. Do outro lado, há a demanda por uma nova enunciação do texto-fonte em um novo contexto. Dessa forma, a tradução tem inegavelmente uma natureza dialógica, pois tanto procura considerar os aspectos históricos e culturais que circundam o texto, quanto antecipar o contexto de recepção e a recepção propriamente dita deste texto, ao pensar em quem são seus possíveis leitores e que tipos de





respostas podem dar ao texto. Como bem apontado por Costa e Silva, “o tradutor, como enunciador, precisa tomar decisões, a todo o momento, sobre o léxico, a sintaxe e estas escolhas, muitas vezes, revelam os seus posicionamentos axiológicos relativos à língua e ao objeto do discurso” (2011, p.20). Assim, em sua visão, a tradução é vista como uma reenunciação, pois, segundo ele,

Sendo a reenunciação a tradução, como toda interpretação ou compreensão responsiva, é uma contrapalavra, uma tomada de posição sobre o tema a que se dirige, ou seja, verificamos que a tradução apresenta as mesmas características que todo enunciado: orienta-se para o já-dito (que não se restringe apenas ao texto-fonte, mas aos discursos prévios sobre os temas tratados nas matérias) quanto para o seu leitor (que não é alguém passivo, mas um sujeito projetado com quem o tradutor dialoga, antecipando suas questões, comentários, construindo seu texto também em forma de diálogo em cima dessas réplicas). Portanto, a tradução apresenta marcas e/ou indícios da presença do tradutor. (COSTA E SILVA, 2011, p.20).

Essas “marcas ou indícios da presença do autor” (2011, p. 20) apontadas por Costa e Silva nem sempre estão visíveis. A tradução e o tradutor ainda carecem de visibilidade mesmo mais de 20 anos depois de Venuti (1995) ter utilizado a expressão “a invisibilidade do tradutor” para designar a situação do tradutor na cultura contemporânea Anglo-Americana (VENUTI, 1995, p. 1) em que os tradutores são frequentemente ignorados e os leitores nem mesmo percebem que leem traduções. Para Venuti, a invisibilidade funciona como um efeito ilusório de apagar o discurso do tradutor na tradução, pois tal apagamento é impossível uma vez que o discurso do tradutor, por mais que se tente apagar, está presente na tradução por meio de suas escolhas. Apesar de marcas autorais aparecerem nos diálogos e, às vezes, até notas do tradutor estarem visíveis em rodapé, explicando escolhas, o tradutor continua muitas vezes invisível ao leitor que não está acostumado a sua presença discursiva.

A presença de marcas discursivas do tradutor é inegável. Elas podem manifestar-se em características sintáticas como tamanho da frase ou escolha por usar uma voz verbal. Podem também estar presentes nas escolhas vocabulares ou na escolha de um ponto de vista, mas muitas vezes estão relacionadas à adoção de uma estratégia mais domesticadora ou estrangeirizadora para a tradução do texto, o que leva às escolhas individuais alinhadas a essa estratégia adotada.

Derrida, retomando o seminal “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin, afirma: “Ao ser traduzido, o original se modifica” (2002, p. 197). Isso aponta para os dilemas inerentes à tradução, ao que Derrida identifica como “A tarefa necessária e impossível da tradução, sua





necessidade como impossibilidade” (DERRIDA, 2002, p. 21). Para Derrida, uma tradução modifica o texto traduzido e sua leitura, A concepção que admite a possibilidade de fidelidade ao texto traduzido, ou texto de partida, exclui o caráter dialógico da leitura e da tradução. Sobral e Giacomelli (2016) referem a esse caráter dialógico da tradução e relembram que a tradução sempre envolveu uma tomada de posição discursiva: ou o tradutor é fiel à relação de interlocução original ou a adapta segundo a nova relação de interlocução que o texto traduzido estabelece. Novamente aqui, podemos fazer uma analogia com as noções de tradução estrangeirizadora ou tradução domesticadora de Venuti (1995), vistas anteriormente, no sentido de distanciamento ou de aproximação do tradutor com a cultura do texto original. A tradução então deve tentar um equilíbrio, um movimento, entre esses extremos a fim de mostrar o que essa obra traz de sua própria cultura.

Assim, é inegável que a prática da tradução consista no ato de reescrever um texto original (VENUTI, 1995), ou seja, um outro original, no entanto, assim como a escrita, o original, independentemente de sua intencionalidade, está dentro de um sistema cultural; ela é historicizada ou situada. A partir das considerações apresentadas, são analisados alguns exemplos de tradução de textos da literatura brasileira para o inglês como exemplos da atividade autoral dos tradutores.

ATOS DE AUTORIA EM TRADUÇÃO

Em a *Invisibilidade do tradutor*, a fim de introduzir a noção de invisibilidade do tradutor, Venuti lembra-nos de alguns exemplos de resenhas de críticos literários que exemplificam uma desconsideração do contexto de tradução e uma ênfase dada ao discurso fluente que apagaria as marcas da tradução. Venuti elenca títulos de obras literárias tais como *O estrangeiro* (Albert Camus) e *Cem anos de solidão* (Gabriel Garcia Márquez) que tiveram suas traduções julgadas pelo mesmo critério da fluência, sem considerar seu contexto de produção, sua exatidão, seu público-alvo, o seu valor econômico no mercado editorial, sua relação com as tendências literárias ou a importância da tradução na carreira do tradutor (VENUTI, 1995).

Uma tradução mais domesticadora pode ter impactos enormes na leitura da obra. Uma tradução domesticadora pode materializar-se pelo uso de datas ou feriados da cultura receptora, pela decisão de traduzir nomes próprios de pessoas ou lugares, pela adaptação de sistemas monetários ou nomes de pratos da culinária. É evidente que a escolha a ser feita pelo tradutor entre omitir, adaptar ou trocar informações perpassa a questão da função da tradução.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Dependendo do fim a que uma tradução se propõe, certas informações podem ter mais ou menos relevância, o que pode ou não condizer com a relevância das mesmas informações no texto original. Por outro lado, uma tradução mais estrangeirizadora por optar por manter datas típicas da cultura de partida ou nomes próprios não-traduzidos, assim como nomes de pratos e ingredientes culinários, o que pode dificultar a leitura para o leitor, por uma perspectiva, ou tornar o texto mais interessante, por outra.

O conto “Animais” de Michel Laub foi traduzido para o inglês na edição em língua inglesa da revista *Granta* e apresentou diversas dificuldades ao tradutor. Como explicitado por Feres (2016), o prato típico da culinária brasileira “bauru” foi traduzido por “*cheese and roast beef sandwich*”, o que é uma tradução visivelmente domesticadora e uma clara tentativa de facilitar a leitura do conto, além de sugerir que o prato em si não seria relevante. Havia outras escolhas possíveis como “*meat sandwich*”, “*hamburger*” ou até a manutenção do termo “bauru”, que poderia constar em itálico, juntamente com uma nota de rodapé ou uma breve explicação no próprio corpo do texto. Isso poderia informar o leitor estrangeiro sobre comermos baurus, que se assemelhariam a um “*cheeseburger*” ou “*hamburger*”, mas não seria. Esse é um exemplo que para Venuti foca na naturalização de elementos para o fácil entendimento do texto traduzido, acarretando a chamada transparência (fluência) do texto, a invisibilidade do tradutor e de sua inerente interferência (VENUTI, 1995) na leitura do texto, sendo uma escolha autoral. Na mesma narrativa há a utilização de “*miles*” no lugar de ‘quilômetros’, que também evidenciaria uma tendência domesticadora, preterindo a unidade de medida de comprimento do Sistema Internacional que é utilizada no Brasil, e adotando a unidade geralmente empregada em países como os Estados Unidos, apagando uma diferença cultural. Ainda no mesmo conto, há outros exemplos interessantes, como a tradução de “churrasco” por ‘*barbecue*’, que é outro exemplo de uma tradução domesticadora. Ao traduzir ‘churrasco’ pelo equivalente inglês/americano ‘*barbecue*’, perde-se toda uma rede associativa que o termo brasileiro suscita, evocando diferenças culturais, fazendo com que o leitor da tradução imagine uma refeição bastante similar a da sua cultura, consistindo em uma prática que priorizaria a soberania de uma cultura sobre outra. No entanto, é necessário apontar que não há tradução errada ou certa, mas apenas traduções diferentes e com diferentes consequências para os leitores. Ainda com relação à tradução desse conto, há a manutenção dos nomes próprios na versão inglesa, o que parece estar em concordância com uma estratégia de tradução estrangeirizadora; no entanto, como





apontado no caso de “churrasco” e “bauru”, a adaptação das demais palavras culturais, por sua vez, parece ser domesticadora. Salienta-se que essas escolhas podem não ter vindo da tradutora e sim de políticas editoriais, mas têm um impacto na leitura do conto já esse tipo de escolha repete-se ao longo de todo o texto.

Recentemente foi lançada em língua inglesa uma nova tradução da obra *Laços de Família* de Clarice Lispector. Fontanella (2017) realizou uma análise comparativa das duas traduções para o inglês e sua análise demonstra a importância da leitura para a tradução e essa tomada de decisão do tradutor como ao autoral. Nas traduções do conhecido conto “Uma galinha”, observa-se diferenças significativas. A pontuação é um aspecto muito importante na escrita de Clarice, pois a escritora tem como característica usar muito a pontuação e de maneira única. O tradutor da primeira tradução, realizada em 1995, Pontiero, não se preocupa em aproximar-se dos padrões de pontuação do texto de Clarice. Como exemplo, Pontiero junta os dois primeiros parágrafos do conto transformando-os em um único, e longo parágrafo de setenta e sete palavras, enquanto no conto em língua portuguesa o primeiro parágrafo tem apenas 15 palavras. Já Dodson (2015) decide por manter o primeiro parágrafo com 15 palavras. A escolha do tradutor ao juntar os unir os dois parágrafos talvez se dado porque no conto em língua portuguesa trata-se de um período curto e composto por subordinação, o qual contém uma oração principal e duas subordinadas. O tradutor toma decisões semelhantes em muitos outros contos. Assim, as traduções da obra *Laços de família*, apesar de serem realizados por excelentes tradutores, que estudaram muito a obra da autora, podem ser consideradas como obras distintas, por terem sido realizadas por sujeitos que diferem entre si, de acordo com a época e com o contexto sócio-histórico ao qual pertencem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A premissa do discurso transparente não é o único fator que corrobora para uma invisibilidade do tradutor. Uma noção romântica e individualista de autoria também contribui enormemente. Com relação a esse tema, Bakhtin afirma que “O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação”. (BAKHTIN, 2003, p. 364). Essa afirmação salienta a temporalidade das enunciações e a constatação de que a autoria é um posicionamento discursivo em um dado tempo e espaço e, portanto, irrepetível. É um ato de avaliar e de assumir com responsabilidade uma dada posição no mundo.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Essas constatações remetem à outra polêmica bakhtiniana de grande importância: a questão da ética, ligada aos direitos sobre as palavras e à responsabilidade do ser humano. O direito e a responsabilidade do agir, englobando o falar, o escrever, e aqui especificamente o traduzir, não é individual, senão coletivo. Essa questão está intimamente relacionada ao traduzir enquanto uma prática autoral, aparentemente individual, mas que também tem aspectos coletivos já que o texto é povoado por várias vozes e essas vozes são ouvidas de maneira diferente por cada leitor. Na tradução, também haverá várias vozes, pois, para Costa e Silva, na tradução, “Não há uma só voz no texto traduzido, mas uma presença do tradutor e de suas escolhas enunciativas” (COSTA E SILVA, 2011, p. 21). Essa presença discursiva do tradutor pode ser mais ou menos aparente, como apontado, dependendo das estratégias de tradução adotadas.

O autor deixa seus vestígios, e esses são resgatados pelo leitor/tradutor: tais vestígios são os traços culturais impressos no tecido escrito de signos que o tradutor pode capturar na sua compreensão leitora, mas sempre de maneira diferente, pois o texto é plural. Derrida referindo-se à tarefa do tradutor questiona: “Como traduzir um texto escrito em diversas línguas ao mesmo tempo? Como devolver o efeito de “pluralidade”? (2006, p. 20). Na sua perspectiva, a tarefa da tradução é necessária, mas também impossível por isso, pois nunca será o mesmo texto o texto traduzido. Assim, as traduções enquanto atos autorais, nas quais diferentes estratégias de tradução são adotadas, sob uma concepção dialógica do traduzir, podem nos proporcionar um número maior de leituras e de relações de interlocução, que podem trazer a tona diferentes vozes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 5ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. (V.N. Volochinov). Marxismo e Filosofia da Linguagem. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

CASTELLÕES, Maria Clara. A tradução e a ética do para o outro: E agora, aonde vamos? In: ESTEVES, Lenita; VERAS, Viviane. **Vozes da tradução: Éticas do Traduzir.** São Paulo: Humanitas, 2014. p. 53-66.

COSTA E SILVA, Heber de Oliveira. **Tradução e Dialogismo: Um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido.** Recife: Editora da UFPE: 2011





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FERES, Lilia. A cultura traduzida e a cultura em tradução: a literatura brasileira contemporânea na revista *Granta*. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

FONTANELLA, Valdirene. A tradução e a retradução de *Laços de Família*, de Clarice Lispector, para o inglês: uma análise com base na alteridade. 2017. 176f. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2017.

GRANTA (2012a). **Os melhores jovens escritores brasileiros**, v.9, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GRANTA (2012b). **The best of young Brazilian novelists**, v.121, London: Granta, 2012.
LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Family Ties**. Trad. Giovanni Pontiero. Austin: University of Texas Press. 5ª. ed. 1995.

LISPECTOR, Clarice. **Family Ties**. Trad. Katrina Dodson. New York: New Directions Book. 2015.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. MFL em contexto: algumas questões. **Bakhtiniana**, São Paulo, 11 (3): 154-173, Set./Dez. 2016.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility**. London and New York: Routledge, 1995.

VENUTI, Lawrence. **Os escândalos da tradução**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Villela, Marileide Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LEITURA: COMPETÊNCIA DE QUEM?

READING: WHOSE COMPETENCE?

Vanderléia Müller Schons (Universidade Feevale)¹

Lovani Volmer (Universidade Feevale)²

Resumo: Este estudo sugere que o encanto pela leitura pode ter respaldo familiar, além do trabalho efetivo do professor que pode transformá-la em um ato prazeroso e imprescindível no desenvolvimento da linguagem e da constituição do ser humano. Relaciona aspectos que interferem no processo de aquisição da leitura, como a postura leitora dos pais. Para tanto, foi necessário mencionar questões acerca da leitura - sua concepção, função, formas de ler -, a partir de diferentes abordagens feitas em espaço escolar, devido a uma variedade de conceitos, carência de estudos específicos alusivos ao assunto na formação docente, permitindo, assim, variadas interpretações e práticas dos professores. A partir disso, foi necessário definir o que é leitura, conhecer os aspectos cognitivos envolvidos quando ela acontece, e que vai além da decodificação. Acredita-se que o aluno deve aprender a ler (ver) pelos olhos do professor, que deverá estar preparado para conduzi-lo nesse processo. Este trabalho tem como referência Kleiman (2001), Mello (2002), Olmi (2005), Mügge (2006), Silva (2002), Snowling (2013), e Wolfgang (1999). A abordagem dos aspectos mencionados parte da análise de uma entrevista realizada com pais e crianças de uma escola da rede privada de Novo Hamburgo/RS.

Palavras-chave: Leitura. Formação do leitor. Mediação. Prática de leitura.

Abstract: This study suggests that delight of reading can have family support, and the effective work of the teacher that can transform it into a pleasurable act and essential in the development of language and the constitution of the human being. It relates aspects that interfere with the process of reading acquisition, such as the parents' reading posture. Therefore, it was necessary to mention questions about reading - conception, function, ways -, from different approaches made in school environment, due to a variety of concepts, lack of specific studies about the training of teachers, allowing varied interpretations and practices from the teachers. So, it was necessary to define what is reading, as well as to know the cognitive aspects involved when it happens, and that goes well beyond the decoding. It is taken in that the student must learn to read (and see) by its teacher's eyes, who should be prepared to conduct it in the process. This work has, as reference Kleiman (2001), Mello (2002), Olmi (2005), Mügge (2006), Silva (2002), Snowling (2013) and Wolfgang (1999). The approach of the mentioned aspects starts from the analysis of an interview with parents and children, from a private school from Novo Hamburgo/RS. Keywords: Reading. Reader formation. Reading mediation. Reading practice.

1. INTRODUÇÃO

Práticas de leitura são realizadas, de forma geral, em contextos escolares, pois, sendo a escola o lugar oficial da construção do conhecimento, encarrega-se de corresponder às expectativas. Contudo, o conceito de leitura é amplamente interpretado pelos envolvidos no processo e, dessa forma, a prática é adjacente às diferentes concepções.

¹ Mestranda em Letras, pela Universidade Feevale e professora na Educação Básica. E-mail: vanderleiaschons@feevale.br.

² Doutora em Letras pela UCS/Uniritter, professora adjunta da Universidade Feevale e diretora pedagógica na Escola de Educação Básica Feevale – Escola de Aplicação Feevale. E-mail: lovaniv@feevale.br.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Percebe-se isso no livro *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*, em que Ezequiel Theodoro da Silva aborda o assunto:

A visão do professor sobre um determinado processo influi diretamente na sua forma de ensiná-lo. Assim, se para um docente leitura significar “tradução do símbolo escrito em símbolo oral”, então ele dará ênfase à leitura oral em sala de aula; se, para outro, leitura significar “apreciação dos clássicos”, então, em suas aulas, ele vai enfatizar a leitura dos clássicos da literatura; se, para outro, leitura significar “reprodução da idéias do texto”, então ele vai exigir o levantamento e a devolução de idéias inscritas ou indicadas pelo escritor etc, etc.” (SILVA, 1999, p. 78-79)

As diferentes testagens de leitura em âmbito nacional apresentam resultados desanimadores o que indica que estamos muito aquém do esperado, sendo um dos fatores a forma de interpretar e praticar a leitura. Conforme Ana Maria Lisboa de Mello, no livro *Poesia e imaginário*:

Ler é antes de mais nada compreender, e compreender é ser. A linguagem revela a experiência da vida, registra os sentidos simbólicos de que está impregnado o real. Diante de um texto, o leitor não apenas decodifica signos: ao compreendê-lo, transforma-o e transforma-se também. Por esse motivo a leitura é uma atividade fundamental à formação do indivíduo. (MELLO, 2002, p. 170)

Partindo da definição de leitura apresentada pela autora, percebe-se que ler vai muito além de decodificar, ou seja, tem alcance na formação humana. Como questão primordial, o artigo apresenta um questionamento no que se refere à postura leitora de crianças de 3º ano de uma escola particular, de classe média/alta, da cidade de Novo Hamburgo. Será o contexto sócio/econômico favorável? Terão pais ou familiares leitores? O trabalho efetivo do professor estimulará o contexto leitor? Ou talvez, um misto desses apontamentos?

Nesse intuito, foi enviado um questionário aos pais dos alunos, com o objetivo de investigar o papel e a importância da leitura em suas vidas, bem como a prática efetiva em seu dia a dia. Em outro momento, um questionário similar foi aplicado pela professora aos alunos em sala de aula. Os dados pesquisados foram tabulados para análise, reflexões e possíveis conclusões, com referencial teórico.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Diante de seus alunos, o professor, principalmente do Ensino Fundamental- Séries Iniciais- tem um papel primordial no que tange ao ensino da leitura. Nessa etapa, ocorre de maneira oficial o “ensino” da leitura, que pode ser vista como mera decifração ou, para além





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

disso, parte inerente da formação do ser humano, considerando sua constituição como sujeito que se refaz a cada experiência estética vivida.

A leitura como fenômeno social, não pode ser vista de forma unilateral, uma vez que o ato de ler envolve diálogo entre leitor e texto. Conforme Ezequiel T. da Silva, no livro *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*

O ato de ler, como tematizado neste trabalho, sempre envolve apreensão, apropriação e transformação de significados, a partir de um documento escrito. Leitura sem compreensão e sem recriação do significado é pseudoleitura, é um empreendimento meramente ôntico. Será que as escolas brasileiras propõem leituras que levam à compreensão e re-criação? (SILVA, 2002, p.96)

Leitura como evento de letramento significa ir além do código, como prática efetiva e social, recriando sentidos. Nessa perspectiva, cabe mencionar que há diferentes letramentos já no seio da família, anterior ao escolarizado. À escola cabe a tarefa de dar continuidade ao processo.

Os três primeiros anos são responsáveis pelo ensino formal da leitura e da escrita, sem, contudo, desconsiderar a importância do código, pois, sem sua aquisição, não é possível a leitura acontecer. Conforme consta em *A ciência da leitura*

Para aprender as palavras automáticas tão bem, os leitores precisam de um conhecimento mais completo das relações entre grafemas e fonemas, principalmente de vogais, e de como usar essas relações para decodificar palavras. Eles também precisam de habilidades de segmentação fonêmica para detectar a ampla variedade de conexões entre grafemas e fonemas que fixam a ortografia na memória. (MARGARET J. SNOWLING & CHARLES HULME (ORGS.) 2013, p. 166)

Após esse processo de decodificação, a leitura torna-se processo automatizado e a criança passa a voltar seus esforços para a compreensão. Ainda no livro citado anteriormente

De maneira óbvia, a compreensão principiante não pode se basear em habilidades automatizadas. Ao contrário, processos ativos estratégicos devem compensar a falta de estruturas de recuperação que tornam a compreensão fácil para o especialista. O principiante na compreensão que lê material desconhecido deve fazer esforços consideráveis, e da maneira certa, para obter resultados adequados. ((MARGARET J. SNOWLING & CHARLES HULME (ORGS.) 2013, p. 243)

Ter alunos leitores competentes e assíduos encantados por livros é papel da escola? Da família? Das editoras ao disponibilizarem um vasto e rico material? Acredita-se que não seja o caso escolher um ou mais responsáveis pelo engajamento na leitura, mas sim, uma parceria entre os envolvidos no processo. Dessa forma, o papel dos pais é de fundamental relevância.





Para Margaret J. Snowling e Charles Hulme (2013) a alfabetização doméstica tem diversos significados. Crianças de lares letrados tendem a ter bom conhecimento linguístico, além de um bom conhecimento da escrita, e esse é um preditor importante da sua compreensão na leitura.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como alvo 15 estudantes do terceiro ano e seus pais, de uma escola privada da cidade de Novo Hamburgo - RS. A pesquisa foi aplicada durante a aula para as crianças e para os pais foi dado o prazo de uma semana para a devolução, no mês de abril de 2017. A análise dos dados foi feita conforme as respostas das questões abertas e fechadas. A segunda etapa consistiu-se da tabulação e posterior análise dos dados.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados foram analisados através da comparação entre os resultados obtidos na aplicação e serão apresentados na sequência, confrontando as respostas de pais e filhos.

4.1 Questão 1 Você lê?

Crianças: (12) sim (3) às vezes () não

Pais: (14) sim (1) às vezes () não

Observando a primeira questão, nota-se que o perfil leitor da turma é o mesmo perfil dos pais, sendo que nenhum respondeu que não lê. Pode-se considerar que o exemplo vem de casa e, dessa forma, a leitura feita pelos pais serve de modelo aos filhos que a trazem como prática para a escola.

4.2 Questão 2 Gosta de ler?

Crianças: (14) muito (1) pouco () não gosta

Pais: (14) muito (1) pouco () não gosta

Destaca-se que da mesma forma que a postura de leitores é positiva, também é o gosto pela leitura, pois gostam de ler quase em sua totalidade, e nenhum dos pais ou das crianças colocou que não gostam de ler. Conforme Margaret J. Snowling, Charles Hulme (2013) uma





quantidade substancial de pesquisas concentra-se na relação entre o ambiente letrado e o desempenho em leitura, enfatizando particularmente a leitura compartilhada.

4.3 Questão 3 Onde você lê?

Crianças: (12) em casa e escola (1) escola (2) em casa

Pais: (9) em casa (1) todos os lugares (1) casa e escritório (1) casa, trabalho e trem (1) casa e trabalho (1) em casa e viagens (1) escritório

Novamente reforço as observações anteriores, pois as crianças afirmam ler em casa e na escola quase em sua totalidade e os pais também. Segue-se o raciocínio do exemplo, do ambiente letrado, onde a leitura é considerada um valor.

4.4 Questão 4 O que costuma ler?

Crianças: (7) livros de histórias e gibis (3) gibis (2) livros de história, gibi e jornal (1) livro de histórias, gibis e telas (1) livros de histórias, gibis e livro de receitas (1) jornal

Na questão 4, serão apresentadas apenas as respostas das crianças que tinham a questão como múltipla escolha. Os pais registraram livremente os materiais de leitura, o que diversificou muito e não são relevantes para análise. Nas opções das crianças, merece destaque que sete escolheram livros infantis e gibis, o que é comum à faixa etária abordada por ser leitura de fácil compreensão, com muitas imagens, já que o esforço da decodificação ainda é um entrave nessa etapa. Um dado importante é o fato de 14 das 15 crianças, escolherem gibis junto com outros materiais de leitura. Geralmente, os gibis não são difundidos entre as famílias como material de leitura. Um dos motivos seja que talvez não esteja na lista de obras renomadas e de escritores consagrados. Contudo, para turmas na fase de alfabetização, a composição texto e imagem é muito atraente e facilita a compreensão.





4.5 Questão 5 Por que é importante ler?

Crianças: (6) para aprender (1) magia (1) especial (2) imaginação (1) bom para o cérebro (1) gosto muito (1) treinar (1) ficar inteligente (1) ler mais e ajuda na leitura

Pais: (3) conhecimento (2) informação e conhecimento (2) aprender (1) lazer (1) entender a vida (1) conhecimento e imaginação (1) manter-se vivo (1) aprimorar o saber (1) vocabulário e conhecimento geral (1) vocabulário e reflexão (1) mente a atualidade

A questão de número 5 ressalta que os objetivos de leitura diferem bastante entre si, porém, pais e filhos concordam em sua maioria que a leitura é fonte de conhecimento, e, de alguma forma, estimula a inteligência e o aprender. Preocupa o fato de o prazer estético ser opção de 4 crianças entre as 15 e de 3 pais entre 15. Isso demonstra que se tem muito a caminhar nesse sentido, pois a leitura como experiência estética, forma o ser humano, recriando o mundo interno e externo a fim de proporcionar seu crescimento e envolvimento na realidade que o cerca. Segundo Alba Olmi (2005) “... a maneira pela qual os leitores respondem a certas leituras e como cada leitor modela e transforma os mundos ficcionais para adaptá-los a seus modelos característicos de fantasia e de defesa”.

4.6 Questão 6 Na sua casa tem livros?

Crianças: (15) sim () não

Aqui apresenta-se somente o gráfico das crianças, pois aos pais foi permitido citar quais materiais de leitura possuem. Registra-se que foram mencionados diversos materiais, entre livros, jornais, revistas... Vale destacar que um ambiente com materiais de leitura possui vantagem em relação a outros menos abastados.

4.7 Questão 7 O que costuma ler para seu filho?

(10) literatura infantil (1) livros de casa e da escola (1) livros de casa (1) livros da escola (1) autores brasileiros (1) narrativas e portadores de textos





Nessa questão feita somente aos pais, consta que eles leem livros de literatura infantil em sua maioria, ou de casa ou da escola que seguem semanalmente para as famílias. No entanto, nenhuma família citou gibis, o que torna a reflexão feita anteriormente pertinente.

4.8 Questão 8 Quem é seu exemplo de leitura?

Crianças: (4) pai, mãe, profe (3) pai, mãe, profe e eu (2) mãe (2) profe (1) avô (1) irmão (1) pai e eu (1) pai, mãe, profe e avô / Pais: (7) pai e/ou mãe (1) ninguém (1) professora (1) bisavó (1) irmãos (1) mãe e escola (1) escola e amigos (1) escola (1) avô

Essa questão traz um panorama reconfigurado no que tange à responsabilidade do professor em relação como exemplo de leitura. Entre as crianças, é notória a função de modelo de leitor do professor, pois entre 15, 10 citaram-no como exemplo. Nos tempos de criança dos pais, o exemplo de leitura vinha de familiares. Pode-se destacar alguns pontos acerca dessas constatações. Um fator talvez seja que nos tempos antigos a família tinha menos membros trabalhando fora, o que facilitava reuniões para contação de histórias e leituras. Atualmente, os familiares ainda são citados, porém, o professor entra com mais força. Fato que acarreta mais responsabilidade em desenvolver um trabalho efetivo de leitura. Segundo Silva (2002), mais humildade pedagógica, mais diálogo, mais liberdade para os alunos se expressarem, mais escuta e partilha de significados atribuídos aos textos, mais ligação entre aquilo que se lê e aquilo que se vive, estes são os caminhos para uma leitura libertária e transformadora, tão necessária à sociedade brasileira de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo trouxe dados sobre leitura, coletados com as crianças e suas famílias. A análise aponta para algumas reflexões pertinentes ao desenvolvimento de um ambiente letrado também na sala de aula. Nessa ótica, o professor é um ser sensível, capaz de considerar os indícios que aparecem em seu cotidiano da sala de aula a fim de poder aproveitar tudo em prol do desenvolvimento da leitura de forma significativa e prazerosa.

Frank Smith, no livro *Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística*, reforça a função do professor:





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O papel primário dos professores de leitura pode ser resumido em poucas palavras – é o de garantir que as crianças tenham demonstrações adequadas da leitura sendo usadas para finalidades evidentemente significativas, e ajudar os alunos a satisfazerem, por si mesmos estas finalidades. (SMITH, 1989, p. 247).

A formação do leitor vai depender da experiência de leitura. É muito fácil formar leitores, mas também é fácil formar não-leitores, mesmo quando forem capazes de ler. Nas histórias é possível vivenciar situações imaginárias que o real não permite. Como diz Juracy Assmann Saraiva, no capítulo *Por que e como ler textos literários*: “Isso ocorre porque a literatura, assim como outras artes, dá forma concreta a sentimentos, dilemas, angústias e sonhos, por meio de representações simbólicas, criadas pela imaginação”. (SARAIVA; MÜGGE, 2006, p. 29). Na turma analisada, a faixa etária corrobora com essa mistura entre real e imaginário. Cabe mencionar que o papel da família como primeiro ambiente letrado é de suma importância para a criança. Quando a escola consegue dar continuidade e ampliar a inserção primeira feita pela família, os resultados serão positivos podendo mudar os dados alarmantes das avaliações da leitura no Brasil.

REFERÊNCIAS

FARIA, Maria Alice. Como usar a literatura infantil na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de Leitura: teoria e prática. São Paulo. Pontes, 2001.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Poesia e imaginário. Porto Alegre: EDIPUC, 2002.

OLMI, Alba. Leitura, literatura e ciências cognitivas: uma aliança difícil mas necessária in: OLMI, Alba, PERKOSKI, Norberto. Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SARAIVA, Juracy Assmann. Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____; MÜGGE, Ernani. Literatura na escola – propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo. Cortez, 2002.

_____. A produção da leitura na escola: pesquisas x propostas. São Paulo. Ática. 2002.

_____. De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1999.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SMITH, Frank. Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artmed, 1989.

SNOWLING, Margaret J. HULME, Charles. (orgs) A ciência da leitura. Porto Alegre. Penso, 2013.

WOLFGANG, Iser. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Vol. 2. São Paulo: 1999.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

MULTIMODALIDADE APLICADA À LEITURA E COMPREENSÃO TEXTUAL EM LÍNGUA INGLESA

MULTIMODALITY APPLIED TO TEXTUAL READING AND COMPREHENSION IN ENGLISH

Vanessa Lauermann (Universidade Feevale)¹
Débora N. F. Barbosa (Universidade Feevale)²

Resumo: Este artigo apresenta a análise de uma proposta de prática multimodal aplicada à leitura e compreensão textual em língua inglesa. O constructo multimodal foi composto por um texto disponível no site Voice of America (VOA) e um jogo digital criado com o uso do aplicativo Kahoot. A prática proposta foi realizada em duas turmas do Projeto Jovem Aprendiz da Universidade Feevale, totalizando 43 participantes. Após a aplicação em sala de aula foi realizada uma entrevista semiestruturada com o professor responsável pela disciplina de língua inglesa. Categorias de análise foram pré-estabelecidas e o conteúdo da entrevista foi analisado utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2011). A partir desta análise, considera-se que os recursos multimodais podem ser aliados dos professores nas práticas em sala de aula, quando utilizados como forma de motivação e engajamento do sujeito a prática. Conclui-se, ainda, que o uso de tecnologias em sala de aula pode tornar o aprendizado mais efetivo.

Palavras-chave: Multimodalidade. Second Language Acquisition. Jogos Digitais.

Abstract: This paper presents the analysis of a multimodal practice applied to reading and textual comprehension in English. The multimodal construct consists on a text available on the Voice of America website (VOA) and a digital game created using the Kahoot application. The practice was carried out in two classes of the Jovem Aprendiz Project at Feevale University, with a total of 43 participants. After the practice in the classroom, a semi-structured interview with the teacher responsible for the English classes was performed. Categories of analysis were pre-established and the content of the interview was analyzed using the content analysis of Bardin (2011). Therefore, it is considered that the multimodal resources can be allied to the teaching practices in order to motivate and engage the students into the learning process. It is also concluded that the use of technologies in the classroom can make learning more effective.

Keywords: Multimodality. Second Language Acquisition. Digital Games.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema práticas pedagógicas com o uso das tecnologias digitais em sala de aula, como apoio ao processo de leitura e compreensão textual em língua inglesa. Práticas sociais de leitura e escrita aliadas ao uso das tecnologias digitais são pauta de estudo e discussão de docentes e pesquisadores de ensino. É necessário desenvolver essas habilidades nos jovens, relacionadas essencialmente à imersão e experimentação no processo de

¹ Mestranda no Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Bacharel em Administração pela Unisinos (São Leopoldo/RS). E-mail: vanessa.lauermann@gmail.com.

² Doutora em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS). Professora na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: deboranice@feevale.br





aprendizagem. Neste contexto, a incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs³), são essenciais às atividades do professor em sala de aula (KERSCH; RABELLO, 2016).

Neste cenário, o uso de aplicativos móveis e dos jogos digitais com fins educacionais auxiliam no engajamento dos alunos e aceleram a dinâmica da aprendizagem. Entretanto, para que possam ser utilizados neste contexto, é necessário clareza nos objetos de aprendizagem utilizados e nos conteúdos das áreas de conhecimento desenvolvidas (SANTAELLA, 2013).

Segundo Prensky (2012), ainda que se perceba a necessidade de uma abordagem diferente em sala de aula, a forma de apresentação dos conteúdos ou métodos eficazes para efetivar o ensino ainda são uma área pouco conhecida a professores e educadores. De acordo com Santaella (2013), o uso de recursos multimodais pode motivar os alunos no processo de aprendizagem.

Neste sentido, o presente estudo versa sobre uma prática multimodal de leitura e compreensão textual em língua inglesa, buscando apoio nos jogos digitais, em uma abordagem centrada na motivação e engajamento do aprendiz. O objetivo é analisar uma proposta de prática multimodal que une leitura e compreensão textual em língua inglesa, através de um texto disponível no site *Voice of America* (VOA⁴), à aplicação de um jogo digital e o uso do aplicativo Kahoot⁵. Para análise, foram definidas categorias e construído um roteiro de entrevista semiestruturada com base nas mesmas. A entrevista foi realizada com o professor da disciplina após a aplicação da prática em sala de aula. O conteúdo da entrevista foi analisado através da análise de conteúdo de Bardin (2011). A partir da observação do professor, percebeu-se um ganho significativo à motivação do sujeito ao conteúdo desenvolvido em sala de aula. A relevância desta pesquisa encontra-se na necessidade de se utilizar uma abordagem pedagógica para fomentar o uso de recursos digitais no processo de leitura e compreensão textual em língua inglesa, bem como a multimodalidade dos textos, transcendendo à mera leitura da linguagem verbal.

Desta forma, o presente artigo está organizado em cinco seções: além desta introdução, a seção *Background* aborda os principais conceitos e autores utilizados como base para o desenvolvimento da prática e análise dos resultados. A seção Métodos e Materiais descreverá

³ Neste artigo nos referimos as TICs como tecnologias digitais.

⁴ VOA *Homepage*, <https://www.voanews.com/>, último acesso 14/05/2018.

⁵ Kahoot *Homepage*, <https://kahoot.com/>, último acesso 14/05/2018.





os materiais e métodos utilizados no estudo. Na sequência serão apresentados os resultados e a discussão dos mesmos frente a teoria e estudos anteriores. Finalmente, a última sessão discorre sobre as considerações finais e as sugestões para trabalhos futuros.

BACKGROUND

Segundo Ellis (1997), a comunicação globalizada proporciona as pessoas a entrarem em contato com outras, muito além de suas comunidades de fala. Desta forma, surge a necessidade da aquisição de uma segunda língua (L2), não somente como passatempo ou lazer, mas para educação e seguridade de trabalho. O autor completa mencionando que, este aumento de sujeitos em busca de um segundo idioma torna necessário pesquisar mais sobre como se aprende uma segunda língua.

Quando tratamos de Second Language Acquisition (SLA) – podemos elencar alguns fatores que afetam esse processo. Segundo Lightbown e Spada (2000), os principais fatores são: motivação, atitude, personalidade, inteligência e preferências do aluno. As autoras ainda complementam, dizendo ser a motivação o fator que mais facilmente pode ser trabalhado pelo professor, uma vez que a razão de estudar uma segunda língua e as atitudes frente as propostas de sala de aula são pessoais, mas a motivação pode ser influenciada pela prática proposta.

De acordo com Ellis (1997), a motivação envolve a atitude e estado afetivo, que influenciam no grau de esforço que o aprendiz faz para aprender uma língua estrangeira. Segundo o mesmo autor, a motivação não é algo que o aprendiz pode ter ou não ter, mas sim algo que irá variar de acordo com o contexto educacional em que o aluno está inserido.

Desta forma, percebe-se o potencial das TICs aplicadas ao ensino de segunda língua, uma vez que favorecem a motivação, sendo este um dos fatores que afetam o processo de SLA. Segundo Lieberman (2006), no contexto da interatividade do jogo, um dos principais elementos motivacionais é o objetivo traçado e, para alcançá-lo, promove o aluno, enquanto jogador, a protagonista neste cenário. Para a autora, o objetivo busca motivar o aprendizado, mesmo para aquele que, em um primeiro momento, não possuam interesse no assunto tratado.

Qualquer ambiente pode ser um espaço de jogo, e este local pode ser a sala de aula. A naturalidade em que este ambiente lúdico é inserido no contexto propicia aos alunos, enquanto jogadores, aprender sem perceber e o desenvolvimento de habilidades, como, por exemplo, o trabalho em equipe (SANTAELLA, 2013).





Dentre os temas emergentes no desenvolvimento de recursos digitais para educação, destaca-se a multimodalidade, responsável pelo acréscimo ao nível dos jogos digitais, através de mecânicas e dinâmicas inovadoras ou associadas com outros elementos, digitais ou tradicionais. Uma interface multimodal permite a interação com conteúdos através de diferentes modalidades, ou seja, a partir de formas diferentes de apresentação da informação envolvendo diferentes sentidos humanos para sua percepção (SANTAELLA, 2010).

Segundo Prensky (2012), seis fatores estruturais fazem os jogos envolventes, conforme detalhados a seguir: (a) regras, com a imposição de limites; (b) metas ou objetivos, direcionam o jogador, contribuindo para a motivação; (c) resultados e feedback, forma de medir o progresso em relação às metas, é onde se dá a aprendizagem, pois permite que o jogador compreenda o que errou/acertou e prossiga; (d) conflito/ competição/ desafio/ oposição, são os problemas que o jogador tenta resolver e que fazem o jogo acontecer; (e) interação, interação com o computador, que se dá através do feedback, e interação social através do contato com outros jogadores; (f) representação ou enredo, enredo e narrativa sobre a qual se constrói o jogo. Segundo o mesmo autor, “o mundo dos jogos é um exemplo de ambiente totalmente centrado no usuário” (PRENSKY, 2012, p. 142).

De acordo com Sung, Chang e Liu (2016), o aprendizado através da mobilidade, com o uso da tecnologia, é significativamente mais efetivo do que uma aula tradicional. Neste estudo, foram utilizados tablets durante a aplicação do jogo, o que possibilitou a mobilidade em aula.

Neste contexto, o presente estudo se propôs a aplicação de uma prática multimodal, composta por um jogo digital que utilizou-se do Kahoot como ferramenta de autoria para a criação de um quiz aliado a um conteúdo de texto e áudio selecionado no site VOA.

MATERIAIS E MÉTODOS

A aplicação foi realizada em duas turmas do Projeto Jovem Aprendiz da Universidade Feevale⁶, totalizando 43 participantes. Foram feitas duas aplicações, no turno da manhã (21 alunos) e à tarde (22 alunos). Os alunos participantes deste estudo possuíam inglês em nível básico, conforme relatado pelo professor responsável pela disciplina de língua inglesa nas turmas.

⁶ Projeto Jovem Aprendiz da Universidade Feevale, <http://www.feevale.br/pesquisa-e-extensao/programas-e-projetos-sociais/tecnologia/projeto-jovem-aprendiz-feevale>, último acesso 14/05/2018.





O constructo multimodal utilizou-se do conteúdo disponível no site VOA, como texto base da prática. Sendo assim, foi selecionado o texto *Bicycles Mean Less Demand for Fuel in East Asia*⁷, com nível de inglês adequado a turma e conteúdo multimodal, com imagens e áudio completo do conteúdo escrito. Ainda, trata do tema sustentabilidade, como interesse do pesquisador em trabalhar conteúdos interdisciplinares que tenham como pano de fundo a preservação ambiental. Além disso, foi criado um quiz com uso do aplicativo Kahoot, também disponível para uso online.

A aplicação da prática foi desenvolvida em um laboratório de informática, onde estava a disposição dos alunos um computador individual com acesso à internet. Para o trabalho com o Kahoot foram utilizados tablets da instituição que foram distribuídos um para cada grupo. Além disso, a sala também contava com equipamento de projeção, utilizado na prática com o Kahoot e; equipamento de áudio, utilizado no áudio do texto disponível no site VOA e na aplicação do game com o Kahoot.

Na primeira etapa da aplicação, foi solicitado ao professor da turma que realizasse a entrega dos textos impressos, bem como a disposição do link onde o material se encontrava, caso o aluno desejasse acompanhar na tela do computador. Na sequência, foi colocado o áudio do texto no site VOA, para o acompanhamento da turma. Após esta etapa, o professor repassou com os alunos todo o conteúdo do texto, como forma de garantir a compreensão do vocabulário e a discussão do tema com a turma. Para dar início a atividade do jogo digital, com o Kahoot, o professor dividiu a turma em grupos. Os grupos seriam compostos com até 5 alunos. A decisão de realizar a atividade em grupos se deu pela contribuição que os componentes poderiam dar uns aos outros. A decisão do professor realizar a divisão, ao invés de deixá-los livres para montarem os grupos ocorreu para que os grupos ficassem mais homogêneos, uma vez que, apesar de existir um nível de inglês geral da turma, os sujeitos possuem, individualmente, condições próprias de conhecimento do idioma e, a divisão feita pelo professor, garantiria maior contribuição entre os alunos, bem como igualdade na competição.

O quiz proposto foi desenvolvido com dez perguntas e quatro opções de resposta em cada questão. Para cada pergunta, era concedido trinta segundos para o grupo discutir e escolher uma opção de resposta. Ao final, foi oferecido um prêmio simbólico ao time vencedor. Para finalizar,

⁷ Bicycles Mean Less Demand for Fuel in East Asia, <https://learningenglish.voanews.com/a/bicycles-mean-less-demand-for-fuel-in-east-asia/4048547.html>, último acesso 14/05/2018.





foi solicitado aos alunos a criação de um slogan, utilizando a temática da sustentabilidade ambiental e uma das palavras mencionadas na seção *Words in This Story* do texto.

A Figura 1 apresenta algumas imagens da atividade realizada em sala de aula.

Figura 1. Fotos da prática em sala de aula.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como instrumentos de coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada com o professor responsável pela aplicação desta prática em sala de aula, tendo como método de análise a análise de conteúdo de Bardin (2011). Esta entrevista, foi realizada após a aplicação da prática e teve duração de 20 minutos. A análise do conteúdo da entrevista será apresentado no capítulo Resultados e Discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo visa apresentar a análise de conteúdo da entrevista semiestruturada realizada com o professor de inglês das turmas, através do método proposto por Bardin (2011). Será dividida em três etapas, conforme as categorias de análise propostas: a condução da atividade, a motivação e o engajamento do sujeito, e a leitura e compreensão textual em língua inglesa com o uso dos recursos multimodais.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONDUÇÃO DA ATIVIDADE

Quanto à condução da atividade, o professor relatou que ocorreu de forma fluída e com grande interação e participação dos alunos. Os alunos acompanharam o texto, bem como a prática com o Kahoot. Os alunos compreenderam bem a proposta e também o funcionamento da plataforma do jogo. Neste sentido, Santaella (2013), expõe que qualquer ambiente pode ser um local para aplicação de um jogo e, ainda, que o ambiente lúdico é naturalmente inserido no contexto do aluno.

Quanto ao uso do aplicativo Kahoot, o professor afirmou que foi positivo, pois permitiu revisar e ter certeza que o vocabulário trabalhado foi efetivamente compreendido pela turma. O sucesso do jogo e sua fluidez na atividade prática em sala de aula pode ser explicado através da teoria proposta por Prensky (2012), quando determina os seis fatores estruturais fazem os jogos envolventes: o jogo no Kahoot tinha regras claras, metas e objetivos bem definidos, resultados e feedback imediatamente após a finalização do tempo de cada pergunta, conflito exposto com os problemas que o grupo precisava resolver, interação com o computador via feedback e interação com os demais jogadores do grupo, enredo construído sobre o texto previamente tratado. O mesmo autor ainda afirma que o ambiente de jogo é centrado no usuário, e isso foi observado na prática, uma vez que o jogo foi importante também para concluir o que foi assimilado pelos alunos com relação ao conteúdo textual.

MOTIVAÇÃO E O ENGAJAMENTO DO SUJEITO

A estratégia pedagógica proposta utilizou-se da multimodalidade como forma de motivação e engajamento do sujeito. Segundo o professor, a motivação dos alunos foi visivelmente maior quando realizada a atividade em grupos utilizando o jogo digital. Os alunos participaram mais ativamente, pois todos queriam ser os vencedores. Estavam engajados em construir um resultado positivo e vitorioso. Ao contrário, durante a leitura e compreensão do vocabulário do texto, alguns alunos estavam dispersos. A preferência dos alunos pela prática envolvendo a jogo digital pode ser explicada com o exposto por Sung, Chang e Liu (2016), quando afirmam que o aprendizado mediado pela tecnologia torna-se mais efetivo do que uma aula tradicional.

Observou-se uma participação ativa dos alunos no jogo digital, que conforme mencionado por Santaella (2013), incentivam os alunos e aceleram dinâmica da aprendizagem. A motivação





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**

**DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

dos alunos, segundo Lightbown e Spada (2000) é um dos fatores que afetam o aprendizado de segunda língua. A motivação foi observada nos alunos que contribuíram e buscaram resolver de forma correta cada um dos desafios apresentados no Kahoot. Conforme colocado por Prensky (2012), os recursos estão disponíveis, porém é preciso preparar o professor para conseguir trabalhar através das tecnologias digitais centradas no aprendiz, os conteúdos previstos. Além disso, pode-se observar a relação da naturalidade da inserção deste ambiente de jogos digitais no contexto do aluno, que, de acordo com Santaella (2013), propicia um aprendizado sem que o aluno perceba e desenvolve outras habilidades, como o trabalho em equipe.

Ainda, Ellis (1997) afirma que a motivação pode variar de acordo com o contexto educacional, ou seja, pode ser potencializado ou não de acordo com as práticas de ensino. A prática proposta neste estudo despertou o interesse dos alunos na compreensão do conteúdo textual, para posteriormente obterem um resultado positivo no jogo digital. Corroborando com isto, Lightbown e Spada (2000) afirmam que a motivação é um dos fatores que influenciam a aquisição de segunda língua e que mais facilmente pode ser trabalhado pelos professores, ou seja, é importante a proposta de práticas que motivem os alunos, pois isso influenciará no aprendizado.

LEITURA E COMPREENSÃO TEXTUAL EM LÍNGUA INGLESA COM O USO DOS RECURSOS MULTIMODAIS

No que tange a compreensão do conteúdo apresentado no texto do site VOA, o professor relatou que foi possível perceber que os alunos compreenderam o texto. Durante a revisão, após o áudio do site, surgiram algumas dúvidas que foram esclarecidas antes do início do jogo no Kahoot.

Santaella (2010), afirma que uma interface multimodal permite a interação com conteúdos através de diferentes modalidades. A prática proposta continha conteúdos de diferentes modalidades: linguagem visual, sonora, palavras e animações. A sequência de desenvolvimento da prática pode ter contribuído para a compreensão dos conteúdos pelos alunos, uma vez que o professor afirma que, percebeu a compreensão conforme as etapas iam transcorrendo.





CONCLUSÃO

O uso de tecnologias digitais como apoio as práticas de leitura e escrita são pauta de estudo de professores e pesquisadores. A partir da análise de conteúdo da entrevista semiestruturada, dentro das categorias preestabelecidas, considera-se que os jogos digitais e os recursos multimodais podem ser aliados dos professores nas práticas em sala de aula, quando utilizados como forma de motivação e engajamento do sujeito a prática. Sendo a motivação um componente individual e um importante fator para o aprendizado de segunda língua, o uso dos recursos multimodais podem alavancar a motivação e o engajamento dos alunos ao processo de aprendizagem.

Os achados desta pesquisa foram positivos no que tange a aquisição de língua inglesa (L2) através da proposta multimodal. Além disso, a prática multimodal tornou a aula fluída e permitiu a interação e participação de todos os alunos.

Os objetivos desta prática foram atingidos, porém sugere-se como direcionamento para futuros estudos a ampliação da aplicação em sala de aula, para que seja possível acompanhar a efetividade do uso dos recursos multimodais aplicados à leitura e compreensão textual em língua inglesa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

ELLIS, Rod. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford, 1997.

KAHOOT. Disponível em: <<https://kahoot.com/what-is-kahoot/>>. Acesso: 14 mai. 2018.

KERSCH, Dorotea Frank; RABELLO, Keli Rodrigues. São atitudes como estas que podem fazer a diferença para uma escola melhor: outros tempos, novos letramentos. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Orgs.).

Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

LIEBERMAN, Debra A. What can we learn from playing interactive games? **Playing video games: Motives, responses, and consequences**, p. 379-397, 2006.

LIGHTBOWN, Patsy M.; SPADA, Nina. **How languages are learned**. 2. ed. Oxford: Oxford, 2000.

PRENSKY, Marc. **Aprendizagem baseada em jogos digitais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SUNG, Yao-Ting; CHANG, Kuo-En; LIU, Tzu-Chien. The effects of integrating mobile devices with teaching and learning on students' learning performance: A meta-analysis and research synthesis. **Computers & Education**, 94, p. 252-275, 2016.

VOA. Disponível em: <<https://www.insidevoa.com/p/5829.html>>. Acesso: 14 mai. 2018.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE

AND THEY LIVED HAPPILY EVER AFTER

Vitória Brito Santos (Universidade Feevale)¹

Resumo: O ensaio parte de uma entrevista semiestruturada realizada com 7 meninas do 5º ano de uma escola do município de Novo Hamburgo/RS, na qual o intuito foi debater sobre a construção do “Eu” na sociedade tendo em vista que não há um único tipo de infância nem uma forma única de ser criança. A reflexão aqui exposta é pautada na maneira como a mídia auxilia na construção do ideal de felicidade do público feminino infantil através da construção de uma ideia de “Felizes para Sempre”, o que contribui na forma como esse sujeito constrói a sua identidade, que sofre constantemente uma influência por parte dos produtos midiáticos que acabam, por vezes, pautando as formas de “ser” e “estar” no mundo.

Palavras-chave: Meninas. Disney. Princesa. Mídia.

Abstract: The essay is part of a semi-structured interview accomplished with 7 girls of the 5th year in a school of the town of Novo Hamburgo/RS, which aim was to debate the construction of “Me” in society, having the perspective that there isn’t an only kind of being a child. The reflection here exposed is directed to the manners media contributes in the building of the happiness ideal of “Happily Ever After”, that induces the way this subject develop the identity, that suffers constantly with an influence of media products that, sometimes, rule the manners of “being” and “staying” in the world.

Keywords: Girls. Disney. Princess. Media.

*“Logo, Cinderela e o Príncipe se casaram.
Todos comemoraram, inclusive os amigos ratos de Cinderela
que usaram trajes especiais no casamento. Cheios de alegria,
Cinderela e o Príncipe Encantado viveram felizes para sempre”.*
(Charles Perraut, 1967, grifo nosso).

As formas de ser criança no mundo contemporâneo têm sido atravessadas pela mídia diariamente: seja através das novelas, das propagandas, dos desenhos, dos canais do *YouTube*, etc. Muitas são as “influências” com as quais a formação identitária das crianças está submetida, e isso acontece em todos os lugares do mundo. Não podemos falar em um único tipo de infância, ou um só modo de ser criança, pois a infância é uma construção social. Sendo assim, a criança é uma variável desse construto. (POSTMAN, 1999).

A epígrafe que abre esse texto faz e fez parte da infância de muitas pessoas ao redor do mundo. Cinderela, ou em sua versão original *La gatta cenerentola*², é um dos livros de contos/histórias infantis mais famosos do gênero. Teve sua narrativa adaptada para o cinema,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, com Bolsa CAPES. E-mail: vita.saochico@gmail.com

² A gata Borralheira, tradução nossa.





para o teatro, para musicais e óperas; sua história foi contada em *shows* no gelo e apresentações de *ballet*, bem como em telenovelas. A personagem³ ainda estampa itens de vestuário, de roupa de cama e de material escolar.

Todas as pessoas provavelmente lembram-se da história de Cinderela: moça órfã, que mora com a madrasta, é constantemente maltratada e a quem é atribuído todo o serviço doméstico da casa. Uma moça não muito diferente das milhares de crianças que temos no Brasil, que sofrem maus-tratos em casa, que não vivem com a família e que são órfãs. Crianças, e aqui especificamente meninas, que buscam o *Felizes para Sempre*.

A reflexão aqui apresentada parte de um trabalho⁴ desenvolvido em uma das disciplinas⁵ que cursei durante o Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social que concluí no final do ano passado (2017). O que proponho aqui tem o intuito de nos fazer pensar sobre como a mídia – aqui especificamente nas histórias de princesa – pode vir a auxiliar na construção de uma identidade infantil feminina⁶.

SOBRE INFÂNCIAS E ESCOLAS

A infância enquanto construção foi sendo estudada, analisada e retratada ao longo de séculos de história. Ariès (1981) coloca que é a partir do séc. XVIII que a sociedade passa a enxergar a criança verdadeiramente como um ser social, porém ainda temos locais do mundo onde a infância não é o centro da sociedade – ideia essa ocidentalizada através do ideário de criança como o futuro da nação. No Brasil as realidades infantis são muito plurais e é na escola onde conseguimos observar essa pluralidade de forma mais intensa.

A escola enquanto instituição é uma marca importante no processo de inserção da criança na sociedade (ARIÈS, 1981; POSTMAN, 1999), e vai ser a partir do surgimento das instituições de ensino que, tanto no Brasil como no restante do mundo, irá se construir um espaço social e de sociabilidade para a infância. Para as populações mais vulneráveis, a escola é mais que um local de ensino, ela opera como um espaço para alimentação, afeto e acolhimento, como é o

³ Aqui me refiro à personagem imagética criada pelos estúdios *Disney* em 1950.

⁴ Um dos objetivos da atividade era que procurássemos uma Escola onde pudéssemos conversar com alunos sobre temas que tinham ligação com a nossa pesquisa e a partir disso escrever um relatório que contivesse as reflexões feitas em aula em diálogo com os autores trabalhados.

⁵ Disciplina de Concepções de Infância e Produção Cultural para Crianças e Adolescentes, do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, ministrada pelas Professoras Dra. Saraí Patrícia Schmidt e Dra. Claudia Schemes.

⁶ Quando desenvolvi a pesquisa com as estudantes buscava maiores entendimentos sobre a temática da minha Dissertação de Mestrado, que foi o Casamento de Crianças no Brasil.





caso da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pres. Tancredo Neves, onde realizei as entrevistas que são objeto de análise dessa reflexão.

TRILHAS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Pres. Tancredo Neves está situada no bairro Canudos, na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul (RS). O principal diferencial da escola é que ela tem um sistema de Educação Integral. Realizei a atividade com sete alunas do 5º ano B, da professora Helena⁷. Escolhi o 5º ano devido aos processos de formação identitária pelos quais passam os estudantes nessa etapa de ensino (final das S.I).

Me reuni com elas na sala da aula de Educação Física, que estava livre naquele momento. Me apresentei (apesar de seis delas me conhecerem do tempo em que trabalhei na escola)⁸ e depois expliquei qual era o objetivo do meu trabalho. Elaborei um roteiro de perguntas semiestruturadas divididas em três blocos. O primeiro bloco foi composto de perguntas pessoais sobre elas, para melhor conhecimento das suas vidas; o segundo e o terceiro bloco foram de perguntas sobre o universo infantil – pensando o conto de fadas/filme de animação e sua relação com a forma pela quais as meninas aprendem a enxergar o *casamento* como um dispositivo de felicidade.

SOBRE SER PRINCESA

Não sei se toda menina sonha em ser uma princesa, mas não se pode negar que a mídia, e aqui em específico os estúdios *Disney*, coloca isso como uma representação da felicidade, um espelho do “eu”. (STEINBERG; KINCHELOE, 2004). Não difere das meninas com quem conversei, elas queriam ser princesas. Luiza, Milena, Priscila, Júlia, Leticia, Isadora e Jéssica “reforçam” as ideias sobre o “ser” criança, e que não podemos falar de infância no singular, pois são infâncias, múltiplas e plurais. (SCHMIDT; PETERSEN, 2015). Na conversa que tive com elas durante cerca de mais ou menos 1h, na sala pequena de Educação Física, falamos sobre a escola, a família, e sobre a ideia de casamento, todos os assuntos foram debatidos pensando as formas de ser menina na nossa sociedade. (COLLING, 2004). “*A gente tem que cuidar o tamanho do short, minha mãe disse que eu tenho que proteger o meu corpo, porque*

⁷ Todos os nomes utilizados no decorrer do texto são fictícios para preservar e resguardar as estudantes e a professora.

⁸ Trabalhei na escola durante dois anos como Coordenadora de Educação Integral.





tem uns homens por aí que fazem coisas erradas com as gurias”, contou Isadora em certo momento da entrevista, fazendo um gesto com a mão e mostrando que o short não pode estar acima da “polpa” da bunda.

Na tabela abaixo mostro como é a estrutura familiar de cada uma delas, um panorama que auxilia no entendimento sobre as formas como essas infâncias estão sendo construídas, tendo em vista as problemáticas implicadas em viver em uma zona periférica com muitos irmãos e irmãs, um cenário violento e passando necessidades, fatores que moldam as formas como elas serão crianças e principalmente como serão meninas. (RENNER, 2016).

Tabela 1 – Dados sobre as entrevistadas

Nome	Idade	Irmãos	Irmãs	Quantas pessoas moram na casa	Pai e Mãe	Mãe e Padrasto	Namorado
Luíza	11	1	2	5	Sim	---	Sim – 14 anos
Milena	12	4	---	6	Sim	---	Sim – 14 anos
Priscila	11	1	---	4	Sim	---	Não
Júlia	12	2	3	8	---	Sim	Não
Letícia	12	7	6	9	---	Sim	Não
Isadora	11	---	2	5	---	Sim	Não
Jéssica	11	3	3	5	Sim	---	Não

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Como me interessava saber o que elas compreendiam sobre essa ideia do “viveram felizes para sempre”, perguntei a elas se algum dos irmãos/irmãs já era casado. Duas delas (Luísa e Letícia) relataram terem irmãos comprometidos (namorando) com um(a) parceiro(a). A irmã de Luísa acaba de completar 18 anos, o marido tem 21, estão juntos há um ano. Letícia tem um irmão e uma irmã casados: o irmão mora na casa da frente da dela (dentro do mesmo pátio) ele tinha 18 e a namorada 17 quando se conheceram, faz três anos que estão juntos; a irmã tinha 15 quando conheceu o marido, na época com 25, “A mana tem 17 e meu cunhado 27, faz dois anos que eles estão morando juntos lá em casa” – a esta fala de Letícia trouxe uma reação de espanto em algumas das meninas por considerarem o cunhado muito “velho”, ao que Letícia responde: “mas ele trabalha pra ajudar ela”. A condição trabalho é um fator de extrema relevância para elas, e apareceu em vários momentos da conversa. Costa (2006) ao falar sobre a cultura do sucesso – sobre aquisições de bens materiais – define isso como “o ter e não o ser”, deste modo não importa se ela é menor de idade, o que importa é que o “cara” trabalha – ele sustenta ela.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Sendo que eles são 14 irmãos, vivem em nove pessoas na casa “*é muito apertado*”, relatou Letícia. Ou seja, ele pode até morar lá se isso contribui com o sustento da família.

Depois de conhecer um pouco mais sobre elas e suas famílias, fiz a pergunta sobre o que elas conheciam sobre contos de fadas. Falaram inicialmente que não conheceriam muito. Refiz a pergunta usando a expressão “histórias de princesas”, riram e começaram a citar os clássicos. Essa troca de expressão para fazê-las reconhecer do que eu falava vai ser designada no entendimento dos estudiosos da literatura infantil como a “ressignificação Disney. (ZIBERMAN, 1984). A *Disney*, desde sua primeira releitura de um clássico – Branca de Neve e os Sete Anões (1938) –, opera como uma importante formadora de identidade infantil, assim como a mídia de forma geral (SCHMIDT; PETERSEN, 2015). Steinberg e Kincheloe (2004) definem isso com uma pedagogia cultural, a *Disney* pauta o cotidiano escolar através dos inúmeros produtos resultantes dos filmes de animação, bem como, através das discussões e debates em torno do ser criança e do mundo infantil.

“*Eu não assisto muito, porque acho coisa de criança*” foi o que me respondeu Luiza quando perguntei sobre se viam os “filmes”. A resposta dela foi complementada por Júlia que disse: “*eu assisti já, mas tem uns que não são tão infantis, como a Valente, no filme não tem aquela ideia do amor romântico*”. Essa definição do que seria coisa de criança, mostra que temos a fronteira entre o que é coisa de adulto e o que é coisa de criança “borrada”, os filmes não se chamam mais desenhos e sim animações, justamente por serem feitos também para adultos. Essa linha tênue entre o ser adulto e o ser criança é muito confusa (POSTMAN, 1999) e isso fica explícito quando pergunto a elas sobre seus sonhos e me respondem “*ir à Disney*”, ao que indago, conhecer a *Disney* por causa dos brinquedos? “*Não*”, responde uma delas, “*por causa das princesas*”. Princesas essas que na primeira fala eram coisas de crianças, mas que também estão estampadas nas blusas de adultos e fazem parte do imaginário cultural de quem cresceu ouvindo essas histórias.

Continuamos conversando sobre as histórias e perguntei como elas terminavam, uma das respostas se assemelha a epígrafe que abre esse texto “***Como normalmente terminam os contos de fadas? Com um final feliz ‘e viveram felizes para sempre’. E o que é esse final feliz? Eles se casam no final***”. Perguntei então se para ter o “felizes para sempre” era preciso casar, elas me responderam que não. Mas que casar era legal se fosse com um “cara bom”. E aqui estão implicadas todas as noções da sociedade sobre o lugar da mulher ser em casa, sobre o homem





trazer o sustento para a família (COLLING, 2004). “*Seria bom ter um marido trabalhador que me sustente*”, foi a opinião de Letícia, opinião com a qual as outras concordaram ao sacudirem as cabeças e complementaram “*e ele não pode fazer filho e depois largar a gente*”, relatou Júlia, “*sim, porque é ruim nascer sem pai*” disse Letícia referindo-se a três de seus irmãos que não sabem quem são seus pais.

São as suas experiências e histórias que fazem com que elas idealizem o final “feliz” das histórias de princesa, “*quero casar na igreja e tem que ter aquele tapete vermelho*”, diz Julia. As outras sacudiram a cabeça em sinal de concordância. Das sete, só Milena define que “*casar é pra louco*”, que não importa casar. As meninas concordam em parte e definem que o importante é que o marido te trate bem, não precisa nem casar, “*tem que ter confiança, não pode te humilhar*”, definiu Letícia. Isadora, complementou dizendo “*é, não pode ficar batendo, nem gritando e tem que trabalhar*”, relatos que partem da construção social sobre como deveria funcionar um relacionamento, baseado no respeito (COLLING, 2004) “*um felizes para sempre*”.

Perguntei, então, o que elas achavam que precisava ser feito antes de casar, e as repostas foram desde o não dá para ter filho logo cedo, até o tem que comprar coisas. Perguntei que coisas são essas, “*roupas e coisas pra gente*”, respondeu Isadora, coisas que vão fazer elas se sentirem pertencentes e inseridas na sociedade (COSTA, 2006), no restante do relato sobre as coisas que gostariam de comprar, o que gostariam de fazer antes de casar, sobre os sonhos, fica nítido o atravessamento da mídia não só em relação a ideias das histórias de princesa, mas principalmente na formação de identidade através das novelas, que são, conforme Costa (2006) e Steinberg e Kincheloe (2004), uma forma de ensino midiático influente devido ao número de lares brasileiros com televisão: “*a gente antes comprava todas as coisas da Frozen, eu tive roupa da Barbie e mochila*”, disse Amanda, “*mas agora tem as novelas como a as Cheias de Charme*”⁹, lembrou Milena, e aqui se misturam novamente o mundo dos adultos e o das crianças, já que a capa do caderno é das princesas, mas gostariam de ter o esmalte da personagem da novela e o aplique no cabelo. Segundo Postman (1999), vai ser o surgimento da televisão que vai fazer com que os universos se misturem quando não há mais segredos para a infância.

⁹ A novela estava reprisando na Rede Globo, no Vale a Pena Ver de Novo.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a mídia ter um forte impacto na construção do “Eu” conforme pode se observar em algumas das respostas obtidas durante a conversa que trouxe para esse ensaio, um ponto muito importante é reforçado: não há um modelo de infância, crianças são seres únicos e cada um é diferente do outro (RENNER, 2016), o que pode ser observado através das análises teóricas, mas que fica nítido na seguinte fala de uma das entrevistadas: “lá na minha casa não tem SKY, essas coisas, pra olhar esses filmes só de DVD mesmo [...] vi o *YouTube* poucas vezes”. Ou seja, nem todas as crianças têm TV a cabo, naquela região do bairro a minoria tem, nem todas sabem o que é o *YouTube*, não conhecem *YouTubers* Mirins e não fazem parte dos seus fãs clubes. Continuam sendo fãs de personagens de novelas, novelas que também terminam com um final feliz, quando a mocinha casa no final da história.

É importante compreender a ressignificação do mundo *Disney*, e a importância que ele teve/tem na formação do entendimento sobre a sociedade, principalmente sobre os clássicos, que infelizmente, talvez, não seriam do conhecimento dos estudantes não fossem as releituras feitas pelos estúdios de animação – apesar de muitas vezes serem estereotipadas, sua influência na forma de construção da identidade infantil, atravessa gerações, e aqui principalmente a feminina com o ideal de príncipe e princesa que pode ser observado na fala das entrevistadas.

A inserção das histórias de princesa na formação das meninas vai além da ideia do “viveram felizes para sempre” – a ideia do casamento como um todo, mas principalmente a forma como ela opera como uma pedagogia cultural, com o seu atravessamento dentro das escolas, que está para além dos contos de princesas. A publicidade feita através dessas animações se tornou uma forma de exposição de ideias, ideologias e formas de pertencimento, e isso é reconhecido pelas estudantes.

REFERÊNCIAS

ARIÈS. Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A, 1981.

COLLING, Ana. A construção histórica do masculino e do feminino. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Orgs.). **Gênero e Cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-38.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O COMEÇO DA VIDA. Direção: Estela Renner, Produção: Maria Farinha Filmes, Brasil: UNICEF, Instituto Alana, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Fundação Bernard Van Leer, 2016. 1 DVD (1h 37min) son., color.

PERRAUT, Charles. **Cinderela**. [S.l.] 1967.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SCHMIDT, Sarai; PETERSEN, Michele. Mídia, escola e cultural infantil – a pedagogia do consumo em operação. In: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber (Orgs.). **Estudos Culturais e Educação: contingências articulações, aventuras e dispersões**. Canoas: Ed. Ulbra, 2015. p. 115-129.

STEIMBERG, Shirley; KINCHELOE, Joel L. **Cultura Infantil: A construção corporativa da infância**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2004.

ZIBERMAN, Regina. Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES COMO ESTRATÉGIA PARA O SUCESSO ESCOLAR: AS EXPERIÊNCIAS DE SUCESSO DE NOVA PETRÓPOLIS E PICADA CAFÉ

TEACHER CONTINUOUS QUALIFICATION AS A STRATEGY FOR
SCHOOL SUCCESS: THE ACCOMPLISHMENTS OF NOVA PETRÓPOLIS
AND PICADA CAFÉ MUNICIPALITIES

Inajara Vargas Ramos (Universidade Feevale)¹
Vivian Gabriela Metz (Universidade Feevale)²

Resumo: O presente artigo trata da experiência dos municípios de Nova Petrópolis e Picada Café na Formação Continuada de Professores. Os dois municípios vêm se destacando nas avaliações externas, especialmente no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica e identificou-se, que a Formação de Professores é um dos fatores determinantes no sucesso das redes de ensino. Os momentos de Formação Docente nos dois municípios envolvem palestras sobre diferentes temáticas, reuniões de planejamento coletivo nas escolas, grupos de estudo, cursos de extensão em parceria com universidades, programas do Governo Federal e outras instituições. Por meio de uma pesquisa realizada, constatou-se que a Formação Continuada é planejada a partir dos interesses e necessidades dos professores, que são identificados pelas equipes gestoras da educação nos referidos municípios. Esta formação, intensa e constante, promove a reflexão e avaliação da prática docente, subsidia o planejamento educacional e reflete diretamente na aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Formação Continuada de Professores. Sucesso escolar. Planejamento educacional. Avaliações externas.

Abstract: the present work aims to address the success of Nova Petrópolis and Picada Café municipalities in their continuous qualification of teachers. Both municipalities have been standing out in external evaluations, especially in the Basic Education Development Index, and this success of the school network was linked to their program of teacher continuous qualification. The actions of faculty formation in both towns encompass lectures on various topics, extension courses in partnership with universities, federal government and other institutions. Through qualitative research, it was verified that continuous formation is planned on the teacher's interests and necessities, which are identified by educational management teams in each municipality. This intense and constant qualification promotes reflection and evaluation of the didactic practice, endorses educational planning and directly reverberates in the student's learning process.

Keywords: continuous qualification of teachers. Educational accomplishment. Educational planning. External evaluations.

¹ Doutora (2013) e Mestre (2003) em Educação pela UNISINOS e docente do corpo permanente do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Feevale. E-mail: iramos@feevale.br.

² Mestre em Letras - Universidade Feevale (2018), Especialização em Educação Especial - UNISINOS (2012). Licenciada em Pedagogia – UNISINOS (2010). E-mail: vivi.metz@gmail.com





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES COMO ESTRATÉGIA PARA O SUCESSO ESCOLAR: AS EXPERIÊNCIAS DE SUCESSO DE NOVA PETRÓPOLIS E PICADA CAFÉ

A formação continuada de professores da rede pública, seja por meio dos programas do Governo Federal ou das proposições das Secretarias de Educação ou por iniciativa das próprias escolas, mostra-se como um importante investimento profissional na carreira docente, o que repercute positivamente na qualidade do ensino, sendo apontada como possibilidade para aperfeiçoar o processo de ensino e de aprendizagem. O presente artigo é decorrente de uma pesquisa qualitativa realizada com Secretários Municipais de Educação, Pedagogas das Secretarias Municipais de Educação, Diretoras de Escola e Professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo como objetivo de identificar em que medida a aplicação de políticas públicas de leitura impacta nos resultados das avaliações externas³ obtidas pelos municípios de Nova Petrópolis e Picada Café. Entre os resultados da pesquisa, constatou-se que o sucesso dessas redes é decorrente, além das ações de incentivo à leitura que realizam, do planejamento educacional, da utilização dos dados apontados pelas avaliações externas e da formação continuada dos professores, tema deste artigo.

O professor, definido por Demo (2002) como o profissional que organiza o processo de aprendizagem dos alunos, tem um compromisso que vai além de ministrar aulas. Nesse sentido, o profissional que estuda e que busca o novo, age com uma postura diferenciada e, portanto, encontra novas possibilidades:

Professor é sobretudo quem aprende melhor, sabe aprender mais que os outros, faz disso sua maior razão de ser. Aula qualquer um dá, sobretudo quem não aprende. Quem aprende insiste menos na aula do que no gesto do aluno de aprender a aprender. Por isso, quem aprende de verdade não busca ensinar, instruir, treinar, mas propiciar ao aluno que possa aprender e daí surge imediatamente a perspectiva da aprendizagem permanente, ou seja, o direito de aprender (DEMO, 2002, p. 75 e 76).

Como meio de proporcionar estudo e reflexão, Alarcão (2008) defende a formação coletiva: “O professor não pode agir isoladamente na sua escola. É neste local de trabalho, que ele, com os outros, seus colegas, constrói a profissionalidade docente” (2008, p.44). Diante disso, os momentos de formação específicos, como as reuniões pedagógicas em que os professores, experientes ou iniciantes na carreira, têm a possibilidade de conversar e trocar

³ Em 2015, uma escola do município de Nova Petrópolis alcançou a nota 7,7 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse mesmo ano, uma escola de Picada Café alcançou a nota 7,9.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

experiências, assumem um papel importante. A formação pode apresentar diferentes formatações, de acordo com a área de atuação, a disciplina ou o ciclo. Na realidade investigada, a formação coletiva envolve professores de diferentes escolas, promovendo assim, tanto o compartilhamento de ideias, quanto a identificação das necessidades e possibilidades comuns.

Ao longo do tempo em que exerce a profissão, o professor adquire saberes através da prática e do conhecimento do meio em que atua e, ao mesmo tempo em que aprende pela sua experiência, o professor aprende com seus pares (TARDIF, 2012). Essa aprendizagem nem sempre se dá nos momentos formais, mas também quando ocorre partilha de conhecimentos no cotidiano, o que ocorre através da troca de materiais didáticos, de sugestões de atividades e organização de aulas, por exemplo. Nóvoa (2004) cita como referências centrais para a formação de professores: “a reflexão conjunta em “comunidades de prática”, o diálogo metódico entre os professores, a *professional conversation* (isto é, a discussão entre os pares, a análise coletiva das práticas)” (p. 05). A formação continuada efetiva-se, portanto, através de um planejamento que considera as questões pertinentes à realidade escolar, em que o professor não é um mero ouvinte, mas tem também a possibilidade de manifestar suas experiências e opiniões.

Durante a realização da presente pesquisa, os entrevistados relataram que várias propostas pedagógicas foram planejadas a partir da observação dos interesses e dificuldades dos alunos em relação a determinados objetivos. A partir desses dados, os professores apresentaram propostas às equipes gestoras e desenvolveram atividades interdisciplinares. Constata-se que com as análises dos professores sobre a realidade em que atuam, lhes é garantido planejar coletivamente com o grupo e a equipe gestora, temas para a formação continuada ou a elaboração de ações para a transformação de uma determinada situação. Conforme Libâneo, Oliveira e Toschi (2012), a escola que adota práticas participativas, promove a aprendizagem dos professores e estes compartilham conhecimentos, metodologias, dificuldades, além de discutirem coletivamente questões relativas ao projeto pedagógico curricular, práticas de avaliação e outras questões pertinentes ao cotidiano escolar, constituindo-se tal prática em comunidades de aprendizagem.

Segundo Nóvoa (1992), na escola, o trabalho e a formação não podem ser consideradas atividades distintas. O professor depara-se, constantemente com novas situações em seu cotidiano na escola. Diante disso, o processo de reflexão sobre suas ações, tendo como base os





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

dados ou resultados apresentados pelos seus alunos, aliados às suas necessidades, interesses e potencialidades do grupo, deve ser algo inerente ao seu trabalho. Refletindo sobre a prática, o docente modifica, confirma a validade ou inova suas propostas. É importante ressaltar que para que isso aconteça, o interesse e o comprometimento dos profissionais envolvidos foi um requisito importante identificado por participantes da pesquisa. Quando o profissional apresenta esse interesse, o contexto e a equipe com quem atua podem dificultar ou facilitar o processo: dificultar quando o sistema apresenta propostas prontas, engessadas; facilitar quando promovem a reflexão, incentivam as práticas inovadoras e a criatividade. Nesse sentido, cabe destacar que os municípios de Nova Petrópolis e Picada Café, ao oferecer formação de professores, incluem questões metodológicas, e, a partir disso, os professores têm a liberdade para, junto com seus pares e alunos, construir o processo de ensino e de aprendizagem. A escola, na visão de Libâneo (2012), como espaço educativo, possibilita a aprendizagem, a participação nas decisões e o desenvolvimento profissional dos sujeitos que nela atuam. Nesse caminho, o processo de formação há que considerar as aprendizagens progressas do professor e, através dessas, “levá-lo a uma criticidade e coerência permanentes no momento de tomar decisões pedagógicas, no encaminhamento da educação dos jovens que ele tem pela frente e que lhe cabe situar na vida” (SILVA, 2004, p. 27).

A formação de professores aparece como uma das ações do PAR⁴ com o intuito de melhorar a qualidade da educação. No âmbito do PAR, a formação de professores pode ocorrer na própria escola, sendo essa em parceria com instituições de ensino superior, como vem ocorrendo desde 2014, na rede municipal de ensino de Nova Petrópolis, que estabeleceu uma parceria com a Universidade de Caxias do Sul (UCS) para a formação de professores e assessoria no desenvolvimento de projetos de pesquisa realizados por alunos. Em Picada Café, como também em Nova Petrópolis, alguns momentos de formação de professores contam com a assessoria pedagógica do Programa “A União faz a Vida”, que propõe como metodologia de trabalho, as expedições investigativas⁵ como ponto de partida para a elaboração de projetos. Os municípios também aderiram ao Pnaic⁶, que tem como um dos seus eixos a formação continuada de professores. A política do Pnaic tem sido adotada como referência para as

⁴ Plano de Ações Articuladas.

⁵ <http://www.auniaofazavida.com.br/files/Formando%20Educadores%20-%20Infantil.pdf>, acesso em 08 de fevereiro de 2018.

⁶ Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

atividades de Alfabetização e Letramento nos dois municípios investigados, que incluem as propostas desse programa na formação de professores e no trabalho pedagógico.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM NOVA PETRÓPOLIS E PICADA CAFÉ

O investimento na formação continuada dos profissionais da educação é constante nos municípios de Nova Petrópolis e Picada Café. Anualmente, os municípios realizam jornadas pedagógicas e também aderem a programas do Governo Federal, visando a qualificação dos professores e, conseqüentemente, a aprendizagem dos estudantes. Esse investimento é identificado como primordial na pesquisa realizada, assim como a estabilidade dos profissionais que compõe a equipe, o que também é identificado como relevante nas pesquisas de Nóvoa (1995, apud LIBÂNEO, OLIVEIRA e TOSCHI, 2012).

As ações de formação continuada acontecem nas escolas, em momentos coletivos semanais ou mensais. A intensidade do planejamento coletivo é valorizada pelas Secretarias e mencionada como relevante na obtenção dos índices de qualidade de ensino.

Aliada às ações oferecidas pelas instituições públicas, a parceria com uma universidade mostrou-se importante para o aperfeiçoamento das práticas docentes, principalmente por se mostrar como uma alternativa de qualificar e ampliar as possibilidades de propostas metodológicas. A parceria entre a escola e a universidade justifica-se, segundo as pesquisas de Forster e Leite (2014), sob os seguintes argumentos: os sujeitos que atuam em ambos os espaços detêm conhecimentos que merecem registro, valorização e publicação; o funcionamento dessas instituições intervém no desenvolvimento profissional; a formação se dá através de ação nesses espaços, o que decorre do diálogo e da reflexão e, principalmente, a parceria entre instituições pode potencializar a qualificação das ações docentes.

O planejamento da formação continuada dos professores considera também a oferta de temas diversificados oferecendo ao professor elementos que o auxiliem a compreender como se dá o processo de aprendizagem e a enfrentar os novos desafios do cotidiano escolar. Nesse sentido, há atenção para algumas questões relevantes, por exemplo: a diversidade dos temas, a atenção à motivação dos profissionais e o foco no processo de aprendizagem dos alunos, em especial, àqueles com dificuldades.

A reflexão sobre a prática é apontada como um fator relevante no momento de planejamento das formações e a construção dos saberes docentes é identificada como





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

processual. Dessa forma, alguns temas de estudo, como inclusão, avaliação escolar e metodologia são recorrentes nos momentos de formação continuada. Alarcão (2008), afirma que a capacidade reflexiva “necessita de contextos que favoreçam o seu desenvolvimento, contextos de liberdade e responsabilidade” (p. 45). A atenção da equipe gestora às dificuldades e potencialidades do seu grupo de professores levaram à identificação dos temas que necessitam de um estudo mais aprofundado ou um novo olhar, e, a partir desse diagnóstico, foi possível buscar possibilidades para que isso se concretizasse. Da mesma forma, através desse diagnóstico, identificou-se que os professores também não apresentavam alguns conhecimentos e habilidades. Assim, antes de propor o trabalho com os alunos, houve a atenção para a formação docente de modo a qualificá-la e atender aos anseios desses profissionais. Isso está relacionado ao que é apontado por Demo (2002), quando afirma que “propostas de inovação didática só possuem efeitos quando inovam os professores antes de mais nada” (p. 85). Por isso, as propostas de inovação para o trabalho em sala de aula, com o intuito de melhorar a aprendizagem dos estudantes, passam, inicialmente, pela mudança do trabalho do professor, cujos saberes, chamados por Tardif (2012) de temporais, também necessitam ser revistos, aprimorados e aprofundados. Os saberes destes profissionais constituem-se através de suas histórias de vida, especialmente da história de vida escolar; são decorrentes da prática profissional e, ainda, utilizados e em desenvolvimento constante. Conforme Demo (2002): “a razão maior de ser dos cursos é a aprendizagem dos alunos, embora sejam oferecidos aos professores” (p. 85) e isso justifica sua formação permanente, pois trata-se do profissional que lida com o conhecimento, que está sempre em processo de renovação e transformação.

O comprometimento dos professores e a importância dada por estes aos momentos de formação pedagógica é identificado tanto pelos gestores quanto pelos próprios professores, que citaram estes momentos de troca de experiências como ricos e significativos, refletindo e avaliando os mesmos, inclusive manifestando seu interesse por qualificação. Tardif denomina de fundamentos existenciais do ensino, a máxima de que um “professor ‘não pensa somente com a cabeça’, mas com a vida, com o que foi, com o que viveu, com aquilo que acumulou em termos de experiência de vida, em termos de lastro de certezas” (2009, p. 103).

Assim como trabalho coletivo, envolvendo gestores e professores é enaltecido, o trabalho individual do professor que se mostra comprometido, que reflete sobre sua prática, considerando os resultados e interesses dos estudantes e que aplica conceitos adquiridos na





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

formação inicial e continuada, também é identificado como um fator importante na garantia da qualidade de ensino, tanto na fala dos gestores, quanto na fala dos professores, que reconhecem a importância do seu trabalho.

A pesquisa confirma que o planejamento educacional elaborado e executado de forma coletiva e a prática docente alicerçada na formação inicial e continuada, aliada ao processo de reflexão permanente, sendo este, novamente, base para o planejamento, apresentam-se como ferramentas indissociáveis no alcance dos bons resultados nas avaliações. Fica evidente que o sucesso alcançado é decorrente de ações com essa finalidade e esse é um objetivo de todos os profissionais envolvidos no processo.

As experiências narradas pelos profissionais entrevistados, em relação à formação, ratificam o comprometimento das equipes que planejam esses momentos, visando contribuir com o desenvolvimento e aprimoramento da prática docente, promovendo momentos de reflexão sobre a ação profissional, juntamente com o planejamento de ações pedagógicas. Os professores entrevistados dão valor à formação continuada e os relatos apresentam o interesse dos profissionais pela mesma, suas proposições de temáticas de estudo e as reflexões a partir do que lhes é proposto, o que, certamente, repercute em suas propostas pedagógicas e consequentemente na aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2008.

DEMO, Pedro. Professor e seu direito de estudar. In: NETO, Alexandre Shigonov; MACIEL, Lizete, Shizue Bomura. Reflexões sobre a formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

FORSTER, Mari Margarete dos Santos; LEITE, Tatiana Costa. Formação Continuada de Professores: da parceria entre universidade e escola ao protagonismo e reconhecimento do trabalho docente. In: Revista Diálogo Educacional, v. 14, n. 43, p.865-887. Curitiba: PUCPR, set./dez. 2014. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/2005/1909>, acesso em 03 de fevereiro de 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de. TOSCHI, Mirza Seabra. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2011.

NÓVOA, António. Formação de professores e formação docente. In: Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>, acesso em 23 de janeiro de 2018.





II CIDI

**CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:**

**DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**

NÓVOA, António. Novas disposições de professores: a escola como lugar de formação. 2004. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/685/1/21205_ce.pdf, acesso em 23 de janeiro de 2018.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. Ensino-aprendizagem e leitura: desafios ao trabalho docente. In SOUZA, Renata Junqueira de (org). Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004.

TARDIFF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

CHAPEUZINHO AMARELO: ALFABETIZAR LETRANDO COM CURRÍCULO ADAPTADO

YELLOW RIDING HOOD: TEACHING OF READING AND WRITTEN LITERACY
WITH CURRICULUM ADAPTED

Viviane Cristina de Mattos Battistello (Universidade Feevale)¹

Ana Teresinha Elicker (Universidade Feevale)²

Carine Mendes Garbin Diesel (Universidade Feevale)³

Greice Gomes Cardoso (Universidade Feevale)⁴

Rosemari Lorenz Martins (Universidade Feevale)⁵

Resumo: Alfabetizar letrando serve como base para todos os alunos que estão inseridos no contexto escolar. Nesse sentido, o estudo discorre de um projeto de pesquisa-ação com uma prática pedagógica, numa turma do terceiro ano das séries iniciais do Ensino Fundamental. Neste sentido, esta pesquisa-ação justifica-se por ser de cunho social e cultural, desenvolvendo atividades práticas para alfabetizar letrando dentro de uma perspectiva de educação inclusiva. Embora existam métodos adequados, o contexto escolar mostra uma outra realidade que refletem índices precários da alfabetização no Brasil. Isso se deve possivelmente a formação de professores, a infraestrutura das escolas e os “não-métodos” conceituados por SOARES (2004), alfabetizar sem letrar torna-se desconectado às demandas de práticas sociais que o cotidiano exige. O conto “O Chapeuzinho Amarelo” foi adaptado, com a utilização de um currículo aberto e propostas curriculares diversificadas direcionadas ao entendimento de todos os alunos. O objetivo é eliminar qualquer obstáculo que possa limitar a aprendizagem e participação dos alunos no processo educativo.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Currículo Adaptado. Educação Inclusiva.

Abstract: Teaching of reading and written and literacy in the same time serves as the basis for all students who are inserted in the school context. In this sense, the study has a research-action project with a pedagogical practice, in a class of the third year of elementary school. In this sense, this research-action is justified by being of a social and cultural nature, developing practical activities to literate literacy within an inclusive education perspective. Although there are appropriate methods, the school context shows another reality that reflects precarious indices of literacy in Brazil. This is possibly due to teacher training, the infrastructure of schools and the "non-Methods" conceptualized by SOARES (2004), teaching of reading and written and literacy becomes disconnected from the demands of social practices that everyday demands. The tale "The Yellow Hood" was adapted, with the use of an open curriculum and diversified curricular proposals aimed at the understanding of all students. The aim is to eliminate any obstacle that can limit the learning and participation of students in the educational process.

Keywords: Teaching of reading and written. Literacy. Curriculum adapted. Inclusive Education

¹Mestranda em Letras e Graduada em Letras-Português/Inglês (Feevale), Especialista em Psicopedagogia (UNILASALLE), Professora e Psicopedagoga. E-mail: vivimattos@feevale.br

²Mestranda em Letras e Graduada em Letras- Português/Inglês (Feevale). Esp. em Gestão Escolar (UFGRS) e em Esp. EJA (PUC). professora da rede pública de ensino. E-mail: anaelicker@hotmail.com

³Mestranda em Letras(Feevale), graduada em Letras (UFSC) e Pedagogia (UNILASALLE). Especialista. em LIBRAS(UNIASSSELVI). E-mail: carinegarbin@gmail.com

⁴Mestranda em Letras(Feevale), graduada em Pedagogia (UFPel), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UNINTER). E-mail: greicegcardoso@gmail.com

⁵ Doutora em Letras (PUC-RS). Professora do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Feevale. rosel@feevale.br





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

INTRODUÇÃO

Pesquisas mostram que os índices de alfabetização são precários no Brasil, as causas disso são inúmeras e vão desde problemas de infraestrutura das escolas até os métodos de ensino utilizados para alfabetizar. Isso porque algumas escolas ainda utilizam metodologias tradicionais que não levam em consideração a realidade do aluno e não promovem o letramento, que é de suma importância para o processo de alfabetização o letramento, que é de suma importância para o processo de alfabetização.

Quando se alfabetiza letrando é possível atingir todos os alunos, inclusive os com deficiência. Promover a igualdade de condições de acesso e de permanência a todos na escola, sem qualquer tipo de discriminação, é um princípio que está no Art. 206, inciso I, da Constituição do Brasil desde 1988. A educação especial, cujo foco são os alunos com deficiência, deve, inclusive, estar prevista na proposta pedagógica da escola, conforme as propostas da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educacional Inclusiva. Ela deve atuar articulada com o ensino comum, mas orientar-se para o atendimento das necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiências (BRASIL, 2008, p.15).

Conforme Almeida (2012, p. 11), a educação especial visa promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas com deficiências e abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Na escola inclusiva, o processo educativo deve ser entendido como um processo social, em que todas as crianças com deficiências têm o direito à escolarização o mais próximo possível do normal, ou seja, trata-se de uma modalidade de ensino para todos.

Desse modo, a inclusão promove a diversidade, pois o desafio da inclusão é mais do que garantir o acesso dos alunos às instituições de ensino. O objetivo é eliminar qualquer obstáculo que possa limitar a aprendizagem e participação dos alunos no processo educativo. Nessa perspectiva, surgiu esta proposta de trabalho, que se caracteriza como uma pesquisa-ação, que se justifica por ser de cunho social e cultural e por propor atividades práticas para alfabetizar letrando dentro de uma perspectiva de educação inclusiva.

A alfabetização, conforme Kleiman (2008), constitui-se como uma prática de letramento, que faz parte do conjunto de práticas sociais de uso da escrita; já o letramento envolve um conjunto de habilidades, de competências e de múltiplas capacidades e conhecimentos, alguns deles sem relação com a leitura.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Para Soares (2004), “letrar significa levá-la (a criança) ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. [...] uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias”.

Segundo a mesma pesquisadora,

Indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm habilidades e atitudes necessárias para uma participação viva e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição em uma sociedade letrada (SOARES, 2010, p.146).

Já o processo de alfabetização conforme Ferreiro e Teberoski (1991), é vagaroso. Para alfabetizar-se, o aprendiz observa, interioriza conceitos, duvida deles, reelabora, até que chega ao código alfabético utilizado pelo adulto. É com esse código que o aluno passa a desenvolver a consciência entre pensamento e linguagem e, a partir daí, é que passa a fazer uso da escrita. O aluno, para ser alfabetizado, precisa entender a relação existente entre oralidade e escrita, além de conhecer as regras da escrita.

Na educação inclusiva, devem-se proporcionar oportunidades para todos, para que todos possam aprender sempre de juntos, respeitando as diferenças e reconhecendo as diversas necessidades de cada aluno. Para ter uma educação de qualidade, é preciso adaptar o currículo para todos, a fim de que as crianças com deficiências recebam o apoio necessário para uma boa educação (BRASIL, 2008, p.19).

Nesse sentido, Oliveira e Machado (2007) enfatizam a relevância das adaptações curriculares, as quais, de modo geral, envolvem modificações organizativas nos objetivos, nos conteúdos, nas metodologias, na organização didática, na organização do tempo, na filosofia e nas estratégias de avaliação, permitindo o atendimento às necessidades educativas de todos os alunos em relação à construção do conhecimento.

O aluno de inclusão pode apresentar características específicas de deficiência ou mesmo comorbidades. Um aluno diagnosticado com Síndrome de Down, por exemplo, pode apresentar déficits de linguagem, que podem dificultar a aprendizagem da leitura através do método fônico, que tem como base a associação som-letra. As crianças com Síndrome de Down





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

apresentam, geralmente, por outro lado, uma boa capacidade de memória visual e, por isso, elas se beneficiam de estratégias de alfabetização que trabalham com o reconhecimento da “palavra-inteira”, como é o caso do método global.

Sendo assim, os conteúdos devem ser enriquecidos com metodologias inovadoras que despertam a vontade do aluno de aprender, levando em consideração suas dificuldades e facilidades. Para isso, é importante utilizar apoio visual e materiais concretos, contextualizando o conteúdo na vida diária da criança.

De acordo com Troncoso (1998),

peças com SD têm a atenção, percepção e a memória visuais como pontos fortes e que se desenvolvem com um trabalho sistemático e bem estruturado. Porém, se verificam dificuldades importantes na percepção e memória auditivas, que com frequência se agravam por problemas de audição agudos ou crônicos. Por essa razão, a utilização de métodos de aprendizagem que tenham um apoio forte na informação verbal, na audição e interpretação de sons, palavras e frases, não é muito eficaz. (TRONCOSO, 1998, p. 70).

Desse modo, para alfabetizar letrando com atividades adaptadas, é imprescindível conhecer os alunos e desenvolver tarefas para a turma de maneira que o aluno com deficiência seja incluído efetivamente.

MÉTODO

Esta proposta de trabalho teve caráter qualitativo e se caracterizou-se como uma pesquisa-ação, fundamentada no seguinte questionamento: como alfabetizar e letrar alunos de uma turma de 3ª ano do Ensino Fundamental flexibilizando atividades para uma aluna com Síndrome de Down?

A amostra foi constituída a partir da aplicação de um projeto de leitura e de produção textual, com a duração de 4 encontros, aplicado no mês de março/2018. Os participantes da pesquisa foram as pesquisadoras, a professora e 20 alunos de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de São Leopoldo-RS. A turma tem uma aluna de 8 anos diagnosticada com Síndrome Down/Deficiência Intelectual/Atraso de Linguagem. Os demais alunos possuem idades entre 7 e 10 anos. A participação na pesquisa foi autorizada pelos pais ou responsáveis pelas crianças participantes por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre Esclarecido.





PROCEDIMENTOS

Inicialmente, realizou-se uma entrevista com a professora para traçar o perfil da turma e compreender como acontece o processo de inclusão nessa turma e, para, em conjunto, planejar a aplicação de um projeto de leitura e produção com um currículo adaptado.

No primeiro encontro, as mediadoras questionaram os alunos sobre o que gostavam de ler. Na sequência, foi mostrado o livro “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque, e verificado se a turma já conhecia a história, relacionando-a com a história da “Chapeuzinho Vermelho”.

Apresentou-se e contou-se então a história do livro “Chapeuzinho Amarelo”, explorando as imagens e as relações com outras histórias e com a questão dos medos da personagem. No segundo momento, os alunos fizeram um desenho representando seus medos.

No encontro seguinte, os alunos contaram o que lembravam da história “Chapeuzinho Amarelo”. Cada aluno anotou o que lembrava no quadro. A escrita da aluna com SD foi mediada pela professora auxiliar. Na sequência, foi realizado um jogo de bingo, para o qual foi feita uma cartela com nomes e figuras da história para facilitar a recepção da aluna com SD. Em seguida, cada aluno recebeu um cartão com o nome de uma cor e tinha que encontrar um outro aluno que estivesse um cartão com a mesma cor, a fim de formar duplas.

Após a organização das duplas, os alunos foram questionados sobre possíveis características que a “Chapeuzinho” poderia ter se, em vez de “Chapeuzinho Amarelo” fosse Chapeuzinho roxo, laranja, rosa, branco, cinza, verde ou azul. Depois disso, foi proposto que cada dupla criasse uma história contando sobre as características da Chapeuzinho da cor correspondente a da dupla. Para a menina com SD, foi proposta, inicialmente, uma atividade de sequenciação da história e depois realizada a atividade de criação da história e desenho em dupla. A aluna com SD auxiliou no desenho e também fez uso de massinha de modelar para representar a história. Ao final da aula, cada dupla apresentou o desenho e leram a história. A menina com SD explicou o desenho, pois ainda não domina a leitura, e a outra colega fez a leitura da história da Chapeuzinho Rosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adaptação curricular visa promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades e tem como referência a elaboração de projeto pedagógico diferenciado e a implementação de práticas inclusivas no sistema escolar. Para tanto, é





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

necessário considerar alguns aspectos, tais como a flexibilização do processo de ensino-aprendizagem, para atender às diferenças individuais de cada aluno que apresenta dificuldades, para justificar a priorização de recursos, a utilização de um currículo aberto e propostas curriculares diversificadas. Mas, mesmo adaptando o currículo, o aluno pode não querer participar, por isso é imprescindível que o professor tenha a sensibilidade de ir adaptando as atividades conforme a necessidade e o interesse de cada aluno.

As práticas pedagógicas pautadas em questões ditas fundamentais, como o planejamento flexível e a mediação do professor, visam sempre à autonomia dos alunos. Assim, os professores devem organizar um contexto de trabalho em que a leitura se faça presente de diversas formas e em várias ocasiões no dia a dia, como aconteceu na aplicação desse projeto, em que foram feitas intervenções com perguntas e comentários para estimular os alunos tanto a prestar atenção aos detalhes e aos sentimentos suscitados nas obras, como a observar e apreciar as obras, de modo que as interpretações fluem entre as crianças (COLOMER, 2007, p. 116).

Na observação da aplicação do projeto, verificou-se que a turma já estava habituada com as leituras orais e com narrativas visuais, apesar de alguns alunos ainda não terem domínio absoluto da leitura. Para potencializar o processo e alfabetização da aluna com SD foi utilizado o método global com uso da palavra inteira, e foi possível observar que já demonstra um bom reconhecimento das palavras. Na avaliação das atividades a turma demonstrou satisfação com o projeto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marina S.Rodrigues. Manual Informativo sobre Educação especial. Fonte: Rede Saci, São Paulo.14/06/2012. Disponível em: <http://www.sentidos.com.br>. Acessado em 11/01/18.

BRASIL, Política Nacional De Educação Especial Na Perspectiva Da Educação Inclusiva. Brasília - Janeiro, 2008.

_____. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2001b.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Rio de Janeiro: Degrau Cultural, 1988.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. 4ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

OLIVEIRA, E; MACHADO, K. S. Adaptações curriculares: caminho para uma educação inclusiva In: GLAT, R. (org.) Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

SOARES, M. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n.25. Jan/Fev/Març/Abr, 2004.

_____. Letramento: um tema em três gêneros. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 128 p.

TRONCOSO, Maria Victoria e Del Cerro, Maria Mercedes. Síndrome de Down: Leitura e Escrita - Cantabria, Espanha. Masson S.A. - 1998.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

O JOGO EM SALA DE AULA: INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM

THE GAME IN CLASSROOM: INTERACTION AND LEARNING

Viviane Scheibler (Universidade Feevale)⁶
Rosemari Lorenz Martins (Universidade Feevale)⁷

Resumo: O trabalho em sala de aula precisa estar vinculado às vivências dos alunos. Inserir a tecnologia nas aulas nada mais é do que atrair o interesse dos alunos, aliando os instrumentos motivacionais do seu cotidiano ao conteúdo que se deseja ensinar. Nesse sentido, o presente artigo tem o objetivo de apresentar uma reflexão a respeito do uso do Kahoot em sala de aula, como ferramenta para revisar conceitos de língua portuguesa, tomando como base reflexões de Prensky (2012), no que se refere à constituição do nativo digital e sobre os caminhos motivacionais para atrair a atenção de alunos pertencentes a essa geração digital, os quais, de modo geral, precisam do contato com o meio tecnológico para construir. Nessa perspectiva, apresenta-se uma prática aplicada em uma aula de língua portuguesa, com alunos de 8º ano, utilizando a plataforma Kahoot, para revisar conteúdos.

Palavras-chave: Motivação. Kahoot. Língua Portuguesa.

Abstract: Classroom work needs to be tied to students' experiences. To insert the technology in the classes is nothing more than to attract the interest of the students, combining the motivational instruments of their daily life with the content the teacher wishes to teach. In this sense, the present article aims to present a reflection about the use of Kahoot in the classroom, as a tool to revise Portuguese language concepts, based on Prensky's reflections (2012), regarding the constitution of the digital natives and on the motivational paths to attract the attention of students belonging to this digital generation, who, in general, need the contact with the technological means to build. In this perspective, a practical is applied in a class of Portuguese language, with students of 8º year, using the platform Kahoot, to review contents.

Keywords: Motivation. Kahoot. Portuguese language.

INTRODUÇÃO

A tecnologia tem tido papel relevante na formação dos alunos do século XXI. Para ter a atenção desse novo sujeito, é importante que o professor utilize estratégias diferentes, entre elas, os jogos digitais. Emerge, assim, a necessidade de o professor repensar sua prática e valorizar todo o aparato tecnológico que pode ter à sua disposição, utilizando-o como um aliado para enriquecer suas aulas. Não é o uso desenfreado de aplicativos, de jogos e de ferramentas online que está em questão, mas o uso consciente e ponderado de instrumentos que possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, o presente artigo traz algumas reflexões a respeito do uso de games em sala de aula, a partir da descrição de uma prática de jogo em uma aula de português, para a qual foi organizado um quiz na plataforma Kahoot, com o intuito de revisar conteúdos com alunos de 8º ano do Ensino Fundamental.

⁶ Mestranda em Letras pela Universidade Feevale. Especialista em Correção e Avaliação textual pela Faccat. Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Feevale. [scheibler.viviane@gmail.com]

⁷ Doutora em Letras. Professora do Metrado Profissional em Letras da Universidade Feevale. [rosel@feevale.br]





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Segundo Prensky (2012), é perceptível que um dos problemas da falta de êxito na educação é tentar educar uma nova geração com modelos antigos. Conforme o autor, “processos lineares podem atrasar o aprendizado de cérebros desenvolvidos a partir de games e navegação on-line”. Ou seja, os professores precisam se libertar de modelos que eram aceitos e utilizados no século XX e adentrar em uma nova perspectiva de ensino, que esteja de acordo com o público que está na escola hoje, porque a sociedade vive um momento de transformação cultural o qual não pode ser ignorado. Entre os aspectos relevantes dessa transformação, estão aqueles que dizem respeito a um novo indivíduo, que nasceu e cresceu envolto em uma revolução tecnológica e que utiliza as mídias naturalmente em seu cotidiano: o nativo digital⁸.

Esse indivíduo, carregado de vivências que envolvem as diferentes mídias, tem demonstrado, no ambiente escolar, que precisa de conteúdos e de ações preestabelecidas que o envolvam de imediato e que o atraiam de forma significativa. Entra, então, a ideia de motivação, através do uso de jogos.

Essa geração de jovens, de acordo com Mattar (2010), espera que as situações ao seu redor se resolvam facilmente, sem esforço de sua parte e, além disso, esperam se divertir. Muito desse comportamento é reflexo do papel que as famílias têm assumido nessa sociedade em transformação, mas também tem relação direta com a tecnologia, que faz com que os jovens criem “novas expectativas em relação à aprendizagem, ao trabalho e à diversão” (MATTAR, 2010, p. XI), as quais, por haver diferenças culturais entre a escola e aquilo que o aluno busca, por vezes, acabam sendo frustradas. Isso requer que a escola se mobilize, até porque a tecnologia fez surgir um indivíduo conectado que, apesar de constituir-se uno, é parte de um todo, pois os contextos nos quais está inserido não são individuais. Como parte desse todo, “as redes fazem com que a informação se dissemine e aumente a grande quantidade de informação, que faz com que o conhecimento não apenas cresça, mas se diversifique” (SANTAELLA, 2013, p.14). Na concepção da autora, na diversidade proporcionada pelo computador, estão espaços multidimensionais, os quais estão relacionados à hipermobilidade⁹.

Ainda segundo Santaella, em função do desenvolvimento tecnológico e da hipermobilidade – possível através da tecnologia - as pessoas podem estar em um lugar e, ao mesmo tempo, fora dele, o que as torna seres ubíquos. Para Souza e Silva (2006, p.179 apud

⁸ Segundo Prensky (2012, p.75), nativos digitais são "falantes nativos da linguagem digital dos computadores, videogames e da internet".

⁹ Mobilidade com as ferramentas móveis que acessam o ciberespaço (SANTAELLA, 2007).





SANTAELLA, 2013, p. 15-16), a ubiquidade pode ser definida como a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar via aparelhos eletrônicos espalhados pelo meio ambiente. Nesse contexto, surge a aprendizagem ubíqua, através da qual o aprendizado é mais aberto, individual ou grupal e pode ser atingido em diversos meios, fugindo, conseqüentemente, da educação formal, ou seja, a aprendizagem ubíqua tem caráter espontâneo, caótico, fragmentário, informal.

Já as formas de aprendizagem on-line, *e-learning*¹⁰ ou *m-learning*¹¹, se desenvolvem em ambientes pré-determinados, a partir de processos de ensino-aprendizagem já estabelecidos, levando a uma educação formal não tradicional, pois, nesse caso, é trazida para o ensino formal a informalidade possível a partir do uso do computador na tentativa de engajar o indivíduo em atividades que não se assemelham às corriqueiras. Conforme Santaella (2013, p.303), "a *m-learning* recorre à comunicação ubíqua", porém "a aprendizagem está relativamente prevista e incorporada às expectativas do planejamento educacional". Posto de outra forma, a comunicação poderá ser ubíqua, mas em um ambiente pré-organizado, como citado anteriormente.

Tendo conhecimento dessas novas formas de aprendizagem, o professor poderá organizar uma aula diferente, usando ferramentas on-line, que estão à sua disposição e que agradam ao aluno nativo digital e podem tornar a aula mais interativa.

O JOGO NA SALA DE AULA

Nessa perspectiva, para chamar a atenção dos alunos nativos digitais e para tornar a aula mais interativa, utilizou-se o aplicativo Kahoot como instrumento de apoio para revisar alguns conteúdos de língua portuguesa, como complemento nominal, conectivos e figuras de linguagem. O Kahoot é uma plataforma de aprendizagem de fácil acesso e organização, que pode ser utilizada por professores de diferentes disciplinas e de diferentes níveis de ensino para a elaboração de quiz, de discussões, de quebra-cabeças e de pesquisas. É uma ferramenta multidisciplinar, que traz novas possibilidades para uma aula tradicional e atrai os alunos, em função da interação.

¹⁰ Conceito que surgiu nas décadas de 1970-80, designando a aprendizagem em ambientes virtuais (SANTAELLA, 2013, p.297).

¹¹ Aprendizagem móvel, possibilitada pela união entre internet, redes sem fio, aparelhos móveis e e-learning (SANTAELLA, 2013, p.299).





Antes de utilizá-la, fez-se o levantamento das maiores dificuldades dos alunos e, a partir delas, organizou-se um quiz com dez questões de diferentes níveis. Para tornar o jogo mais atrativo e interativo, foi estipulado um tempo de resposta de vinte segundos – esse tempo pode ser maior ou menor, basta que o professor o programe no momento da organização da atividade.

A atividade foi realizada com duas turmas de oitavo ano – turma 81 (com 31 alunos) e turma 82 (com 29 alunos) – em uma escola da rede privada do município de Novo Hamburgo/RS, que conta com três laboratórios de informática (um para a educação infantil, um para o ensino fundamental e outro para o ensino médio), os quais possuem, respectivamente, dezessete, vinte e três e vinte e seis computadores. Para a atividade, utilizou-se o laboratório do Ensino Médio e, em função do número de máquinas disponíveis, alguns alunos sentaram em duplas – o que não interferiu na realização da atividade.

O jogo transcorreu de forma organizada com as duas turmas e quase todos os alunos conseguiram fazer o *log in* no aplicativo sozinhos. Os que tiveram dificuldades foram auxiliados pelos próprios colegas ou pela professora. Assim que todos estavam *logados*, deu-se início ao jogo. Os alunos tinham, então, vinte segundos para analisar qual seria a melhor resposta para a pergunta feita. Ao longo do tempo dado, uma música (do próprio jogo) criava um clima de adrenalina e tensão. Ao final do tempo, o próprio sistema do jogo mostrava a resposta certa e a ordem de pontuação, em nível decrescente. Depois disso, havia um ranking de pontuação, o que fez com que os alunos se motivassem para não serem os últimos a aparecerem naquela tela.

Seguem algumas imagens que ilustram os diferentes momentos do jogo. É importante perceber que, nessas imagens, não há a presença dos alunos, pois foram feitas do computador da professora para fins de exemplificação para este trabalho.

Figura 1. Pergunta e opções de resposta





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Nas orações: "Joana leu um livro e eu enviei emails" temos:

17

verbo transitivo direto e verbo transitivo direto.

verbo transitivo direto e verbo transitivo indireto.

verbo transitivo indireto e verbo transitivo direto.

verbo transitivo indireto e verbo transitivo indireto.

Fonte: professora

Figura 2. Resposta correta X opção dos alunos

Nas orações: "Joana leu um livro e eu enviei emails" temos:

0

0

0

0

verbo transitivo direto e verbo transitivo direto.

verbo transitivo direto e verbo transitivo indireto.

verbo transitivo indireto e verbo transitivo direto.

verbo transitivo indireto e verbo transitivo indireto.

Fonte: professora

Após a última pergunta, os alunos insistiram para jogar novamente, o que fez com que a professora aproveitasse a segunda rodada para explicar as questões propostas. Este é o cerne desta pesquisa: em situações-padrão de explicação ou de revisão de matéria, os alunos, de modo geral, não se sentem motivados, diferentemente do que aconteceu nesta experiência utilizando o Kahoot. Ou seja, algo que é padrão para grande parte dos jovens hoje em dia - a questão dos jogos online - tornou-se surpreendente no ambiente escolar - palco de estratégias geralmente





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

tradicionais, o que fez com que, motivados, mesmo em meio ao barulho que essa prática gerou, os alunos prestaram atenção à atividade, engrandecendo aquele espaço de aprendizagem.

O Kahoot foi muito bem-aceito pelos alunos como suporte em sala de aula e cumpriu com a função para a qual foi utilizado: revisar conteúdos. Os alunos interagiram e participaram da aula com entusiasmo. No decorrer da atividade, pôde-se perceber o quanto os alunos gostam desse tipo de ferramenta e que interagem muito bem quando são incluídas atividades que envolvem jogos digitais, o que pode ser fator importante para alavancar o sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Métodos tradicionais de revisão de conteúdos, por outro lado, dificilmente motivam os alunos, de modo que participam pouco. Em outras palavras, o ensino com papéis definidos - em que o professor é detentor do saber e o aluno aquele que aprende não faz mais sentido, pois o perfil do aluno é outro. Ele precisa de outros estímulos além do quadro e do livro didático para ter na sala de aula um ambiente que o mantenha envolvido no está sendo proposto pelo professor. Para Prensky (2012, p.151), existem alguns “fatores motivacionais importantes” que são despertados pelo jogo e que mobilizam os alunos, como a gratidão do ego, o vencer, o prazer e a diversão.

De acordo com Santaella (2013), o lúdico é um “incremento ao desenvolvimento cognitivo”. Por isso é importante que o professor busque diversificar os instrumentos que utiliza em sala de aula para cativar o aluno. Nessa perspectiva, os jogos podem ser uma alternativa para desenvolver o conteúdo, porque criam um ambiente lúdico e, dessa forma, produzem estímulos que favorecem o processo de ensino-aprendizagem.

A aprendizagem baseada em games é uma alternativa que foge às metodologias tradicionais, pois alia diversão e aprendizagem. Segundo Prensky (2011), “o principal papel da diversão no processo de aprendizagem é relaxar e motivar”. Ou seja, ao motivar-se para uma atividade de seu interesse, o aluno busca alternativas para resolver determinadas questões, empenhando-se de forma mais intensa. Os jogos com fins educacionais devem ter, contudo, objetivos de aprendizagem definidos, para ensinar conteúdos ou desenvolver competências que ampliem a capacidade cognitiva e intelectual dos alunos. Segundo Malone (1980), os estímulos sensoriais, a curiosidade, a fantasia e o desafio são fatores que auxiliam na consistência dos games e “ajudam a dar eficácia às aprendizagens envolvidas”. Cabe destacar que, segundo o autor, mesmo o jogo mais simples pode ser o melhor. Assim, o professor deve promover o ambiente para que o jogo possa promover a aprendizagem.





Prensky (2012) destaca que "a aprendizagem baseada em jogos digitais é qualquer união entre um conteúdo educacional e jogos de computador." Ou seja, ao aliar esses dois pontos, o professor fará uso das tecnologias, auxiliando seu aluno em sua tarefa de aprender, proporcionando que a aprendizagem aconteça de forma prazerosa para o aluno e para que o aluno tenha um papel de autor ou co/autor em seu processo de aprendizagem. Para o autor, "a aprendizagem baseada em jogos digitais pode desempenhar um papel importante na interiorização de conteúdos que não motivem as pessoas de forma intrínseca, mas que precisem ser aprendidos" (PRENSKY, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sabendo que a motivação é um processo individual e intrínseco, é perceptível o envolvimento dos alunos em atividades que incluem jogos, mesmo que sejam jogos simples. O Kahoot é uma plataforma de ensino que serve como aliado do professor na difícil tarefa que é ensinar.

A atividade prática realizada com o Kahoot em sala de aula foi muito simples e envolveu a revisão de conteúdos, portanto, tinha uma intenção pedagógica, inclusive com explicações da matéria, mesmo assim o game levou os alunos a interagirem e a buscarem respostas para aquilo que queriam saber. Ou seja, saíram do papel de expectadores e assumiram uma postura de sujeitos ativos na aprendizagem. O aluno precisa de atividades baseadas em games para sair da monotonia da aula cotidiana e, mais que isso, precisa encontrar na sala de aula um ambiente que seja a extensão daquilo que o satisfaz fora dela. Para Prensky (2012, p. 155), "os computadores e os videogames quase podem ser considerados os passatempos que mais prendem a atenção de seus usuários na história da humanidade". "Não existe nada mais que proporcione tudo isso" (PRENSKY, 2012, p.156).

A partir dessa experiência, é possível afirmar que é de extrema relevância que as tecnologias, em especial os jogos, sejam agregados à prática de sala de aula. A proposta é a abertura de um espaço maior para o jogo, levando o aluno a enxergar a escola como um lugar de trabalho árduo – aprender exige esforço - mas também de diversão. Porque "a diversão – no sentido de satisfação, alegria e prazer – coloca-nos em um estado de espírito distenso e receptivo para a aprendizagem. Brincar, além de proporcionar prazer, aumenta nosso envolvimento, o que também nos ajuda a aprender" (PRENSKY, 2012, p.171).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

REFERÊNCIAS

MATTAR, JOÃO. Games em educação: como os nativos digitais aprendem / João Mattar. - São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

PRENSKY, MARC. Aprendizagem baseada em jogos digitais / Marc Prensky; tradução de Eric Yamagute; revisão técnica de Romero Tori e Denio Di Lascio. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

PRENSKY, Marc. "Digital natives, digital immigrants", On the Horizon, v. 9, n. 5. MCB University Press.out.2005. Disponível em:
<<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em 15 out. 2017.

SANTAELLA, LUCIA. Linguagens líquidas na era da mobilidade / Lucia Santaella. - São Paulo: Paulus, 2007. - Comunicação

SANTAELLA, LUCIA. Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação / Lucia Santaella. - São Paulo: Paulus, 2013. - (Coleção comunicação)

SILVA, MARCO. Sala de aula interativa: educação, mídia clássica... / Marco Silva. - 6. ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2012. - (Coleção práticas pedagógicas).





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

LITERATURA DE CORDEL: ESTRUTURA E CAPAS EM HARMONIA

LITERATURA DE CORDEL: ESTRUCTURA Y CAPAS EN ARMONÍA

Walter Karwatzki¹²

Lurdi Blauth¹³

INTRODUÇÃO

A literatura de Cordel tem seu surgimento na Europa no século XII e popularizando ao longo do século XVI, com romanceiro luso-espanhol da Idade Média Contemporânea e do Renascimento, onde havia uma enorme divulgação dos relatos orais feitos pelos trovadores os quais eram impressos e disponibilizados ao público. Angela Maciel Nogueira (2009, p. 6) descreve que o *Jornal Lendo.org* (de 17 abril 2009) apresenta as primeiras manifestações de literatura de Cordel, mostrando-a como um dos primeiros núcleos da cultura mundial relatando que havia manifestações dessa literatura popular no ocidente por volta do século XII no sul da França, onde os peregrinos se encontravam, em direção à Palestina no norte da Itália, para chegar a Roma e ainda na Galícia no Santuário de Santiago, na Espanha. Descrevendo que nesses encontros eram transmitidos os primeiros versos compostos de forma muito primitiva, essas histórias seguiam acompanhadas de instrumentos de música, dessa forma espalharam-se pela Europa e, posteriormente, pela América. Segundo Thelma Linhares (2006, apud, NOGUEIRA, 2009, p. 6):

A literatura de Cordel teve sucesso, em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII. Os textos podiam ser em verso ou prosa, não sendo invulgar trata-se de peças de teatro, e versavam sobre os mais variados temas. Encontram-se farsas, historietas, contos fantásticos, escritos de fundo histórico moralizantes, etc., não só de autores anônimos, mas também daqueles que, assim, viram a sua obra vendida a preço, como Gil Vicente e Antônio José da Silva, o Judeu. Exemplos conhecidos de literatura de Cordel são histórias de Carlos Magno e os Doze Pares de França, A Princesa Magalona, histórias de João de Calais e A Donzela Teodora (LINHARES, Thelma R. S. 2006)

¹² Doutorando PROSUP/CAPES no PPG Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Professor no Instituto Federal do RS - Campus Porto Alegre. E-mail: walter.k@poa.ifrs.edu.br.

¹³ Doutora em Artes Visuais, PPGAV, UFRGS/RS, 2005. Docente em cursos de graduação, pós-graduação em Artes Visuais em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS. E-mail: lurdib@feevale.br.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

No Brasil sua introdução, por influência dos portugueses, se dá desde o início da colonização. No Brasil, a literatura de Cordel representa uma manifestação tradicional da cultura interiorana do Nordeste que adquiriu força no início do século XIX.

Lúcia Gaspar (2009, p. 1, apud, BUCHARDT *et al.*, 2017, p. 89) ressalta que os portugueses denominavam a literatura de Cordel de literatura de cego, pois em 1789 D. João V criou uma lei que permitia que a Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociasse esse tipo de publicação.

É por meio da oralidade e da presença de elementos da cultura brasileira que ela possui uma importante função social: informar e divertir os leitores. Em sua origem, muitos poetas vendiam seus trabalhos nas feiras das cidades. Todavia, com o passar do tempo e o advento do rádio e da televisão, sua popularidade foi decaindo. No Brasil, a literatura de Cordel influenciou diversos escritores, por exemplo: João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, dentre outros.

Conforme Paulo Jeyson Barros Paiva (2014) no Brasil a produção de folhetos de Cordel começou em meados do século XIX, através do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865, Pombal/PB, 1918, Recife/PE) que é considerado o Pai do Cordel Brasileiro. Durante esse período, a indústria gráfica nacional passava por um período de grandes transformações como, por exemplo, o barateamento do papel, a mecanização das prensas tipográficas, a introdução da litografia¹⁴ e da zincografia¹⁵ como técnicas de impressão de imagens e o advento da fotografia.

Outros três cordelistas paraibanos que viveram na cidade de Recife (PE) estão entre os principais poetas desta manifestação literária popular: Silvino Pirauá de Lima (1860 – 1913), Francisco das Chagas Batista (1882 – 1930) e João Martins de Athayde (1880 – 1959).

Segundo Arlete Tavares Buchardt *et al.* (2017, p. 87) não podemos confundir literatura de Cordel com poesia popular nordestina, o Cordel é uma ramificação, assim como o repente, a poesia matuta e a embolada. Embora todas tenham sua origem dentro da poesia popular nordestina, elas se diferem umas das outras.

¹⁴ Técnica de gravura baseada na repulsão da água pela gordura, sua matriz é a pedra calcária e o desenho é feito na pedra através de lápis gorduroso, litográfico ou tinta especial aplicada a um pincel.

¹⁵ Semelhante a litografia, a zincografia tem como matriz uma chapa de metal e o desenho pode ser gravado com uma incisão direta (riscar, gravar) ou a partir de imersão em ácido.





O termo “cordel” como denominação para os livretos nordestinos, no Dicionário do Folclore Brasileiro, de Luís da Câmara Cascudo, é bastante esclarecedor. Nele a definição para o verbete ‘literatura de cordel’ apresenta assim: *Denominação dada em Portugal e difundida no Brasil, referente aos folhetos impressos, compostos em todo o Nordeste e depois divulgados pelo Brasil*. O termo “Literatura de Cordel” foi cunhado por Raymond Cantel, para designar os folhetos da literatura popular, vendidos nas feiras populares, de forma simples e normalmente pendurada em barbantes, cordas ou cordéis.

A partir da década de 1940, a literatura de Cordel disseminou-se pelas demais regiões do Brasil, principalmente no Sudeste, em vista ao grande deslocamento de nordestinos para esta região. No Rio de Janeiro, por exemplo, podem ser apontados como centros de preservação e divulgação dos folhetos de Cordel, na atualidade, o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, também conhecido como Feira de São Cristóvão ou Feira dos Paraíbas, no bairro São Cristóvão, e a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, localizada em Santa Teresa. Mesmo o Cordel expandindo-se para outras regiões através das culturas nordestinas, o preconceito ainda se faz presente.

Existe, ainda, muita ignorância em relação a sua história, à sua importância, à mescla de culturas, de informações, de conhecimento de novas formas de expressão dos mais diversos povos. A história do Brasil está marcada pela mistura de conhecimento, que vindo de qualquer classe social, não deve ser desprezado.

O objetivo deste artigo é apresentar aspectos relevantes sobre a estrutura dos versos do Cordel como meio de comunicação da cultura popular e a relevância que a xilogravura¹⁶ tem em sua apresentação.

ESTRUTURA DOS VERSOS E CAPAS

Inicialmente os autores eram cantadores. Eles improvisavam os versos na hora em que cantavam, e geralmente relatavam acontecimentos reais ou fatídicos, com poéticas de seis modos. A saber, segundo Buchardt:

¹⁶ Xilogravura que é uma técnica de reprodução de imagens, e textos também, que se utiliza de uma matriz de madeira. A matriz é entalhada à mão com um buril ou outro instrumento cortante. As partes altas que receberão a tinta é que vão imprimir a imagem no papel.





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Quadra: uma única estrofe de quatro versos. Exemplo: rimar a segunda com a quarta:

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá [2]
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá [4].*

Sextilha: uma estrofe de seis versos. Comum em cantorias no ritmo do baião. Exemplo:

*Nem todo mundo acredita
Em alma ou assombração
Dizem que história de espírito
É só imaginação
Mas vou contar um enredo
Que me arrepiou de medo
Dessa minha narração.*

Septilha: No início do século atual, o Cantador alagoano Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador fez uma adaptação à Sextilha, criando o estilo de sete versos, também chamado de sete linhas ou de sete pés, rimando os versos pares até o quarto, como na Sextilha; o quinto rima com o sexto, e o sétimo com o segundo e o quarto.

*Um território tão grande
Precisa organização [2]
Por isso foi dividido
Em partes por região [4]
Com paisagens deferentes [5]
Os estados inerentes [6]
O Brasil forma a nação. [7]*

Quadrão: os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si: (AAABBCCB)

Gonçalves:

*Eu canto com Zé Limeira [A]
Rei dos vates do Teixeira [A]
Nesta noite prazenteira [A]
Da lua sob o clarão [B]
Sentindo no coração [B]
A alegria deste canto [C]
Por isso é que eu canto tanto [C]
NOS OITO PÉS A QUADRÃO. [B]*

Décima: uma estrofe de dez versos, com dez ou sete sílabas, cujo esquema rimático é, mais comumente, ABBAACDDC.

*Vou lhe avisar agora Zé Limeira [A]
Dizem que quem avisa amigo é [B]
Vou lhe amarrar agora a mão e o pé [B]*





II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

*E lhe atirar naquela capoeira [A]
Pra você não dizer tanta besteira [A]
Nesta noite em que Deus nos acolheu [C]
Você hoje se esquece que nasceu [C]
E se lembra que eu sou bom e perfeito [D]
Você hoje me paga o que tem feito [D]
Com os poetas mais fracos do que eu. [C]*

Martelo: estrofes formadas por decassílabos (estes são muito comuns em desafios e versos heroicos).

*Quem passou pela vida em branca nuvem,
Num plácido repouso, adormeceu;
Quem não sentiu o trio da desgraça,
Passou pela vida e não sofreu:
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida e não viveu.*

Outro aspecto que chama a atenção nos folhetos de Cordel são suas capas. No início as capas dos folhetos de Cordel não eram ilustradas. A popularização das capas com ilustração se deu graças ao poeta e editor João Martins de Athayde entre as décadas de 1910 e 1920. Sua editora foi uma das maiores da época e funcionou entre os anos de 1909 e 1950. Conforme Rosilene Alves de Melo (Apud, PAIVA 2014, p. 2):

João Martins de Athayde foi um dos responsáveis pela introdução de imagens nas capas dos folhetos, quando passou a recorrer a desenhistas e caricaturistas que trabalhavam para o Jornal do Recife e para o Diário da Manhã para produzirem as ilustrações (MELO, 2010, p. 107).

Segundo Paulo Jeyson Barros Paiva (2014) o primeiro registro de xilogravura em folheto de Cordel ser datado de 1907, quando apareceu na página interna do folheto A Vida de Antonio Silvino, essa técnica só veio conquistar seu espaço definitivo nas capas de Cordel com a Tipografia São Francisco (localizada na cidade de Juazeiro – CE), onde surgiu como alternativa de baixo custo e rápida distribuição, pois as matrizes de metal vinham de Recife ou Fortaleza (distantes cerca de 500 km), já que em Juazeiro não havia uma casa de fundição para produzir os clichês.

A seguir, serão apresentadas capas de cordel talhadas por xilógrafos contemporâneos como J. Borges, Lusyennir Lacerda (Fig. 1), Gilberto Pereira, Carlos Henrique (Fig. 2), Erivaldo e Dila (Fig.3).

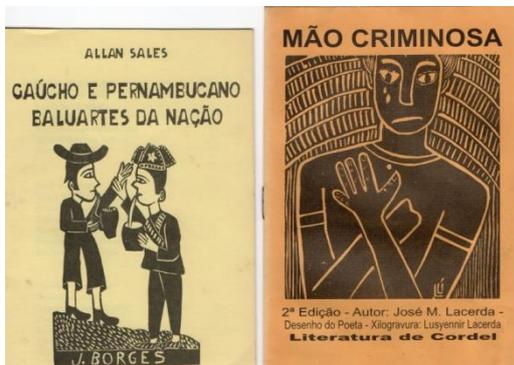




II CIDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:
DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO
DOS SUJEITOS NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Figura 1 - Capas de J. Borges e Lusynnir Lacerda



Fonte: Coleção do autor.

Figura 2 - Capas de Gilberto Pereira, Carlos Henrique



Fonte: Coleção do autor.

Figura 3 - Capas de Erivaldo e Dila.



Fonte: Coleção do autor.





Nestas capas observa-se o uso da técnica da xilogravura como um grande recurso de apoio ao conteúdo do folheto. Segundo Clarissa Loureiro (2010, p. 261): A capa do Cordel dialoga com várias linguagens, tornando-se um artifício estético e semiótico do folheto que colabora para a revelação de significados implícitos e explícitos ao texto.

O conjunto formado pelo conteúdo interno do folheto de Cordel e a capa criam um conjunto repleto de unicidade e assim podemos ressaltar que a obra do folheto de Cordel é uma obra literária como outra qualquer. Nem mais, nem menos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de Cordel apresenta-se como uma forma autêntica de manifestação cultural tanto por seu aspecto literário com seus versos e rimas como pelo seu aspecto artístico com suas xilogravuras. Salienta-se, também, a grande popularização desta manifestação cultural pelo Brasil e sua força como linguagem literária e de comunicação.

A cultura do Nordeste do Brasil é assim, mesmo com palavras simples, em seus folhetos, possuidora de grande carga cultural que dá ao Brasil um lugar de destaque mundial no que diz respeito a suas manifestações culturais.

Este ensaio é apenas uma pequena colaboração para ressaltar esta cultura tão cheia de riquezas e conhecimentos. E viva os artistas populares! Viva a cultura popular!

REFERÊNCIAS

BUCHARDT, Arlete Tavares, *et al.* Literatura de cordel: preconceito linguístico? **Revista Nativa**, v. 6, nº 2, p. 86 – 97. 2017.

LOUREIRO, Clarissa. **A Importância das Capas na Simbolização da Literatura de Cordel ao Longo de sua História**. v. 4, n. 3, p. 260-271. Blumenau – SC, 2010. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/Fi-le/29-00/1870>. Acesso em: 20/03/2016.

NOGUEIRA, Angela Maciel. **Origem e características da literatura de cordel**. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea00709a.pdf>. Acesso em: 06 de março de 2018.

PAIVA, Paulo Jeyson Barros. As capas de cordel em xilogravura na tipografia São Francisco (1932 – 1982). **Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design** [= Blucher Design Proceedings, v. 1, n. 4]. São Paulo: Blucher, 2014. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/as-capas-de-cordel-em-xilogravura-na-tipografia-so-francisco-1932-1982-12692>. Acesso em: 07 de março de 2018.

